A POESIA DOS INCONFIDENTES

POESIA COMPLETA DE

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA
TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
E ALVARENGA PEIXOTO

ORGANIZAÇÃO
Domício Proença Filho

ARTIGOS, ENSAIOS E NOTAS
Eliana S. Muzzi
João Ribeiro
Letícia Malard
Lúcia Helena
Luciano Figueiredo
Manuel Bandeira
Manuel Rodrigues Lapa
Melânia Silva de Aguiar
Paulo Roberto Dias Pereira

RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 2002

BIBLIOTECA
LUSO-BRASILEIRA
Série Brasileira

A POESIA DOS INCONFIDENTES

POESIA COMPLETA DE

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA
TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
E ALVARENGA PEIXOTO

Volume único

INTRODUÇÃO GERAL
Apresentação • Painel histórico
Cronologia da Inconfidência • Cronologia da vida e da obra dos poetas

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA
Obras • Parnaso obsequioso e obras poéticas • Vila Rica
Culto métrico • Munúsculo métrico • Epicédio
Obras: sonetos inéditos • Poesias manuscritas

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
Marília de Dirceu • Outros poemas • Cartas chilenas

ALVARENGA PEIXOTO
Poesias

APÊNDICE
Autos da devassa (excertos) • Notas
Bibliografia da Inconfidência • Bibliografia dos poetas

ÍNDICES

Primeira edição, 1996
Primeira reimpressão da Primeira Edição, 2002

ISBN 85-210-0023-5

Direitos de edição da obra em língua portuguesa pertencem a
EDITORA NOVA AGUILAR S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo – CEP 22251-050
Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 537-8770 – Fax: 537-7285

CIP–Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P798 A poesia dos inconfidentes : poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto / organização Domício Proença Filho; artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar...[et. al.] — Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1996.
LXIV + 1.200p. (Biblioteca Luso-brasileira. Série brasileira)

Bibliografia.
Apêndice.
ISBN 85-210-0023-5

1. Poesia brasileira. I. Costa, Cláudio Manuel da, 1729-1789. II. Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810. III. Peixoto, Inácio José de Alvarenga, 1742-1792. IV. Proença Filho, Domício, 1936– . V. Título : Poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. VI. Série.

CDD – 869.91
96-0162 CDU – 869.0(81)-1

Introdução Geral

Apresentação

Domício Proença Filho

A PRESENTE PUBLICAÇÃO TRAZ, pela primeira vez num único volume, a obra poética completa dos poetas Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio José de Alvarenga Peixoto, participantes da Inconfidência Mineira. Senhores do verbo naquele amanhecer da pátria, eles fizeram História e fizeram Poesia. Por uma e por outra, imortalizaram-se. A Inconfidência, um dos primeiros movimentos na direção da afirmação da pátria brasileira, introjetou-se no imaginário nacional. O gesto que os uniu na conjura heroicizou-os e aos seus companheiros, em destaque Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes; os versos que deixaram, modelizados ao vezo das tendências da época mas com nítida singularidade, são parte relevante da incipiente literatura brasileira do século XVIII e, à luz do processo cultural, situam-se entre os instauradores da tradição de uma sensibilidade peculiar à condição brasileira. E muitos deles permanecem carregados de atualidade. É ver inúmeras passagens de *Marília de Dirceu*, livro que esgota dezenas de edições desde o seu lançamento, é ler os belíssimos poemas de Cláudio Manuel da Costa, marcados de celebração nativista e de entusiasmo patriótico, é apreciar um aspecto que a partir de Gregório de Matos, desde o século anterior, se tornara freqüente na literatura brasileira, o teor irônico e satírico das deliciosas *Cartas chilenas*, denunciador das diatribes dos governantes.

Por outro lado, ao longo do tempo, mitificou-se a Inconfidência, mitificou-se a figura de Tiradentes, convertido inclusive em Patrono Cívico da Nação Brasileira, por força de lei, em 1965, mitificaram-se os poetas inconfidentes e as musas que lhes mobilizaram a palavra poética, mitificou-se o espaço da ação. A tal ponto que, convertidos em temas da literatura, perpassam, desde o século XIX até a atualidade, o processo literário brasileiro, freqüentam a prosa ficcional, o teatro, a poesia chamada erudita e inspiram a poesia de cordel. Sua presença forte, associando música e palavra, culmina na exaltação das letras dos sambas-enredo das escolas-de-samba.

Como literatos, os três poetas inconfidentes são situados pela historiografia literária tradicional na chamada Escola Mineira, expressão criada pelo historiador de literatura Sílvio Romero, para identificar em bloco o

grupo, ainda que não assumido como tal, em que situa ainda os também poetas José de Santa Rita Durão, Basílio da Gama e Silva Alvarenga.

A designação apóia-se no fato de serem autores próximos no tempo e com espaço comum: suas obras foram dadas a público entre 1770 e 1800 e nasceram ou viveram em Minas Gerais.

Considerá-los didaticamente em conjunto justifica-se ainda pelos traços comuns que marcam a literatura que deixaram, vale dizer, os traços peculiares ao arcadismo então vigente, entre eles, associados à consciência dos atributos da civilização, o bucolismo — exaltação da vida campesina, simples, mas sem rusticidade, com sua paisagem, seus pastores e seu gado —, o culto das normas ditadas pela Antiguidade clássica, presentes nas artes poéticas e nos manuais da época, com o retorno ao equilíbrio e à simplicidade dos modelos greco-romanos, diretamente ou através de exemplos renascentistas. Verdade que se trata de um arcadismo peculiar, sem o rigor que caracteriza o movimento em outras paragens: a poesia que realizam traz também marcas de rococó e pré-romantismo, matiza-se de dimensões nativistas, de sentimentalismo, e revela momentos de inspiração para além da camisa-de-força dos modelos literários neoclássicos.

Silva Alvarenga, nascido em Vila Rica, atual Ouro Preto, em 1749, e falecido em terras cariocas, em 1814, é autor dos rondós e madrigais dedicados à amada e que compõem *Glaura*, livro de 1799, e de outros textos de menor significação literária. Estudou no Rio de Janeiro e em Coimbra, de onde voltou para exercer a advocacia e o magistério de retórica e poética na capital carioca. Foi acusado de conspiração contra o governo e a religião, principalmente em função de suas idéias progressistas e de sua ativa participação na Sociedade Literária do Rio de Janeiro, por ele fundada e da qual era o principal membro. Recebeu indulto após três anos de cadeia. Seu amigo desde os tempos lusitanos, Basílio da Gama, autor do poema épico *O Uraguai*, de 1769, nasceu, em 1741, em São José del-Rei, atual Tiradentes, e faleceu em Lisboa, em 1795. Também passou pelos jesuítas, viveu um tempo na Itália, foi em seguida para Portugal, com a intenção de matricular-se em Coimbra, mas acabou condenado ao degredo em Angola, por força de suas ligações com a então banida Companhia de Jesus. Frei José de Santa Rita Durão, nascido em Cata Preta, 1722, também morreu em Lisboa, em 1784. A ele se deve o outro poema épico representativo do Arcadismo brasileiro, o *Caramuru*, de 1781, de moldes camonianos. O poeta e religioso saiu do Brasil ainda menino; viveu em Portugal, depois em Roma e, após a queda do marquês de Pombal, retornou para ensinar em Coimbra.

Em Minas, em Vila Rica, só permaneceram os três envolvidos no movimento — Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto — e assim mesmo apenas de 1782 ao fatídico 1789,

data da deflagração e do aborto do movimento inconfidente. Por força dessa presença e dessa participação comum no episódio da Inconfidência, a apresentação em conjunto de suas obras permite uma melhor percepção de sua representatividade naquele momento em que, como escreve José Guilherme Merquior, "a literatura brasileira alcança o seu primeiro período ideologicamente articulado".[1]

Situemos, para melhor compreensão de seu papel histórico e literário, os poetas-conspiradores das Minas Gerais.

Cláudio Manuel da Costa nasce em Mariana, em 1729. De pai português, é neto de avós maternos paulistas. Faz os estudos secundários no Rio de Janeiro, no Colégio dos Jesuítas, onde ingressa aos 15 anos. Estuda leis, em Coimbra, fato comum naqueles tempos. Volta advogado e minerador, sediado em Vila Rica, fazendeiro de gado bovino e suíno. Enriquece. Chega a prestígio tal, que ocupa o cargo de secretário de governo de Minas entre 1762 e 1765 e, posteriormente, entre 1769 e 1773. É advogado da Ordem Terceira de São Francisco de Vila Rica, em 1771. Consegue o hábito da Ordem de Cristo, a peso de oito arrobas de ouro e dez anos de espera. Rico, influente, solteiro, dono de ampla mansão na cidade, ponto de encontro de amigos e intelectuais, bem relacionado, há dúvidas sobre sua efetiva participação no movimento inconfidente. Para alguns, não passa de um mero simpatizante. É preso, entretanto, e indiciado. Consta que denuncia amigos durante o interrogatório. Entra em crise moral, é encontrado morto na cela. Oficialmente: suicídio. De nome árcade Glauceste Satúrnio, deixa uma obra onde ganham destaque, desde logo, em meio a um lirismo de alta representatividade, a presença de traços nativistas e o domínio do soneto de linhagem camoniana. Cultiva ainda com eficiência a écogla, uma modalidade de poesia pastoril, quase sempre dialogada, bem como o epicédio, ou seja, uma composição dedicada a alguém, no caso poética, mas que pode ser também de outra natureza, e mais a epístola, poema em forma de carta, e o poema épico.

Tomás Antônio Gonzaga, ou Dirceu, seu nome árcade, nascido no Porto, em 1744, morre em Moçambique, em 1810. Filho de pai brasileiro e mãe portuguesa. Vem para o Brasil aos oito anos, com o pai, nomeado ouvidor-geral em Pernambuco e depois intendente-geral do ouro, na Bahia. Estuda no Colégio dos Jesuítas, nesse mesmo sítio. Aos 16 anos, vai para Coimbra: bacharela-se em 1768. É juiz-de-fora em Beja. Em 1779 é nomeado ouvidor e procurador de defuntos e ausentes em Vila-Rica. É amigo e discípulo de Cláudio Manuel da Costa. Vive paixão e noivado

[1] MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977, p. 24.

com Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília de sua inspiração de poeta, jovem de 16 anos, de uma das melhores famílias da cidade. Em 1786 é nomeado desembargador da Relação na Bahia, mas permanece em Vila Rica. Em 1789, sempre na cidade mineira, requer, em abril, licença para o casamento. Marca as bodas para maio. A prisão por envolvimento na conjura corta seus planos e projetos. Vêm o julgamento, a sentença, o perdão, o degredo em Moçambique. Nessas terras, é o único advogado habilitado. Logo se torna procurador da Coroa e da Fazenda. Casa-se com uma senhora de "muita fortuna e poucas letras". Esgotado o tempo do desterro, prefere permanecer na África, nomeado juiz da Alfândega. Seu livro *Marília de Dirceu*, publicado em três partes, de 1792 a 1812, marcadamente sentimental, ganha, ao longo do tempo, notória popularidade e consagra-o como um dos melhores poetas líricos da língua portuguesa do século XVIII. Escreve também um *Tratado de direito natural*, em 1768, tese com que pretende prestar concurso para professor de direito na Universidade de Coimbra e, apesar de alguma divergência, é reconhecido como o autor das *Cartas chilenas*, que começam a circular em 1787, poema satírico com severas críticas ao governador Luís da Cunha Meneses, no texto identificado na pessoa de Fanfarrão Minésio.

Inácio José de Alvarenga Peixoto é natural do Rio de Janeiro, 1744. Como os seus companheiros, estuda no Colégio dos Jesuítas e em Coimbra. É juiz em terras portuguesas e, de volta ao Brasil, ouvidor em São João del-Rei. Vive um caso de amor com Bárbara Heliodora, então com 18 anos, com quem tem uma filha ilegítima, em 1779, o que lhe traz problemas com a sociedade local, mas também empreendimentos lucrativos com o pai da jovem. Advogado, deixa a carreira pela indústria da mineração no vale do Sapucaí, sul de Minas. É coronel do Primeiro Regimento de Cavalaria Auxiliar de Rio Verde, em 1785. Tem presença marcante entre os ideólogos e ativistas da Inconfidência. Preso, é condenado ao degredo em Ambaca, África. Morre em Angola, em 1793. Não deixa livro publicado. Restam, de sua produção, cerca de trinta poemas, entre sonetos, sextilhas, odes, liras, uma cantata e um "canto genetlíaco", poema em louvor ao batizado de um filho do governador Rodrigo José de Meneses. São basicamente composições centradas em elogios a amigos e personalidades, com passagens de crítica social e moral. É dele a lembrança da legenda para a bandeira da Inconfidência: *Libertas quae sera tamen* (Liberdade ainda que tardia) e a imagem de um índio quebrando grilhões.

As obras desses poetas, por força do tempo e das condições em que foram escritas e inicialmente publicadas, têm sido objeto de edições elaboradas à luz de estudos de filólogos e especialistas renomados, com destaque para o trabalho pioneiro de M. Rodrigues Lapa, responsável pela iluminação séria e rigorosa de inúmeros aspectos ligados a biografias,

autoria e texto. Trazê-las a público é sempre um desafio, por força, entre outros, de problemas de fidelidade e rigor, em razão, por exemplo, da existência de inéditos e da controvérsia, que permanece ainda em alguns casos, sobre determinadas autorias.

A presente edição corrige, a propósito, um equívoco histórico. Graças ao rigoroso e exaustivo trabalho de pesquisa empreendido por Melânia Silva de Aguiar, que retoma, atualiza e amplia as conclusões de Rodrigues Lapa e é a responsável pela fixação do texto do poeta ora publicado, dá-se a Cláudio o que é de Cláudio e vinha sendo atribuído a Tomás Antônio Gonzaga, integrado tradicionalmente ao seu *Marília de Dirceu*: o soneto XV — "Sombras ilustres de varões famosos" e o soneto XVI — "As moles asas a bater começam". Ainda a propósito de Cláudio Manuel da Costa, ao lado dos textos mais conhecidos do poeta, ou sejam, as *Obras*, o *Parnaso obsequioso e obras poéticas* e o poema *Vila Rica*, estão presentes os títulos pouco conhecidos, escritos no tempo em que o poeta estudava em Coimbra, *Culto métrico*, *Munúsculo métrico*, *Epicédio*, e mais os oito sonetos inéditos constantes dos manuscritos das *Obras*, mas que não figuram nas edições anteriores em livro: foram apenas objeto de publicação esparsa em revistas atualmente raras; traz ainda as *Poesias manuscritas*, só em parte publicadas por João Ribeiro. Não foi incluído o *Manual de obras*, por envolver prosa e verso, nem as traduções feitas pelo poeta de duas peças de Metastásio, a *Comédia do mais heróico segredo – Artaxerxe* e a *Ópera de Demofoonte em Trácia*, textos localizados por Tarqüínio de Oliveira e, com transcrição e atualização de Suely Maria Perucci Esteves, publicados nos volumes VI e VIII do *Anuário da Inconfidência* (1984/1990). Vale lembrar que "munúsculo" corresponde ao termo latino *munusculum*, que significa "pequeno presente".

No caso da obra de Tomás Antônio Gonzaga, restauram-se, com obediência à ordem original das "liras", também à luz do texto fixado pela mesma Melânia Silva de Aguiar e objeto de publicação anterior, os textos das primeiras edições de *Marília de Dirceu*, por ela revistos para esta edição. Incluem-se, sob o título de *Outros poemas*, no caso com base no texto fixado por M. Rodrigues Lapa, o poema que não consta dos originais de *Marília*, a saber as "Congratulações com o povo português na feliz aclamação da muito alta e muito poderosa soberana d. Maria I, Nossa Senhora" e, a partir do texto fixado em edição crítica por Ronald Polito de Oliveira, os textos dos fragmentos constantes do manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional, do poema "A Conceição", datado de 1802. Trata-se de material antes analisado por Rodrigues Lapa, que acabou não concluindo uma anunciada edição que pretendia levar a cabo. Nucleariza-se no naufrágio da nau portuguesa *Marialva*, ao sul de Moçambique, em 1802, com Vênus e Palas, no espaço do maravilhoso, a dis-

putar-lhe o destino. Para as *Cartas chilenas*, a opção foi o texto antes publicado pelo mesmo Rodrigues Lapa.

Possibilita-se o acesso mais fácil à obra de Alvarenga Peixoto, menos divulgada do que as dos seus companheiros árcades. Publicam-se os poemas reconhecidos como de sua autoria até o momento, ainda à luz da edição esgotada que Rodrigues Lapa preparou para o Instituto Nacional do Livro e que foi lançada em 1960.

O leitor terá também a oportunidade de comparar os textos críticos consagrados pela historiografia pertinente às obras dos três inconfidentes, a saber estudos do citado Rodrigues Lapa, de João Ribeiro e de Manuel Bandeira, com ensaios inéditos de críticos contemporâneos como Eliana S. Muzzi, Letícia Malard, Lúcia Helena, Melânia Silva de Aguiar e Paulo Pereira. Um ensaio do historiador Luciano Figueiredo situa a Inconfidência na história do Brasil.

Por tratar-se de escritos do século XVIII, foram acrescentadas, para maior facilidade de compreensão, notas esclarecedoras, uma vez que inúmeros termos ou tinham significação distinta na época, ou caíram em desuso, certas construções sintáticas tornaram-se arcaicas e muitas das imagens envolvem referências mitológicas e outros elementos peculiares à Antiguidade clássica. Sob tal aspecto destacam-se as observações referentes à obra de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, devidas ainda ao trabalho de Melânia Silva de Aguiar, e as referentes aos textos das *Cartas chilenas* e de Alvarenga Peixoto elaboradas pelo organizador da edição.

Completam a obra, além das ilustrações, a cronologia da Inconfidência, a cronologia da vida e da obra dos inconfidentes, a bibliografia relacionada ao movimento e, feliz sugestão de Letícia Malard, a transcrição de parte das inquirições feitas a cada um dos poetas nos *Autos da devassa*.

O diálogo crítico permite a comparação profícua das diversas leituras dos poemas, à luz de ópticas separadas pelo tempo, pelas ideologias, pelas perspectivas críticas diferenciadas. As cronologias e bibliografias objetivam situar melhor os textos no contexto imediato em que foram escritos e publicados, além de possibilitarem melhor compreensão de sua inserção no processo literário brasileiro; repare-se que se associam Ilustração, Arcádia, Inconfidência, num dos textos preparados pelo professor Paulo Pereira; facilitam também a percepção de aspectos da personalidade dos autores e do seu tempo. As passagens das inquirições visam à possibilidade de comparar, principalmente no caso de Gonzaga, na qual esse aspecto ganha maior relevância, a obra escrita com a realidade vivida e avaliar as dimensões modelizantes e os impactos que sobre ela exerceram o contexto cultural e as vivências tropicalizantes dos poetas.

Agradecimentos

A presente publicação, que só se tornou possível graças a Maria Isabel Lacerda, é, por todos os títulos, fruto de um trabalho coletivo. Sua concretização deve-se, muito especialmente, ao desprendimento de Melânia Silva de Aguiar, professora doutora da Universidade Federal de Minas Gerais, raríssima vocação de pesquisadora, que, sem prejuízo da dimensão profissional, não relutou em permitir a utilização do material de seus projetos de pesquisa, o édito e o inédito: o primeiro, de Tomás Antônio Gonzaga, o segundo, de Cláudio Manuel da Costa, cujo texto teve os trabalhos de fixação e de redação das notas acelerados para atender ao cronograma estabelecido no projeto editorial. Mobilizou para tanto uma equipe eficiente e empenhada de colaboradores: a profa. dra. Eliana Scotti Muzzi, com destacada atuação, e mais Andréia Sirihal Werkema, Ângela Maria Salgueiro Marques, Conceição Aparecida Pereira, Nilza Paganini, Maria Paula Bruschi Montenegro, Rita de Cássia Nissinegger Silva, Sandra Maria da Luz, Telma Borges da Silva, Viviane Cunha e Júnio Bispo dos Santos. A mesma Melânia Silva de Aguiar e as professoras Letícia Malard, também da Universidade Federal de Minas Gerais, Lúcia Helena, da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutoras, além de professoras titulares de literatura brasileira, assumiram galhardamente o desafio do diálogo com os textos historicizados de Manuel Rodrigues Lapa e de João Ribeiro: o primeiro, professor e filólogo português, de alto renome e reconhecidamente uma das maiores autoridades na poesia dos poetas inconfidentes cuja obra a ele deve a sua correta, precisa e rigorosa divulgação; o segundo, notável historiador brasileiro, responsável por um dos respeitáveis estudos da vida e da obra de Alvarenga Peixoto. O professor doutor Paulo Roberto Dias Pereira, da Universidade Federal Fluminense, estudioso do século XVIII brasileiro e português, dialogou, por seu turno, com o poeta Manuel Bandeira, que se debruçou sobre as *Cartas chilenas* para provar a autoria de Tomás Antônio Gonzaga. O historiador Luciano Figueiredo destacou as vinculações entre os inconfidentes e a história. A todos, meus sinceros agradecimentos. Agradeço também e fundamente aos colaboradores na pesquisa de textos, na Biblioteca Nacional: a Affonso Romano de Sant'Anna, presidente da Fundação; a Waldir Cunha, prestimosíssi-

mo chefe da Divisão de Manuscritos e sua equipe, que me facilitaram o acesso ao acervo; à bolsista Gisélia Cardoso Peçanha, pela participação na pesquisa de jornais e revistas; em outros espaços, a Jusberto Cardoso Filho; a Nei Lopes, advogado, compositor, especialista em cultura do negro; às bibliotecárias da Fundação Casa de Rui Barbosa, pelo dedicado atendimento durante as consultas ali realizadas; aos estudiosos da literatura da Inconfidência que me possibilitaram a leitura e o diálogo com seus textos; a Alexei Bueno, pelas oportunas e rigorosas observações; ao editor Rodrigo Lacerda; à entusiasmada equipe da Nova Aguilar; aos revisores, pela paciência e dedicação. Que a gratificação do trabalho realizado compense o esforço e o empenho.

FIM DE "APRESENTAÇÃO"

PAINEL HISTÓRICO

Luciano Figueiredo

Esas cosas pudieron no haber sido.
Casi no fueron. Las imaginamos
En un fatal ayer inevitable.
No hay otro tiempo que el ahora, este ápice
Del ya será y del fue, de aquel instante
En que la gota cae en la clepsidra.
El ilusorio ayer es un recinto
De figuras inmóviles de cera
O de reminiscencias literarias
Que el tiempo irá perdiendo en sus espejos.
JORGE LUIS BORGES
"El pasado", in: *El oro de los tigres.*

1. A SEDE E A SAGA: UM PERCURSO HISTORIOGRÁFICO DA INCONFIDÊNCIA

FOLHEIA-SE A HISTÓRIA da Inconfidência Mineira como as voltas de um pêndulo, atraído pelas definições políticas e visões ideológicas dessa ou daquela época, por circunstâncias históricas ou valorações regionalistas.[1]

Antes mesmo de se afirmar aquilo que se constituiria em uma historiografia da Inconfidência Mineira é necessário reconhecer a importância das versões que o episódio legou, ainda para os contemporâneos que sobreviveram à devassa e à execução de Tiradentes. A começar, estabeleceu-se a versão embutida nos autos do processo da devassa da Inconfidência, instaurada para investigar e punir crimes de lesa-majestade de primeira cabeça. Segundo prescreviam as Ordenações Filipinas em seu livro V,[2] esta modalidade criminal referia-se a atentados contra a pessoa do Rei ou contra aqueles "que o soberano igualava a si a este respeito", como foi o caso do governador de Minas, ameçado pela conspiração de ser decapitado. Abrem-se pois devassas em duas frentes, no Rio de Janeiro e Minas Gerais, movidas pelo zeloso e assustado aparelho jurídico colonial. Nesse monumental *corpus*, inscreve-se vasta documentação

reunindo peças ordenadoras do processo, como nomeações, portarias, ordens, certidões, ofícios, acórdãos, assim como registros confeccionados em virtude dos procedimentos 'inquisitórios' então adotados: depoimentos judiciais, inquéritos de depoentes — alguns arrancados sob tortura moral — acareações, denúncias, auto de perguntas.[3] Dado a sua natureza francamente repressiva, José Honório Rodrigues julga que essa versão aparece como "desfiguradora, tendenciosa, controvertida".[4]

Outra das versões primordiais que ainda conheceu a Inconfidência se depreendeu da carta de Martinho de Melo e Castro ao visconde de Barbacena em 29 de setembro de 1790.[5] Na análise em que percorre a carta, José Honório Rodrigues não economiza adjetivos, identificando "uma visão completamente deturpada, amesquinhadora, deprimente, aviltante da Conjuração".[6] Ela ataca seus principais personagens — Gonzaga é caviloso e dissimulador, Tiradentes um louco e furioso, o clero e os militares uns monstros — e sublinha a natureza elitista da trama, armada por magnatas desejosos de "conseguirem por este sedicioso meio o dito perdão da derrama e dívidas", embora se temesse a adesão popular caso a repressão não agisse.[7]

O aparecimento do tema na historiografia nos remete à obra do inglês Robert Southey, cuja edição, entre 1810 e 1819, de *História do Brasil*,[8] funda a primeira interpretação da Inconfidência Mineira.[9] Graças, tanto à escassez documental — o inglês toma como base a sentença do tribunal da alçada — quanto à perspectiva que adota, sua narrativa não vai além do que os autos e sentenças afirmavam. Pleno de preconceitos, lembrando que pouco havia de semelhante entre a guerra de independência das colônias inglesas e a da América portuguesa, realça a irresponsabilidade de um projeto libertador ali.

> Como doidos procederam os conspiradores: faziam discursos sediciosos onde quer que se achavam e perante toda a casta de gente, esquecidos de que embora estivesse descontente o povo, era vigilante e forte o governo, e de que por mais que se anelasse uma diminuição dos impostos, não se desejava outra mudança.[10]

Sua perspectiva detratora não espanta, uma vez que parte de um representante britânico pouco compreensivo às exaltações de liberdade de uma nação que, no instante em que escrevia, migrava para a órbita de dependência econômica inglesa. Prenunciando os discursos humanitários dos ingleses, condena a forma como Tiradentes fora executado na forca, em seguida esquartejado e seus pedaços espalhados, numa crítica ácida às barbaridades da legislação portuguesa.[11] José Honório Rodrigues, no entanto, reconhece que Southey não colocava dúvidas "quanto à natureza e alcance do intento".[12]

Doravante, em livros sobre o Brasil, sobretudo aqueles publicados no exterior (Richard Burton, Eugène François Garay de Monglave, John Armitage, Heinrich Handelmann...) muitas outras referências à Inconfidência apareceram.[13]

A versão seguinte também traria embutida certo rancor. Desta vez um rancor nacionalizado. Presente em poucas páginas de *História geral do Brasil* de Francisco Adolfo Varnhagen editada entre 1854-57, sua interpretação acompanha o enquadramento institucional do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838 sob a chancela do Imperador. Dedicado à redação de uma história do Brasil em sua versão oficial, a primeira visão de uma historiador brasileiro a respeito da Inconfidência se confundiria com as mágoas da casa imperial para com velhas iniciativas de traição à coroa. A figura de Tiradentes aparece na primeira edição como "insignificante e indiscreto", a Inconfidência é tratada com desprezo, condenando-se o autor da conspiração e louvando a piedade da rainha d. Maria.[14]

Por outro lado, o resgate de antigos confrontos entre portugueses e brasileiros não combinava com a perspectiva de que a nação brasileira dava continuidade ao processo civilizador iniciado por Portugal. Identidade de uma nação que deveria necessariamente excluir uma memória de conflitos (assim como excluiu índio e negros identificados à barbárie) e avessa a evidências de ódio aos portugueses.[15] Não se estranha pois que, como Southey, desqualifique a importância do protesto, aproximando-o de uma "cabeçada e um conluio", no comentário de Capistrano de Abreu.[16]

Se insistirmos nessa linha evolutiva, apresentando as leituras que foram matrizes , a bola da vez seria o livro de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, *História da Conjuração Mineira*.[17] A obra vinha sendo apresentada em sucessivas leituras de capítulos no IHGB entre 1860 e 1873. Permanece herdeiro do "aulicismo bragantino" do IHGB mas, suprema diferença, utiliza pela primeira vez na historiografia os Autos da Devassa como fonte do trabalho.[18] Nesse novo aparelhamento reside o destaque para seu trabalho, podendo merecer o justo título de primeiro historiador da Conjuração. Os processos, inquirições, denúncias, depoimentos reunidos sob as duas devassas empreendidas pela administração portuguesa para investigar o envolvimento e a dimensão da conspiração dariam um novo colorido às interpretações.[19]

Essa imprescindível documentação esteve abandonada, 'metida em um saco verde', por quase todo o século XIX, como se exorcizada pelos melindres dos monarquistas. Ao pesquisar documentos para redigir sua obra, o diligente historiador Mello Morais Filho tem notícias desse material, conseguindo licença do ministro conselheiro Pedreira para exami-

ná-lo e copiá-lo. A distração do ministro custaria felizmente a divulgação do *corpus* documental mais importante da Inconfidência, publicado quase integralmente no *Brasil Histórico* a partir de 1861.[20]

Apesar da estatura da obra de Joaquim Norberto ela não escapa das teias do comprometimento do historiador. O autor, monarquista convicto, cumpre eficiente dever com seu credo, não trai a amizade pessoal do imperador, nem arrisca ali sua sinecura na Secretaria de Estado. Como escritor integrante das fileiras da primeira fase do romantismo brasileiro, Joaquim Norberto, junto a seus companheiros "... desejavam manter as conveniências, nunca tirando um olho do Instituto Histórico ou da jovem e circunspecta majestade de d. Pedro, ao qual dedicavam os seus livros" conforme o retrato pintado por Antonio Candido, sublinhando o paradoxo do pertencimento à aventura literária do romantismo.[21]

Atendendo a tudo isso, sua obra pretendeu arrefecer os ânimos republicanos que pululavam no decadente Império e mesmo resistir ao culto a Tiradentes que se generalizava Brasil afora.[22] Até onde conseguiu não se sabe, mas é de se reconhecer que a solidez de seu relato completo do evento lhe garantiu uma vida duradoura sendo, segundo alguns, até hoje o livro mais conhecido sobre a Inconfidência.[23]

Entre esses românticos, uma eleição da Inconfidência Mineira como tema de interesse acaba por desempenhar o papel decisivo de incorporá-la "ao patriotismo dos brasileiros". Proclamando os poetas árcades precursores da independência, sua obra representaria papel decisivo, integrando o episódio aos fundamentos da nacionalidade.[24]

De algum modo a utilização daquelas que são as mais importantes fontes de seu estudo foi o verdadeiro marco que reinaugurou a historiografia da Conjuração, sobretudo por revelar movimentos e ações inexistentes na obra de seus antecessores. Se a historiografia do XIX sobre a Conjuração vacilava em reconhecer ali certa importância, a descoberta documental dos autos, sua apropriação e divulgação, garantiram um merecido destaque. Densamente documentada, a obra de JNSS abriria definitiva e irreversivelmente caminhos de investigação. Pode-se dizer que aí começava a historiografia da Conjuração.

> A *História da Conjuração Mineira* escrita por Joaquim Norberto de Sousa e Silva tem muitos méritos. Foi a primeira obra orgânica sobre o movimento, a primeira baseada em pesquisas metódicas, na consulta aos Autos da Devassa (...), desfez o caráter mitológico do acontecimento e deu-lhe um aspecto histórico, isto é , crítico, reflexivo, analítico.[25]

A criteriosa reconstituição factual, à qual muitos atribuem a qualidade da obra, não é mérito, é apanágio do historicismo reacionário então

cultivado no IHGB. Sabe-se que a operação de escolha documental e de sua ordenação decorre de eleições teóricas claras, devendo-se deixar de lado julgamentos gratuitos cercados de suposta isenção crítica.

Sua obra permanece contudo presa às limitações de origem.[26] Mais ainda, a Inconfidência aparece como um movimento que encerrava valores da nascente nacionalidade que vinham se afirmando no período colonial, através das guerras contra os invasores (leia-se não-portugueses), franceses, holandeses, ingleses... O episódio serve nesse sentido à reafirmação do nativismo. Ela é, portanto, instrumento para reforçar princípios que norteariam a nacionalidade brasileira.

> A Inconfidência Mineira entra na historiografia do Império como etapa importante do processo de formação da nacionalidade sob o comando das elites.[27]

Pode-se cobrar do autor que, embora utilize depoimentos dos Autos, não consegue efetivamente transcendê-los, prendendo-se à descrição de personagens e tramas. Conclui que fora um "drama lúgubre e infausto",[28] desqualificando o episódio: "jamais passou de uma idéia generosa quanto à essência, e mesquinha quanto à forma"[29] Minimiza a figura de Tiradentes, atribuindo-lhe leviandade, inexperiência e estupidez. O que incomoda o autor no estudo sobre a Inconfidência Mineira foi seu projeto separatista ("era sublime o pensamento da independência nacional"). Desanexar as províncias em repúblicas independentes, "desse todo que deve permanecer unido e constituir um forte e poderoso império", era como "retalhar a herança" das lutas pela afirmação brasileira.[30] Onde se lê: o princípio da independência merece respeito, já o projeto de fracionamento territorial e da república não.

Assim, mesmo com a rica documentação, a análise permanece refém das condições objetivas de produção do discurso histórico.

Com a república, o pêndulo volta a oscilar. O revisionismo na historiografia encontraria no pensador católico mineiro Lúcio José dos Santos seu principal promotor. Escreve a monumental *A Inconfidência Mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira* , editada em 1927,[31] o primeiro "trabalho completo" do século.

Envolvido no debate da afirmação republicana, a imagem da Conjuração transformaria-se, em densidade e complexidade. Tiradentes, de leviano, imprudente ou fanático, faz-se herói republicano. Na sua conclusão, defende:

> A Conjuração Mineira não foi um movimento vago e impreciso, sem importância histórica, sem nenhum elemento de êxito. Essa tentativa assumiu uma forma perfeitamente definida, teve um objetivo preciso e exequível, possuiu elementos capazes de conduzi-la a realizações práticas.[32]

Uma das grandes conquistas metodológicas no livro é a definição da existência de núcleos sociais bem definidos, presentes entre os conspiradores, permitindo que as interpretações seguintes enxerguem nos grupos envolvidos uma projeção da estrutura social de Minas. De maneira conciliatória, reconhece a necessidade da forma monárquica ser adotada no processo de independência, alinhando-se com Sousa e Silva na consideração de que a população brasileira encontrava-se ainda incapaz de viver sob instituições livres e republicanas. Por outro lado, a suprema preeminência de Tiradentes na trama inconfidente defendida pelo autor (contra a tese de Joaquim Norberto de que os três poetas — Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto — foram os líderes) e a ênfase em tratar de seu martírio revela a sensibilidade barroca do autor. Tanto quanto um libelo republicano, essa obra constitui ao mesmo tempo uma exortação dos valores cristãos presentes na narrativa da paixão e morte do alferes.

Parte integrante desse processo é a valorização que o movimento republicano e a república dedicou à figura de Tiradentes, elevada à condição de mito e, como tal, instrumentalizada.[33]

A república nascente se apropria da imagem de Tiradentes... numa trajetória que começa discretamente em Minas Gerais (em 1821 o padrão infamante contra Tiradentes é demolido em Ouro Preto).[34]

Machado de Assis em suas crônicas não escapa ao entusiasmo glorificador republicano, colocando sua pedra para a construção do mito. No primeiro aniversário da Inconfidência Mineira, em 1892, ele escreve:

> Tivemos esta semana o centenário do grande mártir. A prisão do heróico alferes é das que devem ser comemoradas por todos os filhos deste país, se há nele patriotismo, ou se esse patriotismo é outra coisa mais do que um simples motivo de palavras grossas e rotundas.

para, a seguir, aproximar o martírio de Tiradentes ao de Prometeu acorrentado, convocando seus leitores:

> ... ouvi as palavras de Prometeu narrando os seus crimes às ninfas amadas: "Dei o fogo ao homem; esse mestre lhes ensinará todas as artes." Fez o que fez Tiradentes.[35]

Até aí as interpretações sobre a Inconfidência Mineira se deterioraram significativamente pela falta de um entendimento mais 'global' do fenômeno. Haja vista que um dos temas fundamentais de análise, a complexa política ultramarina do período, era reduzido a simplistas expressões de ódio aos portugueses. De outro, o episódio era excessivamente isolado das tensões e revoltas anteriormente verificadas em Minas, que teve uma trajetória tão pródiga em protestos como nenhuma outra região colonial,

apesar da filiação ter sido indicada por muitos dos autores mas não desenvolvida, mesmo porque se padecia de certa desqualificação em relação a esses tumultos e alvoroços como movimentos desordenados e sem consistência política. Tais as linhas que contribuem para justificar esse caminhar em círculos de que padece a historiografia mineira, perdendo-se em enfrentamentos sobre o verdadeiro papel de Tiradentes (um louco varrido? Um visionário libertador? Santo? Mártir?), sobre a natureza da conspiração ou a realidade objetiva de sua existência.[36]

Mesmo questões desprovidas de relevância ocuparam (e ocupam) a pauta do debate como a do uso de "Conjuração"no lugar de "Inconfidência". Aqueles que refutam a designação de "Inconfidência" vinculam-na à ótica dos poderosos, da repressão e dos vencedores sobre os movimentos sociais de transformação.[37] Sem escapar do debate (embora não reconhecendo nele qualquer sentido), Francisco Iglésias esgrima utilizando argumentos inopinados: 'Inconfidência' "é a nota mais viva da mitologia local. Seja mantida, pois, se além de ser palavra corrente é carregada de sentido, de beleza fonética, plena de rebeldia e de mistério".[38]

Em 1973, o lançamento de *Conflicts and Conspiracies: Brazil & Portugal, 1750-1808* (seria traduzido no Brasil cinco anos depois recebendo o título de *A devassa da devassa — A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal, 1750-1808*) eleva a historiografia mineira a um novo patamar.

Dentro desse processo evolutivo, Maxwell é o historiador que não apenas promove uma revisão da versão tradicional, como incorpora a análise dos fundamentos e da crise do sistema colonial, alterando o plano das discussões. De certa forma, sobretudo no que se refere aos trabalhos específicos dedicados à Inconfidência, o esforço de pesquisa de dez anos de Kenneth Maxwell quebrou o jejum que prosseguia desde o livro de Lúcio José dos Santos, que recebera de ninguém menos que Rodolfo Garcia o remate: "superiormente documentado, pode-se dizer que esgota a matéria".[39]

O trabalho é bem recebido por aqui. Francisco Iglésias reconhece qualidades:

> ... estudou em fontes primárias. E nesse particular é exemplo de trabalho sério e bem conduzido.... Pela amplitude do material usado, a obra é modelo a ser seguido.[40]

Reconstitui a situação portuguesa no contexto internacional, suas opções diante das pressões político-diplomáticas e as saídas econômicas diante da crise em que Portugal mergulha imediatamente após a crise da mineração. Em uma direção articula — uma das originalidades do trabalho — as crescentes tensões derivadas desse novo quadro das relações de Portugal na política européia e da aplicação da política ultramarina para

o Brasil. Qualquer movimento de contestação colonial teria nesse quadro efeitos nefastos. Em outra direção resgata as relações internas de poder na capitania, revelando os efeitos que as reformas introduzidas no período pombalino provocam sobre as novas orientações na política ultramarina trazidas pelos governadores. Antecedente vital para explicar a preparação da Inconfidência, assiste-se à aproximação entre a "plutocracia" colonial e os órgãos fazendários locais graças à criação das Juntas de Fazenda nas capitanias — recrutando funcionários entre os homens abastados e prudentes locais,[41] da qual participavam potentados atuando na cobrança de tributos, arrematação dos contratos....[42], que estreitaria os laços naturais entre metrópole e colônia. As coisas não correm como Pombal desejou. Na colônia as Juntas relaxam, as receitas caem, o pagamento dos contratos atrasam, as propinas se generalizam por Minas, o contrabando se alastra.[43] A política ultramarina cria um caminho sem volta, do qual a organização da Inconfidência Mineira iria revelar toda a extensão. A ação dos governadores que atuam na capitania, a partir da queda de Pombal e na década de 1780, seguindo novas e menos flexíveis orientações, proporciona uma avalanche de insatisfações e endividamentos entre essa plutocracia mineira.[44] De favorecidos metamorfoseiam-se em inadimplentes. Os governadores que alcançam a capitania com nova orientação, primeiro Luís da Cunha Meneses, em 1783, seguido do visconde de Barbacena, 1786, precipitam os conflitos na capitania ao atacarem, dentre outros esquemas de privilégios, as "lucrativas relações entre a magistratura e os contrabandistas"45 ou promoverem com violência as cobranças feitas por militares e a perseguição de devedores, ou ainda ao anularem contratos e sobretudo ao reformarem sua administração (atribuições expressas da metrópole ao visconde de Barbacena) colocando-os sob administração direta da Coroa usurpando a maior fonte de lucros da elite local.[46]

As relações entre a fazenda local, o sistemas de contratos, as disputas entre elite e administração metropolitana constituem parte das linhas de força de sua análise. Tem força especial a definição que o autor propõe dos grupos de apoio: ativistas, ideólogos e interesses financeiros, "os últimos eram os que, de muitos modos, exerciam influência maior."[47]

Na análise do processo, Maxwell inova em vários aspectos. Retoma a trajetória de Tiradentes, demarcando suas diferenças sociais em relação aos participantes da conspiração e defendendo a necessidade histórica de seu papel de articulador e sua possível ascensão sobre os grupos populares.[48] Valoriza, de outra parte, os expedientes políticos e as relações entre os poderosos da capitania para evadirem-se do envolvimento na Inconfidência a partir do momento que a repressão foi conflagrada (sobretudo o poderoso banqueiro João Roiz de Macedo). Sua pesquisa che-

ga a revelar que a derrama teria sido suspensa antes da denúncia de Joaquim Silvério dos Reis ao governador sobre os planos dos inconfidentes.

No terreno do consenso pode-se dizer que Kenneth Maxwell enriquece — em grande parte graças à documentação pesquisada nos arquivos estrangeiros — os aspectos da preparação da Conjuração, notadamente os contatos entre Vendek e Thomas Jefferson, a força da literatura ilustrada no programa inconfidente49.

Após analisar a Inconfidência Mineira (assim como as Inconfidências no Rio e na Bahia — embora menos enfaticamente) retorna às relações Brasil/Portugal procurando entender os efeitos das contestações coloniais sobre a política ultramarina, no seu último capítulo "Acomodação", redimensionando tais relações para preservar o patrimônio graças ao peso do Brasil para a sobrevivência política de Portugal.

Em certo sentido, o episódio da Inconfidência Mineira esteve refém de projeções de toda ordem, do sentimento monárquico ameaçado, do projeto católico, do regionalismo mineiro, do nativismo, da república. De outro lado, a leitura dos autos e da documentação permite enxergar a sede persecutória da administração e da Coroa portuguesas, realça também os expedientes de dissimulação dos denunciados, envolvidos ou não. Em conseqüência, delineam-se leituras que enxergam na Inconfidência meras conversas de alcova entre grupos de letrados, desqualificando seu sentido de projeto libertador e no outro extremo aqueles que, com diferentes gradações e nuances, jogam no movimento toda força de uma luta de indepedência.

A Inconfidência, como nenhum outro fato histórico do Brasil, esteve tanto tempo e tão sistematicamente carregado de projeções. Isso por si só já provoca inquietações.

A obra de Kenneth Maxwell fundou antes de tudo um território de lucidez nesse debate. Ela equilibra a análise das fontes referentes aos episódios, com seus implicados caçando contradições e procurando explicar atitudes em função de envolvimentos políticos e econômicos internos.

Outra contribuição importante de seu estudo decorre da capacidade de enxergar o conflito colonial a partir da ótica metropolitana, ou melhor, perceber o longo e penoso processo de devassa como a medida do cuidado metropolitano em manter pleno domínio sobre seus territórios ultramarinos, tendo em vista que o Brasil era a melhor moeda de troca que Portugal possuía para apresentar diante dos conflitos emergentes no quadro europeu. Assim, a devassa deveria ser exemplar, de um lado para demonstrar pleno domínio sobre a colônia, de outro para intimidar tensões latentes em outras regiões coloniais — o que não foi possível conseguir.

Longe de estar isolada da historiografia brasileira mais crítica, a análise de Kenneth Maxwell aparece devidamente amparada por interpreta-

ções renovadoras e decisivas da historiografia brasileira nos anos 60-70. Decerto Kenneth Maxwell se beneficiou do contributo teórico desse debate, sobretudo porque ele prepara terreno para um entendimento do teatro das tensões que se manifestam no Brasil.[50]

Tais interpretações a respeito da crise do Antigo Sistema Colonial — crise estrutural com determinantes conjunturais — contribuem decisiva e diretamente no entendimento não apenas da Inconfidência, como das Inconfidências (no Rio de Janeiro em 1794, na Bahia em 1798, em Pernambuco em 1801).[51]

A historiografia nos anos 60-70, em busca da síntese, valorizou os aspectos ideológicos dos inconfidentes.[52] De um lado, os níveis da consciência possível desses movimentos de contestação, de outro os limites desse liberalismo, dessas " idéias fora do lugar", nas quais apesar da proposta de rompimento com a metrópole existir, não se tocava na propriedade nem na escravidão... Trata-se ainda da tomada de consciência da condição colonial.[53]

Na contramão desse debate, situa-se o esforço de revisão de Valentim Alexandre[54] sobre o sistema colonial português em fins do XVIII e início do XIX. As Inconfidências (Minas, Rio, Bahia e Pernambuco) são "factos pontuais, afastados no tempo e no lugar". Não podem para o autor ser tomadas em conjunto, uma vez que guardam padrões, composições sociais e interesses diferenciados.[55]

Tampouco considera que a Inconfidência Mineira resultava de uma crise geral do sistema, "sendo antes o efeito retardado das perturbações induzidas pela quebra da produção de ouro em Minas Gerais...".[56] Para o autor, vivia-se uma euforia econômica, de alta dos preços dos produtos coloniais, portanto com tensões atenuadas entre fazendeiros e comerciantes metropolitanos.

A ideologia nacionalista era incapaz de aglutinar os grupos sociais na colônia e, particularmente no episódio da Inconfidência Mineira — que analisa tomando como base Kenneth Maxwell — "a ideologia nacionalista parece jogar um papel bem tênue", valendo mais a defesa dos interesses imediatos. O passado de lutas contra os espanhóis, holandeses, franceses, provinha de um interesse comum entre colonos e metrópole que gera confiança por parte da metrópole, donde afirma não se confirmar "o alegado temor das autoridades metropolitanas face à penetração dos princípios liberais na colônia e à situação criada pelas 'Inconfidências' ".[57]

As inconfidências não teriam representado sequer — ao contrário do que supõe Kenneth Maxwell — qualquer abalo na política ultramarina, o que explica sua crítica à suposta relação entre a política reformista de d. Rodrigo de Sousa Coutinho e as acomodações diante da crise geral do sistema. Para Valentim, sua política é fruto da pressão financeira provo-

cada pela guerra sobre o estado português e não uma resposta às inconfidência como quer Kenneth Maxwell.[58] As verdadeiras ameaças ao sistema colonial segundo Valentim vêm do exterior, "das perturbações que sacodem o sistema colonial", e não de seu interior, de quaisquer tensões políticas.

Tomada dessa forma, a Inconfidência revela-se uma fantasia, uma fricção doméstica incapaz de abalar os sólidos alicerces do Império português:

> No Brasil, não há qualquer indício de contestação generalizada do domínio português: as duas únicas 'inconfidências' que ganham alguma expressão — a de Minas Gerais e a da Bahia — são a manifestação, no primeiro caso, das tensões específicas de uma zona já então marginal do Império, e, no segundo, de contradições internas da sociedade colonial.[59]

Com a contribuição historiográfica de Valentim à reflexão sobre as inconfidências, o pêndulo retrocede ao encontro de uma visão estreita, incapaz de admitir que o processo colonizador não envolve apenas trocas mercantis, mas trocas culturais, aprendizados políticos e progressiva consciência de alteridade.

Um pouco mais lúcido na compreensão da complexidade do processo, o ministro do Conselho Ultramarino, Antônio Rodrigues da Costa, antevendo já em 1732 — outro momento de profunda tensão nas relações colônia/metrópole — circunstâncias semelhantes ao que transcorreria na conjuntura das inconfidências, tributação elevada, despotismo de governantes, desigualdades, injustiças e insatisfação colonial, redigiria famoso parecer, onde refletiria a respeito da soberania portuguesa na América. Diante da cobiça internacional discorre:

> A dois gêneros de perigo estão sujeitos todos os estados, uns externos, outros internos: os externos são os da força e da violência que poderão fazer as outras nações; os internos são os que poderão causar os naturais do país, e os mesmos vassalos e naturais.

Mas era o 'terceiro perigo' o que mais deveria preocupar, "quando a força externa se une com a vontade interna dos mesmos vassalos e naturais".[60]

A colonização implicava desgaste — já enxergava com suas vistas largas esse conselheiro da política ultramarina portuguesa — e, 'vassalos aborrecidos', "desejam livrar-se da obediência do Príncipe a quem servem, e melhorar de fortuna na de outro".[61]

Com Fernando Novais, em sua análise das condições de crise do sistema colonial, articula-se uma compreensão mais adequada do fenômeno das Inconfidências. Mesmo reconhecendo que tais tendências "repontassem esporadicamente já em fases anteriores, ... é no último quartel do século XVIII que as tendências emancipacionistas se manifestam de for-

ma recorrente e significativa".[62] E, aproximando a análise de toda a sua riqueza dialética, avalia a densidade do fenômeno histórico da crise do sistema colonial através da "emergência de tendências inconformistas ou mesmo autonomistas de qualquer forma revolucionárias, que começavam a forcejar dentro da própria colônia" que "se manifestava de forma decisiva e profunda, pois atingia o próprio núcleo do sistema colonial mercantilista".[63]

Se até aqui há suficientes polêmicas em torno do melhor modo de enquadrar as manifestações de descontentamento no contexto da crise do sistema colonial, por outro lado, há lacunas significativas quando se busca aproximá-las de uma suposta tradição contestatória no Brasil.

Voltada para essa dimensão historiográfica, Laura de Mello e Souza em "Tensões sociais em Minas na segunda metade do século XVIII",[64] tem procurado refletir a respeito de uma continuidade entre as permanentes contestações, de que Minas Gerais no século XVIII é tão pródiga, e a Inconfidência. Essa proposta parece restaurar uma das mais importantes chaves da cadeia interpretativa da Inconfidência: a percepção de uma continuidade com relação às contestações do passado mineiro e mesmo do Brasil colonial.

Embora já em Joaquim Norberto isso exista, a filiação aparece desqualificada, uma vez que nela são projetados valores nativistas, ficando a proposta destituída de qualquer historicidade.[65] José Honório Rodrigues, ao tratar da figura de Tiradentes — e bem amparado pela historiografia mineira que sublinhou a vocação de revolta dos seus habitantes — afirma: " Ele não é singular no sentido de que já se estabelecera uma espécie de tradição revolucionária mineira".[66] Mesmo os historiadores de escolas modernas que se ativeram à Inconfidência perderam essa linha interpretativa, uma vez que as revoltas que antecedem à crise do final do século XVIII aparecem desqualificadas na historiografia, carentes de um melhor estatuto que meros tumultos, assuadas....

Nessas investigações, Laura de Mello e Souza relaciona a Inconfidência com a tradição do protesto em Minas:

> Por todo o século XVIII, as Minas se viram às voltas com levantes e sedições, e sua formação social densa mantinha os governantes e os poderosos em constante sobressalto. Com o avançar do século, a insatisfação se enraizou no cotidiano, manifestando-se na proliferação dos quilombos e nas andanças desordenadas de desocupados. (...) Na Inconfidência, por fim, desaguam as duas tradições próprias às revoltas mineiras: a insatisfação dos poderosos, rápida e violenta, e a dos oprimidos, surda e cotidiana. (...) é preciso repensar a Inconfidência como entrecruzamento de tendências diversas, do conservadorismo estamental de Gonzaga ao delírio anticolonialista de Tiradentes profundamente marcado, sem nenhuma dúvida, pela tensão tão característica da sociedade mineira do século XVIII.[67]

Demarca ainda a existência de uma primeira fase das revoltas em que eclodem a guerra dos emboabas (1707-1709), os motins do sertão do rio das Velhas (1717), as revoltas de Pitangui e Vila Rica (1717-1720) e as "quimeras do sertão" do São Francisco (1736). Analisa em seguida as mudanças na anatomia das revoltas mineiras, desde os anos 40 "surdas, constantes, disseminadas, cotidianas".[68]

Minas Gerais conviveria com o desassossego de quilombos, o temor latente de ataques indígenas e a insubordinação dos vadios; todos elementos da tensão social, atores dessa nova anatomia da revolta.

> A partir da década de 1740, a revolta se infiltrou nos interstícios do tecido social, fazendo com que os capitães-generais das Minas se vissem às voltas com uma guerra surda que fustigava simultaneamente vários flancos.[69]

Os vínculos dessa cultura da revolta estariam delineados na Inconfidência de Curvelo (1761), que precede a Inconfidência Mineira, quando na vila de Santo Antônio do Curvelo explode um protesto contra a expulsão dos jesuítas, acusando-se d. José I e Pombal de autoritários; circulando cartas falsas pela capitania em que se afirmava:

> ... que o dito soberano monarca era qual outro, ou pior que Nero. Que por estar demente, ou pateta, sujeitava o despotismo do seu governo ao homem mais cruel do mundo, qual era o (...) marquês de Pombal...

Na devassa prende-se quinze pessoas acusadas de envolvimento, todas têm seus bens sequestrados e são remetidas presas para Lisboa.[70]

Diante dessa construção, a Inconfidência — encharcada de constestações nas suas raízes — pode ser definida também como uma reação dos ilustrados, que em seus encontros avaliavam a situação tensa da capitania, sobretudo aquelas "forças dissolventes, aos agentes da desordem, aos adeptos de uma contra-sociedade que desprezava o domicílio fixo, a família nuclear, o trabalho sistemático, a propriedade privada, enfim, os valores que a parte *melhor* constituída do corpo social reverenciava como essenciais." Para concluir: "Se os negros se sublevassem ou se os vadios tivessem consciência de seu peso, voaria em estilhaços o mundo restrito dos homens brancos, entre os quais se achavam os inconfidentes".[71]

Ao final desse vasto percurso da historiografia, retorna-se ao ponto de origem, aos dias em que Tiradentes respondia ao inquérito. Ali então largou nos Autos da devassa um vaticínio que ainda desafia os historiadores: "que havia de armar uma meada tal que em dez, vinte ou cem anos se não havia de desembaraçar".

2. CONFIDÊNCIAS DE POETAS INCONFIDENTES

O QUE LEVA POETAS habituados à paz das bibliotecas e ao culto a musas em odes rebuscadas, homens conhecedores das leis e seus julgamentos, burocratas e negociantes muitas vezes em situação financeira já delicadas, a trilharem o arriscado e perigoso caminho da revolta contra o domínio português?

Há algo intrigante na trajetória dos poetas que habitam as páginas deste volume. São mineiros por afeição, colonos da América portuguesa, velhos parceiros de jornada coimbrã. Mas, também, letrados que divagam pelo universo e, portanto, homens antenados com o mundo.

Quase todos já haviam incensado os poderosos com seus versos em troca de aproximação do poder no disputado mercado das letras. Em certo sentido, a chegada e instalação nas Minas Gerais, ainda o melhor destino em se tratando de carreira ultramarina, com nomeações e rendimentos de cargos, decorreu não apenas de suas qualificações acadêmicas, embora as possuíssem.

Alvarenga Peixoto — bacharel em leis na Universidade de Coimbra, formado em 1767 e logo juiz em Sintra — recebera provimento na ouvidoria da capitania, em seguida à boa repercussão de um poema que dedicara ao marquês de Pombal, pouco antes de 1776.[1] Estabeleceu-se em São João del-Rei. Porém, logo abandonou o cargo, seduzido pelas melhores perspectivas ali oferecidas pela agricultura e pela mineração. Encontraríamos o poeta repartindo a pena com os cuidados referentes à diversificação de suas atividades produtivas, entre elas a mineração, o cultivo da cana e a criação, nas quais investe com novas técnicas e grandes experiências. Em 1785 é nomeado coronel do regimento da cavalaria auxiliar da campanha do rio Verde.[2]

Todos os três eram capazes de enaltecer em versos a fidelidade ao rei e condenar os insultos contra a autoridade régia de um passado próximo mas, ao mesmo tempo, dedicavam-se também a tramar conjurações. Cláudio Manuel da Costa — segundo muitos o chefe da Inconfidência — em seu poema *Vila Rica* defendeu o procedimento do conde de Assumar ("o claro Almeida") na repressão à revolta de 1720, em Vila Rica, ("os ousados braços", "vassalo infiel", ou ainda contra o que chamou a "vil temeridade").[3] Em alguns de seus poemas expressaria em estilo mais direto temas políticos, como o da justiça, critério que acreditava deveria presidir o bom governo. Como em:

> A idéia mais feliz de ser aceito
> À vontade de um Rei é ter o peito
> Sempre animado de um constante impulso
> De amar o que for justo (...)[4]

O secretário de governo da capitania (entre 1762 e 1765) e advogado Cláudio Manuel da Costa, nascido em Minas, formado em cânones na Universidade de Coimbra (1749), se ocuparia de vários cargos judiciais (juiz medidor e juiz ordinário) e, ainda, de outros relativos a mineração e a três fazendas que formavam seu patrimônio.[5] Para Antonio Candido, "de todos os poetas 'mineiros' talvez seja ele [Cláudio Manuel da Costa] o mais profundamente preso às emoções e valores da terra". Nele coexistia "com o bairrista mineiro um afetado coimbrão".[6]

Celebrou sua pátria no poema épico *Vila Rica*, em que elege uma epopéia nativista, descrevendo a conquista da autoridade régia sobre a guerra civil instalada na desordem dos primeiros tempos da ocupação do território,[7] embora Eduardo Frieiro julgue o poema representativo da decadência do poeta, um "lírico já sem veia".[8]

No reencontro em Minas, os três poetas estabeleceram uma intensa sociabilidade em seu cotidiano; "... três irmãos em Apolo, bons poetas os três, homens de leis os três, formados em Coimbra, que deviam entender-se às mil maravilhas".[9] A levar em conta as descrições presentes nos interrogatórios da devassa, partilhavam muitas horas de seus dias, tardes e noites, em uma lufa-lufa de encontros em que trocavam livros, visitas, dividiam cafés-da-manhã e muita, muita conversa. Cláudio Manuel, homem de poucas falas perante os juízes, apontaria com naturalidade sua fraternidade poética com Tomás Antônio Gonzaga: "sempre estavam familiarmente em casa do outro, comunicando-se com a lição dos seus versos." Não há como entendê-los sem reunir suas experiências. O mesmo é válido para entender-se a preparação de uma conspiração que fundaria, a partir de Minas, um projeto de nação possível. É inegável que, de um modo ou de outro, a "experiência mineira" talha a obra desses poetas, assim como a vivência cotidiana nos confins montanhosos do além-mar revela-lhes e acrescenta-lhes novos conteúdos políticos que irão aproximá-los do projeto inconfidente.[10]

Afeitos a padrões sociais e culturais formados na ilustrada Universidade de Coimbra, não se deve superestimar a preocupação social desses letrados. Os preconceitos, que vão espalhando para com o maior dos agitadores da Inconfidência, sinalizam uma percepção bastante excludente com relação aos grupos sociais inferiores. Alvo de desabrido escárnio por parte de quase todos, as distâncias sociais entre os poetas e Joaquim José seriam permanentemente lembradas. Algumas vezes sem sutileza alguma.

> Ama a gente assisada
> A honra, a vida, o cabedal, tão pouco,
> Que ponha uma ação destas
> Nas mãos dum pobre, sem respeito e louco?

....
A providência é tratá-lo por demente;
Ou prendê-lo, ou entregá-lo
Para dele zombar a moça gente.

O desabafo é de Gonzaga em um de seus poemas, escrito na prisão. Por louco, palhaço de comédia, seria tomado Tiradentes nos interrogatórios perante os juízes. Talvez houvesse aí uma ponta de dissimulação mas, com certeza, uma pesada carga de preconceito. "Tudo isto mostra que Vs. são uns loucos!", responde o atormentado Cláudio — que, ao que consta, não gostava mesmo do alferes — ao padre Toledo, quando ouve falar de conspiração. Alvarenga Peixoto compartilha da idéia de que tudo era uma grande comédia, divertindo-se perante a "depravada cena" em que Tiradentes narrava para um pequeno grupo os planos de conquista do poder.

O percurso de torna-viagem que descreveram os poetas inconfidentes, depois da estada na metrópole e da vivência colonial, não conseguiu dissociá-los dos princípios hierárquicos do Antigo Regime, do qual estavam impregnados. Se, nas *Cartas chilenas*, Tomás Antônio Gonzaga ataca a nobreza, refere-se, não a esse grupo em si, mas à "embófia nobiliárquica de sujeitos indignos da sua condição".[11] Já para com os mestiços as sutilezas desapareciam, em referências ao "vil mulato" ou às "vis mulatas".[12] Mesmo Cláudio Manuel da Costa, com todas as suas culpas interiores e sua religiosidade dilacerante, carregava certa noção de inferioridade social por possuir um avô paterno que vivera como vendedor ambulante de azeite, o que quase o impediu de ser investido com o hábito de Cristo, em processo de amarga humilhação.[13]

Havia, no entanto, outros indicadores mais contundentes, reveladores dessa desconfiança com que os letrados encaravam os grupos populares. Tomando-se a narrativa de Alvarenga Peixoto sobre o dia da revolta, é de se notar que a participação popular se restringiria à adesão posterior àqueles que tomam o poder com o levante. Numa ritual "fala ao povo" — tarefa que cabia ao chefe militar tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, depois de decapitarem o governador e exporem sua cabeça em Vila Rica — seria explicado o motivo do levante e acertado o apoio do povo. A desconfiança política dos letrados para com os grupos populares demarca a natureza elitista e paternalista dos homens pró-Inconfidência Mineira.

Aduladores dos poderosos, avessos aos grupos empobrecidos e desclassificados, com quem dividiam as ruas da colônia escravista, irritadiços perante o relaxamento dos padrões nobiliárquicos da sociedade estamental, não ficariam, contudo, estranhos ao "viver em colônia". Entre a prosa e a *praxis* dos árcades mineiros pode-se sublinhar aparentes para-

doxos, graças aos quais eles, em algumas passagens, podiam mesmo travestirem-se em críticos mais ou menos sutis da situação colonial.

De Cláudio partem versos de inequívoca coragem na denúncia contra a fiscalidade escorchante praticada pela metrópole nas Minas. São bem conhecidos os versos que dedica à derrama, de uma desabrida contundência:

> O vasto empório das douradas Minas
> Por mim o falará; quanto mais finas
> Se derramam as lágrimas no imposto
> De uma capitação, clama o desgosto
> De um país decadente...[14]

Mais tênue, Alvarenga Peixoto, mesmo ocupando-se amiúde da celebração dos poderosos, projetou nessas ocasiões princípios sutis — entre aqueles que derivam da percepção da condição colonial — de um governo justo e de respeito à realidade local, combinado à ênfase em um governo forte.[15] Parecia em alguns momentos fazer transpirar certo desejo de autonomia, como em

> Isto, que Europa barbaria chama
> De seio de delícias tão diverso,
> Quão diferente é para quem ama
> Os ternos laços do seu pátrio berço.[16]

Nas *Cartas chilenas*, Gonzaga constrói sua grande contribuição poética de crítica ao poder na colônia.[17] Após sua instalação no Brasil, atribui-se uma evolução de sua idéia política. Manuel Rodrigues Lapa julga mesmo que não teria sido envolvido na denúncia da Inconfidência se "em conversas precedentes com seus amigos, não tivesse manifestado o seu liberalismo em matéria polítca".[18] Nos ataques frontais ao governador das Minas Luís da Cunha Meneses — apodado "Fanfarrão Minésio" — denuncia "falta de decoro, filhotismo, venalidade, prepotência e, sobretudo, desrespeito à lei".[19] Porém, se havia desafeição pessoal embutida no seu texto, manifestava-se de forma inteiramente desabrida a indignação com um governante que violava normas morais e de direito.[20] Isse é o que parece representar o lugar e o sentido da crítica de seu autor, sendo arriscado supor existir aí qualquer manifestação nativista: "Os brios feridos movimentam as convicções feridas e o poeta censura o desvio em relação às normas justas da administração régia."[21] Contudo o teor de denúncia contra a quebra dos princípios de hierarquia, "numa sociedade em que os homens de prol são menosprezados, as autoridades tratadas sem cortesia, as conveniências lestamente puladas", supõe o desnudamento das "iniquidades potenciais do sistema" e revela conteúdo político.[22]

Alto funcionário da administração colonial em Minas Gerais, Tomás Antônio Gonzaga passou também por Coimbra, onde se formou em leis (1768) e, após ser preterido como professor, ocupou-se como juiz em Beja, antes de retornar em 1782 para o Brasil — onde vivera na infância — como ouvidor e procurador dos defuntos e ausentes na comarca de Vila Rica. Indispôs-se com o governador Luís da Cunha Meneses — atacou-o nas *Cartas chilenas*. A intransigência e o zelo do magistrado conflitou-se com o autoritarismo e a brutaliade do novo governador. [23] Este afasta Tomás Antônio Gonzaga de casos importantes, nascendo daí a discórdia; indispõe-se ainda na Junta de Fazenda. Antonio Candido supõe nascer do sentimento de justiça e do ardor combativo que os desmandos da nova situação provocam no poeta o "apego nascente, que haveria de contribuir para interessá-lo na Inconfidência".[24]

Em 1786 é nomeado desembargador da Relação da Bahia adiando o quanto pôde a posse.

As denúncias de envolvimento na Conjuração invadem a trajetória de vida dos três poetas, atirados na prisão. Alvarenga Peixoto, com papel destacado como aliciador, parece encontrar nas excessivas dívidas em que estava mergulhado a razão para tanto empenho. Os planos inconfidentes previam anistia fiscal e tributária. De todos os poetas foi o que mais se envolveu na Inconfidência Mineira — "homem progressista e cheio de planos, como os que procurou aplicar na melhoria de suas lavras do sul de Minas".[25] Apesar de sair designado na sentença como um dos "chefes", prestara-se a denunciar seus amigos. Sua condenação à morte em 1792 fica comutada em degredo perpétuo para Angola (para onde parte nesse mesmo ano), morrendo logo depois.[26]

Sua poesia prenunciou agitações, apesar de mais uma vez prevalecer o tom encomiástico. Em uma ode dirigida ao visconde de Barbacena, ao que parece escrita no início de 1789, ele diz

> ... Que fez a Natureza
> Em por neste país o seu tesouro,
> Das pedras na riqueza,
> Nas grossas minas abundantes de ouro,
> Se o povo miserável?... Mas que digo:
> Povo feliz, pois tem o vosso abrigo!
> Já sobre os densos ares
> Horrenda tempestade alevantada
> Abre o seio dos mares
> Para tragar a nau despedaçada...
> Porém destro piloto arreia o pano,
> Salva o perigo e remedeia o dano.[27]

Numa de suas poesias de cárcere, teria reafirmado — através de um caminho um tanto oblíquo — aquilo que Rodrigues Lapa entendeu co-

mo "a concretização prematura deste ideal duma grande comunidade luso-brasileira com sólio no Brasil", a partir dos versos:

Da América o furor
Perdoai, grande Augusta; é lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.[28]

O advogado Cláudio Manuel da Costa aparece na Inconfidência Mineira através de "apoio sentimental, segundo parece participando de conversas imprudentes".[29] No interrogatório compromete amigos e, desesperado, suicida-se (julho de 1789).[30]

Quanto a Tomás Antônio Gonzaga, estudiosos de sua vida e obra julgam que seu envolvimento era reduzido, embora certamente soubesse dos planos, em vista da intimidade que privava com alguns partícipes. Os inconfidentes acreditavam poder contar com Gonzaga para fixar a legislação da nova República.[32] Preso, é levado para a ilha das Cobras onde aguarda os esclarecimentos do que supõe serem mal-entendidos — "convicto da sua libertação" — mantém seu "idílio amoroso" com Marília.

Com sua prisão, o casamento, marcado para o fim do mês, não ocorre. Com a condenação de dez anos de degredo para Moçambique, para onde parte em 1792, separa-se de vez de sua Marília. Ali, ocuparia-se da advocacia e dos negócios de justiça através de cargos (tornar-se-ia nada menos que procurador da Coroa e da Fazenda e, mais tarde, juiz da Alfândega) que exerce, conseguindo recompor sua vida, casando-se com uma senhora abastada da terra — "de muita fortuna e poucas letras" — Juliana de Sousa Mascarenhas. Falece em princípios de 1810.[33]

Nem só de filosofia e letras viviam nossos inconfidentes... Nem apenas no conteúdo de seus versos absorveram os ares coloniais. Alguns indicativos parecem fazer supor que cediam à moral colonial, algo diverso do rigor exigido pela orientação do Estado e da Igreja. Os poetas não representavam exatamente modelos de virtude.

Na biografia de Alvarenga Peixoto registra-se o encontro amoroso com a viúva e aristocrata dona Isabel de Lencastre Forjaz (a Jônia de seus versos) que seria um dentre muitos de uma vida sentimental inconstante, segundo os estudiosos. Enamora-se mais tarde de Bárbara Heliodora, quando em São João del-Rei — ela com dezoito, ele com mais de trinta anos de idade — com quem teve uma filha ilegítima, acabando por casar-se somente dois anos depois de seu nascimento.[34]

Enormes dívidas foram companheiras permanentes ao longo de toda sua vida, dos dois lados do Atlântico.

Talvez o processo de endividamento revele um mau empreendedor. Muitos afirmam que sua situação financeira explicaria seu empenho na

Inconfidência Mineira. Se há dúvida quanto a isso, é inegável contudo a tranqüilidade e sinceridade com que Alvarenga Peixoto lidava com sua situação de endividamento, sem dúvida amparado pela cultura existente entre os negociantes de Minas desde seus primeiros dias, onde quase tudo era 'fiado'. Em carta escrita para um comerciante, Alvarenga Peixoto não se vexava em admitir que, embora fizesse uma grande encomenda de material, não poderia pagá-la de imediato: "Ouro por hora não há; mais temos onde assinar, e quando vierem as encomendas há de ir alguns, e quando for, podendo ser, o resto", aconselhando ainda que "se houver de sofrer algum calote, seja de um homem de bem que tem sofrido bastantes, e pagam uns pelos outros".[36]

Cláudio Manuel da Costa também em sua vida íntima — assim como em seus temas poéticos — revelava uma "oscilação moral entre duas terras e dois níveis de cultura", como afirma Antonio Candido.[37] Sua devoção e forte religiosidade não impediram um duradouro amancebamento com uma escrava de certo senhor. Francisca Arcângela — logo alforriada — teria com Cláudio sucessiva e regular prole, mesmo no período em que ele exercia a função de secretário do governo. Depois da filha Maria Clara, que nasce em 1759, viriam Feliciano, Ana e Fabiana.[38]

O devotamento de Gonzaga à jovem Maria Dorotéia Joaquina de Seixas — ela com 15 para 16 anos, ele quarentão — não apaga uma trajetória em que vivenciou muitos amores: uma certa "dama" teria lhe dado um filho (suspeita-se que oculta sob a 'Laura' de seus versos) e outra, Maria Joaquina Anselma de Figueiredo, casada, teria sido sua amante.[39]

O perfil amoroso de Gonzaga teria combinado com o ambiente de sua chegada a Minas: "Sensível à beleza, espírito sociável, requestaria algumas senhoras de Vila Rica, em *flirts* mais ou menos duradoiros, mais ou menos espirituais."[40]

Rodrigues Lapa, atento às feições sintetizaria: "O ouvidor, que conseguia ser bom amante e bom magistrado..."[41]

Houve outros deslizes ligados diretamente a sua função de ouvidor. Esquecera por quatro anos na prisão uma pessoa de mais de 70 anos de idade que, ironicamente, se livra da masmorra — doente e financeiramente arruinado — por intervenção do 'Fanfarrão Minésio'.[42]

Antonio Candido, em sua avaliação a respeito da obra dos poetas inconfidentes, após desvendar a existência em Minas Gerais de uma Arcádia Ultramarina, filiada à Arcádia Romana, sublinha os efeitos dessa vinculação ao proporcionar o que denomina de "consciência de equivalência" entre colonos do ultramar com a metrópole. De outra parte, as formas de sociabilidade adotadas por esses poetas revela entre eles uma mentalidade "antibarroca", uma vez "que assumiram certas posições avançadas do século, desenvolvendo um inconformismo que aca-

bou em atitudes políticas de rebeldia, pois para eles tratava-se de pensar o contraste entre o estatuto colonial e as exigências de uma elite local no tocante à situação econômica e social do país".[43]

Os três poetas foram ajudados decerto pelo hábito dos debates e conversas literárias, que contribuiu para difundir os princípios da Ilustração favorecendo "a passagem das preocupações literárias para as políticas, desfechadas nas inconfidências mineira e carioca".[44]

No exercício poético e na eleição do estilo se traduziam os padrões dominantes desses súditos profundamente marcados pelas hierarquias do Antigo Regime português e de suas redes clientelistas. Versos eram moedas trocadas por cargos, distinção, privilégios, posição. Versos *versus* mercês. Todos eles souberam usar dessa habilidade literária para traçar trajetórias de aproximação com o poder. Mas o pó do ouro, as insatisfações momentâneas e, sobretudo, a distância do centro de poder, abalaram princípios de coerência.

Se vazavam conteúdos críticos, suas poesias pareciam possuir quase sempre intenções reformadoras, ao modo de sutis aconselhamentos que os poetas deveriam prestar ao sucesso dos príncipes.

Contudo, a vida nas montanhas mineiras, exaustas de ouro, repletas de insatisfação, fizera emergir um reconhecimento de limites e desigualdades que, no mundo colonial, envolvia silenciosamente até os mais fiéis dos súditos, o desembarrgador Tomás Antônio Gonzaga, o secretário Cláudio Manuel da Costa e o tenente-coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto. Como uma "*gota que cae en la clepsidra*", da poesia de Jorge Luís Borges.

A passagem pela Inconfidência Mineira pode ter se constituído na grande licença poética de todos eles.

3. A Inconfidência Mineira, 1789.

O EPISÓDIO DA REPRESSÃO contra os inconfidentes moradores nas cidades mineiras no final do século XVIII, descortinou os riscos e as contradições inerentes à colonização na América Portuguesa.

Qualquer poder era frágil diante da insatisfação generalizada. As contradições insuperáveis do processo colonizador proporcionou a transformação dos súditos ultramarinos em colonos cada vez mais capazes de perceber sinais de limitações e esgotamento da metrópole. A violência, as perseguições, o sofrimento e a exemplaridade dos castigos infligidos ao longo dos três anos em que transcorreu a Devassa representou, em verdade, a exata medida do terror que a máquina colonizadora antevera com a rebelião dos seus súditos ultramarinos.

Se, até ali, os versos de seus poetas representavam aparentemente esforços de erudição ou meros exercícios literários, os indícios que surgem conforme os inquéritos prosseguem e falam as testemunhas revelam as entrelinhas de um processo que, talvez, nem mesmo alguns daqueles homens que viveram pelas ruas de Ouro Preto conseguiram captar.

O caminho do protesto nas Minas naquele final de século só foi possível graças à acumulação de múltiplas e profundas tensões — umas conjunturais, outras estruturais — que representam, algumas delas, componentes estruturais do sistema colonial, superpostas à contradições...

Os tempos se confundem, as linhas se sobrepõem numa trama de muitos enredos. O complexo e contraditório jogo da dominação colonial, se foi capaz de montar vigorosa repressão, não conseguiu impedir a geração de uma utopia.

O quadro que se delinea na capitania de Minas Gerais anos antes da denúncia da conspiração reunia componentes de relativa tensão.

Minas, mesmo exausta do extrativismo mineral, concentrava perto de 300 mil almas habitando cidades, fazendas, lavras, morros e pequenas propriedades, um significativo contingente populacional se comparado a outras regiões coloniais e cerca de 20% de toda a população da América portuguesa.[1] A economia mineira assiste a uma silenciosa expansão, malgrado a crise da mineração, graças a capacidade de diversificação de atividades como criação, agricultura e artesanato.

Circulavam pelos seus centros mais importantes doutores e letrados, formados nas mais importantes universidades européias (Montpellier, Coimbra, Salamanca). Da vivência acadêmica não traziam apenas seus títulos, mas também a literatura mais avançada e a cabeça repleta de tendências de renovação.[2] Embebidos pelo Iluminismo, que se expandia atacando os poderes do Estado e da Igreja, elevavam a Razão a um papel proeminente, colocando a luta pela liberdade política como fundamento.

Foco de tantas e permanentes insatisfações, o fiscalismo praticado e a opressiva forma de administração da fazenda pela Coroa portuguesa mais uma vez promoveriam contestações políticas. As 'vexações', que escorchavam os contribuintes através de uma infinidade de tributos, seriam ainda mais violentas com a ameaça da temida derrama. Desde a última reforma na arrecadação do quinto sobre o ouro, regulada pelo Alvará de 3 de dezembro de 1750, a metrópole substituíra o método de cobrança conhecido como Capitação, que funcionara desde 1735, pela reintrodução das Casas de Fundição. A troca parecia atender aos intensos apelos das câmaras municipais mineiras, que suplicaram sem parar na suposta defesa das populações pobres, pois, além do quinto incidir sobre cada cabeça de escravo, que os senhores possuíssem (além de pagarem também os estabelecimentos comerciais), toda a população forra da capitania esteve

também sujeita a impostos. Os danos sociais numa região de extrema pobreza sustentou uma prolongada onda de intermináveis protestos.

Ao contrário do que se supôs, o fim da Capitação não trouxe tranqüilidade. Se as Casas de Fundição eram velhas amigas dos mineiros (entre 1725 e 1735 o quinto era arrecadado através delas) sua reintrodução com o Alvará de 1750 adotava um recurso fiscal que causaria comoções. Ficava estabelecido que sempre que a arrecadação anual de ouro não alcançasse 100 arrobas, as autoridades fazendárias e judiciais cobrariam aquilo que restava para completar o teto, conforme as posses de cada morador. A opção por esse tipo de método de arrecadação fiscal caminhava na contramão das evidências. Afinal, enquanto a economia se diversificava, abrindo amplas frentes de receita, a fazenda portuguesa insistia no princípio que, se não era falso de todo, já não merecia a importância de outrora. Para a metrópole, as minas de ouro naquela segunda metade do século XVIII não reduziram sua produção, esgotadas após décadas de extrativismo predatório. A redução da arrecadação derivava das redes de contrabandistas, das fraudes e das dívidas que as Juntas de Fazenda não conseguiam cobrar. O recurso à derrama traduziu essa falsa certeza de que uma arrecadação eficiente de ouro podia fazer os índices anuais retornarem aos patamares dos tempos de opulência.

O transcurso dos anos iria revelar o equívoco. Os déficits acumular-iam-se e, em duas ocasiões, a derrama seria lançada. Na impossibilidade (ou resistência) da população pagar, os processo de cobrança se arrastariam por décadas gerando efeito inverso: despesas com gastos de funcionários e baixa arrecadação. Porém, além de déficits econômicos, uma forte insatisfação se acumulava no tecido social e o tema da derrama ainda demonstraria todo o seu peso político.

No domínio político os meses e anos que antecedem a Inconfidência assistem à precipitação dessas múltiplas tensões. Indiscutivelmente, muito colabora para isso a atuação incisiva do visconde de Barbacena, que assumiu o governo da capitania em meados de 1788. Mas, nessa área, certos problemas vinham de seu antecessor, d. Luís da Cunha Meneses, que entre 1783 e 88 colecionara uma variedade de inimigos entre a elite que circulava próxima ao poder. Seus desmandos mas, sobretudo, sua negligência diante dos padrões hierárquicos, privilégios estamentais e corporativos e a permissividade diante da ascensão social de mulatos e grupos nativos a cargos de que habitualmente estavam excluídos, geraram um perigoso cisma entre os grupos políticos dirigentes ligados ao governador e os letrados e a aristocracia local. O protesto anônimo das denúncias contidas nas *Cartas chilenas* oferecem vivo retrato desse "descrédito do formalismo"que abalou Minas.[3] Desde então, o rompimento desse precioso e delicado equilíbrio político nas Minas, que se

mostrava essencial para o controle sobre grupos sociais com forte tradição de protesto, acabaria por custar caro.

O visconde de Barbacena herdaria outros problemas, ainda que pouco mais antigos. A expectativa financeira da metrópole em torno do ouro e dos diamantes fizera proliferar 'contratadores', personagens que, de parceiro da Coroa, tornar-se-iam vilões do Erário em Minas. Esses agentes financeiros enfeixavam em suas mãos a arrecadação dos mais importantes ramos tributários da capitania (afora o quinto que, sabiamente, permaneceu sob a guarda da fazenda real) como o *dízimo*, as *entradas* e as *passagens*. Em troca do direito de cobrarem, por um triênio, em nome da Coroa, esses tributos, os contratadores comprometiam-se a pagar no fim do contrato uma grossa quantia previamente acertada. Poucos pagaram integralmente o valor do contrato e, ao lado dos inadimplentes, foram se avolumando dívidas colossais, em grande parte facilitadas desde a década de 60 pela frouxidão com que a Junta de Fazenda se empenhava na cobrança dos devedores. Em grande parte isto se verificaria por uma tolerância tácita por parte da Junta, ocupada por grupos ligados aos interesses coloniais.[4]

Nesse quadro, o empenho do novo governador em cumprir ordens expressas de Portugal de cobrar o total das dívidas e lançar a derrama acaba por generalizar as apreensões e canalizar os temores em direção ao protesto. A inabilidade política como foram conduzidos os planos somente concorria com a ilusória confiança na lealdade daqueles turbulentos súditos. Um clima de ameaças de alterações nas formas de negligência financeira, indisposições sociais e princípios liberais precipitou conspirações.

Papel de destaque desempenhou a admiração que circulava dentre a intelectualidade mineira — com ou sem volumétricas 'livrarias' — o exemplo da independência da América Inglesa. A guerra de libertação das treze colônias jogou papel decisivo na convicção mineira: era possível a conquista da soberania e tinha-se ali o modo de alcançá-la.[5] A perspectiva do rompimento com a metrópole — amparada no modelo norte-americano — é um dos componentes mais originais que a Inconfidência Mineira enuncia. Até aquele momento, nos protestos coloniais, o maior alcance político das propostas defendia a substituição da soberania portuguesa por outra Coroa. Anos antes de serem desbaratados os inconfidentes, o estudante José Joaquim Maia e Barbalho — *Vendek* — estudante de medicina em Montpellier, encontrara-se em maio de 1787 com o embaixador dos Estados Unidos na França, Thomas Jefferson, buscando apoio militar para uma revolta envolvendo Rio, Minas e Bahia. Jefferson, embora interessado, desconversa alegando falta de autoridade e compromissos comerciais com Portugal.[6]

Outra conversa decisiva ocorreria em agosto de 1788 no Rio de Janeiro, desta vez entre José Álvares Maciel, recém-chegado da Europa — formado em Coimbra e tendo viajado pela Inglaterra aperfeiçoando seus conhecimentos sobre técnicas manufatureiras — e o alferes Tiradentes. Animados pelas notícias do estrangeiro, sobretudo quanto à expectativa com que se comparava os destinos do Brasil ao que se passara na América inglesa, tratam em várias ocasiões do levante. Começaria então o caminho da animada pregação de Tiradentes, em torno do qual se aglutinam padres, magistrados, fazendeiros, militares, homens de posição remediada e letrados, apesar de divergências e preconceitos sociais.[7]

As reuniões e encontros se sucedem, mais concretamente os planos para a conquista do poder e os traços da utopia inconfidente. Os conjurados conseguem adesão fundamental do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, da companhia dos Dragões, homem capaz de mobilizar a tropa paga da capitania.

O início da sublevação fica acertado para o dia em que o governador anunciasse o lançamento da derrama, calculando-se que a insatisfação com o anúncio da medida se reverteria em apoio popular para a revolta (mais uma inspiração tomada da independência norte-americana). Essa parecia ser uma das poucas certezas dos inconfidentes. Afinal, a perspectiva de se cobrar o equivalente à espantosa quantidade de 384 arrobas, o equivalente a doze anos de atrasos, decerto atiçaria o ânimo geral.

Desenhara-se um programa ambicioso, francamente modernizador e reformista para a nova república. A capital seria transferida para São João del-Rei — evidenciando lucidez diante da recente expansão econômica do sul —, Vila Rica ganharia uma universidade, padres poderiam receber diretamente os dízimos, desde que sustentassem com eles as atividades de assistência social, ofereceria-se às mulheres prêmio à medida que gerassem mais filhos e adotar-se-iam milícias populares, abolindo-se o exército em caráter permanente. Na vida econômica, introduziria-se a liberdade na extração dos diamantes, estimular-se-iam as manufaturas (principalmente de pólvora) e a extração de ferro, e introduziria-se a Casa da Moeda.[8] Ponto dos mais polêmicos, o destino do trabalho escravo oscilou entre propostas de que escravos nascidos no país ganhassem liberdade, embora, na opinião da maioria, qualquer medida nesse sentido desestruturaria a atividade produtiva.[9] Estava traçado o limitedo liberalismo abraçado por senhores de terras e de escravos.[10]

Para estas conquistas era preciso que o plano de tomada do poder fosse vitorioso. Planejava-se, diante do anúncio da derrama e com a conivência dos Dragões, espalhar o estado de amotinamento, assassinar o governador e proclamar uma república independente.[11]

Se dívidas ajudam a explicar a preparação da sublevação, dívidas também contribuem para desmontá-la. Joaquim Silvério dos Reis, que chega a participar de alguns encontros dos inconfidentes, escolhe caminho mais curto para a anistia de seus vultosos débitos com a fazenda real. Negociando nesses termos, denuncia a conspiração, nomea seus cabeças, reproduz planos, narra as ameaças. O governador age imediatamente, procedendo às prisões, enquanto recebia outras denúncias. As prisões e a suspensão da derrama — ao que parece já havia sido suspensa antes mesmo da denúncia graças à prudência política do visconde[12] — desmobilizam o espírito dos sublevados.

Com seus participantes mais aferrados a um pretexto que à mobilização, a suspensão da derrama expõe a fragilidade operacional do movimento. Soa desolada -mas explicavelmente patética — a frase-síntese dessa situação, saída de Tomás Antônio Gonzaga nos autos: "a ocasião para isto perdeu-se."[13]

A mão implacável da justiça metropolitana recolheria quase todos os implicados nas enxovias, logo alcançando Tiradentes no Rio, alguns escapando — como Oliveira Rolim — apenas aqueles não exatamente inocentes mas certamente poderosos o suficiente para negociarem seu distanciamento dos tribunais.[14] Cláudio Manoel suicida-se na prisão, numa das atormentadas noites que passava em sua cela.

Levados para o Rio de Janeiro, permanecem presos enquanto suportam interrogatórios e padecem expectativas, saudades de suas amadas, desejos de justiça. Enquanto aguardam as sentenças, uns — poetas ainda — escrevem liras amorosas ou encomiásticas em busca de algum lenitivo.

Nas sentenças finais, os 10 réus foram condenados ao degredo na África. Exceto Tiradentes — o "malvado cabeça" que assumira sem subterfúgios seu entusiasmo pela Inconfidência — enforcado e espalhado aos pedaços pelos caminhos de Minas, em 1792 .

Notas à Primeira Parte

1 Elegemos nesse balanço as matrizes mais expressivas da historiografia sobre a Inconfidência — ou seja, aquelas que contribuíram para a reflexão a esse respeito, ou porque trouxeram avanços documentais, ou porque sua publicação representou papel relevante em dado contexto político, ou ainda porque adensaram as contribuições teóricas e metodológicas sobre o tema. Tais foram os critérios adotados para este ensaio, deixando de lado trabalhos intermediários dos quais, nem por isso, deixamos de reconhecer a relevante contribuição. Sobre a historiografia ver: Rodrigues, José Honório. *História: corpo do tempo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976; Resende, Maria Efigênia Lage de. Inconfidência Mineira: leituras e releituras ou para ler a História da Inconfidência Mineira. In: *Análise & Conjuntura*. v. 4, n. 2-3, Belo Horizonte: mai. dez., 1989; Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa – Bicentenário: 1789/1989. Ouro Preto: 24 a 28 de abril de 1989, Fundação João Pinheiro, p. 89; Jardim, Márcio. *Síntese factual da Inconfidência Mineira*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Codeser, 1988; Furtado, João Pinto. Revoltas setecentistas mineiras: historiografia, imaginário e memória. In: *Registro* – informativo do Centro Nacional de Referência Historiográfica. Ano II, n. 4, set., 1995/fev., 1996, p. 8 11.

2 *Código filipino ou ordenações e leis do reino de Portugal recompiladas por mandado del-rei d. Filipe I*. Edição de Cândido Mendes de Almeida. Rio de Janeiro: Tipografia do Instituto Filomático, 1979, p. 1156.

3 Os aspectos jurídicos em torno da devassa aparecem analisados por Pires, Ariosvaldo de Campos. O processo jurídico da Inconfidência Mineira. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/IBPC, 1993, p. 82-95. Sobre avaliações mais atualizadas da documentação: Carneiro, Edilane e Santos, Maria Judite dos. Fontes documentais mineiras: subsídios para o estudo do movimento inconfidente de 1789. In: *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*. v. 4, n. 1, jan-jun 1989, p. 25-52; Pessoa, Glaúcia Tomaz de Aquino. O acervo do Arquivo Nacional e a história da Inconfidência Mineira. Idem, p. 15-24; Mathias, Herculano Gomes. A documentação da Inconfidência Mineira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: ano 153, n. 375, abr/jun, 1992, p. 80-104.

4 De Tiradentes à Independência. In: *História: corpo do tempo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976, p. 86.

5 *Anuário do Museu da Inconfidência*, ano 2, p. 93-107.

6 *Opus cit.*, p. 86-7.

7 Carta de Martinho de Melo e Castro ao visconde de Barbacena. Cit. por Rodrigues, José Honório. *Opus cit.*, p. 87.

8 1ª ed. Londres: 1810-1819. 3 vols./ Trad. bras. Rio de Janeiro, 1862. 6v.

9 Márcio Jardim discorda do pioneirismo de Robert Southey, demarcando que o primeiro registro a respeito da Inconfidência dataria de 1798 na obra *An Authentic Account of an Embassy From the King of Great Britain to the Emperor of China*, editada em Londres, em 3 volumes, tendo ainda sido reproduzido por Cavendish Pelhan, in: *The World or the Present Estate of Universe*, editado em Londres, 1810. Ver A historiografia da Inconfidência Mineira. In: *Análise & conjuntura* ... p. 133. Herculano Gomes Mathias é da mesma opinião, p. 87.

10 Southey, Robert. *História do Brasil*. Salvador: Progresso. Cit. por Resende, Maria Efigênia Lage de. *Opus cit.* p. 87.

11 Rodrigues, José Honório. *Opus cit.* p. 91.

12 Idem, *Ibidem*.

13 Delgado, Alexandre Miranda . A historiografia da Conjuração Mineira. In: *RIHGB*. Ano 153, n. 375. abr/jun, 1992. Rio de Janeiro, p. 64-65.

14 Rodrigues, José Honório. *Opus cit.*, p. 91. Segundo José Honório a segunda edição (1877) "retira o trecho depreciativo" sobre Tiradentes reconhecendo que seu martírio ajudara na imagem de mártir da Independência. O mesmo comenta em sua *História da História do Brasil*. v.2, t.2 ("A historiografia conservadora"). São Paulo: Editora Nacional, p. 15. Ver Também Iglésias, Francisco. Sobre a Inconfidência: história e mitologia. In: *Revista do Brasil*. Ano 4, n. 9. Rio de Janeiro: Rio Arte/Fundação Rio/Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1989, p. 6-14.

15 Esses argumentos — assim como uma reflexão mais detida sobre a historiografia do IHGB — encontram-se nos trabalhos de Guimarães, Manuel Luiz Salgado. De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. In: *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*. v. 4, n. 1, jan-jun 1989, p. 135-144; e Nação e civilização nos trópicos – o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional. In: *Estudos Históricos*. São Paulo: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica/Edições Vértice, n. 1, 1988, p. 5-27

[16] Necrológio de Francisco Adolfo Varnhagen. *Jornal do Commercio*, 16 e 20 de dez. de 1878; republ. na *História Geral do Brasil*, v. 1. Cit. por RODRIGUES, José Honório. *Opus cit.*, p. 93. A polêmica (e imperdoável) ausência da Inconfidência Mineira na obra de Capistrano de Abreu aparece discutida em FRIEIRO, Eduardo. A sombra de Tiradentes. In: *O diabo na livraria do cônego. Como era Gonzaga e outros temas mineiros.* 2ª ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981, p. 112-113 e em RODRIGUES, José Honório, p. 93-96. Em certa passagem, Capistrano declara: "A Conjuração Mineira nunca adquiriu uma arma, nem passou de conversas ociosas; ...avançava um movimento destinado a falhar, miseravelmente, sem o abalo simultâneo das colônias espanholas..." *Ibidem*, p. 94.

[17] Rio de Janeiro, 1873; 2ª ed. Rio de Janeiro:INL, 1948, 2v.

[18] Publicados pela primeira vez a partir de 1861, mereceriam reedição em 7 volumes entre 1936-38 por iniciativa do historiador Augusto Lima Jr. e do ministro Gustavo Capanema, sendo publicados pelo Ministério da Educação e Biblioteca Nacional, sob a direção de Rodolfo Garcia . Recebendo novos documentos e muitas correções graças ao empenho de seus organizadores e anotadores Tarquínio J.B. de Oliveira e Herculano Gomes Matias. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte, 1972 .

[19] Os autos permaneceram na secretaria do Império até 1874, quando foram transferidos para o Arquivo Nacional. Ficariam basicamente rateados entre este e a Biblioteca Nacional, motivando o comentário de Lúcio José dos Santos: "Assim surgiram os documentos mais importantes, os quais, como o cadáver do herói a que se referem, foram esquartejados. Uma parte encontra-se no Arquivo Público Nacional e a outra na Biblioteca Nacional". Ver PESSOA, Glaúcia Tomaz de Aquino. *Opus cit.* p. 15-23.

[20] JARDIM, Márcio. *Opus cit*, p. 135. Comenta: "Foi a primeira edição dos autos, única até qaurenta anos depois".

[21] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* 6ª ed. v.2. São Paulo: Livraria Martins Editora/Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 49.

[12] "A publicação da obra foi apressada, segundo seu próprio testemunho, pelo surgimento do movimento republicano em 1870". CARVALHO, José Murilo de. Tiradentes: um herói para a República. In: *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 62.

[23] "... principalmente de artigos em jornais que atingem o grande público, repetem falsidades nele difundidas, especialmente as referentes à insanidade, loquacidade e desimportância de Joaquim José da Silva Xavier", afirma Márcio Jardim; *Opus cit.* p. 134.

[24] CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p.50.

[25] RODRIGUES, José Honório. *Opus cit.*, p. 92.

[26] Sobre o autor ver RODRIGUES, José Honório. *Opus cit.* (*História da história....*)

[27] RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Opus cit.* p. 89.

[28] RODRIGUES, José Honório. *Opus cit.* (*De Tiradentes ...*), p. 92.

[29] Cit. por RODRIGUES, José Honório. Idem, p. 92.

[30] RODRIGUES, José Honório, Idem.

[31] São Paulo: Escolas Profissionais Liceu Coração de Jesus, 1927. Reed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972, com apresentação de Francisco Iglésias. O percurso da preparação dessa obra encontra-se em DIAS, Fernando Correia. A Inconfidência Mineira em contexto de revisão. In: *Análise & conjuntura...* p. 118-119.

[32] SANTOS, Lúcio José dos. Cit. por RODRIGUES, José Honório. *Opus cit.* (*De Tiradentes...*), p. 96.

[33] Ver a respeito RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Opus cit.*, p. 90 e segs.; RODRIGUES, José Honório. Paixão e morte de Tiradentes. In: *História: corpo do tempo. Opus cit.* e CARVALHO, José Murilo de. *Opus cit.*

[34] Para a trajetória de valorização da figura de Tiradentes ver DELGADO, Alexandre Miranda. *Opus cit.*, p. 64-65. A produção de livros e artigos verifica um *boom* com a República (21 de abril torna-se data nacional) com sucessivos repiques nas grandes festas nacionais, como os centenários da Inconfidência (também comemorado em 1892) e da Independência (1922), até alcançar seu ponto máximo entre a campanha e a eleição de JK para a Presidência e a inauguração de Brasília. A contabilidade dessa produção editorial aparece em CALOU FILHO, José Ivan. Versões clássicas da Inconfidência Mineira. In: *Acervo – Revista do Arquivo Nacional.* v. 4, n. 1, jan.-jun. 1989, p154-56.

[35] ASSIS, Machado de. Crônicas em *A Semana*. 24 de abril de 1892. In: *Obra Completa.* v.3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. Cit. por DIAS, Fernando Correia. *Opus cit.*, p. 116-117. Ver também CARVALHO, José Murilo de. *Opus cit.*, p. 55-73.

[36] A bibliografia da Inconfidência Mineira conhece um guia seguro no trabalho organizado por GRAVATÁ, Hélio. Contribuição bibliográfica para a História de Minas Gerais — período colonial. Inconfidência Mineira. In: *Revista do Arquivo Público de Minas Gerais.* Ano XXIX, abril, 1978. A análise dessa bibliografia aparece em JARDIM, Márcio. *Opus cit.* (*Síntese Factual...*). Esse autor discorda que a Inconfidência esteja suficientemente estudada afirmando que "a maioria das obras é repetitiva", sendo grande o número de autores que repassam a visão difundida pela obra de Joaquim Norberto de Sousa e Silva. JARDIM, Márcio. A historiografia da inconfidência mineira. In: *Análise & Conjuntura*, p. 133.

[37] Em sua conferência no Instituto de Estudos Avançados da USP, nas comemorações dos 200 anos da prisão de Tiradentes, Kenneth Maxwell abraçava com arrebatamento pouco britânico essa opinião: "'Inconfidência Mineira', designação de que francamente não gosto, e que não uso; a palavra 'inconfidência' vem dos donos do poder e não da oposição. Vem da contra-revolução e não da revolução; e, enfim, o objeto das nossas comemorações é uma revolução frustrada, não uma repressão bem-sucedida. É bom que estejamos bem claros sobre isto." Conjuração Mineira: novos aspectos. In: *Revista do Instituto de Estudos Avançados.* v 3, n 6, maio/agosto, 1989. p. 4.

[38] "Nos documentos, as autoridades portuguesas da época falam mais em conjuração que em inconfidência. Usam também as expressões sublevação, motim, sedição, levante, fato, rebelião, ou mesmo conjuração e até conspiração mineira da inconfidência. Inconfidência ou inconfidentes são palavras que aparecem no máximo vinte vezes ao longo dos dez volumes dos *Autos*, enquanto conjuração é bem mais freqüente..." Sobre a Inconfidência: história e mitologia. In: *Revista do Brasil.* Ano 4, n. 9. Rio de Janeiro: Rio Arte/Fundação Rio/Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1989, p.6. Dessa mesma opinião partilha João Antonio de Paula, ver A inconfidência: revoluções e limites. Idem, p. 41-49.

[39] Cit. por RODRIGUES, José Honório. *Opus cit.* (*De Tiradentes...*), p. 96.

[40] Ver resenha IGLÉSIAS, Francisco. In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 40, jan 1975, p. 96. Enquanto este historiador elogiou o tratamento do material pelo autor (embora tendo feito reparos a outras partes), que "não se contenta em usar as [fontes primárias] que aparecem em livros, transcritas, mas vai ao Arquivo em busca do original (...), assinale-se o [uso] dos Autos da Devassa, citado impresso ou no original (...)", em crítica tardia, WAB ataca a obra, denuncia equívocos, começando com a acusação (diga-se que despropositada) de que "tenho para mim que o autor não leu os Autos de Devassa..." (p. 15). O tom desse artigo é condenável e até mesmo destoante da elegância de um historiador que tanto contribuiu para a historiografia mineira colonial. Em sua frase de abertura ataca: "O engodo começa pelo título — A devassa da devassa — escolhido com engenho e arte, para ludibriar os leitores...", pelo rancor e agressividade empregados desnecessariamente. A devassa da devassa de Kenneth Maxwell. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Ano 153, n. 375, abr/jun, 1992, p.15-31.

[41] MAXWELL, Kenneth. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 63. Mais adiante comenta: "O envolvimento dos membros da plutocracia colonial nos órgãos administrativos e fiscais do governo era característico das reformas de Pombal no Brasil", p. 64.

[42] Ver part. os capítulos 3 – "Divergência", p. 84-107, e 4 – "Confrontação", p. 108-140.

[43] Ver MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*, cap. 3 – "Divergência".

[44] "Enquanto a política imperial fosse tolerante, e houvesse firme controle de Lisboa, o envolvimento de poderosos grupos de interesses metropolitanos e coloniais em funções governamentais não prenunciaria, inevitável ou necessariamente, a presença de uma confrontação entre eles. Porém, após a queda de Pombal, dada a motivação econômica contraditória, a situação mudou drasticamente. A rigidez cada vez maior da política colonial elaborada em termos de um estrito neoliberalismo e coincidente com aumento do entusiasmo dos brasileiros pelo exemplo da vitoriosa rebelião colonial norte-americana reduziu em muito a possibilidade de ser evitada uma crise nas relações imperiais". MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*, p. 103.

[45] Idem, p. 122.

[46] Idem, p. 128 e segs.

[47] Idem, p. 150-151.

[48] "A conspiração dos mineiros era, basicamente, um movimento de oligarcas e no interesse da oligarquia, sendo o nome do povo invocado apenas como justificativa." MAXWELL, Kenneth, *Opus cit.* p. 156.

[49] Ver cap. 5 – " Conspiração", p. 141-167.

[50] Ver NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema colonial.* São Paulo: Hucitec, 1979. p.161 e segs. "... não foi preciso que o capitalismo industrial atingisse seus mais altos graus de

desenvolvimento e expansão para que o sistema colonial — colonialismo-escravista — entrasse em crise: bastou o primeiro arranque. Foram suficientes os primeiros passos da Revolução Industrial." Idem, p. 115. Part. A crise do colonialismo mercantilista, p.106-116. Mota, Carlos Guilherme. *A idéia de revolução no Brasil, 1789-1801*. Petrópolis: Vozes, 1979; Costa, Emília Viotti da. Introdução ao estudo da emancipação política. In: *Da Monarquia à República – momentos decisivos*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979; Dias, Maria Odila Silva. A interiorização da metrópole (1808-1853). In: Mota, Carlos Guilherme (org.) *1822 – Dimensões*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972, p. 160-186.

[51] Jancsó, István. *Contradições, tensões, conflito: a Inconfidência Baiana de 1798*. Rio de Janeiro: UFF/ Departamento de História, 1975. Tese de Livre-docência; Santos, Afonso Carlos Marques dos. *Nos rascunhos da nação...*

[52] Para a crise no plano das mentalidades cf. Mota, Carlos Guilherme. *Opus cit.* e Dias, Maria Odila Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. In: *RIGHB*. v. 278, jan.-mar., 1968, p. 105- 170.

[53] Mota, Carlos Guilherme. *Opus cit.*, fala de uma consciência nacional de base anti-colonialista...

[54] *Os sentidos do Império – questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português*. Porto: Afrontamento, 1993 . Parte 1, capítulo 2 "Política colonial e 'inconfidências'", p. 77-89.

[55] Idem, p. 80.

[56] Idem, p. 81.

[57] Idem, p. 83.

[58] Idem, p. 84 e segs.

[59] Valentim, Alexandre. *Opus cit.* p. 89.

[60] Consulta do Conselho Ultramarino a S.M. no ano de 1732, feita pelo conselheiro Antônio Rodrigues da Costa. In: *RIHGB*, Rio de Janeiro: t. VII, 1866, p. 498.

[61] Idem, p. 481.

[62] Novais, Fernando.*Opus cit.*, p. 142.

[63] Idem. p. 141.

[64] In: Novais, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras, 1992, p. 347-366; e Os ricos, os pobres e a revolta nas Minas do século XVIII (1707-1789). In: *Análise & Conjuntura*. v. 4, n. 2-3, mai.-dez., 1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, p. 31-36.

[65] Uma das melhores críticas à historiografia nativista foi desenvolvida por Silva, Rogério Forastieri da, em sua tese *Colônia e nativismo – a História como "biografia da nação"*. São Paulo: USP/ Departamento de História, 1981.

[66] Rodrigues, José Honório. *Opus cit.* (*De Tiradentes...*), p. 75. Ver também: Boschi, Caio César. Os movimentos nativistas e a emancipação política do Brasil: alguns apontamentos. In: *Actas dos 1ºs. cursos internacionais de verão de Cascais*. Cascais: Câmara municipal de Cascais, 1995, p. 315-322. O autor adverte "... torna-se difícil aceitar a perspectiva finalista com que, por vezes, é tratada a Conjuração Mineira, isto é, a versão de que esta se apresenta como escoadouro natural das sedições setecentistas que ali tiveram lugar." p. 319.

[67] Souza, Laura de Mello e. *Opus cit.* (*Os ricos...*), p. 36.

[68] Souza, Laura de Mello e. *Opus cit.* (*Tensões..*), p. 352.

[69] Idem, p. 362-363.

[70] Idem, p. 361.

[71] Idem, p. 362.

Notas à Segunda Parte

[1] Lapa, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, p. XXVII.

[2] Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v. 1, p. 318 e Lapa, Manuel Rodrigues. *Opus cit.* (prefácio).

[3] Frieiro, Eduardo. Justiça para o conde de Assumar. In: *O diabo na livraria do cônego. Como era Gonzaga e outros temas mineiros*. 2ª ed rev, aum. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981, p. 172.

[4] Cit. por Candido, Antonio. *Opus cit.*, p. 102.

[5] Para sua biografia ver Candido, Antonio. *Opus cit.*, p. 317.

[6] Candido, Antonio. *Opus cit.*, p. 88. Para Alfredo Bosi, a literatura de Cláudio era marcada pela "oscilação que sofria o escritor entre o prestígio da Arcádia e as suas montanhas mineiras". *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 71.

[7] CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p.106.
[8] FRIEIRO, Eduardo. *Opus cit.*, p. 89. Cit. por CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 105.
[9] LAPA, Manuel Rodrigues. Prefácio. In: *Tomás Antônio Gonzaga – Marília de Dírceu e mais poesias.* 3ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982, p. XII.
[10] Tomando Cláudio Manuel como paradigma, "esse precursor da hoje denominada consciência de mineiridade", Afonso Ávila lembra uma de suas passagens mais clássicas: "Destes penhascos fez a natureza / O berço em que nasci; ah quem cuidara / Que entre pedras tão duras se criara / Uma alma terna, um peito sem dureza", concluindo o ensaísta do barroco (e também poeta): "Ele a um só tempo destronava a idealidade bucólica da poesia arcádica portuguesa e assumia o sentimento novo da condição psicológica e nativista do montanhês brasileiro." Inconfidência: projeto de nação possível. In: *Análise e conjuntura.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, v. 4, nº 2 e 3, mai.-dez., 1989, p. 64.
[11] LAPA, Manuel Rodrigues. *As Cartas chilenas, um problema histórico e filológico.* Rio de Janeiro: 1960, p. 27.
[12] Idem. *Ibidem.*
[13] Idem, p. 28.
[14] Cit. por CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 102.
[15] "É a mistura típica dos nossos ilustrados, de pombalismo, nativismo e confiança nas Luzes." CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 111.
[16] Cit. por CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 112.
[17] Para interpretações recentes das *Cartas chilenas*, e de Gonzaga e sua obra, ver FURTADO, Joaci Pereira. *Uma república das letras: história e memória na recepção das Cartas chilenas (1845-1989).* São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 1994; POLITO, Ronald. *A existência das idéias e das formas: um estudo sobre a obra de Tomás Antônio Gonzaga.* Niterói: UFF, dissertação de mestrado, 1990; VILLALTA, Luís Carlos. *A torpeza diversificada dos vícios: celibato, concubinato e casamento no mundo dos letrados de Minas Gerais (1748–1801).* São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 1993.
[18] GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu...*, p. XXIX.
[19] CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 161.
[20] Idem, p. 166-7.
[21] Idem, p. 167.
[22] E conclui Antônio Cândido: "Daí não ser difícil que Critilo-Gonzaga se interessasse intelectualmente por projetos vagos de reforma e ao rigorismo estático do *Tratado de Direito Natural* sucedesse com as *Cartas* a possibilidade duma visão refundida pela experiência mineira, "Que a força da paixão assopra a chama, / A chama ativa o picante gênio". Idem. p. 168.
[23] Para os conflitos entre ambos ver LAPA, Manuel Rodrigues. *Cartas chilenas...*
[24] CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 120.
[25] Idem, p. 111.
[26] Segundo Lapa, o poeta tem conduta desairosa, desmanchando-se em "mesuras e servilismos" e delatando companheiros na conjura. *A vida e obra de Alvarenga Peixoto.* Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, p. LIII–LIV.
[27] O fragmento original dessa poesia serve, como era de se esperar, como peça incriminatória. Ver LAPA, Manuel Rodrifues. Idem, poema nº 26.
[28] Cit. por LAPA, Manuel Rodrigues. *Opus cit.* (*Vida e obra de Alvarenga Peixoto*), p. LIII.
[29] CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 318.
[30] No julgamento de Kenneth Maxwell, a morte de Cláudio decorre de seu testemunho das negociações entre João Roiz de Macedo e o visconde de Barbacena. *A devassa da devassa...*, p. 176.
[31] LAPA, Manuel Rodrigues. Prefácio. *Opus cit.* (*Tomás...*), p. XIX. Antonio Candido quanto a esse envolvimento atribui "papel vagamente marginal, se é que teve algum". *Opus cit.*, p. 120.
[32] Essas opiniões estão em LAPA, Manuel Rodrigues. *Opus cit.* (*Tomás...*), p. XIX-XX.
[33] Para sua biografia ver LAPA, Manuel Rodrigues. *As cartas chilenas...* e *Marília...*; CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 318-319. Aspectos de sua vida no desterro na ilha de Moçambique vêm sendo revisados na biografia sobre Gonzaga que Adelto Gonçalves prepara para sua dissertação de doutorado da USP.
[34] Tais são os aspectos da vida dos poetas inconfidentes que nos descortina Luís Carlos Villalta através da análise do conteúdo de suas bibliotecas. O diabo na livraria dos inconfidentes. In: *Tempo e História*, p. 367-395. Os dados da biografia de Alvarenga estão no prefácio de LAPA, Manuel Rodrigues. *Opus cit.*
[35] LAPA, Manuel Rodrigues. *Opus cit.*

[36] Idem, p. LXV.
[37] CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 91.
[38] Cit. por Villalta. *Opus cit.*, p. 383.
[39] Idem, p. 385.
[40] LAPA, Manuel Rodrigues. Prefácio. *Opus cit.* (Tomás...), p. XIII.
[41] Idem, p. XIV.
[42] Cartório Público de Ouro Preto, 1º Ofício, Códice 426, Auto 8880, 1793. Agradeço a Adelto Gonçalves a cessão desse documento.
[43] CANDIDO, Antonio. Os poetas da Inconfidência. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/IBPC, 1993, p. 136.
[44] Idem, p.133.

NOTAS À TERCEIRA PARTE

[1] MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: A Inconfidência Mineira, Brasil-Portugal, 1730-1808.* Trad. de João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 109.
[2] BOSCHI, Caio César. A Universidade de Coimbra e a formação das elites mineiras coloniais. In: *Achegas à História de Minas Gerais, século XVIII.* Porto: Universidade Portucalense, 1994, p. 11-37.
[3] Ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e pedras preciosas. In: *RIHGB.* tomo I, v. 2, São Paulo: Difel, 1977, p. 299-303. A esse respeito consultar também KANTOR, Iris. Tirania e fluidez da etiqueta nas Minas setecentistas. In: *LPH: Revista de História.* n.5, 1995. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, p. 112-121.
[4] MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*, part. cap. 2 e 3.
[5] Tratamos desse tema no prefácio da obra *A revolução da América,* obra do abade Raynal, que o Arquivo Nacional traduziu e editou. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993 (em colaboração com Oswaldo Munteal Filho).
[6] MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*, p. 100-101.
[7] MARCHANT, Alexander. Tiradentes in the conspiracy of Minas. In: *Hispanic American Historical Review.* v. XXI, n. 2, 1941, p. 239-257; MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*
[8] Idem, p. 151-152.
[9] Idem, p. 152.
[10] Ver o texto de COSTA, Emília Viotti da. Introdução ao estudo da emancipação política. In: MOTA, Carlos Guilherme (org. e intr.). *Brasil em perspectiva.* 11ª ed., São Paulo: Difel, 1980, p. 64-125.
[11] MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*, p. 142. Para uma discussão a respeito do significado de República em Minas colonial ver ANASTASIA, Carla Maria Junho. A idéia da República na Inconfidência Mineira. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/IBPC, 1993, p. 121-129
[12] Kenneth Maxwell defendeu essa posição em seu livro. p. 168 e segs. Esta versão é contestada através de uma documentada exposição por BARBOSA, Waldemar de Almeida em seu artigo A devassa da devassa, de Kenneth Maxwell. In: *RIHGB.* 153 (375) Rio de Janeiro: abr.-jun., 1992, p. 19 e segs.
[13] SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. A Inconfidência Mineira. In: *Anais do Museu Paulista.* v. XX, 1966, p. 151.
[14] MAXWELL, Kenneth. *Opus cit.*, p. 180 e segs.

FIM DE "PAINEL HISTÓRICO"

Cronologias

Cronologia:

Arcádia, Ilustração, Inconfidência

Paulo Roberto Dias Pereira

1722 Nasce José de Santa Rita Durão, em Cata-Preta, arraial de N.S. de Nazaré do Infeccionado, atual Santa Rita Durão, Minas Gerais.

1724 Criada a *Academia Brasílica dos Esquecidos*, em Salvador, Bahia, sob a proteção do vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, a qual vigora até o ano seguinte.

1729 5 de junho: nasce Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Saturnio), no Sítio de Vargem do Itacolumi, arredores de Mariana, Minas Gerais.

1736 6 de maio: fundada a *Academia dos Felizes*, por iniciativa do dr. Mateus Saraiva, a qual subsiste até 1740, no Rio de Janeiro.

1741 8 de abril: nasce José Basílio da Gama (Termindo Sipílio), em São José do Rio das Mortes, atual Tiradentes.

1742 27 de março: é batizado Inácio José de Alvarenga Peixoto (Eureste Fenício), na paróquia de São José, na Cidade do Rio de Janeiro.

1744 11 de agosto: nasce Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu), na Cidade do Porto, Portugal.

1746 Publicado o *Verdadeiro método de estudar*, de Luís Antônio Verney, em Valença e em Nápoles.

1748 Publicada a *Arte poética*, de Francisco José Freire (Cândido Lusitano), em Lisboa, na Oficina de Francisco Luiz Ameno.

1749 Nasce Manuel Inácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno), em Vila Rica, atual Ouro Preto.

1750 13 de janeiro: é assinado o Tratado de Madrid, idealizado por Alexandre de Gusmão, que corrige os limites territoriais entre Portugal e Espanha na América do Sul.

30 de julho: morre o rei d. João V, de Portugal, e sobe ao trono seu filho d. José I.

1752 Fundada a *Academia dos Seletos*, por iniciativa de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, no Rio de Janeiro, em homenagem ao general Gomes Freire de Andrada.

1757 Fundada a Arcádia Lusitana por Antônio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Esteves Negrão e Teotônio Gomes de Carvalho, e cuja divisa era *Inutilia truncat*.

1759 19 de *maio*: fundada a *Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos*, por iniciativa do desembargador José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, em Salvador, Bahia.

3 de setembro: expulsos dos domínios portugueses os padres da Companhia de Jesus, por decreto do conde de Oeiras.

1763 Transferência da capital do Estado do Brasil, de Salvador para o Rio de Janeiro.

1764 Fundada a *Colônia Ultramarina*, por diploma da Arcádia Romana, e instalada em Vila Rica em 5 de dezembro de 1768, tendo Cláudio Manuel da Costa como vice-custódio.

1768 5 de abril: criada a Real Mesa Censória, que substitui a censura civil e eclesiástica, encarregada de fiscalizar a edição e circulação de livros.

Publicadas as *Obras* de Cláudio Manuel da Costa, em Coimbra, Portugal, na oficina de Luís Seco Ferreira.

Fundada a *Sociedade Literária do Rio de Janeiro*, que perdura até 1794.

1769 Publicado o poema *O Uraguai*, de José Basílio da Gama, em Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica.

1772 Fundada a *Academia Científica do Rio de Janeiro* pelo médico José Henrique Ferreira, com o apoio do vice-rei do Brasil, marquês do Lavradio, e que perdura até 1779.

26 de setembro: iniciados os cursos na Universidade de Coimbra, sob a direção do reitor brasileiro d. Francisco de Lemos de Faria, com os seus estatutos reformulados dentro dos postulados iluministas.

1773 25 de maio: assinado o decreto que acaba com a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos nos domínios portugueses, pondo fim ao ambiente de intolerância racial e religiosa.

1776 Regressa ao Brasil Inácio José de Alvarenga Peixoto, nomeado ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, com sede em São João del-Rei.

1777 Morre o rei de Portugal d. José I, e sua filha, d. Maria I, é aclamada rainha, sendo o marquês de Pombal destituído do cargo de ministro.

1781 Publicado o poema épico de Frei José de Santa Rita Durão, *Caramuru*, em Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica.

1782 12 de dezembro: Tomás Antônio Gonzaga é empossado como ouvidor geral de Vila Rica.

1783 10 de outubro: Luís da Cunha Pacheco e Meneses toma posse como governador da capitania de Minas Gerais.

1787 21 de março: data do provável encontro de Thomas Jefferson com o estudante carioca José Joaquim da Maia e Barbalho (Vendek) na cidade de Nîmes, França.

1788 10/11 de julho: Luís da Cunha Meneses, governador da capitania de Minas Gerais, deixa o governo para o seu sucessor visconde de Barbacena.

26 de dezembro: acontece em Vila Rica, em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, a mais importante reunião dos inconfidentes em que se discutem os principais detalhes do levante.

1789 14 de março: o visconde de Barbacena, em ofício-circular dirigido às Câmaras, suspende a derrama para a cobrança dos débitos relativos aos "quintos do ouro".

15 de março: Joaquim Silvério dos Reis faz a primeira delação oral da Inconfidência Mineira ao visconde de Barbacena, em Cachoeira do Campo, Minas Gerais.

19 de abril: Joaquim Silvério dos Reis apresenta sua carta-denúncia da Conjuração ao visconde de Barbacena.

10 de maio: Tiradentes é preso no Rio de Janeiro.

20 de maio: o visconde de Barbacena comunica, em ofício, ao vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, que mandou prender o coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto.

21 de maio: em ofício ao vice-rei, o visconde Barbacena comunica haver determinado a prisão do desembargador Tomás Antônio Gonzaga.

23 de maio: Tomás Antônio Gonzaga é preso em sua casa, conduzido ao Rio de Janeiro, e em 4 de junho será encerrado na Fortaleza da ilha das Cobras.

24 de maio: Alvarenga Peixoto é preso em São João del-Rei, conduzido à Cidade do Rio de Janeiro, e em 5 de junho é encerrado na Fortaleza da ilha das Cobras.

22 de junho: prisão do cônego Luís Vieira da Silva, em Mariana.

25 de junho: o advogado Cláudio Manuel da Costa é preso em Vila Rica e encerrado na Casa dos Contos.

4 de julho: Cláudio Manuel da Costa é encontrado morto, na Casa dos Contos, em Vila Rica.

1790 9 de junho: o conde de Resende toma posse no Rio de Janeiro no cargo de vice-rei do Estado do Brasil em substituição a Luís de Vasconcelos e Sousa.

Domingos Caldas Barbosa (Lereno) funda a Academia Nova Arcádia, em Lisboa.

1792 20 de abril: sentença definitiva de condenação dos réus da Conjuração Mineira. As penas foram comutadas em degredo, exceto a do alferes Joaquim José da Silva Xavier, condenado à morte na forca.

21 de abril: execução de Tiradentes no Campo de São Domingos, no Rio de Janeiro.

23 de maio: Inácio José de Alvarenga Peixoto parte para o degredo em Angola, onde morre de malária, no presídio de Ambaca, em agosto do mesmo ano.

25 de maio: Tomás Antônio Gonzaga parte para Moçambique, onde chega a 30 de julho para cumprir o degredo de dez anos a que fora condenado por suposta participação na Inconfidência Mineira.

Publicada em Lisboa, pela Tipografia Nunesiana, a primeira edição da primeira parte das liras da *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

1794 Preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, por ordem do conde de Resende, acusado de conspirar contra o governo e a religião, passando dois anos e meio na cadeia e posto em liberdade por ato de clemência de d. Maria I.

1795 31 de julho: José Basílio da Gama morre em Lisboa, já eleito para a Academia Real.

1799 Circula a primeira edição de *Glaura*, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, impressa em Lisboa, na Tipografia Nunesiana.

Publicada a primeira edição da segunda parte das liras da *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, em Lisboa, pela Tipografia Nunesiana.

1800 Publicada a primeira edição da terceira parte falsa da *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, em Lisboa, pela oficina de Joaquim Tomás de Aquino Bulhões.

1810 Morre Tomás Antônio Gonzaga em Moçambique.

1812 Publicada a primeira edição da terceira parte autêntica das liras da *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, em Lisboa, pela Impressão Régia.

1814 1 de novembro: morre, no Rio de Janeiro, Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

1839 Publicada a primeira edição do poema *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, em Ouro Preto, pela Tipografia do Universal.

1845 Publicada a primeira edição parcial das *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, no Rio de Janeiro, pela *Revista Minerva Brasiliense*.

1863 Publicada a primeira edição completa das *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, no Rio de Janeiro, por Eduardo & Henrique Laemmert.

1865 Publicadas as *Obras Poéticas* de Ignácio José de Alvarenga Peixoto, sob a supervisão de Joaquim Norberto de Souza Silva, no Rio de Janeiro, pela Livraria de Garnier.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

1729 Nascimento, em Mariana, Minas Gerais. Pai, João Gonçalves da Costa e mãe, Teresa Ribeiro de Alvarenga. Avós paternos lavradores portugueses, avós maternos paulistanos, residentes em Minas Gerais.

1740/45 Provável partida para o Rio de Janeiro. Entrada no Colégio dos Jesuítas. Estudos em Vila Rica e no Rio de Janeiro.

1749 Ida para Coimbra, estudos de direito.

1751 Publicação, em Coimbra, do *Munúsculo métrico*, consagrado a d. Francisco da Anunciação, sendo pela segunda vez confirmado na dignidade de Reitor da Universidade de Coimbra. Intenção, posteriormente abandonada, de ingressar na carreira eclesiástica.

1753 Publicação, em Coimbra do *Epicédio*, consagrado à memória de frei Gaspar da Encarnação, Reformador dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra; e as obras *Labirinto de amor* e *Números harmônicos*. Graduação em cânones.

1754 Regresso ao Brasil, residência em Vila Rica. Banca de advocacia.

1758 Levantamento da *Carta topográfica* de Vila Rica, que lhe vale um prêmio da Câmara da mesma vila.

1762 Nomeação, pelo conde de Barbacena, como secretário do Governo da Capitania, tendo servido nas administrações do conde de Cunha e Lobo da Silva. No cargo até 1765.

1768 Publicação, em Coimbra, das *Obras*.

1769 Nova nomeação para secretário de Governo, administração conde de Valadares. No cargo até 1773, ano em que conclui o poema *Vila Rica*.

1775/80 Elaboração de várias das *Poesias inéditas*, oferecidas aos governadores ou sobre acontecimentos do período.

1789 Prisão, em Vila Rica, por envolvimento na Inconfidência. Encontrado morto na cela da Casa dos Contos, naquela cidade, em 4 de julho.

1792 Condenação, com memória infamada.

1813 Publicação, no *Patriota*, periódico do Rio de Janeiro, do "Fundamento histórico" que acompanha as edições do poema *Vila Rica*.

1839 Publicação, em Ouro Preto, pela Tipografia de *O Universal*, do poema *Vila Rica*.

1897 Publicação da 2a. edição do *Vila Rica*.

1903 Publicação, por João Ribeiro, das *Obras poéticas de Cláudio Manuel da Costa*, sem a inclusão, porém, do *Munúsculo métrico*, do *Labirinto do amor*, dos *Números harmônicos* e do *Culto métrico*.

1906 Publicação dos *Poemas*.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

1744 11 de agosto: nascimento, na cidade do Porto, na rua dos Cobertos. Pai: João Bernardo Gonzaga, nascido no Rio de Janeiro, magistrado; mãe: d. Tomásia Isabel Clarque Gonzaga, natural do Porto.

1745 Morte da mãe, aos 37 anos. Tias e tios maternos assumem-lhe a educação.

1752 Vinda para o Brasil com o pai, designado, em 1750, ouvidor geral da Capitania de Pernambuco. Ida para o Colégio dos Jesuítas, na Bahia.

1759 Ida do pai para a Bahia, nomeado intendente geral do ouro. Término oficial dos estudos com os Jesuítas no mês de dezembro, por força da expulsão dos membros da ordem, por decreto do marquês de Pombal.

1761 Viagem para Portugal, para ingressar na Universidade de Coimbra.

1762 Convivência, na Universidade de Coimbra, com José Inácio de Alvarenga Peixoto.

1764 Volta do pai a Portugal, como desembargador da Relação do Porto.

1768 Bacharel pela Universidade de Coimbra. Elaboração nos anos seguintes, do *Tratado de Direito Natural*, dedicado ao marquês de Pombal, tese com que pretende participar de concurso para professor de direito na mesma Universidade.

1777 Lançamento do poema laudatório em honra de d. Maria I, que assume o trono nesse ano, no mês de fevereiro: "Congratulação com o povo português na feliz aclamação da muito alta e muito poderosa soberana d. Maria I, nossa soberana". Abandono das pretensões ao magistério superior, trocado pela magistratura.

1779 Juiz-de-fora em Beja, até 1781.

1782 Vinda para Vila Rica, então sede da Capitania de Minas Gerais, nomeado ouvidor geral desde 27 de fevereiro. Bom convívio com

d. Rodrigo José de Meneses, governador das Minas Gerais; amizade com Cláudio Manuel da Costa.

1783 Elaboração da *Carta sobre a usura*, dirigida ao amigo, o intendente Pires Bandeira. Ano da posse, como governador das Minas Gerais, em substituição a d. Rodrigo José Meneses, de Luís da Cunha Meneses, com quem terá sérios desentendimentos.

1786 Nomeação como desembargador da Relação da Bahia; permanece, porém, em Vila Rica.

1787 Circulação das primeiras *Cartas chilenas*, sátira, em poemas anônimos, da figura e de atos do governador Luís da Cunha Meneses. Noivado com Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, filha do capitão Baltasar João Manrique e sobrinha do dr. Bernardo da Silva Ferrão, em cuja casa a jovem mora.

1788 Pedido de licença à rainha para casar com Maria Dorotéia de Seixas Brandão. Padrinho de batismo de João Damasceno, filho de Alvarenga Peixoto.

1789 Fixação, pelos noivos, da data do casamento para final de maio. Acusação de conspiração. Prisão em 21 do citado mês. Cárcere na ilha das Cobras, no Rio de Janeiro.

1791 Transferência para o encerro da Ordem Terceira de Santo Antônio, ainda à espera de julgamento.

1792 Julgamento e condenação a dez anos de degredo em Moçambique, África. Viagem a 23 de maio. Publicação, em Lisboa, pela Tipografia Nunesiana, do que virá a constituir a primeira parte de *Marília de Dirceu*, com 33 liras.

1793 Casamento, em Moçambique, com Juliana Mascarenhas, pessoa de muitas posses e poucas letras. Riqueza e prestígio local. Mais tarde, nascimento da filha do casal, Ana Mascarenhas Gonzaga.

1799 Publicação em Lisboa, pela Oficina Nunesiana, da segunda edição de *Marília de Dirceu*, com acréscimo da segunda parte, num total de 65 liras.

1800 Publicação, em Lisboa, pela Oficina de Joaquim Tomás de Aquino Bulhões, da terceira parte, falsa, de *Marília de Dirceu*.

1802 Reedição, em Lisboa, pela Oficina Nunesiana, de *Marília de Dirceu*, sem a terceira parte, e com a segunda acrescida de cinco composições inéditas. Redação por Gonzaga do poema "A Conceição", alusivo ao naufrágio da nau portuguesa Marialva, ocorrido em setembro desse ano, ao sul de Moçambique.

1803 Edição de *Marília de Dirceu*, pela Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, em Lisboa.

1804 Edição de *Marília de Dirceu*, pela Tipografia Lacerdina, em Lisboa.

1806 Nomeação como procurador da Coroa e Fazenda.

1809 Nomeação para o cargo de juiz da alfândega. Acometido de séria enfermidade.

1810 Falecimento. Não se encontrou o registro do óbito; dúvidas sobre a data: fevereiro desse ano ou dezembro do ano anterior. Publicação, "com licença de Sua Alteza Real", da primeira edição brasileira de *Marília de Dirceu*, incluída a terceira e falsa parte.

1811 Publicação, em Lisboa, pela Tipografia Lacerdina, de *Marília de Dirceu*, com acréscimos de poemas e estrofes, mas sem a terceira parte, de 1800, considerada apócrifa.

1812 Publicação, pela Imprensa Régia de Lisboa, da terceira parte, considerada autêntica, de *Marília de Dirceu*, na maioria constituída de versos da juventude.

1930 Registro, por Osvaldo Melo Braga de Oliveira, em *As edições de Marília de Dirceu*, Rio de Janeiro, Sousa, 1930, de 47 edições da obra em português e nove em outros idiomas.

1937 Edição, pela Livraria Sá da Costa, em Lisboa, de *Marília de Dirceu e mais poesias*, com prefácio de M. Rodrigues Lapa.

1942 Publicação, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, das *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*, com as *Liras*, as *Cartas chilenas* e o *Tratado de Direito Natural*.

1944 Publicação, pela Martins, São Paulo, de *Marília de Dirceu*, com prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco.

1957 Publicação, no Brasil, pelo Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Cultura, com novas informações biográficas, de outra edição crítica de M. Rodrigues Lapa, em dois volumes: o primeiro com *Poesias* e *Cartas chilenas*, o segundo com o *Tratado de Direito Natural*, a *Carta sobre a usura*, *Minutas*, *Correspondência* e *Documentos*.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

1744 Nascimento no Rio de Janeiro, filho de Simão de Alvarenga, que lhe deixa grande fortuna, ainda que comprometida em demanda judicial com seu tutor, Manuel da Silva Braga, sócio e testamenteiro do pai.

1760 Ida para a Universidade de Coimbra, após primeiros estudos em Braga ou no Rio de Janeiro. Curso interrompido de 1761 a 1763, com provável vinda para Minas Gerais.

1761 Partida para o Brasil, em fins de novembro, na companhia de Feliciano Gomes Neves, tio de Tomás Antônio Gonzaga.

1763 Retorno aos estudos, a partir de outubro.

1767 Grau de Doutor em Leis.

1769 Publicação do soneto "Entro pelo Uraguai: vejo a cultura", estampado com louvor na edição do poema *Uruguai*, de Basílio da Gama. Assina com o acréscimo de "Peixoto" ao sobrenome. Nomeação como juiz-de-fora em Sintra, função exercida de janeiro desse ano a dezembro de 1772.

1775 Nomeação, em março, como ouvidor do Rio das Mortes, lugar que escolheu por seus interesses no sul de Minas. Viagem para o Rio de Janeiro no mês de novembro. Publicação, em 6 de junho, do soneto "América sujeita, América vencida".

1776 Ida para Vila Rica. Envolvimento com Bárbara Heliodora, filha do dr. José da Silveira e Sousa, amigo do poeta.

1779 Nascimento de Maria Efigênia, filha ilegítima com Bárbara Heliodora.

1781 Casamento, em dezembro, com Bárbara Heliodora, celebrado pelo padre Carlos Correia de Toledo, vigário de São José.

1782 Composição do "Canto genetlíaco", poema em oitava rima dedicado ao filho do governador Rodrigo José de Meneses.

1785 Nomeação, pelo governador Luís da Cunha Meneses, como coronel do Primeiro Regimento de cavalaria da Companha do Rio Verde. Publicação no VII da *Miscelânia curiosa e proveitosa*, sem nome do autor, da lira "O retrato" (de Marília e não de Anarda).

1788 Nascimento do filho João Damasceno, batizado em 8 de outubro, na Vila de São José, pelo padre Carlos Correia de Toledo, tendo como padrinho o amigo Tomás Antônio Gonzaga. Esta é a origem da senha dos inconfidentes: "Tal dia é o batizado". Na festa após a cerimônia, emergem comentários sobre a anunciada "derrama", cobrança de impostos atrasados. Alvarenga Peixoto, alcoolizado, ergue o copo e saúda sua mulher: "Bebo à saúde da sra. d. Bárbara, que ainda há de ser rainha!"

1789 Hóspede, em janeiro, em Vila Rica, de Tomás Antônio Gonzaga. Prisão, por envolvimento com a Conjuração, juntamente com o padre Carlos Correia de Toledo e o sargento-mor Luiz Vaz de Toledo Pisa. Cárcere, na ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, onde chega em péssimo estado de saúde.

1792 Condenação e desterro na África. Viagem a 5 de maio, para o presídio de Ambaca, em Angola. Falecimento, de doença tropical, em 27 de agosto.

1794 Publicação do "Canto genetlíaco".

1865 Publicação, por Joaquim Norberto de Sousa e Silva, da *Obras poéticas de Alvarenga Peixoto*, com abundante material crítico, biográfico e bibliográfico, ed. Garnier.

1957 Publicação, por Domingos Carvalho da Silva, das *Obras poéticas*, em São Paulo, pelo Clube de Poesia.

1960 Publicação de *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*, por M. Rodrigues Lapa, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.

FIM DE "CRONOLOGIAS"

A Poesia dos Inconfidentes

Cláudio Manuel da Costa

Texto apoiado na edição crítica organizada por Melânia Silva de Aguiar, com estabelecimento do texto, notas e comentários críticos.*

---

* Colaboraram no projeto desta edição a professora Eliana Scotti Muzzi (UFMG) e ainda: Andréa Sirihal Werkema, Ângela Maria Salgueiro Marques, Conceição Aparecida Pereira, Nilza Paganini, Maria Paula Bruschi Montenegro, Rita de Cássia Niffinegger e Silva, Sandra Maria da Luz, Telma Borges da Silva, Viviane Cunha e Júnio Bispo dos Santos (bolsistas CNPq).
O projeto original do texto em que se apóia esta edição só teve sua realização possível graças ao apoio do CNPq, da CAPES, da FAPEMIG e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, ao Centro de Estudos Literários e ao Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFMG. (M.S.A.)

Cláudio Manuel da Costa

João Ribeiro

Carta ao Sr. José Veríssimo sobre a Vida e as Obras do poeta

Meu prezado mestre e colega!

A falta de uma edição tão completa quanto fosse aqui possível organizar das obras poéticas de Cláudio Manuel da Costa inspirou-me a idéia de tentá-la, e ousei a fazê-lo, é certo, porque a V. e poucos outros que exercem entre nós o honesto e ingrato dever da crítica é que cabiam a atribuição e autoridade de empreendê-la. Muito tempo escoará ainda até que se façam dos nossos autores as edições perfeitas e definitivas com a revisão completa dos textos, as concordâncias, as variantes, e as interpolações: será isso a tarefa de outra idade, quando já desatento dos nossos cuidados possa um homem consagrar toda a vida ao estudo de outra vida.

Hoje a necessidade de fazer tudo pelo dever de não esquecer coisa alguma produz esses inventários apressados nos quais outra mais severa justiça descobrirá vícios e corrupções, e o bisonho crítico perderá a sem-razão ou o direito só porque disse como o ignaro romano *arbos* em vez de *vites*. Não ignoro, pois, os rigores do processo e também é um pouco para me forrar às penas dele que me acolho à experiência e à simpatia do mestre.

Na nossa Academia de Letras a memória de Cláudio Manuel da Costa foi honrada e lembrada por um dos nossos colegas, e um dos maiores poetas da geração presente, o sr. Alberto de Oliveira. Sem embargo dessa escolha, que foi excelente, e de outras glorificações que o poeta tem merecido, pode-se dizer que o povo quase perdera de vista o seu vulto e as feições que o faziam certo e consigo mesmo parecido.

Nele sempre estiveram prontos a lembrar o patriota e a esquecer o poeta. O seu livro principal é raro quase como um incunábulo, e exceção feita dos curiosos e bibliômanos, só é conhecido e mal pelo que está nas antologias e coletâneas. E é curioso verificar, só o patriotismo ou o sentimento local é que explica as duas edições da única das suas obras, assinaladamente inferior a todas as outras.

Esta modesta edição não tem mais que o intuito, todavia já de si meritório, de vulgarizar as obras do poeta que Garrett, de tão grande fé na matéria, considerava o rival de Metastásio.

Ao coligir e ao recolher os materiais esparsos que formam as obras do poeta, impôs-se a necessidade de estudar-lhe a vida, e logo notei quão pouco se sabe dela. Em passos essenciais falham os documentos, ou a autoridade dos historiógrafos. Toda a sua biografia foi intencionalmente eivada de invenções e de fábulas que felizmente já se dissiparam, conhecida a ausência de escrúpulos dos seus inventores. De algumas das suas produções e pequenos opúsculos publicados em Coimbra apenas resta a notícia bibliográfica, até que o acaso ou a diligência de pesquisadores mais felizes os tragam à publicidade. Vários períodos da vida do poeta são intensamente obscuros: o da sua infância e adolescência no Colégio dos Jesuítas e, máxime, o último decênio de sua vida que parece de absoluta inatividade.

Com tantas falhas e tão minguada bagagem estime V. em quanto trabalho se há de contar a minha tarefa. O estudo do meio em que se agitou a personalidade do poeta e a meditada leitura dos seus versos deram-me essa impressão que transmito tão sinceramente quanto senti.

Não esqueci, dentre os meus deveres interinários de crítico e escoliasta, o de discutir todos os pontos duvidosos e de negar fé a quanta asserção (ainda de boa-fé) não me parecesse bem estabelecida e fundada. Nos admiradores do poeta há sempre mais pendor para os vaticínios do que para as realidades. Mas cuido que pude amá-lo sem trair a conveniência de ser verdadeiro.

Quando uma vez escreveu V. do poeta que era um *virtuose*, esta só palavra deu-me o resumo e a expressão cristalina que debalde eu procurava para apurar-lhe o valor. Havia eu chegado ao mesmo resultado mas difusamente sem tocar a definição verdadeira.

II

Cláudio Manuel da Costa nasceu nas cercanias da vila do Ribeirão do Carmo, hoje e desde 1745 cidade episcopal de Mariana.

Nasceu em 1729 como o provam as suas próprias palavras sessenta anos depois no *Auto de perguntas* que lhe foram feitas no processo da conspiração e prova-o de qualquer modo o registro de batismos do lugar, pois foi ao certo batizado no dia de são Pedro 29 de junho daquele ano.

O seu dia natalício, porém, não é estremadamente sabido. É verdade que seus biógrafos, neste ponto todos ajustam em dar o dia 6 de junho como o do nascimento do poeta, movidos uns, ao que penso, pelo prestígio dos outros ou pela carência de provas. A certidão de batismo, que a

possuímos, nada esclarece a respeito e é provável que aquela data seja de pura fantasia.[1]

Não é esta, porém, a única dúvida que lhe cerca o berço. Não se pode com extrema precisão determinar o lugar em que nasceu, dentro de rigorosos limites; porque, palavras aqui ou ali apanhadas, entre os seus versos, parecem indicar lugares contraditórios, mas é talvez a insuficiência dos críticos e a irreflexão dos comentadores a causa precípua dessas obscuridades e hesitações. Por aquele tempo nas terras da mineração não havia propriamente cidades,[2] eram sítios, acampamentos ou arraiais como então e ainda hoje se dizem, e o Ribeirão do Carmo, terra de mineração, compunha-se de vários núcleos semelhantes. Num desses sítios a *Várgea de Itacolomi*, não longe do arraial que havia de senhorear os outros, nasceu o poeta; mas a freguesia era a mesma e devia ser a de N.S. do Carmo "por ser a mais capaz", diz um documento do tempo quando se tratou de escolher o local da vila.[3]

Agora examinemos os gérmens de vacilação dos críticos.

O próprio poeta diz-nos nos últimos versos do seu poema de *Vila Rica*:

> Enfim serás cantada, Vila Rica,
> Teu nome impresso nas memórias fica,
> Terás a glória de ter dado o berço
> A quem te faz girar pelo Universo.

Na verdade, este passo nada tem de obscuro; mas não se há de deferi-lo como decisório. Podia o poeta querer significar que foi o sentimento de amor da pátria que lhe ditou um assunto local, da capitania ou mesmo do país onde havia nascido. Por isso mesmo, na dedicatória do poema ao segundo conde de Bobadela exprime-se em termos mais exatos:

> Depois de haver escrito o meu poema da fundação de *Vila Rica, Capital das Minas Gerais, minha pátria...*

E aqui já a clareza do epílogo do poema começa a anuviar. Quando o poeta apostrofa a *Vila Rica*, não tem em mente apenas a cidade, mas a pátria e com ela o seu poema; nessa passagem é apenas o imitador de Basílio que também diz:

> Serás lido, *Uraguai!*

Em qualquer caso para o homem que vivia no funcionalismo, na advocacia e no foro, ao seu espírito apresentava-se, pela natureza das questões de ofício que muitas vezes devia tratar, a unidade estreita de Mariana e Vila Rica aquela localidade subordinada e até designada por esta em coisas de justiça, pois eram a mesma comarca no tempo em

que só havia três em todo o território das Minas. Mariana é termo de Vila Rica, e pois Vila Rica podia acaso ser chamado o berço do poeta, tanto melhor quanto o poeta não nascera propriamente no local da cidade, mas em terras dela.

Essas conjecturas coincidem com a verdade quando delas arrazoamos todas as demais provas que o próprio poeta nos fornece. No *Auto de perguntas* da Conspiração de 89, o poeta diz ser "natural da cidade de Mariana", no registro de batismos, aí é apresentado à pia; e são inúmeros os passos das suas obras onde a afirmação se faz de modo positivo, claro e às vezes minuciosamente. Eis alguns desses trechos:

No prólogo das suas *Obras* (edição *princeps* e única) diz o poeta:

> Esta (paixão) me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a *Fábula do Ribeirão do Carmo*, rio o mais rico desta capitania que corre e dava o nome *à cidade de Mariana, minha pátria quando era vila.*

Estão na "Écloga III" os versos:

> As lusitanas glórias
> Levará a meu canto
> Se o *pátrio Ribeirão* me inspira tanto.

Ainda na "Écloga XIV" Alcino (que é o poeta) fala do

> Turvo e feio um ribeiro...

e no "Ribeirão do Carmo":

> Vizinho ao berço caro
> Aonde a pátria tive.

Entre as suas poesias inéditas que, prestando inestimável serviço às letras pátrias, publicou o douto sr. Ramiz Galvão, as alusões ao berço natal são também freqüentes.

Na "Écloga, saudade de Portugal e alegria de Minas", deparam-se referências preciosas, e numa de suas "Odes" que começa "Florescentes oiteiros" há estes trechos:

> Formosas habitantes
> Do pátrio ribeirão...
> ....
> Venturosa Mariana
> ....
> Gênios do pátrio rio.

E assim muitos outros que omito por já ser demais o alegado. Ainda concorre para robustecê-lo, o requerimento de Cláudio para habilitar-se à carreira sacerdotal o que não levou avante,[4] renúncia feliz que o não arran-

cou ao seio culto da Europa onde em mais polido e menos desconsolado meio estava a apurar, esmerando-as, as suas grandes aptidões naturais.

Foi entre os aspectos selvagens e quase bravios da natureza que se lhe formaram as primeiras impressões da meninice em alma que havia de sempre ser frágil, mimosa e delicada. Ali, a terra é toda de ferro, mineral e dura, as águas não têm nível, nada refletem, e o céu não tem profundeza tanto as névoas o toldam e apagam:

> Destes penhascos fez a natureza
> O berço em que nasci. Oh quem cuidara
> Que entre penhas tão duras se criara
> Uma alma terna, um peito sem dureza.

Cláudio Manuel não é ainda o filho próprio do seu habitat, é o primeiro fruto, ácido e mirrado, da árvore humana transplantada. Efetivamente os seus avós paternos são portugueses e os avós maternos são imigrantes paulistas,[5] pertence pois à primeira geração dos mineiros, isto é, àquela que nascendo entre as suas bravias montanhas, no momento pelásgico da conquista e da paz, representava a concórdia entre os *forasteiros* e os *bandeirantes*, concórdia obtida a custo de monstruosos e sanguinolentos sacrifícios.

Inda perduravam na memória e deviam embalar a infância de Cláudio as histórias terríveis dos primeiros que chegaram à terra, e os tremendos episódios da guerra dos *emboabas*, consumados a vinte anos apenas de distância do natal do poeta. Contaram-lhe sem dúvida, para atemorizá-lo e aumentados da tradição, os horrores da iníqua catástrofe. É a mesma tradição que sabe tecer as lendas quem imagina as histórias terríveis.

Não acredita V. no influxo que teriam sobre a formação do poeta as gestas dos conquistadores?

Nesse tempo, os levantes eram freqüentes para saciar ambições ou para vingar iniqüidades antigas que injustiças novas ainda agravavam, porque afinal o ouro servia o prêmio do mais forte.

"O ouro", dizia elegantemente Rocha Pita, "tornou-se o ímã das gentes do Brasil."

Das preocupações de vil lucro e da "grossaria dos habitantes" nunca se consolará o poeta.

A natureza não é bastante risonha para desmaiar-lhe o espetáculo humano. "Não são estas", dirá ao chegar mais tarde,[6]

> as venturosas praias da Arcádia, onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente desses ribeiros, primeiro que arrebate as idéias de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra que lhes tem pervertido as cores.

Mas ainda que "entorpecendo o engenho dentro do seu berço", aqui é que se revigoram as impressões indeléveis dos primeiros anos; o amor da pátria prevalecerá quando a vir humilhada e por ela enfim dará em holocausto a vida.

A própria terra gretada, lastimada e corrompida pelo alvião da ganância, geme

> Não se escuta a harmonia
> Da temperada avena
> Nas margens minhas que a fatal porfia
> Da humana sede ordena
> Se atenda apenas o ruído horrendo
> Do tosco ferro que me vai rompendo.

Mandado pelos pais para o Rio, iniciou aí na adolescência o seu curso de Letras. Entrou para o Colégio dos Jesuítas, onde freqüentou as aulas de filosofia, retórica, teologia e a matemática e o estudo das letras latinas e gregas, formando o espírito na verdadeira educação clássica. Eram então esses estudos acuradamente feitos, como o provam no tempo ao menos os excelentes discípulos que de lá saíram para cursar a Universidade;[7] ainda era, em verdade, própria da época essa diligência de que quase não existe mais a tradição, hoje que em nossos atrapalhados institutos sob nomes pomposos e estéreis apenas há um vestígio de humanidades sem humanismo nem liberalismo de cultura. Aí conquistou Cláudio Manuel da Costa a láurea de *mestre em artes.*

Não sabemos quando chegou ao Rio de Janeiro, mas deveria ser aos quatorze ou quinze anos de idade,[8] senão talvez um pouco antes. Em qualquer caso, o momento decisivo que é o da sua consciência de homem e o do sentimento das primeiras responsabilidades sob este céu foi que se revelou em sua alma.

Deve-se considerar este período da adolescência, vivido no Rio, como o da formação primeira do espírito, o que logo devia denunciar o caráter, o gênio e a originalidade. Na verdade, dos quatorze aos vinte anos todas as compleições algo se definem e fixam os traços da fisionomia futura. E essas revelações principalmente se determinam nas almas tenras e melancólicas, nas quais a sensibilidade e a emoção por mais intensas são difíceis de conter.

Era bem natural, pois, que sob esse esplêndido céu da Guanabara subissem os estos da primeira inspiração. Recato ou modéstia, conteve-os o poeta ocultos ou velados pela confidência de seus amigos. Não temos, é certo, versos que possam ser fixados na época dos seus estudos de humanidades; todavia pode-se dizer de Cláudio, como de todos, que nenhum poeta começa a versejar depois dos vinte anos; para não poucos já essa idade inicia o limite extremo da inspiração emotiva e começa a habilida-

de técnica do versejador; falo dos que não são verdadeiramente poetas e à custa de pura eloqüência e de imaginação sonegam a esterilidade da alma. No próprio Cláudio Manuel da Costa o período de inspiração não vai além dos seus quarenta anos de idade,[9] mas não nos apressemos por enquanto em julgá-lo na madureza da vida.

III

Partiu Cláudio Manuel da Costa para Coimbra, onde devia concluir os seus estudos.

Não há documento da sua partida, mas devia ter sido em 1749, quando aos vinte anos de idade; porque não só essa dilação é necessária tendo alcançado, como o fez aqui, a láurea de mestre em artes, mas ainda tendo-se graduado em cânones em 1753 e havendo deixado a pátria por espaço de *cinco anos*,[10] só assim se conciliam, sem repugnância, os fatos.

Mas ainda aqui as dúvidas são numerosas. A data de 1753 como a da sua graduação é dada sob a fé de um bibliógrafo, o cônego Januário Barbosa. Temos contudo pelo menos um documento que indica que em 1751 já vivia em Coimbra o nosso poeta: é a impressão do seu *Munúsculo métrico* nas oficinas de Luís Secco Ferreira e dedicado ao Il. e Rev. senhor d. Francisco da Anunciação, confirmado segunda vez na dignidade de *reitor da universidade* (1751). Evidentemente se ainda não houvesse saído do Brasil não se explicaria a dedicatória a este personagem pouco notório, a quem de cá não saberia conhecer nem admirar.[11]

A dificuldade poderia ser, até aqui, explicada se não chegássemos depois ao conhecimento de outros fatos de importância capital. Um documento novo da vida do poeta, publicado pelo dr. Ramiz Galvão,[12] o processo de *genere* ou de *puritate sanguinis*, vem complicar todas as deduções estabelecidas.

Segundo o texto dessa inquirição, Cláudio Manuel da Costa, o requerente, é já órfão de pai e quer seguir a vida eclesiástica, tanto para servir a Deus como "para amparo de uma mãe viúva e de suas irmãs". O requerimento não tem data, mas o despacho do bispado de Mariana é de 12 de maio de 1751. Sabe-se pela publicação do *Munúsculo* que a esse tempo, 1751, Cláudio Manuel vivia em Coimbra e já cursava a universidade. Neste caso, que é iniludível, é necessário admitir que mandou de lá o requerimento para ser encaminhado por seus parentes e amigos (e isso explica talvez a omissão da data) e que a sua intenção fora de passar-se à faculdade de teologia, ele que "já tem exercido os estudos com desvelo e aproveitamento". Acariciava o filho da cidade episcopal a ambição e a idéia de formado em cânones, ordenar-se teólogo; requeria em 1751 porque a delonga entre o requerer e o despachar

nos negócios ultramarinos deve durar dois anos, e no caso, pois, o despacho chegaria ao tempo em que teria concluído (1753) o curso de direito canônico.

Veio, porém, o despacho muito tarde e já o poeta não estava mais em Coimbra; é advogado em Minas e provavelmente lhe careceria vocação sacerdotal.

Ouso ainda dizer que essa vocação nunca existiu e que a tristeza e a melancolia que lhe eram um "estado d'alma" habitual, e talvez a vontade de sua mãe viúva, poderiam induzi-lo a essa resolução, dado o momento propício. E esse momento efetivamente se deu quando pelos fins de dezembro de 1750 se fundou em Mariana o Seminário; era natural que a mãe agora viúva e desamparada quisesse ao pé de si o filho que andava em terra distante podendo ora na pátria concluir os seus estudos na carreira eclesiástica. É plausível admiti-lo porque o despacho do bispado é de maio de 1751, quando apenas se iniciavam os trabalhos do novo Seminário para onde deviam acorrer os mais distintos dos filhos da diocese.

Seja como for e para não dar vulto a simples conjectura ainda que não destituída de fundamento, convém não insistir demasiado no assunto.

Em Coimbra viveu o poeta cinco anos, nas delícias de sociedade diferente da colonial, mais polida e cheia de outros ideais que não o das riquezas efêmeras ou súbitas. As saudades do Mondego, tantas vezes denunciadas e tão grandemente sentidas, habilitam-nos a julgá-lo. Não só Coimbra foi o melhor de sua vida, mas foi sua vida mesma. Não somente foi lá que poliu o seu estro na convivência das novas e múltiplas academias que surgiam inúmeras por toda a parte; mas também a verdade é que chegando aqui perdeu como que o equilíbrio da própria personalidade e a sua readaptação ao clima americano pareceu difícil e quase impossível. Aqui é preciso renunciar aos seus hábitos; o vocabulário poético secularmente enobrecido desde Virgílio, os tesouros do mito, os campos da Arcádia não se ajeitam à natureza do Brasil; não pode ao seu parecer, sem ridículo, imaginar as ninfas no "feio e turvo Ribeirão do Carmo" e nem ao menos lhe é possível aqui "a sombra de uma faia". Está como o soldado que de repente perdera as munições.

Em Coimbra, o ócio era grande; todas as vagabundagens, inclusive as do espírito, haviam então chegado ao seu esto. A indisciplina, a desmoralização dos cursos universitários em extrema decadência, preparavam pela indignação a férrea reforma que será realizada mais tarde.

A sociedade beata, ignorante, epicurista e dissipada de d. João V encaminhava-se pela dissolução para receber o freio das severidades de Pombal.

A Universidade de Coimbra atravessava crise quase de morte. Ensino, já não o havia. Os alunos por anos inteiros não iam às aulas, e medidas governamentais procuravam inutilmente chamá-los ao dever.[13]

As pateadas ou *investidas aos novatos* tinham-se de tal modo tornado terríveis, que por vezes tocaram ao assassinato; neste particular, em documento público, um dos mestres não hesitara pedir em equipolência de defesa, contra os estudantes, "castigo rigoroso, ainda mesmo de morte"; tal eram o escândalo e o terror.

Os estudos eram mal organizados, nem sequer organizados. Aos alunos distribuíam-se algumas teses, de longo tempo as mesmas, poucas e fúteis e insignificantes, entre as quais figuravam tradicionalmente as *De clerico venatore* e a *De voto*. Durante largo período, anterior à reforma de Pombal, muitas cadeiras estavam e permaneciam vagas; outras, nas mãos de mestres sem saber, que viviam sob o protetorado de ociosos alunos.

O método adotado no ensino era o chamado *analítico* e que consistia em receber por apostilas a exposição de alguns títulos do corpo do direito civil ou canônico. Como não estudavam princípios gerais, nem as instituições, nem a legislação do país, nem gênero algum de matérias subsidiárias que desconheciam por completo, dali saíam os escolares para a prática da jurisprudência, onde abandonando a interpretação das leis, coagidos pela tradição de ignorância, guiavam-se apenas pelos casos julgados, houvesse ou não identidade da espécie.[14]

Sem fazer injustiça ao poeta, aos nobres estímulos e à diligência já provada em outros estudos, pode-se talvez imaginar que esse descrédito da Universidade facilitava a expansão de outras excelências. Sob essa atmosfera de infindos lazeres, de indolência e de vida contemplativa medravam as sociedades literárias e o culto da poesia com desacostumado vigor.

Aí conheceu o poeta todos os segredos técnicos da sua arte. Os seus mestres e modelos são os dos árcades: Virgílio, Ovídio, Teócrito e Moscho, Quevedo, Metastásio, e Petrarca que continua ainda como na época camoniana a ser o mestre do soneto. As Arcádias quais no-las descrevem os seus historiadores e melhor o testemunham as produções do tempo, sob a aparência de templos ideais e de divindades quase invisíveis, eram todavia inflexíveis com os seus pastores, não lhes favoreciam o estro nem a originalidade e antes os traziam jungidos aos cânones de sua estética alexandrina e erudita. À largueza e simplicidade de inspiração dos tempos clássicos sucediam a feitura acadêmica, correta mas fria, o espírito estreito da técnica do verso e pouco mais que a técnica. Essa correção e medida foram decerto uma reação contra os abusos do gongorismo, ainda não de todo desaparecidos.

Os poetas da Arcádia, satélites eternos dum fantasma, são todos seguidores de escola, são sempre criaturas e nunca criadores.

Quando um ou outro deles emite luz própria, como é o caso de Dirceu, já inconscientemente nos repugna classificá-lo entre os árcades e damos-lhe logo um lugar entre os precursores do romantismo.

Todavia entre os próprios e verdadeiros árcades podemos distinguir os que tinham inspiração e quase gênio como Garção e Cláudio Manuel da Costa; neles, não fora a tirania da moda e da época, encontraríamos sentimento e emoção igual à de alguns dos quinhentistas.

De Coimbra datam as primeiras publicações do poeta, o *Munúsculo métrico* de 1751; o *Epicédio* de 1753 e o *Labirinto de amor* do mesmo ano, todos, pequenos poemas avulsos, temas desenvolvidos segundo as regras do tempo, de medíocre mérito (a julgar pelo *Epicédio* que possuímos) e aos quais o próprio autor julgou indignos de serem incluídos mais tarde nas suas *Obras*.[15]

No *Epicédio* ainda imperam o mau gosto gongórico, o abuso de exageradas imagens e amplificações:

> Morreste! e como esfera se limita
> Do coração ao giro do tormento,
> A mortal ânsia que o pesar fecunda
> Em ais se acende, em lágrimas se inunda.

E mais adiante:

> Assim dos Orbes o Motor glorioso
> Prova o constante ardor no braço erguido
> Do velho Pai que com piedade estranha
> Vítima o Filho vê, ara a Montanha.

Na penúltima estrofe encontra-se essa outra imagem:

> Tu que ao túmulo triste da agonia
> Entregas por cadáver a alegria...

De parte o interesse que poderiam despertar nos eruditos, creio que bem fez o poeta em expurgar o seu livro de versos tais.

Entretanto se as *Obras* marcam a máxima altura do seu gênio poético, a acreditar nas próprias confissões do autor foram na maior parte escritas ainda em Coimbra. Foram-no algumas, ou talvez nenhuma; tenho que não se deve aceitar, sem reservas, a afirmativa do poeta. As *Obras* datam de 1768, quinze anos depois do seu regresso.[16] É natural que antes de entregá-las ao prelo muito polisse, fizesse e refizesse com tanto maior talento quanto o provam de sobejo as composições de origem nacional como a "Fábula do Ribeirão do Carmo" que inda tem o mesmo vigor e emoção do autor dos sonetos e das églogas. A sua confissão de que compôs a maior parte do livro em Coimbra resulta de que deseja justificar o seu tanto falar das ninfas, das faias, dos sovereiros e de outras coisas de que no novo mundo não acha como substituir; mas nesse falar, percebe-se bem que é a saudade e não o bem presente que o inspira; aqui, ele se diz "poeta desterrado", não pode "entre a grossaria" da terra, "substabelecer aqui as delícias

do Tejo e do Mondego"; como árcade, sente que o seu vocabulário está estragado e sem sentido, e não pode ou não sabe enobrecer os termos e as coisas indígenas que repudia; no meio da nova natureza "sente-se entorpecido". Ao repetir, quinze anos depois do regresso, as inspirações do velho mundo, sente-se tolhido e inventa que só lá nasceram na sua alma. Mas quanto afirma, é evidentemente falso e para prová-lo basta cotejar o *Epicédio* que é do ano da sua graduação em cânones (1753) com qualquer das composições de suas *Obras*. Tão diferente é esta e assim as outras do tempo de Coimbra que até o próprio poeta nem sequer procura afeiçoá-las para dar-lhes ao menos um lugar entre as de suas *Obras*; agora que ao poeta "não é estranho o estilo simples" como diz com enlevo no prólogo daquele livro, o seu gosto é já outro.

Como todo o espírito melancólico, egoístico e concentrado, ele possui o dom de conservar, quase embalsamar *ad aeternum*, as suas impressões de dor ou de prazer o que afortunadamente aqui lhe serviu ao estro porque a natureza nova não cabe nas suas fórmulas acadêmicas, na flora e fauna da Arcádia.

Não ocultemos, contudo, que as suas melhores composições embora datem da época do regresso, são filhas do influxo europeu sem o qual na forma em que existem seriam impossíveis. São documentos da sua saudade e porventura de algum amor infeliz como dizem aventurosamente alguns dos seus biógrafos.

IV

Da poética Coimbra voltou Cláudio saudoso e desconsolado para o Brasil e para as margens da "feia e turva corrente", entre rudes trabalhadores atreitos à "ambiciosa fadiga de minerar a terra". Ei-lo, pois, fora das academias literárias, no exílio, agravado ainda pelas responsabilidades e pelas duras escravidões da vida independente.

Mas a data do seu regresso não é conhecida e aproveitando essa obscuridade o mais inventivo dos seus biógrafos aí colocou as supostas viagens do poeta pela Itália onde teria sido recebido membro da *Arcádia Romana*.[17]

Efetivamente, Cláudio se diz "árcade romano" em algumas de suas poesias escritas na língua de Dante e Petrarca que conhecia a fundo, mas é toda de fantasia essa viagem, como para ser árcade nunca fez mister visitar a Grécia.[18]

O ano de regresso de Cláudio pode ser fixado em 1754, o mais cedo e em 1758 o mais tarde, eis o que por enquanto se pode afirmar com segurança. Graduado em 1753 deveria ter voltado em seguida para o Brasil porque, ele próprio o diz, passou "cinco anos" fora da pátria e foram naturalmente os dos seus estudos universitários, de 1749 a 1753; não es-

teve portanto mais tempo além desse em Portugal nem em viagens pela Itália.

No caso, porém, em que fossem invalidados estes fundamentos (pois que a primeira data certa da sua estada em Coimbra é a publicação do *Munúsculo*, 1751, como mostrei páginas acima) o seu regresso seria pelo menos em 1756, e então não teria acertado o cônego Januário Barbosa em marcar-lhe o ano de 1753 como o do seu doutoramento em cânones. Não temos, porém, razão alguma para levantar essa dúvida.

Em qualquer caso é certo que em 1748 já estava no Brasil porque a essa data atinge o documento mais remoto que possuímos.[19]

No Brasil, e chegando sem despacho de Coimbra, o poeta enceta a carreira da vida pela advocacia; e não era profissão somenos em terra tão rica e rixosa.

Oferecia singular caráter o estado de espírito e de costumes da capitania pelos meados do século XVIII. Da psicologia moral desta época, ainda que pouco lisonjeira, temos o testemunho e a palavra leal de um hábil administrador, de vinte anos gastos na experiência do governo e dos homens e das coisas do Brasil.[20]

Ao dirigir-se ao seu sucessor, em 1752, diz o conde de Bobadela:

> Amparar os pobres é obrigação dos governadores; mas advertir que nas minas há destes muito trapaceiros insolentes e petulantes; ide com grande sentido.

Efetivamente, a lista das misérias morais de tanta gente que a aventura ou a ambição reunira, não é pequena. Os oficiais militares "são poucos e malcriados"; a ignorância os torna presumidos e "não há cabo que se não presuma alferes". Os ouvidores andam em rixas com os juízes de fora. Assassinos poderosos não minguam, ao menos no gênero daqueles que se cercam de malfeitores profissionais, e "atiram a pedra e escondem a mão"; os governadores traçam por acabar com estas hordas de *condottieri*, "congregação de 'pés-rapados, caribocas e mulatos' que hoje são executores das insolências". Aqui ou ali, formam-se estranhas parcialidades, mas "é mais de ladrões que de poderosos". É dessa fermentação humana que se vai gerar a vida ou a cultura; porque sobre essas tristes e cúpidas energias pesa o freio da gente bem-educada, do escol da sociedade, já agora apta para domar aqueles excessos, restos das antigas tradições sanguinolentas de quando outrora se digladiavam no deserto as ambições do ouro.

Mas ainda assim os espíritos melancólicos habitualmente retraídos e afastados das agitações da sociedade conservam límpida e tranqüila a alma onde se vem refletir a vilania humana, que se move exteriormente e que eles aprendem a detestar. Percebem então como Cláudio a *grossaria*

dos habitantes da terra, e a selvageria e a fealdade da natureza, que não podem imaginar senão animada pelos seus gênios e não podem abstrair da sociedade em ruína que a povoa. Todavia, sem esssa decomposição, não seria possível o gérmen das sociedades novas que hão de ter igualmente no seu tempo devido a flor e a perfeição, o acabamento de cultivo que lhe será próprio.

Durante quase a sua vida e na melhor porção dela, Cláudio não soube senão cantar o Mondego, o Tejo, as ninfas dos rios europeus, os campos de trigo, as montanhas e o céu estrelado do outro hemisfério. A natureza do Brasil não é estética ou não cabe na sua estética.

Ao que pode de um relance abranger toda a nossa história literária, perguntarei se já foi achada a estética da nossa natureza e se jamais foi possível estilizá-la na arte decorativa, na poesia, no romance ou na pintura? Se o índio, a palmeira, a monarquia ou a república, ou o Amazonas, já lhe emprestaram um traço sequer que a enobrecesse.

Sem dúvida, Cláudio como outros corrigirá esse absenteísmo e escreverá um poema nacional como o *Vila Rica*; mas fica logo abaixo de si mesmo, se não é que o próprio poema é a pérfida sugestão de sua decadência.

A nossa sociedade como as sociedades coloniais estão sempre em estado permanente de *desmoralização*, emprestando a esse termo o sentido que lhe dão os neo-etnologistas tedescos, ao estado em que pelo fluxo e refluxo das gentes novas não é possível um espírito consuetudinário, e portanto não é possível a lei, não é possível a tradição, nem sequer é possível o caráter. Cada lustro nosso corresponde a todo o século de Catão quando entravam em Roma os gregos e com eles os costumes novos de arte, de luxo, de miséria e vagabundagem e ateísmo. E imagine V. quais são os helenos que nos chegam, cada momento, de além-mar. Em vez de soldarem de geração em geração, as camadas sociais são rápidas, momentâneas, inúmeras e sem outra aderência que este céu comum e a terra comum, entre os quais fervem e se destroçam. No meio delas há apenas um fio tênue que é o da vida local, falida, com o seu fio de vida, crônica, em perpétua crise e brada agora contra o escândalo do presente e a ruína das cousas antigas.

Por isso mesmo, enquanto não se forma o equilíbrio e a homogeneidade das nações, não há nem pode haver espírito nacional. A nossa literatura é aquele tênue fio a que me referi, no meio dessa balbúrdia de interesses excêntricos da gente passageira de todas as zonas do globo de um lado e doutro lado dos ausentes nacionais. O nosso trabalho é sempre de Sísifo, e a cada século que começa, nós começamos a nossa guerra dos cem anos. Sob o protetorado dos nossos senhores necessários, fingimos uma vida nacional, soberba e independente. Relegados a essa pobre aristocracia de *burocratas*, dentro dela nos corrompemos, criamos a im-

prensa para adulá-los e nos caluniarmos a nós mesmos, aviltando-nos uns aos outros, quase sempre pelo maior ou menor quinhão de servilismo que nos cabe.

E todavia a cousa única nacional é essa gente parasitária e semi-escrava que somos. Muito embora podemos dela fiar as nossas esperanças!...

Desculpe-me V. essa digressão involuntária que não diz nada do poeta, mas estava no meu espírito e se insinuou por esta página.

Desde o tempo de Coimbra, nele têm influxo as numerosas academias literárias que caracterizam essa época da história literária da metrópole; mas não fez ele parte da *Arcádia Lusitana* senão como árcade que todos os poetas podiam arrogar-se o direito de ser, e muitos assim se disseram "dos que não foram chamados". O sr. Teófilo Braga coloca o nome de Cláudio entre os dos sócios da *Arcádia Lusitana*, fundado exclusivamente, creio, em asserção do dr. Teixeira de Melo, a qual é inteiramente fabulosa.[21] Quando foi fundada a *Arcádia Lusitana* em 1756, já Cláudio Manuel da Costa estava no Brasil. Nada se opõe todavia a que tivesse feito parte da sociedade literária que precedeu a Arcádia, a *Academia dos Ocultos*; nesta figuram alguns nomes que se passaram para a Arcádia, e entre os membros dela, numa lista de 1753, há um certo João Manuel da Costa, que tem os dois apelidos de Cláudio. Seria temerário contudo, sem outros argumentos, identificá-lo com o poeta mineiro.

Vejam-se os perigos e as insídias de uma opinião incerta! Como árcade romano, igualmente não seria necessário ao poeta ter viajado à Itália. "Para obter tal título", observa judiciosamente Norberto, "não era precisa ali a suà presença, como não foi. Esse nome de *Glauceste Saturnio* só se lê na frente de suas *Obras* como pastor ultramarino."

A verdade torna-se compreensível quando se atende a que *Arcádia* é mais um nome de guerra e nome de escola literária do que de simples cenáculo; e a guerra era a feita ao *cattivo gusto* do marinismo e do gongorismo. A Arcádia Romana, que é o primeiro núcleo de reação contra o seiscentismo, faz nascer sucursais por toda a parte aquém e além-mar, e todas com idêntico programa. A Arcádia portuguesa não tem outro cuidado preliminar que o de expurgar de seu seio os seiscentistas.[22]

Nas poesias de Cláudio não há um só passo que faça lembrar as terras, tão cheias de poesia, de Itália, o que é certamente estranho em poeta tão pródigo em relembrar as ninfas e os gênios da terra portuguesa.[23]

Da vida do poeta em Minas Gerais, a princípio e como está visto à saciedade, tudo são saudades que parecem irremediáveis da vida européia. Mas essa mesma impressão vai pouco e pouco se desfazendo, e a sociedade que o cerca e da qual vive não deixa em breve de se lhe tornar necessária.

Em 1758, quatro anos apenas depois do regresso, vemo-lo habitante de Vila Rica e interessado pela terra; da capital da capitania levanta o poeta

uma *Carta topográfica*, que deveria ser interessantíssima, mas que nunca foi achada e nem constou do espólio quando seqüestrados os seus bens. Revela esse trabalho aptidões até agora não imaginadas no poeta, e é certo que o executou com maestria, pois o senado da Câmara do lugar premiou o autor com meia libra, ou 128 oitavas de ouro. O jovem advogado, no meio dos deveres de ofício e das questiúnculas locais, vai-se naturalmente interessando tanto pelas misérias como pelas grandezas da região natal. Essa paixão, é ele próprio que o diz, é quem lhe inspira logo nos seus primeiros anos algumas composições como a do "Ribeirão do Carmo", prosopopéia deliciosamente escrita e que é mesmo o fundamento de inspiração e paráfrases ulteriores como o poema de *Vila Rica.*[24]

É provável que as suas *Obras*, em 1768, tivessem sido impressas em pequeníssima edição, porque sendo estimadas e procuradas pelo alto valor que possuem, não se compreende como seja, onde os devia haver, tão extraordinariamente raro um exemplar delas. Muitas das composições do livro correram e correm ainda manuscritas.

Outra circunstância devia contribuir para que fossem avidamente desejadas e disputadas as *Obras* de Cláudio. Eram o primeiro livro de poeta nacional que chegava ao Brasil, o que lhes realçava o mérito de si verdadeiro; só um ano depois virá o *Uraguai* que foi recebido com ainda mais extraordinários aplausos e mais tarde o *Caramuru.*

Apesar de seu espírito antinacional (o que não era toleima nem singularidade naquele tempo) Cláudio Manuel da Costa, com o poemeto do Ribeirão do Carmo, precede e com brilhantismo, o poema nativista de Basílio da Gama.

Em 1768 é ainda o poeta um exilado, e tal se considera; o interesse pela terra natal é ainda parcela insignificante em seu espírito. Vemo-lo todavia mais progressivo na estética de suas produções. O defeito de que se condena é o do pendor para o sublime ou o do exagero e da ênfase. Ele próprio o diz e confessa como o poeta latino que embora conhecendo e aprovando o melhor, muitas vezes segue o contrário.

... Video meliora, proboque;
Deteriora sequor.

Há pessimismo nesse juízo, porque já nos *Sonetos* não se encontram os exageros e a inchação de estilo do autor do *Epicédio.* A sua preocupação é salutar, porque visa ao aticismo da forma e da expressão como nos grandes modelos: "Bem creio", diz ele falando ao leitor, "que te não faltará que censurar nas minhas obras, principalmente nas pastoris, onde preocupado da comum opinião te não há de agradar a elegância de que são ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer, como talvez me não é estranho o estilo

simples... Pudera desculpar-me dizendo que o gênio me fez propender mais para o sublime; mas temendo que ainda neste me condenes o muito uso das metáforas, bastará para te satisfazer o lembrar-te que a maior parte destas obras foram compostas ou em Coimbra ou pouco depois nos meus primeiros anos; tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras."

Por essa confissão estamos habilitados, dentro de razoáveis limites, a distinguir as novas das antigas composições do volume, colocando na classe das primeiras as que se caracterizam pela simplicidade da forma.

Entre as mais novas está decerto o soneto LXVII, que é realmente o de um precursor e do mestre que foi de Gonzaga:

Não te cases com Gil, bela serrana,
Que é um vil, um infame, um desestrado.
Bem que ele tenha mais deveza e gado,
A minha condição é mais humana.

Que mais te pode dar sua cabana
Que eu aqui te não tenha aparelhado?
O leite, a fruta, o queijo, o mel dourado,
Tudo aqui acharás nesta choupana.

Bem que ele tange o seu rabil grosseiro,
Bem que te louve assim, bem que te adore,
Eu sou mais extremoso e verdadeiro,

Eu tenho mais razão que te enamore:
E senão, diga o mesmo Gil vaqueiro.
Se é mais que ele te cante ou que eu te chore.

A forma e as expressões são inteiramente simples, como em Gonzaga; mas a idéia, tal se vê do último verso, é ainda complicada e sutil.

Enquanto prepara e aperfeiçoa o livro que entregará à publicidade, a fama dos seus talentos, já notória em toda a capitania, faz com que nela se eleve a altos cargos da administração. No cargo de secretário do Governo serviu o poeta de 1762 a 1765, nomeado pelo conde de Bobadela, e ainda no tempo do governador Luís Diogo Lobo da Silva, em cuja companhia realizou dilatadas viagens pelo sul da capitania.[25] Parece que no cargo deu provas de excelente funcionário, porque apenas alguns anos depois, no governo seguinte, que foi o do conde de Valadares, foi chamado de novo a exercer o mesmo cargo, que ocupou de 1769 a 1773. Daí por diante ainda que sua pessoa tenha crescido em consideração,[26] não quis mais voltar ao funcionalismo, e dedicou-se exclusivamente aos seus trabalhos forenses, tantas vezes interrompidos, menos pelo culto das letras nele sempre vivo do que pelos rigores e trabalhos das coisas do governo.

Por esse tempo foi que Cláudio Manuel da Costa traduziu e comentou o *Tratado da riqueza das nações*, de Adam Smith, se se deve crer o que dizem alguns dos seus biógrafos. Mas deve haver nisso algumas inexatidões. A obra de Smith é de 1776: seria conhecida no Brasil naturalmente alguns anos depois e provavelmente na edição francesa, e se se ajuntar a isso o trabalho da versão e do comentário, teríamos de colocar esse trabalho, não aqui neste período, mas na última década ou talvez no último lustro da vida do poeta.[27] Não há todavia vestígio, referência ou prova por onde se conclua ou se presuma sequer que o poeta efetivamente se tenha preocupado de vulgarizar o sistema econômico de Adam Smith. É plausível que como homem de idéias adiantadas, fosse Cláudio, nos últimos tempos de sua vida, um admirador dos economistas, como já o era dos filósofos que prepararam a grande revolução; vivia na terra do ouro, onde entretanto a população não podia pagar a derrama e debatia-se na miséria; no prólogo do *Vila Rica* havia escrito com o entono de um fisiocrata: "As minas derramam as riquezas por toda a Europa e em muito socorrem com a fadiga dos seus habitantes ao comércio de todas as Nações etc." É decerto uma frase sem valor, para justificar a conjectura, e é quase a única em todos os seus escritos, que manifesta tenuissimamente o pendor, se o houve, de seu espírito para as questões econômicas. Seria fácil achá-la acaso em qualquer autor.

A idade, os trabalhos da administração e da vida prática, e a mesma limitação do gênio, transformaram de todo o poeta. Ainda e por todo o tempo conserva a aptidão técnica do versejador; mas o estro, o afeto e a inspiração não existem mais; faltam-lhe a frescura e a emoção do outro tempo; o verso, mesmo, é quase rígido e sem flexibilidade nos seus naturais ritmos; a frase é abstrata sem ser profunda, e o estilo é incolor sem ser fácil ou ameno. Ainda se revelam por vezes algumas das qualidades antigas, mas agora amortecidas pela reflexão, que lhes tira todo o calor. Parece que o poeta escreveu o *Vila Rica* como se tivesse de fazer um tema ou exercício poético. Por isso imaginou o longo *Fundamento* em prosa, que é um argumento da ação, e depois reduziu-o a versos em sínteses mal formuladas e em episódios sem originalidade como o da fábula das *Três velhas*.

Também parece que o *Uraguai*, sempre admirado e lido, não o deixara dormir. Vindo à luz um ano depois do seu livro, onde o poeta se lamenta da *grossaria* da terra e de não poder aqui subestabelecer as ninfas d'além-mar, o *Uraguai* veio mostrar-lhe que cometia erro e injustiça ao mesmo tempo, senão lhe argüiria a falta de engenho e de força criadora.

Cláudio Manuel vai enfim resgatar o erro e o pecado; é já talvez um sincero admirador da terra natal, mas não possui mais o dom de amá-la com a mesma emoção com que em outros tempos não distantes a malsinava.

Vila Rica é um produto do influxo originado pelo *Uraguai*. Cláudio Manuel esforçou-se por parecer original, não adotou a *oitava rima* nem

o *verso solto* como os seus antecessores; talvez por admiração a Voltaire preferiu aproximar-se da *Henriade* empregando rimas emparelhadas.[28]

Segundo os primeiros editores e algumas cópias do poema, o *Vila Rica* é de 1773[29] e foi dedicado ao segundo conde de Bobadela. Tudo confirma a exatidão dessa data, que temos por positiva e segura.[30]

É curioso notar que a decadência do poeta é assaz rápida. Em 1768, ao publicar as suas obras tem já 39 anos, e ao compor o *Vila Rica* não tem mais de 44 anos de idade. Suas poesias inéditas são em parte posteriores ao poema, mas ressentem-se da esterilidade e da mesma algidez que toca freqüentes vezes ao prosaísmo.

Não é somente a monotonia e a pobreza de inspiração que nos desinteressam no poema; mas é o tom laudatório, o odor do incenso que se traem em versos, porventura menos movidos do amor da pátria que da lisonja.

Sem dúvida alguma, não quis o poeta dá-lo à publicidade e tanto quanto podem atestar as várias cópias que restam, não procurou limar os versos imperfeitos que o afeiam e são em não pequeno número. Provavelmente se convenceu ou foi convencido do somenos valor da composição e guardou-a, pois, inédita por 16 anos, até o tempo em que desapareceu desta vida.

O episódio do *Itacolomi*, inspirado com pouca originalidade no Adamastor dos *Lusíadas*, não tem majestade alguma e nem lembra, pelas imperfeições dagora, a severíssima musa dos *Sonetos*. Tudo ali é desconchavado e sem arte, sem espontaneidade, como que esculpido, se é possível, a martelo. Decerto, o *virtuose* que ele era não deixaria sair à luz da publicidade tão despidos esboços.

Não creio que a tentativa em versos soltos, espécie que não lhe aprazia,[31] tivesse êxito mais certo. Os trechos melhores de *Vila Rica* não são os do poeta épico, mas do lírico, como este, belíssimo, do Canto II:

> Era ela em seus anos tão mimosa,
> Que à vista sua desmaiava a rosa.
> Seus olhos claros, as pupilas belas,
> O quantas vezes cri que eram estrelas.
> Não tinham nossos campos nem o prado
> Planta mais tenra, flor de mais agrado.

Também no Canto VIII, falando das pedras preciosas (neste canto narra a descoberta das esmeraldas) que a natureza apenas revela aos seus gênios familiares, diz:

> ... tão ricas como belas
> Muitas ninfas em roda a estão cercando
> Nas lindas mãos nevadas sustentando
> Os tesouros que oculta e guarda a terra
> (Tristes causas do mal, causas da guerra!)

Tais belezas são raras; mas por esse traço, que é o do seu temperamento, vê-se que o poeta não é um cantor de *gestas* do norte, mas um *troubadour* meridional como os da Provença.

O resto do poema, e é assim quase todo, compõe-se de narrativas ou descrições de grande e insípida vulgaridade. A baixa vulgaridade mesma tem aí o seu lugar como, para exemplo, são os últimos versos da epopéia em que se descreve uma eleição:

> Mas já lavado estava e já firmado
> O termo que escrevera o bom Pegado,
> Quando mais que a eleição podendo o acaso,
> Manda o herói que se extraia dentre um vaso
> Os nomes do primeiro a quem toca
> Reger a vara que a justiça invoca.

É quase difícil crer que sejam de Cláudio tais versos!

Como no poema de Lucano, agora um dos modelos do poeta, não se sabe qual o herói, se César ou Pompeu, aqui também dúvida maior assoberba o crítico. O descobrimento das minas, a pacificação das lutas dos forasteiros ou a apologia de Bobadela, qualquer desses motivos pode ser o principal do livro, que por isso mesmo não tem verdadeira unidade.

O Canto I é uma amplificação da passagem do Rubicon em Lucano.

Entretanto, sem os lugares-comuns da escusada lisonja aos governadores de Minas, o assunto das *bandeiras* mais que todos os da história pátria possui matéria épica, em muito superior à do *Uraguai* de Basílio da Gama. Dificilmente se encontraria outro igual nas nossas crônicas, onde a realidade e o maravilhoso quase se confundem, e onde a grandeza das ações toca às vezes ao sublime.

V

Dessas considerações posso concluir (e creio que V. não pensará muito diferentemente de mim) que o livro de Cláudio Manuel da Costa é o das suas *Obras*, e destas são principalmente os *Sonetos* a sua coroa eterna de glória.

Por eles foi o precursor de Gonzaga que o chamava de seu mestre. Mais tarde, Garret o faz rival de Metastásio; a Academia de Ciências de Lisboa recomenda-o como clássico. Camilo C. Branco acha-o sob muitos aspectos superior a Bocage, outro mestre dos sonetos; Boutterweck, não sem exagero, considera-o o primeiro que restarou o gosto, transviado pela moda e pela decadência do seiscentismo. E se me compete opinar também aqui, digo com sinceridade que os sonetos de Cláudio em todas as literaturas latinas só têm superiores nos de Petrarca e nos de Camões. E, como diz Sílvio Romero, os nossos poetas jamais poderiam no gênero disputar-lhe a palma.

Estes os olhos são da minha amada,
Que belos, que gentis e que formosos!
Não são para os mortais tão preciosos
Os doces frutos da estação dourada.

Por eles a alegria derramada
Tornam-se os campos de prazer gostosos.
Em zéfiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde olhos belos, vinde, e enfim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas belas,
Dai alívios ao mal que estou gemendo:

Mas ah! delírio meu que me atropelas!
Os olhos que eu cuidei que estava vendo
Eram (quem crera tal!) duas estrelas.

....

Onde estou! este sítio desconheço
Quem fez tão diferente aquele prado!
Tudo outra natureza tem tornado,
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado.
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar se estão presentes
Meus males com que tudo degenera?

....

Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave que respira!
Nise, cuido que diz, mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
Ah como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? onde estás? Aonde? aonde?
....

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós que ostentais a condição mais dura,
Tremei, penhas, tremei; que amor tirano
Onde há mais resistência mais se apura.
....

Nas *Éclogas* e *Romances* que são em geral de grande beleza, o discípulo de Petrarca passa a ser o de Virgílio mas com certa diminuição de brilho e da perfeição da forma.

Em quase todas há paráfrases, que não cópias, das éclogas do poeta latino, e como Cláudio, assim o faziam todos os árcades, os quinhentistas e todos os escritores da Renascença.[32]

É curioso todavia notar que, ressalvando os seus sonetos, parece que o cuidado de polir o verso não o preocupou com a mesma diligência e esmero. Uma vez ou outra deparam-se, ainda que raros, descuidos e imperfeições e mais raramente ainda um ou outro mau verso.[33]

VI

E dou aqui por terminada a minha tarefa. A morte de Cláudio é assaz conhecida e anda em todas as histórias da nossa terra, na lista dos mártires que se sacrificaram pela independência dela.[34] É um fim glorioso sem dúvida e digno de um grande poeta. Envolvido na conspiração e homem conhecedor da lei e do destino que o esperava, talvez por ser o mais culpado ou por ser o mais inocente desesperou da vida e se foi embora dela, aos sessenta anos de idade. Suicidou-se para evitar a ignomínia do carrasco, o que é um tão santo modo de morrer como o finar-se já sem amigos entre

as consolações da Igreja. Na Roma Antiga, os vencidos abandonavam a vida já não tendo nenhum dever nela.

Há quem pense que foi assassinado, hipótese inútil, porque o governo tinha então o direito de matá-lo; e ainda hoje, sem esse direito já, assassina por vezes os seus inimigos.

Eis aí o que pude dizer a respeito do poeta sem o prestígio e a clarividência que V. poria nestas páginas.

Cláudio Manuel da Costa não tinha propriamente gênio, e nada criou, que se pudesse dizer, de si próprio; foi um produto do tempo sem ser um criador ou educador do seu tempo. É um árcade e acadêmico quando todos da sua época e antes dele também eram acadêmicos e árcades. Em raras coisas é o mestre dos vindouros, em tudo é o discípulo dos que passaram e, mais estreitamente ainda, é o discípulo da sua escola. Não tem o sentimento da natureza porque uma vez acabada a paisagem acadêmica que era a do Mondego, não sabe inspirar-se no grande cenário em que agora vive. É um taciturno e melancólico; nele virtudes ou vícios sem desabafo, se acumulam, se multiplicam e se extremam; na amizade, toca à lisonja; no desgosto da terra toca ao absenteísmo; no horror da morte, toca ao suicídio. A poesia foi nele como a *beauté du diable* das raparigas; morta a mocidade, continuou a fazer versos, sem a poesia viva.

Sem dúvida alguma, é digna do respeito e da dor universal a sua perda; mas já havia muito que ao patriota precedera na morte o poeta.

Outubro 1901.

A Trajetória Poética de Cláudio Manuel da Costa

Melânia Silva de Aguiar

1. A HISTÓRIA DO TEXTO

A OBRA POÉTICA conhecida de Cláudio Manuel da Costa constitui na verdade uma parcela, se não pequena, pelo menos bem inferior ao que se sabe: o Poeta escreveu nos tempos em que estudou em Coimbra e nos anos posteriores, já em Vila Rica. O que passou à posteridade resume-se praticamente aos poemas das *Obras*, de 1768; ao *Vila Rica*, publicado pela primeira vez na íntegra em 1839, portanto obra póstuma (o "Fundamento histórico", que precede o poema, foi publicado inicialmente em 1813, no jornal *O Patriota*, como "Memória histórica", com diferenças em relação ao "Fundamento histórico" que viria a ser conhecido mais tarde); e a um conjunto de poemas de cunho sobretudo encomiástico, reunidos em um manuscrito que pertenceu ao Clube Literário de Mariana, e publicados por Ramiz Galvão pela primeira vez na *Revista Brasileira*, em 1895.[1] João Ribeiro reuniu todos estes textos nos dois volumes das *Obras poéticas* do poeta mineiro (1903), só que, provavelmente por um lapso, deixou de lado a parte final deste conjunto divulgado por Ramiz Galvão em circulação restrita. Também nas *Obras poéticas* João Ribeiro incluiu três poemas: o "Epicédio", consagrado a frei Gaspar da Encarnação, a "Saudação à Arcádia Ultramarina" e a "Ode ao sepulcro de Alexandre Magno", retirados de revistas e coletâneas antigas. Que havia muito mais coisa saída da mão do poeta mineiro era fora de dúvida, já que ele próprio, nos "Apontamentos" enviados à Academia Brasílica dos Renascidos em 1759, dava notícia de várias composições métricas de que só se conheceram, pelos anos a fora, os títulos, nada mais.

Depois disto, outros textos vieram a ser localizados: em 1925, Antônio Baião publica na *Revista de Filologia Portuguesa*[2] cinco sonetos inéditos presentes no manuscrito das *Obras* e curiosamente omitidos na edição *princeps*, de 1768. Também Rodrigues Lapa, em 1952, dá a conhecer na *Revista Anhembi*[3] outros três sonetos do manuscrito destas mesmas *Obras*, ausentes na primeira edição. Por que razão estes sonetos não foram publicados na edição de 1768? O motivo da sua omissão permanece

até certo ponto inexplicável, a não ser que o poeta inconfidente, desejando dar à impressão um número redondo de sonetos (cem ao todo) e indeciso quanto à seleção dos mesmos, tenha deixado a critério da Mesa Censória, órgão criado em 1768 por d. Maria I, em Portugal, para exercer a censura sobre as publicações, a atribuição de eliminar oito sonetos excedentes. É interessante observar que alguns destes poemas vêm no manuscrito com numeração repetida, deixando claro que deveriam ser suprimidos ou, então, mantidos, com o expurgo de outros de numeração igual. Alguém se encarregou desta tarefa, pois estes oito sonetos estão riscados no manuscrito, o que não impede a sua leitura. O critério que motivou a supressão não está claro, tendo sido provavelmente o do gosto pessoal, não sabemos se do autor, se dos censores ou se de alguém em Portugal a quem Cláudio delegou esta missão. Estão publicados na íntegra nas duas revistas mencionadas; de acesso limitado, contudo, permaneceram praticamente com o estatuto de inéditos.

Caio de Melo Franco, em 1931,[4] daria a conhecer um conjunto de poemas recitados em Vila Rica, em 1768, na sessão comemorativa da posse do governador José Luís de Menezes, o conde de Valadares, em quem Cláudio, ao que tudo indica, depositou as maiores esperanças, como o promotor da paz e da prosperidade nas Minas do Ouro, já então decadentes. Estes poemas, integrantes de um manuscrito localizado por Caio de Melo Franco em Paris, vêm precedidos de um drama, *O Parnaso obsequioso*, interessante amostra do Cláudio dramaturgo, de que até então só se tinha notícia: os dramas de Cláudio, anunciados na carta enviada à Academia dos Renascidos, e escritos ao jeito de Metastásio, jamais tinham aparecido. Segundo informação contida no próprio manuscrito, *O Parnaso obsequioso* foi composto para comemorar o aniversário do conde de Valadares, em dezembro de 1768, ano particularmente significativo na vida literária do Poeta. Neste ano publicam-se as *Obras*, em Portugal, reunindo o que de melhor escrevera, comemoram-se em poemas a posse do jovem governador e a nascente Arcádia Ultramarina, e celebra-se nos versos do drama, especialmente escrito para a ocasião, a promissora fase que se anuncia para as "áureas Minas", agora sob a proteção de tão ilustre e promissor Mecenas.

Tudo indicava que se fechava aí o conjunto das obras "salvas" de Cláudio Manuel da Costa, não havendo muitas esperanças de novas descobertas. Em 1973, entretanto, com a localização por Rodrigues Lapa na Biblioteca da Universidade de Coimbra de duas obras consideradas perdidas, o *Culto métrico* (1749), dedicado a uma abadessa do Mosteiro de Figueiró, e o *Munúsculo métrico* (1751), dedicado a d. Francisco da Anunciação, tive a oportunidade de publicar,[5] por deferência do ilustre pesquisador, estes poemas típicos de sua fase inicial em Coimbra, quando os apelos da nova

estética árcade não haviam ainda impressionado o jovem estudante de cânones. A influência barroca se faz clara e soberana no arrevesado da linguagem e no culto grandiloqüente dos homenageados, entre outras marcas. Também outro poema da época, o *Epicédio*, consagrado a frei Gaspar da Encarnação e publicado pela primeira vez em Coimbra em 1753, ano do retorno, definitivo, de Cláudio ao Brasil, revela a influência barroca acentuada. Em nenhum momento se percebe aí a divisão estética que acompanhará o Poeta em suas obras posteriores, de maneira tão constante, e às vezes tão dramática.

Tarqüínio de Oliveira trouxe uma importante contribuição para o desvendamento do mistério que cerca o desaparecimento de tantos textos do Poeta, ao localizar no Arquivo da Música da Cúria Metropolitana de Mariana a tradução e adaptação feitas por Cláudio, de duas peças de Metastásio: a *Comédia do mais heróico segredo-Artaxerxe* e *Ópera de Demofoonte em Trácia*. Estas peças estão publicadas respectivamente no VII e no VIII *Anuário(s) do Museu da Inconfidência* (1984-1990). Suely Maria Perucci Esteves foi responsável pela transcrição, atualização e glossário.

Como se pode deduzir, a quantidade de esparsos e de obras localizadas do poeta mineiro exigia já há muito uma edição completa de sua obra, ficando aos poucos a de João Ribeiro superada, não obstante o excelente serviço que prestou durante todos estes anos aos estudiosos do Poeta, curiosamente raros e fanáticos. A poesia de Cláudio não tem de fato recebido da crítica o cuidado e a atenção que merece. O mais fértil de todos os poetas do tempo no Brasil (aí incluído Tomás Antônio Gonzaga), a leitura de seus poemas, pela densidade e às vezes complexidade retórica de seu texto, exige do leitor uma concentração não assim necessária na maioria dos poetas árcades. Junte-se a isto uma pontuação abstrusa, nos moldes do tempo, que a maior parte das edições do Poeta conserva, numa fidelidade formal no caso dispensável, e teremos um texto às vezes fechado, difícil. Isto fica evidente no poema *Vila Rica* concluído em 1773. Durante anos a crítica vem apontando seus defeitos; o excesso de personagens, a proliferação de falas umas dentro das outras sem indícios claros de mudança de narrador, o hermetismo de muitas passagens são alguns destes defeitos, que uma edição cuidada, com a demarcação exata das falas, a modernização da pontuação e da ortografia, atenuaria, elevando o poema ao seu verdadeiro estatuto estético. Este poema, de que restaram cópias em locais diversos, oferece na versão do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa oitenta e quatro versos inéditos, inexistentes nos demais. Presentes no Canto V do poema manuscrito, estão perfeitamente encaixados no corpo do texto. Nada faz supor aí um enxerto de última hora ou uma falsificação póstuma.

Recentemente, a Biblioteca Nacional de Lisboa adquiriu em leilão um livro manuscrito, com as iniciais C.M.C. no final da maioria das composições. Alguns poemas são sabidamente de Cláudio Manuel da Costa, como é o caso de "Junto à urna de Alexandre, o Magno", publicado por João Ribeiro, no tomo II de suas *Obras poéticas*, com o título de "Ode ao sepulcro de Alexandre Magno"; outros têm sido atribuídos ao Poeta, como a ode "Imitando o sonho de Cipião", posta em apêndice por Rodrigues Lapa em sua edição de Gonzaga, do INL, por não estar seguro de sua autoria. Este precioso livro manuscrito, e inédito, que ganhou na Divisão de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa o nome de *Manual de obras*, contém, além de poemas e outros textos em prosa, traduções várias, atividade que, como se sabe, não foi estranha ao Poeta. Rodrigues Lapa, em artigo publicado na *Colóquio / Letras*,[6] recebeu com entusiasmo a novidade, exaltando a iniciativa da Biblioteca de Lisboa. A atribuição de autoria do conjunto, no entanto, é problemática e exige um exame cuidadoso das partes que o compõem.

*

* *

2. O PERCURSO POÉTICO

A obra de Cláudio Manuel da Costa, vista no seu conjunto, revela um percurso bastante nítido, que vai dos primeiros anos em Coimbra, para onde se transferiu em 1749, até a fase da maturidade, encerrada no fatídico ano de 1789, quando, encarcerado como réu da Inconfidência, foi encontrado morto num dos segredos da Casa dos Contos, em Vila Rica. Pode-se falar de três fases neste percurso, sem descer à distinção dos momentos e traços mais singulares que as constituem. O poema mais antigo de que se tem notícia é o *Culto métrico*, editado no ano mesmo em que o Poeta iniciava seu curso de Cânones. Não se sabe de produções anteriores, mas é de se supor que, como aluno do Colégio dos Jesuítas, no Rio de Janeiro, tenha ensaiado uma ou outra composição. Nos cinco anos que permaneceu em Portugal e nos subseqüentes escreveu várias obras, conforme consta dos "Apontamentos" enviados em 1759 à Academia Brasílica dos Renascidos, e publicados por Alberto Lamego.[7] As que nos chegaram, o *Culto métrico* (1749), o *Munúsculo métrico* (1751) e o *Epicédio* (1753), permitem um juízo sobre esta fase da juventude do Poeta. O exame destes três longos poemas, recentemente resgatados, revela a forte impregnação barroca, fruto de um ambiente e de uma formação nitidamente conformados pelo espírito do seiscentos. Nas Minas do Ouro, sua *pátria*, o fenômeno artístico emerge, segundo observa Affonso Ávila, "de uma sociedade que se inscreve originária e culturalmente sob o signo do Barroco".[8] Herdeiro desta tradição

acentuada no convívio com os jesuítas, dotado de temperamento mais propenso ao "sublime", como ele próprio viria a confessar no Prólogo das *Obras*, Cláudio tem dificuldades em se adaptar às novas tendências quando chega a Portugal. De caráter circunstancial e laudatório, os três poemas citados estão carregados dos chavões e dos torneios da retórica barroca, não deixando entrever a orientação árcade que só os cinco anos de permanência em Coimbra iriam consolidar.

Em 1768, estando o Poeta já no Brasil, viriam à luz em Coimbra as *Obras*, contendo o que ele, no Prólogo, afirma ter escrito nesta cidade, quando estudante, e nos primeiros anos, "tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras". Esta afirmativa, posta em suspeição por João Ribeiro e Antonio Candido, não merece mesmo grande crédito, tão acentuada é a distância entre aquelas primeiras composições e as das *Obras*, visivelmente orientadas por outro gosto e princípios estéticos. Se resíduos seiscentistas aí permanecem, inegáveis, em rebuscadas metáforas e retorcidos de linguagem, a ambiência pastoril, com a simplicidade do sentimento e a ingenuidade dos hábitos campestres, garante, entre outras coisas, a almejada "modernidade"da época. As *Obras* constituem, pois, a segunda fase do percurso poético de Cláudio e funcionam como um divisor de águas deste percurso.

O ano de publicação das *Obras* (1768) coincide, como já se observou, com a feitura de dois outros blocos de composições, dedicados ambos ao conde de Valadares, recém-chegado às Minas: *O Parnaso obsequioso* e *Obras poéticas que na Academia que se juntou na Sala* (...). Apesar de não se poder datar a escrita dos poemas que constituem as *Obras*, fica evidente a aproximação destes com os dedicados ao governador, aí incluído o drama, representado em palácio, em dezembro de 1768. A redução acentuada das figuras de contraste e simetria forçada da retórica barroca, como são as antíteses, os oxímoros, os paradoxos, o paralelismo e, além disso, o uso mais moderado dos complicados jogos de palavras e conceitos agudos, denunciam a virada de rumos desta poesia e a consciente adesão ao modelo importado da Itália e da França. No entanto, em que pesem as semelhanças de linguagem entre as três obras, fica evidente a diferença de orientação ideológica que preside as *Obras* e as composições de *O Parnaso obsequioso e Obras poéticas* (...). Consciente do papel que lhe cabe numa sociedade premida e desnorteada pelo arrocho econômico que lhe é imposto e a que já não consegue atender, o Poeta revela aqui outras preocupações; estas composições de 1768 indicam o nascimento do ilustrado, muito mais voltado para os problemas sociais, concretos e palpáveis, do que para as "doces fadigas do amor", sugerindo uma nova fase em sua trajetória.

Depois de 1768 nada mais foi publicado em vida do Poeta, ao que se saiba. O poema *Vila Rica*, datado de 1773, é obra póstuma, e dele se fizeram

vários manuscritos, de circulação local, sobretudo. Também a "Epístola", que abre as *Cartas chilenas* e que tem sido atribuída a Cláudio Manuel da Costa, teria sido escrita e posta em circulação em manuscrito por volta de 1788, em época aproximada à do afastamento do governo de Minas de Luís da Cunha Menezes, o Fanfarrão Minésio. Além destes, um caderno manuscrito de poemas dedicados sobretudo a figuras exponenciais da capitania situa-se nesta fase final. Trazendo na folha de rosto "Poesias manuscritas de Cláudio Manuel da Costa, oferecidas ao Clube Literário do mesmo nome de Mariana pelo dr. Joaquim Vieira de Andrade. Contém cinqüenta e uma folhas, e vai marcado com o carimbo do Clube", os poemas deste caderno (hoje pertencente à família Muzzi), circunstanciais e encomiásticos, podem ser facilmente datados, pelo menos aproximadamente. Teriam sido escritos nos anos 70 e 80, se se considerar, por exemplo, que d. Antônio de Noronha, a quem é dedicado o "Canto heróico", foi governador de Minas de 1775 a 1780, sendo exaltado no poema por partir à frente das tropas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, na época da Guerra do Sul; que várias composições são dedicadas a d. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon, esposa de d. Rodrigo José de Menezes, governador de Minas de 1780 a 1784; que são mencionados vários outros episódios da época. São, pois, inegavelmente posteriores a 1768 as composições das *Poesias manuscritas* (...).

Os poemas do *Manual de obras* ficaram também confinados ao manuscrito, sem publicação. Denunciando claramente a aproximação da velhice e a rejeição a temas da mocidade, alguns de seus poemas afastam-se dos da primeira fase por uma extrema simplicidade de composição e dos da segunda por um despojamento da artificiosa roupagem pastoril. Pode-se situá-los com facilidade nesta fase final, se não houver a preocupação de apontar neste conjunto as grandes diferenças de tom em relação ao *Vila Rica* e a outras composições da fase.

*

* *

3. REVISÃO DE UM DIÁLOGO

Se o traçado deste percurso cronológico é insuficiente para a compreensão da poesia de Cláudio e dos mecanismos de produção de sua obra, é importante ressaltar que ele facilita a revisão do diálogo do poeta inconfidente com sua época e fornece elementos importantes para o levantamento de outras instâncias dialógicas na estrutura mesma do texto. Na verdade o Poeta foi permanentemente um (re)leitor de sua obra, a ela voltando sempre para fazer reparos, acréscimos, justificativas, correções de rumos. Só que esta revisão de caráter tão variado não se traduziu em novas edições revisitadas pelo Poeta (lembre-se da dificuldade na época

para se imprimir um livro), mas no diálogo intertextual, dentro de uma mesma obra ou entre obras distintas. Assim é que temas vários se repetem: reforçados, reconsiderados, muitas vezes denegados. Exemplos de temas recorrentes e revitalizados sob novos ângulos podem ser vistos na contraposição entre a infelicidade do presente e a ventura do passado, acentuada pelo papel perverso da memória, com nítida reminiscência de Dante; na exaltação da vida campestre e da ingenuidade do pastor em contraposição à vida da cidade e ao "cortesão dissimulado"; na recorrência à triste história de Fido, amante incorrespondido e suicida; na fábula das origens míticas do Ribeirão do Carmo e do pico de Itamonte, retomada ou tangenciada em pontos vários, e até mesmo no *Vila Rica*, onde sustenta um episódio inteiro (Canto VII); e outros vários.

Além desta atitude de recorrência a temas e situações de certa forma obsessivas, percebe-se em várias composições a revisão de pontos de vista, a rejeição a posições antes tomadas. Ao longo das edições de sua produção poética, as "rasuras", se assim se pode dizer, do texto de Cláudio podem ser lidas diacronicamente e se dão no nível explícito do texto publicado; as rasuras, propriamente, dos manuscritos, indicando a gênese do texto, as indecisões ou escolhas do poeta, estas nos escaparam, com o sumiço dos textos autógrafos e dos possíveis rascunhos. Salvo em alguns manuscritos do *Vila Rica* e em algumas passagens do manuscrito das *Obras* que serviu à impressão após ser submetido à Mesa Censória, não há registro da gênese (nem mesmo registro indireto, como é o caso dessas obras, já que se trata de manuscritos apócrifos) da obra do poeta inconfidente. O desenho nítido das retificações e das hesitações ideológicas pode, contudo, ser acompanhado desde o início na poética implícita de seus textos ou na metalinguagem de vários de seus poemas. Os rios que figuram na obra de Cláudio, por exemplo, assumem quase sempre valor emblemático e, associados às ninfas que os habitam, simbolizam uma opção estética, ora voltada para os valores estrangeiros ora para a exaltação do nacional. O soneto das *Obras poéticas* (...) — "Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo" — é, neste sentido, uma denegação do soneto LXXVI, das *Obras* — "Enfim te hei de deixar, doce corrente / Do claro, do suavíssimo Mondego" — que por sua vez dialoga com a écloga XIV — "Turvo e feio um ribeiro / o campo dividia" — que remete ao soneto II, das *Obras* — "Não vês nas tuas margens o sombrio, / Fresco assento de um álamo copado"; e assim por diante.

A intensa fabulação que se percebe na obra vista em seu conjunto confere ao texto uma unidade, uma "amarração" e uma consistência raras; longe de apontarem, no entanto, para a monotonia, traduzem a vitalidade de uma consciência crítica em permanente questionamento do fazer poético e de uma sensibilidade agudamente aberta ao sentido do

humano. Assim, pode-se falar em evolução na obra de Cláudio Manuel da Costa, não no sentido estrito de um aperfeiçoamento poético crescente, mas no sentido de uma tomada gradual de consciência do seu papel de poeta e de homem público numa sociedade em formação, compelida a criar seus próprios valores. Dos intrincados poemas encomiásticos da juventude, passando pelos líricos sonetos, éclogas e cançonetas pastoris das *Obras*, à poesia encomiástico-reivindicatória de *O Parnaso obsequioso* e *Obras poéticas* (...), ou ainda ao canto épico do *Vila Rica*, vai uma longa distância, e esta mudança gradual, que é política, é também estética, no sentido de busca de expressão autêntica dos valores locais.

A poesia de circunstância, mesmo guardando as marcas retóricas que lhe são inerentes, testemunha com clareza esta mudança. À medida que a influência do Arcadismo se instala em Cláudio, modifica-se o tom desta poesia laudatória que, à moda de Metastásio, o grande mestre do tempo, incorpora os elementos de graça e elegância inexistentes nos pesados poemas da juventude. No grupo de composições festejando a posse e depois o aniversário do conde de Valadares, a homenagem é um mero pretexto para abrir o espaço da reivindicação e firmar o sentido do compromisso. O presente, que normalmente é o tempo por excelência da poesia encomiástica, somatório das qualidades e feitos gloriosos do homenageado, apresenta-se como um mero estágio para o futuro, aqui identificado ao passado do mito, à idade de ouro, cheia de benfazejas realizações e de felicidade perene. O poema intitulado "Na imagem de ua Nau soçobrada se pinta o decadente estado das Minas, e se lhe auspicia felicíssimo reparo" exemplifica bem a esperança que o Poeta põe na administração do jovem conde, precedido em sua chegada à capitania de toda uma aura de coragem e virtudes morais. É entretanto no drama *O Parnaso obsequioso*, cujas partituras musicais infelizmente desapareceram, impossibilitando uma idéia melhor do espetáculo representado em Vila Rica, que podemos notar fortemente esboçada, sob a capa da pura louvação, a intenção de envolver o então poderoso conde num compromisso maior e mais efetivo com a terra de Minas. A "Nau soçobrada" não é apenas uma figura de retórica; nesta época o ouro está em franca decadência e a capitania sofre sob o jugo dos impostos e a pressão da metrópole. No entanto, a paisagem que o drama pinta é a de felicidade, a de uma idade de ouro que já se pode sentir com a chegada do conde. Fazendo passar a ação no Parnaso, com a presença de Apolo, Mercúrio, Calíope, Clio, Talia e Melpomene, inicia-se a ação com o coro dos músicos cantando:

> Já despede a fria todo o horror;
> Torna ao mundo o novo dia,
> Que enche a terra de esplendor.

Esta passagem para um novo dia, prenunciado pelo Poeta, ao mesmo tempo que é a recusa do presente, é o canto do futuro, que se identifica por sua vez com aquela idade de ouro mítica, dos tempos imemoriais. Em Cláudio, o estado de decadência da capitania com o escasseamento do ouro e, a par disso, a pressão da metrópole, não permitem, de leve, o paralelo desta sociedade com a idade feliz que o Poeta descreve em seu Parnaso. Entretanto, pelo fio condutor da memória — ou de Mnemosine, a mãe das musas que o inspiram — o Poeta recupera esta idade que a mitologia criou, para representar o que de mais perfeito existiu no plano social e que ele quer ver transposto para as suas "áureas Minas" decadentes. O retorno à mitologia e à idade de ouro não é apenas um tributo estético à literatura clássica, sem dúvida recorrente em sua obra; é também uma forma de luta, de oposição a uma realidade histórica incômoda, a uma situação econômica que já caminha para o insuportável. O olhar sobre o passado, que ele almeja identificar ao futuro risonho que antevê, é uma forma de recusa ao presente, infeliz.

A memória do passado é que alimenta a utopia; a natureza rochosa e áspera, os habitantes nativos, indígenas rudes e queimados, já são vistos e sentidos como polidos e brandos. O trecho em que Apolo e Mercúrio alternam suas vozes o comprovam:

APOLO *Esta a idade em que o Lobo*
Pastava entre as Ovelhas; esta a idade,
Em que a Terra, sem próvida fadiga,
Brotava a rama, e produzia a espiga;

MERC. *Esta a idade em que os rios*
Eram de mel, e eram de leite os lagos,
Em que desconhecia o peito humano
Tudo o que era traição, perfídia, engano.

APOLO *Enfim tudo é delícia*
Na opulenta região das áureas Minas;
E tu, ó bom Menezes,
Desses troncos incultos, dos penhascos
Mais hórridos, mais feios,
Dos queimados Tapuias
Fazes polir a bárbara rudeza,
Fazes domar a natural fereza.

A poesia laudatória ocupa uma posição oposta à da poesia satírica, se se considerar que o lugar de onde se move a sátira é claramente um *topos* negativo e que a poesia laudatória, ao contrário, é um *topos* positivo enquanto endosso da tradição. Entretanto, a novidade dos poemas acima mencionados é que, laudatórios, sim, em sua intenção mais aparente, contêm elementos de resistência e de ruptura com a ordem estabelecida que se

harmonizam e explicam melhor o inconfidente Cláudio Manuel da Costa do que o explicam seus poemas líricos e sua porção satírica, presente, ao que se acredita, na "Epístola" que introduz as *Cartas chilenas*, de Gonzaga. Denominando-se vice-custode da Colônia Ultramarina (é curioso notar que o Custode é o pastor Daliso, isto é, o conde de Valadares, homenageado), Cláudio zela pelo bem-estar de sua gente e tenta atrair para sua causa o conde, de quem espera tanto. A incoerência desta aproximação — *poesia de louvação / poesia de resistência* — pode ser de alguma forma explicada se se considerar que a não integração da poesia nos "discursos correntes da sociedade" é fato recente entre nós e que as figuras do poeta e do homem público eram complementares. Os poderosos cultivavam o poeta que os imortalizava, e o poeta alcançava o prestígio e sua realização enquanto apoiado pelo poder. Este era o seu modo "historicamente possível de existir". Numa sociedade infelicitada pelo domínio português, Cláudio cumpriu o que lhe era historicamente possível e foi além; resistiu com as armas que teve e enxergou melhor e mais claro que qualquer outro poeta de sua época. Acompanhar no tempo os caminhos por onde andou o seu estro, é sentir seu desterramento, suas hesitações, suas estratégias, suas expectativas e sua fragilidade, elementos que vão compondo, em firme urdidura, o tecido coeso e coerente de sua obra. Imaginar que esta coesão e coerência se assentam em verdades imutáveis é ignorar a ambigüidade de seu texto, clara no diálogo que travou com sua época, com seus pares, com os poderosos do tempo e, sobretudo, consigo mesmo.

4. NOTA FILOLÓGICA PRELIMINAR

O texto da presente edição da obra completa de Cláudio Manuel da Costa foi estabelecido rigorosamente a partir de suas fontes. Quando foi possível localizar o manuscrito, no caso de obras editadas em vida do autor, o cotejo foi feito, com o cuidado minucioso que se impõe às edições críticas. No caso de obras póstumas e de textos inéditos, procurou-se trabalhar, dentro do mesmo espírito, com as fontes primárias disponíveis (edições e/ou manuscritos). Quando ocorreu ilegibilidade, omissão ou erro nítido no texto-base, os manuscritos auxiliares forneceram inúmeras vezes a solução.

A presente edição pretende resgatar uma lacuna da história da literatura brasileira e contribuir de alguma forma para a reavaliação de um dos poetas mais fecundos da língua portuguesa do seu tempo, aquém e além-mar. O material que a constitui pode ser classificado, para facilitar a compreensão de sua seqüência, em:

1 – obras editadas e divulgadas em livro
2 – obras editadas em opúsculos e nada ou pouco divulgadas
3 – obras inéditas divulgadas parcial ou esparsamente

Esta classificação, que procura ajustar na medida do possível o nível de divulgação, a fonte, a natureza e a cronologia das obras, não cobre com exatidão a divisão proposta no sumário, por razões diversas, mas parece-nos a melhor para justificar uma seqüência que não é primordialmente cronológica. Assim, a edição se abre com a obra mais representativa do Poeta, as *Obras*, de 1768; seguem-se *O Parnaso obsequioso* e *Obras poéticas* (...) e o *Vila Rica*, que tiveram também sua divulgação em livro. Considerando que o *Vila Rica* aqui apresentado contém um trecho inédito (oitenta e quatro versos) que não teria sentido se publicado isoladamente, já se vê que os critérios de classificação não conseguem ser exatos.

Os poemas do segundo bloco, constituído do *Culto métrico*, do *Munúsculo métrico* e do *Epicédio* mantiveram-se nestes duzentos e poucos anos com o estatuto de inéditos, já que "esquecidos" na Biblioteca da Universidade de Coimbra ou imperfeitamente divulgados (o caso do *Epicédio*). Sua semelhança de estilo e sua proximidade no tempo justificam sua reunião neste segundo bloco.

Os oito sonetos manuscritos das *Obras*, expurgados da edição de 1768, e ainda o caderno das *Poesias manuscritas* (...) constituem o terceiro bloco; os sonetos foram divulgados, como se viu, em revistas de difícil acesso; o caderno das *Poesias manuscritas*, divulgado pela primeira vez por Ramiz Galvão, foi incompletamente publicado por João Ribeiro, que deixou de lado a parte final, de oito poemas. Apesar de não estarem próximos no tempo, têm em comum o terem-se conservado à margem da tradição literária, insulados em seus manuscritos de origem.

O *Manual de obras* é obra inédita, não sendo autógrafo o manuscrito, o que dificulta a atribuição da autoria. Ainda que faça restrições a certas composições, considero importante sua futura divulgação pelas possibilidades que abre ao pesquisador. Este, com acesso mais facilitado às técnicas de análise do material, como se espera, e possíveis novas descobertas, terá mais condições de enfrentar esta questão da autoria. Constituiria por si só o quarto bloco. Deixa de aqui figurar por envolver textos em prosa.

Finalmente as traduções das peças de Metastásio, *Artaxerxe* e *Demofoonte*, também não constam desta edição por sua natureza diferenciada.

Foram indicadas entre colchetes [ ] as passagens em que ocorreram interferências no texto-base, com a informação da fonte responsável pela correção/acréscimo. Procurou-se assim, sem cair no hibridismo, tornar o texto o mais fiel possível a suas origens e à intenção do autor.

A modernização restringiu-se à atualização ortográfica sem prejuízo para a fonética do tempo. Nos casos, entretanto, de pronúncia duvidosa, alternada, optou-se pela mais moderna.

A pontuação foi igualmente atualizada até o ponto em que não significou mudança estilística significativa; quando reiterada no texto, como traço típico da época, foi mantida, ainda que não seja modernamente a mais usual. Este é o caso da conjunção *e*, freqüentemente precedida de vírgulas; das orações restritivas, com tratamento idêntico ao das explicativas etc.

A riqueza das fontes manuscritas do *Vila Rica* e a pobreza das fontes das demais obras justificam a diferença para mais das notas relativas às variações desse poema. Entretanto, por não se tratar aqui de uma edição crítica e, sim, baseada em edição crítica, não estão registradas todas as variantes do texto, a não ser quando forem importantes para a compreensão ou oferecerem outro tipo de interesse.

Tanto os comentários como as notas elucidativas e a indicação (parcial) de variantes, obedecendo a chamadas, são remetidos ao final do texto.

Acrescente-se que no caso de um poema figurar em mais de uma obra ou coleção (e isto estará registrado nas notas), deu-se preferência à fonte de maior fidedignidade.

A edição do *Vila Rica* está baseada no manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. Este exemplar, oferecido ao conde de Cavaleiros (d. Rodrigo José de Menezes), em cópia bem-cuidada, contendo oitenta e quatro versos inéditos, foi escolhido como texto-base por sua comprovada antigüidade e sua integridade original.

FONTES

	Texto-base	*Outras fontes*
Obras	Edição de 1768 (*princeps*)	Manuscrito - Cód. 2113, da Mesa Censória, Torre do Tombo Manuscrito - Cód. a39, Biblioteca Municipal de São Paulo ("Epicédio" ao conde de Bobadela)
O PARNASO OBSEQUIOSO E OBRAS POÉTICAS	*O inconfidente Cláudio Manuel da Costa* (1931)	
VILA RICA	Manuscrito - Cód. 6799, Biblioteca Nacional de Lisboa	Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; do Arquivo Público Mineiro; do IHGB; da Biblioteca de Sainte Geneviève, de Paris. Edições de 1839, 1897, 1969 (A. Lima Júnior.).
CULTO MÉTRICO	Edição de 1749 (*princeps*) vol. 374, nº 5936, Biblioteca da Un. de Coimbra	

Munúsculo Métrico	Edição de 1751 (*princeps*) vol. 254, nº 4231, Biblioteca da Un. de Coimbra	
Epicédio	Edição de 1753 (*princeps*)	
Obras: *Sonetos inéditos*	Manuscrito - Cód. 2113 da Mesa Censória, Torre do Tombo	
Poesias Manuscritas:	Manuscrito Família Muzzi (Clube Literário de Mariana)	Manuscrito - Cód. 8610, Biblioteca Nacional de Lisboa (avulsos)
Manual de Obras:	Manuscrito - Cód. 11438, Biblioteca Nacional de Lisboa	
Artaxerxe:	Manuscrito do Arquivo de Música da Cúria Metropolitana de Mariana	VII *Anuário do Museu da Inconfidência* (1984)
Demofoonte:	Manuscrito do Arquivo de Música da Cúria Metropolitana de Mariana	VIII *Anuário do Museu da Inconfidência* (1990)

Fim de "Introdução de
Cláudio Manuel da Costa"

Obras

1768

OBRAS[1]

de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, Árcade Ultramarino, chamado Glauceste Satúrnio, oferecidas ao Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. D. JOSÉ LUIZ DE MENEZES ABRANCHES CASTELO BRANCO, Conde de Valadares, Comendador das Comendas de S. João da Castanheira, S. Julião de Montenegro, Sta. Maria de Viade e Sta. Maria de Locores, da Ordem de Cristo, Governador e Capitão General da Capitania das Minas Gerais etc. etc. etc.

Primus ego in Patriam mecum, modo vita supersit,
Aonio rediens deducam vertice Musas.[2]

VIRGÍLIO, *Geórgicas.*

Carta Dedicatória[3]

Il^mo^ e Ex^mo^ Sr.,

Não é a vaidade de honrar os meus escritos o que me obriga a escrever na frente deles o grande nome de V. Excelência; nem é o empenho de prevenir a mordacidade dos críticos o que me anima a buscar tão superior Mecenas.[4] Persuado-me, com o parecer do Sulmonense,[5] que, se a causa por sua natureza não é boa, se faz pior com o patrocínio: e pouco me devem as produções inúteis da minha ociosidade, na qual perdi apenas as breves horas que pude respirar de uma vida séria. A obrigação, Senhor, e o afeto são os dous fortíssimos e únicos estímulos, que promovem à presença de V. Excelência o meu estéril obséquio. Produzir ao público esta confissão é toda a minha glória.

Não se engane o mundo, se para formar o elogio de V. Excelência espera que eu entre a desenvolver a dilatada série da sua Genealogia. Eu sei que largo campo me pudera oferecer uma Ascendência que, honrando a duas Monarquias, interessou no seu sangue os Senhores Reis D. Fernando em Portugal, e D. Henrique Segundo em Castela. Depois desta ponderação, pouco importará o dizer-se que ela se tem enlaçado com as primeiras casas do Reino. Pouco importará o contar na sua Varonia os títulos e brasões de Noronha, Cascais, Vila Real, Linhares, Bragança, Monsanto, Portalegre, Caminha, Alvito, Povolide, Abranches, Ilha do Príncipe, Óbidos, Angeja e Alegrete. Bastaria apontar que a memória de tão esclarecidos Progenitores foi condecorada em dous de junho de mil setecentos e dous, na Pessoa do Senhor D. Miguel Luiz de Menezes, com o título de Conde de Valadares, título, de que V. Excelência, para honra de Portugal, é o quinto, felicíssimo e legítimo sucessor.

Eu rendo uma profunda veneração a tão ilustre Família, mas deixo esta lembrança, porque V. Excelência tão bem a deixa. Estimando por casualidade a fortuna do berço, nós o vemos fundar a maior nobreza nas ventagens do seu espírito. Virtuoso, liberal, sábio e magnífico, maior pelos merecimentos pessoais do que pelos títulos que tem, nós vemos que os Pobres o amam como seu Pai; os Políticos o atendem como seu Mestre, e os Grandes o respeitam como seu Modelo. Lisboa, enfim, e todo o Portugal publicam as suas virtudes.

Quem não admira o perfeito zelo com que V. Excelência busca em todas as cousas a honra de Deus, a glória do Rei, e o bem dos Vassalos! Quem não louva aquela generosa piedade, com que edifica os Povos, aquela prudência ilustrada, com que regula as ações, e aquela bondade natural, com que se faz universalmente amável! A quem não arrebata o gênio vasto, que brilha em V. Excelência, a penetração viva e delicada, com que tudo compreende, e a ciência dilatada, com que profundou os sistemas da moral mais sã, e da melhor política! Estas são as qualidades que formam o caráter de uma alma grande; e estas são as que distinguem um Herói do resto dos mais homens.

O SENHOR D. JOSÉ, O PRIMEIRO, digno deste nome, e digno de reinar pelos séculos, querendo mostrar a estimação que faz de um Vassalo tão distinto, confiou de V. Excelência o governo das Minas Gerais, da minha pátria, da Capitania mais importante, pois, enfim, é a mais rica.

Oh! E quantas lágrimas não atropelou V. Excelência na ocasião de deixar a Europa! Que suspiros não custou a Lisboa a inveja nobre de ver transportar-se para o Brasil o objeto maior das suas esperanças! O espaço breve de vinte e dous anos, que V. Excelência apenas contava, tinha enchido as gentes de tanta expectação, como pudera fazer recomendáveis os últimos dias de qualquer Grande. A benevolência, a piedade e a inteireza qualificavam à preciosa índole de V. Excelência, não menos no serviço do Rei, que no zelo da Religião.

Ainda, Senhor, ainda se ouvem os suspiros do Hospital, onde V. Excelência, com o emprego de Mordomo-Mor, eternizou a sua virtude. As provas da caridade, que acabou ali de exercitar, foram tão dignas de admiração, quanto maiores de todo o crédito e próprias só do seu grandioso ânimo. Eu mesmo, eu mesmo estou vendo ainda o desordenado tropel de pobres, de doentes e de aflitos, que forcejavam por demorar os passos ao seu Benfeitor. Qual se desfazia em prantos! Qual com os ais embaraçava a despedida! Qual mostrando as chagas àquela mão, que as costumava curar, queria com esta lembrança atrair a compaixão! E V. Excelência cheio de bondade, e cheio de espírito, consolando a uns, beneficiando a outros, abraçando a todos, com amor, com zelo, com piedade, despedindo-se, partindo, voltando... Que é o que faço! Insensivelmente cheguei a enternecer o coração do meu Herói. Bastou uma leve imagem de ternura para abalar as suas entranhas. Eu cedo já, Senhor, eu cedo. Reserve-se à posteridade o estender o nome de V. Excelência e o eco das suas ações. Eu teria uma grande satisfação de ajuntar a minha pena a esta fama.

Felizes os habitadores das Minas! Felizes os Vassalos d'El Rei Fidelíssimo! Feliz a minha Pátria, e feliz eu, que da prudente conduta de um tão grande General devemos auspicar a nós mesmos um governo suavíssimo!

Feliz eu mil vezes que, devendo a V. Excelência a honra de consentir que passem as minhas obras debaixo da sua proteção, tenho a glória de confessar com o mais profundo respeito que sou

De V. Excelência
Súdito obrigadíssimo,
Cláudio Manuel da Costa

Prólogo ao Leitor

Se não for muita a tua maldade, sempre hás de confessar que algum agradecimento se deve a um Engenho, que desde os sertões da Capitania das Minas Gerais aspira a brindar-te com o pequeno obséquio destas *Obras*. Conheço que só entre as delícias do Pindo[6] se podem nutrir aqueles espíritos, que desde o berço se destinaram a tratar as Musas: e talvez nesta certeza imaginou o Poeta desterrado que as Cícladas[7] do mar Egeu se tinham admirado de que ele pudesse compor entre os horrores das embravecidas ondas.

Não permitiu o Céu que alguns influxos, que devi às águas do Mondego,[8] se prosperassem por muito tempo: e destinado a buscar a Pátria, que por espaço de cinco anos havia deixado, aqui entre a grossaria dos seus gênios, que menos pudera eu fazer que entregar-me ao ócio, e sepultar-me na ignorância! Que menos, do que abandonar as fingidas Ninfas destes rios e no centro deles adorar a preciosidade daqueles metais, que têm atraído a este clima os corações de toda a Europa! Não são estas as venturosas praias da Arcádia,[9] onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feia, a corrente destes ribeiros, primeiro que arrebate as idéias de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as cores.[10]

A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego[11] me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço, mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes e a escrever a Fábula do Ribeirão do Carmo,[12] rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome à Cidade Mariana, minha pátria, quando era Vila.

Bem creio que te não faltará que censurar nas minhas *Obras*, principalmente nas Pastoris onde, preocupado da comua[13] opinião, te não há de agradar a elegância de que são ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer como talvez me não é estranho o estilo simples, e que sei avaliar as melhores passagens de Teócrito, Virgílio, Sanazaro e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo, Camões etc. Pudera desculpar-me, dizendo que o gênio me fez propender mais para o sublime:[14] mas, temendo que ainda neste me condenes o muito uso das metáforas, bastará, para te satisfazer, o lembrar-te que a

maior parte destas *Obras* foram compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus primeiros anos, tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras.[15] A lição dos Gregos, Franceses e Italianos, sim, me fizeram conhecer a diferença sensível dos nossos estudos e dos primeiros Mestres da Poesia. É infelicidade que haja de confessar que vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução.[a]

Contra esta obstinação não há argumento: e sendo empresa dificultosa acomodar semelhante gênero de iguaria ao paladar de todos (porque uns o têm muito entorpecido, e outros demasiadamente delicado) contentar-me-ei com que nestas *Obras* haja alguma cousa que te agrade, ainda que uma grande parte te desgoste. A experiência do contrário me fará condenar o teu gênio, ou de indiscreto, se tudo aprovas, ou de invejoso, se nada louvas.[b]

---

[a] *Video meliora, proboque;*
Deteriora sequor. Ovíd.[16]

[b] *Qui legis ista, tuam reprehendo, si mea laudas*
Omnia, stultitiam, si nihil, invidiam.[17]
Owen,[18] L. I, Ep. 3

Ad Lectorem
Epigr.

Ipse sibi plaudat Naso, plaudique peroptet;
Dum videt in formas corpora versa novas:
Exige, fronde virens cingat tua tempora laurus,
Dum blandis resonas, culte Tibulle, modis:
Mæonides longum, longum sibi spondeat ævum,
Qui cecinit segetes, Arma, virumque, Maro:
Non eadem nobis repetuntur munera, Lector;
Cum tibi sim gratus, præmia digna feram.[19]

Sonetos[20]

I

Para cantar de Amor tenros cuidados,
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento,
Ouvi pois o meu fúnebre lamento,
Se é que de compaixão sois animados:

Já vós vistes que aos ecos magoados
Do trácio Orfeu[21] parava o mesmo vento;
Da lira de Anfião[22] ao doce acento
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei que de outros Gênios[23] o destino,
Para cingir de Apolo[24] a verde rama,
Lhes influiu na lira estro divino;

O canto, pois, que a minha voz derrama,
Porque ao menos o entoa um Peregrino,
Se faz digno entre vós também de fama.[25]

II

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,[26]
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado,
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo, banhando as pálidas areias,
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o Planeta louro,[27]
Enriquecendo o influxo em tuas veias
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

III

Pastores, que levais ao monte o gado,
Vede lá como andais por essa serra,
Que para dar contágio a toda a terra
Basta ver-se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vedes) tão pesado,
E a Pastora infiel, que me faz guerra,
É a mesma que em seu semblante encerra
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,
Vereis a formosura, que eu adoro;
Mas, não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais, eu vo-lo imploro;
Que se seguir quiserdes o que eu sigo,
Chorareis, ó Pastores, o que eu choro.

IV

Sou Pastor, não te nego; os meus montados
São esses que aí vês; vivo contente
Ao trazer entre a relva florescente
A doce companhia dos meus gados:

Ali me ouvem os troncos namorados,
Em que se transformou a antiga gente;[28]
Qualquer deles o seu estrago[29] sente,
Como eu sinto também os meus cuidados.

Vós, ó troncos (lhes digo), que algum dia
Firmes vos contemplastes, e seguros
Nos braços de uma bela companhia,

Consolai-vos comigo, ó troncos duros,
Que eu alegre algum tempo assim me via,
E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

V

Se sou pobre Pastor, se não governo[30]
Reino, nações, províncias, mundo e gentes;
Se em frio, calma e chuvas inclementes
Passo o verão,[31] outono, estio, inverno;

Nem por isso trocara o abrigo terno
Desta choça, em que vivo, co'as enchentes
Dessa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar aflito o dia, o mês, e o ano,

Seja embora prazer; que a meu ouvido
Soa melhor a voz do desengano,
Que da torpe lisonja o infame ruído.

VI

Brandas ribeiras, quanto estou contente
De ver-vos outra vez, se isto é verdade!
Quanto me alegra ouvir a suavidade,
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
Tudo me está causando novidade:
Oh! como é certo que a cruel saudade
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,
Que andou té agora por incerto giro,
Correndo sempre atrás do seu cuidado:

Este pranto, estes ais com que respiro,
Podendo comover o vosso agrado,
Façam digno de vós o meu suspiro.

VII

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?

Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera![32]

VIII

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos,
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos,
Que de amor nos suavíssimos enredos
Foi cena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido
Aquele monte, e as vezes que baixando
Deixei do pranto o vale umedecido!

Tudo me está a memória retratando,
Que da mesma saudade o infame ruído
Vem as mortas espécies despertando.[33]

IX

Pouco importa, formosa Daliana,
Que fugindo de ouvir-me o fuso tomes,
Se quanto mais me afliges e consomes,
Tanto te adoro mais, bela Serrana.

Ou já fujas do abrigo da cabana,
Ou sobre os altos montes mais te assomes,
Faremos imortais os nossos nomes,
Eu por ser firme, tu por ser tirana.

Um obséquio, que foi de amor rendido,
Bem pode ser, Pastora, desprezado,
Mas nunca se verá desvanecido:[34]

Sim, que para lisonja do cuidado,
Testemunhas serão de meu gemido
Este monte, este vale, aquele prado.

X

Eu ponho esta sanfona, tu, Palemo,
Porás a ovelha branca, e o cajado;
E ambos ao som da flauta magoado
Podemos competir de extremo a extremo.

Principia, Pastor, que eu te não temo,
Inda que sejas tão avantejado
No cântico amabeu:[35] para louvado
Escolhamos embora o velho Alcemo.

Que esperas? Toma a flauta, principia;
Eu quero acompanhar-te; os horizontes
Já se enchem de prazer, e de alegria:

Parece que estes prados, e estas fontes
Já sabem que é o assunto da porfia
Nise, a melhor Pastora destes montes.

XI

Formosa é Daliana; o seu cabelo,
A testa, a sobrancelha é peregrina;
Mas nada tem que ver co'a bela Eulina,
Que é todo o meu amor, o meu desvelo.

Parece escura a neve em paralelo
Da sua branca face, onde a bonina
As cores misturou na cor mais fina,
Que faz sobressair seu rosto belo.

Tanto os seus lindos olhos enamoram,
Que arrebatados, como em doce encanto,
Os que a chegam a ver, todos a adoram.

Se alguém disser que a engrandeço tanto,
Veja, para desculpa dos que choram,
Veja a Eulina; e então suspenda o pranto.

XII

Fatigado da calma se acolhia
Junto o rebanho à sombra dos salgueiros,
E o Sol, queimando os ásperos oiteiros,
Com violência maior no campo ardia.

Sufocava-se o vento, que gemia
Entre o verde matiz dos sovereiros;
E tanto ao gado, como aos Pegureiros,
Desmaiava o calor do intenso dia.

Nesta ardente estação, de fino amante
Dando mostras Daliso, atravessava
O campo todo em busca de Violante.

Seu descuido em seu fogo desculpava,
Que mal feria o Sol tão penetrante
Onde maior incêndio a alma abrasava.

XIII

Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nise, cuido que diz; mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? Onde estás? Aonde? Aonde?

XIV

Quem deixa o trato pastoril, amado,
Pela ingrata, civil correspondência,
Ou desconhece o rosto da violência,
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos, trasladado
No gênio do Pastor, o da inocência!
E que mal é no trato, e na aparência
Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira Amor sinceridade;
Aqui sempre a traição seu rosto encobre;
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna que soçobre;
Aqui quanto se observa é variedade:
Oh! ventura do rico! Oh! bem do pobre!

XV

Formoso, e manso gado, que pascendo
A relva andais por entre o verde prado,
Venturoso rebanho, feliz gado,
Que à bela Antandra estais obedecendo;

Já de Corino os ecos percebendo,
A frente levantais, ouvis parado,
Ou já de Alcino ao canto levantado
Pouco, e pouco vos ides recolhendo.

Eu, o mísero Alfeu, que em meu destino
Lamento as sem-razões da desventura,
A seguir-vos também hoje me inclino:

Medi meu rosto, ouvi minha ternura,
Porque o aspecto, e voz de um Peregrino
Sempre faz novidade na espessura.

XVI

Toda a mortal fadiga adormecia
No silêncio, que a noite convidava;
Nada o sono suavíssimo alterava
Na muda confusão da sombra fria:

Só Fido, que de Amor por Lise ardia,
No sossego maior não repousava;
Sentindo o mal, com lágrimas culpava
A sorte, porque dela se partia.

Vê Fido que o seu bem lhe nega a sorte;
Querer enternecê-la é inútil arte,
Fazer o que ela quer é rigor forte:

Mas de modo entre as penas se reparte,
Que à Lise rende a alma, a vida à morte,
Porque uma parte alente a outra parte.

XVII

Deixa que por um pouco aquele monte
Escute a glória, que a meu peito assiste:
Porque nem sempre lastimoso e triste
Hei de chorar à margem desta fonte.

Agora, que nem sombra há no horizonte,
Nem o álamo ao Zéfiro[36] resiste,
Aquela hora ditosa, em que me viste
Na posse de meu bem, deixa que conte.

Mas que modo, que acento, que harmonia
Bastante pode ser, gentil Pastora,
Para explicar afetos de alegria!

Que hei de dizer, se esta alma, que te adora,
Só costumada às vozes da agonia,
A frase do prazer ainda ignora!

XVIII

Aquela cinta azul, que o Céu estende
À nossa mão esquerda, aquele grito,

Com que está toda a noite o corvo aflito
Dizendo um não sei quê, que não se entende;

Levantar-me de um sonho, quando atende
O meu ouvido um mísero conflito,
A tempo que o voraz lobo maldito
A minha ovelha mais mimosa ofende;

Encontrar a dormir tão preguiçoso
Melampo, o meu fiel,[37] que na manada
Sempre desperto está, sempre ansioso;

Ah! queira Deus que minta a sorte irada:
Mas de tão triste agouro, cuidadoso,
Só me lembro de Nise, e de mais nada.

XIX

Corino, vai buscar aquela ovelha,
Que grita lá no campo, e dormiu fora;
Anda; acorda, Pastor, que sai a Aurora;[38]
Como vem tão risonha, e tão vermelha!

Já perdi noutro tempo uma parelha
Por teu respeito; queira Deus que agora
Não se me vá também est'outra embora,
Pois não queres ouvir quem te aconselha.

Que sono será este tão pesado!
Nada responde, nada diz Corino:
Ora em que mãos está meu pobre gado!

Mas, ai de mim! que cego desatino!
Como te hei de acusar de descuidado,
Se toda a culpa tua é meu destino!

XX

Ai de mim! como estou tão descuidado!
Como do meu rebanho assim me esqueço,
Que vendo-o trasmalhar no mato espesso,
Em lugar de o tornar, fico pasmado!

Ouço o rumor que faz desaforado
O lobo nos redis; ouço o sucesso[39]
Da ovelha, do Pastor, e desconheço,
Não menos do que ao dono, o mesmo gado;

Da fonte dos meus olhos nunca enxuta
A corrente fatal, fico indeciso
Ao ver quanto em meu dano se executa.

Um pouco apenas meu pesar suavizo,
Quando nas serras o meu mal se escuta;
Que triste alívio! Ah! infeliz Daliso!

XXI

De um ramo desta faia pendurado
Vejo o instrumento estar do Pastor Fido,
Daquele que entre os mais era aplaudido,
Se alguma vez nas selvas escutado.

Ser-lhe-á eternamente consagrado
Um ai saudoso, um fúnebre gemido,
Enquanto for no monte repetido
O seu nome, o seu canto levantado.

Se chegas a este sítio, e te persuade
A algum pesar a sua desventura,
Corresponde em afetos de piedade;

Lembra-te, caminhante, da ternura
De seu canto suave, e uma saudade
Por obséquio[40] dedica à sepultura.

XXII

Neste álamo sombrio, aonde a escura
Noite produz a imagem do segredo,
Em que apenas distingue o próprio medo
Do feio assombro a hórrida figura;

Aqui, onde não geme, nem murmura
Zéfiro brando em fúnebre arvoredo,
Sentado sobre o tosco de um penedo,
Chorava Fido a sua desventura.

Às lágrimas a penha enternecida
Um rio fecundou, donde manava
D'ânsia mortal a cópia derretida.

A natureza em ambos se mudava:
Abalava-se a penha comovida,
Fido, estátua da dor, se congelava.

XXIII

Tu, sonora corrente, fonte pura,
Testemunha fiel da minha pena,
Sabe que a sempre dura e ingrata Almena
Contra o meu rendimento se conjura:

Aqui me manda estar nesta espessura,
Ouvindo a triste voz da Filomena,[41]
E bem que este martírio hoje me ordena,
Jamais espero ter melhor ventura.

Veio a dar-me somente uma esperança
Nova idéia do ódio, pois sabia
Que o rigor não me assusta, nem me cansa:

Vendo a tanto crescer minha porfia,
Quis mudar de tormento, e por vingança
Foi buscar no favor a tirania.

XXIV

Sonha em torrentes d'água o que abrasado
Na sede ardente está; sonha em riqueza
Aquele que no horror de uma pobreza
Anda sempre infeliz, sempre vexado:

Assim na agitação de meu cuidado
De um contínuo delírio esta alma presa,
Quando é tudo rigor, tudo aspereza,
Me finjo no prazer de um doce estado.

Ao despertar a louca fantasia
Do enfermo, do mendigo, se descobre
Do torpe engano seu a imagem fria:

Que importa, pois, que a idéia alívios cobre,
Se apesar desta ingrata aleivosia,
Quanto mais rico estou, estou mais pobre.

XXV

Não de tigres as testas descarnadas,
Não de hircanos[42] leões a pele dura,
Por sacrifício à tua formosura,
Aqui te deixo, ó Lise, penduradas:

Ânsias ardentes, lágrimas cansadas,
Com que meu rosto enfim se desfigura,
São, bela Ninfa, a vítima mais pura,
Que as tuas aras guardarão sagradas.

Outro as flores, e frutos, que te envia,
Corte nos montes, corte nas florestas,
Que eu rendo as mágoas, que por ti sentia:

Mas entre flores, frutos, peles, testas,[43]
Para adornar o altar da tirania,
Que outra vítima queres mais do que estas?

XXVI

Não vês, Nise, este vento desabrido,
Que arranca os duros troncos? Não vês esta,
Que vem cobrindo o Céu, sombra funesta,
Entre o horror de um relâmpago incendido?

Não vês a cada instante o ar partido
Dessas linhas de fogo? Tudo cresta,
Tudo consome, tudo arrasa, e infesta,
O raio a cada instante despedido.

Ah! não temas o estrago, que ameaça
A tormenta fatal; que o Céu destina
Vejas mais feia, mais cruel desgraça:

Rasga o meu peito, já que és tão ferina;
Verás a tempestade que em mim passa;
Conhecerás então o que é ruína.

XXVII

Apressa-se a tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia
Que chegue a entrar no porto o navegante:

Nem aquele sem termo passa avante
Na longa, duvidosa, e incerta via,
Nem este atravessando a região fria
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado,
Um se verá sobre a segura areia,
Chegará o outro ao sítio desejado:

Eu só, tendo de penas a alma cheia,
Não tenho que esperar, que o meu cuidado
Faz que gire sem norte a minha idéia.

XXVIII

Faz a imaginação de um bem amado
Que nele se transforme o peito amante;
Daqui vem que a minha alma delirante
Se não distingue já do meu cuidado.

Nesta doce loucura arrebatado,
Anarda cuido ver, bem que distante;
Mas ao passo que a busco, neste instante
Me vejo no meu mal desenganado.

Pois se Anarda em mim vive, e eu nela vivo,
E por força da idéia me converto
Na bela causa de meu fogo ativo,

Como nas tristes lágrimas, que verto,
Ao querer contrastar seu gênio esquivo,
Tão longe dela estou, e estou tão perto!

XXIX

Ai! Nise amada! se este meu tormento,
Se estes meus sentidíssimos gemidos,

Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar pudessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como atento
Meus votos tributara agradecidos!
Por séculos de males bem sofridos
Trocara todo o meu contentamento.

Mas, se na incontrastável, pedra dura
De teu rigor não há correspondência
Para os doces afetos de ternura,

Cesse de meus suspiros a veemência,
Que é fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistência.

XXX

Não se passa, meu bem, na noite, e dia,
Uma hora só, que a mísera lembrança
Te não tenha presente na mudança,
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a fantasia,
Com que mais me atormenta, e mais me cansa,
Pois se tão longe estou de uma esperança,
Que alívio pode dar-me esta porfia!

Tirano foi comigo o fado ingrato,
Que crendo, em te roubar, pouca vitória,
Me deixou para sempre o teu retrato:

Eu me alegrara da passada glória,
Se quando me faltou teu doce trato,
Me faltara também dele a memória.[44]

XXXI

Estes os olhos são da minha amada:
Que belos, que gentis, e que formosos!
Não são para os mortais tão preciosos
Os doces frutos da estação dourada.

Por eles a alegria derramada,
Tornam-se os campos de prazer gostosos;
Em Zéfiros suaves, e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde, olhos belos, vinde; e enfim trazendo
Do rosto de meu bem as prendas belas,
Dai alívios ao mal, que estou gemendo:

Mas ah! delírio meu, que me atropelas!
Os olhos que eu cuidei que estava vendo
Eram (quem crera tal!) duas estrelas.

XXXII

Se os poucos dias, que vivi contente,
Foram bastantes para o meu cuidado,
Que pode vir a um pobre desgraçado,
Que a idéia de seu mal não acrescente!

Aquele mesmo bem que me consente,
Talvez propício, meu tirano fado,
Esse mesmo me diz que o meu estado
Se há de mudar em outro diferente.

Leve pois a fortuna os seus favores;
Eu os desprezo já, porque é loucura
Comprar a tanto preço as minhas dores:

Se quer que me não queixe a sorte escura,
Ou saiba ser mais firme nos rigores,
Ou saiba ser constante na brandura.

XXXIII

Aqui sobre esta pedra, áspera, e dura,
Teu nome hei de estampar, ó Francelisa,
A ver se o bruto mármore eterniza
A tua, mais que ingrata, formosura.

Já cintilam teus olhos; a figura
Avultando já vai; quanto indecisa
Pasmou na efígie a idéia se divisa
No engraçado relevo da escultura.[54]

Teu rosto aqui se mostra; eu não duvido
Acuses meu delírio, quando trato
De deixar nesta pedra o vulto erguido.

É tosca a prata, o ouro é menos grato;
Contemplo o teu rigor: oh! que advertido!
Só me dá esta penha o teu retrato!

XXXIV

Que feliz fora o mundo, se perdida
A lembrança de Amor, de Amor a glória,
Igualmente dos gostos a memória
Ficasse para sempre consumida!

Mas a pena mais triste, e mais crescida
É ver que em nenhum tempo é transitória
Esta de Amor fantástica vitória,
Que sempre na lembrança é repetida.

Amantes, os que ardeis nesse cuidado,
Fugi de Amor ao venenoso intento,
Que lá para o depois vos tem guardado.

Não vos engane o infiel contentamento,
Que esse presente bem, quando passado,
Sobrará para idéia do tormento.

XXXV

Aquele que enfermou de desgraçado
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Céu ninguém consente que presuma
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gire o espírito cansado
Atrás de algum prazer, por mais em suma
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte ou engenho
A suspender o ardor com que se move
A infausta roda do fatal despenho:

E bem que o peito humano as forças prove,
Que há de fazer o temerário empenho,
Onde o raio é do Céu, a mão de Jove![46]

XXXVI

Estes braços, Amor, com quanta glória
Foram trono feliz da formosura!
Mas este coração, com que ternura
Hoje chora infeliz esta memória!

Quanto vês é troféu de uma vitória,
Que o destino em seu templo dependura:
De uma dor esta estampa é só figura,
Na fé oculta, no pesar notória.

Saiba o mundo de teu funesto enredo,
Porque desde hoje um coração amante
De adorar teus altares tenha medo:

Mas que emprendo,[47] se ao passo que constante
Vou a romper a fé do meu segredo,
Não há quem acredite um delirante!

XXXVII

Continuamente estou imaginando
Se esta vida, que logro, tão pesada
Há de ser sempre aflita, e magoada,
Se com o tempo enfim se há de ir mudando:

Em golfos de esperança flutuando
Mil vezes busco a praia desejada;
E a tormenta outra vez não esperada
Ao pélago infeliz me vai levando.

Tenho já o meu mal tão descoberto,
Que eu mesmo busco a minha desventura,
Pois não pode ser mais seu desconcerto.

Que me pode fazer a sorte dura,
Se para não sentir seu golpe incerto,
Tudo o que foi paixão, é já loucura!

XXXVIII

Quando, formosa Nise, dividido
De teus olhos estou nesta distância,
Pinta a saudade, à força de minha ânsia,
Toda a memória do prazer perdido.

Lamenta o pensamento amortecido
A tua ingrata, pérfida inconstância;
E quanto observa, é só a vil jactância
Do fado, que os troféus tem conseguido.

Aonde a dita está? aonde o gosto?
Onde o contentamento? onde a alegria
Que fecundava esse teu lindo rosto?

Tudo deixei, ó Nise, aquele dia
Em que, deixando tudo, o meu desgosto
Somente me seguiu por companhia.

XXXIX

Breves horas, Amor, há que eu gozava
A glória, que minha alma apetecia,
E sem desconfiar da aleivosia[48]
Teu lisonjeiro obséquio acreditava.

Eu só à minha dita me igualava,
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas cenas, que então me oferecia,
O maior gosto, o maior bem lograva.

Fugiu, faltou-me o bem: já descomposta
Da vaidade a brilhante arquitetura,
Vê-se a ruína ao desengano exposta:

Que ligeira acabou! que mal segura!
Mas que venho a estranhar, se estava posta
Minha esperança em mãos da formosura?

XL

Quem chora ausente aquela formosura,
Em que seu maior gosto deposita,

Que bem pode gozar, que sorte, ou dita,
Que não seja funesta, triste, e escura!

A apagar os incêndios da loucura
Nos braços da esperança Amor me incita:
Mas se era a que perdi, glória infinita,
Outra igual, que esperança me assegura!

Já de tanto delírio me despeço,
Porque o meu precipício encaminhado
Pela mão deste engano reconheço.

Triste! A quanto chegou meu duro fado!
Se de um fingido bem não faço apreço,
Que alívio posso dar a meu cuidado!

XLI

Injusto Amor, se de teu jugo isento
Eu vira respirar a liberdade,
Se eu pudesse da tua Divindade[49]
Cantar um dia alegre o vencimento;

Não lograras, Amor, que o meu tormento,
Vítima ardesse a tanta crueldade;
Nem se cobrira o campo da vaidade
Desses troféus, que paga o rendimento:

Mas se fugir não pude ao golpe ativo,
Buscando por meu gosto tanto estrago,
Por que te encontro, Amor, tão vingativo?

Se um tal despojo a teus altares trago,
Siga a quem te despreza, o raio esquivo,
Alente a quem te busca, o doce afago.

XLII

Morfeu[50] doces cadeias estendia,
Com que os cansados membros me enlaçava,
E quanto mal o coração passava
Em sonhos me debuxa a fantasia.

Lise presente vi, Lise, que um dia
Todo o meu pensamento arrebatava,
Lise, que na minha alma impressa estava,
Bem apesar da sua tirania.

Corro a prendê-la em amorosos laços,
Buscando a sombra, que apertar intento;
Nada vejo (ai de mim!), perco os meus passos.

Então mais acredito o fingimento:
Que ao ver que Lise foge de meus braços,
A crê pelo costume o pensamento.[51]

XLIII

Quem és tu? (Ai de mim!) eu reclinado
No seio de uma víbora! Ah! tirana!
Como entre as garras de um tigre hircana[52]
Me encontro de repente sufocado?

Não era essa, que eu tinha posta ao lado,
Da minha Nise a imagem soberana?
Não era?... mas que digo? ela me engana,
Sim, que eu a vejo inda no mesmo estado:

Pois como no letargo a fantasia
Tão cruel ma pintou, tão inconstante,
Que a vi?... mas nada vi, que eu nada cria.

Foi sonho, foi quimera; a um peito amante
Amor não deu favores um só dia,
Que a sombra de um tormento os não quebrante.

XLIV

Há quem confie, Amor, na segurança
De um falsíssimo bem, com que dourando
O veneno mortal vás[53] enganando
Os tristes corações numa esperança!

Há quem ponha inda cego a confiança
Em teu fingido obséquio, que tomando
Lições do desengano, não vá dando
Pelo mundo certeza da mudança!

Há quem creia que pode haver firmeza
Em peito feminil, quem advertido
Os cultos não profane da beleza!

Há inda, e há de haver, eu não duvido,
Enquanto não mudar a Natureza
Em Nise a formosura, o amor em Fido.

XLV

A cada instante, Amor, a cada instante,
No duvidoso mar de meu cuidado,
Sinto de novo um mal e, desmaiado,
Entrego aos ventos a esperança errante.

Por entre a sombra fúnebre, e distante,
Rompe o vulto do alívio mal formado,
Ora mais claramente debuxado,
Ora mais frágil, ora mais constante.

Corre o desejo ao vê-lo descoberto;
Logo aos olhos mais longe se afigura
O que se imaginava muito perto.

Faz-se parcial da dita a desventura,
Porque nem permanece o dano certo,
Nem a glória tampouco está segura.

XLVI

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

XLVII

Que inflexível se mostra, que constante
Se vê este penhasco! já ferido
Do proceloso vento, e já batido
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi, nem hei de ver mais semelhante
Retrato dessa ingrata, a que o gemido
Jamais pode fazer que, enternecido,
Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nise; a rebeldia
Que vês nesse penhasco, essa dureza,
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!
Dos contínuos excessos da porfia,
Recobras novo estímulo à fereza.

XLVIII

Traidoras horas do enganoso gosto,
Que nunca imaginei que o possuía,
Que ligeiras passastes! mal podia
Deixar aquele bem de ser suposto.

Já de parte o tormento estava posto,
E meu peito saudoso, que isto via,
As imagens da pena desmentia,
Pintando da ventura alegre o rosto.

Desanda então a fábrica elevada,
Que o plácido Morfeu tinha erigido,
Das espécies do sono fabricada:

Então é que desperta o meu sentido,
Para observar na pompa destroçada
Verdadeira a ruína, o bem fingido.

XLIX

Os olhos tendo posto, e o pensamento,
No rumo, que demanda, mais distante,
As ondas bate o Grego navegante,[54]
Entregue o leme ao mar, a vela ao vento.

Em vão se esforça o harmonioso acento
Da Sereia, que habita o golfo errante,
Que resistindo o espírito constante
Vence as lisonjas do enganoso intento.[55]

Se pois, Ninfas gentis, rompe a Cupido
O arco, a flecha, o dardo, a chama acesa
De um peito entre os Heróis esclarecido,

Que vem buscar comigo a néscia empresa,
Se inda mais do que Ulisses atrevido,
Sei vencer os encantos da beleza!

L

Memórias do presente, e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito,
E bem que ao sofrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado.

Que diferente, que diverso estado
É este, em que somente o triste efeito
Da pena, a que meu mal me tem sujeito,
Me acompanha entre aflito e magoado!

Tristes lembranças! e que em vão componho
A memória da vossa sombra escura!
Que néscio em vós a ponderar me ponho!

Ide-vos; que em tão mísera loucura
Todo o passado bem tenho por sonho;
Só é certa a presente desventura.

LI

Adeus, Ídolo belo, adeus, querido,
Ingrato bem; adeus: em paz te fica;

E essa vitória mísera publica,
Que tens barbaramente conseguido.

Eu parto, eu sigo o norte aborrecido
De meu fado infeliz: agora, rica
De despojos, a teu desdém aplica
O rouco acento de um mortal gemido.

E se acaso alguma hora menos dura,
Lembrando-te de um triste, consultares
A série vil da sua desventura,

Na imensa confusão de seus pesares,
Acharás que ardeu simples, ardeu pura,
A vítima de uma alma em teus altares.

LII

Que molesta lembrança, que cansada
Fadiga é esta! vejo-me oprimido,
Medindo pela mágoa do perdido,
A grandeza da glória já passada.

Foi grande a dita, sim; porém, lembrada,
Inda a pena é maior de a haver perdido;
Quem não fora feliz, se o haver sido
Faz que seja a paixão mais avultada!

Propício imaginei (é bem verdade)
O malévolo fado: oh! quem pudera
Conhecer logo a hipócrita piedade!

Mas que em vão esta dor me desespera,
Se já entorpecida a enfermidade,
Inda agora o remédio se pondera!

LIII

Ou já sobre o cajado te reclines,
Venturoso Pastor, ou já tomando
Para a serra, onde as cabras vais chamando,
A fugir os meus ais te determines,

Lá te quero seguir, onde examines
Mais vivamente um coração tão brando,
Que gosta só de ouvir-te, ainda quando
Mais sem razão me acuses, mais crimines.

Que te fiz eu, Pastor? em que condenas
Minha sincera fé, meu amor puro?
As provas, que te dei, serão pequenas?

Queres ver que esse monte áspero, e duro
Sabe que és causa tu das minhas penas?
Pergunta-lhe; ouvirás o que te juro.

LIV

Ninfas[56] gentis, eu sou o que abrasado
Nos incêndios de Amor pude alguma hora,
Ao som da minha cítara sonora,
Deixar o vosso império acreditado.[57]

Se vós, glórias de Amor, de Amor cuidado,
Ninfas gentis, a quem o mundo adora,
Não ouvis os suspiros de quem chora,
Ficai-vos; eu me vou; sigo o meu fado.

Ficai-vos, e sabei que o pensamento
Vai tão livre de vós, que da saudade
Não receia abrasar-se no tormento.

Sim, que solta dos laços a vontade,
Pelo rio hei de ter do esquecimento
Este, aonde jamais achei piedade.[58]

LV

Em profundo silêncio já descansa
Todo o mortal, e a minha triste idéia
Se estende, se dilata, se recreia
Pelo espaçoso campo da lembrança.

Fatiga-se, prossegue, em vão se cansa,
E neste vário giro, em que se enleia,
Ao duvidoso passo já receia
Que lhe possa faltar a segurança.

Que diferente tudo está notando!
Que perplexo as imagens do perdido
Num e noutro despojo vem achando!

Este não é o templo (eu o duvido),
Assim o afirma, assim o está mostrando:
Ou morreu Nise, ou este não é Fido.

LVI

Tu, Ninfa, quando eu menos penetrado
Das violências de Amor vivia isento,
Propondo-te então bela a meu tormento,
Foste doce ocasião de meu cuidado.

Roubaste o meu sossego; um doce agrado,
Um gesto lindo, um brando acolhimento
Foram somente o único instrumento
Com que deixaste o triunfo assegurado.

Já não espero ter felicidade,
Salvo se for aquela, que confio,
Por amar-te, apesar dessa impiedade:

Em prêmio dos suspiros, que te envio,
Ou modera o rigor da crueldade,
Ou torna-me outra vez meu alvedrio.[59]

LVII

Bela imagem, emprego idolatrado,
Que sempre na memória repetido
Estás, doce ocasião de meu gemido,
Assegurando a fé de meu cuidado.

Tem-te a minha saudade retratado,
Não para dar alívio a meu sentido,
Antes cuido que a mágoa do perdido
Quer aumentar co'a pena do lembrado.

Não julgues que me alento com trazer-te
Sempre viva na idéia, que a vingança
De minha sorte todo o bem perverte.

Que alívio em te lembrar minha alma alcança,
Se do mesmo tormento de não ver-te
Se forma o desafogo da lembrança?

LVIII

Altas serras, que ao Céu estais servindo
De muralhas, que o tempo não profana,
Se Gigantes não sois que a forma humana
Em duras penhas foram confundindo;

Já sobre o vosso cume se está rindo
O Monarca da luz,[60] que esta alma engana,
Pois na face que ostenta, soberana,
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante
Ele se me afigura! Ah! qual efeito
Em minha alma se sente neste instante!

Mas ai! a que delírios me sujeito!
Se quando no Sol vejo o seu semblante,
Em vós descubro, ó penhas, o seu peito?

LIX

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,
Na muda solidão deste arvoredo,
Comuniquei convosco o meu segredo,
E apenas brando o Zéfiro me ouvia.

Com lágrimas meu peito enternecia
A dureza fatal deste rochedo,
E sobre ele uma tarde, triste, e quedo,
A causa de meu mal eu escrevia.

Agora torno a ver se a pedra dura
Conserva ainda intacta essa memória
Que debuxou então minha escultura.

Que vejo! esta é a cifra: triste glória!
Para ser mais cruel a desventura,
Se fará imortal a minha história.

LX

Valha-te Deus, cansada fantasia!
Que mais queres de mim? que mais pertendes?[61]
Se quando na esperança mais te acendes,
Se desengana mais tua porfia!

Vagando regiões de dia em dia,
Novas conquistas, e troféus emprendes:[62]
Ah! que conheces mal, que mal entendes,
Onde chega do fado a tirania!

Trata de acomodar-te ao movimento
Dessa roda volúvel,[63] e descansa
Sobre tão fatigado pensamento.

E se inda crês no rosto da esperança,
Examina por dentro o fingimento,
E verás tempestade o que é bonança.

LXI

Deixemo-nos, Algano, de porfia,
Que eu sei o que tu és; contra a verdade,
Sempre hás de sustentar que a Divindade
Destes campos é Brites, não Maria:

Ora, eu te mostrarei inda algum dia
Em que está teu engano: a novidade,
Que agora te direi, é que a Cidade
Por melhor do que todas a avalia.

Há pouco que encontrei lá junto ao monte
Dous Pastores, que estavam conversando,
Quando passaram ambas para a fonte;

Nem falaram em Brites: mas tomando
Para um cedro, que fica bem defronte,
O nome de Maria vão gravando.

LXII

Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes oiteiros,

Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que da Cidade o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que té[64] agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.

LXIII

Já me enfado de ouvir este alarido
Com que se engana o mundo em seu cuidado;
Quero ver entre as peles e o cajado
Se melhora a fortuna de partido.

Canse embora a lisonja ao que ferido
Da enganosa esperança anda magoado,
Que eu tenho de acolher-me sempre ao lado
Do velho desengano, apercebido.

Aquele adore as roupas de alto preço,
Um siga a ostentação, outro a vaidade,
Todos se enganam com igual excesso.

Eu não chamo a isto já felicidade:
Ao campo me recolho, e reconheço
Que não há maior bem que a soledade.

LXIV

Que tarde nasce o Sol, que vagaroso!
Parece que se cansa de que a um triste
Haja de aparecer: quanto resiste
A seu raio este sítio tenebroso!

Não pode ser que o giro luminoso
Tanto tempo detenha, se persiste
Acaso o meu delírio! se me assiste
Ainda aquele humor tão venenoso!

Aquela porta ali se está cerrando;
Dela sai um Pastor, outro assobia,
E o gado para o monte vai chamando.

Ora, não há mais louca fantasia!
Mas quem anda, como eu, assim penando,
Não sabe quando é noite, ou quando é dia.

LXV

Ingrata foste, Elisa; eu te condeno
A injusta sem-razão; foste tirana
Em renderes, belíssima Serrana,
A tua liberdade ao néscio Almeno.

Que achaste no seu rosto de sereno,
De belo, ou de gentil, para, inumana,
Trocares pela dele esta choupana,
Em que tinhas o abrigo mais ameno?

Que canto em teu louvor entoaria?
Que te podia dar o Pastor pobre?
Que extremos, mais do que eu, por ti faria?

O meu rebanho estas montanhas cobre:
Eu os excedo a todos na harmonia;
Mas ah! que ele é feliz! Isto lhe sobre.

LXVI

Não te assuste o prodígio: eu, Caminhante,
Sou uma voz que nesta selva habito;
Chamei-me o Pastor Fido; de um delito
Me veio o meu estrago; eu fui amante.

Uma Ninfa perjura, uma inconstante
Neste estado me pôs: do peito aflito,
Por eterno castigo, arranco um grito;
Que desengane o peregrino errante.

Se em ti se dá piedade, ó passageiro
(Que assim o pede a minha sorte escura),
Atende ao meu aviso derradeiro:

Lágrimas não te peço, nem ternura;
Por voto, um desengano te requeiro,
Que consagres à minha sepultura.

LXVII

Não te cases com Gil, bela Serrana,
Que é um vil, um infame, um desestrado;[65]
Bem que ele tenha mais devesa,[66] e gado,
A minha condição é mais humana.

Que mais te pode dar sua cabana,
Que eu aqui te não tenha aparelhado?
O leite, a fruta, o queijo, o mel dourado,
Tudo aqui acharás nesta choupana.

Bem que ele tange o seu rabil[67] grosseiro,
Bem que te louve assim, bem que te adore,
Eu sou mais extremoso, e verdadeiro.

Eu tenho mais razão que te enamore,[68]
E, se não, diga o mesmo Gil vaqueiro:
Se é mais, que ele te cante, ou que eu te chore.[69]

LXVIII

Apenas rebentava no Oriente
A clara luz da Aurora, quando Fido,
O repouso deixando, aborrecido,
Se punha a contemplar no mal que sente.

Vê a nuvem que foge ao transparente
Anúncio do crepúsculo luzido;
E vê de todo em riso convertido
O horror, que dissipara o raio ardente.

Por que (diz) esta sorte, que se alcança
Entre a sombra, e a luz, não sinto agora
No mal, que me atormenta e que me cansa!

Aqui toda a tristeza se melhora:
Mas eu, sem o prazer de uma esperança,
Passo o ano, e o mês, o dia, a hora.

LXIX

Se à memória trouxeres algum dia,
Belíssima tirana, Ídolo amado,
Os ternos ais, o pranto magoado,
Com que por ti de amor Alfeu gemia;

Confunda-te a soberba tirania,
O ódio injusto, o violento desagrado,
Com que atrás de teus olhos, arrastado,
Teu ingrato rigor o conduzia.

E já que enfim tão mísero o fizeste,
Vê-lo-ás, cruel, em prêmio de adorar-te,
Vê-lo-ás, cruel, morrer, que assim quiseste.

Dirás, lisonjeando a dor em parte:
Fui-te ingrata, Pastor; por mim morreste;
Triste remédio a quem não pôde amar-te!

LXX

Breves horas, que em rápida porfia
Ides seguindo o infausto movimento,
Oh! como o vosso curso foi violento,
Quando soubestes que eu vos possuía!

Já crédito vos dava, porque via
Avultar meu feliz contentamento:
Que é mui fácil num triste estar atento
Aos enganos que pinta a fantasia.

Logrou-se o vosso fim, que foi levar-me
Da falsa glória, do fingido gosto
Ao cume, donde venho a despenhar-me:

Assim a lei do fado tem disposto,
Que haja o instantâneo bem de lisonjear-me,[70]
Porque o estrago me diga que é suposto.[71]

LXXI

Eu cantei, não o nego, eu algum dia
Cantei do injusto Amor o vencimento,
Sem saber que o veneno mais violento
Nas doces expressões falso encobria.

Que Amor era benigno, eu persuadia
A qualquer coração de Amor isento;
Inda agora de Amor cantara atento,
Se lhe não conhecera a aleivosia.

Ninguém de Amor se fie: agora canto
Somente os seus enganos, porque sinto
Que me tem destinado estrago tanto.

De seu favor hoje as quimeras pinto:
Amor de uma alma é pesaroso encanto;
Amor de um coração é labirinto.

LXXII

Já rompe, Nise, a matutina Aurora
O negro manto, com que a noite escura,
Sufocando do Sol a face pura,
Tinha escondido a chama brilhadora.

Que alegre, que suave, que sonora
Aquela fontezinha aqui murmura!
E nestes campos cheios de verdura
Que avultado o prazer tanto melhora!

Só minha alma em fatal melancolia,
Por te não poder ver, Nise adorada,
Não sabe inda que coisa é alegria;

E a suavidade do prazer trocada
Tanto mais aborrece a luz do dia,
Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

LXXIII

Quem se fia de Amor, quem se assegura
Na fantástica fé de uma beleza,

Mostra bem que não sabe o que é firmeza,
Que protesta de amante a formosura.

Anexa a qualidade de perjura
Ao brilhante esplendor da gentileza,
Mudável é, por lei da natureza,
A que por lei de Amor é menos dura.

Deste, ó Fábio, que vês, desordenado,
Ingrato proceder, se é que examinas
A razão, eu a tenho decifrado:

São as setas de Amor tão peregrinas,
Que esconde no gentil o golpe irado,
Para lograr pacífico as ruínas.

LXXIV

Sombrio bosque, sítio destinado
À habitação de um infeliz amante,
Onde chorando a mágoa penetrante
Possa desafogar o seu cuidado;

Tudo quieto está, tudo calado;
Não há fera que grite, ave que cante;
Se acaso saberás que tens diante
Fido, aquele Pastor desesperado!

Escuta o caso seu; mas não se atreve
A erguer a voz;[72] aqui te deixa escrito
No tronco desta faia em cifra breve:

Mudou-se aquele bem; hoje é delito
Lembrar-me de Marfisa; era mui leve;
Não há mais que atender; tudo está dito.

LXXV

Clara fonte, teu passo lisonjeiro
Pára, e ouve-me agora um breve instante,
Que em paga da piedade o peito amante
Te será no teu curso companheiro.

Eu o primeiro fui, fui o primeiro
Que nos braços da Ninfa mais constante
Pude ver da fortuna a face errante
Jazer por glória de um triunfo inteiro.

Dura mão, inflexível crueldade
Divide o laço com que a glória, a dita
Atara o gosto ao carro da vaidade:

E para sempre a dor ter n'alma escrita,
De um breve bem nasce imortal saudade,
De um caduco prazer mágoa infinita.

LXXVI

Enfim te hei de deixar, doce corrente[73]
Do claro, do suavíssimo Mondego,
Hei de deixar-te enfim, e um novo pego
Formará de meu pranto a cópia ardente.

De ti me apartarei; mas bem que ausente,
Desta lira serás eterno emprego,
E quanto influxo hoje a dever-te chego,
Pagará de meu peito a voz cadente.

Das Ninfas, que na fresca, amena estância
Das tuas margens úmidas ouvia,
Eu terei sempre n'alma a consonância;

Desde o prazo funesto deste dia,
Serão fiscais eternos da minha ânsia
As memórias da tua companhia.

LXXVII

Não há no mundo fé, não há lealdade;
Tudo é, ó Fábio, torpe hipocrisia;
Fingido trato, infame aleivosia
Rodeiam sempre a cândida amizade.

Veste o engano o aspecto da verdade,
Porque melhor o vício se avalia:
Porém do tempo a mísera porfia,
Duro fiscal, lhe mostra a falsidade.

Se talvez descobrir-se se procura
Esta de Amor fantástica aparência,
É como à luz do Sol a sombra escura:

Mas que muito,[74] se mostra a experiência
Que da amizade a torre mais segura
Tem a base maior na dependência![75]

LXXVIII

Campos, que ao respirar meu triste peito
Murcha, e seca tornais vossa verdura,
Não vos assuste a pálida figura,
Com que o meu rosto vedes tão desfeito.

Vós me vistes um dia o doce efeito
Cantar do Deus de Amor, e da ventura;
Isso já se acabou, nada já dura,
Que tudo à vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda enfim: nada há, que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Esta ordem natural a tudo alcança,
E se alguém um prodígio ver deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança.

LXXIX

Entre este álamo, ó Lise, e essa corrente,
Que agora estão meus olhos contemplando,
Parece que hoje o Céu me vem pintando
A mágoa triste, que meu peito sente.

Firmeza a nenhum deles se consente
Ao doce respirar do vento brando,
O tronco a cada instante meneando,
A fonte nunca firme, ou permanente.

Na líquida porção, na vegetante
Cópia daquelas ramas, se figura
Outro rosto, outra imagem semelhante:

Quem não sabe que a tua formosura
Sempre imóvel[76] está, sempre inconstante,
Nunca fixa se viu, nunca segura?

LXXX

Quando cheios de gosto, e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lágrimas ardentes
Com mais ânsia, mais dor, mais agonia.

Aquele mesmo objeto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens diferentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bela contextura
Esmalta o campo na melhor fragrância,
Para dar uma idéia da ventura,

Como, ó Céus, para os[77] ver terei constância,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bela causadora de minha ânsia?

LXXXI

Junto desta corrente contemplando
Na triste falta estou de um bem, que adoro;
Aqui entre estas lágrimas, que choro,
Vou a minha saudade alimentando.

Do fundo para ouvir-me vem chegando
Das claras Hamadríades[78] o coro;
E desta fonte ao murmurar sonoro,
Parece que o meu mal estão chorando.

Mas que o peito há de haver tão desabrido,
Que fuja à minha dor! que serra, ou monte
Deixará de abalar-se a meu gemido!

Igual caso não temo que se conte,
Se até deste penhasco endurecido
O meu pranto brotar fez uma fonte.

LXXXII

Piedosos troncos, que a meu terno pranto
Comovidos estais, uma inimiga
É quem fere o meu peito, é quem me obriga
A tanto suspirar, a gemer tanto.

Amei a Lise; é Lise o doce encanto,
A bela ocasião desta fadiga;
Deixou-me; que quereis, troncos, que eu diga,
Em um tormento, em um fatal quebranto?

Deixou-me a ingrata Lise: se alguma hora
Vós a vedes talvez, dizei que eu cego
Vos contei... mas calai, calai embora.

Se tanto a minha dor a elevar chego,
Em fé de um peito, que tão fino adora,
Ao meu silêncio o meu martírio entrego.

LXXXIII

Polir na guerra o bárbaro Gentio,
Que as leis quase ignorou da natureza,
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a glória, o esforço, o brio
Do russiano Herói,[79] esta a grandeza,
Que igualou de Alexandre[80] a fortaleza,
Que venceu as desgraças de Dario:[81]

Mas se a lei do heroísmo se procura,
Se da virtude o espírito se atende,
Outra idéia, outra máxima o segura;

Lá vive, onde no ferro não se acende;
Vive na paz dos povos, na brandura:
Vós a ensinais, ó Rei;[82] em vós se aprende.

LXXXIV

Apre Giano[83] *il gran Tempio; orrido, e nero,*
Tutto scomposto 'l crin, Marte[84] *s'adira;*

Ecco l'armi, l'insegne; ecco s'aggira
Con torbidi ruggiti 'l Leon Ibero:

Lascia i freddi Trioni 'l Duce altero;
Viene sopra di noi la strage, e l'ira;
Altro, fuor che vendetta , non respira
Il Ebro[85] *audace, il Rhodano guerriero:*

Par, che già d'Acheronte[86] *in sulle spume,*
Del Dio feroce lampeggiando il volto,
Vaghe schiere d'Eroi varcano il fiume;

Oh Dei! tutto è in terrore il mondo accolto:
Ma che auspizio è mai questo! contro il Nume,
D'Andrada sol, d'Andrada[87] *il nome ascolto.*

LXXXV

Sposi felici, per la vostra face[88]
Splenda di Portugal provido il Nume;
Portando a noi la sospirata pace,
Della Madre d'Amor fra l'auree piume.

Fatte, che a prò di noi la Diva audace
L'empia ruota suspenda: entro il suo fiume
Spirar non vegga il vostro amor verace
Il Domator de le Tartaree spume.

Vivete in dolce nodo: altre faville
Il ciel non fecondó cosi giocondo;
Amor, che l'inspiró, Amor nutrille.

Sorger vegg'io dal talamo fecondo
Fra mille gioie, fra trionfi mille
E gloria a Portugal, e gloria al mondo.

LXXXVI

Di così degno Eróe la Regia fronte
Cinga d'eterno allor, chi virtù ama:
Che il ciel la gloria sua per altro chiama:
Sentier, che guida a più sicuro monte.

Non di Parnaso, non d'audace fonte
I fiori, ed i cristalli alla sua fama
Omaggio esser potran; ciascun, che brama
I suoi merti lodar, lodi à più pronte.

Voto faccia di voglia assai sincera,
Dell'anima tributo sia la fede;
Questa victima ei solo ama, ei la spera.

Non più l'Eróe, mortali, da voi chiede;
Il non sprezar la vostra fé sì vera,
È de tributi vostri ampia mercede.

LXXXVII

Sorpreso de così sonori accenti,
Non ho ragion, che basti, ó Vate degno,
A consecrare al tuo discreto ingegno
Questi voti, non so, se assai cadenti.

Udir credei a intempestivi eventi
Tutto il Pindo sonar, si che a tal segno
Forse non dubitai del crudo regno
Frenasse Orpheo gli spiriti inclementi.

Questa dal mondo poi giammai probata
Beltà da labri tuoi abbia l'ardore
D'en sì rozzo paese essere amata.

Ed io pur non avrò culto maggiore,
Che render vada alla tua Musa grata,
Fuor di quel del silenzio fido onore.

LXXXVIII

Non ho valor, che basti; io corro in vano
A ricoprirmi del pesante scudo;
Senza armi 'l sen, senza armi 'l cor ignudo
S'abbandona al tuo strale, Amor insano.

Idolo mio, che m'offre in volto umano
Beltà quasi divina, al petto rudo
Si soave gli porge il velen crudo,
Che orror non ho nel venerar la mano.

Reggi 'l colpo; la strage io non pavento;
Ti daranno, crudel, poca victoria
La mia ruina, il mio duol, il mio tormento.

Saremmo entrambi esempi a grata istoria,
Tu mostrando il tuo tardo pentimento,
Io nel martir trovando la mia gloria.

LXXXIX

Misera rimembranza, che mai tenti!
Perché venirmi tormentando ancora!
Non m'accordar, ti chiedo, la dolce ora
De'primi miei suavissimi contenti.

Furono brevi; e sono così lenti
I passi tuoi, che nella grata Aurora
Del mio piacer, io ritrovai tallora,
In sembianza di gioia i miei tormenti.

Ah non lasciasti mai la spiaggia aprica,
Per girne in grembo al procelloso flutto,
Allor, che si mostrò la sorte amica.

Non sarebbe il mio ben per lei distrutto;
Né avrei nel alma una crudel fatica,
Che tutto afflige, e che sconsola tutto.

XC

Esci d'ingano, o Nice; io non t'adoro;
Chi ti parla così, parla sincero;
Mi piace 'l volto tuo; mi piace, è vero;
Ma non mi punse Amor col'strale d'oro.

Piangon gl'amanti ovunque; i voti loro
Sono tributi d'immortal pensiero:
Or vedi; io son tranquillo, io sono altero,
Io non sento fatica, ed ho ristoro.

O non è amore, o pur, s'amor si chiama,
D'ogni d'amor martiro l'ordin muta,
Ch'in tanti cuori 'l suo trionfo acclama;

Ma che mai vanta l'alma d'asoluta!
Ricanterò: Questa alma altro non brama,
Che nel incendio tuo restar perduta.

XCI

Non parlarmi d'amor, ingrata Nice;
Ch'io non ho già per te questi pensieri:
Credulo a tanti affetti lusinghieri
T'adorai, non te 'l nego; ero infelice:

Il vecchio disinganno or odo; ei dice:
Folle che sei! come adorar gl'alteri
Transporti puoi d'affanni così fieri?
Ei parla; ed i suoi detti ascoltar lice.

Saggio dunque 'l rimprovero del cuore
Nel più vivo lo stampo, ed il consiglio
Per seguitar, o Nice, ho gran valore:

Angel saró, che fuor del cauto artiglio
Per fuggire a tuoi lacci andró, Amore,
Portando in fronte il volto del periglio.

XCII

Dolci compagni miei, dolce mia cura,
Consolate 'l mio duol; se pur vi piace
Rendermi quella sospirata pace,
Che mi toglie crudel la mia sventura.

Senza la vostra compagnia oscura
Parmi del Sol la scintillante face;
Sul'orme vostre 'l mio pensier seguace
Tutto ciò, ch'e diletto, odia, e scongiura.

Altro ciel, altre genti, astri infelici
Mi sforzano a veder: mi fu ribelle
La mia sorte; e son tutti miei nemici.

Ma se vedervi più negan le stelle,
Vi priego almen pe'suoi bei lumi, Amici,
Curate la mia Nice, e le sue agnelle.

XCIII

Dolci parole, or più non siete quelle:
Nice, a cui piacqui un giorno, or mi deride;
E le pupille sue, un tempo fide,
Or sono a danni miei barbare stelle.

Più costante, che incontro alle procelle
Scoglio, che urtano i venti, e le onde infide,
Quanto più col rigor crudel m'uccide,
Tanto ardo più per le sue luci belle.

Quell'ira sua, cred'io, dell'amor mio
Alimento è tal volta, e dell'imparo,
Per strugermi a suoi rai, nov'arti anch'io.

Pur non veggo 'l Destin, con me si avaro,
Se del suo sdegno a stimol così rio
Sento l'incendio, Amor, esser più chiaro.

XCIV

Non lasciarmi, crudel; quella, ch'io rendo,
Victima volontaria dal mio cuore
È ben degna di te, se pur l'amore,
Se pur il premio tuo non ti contendo.

Io senza speme alla tua luce attendo,
Come Clicie[89] *tallor: se del maggiore*
Pianeta ogn'un'adora lo splendore,
Senza ch'il raggio l'urte, 'l va sieguendo.

Ma tu fuggi, crudel! Ah! non son io
Inteso a divorarti, o mostro, o fiera;
Placcarti voglio con il pianto mio.

Se pur muoverti ancor l'alma non spera,
Questo, barbara (oimè!) questo desio
Pera, ma innanzi a tuoi bell'occhi pera.

XCV

Del tuo Fileno alla incerata avena
Ferma, Nice crudel, ferma le piante;

Mentre in tua lode 'l Pastorello amante
Dolce fa risonar la selva amena.

Vedi, come di gioia in questa arena
Tutto par ch'innamore 'l tuo sembiante,
Il feroce Leon, la Tigre errante,
Il mar, che freme, il ciel, che ne balena.

Di sopra questo sasso ah ben vegg'io
Giungersi intorno a me del tuo bel nome
Al eco amato di Protheo[90] *la gregge:*

Tutto vien'ad udirmi; è pieno il rio
De gl'umidi abitanti; e (non so come)
Altra legge non han, che la tua legge.

XCVI

Erra d'intorno a me l'ombra onorata
Di quella dolce, incantatrice Donna,
Che cinta or de più lucida corona
Splende fra gl'Astri alla mia fede ingrata.

Io la riveggo in torvo aspetto irata;
Or m'accusa, or mi siegue, or m'abbandona;
L'orribil voce mi spaventa, e sona,
Come fiamma di Giove in ciel vibrata.

Qual misero destin (o Dei!) qual forte
Amor mi diè! veggo la face mia,
Fuggo, tremo, m'aghiaccio, e non son forte:

M'accordo allor, che al fianco in ogni via
La seguitai: o quanto, Amor, la morte
Quanto fà, quanto mutta, quanto oblia!

XCVII

Questo, che la mia Musa oggi a te rende,
Indegno omaggio di beltà si rara,
Non lo sdegnar, ti chiedo, o Nice cara,
Nice, di ch'il bel volto il cor m'accende.

Di merti tuoi quel, ch'il mio canto prende,
Onorato argomento (o legge amara!)
D'umili voci alla cadenza avara
Non si concede, fugge, e se difende:

Desti nel alme poi la meraviglia
Del nome tuo quel dissonante accento,
Che preziosi i miei voti mi consiglia:

A così dolce indulto andrò contento,
Se tu di Citheréa,[91] *di Giove figlia,*
Non disapprovi, ó Nice, 'l mio concento.

XCVIII

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei, que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura.

XCIX

Parece, ou eu me engano, que esta fonte
De repente o licor deixou turvado;
O Céu, que estava limpo e azulado,
Se vai escurecendo no horizonte:

Porque não haja horror, que não aponte
O agouro funestíssimo, e pesado,
Até de susto já não pasta o gado,
Nem uma voz se escuta em todo o monte.

Um raio de improviso na celeste
Região rebentou: um branco lírio
Da cor das violetas se reveste;

Será delírio! não, não é delírio.
Que é isto, Pastor meu? que anúncio é este?
Morreu Nise (ai de mim!), tudo é martírio.

C

Musas, canoras Musas, este canto
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
Erguestes brandamente àquele assento,
Que tanto, ó Musas, prezo, adoro tanto.

Lágrimas tristes são, mágoas, e pranto,
Tudo o que entoa o músico instrumento;
Mas se o favor me dais, ao mundo atento
Em assunto maior farei espanto.

Se em campos não pisados algum dia
Entra a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro,
Efeitos são da vossa melodia;[92]

Que muito, ó Musas, pois que em fausto agouro
Cresçam do pátrio rio à margem fria
A imarcescível hera, o verde louro![93]

EPICÉDIOS

EPICÉDIO I

À morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadela,[94] Governador e Capitão General do Rio de Janeiro e Minas, etc etc etc

A ti me chego, ó Mausoléu sagrado,
De um alto Herói depósito adorado,
Permite que aos impulsos do gemido,
Das lágrimas, dos ais, corra advertido
A venerar as cinzas que sepultas.
Sei que ambicioso uma relíquia ocultas
Do mais raro Varão, que aponta a história
Nos eternos volumes da memória.
Daquele, que proposto como espelho
De uma inteira virtude, no conselho,
Na execução, mostrou que unir sabia
As leis da temperança e da valia,
Sustentando por modo estranho e raro
Do Monarca o amor, do povo o amparo.

Sei que guardas (eu digo) nas entranhas
O generoso braço, que às campanhas
Deu assombro e terror; sei (porque tudo
Explique de uma vez) que no horror mudo
Desse cofre soberbo a estranha dita
De um Andrada imortal se deposita;
Que no busto fatal a estampa grata
Do mais distinto Freire se retrata;
Que se guarda e se adora a imagem bela
Desse Conde feliz de Bobadela.

Ao romper o clamor das tristes vozes;
Ao soltar estas cláusulas velozes,
Oh! qual eco de dor, de pena, e pranto
Se vê corresponder a impulso tanto!

Em lágrimas se rompe o peito aflito:
De sombras veste o Céu; ao triste grito
Soluça o ar, os elementos gemem;
Todos da terra os fundamentos tremem;
E parece que a fúnebre saudade
Não encontra na vasta imensidade
De um mundo, que compreende, aquela esfera,
Que para o desafogo achar quisera.

Mas que muito, que ao lúgubre gemido
Se altere e cresça o universal ruído,
Se perde Portugal, se o mundo perde
Aquela sempre firme, sempre verde
Rama da heroicidade transtagana![95]
Se enfim de toda a glória lusitana
Um só Herói, que enchera o fasto inteiro,
Hoje vem a jazer por derradeiro
Deste calado horror no abrigo triste!
Aqui todo o valor de Marte assiste;
Aqui jaz todo o alento da piedade;
Aqui o desempenho da lealdade,
O magnífico, o sábio, o reto, o ativo,
O liberal, constante, discursivo,
Prudente, valeroso: ah! que a tal brado
Confunde-se a razão, pasma o cuidado!

Amplificar a esplêndida figura
De seus dotes quisera; abra a escultura
Dos pórticos a Fama; os olhos entrem;
Registem as estampas; reconcentrem
A longa admiração: desde a corrente
Do cristalino Tejo, oh! que valente
Neste quadro respira! Aqui, tingindo
Do sangue ibero as preciosas veias,
Roxas tornando as pálidas areias,
Une de Portugal ao cetro egrégio
Tantos novos troféus; o privilégio
De seu braço imortal quanto se aclama,
Quando em Campo Maior o cinge a rama,
Por triunfar co'as lusitanas Quinas!
Tu, soberba Castela, entre as ruínas
De teus muros o choras, o teu susto

Lá lhe soube tecer o louro augusto,
Com que apesar de tanto pranto e mágoas,
Enobreceu do Guadiana[96] as águas.

Esse ferro, que agora dependura
Tinto de sangue a Fama, te assegura,
Aflito Portugal, as leis e o trono.
Da tua permanência o eterno abono
Deves àquela espada; ela se ensaia
Nos ilustres Avós: qual em Cambaia
O seu nome deixou! qual em Quiloa
Debuxa o seu brasão! Lá vive em Goa
A memória do sangue: honrado emblema
São de tanta virtude em nobre lema,
Entre as chamas dos bélicos alfanjes,
As ânsias do Indo, as lágrimas do Ganges.

Feliz, ó Portugal, feliz mil vezes
Tu, que para esplendor dos Portugueses
Deste ferro a memória tens guardado!
Se queres ser no mundo respeitado
Pela virtude, outro brasão não tomes,
Que ser Pátria dos Freires e dos Gomes.

Quem haverá que a competir se atreva,
Quando (porque imortal ouvir se deva)
Desde o teu berço este pregão respire!
Eu te prometo que por mais que gire
O Planeta da luz, outro portento,
Outra estirpe maior em todo o alento
Da fama se não logre: aqui se estende,
Aqui se alcança, aqui se compreende
Tudo quanto por glória, e por vaidade,
Engrandece o esplendor da heroicidade.

Mil séculos, e mil se tem passado,
Desde que o Céu com próvido cuidado
Vem lavrando a feliz genealogia
De Varões tão fiéis: a Monarquia
Os honra no solar de Bobadela
Em um Nuno, um Bermudes, um Fruela,
Um Rodrigo, um Forjaz, Peres, Fernandes,
Um Mendes, um Pauzona, e outros Grandes,

Que apontam com espíritos sublimes
A Desidério, Rei dos Longobardos.
Estes os imortais progenitores,
Que intimando no exemplo dos suores
A imitação de um Freire, em glória estranha
Enchem a Portugal, a Itália, e Espanha,
As Barras inculcando por divisa
No brasão, que o seu nome soleniza.

Mas como em um só quadro me detenho,
Admirando o valor, se o desempenho
De outras tantas virtudes tem chegado
A encher da Fama o generoso brado!
Fale a acorde harmonia, com que o vejo
Temperando o governo: aqui do Tejo
A Nau soberba se desata, aonde
O valeroso espírito se esconde,
Que ao antártico clima foi mandado
A governar todo o País dourado.

Este é das Minas, este o áureo hemisfério,
Nobre porção do lusitano Império:
Aqui, ó Rei, ao meu Herói confias
As rédeas do governo. De teus dias
A dilatar o esplêndido progresso
Terias outro abono! Eu não conheço.

Vê qual desinteresse o acredita
Digno de teu favor: entre a esquisita
Cópia de tanto Ofir,[97] a prata, o ouro,
O topázio, as safiras, o tesouro
Dos diamantes, que a terra desentranha,
Não sabem conceber a empresa estranha
De atrair-lhe a ambição; ao seu desprezo
Serve apenas de objeto o raio aceso
Do precioso metal; a alma se cria
Com tão nobre, louvável rebeldia,
Que nada menos a molesta e cansa
Que sustentar a sólida aliança
Que fez com a justiça: este progresso
Ganha em teu peito o luminoso apreço
De um vassalo fiel, nele guardando
De três governos repartido o mando.

O Rio de Janeiro lhe obedece;
De São Paulo o empório reconhece
A alta moderação; e as Minas d'ouro
Se esclarecem, tecendo o fausto agouro.
Mas oh! e com que inteiro movimento
A propagar do cetro o régio aumento,
Apesar do trabalho, a mão se aplica,
Quando o peso se dobra, ou se triplica!
Como a sagrada lei primeiro objeto
É da sua intenção, o alto projeto
De encher a obrigação do cargo ilustre
Quanto na execução lhe esforça o lustre!

De Nêmesis,[98] parece que a balança
Nunca teve outro ponto; a segurança
Do fiel observou tão finamente,
Que se o digno se alegra, o delinqüente
Não acusa o castigo: a pena, o prêmio,
Achando na justiça igual o grêmio,
Saíam dentre as mãos tão bem pesados,
Que se viram talvez equivocados
O prazer e a dor: louva o aflito
A justa punição do seu delito;
E chora o benemérito, no susto
De não ser imortal Herói tão justo.

Pronto o despacho, a súplica atendida,
Castigada a maldade, agradecida
A retidão, a idéia vigilante
Não conhece repouso um só instante:
Enfim o seu descanso, o seu sossego
É só a instância do zeloso emprego.

Oh! que estranha se inculca a nobre idéia
Deste saudoso Herói! Tanto de Astréia[99]
O espírito igualou, que ao Rei, ao povo
Soube conciliar por modo novo.
O vasto empório das douradas Minas
Por mim o falará: quando mais finas
Se derramam as lágrimas no imposto
De uma capitação, clama o desgosto
De um País decadente; e ao seu gemido

Se enternece piedoso o esclarecido,
O generoso Herói: ao Soberano
Conduz a queixa, representa o dano.[100]

Chega o remédio pela mão piedosa,
Ministra do favor; menos penosa
Já se modera a imposição: contente
Já ri o povo, já se alegra a gente.
Lisonjeiro o prazer cada um descobre,
Os pequenos, o grande, o rico, o pobre.

Ó alma grande! Ó alma esclarecida!
Digna de ser guardada, ser nutrida
Na pompa dos Elísios,[101] entre os belos
Espíritos dos Élios, dos Metelos,
Dos Cipiões, Temístocles, Zopiros
E outros, que em felicíssimos retiros
Gozando estão as auras lisonjeiras,
Em prêmio desse amor, com que as primeiras
Fadigas de um solícito cuidado
Pelo Rei, pela Pátria hão consagrado.

Estes os frutos são dessa doutrina,
Que bebeste na cândida oficina
De uma ética inata: ali se alcança
Aquela inalterável confiança,
Que em ti sabes firmar, mostrando ao mundo,
Com desprezo da inveja, o mais profundo,
Positivo esplendor, que te reserva,
Superior à emulação proterva.

Que importa que de estrada dissonante,
Seguindo outros talvez o curso errante,
Assegurar pertendam[102] sobre o trono
De um alto valimento o régio abono,
Se essa idéia injustíssima que os guia,
Estragando os desígnios, algum dia

Fará gemer com lástima importuna
O mal seguro alento da fortuna!

A idéia mais feliz de ser aceito
À vontade de um Rei é ter o peito
Sempre animado de um constante impulso
De amar o que for justo: este acredita
Ao servo, que obedece; felicita
Ao Rei, que manda; este assegura a fama;
Este extingue a calúnia, e apaga a chama,
De um ânimo perverso, que atropela
O precioso ardor de uma alma bela.
Pelos degraus desta feliz escada,
Subiste, ó Freire excelso: ao braço, à espada,
Ou na civil Minerva, ou na Castrense,
Há um Rei, que as fadigas te compense.
Triplica-te o governo; honra-te o cargo;
Teus méritos confessa; um campo largo
Aos prêmios abre; a General te chama;
Te fia os seus exércitos; te aclama
Na régia comissão seu substituto.
De tão alta virtude o egrégio fruto
Respira enfim no esplêndido apelido,
Título grande, sim; mas tão devido,
Que inda que teus serviços ornar venha,
Cuido que a régia mão não desempenha.

Não te faz grande o Rei: a ti te deves
A glória de ser grande; tu te atreves
Somente a te exceder; outro ao Monarca
Deva o título egrégio, que o demarca
Entre os Grandes por Grande; em ti louvado
Só pode ser o haver-te declarado.

Mas que muito, que a tanto Herói assista
Este influxo feliz, se ele conquista
Com seus braços o Céu! ele desata
Com a mão liberal a cópia grata
De tantos cabedais: é confiado
Menos o soldo, para o nobre estado,
Que para sustentar com régio empenho
Do coração devoto o desempenho.
A dispêndios do ardor, que a alma respira,
Ali aquele pórtico se admira,
Por onde se abre ao mundo a excelsa entrada
De uma casa, que a Deus é consagrada.

Têm de Teresa as religiosas filhas
Ali um santo abrigo: as maravilhas
De um zelo nunca visto ali se inculcam.
Buscas o Autor da nobre arquitetura?
Queres saber quem ergue essa estrutura,
O dórico, o coríntio frontispício?
Esse mármore o diga: mas o indício
Na pedra se não grava: oh! que a piedade
Lhe encurtou esse alento na vaidade!

Foi providência, não foi erro: ignora
Esse mármore egrégio a mão que o fora
Desentranhando desde a terra dura,
Que o erguera e polira. O Herói procura
Que se esconda o seu nome. Em glória tanta
O seu mesmo silêncio é quem o canta.
Vê que o dogma evangélico encomenda
Que a direita co'a esquerda não se entenda:
E esta máxima tanto a Freire agrada,
Que até com Deus a deixa praticada.
Deu a Deus só por Deus: ao padrão sobra
Saber que a Deus é consagrada a obra.
E quem (oh! Céus!), quem há que não presuma
Educado este espírito na suma,
Penitente fadiga dos desertos!
Quem há que estes estímulos despertos
Não julgue na Tebaida[103] mais austera!
Mas oh! quanto a virtude mais se esmera,
Lá cultivada desde a tenra idade,
Entre a perversa, mísera vaidade
Da militar licença, onde se apura
Toda a relaxação, toda a soltura!

Outro talvez de escola, que é tão fera,
Razão de seus escândalos trouxera:
Só acha Gomes da virtude a chama
No mavórcio[104] exercício; ali se inflama
Na alta meditação de um pensamento,
Que só em Deus contempla o fundamento
De toda a humana glória: na vigia,
Nos sítios, nos ataques, na porfia
Dos choques, dos assédios, lá protesta

Que a mão é só de Deus; nada lhe resta
Que esperar de si mesmo: neste estudo
Tudo se logra, se prospera tudo.
Não me suspenda deste templo o objeto;
Discorra a admiração: o ardente afeto,
Com que se entrega ao Céu, que bem se explica
Nessas casas de Deus! ele se aplica
A Protetor da caridade santa.
Com seu fervor congregações levanta,
Onde aos pobres assista. O Pão Sagrado
Se ministra aos enfermos; acha o aflito
No cárcere o favor, para o delito
Se deputa Advogado; ao morto acode
Com o supremo ofício a mão piedosa.
Tu, Vila Rica, tu, a mais saudosa,
Nessa casa de Deus, que hoje sustentas,
O choras, o suspiras, o lamentas.

Tu o choras, ó mundo: mas que digo!
O Céu o chora, o Céu: que o braço amigo
Não fez mais grato o mundo, que fizera
Agradecido o Céu: ele quisera
Este Herói imortal; a lei sagrada
Da Providência, a lei sempre adorada
É quem o rouba da ventura nossa,
Quem de nós o separa, sem que possa
Suspender-se a si mesma: é Providência;
Mas que digo! é decreto; é obediência.

E quem sabe se lá no eterno seio
Das idades futuras (não o creio),
Quem sabe se apesar da estranha inveja
Outra alma tornará, onde se veja,
Para consolação desta ânsia aguda,
A virtude exemplar, que aqui se estuda!
Em que tão largos séculos prepara
O Céu uma alma grande! O Tejo o diga
Se de Heróis lusitanos na fadiga
Deu à Fama, em idade dilatada,
Outro Freire, outro Gomes, outro Andrada.

Consolação pesada eu te proponho,
Ó Reino, em tal memória: sei que choras
Os breves dias, as ligeiras horas,
Que lhe cortou o próvido destino.
Ah! se o viras no susto intercadente
Do mortal desalento! o pranto infausto
Se convertera em júbilo. O holocausto
De uma alma pura ele feliz votava
Ao Criador eterno, e se abraçava
Com a celeste imagem de Teresa.
Dos amigos, dos servos a tristeza
Em melhor sorte converter queria.
O alento pouco e pouco se extinguia;
E seguro da empresa... ah! que emudeço!
Eu pasmo; eu tremo; eu choro; eu desfaleço.

Já roto, já quebrado o nobre escudo,
Guarda o Gênio o brasão: entre o horror mudo
O Templo de Teresa[105] já demanda
Conduzido o cadáver; surda e branda
Se ouve a harmonia do tambor guerreiro;
Arrastam-se as bandeiras; pregoeiro
É o rouco metal; o pó sulfúreo

Em salvas se dispende: uma ânsia interna
A pompa funeral rege e governa.

Cingido dos Brandões, que a mágoa sofre,
Prossegue logo em um dourado cofre
O ilustre coração. Oh! quanto é digno
De respirar eterno o ardor benigno
Que o nutriu, que o gerou! penhor sagrado,
Do caráter de um Freire fiel traslado!
Deva ao bálsamo, deva o benefício
De triunfar do infausto precipício
Dos anos, nele achando a atividade,
Que não pôde encontrar na humanidade.

Não pode, excelso Herói, não pode esta ânsia
Permitir mais esforços à constância.
A registar de todo não me atrevo
O Templo, que busquei; a cifra escrevo,

Porque o mundo jamais de ti se esqueça:
Aqui jaz... mas que digo! aqui começa
A nascer a virtude: não se apaga
Uma ilustre memória; não se estraga
Uma excelsa relíquia; antes mais templos
Se produzem da vida dos exemplos.

Oh! que enganadamente solicito
Achar letra que explique aquele invicto
Espírito, que choro: em vão se atenda
O risco, que lavrei. Tudo se emenda,
Tudo já se desfaz. Se o néscio intento
Eternizar procura o monumento,
Seja túmulo o mundo. A cobertura
Seja o Céu: honre a esplêndida figura
Das faixas toda a luz, a impulso tanto,
Suspiro o fogo, e oceano o pranto.

Seu potius

Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine coelum.
Sidera pro facibus, pro lacrimis maria.[106]

Epicédio II

À morte de Salício

Espírito imortal, tu, que rasgando
Essa esfera de luzes[107] vais pisando
Do fresco Elísio a região bendita,
Se nesses campos, onde a glória habita,
Centro do gosto, do prazer estância,
Entrada se permite à mortal ânsia
De uma dor, de um suspiro descontente,
Se lá relíquia alguma se consente[108]
Desta cansada, humana desventura,
Não te ofendas que a vítima tão pura,
Que em meus ternos soluços te ofereço,
Busque seguir-te, por lograr o preço
Daquela fé, que há muito consagrada,
Nas aras da amizade foi jurada.

Bem sabes que o suavíssimo perfume,
Que arder pode do amor no casto lume,
Os suores não são deste terreno,
Que odorífero sempre e sempre ameno,
Em coalhadas porções Chipre desata:
Mais que os tesouros, que feliz recata
A arábica região, amor estima
Os incensos que a fé, que a dor anima,
Abrasados no fogo da lembrança.
Esta pois a discreta segurança,
Com que chega meu peito saüdoso[109]
A acompanhar teu passo venturoso,
Ó sempre suspirado, sempre belo,
Espírito feliz: a meu desvelo
Não negues, eu te rogo, que constante
Viva a teu lado, sombra vigilante.

Inda que estejas de esplendor cercada,
Alma feliz, na lúcida morada,
Que na pompa dos raios, luminosa,
Pises aquela esfera venturosa
Que a teu merecimento o Céu destina,
Nada impede que a chama peregrina
De uma saudade aflita, e descontente,
Te assista acompanhando juntamente.
Antes razão será que, debuxada
Em meu tormento aquela flor prostrada,
Sol em teus resplendores te eternizes,
E Clície em minha mágoa me divises;
Entre raios crescendo, entre lamentos,
Em mim a dor, em ti os luzimentos.

Se porém a infestar da elísia esfera
A contínua, brilhante primavera
Chegar só pode o lastimoso rosto
Deste meu triste, fúnebre desgosto,
Eu desisto do empenho em que deliro,
E as asas encurtando a meu suspiro,
Já não consinto que seu vôo ardente
A acompanhar-te suba diligente:
Antes no mesmo horror, na sombra escura
Da minha inconsolável desventura,

Eu quero lastimar meu fado tanto,
Que sufocado em urnas de meu pranto,
A tão funesto, líquido dispêndio,
A chama apague deste ardente incêndio.

Indigno sacrifício de uma pena,
Que chega a perturbar a paz serena
De umas almas que em campos de alegria
Gozam perpétua luz, perpétuo dia;
Que adorando a concórdia desconhecem
Os sustos, que da inveja os braços tecem;
Que ignoram o rigor do frio inverno,
E que em brando concerto, em jogo alterno,
Gozam toda a suavíssima carreira
De uma sorte risonha, e lisonjeira.

Ali, entre os favônios mais suaves,
A consonância ofenderei das aves,
Que arrebatando alegres os ouvidos
Discorrem entre os círculos luzidos
De toda a vegetante, amena estância.
Ali pois as memórias de minha ânsia
Não entrarão, Salício: que não quero
Ser contigo tão bárbaro, e tão fero,
Que um bem, em cuja posse estás ditoso,
Triste magoe, infeste lastimoso.
Cá viverá[110] comigo a minha pena,
Penhor inextinguível que me ordena
A sempre viva, e imortal lembrança.
Ela me está propondo na vingança
De meu fado inflexível, ó Salício,
Aquele infausto, trágico exercício,
Que os humanos progressos acompanha.
Quem cuidara que fosse tão estranha,
Tão pérfida, tão ímpia a força sua,
Que maltratar pudesse a idade tua,
Adornada não só daquele raio
Que anima a flor, que se produz em maio,
Mas inda de frutíferos abonos,
Que antecipa a cultura dos outonos!

Cinco lustros o Sol tinha dourado
(Breves lustros enfim, Salício amado),
Quando o fio dos anos encolhendo,
Foi Átropos[111] a teia desfazendo:
Um golpe, e outro golpe preparava,
Para empregá-lo a força lhe faltava,
Que mil vezes a mão, ou de respeito,
De mágoa, ou de temor, não pôs o efeito.
Desatou finalmente o peregrino
Fio, que já tecera. Ah! se ao destino
Pudera embaraçar nossa piedade!
Não te glories, trágica Deidade,
De um triunfo, que levas tão precioso:
Desar é de teu braço indecoroso,
Que inda que a fúria tua o tem roubado,
A nossa dor o guarda restaurado.

Vive entre nós ainda na memória
A que ele nos deixou, eterna glória,
Dispêndios preciosos de um engenho,
Ou já da natureza desempenho,
Ou para a nossa dor só concedido.
Salício, o Pastor nosso, tão querido,
Prodígio foi no raro do talento
Sobre todo o mortal merecimento,
E prodígio também com ele agora
Se faz a mágoa, que o lastima e chora.

A lutuosa vítima do pranto,
Melhor que o imarcescível amaranto,
Te cerca, ó alma grande, a urna triste:
O nosso sentimento aqui te assiste,
Em nênias entoando magoadas
Hinos saudosos e canções pesadas.

Quiséramos na campa que te cobre,
Bem que o tormento ainda mais se dobre,
Gravar um epitáfio que declare
Quem o túmulo esconde, e bem que apare
Qualquer engenho a pena, em nada atina.
Vive outra vez: das cinzas da ruína

Ressuscita, ó Salício; dita; escreve;
Seja o epitáfio teu: a cifra breve
Mostrará no discreto, e no polido,
Que é Salício o que aqui vive escondido.[112]

Epicédio III

À morte apressada de um Amigo

Comigo falas; eu te escuto; eu vejo
Quanto apesar de meu letargo, e pejo,
Me intentas persuadir, ó sombra muda,
Que tudo ignora quem te não estuda.
Há poucas horas que um ativo alento
Te dirigia o ardente movimento,
E em breve instante (oh! dor!), em breve instante
Se torna em luto o resplendor brilhante.
Arrebatado em vão te solicito
Por qualquer parte que se estenda o grito,
E aos ecos, ao clamor, que aos troncos passa
(Funestíssimo aviso da desgraça)
Apenas fala, apenas me responde
O desengano, que esta penha esconde.

Mas como em te encontrar minha ânsia tarda,
Se só este penhasco é quem te guarda!
Ele a saudade tua recomenda,
Ele me escute, pois, ele me atenda.
Mármore bruto, que em teu seio encobres
Triste despojo de relíquias pobres,
Eu me chego a escutar-te: a ouvir-te venho,
Talvez de tanto ardor no heróico empenho,
Ao crédito maior esta alma aspira.
Se enlaçado nas redes da mentira
Amei té agora o meu profundo sono,
De tanto anúncio ao peregrino abono,
Eu quero despertar: volta a falar-me,
Ó dura penha, eu quero aconselhar-me
Contigo mesmo. Que lições prudentes
Hoje me estás ditando! Oh! que eloqüentes
Falam as sombras, os horrores falam,
Quando os alentos, quando as vozes calam!

Dentro sepultas desse cofre infausto
De Aônio o resplendor, o lustre, o fausto.
Debaixo jaz dessa fatal dureza
Aquele ativo engenho, que a destreza
De Minerva poliu; o que esgotara
D'alta jurisprudência a luz mais rara.
Aqui sepultas, ó penhasco duro
(Tudo te digo), aquele Amigo puro,
Que ausente de minha alma hoje me ordena
A companhia só da minha pena.

No teu silêncio encontro o desengano
Do caduco esplendor do alento humano.
Tu me dizes quão pouco ao mundo importa
Esta cansada vida que suporta
Das fadigas o peso intolerável.
Venturoso Baixel em golfo instável
Me finges, me figuras: brando o vento
Ordenava a carreira; solto o alento
Das velas respirava a Nau segura;
Tranqüilo o mar com próspera brandura
Sustentava o seu peso: no acidente
De ingrata tempestade de repente
Se escandeliza[113] o Céu; o mar se altera;
Rompem-se as velas; pela crespa esfera
Vaga perplexo o lenho, absorto vaga;
Já perde o rumo, e infeliz naufraga.

E que se espera entre a fatal ruína?
Que mais se espera? Se da luz benigna
Se desperdiça o breve auxílio, ao menos
Enquanto a nós os Zéfiros serenos
Nos influem propícios, indeciso
Não vacile o discurso; o obséquio, o riso
Deste mísero golfo se aproveite,
Abominando os vícios, e o deleite
De tanto ardor profano: a razão venha,
E vendo que no abismo se despenha,
De seus mesmos horrores triunfante,
Sobre tanto desmaio o ardor constante
Da antiga Babilônia, que se estraga,
Novos alentos das ruínas traga.

Tudo, ó bruto penhasco, me insinua
O teu mesmo silêncio, a sombra tua.
E pois te encontro agora tão propício,
Só te quero rogar o benefício
De que ao triste cadáver alguma hora
A ânsia ardente com que esta alma o chora,
Por último favor, lhe comuniques.
Peço-te que de todo o certifiques
Do muito que o lastimo; e se há piedade
Nessa estranha região, chegue a saudade
Que te consagro, ó extremoso Amigo,
Sempre a viver, sempre a morrer contigo.[114]

Romance

Ao senhor José Gomes de Araújo, Desembargador do Porto, Provedor da Real Fazenda, e Vedor Geral da Gente de Guerra na Capitania das Minas Gerais etc etc etc

Sábio, e reto Ministro, aquela idéia
Que eu formo desse espírito, alguma hora
Há de chegar a dispensar-se ao mundo,
Inda que em sombras de uma imagem tosca.

Ver-se-á que quanto a mão do Rei Augusto
Mais liberal, mais pródiga vos honra,
Tanto o mérito vosso os mesmos prêmios
Acredita, enobrece, e condecora.

Entregue à vossa direção prudente
Foi o Erário Real; e apenas louva
A fortuna este bem, já vos admira
Cingir no Porto a Senatória Toga.

Estes os louros são que vos prepara
Vossa egrégia virtude, que se de outra
Estranha mão brotassem produzidos,
Não seria a ventagem tão preciosa.

Do Real Decreto as cláusulas, que atendo,
Desta mesma verdade hoje me informam:
Ele nos insinua que os serviços
Com este novo ascenso se coroam.

Outro, que aos cargos do Conselho assiste,
Vigilante Ministro, assim o abona,
Quando nos diz que do interesse régio
Vossa atenção se preocupa toda.

Mas que muito, que o crédito daqueles
Assim vos busque, assim vos corresponda,
Se por vós, ó Ministro esclarecido,
Falam cheias de alento as mesmas obras!

Seguindo os vossos passos, desde quando
Pisais das Minas as montanhas toscas,
Que cousa há que não seja testemunho
Do zelo, que distingue as ações vossas?

Diga-o do Sabará na régia casa,
Onde do Erário se regula a soma,
Aquela perspicácia nunca vista,
Aquela sempre vigilância pronta.

Velando pelo Rei, que segurança
Não têm os seus Direitos! menor sombra
Não pode subsistir no engano indigno,
Da maldade uma vez cerrada a porta.

Este o teatro foi, onde a virtude
Mil padrões erigiu à vossa glória,
Acreditando em diligências graves
Do serviço real vossa pessoa.

Sem temer as distâncias e os perigos
Por ásperos sertões, empresa heróica,
Desde lá vos conduz a ver os matos,
Onde o Paracatu seu termo logra.

Ali provendo em equilíbrio tudo
Quanto acredita da Justiça as normas,
Desprezastes as calúnias, e somente
Deste à verdade a subsistência própria.

Vencidas neste giro (quem tal crera!)
Mais de trezentas léguas, a derrota
Terminais, respirando sem fadiga,
Ao ver que pelo Rei ela se abona.

Não bem cerraste os destinados dias
Do cargo de Intendente, já sem nota,
Que infame à residência, o Rei vos chama,
Já da Fazenda o Tribunal vos goza.[115]

E para seres com maior ornato
Exposto a nossos olhos, vos coloca
Na Junta da Bahia, entre os que a Beca
Distingue, ilustra, qualifica, aprova.

Agora se outro alento me assistira,
Eu descrevera as peregrinas provas
Que fizeste avultar, juntando àquelas
Que a Fama em tanto giro admira absorta.

Eu dera a conhecer que neste emprego
Resplendeceu[116] vossa virtude, posta
No mais distinto grau: dissera ao mundo
Que em vós do Erário se duplica a força.

A força se duplica: pois se aquele
Sustenta o Reino dispendido, a nova,
Interessante economia quanto
O zela mais, é certo, o aumenta, e dobra.

A prática piedosa, bem que inteira,
De uma exação[117] ceder faz a demora
Dos devedores; e arrecada o Cofre
Quanto a avareza em subterfúgios forra.

O excesso das despesas se refreia,
O menos útil se modera e poupa;
O mesmo, que faltava, agora cuido,
Não só não falta já, antes já sobra.

Revolvem-se esquecidos monumentos
Que o tempo sepultava em cinza morta;
E porque tudo ao Régio Erário sirva,
Por eles se entra em recenseio às contas.

Oh! e que frutos deste exame tira
A Fazenda do Rei! quantos se encontram
Erros, e vícios, da maldade efeitos!
Se este se averigua, este se nota.

Nunca das Minas o País dourado
Com tão crescidas, avultadas somas,
Honrando o real selo os cofres, pôde
Ver tão soberba a lusitânia Frota.

Não só do Tribunal junto à fadiga,
Vos aplicais, Senhor, mas vos remonta
Novo cuidado a investigar os passos,
Que abre o extravio por estranhas bocas.

Pela Comarca, aonde os verdes campos
Têm do Sapucaí banhado as ondas,
Atravessais, entregue ao real serviço,
Os sertões, que inda as feras mal povoam.

Os caminhos do engano só trilhados,
Por vós pisados são, por vós se cortam.
Servem ao vosso zelo, ao vosso exame,
O fundo rio, a serra mais medonha.

Nada vos horroriza, nada embarga
A ilustre diligência, bem que aborta
Fúrias o Inverno, cóleras o Tempo,
Rotos os Céus em tempestades grossas.

Vedor Geral, fiada a vosso arbítrio
A comissão da empresa mais custosa,
Com quanta reflexão vos encontramos
Regulando as reclutas[118] para as Tropas!

Atende-se à pobreza, ao desamparo,
Com a clemência a retidão se informa:
A tudo consultais dando os ouvidos
À Viúva, ao Irmão, ao Pai, à Esposa.

Mas que muito, Ministro inimitável,
Que muito obreis assim, se a vossa própria
Língua confessa que ao serviço régio,
Não o interesse, só vos chama a honra!

O amor só da virtude é que dirige
Iguais a vossa idéia as vossas obras,
Conhecendo que é ela de si mesma
O prêmio que mais val,[119] que mais importa.

Por isso inda que ao mérito distinto
Falte a retribuição, só vos consola
Aquela sempre máxima adorável
Que o Pai da Liberdade amava em Roma.

Contenta-se Catão[120] que a estátua sua
No Capitólio entre outras se não ponha,
Porque pergunte absorto o passageiro:
Quem é o que a Catão nega esta glória?

Tendes na fantasia sempre impressas
As imagens do sonho que ainda aponta
De Massinissa a Corte, quando ao Filho
De Cipião se mostra a esfera toda.

Ali se vos descobre que a primeira
Obrigação de um ânimo, que adora
O esplendor da virtude, é que somente
Se ame o seu Rei, a Pátria se socorra.

Daqui vem que é acerto tudo quanto
Imaginais, ou emprendeis; sufoca
A desgraça por vós o seu partido:
Tudo serve ao prazer, tudo à lisonja.

Oh! mil vezes feliz aquele exemplo
Que de vós se deriva! Se estudiosa
A virtude pudera retratar-vos,
Quantas ao mundo repartira cópias!

Nelas ensaiaria para as Becas
Ilustres Magistrados; menos pompa
Trajaram sobre a Fama outros Consultos,
De que o corpo jurídico blasona.

Os Flávios, os Hermógenes, os Élios,
Os Pérsios, os Papírios, os Mendonças,
Os Pegas, os Macedos, os Pereiras
Perderão junto a vós a glória toda.

Vós com justiça igual desempenhando
De sábio o nome, entre virtudes outras,
Sois afável, pacífico, prudente,
Sois liberal, benévolo; isto sobra.

Assim dais a saber que o vosso peito
Alenta aquele sangue, que se adora,
De um Pai, de quem no emprego, que ocupara,
Há de ser imortal sempre a memória.

Assim mostrais que ramo florescente
Sois de um Irmão, que em dotes, em pessoa,
Enobrece do Reino Lusitano
Tudo o que o cetro em seus domínios doura.

Porque entre as perfeições que vos ilustram,
Ainda a mais acidental, concorra,
Até mostrais o quanto a natureza
Se desempenha em vós, quando vos forma.

Cheios de atividade os olhos, dentro
Dos corações, nos dão não sei que mostras
De uma alma dominante: o que vos busca,
Ao respeito, ao agrado igual se dobra.

Mas que debalde a examinar me empenho
Os vossos atributos! Se se agoura
Pelos princípios o progresso, quanto,
Quanto o destino na esperança aponta!

Que comissões, que empresas vos auspica
O fausto lusitano! Ah! cerre embora,
Cerre a porta o futuro, porque a tanto
Não sobe a inculta lira, a Musa rouca.

FÁBULA DE RIBEIRÃO DO CARMO[121]

SONETO

A vós, canoras Ninfas, que no amado
Berço viveis do plácido Mondego,
Que sois da minha lira doce emprego,
Inda quando de vós mais apartado.

A vós do pátrio Rio em vão cantado
O sucesso infeliz eu vos entrego,
E a vítima estrangeira, com que chego,
Em seus braços acolha o vosso agrado.

Vede a história infeliz, que Amor ordena,
Jamais de Fauno, ou de Pastor ouvida,
Jamais cantada na silvestre avena.

Se ela vos desagrada, por sentida,
Sabei que outra mais feia em minha pena
Se vê entre estas serras escondida.

Aonde levantado
Gigante, a quem tocara,
Por decreto fatal de Jove irado,[122]
A parte extrema, e rara
Desta inculta região, vive Itamonte,[123]
Parto da terra, transformado em monte.

De uma penha, que esposa
Foi do invicto Gigante,
Apagando Lucina[124] a luminosa
Alâmpada[125] brilhante,
Nasci, tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
Pela cândida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade,
E a pompa imaginada
De toda a minha glória num só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta, e prado,
Bem polido mancebo,
Girava em meu poder tão confiado,
Que até do mesmo Febo
Imaginava o trono peregrino
Ajoelhado aos pés do meu destino.

Não ficou tronco, ou penha,
Que não desse tributo
A meu braço feliz, que já desdenha,
Despótico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glórias tantas.

Mas ah! que Amor tirano,
No tempo em que a alegria
Se aproveitava mais do meu engano,
Por aleivosa via
Introduziu cruel a desventura,
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Vizinho ao berço caro
Aonde a Pátria tive,
Vivia Eulina, esse prodígio raro,
Que não sei se inda vive,
Para brasão eterno da beleza,
Para injúria fatal da natureza.

Era Eulina de Aucolo
A mais prezada filha;
Aucolo tão feliz, que o mesmo Apolo
Se lhe prostra, se humilha,
Na cópia da riqueza florescente,
Destro na lira, no cantar ciente.

De seus primeiros anos
Na beleza nativa,
Humilde Aucolo, em ritos não profanos,
A bela Ninfa esquiva,
Em voto ao sacro Apolo consagrara,
E dele em prêmio tantos dons herdara.

Três lustros, todos d'ouro,
A gentil formosura
Vinha tocando apenas, quando o louro,
Brilhante Deus procura
Acreditar do Pai o culto atento,
Na grata aceitação do rendimento.

Mais formosa de Eulina
Respirava a beleza;
De ouro a madeixa rica e peregrina
Dos corações faz presa;
A cândida porção da neve bela
Entre as rosadas faces se congela.

Mas inda que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permite o meu destino que uma dura
Condição rigorosa
Ou mais aumente enfim, ou mais ateie
Tanto esplendor, para que mais me enleie.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrifícios
Abrandar o seu Nume: a dor veemente,
Tecendo precipícios,
Já quase me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inútil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha indústria o meu despenho:
Com ingrata destreza
Fiei de um roubo (oh! mísero delito!)
A ventura de um bem, que era infinito.

Sabia eu como tinha
Eulina por costume
(Quando o maior Planeta quase vinha
Já desmaiando o lume,
Para dourar de luz outro horizonte)
Banhar-se nas correntes de uma fonte.

A fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a Pátria, onde tive o berço amado,
Recolhi numeroso
Tesouro, que roubara diligente
A meu Pai, que de nada era ciente.[126]

Assim, pois, prevenido[127]
De um bosque, à fonte perto,
Esperava o portento apetecido
Da Ninfa, e descoberto
Me foi apenas, quando (oh! dura empresa!)
Chego, abraço a mais rara gentileza.

Quis gritar; oprimida
A voz entre a garganta,
Apolo? diz, *Apol...* A voz partida
Lhe nega força tanta:
Mas ah! eu não sei como, de repente
Densa nuvem me põe do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços:
Buscar nas sombras o meu bem intento,
Onde a meus ternos laços...
Onde te escondes, digo, *amada Eulina?*
Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mais ia por diante,
Quando entre a nuvem densa,
Aparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh! dor imensa!)
Passar a bela Ninfa, já roubada
Do *Numen*,[128] a quem fora consagrada.

Em seus braços a tinha
O louro Apolo presa;
E já ludíbrio da fadiga minha,
Por amorosa empresa,
Era despojo da Deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me arrebata.

Então já da paciência
As rédeas desatadas,
Toco de meus delírios a inclemência;
E de todo apagadas
Do acerto as luzes, busco a morte impia[129]
De um agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sobre mim caindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina; e quase exangue,
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito,
O *Numen* soberano
Quer vingar ultrajado o seu respeito
Permitindo em meu dano
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
De minha desventura
Triunfe sobre a trágica mudança
Dos anos, sempre pura,
Do sangue que exalei, ó bela Eulina,
A cor inda conservo peregrina.

Porém o ódio triste
De Apolo mais se acende;
E sobre o mesmo estrago que me assiste,
Maior ruína emprende:[130]
Que chegando a ser ímpia uma Deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos tesouros preciosos
Chegou notícia, que eu roubado tinha
Aos homens ambiciosos;
E crendo em mim riquezas tão estranhas,
Me estão rasgando as míseras entranhas.

Polido o ferro duro
Na abrasadora chama,
Sobre os meus ombros bate tão seguro,
Que nem a dor que clama,
Nem o estéril desvelo da porfia
Desengana a ambiciosa tirania.

Ah! Mortais! até quando
Vos cega o pensamento!
Que máquinas estais edificando
Sobre tão louco intento?
Como nem inda no seu Reino imundo
Vive seguro o Báratro[131] profundo?

Idolatrando a ruína,
Lá penetrais o centro,
Que Apolo não banhou, nem viu Lucina;
E das entranhas dentro
Da profanada terra
Buscais o desconcerto, a fúria, a guerra.

Que exemplos vos não dita
Do ambicioso empenho
De Polidoro a mísera desdita![132]
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!

Enfim sem esperança
Que alívios me permita,
Aqui chorando estou minha mudança,
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantasia está presente.

Um murmurar sonoro
Apenas se me escuta;
Que até das mesmas lágrimas que choro,
A Deidade absoluta
Não consente ao clamor se esforce tanto,
Que mova à compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fábrica eminente
De uma grande Cidade;[133] aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço ocupo dilatado,
Por dar mais desafogo a meu cuidado.

Competir não pertendo[134]
Contigo, ó cristalino
Tejo, que mansamente vais correndo:
Meu ingrato destino
Me nega a prateada majestade,
Que os muros banha da maior Cidade.[135]

As Ninfas generosas,
Que em tuas praias giram,
Ó plácido Mondego, rigorosas
De ouvir-me se retiram,
Que de sangue a corrente turva, e feia
Teme Ericina, Aglaura e Deiopéia.[136]

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena[137]
Nas margens minhas, que a fatal porfia
Da humana sede ordena
Se atenda apenas o ruído horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém se Apolo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da Musa o belo trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deus, que o temperado coro[138] tece,
Me foge, me castiga e me aborrece!

Enfim sou, qual te digo,
O Ribeirão prezado;
De meus Engenhos[139] a fortuna sigo:
Comigo sepultado
Eu choro o meu despenho; eles sem cura
Choram também a sua desventura.

ÉCLOGAS

ÉCLOGA I*

OS MAIORAIS DO TEJO[140]

Montano, Corebo, Lise e Laura

Eu canto os dous Pastores[141]
Que o Tejo cristalino
Na bela margem viu: canto o divino
Assunto dos amores,
Que de inveja, e de agrado
O céu, a terra, o mar tem namorado.[142]

Também das Ninfas belas,
Que Amor viu abrasadas,
Os números[143] entôo: se entre aquelas
Cadências delicadas,
Rude o som de meu canto
Se faz digno, Senhor, de obséquio tanto.

Tu do semblante augusto,
Tu da frente serena,
Infante generoso, invicto, e justo,
Enquanto soa a avena,
Teu magnânimo alento
Comunica a meu débil, rouco acento.

E Tu, que os teus altares,
Princesa soberana,
Dilatas na extensão de ambos os mares;
Que Tétis, mais que humana,[144]
Em melhor hemisfério,
Te adotas do Brasil o grande Império;

* Nas Reais Núpcias dos Sereníssimos Príncipes, a Senhora D. Maria, Princesa do Brasil, e o Senhor Infante D. Pedro.

Enquanto montes d'ouro,
Brilhante pedraria,
Desde o Rio da Prata ao Tejo louro
A América te envia,
Lá dessa glória suma,
A ouvir os meus votos te acostuma.

Aonde o Tejo claro
Seus braços mais estende,
Onde a corrente, em círculo mais raro,
Grande parte comprende[145]
Daquela alta Cidade,
Régio solar da lusa Majestade;

Dum lado e doutro lado
Se estende uma campina,
Em que traz a pascer o manso gado
Tanto a formosa Eulina,
A filha de Silvano,
Como o destro Corebo, o fiel Montano.

Em uma tarde, quando
Os músicos Pastores
Ao som da acorde flauta recitando
Estavam seus amores,
Nas vozes, que afinavam,
Deste modo a cantar se preparavam:

COR. *Já que estamos, Montano, neste monte,*
Sem outra companhia, enquanto o gado,
Buscando as doces águas dessa fonte,
Vem concorrendo dum, e doutro lado,
Aqui deste salgueiro,
Sentados junto à sombra, eu te requeiro,
Torna-me a repetir aquela história,
Que toda esta minha alma encheu de glória.

MON. *Dos nossos Maiorais a grande festa,*
Corebo, quem a viu jamais se farta
De a contar: mas enquanto a fresca sesta
A nós se chega, enquanto o Sol se aparta,

Tomando a flauta doce,
O caso contarei; mas ah! se fosse
Minha voz tão suave, e tão divina,
Como aquela que pede ação tão digna!

COR. *Toma o teu instrumento: ele é tão brando,*
Que se inda agora Títiro vivera,
Porque melhor pudesse ir entoando,
No canto de Amarílis o quisera.
Parece que os rochedos
Se abalam já do centro; os arvoredos,
A habitação deixando da espessura,[146]
Vêm prontos a escutar tanta brandura.

MON. *Efeitos são daquele heróico objeto,*
Que eu tomo nos meus versos: maravilha
Não é que possa tanto o grande afeto
Com que o meu rendimento o voto humilha;
A história prodigiosa
Escuta, Pastor meu; ouve a ditosa
União dessas almas, que tem dado
À memória do mundo um tal cuidado.

O dia venturoso
Para nós se chegava,
O dia em que no carro luminoso
O Sol mais abrasava:
De riso, e de alegria
O Céu, a terra, o mundo se cobria.

Mais que nunca suaves,
Ao despertar da Aurora,
De ramo em ramo as sonorosas aves,
Sobre os campos de Flora,[147]
Alegres vêm saudando
Da fresca manhã bela o rosto brando.

As árvores copadas
Orvalho cristalino
Derramam sobre a relva: restauradas
A influxo peregrino,
Do inverno, que as rendera,
Formam as flores nova primavera.

Os Gênios da espessura
Então mais concertados[148]
Andam mostrando anúncios da ventura.
Vêem-se os campos cercados
De avisos superiores,
Mandados desde o Céu para os Pastores.

Um salgueiro, que havia
Deixado a pompa verde,
De repente (oh! assombro!) se vestia
Das folhas que em vão perde,
E em prodígios maiores
As mesmas folhas deram logo flores.

Duas rolas, cantando
Naquela sovereira,[149]
Docemente se estavam namorando:
Uma, e outra ligeira,
Com suave reclamo,
De folha em folha vão, de ramo em ramo.

Por entre o trigo louro
Discorre um vento brando,
Qual nunca se sentiu: um branco touro,
Entre os outros brincando,
Três vezes nessa praia,
A correr à porfia os mais ensaia.

Até dessa ribeira,
Que nos fica vizinha,
Se viu chegar à praia derradeira
Um Delfim, o qual tinha
Sobre a escama enlaçadas
As ramas de coral, ao Sol coalhadas.[150]

O mar vinha trazendo
De conchas esquisitas
Uma grande abundância: estão-se vendo
Pérolas infinitas,
Que no centro ocultava,
Que de gosto talvez o mar as dava.

De Pã[151] e de Himeneu,[152]
Deidades soberanas,
Se escuta publicar o alto troféu;
As glórias, mais que humanas,
Os Pastores entoam,
As sacras Divindades apregoam.

Estão por toda a parte
As tochas incendidas
De Himeneu: o festejo se reparte
Entre as Ninfas luzidas,
Cercando em roda as teias
Náiades, Hamadríades, Napéias.[153]

Podem ver-se os Silvanos,[154]
Os Sátiros[155] das covas
Deixar o triste abrigo: mais que ufanos,
Em seus hinos e trovas,
Com tal contentamento,
Que enchiam de alegria o mesmo vento.

Qual fiando a memória
Ao corpulento cedro,
Por triunfo da nunca vista glória,
Lavra o nome de PEDRO:
Qual compete à porfia,
Nas faias entalhando o de MARIA.

Os nomes venturosos
Se lêem por toda a parte:
Trabalham por fazê-los mais ditosos
A natureza e arte,
Porque nos troncos cresçam,
Porque nos mesmos troncos reverdeçam.

Dametas e Corino,
Os músicos Pastores,
Que entre nós têm louvor quase divino,
Entoando os amores
Da Ninfa e caro Esposo,
Um cântico disseram portentoso.

Aqui sobre estes troncos
Uma letra se atende,
Composta por Alcino; inda entre os broncos
Debuxos se comprende,
E diz: "Chega-te, Amigo";
Mas, não: escuta tu; porque eu a digo.

Cor. *Ao longe eu vejo; espera, meu Montano,*
Eu vejo aparecer, ao que imagino,
O meu bem, se talvez me não engano:
Sim, a bela Pastora, o peregrino
Encanto desta vida.
Ela é: oh! que júbilo convida
A face alegre, a vista deliciosa
De Ninfa tão gentil, e tão formosa!

Mon. *Qual vem com ela, atende, a branca Laura,*
Do coro enfim das Náiades o mimo!
Formosa é Lise, sim, formosa Aglaura;
Mais que todas formosa a Laura estimo.
Cantando vêm as belas,
Arrastando a seu cântico as estrelas;
Ouçamos o que dizem: mas eu creio
Que de chegar aqui terão receio.

Esta mata frondosa, esta espessura
Comodidade dão, onde escondidos
As podemos ouvir; e tu, procura
Que Lise não perceba os teus gemidos.
Enquanto elas cantando
Para nós descuidadas vêm chegando,
Ao número amabeu[156] *nos ajustemos,*
E juntos os seus hinos alternemos.

Entenderão que os Sátiros das covas
Sua voz acompanham, ou que as penhas
Repetem desde longe aquelas trovas,
Que elas entoam lá; não te detenhas,
Entra nesta espessura,
Que as Ninfas vêm já perto: ah! que ventura!
Que glória para nós não esperada
Trouxe a sorte esta vez menos pesada!

COR. *Já não tardo a seguir-te; porém temo*
Que fôssemos já vistos: é mui alto
Aquele oiteiro. Desgraçado extremo
De um infeliz, pois tudo é sobressalto!
Não sei se dessa gruta
Seja melhor buscar a estância bruta,
Ou se melhor aparecer-lhes seja.

MON. *A quem não matará da sorte a inveja!*
Já Laura me divisa: o seu aceno
Me deu já a entender que me descobre.

COR. *Lise me viu com rosto mais sereno,*
É acertado que me não soçobre.
Cheguemos desde agora,
Cheguemos a encontrá-las: erro fora
Tão rústica mostrar a natureza,
Que se negue um Pastor a uma beleza.

MON. *Se vens, Ninfa, buscando o verde prado,*
Para lhe dar prazeres e alegria,
Tem dó também de um peito magoado,
Que vive só da pena e da agonia.

COR. *Se o pensamento teu vem conduzido,*
Divina Lise, a rogos de minha ânsia,
Eu te quero seguir, que o meu gemido
Te busca sempre com maior constância.

LAUR. *Montano, o digno assunto de meu canto*
Lugar me não consente, para ouvir-te;
Deixa, Pastor amado, deixa o pranto;
Pronta me hás de encontrar, pronta a servir-te.

LIS. *Agora é lei forçosa de meu gosto,*
Corebo meu, que tomes o instrumento;
Deixa as mágoas, Pastor, deixa o desgosto
E vem acompanhando o nosso acento.

MON. *Não és tu a cruel, que em tanta idade*
Jamais ouviste um dia os meus gemidos?

Cor. *De tua, mais que bárbara impiedade,*
Como abrandou meu rogo esses ouvidos?

Laur. *Montano, não porfies: em meus ecos*
Atende o peregrino objeto amado,
A cujo doce acento os troncos secos,
Os mármores talvez tenho abalado.

Eu trago de memória a cantilena
Que Corino compôs, quando o seguia
Dametas, o Pastor, que a doce avena
No cântico amabeu soar fazia.

Lise, e mais eu a vínhamos agora
Repetindo; e tão bela se mostrava,
Que no acorde trinar da voz sonora
A alma atrás do canto arrebatava.

Lis. *Corebo a pode ouvir, pois que presente*
Não esteve à função do Himeneu santo:
Ele nos acompanhe juntamente,
Pois tanta suavidade tem no canto.

Mon. *O Céu essa fortuna lhe guardava,*
Porque há pouco a Corebo eu repetia
A grande história, e quase se apressava
A lê-la nesse tronco, aonde a via.

Agora folgarei de acompanhar-te,
E para que de ti mais o mereça,
Este cajado toma, aonde em parte
Reconhecer teu mérito pareça.

Obra foi do divino Alcimedonte;
De flores o engastou; onde a mão dobra,
Vê como as pedras une destramente,
Variando a cor: tu viste melhor obra?

Cor. *Pois eu, Lise gentil, inda que ponha*
Quantos gados, e campos eu possua,
Nada te venho a dar, porque é vergonha
Que outra coisa te dê, quando a alma é tua.

A parelha melhor do meu rebanho,
Aquela que é de pele remendada,[157]
A flauta com que agora te acompanho,
Tudo enfim te darei, se tudo agrada.

Laur. *Árvores (eu começo) deste oiteiro,*
Que enverdecendo estais na primavera,
Chegai a ouvir meu canto lisonjeiro.

Lis. *Eu canto aquela Ninfa que pudera*
Dar vida às tenras flores, alma às plantas,
Como Vênus[158] *às rosas já fizera.*

Mon. *Branda corrente, tu que o gosto encantas,*
Um retrato me pintas nessa fonte
Do primoroso Céu de graças tantas.

Cor. *Eu vi quando desciam desse monte*
As Ninfas na formosa companhia,
Com o canto alegrando este Horizonte.

Laur. *De gosto os cabritinhos nesse dia*
Deixaram de buscar o suco amado,
Esquecidos das mães na relva fria.

Lis. *O trovão que soava deste lado*
Agouro era somente da ventura;
Uivar se não ouvia o lobo irado.

Mon. *O mocho não grasnava na segura*
Rama daquele choupo, onde outras vezes
Grasnar se ouvira pela noite escura.

Cor. *A ti se há de cortar das nossas reses*
A vítima perpétua; o sacrifício
De nosso humilde voto não desprezes.

Laur. *Do culto de um Pastor pequeno indício,*
Eu tenho de trazer-te o mel dourado,
Se tanto à minha súplica és propício.

Lis. *De própria mão o fruto sazonado*
Eu colherei, levando juntamente
Dous recentais, que tenho aparelhado.

MON. *Se estou ao som da flauta mal cadente*
Ensaiando esta voz desconcertada,
É para a dedicar a ti somente.

COR. *Se apascento esta rústica manada,*
É por ver se entre a mísera pobreza
De um Pastor inda há cousa, que te agrada.

LAUR. *Não foi Glauce*[159] *formosa; a gentileza*
Da linda Galatéia[160] *já não deve*
Da nossa acorde flauta ser empresa.

LIS. *Por ti já me parece escura a neve,*
Não é tão encarnada a fresca rosa,
A comparar-se a ti nada se atreve.

MON. *Derivada do Céu prole formosa*
De Jove, que respiras do semblante,
Sobre a vida mortal, luz mais preciosa.

COR. *Ah! quanta glória deste laço amante*
Se espera conseguir! A paz do mundo,
A dita dos mortais por ti se cante.

LAUR. *Para apertar o vínculo jucundo,*
O sangue traz o fio, Amor o tece;
Assim se lavra o tálamo fecundo.

LIS. *Nesta amena campina reverdece*
A memória dos Reis, segredo raro
Que de Mântua o Pastor[161] *saber merece.*

MON. *Logra Amor o triunfo mais preclaro,*
Que junta a Majestade à formosura;
Não precisa a virtude de outro amparo.

COR. *Tu és do nosso Jove imagem pura,*
Ao grande Deus do Céu bem te pareces
Nesta alma toda afagos e ternura.

LAUR. *Tu, Ninfa, entre as mais Deusas só mereces*
Este obséquio que agora satisfaço,
Que entre elas sobre todas resplendeces.[162]

Lis. *Será sempre imortal o terno laço,*
Que o não pode cortar a morte feia,
Nem da fortuna o movimento escasso.

Mon. *Feliz foi o agouro; nem se creia*
Que me engana de louca a fantasia,
Ou que o meu pensamento me recreia.

Cor. *Eu o vi nessa estampa que luzia*
Na outra parte do Céu sobre a direita,
E n'alma trago impressa a profecia.

Laur. *A memória feliz nesta alma aceita,*
Fixa sempre se guarda, sempre pura,
Qual não pode acabar a sorte estreita.

Lis. *Uma palma triunfal ao Céu segura*
Se via remontar, que se enlaçava
Das ramas de uma vide; uma escritura
Desta sorte o segredo declarava.

Soneto

Se este Tronco adorado dos Pastores
Do tempo está zombando tão robusto,
Esta vide enlaçada ao Tronco augusto
Fará que os seus brasões sejam maiores.

Brotando frutos, sazonando flores,
Se verá triunfar do fado injusto,
Sem que da lei mortal se atreva o susto
A profanar seus claros resplendores.

Feliz do pátrio Tejo, o áureo terreno,
Que Amor quis, que dispôs a sorte avara,
Fosse de árvores tais o sítio ameno.

Quanta ventura, quanto bem declara
Este sinal, que pinta o Céu sereno!
Oh! Tronco generoso! Oh! Planta rara!

Cor. *Depois que abrasa o Sol a seca terra,*
Não é tão agradável para as plantas
O chuveiro do Céu, que os ares cerra,
Qual foi para a minha alma, quando cantas,
Ouvir na tua flauta a doce história,
Com que tu me arrebatas e me encantas.

Na bela competência desta glória,
Quem me dera passar a noite, e dia,
Sem trazer outra coisa na memória!

Mon. *Contigo, caro Amigo, eu gostaria*
De consumir o tempo, mas o gado
Anda correndo solto a relva fria.

Algum se acolhe ao mato emaranhado;
Fugiu-me o meu Baroso; já não vejo
Onde se foi meter o meu Bargado.

Cor. *Eu vou juntar as cabras, que desejo*
Não trepem sobre aquela penha dura,
Que fica lá fronteira ao manso Tejo.
Adeus, Montano, adeus, que é noite escura.

Aqui cessava o canto
Dos músicos Pastores:
E se do teu influxo a esforço tanto
Imito estes Cantores,
Tu, generoso Infante,[163]
Faze que as tuas glórias sempre cante.

Verás que ao nosso rio,
Verás que ao campo nosso,
Sentado junto ao álamo sombrio,
Se tanto acaso posso,
Em suave harmonia,
O teu nome repito noite e dia.

Écloga II*

Fileno

Na margem deleitosa
Do cristalino Tejo,
Sentado um Pescador, a pobre rede
Enquanto tem nas praias estendida,[164]
Ao longe uma harmonia
Nunca ouvida jamais, ao longe escuta
Um canto tão sonoro,
Que nem Glauco[165] suave, nem o cego
Amante da formosa Galatéia,[166]
De Sicília entoou na branca areia.

Corino era que vinha
Da aldeia já voltando, onde o pescado
A vender estivera; ali no povo
Uma notícia achou, a qual em trovas,
Por um Pastor discreto
Ordenadas ao som da acorde avena,
Trazia para o mar, quando aos ouvidos
Foi mais próximo o som. Eu, que atendia,
Estas doces cadências percebia.

Que alegria, que gosto
Ao mundo comunica
O nosso Maioral![167] *O grato rosto*
Do júbilo se explica
Pela voz dos Pastores,
Títiro e Alcimedon, grandes cantores.

Os campos neste dia
Se cobrem de verdura:
Pasta o gado contente a relva fria,
E na verde espessura
Novo contentamento
Desterra toda a sombra do tormento.

Os Sátiros das covas,
Deixando o caro abrigo,
Do seu rendido amor vêm a dar provas:

---

* Aos anos d' El-Rei.

Eles trazem consigo
De Ninfas delicadas
Igualmente as mais belas e engraçadas.

Em concertados hinos
Soa toda a floresta:
Pastores mais gentis, mais peregrinos,
Concorrendo na festa
Do Maioral, oh! quanto
Agradável se faz seu doce canto!

Um louva a providência
Com que a tudo consulta;
Outro aplaude entre todos a excelência
Com que o seu gênio avulta,
Tornando venturosos
Deste campo os Pastores mais ditosos.

Já torna ao nosso mundo
Aquela idade de ouro;
O campo sem cultura já fecundo
Produz o trigo louro.
Tudo está melhorado:
A montanha, a campina, o vale, o prado.

A nós torna a inocência
Do século primeiro:
Torna a Justiça, as Graças, a Clemência,
Que do tempo grosseiro
Desterra a maldade.
Oh! feliz estação! Oh! doce idade!

Assim cantava, quando
Ao chegar o seu barco
Junto à margem frondosa
Um pouco se calou; eis entretanto
Dos versos que lhe ouvia,
Aplicando uma parte ao tosco alento
Da flauta piscatória, desta sorte
A seu modo dispunha,
Das praias onde estava,
Fileno, o Pescador que o escutava.

Soneto

Assim como o Pastor, também o pobre,
O rude Pescador lá desde a praia,
Onde primeiro o Sol nas ondas raia,
Do seu voto a inocência não encobre.

Se ele cantando alegre se descobre
Talvez à sombra da copada faia,
Igual o nosso canto aqui se ensaia
Ao sussurro do mar, que a penha cobre.

Pode render ao Rei talvez Corino
Desde a rústica choça o branco leite,
O mel dourado, o pomo peregrino;

Mas espero eu também que ele me aceite
A rama de coral, que por tão fino
A coroa lhe esmalte, o cetro enfeite.

Écloga III

Albano

Louva-se a pacificação da guerra, mediante a direção do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, Primeiro Ministro de Portugal etc

Oferecida ao mesmo Senhor
Juxta illud Ovid. *Trist./Si poteris vacuo tradi.*[168]

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.,

Entrou em Roma o Pastor de Mântua, e dos benefícios que lá recebera, tirou a conseqüência de que devia adorar por Deus ao seu Augusto.[a] Continuou com o gênio dos montes a fazer estimável a flauta, e não tardou a equivocar entre os louvores de Augusto as glórias de Polião. Transportado aos agouros da felicidade prometida, levou o pensamento à dureza dos carvalhos; deles disse: viria tempo em que das suas veias nasceria a torrente do mel suave.[b]

Estes dous lugares do Poeta Latino[171] são, Excelentíssimo senhor, os que deram alento à minha Musa, para fazer chegar à presença de V. Exce-

---

[a] *Namque erit ille mihi semper Deus: illius aram/ Sæpe tener nostris ab ovilibus imbuet agnus.*[169]

[b] *Et duræ quercus sudabunt roscida mella.*[170]

lência a Écloga de Albano. Eu não distingo se canto de Augusto, se de Polião:[172] sei que é constante ao mundo, deveu Portugal na presente guerra todos os princípios da sua inexplicável felicidade à direção prudentíssima de V. Excelência.

Não é este o único argumento que se nos tem dado do zelo, da vigilância, da atividade que a nosso benefício respira em todas as distintas ações de V. Excelência. O seu Ministério felicíssimo foi para nós uma nova idade de ouro, que fez produzir a terra sem fadiga; tornou inocentes os gênios, restituiu ao mundo a Justiça. Estes são os frutos que se comparam ao mel; onde tudo é delícia, e tudo suavidade.

Refletindo no precioso sobrenome de V. Excelência, do que noto, e do que admiro, tomo, Senhor, a certeza de estar em tudo cumprida a profecia do Mantuano.[c] E mendigando do Poeta português as expressões, com que disse:

Enquanto do seguro azambujeiro
Nos Pastores de Luso houver cajado,

passo, com as mais ajustadas circunstâncias, a cantar a segurança da Monarquia Portuguesa, enquanto do seio de um carvalho frutificar o mel que fertiliza os campos.

Oh! e que matéria de agouros felicíssimos me não prometem as inescrutáveis máximas da alta enciclopédia de V. Excelência! Que glórias, que benefícios não assegura a Portugal o seu adorável Ministério! Falem calcados de frotas os mares: diga-o cheia de fábricas a terra.[d] Até aqui se adorava o estranho; agora já se faz desperdício do próprio: amou-se a esterilidade; já se não estima a abundância. Época mil vezes gloriosa aquela que do nome de V. Excelência puder ostentar a vaidade!

Este argumento, Excelentíssimo Senhor, era mais digno da cítara dos Homeros[175] que da rudeza da minha flauta. Teçam outros as Epopéias dos preciosos louvores que a V. Excelência se devem: eu pedirei às Musas que por mim o digam, já que eu não posso.[e]

Saio dos montes; vivo na incultura; comunico a rusticidade: não é muito que tudo o que concebo seja dissonância, e seja barbarismo tudo o que pronuncio. V. Excelência atenda ao meu ânimo, e não se ofenda do obséquio. Talvez que não sem acordo buscasse o gênio do campo, quem pertende[177] na simplicidade do estilo acreditar a inocência do voto. Deus guarde a V. Excelência, etc..

De V. Excelência
O mais humilde servo,
Cláudio Manuel da Costa

---

[c] *Teque adeo decus hoc ævi, te consule, inibit/ Pollio, ut incipient magni procedere menses.*[173]
[d] *Omnis feret omnia tellus.*[174]
[e] *Dicite, Pierides: non omnia possumus omnes.*[176]

ÉCLOGA III

ALBANO

Salício, Alcino, Melibeu

De Alcino e de Salício,
Aqueles dous cantores,
Que da voz e da flauta no exercício,
Dão assunto aos Pastores,
Benigno Apolo ordena
Que eu repita o que ouvi, na doce avena.

Tu, Musa, que ensaiada
À sombra dos salgueiros,
Esta inculta região viste animada
Dos ecos lisonjeiros,
Um novo empenho agora
Comigo entoe a lira mais sonora.

As iras de Amarílis,
De Lícida os extremos
Basta já de cantar, basta de Fílis:
Cousas dignas cantemos,
Dignas pela grandeza
De estampar-se dos cedros na dureza.

Para estender meu brado,
Igual àquele empenho,
Que eu concebo no assunto levantado,
Não basta ao tosco engenho
Nem esforço, nem arte,
Se vós no canto meu não tendes parte.

Vós, Conde, que cingido
De verdes resplendores,
Sobre a fama levais o vôo erguido,
Que do peito em ardores
A virtude alentando,
O nome à eternidade ides mandando.

Vós, que de alta grandeza
Brotando ramo ilustre,
Devendo tanto esmalte[178] à natureza,

Maior aumento, e lustre
Buscais ao sangue egrégio
De cada ação que obrais no fasto régio.

Se as fortunadas horas,
Que à minha flauta entrego,
De vós, Senhor, são dignas, as sonoras
Dríadas do Mondego,
Vos prometo que eu veja
Cheias por mim duma amorosa inveja.

De Meandro e Caístro
Cessarão as memórias;
Do Douro ao Ganges, e do Tejo ao Istro,[179]
As lusitanas glórias
Levará o meu canto,
Se o pátrio Ribeirão me inspira tanto;

Ouvi do grande Albano
Que bem o nome soa:[180]
Ouvi, que se no exemplo não me engano,
Alcino vos pregoa:
De vós, Herói distinto,
As cores tiro, com que a Albano pinto.

A tarde já caía;
E o Sol mais temperado
Seu rosto dentro da água recolhia,
Quando num verde prado
Salício se avistava
Com Alcino, que acaso ali chegava.

Distante está do Tejo
O sítio peregrino;
E bem que a Alcino atrás do seu desejo
Conduzira o destino
A ver da Corte o estado,
Para o campo outra vez tinha voltado.

Largas horas havia
Que estavam praticando
Em Laura e Dinamene; na porfia,

De conversa mudando,
Salício assim se avança,
E Alcino de escutá-lo se não cansa:

SAL. *Conta-nos o que ouviste, o que notaste,*
Alcino meu, naquela grande Corte
Para onde há tanto tempo te apartaste.

Explica-nos, Pastor, o como a sorte
Assim se melhorou; que já se ausenta
Do nosso campo a guerra, a fome, a morte.

Deus sabe quanto susto esta tormenta
Fez aqui entre nós, ao ver que vinha
O inimigo com mão dura e violenta.

Esses campos dalém, dizem que tinha
Destruído e arrasado; sem que nada
Lhe contivesse fúria tão daninha.

Todos se foram pondo em retirada,
Salvando cada qual por modo estranho,
Aquele o fato seu, este a manada.

Eu, que estava esperando mal tamanho,
Não quis daqui fugir, porque a pobreza
Me não dá que perder, choça ou rebanho.

Tu sabes que não sei o que é riqueza;
Que passo aqui contente noite, e dia,
Zombando da ambição e da avareza.

Nisto agora conheço a primazia
Que levo aos meus Serranos: eles tremem;
Eu faço do inimigo zombaria.

ALC. *No mal comum, Salício, todos gemem,*
E se tu de fortuna hoje melhoras,
Não escarneças tanto dos que temem.

De melhor condição acaso foras,
Se o lobo matador aqui chegasse
A tingir no teu sangue as mãos traidoras?

Imaginas que só se contentasse
Co'a pobreza do fato?[181] *Que somente*
Os cabritos comesse, ou os roubasse?

Desgraçado de ti, que és inocente!
Foras tu por onde eu andei girando,
Tu viras o que vai por essa gente.

Tu viras um filhinho soluçando
Pelo Pai, que lhe morre; o outro viras
Por falta de sustento andar chorando.

Lá vão as sementeiras: que te admiras!
Tudo levou o fogo; o campo verde
Foi posto do inimigo às cruéis iras.

Que importa, que este mais devesas herde?
Que aquele mais possua, se no estrago
Cada um à proporção seu tanto perde?

Eu perco mais que todos, porque trago
Apenas o meu fato a salvamento,
Que a mudança me deu este bom pago.

Cuidei achar melhor acolhimento
Nos Pastores da serra; andei errado
Em deixar deste campo o doce assento.

Depois passei-me à Corte, a ver o estado
Das cousas, como lá se governavam:
Ah! Que de quanto vi, fiquei pasmado.

Sal. *Não te falo no tempo em que pastavam*
Teus gados sobre a serra; eu sei que tudo
Perdeste, como os mais que lá se achavam.

Mas depois que passou teu gênio rudo
A amparar-se da Corte, é que eu quisera
Saber o que lucraste neste estudo.

Alc. *Inda que outra ventagem*[182] *não tivera,*
Muitas vezes feliz a minha dita
Em ver o meu Albano conhecera.

Sal. *Quem é o teu Albano? Aonde habita?*
Que gênio, condição, ou qualidade
Tanto assim entre os nossos o acredita?

Não sai Pastor daqui para a Cidade,
Que em voltando de lá dele não conte
Cousas dignas de grande novidade.

Alc. *E crês tu que no vale, bosque, ou monte*
Vivirá[183] *tronco, ou penha, que algum dia*
As memórias de Albano não aponte?

Qual de nós escapara à morte fria?
Quem tornara a ver mais sua devesa?
Quem seu gado, ou currais inda acharia,

Se este Pai dos Serranos com presteza
Não acudira a bem do nosso amparo,
A vencer do inimigo a fortaleza?

Corria ensangüentado o Tejo claro:
Ia levando a espada cortadora
Tudo o que se encontrava sem reparo.

Não houve noite, ou dia, instante, ou hora,
Que algum grande sucesso se não visse,
Ou no ferro, ou na chama abrasadora.

Miseráveis vaqueiros! Quem subisse
Sobre aquela alta serra, ah! como creio,
Que o coração em lágrimas partisse!

Oh! como nada farta o sangue alheio
Àquele a quem conduz sua maldade,
A que obre sem vergonha, honra, nem freio!

Como se quebra a fé, ou lealdade
Só pela vil cobiça! Da virtude
Não se faz caso já, nem da verdade.

Sal. *Bem que o teu pensamento nisso estude,*
Sempre verás, Alcino, como é certo
Só vive co'a justiça um gênio rude.

Um coração lavado, um peito aberto
Não sabe o que é traição; contente gira,
Trazendo sempre o rosto descoberto.

No cortesão somente anda a mentira
Fazendo o seu partido; envergonhada
A honra se acobarda, e se retira.

ALC. *Já vejo que na frase disfarçada*
Caminhas a acusar, Salício amigo,
A tenção dessa gente tão danada;

Dessa a quem dão amparo, dão abrigo
Os altos Pirineus, que em nosso dano
Trouxe consigo o Ródano inimigo.

SAL. *E não tenho razão para do engano*
Queixar-me, quando vejo, descarrega
Sobre nós este golpe desumano?

ALC. *A razão com que falas, não a nega,*
Salício meu, quem sabe da amizade
Aonde chega o ponto, onde a lei chega.

Quem aprovou jamais a falsidade
Daquele, que fingindo alegre o rosto,
Descobre para o fim a crueldade!

Mas eu ponho de parte este desgosto;
E só quero louvar aquele braço,
Que o nosso Portugal em paz tem posto.

Esse, que nos livrou deste fracasso
Com sábia providência, e zelo pio,
Que eu nunca de o cantar me satisfaço.

Debaixo deste plátano sombrio
Seu nome entoarei por esta praia,
Até onde se estende o largo rio.

A minha tosca flauta aqui se ensaia
Para com melhor som, melhor cadência,
A Títiro imitar junto da faia.[184]

Sal. *Eu te sigo, Pastor; canta a excelência*
Do grande Albano teu; aqui sentado
Inspira-me também essa influência.

O número amabeu é concertado;
Quero-te acompanhar; vá de certame:
Tu porás a sanfona, eu o cajado.

Mas lá vem Melibeu; justo é que o chame,
Para louvado ser desta porfia;
Ele do nosso canto faça exame.

Mel. *A tempo chego enfim, que não queria;*
Pois jamais foi meu gosto em arte ou prenda
Mostrar que entre vós outros mais sabia;

Mas se não decidir esta contenda,
Ao menos pronto estou para escutar-vos;
Cantai, que tendes já quem vos atenda.

Alc. *Não tenho medo algum de disputar-vos*
A palma entre vós outros; porque venho
Da Corte, e trago um canto que ensinar-vos.

Nele se conta o mal, a guerra, o empenho,
Que infestou toda a terra: o estilo é novo,
Mui diverso do nosso, obra de engenho.

Não o sabe cantar qualquer do povo;
Algum somente cortesão polido
É que o canta por lá....

Sal. *Pois eu o aprovo.*

Mel. *Não eu; que não me entendo co'ruído*
De vozes estrangeira; mas vá feito;
Sempre para escutar aplico o ouvido.

Alc. *Aqui nesta cortiça ao modo e jeito*
Do nosso campo eu a cortei: entanto
Que eu digo o meu, tu, lê o teu conceito,
E acompanha, Salício, o novo canto.

Alc. " *Musas do monte Mênalo,*[185] *que um dia*
Com suave harmonia
Cantastes brando o peito
De Dafne, o Pastor claro;[186]
Melhorando o conceito,
Fazei que o tempo avaro
Só traga na memória
O nome soberano,
A nunca vista glória
Do meu sublime, do meu grande Albano.

Sal. *Do meu sublime, do meu grande Albano,*
Vereis, se não me engano,
Que este monte repete
O esforço mais que humano;
Aquele, que compete
Na pompa e na grandeza
Ao tronco mais luzido,
Que alenta a natureza,
Que o Céu tem produzido,
Para ser nestes montes adorado.

Alc. *Para ser nestes montes adorado,*
Por ele é renovado
Da selva dodonéia[187]
O oráculo sagrado:
De Nêmesis e Astréia,[188]
Com tanta segurança,
Oh! como ele sustenta
A espada e a balança!
Com providência atenta,
Oh! como ampara ao bom, ao mau castiga!

Sal. *Oh! como ampara ao bom, ao mau castiga!*
Por ele, é bem se diga,
Que torna a idade d'ouro.
A terra sem fadiga
Produz o trigo louro;
Prodígio que invejava
De Mântua o Pastor belo,
Quando viu que brotava
Com próvido desvelo
O mel dourado dos carvalhos duros.[189]

ALC. *O mel dourado dos carvalhos duros,*
Os campos mal seguros,
A nosso benefício,
Faz que brotem maduros
Seus frutos já sem vício:
Ele as fúrias quebranta
Do bárbaro, que vinha
Com avareza tanta,
Que já pisado tinha
Quanto erguera a fadiga, e o trabalho.

SAL. *Quanto erguera a fadiga, e o trabalho,*
O abrigo, o agasalho,
Tudo a nós restitui.
A fecundar o orvalho
Os campos continue;
Saia a cortar a terra
O lavrador aflito,
Que já fugiu a guerra;
Já se não ouve o grito
Da miséria, da fome, da penúria.

ALC. *Da miséria, da fome, da penúria.*
Já se desterra a injúria.
O ferro que aos arados
Servira, o troca a fúria
Em dardos aguçados;
Mas já com melhor sorte
São da vida instrumentos,
Instrumentos da morte.
Oh! que grandes portentos!
Que arte feliz do nosso grande Albano!

SAL. *Que arte feliz do nosso grande Albano!*
Armada em nosso dano
A gente, que costuma
Usar do torpe engano,
Porque tudo consuma,
Entrava a ferro e fogo
Quanto banhara o Tejo;
Mas desmaiando logo
O malvado desejo,
Tudo foi confusão, tudo foi susto.

Alc. *Tudo foi confusão, tudo foi susto,*
Quando no assalto injusto
Se viu pela campanha
O espírito robusto,
Que lá da Pátria estranha
Em nosso auxílio veio;
E mais que a armada gente,
Vence o dano, e o receio
O aviso providente
Daquele Herói, que o Reino governava.

Sal. *Daquele Herói, que o Reino governava,*
A nós se dispensava
A direção, o acerto:
A tudo consultava,
Vendo crescer o aperto.
Não há fútil empenho
A que não sirva a idéia,
A que não sirva o engenho:
O seu conselho enfreia
Do inimigo o furor, do ferro a ira.

Alc. *Do inimigo o furor, do ferro a ira.*
Por ele enfim respira
Da Paz no doce laço
O Reino, que se vira
No fúnebre ameaço:
Ao som do bronze rudo
Já foge o inimigo;
Tudo se aplaca, tudo
Torna ao sossego antigo.
Oh! doce Paz! Oh! Íris[190] *da tormenta!*

Sal. *Oh! doce Paz...!"*

Mel. *Tem mão, Salício, atenta:*
Bem que se escute há uma hora, não me agrada
Essa vossa cantiga, tão violenta.

Alguém há de cuidar que é frase inchada
Daquela que lá se usa entre essa gente,
Que julga que diz muito, e não diz nada.

O nosso humilde gênio não consente
Que outra coisa se diga mais que aquilo
Que só convém ao espírito inocente.

A frase pastoril, o fraco estilo
Da flauta e da sanfona, antes de tudo,
Será digno que Albano chegue a ouvi-lo.

Se Alcino tem lá feito o seu estudo
Nesses versos que traz, nós cá cantemos
Ao nosso modo; inda que seja rudo.

Sal. *Vá feito, Melibeu; é bem pensemos*
Em que não desmereça o nosso canto
A pobre condição com que nascemos.

Alc. *Nada, Amigos, me pode agradar tanto*
Como os versos que trago de memória,
De que se faz na Corte um grande espanto.

Deus sabe o que custou que eu toda a história
Conservasse de cor: outro não teve
Dentro em tão pouco tempo tanta glória.

Laurênio, quantos dias não esteve
A aprendê-los comigo! A bela Anarda,
Que empenho por sabê-los me não deve!

Mel. *Pois olha tu, Alcino, se não tarda*
De acordar-se a lembrança, eu te asseguro,
Vejas cousa melhor, que um tronco guarda.

Sal. *Queres talvez mostrar-lhe aquele duro*
Salgueiro, onde outro dia descreveste
De Amarílis o nome, sempre puro?

Mel. *Não é este o meu verso, não é este.*

Alc. *Pois é acaso a letra decantada*
Que fizeste ao teu bem, e ontem a leste?

Mel. *Tampouco.*

Sal. *É a de Angélica adorada,*
Aquela cantilena que começa
"Onde te esconderás?..."

Mel. *Não. É errada*
A vossa presunção: não se arremessa
Tão longe da razão meu desatino,
Que assunto tão diverso agora peça.

O verso, que mostrar-vos determino
É um que, há poucos dias a esta parte,
Cortou sobre um carvalho o velho Albino.

Cheios d'engenho são, d'idéia e d'arte:
Inda bem se não sabe o seu assunto,
Ou fala com Apolo, ou co'deus Marte.[191]

Sal. *Pois anda, Melibeu; contigo junto*
Vou ver esse carvalho: anda, caminha,
Vamos, que já mais nada te pergunto.

Alc. *Quase que de seguir-vos eu não tinha:*
Pois cá no coração me está batendo
Que a cantiga não é melhor que a minha.

Mel. *"Pastores, os que andais lá sobre a serra,*
Apascentando as pobres ovelhinhas,
A quem vem perseguindo a dura guerra,
Desde a gente distante às mais vizinhas:
Se abrasa o fogo, se não guarda a terra
Iguais vossas herdades, como as minhas,
Comigo consolai o vosso pranto,
Que eu perco mais que vós, ou perco tanto.

Eu também fui senhor de uma manada
Que enchia estes currais: o campo amigo
Também me dava a fruta sazonada,
As castanhas, a uva, a pêra, o figo;
Veio (quem crera tal!) com mão armada
Sobre nós o faminto do inimigo;
Tudo a fogo levou; pôs tudo a ferro;
A mim me coube apenas um desterro.

Desde o Douro ao Mondego não havia
Nem gado, nem curral que não gemesse.
Tudo vinha arrasando a tirania
Encoberta na forma de interesse.
Quem de tamanho mal escaparia,
Se o grande Deus do Céu não protegesse
A gente lusitana, a gente santa,
Que para o seu brasão a cruz levanta!

Ele nos concedeu com mão piedosa
Uma alta Divindade em nosso amparo,
Que fez segura a sorte duvidosa
E a todo o nosso dano pôs reparo.
Já fugiu a tormenta tenebrosa;
Já resplendece[192] *o Céu sereno e claro;*
Feliz, ó Portugal, feliz mil vezes
O destino dos povos portugueses!

Por esta Divindade entrou a cura
Do contágio fatal, que o Reino via:
A sua atividade é que segura
Toda a conservação da Monarquia.
Assim como o Piloto em noite escura
Vence com arte, e modo a névoa fria,
Seguindo sempre o rumo, assim se assenta
Que ele soube guiar-nos na tormenta.

Não sei como chamar-lhe deva agora;
Sei que o Deus há de ser dos portugueses,
A quem co'a machadinha cortadora
Se hão de sacrificar as nossas reses.
Dia não haverá, instante, ou hora,
Que seu nome não cantem nossos meses.
Digam uns que é Apolo, outros que é Marte,
No engenho, no valor, no esforço, e n'arte.

Quem faz fugir a gente castelhana,
Quem à França também põe duro freio,
Há de estender a terra lusitana
Até chegar além do berço alheio.
O meu gado, se a idéia não me engana,
Eu pertendo[193] *levá-lo sem receio*
Por campos nunca vistos, nem pisados,
Que estão da verde relva carregados.

Plantarei novas vinhas onde tenha
O grosso cabedal, que a Corte estima:
Terei mil sementeiras, com que venha
A ser maior que todos os do Lima.[194]
Esta gralha, que canta, é que me empenha;
Este sinal do Céu é que me anima:
Tudo serve de agouro, porque em tudo
Anda a minha razão fazendo estudo.

Eu vejo que por esta Divindade
O mar se vê de frotas oprimido;
Que, sem que do estrangeiro a droga[195] *agrade,*
Nos dá o Reino pão, dá o vestido:
Tudo fica entre nós, sem que a vaidade
O tenha de outras gentes recebido.
Já não vem a roubar-nos o pirata
Que daqui nos levava o ouro, a prata.

Não só gira o comércio que a firmeza
Dos Reinos assegura: premiado
Se levanta com brio e fortaleza
Do sono e da preguiça o vil Soldado.
Tudo já é valor, tudo é destreza
No cobarde igualmente, e no esforçado.
Oh! quanto pode a direção prudente!
Um forte Rei faz forte a toda gente."

Alc. *Por certo, Melibeu, não me atrevera*
A cantar junto a ti, se essa cantiga,
Antes de ta escutar, ouvido houvera.

Justo parece, Amigos, que se diga:
Não pode competir co'a flauta agreste
Tudo o que desconhece a idade antiga.

Sal. *O canto é tão divino, tão celeste,*
Que eu nunca de escutá-lo me fartara.
Oh! que cousas tão belas que disseste!

De Títiro[196] *a harmonia doce e rara*
Assim se imita bem, quando sentado
Ao Deus, que vira em Roma, lá cantara.

ALC. *Seja sempre do tempo venerado*
O tronco onde se imprime esta escritura,
Para guardar um verso tão sagrado.

Sua rama se estenda sempre pura,
Dando sombra ao cansado caminhante,
Que amparar-se solícito procura.

MEL. *Primeiro*[197] *se há de ver o gado errante*
Pastar lá sobre o Céu; primeiro a terra
Será de mil estrelas abundante;

ALC. *Primeiro os cabritinhos pela serra*
Deixarão de saltar; entre os vaqueiros
O lobo deixará de fazer guerra;

SAL. *Os álamos ao rio sobranceiros*
Primeiro deixarão de estar bulindo
Ao sussurro dos ventos lisonjeiros;

MEL. *Que eu deixe de estar sempre repetindo*
Ao som da minha flauta o louvor santo,
Que de ti, sacro tronco, estou ouvindo.

SAL. *Eu sou também contente.*

ALC. *Eu outro tanto.*

Ao ver que a sombra escura
Os montes já cobria,
A sua choça cada qual procura:
E cheia a fantasia
Do canto soberano,
Todos cantando vão do grande Albano.

ÉCLÓGA IV*

LÍSIA

Se é certo que inda vive a doce avena
Que chorou Coridon, chorou Amintas,
Tu me tens de escutar, ó Selva amena.

---

* Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares, partindo de Lisboa para Vila Rica, a capital das Minas Gerais.

Eu por entre estas sombras mal distintas,
Ao resplendor da Lua, que aparece,
Quero que tu comigo o meu mal sintas.

Agora pois que o vento se enfraquece,
Que o sussurro do mar está mais brando,
Que o ar se acalma, o campo se entristece,

Inclina o teu ouvido: eu entoando
A minha fraca voz, agreste e triste,
Estarei minhas mágoas recitando.

Dura consolação! A quem assiste
Um fado tão cruel, outra esperança
Não tem mais do que a queixa em que persiste.

Como posso apagar esta lembrança
Daquele grande bem que eu discorria,
Que jamais poderia ter mudança!

Quem, fortuna (ai de mim!), quem me diria
Que havia de vir tempo, em que faltasse
Aquela doce união, em que eu vivia!

Quando Lísia cuidou que lhe roubasse
A sorte desigual a Sílvio amado,
Sílvio, que outro não há que mais amasse!

Que ditoso não via o meu cuidado
Na posse de um tesouro, onde segura
Tinha a sorte o meu bem depositado!

Aqui sobre esta penha onde murmura
A onda mais quebrada, quantas vezes
Me não pus a cantar minha ventura!

Sacrifício lhe fiz das minhas reses;
Para ele colhi somente o fruto
Que o Sol sazona nos dourados meses.

Tudo o que leva o campo, eu em tributo
Mil vezes lhe rendi: ah! como agora
O meu rosto não posso ver enxuto!

Deixou-me Sílvio; sim, Sílvio, que fora
Distinto Maioral destas campinas,
Glória de Lísia, por quem Lísia chora.

Deixou-me: mas por quem! Se é que inda atinas,
Saudoso coração, nesta tormenta,
Explica de meu pranto as ânsias finas.

Deixou-me por aquela que se ostenta
Com o nome de Rica; a que sepulta
Em seu seio os tesouros que sustenta.

Deixou-me por aquela que se oculta
Na parte mais distante, porque eu tenha
Inda mais que sentir na dor que avulta.

Ah! E como é possível que me venha
Uma constância tal, que, instando a mágoa,
A formar minhas queixas me detenha!

Os olhos de saudade rasos d'água
Que mais hão de fazer que estar chorando
A sem-razão de tão penosa frágua!

Vós, campos, que me vistes já gozando
A delícia do meu contentamento,
Ide-vos pouco a pouco desmaiando.

Não espereis jamais o luzimento
Que Sílvio aqui vos deu: Sílvio vos falta;
De Sílvio não há mais que o sentimento.

Buscou outra campina; outra se exalta
Na glória de o gozar: ah! que em vão geme
Dentro em meu coração mágoa tão alta!

Mas que debalde agora a boca treme!
Que debalde se agrava a ânsia minha!
De que contra o meu fado a voz blasfema!

Se a glória me roubaram que eu mantinha,
Contra o fado, contra essa que hoje invejo,
A queixa, a acusação só me convinha.

Infeliz seja sempre o teu desejo,
Ó ingrata inimiga, e a ventura
Não encontres jamais sem mágoa, ou pejo.

Teus campos não se cubram de verdura,
O dia te amanheça carregado,
A noite sempre feia, sempre escura!

Consuma a peste vil teu nédio gado,
Nunca tenhas Pastor, que o guarde, ou zele
Do lobo que o procura esfamiado.[199]

Pise o chuvoso inverno e atropele
As tuas sementeiras; leve o rio
Quantas herdades tens à margem dele.

Nunca te ampare o álamo sombrio
Com suas verdes folhas: tudo seja
Contágio na Pastora e no armentio.

Caia... porém que digo! A minha inveja
Aonde me arrebata! E não conheço
Que há mais alto preceito que me reja!

Acaso, quando Sílvio não mereço,
Não sei, que ele se ausenta: porque manda
Sobre a vontade sua um alto excesso!

Acaso outra rival ele demanda,
Sem que o destine a lei da obediência,
A lei que o dividiu de Lísia branda?

Pois Sílvio falte enfim: ache a influência
Da estrela mais propícia essa, que agora
Se alenta de meu bem na dura ausência.

Risonha lhe amanheça sempre a aurora,
Serena a noite; o gado não lamente
Sem cura o mal, o dano sem melhora.

Jamais chegue a levar a grossa enchente
Seus frutos carregados; noite e dia
Vele o cão sobre a ovelha, ande contente.

No monte se ouçam bailes de alegria;
Não perturbe o sossego dos Pastores
Algum agouro mau de ave sombria.

Tudo, Sílvio, será: que entre os horrores
Da pena, do martírio, da tristeza,
Perdidos chorarei teus resplendores.

Que será de meus campos na pobreza
Em que me deixas, Sílvio? Tu me davas
Todos os meus haveres, e riqueza.

Tu só os mais Pastores consolavas,
Distinto Maioral, com arte e modo
Tudo compunhas, tudo moderavas.

Por ti vivia alegre o campo todo.
Ah! E com quanta dor nesta lembrança
A calar minhas penas me acomodo!

Esperar já não posso outra bonança,
Que tudo já me falta, ó Sílvio amado,
Pois que me faltas tu nesta mudança.

De meu pranto no mísero traslado
Vive, Sílvio, meu bem: minha saudade
Te dá um testemunho do cuidado
Nesta inscrição que deixa à eternidade.

Soneto

Guarda, ó tronco, este fúnebre letreiro
Que em ti descreve Lísia: saiba a idade
Que todo o coração, toda a vontade
Dei a Sílvio em afeto verdadeiro.

Oh! nunca se te atreva o horror grosseiro
De raio algum! Mas com feliz vaidade
Ostenta sempre a fresca amenidade,
E em todo o tempo, ó tronco, vive inteiro.

Crescer em tuas ramas veja um dia
De Sílvio o nome: Sílvio se remonte
Dos Cantores na doce melodia.

Assim dizia Lísia: eis que uma fonte,
Que no seio do tronco se escondia,
De repente saltou, banhando o monte.

Écloga V*

Argúncio

Frondoso e Alcino

Fron. *Em vão te estás cansando o dia inteiro,*
Alcino, em perguntar que significa
Este, que vês cortar, triste letreiro.

Ele não é debalde: aqui se explica
Tudo quanto há de grande, novo e raro,
Na pobre aldeia, e na cidade rica.

Nada pode escapar do golpe avaro...
(Diz esta cifra breve): agora entende,
Que deste dito o assunto eu não declaro.

Alc. *Se o meu juízo o caso compreende,*
Essa letra que entalhas, e que admiro,
Com a morte de Arúncio fala, ou prende.

Fron. *Ah! Que arrancas um mísero suspiro*
Do centro de minha alma; o nome amado
Me faz deixar a vida, que respiro.

Alc. *Eu bem via que estava o teu cuidado,*
Frondoso meu, lembrando a triste morte
Desse caro Pastor, tão estimado.

Fron. *E quando esperas tu que o fatal corte,*
Que de mim separou tão doce Amigo,[200]
Possa romper de amor o laço forte!

Primeiro[201] *se verá nascer o trigo*
No Céu; dará primeiro a terra estrelas,
Que tenha esta lembrança algum perigo.

---

* À morte do Senhor José Gomes de Araújo, Desembargador do Porto, que morreu nos sertões do Rio das Velhas, no emprego de Provedor da Fazenda Real da Capitania das Minas Gerais.

ALC. *Triste, e funesto caso! As Ninfas belas*
Do pátrio Ribeirão tanto choraram,
Que inda alívio não há, nem gosto entre elas.

Os gados largos dias não pastaram,
E mugindo à maneira de sentidos,
A pele sobre os ossos encostaram.

Os mochos pelas faias estendidos,
Enchendo a terra e Céu de mil agouros,
Espalharam tristíssimos grasnidos.

Os campos, que té ali se viam louros
Com o matiz vistoso das searas,
Perderam de repente seus tesouros.

FRON. *Esses sinais, Alcino, se reparas,*
Dizem cousas maior que sentimentos
Consagrados da morte sobre as aras.

Quando há mostras no Céu, quando há portentos
Na terra, algum segredo há, não sei onde,
Que não é para humanos pensamentos.

Ao meu conhecimento não se esconde
A grandeza do golpe: mas alcanço
Que a tanta perda a dor não corresponde.

De te buscar exemplos me não canso;
Só te lembro, porém, que o tronco duro
Faz mais estrago do que o arbusto manso.

ALC. *O que queres dizer, eu conjecturo:*
No vime, e no carvalho há igual ruína;
Igual a conseqüência eu não seguro.

Aquele cai sem dano, este destina
Fatal estrago a tudo o que está posto
Debaixo dele. É isto? Ora imagina.

FRON. *Jove aparte de nós tanto desgosto:*
Baste, para avivar nossa saudade,
O ser cortado em flor aquele rosto.

Contente-se da morte a crueldade
Em nos levar com passo tão ligeiro
Uma tão bela, tão mimosa idade.

Roubou-nos um Pastor, que era o primeiro
Entre os nossos do monte; ele nos dava
As justas leis no campo e no terreiro.

Ele as dúvidas nossas concertava,
E sendo Maioral, por arte nova,
Com respeito o agrado temperava.

De mil virtudes suas nos deu prova,
Sempre a bem dirigindo os nossos passos.
Oh! quanto esta lembrança a dor renova!

ALC. *Ai! E com quanta mágoa nos teus braços*
Eu vi, Frondoso meu, que Arúncio esteve
Desatando da vida os doces laços!

FRON. *Meu pensamento, Amigo, não se atreve*
A lembrar-se (ai de mim!) da mortal hora,
Em que vi acabar vida tão breve.

Quem fora duro seixo, ou bronze fora,
Para animar agora na lembrança
Aquela imagem com que esta alma chora!

Eu vi, Alcino, eu vi que na mudança
Que do caduco a eterno bem fazia,
A alma tinha cheia de esperança.

Tudo o que era mortal aborrecia:
A cópia dos seus gados, o cajado
(Bem que era de ouro fino) em nada havia.

Em vão o molestava o doce estado
Da honra, e da grandeza; a Jove entregue
O espírito seguia outro cuidado.

Mas ai, Alcino! A voz já não prossegue,
Que tudo o que a memória vem trazendo,
Receio, Amigo, que a matar-me chegue.

Alc. *As Ninfas do Mondego estou já vendo*
Descerem para nós com triste pranto.
Ou eu me engano, ou elas vêm dizendo:

Se do lírio, da murta, e do amaranto
Cercada deve ser a sepultura
De Arúncio, a nós nos toca ofício tanto.

Nós o criamos com feliz ternura,
Dando-lhe o mel, e o leite: a nós nos toca
Mandar o corpo belo à terra dura.

Fron. *De outro lado igualmente se provoca*
O Tejo (onde ele viu a luz primeira)
E as Ninfas do centro úmido convoca:

A mim só se me deve a glória inteira
(Fala o soberbo Tejo), eu o demando:
Minha há de ser esta honra derradeira.

Aqui lhe estou uma urna preparando,
Coberta de um cipreste, onde a memória
Seu nome vivirá[202] sempre guardando.

Por mais que voe a idade transitória,
Nunca se há de apagar aquele afeto,
Que de Arúncio consagro à triste história.

Durarás entre nós, Pastor discreto,
Renovando a lembrança de Corino,
Que da nossa saudade é inda objeto:

Ele te deu o ser; tu, peregrino
Retrato de seus dotes, consolavas
Nosso desejo, tão constante e fino.

Aquele caro Irmão que tanto amavas,
Aônio, digo, aquele a quem devias
Toda a felicidade que gozavas,

Hoje lamenta teus saudosos dias;
Hoje chora comigo: eu lhe desejo
Alívio a tão cansadas agonias.

ALC. *Oh! Contente-se embora o claro Tejo*
De haver ao mundo dado quem lhe ganha
Fama, e nome a seu Reino assaz sobejo.

Contente-se o Mondego, que na estranha
Ventura de educá-lo, deu ao mundo
Quem lhe soube adquirir glória tamanha.

O fado, que conhece inda o mais fundo,
Quer que guarde seu corpo a turva areia
De outro Rio, mais triste e mais profundo.

Do Rio, que seu curso não refreia
Até chegar onde entra a grande costa,
Que banha do Brasil salgada veia.

Rio das Velhas se chama (se resposta
Buscamos nos antigos, a pintura
Das Dórcades[203] *na história se vê posta).*

Os primeiros que entraram na espessura
Dos ásperos sertões dizem que acharam
Três bárbaras, já velhas, nesta altura.

FRON. *Das três Parcas*[204] *melhor eles tomaram*
O nome desse Rio, se é verdade
Que elas a vida humana governaram.

Triste sejas, ó Rio: a Divindade
De Apolo, que em ti cria o amável ouro,
Se aparte do teu seio em toda a idade.

Não sejas da ambição rico tesouro:
Girar se vejam sobre as praias tuas
Os brancos cisnes não, aves d'agouro.

Do inverno as enxurradas levem cruas
As sementeiras, que teus campos criam:
Deixem só sobre a terra as pedras nuas.

Os pobres navegantes, que se fiam
Dessas funestas águas, desde agora
Conheçam a traição, que não temiam.

ALC. *E contra quem, Frondoso, inda em tal hora*
Se armam as pragas tuas! Um delírio
Só para extremo tal desculpa fora.

Se Jove é quem nos manda este martírio,
Soframos o seu golpe: ao Pastor belo
Derramemos em cima o goivo, o lírio.

O nosso Ribeirão traz o modelo
Do enterro que dispõe: nós entretanto
Demos a conhecer nosso desvelo.

Envolto o corpo em um cândido manto,
Que distingue de Deus o brasão nobre,
Aqui se of'rece[205] *para o nosso pranto.*

Enquanto pois o corpo a terra cobre,
Seguindo o teu princípio, deixa, Amigo,
Que um voto lhe consagre um Pastor pobre,
Um voto que se escreva em seu jazigo.

SONETO

Nada pode escapar do golpe avaro,
Alcino meu: que a Parca endurecida
Corta igualmente os fios de uma vida
Ao pastor pobre, ao cortesão preclaro.

Cresça embora esse tronco altivo e raro,
Ostentação fazendo mais luzida;
Viva embora entre humilde, entre abatida,
Essa planta, a que o nome em vão declaro.

Tudo há de achar o fim: bem que a vaidade
Em uma e outra glória faça estudo,
Nada escapa à fatal voracidade.

Eu, que chego a pensá-lo, fico mudo,
E só tiro por certa esta verdade:
Que, se Arúncio acabou, acaba tudo.

Écloga VI

Eulino

Ao campo alegremente concorria
Da parte mais vizinha, e mais distante,
Dos Pastores do Ebro[206] a companhia.

Às portas dos currais o vigilante
Perro[207] guardava o bem seguro gado,
Latindo ao resplendor da Lua errante.

Em fogos todo o sítio iluminado
Tornava clara luz a sombra feia
Do gesto melancólico, e pesado.

Vinham chegando de uma, e outra aldeia
As flautas sonorosas, cujo acento
O campo todo em júbilos recreia.

Trazia ao mundo o Sol com passo lento
O dia, em que do Ebro os moradores
Celebravam de Tirce o nascimento.

Tirce, que glória fora dos Pastores,
Que naquela ameníssima ribeira
Assunto foi de todos os cantores.

Ninfa, de cuja graça lisonjeira
No venturoso engano Alcemo preso,
De Pastor se tornou penha grosseira.

Que de um desdém no ingrato fogo aceso
Por mercê foi dos Deuses transformado,
Depois de ser de Tirce vil desprezo.

Este penedo ali assinalado
Era do Ebro a trágica memória,
Da devoção silvestre respeitado.[208]

E da Ninfa cruel a viva história
Celebravam Pastores, que aprendiam
A ter de um peito bárbaro a vanglória.

Um templo para culto lhe erigiam,
E ornavam dele a fábrica elegante
Ingratos monumentos que esculpiam.

De Alfeu[209] mostra a parede o curso amante,[210]
Que de Aretusa o cândido tesouro
Segue no cristalino passo errante.

Negando a mão a Febo, a seu desdouro,
Vê-se em rama o cabelo enverdecendo,
De Anfriso a Ninfa transformada em louro.[211]

Tremulamente ao ar se está movendo
A Semideusa convertida em cana,
Atrás de si o hirsuto amante vendo.

Enfim outras memórias de inumana
Condição um Pastor destro, e polido
Na fábrica esculpira soberana.

Já se escutava o músico ruído
Das sanfonas, das flautas, dos cantores,
Em que está todo o campo repartido:

Dispunham vários jogos os Pastores,
Por prêmio consentindo ao que ganhasse
Cajados de destríssimos lavores.

Porque melhor o baile concertasse,
Na bela chusma das Pastoras vinha
Antandra, que por guia as governasse.

Era Antandra a mais bela, e como tinha,
Mais do que as outras, coração ingrato,
Só em matar de amores se entretinha.

Soava o canto harmonioso, e grato,
Entoando em o número cadente
Memórias do Pastor, desprezo, e trato.

O baile percebendo tristemente,
Ao longe estava Eulino recostado
Sobre uma penha, aflito e descontente.

A Antandra amava, e seu maior cuidado
Era Antandra, Pastora que distante
Vive do campo seu, do seu montado.

Vendo-a presente o desprezado amante,
E não podendo achar benigno efeito
No esquivo coração, chora constante.

Desde o penhasco, em lágrimas desfeito,
Vendo bailar a cândida Pastora,
Que amor ateia em seu rendido peito,

Ingrata Ninfa, diz, *se a quem te adora*
Fazes vaidade de ser ímpia e dura,
Que val[p.12] *a uma alma quanto geme, e chora?*

A tanto chega já minha loucura,
Que hoje é no campo a infeliz notícia
A qualquer que de mim saber procura.

Só por tornar-te a condição propícia,
É desprezo suave de meu gosto,
Quanto é do campo mimo, ou é delícia.

Entregue sempre a meu fatal desgosto
Vejo vagar (sem nele ter cuidado)
O meu rebanho, ao voraz lobo exposto.

Que mais queres, cruel, de um desgraçado,
Que uma alma tendo só para render-te,
Uma alma a teu rigor tem consagrado!

De meus ais eu pudera aqui trazer-te
Por testemunha toda esta montanha,
Se esperara a ventura de mover-te.

Mas o teu gênio, que a piedade estranha,
Só prezaria ter esta certeza,
Por dar a teu rigor glória tamanha.

Conta porém por mais distinta empresa
Um coração, que tem maior vaidade,
Quando mais nobre vítima despreza.

Eu clamarei, ó Ninfa, aos Céus piedade,
Que pois de Alcemo hoje a memória existe,
Sendo motivo à mísera saudade.

Tempo virá, que de meu fado triste
Emendado se veja o influxo escuro,
Que a um fino amor nem inda o Céu resiste.

Algum penhasco, ou algum tronco duro
Amor fará que só conserve o nome
De Eulino, porque a Antandra amou tão puro.

Por mais que a sombra vença, o sono dome
O ardor de uma lembrança, eu te prometo
Que, ouvindo Antandra, o mundo injúria tome.

Não serás tu, idolatrado objeto,
Como já noutra idade Tirce fora,
Por não pagar de Alcemo o amante afeto.

Entre nós hoje amor se não ignora,
Como naquela mais ingrata idade,
Que a mais tirana era a melhor Pastora.

Pintava-se modéstia a crueldade,
E se atendia com maior decência
A que não se inclinava a ter piedade.

Então o ser ingrata era inocência,
E ao laço de Himeneu[213] *se sujeitava*
Uma alma, sem de amor sentir violência.

Hoje mais glória é ter uma alma escrava;
Hoje o trazer um coração sujeito
É bem que aquele século ignorava.

Só de um Pastor se vê o nobre efeito
Em tributar à sua amada bela
Doces obséquios de seu fino peito;

Render-lhe o cordeirinho, que mais zela,
Entre os seus recentais,[214] *ter-lhe guardado*
O mimo, em que mais gosto empregasse ela;

Oferecer o leite, o mel dourado,
A fruta saborosa e a cestinha
De rosas, que colheu no verde prado;

Da sua amada (ai bela Antandra minha!)
Gostosa obrigação é a coroa
Tecer-lhe de uma e outra ramazinha;

Deve ornar-lhe o cajado, e se ele entoa
Entre as Pastoras algum hino, enquanto
Erra o seu gado, o seu amor pregoa.[215]

Mas eu, que néscio advirto[216] *obséquio tanto*
A quem, nada ignorando do que eu sinto,
Desprezo faz de meu saudoso pranto!

Se só na idéia minhas glórias pinto,
Que é o que estou sonhando, ou o que pertendo,[217]
Se a tudo o que te digo te estás rindo?

Oh! Não me vejas sempre estar gemendo,
Ampare-me este alento que a constância
Nos longes da esperança vem trazendo.

Sufoque-se o tumulto de minha ânsia,
Se pode haver em tão fatal tormento
Quem me encaminhe, Amor, à tolerância.

Não dê mais meu cansado pensamento
Tanto esforço ao pesar: essa inimiga
Veja-te, Amor, cantar o vencimento;
E os teus triunfos por despojo siga.

Écloga VII

Fido

Aonde um verde monte
De sombra está servindo à cristalina,
Sonora, e clara fonte
Do Mondego suavíssimo, a divina
Causa de seu gemido
Mísero conduzia ao pastor Fido.

Depois que o alto cume
Pisara já suspenso, e fatigado,
Porque respire o lume
Que dentro tem no peito recatado,
Sobre um duro rochedo
Imagem se sentou do horror, do medo.

À parte logo pondo
O encurvado arrimo, descansando
Na mão a testa, o estrondo
Do vento, que sossegue, então rogando,
Ergueu a voz: atento
A ouvi-lo parou mais brando o vento.

A ouvir seus clamores
Correi, ó penhas, suspendei-vos, águas;
Que os fúnebres rumores
Que vão formando de seu peito as mágoas,
Neste sítio ferindo,
Em terno som piedade estão pedindo.

Ouvi; que já começa
Do aflito peito a ir desentranhando
As justas queixas dessa
Perjura Ninfa, em cujo rosto brando,
Em cujo doce agrado
Amor os seus venenos tem guardado.

FIDO. *Formosíssima Almena (e não duvido*
Que o ser cruel somente hoje te agrade),
Este cansado e último gemido
Ouve, e modera um pouco a crueldade;
Daqui donde divisa o triste Fido
O templo dessa ingrata Divindade,
Te vem a consagrar, pérfida Almena,
Puras vítimas não, sim mortal pena.

Aquele rosto afável de alegria,
Que invejaram mil vezes as estrelas,
De mudo horror se cobre, e de agonia,
Que tu de todo o enlutas, e atropelas.

A fé que me juravas algum dia,
Tudo estragado está, porque daquelas
Prometidas um tempo, firmes glórias,
Só vivem (ai de mim!) tristes memórias.

Aquela branca mão em que apertando
Tomavas minha mão, se não te esquece,
Que ditas não me esteve assegurando,
Que agora tudo, infiel, se desvanece!
Ora o Céu, ora a terra provocando,
Costumavas jurar, e te parece
Que tudo na memória inda não dura?
Ah! Pastora inimiga! Ah! vil, perjura!

Dizias-me: "Verás, ó Fido amado,
Primeiro produzir esta montanha
Estrelas, e pascer o manso gado
Sobre estas águas onde o Sol se banha;
Verás esse alto monte levantado
Tornar-se em vale humilde; e mais estranha
Cousa ainda verás, eu não duvido,
Primeiro do que Almena ingrata a Fido."[218]

Nada se tem mudado: o ser inteiro
No Céu, na terra e monte inda se adverte;
Só teu peito infiel ao lisonjeiro
Influxo de meu dano se perverte.
Estranha cousa é só ver que o primeiro,
Antigo amor em ódio se converte;
Que se trocaram, pérfida, os amores
Em iras, em violências, em rigores.

Oh! quem esta traição imaginara,
Que as promessas falsíssimas não crera!
Mas se o imenso amor me não cegara,
Certamente, perjura, eu o fizera.
Que dor não é o ver que a Ninfa cara
Aos braços de outro amante se rendera!
Que dor não é, que mágoa, que tormento!
Ah! que falta valor ao sofrimento!

Com que impaciência (ó Céus!) estou notando
A torpe laço ingratamente unida
Aquela gentil face, aquele brando
Gesto alegre de Ninfa tão fingida.
Eu a vi nos meus braços respirando
O alento que animava a minha vida;
Fabrica hoje cruel da alheia sorte
O instrumento fatal da minha morte.

Que bem por mais horror da pena minha
Parece que me fala aquele monte!
Que bem esta corrente aqui vizinha
Me está pedindo que meus males conte!
Mas se ela a glória viu que então eu tinha,
E se tu me invejaste, ó clara fonte,
Medi por ela a mágoa de perdê-la:
Vereis qual é maior, se a pena, ou ela.

Ah! Pastora! Um tão puro sacrifício
Tu desprezas assim! Quem te assegura
Que não sabe emendar[219] *um precipício*
O horror de minha grande desventura?
Se tem a sorte mísero exercício
Numa vida infeliz, que pouco dura,
Eu lhe quero roubar tanta vitória:
Seja de Fido a lastimosa glória.

Disse, e sobre a alta penha
Erguendo-se, da fúria arrebatado,
No rio se despenha,
Que de horror, ou de susto então parado,
Vê o pálido amante
Entre as ânsias da morte agonizante.

Ao sucesso acudia
Algano, que de longe o divisara:
Apressado corria;
Mas a cega ambição da Parca avara[220]
De seu golpe violento
Já fazia despojo o doce alento.

O pescador Algano,
Que a causa deste mal não ignorava,
Ali de tanto dano
Um funesto padrão em letras grava,
E nelas deixa impresso
O triste caso, o infeliz sucesso.

Soneto

Ninfas, que sobre a espuma prateada
Do Mondego suavíssimo, cantando,
Brandas queixas ao Zéfiro estais dando,
Com que fica a campina magoada;

Esta pira que vedes levantada
À memória daquele Pastor brando,
De fúnebres ciprestes coroando,
Deixai eternamente venerada.

É de Fido, ó Deidades: bem notória
A troncos, plantas, mármores e flores
Tem sido neste campo a sua história.

Vós, que as iras gemeis, sentis rigores,
Fazei somente assuntos da memória
De Fido as tristes lágrimas, e amores.

Écloga VIII

Polifemo

Ó linda Galatéia,[221]
Que tantas vezes quantas
Essa úmida morada busca Febo,[222]
Fazes por esta areia
Que adore as tuas plantas
O meu fiel cuidado; já que Erebo[223]
As sombras descarrega sobre o mundo,
Deixa o Reino profundo:
Vem, ó Ninfa, a meus braços,
Que neles tece Amor mais ternos laços.

Vem, ó Ninfa adorada,
Que Acis enamorado,
Para lograr teu rosto precioso,
Bem que tanto te agrada,
Tem menos o cuidado,
Menos sente a fadiga, e o rigoroso,
Implacável rumor, que eu n'alma alento.
Nele o merecimento
Minha dita assegura;
Mas ah! que ele de mais tem a ventura.

Esta frondosa faia
A qualquer hora (ai triste!)
Me observa neste sítio vigilante:
Vizinho a esta praia,
Em uma gruta assiste[224]
Quem não pode viver de ti distante,
Pois de noite, e de dia,
Ao mar, ao vento, as feras desafia
A voz do meu lamento:
Ouvem-me as feras, ouve o mar, e o vento.

Não sei que mais pertendes.
Desprezas meu desvelo,
E excedendo o rigor da crueldade,
Com a chama do zelo,
O coração me acendes:
Não é assim cruel a Divindade.
Abranda extremo tanto;
Vem a viver nos mares do meu pranto:
Talvez sua ternura
Te faça a natureza menos dura.

E se não basta o excesso
De amor para abrandar-te,
Quanto rebanho vês cobrir o monte,
Tudo, tudo ofereço;
Esta obra do divino Alcimedonte,
Este branco novilho,
Daquela parda ovelha tenro filho,
De dar-te se contenta
Quem guarda amor, e zelos apascenta.

Écloga IX

Laura

Enfim, belos amores,
Doce consolação dos meus sentidos,
Trocaram-se em rigores
As finezas de Laura: ânsias, gemidos
Ocupam hoje a parte que algum dia
A imagem alentava da alegria.

Sem glória o peito amante
Se vai rendendo a um fúnebre delírio,
Sentindo a cada instante
Aflita a idéia do fatal martírio.
Oh! quanto aflige, Amor, oh! quanto cansa
De um bem perdido a mísera lembrança!

Buscando o desafogo
Ao mal veemente, subo a um alto monte,
Do qual diviso logo
As belas margens dessa clara fonte,
Que em pródiga corrente, em fértil veia,
Anima os verdes campos de Amaltéia.[225]

Ali sobre um rochedo,
Próprio sítio da minha desventura,
Que de horror, e de medo
O tempo veste, a sombra desfigura,
Cujo eterno segredo não altera
Racional criatura, ou bruta fera;

Sentado tristemente,
Muda estátua da dor, em vivos ecos,
Convoco ternamente,
Ao som de meu suspiro, os troncos secos,
As mudas penhas, as mimosas plantas,
Que me venham ouvir em mágoas tantas:

Vós, lhes digo, sonoras,
Doces águas do plácido Mondego,
Que vedes as traidoras

Faces gentis do meu amado emprego;
Que vendo estais meu terno rendimento,
Pois vos duplica as águas meu lamento;

Vós, troncos generosos,
Imagens insensíveis de meu dano,
Que a laços enganosos
Talvez fostes arrimo, em vosso engano
Podeis, ó troncos, já ter alegria,
Que a um infeliz alenta a companhia.

Vós, mudas penhas, triste
Figura da constância de meu peito,
Onde o retrato existe
Daquele objeto, por quem já desfeito
Meu fino pranto desperdiço agora,
Mármore duro, penha vividora;[226]

Ouvi-me vós, vós, me escutai, que eu louco
Busco atenção nos brutos insensíveis.
Não é meu mal tão pouco,
Que não possa fazer em vós possíveis
A compaixão, a mágoa; e a piedade,
Tanto pode da dor a atividade.

Convosco, ó penhas duras,
Mil vezes o meu bem comunicava.
Tu, Rio, inda o murmuras;
Seu nome nesta penha se gravava;
Ali conserva ainda no horror bronco
O nome de meu bem aquele tronco.

Eu mesmo venturoso
Neste retiro à muda soledade
Comuniquei gostoso
Aquela singular felicidade,
Que, para dilatar minha ânsia fina,
Só no fim me mostrou o que é ruína.

Dizia-vos: eu amo
A mais bela, a mais rara gentileza,
Por quem tanto me inflamo,

Que todo o bem o coração despreza;
Corresponde-se grata a meus ardores;
Feliz sou eu, felizes meus amores.

Inveja eu de Cupido,[227]
Emulação gentil dos Astros ela:
Em zelos incendido
Gemia Amor, chorava cada estrela
O seu desprezo: mas (oh! triste fado!)
Vingou-se Amor; o Céu se tem vingado.

De vítima profana
Manchou-se o altar sagrado; da firmeza
Cedeu a desumana,
A perjura, a inconstante gentileza;
E foram suas vozes (oh! tormento!)
Fáceis lisonjas do ligeiro vento.

Afável, carinhosa
(Mas que digo!), infiel, falsa, fingida,
Já procura enganosa
Outro Pastor: e a seu favor convida
Um néscio amante, a quem talvez espera
Na glória, que hoje goza, a ruína fera.

Para desvanecer-te,
Ó enganado amante, bem discorro,
Que se chego a dever-te
Inteira fé das penas, em que morro,
Verás dessa inimiga a vil mudança,
E inda eu de ser feliz tenho esperança!

Eu me vi levantado
Ao mais soberbo cume dessa dita,
E medi despenhado
A distância (ai de mim!), que era infinita;
Como podes julgar, que advirto[228] louco
Na mesma glória, que perdi há pouco.

Essa mesma, que agora
Branda te acolhe, te recebe afável,
Já me entregou uma hora

A bela mão, dizendo: *nunca instável*
Tu me verás, Pastor; a experiência
Mostrou bem desigual correspondência.

Mais feliz te contemplo,
Do que fui, porque tens a minha sorte,
Onde seguro exemplo
Tema a tua ventura; o peito forte,
Oh! não a creia não; que eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Quem emendar pudera
O sacrílego impulso da vontade,
Quando rompi a austera,
Segura condição da liberdade,
Sempre isenta de amor! Mas que resisto!
Só o fizera, não te havendo visto.

Goza, goza esse emprego,[229]
Que tanto o teu cuidado te desvela;
É digno, não o nego;
Desempenha o teu gosto, mas, ó bela,
Vê, lhe não guies a fortuna escura
Pelos passos da minha desventura.

Ah! bárbara beleza,
Produzida nos montes de Ampelusa![230]
Nasceste entre a fereza
Da mágica Medéia,[231] ou de Medusa?[232]
Bebeste, dize, a natureza insana
Da líbica serpente, ou tigre hircana?

Mas que exemplares trago
De injusta tirania? O tigre fero
Talvez o brando afago
Humilde reconhece; eu desespero,
Ingrata, que, por ser mais feia a culpa,
Um exemplo sequer te não desculpa.

Repara convencida
Naquela amante vide, que enlaçada
Este tronco convida

À mais suave união; vê apertada
A débil planta, como se fizesse
Em cada folha uma prisão, que tece.

Nada verás, perjura,
Que imagens da constância, e da firmeza
Te não proponha: oh! dura,
Vil condição da feminil beleza!
Tu só, tu só estragas com jactância
O natural ditame da constância.

Tudo tem destroçado
Da vil mudança a sem-razão injusta;
E eu triste, cansado
Da violenta paixão, quanto me custa,
Quanto, quanto a lembrança fatigada
De uma dor tão profunda, e tão pesada!

Quisera (ai doce emprego!)
Que nunca despertara o estrondo infame;
E a pena, a que me entrego,
Jamais te acuse, ingrata, jamais clame,
Porque no esquecimento da mudança
Conheças, que inda é minha esta vingança.

E vós, as que me ouvistes,
Mudas penhas, em vosso escuro seio
Sepultai estes tristes
Ecos, que a minha dor expulsar veio:
Não deis sinal algum de minhas mágoas,
Caducos troncos, e mimosas águas.

Écloga X

Angélica

Frondélio e Umbrano

Fron. *Valha-me o Céu; e como estou pasmado*
De ver quão brevemente
Um Pastor que mostrava tanto aviso,
Que era aqui respeitado

Da nossa pastoril, sincera gente,
Pelo mancebo de melhor juízo,
Em louco transformado, o campo todo
Admira, de tal modo,
Que já fogem de ouvir seu triste enredo
Alguns de compaixão, outros de medo!

Ah! grande Umbrano! E quem entenderia
Que a desatino tanto
Uma alma conduzia Amor injusto!
Quem seu golpe creria
De tal vigor, de tal esforço, quanto
Neste Pastor se emprega a tanto custo!
À margem desse lago, macilento,
Pálido e sem alento,
Anda girando este infeliz amante,
Absorto sempre, e sempre delirante.

Que loucuras a idéia fatigada
Não persuade a um triste
Na saudosa lembrança do perdido!
A alma, que estampada
Traz a imagem do bem, que mal resiste
Da infausta pena ao fúnebre ruído!
Deste Pastor tão belo bem sabemos,
Com que finos extremos
De Angélica adorava o doce encanto!
A sua ausência é causa de seu pranto.

Mas bem que ouvir ingratos desatinos
Mais parece impiedade
Que compaixão que alente humano peito,
A ouvir os peregrinos
Desconcertos me chego, que a saudade
Dita em seu coração, de amor desfeito.
Agora que tem posto
Dentro do lago os olhos, e o desgosto
No semblante se vê mais declarado,
Chegar-me quero a ouvir o seu cuidado.

UMBR. *Não são águas mimosas*
Estas correntes, não; eu nelas vejo
As desfolhadas rosas

Das faces de meu bem: o meu desejo
Com enganosa tinta
Esta glória nas águas me não pinta.

Vós, olhos, que serenos
Representais as lúcidas estrelas,
Que suaves venenos
Alimentando estais nas faces belas!
Venenos, que bebidos
Sempre hidrópicos[233] *têm os meus sentidos.*

Enredados cabelos,
De donde Amor me despediu as setas,
Fostes a meus desvelos
As correntes mais doces, e inquietas,
Que em mãos de suavidade
Me prendem para sempre a liberdade.

Choras? Ou te estás rindo?
Se choras, a saudade te agradeço;
Se te ris, eu sentindo
Fico o mal desta ausência, que padeço.
Quem fora premiado
Em tão ilustre fé, em tal cuidado!

Aqui vagando vivo
À margem deste lago, aqui discorro
Confuso, e pensativo,
Buscando sempre a causa por que morro:
O seu divino rosto
O Céu, por consolar-me, aqui tem posto.

Dentro desta corrente
Habita a minha Angélica; o semblante
Rico e resplendecente,[234]
Aqui vejo nesta água a cada instante.
Em Ninfa transformada,
Aqui quis eleger sua morada.

Mil vezes no despenho
Me lembra Alfeu rendido e namorado;
A segui-lo me empenho,

E me impede, não sei se Amor, se o Fado;[235]
Buscara a sua sorte,
Mas dele não invejo mais que a morte.

Consolação pesada
É seguir este alívio; se não gozo
A face delicada,
Termo de meu destino venturoso,
Quanto o ver me atormenta
Que o mesmo, que possuo, se me ausenta!

Nesse lago do Averno[236]
É bem sabido como um desgraçado
Vive em tormento eterno,
Só por lhe ser (oh! dura lei!) negado
O licor da corrente,
E o pomo que se mostra florescente.

Retrata o meu martírio
De Tântalo[237] *infeliz a desventura:*
Qual lhe chama delírio,
Qual excesso da dor! Mas se a loucura
Vem tão discretamente,
Louco me espere sempre toda a gente.

FRON. *Não há, nem pode haver mais desconcerto*
Que o deste infausto amante:
Quão grande é o poder da fantasia!
Julgar que tem tão perto
Aquele bem, que vive tão distante,
Delírio é só da mísera porfia.
Imagina presente o bem amado
O triste desgraçado
(Ah! ditosa loucura!). Pois na idéia
Trazes aquele alento, que recreia.

Porém (oh! que delírio a alma alcança!)
Como nunca o destino
Nos conduz para o bem de uma ventura!
Pacífica bonança
Encontrara este amante peregrino,
Se obrasse uma hora igual a sorte escura:

Mas para mais desgosto
Todo o prazer na idéia está disposto,
E seu tormento infiel por derradeiro
Tanto é mais duro, quanto verdadeiro!

A noite vem caindo, eu me retiro:
Pois querer dar sossego
A quem tem no seu erro o seu descanso,
Que é tirania, infiro,
Só natural a um coração tão cego,
Que ignora o desconcerto que eu alcanço.
Que triste anda um amante,
A quem traz seu cuidado delirante!
Pois para ser maior sua agonia,
Tem todo o seu prazer na fantasia!

Écloga XI

Daliso
Daliso, Algano, Agrário e Eulina

Dal. *Deixa-me: não admito, Algano amado,*
Sossego algum no mísero acidente
De tão profunda dor, mal tão pesado.

Como queres que chegue a estar contente,
Vendo tão malograda aquela idade
Do meu Pastor, do meu Salício ausente!

Tu sabes que nos laços da amizade
Mais estreita, mais fina, e mais segura,
Única em nós havia uma vontade:

Do gênio à suavidade, e à brandura
Me conformava eu tanto, que violência
Me faz em não levar-me a morte dura.

Que fico eu cá fazendo nesta ausência,
Se haver não pode alívio que conforte
A grave dor da minha impaciência!

Errou o golpe bárbaro da morte:
A inveja bem mostrou no desacerto,
Podendo em duas vidas ser mais forte.

Ai! doce Algano meu! E que concerto[238]
Pode achar o discurso naufragante
Deste dano fatal no golfo incerto!

Roubou-me a Parca[239] *de meu peito amante*
Um bem tão precioso, que na terra
Não espero ver outro semelhante.

Sabes que entre os Pastores desta serra
Era o meu bom Salício o mais amado
De todos quantos a montanha encerra.

Era do velho Alfemo respeitado;
Ele nos recordava cada dia
De Salício as ações, gênio, e agrado.

Quando entre nós algum certame havia,
Este sábio Pastor com arte e modo,
Os duvidosos casos resolvia.

Em concorrendo o nosso campo todo,
Era Salício a flor: nesta lembrança
A sofrer tanto mal não me acomodo.

Em todo o baile, em todo o jogo, ou dança,
Que convidasse o gênio da floresta,
Ele excedia sempre a esperança.[240]

ALG. *Não sei, Daliso meu, que lei é esta,*
Tão dura, tão cruel, que em nosso dano,
Na parte mais mimosa é mais molesta.

Há poucos dias que ao Pastor Montano
Lhe morreu uma ovelha, a mais formosa,
De quantas lhe tragara o lobo hircano.[241]

Bem sabes que entre todas mais vistosa
Era dos dois novilhos a parelha
Que eu tinha; e deu-lhe a peste venenosa.

Esta de cor dourada desde a orelha
De inveja aqui trazia os mais Pastores:
Morreu uma; e ficou outra mais velha.

Bem vemos nós do campo os moradores,
Que no ano em que é Ceres[242] *mais fecunda,*
Dando mais abundância aos lavradores;

Quando o terreno fertilmente inunda
Na cópia das searas carregadas,
Onde o agricultor seus dotes funda;

Então, ou vêm as águas mais pesadas,
Ou vem o Sol ardente, e tudo morre,
Ficando as plantas pelo chão prostradas.

Esta disposição, se se discorre,
Daliso, com acerto e com prudência,
Que é só mistério oculto, à idéia ocorre;

Mistério que não vê mortal ciência,
Que não alcança humana conjectura,
Por lei da inescrutável providência.

DAL. *Algano, assim será: porém que cura*
Queres, que tenha um golpe tão violento,
Que me roubou tão breve uma ventura!

Se alheio de si mesmo o entendimento
O que vê não compreende, nem alcança,
Como há de agora discorrer atento!

Eu vejo, Amigo, a mísera lembrança
Da que eu imaginava glória minha,
Prostrada a base infiel da segurança.

Que fosse eterno tanto bem convinha,
Ou que durar pudesse mais idade,[243]
Segundo os raros dotes que em si tinha.

Para que nos vem dar felicidade
Jove,[244] *o grande senhor da humana vida,*
Se há de acabar com tanta brevidade!

Entregar-nos uma alma enriquecida
De prendas tão gentis, só para efeito
Pode ser de lograda e possuída.

ALG. *Quanto nesse discurso erra o conceito!*
E sempre nessa crédula ignorância
O desengano achamos mais estreito.

Chamarmos nosso bem é vã jactância,
Que entre nós, os mortais, só é precioso
O inestimável dote da constância.

Tudo é de Jove: em trono luminoso,
Ele as maiores graças nos dispensa,
Se a nós se inclina o rosto seu piedoso.

Dos seus raios despede a chama intensa,
E quando nos parece que é castigo,
O faz por nosso bem, não por ofensa.

Bem lhe podemos crer o rosto amigo,
Inda quando em vingança do inocente
O imaginamos nós mais inimigo.

Este segredo a nós não é patente:
E se o fora, faltara a divindade
E o privilégio a Jove onipotente.

Não cabe na mortal calamidade
Exceder tanta mísera fraqueza,
E menos nesta vil rusticidade.

Aqui notamos só como a fereza
Do lobo, animal feio, monstro indigno,
Ofende a ovelha, que a inocência preza.

Vemos aquele gênio mais maligno,
Que está cheio de frutos abundantes,
Entre todos havido por mais digno:

Não são as suas prendas tão brilhantes,
Que ofusquem o maior merecimento
De outros, que vimos abatidos antes.

Jove, que lá criou o firmamento,
A certos Astros deu mais resplendores,
Deixando a outros menos luzimento.

Dal. *Discorres muito livre as tuas dores:*
O teu pesar, a tua pena, e mágoa
Desconhece estes míseros horrores.

A pena inconsolável, que na frágua
Da memória me aumenta a desventura,
Mal se sufoca em dous dilúvios d'água.

Ai! Salício infeliz! Ai! morte dura!
Como pode esquecer tua lembrança
A quem te consagrava fé tão pura!

Minha saudade tomará vingança
Dessa pérfida, infame tirania,
Que de afligir os homens não se cansa.

Aqui entre estas penhas à porfia
Hei de chorar, Amigo, a tua morte,
Té[245] *se abalar a mesma serrania.*

Será de minha dor, será tão forte
Aquele impulso, com que eu fira as brenhas,
Que as mesmas feras à piedade exorte.

Os Faunos[246] *nesses côncavos das penhas*
Hão de escutar meu fúnebre gemido,
Clamando em vão por ti, que ouvir me venhas.

Que deixes esse trono apetecido,
Aonde estás sentado em teu descanso,
E me seja teu rosto concedido.

Que venhas escutar com gesto manso
Aquela minha lira descontente,
Que tanto em afiná-la hoje me canso;

Confessavas um tempo, Amigo ausente,
Que o meu canto sonoro e lisonjeiro
Só abrandava a tua mágoa ardente.

Mas ah! que nesse trono derradeiro,
Neste centro de luzes mal ouvido,
O meu canto será tosco e grosseiro.

Quebrar te quero, em vão de mim possuído,
Instrumento infeliz:[247] *que me aproveita*
Da torpe voz o dissonante ruído?

Ah! Se foras aquela voz eleita,
Para trazer do Tártaro[248] *a formosa*
Deidade, cujo pacto Jove aceita![249]

Se foras tão feliz, tão poderosa,
Que outra vez repusesses nesta esfera
Do meu Salício a alma venturosa![250]

Não acabara[251] *a verde primavera*
Destes campos: nas árvores, nas flores,
Se não vira[252] *a campina tão austera.*

Ao domínio dos rústicos Pastores
Obedecendo, a cabra, a ovelha, o touro
Pastaram,[253] *dando gosto aos guardadores:*

Não mostraria tudo infausto agouro,
Os Gênios[254] *não andaram*[255] *todos tristes,*
Febo não escondera[256] *os raios d'ouro.*

Alg. *No teu lamento, Amigo, em vão persistes:*
Porque não é Salício inda o primeiro,
Que do Lete às ribeiras baixar vistes.[257]

Em cada faia enfim, cada salgueiro
Se lê um epitáfio a qualquer morto:
Discorre,[258] *e assim verás o campo inteiro.*

No comum sentimento ache conforto
O mal comunicado; o teu gemido
Assim do alívio se recolha ao porto!

Dal. *Ai! Algano!... porém se o meu ouvido*
Se não engana, eu ouço desta parte
Um canto harmonioso e mui sentido.

Alg. *Eu estava também para avisar-te*
Da minha suspensão: daqui mais alto
Podemos ver, se queres levantar-te.

Dal. *Ai! que diviso já de alentos falto*
O velho Agrário, e a consorte amada,
Eulina, a quem rendera o sobressalto!

São de Salício os Pais: oh! lei pesada
Da morte crua! Que fatal desgosto
Se vê na face de ambos magoada!

Ele no Céu os olhos tem já posto;
Ela de grave mágoa combatida
Abaixa à terra o peregrino rosto.

Alg. *O funesto espetáculo convida*
A romper, caro Amigo, o peito em pranto,
E a consumir em seu tormento a vida.

Não há pena maior, nem dor, que tanto
Possa agravar a humana desventura.
Quem viu golpe maior, maior quebranto!

Afogam-se meus olhos de ternura,
Meu coração em mil pedaços feito
Chora o golpe cruel da sorte dura.

Ouçamos o seu canto: mas que peito
Pode haver tão constante, e endurecido!
Eu não me exponho a lance tão estreito.

Adeus, Daliso: em vão compadecido
Me atrevo a consolar-te; antes discorro
Que vim buscar mais causa a meu gemido.

Dal. *Também, Amigo, eu a seguir-te corro:*
Mas que faço, infeliz! Onde pertendo[259]
Esconder esta mágoa, com que morro!

Já os amados Pais a voz erguendo,
Vão consolando a pena: os seus pesares
Também co'a minha dor irão tecendo.

Que bem de compaixão ferindo os ares,
Acompanhar o espírito saudoso
Sabem do pranto seu nos ternos mares!
Que fado tão cruel, tão rigoroso!

AGRAR. *A mísera fortuna*
Não maldigas, Esposa, que a suprema
Sagrada mão não sofre a dor blasfema.
Ignorante e importuna,
Acusa de impiedade
Disposições da eterna Divindade.

Vive a humana fraqueza
De Júpiter sujeita ao raio ativo;
E de seu braço o golpe executivo
Empregando a fereza,
Bem que o efeito descobre,
A providência suma nos encobre.

Salício, o nosso amado,
Penhor da casta fé, querida Eulina,
Eu bem vejo, Consorte peregrina,
Que era do nosso agrado
Digno objeto: mas este,
Que o Céu nos rouba, foi penhor celeste.

É livre aos lavradores
Recolherem do campo a sua planta:
Ninguém disso se admira, nem se espanta;
E só nas nossas dores
Nos confunde que leve
Jove o que é seu, e em nós guardado teve.

De Jove era criatura
Salício, o nosso filho; Jove o guia
À eterna luz, à eterna Monarquia,
Aonde em paz segura,
Aquela alma ditosa
Zombe da nossa sorte lastimosa.

EULIN. *Jamais contentamento,*
Alegria ou prazer será loucura,
Que eu espere na minha desventura:

Porque perdido o alento,
Na falta de Salício,
Só lhe faço da pena sacrifício.

Sacrifício violento,
Se bem que enternecido; pois de todo
A chorar esta perda me acomodo,
Sem que do meu tormento
Outro alívio pertenda
Mais que o termo fatal desta contenda.

Que vença o meu martírio
Só espero; e lhe cedo voluntária
Qualquer constância, ou força temerária,
Que em meu néscio delírio,
Me persuada alento
Sobre tão porfiado sentimento.

AGRAR. *Que debalde procuro*
Consolar-te, querida, se conheço
Que delira também no mesmo excesso
O meu tormento duro!
Ah! Salício! Ah! memória!
Faltaste-me, faltou-me toda a glória.

EULIN. *Enquanto na floresta*
Der alma a primavera às tenras flores;
Enquanto o seco outono aos lavradores,
Com mão nunca molesta,
Conceder carregadas
As searas que o Sol deixou douradas.

AGRAR. *Enquanto na montanha*
Pela fresca manhã a aurora bela
Espalhar os orvalhos que congela;
E na verde campanha
Brotarem socorridas
As plantas do calor amortecidas.

EULIN. *Enquanto neste monte*
Se ouvirem os balidos saudosos
Dos tenros cabritinhos, e sequiosos

Buscando a pura fonte
Deste sítio sombrio
As ribeiras descerem desse rio.

AGRAR. *Não verás, filho amado,*
Adorado meu bem, caro Salício,
Não verás este amante sacrifício
Torpemente apagado
Por despojo violento,
Com que se orne o altar do esquecimento.

EULIN. *Verás a minha pena,*
Ó sempre inestimável, filho amado,
Agitando o rumor do meu cuidado,
Até que em paz serena,
Presente à tua vista,
Na tua amada companhia assista.[260]

ÉCLOGA XII

AMARÍLIS
Salício, Frondélio, Amarílis e Feliza

A fúnebre harmonia,
Dissonante lamento
Dos estragos de Amor, escuta um dia,
Adorada ocasião de meu tormento;
E em mísera figura,
Verás do teu Pastor a desventura.

Daliso sou, que canto
De Salício a desdita;
A ver se deixo, pela voz do pranto,
A minha mágoa duramente escrita,
Tomando a sombra alheia,
Por não fazer a mágoa inda mais feia.

Em um bosque sombrio,
Funesto sítio escuro,
Levado do seu louco desvario,
Salício, a quem o duro,
Ingrato fado havia
Roubado em Amarílis a alegria;

Apascentava o gado
De si tão esquecido,
Que todo pelas serras espalhado,
Qual[261] ficava perdido,
Qual entre as garras era
Despojo triste da maligna fera.

Enquanto o Sol guiando
Para o berço das águas
O luminoso carro vai girando,[262]
Coberto o rosto, e cheio enfim de mágoas,
Em si mesmo atendendo,
Assim falando vai, assim dizendo:

Sal. *Aonde vou guiando o meu rebanho,*
Pobre de mim, sem tino e sem cautela,
Por tão escuro bosque, sítio estranho!

Como perdida a minha amada bela,
Me conduz meu tormento a esta estância,
Se apenas o segredo habita nela!

Acaso o desafogo de minha ânsia
Acharei entre os troncos e penedos,
Que são imagens da maior constância!

Acaso estes sombrios arvoredos
Poderão divertir a infausta história
Dos, que Amor me teceu, tristes enredos!

Mal feito, que o tumulto da memória
Recobre algum sossego, quando lida
Com as lembranças da passada glória.

Tão viva n'alma a dor desta ferida
Está, que há de igualar da eternidade
A larga série, a duração comprida;

E o pensamento meu, que se persuade
De querer apagar da idéia a chama,
Cada vez mais se cobre de saudade.

Não se desmaia assim, de quem bem ama,
O extremoso afeto; o fogo ativo[263]
Com imortal ardor o peito inflama.

Leva da morte o golpe executivo,
Para os campos do Elísio a luz inteira
Do fino amor, que n'alma arde tão vivo:

Lá dizem que se estende uma ribeira,
Por onde andam as almas vagabundas,
Seguindo a sorte ingrata ou lisonjeira.

Tu, brando rio, mansamente inundas
Os férteis campos, onde a oposta via
O passo inclina às regiões profundas.

Neste País saudoso, a luz do dia,
Perpétua sempre, sempre vigilante,
Põe em desterro as sombras da agonia.

Se pois só lá descansa um triste amante,
Se nem ainda a mesma morte apaga
O voto fiel de um coração constante,

Como é possível que eu à idéia traga
O delírio infeliz, de que alguma hora
Alívio tenha minha infausta chaga!

Morra minha loucura: que eu já agora
Seguir-te espero, ó peregrino enleio
De um coração, de uma alma que te adora.

Perdido o tino, e da razão o freio
Torpemente estragado, me disponho
A viver sempre de pesares cheio.

Toda a glória, e prazer terei por sonho,
E crendo só na minha desventura,
Já no meu dano a ponderar me ponho.

Dar não quero a meu mal outra mais cura,
Que trazer sempre impresso na lembrança
Todo o passado bem, toda a ventura.

Vamos pois recordando esta mudança;
E não me esqueça do suave alento,
Que achei de Amor na plácida bonança.

Quero esse bem lembrar ao pensamento,
Em cujo ser depositado eu via,
Cruel Amor, o teu contentamento.

Vamos desentranhar da cinza fria
As imagens do gosto, que apagadas
Têm do destino a dura aleivosia.

Que peregrina em tudo... Ah! que embargadas
São minhas vozes de um Pastor que chega,
E vem talvez seguindo-me as pisadas.

Quanto comigo é a fortuna cega!
Pois até este bem da soledade,
Somente porque é bem, gozar me nega.

Debalde é esperar que haja piedade,
Que vai da sorte o mísero progresso
Abrindo sempre o seio da crueldade.

Quem será? É Frondélio: eu o conheço;
Importuno Pastor, inda que amigo;
Já não posso esconder-me: eu lhe apareço.

FRON. *Valha-me o Céu, Salício! que inimigo,*
Que ingrato, que maligno influxo é este,
Que tanto é contumaz em teu castigo!

Não é preciso que eu te manifeste
A forçosa razão que me acompanha
Para o sentir: há muito que a soubeste.

Tem assombrado a toda esta montanha
Este semblante teu tão carregado,
Coberto de uma dor e mágoa estranha.

Vaga sem guarda o teu faminto gado,
Feito dos lobos inocente presa,
Pelos agrestes matos espalhado.

Foges de todo o trato, e até te pesa
Que um amigo os teus passos vá seguindo,
Por saber a razão dessa tristeza.

Fala, dize; que tens? Que estás sentindo?
Mas tu dás um suspiro, e emudecendo
Co'a face sobre o peito vais caindo!

Explica-te comigo; eu estou vendo
Que esperas que os teus males nos declare
De alguma grande dor o estrago horrendo.

Sal. *Primeiro a doce vida desampare*
Este fraco despojo que hoje anima,
Que eu de outro algum, senão de ti, me ampare.

Se o ver-me, caro Amigo, te lastima,
Arranca-me esta vida, que eu não quero
Um bem, que sem ventura não se estima.

Eu morro; eu enlouqueço; eu desespero:
E só da morte dura o horror maligno
É, Frondélio, a piedade que hoje espero.

Já me entrego de todo ao desatino:
Pois a tanto pesar, a tanto susto,
Alívio algum não há, bem que imagino.

Nada faço em penar; a tanto custo
Quero morrer, Amigo; arranca, arranca
Este meu coração: é justo, é justo.

Fron. *Se a corrente da mágoa não se estanca,*
Pela falta talvez do desafogo,
Por negar-te a piedade a porta franca,

Comigo estale embora o ardente fogo
Que recatas zeloso: ao doce efeito,
Menos ativa a mágoa verás logo.

Sal. *Quero falar, Frondélio; mas desfeito*
O coração em lágrimas, desmaia
Balbuciente[264] *a língua, a voz no peito.*

Fron. *Cobra sossego um pouco; e enquanto raia*
O sol já menos quente nessa esfera,
Para falar-me o teu valor ensaia.

Sal. *Custoso me será; mas ouve, espera,*
Escuta, meu Frondélio: ah! quanto é duro
Sentir de uma lembrança a lei severa!

Perdoa-me, Amarílis; eu te juro
Que amor sim, não a falta de decoro
Rompe de meu silêncio o voto puro:
Eu te respeito enfim, te amo, e te adoro.

Conheces a Amarílis,
A Pastora mimosa,
Mais bela do que Almena, e mais que Fílis,
Amarílis formosa,
Meu Ídolo adorado,
Filha de Alfemo, glória deste prado?

Lembras-te quantas vezes
Convidando a floresta
Às belas noites dos dourados meses,
A pompa manifesta
De seus dotes se via,
E cada vez mais bela parecia?

Acordas-te de quando,
Numa noite daquelas,
Uma flor para o jogo ela tomando,
Colhida entre as mais belas,
Fingindo que eu ganhara,
Risonha me entregou a Ninfa clara?

Aqui, Frondélio amado,
O giro principia
De meu ingrato, meu injusto fado:
Tomou naquele dia
Por sua empresa a sorte
Lavrar na minha glória a minha morte.

A inveja macilenta,
Filha do monstro indigno,
Começou a espalhar com mão violenta
O bárbaro, o maligno,
Contagioso veneno,
Que hoje é causa das mágoas em que peno.

No bosque, prado, e vale,
Não há quem de Salício
Depois daquele dia já não fale:
Daquela flor no indício
Já conhecido, o engano
Se faz universal para meu dano.

A romper-se começa
Pouco e pouco o segredo,
Enquanto a bela Ninfa, que travessa
De nada tinha medo,
Nutria os meus amores
Com o doce alimento dos favores.

Ah! quem, Frondélio, agora
Lembrar-se não pudera
Daquela dita, aquela enganadora
Glória, que detivera
Toda a minha ventura
Sobre a base gentil da formosura!

Mas se está meu tormento
Tão patente, e tão claro,
Quero lembrar o meu contentamento.
Cegamente reparo
Em dar maior valia
No decoro ao pesar, do que à alegria.

Recolhiam-se os raios
Ao centro cristalino
Desse eterno Planeta; a seus desmaios
Sucedia o benigno
Influxo de Diana,[265]
Êmula de Amarílis soberana.

A estas horas, quando
Ao sono se rendia
O velho Alfemo, a Ninfa o véu tomando,
A um jardim descia,
Aonde alegre Flora[266]
Espalha as águas, que uma fonte chora.

Tu, dize, tu, mimosa,
Sonora fontezinha,
Que regas a campina deliciosa
Que pisa a Ninfa minha,
Tu, dize aquela glória,
Se inda a guardas impressa na memória.

Dizei-o vós, ó plantas,
Vós o dizei, ó flores;
Que vós testemunhastes vezes quantas,
Propícia a meus amores,
Amarílis, a bela,
No vosso campo pareceu estrela.

Mas não digais; e antes
Discretamente atentas,
Observai sempre os votos vigilantes,
Que as leis da dor violentas
Têm de todo estragado
No recato infeliz de meu cuidado.

Pois que a dita alcançaste,
Ouve, Frondélio, a pena;
Tu mesmo o meu pesar desafiaste;
Teu respeito me ordena,
Ou a amizade tua,
A que te faça narração tão crua.

Esta glória gozava,
Amigo, quando a inveja
Aos ouvidos de Alfemo se avançava;
E como ver deseja
Vivamente o seu dano,
No descuido da Ninfa tece o engano.

Compreende o delito;
Acusa a ligeireza;
E com ímpio rigor lhe tem perscrito[267]
Que em um cárcere presa
Pague a culpa que eu tenho
De a ter rendido ao amoroso empenho.

Vê, considera, e dize
Com quanta dor, com quanta
Suportará minha alma este castigo!
Lembrar-me glória tanta
Perdida em um instante!
Ah! que dor tão cruel a um peito amante!

Estar na minha idéia
Pintando a tirania,
Que oprime a bela Ninfa! A alma cheia
De angústia, e de agonia,
Em tanto sentimento,
Sufoca-se no horror do pensamento.

Como há de estar aquela,
Formosa como o dia,
Cerrada em sombra escura? Como a bela
Imagem da alegria,
No fúnebre aposento,
Dormirá entre os sustos do tormento!

Ora a fineza minha
De cobarde acusando,
Ora a piedade, que em minha alma tinha,
De ingrata condenando;
Tudo oposto em meu dano,
Convertida a esperança em desengano!

Ah! Quando em tal discorro,
Frondélio meu, a vida
Me enfada e me aborrece; expiro, e morro
Entre a confusa lida
De tão profunda pena,
Que injusto Amor em meu martírio ordena.

Vê tu quanto hei perdido,
E quanto enfim me resta!
De Amarílis o encanto apetecido,
A minha dor funesta,
A glória, a dita, o gosto,
A desventura, a mágoa, e o desgosto.

Fron. *Na verdade, Salício, o teu sucesso*
Notável compaixão me tem devido.
Sei onde chega o bárbaro progresso
De uma dor na lembrança do perdido;
Porém não devo desculpar o excesso
A tempo, que parece o teu gemido
Algum remédio tem: vê, discorramos;
Podemo-lo aplicar, se acaso o achamos.

Sal. *Pertendes*[268] *que nos laços da esperança*
Outra vez, caro Amigo, a vida ponha!
Queres que entre as ruínas da mudança
Para novo tormento me disponha!
Hei de ser como aquele que a bonança
No meio da tormenta acaso sonha,
E os olhos desatando o sono amigo,
Se acha infeliz no centro do perigo?

Já não creio que pode haver ventura
Para o pobre Salício decretada;
Salvo se vem com máscara perjura
A desgraça impiamente disfarçada:
Eu, que em tantos triunfos vi segura
A glória, que hoje é sombra, é fumo, é nada,[269]
Posso esperar que torne a minha dita?
Quem tão grande loucura inda acredita!

Fron. *Se em laço de Himeneu o velho Alfemo*
Te une à bela Amarílis, eu confio
Que passando um extremo a outro extremo
Não terás de culpar teu fado impio.[270]

Sal. *Ah! Que nessa lembrança, Amigo, gemo;*
Pois é néscia loucura, é desvario
Aspirar um Pastor humilde, e pobre,
À ventura de um bem tão rico, e nobre.

O que faz o tormento mais dobrado
É ver a lei sagrada do decoro,
Impondo-me um silêncio tão pesado
No que sofro, suspiro, peno, e choro:
Eu, um triste Pastor, triste o meu gado;
Ela, Pastora de um divino coro;
Não pode haver igual correspondência;
Sempre temo os excessos da violência.

Mas se Amor é das almas harmonia,
Que o peito escuta, o ouvido não entende,
Esperar posso ainda que algum dia
Seja pago este amor que assim me acende.
Mas enquanto a soberba tirania
De Alfemo os meus gemidos não atende,
Como alívio terei, como descanso?
Como andarei com gesto alegre, e manso?

Fron. *Sítio sei eu, de donde me parece*
Que suposto Amarílis presa esteja,
Pode ser, se de ti se não esquece,
Que inda chegue a escutar-te, e que te veja.

Sal. *Guia-me tu, Frondélio: qual é esse*
Venturoso retiro, oculto à inveja?
Eu quero vê-lo: vamos, vai diante.

Fron. *Vem; e não te demores um instante.*
Vês este vale? Para aquele assento
Fica um pequeno oiteiro, e se divisa
Vizinha a ele a choça, o aposento
De Alfemo, de Amarílis, e Feliza.

Sal. *Sagrado sítio a meu gemido atento,*
Se é que amparas propício a quem te pisa,
Mostra a minha Amarílis: dize aonde
Amarílis, meu bem, em ti se esconde.

Fron. *Que mais queres? Aquela é a beleza*
Da tua amada Ninfa: o seu semblante
Coberto está de fúnebre tristeza.

Sal. *Triste vem: que pesar a um pobre amante!*
Alguém viu, como eu vi, a gentileza
Daquele rosto, mais que a luz brilhante,
Mais bela do que a rosa matutina,
Engraçada, gentil e peregrina!

Fron. *A seu lado Feliza está sentada,*
Ambas na história triste discorrendo:
Talvez de teus amores magoada
A formosa Amarílis vai dizendo.

Sal. *Escuta: nesta estância retirada*
Irei o que ambas dizem percebendo;
Ah! Que um ai Amarílis deu sentida!
Triste fadiga! Lastimosa vida!

Amar. *Mal haja a feminil loucura minha,*
Que de um homem na falsa ligeireza
Imaginou firmeza.
Mal haja o cego monstro que me tinha
Na louca fantasia debuxado
Tão belo o meu cuidado,
Para comprar meu desengano agora
Nas mãos da experiência roubadora.

Habitar esta sombra, ver o dia,
Cheia a alma de horror, de assombro o peito,
Trazer sempre sujeito
O coração à vil melancolia,
Oh! quanto me atormenta, Amor, oh! quanto!
Ah! mísero quebranto,
Fiscal de meu amante rendimento!
Só porque soube amar, sinto o tormento.

Estas eram, Salício fementido,
As lágrimas que eu vi banhar teu rosto!
Artifício disposto,
A contrastar o Nume desabrido
De minha condição! Ah! se eu não fora
Tão crédula à traidora,
Lisonjeira eficácia de teu pranto,
Engenhosa em meu mal não fora tanto.

Quantas vezes, ingrato, esta montanha
Girando por buscar-me à calma, ao frio,
Com generoso brio,
Vieste para empresa tão estranha!
Quantas a noite te deixou no prado!
Quantas o rosto amado
Da Aurora[271] *te encontrou, pérfido amante,*
Às portas desta choça vigilante!

Que inventos não achaste peregrinos,
Para me contrastar! Que cedro, ou faia,
Que ao tempo não desmaia,
Não guarda ainda os sonorosos hinos,
Que na bem temperada, acorde avena,
Para tecer-me a pena,
Entoaste depois em meu tormento,
O veneno ocultando no instrumento!

Fel. *Amarílis, o tempo tem mostrado*
Que a palavra do amante apenas dura,
Enquanto da ventura
Corre propício o giro acelerado.
Verás, Irmã, mudar-se aquele outeiro
De seu lugar primeiro,
Que se veja nos homens algum dia
Segura a fé que um deles prometia.

Sal. *Onde, Frondélio meu, me hás conduzido?*
Que ao escutar da minha amada a queixa,
Tão magoado me deixa
A constante razão de seu gemido,
Que ao passo que igualando o seu estrago
Lhe recompenso, e pago
O martírio que o fado lhe destina,
É maior que o seu mal minha ruína.

Quero que ela me veja: eu lhe apareço.
Que importa aventurar-me a seus rigores,
Se chegam minhas dores
Do último golpe ao lastimoso excesso!
Se hei de morrer distante à sua vista,

Onde é força resista,
Por lograr este bem da morte ao laço,
Vá-se o temor, o susto, o embaraço.

Fron. *Chega-te muito embora: arrependido*
Já de minha piedade, bem me pesa
De que a tua tristeza
Encontre aqui motivo mais crescido.
Mal haja a compaixão que enganadora
Me persuadiu que uma hora
Quartada[272] *a tua pena, quebraria*
(Presente o bem, que adoras) a porfia.

Amar. *Se a fantasia acaso não me engana,*
E a luz já menos firme no Horizonte,
Vizinho a este monte
Vejo um vulto chegar de forma humana.

Fel. *Se de meu triste horror não é pintura,*
Nele se me figura,
Amarílis, presente o teu Salício.

Amar. *Será: oh! que funesto precipício!*

Sal. *Salício sou, querida, não te espantes;*
Se bem que de meus males a aspereza,
Qual nunca a vil fereza
Igualou da fortuna nos amantes,
Mudado tem de todo a humana forma:
E este corpo se informa
Da mágoa, dos pesares, da amargura,
Das sombras, da aflição, da desventura.

Tão outro enfim me vejo do que fora,
Que uma estátua da pena me contemplo,
Dos martírios exemplo
Me proponho à vingança; esta alma ignora
O uso da razão; se bem, querida,
Ao passo que duvida
Minha alma, se do corpo o moto ordena,
Conheço que só vivo para a pena.

Vivo só para a pena; e também vivo
Para sempre te amar, Ninfa formosa.
Consulta esta amorosa,
Viva estampa de Amor; no fogo ativo
Verás a tua imagem que respeita
Tão pura e tão perfeita,
A minha adoração, verás prostrado
A teu desprezo duro o meu cuidado.

AMAR. *Inda a meus olhos vens, pérfido amante,*
As traições escondendo em teu gemido?
Tu, monstro fementido,
Tu, coração mais duro que diamante,
Escândalo e horror destas montanhas!
Nas ásperas entranhas
Da Hircânia[273] *o humor primeiro achar pudeste,*
Onde a fereza indômita bebeste.

Crês que inda, ingrato, o cego desatino
De meu primeiro amor me tem cerrada
Na ilusão adorada
De acreditar-te verdadeiro e fino?
Vens privar-me do alívio que ainda gozo
No desterro penoso,
Sendo força que alívio considere,
Quando ver-te, cruel, jamais espere!

Vens protestar finezas? Que esperança
Tão delirante e louca desordena
A face tão serena
Dessa tibieza tua? Vai, descansa,
Segue o sossego teu; deixa que eu triste,
Na mágoa que me assiste,
Deva à piedade tua o grande excesso
De escusar-me este horror com que faleço.

SAL. *Não venho, amada, não, porque tirano*
Fiscal de teu martírio me imagines;
Só para que me ensines
A vencer de meu fado o desumano,
Ingrato giro, venho; da firmeza,

Da fé que guardo ilesa,
Eu venho assegurar-te a chama ativa,
Mais fina, cada vez mais pura, e viva.

Amar. *Vai-te, inimigo, vai: o desamparo,*
Em que viva me tens, morta me deixa:
Verás que a minha queixa
Fora de mim não busca outro reparo.
O desengano meu, que me acompanha,
Será de tão estranha,
Tão inflexível sorte, última cura.
Fora de mim não quero outra ventura.

Desta só breve luz, que me permite
(Por melhor ver a sombra macilenta)
Um Pai, que me atormenta,
Aflita gozarei, pondo limite
Neste oculto retiro ao meu cuidado.
Memórias do passado
Entrada não terão neste aposento,
Habitação da sombra e do tormento.

Fel. *Ausentou-se Amarílis: ah! Que errado*
A contrastar, Salício, se aventura
De uma paixão tão dura
A posse, que em seu peito tem tomado!
Mal haja o monstro cego que mantinha,
Irmã querida minha,
Teu enganoso passo, onde tão crua
Vejas a face da desgraça tua.

Mas enquanto o volúvel movimento
Dessa Deusa inconstante[274] *não descansa,*
À rapida mudança
Me conformo do giro seu violento.
Já agora seguir quero o curso ingrato
De seu ligeiro trato;
Se pode ainda o fado pôr baliza
Aos casos de Amarílis e Feliza.

Sal. *Onde foges, cruel? Onde, adorada,*
Belíssima ocasião de meu gemido,
Ocultas essa face delicada?

Em que tenho, Amarílis, delinqüido?
Por que fazendo agravo da fineza
Me ordenas um rigor tão desabrido?

Foi crime o adorar tua beleza?
Seria: mas o Céu só é culpado
Num delito (ai de mim!) que não me pesa:

Ele deixou em ti recopilado[275]
De seus astros a face peregrina,
A pompa de seu rosto prateado.

Ele por influência nos destina
A adoração de um bem, cuja luz pura
A liberdade em cárceres domina.

Se minha estrela pois, infausta e escura,
Me conduz a teus olhos, destinada
Vítima de tão rara formosura,

Aos Céus há de chamar minha ânsia irada
Porque dando-me amor tão peregrino,
Me ordenaram fortuna tão pesada.

Injusto, ó Céu, comigo te imagino:
Ou não fora Amarílis tão querida,
Ou fora mais feliz o meu destino.

Mas se era todo o bem da minha vida
Aquela rara idéia da beleza,
Aquela formosura tão crescida,

Como injuriando o obséquio da fineza,
Inda resiste meu cansado alento
Aos assaltos da pérfida fereza!

Quero encurtar da vida o passo lento,
A desgraça igualando, que Anaxarte[276]
Testemunhou no fúnebre instrumento.

Terás, bela Amarílis, terás parte
Na minha ingrata sorte: eu o consinto
Pela glória que tenho de adorar-te.

Frondélio meu, do triste labirinto
Em que já sufocada está minha alma,
Resgata este despojo tão distinto.

Nesta, que os membros gira, mortal calma,
Já nada me consola; nada quero,
Mais que em fé deste Amor render-lhe a palma.

Fron. *Sossega, meu Salício; eu ainda espero*
Que daquela que vês, ingrata, e dura,
Possa ver o semblante menos fero.

Do tempo a direção branda e madura
Tudo sabe mudar; a natureza
É vária; e em variar sempre é segura.

Amarílis, que bárbara despreza
O teu suspiro agora (eu o discorro),
Há de um dia ceder dessa aspereza.

Sal. *Ah! Que pede meu mal outro socorro*
Mais pronto, mais ligeiro: eu imagino
Que te contenta, Amigo, o ver que eu morro.

Sim, meu Frondélio, sim: que onde tão fino
De Amor se ateia o fogo, outro concerto
Não há mais, do que um cego desatino.

Quando não foi de Amor no golfo incerto
A paixão, o delírio, e a loucura,
O norte, que conduz ao desacerto!

Apenas escapou da força dura
De Amor a liberdade, que anda atada
À direção de uma prudência pura.

Jove, o senhor da esplêndida morada,
Deixa do eterno Olimpo a estância amena,
E deixa a Divindade abandonada;

De Europa, Dânae, Leda, e mais Almena,[277]
Vê como foi despojo aquele raio,
Que a soberba de Encélado[278] *condena.*

Em quantos desatinos faz ensaio
Aquele ativo incêndio, que nos peitos
Imprime Amor com um mortal desmaio?

Gira esses campos; vê os seus efeitos
Tão raros, que estampados na memória
Nunca do tempo se verão desfeitos.

Mas esta de Amor bárbara vitória
Há de crescer mais peregrina, e rara
Na que pertendo[279] *dar-lhe, imortal glória.*

Tudo já me roubou a sorte avara:
Nenhum bem eu espero já, perdida
A melhor glória, que o meu peito amara.

Aqui quero acabar, Frondélio, a vida,
Dando novas memórias, que este monte
Respeitará na idade mais crescida.

Girando Eco[280] *saudosa este Horizonte,*
Eu espero que ainda em rouco acento
A minha infausta história ao mundo conte.

Horrorizando a todo o pensamento
Vivirei,[281] *aos amantes desatinos*
Mil desenganos dando em meu tormento.

E trazendo em lembrança os peregrinos
Excessos de um amor, no bosque inculto
Serei assunto a números divinos.

De hirsutos Faunos no retiro oculto,
Permitida a saudosa cantilena,
Logrará meu amor perene culto.

E tu, por desafogo à minha pena,
Enquanto meu espírito tornado
Em cisne voa à região serena,

Ao triste caminhante encomendado
Um padrão erguerás compadecido,
Naquele monte agreste e descalvado.

Nele fique por último esculpido:
"Aqui jaz... (diga assim a cifra breve)
Salício, por amante perseguido.
Foi infeliz: seja-lhe a terra leve."

Isto dizia, quando,
Já desmaiado o alento,
Nos braços de Frondélio descansando
O peso triste, em fé do sentimento,
Apenas um gemido
Despediu na lembrança do perdido.

Então o Sol ausente
Aos pousos convidava;
Já de pastar a relva florescente
O seu rebanho cada qual chamava;
Frondélio era um penedo,
Triste, mudo, pasmado, absorto, e quedo.[282]

Écloga XIII

Sílvio

Sílvio e Algano

Alg. *Que é isto, Sílvio? Aqui tão solitário*
À sombra deste freixo! Já não vejo
Na tua companhia o amado Agrário,
Pastor tão belo, que no fresco Tejo
O repete a saudade a cada instante,
Por onde quer que gire a vista errante,
Vales correndo, atravessando serras!
Como também da nossa companhia
Tu, a quem tanto amamos, te desterras,
Com tão triste e fatal melancolia,
Que tudo já teu mal tem estranhado,
Os Pastores, o monte, e o mesmo gado!

Tão diferente estás, tão outro admiro
O teu gênio, Pastor, e o teu aspecto,
Que cuido, neste fúnebre retiro,
Do fado injusto o bárbaro decreto

Te há de usurpar a vida, se entregando
Toda a alma ao sentimento, em ócio brando
Não divertes a mágoa; e se alivia
Qualquer pena, que a um mísero atormenta,
Do amigo, que lhe assiste, a companhia,
Aqui me tens, Pastor; comigo alenta
Essa dor; bem que a vejo tão profunda,
Que temo que este alívio mais confunda.

Que mal, ó Sílvio, foi tão penetrante,
Que este penhasco imóvel da constância
Pôde abalar? Que dor há, que quebrante
Um peito, aonde nunca a mortal ânsia,
O cuidado impaciente, a mágoa aflita
Entrar puderam? Cuido que esquisita
Causa tens para tal: se é que a funesta,
Dura ausência daquele Pastor caro
Teu coração amante assim molesta,
Não chores, não, ó Sílvio: pois reparo
Que em todos nós geral é a saudade,
E o mal comum alívio persuade.

Não eras tu aquele, que ocupando
Entre os Pastores o lugar primeiro,
Em doce estilo os versos entoando,
Te fazias ao monte lisonjeiro?
Que de vezes[283] *as árvores e os montes,*
As duras penhas, as sonoras fontes,
Correndo atrás do canto que entoavas,
Te vimos atrair, sendo verdade
Então o que tu mesmo nos contavas
Da harmoniosa e cadente suavidade
Do Músico feliz,[284] *que já houvera,*
Cuja voz os Delfins render soubera!

Agora já dos versos esquecido,
Que alternaste contente, só lembrado
Da insuportável mágoa do sentido,
Tão entregue te vejo a teu cuidado,
Que já não soa o lírico instrumento:
Antes ali de um choupo corpulento,
Como se ele de tédio te servira,
Na tosca rama o vejo estar pendente.

E tu (ai triste!), como se ferira
Teu coração um íntimo acidente,
Confuso estás, pasmado, mudo, absorto,
E menos vivo ainda, do que morto!

Que tens, Pastor? A causa me declara,
Se da minha amizade enfim te fias;
De tão grande tristeza eu desejara
Dar-te todo o prazer; e se porfias
Em ir dobrando a dor, maior excesso
Tens na imaginação; eu te confesso
Que daqui não me aparto, enquanto a dura
Paixão, que te maltrata e te exaspera,
Me não matar também. Ouve; procura
Suavizar, Amigo, a pena fera;
Ou conta-me sequer: na mesma história
Que aviva a dor, diverte-se a memória.

SÍL. *Quem senão tu, Algano, quem pudera,*
Senão tu, que os meus passos sempre alcanças,
Achar-me nesta soledade austera,
Onde me conduziu entre esperanças
De alívio não, mas sim, de cruel morte,
Do incerto fado o duvidoso norte!
Aqui estava eu só; e se podia
Haver algum prazer, que inda lograsse
Na desigual fortuna, eu te diria,
Sem que nisso o teu trato desprezasse,
Que nenhum outro fora, mas somente
Seria o estar só, e não ver gente.

Mas já que tu vieste, e pode tanto
Comigo a tua súplica, a corrente
Suspenderei um pouco ao largo pranto;
Enquanto rompo a dor que o peito sente,
Sabe, Pastor amigo, que me custa
Dizer-te a minha queixa: mas se é justa
Esta expressão, escuta o desafogo,
Que entre os largos espaços da saudade
Descobriu o martírio; e só te rogo,
Se alguma compaixão te persuade
Este horroroso, mísero progresso,
Culpa a causa, desculpa-me o excesso.

Querendo lisonjear-me por tais modos,
Tu mesmo a agravar vens a ferida.
Que importa ser geral a mágoa em todos,
Se em quem mais ama a pena é mais crescida!
Agrário, sim, de todos era amado;
Porém de mim foi quase idolatrado:
A qualquer hora, ou fosse noite, ou dia,
Nos vias sempre juntos: a freqüência,
O cuidado, o desvelo e a porfia
De um grande amor é certa conseqüência;
Se Agrário ao monte alguma vez faltava,
Também de Sílvio a ausência se notava.

Fosse de amor segredo, ou simpatia,
Que influi cada estrela na criatura,
Vi-o uma vez; e desde aquele dia
Larga amizade em nós se fez segura.
Podes de seu amor ter por certeza,
Que em mim quase venceu a natureza.
Um gênio me assistia solitário
Até então, de sorte que somente
O doce trato do fiel Agrário
Me fez comunicável entre a gente.
Entre todos vivi; mas ocupado
De Agrário era somente o meu cuidado.

Como não pode haver bem tão seguro
Que o não estrague a bárbara mudança,
No mar incerto do destino escuro,
Tornou-se horror a plácida bonança.
Interpôs-se uma ausência, com que abrindo
O caminho à saudade, consumindo
Esta constância foi, que me animava,
Que tu me louvas tanto: já de todo
Eu, que do fado nada receava,
A arrastar o seu carro me acomodo,
Prostrado já, desfeito e destruído
O templo, que à vaidade tinha erguido.

ALG. *Bem vejo, Sílvio; a causa do tormento*
É justa: eu sei, Amigo, que a amizade
Não se atreve a abrandar-te o sentimento,
E é ofensa o alívio, que persuade.

Mas se nos longes vês de uma esperança
O bem que choras, ó Pastor, descansa;
Que se a dita não pode estar segura,
O mesmo é a desgraça: igual Astréia[285]
Ao peso da balança mede e apura
Tanto o que aflige, como o que recreia.
Aqui tens o instrumento; dá-me o gosto
De ouvir os versos, que aí tens composto.

Síl. *Na casca deste tronco, onde feria*
Mais livremente a ponta deste estilo,[286]
Ao meu Agrário uns versos escrevia;
Duro tormento; e tu queres ouvi-lo!
Mui diferentes são do antigo estado;
É triste o estro; o gênio é magoado.
Não são os que Fileno me ensinava,
A louvar de Amarílis a divina
Beleza, que outro tempo me arrastava:
São porém os que a mágoa hoje me ensina
A lisonjear meu mal: mas se tu queres,
Ouve, que eu leio os tristes caracteres.

Caro Pastor ausente,
Que o teu retrato deixas na lembrança,
Por lograr-te presente,
Quem na memória mais tormento alcança,
Com que contentamento eu te asseguro
No centro d'alma o meu afeto puro!

Tão louca é, e tão cega
De amor a natureza, que sabendo
Que o alívio, a que se entrega,
O seu maior martírio está tecendo,
Gostoso o segue, e adorando o estrago
De ver que o logra, vive muito pago.

Qual aspid[287] se afigura
A lembrança do ausente, que lhe assiste;
Pois entre a pompa escura,
Como entre a flor, o seu veneno triste
Se forja, se alimenta, se fabrica;
E em vez de alívio, morte comunica.

A morte, digo: oh! antes
O encurvado ferro[288] separara
O alento; mas constantes
Os espíritos (pena inda mais rara!),
Como alegres, do mal atormentados,
Na mesma pena vivem obstinados.

Estes discursos forma
Não a razão (que toda está perdida);
A dor, que se conforma
Com a causa, trazendo repetida
A lembrança do bem, é que discorre;
E idéia de outro bem lhe não ocorre.

Contempla as prendas raras
De um Pastor, que na rústica palestra,
Tu, monte, assinalaras
Entre todos distinto, quando a destra
Barra jogava, ou quando mais ativo
Corria atrás de um tigre fugitivo.

Adverte o gênio belo,
Com que o geral agrado concilia,
Podendo ser modelo
De quantos dons a natureza cria:
Lembra-te do sonoro, acorde acento,
Com que entoava o métrico instrumento.

Porém onde me guia
A cansada memória, se conheço
Que está minha agonia
Na mesma frágua, onde os alívios peço!
Destrua-se a memória: acabe embora
Lembrança, que me aflige a toda a hora.[289]

ALG. *De teu canto foi tal a suavidade,*
Que enchendo de prazer este arvoredo,
Tornou alegre a mesma soledade
Que estava de horror cheia, e mais de medo:
Moveu-se aquele tronco de piedade;
Abalou-se este rústico penedo;
Não será de teu mal o rigor tanto,
Que o não mova também teu doce canto.

Síl. *Para lisonja de meu triste dano,*
Essa expressão, bem vejo que retrata
Não teu conhecimento, amado Algano,
Mas teu amor, que tão fiel me trata.
Se as duras queixas de meu mal tirano
Ouvir tua atenção, cousa é tão grata,
O coração, que cheio está de pena,
Repetir outras mais inda me ordena.

Alg. *Bem te quisera ouvir: mas estou vendo*
Que já o pardo crepúsculo do dia,
Por entre as serras ásperas rompendo,
A luz espalha pela sombra fria.
Já o ferro do arado vem gemendo;
Os bois tornam à mísera porfia;
E todos os Pastores despertando,
Da pobre choça as portas vão cerrando.

Síl. *Bem sinto que me dês tal novidade,*
Porque eu vivo de sorte em meu tormento,
Que inda que despertasse a claridade,
Distinguir não pudera o luzimento.
Mas já que este sucesso te persuade
Que a sorte até me quarta[290] *o sentimento,*
Por não lograr um bem, vamos: mas onde
O meu rebanho (ai mísero!) se esconde?

Não sei por onde pasta o triste gado,
Que eu ontem neste monte apascentava:
Tanto me arrebatou o meu cuidado,
Que nem de mim, nem dele me lembrava;
Vai tu, Algano; cerca deste lado,
Que eu vou bater aquela mata brava,
Onde o trilho é talvez mais perigoso.
Anda; busca o Bargado, e o Baroso.

ÉCLOGA XIV

ALCINO

Em região distante,
Aonde o Sol dourado
Mal os raios estende sobre os montes,
Em um sítio funesto e carregado,
Alcino, que de Tisbe foi amante,[291]
Dos olhos duas fontes
Derramava em seu líquido lamento,
Dura e precisa lei do seu tormento.

A rústica floresta
Apenas habitada
Era do rude gênio dos Pastores,
A quem a doce flauta desagrada,
A quem o baile, o jogo mais molesta.
Os suaves Amores
Não param a escutar Ninfas mimosas,
De adorno inculto, sem louvor, formosas.

Turvo e feio, um ribeiro[292]
O campo dividia
Por entre as penhas com medonho estrondo.
A vista se assustava, quando via
Baixar seu curso de um soberbo oiteiro,
Os troncos descompondo,
As profundas raízes arrancando,
Por onde a crespa enchente o vai levando.

Se os olhos levantava
Às altas serranias,
O peito de uma nuvem de tristeza
(Qual se vira da noite as sombras frias),
Ansioso em triste luto se ocupava:
E sempre a chama acesa
Da memória propunha o bem perdido,
Para maior verdugo do sentido.[293]

Nesta cansada vida
Se achava aquele amante
Pastor, que já nas margens florescentes
Do Mondego guiara o gado errante,
Trocado o antigo bem na infausta lida
De fadigas veementes,
Transformando-se em pena aquele gosto,
Que em braços da ventura o teve posto.

A um penhasco, que os ares
Igualava na altura,
Uma tarde subia o pobre Alcino.
Ali, depois que a sua desventura
Chorando esteve em dous amargos mares,
Seu louco desatino
Rompe o silêncio gravemente mudo,
E para ouvi-lo suspendeu-se tudo:

Alegres praias, úmidas ribeiras
Do Mondego, que plácido discorre,
Que do olmo a copa em ramas lisonjeiras
Com a sombra suavíssima socorre;
Vós, que pelas campinas mais grosseiras,
Que hoje o meu gado sem ventura corre,
Trocadas fostes, quando a inveja tinha
Postos os olhos na fortuna minha;

Mimosas águas, delicioso hospício
De Ninfas, que na espuma prateada
Fazendo estão gostoso desperdício
De uma beleza docemente amada;
Vós, que ouvis de Palemo e de Salício
A flauta brandamente temperada,
Quando um a rede estende, o outro colhe
Em seus currais o gado, que recolhe;

Dizei-me vós se acaso aquele pranto,
Com que estou a chorar esta saudade,
Tem tanto impulso, tem esforço tanto,
Que vos empenhe a conceber piedade.
Dizei-me vós se aquele amado encanto,

Que laço foi de minha fiel vontade,
Vive alegrando essa mimosa esfera,
Como no campo faz a primavera.

Dizei-me se entre os rústicos Pastores
Na floresta o rebanho inda apascenta;
Se ainda ornada de vistosas flores
Ela entre todas mais gentil se ostenta;
Qual foi o emprego enfim de seus amores,
Quando o mísero Alcino se lamenta;
Alcino, que da sua formosura
Desterrado suspira sem ventura.

Dizei-me se inda cresce na beleza:
Porque, segundo meu cuidado via,
Cheguei a imaginar que a natureza
Mil perfeições lhe dava cada dia:
Vendo-a eu, muitas vezes a alma presa
Em tanta gentileza se sentia;
Crescendo a admiração, logo encontrava
Beleza, que de novo se admirava.

Dizei-me se ao cair da fresca tarde
Sai a gozar do vento que respira,
Quando o maior Planeta menos arde,
Quando aos currais o gado se retira.
Se do seu belo encanto faz alarde,
Sentada à sombra do álamo, onde ouvira
Muitas vezes os ecos de meu pranto,
Nas vozes sentidíssimas do canto.

Dizei-me se inclinando suavemente
Os ouvidos ao toque lisonjeiro,
De algum Pastor escuta a voz cadente,
Que o gado guia desde o crespo oiteiro.
Se alguma compaixão se lhe persente,[294]
Girando os olhos, como no primeiro
Movimento do nosso amor ouvia,
Ou quando olhava, ou quando me atendia.
Porém vós vos calais: Ah! que a distância,
Ninfas do brando Rio, vos impede
Ouvir os tristes ecos de minha ânsia,

Que a mortal agonia tanto excede.
Sem dúvida a ruína da constância,
Que a mim me prometeu, Ninfas, vos pede
Este silêncio. Ah! quanto em uma ausência
Periga a mais segura persistência!

Mas se tanto em vós pode a lei sagrada
Do modesto decoro, e à singeleza
De vossos corações somente agrada
Encobrir as traições dessa beleza,
Minha alma, que nas fráguas abrasada
De tanto ardente amor suspira acesa,
Vingança clamará, dando o segredo
Ao bosque escuro, ao fúnebre arvoredo.

Aqui me escutará esta corrente,
Que despenhada os duros troncos banha:
Ouça-me este penhasco, aonde ausente
Me vejo a lamentar traição tamanha.
Tenha este Rio enfim sempre presente,
Presente sempre tenha esta montanha
De Tisbe ingrata a pérfida memória,
De Alcino amante a lastimosa história.

E aqui desta alta penha
(Que se remonta aos ares), de um amante
Sempre firme e constante,
A quem seu mal despenha,
Da mais infiel Pastora na mudança,
Se recomenda a mísera lembrança;

Sabei, ó rochas duras,
Que de quantas o Céu alenta e cria,
Tão belas como o dia,
Perfeitas criaturas,
Nenhuma é, do que Tisbe, mais formosa,
E nenhuma também mais aleivosa.

Écloga XV

Belisa e Amarílis
Corebo e Palemo

Cor. *Agora, que do alto vem caindo*
A noite aborrecida, e só gostosa
Para quem o seu mal está sentindo;

Repitamos um pouco a trabalhosa
Fadiga do passado, e neste assento
Gozemos desta sombra deleitosa.

O brando respirar do manso vento
Por entre as frescas ramas, a doçura
Desta fonte, que move o passo lento;

A doce quietação dessa espessura,
O silêncio das aves, tudo, Amigo,
Ouvir a nossa mágoa hoje procura.

Principia, Palemo; que eu contigo
À memória trarei quanto deixamos
No sossego feliz do estado antigo.

Que esperas, caro Amigo? Sós estamos;
Bem podemos falar: porque os extremos
De nossa dor só nós testemunhamos.

Pal. *Não vi, depois que o monte discorremos,*
Há tantos anos, sempre atrás do gado,
Noite tão clara como a que hoje temos:

Mas muito estranho ser de teu agrado
Que despertemos inda a cinza fria
Da lembrança do tempo já passado.

Oh! não sei o que pedes: bom seria
Que desse qualquer bem não cobre alento
O estrondo, que talvez adormecia.

Loucura é despertar no pensamento
O fogo extinto já de uma memória:
Não sabes quanto é bárbaro o tormento.[295]

Em nos lembrarmos da perdida glória,
Nada mais conseguimos que ao gemido
Dar novo impulso na passada história.

Não se desperte o mísero ruído,
Que veremos, Amigo, o desengano
De um bem caduco, de um prazer fingido.

Cor. *Debalde é a cautela; que o tirano,*
Contínuo atormentar de uma lembrança,
Não o pode abrandar o esforço humano.

Vê como o teu ardor em vão se cansa;
E quanto mais te negas a meu rogo,
Despertas mais dos fados a mudança.

Buscar no esquecimento o desafogo
É não saber que neste infausto empenho
Se ateia da memória mais o fogo.

Pal. *Diga-o minha alma: porque nela tenho*
Impressa sempre a imagem de uma dita,
Em que firmava o gosto o desempenho.

Recompensa uma dor quase infinita
A grandeza do bem, a minha história
Deixando em vivo sangue n'alma escrita.

Quero estragar mil vezes a memória,
Meu amado Corebo, e a cada instante
Tornar mais viva a imagem de uma glória.

Oh! tirana pensão[296] *de um peito amante!*
Que só fora feliz, se água bebera
(Quando perde o seu bem) do Lete[297] *errante;*

Se na idéia pintada não trouxera
A contínua lembrança de um veneno,
Que Amor dissimulado oferecera.

Ah! que soluço, Amigo, estalo, e peno,
Quando me lembra a hora, em que o tirano
Fado roubou-me estado tão sereno.

COR. *Caminhas, ó Palemo, de teu dano*
Como insensível: vês que não tem modo
Da funesta lembrança o golpe insano.

PAL. *Bem me advertes, Corebo: eu me acomodo*
Ao pensamento teu; e divertida[298]
Fique a memória minha já de todo.

COR. *Ao cântico sonoro te convida*
Esta flauta, que é fama em nós guardada
Que foi de Alfeu um tempo possuída.

PAL. *Eu a tomo, e com ela, se te agrada,*
Alterno o verso; e seja aquele que antes
Cantamos lá na nossa retirada.

COR. *Se me lembra, assim era:* Vinde, errantes
Sombras, a sufocar-nos: porque a inveja
É só fiscal dos míseros amantes.

PAL. Ficai, belas ovelhas: assim seja
Convosco mais propício o duro fado;
Que Pastor mais feliz vos guie e reja.

COR. Aqui te deixo, rústico cajado;
Que algum tempo, apesar do empenho cego,
De ninguém, só de mim, foste logrado.

PAL. Tu, Amarílis, adorado emprego,
Toma conta de duas ovelhinhas,
Que mais que todas amo: eu tas entrego.

COR. Verás, Belisa, entre essas prendas minhas,
Que eu teci junto às margens dessa fonte,
De vime desigual duas cestinhas.

PAL. De ti, que ficas pois, saudoso monte,
Me despeço; e talvez sem esperança
De tornar a ver mais este Horizonte.

Cor. Ficai-vos em pacífica bonança,
Ó Ninfas; que perdido o vosso agrado,
Me ausento a lamentar tanta mudança.

Pal. Adeus, Pastores; vós, que em doce estado,
Tantas vezes nos bailes, na floresta,
Me vistes sempre alegre e sossegado.

Cor. De vós me aparta agora a lei funesta;
E o tormento, a que esta alma está rendida,
Bem o meu sentimento manifesta.

Pal. Hei de trazer na idéia sempre unida
A imagem de Amarílis, que venero,
E que estimo inda mais que a própria vida.

Cor. Alegria jamais nenhuma espero;
Antes nesta saudosa soledade,
Por último remédio a morte quero.

Pal. Adeus, bela Amarílis; a vontade,
Por ser único bem, levo abrasada
Na chama inextinguível da saudade.

Cor. Adeus, Belisa, adeus, Ninfa adorada:
Veja-se neste campo eternamente
A tua formosura celebrada.

Pal. *Basta já de cantar: que do Oriente*
Já rompe o Sol vermelho, e o manso gado
Os balidos esforça de impaciente.

As nuvens vão correndo, e a este lado
O resplendor se vê com que a Aurora[299]
Vai escondendo o rosto magoado.

Das lágrimas saudosas, com que chora,[300]
Se derrama o orvalho; aves e plantas
Despertam, levantando a voz sonora.

Cor. *Eu guiarei o gado, se tu cantas;*
Que prosseguindo tu, de meu tormento
O excesso ao menos e o rigor quebrantas.
Não me negues, se podes, esse alento.

Écloga XVI

Pescadores
Alicuto e Marino

Já vinha a manhã clara
Dourando os Horizontes,
E os empinados montes,
Com a rosada luz que os prateara,
Mostravam na campina
O lírio, o goivo, a rosa, e a bonina.

Nas ondas cintilava
O rosto luminoso,
Com que de Cíntia o Esposo[301]
À pobre terra a clara luz mandava,
Formando um transparente,
Na verde relva, resplendor luzente.

Ambos os Pescadores,
Alicuto e Marino,
A quem o Deus Menino[302]
Ateou na água o fogo dos amores,
As redes recolhiam,
E de bastante peixe o barco enchiam.

A praia procurando
Vinham tão mansamente,
Que nem o mar se sente
Ferido de um, e outro remo brando,
Quando do seu destino
Começou a queixar-se assim Marino.

Alicuto o acompanha
Co'a sonora harmonia,
Que há tempos aprendia
De um Pastor que viera da montanha,
E a seu modo vertendo,
Para a Ninfa do mar ia dizendo.

Mar. *Se assim como a manhã clara, e brilhante*
É da minha adorada o belo rosto,
Como naufraga o peito vacilante,
No incerto mar de um fúnebre desgosto!

Eu vejo que se alegram neste instante,
Cheios de glória, de prazer e gosto,
Este mar, esta praia, esta ribeira:
Só não há cousa que alegrar me queira.

Alic. *Deiopéia adorada, a luz do dia,*
Como funesta nasce a um desgraçado!
Quanto me foi suave a noite fria,
Tanto o rosto da Aurora[303] *me é pesado:*
O silêncio da noite dirigia
O sossego também de meu cuidado,
E apenas foge o horror da sombra escura,
Quando mais viva toco a desventura.

Mar. *Que importa que em contínua sentinela*
Eu ande os crespos mares descobrindo,
Se ingrata sempre a luz da minha estrela
Me vai desses teus olhos dividindo!
O vento, que suave entesa a vela,
A meu ligeiro barco a estrada abrindo,
Solícito me guia a esta praia,
Onde sem ver-te o coração desmaia.

Alic. *Três dias há que giro, amada minha,*
Desesperado nesta mortal ânsia
De ver o prêmio, que guardado tinha
A meu peito fiel tua inconstância.
Outra ventura, outra mercê convinha,
De tanto amor à fatigada instância,
E quando o não mereça na verdade,
Quem há que não te estranhe a falsidade!

Mar. *Abrasadas as ondas deste pego*
Tenho já com meus ais, com meus suspiros;
Ele me escuta; eu, cada vez mais cego,
Acuso a sem-razão de teus retiros.
De meus males, ao passo que o navego,
O peso sente, e se revolve em giros;
E até as brutas penhas mais pesadas
Estão de meu tormento magoadas.

Alic. *Qual o peixe inocente, que enganado*
Bebe no curvo anzol a morte feia,
Sem ver que o Pescador lhe tem armado

Escondida prisão em que se enleia;
Ou qual o navegante, que elevado
No canto está da pérfida Sereia,[304]
E prova sem cautela a morte dura
Entre os penhascos, onde o mar murmura.

Mar. *Qual foge o grande monstro, que o mar cria,*
Do arpão ferido, em sangue o mar banhando,
Quando cuida que escapa à morte fria,
O alento pouco, e pouco vai deixando;
O destro Pescador, que a presa fia
Do agudo ferro, a linha então largando,
Quando de todo já exangue o sente,
O barco chega, e o colhe mais contente.

Alic. *Tal eu, doce inimiga, sem cautela*
Adorava a traição de um falso engano,
Que no teu rosto, ó sempre ingrata e bela,
Soube dissimular Amor tirano;
Acreditando aquela indústria, aquela
Mal escondida imagem de meu dano,
Imaginei que o que era aleivosia,
De um fino, e puro coração nascia.

Mar. *Não de outra sorte a bárbara destreza*
Dessa homicida mão, dessa alma ingrata,
Depois de assegurar minha firmeza,
De mim se ausenta, e com rigor me mata:
Ah! quanto temo, Ninfa, que a fereza
De tua condição, que assim me trata,
Nestas ondas em penha convertida,
Pague o delito de roubar-me a vida!

Alic. *De que serve que eu traga do mar fundo,*
A preço de fadiga tão pesada,
Esta, que em tal excesso estima o mundo,
Rama que fora d'agua é encarnada?
De que serve que lá do mais profundo
Venha ofrecer-te[305] *a pérola engraçada,*
Se encontro sem-razões, iras, rigores?
Se os teus desprezos sempre são maiores?

Mar. *Para trazer-te o peixe delicado,*
No rio escondo as nassas,[306] *Ninfa minha,*
E ao levantar seu peso desejado,
Vejo saltar a truta e a tainha;
Não me fica também no mar salgado
O retorcido búzio e a conchinha,
Que supondo ser cousa que te agrade,
Tudo te vem render minha vontade.

Alic. *Em pensamentos mil eu me desfaço,*
Ao ver traição tão bárbara e tão crua;
Rompo o vestido, o corpo despedaço,
Quando me lembra a falsidade tua;
Loucuras mil, mil desatinos faço,
Sem pejo e sem vergonha; em pele nua
Corro esta praia, giro esta ribeira,
E ninguém há que socorrer me queira.

Mar. *Mas que é isto, Alicuto? O nosso canto*
Quase que vai passando a impaciência.

Alic. *Que há de ser, se o meu mísero quebranto*
Se apodera de mim com tal violência?

Mar. *Mal haja o ter amor que pode tanto.*

Alic. *Mal haja o conhecer uma inclemência.*

Mar. *Que intentar-lhe fugir é desatino.*

Alic. *Que assim o sinto eu, e tu, Marino.*

Mar. *Temos chegado ao porto: larga o remo,*
Salta na praia tu, que eu aqui fico
A ver se vejo a Ninfa por quem gemo,
E a quem as minhas lágrimas dedico.

Alic. *Não fiques não, Marino: porque temo*
Maior mágoa que a dor que sacrifico.
Carreguemos o peixe; que na Aldeia
Talvez estejam Glauce e Deiopéia.

Assim se acomodavam,
E o peixe dividindo
Entre ambos, vão subindo
Um levantado oiteiro a que chegavam,
Deixando entanto posta
No barco a vara, a rede ao Sol exposta.

Écloga XVII

Lise
Laurênio e Lise

Laur. *Aqui tens, minha Lise, o teu vaqueiro,*
Que vem pelo calor do Sol ardente,
A suspirar por ti o dia inteiro.

Com a glória, meu bem, de ter presente
A meus olhos a tua formosura,
Passo de pesaroso a estar contente.

Toda esta noite vi tua figura
Em uma sombra vã, que me fingia
A minha inconsolável desventura.

Só nisto fui feliz: porque te via
Tão branda, tão suave, como aquela
Que a natureza em outra convertia.

Abracei-te, Pastora; e tu, mais bela,
Mais compassiva, ouviste o meu lamento,
Tornando venturosa a minha estrela.

Lis. *Bem puderas, Laurênio, desse intento*
Desvanecer-te já; pois é sabido
Que não posso atender a teu tormento.

Tu conheces mui bem que em meu sentido
Só vive aquela lei, que me sujeita
A não ser livre, como tenho sido.

Laur. *Eu conheço: mas sei que n'alma aceita*
Pode ser a fineza de um serrano,
Que adora uma Pastora tão perfeita.

Se entre os amantes[307] *teus é só Montano*
O ditoso senhor de um tal tesouro,
De que anda entre nós outros tão ufano:

Soprou-lhe a sorte com melhor agouro,
Que o seu gado não foi de mais estima,
Nem o cajado seu de prata, ou ouro.

É um tosco vaqueiro, que de cima
Da serra aqui desceu: nós o alcançamos
Em tempo de Natércia, tua prima.

De bois uma só junta lhe contamos,
Quando entrou neste campo: triste, e pobre,
Aqui fez uma choça entre estes ramos.

Agora o seu rebanho os vales cobre:
Talvez que o fazer mal isso lhe desse,
E que co'alheio bem hoje os seus dobre.

Miserável daquele que os perdesse!
Que ele, só porque é rico, teve a dita
De que tão bela mão teu Pai lhe desse.

Oh! muitas vezes condição maldita
Esta, que fez no mundo diferença
Entre aquele que tem, ou necessita!

LIS. *Laurênio, o meu decoro não dispensa*
Nessa prática tua: a honestidade
Tem a mais leve sombra por ofensa.

Inda que o meu Pastor te não agrade,
Ou seja murmurada a minha sorte,
É sua esta minha alma, esta vontade.

A lei que me prendeu, somente a morte
A pode desatar: culpa o destino,
Que eu tenho sobre mim poder mais forte.

LAUR. *Pois nem sequer, meu bem, meu desatino*
Te chega a merecer uma esperança,
De ser pago algum dia amor tão fino?

LIS. *Não emprendas de mim mais segurança*
Que aquela que te dou: ao Céu protesto
Que em meu obrar não há de haver mudança.

E tu, se me não queres ser molesto,
Deixa de repetir-me essa loucura:
Pois viste o meu desgosto manifesto.

LAUR. *Ó bárbara, ó cruel, ó ímpia, ó dura!*
Que, em vez de agradecer-me, te conspiras
Contra uma alma que amar-te só procura.

Se quem te ama merece as tuas iras,
Quem pode estar seguro desses raios,
Que contra tantos mil, cruel, atiras?

Só quem não vê, nem morre nos ensaios
Do cego Deus de Amor.[308] *Tudo te adora:*
Que em tudo influi Amor os seus desmaios.

Eu só (triste de mim!), eu só, Pastora,
Te adoro mais que todos: que Amor cego
Quis que eu dos tiros seus vítima fora.

Lá desde as verdes margens do Mondego,
Fez Amor que na lira eu me ensaiasse
Para cantar de ti, meu belo emprego.

Mas ah! tirano Amor! quem te arrancasse
Essas asas, com que teu vôo elevas?
Quem arco, aljava, e flechas te quebrasse!

Como é possível, Monstro, que te atrevas
A pôr teu pensamento em tanta altura,
Para cair depois no horror das trevas?

Que bem se diz que vens da massa dura
Do Ródope, ou do Mauro![309] *Que bem creio*
Ignoras, cego Amor, nossa brandura!

Tu me condenas a chorar sem freio
Por aquela que zomba do meu pranto;
Que farta o seu rigor do sangue alheio!

LIS. *Ah! Não, Laurênio, não: não passe a tanto*
Esse ingrato delírio: eu inda espero
Que tenha a tua dor algum quebranto.

A pouco a pouco me entra o golpe fero
A traspassar esta alma; bem que ignoro
Se é piedade, se amor o que pondero.

Verei se sem ofensa do decoro
Posso achar algum modo de pagar-te
Esse suspiro teu, esse teu choro.

Em todo aquele alento, aquela parte,
Que da casta prisão se julgue isenta,
Eu prometo, Laurênio, de estimar-te.
Vai: leva esta esperança, e te contenta.

ÉCLOGA XVIII

FRANCELISA
Menalca e Lícida

LÍC. *Queres, Menalca amigo, que sentados*
Debaixo destes álamos um pouco
Entremos a cantar nossos cuidados?

MEN. *E crês, Lícida meu, que sou tão louco,*
Que me anime a fazer-te companhia
Ao som da minha flauta, que é tão rouco?

Se em outra idade, Amigo, eu o fazia,
Ou Francelisa a flauta me animava,
Ou desculpa nos anos merecia.

LÍC. *Enfada-me o teu modo: eu esperava*
Achar-te, Amigo, menos enfadonho,
Lembrando do que um tempo em nós passava.

MEN. *Queres que torne a entrar naquele sonho*
Da néscia mocidade? Ah! que do inverno
Já um novo retrato em mim componho.

Imito já no branco ao cisne terno:
E daquelas vaidades longe o engano,
Com estas cãs maduras me governo.

Já fiz gala, já fiz alegre, e ufano,
Gosto de jogo e bailes: mas agora
Vivo só de escutar o desengano.

LÍC. *Estou pronto a ouvir-te; inda que fora*
Importuno a meus anos, bem quisera
Ouvir de um velho a música sonora.

Canta o que te agradar; mas considera
Que me alegrara muito se os amores
Da tua Francelisa ouvir pudera.

MEN. *Eu tomo a flauta; e tu, canta os louvores*
Também da tua Nise, que algum dia
Foi adorado emprego dos Pastores.

LÍC. *Já esta alma os suspiros desafia:*
Já entro a perguntar onde encontrar-te
Pode de meus clamores a porfia.

Nise? Nise? Meu bem? Ah! De qual arte
A flauta se afinava, que o lamento
Afável a meu rogo soube achar-te!

Este mesmo suavíssimo instrumento,
Este mesmo entoou aquele canto,
Que tanto foi de teu contentamento.

Na montanha se ouviu, com grande espanto,
A vez primeira que soou, nascida
A branda voz das fráguas de meu pranto.

MEN. *Que direi eu também da despedida*
Que fiz da minha cítara! Ao desprezo
Lançando-a já de todo aborrecida.

O peito, que de amor ardia aceso,
Acudia a emendar o que entoava
Em diversas paixões a um tempo preso.

Que busco, infausta lira?...[310] *já clamava.*
Vem adorada lira...[311] *de outro modo,*
A mesma cantilena já trocava.

Líc. *Ao vale, ao monte, ao bosque, ao campo todo,*
Por Nise só pergunto...

Men. *Na mudança,*
A meu martírio o cântico acomodo.

Líc. *Entro na festa, baile, jogo, ou dança:*
Se não vejo de Nise a gentileza,
Minha alma um só instante não descansa.

Men. *Tanto por Francelisa esta alma preza*
Morrer de puro amor, que o vale, o monte
Assombrados deixou minha fineza.

Testemunha me seja aquela fonte,
Onde estive a chorar toda uma tarde,
Que não me apareceu ali defronte.

Líc. *O incontrastável ímpeto com que arde*
Este meu coração, diga-o Montano,
Que um dia me chamou fraco e cobarde.

Disse-me que não deve um peito humano
Render-se com tal força ao golpe indigno
Com que nas almas fere Amor tirano.

Men. *Foi o primeiro amor: tem o destino*
De cada um forjado aquele laço,
Que obra a seu tempo com rigor maligno.

Pastoras desprezei; pouco embaraço
Achava numa e noutra; escarnecia
Daquele, que acusava a Amor escasso.

Líc. *Vês tu, no despertar da Aurora*[312] *fria,*
O gosto com que os pássaros e as flores
Saúdam docemente o novo dia?

Assim, não de outra sorte, os meus ardores
Ao vê-la tão gentil a cada instante...

MEN. *A cada instante crescem meus amores.*

De um tronco sempre verde e vegetante
Sobre a cortiça dura, em um letreiro,
Ali gravado o nome...

LÍC. *O gado errante,*

Perdido, e sem Pastor, sobre este oiteiro
Mil vezes o deixei: desta montanha
O sabe inda o mais rude pegureiro.

MEN. *Não mais, Lícida; basta: é cousa estranha*
Esta ânsia, que em mim vês; entende, Amigo,
Que está zombando assim quem te acompanha.

LÍC. *Tu zombas, quando eu choro?*

MEN. *Em vão prossigo,*
Lembrando-me de um bem que é já passado:
Leve-o quem tudo o mais levou consigo.

Seja tua esta flauta; este cajado
Toma, Pastor, também; se esta alma queres,
Recebe-a; mas suporta o seu cuidado.

LÍC. *Feliz Menalca, tu, no que proferes;*
Se o tempo já te deve desenganos,
Que eu te acredite, Amigo, não esperes:
A Amor só vence a morte, não os anos.

ÉCLOGA XIX

VIDA DO CAMPO

Ó doce soledade!
Ó pátria do descanso!
Da paz e da concórdia
Grosseira habitação, tosco palácio!

Quantos a meus delírios
Tu ditas desenganos,
Oráculos fazendo
Das árvores, dos troncos, dos penhascos!

Não fere os meus ouvidos
O estrondo cansado,
Que levanta a lisonja,
Junto aos pórticos d'ouro em régio Paço:

A macilenta inveja
Não derrama o contágio
Nas inocentes almas,
Que são de seu furor mísero estrago.

Dos olhos se retira
O objeto sempre ingrato
Dos que suspiram mudos,
Em vez do prêmio, as sem-razões do dano.

Aqui tem a virtude
Erguido o seu teatro,
E nas rústicas cenas
Aqui mostra a pobreza os aparatos.

As mal seguras canas
Que move o vento brando,
Da pobre rede tecem
Ao mísero Pastor o abrigo caro.

Colhida a tenra fruta
Vem de seu próprio ramo
A adornar a choupana,
Em vez dos altos capitéis dourados.

Ó sítio venturoso!
Quanto te invejo, quanto!
Ditoso quem possui
O suave prazer de teu descanso!

Se tu bem alcançaras,
Pastor, um bem tão raro,
Não cessara o teu culto
De consagrar obséquios a teu fado.

Infeliz o que envolto
No tráfego inumano
Da aborrecida corte
Só vê da confusão o rosto infausto.

Imagina do amigo
Seguir os doces laços,
E a torpe aleivosia
Lhe abre o sepulcro onde buscou o amparo.

Se o valimento encontra,
Teme, com justo espanto,
Quanto é grande a subida,
Que o despenho também seja mais alto.

Não há fronte segura
Que enfim dissimulando
Não veja os seus afetos,
Como a flor entre os áspides[313] ingratos.

Ah! mede, Pastor belo,
O bem que alcanças: tanto
Dar-te não pode a corte;
Só pode a soledade deste campo.

Écloga XX

Lira

Aqui deste salgueiro
Pendente ficarás, ó lira minha!
Tu que foste primeiro,
Enquanto a Amor convinha,
Alívio de meus males,
Ferindo os montes, abalando os vales.

De todo já deixada,
Nem sequer nas imagens da memória
Vivirás[314] retratada;
De tanta antiga glória,
Se consultada fores,
As delícias aponta nos horrores.

Será língua eloqüente
A mesma face macilenta: o rosto
De meu mal inclemente,
Pela voz do desgosto,
Com a muda harmonia
Poderá declarar minha agonia.

De Aracne[315] o enredo escuro,
Em ti as débeis linhas estendendo,
Cubra teu centro impuro,
Que, acorde respondendo
Do verso as consonâncias,
Tantas vezes ouviu as minhas ânsias.

Gênio funesto inspire
Sempre em teu dano, e por maior tristeza
De ti não se retire
A fúnebre aspereza
Daquele horror maligno,
Que os passos acompanha a meu destino.

Ludíbrio sejas feio
De todos os Pastores deste monte:
O meu infausto enleio
Teu mudo gesto conte
De um triste e desgraçado
Tosco instrumento, inútil, desprezado.

E se lá quando o dia,
Desmaiando-se o Sol, ao mar se ausenta,
Lá na tarde sombria,
Lisarda, que se ostenta
Destes campos senhora,
Baixar acaso, dando inveja a Flora;[316]

Seu vestígio dourado,
Mais belo do que os goivos e açucenas,
Se inclinar seu cuidado
A este centro de penas,
E aqui te achar pendente,
Triste lira, deixada e descontente;

Quando chegue curiosa,
Sem horror de te ver, ao tronco duro,
A Ninfa mais formosa,
Leia o epitáfio escuro,
Que em fúnebre letreiro
Guardará para sempre este salgueiro.

Breves vozes a história
Explicarão da minha desventura,
Quando empenhe a memória
Desta tão ímpia e dura
Beleza, em vão amada,
Em vão de meus extremos contrastada:

Aqui vivo (este o lema
Que no fúnebre tronco fique escrito)
Para que sempre gema
O tormento infinito
De perder uma ingrata,
Que perjura, e cruel me ofende, e mata.

Epístolas

Epístola I

Alcino a Fileno

A vós, Pastor distante,
Bem que presente sempre na lembrança,
Saúde envia Alcino, que a vingança
Da fortuna inconstante,
Do bárbaro destino,
Chora na própria terra peregrino.

Se a flauta mal cadente
Entoa agora o verso harmonioso,
Sabei, me comunica este saudoso
Influxo a dor veemente,
Não o gênio suave,
Que ouviste já no acento agudo, e grave.

Entorpeceu-se o canto,
E a Musa tristemente enrouquecida
Se viu, depois que a sorte desabrida
Trocou o doce encanto
Das Ninfas do Mondego,[317]
Pelo deste retiro inculto emprego.

Como presente vejo,
Fileno, para estrago da memória,
Aquele doce bem, que a maior glória
Formava a meu desejo!
Como na estampa grata
Da lembrança o perdido se retrata!

Pela margem frondosa
Desse, que corre, vagaroso rio,
Quantas vezes, Pastor, a calma, o frio

Vencemos na gostosa,
Alegre sociedade,
Que alentava do canto a suavidade!

Quantas vezes rompendo
Das claras águas a corrente fria,
Das Ninfas do Mondego a companhia
A ouvir se estava erguendo,
Por entre a espuma bela,
Que uma hora se desfaz, e outra congela!

Quantas vezes parava
A doce Filomena[318] o triste acento,
E do álamo frondoso (enquanto o vento
As folhas meneava)
Os números ouvia,
Que a nossa acorde flauta repetia!

Que mudança importuna
Hoje diverso faz o gênio antigo!
Negando à Musa[319] o generoso abrigo
Da plácida fortuna,
Porque habite uma estância,
Em que só vive a pena, a mágoa, a ânsia!

O gênio antes festivo,
Pronto no baile, jogo, e na floresta,
Quanto se oprime, quanto se molesta
Ao golpe executivo
Do fado, que tem posto
Tanto empenho em tecer o meu desgosto!

O seu giro, ó Fileno,
Não seja em vosso dano assim violento:
Discorra só no bem, no obséquio atento,
Porque no mais ameno
Campo, e entre os Pastores,
Vos consagre Amarílis seus amores.

Não erre o vosso gado,
Qual vaga o meu, sem dono: antes contente
Paste do campo a relva florescente.

O pomo sazonado
Colhei; e na floresta
Tende fortuna mais ditosa que esta.

E se no prado ou monte
Pastor vive, que guarde inda a memória
Da minha triste, lastimosa história,
Dizei-lhe vós que conte
O seu verso canoro
Meu caso triste no silvestre coro.

A minha tosca avena
Sempre há de respirar na atividade
Da, que me arde no peito, ímpia saudade:
E creio, à minha pena,
Se há de ver algum dia
Respirar estes bosques alegria.

Epístola II

Fileno a Algano

Depois, Algano amado,
Que por mais verde, e plácido terreno
Deixaste o sítio ameno,
Onde alegre pascia o manso gado,
Tomou minha saudade
Triste posse no horror da soledade.

De todos os Pastores
Foi mui sentida a tua ausência dura:
Que o bem de uma ventura,
Se se perde, inda os mesmos moradores
Da choça, que os abriga,
Sabem sentir: oh! quanto a dor obriga!

Pouco importa a cultura
E agudeza maior do pensamento:
Que a força do tormento
Sobre a mesma rudeza o estrago apura,
E quem melhor discorre
É quem, buscando alívio, menos morre.

Talvez mais lisonjeia
Esta no meu pesar néscia jactância,[320]
Por ser minha ignorância
Alimento em que a mágoa mais se ateia:
Que a ser mais entendido,
Não fora o meu tormento tão crescido.

Não somente o efeito
De tão ingrato mal em nós sentimos;
Mas, se bem advertimos,
Tudo ao grande pesar ficou sujeito:
Que fez a ausência tua
A saudade em nós razão comua.[321]

O rio, que algum dia
Líquida habitação das Ninfas era,
A cor, que a primavera
Nestes frondosos álamos vestia,
Tudo perde o seu brio:[322]
Não tem o álamo cor, Ninfas o rio.

Não se ouvem já sonoras
(Quando argüindo o adúltero condena),
Queixas da Filomena,[323]
E até do tempo as carregadas horas
Correm mais dilatadas,
E parece que a dor as faz pesadas.

É tudo horror; é tudo
Uma pálida imagem da tristeza.
Habita esta aspereza
O fúnebre silêncio, o assombro mudo:
Que tanto pode, tanto
De tua ausência o mísero quebranto.

Ah! meu Algano caro,
Doce consolação do campo ameno!
O teu triste Fileno
Busca debalde alívio: que o reparo
Da saudade está posto
Na imagem só de teu alegre rosto:

Não só o seu alento,
Porém inda dos campos a alegria,
A clara luz do dia,
Das aves o canoro e doce acento,
E quanto tem mudado
Da tua ausência o desumano estado.

Apressa, apressa o passo,
Com que hoje alegras as regiões do Tejo:
Rompe já o embaraço,
Que se interpõe à vista do desejo:
E possa alegre ver-te,
Algano meu, quem sabe merecer-te.

Epístola III

Daliso a Salício

A vós, Pastor amado,
Que lá do pátrio rio
Nas frescas praias, úmidas ribeiras
(Qual debaixo de um álamo sombrio
Títiro,[324] que abrasado
De Amarílis suspira), as lisonjeiras
Horas lograis, no métrico exercício,[325]
Propício seja o fado, ou impropício;

Saúde vos deseja
E plácido descanso
Daliso, o Pastor triste, cujo emprego
É mal tocada lira e gado manso,
Que nem maligna inveja,
Nem êmula porfia em seu sossego
Altera, atravessando o bosque inculto,
Desde o monte frondoso ao vale oculto.

Aquela harmoniosa,
Nunca no bosque ouvida,
Cítara, que regia o vosso canto,
Com que ativo desejo me convida

À pena mais saudosa!
Se souberas, Salício amado, quanto
Me chega a arrebatar aquele acento,
Duvidareis vós mesmo do tormento.

Então vi sem mentira,
Ou fabuloso engano,
Possível o que Alfemo nos contava
Do amante, que do Averno[326] desumano,
Ao som da acorde lira,
A já perdida esposa[327] resgatava.
O vosso canto, Amigo, se quisera,
O mesmo inferno adormecer pudera.

Não duvidei que houvesse
Acento tão divino,
Que enternecendo o bárbaro pirata
Fiasse todo o bem do seu destino
A um Delfim,[328] que pudesse,
Rompendo as ondas que esse mar desata,
Conduzir de Arion[329] a amada vida,
Sobre os ombros, à praia apetecida.

Tudo possível cria;
Que aquele acorde acento,
Que arrebatando a idéia contemplava,
De vossa voz no doce movimento,
Dar ao mundo podia
Exemplos de prodígio: oh! qual rasgava
Nunca imitado canto o vento leve!
Como o Zéfiro[330] a ouvi-lo se deteve!

Crede-me: eu, suspirando
Mil vezes a ventura
De ver-vos, a um Pastor dessa montanha
Perguntava por vós; e a doce cura
Do desejo buscando
Da notícia, que tinha em nada estranha,
Da que notei, feliz realidade,
Maior motivo achava à saudade.[331]

Quando verei, dizia,
Um Pastor tão amado,
Que no baile, na dança, na carreira,
Ou perseguindo a fera, sempre ao lado
Por companheiro via?
Oh! Queira o brando fado, a sorte queira
Que esta tão larga, tão cruel distância,
Não venha a perverter sua constância.

Hidrópico,[332] meu peito
Sempre ver-vos suspira;
E por lisonja[333] desta ausência dura,
Ao doce e acorde som da vossa lira,
Invoca o terno efeito.
Fazei que eu logre o bem desta ventura,
Enquanto fica com atento aviso,
Para servir-vos, o pastor Daliso.

Epístola IV

Meliso a Salício

Ao duro tronco atado,
O Grego enganador da Ninfa bela,[334]
Ouvindo o som daquela
Consonância do coro levantado,
Foge à ruína, teme o precipício.

Mas se o canto, Salício,
Que alternastes no verso harmonioso,
No golfo perigoso
Das úmidas Deidades[335] se entoara,
Do acorde acento à suavidade rara,
Que alegre cederia
Ulisses aos encantos da harmonia!

Hidrópico,[336] bebendo
A líquida corrente, nunca tanto
Se vê, com o quebranto
Do sol ardente, o gado que descendo
Vem de uma e outra parte da floresta.

Quanto se manifesta
Ansioso o meu desejo, achando agora
A lisonja sonora
Desse canto, Salício, que respira
Tão doce, que por mais que a alma ferira
O impulso harmonioso,
Sempre o meu peito suspirara ansioso.

Oh! ditoso salgueiro
Aquele, Pastor belo, em que pendente
A cítara cadente,
No silêncio me viu por derradeiro,
Enquanto choro a vossa[337] ausência dura!

Quanto maior ventura
É ver da solitária sombra fria
A perdida alegria,
O gosto desmaiado expor brilhante,
Mais risonho esta vez o seu semblante,
Bem como a tenebrosa
Noite, que a luz do Sol faz mais formosa!

Do músico instrumento
O espírito té agora sufocado,
Bebeu mais esforçado
O que respira, harmonioso alento:
Deva-se tanto obséquio à saudade.

De Pã[338] a Divindade,
Que uniu primeiro a cera à débil cana,
Nunca tão soberana
A voz ergueu; nem lá no Idálio[339] monte,
Ao murmurar feliz do Xanto,[340] a fonte
Respirou tão suave,
De Enone[341] bela no tormento grave.

Só vós, Pastor querido,
As sombras desterrando da tristeza,
Podeis lograr a empresa
De sufocar os ecos do gemido,
Com tão acorde, sonoroso excesso!

A tanto bem confesso
Que do campo os prodígios celebrados
Serão mal comparados,
Inda quando a memória os eternize
Pelos troncos das faias, bem que avise
Um e outro letreiro
Qual o segundo foi, qual o primeiro.

Se pois é de Salício
Tão poderosa a voz; se a mão tão destra,
No jogo, na palestra,
Tem a glória maior; se no exercício
Do canto o verde louro ele consegue,

Salício não me negue,
Que desigual a competência fica,
Quando a seguir se aplica
Do mísero Meliso a mal pulsada
Cítara, que é somente acompanhada
De Faunos[342] da espessura,[343]
Não de branca Napéia,[344] ou Ninfa pura.

Turva, e feia, a corrente
Deste ribeiro nosso não habita
Dríada,[345] que repita
Em branda voz o número cadente:
Que tudo nele triste fez o fado.

Ditoso aquele estado
Em que, pobre pastor, me contentava
A terra, que lavrava,
O gado, que a pastar guiava errante
Desta montanha àquela: ah! que inconstante
Fortuna em mim figura
De Melibeu a triste desventura!

Mas eu cuido que vejo
Aquela carregada sombra feia,
De gosto, que recreia,
(Se não mo finge a imagem do desejo),
Ir a face vestindo já mais clara.

Oh! que mudança rara
Estou nesta ribeira contemplando!
Pouco e pouco dourando
Se vai o escuro vale, e o alto monte:
Nova chama ilumina este Horizonte.
Tanto gosto se deve
Do sonoro Salício ao canto leve.

Vivei, ó Pastor grato,
E o vosso campo eternamente seja
Dos Elísios[346] inveja,
Ditosa cópia, plácido retrato
Daquele que o Pastor pisou de Anfriso:[347]
E vivei para glória de Meliso.

Epístola V

Eurilo a Alcido

Recebo, Alcido amado,
O transunto[348] feliz, o delicado,
Numeroso desenho
Do vosso belo, peregrino engenho.
Nele respira aquela suavidade
Com que outro tempo a délfica Deidade,[349]
Pelas ribeiras do saudoso Anfriso,[350]
Tornava todo o monte de improviso,
De Tebaida[351] alegre, Chipre[352] amena,
Centro da mágoa, habitação da pena.

A imagem da saudade retratada
Qual se descobre aos ecos animada
Da vossa acorde lira!
Ali geme, ali chora, ali suspira
O rosto macilento,
Reclinando com brando movimento
Já sobre a mão, já enxugando o pranto,
Que os olhos vertem com mortal quebranto.

Menos suave, menos elegante
Pintou o Português[353] a frágua amante
Em que Vênus dispunha aos Lusitanos

A dourada lisonja dos enganos,
Quando aos olhos descobre a feliz Ilha,
Do mar d'Atlante oculta maravilha.

Mas que muito[354] respire tão ativo
O fogo da saudade executivo,
Se da razão no intrínseco conceito
Bebe a força eficaz do agudo efeito!
É sempre menos dura
A pena, que na rústica cultura
Ao Pastor acompanha,
Na choça, no redil, que aquela estranha
Paixão que segue o cortesão polido,
Na civil sociedade introduzido.

Assim o vosso engenho agudo, e raro
Concebe em grande excesso o estrago avaro
Do saudoso tormento;
Dando-lhe tanto mais crescido alento
Que ao vigor do discurso, ponderada,
É em vós a saudade mais pesada.

Oh! se a guerra implacável que se acende
Por dentro de minha alma, e que se estende
Pelo campo espaçoso da lembrança
Pudera retratar-vos, que mudança
Tão contrária, tão fúnebre, tão dura
Em mim veríeis da fortuna escura!

Aquele aspecto afável da alegria,
Que o coração brotava, quando via
Presente em vós o bem que adora tanto,
Apenas pelas cláusulas do pranto,
Pelas sílabas mudas do gemido,
Hoje publica o fúnebre ruído,
Que ergue a dor nas imagens da memória,
Tentando em sombras a passada glória.

O confuso girar de meu cuidado
Encontro vivamente retratado
Em um baixel vagando, que sem norte
Guia com vária sorte

A onda impetuosa
No golfo Egeu, soprando a tormentosa
Fúria dos ventos, que na estranha guerra
O crespo Eolo[355] no penhasco encerra.

Mas cesse de meu mal aquela ativa,
Tirana agitação, que se deriva
Do tormento fatal da vossa ausência;
Já parece desmaio esta violência,
Quando do vosso espírito suave
A bela produção canora e grave
Enche os ares de acorde melodia,
Que arrebata de todo a fantasia.

Dos nossos fiéis amigos, que a lembrança
Vossa com tão gostoso excesso alcança,
Testemunho a plausível recompensa,
Enviando-vos dum a cópia imensa
Desses de Apolo gratos desperdícios,
Doutro, intérpretes sendo os sacrifícios,
Que repete nas chamas da saudade
A vossa em tudo cândida amizade.

Mas desta, que deixaste tão saudosa
Ribeira em outro tempo venturosa,
Quando animada do sonoro acento
Do vosso acorde, harmônico instrumento,
Como é possível que eu traslade as vozes
Que entre os ais e suspiros mais velozes,
Me estão recomendando a cada instante
As lembranças do seu obséquio amante?

Ela me pede (que discreto rogo!)
Que aquele generoso, ardente fogo,
Em que por vós se abrasa, vos refira;
E que outra vez do vosso plectro e lira
(Por que a pena sufoque, extinga a ânsia)
O toque busque, empenhe a consonância.

Eu o suplico assim, meu caro Alcido,
E a vossos pés rendido
Ofereço a vontade, com que posso
Dizer que sou fiel amigo vosso.

Epístola VI

Sílvio a Algano

Pedis-me, Algano, que do meu destino
O enredo peregrino
Vos conte, desde o dia em que, deixada
A pobre choça, a habitação amada,
Para tão triste mal, tão cruel guerra,
Deixei esta montanha, e aquela serra
Busquei, onde jamais o manso gado
Havia apascentado
Daliso nem Alfemo,
Pastores que nas prendas eu não temo
Que competir-lhes possa
Cousa alguma, a não ser a glória vossa.

Ai! quanto, caro Amigo,
Esta obediência custa! Mas se digo
Que me sufoca a voz o sentimento
De uma ardente paixão, o meu tormento
Só na vossa amizade,
Que a compaixão promete, a atrocidade
Moderar pode de um profundo dano,

Que no íntimo arcano
De meu aflito peito,
Não menos que o respeito,
Amor tem encerrado.

Este Monstro vendado,[356]
Gigante, que sem pôr sobre a grandeza
De um monte o outro monte, a redondeza
Do Olimpo tem prostrado,
E ao soberano Jove despojado
Do raio fulminante;

Este estrago incessante,
A quem valor não basta, nem escudo,
Porque tudo destrói, e estraga tudo,
Sendo a sua impiedade
Verdugo infiel da pobre liberdade;

E o mísero alvedrio,
Perdida a glória, despojado o brio,
Serve de ornar com precipício infausto
De seu triunfante carro o ardente fausto;

Naquele dia, Algano, em que apartada
Do rebanho a melhor, a mais amada,
Branca, e tenra ovelhinha,
Solícito me tinha,
Levou-me o Monstro cego,
Desde as úmidas margens do Mondego,
Habitação gostosa,
Ou já pela corrente deliciosa,
Ou pela verde sombra dos salgueiros,

Por ásperos oiteiros
Levou-me o Monstro cego. Entenderias
A cada instante, Algano,
Vendo iminente o dano
E a face da ruína tão presente,
Que aquele escuro sítio era somente
Ou de enigmas depósito sombrio,
Ou túmulo fatal do sono frio.

Ali não florescia o lírio brando,
Nem ovelha pastando
Ali se divisava;
De estéril produção da pedra brava
A terra se cobria.
Um risco, e outro risco discorria
Assim o meu cuidado,
E Amor já tão ligado
A seu carro fatal me tinha, que, indo
A noite as asas sobre o monte abrindo,
Da sombra carregada
Nada me acobardava: porque nada
Poder tão raro tinha, e tão ativo,
Como de Amor o raio executivo.

Depois enfim que a Aurora[357]
Foi acendendo a tocha brilhadora
Do luminoso Febo,[358]
Diviso de Corebo

O campo dilatado;
Corebo, esse Pastor tão nomeado,
Não só pela riqueza,
Mas inda pela graça e gentileza
Das Ninfas e Pastoras,
De sítio tão feliz habitadoras.

Pelo prado e floresta,
Cada uma tão gentil se manifesta,
Que não há fresca rosa
Que possa competir-lhes por formosa.

Cobertas andam todas de um pelico[359]
Mais cândido e mais rico
Que a pele de um arminho esbranquiçado:
Por um e outro lado
Tecem as flores belas,
Qual mostra o firmamento áureas estrelas.

Porém maior espanto
É ver o cajadinho, que com tanto
Capricho vão movendo;
Ora sobre ele tendo
A branca mão, ora encostando a face,
Em que Amor era força se abrasasse.

Ovelhas vêm guiando,
E em vário som cantando
Os míseros amores
De Ninfas e Pastores,
Que naquela floresta
Viu a sorte funesta,
Ou o soberbo fado,
Em venturoso, ou infeliz estado.

Não há Ninfa mimosa,
A quem de Amor a seta venenosa
Não penetrasse o peito.
De Corebo o respeito
A todas sufocava:
Cada uma o que sentia mais calava,

Porque o Pastor tirano,[360]
Por zelo ou crueldade (ai! caro Algano!)
A todas tinha posto
Violenta escravidão na lei do gosto.

Daliso desterrado
Gemia a infausta pena de um cuidado,
Que para o sentimento
Vivo tem na memória o seu tormento;
Anfriso sem ventura
Suspirava a perdida formosura
Em cárcere cruel, que em dura pena
Corebo, o pastor bárbaro, lhe ordena,
Imaginando ser culpa, que infama,
Arder de Amor na venturosa chama.

Eu, que os exemplos via
De tanto estrago e tanta tirania,
Em Galatéia[361] pondo o pensamento,
Adorava por glória o meu tormento.

Tão bela era a Pastora, que somente
Ela fazia o campo estar contente.
Nos seus olhos Amor depositava
Um veneno tão doce, que, se olhava,
Atrás do seu ligeiro movimento,
Levava os corações e o pensamento.

Porém já de meu peito terno e brando
A dor fera e cruel me está chamando
A que, Algano, vos conte
Os suspiros que ao céu, ao vale, ao monte,
Inutilmente dados,
Foram da ingrata Ninfa desprezados.

A ânsia continuava,
Prosseguia o gemido, não cessava
Meu excessivo pranto:
Mas a dispêndio tanto,
Compravam meus ardores
Ingratas sem-razões, duros rigores.

Um mês quase corria,
E esperanças de um dia, e outro dia
Guiavam meu desvelo
Atrás do seu rigor, só por vencê-lo.
Ah! quem vozes tivera,
Algano meu, que referir pudera
Qual foi o excesso então daquele dia,
Quando cedendo à força da porfia
De um coração, que entre rigores arde,
Intérpretes seus olhos numa tarde,
Fez de não sei que incógnita piedade,
Que recatava menos a vontade!

Desde então... mas que emprendo!
Logo Amor aleivoso um golpe horrendo
Contra mim fulminou, roubando a glória
De tão alta vitória:
De Corebo à notícia,
Fez que chegasse o júbilo, a delícia
Que provava minha alma. O Pastor fero,
Mais cruel, mais severo,
A pena repartindo
Entre dous corações, ao gesto lindo
Da Ninfa mais mimosa
Ordena uma tristeza rigorosa;
E a mim, por maior pena,
Um desterro duríssimo me ordena.

Deixei-a desmaiada,
Triste, desconsolada,
Seu riso convertido em vivo pranto:
E eu (triste de mim!) martírio tanto
Suporto neste fúnebre retiro,
Que a meus ais, a meu pranto, a meu suspiro,
Enterneço os rochedos,
Movo as feras, os troncos e os penedos.
Quem me dissera, Algano,
Que o fado desumano,
Fingindo-se propício,
Me encaminhava a tanto precipício!

E já que foi tão duro,
Que com rosto perjuro
Me pôde conceder um breve instante
De alegria, e de gosto ao peito amante,
Que causa teve o fado
Para me não levar trás meu cuidado,
Conspirando a fereza
De Corebo cruel contra a firmeza
De minha adoração, deixando afável
Do golpe inexorável
Da Parca[362] enfurecida,
Extinto o meu amor na minha vida?

Mas ah! Que em não matar-me,
O fado mais cruel se quis mostrar-me:
Assim mais se acredita
A fúria que meu peito debilita:
Pois louco e delirante
Vivo sempre em tormento. Astro inconstante,
Maligno, desigual, sempre em meu dano
(Ai, caríssimo Algano!)
Ordenará que eu seja
Vítima do rigor, e mais da inveja.

Romances[363]

Romance I

Lise

Pescadores do Mondego,
Que girais por essa praia,
Se vós enganais o peixe,
Também Lise vos engana.

Vós ambos sois pescadores;
Mas com diferença tanta,
Vós ao peixe armais com redes,
Ela co'os olhos vos arma.

Vós rompeis o mar ondoso,[364]
Para assegurar a caça;
Ela aqui no porto espera,
Para lograr a filada.[365]

Vós dissimulais o enredo,
Fingindo no anzol a traça;[366]
Ela vos expõe patentes
As redes, com que vos mata.

Vós perdeis a noite, e dia,
Em contínua vigilância;
Ela em um só breve instante
Consegue a presa mais alta.

Guardai-vos pois, Pescadores,
Dos olhos dessa tirana;
Que para troféus de Lise,
Despojos de Alcemo bastam.

Enquanto as ondas ligeiras
Desta corrente tão clara
Inundarem mansamente
Estes álamos, que banham;

Eu espero que a memória
O conserve nestas águas,
Por padrão dos desenganos,
Por triunfo de uma ingrata.

E na frondosa ribeira
Deste rio, triste a alma
Girará sempre avisando
Quem lhe soube ser tão falsa.

Romance II

Antandra

Pastora do branco arminho,
Não me sejas tão ingrata:
Que quem veste de inocente
Não se emprega em matar almas.

Deixa o gado, que conduzes,
Não o guies à montanha:
Porque em poder de uma fera,
Não pode haver segurança.

Mas ah! Que o teu privilégio
É louco quem não repara:
Pois suavizando o martírio,
Obrigas mais do que matas.

Eu fugirei, eu, Pastora,
Tomarei somente as armas;
E hão de conspirar comigo
Todo o campo, toda a praia.

Tenras ovelhas,
Fugi de Antandra;
Que é flor fingida,
Que áspides cria, que venenos guarda.

Romance III

Altéia

Aquele Pastor amante,
Que nas úmidas ribeiras
Deste cristalino rio
Guiava as brancas ovelhas;

Aquele, que vezes muitas,
Afinando a doce avena,[367]
Parou as ligeiras águas,
Moveu as bárbaras penhas;

Sobre uma rocha sentado
Caladamente se queixa:
Que para formar as vozes,
Teme que o ar as perceba.

Os olhos levanta, e busca
Desde o tosco assento aquela
Distância, aonde discorro
Que tem a origem da pena:

E depois que esmorecidos
Da dor os olhos, na imensa
Explicação do tormento,
Sufocada a luz, se cegam;

Só às lágrimas recorre,
Deixando-se ouvir apenas
Daquelas árvores mudas,
Daquela mimosa relva.

Com torpe aborrecimento,
A companhia despreza
Dos Pastores, e das Ninfas;
Nada quer; tudo o molesta.

Erguido sobre o penhasco
Já vê se é grande a eminência:
Porque busque o fim da vida,
Na violência de uma queda.

Já louco se precipita,
E já se suspende: a mesma
Apetência do tormento
Maior tormento lhe ordena.

Pastores, vede a Daliso;
Vede o estado qual seja
De um Pastor, que em outro tempo
Glória destes montes era.

Vede como, sem cuidado,
Pastar pelos montes deixa
As ovelhas ofrecidas[368]
Às iras de qualquer fera.

Vede como desta rama,
Que fúnebre está, suspensa
Deixou a lira, que há pouco
Pulsava pela floresta.

Vede como já não gosta
Da barra, dança, e carreira;
E ao pastoril exercício
De todo já se rebela.

Segundo o vulto, que neste
Rústico penedo ostenta,
Cuido que o fizeram louco
Desprezos da bela Altéia.

Romance IV

Anarda

Aonde levas, Pastora,
Essas tenras ovelhinhas?
Que para seu mal lhes basta
O seres tu quem as guia.

Acaso vão para o vale,
Ou para a serra vizinha?
Vão acaso para o monte,
Que lá mais distante fica?

Vão por ventura, Pastora,
A beber as cristalinas,
Doces águas que discorrem
Por entre essas verdes silvas?

Ah! Quem sabe, triste gado,
Onde a maior homicida
Dos corações, e das almas,
Convosco agora caminha!

Presumir que cuidadosa
Vos conduz à serra altiva,
Imaginar que à ribeira
Vos vais levando propícia,

Não o posso, não o posso,
Quando a conjectura avisa
Que mal as ovelhas guarda
Quem as almas traz perdidas.

Porém se a vossa ventura
De mais nobre se acredita,
Se podeis vencer de Anarda
A condição sempre esquiva;

Ela vos conduza: os passos
Segui da minha inimiga,
Enquanto para cantá-la
Meu instrumento se afina.

Mais que Títiro suave,[369]
Aqui sentado à sombria
Copa desta verde faia,
Chorarei as penas minhas.

Farei com que soe o bosque
A seu nome: esta campina,
Vereis como só de Anarda
A doce glória respira.

Essas árvores e troncos,
Concorrendo à harmonia
Do meu canto, Orfeu, nos vales,
Cuidarão que ressuscita.

Eu repetirei contente
A cantilena, que tinha
Com Alcimedon composto,
Quando no monte vivia.

Direi aquelas cadências
Que à casca de uma cortiça
Encomendou meu cuidado,
De meu sangue com a tinta.

Pastora (se bem me lembra,
Assim meu verso dizia),
Mais branca que a mesma neve,
Mais bela do que a bonina,

Eu sou quem estas ribeiras,
Sou quem estes campos pisa,
Atrás de uma alma que roubas,
Tão presa como rendida.

Não te peço que ma entregues,
Porque quem ta sacrifica
De seu voluntário culto
Faz a ostentação mais fina:

Quero só que ma não deixes,
Que a não desampares, inda
Quando do Letes[370] *saudoso*
Vires a margem sombria.

Mais seguro e mais constante
Que aquela mimosa Ninfa,[371]
Que no côncavo das penhas,
Por lei do destino, habita.

Eco serei destas rochas,
Aonde os clamores firam
Dos corações que se queixam,
Das almas que se lastimam.

Assim, cândidas ovelhas,
Assim clamarei: sozinhas,
Correi embora contentes
O vale, o monte, a campina.

À Lira Desprezo

I

Que busco, infausta Lira,[372]
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto,
Alívio me não dás?
A alma que suspira,
Já foge de escutar-te:
Que tu também és parte
De meu saudoso mal.

II

Tu foste (eu não o nego),
Tu foste em outra idade
Aquela suavidade
Que Amor soube adorar;
De meu perdido emprego,
Tu foste o engano amado:
Deixou-me o meu cuidado,
Também te hei de deixar.

III

Ah! De minha ânsia ardente,
Perdeste o caro império:
Que já noutro hemisfério
Me vejo respirar.
O peito já não sente
Aquele ardor antigo:
Porque outro norte sigo
Que fino Amor me dá.

À LIRA PALINÓDIA

I

Vem, adorada Lira,[373]
Inspira-me o teu canto;
Só tu, a impulso tanto,
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira,
Pois chega a escutar-te:
De todo, ou já em parte,
Vai-se ausentando o mal.

II

Não cuides que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar.
Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado,
Amando o meu cuidado,
Jamais te hei de deixar.

III

Vê de meu fogo ardente
Qual é o ativo império:
Que em todo este hemisfério
Se atende respirar.
O coração, que sente
Aquele incêndio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

IV

Amei-te (eu o confesso),
E fosse noite, ou dia,
Jamais tua harmonia
Me viste abandonar.
Qualquer penoso excesso
Que atormentasse esta alma,
A teu obséquio em calma
Eu pude serenar.

V

Ah! Quantas vezes, quantas,
Do sono despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar!
Só tu (disse) *me encantas,*
Tu só, belo instrumento,
Tu és o meu alento,
Tu o meu bem serás.

VI

Vai-te que já não quero
Que devas a meu peito
Aquele doce efeito,
Que me deveste já.
Contigo já mais fero,
Só trato de quebrar-te:
Também hás de ter parte
No estrago de meu mal.

VII

Não saberás desta alma
Segredos que sabias,
Naqueles doces dias,
Que Amor soube alentar.
Se aquela ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha desventura
Também naufragarás.

IV

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Jamais essa harmonia
Espero abandonar.
Não há de a tanto excesso,
Não há de, não, minha alma,
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.

V

Ah! Quantas ânsias, quantas,
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho a temperar!
No gosto em que me encantas,
Suavíssimo instrumento,
Em ti só busco o alento,
Que eterno me serás.

VI

Contigo partir quero
As mágoas de meu peito;
Quanto diverso efeito
Do que provaste já!
Não cuides que sou fero,
Porque já quis quebrar-te:
No meu delírio em parte
Desculpa tem meu mal.

VII

Se tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Contigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jamais naufragarás.

VIII

Nise, que a cada instante
Teus números ouvia,
Ou fosse noite, ou dia,
Jamais não te ouvirá.
Cansado o peito amante,
Somente ao desengano,
O culto soberano
Pertende tributar.

IX

De todo enfim deixada
No horror deste arvoredo,
Em ti seu tosco enredo
Aracne tecerá.
Em paz se fique a amada,
Por quem teu canto inspiras,
E tu, que a paz me tiras,
Também te fica em paz.

Fileno a Nise

Despedida de
Glauceste Satúrnio[374]
Pastor Árcade, Romano, Ultramarino

I

Adeus, Ídolo amado,[375]
Adeus, que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver jamais.
Sei que é tormento ingrato,
Deixar teu fino trato:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

VIII

Clamar a cada instante
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.
Bem que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

IX

Não temas que deixada
Te ocupe este arvoredo,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá.
Conhece, ó Lira amada,
O afeto que me inspiras;
Na mesma paz que tiras,
Me dás a melhor paz.

Nise a Fileno

Resposta de
Eureste Fenício
Pastor Árcade, Romano, Ultramarino

I

Em vão, Fileno amado,
Acusas teu destino,
Se foges peregrino,
Por me não ver jamais.
Viste-me, falso, ingrato,
Presa a teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

II

Tu ficas; eu me ausento;
E nesta despedida,
Se não se acaba a vida,
É só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Alívio é só o pranto:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

III

Quantas memórias, quantas,
Agora despertando,
Me vêm acompanhando,
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

IV

Girando esta montanha,
Os sítios estou vendo,
Aonde Amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me ocorre a fonte,
Ali me lembra o monte:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

V

Sentado junto ao rio,
Me lembro, fiel Pastora,
Daquela feliz hora,
Que n'alma impressa está.

II

Dizias: "eu me ausento".
Foi esta a despedida,
Que toda a minha vida
Me há de fazer penar.
Entre martírio tanto
Eu me desfiz em pranto:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

III

Oh! quantas vezes, quantas,
Do sono despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!
Não há esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

IV

No prado e na montanha,
Saudosa hoje estou vendo
O engano, que tecendo
A minha idéia está.
Baixei contigo à fonte;
Subi contigo ao monte:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

V

Ao som do manso rio,
Nise, fiel Pastora,
Chorando a toda hora
A tua ausência está.

Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

VI

De Fílis, de Lisarda,
Aqui entre desvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

VII

Aqui colhendo flores,
Mimosa a Ninfa cara,
Um ramo me prepara,
Talvez por me agradar.
Anarda ali se agasta,
Daliso aqui se afasta:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

VIII

Tudo isto na memória
(Oh! bárbara crueldade!),
À força da saudade,
Amor me pinta já.
Rendido desfaleço
De tanta dor no excesso:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

Aflita neste estado
Acuso o Céu irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VI

Nem Fílis, nem Lisarda,
Que foram teus desvelos,
Me podem já dar zelos,
Nem já me fazem mal.
Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VII

Fileno as belas flores
A Nise amada, e cara,
Já agora não prepara;
Já não quer agradar.
Comigo Amor se agasta;
O meu Pastor se afasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VIII

Conservo na memória
A tua crueldade;
Nem sei como a saudade
Me não tem morta já.
Mas ah! que desfaleço,
Chorando em tal excesso:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

IX

O mais, que aumenta a mágoa,
É ter sempre o receio
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços...
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

X

Por onde quer que gires,
Desta alma, que te adora,
Ah! lembra-te, Pastora,
Que já te soube amar.
Verás em meu tormento
Perpétuo sentimento:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

XI

Lá desde o meu desterro,
Verás que esta corrente
Te vem fazer presente
A ânsia de meu mal.
Verás que em meu retiro
Só gemo, só suspiro:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

XII

As Ninfas que se escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.

IX

Crescendo a minha mágoa,
Se aumenta o meu receio,
Que entregue a novo enleio
Talvez te encontrará.
Que vezes nos meu braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

X

Por mais que ausente gires
De Nise, que te adora,
Não hás de achar Pastora
Que mais te saiba amar.
Vê bem a que tormento
Me obriga o sentimento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XI

Aqui posta em desterro,
Ao som desta corrente,
Sempre terei presente
A causa de meu mal.
E tu nesse retiro
Desprezas meu suspiro:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XII

Até de mim se escondem
As Ninfas no seu seio;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.

No bem desta lembrança,
Alívio a alma alcança:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

XIII

Ah! Deva-te meu pranto,
Em tão fatal delírio,
Que pagues meu martírio
Em prêmio de amor tal.
Mereça um mal sem cura
Lograr esta ventura:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

XIV

E se por fim, Pastora,
Duvidas de minha ânsia,
Se em ti não há constância,
Minha alma o vingará.
Farei que o Céu se abrande
Aos ais de uma ânsia grande:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

XV

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás... Ah! belo emprego!
Não temas; eu sossego:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

E nem esta lembrança
Sequer minha alma alcança:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XIII

Conheço que o meu pranto
Passou a ser delírio:
Pois meu cruel martírio
Chega a extremo tal.
Mas como há de ter cura,
Quem nasce sem ventura!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XIV

Talvez outra Pastora,
Zombando de tua ânsia,
Da falta de constância
Em ti me vingará.
Mal feito que se abrande,
Vendo rigor tão grande:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XV

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Jamais te hei de deixar.
E tu... ah! louco emprego
De quem não tem sossego!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

CANZONETTE[376]

IL PASTORE A NICE

Canzonetta di
Glauceste Saturnio
Pastore Arcade, Romano, Ultramarino

I

Dove, mia Nice, dove,[377]
Dove trovarti spero
Nel lido, a cui straniero
Mi trasse ingrato Amor!
Chiedendo ai tronchi, ai sassi,
In vano io volgo i passi:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

II

Il fior veggo nel prato;
E negli affanni miei,
Ah! Quest', io dico (o Dei!),
Nice sarà talor.
Le tue pupille belle,
Credo che son le stelle:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

Canzonette

Nice a il Pastore

Risposta di
Ninfejo Calistide
Pastore Arcade, Romano, Ultramarino

I

Addio, Pastor. Ma dove
Così lontan ti spero;
Se fuor di me straniero
Tu vai fuggindo amor!
Addio. Io piango ai sassi,
Men sordi, che i tuoi passi.
Ah! Che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

II

Al bosco, al monte, al prato,
Spargo i sospiri miei;
E in vano spargo (o Dei!)
I miei sospir talor.
Veggo le sfere belle;
Non veggo le mie stelle:
Ah! che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

III

Del monte alla foresta
Mal cieco Amor mi guida,
Dove più dolce arrida
Il Cielo al mio dolor.
Vola di pianta in pianta
L'augel, che scherza, e canta:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

IV

Nel mio sospiro amante
Altro il dolor non dice,
Che dove, dov'è Nice,
Che non la trovo ancor!
Eco, ch'il sasso asconde,
Per lei nepur risponde:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

V

Tutto per me s'oscura,
La terra, il mare, il Cielo,
Il sangue è freddo gelo;
Tutto mi fà terror.
Nessuno a dolor tanto
Sa trattenermi'l pianto:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

VI

Il tenero mio voto
Grato, mio ben, ti sia:
Tu puoi col alma mia
Far più superbo Amor.

III

La greggia alla foresta
Non guido, né mi guida;
Nepure il fiore arrida:
Che tutto ha il mio dolor.
Mustia si fé la pianta;
Mai più l'augel non canta:
Ah! che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

IV

Torna, spietato amante,
Torna: mal il cor mi dice,
Che tu lasciasti Nice,
Che te scordasti ancor.
Perchè, crudel t'ascondi?
Perchè non mi rispondi?
Ah! che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

V

Non temo l'onda oscura,
Non temo il mare, il Cielo:
Per te, mio ben, mi gelo;
Per te sento terror.
Vedi che a dolor tanto
Mi sto sfogando in pianto:
Ah! che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

VI

Non olvidar quel voto;
Presente ognor ti sia:
Ah! Si. Dell'alma mia
Tu fosti'l solo amor.

Tu puoi... ma sudo in vano
Nel culto, in cui m'affanno:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

VII

Or mi rammento, o cara,
Di quel felice stato,
Che dolce, innamorato,
M'accolse il tuo favor.
Di tanti beni, e tanti
Or nascono i miei pianti:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

VIII

Chi sa, qual altro amante,
Chi sa, qual più felice,
Della mia bella Nice
S'accenda allo splendor!
Dei miei crudi sospetti
Non veggo i mesti oggetti:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

IX

Chi sa dove s'annida,
Nel mar, nel cielo, o terra!
Chi sa dove se serra
Quel candido tesor!
Per lei (crudel tormento!)
Per lei morir mi sento:
E solo sento (o Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

Tu fosti... io fuggo in vano
Il duolo, in cui m'affanno:
Ah! Che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

VII

Non olvidar che cara
Ti fui nel dolce stato,
Che fido, innamorato,
T'accolse il mio favor.
Di tanti amori, e tanti,
Son premio questi pianti:
Ah! che nel dirti addio,
Già non è mio
Il cor!

VIII

Chi sa, tiranno amante,
Se alla rival felice,
L'abbandonata Nice
Invidia il suo splendor!
Chi sa, se i miei sospetti
Tardano i cari oggetti!
Ah! che nel dirti addio,
Già non é mio
Il cor!

IX

Farò, se pur s'annida
L'indegna in Cielo, o in terra,
Se il mio tesoro serra,
Mi renda il mio tesor.
Farò... crudel tormento,
Per cui morir mi sento!
Farò... ma come (o Dio!)
Se non è mio
Il cor!

Nice

I

Ah ch'io mi sento
D'Amor ferito!
Non sono ardito,
Parlar non so.
Mi vinse Amore
Crudo, tiranno;
Per questo affanno
Valor non ho.
Nice crudele,
Tu sei l'ardore
Ch'inspira Amore
Entro il mio cor.

II

Lascia ch'io solo,
Nel mio martire,
Vada a morire
Senza pietà.
Amor lo chiede,
Chiedelo il mio
Crudel desio
Di più penar.
Tu non sai, Nice,
Qual sia il vanto,
Che nel mio pianto
Amor mi dà.

III

Folle chi crede
Trovar fermezza
Nella crudezza
D'una beltà.

Or da sé scaccia,
Or a sé chiama,
Altro non brama,
Che'l variar.
Lo so per prova:
Tu, Nice bella,
Tu sol sei quella
Ch'instrutto m'ha.

IV

Ombra onorata
Della mia face,
Lasciami in pace,
S'ai pur pietà.
Io riconosco
Il tuo sembiante:
Ei pur amante
Nell'alma sta.
Ah qual m'accusi!
Qual mi condanni!
Mi fan gl'affanni
Già delirar.

Cantatas[378]

Cantata I

O Pastor Divino[379]

Fé, Esperança

Fé
Onde, Enigma adorado,
Onde guias perplexo,
Confuso e pensativo
Da minha idéia o vacilante curso?

Esp.
Que sombras, que portentos
Encobres a meus olhos,
Ó ignorado arcano,
Que lá dessa distância
Inspiras de teu raio o esforço ativo?

Fé
Eu vejo que rompendo
Da noite o manto escuro
Vem cintilando a chama
Que sobre o mundo todo a luz derrama.

Esp.
Eu vejo que do Oriente
A luminosa estrela,
Que os passos encaminha,
Quase a buscar a terra se avizinha.

CORO

Chegai, Pastores,
Vinde contentes;
Que o novo Sol
Já resplendece.[380]
Oh! que glória, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

Fé *É esta a flor mimosa,*
Que da Vara bendita,
Venturosa, jucunda,[381]
Da raiz de Jessé brota fecunda!

Esp. *É este o Pastor belo,*
Que o rebanho espalhado
Vem acaso buscar! É este aquele,
Que por montes, e vales,
Conduz a tenra Ovelha,
E mais que a própria vida,
Ama o rebanho seu! É este aquele
Que as ovelhas conhece, e a seu preceito,
Obedecendo belas,
Também o seu Pastor conhecem elas!

Fé *Eu o tinha alcançado,*
De enigmáticas sombras na figura,
Unigênito Filho
Do Eterno Criador. O Filho amado
De Abrão[382] *o testifica:*

Esp. *Jacó o compreende, Abel o explica.*

Ambas *Brandas Ninfas, que no centro*
Habitais dessa corrente,
Vinde ao novo Sol nascente
Vosso obséquio tributar.

Fé *Já do monte descendo*
Vem o pobre Pastor: de brancas flores,
Ou já grinaldas, ou coroas tece,
E ao novo Deus contente as oferece.

Esp. *Já de lírios e rosas,*
Pela glória que alcança,
Animada a Esperança se coroa,
E alegres hinos de prazer entoa.

CORO

Chegai, Pastores,
Vinde contentes;
Que o novo Sol

Já resplendece.
Oh! que glória, que dita, que gosto
Nesses campos se vê respirar!

Fé *Aquele tenro*
Cordeiro amado,
Sacrificado
Por nosso amor,

Esp. *Sobre seus ombros*
Conduz aceso
O duro peso
Do pecador.

Fé *Nascido Infante*
Ao mundo aflito
Nosso delito
Paga em amor.

Esp. *Oh! recompensa*
Do bem perdido!
Oh! do gemido
Prêmio maior!

Ambas *Vem pastor belo,*
Vem a meus braços,
Vem, que teus passos
Seguindo vou.

Fé *Mas ah! Que de prazer e de alegria*
Respirar posso apenas. Todo o campo
Florescente se vê. Estão cobertos
Os claros Horizontes
De nova luz, de novo Sol os montes.

Esp. *Melhor luz não espere*
Ver o mundo jamais. Concorram todos
A este luminoso
Assento, aonde habita
Aquele Sol, que a vida ressuscita.

Fé *Vem, Sol peregrino,*
De nós suspirado;

Esp. *Vem, Filho adorado*
De Deus imortal.

CORO

Chegai, Pastores,
Vinde contentes,
Que o novo Sol
Já resplendece.
Oh! que glória, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

Cantata II

La ss. Vergine

Oh degli Astri, e del Ciel Regina Augusta!
Tu, ch'al mondo cadente
La salute portasti, ed il sacrato,
Antidoto felice della colpa,
Nel tuo seno di grazie il più fecondo;
Tu, che donasti al mondo
Quell'adorato Figlio,
Che a pro di noi vestì l'umana spoglia;
Quello, che vendicò l'infausta doglia,
Che l'inesperto Adamo
Comune a noi senza ristoro piange,
Tu sei quella, ch'io chiamo,
Bella Madre d'Amor, ma d'Amor degno,
De sì gran Madre venturoso pegno.

Io t'adoro, io t'amo, o cara,
Sacra Vergine, ch'il Cielo
Dona a noi, involta in velo,
Di Colomba, che innocente
L'ali spiega, al Ciel s'en va.

Così dolce, amante Sposo
Le sue braccia apre in un giorno:
Vieni, dice, o mio soggiorno,
Tu, che porti ogni beltà.

Cantata III

Galatéia
Galatéia, Acis[383]

Acis
Galatéia adorada,
Mais cândida, e mais bela,
Que a neve congelada,
Que a clara luz da matutina estrela;
Mais do que o Sol formosa;
Não digo lírio já, não digo rosa.

Gal.
Acis idolatrado,
Pastor mais peregrino
Que quanto ostenta o prado,
Quanto banha d'Aurora o humor divino,
Pois junto às tuas cores
Não tem o prado cor, não têm as flores.[384]

Acis
Acis é quem saudoso
Corre desta ribeira
Todo o campo espaçoso,
Buscando, ó bela Ninfa, a lisonjeira,
Doce vista, que tanto
De Amor ateia o suspirado encanto.

Gal.
Desde o azul império,
Que rege o áureo Tridente,[385]
Por todo este hemisfério,
Galatéia te busca impaciente,
E amante nos seus braços
Te prepara de amor gostosos laços.

Acis
Vem ouvir-me um instante,
Que em mim tudo é ternura.
Do bárbaro Gigante[386]
Não temas, não, a pálida figura:
Que o tem seu triste fado,
Tanto como infeliz, desenganado.

Vem, ó Ninfa ditosa,
Vem, vem;
Que em ti Amor guarda
Todo o meu bem.

Gal. *Oh! Firam teus ouvidos*
Meus saudosos clamores;
Mereçam meus gemidos
Mover a sem-razão dos teus rigores,
Já que tão docemente
Sempre ao meu coração estás presente.

Vem, ó Pastor querido,
Vem, vem;
Que em ti Amor guarda
Todo o meu bem.

Cantata IV

Lise
Sobre a Cantata antecedente

Na sorte, Lise amada,
Do mísero Gigante,
Que triste de meu fado se traslada
O fúnebre semblante!
Ao ver a cópia do Ciclope infausto,
Respiram de meu peito iguais ardores.
Os zelosos furores
Que dentro n'alma sinto,
Como em lâmina triste escrevo, e pinto.
Zeloso ele, e eu zeloso,
Ambos sentimos um igual extremo.
Mais ai! fado aleivoso!
Que infeliz, inda mais que Polifemo,
Me queixo. Ele a ocasião de seu ciúme
Sufoca, estraga, desalenta, e mata;
E eu de uma alma ingrata
Sinto o desprezo, e não extingo o lume,
Pois sempre desprezado,
Vivo aflito, infeliz, desesperado.

Se em mim, pois, se em Polifemo
Influiu a mesma estrela,
Aqui tens, ó Lise bela,
Uma cópia de meu mal.

Mas ai! Lise! Quanto sinto!
Bem que nesta cópia o pinto,
Nada iguala o original!

Cantata V

Nise

Não vejas, Nise Amada,
A tua gentileza
No cristal dessa fonte. Ela te engana:
Pois retrata o suave,
E encobre o rigoroso. Os olhos belos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tirana, em mil pedaços feito
Gemer um coração; verás uma alma
Ansiosa suspirar; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a mísera estampa. Retratada
Em uma cópia viva
Verás distinta, e pura,
Nise cruel, a tua formosura.

Não te engane, ó bela Nise,
O cristal da fonte amena;
Que essa fonte é mui serena,
É mui brando esse cristal.

Se assim como vês teu rosto,
Viras, Nise, os seus efeitos,
Pode ser que em nossos peitos
O tormento fosse igual.

Cantata VI

Palemo e Lise

Epitalâmica

Oh! quanto, Lise! oh! quanto!
Quanto alentam teus olhos
Ao mísero Palemo! Já três dias

O mar anda girando. Em tua ausência,
Saudoso, tem movido as bravas ondas.
Aos peixes tem chegado
O clamor de seus ais. Ah! Se tu viras,
Qual foi o seu lamento,
Não foras mais cruel que o mar, que o vento.

Eu o vi (não te engano)
Sem acordo entregar o frágil barco
Ao arbítrio das ondas. Poucos passos
De uma rocha fatal já se apartava,
A morrer se apressava,
Quando eu, que no seu rumo ia seguindo,
Palemo? (lhe gritei) *olha, Palemo:*
Desvia dessa penha a vela, o remo.

Mas fosse providência, acaso fosse,
A outra parte a onda
O seu barco voltou. Já perguntado
Me torna o Pastor caro: *Eu entendia*
Que a penha, em que Nicandro me falava,
Era Lise somente, que eu buscava.[387]

Lise, a rocha desumana,
Lise, o bem, que tanto adoro;
Por quem vivo, por quem choro,
Por quem ando a suspirar.

Ah! Se corro a morrer nela,
Venha a bárbara ferida,
Que esta morte só é vida,
Porque é Lise quem a dá.

Mas não é isto engano! O infausto agouro
De todo se apartou. Tornou-se em calma
O mar tempestuoso; o vento irado
Já suave respira; esta ribeira
De alegria se veste; um doce encanto
Nos álamos, nos freixos,
Que estão fazendo sombra às verdes ondas,
Comunica a harmonia
Dos pássaros que cantam. Que gostosa
Meneia as brandas folhas

A aura lisonjeira! Dentre as ramas,
Ah! como fere o raio sobre as águas,
Tornando prateadas
As cristalinas veias! Finge a sombra
Outro bosque nas ondas, e parece
Que outras aves no mar em competência
Formando estão suavíssima cadência.

E que alegre entretanto
Esta praia se vê! Que grande cópia
De redes se derrama! Em cada parte
Se senta um Pescador; bailes, e jogos
Se atendem na ribeira; ao doce aviso
Das vizinhas Aldeias
Vem o povo chegando. É grande o dia;
Grande anúncio é de gosto. Mas que muito,[388]
Se neste feliz dia
De Lise, e de Palemo
Se premeia a virtude! Um terno laço
Ao Pescador amante
A Ninfa delicada
Neste dia assegura. Ah! queira o Fado,
Propício queira o Céu
A chama fecundar deste himeneu.

Forme das almas belas
Amor o seu tesouro;
E com as setas d'ouro
Se veja triunfar.

De pérolas tributo
Lhe renda a fértil onda;
O mar lhe não esconda
A rama do coral.

Cantata VII

Nise

Onde, ó Nise divina,
Onde te encontrarei, bela Pastora!
O monte, o prado, o vale ando girando;

Nise? Nise? Suspiro. A meus clamores
O eco apenas me responde. Tudo
Informa, ó Nise, de que ausente vives;
    Que outro campo já pisas,
Outras ovelhas, outro gado reges;
Que desprezas aquela choça amada,
Junto à nossa ribeira fabricada.
    Ah! Se é certo que Nise
Nestes campos faltou ! Mas que duvido!
Sem cor a planta, a flor amortecida,
O ar escuro, o sol sem luzimento,
Este monte, este rio, aquele prado,
Me diz que Nise (oh! Céus!) lhe tem faltado.
Nise? Nise? Meu bem? Ah! se inda aos longes
Chega o clamor de meus suspiros, sabe
    Que vives na minha alma,
    Na minha alma que adora
Tão belo encanto, tão gentil Pastora.

    Vou pisando esta floresta,
    E os teus passos vou seguindo;
    Cego Amor vai conduzindo,
    Como norte, a minha fé.
    Vejo a flor no campo alegre,
    Vejo a luz nos Céus tão bela;
    Nise, digo, *é esta estrela*;
    Nise, digo, *esta flor é.*

Mas ai! E que mal chego a conhecer-me
No delírio que ocupa os meus sentidos!
    Como, ó Nise, imagino,
    De meus olhos ausente,
Que lembrada estarás da fé constante,
    Que um tempo me juraste;
    Naquele tempo, quando
    Em tua companhia
Toda a montanha, ó Nise, a cada instante,
A cada hora enfim, cada momento,
    Me via (oh! doce estado!)
Já conduzindo o teu rebanho ao prado,
Mais ditoso que todos os do campo,
    Quando o Sol mais ardia,

As águas a beber da fonte fria;
Ou já sendo o calor do Sol mais brando,
Ao curral, onde o tinha então cercado,
Menos dos cães, do que de mim guardado!

Quantas vezes (oh! Céus!) quantas
Digo ao vale, digo ao monte:
Viste a Nise? Aquela fonte
Testemunha pode ser.

Mudo o vale, o monte mudo,
Tudo está suspenso; tudo
Me parece que responde:
Eu não vi Nise, o teu bem.

Cantata VIII

Nice

Vi lascio, o mie felice,
Pasciute Pecorelle;
Ch'or non provo per voi quella dolcezza,
Che le frondose selve
M'inspirarono un giorno: d'altra cura,
D'altri diletti io sono già ferito:
La mia Nice, la mia
Inganatrice Dea
Così possiede il cor, ch'altro non bramo,
Che vederla ogni instante,
Che ogni instante adorarla,
Che muover in sua traccia i piedi miei,
Cher per lei respirar, morir per lei.

Ite, mie care agnelle
Fra queste ombrose piante;
Ch'io non son meno errante
Di voi, che senza guida
Andate del Pastor.

Io vago il campo, il prato,
E veggo, nel mio fato,
Come il destino vostro
Non è del mio peggior.

Correte (o Dio!) correte: itene voi,
O delle mie fatiche
La più dolce, la più gradita cura.
Voi sarete, io lo veggo;
E pur pietà per voi non sento (o Dio!)
Voi sarete de'lupi
Preda infelice: e liberi tra voi
Si vedrano straciar le vostre membra
Fra i sanguinosi denti. Io non vi piango.
Nice, Nice crudele,
Nice, fiamma del core,
Non men bella del candido ligustro,
E non men della spina,
Che circonda la rosa, aspera, e cruda;
Tu sei, tu sei, o Nice,
Chi mi toglie la cura
Delle felici mie, candide agnelle.
Lagnatevi di lei:
Quello, che a me non lice;
Io non son che vi lascio, è la mia Nice.

Nice vi lascia (o Dio!)
Nice, la mia tiranna,
Che della sua capanna
La libertà mi toglie,
Che respirava il cor.

Per lei piango: per lei
Vi lascio alla sventura:
Se Nice di me cura,
Io curarò di voi.

Itevi, dolci mie,
Dilette Pecorelle;
Che già non siete quelle,
Que pascolava Amor.

Itevi pur; se lice,
Cercate la mia Nice:
Se voi non la trovate,
Cercate
Altro Pastor.

Protestação[389]

Protesta[390] o Autor que somente por adorno da Poesia usou das palavras Deuses, Numes, Divindades, Agouros etc e outras expressões dissonantes aos dogmas da Santa Madre Igreja de Roma: o que tudo sujeita a sua correção, como verdadeiro Católico etc.

Fim de "Obras"

O Parnaso Obsequioso e Obras Poéticas

1768

O Parnaso Obsequioso[1]
Drama

Para se recitar em Música[2] no dia 5 de dezembro de 1768, em que faz anos o Ilmo. e Exmo. Sr. D. José Luiz de Menezes, Conde de Valadares, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais e etc, por Cláudio Manuel da Costa, Bacharel formado na Faculdade de Cânones, Acadêmico da Academia Litúrgica de Coimbra, e Criado pela Arcádia Romana, Vice-Custode da Colônia Ultramarina, com o nome de Glauceste Satúrnio[3] e etc.

O Parnaso Obsequioso
Drama

Interlocutores

Apolo
Mercúrio
Calíope
Clio
Talia
Melpomene

(A cena representa o monte Parnaso)[4]

Coro

Mus. Já despede a fria noite
Toda a sombra, todo o horror;
Torna ao mundo o novo dia,
Que enche a terra de esplendor.

Apolo Douram-se os montes,

Merc. Riem-se os vales,

Ambos Das claras fontes
Brilha o licor.[5]

Todos Oh! que alegre mudança que tudo...
2 Mus. Floresce...
2 Mus. Esclarece...
Todos Na gala e na cor.
Apolo Mas que é isto? Inda as Musas em silêncio
No Parnaso se vêem? Não ouço ainda
O número sonoro,
A métrica harmonia,
Que deve festejar tão fausto dia!
Acaso entre vós outras

Se ignora, ó Musas, que hoje o lustro quinto[6]
Se completa, em que aquele
Ramo ilustre dos ínclitos Noronhas,
Para glória do Luso,
Nascer se viu lá onde o fresco Tejo
Banha, rendendo aos mares o tributo,
A cidade que erige o Grego astuto?[7]
Vós outras o sabeis; desde esse dia
Que Lucinda[8] em seus braços
O recebeu, e as Graças[9]
Ministraram-lhe o leite, vós, ó Claras,[10]
O chamastes a vós; vós o levastes
A viver nesse monte; inda presente
Eu tenho a feliz hora
Que tomastes a empresa de criá-lo,
De o pulir, de o reger, e de educá-lo.
Ah! se agora vos não lembra
Aquela hora, aquele dia,
Será bem que lá se ria
De vós outras um mortal.
Entre os homens festejado
É José com fausto auspício;
Entre vós seu natalício
Não se canta, ó Musas, já?

Merc. Se hoje o filho de Maia[11]
Deixa de Jove o lado, outro destino
Do Parnaso o não guia ao Sacro Cume,[12]
Ó domador do Píton,[13] mais que aquele,
Que pode entre as olímpicas Deidades
Despertar tanto empenho: o grão Tonante,[14]
O grande Nume que preside aos Deuses,
Depois que a todos juntos
Na parte mais de Estrelas povoada[15]
O néctar derramou sobre as cabeças,

A um e outro falando,
Lembrou o dia que tornava ao Mundo;
E a mim, a mim me envia,
Que anuncie ao Parnaso o alegre dia.

Calíope — E crês, ó sacro Nume,
Que outro indulto[16] mais que esse
Nos traz hoje a gozar da cristalina,
Helicônia corrente?[17]

Melpom. — Se do Pesto[18]
Hoje as flores buscamos; se primeiro
Que nascesse aos mortais a aurora bela
Teci esta grinalda, a quem presumes
Que destino o meu prêmio?

Clio — A aguda pena,
Que guarda a minha mão, qual outro obséquio
Entendes que medita?

Talia — Este cuidado
A Calíope chama; e o Coro santo
Esta empresa confia
De Clio, de Melpomene e Talia.

Merc. — E quem se não acorda[19]
De tanto agouro, que predisse as glórias
Daquele dia? Quem não sente a imagem
Tão viva na memória? Quando os olhos
Abria à luz primeira o tenro Infante,
No monte, vale, e prado,
Tudo se via melhorar de estado;
As árvores já secas
De flores se cobriam; brancas aves
Voando andavam de uma e de outra parte;
Delfins dourados desde as ondas fora
As cabeças erguiam.

Calíope — Mansos touros
A correr à porfia se ensaiavam...

Melpom. — De improviso se viu à mão direita
Girar um resplendor...

CLIO Jove sem raio
Soou por largo espaço...

TALIA O céu de novo
Deu a ver uma Estrela,
Mais do que as outras cintilante, e bela.

MERC. Se estas contemplo
Do céu figuras,[20]
Oh! que venturas
O céu prediz?

CAL. e MELP. Eu bem me lembro
Que nos meus braços
Formei os laços
Com que o prendi.

CLIO e TAL. Desde esse instante
Que nos foi dado,
Oh! que cuidado
Eu lhe rendi!

MERC. Amor nos guia...

MELPOM. Nós O adoramos...

CALÍOPE Nós O servimos...

TALIA O festejamos...

CLIO O aplaudimos...

TODOS Valente Adônis,
Marte gentil.[21]

APOLO Ó vós, ditosas, que de tanta empresa
Hoje à glória aspirais? O Herói é digno
Que o busquem vossos cultos:
Eu sei que bem lograda
Se acha a vossa fadiga; ele, as virtudes,
Ele, as Artes e Ciências
Em que vós o instruístes,

Políticas, Morais também pratica;
Que por ele esquecidos
São no bronze de Fama
Quantos Gregos insignes,
Quanto egrégio Romano
Cinge o louro no Templo soberano.[22]

Calíope — Eu sei que na piedade
Temístocles[23] excede, e o fiel Zopiro.[24]

Melpom. — No valor, na constância

Merc. — Vence os Cipiões, os Lélios, os Camilos.[25]
Nas Podalírias[26] Artes
Vence ao sábio Quiron;[27] deu-lhe a piedade
O impulso de aprendê-las; e mil vezes
A delicada mão no Régio Hospício
Dos míseros enfermos,
Praticando o científico aforismo,
Enfraqueceu da morte o despotismo.[28]

Apolo — Os físicos princípios,
A douta Geometria,
A Ética, a moral Filosofia,
A Eloqüência, que um tempo a sábia Atenas
Admirou nos seus filhos;
A Tática (ah! que digo?) esta arte ilustre
Lhe deu mais glória, lhe ganhou mais lustres:

Talia — Eu o vi entre as Armas
As ordens ministrar, com fronte heróica,
Desprezando os rugidos
Do Leão da Ibéria;[29] eu vi que a mão sustinha
O ferro ameaçador, aquele ferro,
Que para seu brasão a lusa glória
Há de lembrar enquanto houver memória.
Inda na tenra idade
Eu vi que o peito armado
Do fero Marte irado
O aspecto desprezou.
De seus Avós o sangue
Ilustre tantas vezes,
A glória dos Menezes
No Filho respirou.

Clio

Que muito,[30] se deriva o seu esforço
De tão altos Varões! Onde não chega
O nome dos Noronhas? Em que parte
Do mundo não se admira
Esta egrégia Nobreza?[31] A Ásia se cobre
Dos troféus de seu braço; toda a Europa
Conhece o seu valor; eles à Pátria...
Ao Rei... ao mundo todo... mas que emprendo?[32]
Em um da estirpe a todos estou vendo!
De uma Águia se não cria
A pomba humilde e pobre;
Nem temas que assim obre
Jamais claro valor.
Os fortes criam fortes,
E só de um Pai o exemplo
O Filho guia ao Templo,
Aonde a Fama o pôs.

Merc.

Ilustre e digno Ramo dos Menezes,
Eu te vejo subir àquele assento
Que lá se te prepara
Junto aos teus grandes Pais: a série augusta,
Que vem do antigo, esplêndido Fernando;
Dos Duques de Gucijon te ordena
Ali lugar distinto
Ao lado de um Miguel, Conde primeiro
Do título imortal de Valadares;
Ali te cerca em roda
Um Álvaro, um Dom Carlos de Noronha,
Que vem acreditada
Com influência digna
No filho adulto a paternal doutrina.
Ah! qual te encontro no mavórcio[33] jogo
De Belona[34] seguindo o estrondo ardente!
Não te assusta o pelouro,[35] a bala, o raio
Das fráguas de Vulcano;[36] o Árabe adusto
Cai em sangue banhado; o Indo te espera
Entre a série dos teus, que lá deixaram
Seu nome escrito em derribados muros!
Já prostrada a Carranca
Ao Tormentório[37] vejo; o mar tratável
Às Portuguesas Quinas[38]

Abre o caminho (ó Céus!) eu não me engano;
São estas as Cidades,
Estas as Torres, estes os Castelos,
Que entre o vivo furor do ferro e do aço
Ao lusitano Rei ergue o teu braço!

Apolo
Tudo, Musas, é pouco,
É tudo pouco, ó Divindade alada,[39]
Se trazeis à lembrança
Os feitos sempre claros, as virtudes
Do magnífico Herói! Sobre os seus troncos
Se levanta este ramo; e quanto é grande
Entre os Arbustos o Cipreste; quanto
Entre os Astros o Sol se eleva tanto.

Apolo e Merc.
Anos que a idade conta
Vençam da idade os passos.

Tal. e Clio
O dia que os aponta
Faça imortais seus laços.

Todos
Eternos anos sejam
Os anos de José.

Apolo e Merc.
O tempo...

Tal.
A sorte...

Clio
A idade

Todos
Não saibam na verdade
O círculo romper.

Parte Segunda

Calíope

Ao distante País das novas Minas
Hoje o vemos passar; altos progressos
Dele espere o seu Rei; o Povo aflito
Ali respirava; desde o seu seio
Liberal se verá brotar[40] a Terra
Quanto avara recata,
O diamante, a safira, o ouro, a prata.
Ah! não esconda a Terra
Jamais o seu tesouro,
Que o Deus purpúreo e louro
Debalde o não criou.
Benigna corresponda
Ao próvido cuidado
De quem dos Céus foi dado
Por dar-lhe mais valor.

Melpom.

As carregadas frotas, à prudente
Direção de seu mando,
Os portos encherão, crescendo o Erário;[41]
Netuno gemerá, e os Tritões[42] verdes,
Desde o centro das águas
A ser calcadas de pesados lenhos,[43]
As azuladas costas
Estender quererão... a tanta glória
Me assombro, me confundo! Ó santo auspício
Que respiras do Céu! esta grande alma,
Que estímulos de glória em tudo acende,
Por quem tanto entre os Deuses se contende!
Alma tão bela, e nobre,
Dos céus cuidado seja;
Jamais se atreva a inveja
Seu lustre a profanar.
Domine além do tempo,
Vença as traições, o engano,

E sobre o esforço humano
Se veja triunfar.

Merc. Ah! que debalde em se o obséquio canso[44]
A débil fantasia!
Tento, medito de Epopéia um rasgo,
Que os seus feitos descreva...

Apolo Eu, que os influxos
Dei ao Sábio de Esmirna;[45] eu, que ao de Mântua[46]
Tanto esforço inspirei, busco, pertendo[47]
Hoje mandar à sonorosa Lira
Suas dignas ações, seu nome excelso.

Merc. Mas a cantar do meu Luiz o nome...

Apolo Mas a cantar de tanto Herói os feitos...

Ambos Mercúrio e Febo são debalde eleitos.

Talia Eu os Gênios convoco;
Um baile ensaio, onde em tripúdio acorde,
As Orgias[48] imitando,
De Dríades, de Oréadas[49] e de outras
Mil engraçadas Ninfas, entre a chusma
De volantes Amores,
O júbilo publique;
Mas bem que o meu desejo em ânsias geme,
Desmaia a idéia, o pé vacila e treme.

Clio Um debuxo eu formava
De trágico coturno,[50] ali trazia
De Pompeu o valor, de Júlio a glória,
De Ciro o ardor, de Régolo a constância,
De mil outros varões, ora um ora outro
Feito escolhia; já contente expunha
Uma cena (ó delírio!), em vão tentava;
Um só Herói no meu Herói achava.

Melpom. Mas que faria Melpomene? Acaso
Fugiria cobarde
Como as outras Irmãs? Elas, temendo
Não ser bastantes para tanta empresa,

Ao monte se espalharam; já contentes
Trazem de flores o regaço cheio;
Esta grinalda, esta grinalda tecem
Que eu parto a oferecer; porém, que faço?
Bem que uma e outra flor ao prado peça,
Não tem o prado flor, não que o mereça.

Apolo — A prodígio maior tudo caminha,
E parece que a Terra
Novamente levanta sobre o Pélion[51]
O formidável Ossa;[52] já disputa
Alto poder a olímpica morada,
Mas arrojo não é de humano peito,
Que conceba escalar de Jove o trono;
Maior é o portento,
É tudo obséquio, é tudo rendimento.[53]

Merc. — Sim, rendimento é tudo; os Deuses todos,
Em voluntário feudo,
Cedem hoje a José seu Trono e dotes...

Talia — Da mão de Marte a Espada[54]
Lhe cai aos pés...

Calíope — De Júpiter o Raio
Em vão cintila...

Melpom. — De Mercúrio a Vara...

Calíope — De Netuno o Tridente...

Merc. — Ah! tudo cede!
Já torna a paz dourada
Ao mundo aflito, torna Ninfa bela,
Que aos Elísios fugira, e quando torna,
O cheio vaso sobre nós entorna.

Apolo — Esta a idade em que o Lobo
Pastava entre as Ovelhas; esta a idade,
Em que a Terra sem próvida fadiga,
Brotava a rama, e produzia a espiga;

MERC. Esta a idade[55] em que os rios
Eram de mel, e eram de leite os lagos,
Em que desconhecia o peito humano
Tudo o que era traição, perfídia, engano.

APOLO Enfim tudo é delícia
Na opulenta região das áureas Minas;[56]
E tu, ó bom Menezes,
Desses troncos incultos, dos penhascos
Mais hórridos, mais feios,
Dos queimados Tapuias
Fazes pulir a bárbara rudeza,
Fazes domar a natural fereza.
Mas onde vai correndo
A delirante idéia!
Tudo, ó Musas, já cede; o vosso canto,
A minha Lira (ó Lira em vão buscada!),
Tudo em vós é já susto;
Tudo em mim é desmaio;
Eu lhe cedo o meu Trono, o Louro, o Raio.

MERC. Se lá no Olimpo
Por tantas vezes
Do alto Menezes
Se ouviu falar;

APOLO Se é certo, ó Deuses,
Que eu algum'hora[57]
Pude a sonora
Lira pulsar,

CORO

Soe da esfera o acorde acento,
O firmamento se ouça cantar.

CAL. e CLIO Se o nosso canto
Em suavidade
As divindades
Pode abalar;

TAL. e MELP. Se heróicos feitos
Cantar soubemos,
Entre vós temos,
Deuses, lugar.

CORO

Soe da esfera o acorde acento,
O firmamento se ouça cantar.

APOL. e MERC. Atente, ó Jove,
Esta ânsia nossa.

TODOS Menezes possa
Sempre os seus anos
Verdes contar.

CORO

Soe da esfera o acorde acento,
O firmamento se ouça cantar.

Obras Poéticas

Que

Na Academia que se juntou na Sala do Ilmo. e Exmo. Sr. D. José Luiz de Menezes, Conde de Valadares, por ocasião de felicitar a posse que havia tomado do Governo da Capitania das Minas Gerais, escreveu e recitou Cláudio Manuel da Costa, Bacharel formado pela Universidade de Coimbra, no dia 4 de setembro de 1768.[58]

São as Musas, Ilmo. e Exmo. Sr., são as Musas as últimas que chegam à presença de V. Exa. Tarde chegam, mas não sem desculpa. O natural encolhimento que as acompanha lhes deteve os passos até agora. Deverão contudo preceder elas a qualquer outro obséquio; e talvez para os direitos desta glória lhes não falta o conhecimento de que sempre na aceitação dos Grandes tiveram as Musas o lugar primeiro.

Sabem que os mesmos Grandes (ou os distinguisse o Cetro ou o Bastão)[59] se não envergonharam de cultivar a Poesia; e lembrando a Cipião entre os Romanos, entre os Gregos a Arquelau, Rei da Macedônia, desprezam na ocasião toda a pompa de notícias para repetirem com vaidade neste Congresso os sempre veneráveis nomes do Senhor João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, feliz aliado na Casa de V. Exa. e do Sr. D. Carlos de Noronha, seu gloriosíssimo Ascendente. Estes dois Atlantes da Monarquia lusitana, depois de encherem as obrigações de fiéis Políticos e valerosos Soldados, tomaram por último desempenho de seus talentos deixar-nos um precioso monumento das suas fadigas literárias nas excelentes composições em metro, com que inda mostram que nem o estragado gosto daqueles tempos se atreveu a corromper a delicada, escrupulosa eleição com que escreviam.

Mas para que produzo eu estes dois espíritos que sustentam a glória do Pindo, e fazem as delícias das Musas, se em V. Exa. devo respeitar por todos o primeiro fautor das Letras, e o estimador primeiro da admirável Arte de Poesia? Digam-no os avultados progressos que fez V. Exa. na cultura das Escolas e fale a preciosa atenção com que presta V. Exa. os seus ouvidos àqueles mal proporcionados rasgos que se dirigem a louvar as suas virtudes, e se recitam, não sem freqüência, na sua presença. Esta é uma prova de que não só nos seus Maiores, mas em V. Exa., vive reproduzido o amor das Musas.

E com razão, Senhor Excelentíssimo, com razão se digna V. Exa. a proteger as Musas: são elas as que se encarregam de imortalizar as ações dos Grandes; elas são as que fazem gloriosas no Templo da Fama os seus Troféus. Pouco importa se derramasse nas Campanhas o sangue pelo amor da Pátria; pouco que pelo estímulo de adquirir uma ilustre Conquista atravessasse um bom General as Serranias mais ásperas, os Rios mais caudalosos, se no mesmo féretro a que se havia de entregar o corpo ficasse sepultada a memória das gloriosas empresas!

Estas lembranças insensivelmente me vão transportando ao inconsiderado empenho de suplicar a V. Exa. queira desculpar ao nosso rendimento a desconcertada harmonia das nossas Musas: elas se vêem arrebatar entre os desejos de louvar um Herói a todas as luzes grande; contemplam a Ilma. pessoa de V. Exa. tão enriquecida de preciosas qualidades, que para qualquer parte que voltem os olhos encontram argumentos para o elogio; a fertilidade da matéria é que subministra atrevimentos ao discurso;[60] se ela fora do seu fundo menos abundante, calar-nos-íamos todos, porque nada nos é mais natural que o conhecimento que temos da nossa inabilidade.

Vemos em V. Exa. um espírito cheio de afabilidade, assistido de uma penetração vivíssima: magnífico, liberal, piedoso; vemos as provas com que deu a conhecer o seu ilustre coração, a sua índole, os seus dotes, na assistência que fez ao Real Hospital de Lisboa, na ética com que regulou os seus passos entre as políticas da Corte, na resolução com que se portou na testa dos inimigos, no amor que sempre teve à virtude, no esforço com que fugiu aos vícios e aquela quase prodigiosa estrada por que caminha V. Exa., não havendo dado a conhecer nem ainda nos tenros anos o menor descaminho.

Vemos... ah! Senhor, que ao querer amplificar esta tosca pintura das incomparáveis virtudes de V. Exa., de repente ouço chegar aos meus ouvidos o saudoso suspiro do nosso amante Portugal! Mas oh! e quanto com a alegria das Minas se contrapesam aqueles gemidos? Eu expusera em mais dilatado quadro os vivos sentimentos daquela Corte, os transportes maravilhosos da nossa Capitania; as obrigações do meu ofício me não dispensam tanto; esta empresa a reservou a eleição ou o destino a dois heróicos competidores que me cercam o lado: eles decidirão...

Problema

Primeira Parte

Qual mais justificada? Se a alegria das Minas na posse que tem tomado de seu Governo o Ilmo. e Exmo. Sr. D. José Luiz de Menezes, Conde de Valadares,

Segunda Parte

Se a saudade de Portugal na ausência a que dele fez o mesmo Exmo. Sr.

Disse.

Saudade de Portugal e alegria de Minas.[61]
Com alusão ao precioso objeto que se venerou
no 25 de agosto de 1768.

Écloga

Orisênio — Glauceste — Lucinda

Glau. Sei, Orisênio meu, que entre os Pastores,
Que viviam nas margens do Mondego,
Eras tu o mais destro dos cantores.

Oris. Glauceste, eu já cantei, eu não to nego;
Mas onde o gosto vai, onde a alegria,
Onde da minha frauta[62] o doce emprego?

É verdade, Pastor, que noite e dia
Passava, alegre, na montanha, e dava
Gosto a qualquer no baile, e na folia.

Salício, o bom cantor, que se prezava
De melhor que algum outro (quem o ignora?),
Me ouvia, e na contenda não entrava.

Talvez a minha voz branda, e sonora
Pôde fazer que fosse verdadeiro
O que julgamos fábula algum'hora:[63]

Disse Alfeu que descia desde o oiteiro
A ouvir-me o gado, e que inda entre as pedrinhas
Parava à minha música o ribeiro.

Mas onde, ó Fado mau, guardado tinhas
Este duro castigo, com que cortas
Os altos vôos das vaidades minhas?

As doces esperanças vejo mortas
De tornar do Mondego à margem bela[64]
E de bater da minha Arcádia às portas.

Glau. Justa razão de suspirar por ela
Tens, amado Orisênio; eu também vejo
Quanto ingrata comigo é minha Estrela.

Aqui não é como no fresco Tejo,
Ou como no Mondego, onde já vimos
Um e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao jeito desta Serra nos cobrimos
De um bem tosco gabão, qual noutra idade
Não trouxe algum; da música fugimos;

Vivemos só da vil necessidade;
Da luta, jogo ou dança algum Vaqueiro
Bem livre está de ver que aqui se agrade.

Oris. Tristes de nós neste País grosseiro![65]
Mas ou é isto sonho, ou vai mudando
De repente o seu jeito aquele oiteiro?

Glau. Eu estava também já reparando
Em um clarão que vinha do Oriente,
Por entre aqueles troncos rebentando.

Tudo parece novo já no monte,
De nova gala as árvores vestidas,
Risonha a flor, risonha a clara fonte!

Que alegres, que formosas, que luzidas
Vêm descendo umas Ninfas; elas chegam
De mil amantes Sátiros seguidas!

Mudado o duro peito, em vão se negam
A Silvano, a Laurênio, e ao bom Meliso,
E aos seus gostosos laços já se entregam.

Oris. Se será isto engano? Eu lá diviso
Ua[66] Ninfa (isto é sonho!), ũa Pastora
Que amava um tempo o seu feliz Daliso?

Lucinda[67] eu vejo vir qual branca aurora;
Junto ao Tejo vivia a Ninfa bela,
Inveja sendo de Angerona e Flora.

Tecida traz nas mãos ũa capela
Da rosa, e lírio, e da açucena pura,
Ditosa, seu Pastor morre por ela![68]

Glau. Já de um canto suavíssimo a doçura
Se deixa perceber: a Ninfa canta,
E os ecos vêm rompendo esta espessura.

Oris. Quem viu tanto prodígio, glória tanta?

Coro

Do monte ao prado
Desce Lucinda,
E a sua vinda
Tudo festeja,

Ditosa seja, pois soube amar!

Em seu cuidado
Vive Daliso,
E faz preciso
O seu tormento

Um pensamento,
que morta a traz.

Luc. Engraçadas ribeiras
Do cristalino Tejo,
Se as horas lisonjeiras,
Que eu passei junto a vós, a meu desejo
Avivam tanto a imagem do perdido,
Ouvi, dai atenção a meu gemido.

Qual outra enfim me vedes
Da que um tempo me vistes;
Amor tecendo as redes
Prendeu-me o coração; jamais tão tristes
Eu pude contemplar aqueles laços,
Que as cadeias formaram dos meus braços

O meu Pastor amado,
Daliso,[69] o meu querido,
Aquele que o seu gado
Trazia tão formoso, dividido
De mim o tem a sorte, ó sorte dura,
Que nunca glória alguma está segura!

A contemplar me ponho
Junto a vós (ó loucura! ó fantasia!)
Se engano foi ou sonho
Aquele doce bem, doce alegria,
Que respirava esta alma, quando estava
Presente aos olhos o Pastor que amava!

Vós, penhas insensíveis,
Vós, árvores, vós plantas,
Quantas vezes incríveis
Meus prazeres, dizei, oh! vezes quantas
Chegastes a escutar? A minha glória
Dizei, se é que inda a tendes na mémoria.

Convosco, ó criaturas,
Mil vezes o meu bem comunicava;
Tu, rio, inda o murmuras;
Seu nome nesta penha se gravava;
Ali conserva ainda no horror bronco
O nome de meu bem aquele tronco!

Levou o Fado ingrato,
Levou a estranho monte
Aquele que o retrato
Deixou dentro em meu peito; ao vale, à fonte
Já debalde me queixo, em vão suspiro;
Já nada me consola em meu retiro!

A Maioral[70] passando
Já de outra gente, eu creio
De mim se está lembrando;
Bem como ele também vive em meu seio.
Oh! sempre a meu pesar, ditosa gente,
Que o meu Pastor amado tens presente!

Por ele em doce agouro
Verão como se cobre
Igual do trigo louro
O campo, ou já do rico, ou já do pobre;
Verão como sem susto entre a parelha
Pastam contente a relva o touro, a ovelha.[71]

Os seus longos montados
Tão cheios de verdura
Verão como regados
Não das chuvas do Céu, não d'água pura,
Mas como se banhado o campo fosse
Ou já do branco leite, ou do mel doce.

Alegres sempre os dias
Não terão sombra alguma;
Fugir as névoas frias
Verão, e desfazer-se de uma em uma
As nuvens de chuveiros carregadas,
Que as sementeiras deixam derrotadas.

Contente em sua herdade,
Contente o povo todo,
No monte, e na cidade,
Não saberá quebrar de qualquer modo
A fé, que em vão respeita o alheio dano,
Na aleivosia, na traição, no engano.

Tudo delícias vejo
No Ribeirão ditoso;
Só triste, do meu Tejo
Ele comigo chorará saudoso,[72]
Com ele competindo as minhas mágoas,
Nova enchente darei às suas águas.

Cantores

Se os olhos ponho
Na clara fonte,
Tenho defronte
A imagem triste
Do meu prazer.

Passa, qual sonho,
Toda a ventura:
Que pouco dura
Tudo o que é bem!

Oris. Que é isto, meu Glauceste, onde viemos
Dar conosco? É do Tejo esta ribeira;
É este o triste monte onde vivemos!

Glau. Foi, Orisênio meu, sombra grosseira
Aquela que nos teve tão pasmados,
Que aos nossos olhos foge tão ligeira?

Onde estarão, Pastor, os fiéis montados
Cheios de leite, e mel, onde sem susto
Pastam na verde relva os mansos gados?

Oris. Vamos a ver, amigo, a todo o custo
O Maioral Daliso, esse que agora
Ouves louvar de tão benigno e justo.

Glau. Ah! quem tão rico de rebanhos fora,
Que de mil recentais[73] lhe apresentara
A mais gostosa dádiva nest'hora![74]

Oris. Quem com tal Arte a frauta[75] concertara,
Que dignamente competir pudesse
De Títiro[76] a harmonia bela, e rara!

Glau. Mas bem que humilde a oferta me parece,
Ele é de tal grandeza, que o seu rosto
No pequeno o valor não desconhece.

Oris. Bem que é tão rude o canto, ele com gosto
Espero que me atenda, pois bem sabe
Que de um Pastor no verso mal composto
Um tão sublime preço enfim não cabe.

Glau. Não cabe, Herói, não cabe a glória vossa
No humilde canto do Pastor Glauceste;
A cítara de Orfeu, não frauta agreste,
Deixai que o nome vosso louvar possa.

Simples Pastor em mal coberta choça
Não se atreve ao que é grande, ao que é celeste;

Assaz no rude voto conheceste
O quanto cabe na pobreza nossa.

Qual de Mântua o cantor[77] tinha tentado
Erguer o vosso nome, e além da raia
Levar-vos de qualquer em verso honrado.

Mas oh! quanto debalde a voz se ensaia,
Se para ser com Títiro igualado
Até me falta a sombra de uma faia?[78]

Na imagem de ũa Nau soçobrada se pinta o decadente estado das Minas, e se lhe auspicia felicíssimo reparo.

Ode

Ao mal seguro lenho,[79]
Que as crespas ondas de Netuno corta,
A quem, ó Rei,[80] mais do que a ti te importa,
Que mísero despenho
Lhe evites, nesse instante em que se teme
Que a quilha rompa, e despedace o leme?

Entre o furor dos mares
Quase sem rumo o vejo soçobrado;
E do hórrido penhasco em vão cerrado
A disturbar os ares
Solta o soberbo domador dos ventos[81]
Do Áfrico e Noto os ímpetos violentos.[82]

Acode a socorrê-lo,
Dando-lhe, ó Rei, um próvido Piloto;
E o leme em parte são, em parte roto,
Ao eficaz desvelo
Da destra mão de quem se o peso fie,
Ao demandado porto o leve, e guie.

Eu te lembro esse braço
Do sempre egrégio, esplêndido Noronha;
Ele acuda a ruína; ele componha
Os sustos, o ameaço;
Que tanto pode, e tanto me assegura,
Igual ao Zelo, a perspicaz Cordura.

Em uma e outra prova
Se deu a conhecer a inteligência
Deste Espírito; eu mesmo o vi na Cova
De Pelitrônio a ciência
Beber do Sábio Mestre,[83] quando achara
Êmulo seu e que a Deidamia[84] amara.

Tão cheia a fantasia
Já de ilustres imagens respirava,
Que nos bem tenros anos ver deixava
Que o Céu o distinguia
Para aquelas empresas, com que a Fama
As não vulgares almas honra, e chama.

As aulas de Helicona[85]
De repetir seu nome não descansam;
Já carregado, de gemer se cansam
Nos Templos de Belona[86]
Os pórticos sublimes, de que pendem
Claros Troféus, que a sua glória estendem.

Político, guerreiro,
Tão igualmente as máximas unira
Do Concelho e do Campo, que se admira
Por ele o mundo inteiro,
Ver que esquecida a juvenil vaidade,
Mais se encanece que verdeja a idade.

Deste, pois, braço nobre
A nau confia, e reparada a espera,
Do úmido Deus[87] na procelosa esfera
Não temas que soçobre,
Que em lisonja as Nereidas[88] conspiradas
Por entre as ondas lhe abrirão estradas.

Do múrice[89] mais fino
Tintas as cordas, do ébano mais belo
Lavrado o mastro, ao cândido desvelo
Do obsequioso destino
Se cobrirão de flores as antenas,
E as virações respirarão serenas.

Do coral arrancado
Verde, negros Tritões tecendo a amarra,
Prender verás na deleitosa Barra
O peso desejado;
Do seio vomitando mais profundo
As ricas cópias do dourado mundo.

O topázio precioso,
A safira, o crisólito, o diamante,
Entre a abundância do metal brilhante,
Ao Trono majestoso,
À púrpura, ao diadema, eu te asseguro,
Serão tosco ornamento, esmalte escuro.

Porás o duro freio
À orgulhosa Europa; o adusto Mouro
Na experiência, inda mais que no receio,
Sempre funesto agouro
Nos mares achará; tudo vitórias,
E tudo aclamações, e tudo glórias,

Se a combater a fúria
Dos ventos corres; se das ondas queres
Parar o insulto, nada mais esperes;
Aos destroços, à injúria
Do lenho acode: tens do amparo certo
Em José, em Luiz, o Nauta esperto!

SONETOS

A ardentíssima caridade do nosso Exmo. Herói o obrigava a ministrar muitas vezes por suas mãos os remédios aos enfermos e a ter ũa exata vigilância na assistência deles.

I

Que estância é esta, que fatal ruína
É a que cerca, e a que esmorece a tantos?
Quem enche os rostos de mortais quebrantos
Nesta da morte pálida Oficina?

Aquela a pouco a pouco se destina
A ver da Eterna Sombra os tristes mantos;
Este ergue os olhos aos Altares santos
E vota a Deus a vexação maligna.

Tudo gemidos são; um diz: *eu morro!*
Outro repete: *ai! mísera morada,*
Onde debalde à compaixão recorro!

Mas, ó ruína, ó mágoa reparada,
Já traz a cura; já lhes dá socorro
A mão que foi para os Bastões[90] criada.

Tomou posse do Governo não tendo ainda completado 25 anos de idade.

II

Cinco lustros, Senhor, não igualados
Contais na vossa idade, e o Rei prudente
O mando vos confia já, contente,
Dos Domínios que tem mais dilatados.[91]

Desta sábia eleição desempenhados
Deixais ver os projetos, pois clemente,
Reto, afável, benigno, inteligente,
Tudo em vós são egrégios predicados.

Oh! como nada nos assusta, quando
Vos contemplo no curso lisonjeiro
Dos anos juvenis que ides contando!

Um mérito ostentando verdadeiro:
Não só das Minas se vos deve o mando,
Mas as rédeas também o Reino inteiro.[92]

Lembrando a glória dos Ilmos. Ascendentes
Glosa ao Mote
A glória dos Menezes mais se aumenta

III

Busco os Fastos, Senhor, da Lusa História,
E neles muitas vezes repetidos
Vejo os vossos Avós esclarecidos,
Honrando o Templo da imortal memória.

Um de África no estrago adquire a glória;
De outro em Ásia os Troféus vejo estendidos;
Cantam da Europa os esquadrões vencidos,
Em partes mil, os louros da Vitória.

Se na África, na Europa e na Ásia a Fama
De vossos Troncos os brasões alenta,
E América a seu lustre hoje vos chama,

Dessa Árvore (a razão, Conde, o sustenta),
No novo mundo dilatada a rama,
A glória dos Menezes mais se aumenta.

Preciosos estímulos nas Letras e nas Armas

IV

De quem são estas armas, este escudo,
Esta malha, este arnês em sangue tinto?

Quem guarda aqui despojo tão distinto,
Que estímulos de glória acende em tudo?

Que espírito sutil, que engenho agudo
Esta pena ocupou? Bem que sucinto
É da Fama o clarim, soar eu sinto
De um e outro o pregão no exemplo mudo.

As Armas (uma Letra me responde),
As Armas são do Pai, que as militares
Tropas regeu; na Pena o Avô se esconde:

E a quem se inculca a imagem? Não repares;
Tudo está decifrado: ao grande Conde,
Que o Título hoje tem de Valadares.

A Casa Real do Hospital de Lisboa, derrotada quase pelos terramotos[93] *e incêndios, achou no Exmo. Sr. Conde de Valadares o seu maior benfeitor nas obrigações que exerceu de Mordomo-Mor dos Presos.*

V

Essa Casa aos gemidos costumada,
Habitação da dor e do tormento,
Acha em vós um tão novo fundamento,
Que quase pula do que há sido nada.

Primeiro dos incêndios abrasada,
Vira em cinza o elevado pavimento;
E mal cobrava humilde um breve aumento
Quando dos terramotos foi prostrada.

A tudo põe reparos a piedade
De vosso coração: oh! como o explica
A agradecida voz dessa Cidade!

Na mesma ilustre ação se verifica
Que a mão que ergueu a Casa à caridade
Ao vosso nome Templos edifica.

Restitui-se à Terra a Justiça e se torna fecundo de metais o país das Minas.

VI

Se desde o seio onde os seus bens recata
Hoje a Terra nos dá tanto tesouro,
Direi que torna a nós a Idade de Ouro,[94]
Que já fugiu da habitação ingrata.

Quanta cria o Gangi[95] cópia de prata,
O metal rico do planeta louro,
As finas pedras, tudo é fausto agouro,
Que hoje a felicidade nos retrata.

Nasce tanta abundância (não me engano)
Da Ventura que às Minas lhe tem vindo
Do novo Herói no mando soberano,

A penúria, a pobreza vai fugindo;
Que é força cesse o mal, a injúria, o dano,
Quando Astréia[96] se está para nós rindo.

Invoca as Musas do País para cantar o nome dos Ilmos. Chefes dos Noronhas e Menezes.

VII

Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo[97]
Que ingrato me acuseis vós outras, quando
Virdes que em meu auxílio ando invocando
As Ninfas do Mondego, ou as do Tejo.

Convosco um eco ao mundo dar desejo
Maior que o bom Camões; ele, cantando
O valor com que os mares vai cortando,
Ao Gama lhe ganhou nome sobejo.

Mas vós quereis saber qual outra estuda
Alta empresa o meu Canto?[98] Oh! quantas vezes
Ela é digna de vós, da vossa ajuda!

Dai-me vosso favor; que entre os arneses
De Marte, eu louvarei com pena aguda
A glória dos Noronhas, e Menezes.

Às Artes e às Ciências se prometem feliz adiantamento nestas Minas pela aplicação com que as tem honrado o Exmo. Sr. Conde de Valadares e no muito que se fizeram familiares à sua Ilma. Casa as Musas do Parnaso.

VIII

Desgrenhado o cabelo eu vi que estava
Co'o rosto sobre a mão, chorando um dia,
A Ninfa que o Parnaso presidia[99]
E que entre as nove Irmãs tanto se amava.

O claro Deus que o pranto lhe enxugava,
Vendo a justa razão que a consumia,
Estas doces palavras lhe dizia,
Com que de tanta mágoa a consolava:

Filha, espera de mim que aquele louro,
Que de tua cabeça foi roubado,
Te restitua o Século vindouro;

Para esta grande empresa está guardado
Um ramo que hoje passa às Minas do Ouro,
Do tronco dos Noronhas arrancado.

Lembranças dos Heróis da Antiguidade que se distinguiram nos breves anos de sua vida: paralelo com o Ilmo. Sr. Conde de Valadares, e etc.

IX

Nos curtos anos de uma verde idade,
D'Ásia e d'Europa vencedor se aclama
O Herói de Macedônia,[100] a cuja fama
Treme do mundo a vasta imensidade.*

* *Silecit in conspectu gus.* V. Mac., s. 3.

Pompeio[101] dos trinta apenas na igualdade,
Sua a conquista de Cartago chama;
César,[102] que em nobre estímulo se inflama,
Obra inda moço ações de heroicidade.

De injúria à glória é certo lhe seria
Da idade depender,[103] que aos grandes feitos
A virtude somente as almas guia;

Mas onde eu busco estes da glória efeitos,
Se em José mais que em outro o mundo cria
Um vivo exemplo para muitos peitos!

Para Terminar a Academia[104]

Calaram-se as Musas; cessou de todo o harmonioso estrondo das vozes; já é silêncio o que foi melodia; é pasmo, é suspensão tudo o que se dispunha para o Canto. Prosseguíramos sem temor de serem acusados os nossos erros; porque no precioso objeto a quem se consagram estes hinos temos o indulto para a desculpa; mas como deveremos abusar por tanto tempo do generoso sofrimento com que ele nos atende!

Uns gênios educados em um tão bárbaro país, em um país acostumado mais a ouvir os rugidos das feras que a harmonia das Musas, como poderiam produzir cadências que fossem dignas de chegar a uns ouvidos que se criaram entre a delicadeza, ao concerto? Era temeridade esperá-lo: mas oh! que este mesmo desalinho, este mesmo desmancho é em que mais nos afiançamos para devermos conceber a idéia de ver algum dia em melhor sorte trocada a rudeza que nos é tão natural.

Sim, Acadêmicos meus; sim, adorados e inestimáveis Sócios. Eu devo desde hoje auspicar[105] as nossas Musas e com felicíssimo asilo: acabou o feio e desgrenhado inverno que fazia o horror destes campos; eles se cobrem já de novas e risonhas flores; as águas que até aqui não convidavam a tocá-las, hoje se nos oferecem muito cristalinas e puras; as névoas se desterram, alegra-se o Céu; povoam-se de engraçadas aves os ares; e apenas há ramo nesses troncos, onde se não escute cantar algum implumado vivente. Parece que vai fugindo de todo a rudeza destes montes; e que a benefício de uma alta proteção entram as Musas a tomar posse destes Campos.

Com igual fortuna se lamentavam elas, quando compadecido de as ver vagar desconhecidas o espírito generoso da Rainha de Suécia as recolheu e lhes deu abrigo no seu magnífico Palácio. Esta foi a que plantou aquele Louro debaixo de cuja sombra se juntassem em Roma os amadores das Musas: com faustíssimo agouro da sua futura grandeza principiou então a dar passos a renovada Arcádia.[106]

Recebeu ela um peregrino esplendor na proteção com que se dignou a honrá-la nosso Augustíssimo Rei, o Senhor D. João, o Quinto, da saudosa memória. A sua régia mão foi a que regou e fez fecundo aquele Louro, e ouve a Arcádia Romana não sem veneração e agradecimento o nome preciosíssimo de Pastor *Arete.*[107]

Ah! se o nome de Daliso, que veio hoje indultado do misterioso dia que consagramos à Pastora Lucinda, se este nome se colocara na fronte desta Sociedade amabilíssima com o soberano Título de Protetor da Nascente Colônia Ultramarina,[108] quanto igualaremos na felicidade àqueles Pastores da Romana Arcádia? Talvez ela se não envergonhará então de haver repartido para tão remotos climas o esplendor luminoso da sua República.

Seríamos, Exmo. Sr., seríamos muitas vezes felizes se V. Exa. honrasse com a sua proteção uma Sociedade que se deseja polir, para melhor louvar o soberano nome de V. Exa. Devemos mais a V. Exa. do que à natureza temos devido: ela nos produziu, nos criou e nos conserva entre ásperos e intratáveis rochedos, no meio da barbaridade, no seio da rudeza, do desalinho e da incultura.

Se agora por V. Exa. se vêem amparadas as Musas, converter-se-ão com maravilhosa metamorfose a barbaridade em polícia, a incultura em asseio, e o desalinho em gala.

Tudo devo esperar daquela nobilíssima, afável e nunca assaz louvada índole que em V. Exa. reconhecemos: ela nos dá lugar para desde já auspicarmos a época da nossa nascente Arcádia,[109] no dia felicíssimo do seu natalício. Juntar-se-ão desde a maior distância os Pastores alistados; e entrarão com as suas campanhas e nomes aqueles que agora se consideram peregrinos.[110] Oh! dia para os nossos júbilos! Oh! época para as nossas felicidades!

Parece que já reclinados sobre a relva se deixam ver os nossos músicos Pastores! As faias mais copadas, os álamos, os pinhos[111] frondosos tecem vegetantes dosséis com que da calma se defendam; vagam sem temor pelos campos os esparzidos rebanhos; as feras os não perseguem, divertidos,[112] entretanto toma *Orisênio* a frauta para cantar o seu Daliso; *Glauceste* ũa inscrição lhe prepara ao nome; mimosas e sinceras Ninfas tecem coroas de flores para a formosa *Lucinda*: tudo respira delícia, tudo prazer.

E se pára o Caminhante a contemplar o descanso daqueles gênios, uma Letra[113] lhe responde:

Deus nobis haec otia fecit.[114]

Disse.

LICENÇA

Conde e Senhor, se do Helicona à Fonte[115]
Vós me vistes chegar; se em minha ajuda
As Ninfas convoquei do Sacro Monte,[116]
Não é que a idéia estuda
Cantar vossos louvores, pois bem sabe
Que um tão alto, tão célebre argumento,
Nem do músico Deus[117] na lira cabe,
Nem cabe das Piérides[118] no acento.

À maneira daquele que procura
O rosto ver do Sol, e não podendo
Nele os olhos fitar, de uma água pura
Se serve, e recebendo
Os raios dentro dela, ali o admira:[119]
Assim se empenha, ó Grande, o meu cuidado,
E qual se lá entre os cristais vos vira,
Na Libotra vos busco retratado.

Ali naqueles Gênios vos contemplo
A alma vestida de virtudes tantas
Quantas estima o mundo para o Templo
Honrar da Fama, e quantas
Digna não foi de ver a idade antiga:
Sabemos que Cipião, Júlio e Pompeio
Ações obraram de imortal fadiga;
Mas qual ao fim dos seus triunfos veio?

De vícios tanto a vida se manchava
Desses Heróis que aclama Roma e Grécia,
Que o Louro que cada um se perparava,[120]
Talvez a mesma néscia
Vaidade lho murchou: vós sois tão raro,
Tão sólido, tão firme na virtude,
Que inda nos tenros anos sempre claro
Não há desar[121] que o espírito vos mude.

Se pois nas mitológicas deidades
Se figura a virtude, e os bons costumes,
As vossas imortais heroicidades
Deixai que eu leve aos cumes
Do Parnaso, onde as Musas, repetindo
O nome sempre grande, e vitorioso,
Se estejam gloriando, e alegres rindo
De ver que um Filho em vós têm tão precioso.[122]

Prepare-se entretanto a celebrar-vos
Mais digna voz, que a minha tosca idéia,
Quanto se empenha mais para cantar-vos,
Mais se assusta e receia
Que, em vez do obséquio, ũa ousadia exponha:
O vosso nome igual em toda parte
Em frente a todos os Heróis se ponha;
E vos louve quem logre Engenho e Arte!

Saudação à Arcádia Ultramarina[123]

Enfim eu vos saúdo,
Ó campos deleitosos,
Vós, que à nascente Arcádia em grato estudo
Brotando estais os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Belas estâncias do pastor Termindo.

Já sinto que respira
Uma aura em nós suave;
Orfeu pulsa de novo a doce lira,
Ouve Tebas de novo o plectro grave;
Seu número é mais terno
Que o que muros ergueu,[124] parou o Averno.[125]

Que pastores tão novos
São estes, que vos pisam?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matizam?
Quem forma estas cadências?
Quem produz tão mimosas influências?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem;
Tu, Tempo, gastador os não consomes:
Briareu, aqui diz este;
Ninfeu, diz outro; aqui diz outro, *Eureste.*[126]

Na mais copada faia
Abriu o férreo gume
O nome de *Termindo*;[127] o Sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume;
Ele o vê, ele inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da glória vossa,
Pastores, cá me vira
Tão digno, que na bela Arcádia nossa
Igualmente meu nome se insculpira!
Entre a série preclara,
De *Glauceste* a memória se guardara.

Mas onde irá sem pejo
Colocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do pátrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,
Pastores, pode tanto,
Que despertando do silêncio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Convosco está Glauceste,
Convosco faz soar a frauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom pastor d'Anfriso,[128]
Se de Jove e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando um doce riso:
Saberei nesta praia
A Títiro imitar junto da faia.[129]

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor; em vós floresça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,[130]
O nome de *Termindo* se levante.

Fim de "O Parnaso Obsequioso
e Obras Poéticas"

Vila Rica

Epopéia e História

Eliana Scotti Muzzi

Datado de 1773, o poema *Vila Rica* de Cláudio Manuel da Costa inscreve-se numa estrutura épica que tem por objetivo celebrar a descoberta do ouro e a fundação das cidades mineiras, conferindo a esses acontecimentos uma origem mítica e legendária. Composto em versos decassílabos distribuídos em dez Cantos, o poema atualiza o esquema retórico da epopéia, com seu elenco de *topoi*, motivos, temas, personagens: precedido por uma carta dedicatória a um benfeitor, abre-se com uma invocação à musa que logo inclui o "pátrio gênio", recheia-se de alegorias, visões, sonhos, predições, povoa-se de heróis e ninfas cuja origem não é somente européia, mas também nativa. A imagem recorrente da ninfa que, apropriando-se de um gesto característico das escravas das Minas, empoa os cabelos com ouro em pó para torná-los louros, é a alegoria do lugar ambíguo de onde fala o poeta. Colono nascido no rude contexto das Minas, o intelectual erudito, imbuído de valores e formas, conceitos e imagens veiculados pela cultura européia, defronta-se com a impossibilidade de apagar a marca de uma alteridade rústica e envergonhada. Por outro lado, a vivência européia o situa num momento de crise e transformação: a decadência da monarquia absolutista abre espaço, cada vez mais, à ascensão da classe média às insignias do saber e do poder. O lugar de onde fala o poeta Cláudio Manuel da Costa é portanto uma dupla encruzilhada entre o Novo e o Velho Mundo, não apenas na dimensão espacial, como também na temporal. Ocupá-lo é elaborar um complexo sistema em que se busca articular a forte tradição seiscentista de cunho barroco, e seus últimos clarões, com o novo horizonte filosófico e político que se esboça na Europa e os primeiros balbucios de uma cultura emergente no áspero *melting pot* das Minas.

Não se pode ainda, é verdade, falar de uma consciência nacional brasileira, que é uma construção pós-iluminista, mas já se pode detectar no pré-iluminista Cláudio Manuel da Costa, a consciência de uma identidade cultural que não mais se confunde com a lusitana, e que se afirma gradativamente, buscando formas para sua expressão. Entretanto, essa relação se estabelece não com o Brasil, mas com Minas que é, sempre, a pátria. E naturalmente ela não é individual, mas coletiva: lembre-se que o

projeto de independência dos inconfidentes tinha em vista a instalação de uma república em Minas.

O poeta é profundamente ligado aos modelos seiscentistas que constituem a base de sua formação e que permitem, em sua ostentação de pompa e poder, a encenação de um universo tenso e dialético, prestando-se com eficácia à representação da ambigüidade colonial. Já proscritos entretanto como manifestação do *cattivo gusto*, esses valores são substituídos pela simplicidade da cena arcádica e o poeta tenta em vão atualizar no áspero contexto local seus rios cristalinos, as bucólicas choupanas de seus pastores, os prados verdejantes onde guardam seus rebanhos e cantam delicados amores, à sombra de álamos sombrios e frondosas faias. A face brutal e ávida dos garimpos excede e deforma as máscaras idealizadas de pastores e ninfas sob as quais o mundo aristocrático europeu encena seu fim com graça e sofisticação e representa, sob a forma mítica e atemporal da idade de ouro, a irrupção de uma nova ideologia.

A impossibilidade de implantar o cenário petrificado da Arcádia nas Minas sem passado, onde o presente começa apenas a ser extraído das entranhas da terra, abre à poesia de Cláudio Manuel da Costa uma dimensão iluminista, manifesta sobretudo no poema "Vila Rica".

As referências literárias a que remete o poema são naturalmente clásssicas (e/ou barrocas): Virgílio, Lucano, Camões, Milton. Seu modelo fundamental não é, entretanto, o da epopéia clássica e barroca, que se estende de Virgílio a Tasso, mas, surpreendentemente, Voltaire, o "bom autor" mencionado no Prólogo. Como ele, Cláudio tenta adaptar os gêneros clássicos canônicos ao terreno ainda não delimitado de um novo recorte ideológico do mundo. Mirando-se no exemplo privilegiado da *Henriade*, o poeta experimenta no *Vila Rica* os mesmos problemas e soluções encontrados por Voltaire, da dificuldade de implementação do esquema retórico épico à construção de um discurso claro e coerente, tendo por pressuposto básico a veracidade dos fatos atestada por documentação exaustiva e fidedigna.

Como a *Henriade*, o *Vila Rica* ressente-se de um artificialismo e de uma falta de vitalidade resultantes da eliminação das tensões subjacentes à epopéia clássica e, conseqüentemente, de uma edulcoração do gênero — indícios claros de que o poema épico já não é capaz de se adequar ao novo quadro de referências que se institui no século XVIII. Curtius referese à consciência dessa inadequação, explicitada já no primeiro romance moderno, o *Tom Jones* de Fielding (1749) que, em capítulo dedicado a uma discussão sobre o maravilhoso, considera absurda e artificial a invocação das musas por um moderno.[1]

A percepção da inoperância do esquema épico manifesta-se no *Vila Rica* sob a forma de um mal-estar disseminado e de denegações reiteradas quanto ao gênero, já a partir de sua Carta Dedicatória.

Protocolo integrante da retórica clássica, a carta dedicatória é a inscrição oficial e formal, no paratexto do livro, de uma homenagem, muitas vezes remunerada, a um superior e protetor. É sem dúvida significativo o fato de que autores representativos do século das Luzes tenham se recusado a essa prática, já apreendida como um expediente degradante. Montesquieu afirma nas *Pensées*: "Não farei carta dedicatória: os que fazem profissão de dizer a verdade não devem esperar proteção sobre a terra". E, na introdução às *Lettres persanes*: "Não faço carta dedicatória, nem peço proteção para este livro". Observe-se que esse gesto de independência em relação ao mecenato é anterior à conquista dos direitos autorais, só obtida em fins do século XVIII, graças à ação de Beaumarchais.[2]

Cláudio Manuel da Costa submete-se naturalmente ao estatuto do escritor numa sociedade seiscentista, bem como às convenções do texto clássico, e endereça sua Carta Dedicatória ao marquês de Bobadela, em agradecimento aos benefícios recebidos. Mas apressa-se a explicitar o critério que determina sua homenagem: não a lisonja, mas a verdade, valor promovido pelo século. A mesma ambigüidade manifesta-se em relação ao gênero da homenagem, definido *a priori*, segundo as regras, como poema épico, cuja receita o poeta conhece bem.

Devera agora arrebatar-me na individual exposição de todas as virtudes de V. Excelência, no elogio de seu esclarecido sangue, na portentosa série de sua ações.

Entretanto ele se vê incapaz de atualizar o modelo épico, e encontra uma justificativa no conhecido *topos* da modéstia:

> Levantara uma nova Epopéia .... mas que posso dizer, se conheço tão desigual o canto, à vista do objeto que concebo.

No Prólogo, o autor faz sua declaração de intenção. O poema é uma "memória por escrito das virtudes de um herói". Se a intenção ecomiástica é claramente afirmada, o mesmo não se pode dizer quanto à determinação do gênero do poema, que o poeta hesita em definir como épico.

> Não é meu intento sustentar que tenho produzido ao mundo um poema com caráter de épico.

O argumento alegado é o fato de não terem os melhores poetas europeus conseguido realizar tal modelo, e uma explicação, tomada a Voltaire, se arrisca: "inventaram leis aonde não as havia". Diante dessa dificuldade , Cláudio limita-se a atribuir ao poema uma determinação geral e modesta: trata-se de uma "composição em metro para fazer ver o distinto merecimento de um general".

Ao longo do Prólogo, todavia, o objeto do louvor desliza subrepticiamente do conde de Bobadela às pátrias Minas que, "pelas riquezas que têm derramado por toda a Europa, e pelo muito que socorrem com a

fadiga de seus habitantes ao comércio de todas as Nações polidas", merecem ser lembradas pela posteridade.

Se o gênero e o objeto da homenagem são ambíguos, o método de composição se define com clareza: o princípio metodológico que orienta o trabalho é o da veracidade dos fatos relatados, assegurada por uma documentação extensa e confiável, ou seja, o procedimento científico que funda a História. O mal-estar do autor em relação ao modelo épico elucida-se na medida em que se anunciam, no Prólogo, os pressupostos metodológicos sobre os quais se constrói o discurso da História. Aqui já não há hesitação. Seguro de seus procedimentos, o autor contesta em alguns pontos a tradição das narrativas sobre a história da América, apoiando-se em argumentos que legitimam não apenas o *enunciado* ("... mas esses [autores] não tiveram tanto à mão as concludentes provas de que me sirvo".), como também o *sujeito da enunciação*, que se encontra em posição privilegiada em relação aos outros autores pois "não se familiarizaram tanto com os mesmos que intervieram em algumas das ações e casos acontecidos neste país; e ultimamente não nasceram nele nem comunicaram por tantos anos como eu".

Na impossibilidade de investir o espaço propriamente textual, ocupado por direito pela estrutura épica, o discurso histórico, hesitante, embrionário, ainda não codificado, aloja-se nas franjas do texto, no vasto paratexto que o cerca e se manifesta na abundância das notas bem com no ensaio intitulado "Fundamento Histórico", que precede o poema, exercendo função introdutória.

Pouco usuais em textos de poesia, as notas adquirem no *Vila Rica* um volume e um relevo especiais. Constituindo uma ruptura em relação ao sistema enunciativo do texto, elas oferecem a possibilidade de um segundo nível discursivo através do qual se realiza, diante da inoperância da forma épica, a transferência de sua função fundadora do real para o novo discurso que, das margens do texto, diz o que ele já não é mais capaz de dizer: a "autobiografia de uma nação" (Michelet), a prática de uma nova inteligibilidade, a reclassificação dos saberes.

Os critérios que regem esse texto marginal e pontual — veracidade, fidedignidade — são radicalmente diversos dos que sustentam o poema. Eles desentronizam o modelo épico e induzem à leitura do elemento ficcional como ornamento, ou seja, acessório, como explicita a nota 19:

> Toda esta ficção não serve mais que de ornamento e tudo o que se deduz da história é insignificante.

As notas funcionam como um discurso paralelo que explica, explicita, complementa e sobretudo traduz a língua morta da Epopéia para o moderno discurso da História. Tradução que se fundamenta num aparato de referências históricas, geográficas e culturais, de citações, indicações de fontes, produção de autoridade, informações e documentação.

Entretanto, apesar da solidez e da seriedade do aparato crítico, o terreno metodológico das notas é híbrido e movediço, propiciando a transmissão de informações deliciosas, como a de que o Brasil foi descoberto por Pedro Martins Cabral em 1501, ou baseada no texto do Gênesis e no *Paraíso perdido* de Milton, a conclusão de "ter sido a bananeira a árvore que socorreu com a grandeza de suas folhas a nudez de nossos primeiros pais". Na prática, literário e científico, fictício e verídico se misturam e interagem.

Não somente o conteúdo veiculado pelas notas é novo, mas também sua localização na página: os textos medievais e os incunábulos do século XV, recheados de comentários e esclarecimentos grafados em letras menores, são substituídos no século XVI por notas marginais, que se escrevem paralelamente ao texto e que somente no século XVIII são transferidas para o pé de página, numa clara manifestação da hierarquia estabelecida entre o texto e seu paratexto. É nesse segundo plano que se multiplicam as notas do *Vila Rica*, chegando algumas vezes, como se verifica nos manuscritos, a inverter a ordem hierárquica, ocupando a maior parte do espaço da página. A localização de sua chamada no corpo do poema é muitas vezes hesitante e indecisa, determinada mais pelo fluxo da enunciação que pela lógica do pensamento.

A proliferação do mecanismo complementar das notas não é entretanto suficiente para dar vazão ao discurso histórico que irrompe sob a couraça épica do poema. O autor acrescenta-lhe um "Fundamento Histórico", substancial ensaio cujo modelo é ainda a *Henriade* de Voltaire, que traz em apêndice um estudo histórico intitulado "*Dissertation sur la mort de Henri IV*".

No "Fundamento Histórico" explicitam-se os pressupostos teóricos e metodológicos do discurso científico: rigor, imparcialidade, objetividade, citação de fontes fidedignas. Não se trata mais de desvios, bifurcações pontuais do poema, como no caso das notas, mas de um texto integral que o substitui e o traduz segundo os critérios de uma nova inteligibilidade. Cláudio identifica o ponto de partida de seu trabalho nos apontamentos fornecidos pelo coronel Bento Fernandes Furtado, detecta incoerências em relação à História de Sebastião da Rocha Pita e a outras narrativas históricas da época e aprofunda a pesquisa, buscando a verdade da informação em sua origem. Consulta documentos autênticos, registros de Câmaras e secretarias de Governo, cartas de governadores, ordens régias, documentação extraída dos arquivos da Companhia de Jesus. Com apoio nesses fragmentos da História, desenvolve-se a narrativa da descoberta do ouro em Minas, da criação das primeiras cidades, da série dos governadores, do descobrimento das esmeraldas. A objetividade e a imparcialidade da narrativa, mitos fundadores do discurso histórico, revelam-se entretanto frágeis máscaras sob as quais se disfarça o brasileiro Cláudio Manuel da Costa para fazer passar, junto

com a veemente defesa dos paulistas — que também é a sua — todo o ressentimento do colonizado:

Digam agora os geógrafos que todos [os paulistas] são mamelucos; arguam-lhes defeitos que nunca tiveram; sirva-lhes de injúria o haverem nascido entre aquelas montanhas: as almas é certo que não têm pátria nem berço, deve-se amar a virtude onde ela se acha: nenhuma obrigação tinha a natureza de produzir só na Grécia os Alexandros, só em Roma os Cipiões.

Segue-se a esta uma citação do drama de Alexandre, de Metastásio.

Contaminados pela subjetividade, os critérios científicos do discurso histórico vacilam: o "documento" em que se baseia a narrativa do descobrimento das esmeraldas é uma obra literária, um poema manuscrito de caráter encomiástico, datado de 1689, de autoria de de Diogo Grasson Tinoco, e que, reiteradamente citado, funciona como a autoridade produzida pelo discurso histórico — espelho onde se reflete a imagem invertida do poema.

A ambigüidade que perpassa o *Vila Rica*, a insolúvel indecisão que inscreve o registro histórico no texto poético e inversamente, numa tradução infinita, não é apenas um traço da secundaridade do poema no conjunto da obra de Cláudio Manuel da Costa. A hesitação é marca de toda uma produção literária do século XVIII, onde uma visão crítica da sociedade não consegue expulsar a persistente imagem ideal veiculada pelo passado. Nesse contexto, assinala Jean Ehrard,[3] "obras nascidas de um projeto ideológico constroem-se contra ele até o limite da contradição". Filiam-se a essa estética da ambigüidade diversas produções do século, como os romances inacabados de Marivaux, a indefinição de *Manon Lescaut*, onde o discurso da História serve de contraponto ao lirismo trágico, a contradição entre o compromisso ideológico e as primeiras faíscas de uma revolução cultural em *Paul et Virginie*, o desfecho ambíguo das *Liaisons dangereuses*.

Fim de "Introdução
de Vila Rica"

Vila Rica

1773

Vila Rica[1]

Poema de Cláudio Manuel da Costa, Árcade Ultramarino, com o nome de Glauceste Satúrnio, oferecido ao Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conde de Bobadela[2]

Ano de 1773

Ultra garamantas, et Indos proferet imperium[3]
Virgílio, *Eneida*, VI

Carta Dedicatória

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Depois de haver escrito o meu Poema da fundação de Vila Rica, Capital das Minas Gerais, minha Pátria, a quem o deveria eu dedicar mais que a V.Exa.? Há muito que ansiosamente solicito dar ao Mundo um testemunho de agradecimento aos benefícios que tenho recebido da Excelentíssima Casa de Bobadela: este me persuado que o pode ser, se não pelo mais completo, ao menos pelo mais puro: a idade que o ler confessará ingenuamente que não obrou a lisonja, aonde sobressai a verdade. Dirão que adornei de louvores os preclaríssimos nomes de V.Exa. e do Exmo. Sr. Gomes Freire de Andrada,[4] bem digno Irmão, mas poder-se-á conhecer ao mesmo tempo que me deu dilatadíssimo campo um merecimento a todas as luzes sólido, grande e incontestável.

Quem ignora que por quase trinta anos descansaram com felicidade nas mãos dos Exmos. Freires as Minas do Ouro do nosso Portugal? Quem não viu alegres os Povos, satisfeito o Monarca e conseguida em toda a sua extensão a igualdade da Justiça por todo este espaço do saudoso governo daqueles Heróis? Pudera produzir muitas provas, se me não sobrasse por todas a mesma diuturnidade dos anos que refiro. Parece que o Rei desejava fazer eternos na proteção destes Vassalos, tão apartados do seu trono, aqueles espíritos que tanto apetecia ter ao seu lado: esta foi a maior significação de amor com que distinguiu aos moradores das Minas e este o testemunho maior com que qualificou o conceito que formava dos Excelentíssimos [Freires].[5]

Devera agora arrebatar-me na individual exposição de todas as virtudes de V.Exa., no elogio do seu esclarecido sangue, na portentosa série das suas ações: tudo tenho diante dos olhos, tudo me lisonjeia por extremo, e me estimula tudo.

Levantara uma nova Epopéia, que fizesse emudecer o rapto dos Mantuanos nos seus Marcelos; mas que posso dizer, se reconheço tão desigual o canto à vista do objeto que concebo! O Mundo me acusaria sempre de diminuto: e eu receberei grande vaidade de acabar com a ponderação deste embaraço o meu obséquio. Sou

De V. Exa.

Humilde Servo,

Cláudio Manuel da Costa

Prólogo

Leitor,

Eu te dou a ler uma memória por escrito das virtudes de um Herói que fora digno de melhor engenho para receber um louvor completo. Não é meu intento sustentar que eu tenho produzido ao Mundo um Poema com o caráter de épico; sei que esta felicidade não conseguiram até o presente aqueles homens a quem a Fama celebra laureados na Grécia, na Itália, em Inglaterra, em França e nas Espanhas. Todos se expuseram à censura dos críticos, e todos são argüidos de algum erro ou defeitos; a razão pode ser a que assina um bom Autor: inventaram-se leis aonde as não havia.[1] Mas dou-te, que eu não te ofereça mais que uma composição em metro, para fazer ver o distinto merecimento de um General que tão prudentemente pacificou um Povo rebelde, que segurou a Real Autoridade e que estabeleceu e firmou, entre as diferentes emulações de uns e outros Vassalos desunidos, os interesses que se deviam aos Soberanos Príncipes de Portugal: dirás que é digna de repreensão a minha empresa? Na verdade não espero do teu benigno ânimo esta correspondência: e tudo o que não for injúria ou acusação será para mim uma inestimável remuneração das minhas fadigas.

Se eu fiz alguma diligência por averiguar a verdade, digam-te as muitas Ordens e Leis que vês citadas nas minhas notas, e a extensão de notícias tão individuais com que formei o plano desta obra: pode ser que algum as conteste pelo que tem lido nos escritores da História da América; mas esses não tiveram tanto à mão as concludentes provas de que eu me sirvo; não se familiarizaram tanto com os mesmos que intervieram em algumas das ações e casos acontecidos neste País; e ultimamente não nasceram nele, nem o comunicaram por tantos anos como eu.

E se estas Minas, pelas riquezas que têm derramado por toda a Europa, e pelo muito que socorrem com a fadiga dos seus habitantes ao comércio de todas as nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da Pátria, que me obrigou a tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhor pena uma terra que constitui hoje a mais importante Capitania dos domínios de Portugal.

Fundamento Histórico

Persuadido o Autor desta obra de que não serão bastantes as notas com que ilustrou os seus Cantos a instruir ao Leitor da notícia mais completa do descobrimento das Minas Gerais, da sua povoação e do aumento a que têm chegado os seus pequenos Arraiais, se resolveu a escrever esta preliminação histórica, em que protesta não pertender alterar a verdade a benefício de alguma paixão, e só se regula pelo mais crítico e incontestável exame, que por si e por pessoas de conhecida inteligência e probidade pôde conseguir sobre fatos que ou a tradição conserva de memória, ou escreveu raramente algum gênio curioso, que o testemunhou de vista.

Entre os desta conduta deu um importante socorro o Coronel Bento Fernandes Furtado, natural da Cidade de São Paulo, que há poucos anos faleceu no Serro do Frio, tendo sido morador no Arraial de São Caetano, distrito da Cidade Mariana. Confiou ele do Autor em sua vida alguns apontamentos que fizera, e achando-os o Autor em muita parte dissonantes do que havia lido na *História* de Sebastião de Pita Rocha[6] e outros escritores das cousas da América, procurou confirmar-se na verdade pelos monumentos das Câmeras e Secretarias dos Governos das duas Capitanias, São Paulo e Minas.

O Sargento-Mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural também da mesma Cidade de São Paulo, e ali morador, de estimável engenho e de completo merecimento, remeteu ao Autor desde aquela Cidade todos os documentos que conduziam ao bom discernimento desta obra, e regendo-se o Autor por Ordens Régias, Cartas de Governadores e atestações de Prelados Eclesiásticos, e manuscritos desde a era de 1682 achados nos arquivos que foram dos padres denominados da Companhia de Jesus naquela Província, facilmente poderá desculpar-se se oferece ao público este Poema, sem o receio de ser insultado nas opiniões que sustenta, ainda quando mais contestadas de uns e outros sectários.

Os naturais da Cidade de São Paulo,[(2)] que têm merecido a um grande número de geógrafos antigos e modernos serem reputados por uns homens sem sujeição ao seu Soberano, faltos do conhecimento e do respeito que devem às suas leis, são os que nesta América têm dado ao Mundo as maiores provas de obediência, fidelidade e zelo pelo seu Rei, pela sua Pátria e pelo seu Reino.

A vigilância com que atendiam pela harmonia e utilidade econômica do seu País os aconselhou, muito antes que a todo o Portugal, a fazer sair das suas terras aos padres denominados da Companhia de Jesus;(3) por sediciosos e maus, os puseram eles em um total extermínio em o mês de julho de 1640 e, por força de caridade indiscreta de Fernão Dias Paes contra o voto comum, foram depois restituídos a São Paulo em o ano de 1653.

Trabalharam incessantemente por adiantar os interesses do Real Erário e se gloriam de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartolomeu Bueno de Siqueira os primeiros Paulistas que apresentaram as mostras do ouro das Minas Gerais ao Governador do Rio de Janeiro, Antônio Paes de Sande, pelos anos de 1695.

Falecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remeteu a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta datada em o Rio de Janeiro, a 16 de junho do mesmo ano.

Por este tempo se serviu Sua Majestade de despachar a Artur de Sá e Menezes por Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, e por Carta Régia de 16 de dezembro de 1695 lhe ordenou passasse aos descobrimentos das minas do Sul a executar o que se havia encarregado a Antônio Paes de Sande, praticando com os Paulistas beneméritos as mesmas honras, e mercês de Hábitos, e foros de Fidalgos da Casa, conteúdos na Real Instrução, que pela Secretaria do Estado se expedira ao dito Sande. Depois por Carta Régia de 27 de janeiro de 1697 se mandou sair ao dito Sá com seiscentos mil réis de ajuda de custo em cada um ano, além do seu soldo.(4)

Buscando porém as cousas na sua origem, segue o Autor por mais certa e prudente opinião não se poder averiguar indubitavelmente qual fosse o primeiro Paulista que descobriu as Minas Gerais, de que particularmente se trata nesta obra. É sem controvérsia que o primeiro objeto dos conquistadores de São Paulo foi o cativeiro dos Índios, porque eles substituíam a falta dos escravos, que ao depois entraram em grande número das costas d'África.

Desde o estabelecimento daquela Povoação, que foi em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, de onde derivou o nome, se deve presumir que giravam muitos dos conquistadores pelo centro dos Sertões, e atravessavam as Minas, saindo em Bandeiras (que assim chamavam as companhias que para esta diligência se armavam), e recolhendo-se ao depois com a presa que facilmente podiam segurar.

Dos Sertões penetrados era o mais notável o da Casa da Casca, nome que se deu a uma Aldeia sobre as costas do Rio Doce, que vai fazer barra à Capitania do Espírito Santo e principia a formar-se desde o Córrego do Ouro Preto, recebendo em si imensos ribeiros e rios caudalosos. Destes Sertões se recolhia na era de 1693 Antônio Rodrigues Arzão, natural da Vila de Taboaté,[7] com mais cinqüenta homens de sua comitiva. Chegado à Capitania do

Espírito Santo, apresentou ao Capitão-Mor Regente daquela Vila três oitavas de ouro; a Câmara os recebeu com agrado e lhes subministrou os víveres e vestuários de que careciam, segundo as ordens que d'El-Rei tinha.

Deste ouro se mandaram fazer duas memórias,[8] uma, que ficou ao dito Arzão, e outra, que tomou para si o Capitão-Mor: aqui se fundamenta o episódio do Segundo Canto.

A denunciação desta limitada porção foi sem dúvida a primeira que se fez de ouro que se descobria nas Minas Gerais; e a de que se conserva memória em São Paulo, que é a de Carlos Pedroso da Silveira, por algumas circunstâncias discorre o Autor ser posterior a ela. Antônio Rodrigues Arzão, não podendo ajuntar na Vila do Espírito Santo a gente que precisava para segunda vez tornar aos Sertões, se passou ao Rio de Janeiro e daí para São Paulo: nesta Cidade, ferido gravemente dos trabalhos que passara, enfermou e veio a morrer finalmente, deixando encarregado a Bartolomeu Bueno, seu cunhado, de continuar no descobrimento de que havia apresentado as mostras.

Era Bartolomeu Bueno dotado de bastante agilidade e fortaleza de espírito e, como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi fácil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si, com o favor de alguns amigos e parentes, a grande empresa a que havia dado princípio Antônio Rodrigues Arzão.

Convocados todos e guiados pelo roteiro que lhes deixara o falecido, saíram da Vila de São Paulo pelos anos de 1694. Romperam os matos gerais, e servindo-lhes de norte o pico de algumas serras, que eram os faróis na penetração dos densíssimos matos, vieram estes generosos aventureiros sair finalmente sobre a Itaverava, serra que de Vila Rica dista pouco mais de oito léguas: aí plantaram meio alqueire de milho; e porque o Sertão era mais estéril de caça que o do Rio das Velhas, para este passou Bartolomeu Bueno a tropa, enquanto madurava a pequena sementeira de que esperava manter-se, para continuar o descobrimento.

No ano seguinte, que foi o de 1695, voltaram os referidos sertanistas a colher a sua planta, e entrando na Itaverava foram encontrados do Coronel Salvador Fernandes Furtado e do Capitão Manuel Garcia Velho e outros, conquistadores também do Gentio e povoadores das Vilas que ficam ao leste de São Paulo; já então trabalhavam com algum desembaraço os primeiros sertanistas, ajudados de um grande número de Índios, que haviam cativado nos sertões do Caeté e Rio Doce; mas como lhes obstava a falta de experiência necessária, e não tinham instrumentos de ferro para a laboreação, apenas se contentavam com o pouco que podiam apurar em pequenos pratos de pau ou de estanho, servindo-lhes os mesmos paus aguçados de cavar a terra e descobrir os cascalhos, formações em que se conserva e se cria o ouro.

Quis Miguel de Almeida, um dos companheiros do Bueno, melhorar de armas, e propôs ao Coronel Salvador Fernandes Furtado a troca de uma clavina, dando-lhe por avanço todo o ouro que se achasse nos da comitiva; aceitou o Coronel a oferta, e dando-se busca ao ouro, se não achou entre outros mais que doze oitavas; recebeu-as o Coronel, e como Manuel Garcia Velho quisesse ter a vaidade de aparecer com todo aquele ouro em São Paulo, cometeu ao Coronel a venda de duas Índias, mãe e filha, a preço das doze oitavas: conveio este no trato e compra das Índias, as quais catequizadas, se batizou uma com o nome de *Aurora*, e outra com o de *Célia*. Desta última há notícia que faleceu há poucos anos na Vila de Pitangui, em casa de uma filha casada do dito Coronel, e aqui tem fundamento histórico o episódio de Aurora.

Despedidos uns sertanistas dos outros, partiu ufano para São Paulo o Capitão-Mor Manuel Garcia Velho; entrando na Vila de Taboaté, aí o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; e porque lhe não faltava habilidade e engenho para se conciliar com os patrícios, houve a si as doze oitavas de ouro; com elas se passou ao Rio de Janeiro, apresentou-as ao Governador (como já se disse) e foi premiado com a patente de Capitão-Mor da Vila de Taboaté.

Conseqüentemente o nomeou o mesmo Governador Provedor dos Quintos, concedendo-lhe as ordens necessárias para estabelecer fundição na mesma Vila, por ser ela a povoação onde desembarcavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que, posto que Antônio Rodrigues Arzão denunciasse primeiro que Carlos Pedroso da Silveira as três oitavas de ouro que descobriu nas Minas Gerais, a sua morte impediu o progresso desta denunciação, e ficou Carlos Pedroso conseguindo a glória de apresentar o ouro que ele não descobrira.

O descobrimento pois denunciado pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira e o estabelecimento da Casa da Fundição em Taboaté foram os dous fortes estímulos que animaram os Paulistas a armarem tropas, a prevenirem-se de alguma fábrica mais proporcionada ao uso de minerar, e a desampararem a Pátria, rompendo os matos gerais desde a grande Serra do Lobo, que divide a Capitania de São Paulo, até penetrarem o mais recôndito das Minas, menos já na conquista do Gentio, que na diligência do ouro.

O grande número de concorrentes que buscavam as Minas, e a emulação que logo se acendeu entre os da Vila de São Paulo e os naturais de Taboaté fez que, estendidos por várias partes, buscasse cada um novo descobrimento em que se estabelecesse, não se contentando os Paulistas de entrarem em parte nas repartições das faisqueiras que denunciavam os de Taboaté, nem estes nas que denunciavam os Paulistas.

Esta opinião, que tinha um semblante de fanatismo, por serem todos da mesma Pátria, posto que de diferentes distritos, veio finalmente a pro-

duzir a grande utilidade de se desentranharem em toda a sua extensão as minas do nosso Portugal, de serem penetradas de uns e de outros, não se perdoando ao rio mais remoto e caudaloso, nem à serra mais intratável e áspera, se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras veio a conceber-se mais tarde que o dos rios e seus taboleiros, que são as margens planas que os cercam dos lados.

E porque não é intento do Autor cansar ao Leitor com a multiplicidade dos nomes de tantos que têm a glória de descobridores, e apenas podem ser conhecidos dentro das suas famílias e pátria, e menos noticiar individualmente os rios, córregos e serras que por sua ordem se foram descobrindo, de que tudo tem uma verídica e suficiente informação, só pelas datas dos tempos fará ver ao curioso quais foram aqueles que deram ao manifesto as faisqueiras mais avultadas em que hoje se acham criadas as Vilas do Ouro Preto, a Cidade Mariana, a Vila do Sabará, a do Caeté, a de São João d'El-Rei, a de São José e a do Príncipe no Serro do Frio, que fazem as cabeças das quatro Comarcas da Capitania das Minas Gerais.

*
* *

Vila do Carmo, hoje Cidade Mariana
1699

Miguel Garcia, natural de Taboaté, foi o primeiro que deu ao manifesto um córrego que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se compreende no distrito da Cidade Mariana: fez a repartição o Guarda-Mor Garcia Rodrigues Velho, com assistência do Escrivão das Datas, o Coronel Salvador Fernandes Furtado. O Ribeirão chamado o do *Carmo* descobriu pelo mesmo tempo João Lopes de Lima, natural de São Paulo, e o manifestou em 1700: repartiu-se, e porque as faisqueiras eram invencíveis pela grande frialdade das águas, despenhadeiros e matos cerradíssimos que o cercavam de ambas as margens, tanto, que só permitia trabalhar-se dentro dele quatro horas do dia, além da grande penúria dos mantimentos, que chegou a trinta, e quarenta oitavas o alqueire de milho, e o de feijão a oitenta oitavas, foi fácil desampararem os mineiros por algum tempo a sua Povoação, e só permaneceu nela o Coronel Salvador Fernandes Furtado. Dista este Ribeirão até a barra do Rio Doce 16 té 18 léguas, e pela volta do Rio se computam 30. Está situada em 20 graus e 21 minutos. Passou a ser Vila por criação do Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 8 de abril de 1711.

*
* *

Ouro Preto, ou Vila Rica

O Ouro Preto, que compreende em si vários ribeiros e morros com diferentes denominações, como são Passadez, Bom Sucesso, Ouro Fino, ou Bueno etc, teve por descobridores nos mesmos anos de 1699, 1700, 1701 Antônio Dias, natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de São Sebastião, que viera por Capelão das Tropas de Taboaté, a Tomás Lopes de Camargo, que se sitiou nas lavras, que ao depois vieram a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este último primo do primeiro descobridor da Itaverava, Bartolomeu Bueno: de todos estes tomaram nome alguns bairros de Vila Rica. Foi criada a Vila pelo Governador Albuquerque, no dia 8 de julho de 1711; está situada em 20 graus e 24 minutos ao poente.

*
* *

Sabará

Tendo sido atravessado o dilatadíssimo sertão do Sabará-Bussu muito antes de qualquer outro das Minas, porque os primeiros conquistadores demandavam o Rio das Velhas, cujas dilatadas campinas eram mais povoadas dos Gentios e férteis de caça, e as primeiras diligências do ouro e pedras se fizeram ao norte de São Paulo, consta que o seu descobridor, ou denunciante das suas faisqueiras, fora o Tenente-General Manuel de Borba Gato, natural de São Paulo, de cuja história se faz menção no Canto III. O descobrimento foi na era de 1700. Assistiu à repartição o Governador Artur de Sá e Menezes: passou Sabará a ser Vila em 17 de julho de 1711, por criação do Governador Antônio de Albuquerque: a sua situação é em 19 graus e 52 minutos.

*
* *

Caeté, Vila da Rainha

Entre o Sabará e o Arraial de Santa Bárbara se criou a Vila Nova da Rainha, conhecida ainda pelo nome brasílico de *Caeté*, que vale o mesmo que *mato bravo*, sem mistura alguma de campo: foi descobrimento do Sargento-Mor Leonardo Nardes, Paulista, e de uns fulanos Guerras, naturais da Vila de Santos. O Governador D. Brás da Silveira lhe deu o foral de Vila em

29 de janeiro de 1714, por virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antônio de Albuquerque. Está situada em 19 graus e 55 minutos.

*
* *

Rio das Mortes, Vila de São João e São José

O RIO DA MORTES, que os Paulistas e viandantes das mais partes atravessavam freqüentemente, por distar nos primeiros tempos do Ouro Preto pouco mais de cinco dias de jornada ordinária, foi descoberto por Tomé Portes d'El-Rei, natural de Taboaté, passados muitos anos depois do descobrimento das primeiras povoações. Aí se criou a Vila de São João d'El-Rei, ficando-lhe ao nascente a de São José, no lugar então chamado a *Ponta do Morro*; foi descobrimento de José de Siqueira Afonso, natural de Taboaté. Foram criadas estas Vilas pelo Governador D. Pedro de Almeida, em 19 de janeiro de 1718. A Vila de São João está em 21 graus e 20 minutos; São José em 21 e 5.

*
* *

Serro Frio, Vila do Príncipe

ANTÔNIO SOARES, natural de São Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os Sertões ao norte de São Paulo, descobriu o grande Serro vulgarmente chamado o do Frio, que na língua gentílica era tratado por *Hivituraí*, por ser combatido de frigidíssimos ventos, todo penhascoso e intratável: do seu descobridor proveio o nome a uma das suas serras, que hoje se conhece pelo Morro d'Antônio Soares. Neste descobrimento se associou um Antônio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já se deu notícia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes e todo o gênero de pedras estimáveis são bem conhecidas por toda a Europa: nele se estabeleceu o Real Contrato Diamantino, que tem devido aos Senhores Reis de Portugal a maior vigilância e zelo. A Capital denominada Vila do Príncipe foi criada por D. Brás da Silveira, em 29 de janeiro de 1714. Está situada em 18 graus e 23 minutos.

Discorrendo por entre a grande extensão destas quatro Comarcas, apenas se achará rio, córrego ou serra que não devesse aos Paulistas o descobrimento das suas faisqueiras, e estes são os serviços com que se têm acreditado, além de muitos outros, os naturais da Cidade de São Paulo.

Digam agora os geógrafos que todos são mamelucos; arguam-lhes defeitos que nunca tiveram; sirva-lhes de injúria o haverem nascido entre aquelas montanhas: as almas é certo que não têm Pátria, nem berço; deve-se amar a virtude onde ela se acha: nenhuma obrigação tinha a natureza de produzir só na Grécia os Alexandres, só em Roma os Cipiões.

Qui pur s'intende
Di gloria il nome, e la virtù s'onora,
A l'Alessandri suvi l'Idaspe ancora.
O Abade Pedro Metastásio,[9] no *Drama de Alexandre*

*
* *

Primeira divisão das Comarcas

Em 6 de abril de 1714 se fez a divisão das Comarcas com assistência do Sargento-Mor, Engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do Capitão-Mor Pedro Frazão de Brito, e se assentou que a Comarca de Vila Rica se dividisse dali em diante da de Vila Real, indo pela estrada de Mato-Dentro pelo ribeiro que desce da Ponta do Morro, entre o sítio do Capitão Antônio Ferreira Pinto e do Capitão Antônio Correia Sardinha, e faz barra no Ribeirão de São Francisco, ficando a Igreja das Catas Altas para a Vila do Carmo, e pela parte da Itaubira se faz divisão no mais alto do morro dela, e tudo o que pertence a águas vertentes para a parte do sul tocará à dita Comarca de Vila Rica, e para a parte do norte tocará à Comarca de Vila Real. O Ribeirão das Congonhas, junto do qual está um sítio chamado *Casa Branca*, servirá de divisão entre as Comarcas de Vila Rica e de São João d'El-Rei, devendo tocar a Vila Rica tudo o que se compreende até ela vindo do dito ribeirão para as Minas Gerais; e do mesmo pertencerá à Comarca de São João d'El-Rei tudo o que vai até à Vila de Guaratinguetá pela Serra da Mantiqueira. Presidiu a esta repartição o Governador D. Brás Baltezar da Silveira, e assinaram nela todos os Procuradores das Vilas. Consta do Livro dos Termos na Secretaria do Governo, à fl.36.

*
* *

Série dos Governadores

Tornando à série dos Governadores que ou entraram nas Minas, tendo anexas as Capitanias de São Paulo e Rio de Janeiro, ou que particular e sepa-

radamente as governaram, a que aludiu o Autor naquele verso — *Fernando, Artur e D. Rodrigo, o morto* — é sem dúvida que deixados alguns governos interinos de ordem d'El-Rei, ou sem ela, sucederam na administração das Minas Gerais todos os que se apontaram cronologicamente no Canto IX.

Recolhia-se Fernão Dias Paes a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, e deixando a seu genro Manuel de Borba Gato, morador no Rio das Velhas, a pólvora e o chumbo, e mais petrechos e ferramenta da sua laboreação para tornar às Minas logo que recebesse as Reais Ordens. Saía D. Rodrigo por este tempo (que seria pouco mais ou menos na era de 1681) acompanhado de alguns Paulistas, como foram Matias Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Morais, Manuel Francisco, pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado, pai de Genuário Cardoso, e vários outros que tinham a prática dos sertões das Minas.

Avizinhando-se D. Rodrigo ao Borba, no intento de querer passar às minas das esmeraldas, lhe mandou pedir o socorro, que precisava de pólvora e chumbo, e dos mais instrumentos de ferro: repugnou o Borba, a pretexto da espera em que estava de seu sogro Fernão Dias Paes; e querendo os que acompanhavam ao Fidalgo ir à força despojar o Borba do que pediam, pacificou D. Rodrigo este primeiro ímpeto, tomando sobre si a consecução do negócio por meios menos arriscados.

Desordenou a imprudência de um ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandato expresso do Borba, foi morto D. Rodrigo nessa ocasião por uns pajens, ou bastardos, que viviam agregados a ele: a esta morte se seguiu salvar-se engenhosamente o Borba, afetando a repentina chegada de Fernão Dias Paes; e em conseqüência da fugida, em que para logo se puseram os Paulistas acima nomeados, foram eles os primeiros que se entranharam pelo Rio de São Francisco, e povoaram e encheram de gados as suas margens, de que hoje se sustenta o grande corpo de Minas Gerais; nem mais quiseram voltar para a Pátria, envergonhados do engano em que haviam caído.

Temeroso o Borba de que o buscassem as Justiças, e que sobre a sua prisão fizesse El-Rei as maiores diligências, se meteu aos sertões do Rio Doce com alguns Índios domésticos da sua comitiva: aí viveu vários anos respeitado por Cacique, sem mais lei, ou civilidade, que aquela que podia permitir uma comunicação entre bárbaros.

Estimulado contudo dos remorsos da consciência, cuidou em mandar dous Índios práticos a São Paulo a tomar alguma inteligência dos seus parentes sobre o estado em que se achava o seu crime; estes lhe facilitaram o acesso ao Governador Artur de Sá e Menezes, recentemente chegado àquela Capitania; falou-lhe Artur de Sá com afabilidade e lhe prometeu o perdão em nome d'El-Rei, contanto que ele fizesse certo o descobrimento que denunciava do Rio das Velhas.

Bem se pode considerar o estado em que se achariam as Minas por todo este tempo, em que só o despotismo e a liberdade dos facinorosos punham e revogavam as leis a seu arbítrio. O interesse regulava as ações, e só se cuidava em avultar em riquezas, sem se consultarem os meios proporcionados a uma aquisição inocente. A soberba, a lascívia, a ambição, o orgulho e o atrevimento tinham chegado ao último ponto.

Aprestado o Borba, e socorrido de muitos parentes e amigos, acompanhou a Artur de Sá, chegou ao Rio das Velhas; deu ao manifesto este descobrimento, e se fez digno, pela grandeza das suas faisqueiras, que o Governador o premiasse com a patente de Tenente-General de uma das praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Artur de Sá no Rio das Velhas; lavrado o mais fácil daqueles ribeiros, se retirou outra vez para São Paulo, substituindo-lhe uma espécie de jurisdição no Cível e no Crime o Mestre de Campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno, Guarda-Mor das Repartições das Terras e Datas Minerais, criado pelo mesmo Governador.

Com a ausência de Artur de Sá, como corpo sem cabeça, tornaram as Minas à primeira desordem: as distâncias das quatro Comarcas já penetradas, e cheias de um grande número de povoadores de diferentes Capitanias, que tinham entrado, dificultavam as providências de um só homem, em quem ainda não acabavam de reconhecer os povos a jurisdição de que estava encarregado.

Por este tempo se começaram a suscitar os ódios entre os filhos de São Paulo e os naturais de Portugal, que eles denominavam *Buabas*. Dous religiosos, cujos nomes e religiões se não declaram[10] por se evitar o escândalo, fomentaram todo o calor desta desunião. Viviam eles na liberdade que permitia o País, e a impulsos de uma desordenada ambição atravessaram[11] com três arrobas de ouro o fumo e a cachaça, ou aguardente da terra, para a venderem monopolizadamente pelo mais alto preço. Quiseram logo praticar o mesmo com a carne dos gados, e encontrando a oposição dos Paulistas, resolveram acabar com eles, expelindo-os de uma vez das Minas, que eles haviam conquistado, e em que estavam estabelecidos com as suas famílias e fábricas.

Sucedendo uns fatos a outros, e tomando corpo a emulação, conseguiram os Europeus a expulsão e despejo dos Paulistas pelos anos de 1709 para 1710, regendo-os nesta ação os dous Chefes, Manuel Nunes Viana, com o caráter de Governador, com que o decoravam os seus, e Antônio Francisco, com o de Mestre de Campo, por nomeação do mesmo Viana.

Quais fossem estes dous homens, o dão bem a conhecer as notas que se ajuntaram ao Canto Quinto e Sexto e, posto que pelo que respeita a Viana se citasse só o testemunho do Conde de Assumar em uma carta registada no Livro n° 7 da Secretaria do Governo das Minas Gerais, no

mesmo Livro se encontram infinitas outras, que acusam as intrigas, sublevações e desordens que ele continuava a maquinar nos distritos, onde vivia, do Rio das Velhas, as quais por brevidade se não transcrevem. Quanto a Antônio Francisco, o mesmo Conde dá um testemunho do seu caráter na carta escrita ao Doutor Valério da Costa Gouvea, Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, datada em 14 de março de 1718, páginas 22 e 23; nela se lêem estas palavras:

> Eu não sei se me expliquei bem, quando falava a V. Mcê. na minha antecedente no extermínio deste homem, porque, se queria saber de V. Mcê. o partido com que aí me achava, era julgando ser precisa a prisão, porque bem sabia eu que os perturbadores e sediciosos não só podiam, mas deviam ser expulsados; a dificuldade só que se me oferecia era no modo de o fazer, porque a desgraça deste País é tal, que sendo de tão baixo nascimento este homem é daqueles que se não prendem para se soltarem.

Fazendo, porém, justiça, é certo que entre os rebeldes e levantados daquele tempo, tinha melhor índole que todos o suposto Governador Manuel Nunes Viana: não consta que cometesse, por si ou por algum de seus confidentes, positivamente ação alguma nociva ao próximo; desejava reger com igualdade o desordenado corpo que se lhe ajuntara; acolhia afavelmente a uns e a outros; socorria-os com os seus cabedais; apaziguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudência; ardia porém por ser Governador das Minas e, se tivesse letras, se podia dizer que trazia em lembrança a máxima de César — *Si violandum est jus, regnandi gratia violandum est.*[12] Este projeto lhe desordenava a serenidade do ânimo, e o punha na consternação de dissimular os insultos daqueles a quem era devedor do mesmo lugar que ocupava: sobre este artigo é que o Autor o acusa nesta obra; sendo certo que a obediência aos Soberanos se deve tributar sem algum rebuço, e que nada tão sagradamente deve respeitar um fiel Vassalo.

Atormentavam os ouvidos de D. Fernando Martins de Mascarenhas os tumultos e desordens em que estavam as Minas, e querendo pessoalmente sossegá-las, marchou para elas desde o Rio de Janeiro em o mês de junho de 1710. Chegou ao Rio das Mortes com o intento de passar ao Ouro Preto, aonde residiam principalmente os Chefes dos levantados: ofereceram-se-lhe alguns Paulistas e filhos de Portugal mais bem intencionados para o acompanharem nesta diligência; ele porém não consentiu no obséquio, por evitar assim algum ruído maior entre os sublevados; não cessaram contudo eles de fazer espalhar a notícia de que D. Fernando trazia cargas de correntes e outros instrumentos de ferro para punir aos cúmplices do levantamento e conspiração contra os Paulistas.

Derramada esta voz pelas Gerais, se dispôs Manuel Nunes Viana a disputar-lhe a entrada; armou então de política e cortejo um grande número de homens de cavalo, e repartiu ordens por todos os distritos cir-

cunvizinhos ao Ouro Preto, que com pena de morte se aprontassem aqueles moradores para uma diligência. Chegava D. Fernando ao Arraial das Congonhas, distante oito léguas de Vila Rica, quando os que acompanhavam a Viana, avistando de longe ao Governador, clamaram em altas vozes: *Viva o nosso Governador Manuel Nunes Viana, e morra D. Fernando, se não quiser voltar para o Rio de Janeiro!*

Alguns se querem persuadir que Manuel Nunes Viana entrara violentado nesta ação, e ele se pertendeu escusar do conceito de rebelde e sublevado, passando ocultamente na noite seguinte a falar a D. Fernando, protestando-lhe estar pronto para entregar o governo quanto à sua parte, e de tudo isto lhe pediu por escrito uma atestação.

Assustou-se o Governador com a inesperada saudação dos rebeldes, e pediu oito dias para se retirar: concederam-se-lhe estes, mas não se aproveitou D. Fernando do benefício, porque sem muita demora deu as costas às Minas e voltou para São Paulo; aí trabalhava ansiosamente em se reforçar com os Paulistas, para vir sobre os levantados, fazendo comua a afronta deles, e meditando para o seu despique puxar as tropas do Rio e Bahia, e juntos por uma parte e outra atacarem todos ao mesmo tempo as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a frota de Portugal, e nela veio render a D. Fernando o Governador e Capitão General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por patente datada em Lisboa em 23 de novembro de 1709.

Sem perda de tempo se pôs em marcha para as Minas, e levando a resolução de entrar nelas disfarçado como qualquer particular, buscou o Arraial do Caeté a avistar-se com um Sebastião Pereira de Aguilar, filho da Bahia, homem rico e poderoso, de conhecido valor e espírito, que tinha por então tomado sobre si atacar a Manuel Nunes Viana e todos os seus parciais pelas injustiças e violências que praticavam, especialmente com os filhos do Brasil de qualquer Província, a quem tinha transcendido o ódio conciliado contra os Paulistas.

Consta que o dito Sebastião Pereira de Aguilar escrevera a São Paulo a D. Fernando Martins de Mascarenhas, oferecendo-se-lhe para lhe segurar o governo com o poder de muitas armas e gentes que tinha já adquirido; e talvez foi este o motivo que obrigou a Albuquerque a buscar na sua entrada aquele distrito do Caeté, hoje Vila Nova da Rainha.

Na passagem que fez a comitiva de Albuquerque pelos levantados, foi conhecido de Antônio Francisco o Capitão José de Souza, que vinha na sua guarda: cumprimentaram-se sem algum susto, por ter servido o dito Antônio Francisco de soldado na praça da Colônia, na Companhia do mesmo Capitão. Este lhe deu a notícia de haver entrado já nas Minas o Governador, e o capacitou com fortes persuasões a que o buscassem, e se lançassem a seus pés os Chefes dos levantados, se queriam melhorar de semblante na sua causa.

A perturbação em que se via posto o governo de Viana, combatido pela parcialidade avultada de Sebastião Pereira de Aguilar, e os ameaços de um formidável castigo, que de ordem d'El-Rei acabava de insinuar o Capitão José de Souza, obrigaram a Manuel Nunes Viana, a Antônio Francisco e a muitos outros cabeças do levantamento a partirem sem demora para o Arraial do Caeté: aí se achava hospedado o Governador em casa de uns três irmãos, naturais também da Bahia, que eram José de Miranda Pereira, Antônio de Miranda Pereira e Miguel Alves Pereira, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilar.

Prostraram-se aos pés de Albuquerque os rebeldes, e desculparam como lhes foi possível os seus crimes: o Governador os recebeu afavelmente, não querendo usar do poder e das ordens de que vinha fortalecido; segurou a todos o perdão pela emenda que dessem a conhecer para o futuro; e não tardou a capacitar a Manuel Nunes e Antônio Francisco que não convinha a assistência deles nas Minas Gerais, por sossegar de uma vez o tumulto dos povos.

Retiraram-se com este conselho os dous para as fazendas que tinham nos Sertões: sossegou o povo com a ausência dos Patronos, e prosseguiu Albuquerque na criação das Vilas e estabelecimento da Capitania. Bem é de ver quanto suor e fadigas empregaria o prudente General em segurar o fim de uma tão escabrosa como interessante empresa. Foi ele o primeiro que susteve com desembaraço as rédeas do governo; que pisou as Minas com luzimento e firmeza do caráter, em que El-Rei o pusera; que promulgou as leis do Soberano, e fez respeitar neste Continente o seu nome. Esta a heroicidade que lhe considera o Autor por virtude da qual o contempla digno do elogio com que honra Solis ao seu Cortês:

> Admirável conquista, e sempre ilustre Capitão! Daqueles que vagarosamente produzem os séculos, e de que há raros exemplos na História!

Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho sucedeu D. Brás Baltezar da Silveira, o qual tomou posse na Comarca de São Paulo, em 1713, e passou para as Minas nos fins de setembro do dito ano.

A este sucedeu em 1717 o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, que passou para as Minas em setembro do dito ano. Foi o seu governo bastantemente crítico por encontrar a oposição dos povos na criação das Casas da Fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados e sublevações, principalmente os de Pitangui, fulminados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Vila Rica, que foi ter a Mariana em 28 de junho do ano de 1720: aqui se lhe fez perciso[13] prender a uns e castigar a outros com a última pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tirano nas Minas; mas à sua constância e resolução deve Portugal a inteira sujeição da Capitania; o exemplar castigo acabou de aterrar os ânimos de um povo tantas vezes rebelde e segurou de uma vez a Real Autoridade.

Quod si non aliam venturo fata Neroni
Invenere viam, magnoque Êterna parantur
Regna Deis, CÊlumque suo servire Tonanti
Non nisi sÊvorum potuit post bella Gigantum
Jam nihil, ó Superi, querimur, scelera ista nefasque Hac mercede placent.[14]

Lucano, *Pharsal.*, Liv. 1, v. 33.

Durou o governo do Conde de Assumar até o ano de 1721, em que o substituiu D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro Governador positivo das Minas, porque nele se separou a Capitania de São Paulo em governo à parte, ficando os Generais respectivos só com sujeição aos Vice-Reis do Estado.

Tomou D. Lourenço de Almeida posse na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ouro Preto, com assistência da Câmera, em 18 de agosto de 1721.

A D. Lourenço de Almeida sucedeu o Conde das Galveas, André de Melo e Castro, que tomou posse em o 1º de setembro de 1732, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

O Conde das Galveas deu posse a Gomes Freire de Andrada, em 26 de março de 1735.

Mediaram alguns governos, como foi o de Martinho de Mendonça Pina e Melo na ida que fez o dito Conde de Bobadela ao Rio de Janeiro, em 15 de março de 1736; foi outra vez levantado o pleito[15] de homenagem em 26 de dezembro de 1737.

Pelos tempos em que se deteve no Uraguai com a Real Comissão do Tratado de Limites, substituiu seu irmão José Antônio Freire de Andrada, Conde atual de Bobadela, o governo das Minas. Igualmente falecendo em o 1.º de janeiro de 1763, se praticou a via de sucessão no Exmo. Bispo D. Frei Antônio do Desterro, e nos mais chamados por ela, té que no ano de 1763, em 28 de dezembro, entrou no governo o General Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador, enchendo de merecimento os dias do seu governo, deu a posse ao Exmo. Conde de Valadares, em 16 de julho de 1768.

*
* *

Descobrimento das esmeraldas, de que se faz menção no Canto Oitavo

Dá o Autor uma idéia deste descobrimento, conforme o que leu em um poema manuscrito de Diogo Grasson Tinoco,[16] feito no ano de 1689; e mostra quanto trabalhou nesta empresa Fernão Dias Paes, natural de São Paulo.

A 27 de setembro de 1664, cometeu[17] o Senhor Rei D. Afonso VI a Agostinho Barbalho a empresa do descobrimento das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negócio com uma carta, que escreveu o mesmo Senhor a Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já era bem conhecida naquela Corte, na qual lhe ordenava desse todo o socorro necessário para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espírito generoso de Fernão Dias Paes, como se pode coligir da presteza com que satisfez as primeiras ordens que nela se continham, e bem o refere Diogo Grasson na oitava 27 do seu panagírico[18] ao mesmo Fernão Dias.

Lendo-a Fernão, achou que El-Rei mandava
Dar-lhe ajuda, e favor para esta empresa,
E em juntar mantimentos se empenhava
Com zelo liberal, rara grandeza;
Mas porque exausta a terra então se achava,
E convinha o socorro ir com presteza,
Mandou-lhe só cem negros carregados
À custa de seus bens, e seus cuidados.

Depois de passados alguns anos, tempo em que já estava no Trono o Senhor D. Pedro II, sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiveram efeito as ordens que trouxera, se quis encarregar voluntariamente da execução delas, escrevendo primeiro a Afonso Furtado de Mendonça, Governador que era então daqueles Estados, e tinha a sua residência na Bahia, oferecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens: mandou-lhe Afonso Furtado uma patente de primeiro Chefe daquela empresa aos 30 de abril de 1672. Nos princípios do ano de 1673 se pôs Fernão Dias em marcha com vários parentes e amigos seus, demandando a altura em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas, em cuja diligência sofreu trabalhos infinitos, como testifica o seu panagerista na oitava 35.

Parte enfim para os serros pertendidos,
Deixando a Pátria transformada em fontes,
Por termos nunca usados, nem sabidos,
Cortando matos, e arrasando montes;
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,
Sofrendo calmas, padecendo frios
Por montes, campos, serras, vales, rios.

Desta sorte chegou à paragem chamada pelos naturais *Anhonhecanhuva*, que quer dizer *água que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidouro*. Aqui se deteve Fernão Dias por espaço de quatro anos com pouca diferença, e fez várias entradas no *Sobra Bussu*, que val o mesmo que *cousa felpuda*, e é uma serra de altura desmarcada, que está

vizinha ao *Sumidouro*, a qual chamam todos hoje *Comarca do Sabará*. Nela achou diversa qualidade de pedras, que por falta de prática se lhes não soube dar o valor de que talvez eram dignas. Da demora que aqui teve Fernão Dias, e do muito que aqui sofreu, teve origem a discórdia entre muitos dos seus companheiros, pois quase todos conspiraram contra a sua vida, e por último o deixaram só.

Vendo-se Fernão Dias neste desamparo, não esmorece, antes entra a cuidar na brevidade da sua derrota, com ânimo de buscar a endireitura chamada *Vupabussu*, que soa na nossa língua *lago grande*, e junto deste é que se supunham os socavões das esmeraldas. Achava-se Fernão Dias falto do necessário para adiantar o giro desta expedição. Escreve à Pátria e ordena à mulher não se lhe negue cousa alguma do que pede. Assim o diz a oitava 4 do seu elogio.

> Isto suposto, já para a jornada
> Manda à Pátria buscar quanto a seu cargo
> Incumbe, pois que a fábrica guiada
> Destruída se vê do tempo largo.
> Determina à fiel consorte amada
> Que a nada, do que pede, ponha embargo,
> Inda que sejam por tal fim vendidas
> Das filhinhas as jóias mais queridas.

Com efeito chegou o postilhão, e trouxe consigo o que Fernão Dias pedia. Puseram-se a caminho e foram discorrendo por uma dilatada montanha, até que chegaram a *Tucambira*, que quer dizer *papo de tucano*, e deixando todo este espaço avassalado, partiram para a *Itamirindiba*, que é rio muito fértil de peixe e significa propriamente *pedra pequenina e buliçosa*. Aqui pararam por algum tempo, e se proveram de forma que lhes não fosse danosa qualquer invasão do Gentio: ultimamente buscaram o rumo do Norte, té que, depois de atravessarem uma parte dos Sertões incultos, chegaram às águas do *Vupabussu*.

Aqui cuidou Fernão Dias logo em expedir cem bastardos dos que trazia, a fim de examinar a formalidade das terras circunvizinhas a este lago, a ver se achavam algum língua[19] que os informasse melhor do que buscavam. Na verdade não se frustrou de todo esta diligência, porque sobre o cume de uma montanha, vendo os bastardos muita gente daquela que podia dar notícia das pedras pertendidas, investiram a ela, e apenas seguraram um que, sendo trazido à presença de Fernão Dias, mandou este que com toda a humanidade fosse tratado entre os seus. Era ele de um ânimo seguro, conforme o pinta Diogo Grasson na oitava 61.

Era o Silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfídia alheio,
O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecera o vão receio:
Pintado de urucu vinha pomposo,
E o lábio baixo roto pelo meio,
Com três penas de arara laureado,
De flechas, de arco e de garrote armado.

Foi este o que descobriu os socavões de Marcos de Azeredo junto a um serro que corre do Norte para o Sul. Mas quanto não custou a Fernão Dias este descobrimento? Trabalhou sete anos nesta empresa. Foi-lhe perciso muitas vezes romper por todas as resoluções dos seus, que só o aconselhavam se retirasse para *Itamirindiba*, e deixasse para melhor tempo o descobrimento pertendido, certificando-o de que os matos circunvizinhos a *Vupabussu* exalavam de si um hálito pestilento, e que toda a sua demora ali não podia ser proveitosa. Ultimamente mandou enforcar à vista de todos os seus soldados um filho bastardo, que mais estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou enfim a ver o que tanto desejava, e fazendo-se na volta de São Paulo, donde era natural, não quis o Céu que ele tivesse a glória de apresentar ao seu Soberano o testemunho do seu zelo e da sua lealdade. Morreu junto ao Guaiaqui,[20] que entre nós vale o mesmo que *rio das velhas*. Isto é tudo quanto sabemos do descobrimento das esmeraldas, sem que possamos afirmar o rumo, altura e os graus certos em que foram descobertas estas pedras.

Canto I

Cantemos, Musa, a fundação primeira(1)
Da Capital das Minas, onde inteira
Se guarda ainda, e vive inda[1] a memória
Que enche de aplauso de Albuquerque a história.

Tu, pátrio Ribeirão, que em outra idade
Deste assunto a meu verso, na igualdade(2)
De um épico transporte, hoje me inspira
Mais digno influxo, porque entoe a Lira,
Por que leve o meu Canto ao clima estranho
O claro Herói,[2] que sigo e que acompanho:
Faze vizinho ao Tejo, enfim, que eu veja
Cheias as Ninfas de amorosa inveja.

E vós, honra da Pátria, glória bela
Da Casa e do Solar de Bobadela,
Conde feliz,[3] em cujo ilustre peito
De alta virtude respeitando o efeito,
O Irmão defunto reviver admiro:(3)
Afável permiti que eu tente o giro
Das minhas asas pela glória vossa,
E entre a série de Heróis louvar-vos possa.

Rotos os mares, e o comércio aberto,
Já de América o Gênio descoberto
Tinha ao Rei Lusitano as grandes terras,(4)
Que o Sul rodeia de escabrosas serras.

O título contavam de Cidades
Pernambuco, Bahia; e as crueldades
Dos Índios superadas, já se via
O Rio de Janeiro, que fazia
Escala às Naus: buscando o continente[4]
De Paulo, uma conquista está patente,(5)
Que aos Portugueses com feliz agoiro
Prometia o diamante, a prata, o oiro.

O arbítrio de um só braço moderava(6)
Toda a Capitania; e projetava
Albuquerque, que a gente ao Cetro alista,
Fazer mais dilatada esta conquista.

Da notícia de alguns tinha alcançado
(E muito mais na idéia está gravado
O profético anúncio) que faria
Grande serviço ao Rei, se a Serrania
Vencesse, e além passasse, e visse a testa
Do soberbo Itamonte: manifesta(7)
A estrada se lhe mostra, e um Gênio experto(8)[5]
O guia a ver da empresa o fim mais certo.

Tornando à margem de um soberbo Rio,(9)
Já se alojava o Herói, e do sombrio
Amparo de umas árvores, enquanto
Vagava a comitiva, ao doce encanto
Do murmúrio das águas e do vento,
Dando aos membros suave acolhimento,
O leve sono lhe deitava as asas.
Tecia débil cana as moles casas,[6]
Em que apenas descansa algum rendido
Da fatigada marcha; ali ferido
De uma estranha paixão, que n'alma alenta,
Ao lado está do General; sustenta
O brioso Garcia o ofício inteiro(10)
De súdito, de amigo e companheiro.

Rende-se ao sono o Herói, e ao anelante
Pulsar do peito, observa o vigilante
Mancebo que o combate aflita luta
No horror da fantesia;[7] um ai lhe escuta,(11)
Que ansioso respira; outro mais vivo
Lhe percebe no assalto sucessivo;
E ao ver que estende duramente os braços,
Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços
Do funesto letargo: *Ai! caro amigo*
(Lhe diz o Herói), *não temas, eu prossigo,*
Se é que o espanto e o terror, que n'alma provo,
Me dão para falar-te alento novo.

Neste instante (ai de mim!), ou fosse imagem
Que há muito me oprimia, ou que a passagem
Deste Rio me ofereça agouro triste,
Eu vi (eu inda o vejo, inda me assiste
Presente aos olhos o medonho objeto!),
Eu vi que me apartava do projeto
De penetrar estes Sertões escuros
O grande Dom Rodrigo; dos seguros[(12)]
Ombros, de que pendera a grave espada,
Rasga o vestido, e mostra inda manchada
A carne das feridas, de que o sangue
Correr se via; eu tremo, e quase exangue
Desmaio a tanta vista. Ele se avança,
Da mão me prende, e diz: "Em vão se cansa,
Em vão o vosso Rei, se ver pertende
Subjugado este povo, que defende
Com o bárbaro zelo as pátrias Minas;
Debalde tu também hoje imaginas
Chegar ao centro delas; eu contemplo
Mil perigos na empresa; fresco exemplo
Te dá a minha morte; só te espera
De gênios brutos pertinácia fera;
Falta de fé, traições, crimes atrozes
Só terás de encontrar; se as minhas vozes
Teu crédito merecem, deixa, evita
A infame estrada..."; nisto ao ver que grita
Mais forte e mais medonha a sombra, tremo,
Pasmo, e me assusto, me horrorizo, e gemo.[8]

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)
A glória não se alcança, não se adorna
Do louro da virtude o que se nega
Às árduas diligências; sei que chega
Vosso zelo e valor ao termo, aonde
Tudo o que é grande apenas corresponde
Ao meditado arrojo; mas passado
É talvez o pior, e já lembrado
Posso esperar que o mal encha algum dia
Os corações e as almas de alegria.
Temos dobrado a grande Serra; temos
Rompido os matos, onde ver podemos
As feras e o Gentio que a brenha oculta

Girar por entre nós: a alma insepulta
Do morto General a nós nos deva
Vencer do esquecimento a escura treva;
Busque-se o seu cadáver, e entre os nossos
Honrada sepultura achem seus ossos.

Aqui chegava, quando a comitiva,
Desde o vizinho monte, *viva! viva!*
Bradava em altas vozes; cresce o espanto;
Ambos se admiram; de alarido tanto
A causa buscam; pouco tempo tarda
Em recolher-se a dividida guarda,
Com salvas, e com vivas festejando
A presa, que já vem apresentando.

Três Índias são, que do Pori robusto(13)
Em resto escapam; todo o corpo adusto
Mostra que o Sol sobre a nudez queimara,
E que a ingênita cor de branca e clara
Tornou um pouco escura; a longa idade
A todas três enruga a mocidade;
Curvos os ombros, poucas cãs, os braços
Murchos e descarnados, mal os passos
Regem tremendo; breve arrimo fazem
De tintos paus, que apenas nas mãos trazem.

Tecendo a teia na morada escura
Do negro Radamanto,[9] outra figura
Não inculcara mais enorme e triste
O termo horrendo, que aos mortais assiste.
Conta Camargo, que o vizinho monte
Subira com os seus, e que de ponte
Um madeiro, que o tempo derribara,
Lhe servira, e por ele além passara,
Que desde ali por entre as brenhas via
Uma pequena Aldeia, a quem fazia
Baixa e comprida choça a cobertura
Aos queimados Tapuias: desde a altura
Do monte disparou por meter medo
Um tiro de espingarda; nenhum quedo
Se deixa então ficar: todos se apressam,
Fogem, nem mais às flechas se arremessam.

Desamparado o sítio humilde e pobre,
Desce ao terreno, e as Índias três descobre,
Que de oprimidas dos cansados anos
Não puderam fugir, temendo os danos
Que dos antigos Pais ouvido tinham.

Variamente uns e outros se entretinham
Em contar o sucesso;[10] e já notava
Garcia, que nas Índias se firmava,
Que uma delas com gesto mais sereno
Punha nele os [seus olhos]; por aceno
Observa, mais que explica, que o conhece;
Da língua portuguesa lhe parece
Que entende; e mais se assombra o bom Garcia
Ao ver como em um dedo ela prendia
Uma memória de ouro; a jóia observa;
Cala-se, e a melhor tempo o mais reserva,
Exprimindo em um ai, que d'alma exala,
O mais, que por então sepulta e cala.

Recolhidos a um tempo os companheiros,
Junto aos troncos, nas grutas dos outeiros
Se armam as mesas; de viandas servem
A mortas caças, que nos cobres fervem:
As aves, que do chumbo o globo estreito
Feriu nas asas, e rompeu o peito;
O veado, a que o Índio na carreira
Seguiu, e a seta disparou ligeira;
Não falta o louro mel da abelha astuta,
O grelo da palmeira, e a tosca fruta,
Que alguma árvore brota ali nascida,
Por menos venenosa conhecida,
Enquanto os brutos animais a comem
(Tanto dos brutos aprendera o homem!).

Tornando às praias da infeliz Cartago
O triste resto do troiano estrago,[11]
Tal se consola na fatal ruína,
Que pode a Musa celebrar latina.[12]

Longe de Europa os provimentos ficam,
Nem os fortes cavalos, que se aplicam
À condução dos víveres, se atrevem
A romper os caminhos; mal se devem

Pequenas cargas aos robustos ombros
Dos domésticos Índios: se os assombros(14)
Desperta em vós esta fatal penúria,
Ó Generais da Europa, nobre injúria
Concebe o meu Herói; ali sentado
Entre os mais companheiros, rodeado
Sem distinção alguma, ou já na mesa,
No leito, ou no quartel, ou junto à acesa
Chama, em que esperam reparar o frio,
Tem toda a autoridade, todo o brio
Posto no zelo só, na vigilância,
Com que prova os esforços da constância,
Esquecido de si e da grandeza,
Por ver o fim da cometida empresa.

Canto II

Caía a noite, e apenas cintilava
No Céu alguma estrela; ao chão baixava
Escassamente a luz, que Cíntia[13] fria
Mal distinta espalhava entre a sombria
Rama da espessa mata e duros troncos.
Não se ouvem mais que os formidáveis roncos
De aves noturnas, e famintas feras.

Só tu, Garcia amante, consideras
Oportuna a teus ais a estação triste;
Amor, que ardendo no teu peito assiste,
Vai buscar o remédio a seu cuidado;
Ele te guia e leva disfarçado
À choça que às três Índias deu abrigo.
Oh! quanto louvas o silêncio amigo,(15)
Quanto o sono dos mais! Chega, repara
Na velha aflita, que a choupana avara
Apenas cobre com a palha agreste;
A leve cana, que as montanhas veste,(16)
Já seca ao sol se acende, e a luz ministra
Com que uma a uma as Índias três registra.
Na língua nacional, que não ignora,
Saúda, e neste instante a Mãe de Aurora
Conhece; Aurora, a bela prisioneira

Que houve da mão de Arzão, que co'a primeira
Medalha de ouro ele prendara; cresce
De novo a admiração, e se oferece
A Índia a dar-lhe relação da filha.

Se o ver-me neste estado é maravilha,
Ó Garcia, lhe diz, *humilde e nua,*
Eu sou Neágua, eu sou a escrava tua.
Muitas luas, me lembro, têm passado,
Desde quando dos vossos atacado
Foi meu esposo Caribó: seguidos
Vínheis de muitos arcos, socorridos
Do Coroá, do Paraci valente:[17]
Assaltastes de noite a nossa gente,
E mortos os mais destros na peleja,
Fosse rigor do Céu, ou fosse inveja
Da Fortuna, eu, que a Aldeia governava,
Passei com minha filha a ser escrava.[18]

Era ela em seus anos tão mimosa,
Que à vista sua desmaiava a rosa,
Seus olhos claros, as pupilas belas,
Oh! quantas vezes cri que eram estrelas!
Não tinham nossos campos, nem o prado
Planta mais tenra, flor de mais agrado;
Enfim, porque de vós as cores tome,
De Aurora os vossos lhe dão hoje o nome.[19]

Vagando estes sertões na companhia
Dos vossos, eu me lembro como um dia,
A preço do metal, que desprezamos,
Vós nos comprastes; ainda nos lembramos
Do mimo do agasalho que fizestes,
Quando na vossa casa recolhestes
A mim e a minha Aurora: esta memória
Desperte toda em vós a antiga história.

Como? Por que arte? Por que modo fora
Trazida dentre os seus? A sua Aurora,
Se a seguira também? Se vive? E aonde?
Garcia lhe pergunta; ela responde:

Vive, Senhor, eu creio que inda vive
A minha e vossa Aurora: dela tive
Notícia há pouco tempo; um desses bravos,
Que o nosso bom Pori tem feito escravos,
Me contou como lá na sua Aldeia,
Que não longe é de nós, ela passeia,
Do Cacique estimada; ele contente
A busca esposa,[14] e ela o não consente.

Mas por que quereis vós da minha boca
Ouvir todo o sucesso? Só me toca
Referir uma parte, que outra ignoro.
Lá na domada Aldeia, onde sonoro
Se vê correr o Paraíba, postas
Fomos por vosso mando: ali dispostas
A viver de outras leis, outros costumes
Detestávamos já dos nossos Numes
(Se alguns Deuses talvez nós conhecemos
Na bruta liberdade em que vivemos),
O culto, a religião; já divertidas
No curvo anzol, nas redes bem tecidas
Armávamos ao peixe; sobre o rio
Nos viu um dia o bárbaro Gentio,
Que em pequenas canoas rouba e mata;
Fugíramos talvez, mas o pirata
Nos surprende e conduz: vimos cativas
A viver entre os seus, e apenas vivas
De povo em povo nos transportam; fico
Co'a nação do Pori, e passa o rico
Tesouro de uma filha, que inda choro,
Ao crespo Monaxós; qual fosse, ignoro,
O triste resto do fatal destino.(20)
Dos braços ma arrancaram: de ouro fino,
Ao despedir-se terna a Filha amada,
Com esta jóia então me quer prendada.
Se pois de Aurora o caso vos incita
À compaixão, se em vosso peito habita
O antigo amor, fazei que a liberdade
Se dê a quem desperta esta saudade;
Esse vizinho povo ao fogo, ao ferro
Abatei, destruí: pague o seu erro;
E alegre eu veja em vossa companhia
A vossa Aurora, que ao meu lado via.

Absorto está Garcia; do que escuta,
Apenas deixa ver a face enxuta;
De Aurora o caso o tem sobressaltado,
Quer para logo dar a seu cuidado
O desafogo da cruel vingança;
Mas bem que o lisonjeie inda a esperança
De ver a bela Indiana, a incerta sorte
Lha pinta, antes que viva, entregue à morte.
Baixel, que sobre o Egeu de mil procelas
Combatido se viu, rotas as velas,
Não soçobra talvez mais duvidoso
Ao grave Noto, ao Euro[15] tormentoso.
Farei... clamava; e eis que interrompido
Foi de um aviso, com que o Herói erguido
Chama a Conselho os companheiros todos.

Se combatidos por diversos modos,
Diz Albuquerque, *de trabalhos tantos,*
Entre estas penhas só despertam prantos
As memórias da morte de Rodrigo,
Deixemos este assento; o sonho antigo
Tenho de descobrir-vos, com que a idéia
Igualmente me aflige e me recreia.

Lembrados estareis que há mais de um ano
Vos fiz saber que o nosso Soberano,
Que dos quatro Joões o nome e glória
Herdou para triunfo da memória,
Vendo ao Norte da terra povoada,
Que atrás deixamos na primeira entrada,
Que fazem vossos Pais, achar-se o ouro[(21)]
À custa me ordenou do seu Tesouro,
Que entrasse ao centro dos Sertões, buscasse
As novas minas, e que examinasse
As margens, onde em vão tomaram porto
Fernando, Artur e Dom Rodrigo, o morto.[(22)]

Cheio deste projeto eu vejo um dia
Que um rochedo fatal, a quem a fria
Neve branqueja a descalvada testa,
Com medonha carranca me protesta

Não passe a descobrir o seu segredo;
Avizinho-me a ele e rompo o medo:
Quem és, pergunto, que ignorado encanto
Se esconde em ti? Ele me torna entanto:

"Eu sou dos filhos que abortara a Terra,[(23)]
E fiz com meus Irmãos aos Deuses guerra
(Tu, negro Adamastor, hoje em memória[(24)]
Me obrigas a trazer a tua história).
Meu caso um dia o Fado te destina[(25)]
Que escutes inda pela voz de Eulina,
No centro vivo dos Sertões, que apenas
Tocam das aves as ligeiras penas;
De feios monstros grande cópia habita
Meu triste seio; ali se deposita
Tudo quanto de grande, novo e raro
O Cetro Lusitano fará claro.
Ali... mas tudo aos olhos patenteio."
Disse, e deixando ver o escuro seio,
De uma pequena lágrima, que a penha[(26)]
Derrama das entranhas, se despenha
Gota a gota um ribeiro; logo a raia
De ambas margens excede e já se espraia,
Separado do berço na campina.
Um murmúrio sonoro só de Eulina
Repete o nome; a maravilha estranha
Inda mais se adianta; ao longe apanha
Uma Ninfa na areia as porções de ouro,
Com que esmalta[16] *o cabelo e o torna louro.*

A margem deste rio povoada
Vejo da portuguesa gente amada,
Toda entregue à solícita porfia,
Com que o rico metal da terra fria
Vai buscar a ambição: vejo de um lado
Erguer-se uma Cidade, e situado
Junto ao monte, que um vale aos pés estende,
Vejo um Povo também: tudo surprende,[(27)]
Tudo encanta a minha alma, estou detido
No fantástico objeto. Eis que um gemido
Arranca desde o seio o monstro escuro,
E diz: "Entre as imagens do futuro

Talvez te espera... mas..." e nisto em nada
Se torna toda a máquina ideada;[17]
Desfez-se a Penha, a Ninfa e o Ribeiro,
Solto dos olhos o sopor grosseiro.

Não de outra sorte no último horizonte
Ao sepultar-se o Sol, lá desde um monte
Podem ver-se as imagens diferentes
Às refrações da luz: estão presentes
Bosques, cidades, ruas e castelos,
Que os raios em distintos paralelos
Talvez figuram; despertando a Aurora,
Desaparece a sombra enganadora.

O sonho muitas vezes repetido,
Desde que tenho a idéia concebido
De entrar para estas Minas, me figura
Um mistério na sombra e na pintura.
Vós, que por tantas vezes discorrido[18]
Tendes estes Sertões, tereis ouvido
O nome de Itamonte; esta lembrança,
Este sinal só tenho de esperança;
Talvez tomando o cume desta Serra,
Acharemos um dia o Rio, a Terra,
A Ninfa e os mais portentos, donde tome,
Dos tesouros que espero, a Vila, o nome.

Calou-se o General, e qual murmura[(28)]
Uma abelha, e mais outra, quando a pura
Substância chupam das mimosas flores,
Assim, não de outra sorte, entre os rumores
Do inquieto coração, estão falando
Entre si cada um, e estão pensando;
Rompe o silêncio o próvido Faria:[(29)]
Eu dos primeiros fui, eu fui, dizia,
Dos primeiros que o berço abandonado
Deixei, mais do fervor estimulado
De reduzir os Índios à justiça
Da nossa religião, que da cobiça.
Entrei estes países e inda noto
Em cada tronco os pousos onde, roto
O vestido, tentei passando avante

O giro dos Sertões; de bem distante
Parte dos grossos matos descobria
Uma elevada e tosca penedia,
A quem coroa um pico a altiva frente.
Demandei esta rocha, e do eminente
De toda ela um ribeiro vi que nasce,
Que do Sol recolhendo dentro a face
Pareceu converter-se todo em ouro.
Não vou buscar no meu invento o agouro,
Nem creio que este o Itamonte seja,
Mas sei que a língua pátria, se deseja
Explicar sempre em tudo a natureza,
De **Itá** *nome lhe deu, e na rudeza*
Do Gentio talvez, que hoje alterado,
O nome **Cunumim** *lhe seja dado.*

Itá *é nome pátrio* (diz Garcia,
Que apenas sua dor n'alma alivia),
Este o Gentio a toda a pedra estende;
O esperado Itamonte em vão se entende
Na confusão das Serras e dos montes,
Que assombram todos estes horizontes.

Eu também discorrera de outra Serra
O mesmo que Faria, aonde a guerra
De feroz Botecudo inda me assusta,[30]
Mas pouco à conjectura se me ajusta
Toda a confrontação (disse Camargo).[31]

É deste continente o Sertão largo
(Dizia Bueno), *o Lago, a Serra, o Rio,*[32]
Espalhado por tudo o infiel Gentio,
Não deixam à notícia cousa certa,
Onde possa entender-se descoberta
A terra que buscamos. Nela intento
(Albuquerque tornava) *o fundamento*
Erguer da Capital; de penha em penha
Andarei, se a Fortuna o não desdenha,
Té descobrir o Monte e o Rio, aonde
Tão grande maravilha o Céu me esconde.

Prosseguira o Herói, mas o embaraça
Descobrir desde longe a vista escassa
Brioso Cavaleiro, que seguido
Vem de um forte esquadrão do Índio vencido;
Soa alegre o clarim, que a marcha guia,
A salva amiudada ao ar se envia;
E enquanto de Garcia o Herói se informa
Do novo Aventureiro, posta em forma
Cada uma das nações, que traz consigo,
Um e outro se encontra ao doce amigo,
Prontos os servos a estribeira pegam,
E ele se apeia e abraça aos que se chegam.

Canto III

As paixões acalmara de Garcia
A chegada do Borba, e suspendia
Ela mesma a partida de Albuquerque.
Sem que temor algum lhe oprima, ou cerque
O nobre coração, na tenda entrava,
E cortejando o Herói, assim falava:

Terás ouvido, ó General famoso,
Variamente o meu caso; e duvidoso
Talvez estás da fé, que guardo atento
Ao meu Rei em sinal do juramento.
Acusado por cúmplice na morte
Do grande Dom Rodrigo, a minha sorte,
Mais que o delito meu, desculpar venho;[33]
Sem adorno o sucesso agora tenho
De dizer-te; e verás, hoje informado,
Que sou mais infeliz do que culpado.

Pouco mais de três léguas em distância
Deste sítio me via, quando a instâncias
Do novo General, que aqui chegava,
A voz de um mensageiro me ordenava
Entregasse os socorros prevenidos
Da pólvora e do chumbo e os cometidos
À minha guarda prontos instrumentos
Do ferro e do aço: oponho a seus intentos

A razão que me assiste; e enfim me escuso,
Dizendo que das ordens não abuso
Do meu fiel Parente, a quem espero
A cada instante, e perto considero
De entrar comigo a registar as faldas
Das montanhas e minas de esmeraldas.

Mal satisfeito da resposta volta
O importuno ministro, e já se solta
Contra mim declarada toda a fúria
Dos vis aduladores: por injúria
Reputam toda aquela resistência,
E protestam que aos braços da violência
Há de ceder a repugnância minha.
Um e outro se oferece, mas detinha
Ao prudente Fidalgo o árduo projeto
Da brandura e da paz; o nobre objeto
Do serviço do Rei a mim o guia;
Em pessoa aparece, e me seria
Muito fácil ceder, se não houvesse
Mais forte obrigação, que [me][19] prendesse.
Uma e mil vezes represento o empenho,
Que a duvidar me induz e me detenho
Irresoluto um pouco (nem atino
Se obrava nisto a força do destino!);
Constante era a razão, pois esperando
As Reais Ordens para a empresa, quando
Fernão Dias voltasse, não teria
Os provimentos que deixado havia.
Enfim ele de cólera se acende,
Nem às minhas desculpas mais atende;
Enfurece-se, grita e ameaça:
E eu (ó duro extremo da desgraça!),
Rendido a todo o lance, só procuro
Mitigar-lhe o rancor; um braço duro,
Sacrílego, insolente, infame, ousado,
Sem que eu presuma o bárbaro atentado,
Se arroja dentre os meus; dispara um tiro,
E a alma envolta no mortal suspiro
Voou, deixando a mágoa em que me vejo,
Para salvar a vida, a honra e o pejo.

A notícia do caso acende a ira
Em todos os que o seguem; já conspira
Em meu dano o parente e mais o amigo;
Querem vingar a morte de Rodrigo;
Em vão lhes serve de reparo ou freio,
A inocência em que estou; medito um meio
De salvar-me; em esquadras divididas
Reparto a gente, sobre as mais crescidas
Montanhas, de onde fossem descobertas.

As estradas ao longe em parte abertas
Davam já vista aos ímpios conjurados,
Quando os tambores e os clarins tocados
Em vários sítios amotinam tudo:
Cresce o temor ao meditado estudo,
E crêem que era chegado Fernão Dias.
Amparado do engano, as Serras frias
Destes Sertões dobrei; passo a corrente
De um grande Rio, e a margem florescente
Piso, apenas de alguns acompanhado;
Aqui descubro um plano dilatado,
Cômodo à criação; nele apascento
Por muito tempo o gado, e em novo aumento
Às descobertas Minas já preparo
Na fome e na penúria o bom reparo.

Estes são os serviços com que chego,
Estes os testemunhos são que alego
Da inocência em que vivo; os meus parentes,
Amigos e obrigados, que presentes
Em grande parte estão, por mim te falem,
E quando todos por lisonja calem,
Do teu antecessor terás ouvido
Quanto servem de informe; e este luzido
Bastão, dádiva sua (então levanta
A insígnia militar), é prova tanta,
Que sobra a escurecer qualquer suspeita
Que ao mesmo Rei pudesse ser aceita.

Dizia; e sempre grave e sempre airoso,
Deixava ver no rosto generoso
O espírito magnânimo que o alenta.
O Herói, que sem mudança se contenta

De ouvir todo o sucesso por inteiro,
Suave acolhe ao nobre Aventureiro,
E dando-lhe mil mostras de amizade,
De ordem do mesmo Rei o persuade
A que viva seguro do delito;
Informa-se do sítio e do distrito
Em que está, e o convida para a empresa,
E por ele pertende haver certeza
Da serra que demanda, onde fundada
Veja uma vez a povoação sonhada.

Consultando as precisas providências
Se detém alguns dias, e as urgências
Do estéril sítio apenas socorridas
Eram de algumas caças, que trazidas
Vinham dos Índios menos assustados
Co'a chegada dos mais, que estão listados
À comandância do Hóspede: entre vários
Da nação Monaxós, que voluntários
Ao Herói visitavam, se encontrava
Um mancebo gentil, a quem cercava
Branco penacho a testa; os braços cinge
De amarela plumagem; bravo o finge
A tinta do urucu:(34) a cor, nem preta,(35)
Nem branca por extremo, mas que afeta
Do gelado Samiúte o estranho gesto;(36)
Pouco ao braço e ao ombro lhe é molesto
O arco e a aljava; o rosto, a fala e tudo
Verte um ar de respeito, ar sem estudo.
Em vão das flechas a purpúrea arara(37)
Fugir-lhe espera; em vão na garra avara
Mosqueado tigre lhe ameaça a morte:
Empunha o dardo, e valeroso[20] e forte
O faz despojo do robusto braço,
A fere, e corta no vazio espaço.

De impulso por então não conhecido,
O Índio, a quem Amor tinha ferido,
Se deixava arrastar, e praticando
Tudo quanto a paixão lhe está ditando,
Do valor de seu braço ele confia
Roubar traidor a vida de Garcia.

Protegido da noute, às horas quando
Jaziam todos, n'ũa mão tomando
Uma faca e em outra o dardo agudo,
Por tudo olhando e precavendo tudo,
A tenda busca do saudoso amante;
A luz lhe rege o passo e ao mesmo instante
Na cama o tenta e lhe prepara a morte.
Houve uma vez de ser propícia a sorte,
Que não dorme Garcia e sente o ruído;
Ergue-se; toma a espada e acometido
Se vê apenas, quando reparada
A ferida do dardo, mete a espada
Por um lado ao traidor, em sangue envolta
A tira e a mão suspende; a um tempo solta,
A corrente de sangue inunda a terra;
O Índio semivivo os dentes ferra,
Acena de morrer, e grita, e brada
Em roucas vozes, com que amotinada
Tem toda a gente, que ao sucesso acode.
Debalde a conjectura alcançar pode
O mesmo, que está vendo; estranho e oculto
É o motivo do aleivoso insulto.
Faminto lobo no redil fechado
Assim receoso entrou; mas acossado
Do molosso[21] feroz, foi de repente
Cair despojo ao sanguinoso dente.

Conhecendo Albuquerque, que respira
Inda vivo, a um dos pousos o retira,
E lhe põe sentinelas; manda entanto
Se lhe apliquem remédios: o Óleo Santo,
Que ministra de Bueno a mão experta,
Estanca o sangue, e da ferida aberta
Cerrando a boca, inda a esperança anima
De que a morte de todo o não oprima.

Canto IV

A continuar a marcha se dispunha
O Herói, que um vivo zelo testemunha
Em todos que o seguem; repartidos
Aqueles a quem são mais conhecidos

Os Sertões, pela margem se espalhavam
À dirèita do Rio e se empregavam
Em socavar a terra, em diligência
Do metal de que têm verde experiência.

Tinha Pegado adiantado o passo
Algum tanto dos mais, e o corpo lasso
Junto a um lago, que sobre uma campina
Se espraia e quebra as ondas, brando inclina,
Procurando em um tronco em parte encosto
Ao ombro, e alívio à cabeça, e rosto.
Estende-se na areia e reclinado
Se vê apenas, quando (oh! inesperado
Prodígio, que o surprende!) eis que mover-se
Pouco a pouco se admira, ora estender-se,
Ora encurvar-se o formidável tronco.
Levanta-se assustado e logo um ronco
Ouve medonho, que de todo o rende;
A causa do prodígio não entende,
Não pensa, não discorre o bom Pegado;
Grita aos Índios atônito, pasmado,
E o tronco então com rapto mais furioso
Se arroja desde a praia e busca ansioso
Sepultar-se no lago, o seio abrindo
Das águas, que co'a cauda vai ferindo.
Não de outra sorte sobre os grossos mares,
Que do Antártico Céu cobrem os ares,
De mergulho se vê buscar a areia
O pardo e negro monstro da baleia,
Quando do arpão do pescador ferida
Tinge as ondas de sangue e, submergida,
Ao fundo leva a barbatana dura.

Vêm os Índios chegando, e entre a escura
Sombra do lago inda estão vendo o rasto
Da fera, que conhecem; tanto ao pasto
Da presa que avistou Leão não corre,
Como um e outro Tape se socorre
Dos pés nadantes, e nas mãos levando
O pronto ferro, o tronco vão rasgando
Co'as cortadoras facas; já de todo
Boiando o fazem vir; por arte e modo
Não pensado o arrojam sobre a praia.

De curioso ardor cada um se ensaia
Em arrancar-lhe das entranhas tudo
Quanto a fome tragara; absorto e mudo,
Pegado está notando a maravilha.
Três veados comera, enquanto trilha
A margem da lagoa; estão inteiros
No ventre e ainda em pêlo os dous primeiros.
Riem-se os Índios de Pegado, e o riso
Tem ao Mancebo então mais indeciso,
Vendo que novo ali não conhecera
Que é o Sucuriú aquela fera,
De quem ouvido aos nacionais havia
Que um tronco na grandeza parecia.

Mas não foi tão debalde este portento,
Que olhando para o sítio, aonde assento
Fizera o monstro, o chão não descobrisse
Inda mal apagado, e não se visse
Um vestígio de humana sepultura.
Manda cavar Pegado a terra dura,
E dentro (oh! pasmo!) os ossos encontrava
De um cadáver, a quem assinalava
A cruz que tem de Cristo e lhe servira
De hábito, ou mortalha; então se admira
Mais cada um; e aviso ao Herói dando,
Todos ao mesmo passo vão cercando
Em roda a sepultura: Borba chega,
Afirma que é Rodrigo e logo alega
Como dos Índios seus à pressa fora
Sepultado, fugindo os mais; e agora
Reconhece o sinal na Cruz bendita,
O autêntico padrão mais acredita
Vizinho um tronco, à mão cortado, aonde
De ordem do mesmo Borba corresponde
Outra Cruz à memória deste ofício.
Celebrou-se o devoto sacrifício
Junto ao sepulcro; e as últimas piedades,
Pela mão de Faria, as saudades
Temperaram do Morto, consoladas
As memórias de sangue inda banhadas.
Urnas fastosas, que cobris no Egito
Heróis famosos, sobre vós escrito

Viva embora o epitáfio, que em memória
Dos Ptolomeus inda respira a glória!
Sobra ao bom General, sobra a Rodrigo
Da nua areia o mísero jazigo;
A vida pelo Rei sacrificada
Basta a deixar a sepultura honrada!

Magoado deste objeto se cansava
O Herói, e já partir dali pensava,
Mas o deteve e lhe cortou o passo,
Convalescido da ferida, Argasso
(Este era o nome do Índio); em companhia
Vinha da sentinela, a quem pedia
Que à presença do Herói o conduzisse;
Como acaso a seu lado então não visse
A Garcia, falou mais animado:
De traidor e aleivoso sou culpado,
Magnânimo Albuquerque; ouve-me, atende,
Saberás que o meu braço não te ofende,
Nem se conspira contra os teus; a dura
Condição de uma bárbara, que jura
Não ser minha, apesar dos meus desvelos,
Meu coração encheu tanto de zelos,
Que imaginei na morte de Garcia
Vingar o meu desprezo, e a tirania
Castigar do meu bem: fui desgraçado,
Inda não me arrependo do passado.

Albuquerque lhe diz que exponha a história
De seu furioso amor e que em memória
Traga todo o sucesso; ele, mordendo
Raivoso os beiços e mil ais vertendo,
Não posso, diz, *não posso em tudo ou parte*
Dizer-te o que padeço; o esforço, a arte
Vos sobra a vós; em mim obra a rudeza,
Que mais desculpa a natural fraqueza.

Amo a bela Indiana, a linda Aurora,
Que não daqui muito distante mora:
Prisioneira em meu braço a vim trazendo
Lá desde o Paraíba, e discorrendo[38]
Que entre os meus Monaxós se renderia,

Só o nome lhe lembra de Garcia.
Neágua, a Mãe, desde o Pori roubada,
Conheceu-me e me informa da chegada
Deste bom Cavalheiro; não sabia
Que o meu curioso ardor se dirigia
A mais árduo projeto; tento a morte,
E em despojo cuidei do braço forte
Por triunfo levar à minha amada
A cabeça do tronco separada.

Assim fala arrogante; o Herói piedoso
Quer dar provas do peito generoso:
Chama a Garcia; informa-se do resto,
E por voz de Neágua é manifesto
O vário giro da amorosa história.
Argasso (diz), *da portuguesa glória*
Tu não sabes o timbre; a Indiana bela
Não disputa Garcia, e a tua estrela
Não queiras contrastar por modo estranho;
Ele ta cede, eu próprio te acompanho,
E contigo pertendo ver a Aldeia,
Onde ela vive e o teu amor te enleia.

Que vós partais, Senhor, eu não consinto,
Disse Garcia; *ao meu valor distinto,*
Ao meu zelo católico era injúria
Saber-se que a conter a minha fúria
Necessária se fez vossa presença;
A Argasso desde já perdôo a ofensa,
E quero que conheça aos Portugueses;
Com ele partirei, e as suas vezes
Sustentando ao favor da bela Indiana,
Farei que ele ditoso, e mais humana
Ela, se abrasem no gostoso alento
De um santo, de um perpétuo sacramento.

Fia de mim (ao Índio se tornava),
Que a mesma que já viste minha escrava,
Há de ver-me a seus pés por ti rogando;
Nem de ti outro prêmio então demando
Mais que em uso melhor convertas logo
Esse tão louco, como ilustre fogo,

Que alimentas no peito; serás nosso
Amigo e não escravo, e quanto eu posso,
Nobre rival, te digo desde esta hora,
Neágua é tua, é tua a minha Aurora.

Ó tu, Ciro[22] famoso, se pudeste[(39)]
Eternizar teu nome, quando deste
A formosa Pantéia ao nobre Araspe;
Se na dádiva bela de Campaspe
Ao namorado Apeles, glória tanta
Te adquire, ó Macedônio,[23] a voz que canta
Teu nome inda por toda a redondeza,
Vê quanto mais se avança esta grandeza,
Com que de uma paixão a rebeldia
Doma, e castiga o esplêndido Garcia.

Convém[24] o Herói e espera que domado
O Monaxós, e à Religião chamado
Se veja por tal modo; do projeto
Se faz parcial Faria; turvo o aspecto
O Índio tem a tanta ação, nem sabe
Como no coração de um homem cabe
Subjugar tão valente a paixão dura,
Que inspira amor. Neágua se procura
Unir à companhia; as outras ficam
Entregues ao favor dos que se aplicam
A povoar entanto aquela margem.
Despedem-se; e Albuquerque, pela vargem
Que ali se estende, a marcha ao centro guia;
De Borba tendo pronta a companhia,
E dos mais, parte em tropas do Gentio,
E das Velhas o nome impõe ao Rio.

Canto V

Magnífica, esquisita arquitetura
De um templo guarda o abismo, onde a figura
Ao preço da matéria corresponde;
Lá no mais fundo dos altares, onde
Arde em perpétuo fumo o rendimento,[25]
Tem o Interesse[26] seu dourado assento.

Este Ídolo fatal, que se alimenta
De humano sangue, um monstro representa
Armado sempre em guerra, cobre o peito
Três vezes de aço, e tem o braço feito
Ao furor, aos estragos e à ruína;
Tinto em sangue um punhal a mão fulmina,
E enterrando em um globo a aguda ponta
Pareceu intentar por nova afronta
Cravar o coração de todo o mundo;
Indignou-se, e do seio mais profundo
Suspirou esta vez; e conhecendo

Que do calvo Itamonte o aspecto horrendo
De um pânico terror ao longo ameaço
Não bastava a cortar do Herói o passo;
Que ao fim se dirigia a ilustre empresa
E que em breve há de ver posta em certeza
Toda a idéia do sonho concebido;
De todo agora em cólera acendido
Se empenha a embaraçar o alto projeto
Do magnânimo Chefe; toma o aspecto
De um Frade[27] (quem o crera!), que influíra[(40)]
Nas primeiras desordens e que vira
Dos nacionais sinceros o destroço:
Este em tratos ilícitos um grosso
Cabedal ajuntara, tendo a idéia
De vender por estanco[28] o que franqueia
O liberal despego dos paisanos.

Meditando traições, tecendo enganos,
Firmado no caráter o respeito,
Aparecia o indigno; e tendo feito
Já parciais de seu ânimo alguns poucos,
Assim lhes fala: *Ó Europeus, que loucos*
Às portas esperais vossa ruína!
Credes que esta inação[29] é de vós digna?
Assim vos vejo estar com gesto manso,
Quando a desconcertar vosso descanso
Corre armado o furor de um braço forte?
Desconheceis acaso que outra sorte,
Outra fortuna vos espera, vindo
Tão próximo Albuquerque, a quem seguindo

Vem o infame tumulto dos Paulistas,
Que aspiram senhorear estas conquistas?
Já vos não lembra o meditado empenho
De evitar as Justiças, e o despenho[(41)]
Patrocinar dos novos atentados
No refúgio aos países retirados
Que domina o Espanhol? Tanto a fortuna
Abandonais na máxima oportuna
De nos enchermos dos preciosos frutos[30]
Que guarda a Terra, e dos Reais Tributos
Fugir à imposição? Credes que venha
A outra cousa, e outro projeto tenha
Mais que roubar-nos as fazendas nossas,
Ganhadas a tal preço, que inda as grossas
Correntes desses rios se estão vendo
Turvas de sangue? O ímpeto tremendo
Não trazeis em memória dos tiranos,
Que fundados no timbre de paisanos,
Mais escravos que amigos nos queriam?
Não vos lembra os insultos que faziam?
Não vos lembra quem foi, quem é Pedroso?[(42)]
Ignorais que no cerco duvidoso
Perto estivemos de perder as vidas,
Se por meio de Antunes conseguidas
Não fossem por então nossas idéias?
Ignorais que as montanhas estão cheias
Destes perturbadores, desde quando,
Arbitrária e fantástica ordem dando[(43)]
Em o nome do Rei, os compelimos
A largar-nos as armas com que os vimos?
Se do auxílio do Grande se aproveitam,
Se a sua fé, se o seu favor aceitam
(Como é crível que o façam), que destino
Tão triste para nós! Eu imagino
Que não sois Europeus: a vossa glória
Acabou de uma vez para a memória.
Virá, eu vejo, o Montanhês tirano,
Roubará nossos bens, irá ufano
Contar aos nacionais seu vencimento;
Albuquerque, eu o vejo, em nobre aumento
Fará brilhar a Lusa Monarquia;
Nós lhe daremos nova glória um dia.

Eia, Europeus briosos, eia amigos,
Vejam-se os ódios respirar antigos.
Torne, torne de nós a ser lembrada
De Dom Fernando a fresca retirada;
Venha em memória de Rodrigo o caso;
E ou em falsa traição, ou campo raso
Ataque-se Albuquerque, fuja e leve
De uma vez, pois que a tanto hoje se atreve
O desengano da ousadia sua.

Assim fala Menezes:[31] continua(44)
A propagar Conrado[32] o ímpio partido,
Que de acordo comum têm concebido.
Derrama-se o veneno e vai chegando
Aos corações de muitos, avivando
As imagens da antiga rebeldia.
Já um número grande concilia
De atrevidos o Frade: estão dispostos[33]
A disputar a entrada; ao Herói opostos,
Se querem sustentar na liberdade;
Francisco, o vil Francisco os persuade
A viverem seguros nos protestos
Firmados com Viana: de funestos
Agouros ao Paulista se enche tudo.

Eis do sulfúreo pó, do ferro agudo
Se buscam munições. A arte, o engenho
(Qual o País permite), o desempenho
Se propõem da vitória nos tostados
Paus, de que os duros cafres[34] vêm armados:
Emboscadas ao longe se preparam;
Tomam-se os sítios, fortes se declaram
Contra Albuquerque os insolentes peitos.

Já de Marte ao furor, campos estreitos,[35]
Eu ouço em vós soar da guerra o brado,
A arcada trompa do Indiano ousado
Enche a terra de horror, de assombro os ares.
Conta-me, ó Fama, de que estranhos lares,
De que montes, florestas, vales, rios
Vistes correr os bárbaros Gentios,
Que o bravo Tutonaque armou de lanças?

Que socorros são estes, que alianças,
Que aos Chefes dos rebeldes votos rendem?
Desde o Sabrabuçu[36] matos se estendem
Que habita o Pataxós, nação que um dia
Um Reino, um vasto Reino parecia.
Tutonaque é quem manda a turba imensa;
Ele os nutriu no crime e na licença,
Cheios de raiva e de furor salvagem;
A seu arco é quem só dão vasselagem;[37]
De verdes anos a domar valentes
Da onça as garras, e do tigre os dentes
Aprenderam talvez; o óleo os tinge
Do pau silvestre, que inda mais os finge
À vista horrendos; são caciques deles
Olinté, Mamigé, Teuco, Tameles,
Marminton, Quezincoal, Remlo, Kalupa.
Bárbara esquadra desta gente ocupa
Toda a falda de um monte; em roda os matos
Dão abrigo aos rebeldes, que insensatos
Não pensam mais que em fazer crer a todos
Que a antiga liberdade por mil modos
Será turbada, se o bom Chefe os rege.
Entre nós, diz Francisco, *se protege*
A maldade; debaixo deste indulto
A traição, a vingança, o roubo, o insulto,
Tudo concorre a nos fazer ditosos.
Em paz tranqüila a desfrutar gostosos
Vivemos no País que outro não manda;
Sem susto o delinqüente entre nós anda;
Que será quando um braço mais potente
Arroje do castigo o raio ardente?
Quando as nossas paixões intime o freio?
De qualquer desafogo no receio
Cheios de medo sempre, e sempre indignos,
Não saberemos contestar malignos
A oposição dos Montanheses feros.
Quanto conosco hão de portar-se austeros
Os Chefes recebidos! Não é novo
Viver sem leis, e sem domínio um povo;
Nações inteiras têm calcado a terra
Sem adorar a mão que o Cetro aferra;
E tal houve que creu felicidade

Desconhecer inda a Justiça: a idade
Tem [ ][38] a humana inteligência
Para abraçar sem susto o que é violência:
Que tormento maior a um livre peito
Que a um homem, a um igual viver sujeito?
A liberdade a todos é comua;
Ninguém tão louco renuncia à sua.
As leis, que um ente humano lhe prescreve,
Cego capricho sustentar-nos deve
Neste, diga-se embora fanatismo,
Embora seja abismo de outro abismo.
Talvez justa noção, princípio, ou dogma
O comum bem noutros projetos soma;
Mas dou que haja razão que assim o dite,
Que um saudável concelho facilite
O bem e a paz na obediência; eu vejo
Que não podemos já viver sem pejo.
Ao ludíbrio dos mais sacrificados
Nos tratarão de membros empestados;
Sobre nós cairá todo o castigo,
Que nos encobre agora um rosto amigo.
Longe, longe, tão baixos pensamentos;
Este é o fim, que segue a passos lentos
O novo Chefe; eu o provejo: posso
Contestar-lhe o poder; o resto é vosso.

Calou o Infame; em um tremendo grito
Soa aplaudida a idéia do delito;
É geralmente a rebeldia aceita.
Do descuido do grande se aproveita
Entretanto o Traidor; expede aviso
A um corpo de Europeus, que vê preciso
Para auxiliar seu braço: o Itatiaia[39]
Os recolhe em seu seio; ali se ensaia
A sedição em poucos mais de um cento.

Houvera de lograr-se o ousado intento,[40]
Mas o Gênio, que guarda as Pátrias Minas,
E a seus descobridores de benignas
Influências enchera, percebendo
A crua idéia do atentado horrendo,
Do mais fundo de um monte a estância bruta

Buscara; ali se acolhe; e em uma gruta
Da cavernosa lapa anima o gesto
De um Índio já cansado, inútil resto(45)
Dos anos que contara a mocidade.
Barba e cabeça lhe branqueja a idade;
Dos fundos olhos inda mal se via
O fogo cintilar, em que nutria
Um espírito vivo e penetrante:
De leito serve a pedra, e tem diante
De si os secos ramos, onde acende
A pequena fogueira; a ela estende
As mãos mirradas, o calor buscando.

De uma clara corrente, que manando
Vinha do centro do penhasco, o curso
Segue Albuquerque, entregue o seu discurso,[41]
Separado dos mais, a idéias várias;
Entrava; e suspendido entre as contrárias
Imagens que o combatem, de repente
Punha os olhos no Índio, e no acidente
Do inesperado encontro está pasmado.

Caminhante que dorme descuidado
Tanto não se enche de terror e medo,
Quando abre os olhos, e vizinho e quedo
Vê desde longe o tigre, a onça brava,
Que da brenha saía, e atento o olhava.

Cuida ver uma fera o Herói; ousado
Aponta o férreo cano, e já dobrado
Houvera a mola, se de riso o velho
A boca não enchera; ao seu conselho,
Às suas vozes Albuquerque chega,
E todo ao pasmo e à admiração se entrega.

Eu vos conheço, ó Europeus, conheço
(Dizia o Gênio) *o generoso apreço,*
Que de vós faz o Mundo; em vão dos anos
Não conto os largos e crescidos danos.

Confunde-se o Varão; pede-lhe conte
Quem é. Que faz? *Eu sou,* diz Filoponte,
O primeiro que entrei estas montanhas
Com o famoso Arzão; ele às estranhas

Regiões se passou; eu só deixado,
E ao comércio dos homens já negado
Vivo neste retiro; a minha vida,
Fortuna e mal, história é tão crescida,
Que só pode cansar-te a minha história;
Mas, pois a sorte com feliz vitória
Te conduziu té aqui, chegando a ver-me,
Sabe quem sou, e aspira a conhecer-me.

Assim dizendo, com a mão feria
O penedo de um lado, e já se via
Aberta uma estrutura transparente
De cristalinos vidros, tão luzente,
Que aos olhos retratava um firmamento
De estrelas esmaltado, e o nascimento
Do roxo Sol, quando no mar desperta.
Em cada vidro a um tempo descoberta
Uma imagem se vê, que os riscos formam,
Estas em outros vultos se transformam,
E a cena portentosa a cada instante
Se muda e se converte; está diante(46)
Uma extensão larguíssima de montes,
Que cortam vários rios, lagos, fontes;
Densos matos a cobrem; vêem-se as serras
De escabrosos rochedos novas guerras
Tentar, buscando os Céus, como tentara
Briareu,[42] quando aos Deuses escalara.

Logo uns homens se vêem, que vão rompendo(47)
Com intrépida força o mato horrendo,
Nus os braços e os pés, mal socorridos
Do necessário à vida: estão metidos
Por entre as feras, e o Gentio adusto;
Cada um de si só, perdido o susto,
Se embosca ao centro dos Sertões, se entranha
Já pelo serro, já pela montanha;
Uma e outra distância gira em roda,
E deixa descoberta a extensão toda.

Passa este quadro, e logo outra pintura(48)
Nova imagem propõe, nova figura,
Que retrata uns mortais de negras cores,
Regando o aflito rosto de suores

À força das fadigas com que cavam
As brutas serras, e nos rios lavam
As porções extraídas, separando
As pedras do metal, que andam buscando.

Eis que outros homens de semblantes feros
Contra os Conquistadores já severos
Os fazem despejar desde os seus lares;
Disperso o sangue se recolhe em mares;[(49)]
Família, e armas, cabedais, e tudo
Cede aos avaros, que do ferro agudo
Fazem despojo à fugitiva gente.

Ao som da caixa o vidro transparente
Retrata logo em monstruoso vulto
Correndo à rédea solta a todo o insulto[(50)]
Confusa multidão, que se prepara
Arrogar-se o Governo e emprende[43] avara
Sustentar com seu sangue o roubo indigno;
De um Chefe os rege o coração maligno,
Bem que se justifique na aparência[(51)]
De um influxo de zelo e de prudência.
Desde o cume de um monte está voltando
As costas um Guerreiro, que domando
A insígnia traz na mão; segue seus passos
O resto desses míseros, que aos laços
Dos ímpios escapara; tem a morte
Presente aos olhos; e na dúbia sorte
Escolhe de outras forças redobrar-se,
Té que chega a ocasião de vindicar-se
O respeito, que em vão aos maus intima.

Passavam outros vultos, quando em cima
De um soberbo cavalo vem montado
O mesmo Herói, o Herói que está pasmado
De se ver a si próprio: ao longe um pico
Desde uma serra o convidava ao rico
País, que assombra o bárbaro Itamonte
Co'a robusta presença: tem defronte
O demandado Rio, que já vira,
E notara em seu sonho; então se admira

Inda mais Albuquerque, e crê que a idéia
Em um fingido objeto se recreia,
Figurando por força do costume
O Rio e a Serra, que encontrar presume.

Alegre se encantara nesta vista:
Mas notou (triste horror!) que da conquista
Embaraçava a entrada o vil partido
Dos conjurados Chefes, produzido
O exemplo do retiro de Fernando.
Tanto se atreve o insolente bando!

Encheu-se de tristeza, e o Gênio ativo,
Que atende a protegê-lo, logo um vivo
Esforço comunica ao nobre peito;
Antes que em fumo ou ar voe desfeito
De tanta idéia o quadro portentoso,
Quer declarar em tudo o misterioso
Teatro das imagens: vós agora
Influí-me uma voz alta e sonora,
Ninfas do pátrio Rio, com que eu possa
Cantar na glória minha a glória vossa.

Canto VI

Na diáfana máquina presente
(Diz Filoponte) *todo o continente*
Vês, Albuquerque, das buscadas Minas.
São estas, são as regiões benignas,
Onde nutre a perpétua primavera
As verdes folhas, que abrasar pudera
Em outros climas o chuvoso inverno.
Dos mesmos Deuses o poder eterno
Não se atrevera a combater os montes
E as serras, que em distintos horizontes
Murando vão pelos remotos lados
Mares e lagos, com que ao Sul marcados
Seus limites estão: a forma, o nome
Variam serra e rio, e sem que tome
Firmeza alguma o prolongado vulto,
Sempre o princípio te há de ser oculto,
Quando chegues ao fim do rio ou serra.

Levados do fervor que o peito encerra
Vês os Paulistas, animosa gente,
Que ao Rei procuram do metal luzente
Co'as próprias mãos enriquecer o Erário.
Arzão é este, é este o temerário,
Que da Casca os sertões tentou primeiro.
Vê qual despreza o nobre aventureiro
Os laços e as traições, que lhe prepara
Do cruento Gentio a fome avara.

A exemplo de um contempla iguais a todos,
E distintos ao Rei por vários modos
Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,
Alvarengas, Godóis, Cabrais, Cardosos,
Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,
E os outros, que primeiro assinalados
Se fizeram no arrojo das conquistas,
Ó grandes sempre, ó imortais Paulistas!
Embora vós, Ninfas do Tejo, embora
Cante do Lusitano a voz sonora[44]
Os claros feitos do seu grande Gama,
Dos meus Paulistas louvarei a fama.
Eles a fome e sede vão sofrendo,
Rotos e nus os corpos vêm trazendo;
Na enfermidade a cura lhes falece,
E a miséria por tudo se conhece.
Em seu zelo outro espírito não obra
Mais que o amor do seu Rei: isto lhes sobra.
Abertas as montanhas, rota a Serra,
Vê converter-se em ouro a pátria terra;
O Etíope co'os Índios misturado
Eis obedece ao próvido mandado
Dos bons Conquistadores: desde o fundo,
De ouro e diamantes o país fecundo
Produz as grandes, avultadas somas.
Tu por empresa, nobre engenho, tomas
Fabricar inda o esférico instrumento,[(52)]
Que o trabalho fará menos violento.

Já dos rebeldes o esquadrão ferino
Se conjura a fazer o roubo indigno,
Tomando outro partido esses, que devem
Respeitar um só Rei; ímpios se atrevem

A lançar desde os lares, que têm feito
Os míseros Vassalos: o preceito
Intimado na voz do Rei lhes tira
As armas, um e outro se conspira,
E em vários choques, em ataques vários,
Ou morrem já, ou buscam solitários
E fugitivos o seu pátrio berço.

Ide, infelices;[45] *o ânimo perverso*
Cessará uma vez de maltratar-vos;
O Rei sabe puni-los, sabe dar-vos
Justa satisfação, justa vingança.
Sobre eles vem Fernando; mas o lança
Inda o furor da levantada gente;
Volta a munir-se o Capitão valente,
E a vosso benefício já protesta:
Fará cair ao chão mais de uma testa.

Já dos parentes, dos amigos vossos
Se vão juntando e vêm correndo os grossos
Esquadrões, que pertendem desde a Serra
Fazer aos ímpios a sangüínea guerra;
Mas tu sucedes, Albuquerque invicto,
No bastão a Fernando; o Rei prescrito
As ordens te tem já, porque temperes
O orgulhoso furor: não consideres
Tão segura porém a tua entrada;
A vil conspiração mal apagada
Inda ao longe te forja e te fulmina
Nos levantados Chefes a ruína.

Tens ao teu lado a próvida influência
Do pátrio Gênio; contra uma violência
Outras suscitarei; lá desde o seio
Das mesmas Minas, um incêndio ateio
Nos ilustres Pereiras: estes passam
A disputar co'os outros e se enlaçam
Em vingar os domésticos insultos.
Vós e os mais vossos passareis ocultos
E disfarçados aos distritos, onde
Dos rebeldes o número se esconde.
Lá convosco estarei, e... prosseguia,

Mas de uma e outra parte concorria
Buscando o Herói a comitiva, crendo
Que aos matos se entranhara e que, perdendo
Talvez o rumo, duvidoso errava.
Faria já com eles se ajuntava,
E Garcia, que o rosto traz magoado
Do sucesso infeliz que tem notado.

Tudo desaparece neste instante
Ao assombro da nuvem, que diante
Da penha condensara o Gênio astuto.
Um chuveiro cerrado desde o bruto
Cume da rocha se estendia, e nada
Mais que a sombra na lôbrega morada
Se deixa perceber por tudo quanto
Detivera ao Herói no estranho encanto.

Ao passo que se assusta e se entristece
Das imagens que vira, restablece[46]
O espírito no amparo prometido
Do Gênio, em quem contempla introduzido
O influxo de alguma alta inteligência,
Que se encobre dos homens na aparência.

Alegre sai da nuvem, que desata,
E no arcano mais íntimo recata
O que ouve e vê, notando os companheiros;
Que é isto, diz, *chegastes mui ligeiros,*
Vós, Padre, e vós, Garcia! A vossa empresa
Talvez se conseguiu com mais presteza
Do que eu tinha esperado: em doce laço,
Dizei, já vive Aurora? Vive Argasso?

Ah! Senhor, diz Fialho (que Garcia,
Os olhos rasos d'água, mal podia
Falar, e quase absorto o Herói saúda),
O caso é tão funesto, que na muda
Mágoa só pode cabalmente ouvir-se.

Saímos há seis dias; descobrir-se
A Aldeia pouco já se começava;
Aos acenos de Argasso festejava
O Monaxós alegre a nossa vinda;

Não tardou de saber a crua Eulinda,
Rival de Aurora, o firme pensamento
Do meditado Santo Sacramento;
Conspirou em seu dano, e de ira cheia
A cova foi buscar de Teriféia:
Esta a superstição teve por nome,
Inocentes meninos traga e come.

Dous arrancados dos maternos peitos
Lhe leva a crua Indiana; ela desfeitos
Os tem já entre as presas aguçadas:
"Eu vi (contou algum) que sufocadas[53]
As cãs estavam de seu sangue, e quentes
Brotavam dentre os beiços as correntes."
Do destroço fatal contente a velha,
Nas vítimas, que Eulinda lhe aparelha,
A dar-lhe ajuda alegre se convida.

A instâncias de Garcia está rendida
Em breve instante Aurora; nem se assusta
Ao proposto Himeneu, e crê que é justa
A persuasão, ao ver que a faz Garcia.
Do antigo amor de todo se esquecia
Um e outro; e a virtude só pertendem
Acreditar no estímulo, que acendem
Dentro em seus corações, de propagada
Ver uma vez a religião amada.

Ao Índio instruo nos mistérios santos
Da ortodoxa doutrina; e longe encantos,
Superstições e mágicas, já creio
Que tenho descoberto nele um meio
De derramar por entre os mais a cura
Da radicada antiga desventura.

Contentes andam todos pela Aldeia,
Festejando o consórcio; qual passeia,
Calçados pés e mãos de várias plumas,
Qual faz soar o apito (nem presumas[54]
Que se ignora da música o concerto
Entre os crus Monaxós); já vinha perto
O dia ao caro laço destinado;

O Cacique, do amor estimulado
Que tem pelos seus hóspedes, destina
Que divididos vão pela colina,
E que desçam ao vale os que destreza
Têm no dardo e na flecha; encher a mesa
Intenta com a caça, que sepulta
Nos seus seios a gruta mais oculta;
Brindar quer os mais Índios deste modo:
Convida desde já ao povo todo.

Ele próprio à fadiga não se nega;
Arremessa-se ao mato. Aurora pega
No seu arco também; todos se atiram
Ao fundo espesso, e pelas brenhas giram.

Teriféia a ocasião julga oportuna,
Põe os olhos no Céu, alta coluna
Levanta e firma em terra; já sobre ela
Se ergue e murmura, e nota cada estrela
Com o dedo; depois desce, e riscando
Muitas vezes em roda, vai tocando
A coluna, que treme e que se move:
Tolda-se em sombra o ar, troveja e chove;
E o tronco, dentre a nuvem que o cobrira,
Sai figurando um tigre, que respira
Fogo e veneno pelos olhos; passa
Com ele ao monte, e o guia aonde a caça
Se tenta e busca: aqui dormia Aurora;
Dormia; e junto aos pés branda e sonora
Fontezinha o repouso convidava;
O peito em grande parte debruçava
Sobre uma penha, e ao gesto brando e lindo
De encosto o mole braço está servindo.[47]
Chega a Maga cruel, põe-lhe diante
A fera que conduz, e ao mesmo instante
Se oculta em parte onde o sucesso veja.
O cuidado de a ver, ou fosse a inveja,
Àquele sítio encaminhava os passos
Do destemido Argasso; entre embaraços
De mal distintos ramos, já descobre
O mosqueado tigre, ao braço nobre

O crê despojo, e de matá-lo espera;
Firme o pé desde longe aponta a fera,
E atrás puxando o braço a seta envia,
Que vai cravar no monstro a ponta fria.

Corre gritando — oh! Céus! — e vê passado
De Aurora o peito; em vão busca assombrado
O tigre, que não há; já desfalece
A pouco a pouco a bela; a mágoa cresce
No mísero homicida, clama e grita,
Atroa os Céus, e contra os Céus se irrita;
Nem mais a vida, que estimara, preza;
Arroja o arco, e à infeliz beleza
Consagra de seu corpo o último resto.
"Amor, disse, cruel, pois que funesto
Foi o fim de um princípio tão ditoso,
Pois que cortastes o vínculo gostoso
Que a dita, a mesma dita ia tecendo;
Bem que inocente o impulso inda estou vendo,
Que animou este braço, acabe o peito,
Onde ele se forjou; roto e desfeito
O véu que cerca esta alma, ela se aparte,
Indiana adorada, ou a pagar-te
Com seu eterno pranto a dura ofensa,
Ou a pôr de teus olhos na presença,
A mágoa enfim de um erro involuntário."
Disse; e trepando a penha, ao chão contrário
Desesperado já se precipita.

Teriféia de longe aos Índios grita,
E alegre da vitória deixa o monte;
Não há quem visse, ou quem a história conte:
Mas da homicida bárbara informada
Já torna Eulinda; furiosa brada
A Aldeia, por vingar tanta maldade;
Sobre nós faz cair a atrocidade
Do delito, e abrasando a Aldeia inteira
De oculta chama, que ateou ligeira,
Ministros nos faz crer deste atentado:
A fuga nos salvou, nem avisado
Serias de um tão trágico sucesso,

Se de Argasso um rival, que a tanto preço
A Eulinda amava, então não descobrira
Tudo o que a Eulinda e a Teriféia ouvira.

Calou Fialho; em vão susteve o pranto
Albuquerque; e notando que o quebranto
De Garcia a rendê-lo se avançava,
Consolando seu mal, assim falava:
Jamais se viu segura uma alegria,
Nem estável jamais pôde algum dia
Sustentar-se a fortuna de um ditoso:
Espere sempre o inverno proceloso
Aquele por quem passa a primavera;
Amor que em brandas almas só pudera
Empregar toda a força de seus tiros,
Fará que troque as glórias em suspiros
Aquele que em vão crera aos desenganos;
Ó vós, felices, vós, que os doces anos
Entregais à virtude, eu vos agouro
O sempre imarcescível, fresco louro,
Que vos há de levar na longa idade
Muito além da cansada humanidade.

Canto VII

A Madre de Mêmnon[48] dourava a terra,
E já se descobria uma alta Serra
Com três dias de marcha; de Itamonte
O carregado aspecto está defronte.
Não repugna do Herói à nobre entrada,
Mas tem presente ainda a retirada
De Fernando; inda vê de sangue tinto
O campo; e nota o ódio mal extinto
Dos infames rebeldes, conjurados.

Embaraçar pertende os apressados
Passos que vêm trazendo, e quer primeiro
Co'a vista de um obséquio lisonjeiro
Demorar a Garcia: teve o indulto
Este Vassalo de avançar-se oculto
E entrar na povoação, notando o estado

Da levantada gente: era chegado
À margem de um ribeiro; e os olhos tendo
Mal enxutos ainda, se está vendo
Na prisão insensível de um encanto,
Que enfim lhe acaba de pôr termo ao pranto.

Uma voz se lhe finge, que feria
Os ares docemente e assim dizia:
Saudoso Ribeirão, Mancebo infausto,
Se já perdida a pompa, a glória, o fausto,
Em pequena corrente convertido
Vás[49] *regando este vale, o teu gemido*
Não acuse de Eulina o brando peito;
Talvez Amor tirano a teu respeito
Quis que eu fosse cruel, e involuntário
Seguiu meu pensamento esse contrário
Influxo das Estrelas; eu te amava,
E dentro da minha alma protestava
Não render o troféu desta beleza
Mais que aos suspiros teus, e à chama acesa
De Amor, que nos teus olhos percebia.
Apolo, o ingrato Apolo é quem devia
Ser contigo mais brando e mais propício:
A culpa é só de Aucolo;[50] *o sacrifício,*
O voto que ele fez ao Deus tirano,
Tudo enfim se ajuntou para o teu dano.

Talvez não conhecia eu, desgraçada,
Que eras tu o que então com mão armada
Me estavas a esperar lá perto à fonte.[(55)]
Este aleivoso Deus,[51] *para que conte*
Da minha história a triste desventura,
Depois que presa a minha formosura
Entre a nuvem levara enganadora,
Faltando a toda a fé, me ordena agora
Que eu torne ao pátrio berço, e convertida
Em Ninfa destas águas, passe a vida
Entregue sempre a míseros lamentos.
Oh! e quem crê de um Deus nos juramentos!

Aqui o teu sussurro estou ouvindo,
E nele a tua queixa inda sentindo,

Quando escapada aos amorosos laços
Dizer-te escuto: "Onde a meus ternos braços,
Onde te escondes, onde, amada Eulina,
Quem tanto estrago contra mim fulmina?"

Aqui teu duro mal percebo e noto,
Quando, do agudo ferro o peito roto,
Dás à cega ambição em cópias de ouro
O que roubaste, mísero tesouro
De Itamonte, teu Pai,[52] *que não sabia*
Que a seus cansados anos deveria
Suceder um tão fúnebre desgosto.

Cheio de mágoas te estou vendo o rosto
Com que acusas o humano atrevimento,
Quando lhe acordas o furor violento
Que faz de Polidoro[53] *a desventura,*
Oh! ambição! Oh! sede! Oh! fome dura!

Ouve Garcia o canto, e não atina
De onde tanto prodígio, mas de Eulina
A delicada face está patente:
Fita os olhos, e vê desde a corrente
Lançar a mão à praia a Ninfa bela;
Toma uma areia de ouro, e já com ela
Pulveriza os cabelos:[54] neste instante
O sonho de Albuquerque o faz avante
Passar; os braços abre, à Ninfa chama;
Ela o vê, e não teme, e já se inflama
De amor por ele; aos braços o convida,
E abrindo o seio o Rio, uma luzida
Urna de fino mármore os sepulta,
Recebendo-os em si: ficou oculta
A maravilha a quantos o acompanham.
Em busca de Garcia já se entranham
Pelos matos mais densos, mas perdida
A esperança de achá-lo, e recolhida
Volta ao Herói a esquadra aventureira.

De inadvertido brinco[55] ação grosseira
Turbara neste tempo a comitiva;
Querem que entre eles o partido viva
De Europeus e Paulistas, e já passa

A desafio em uns o que foi graça.
Conta-se que por mofa algum dizia
Que seguro em si só não vai Garcia;
Que ao valor europeu em pouco ou nada
Disputar do Paulista pode a espada.
Leva-se Borba do furor ardente,
Empunha o ferro, atreve-se valente
Ao mesmo tempo a rebater Pegado
O colérico ardor; vê-se insultado
No respeito Albuquerque: *Olá!* dizia,
Os braços suspendei; de rebeldia
É este um sinal claro; não se deve
Tanto despique à ofensa, que é tão leve.(56)
Se ao Paulista de fraco alguém acusa,
Ele de seus espíritos só usa,
Quando a honra do empenho ao campo o chama.
Não é valente, não, o que se inflama
No criminoso ardor de a cada instante
Dar provas de soberbo, e de arrogante.
Os Europeus são fáceis neste arrojo.[56]

Se justo imaginais foi o despojo
Das Minas, que lhes tiram, porque avaros
Se pertendem mostrar (bem que são raros
Os que entre eles se arrastam da cobiça),
Dizei: não pede a próvida Justiça
Que zele cada um, que guarde, e reja
O que adquire o seu braço, quando a inveja
Lho pertende roubar? Estas conquistas,
A quem se deverá mais que aos Paulistas?

Mas eu ponho de parte os argumentos,
Que com substância igual os fundamentos
Fazem desta disputa assaz ligeira;
Seguiremos a máxima grosseira
Dos espíritos vis, que têm formado
Nestas Minas um corpo levantado?
Acaso um mesmo Rei nos não protege?
Uma só Lei a todos nos não rege?
Do tronco português não é que herdamos
O sangue de que as veias animamos?
Não faz comuas um Vassalo as glórias

Do seu Rei? Do seu Reino? Das vitórias
Que um ganha, o outro perde, não alcança
A todos o infortúnio ou a bonança?
Somos nós dessa estirpe, que brotara
Do antigo Cadmo[57] *a bárbara seara,*
Onde uns irmãos com outros pelejando
O ferro no seu sangue estão banhando?
Árbitro entre vós outros me conheço,
Do Europeu, do Paulista faço apreço,
E distinguindo em todos a virtude
Não espereis que de projeto mude.
Não faz a Pátria o Herói, nascem de Aldeias
Almas insignes, de virtudes cheias;
E nem sempre na Corte nobre e clara
Ingênua série, portentosa e rara
Se vê de corações, que resplandecem
Pela glória somente, e nela crescem.[58]

Dizia; e ao mesmo passo de Pereira
Um aviso chegava, de onde inteira
Informação o Herói já recebia
Da sacrílega, ousada rebeldia.
Sabe que ao longe os montes estão cheios
Dos conjurados Chefes; nisto os meios
Consulta de passar; e tem presente
A imagem, que no vidro transparente
Formara o Gênio; de Garcia ousado
Só quisera partir acompanhado;
Por ele chama, e teme, e se entristece
Ao ver que falta, e apenas aparece
Quem dê notícia, ou conte a sua ausência.

Teme que surprendido na violência
Ficasse dos Rebeldes; resolvido
Já tem partir sem ele; do vestido
Que traja, militar, e rica banda
Se despe; humilde capa aos ombros manda,
E por tudo disfarça o alto respeito,
Que inculca o aspecto: a todos no conceito
Segura desta empresa, e lhes ordena
Que em marcha vagarosa, entre a serena

Sombra da noite ao longe o vão seguindo;
Parte, e encostado à Serra vai subindo
Uma colina, que lhe põe defronte
O pico, o grande pico de Itamonte.[59]

Chegava o dia ao termo derradeiro,
E ao vale vem descendo desde o outeiro
A sombra carregada; humilde tenda
Aqui recolhe o Herói; como pertenda
O Interesse adiantar o seu partido,
Bem que o Gênio a seu ímpeto escondido
Tinha as idéias com que o Herói salvava,
Na mesma tenda a um tempo abrigo dava
O indigno Monstro aos Chefes levantados.

Todos em um congresso declarados
Entre si praticando estão na vinda
De Albuquerque, nem crêem que esteja ainda
Tão próximo a chegar; longe o figuram,
E muitas vezes protestando juram
De obrigá-lo a voltar; a morte certa
Prometem, se o resiste; descoberta
A Albuquerque se faz por este modo
A torpe idéia do desígnio todo.

Recolhem-se a dormir, e se recolhe
Albuquerque também, que não lhe tolhe
A constância o temor; cauto pertende
Aos Pereiras juntar-se, e mais se acende
No desejo de ver ao bom Garcia,
Que aos três irmãos já crê que passaria.

Cheio destes cuidados entregava
Ao leito os lassos membros, e pensava
Em vencer da alta noite por diante
O caminho. Eis o Gênio vigilante,
Que o perigo iminente está prevendo,
Com seus influxos sobre o Herói descendo,
Da mão o prende e o guia a um sítio aonde
O escuro Caeté de acordo esconde[(57)]
Um magnífico Paço, em que destina
Que tenha o Herói habitação mais digna.

Aqui dos três Pereiras o esperava
O nobre ajuntamento, e protestava,
Cada um em seu nome, que faria
Cair por terra a infame rebeldia;
Que de amigos, patrícios e parentes
Tinha a seu mando prontas e obedientes
Muitas esquadras, que traria ao lado.
Tudo agradece o Herói; mas tem pensado
Mover por arte e por indústria os Povos.

Estamos, disse, *em uns países novos,*
Onde a polícia não tem inda entrado;
Pode o rigor deixar desconcertado
O bom prelúdio desta grande empresa.
Convém que antes que os meios da aspereza
Se tente todo o esforço da brandura.
Não é destro cultor o que procura
Decepar aquela árvore que pode
Sanar, cortando um ramo, se lhe acode
Com sábia mão a reparar o dano.
Para se radicar do Soberano
O conceito, que pede a autoridade,
Necessária se faz uma igualdade
De razão e discurso; quem duvida
Que de um cego furor corre impelida
A fanática idéia desta gente?
Que a todos falta um Condutor prudente
Que os dirija ao acerto? Quem ignora
Que um monstruoso corpo se devora
A si mesmo, e converte em seu estrago
O que pensa, e medita? Ao brando afago
Talvez venha a ceder; e quando abuse
Da brandura, e obstinado se recuse
A render ao meu Rei toda a obediência,
Então porei em prática a violência;
Farei que as armas e o valor contestem
O bárbaro atentado; e que detestem
A preço de seu sangue a torpe idéia.
Disse; e deixando a todos a alma cheia
De uma nobre esperança, já passava
A saber de Garcia; nem lhe dava
Notícia dele algum dos três Pereiras.

A um fundo Rio estavam sobranceiras
Espessas matas de árvores copadas;
De seus ramos, quais já foram mostradas
Ao Troiano, que tenta o Reino escuro,[60]
Em vãs imagens pende o sonho; um duro
Tronco escolhera o Gênio; ali fizera
Em uma e outra fúnebre quimera
Respirar o terror, forjar-se o susto.
Dali manda se espalhe a todo o custo
Uma e outra ilusão; partem voando
As fantásticas sombras; vão pintando
Grilhões, cadeias, cárceres, suplícios,
Degoladas cabeças, artifícios
Nunca inventados de instrumentos vários
Que estão ameaçando aos temerários,
E rebeldes Vassalos a ruína:
Confundem-se os infames, e destina
Cada um desde já buscar o meio
De pôr de parte o crime enorme e feio,
E acreditar aos pés do Herói que chega
A fé, com que ao seu Rei se rende e entrega.

Canto VIII

Entretanto que o Gênio se cansava
Nesta empresa, o Interesse fomentava
Novas discórdias; e do altar impuro,
Aos sussurros de um fúnebre conjuro,
Subir fazia desde o horrível centro
Vorazes Fúrias,[61] e do Abismo dentro
A guerra ateia, que aos mortais destroça;
Tiram bravos leões uma carroça,
Em cujo assento aparecer se via
Com vulto horrendo a infame Rebeldia;
Víboras os cabelos são, que estende
Sobre a enrugada testa; um Etna acende
Em cada olho, e da boca em cada alento
O veneno vomita o mais violento.
Tem por despojos a seus pés caídas
Púrpuras rotas, destroçadas vidas

De Reis, de Imperadores; vem cercada
Da Traição e do Engano, e disfarçada
Entre estes monstros com fingido rosto
A Hipocrisia[62] tem seu trono posto.

Este Ídolo cruel, que se autoriza
Mais entre os outros, porque estraga e pisa
Com mudo pé dos Grandes as moradas,
Tendo a seu lado as Fúrias convocadas,
E entrando em parte já co'a Rebeldia,
Ao Nume do Interesse assim dizia:

Sei que vacila o teu arrojo, e vejo
Que muito além do natural desejo
Vão correndo as cansadas diligências,
Com que até aqui no esforço das violências
Quisemos impedir a triste entrada
Deste Herói, que nos traz ameaçada
Toda a ruína de uma longa idéia.
Se talvez sombra vã não lisonjeia
Meus altos pensamentos, eu discorro
Que a mim me toca só dar o socorro
Ao decadente impulso desta empresa.
Não sei de que triunfo na certeza
Eu me prometo um dia a segurança
De uma eterna, pacífica bonança.
Se passou Albuquerque, e tem rompido
Ao centro destas Minas, destruído
Eu verei de uma vez o seu projeto.
Tomo a meu cargo simular o aspecto
De uma rendida sujeição, levando
Na lisonja encoberto o insulto, e quando
Ele acredite mais nossa obediência,
Farei que, rota a máscara, a violência
Dentro dos nossos braços o acometa;
Que morra a frio sangue, ou que se meta
Às brenhas fugitivo, e busque a estrada
Que lembra de Fernando a retirada.

Assim falava a torpe Hipocrisia,
O Engano co'a Traição já se lhe unia;
Aprovava o Interesse a idéia insana,

A Rebeldia se gloriava ufana;
E por todos o alento suscitado,
Se alegram, crendo já executado
Tudo quanto entre as Fúrias se medita.

Vão buscando os Chefes; corre, e grita
A infame esquadra de uma e outra Fúria:
Pouco se afligem da passada injúria.
Cortam desde o seu templo os crespos ventos;
E ao hábito nocivo, aos pestilentos
Influxos, que derramam, se enche tudo
De serpentes, de feras, que de agudo
Veneno têm a fauce[63] infeccionada.

Talvez não viste tu, Líbia abrasada,
De monstros mais coberta a tua areia,
Quando o Filho de Acrísio[64] ali semeia
O sangue da cabeça que cortara
O ferro, de que a Deusa a mão lhe armara.[65]

Mas já, Garcia amante, me convidas
A descrever as horas entretidas
Nos braços a que Eulina te trouxera.
Dentro da mansa e dilatosa esfera
Do peregrino Rio entrado havia
O Mancebo feliz, e já se via
Pisando de uma sala o pavimento;
Por tudo refletia o luzimento
Da riqueza, que os tetos esmaltava;
Sobre colunas de cristal estava
Sustentado o edifício; delas pendem
Lâminas de ouro, onde seu rosto acendem
Em vivo resplandor[66] Varões egrégios.
Da Fortuna e do Tempo os privilégios
Inculcam dominar; nas mãos sustentam
As insígnias do mando, e representam
A Régia Autoridade: em cada testa
Lhes verdeja o laurel que manifesta
A duração da imarcescível Fama.

Eulina, que Garcia ao lado chama,
Em um assento de ouro marchetado
Lhe tem junto a uma mesa preparado
O brinde da mais rara formosura.

Cem taças de ouro são, onde procura
Mostrar-lhe aos olhos quanto desentranha
De mais precioso o Rio, ou a Montanha.
Cerrava um branco véu logo diante
Uma estância; rasgou-se, e em breve instante
Deixou ver recortado junto a um monte
O venerando rosto de Itamonte.
Era de grossos membros a estatura,
Calva a cabeça, a cor um pouco escura,
De muitos braços, qual a idade vira
Tifeu,[67] que a dura Terra produzira.

Quase a seus pés, o corpo debruçando
Sobre um punhal, estava trespassando
O peito um gentil Moço; da ferida
Uma fonte brotava, que estendida
Com as vermelhas águas rega a areia.[68]

Eulina, que nas graças não receia
Competir co'a Deidade que o Mar cria,
De transparente garça[69] se vestia,
Toda de flores de ouro matizada:
A cabeça de pedras tem toucada,
Deixando retratarem-se as estrelas
Em seus olhos; tão ricas, como belas,
Muitas Ninfas em roda a estão cercando,
Nas lindas mãos nevadas sustentando
Os tesouros que oculta e guarda a Terra
(Tristes causas do mal, causas da guerra!).

Niséia em uma taça oferecia
Um monte de custosa pedraria,[70]
Em que estão misturados os diamantes,[71]
Co'as safiras azuis, e co'os brilhantes
Topázios, co'os rubis, co'as esmeraldas
Que servem de esmaltar essas grinaldas,
De que as Ninfas do Rio ornam a frente.

Em outra taça do metal luzente,
Copioso monte apresentava Loto,
Por extremo formosa; desde o roto
Seio do Rio o louro pó juntara;

Dele costuma usar Eulina clara
Para dar novo lustre a seus cabelos.[72]
Parece que a fadiga dos martelos
Batem o mesmo pó coalhado ao fogo,[73]
Pois deixada esta taça e olhando logo
Para outra que Licenda na mão tinha,
Nelas de barras mil um monte vinha,
Em que o divino pó se convertera.

Não tardava a chegar branda, e sincera,
A mimosa Leutipo: esta ofertava
Uma e outra medalha, que cunhava
Nas pequenas esferas do ouro fino.
De vários caracteres peregrino
[De ouro, de diamantes circulado][74]
Jeroglífico[75] ali se vê gravado,
Onde a letra em três riscos dividida
Tinha estampa entre as outras mais luzida.

Do formoso espetáculo no meio,
De júbilos Garcia se vê cheio;
As Ninfas o entretêm, Eulina o prende,
De Itamonte a grandeza mal entende,
E do Moço qual vê rasgando o peito
Não sabe a história; que se o doce efeito
Provado houvesse do gostoso fruto
Que encontrara na Hespéria o Grego astuto,[76]
De si, dos companheiros se esquecia,
E transportado em outro já se via.

Com a voz descansada lhe falava
O bom velho Itamonte: *e pois que a brava*
E inculta região das pátrias Minas
Tens pisado, ó Garcia, de ti dignas
Sejam tuas ações; tu te atreveste
Primeiro que outro algum; e tu pudeste
Romper os matos, franquear o passo
Do não tentado Rio; o Fado escasso(58)
Contigo não será, tendo encoberto
Por mais tempo o País que traz incerto
O teu grande Albuquerque; ele procura
Erguer a Capital, aonde a escura

Sombra de um sonho lhe propôs defronte
O carregado aspecto de Itamonte.
Neste sítio ele está; ali se ajunta
Com os fortes Pereiras, e pergunta
Por ti: o pátrio Gênio o tem guiado;
Deu-lhe a mão, lá o pôs, ali prostrado
Ele vê a seus pés esse que há pouco,
Levado de um furor insano e louco,
Embargar pertendera a sua entrada.

Por muitos anos sei como ignorada
Foi aos humanos esta Serra: agora
A têm tentado alguns e nela mora
Um corpo de Europeus, a quem oculto
Tenho ainda os tesouros que sepulto.
Permite o Céu que sejas o primeiro,
A quem eu patenteie por inteiro
Todo o segredo das riquezas minhas.
Já desde quando no projeto vinhas
De encontrar as preciosas esmeraldas,
Eu te esperava deste monte às faldas.
O Deus destes tesouros impedia(59)
Até aqui descobri-los, e fingia
Meu rosto aos homens tão escuro e feio,
Porque infundisse em todos o receio.

E pois que a sorte tens de que em meus braços
Ele mesmo te ponha; os ameaços
Cederão de Itamonte ao teu destino;
Vê pois, Garcia amado, o peregrino
Cabedal que possuo, e que pertendo
Ceda ao teu Rei. Se aos olhos estás crendo,
Não é fábula, não, essa grandeza
Que tens defronte da preciosa mesa.
Toda essa terra, que o descuido pisa
Dentro em meus braços, crê que se matiza
Com o louro metal, geral o fruto,
O nome de Gerais por atributo
Estas Minas terão; vês os diamantes:
Eles vêm de outras serras mais distantes,
Mas tudo corre a encher os meus tesouros;
Hão de brilhar os séculos vindouros

Com esta fina pedra; em abundância
Vencerão os que vêm de outra distância;
[E do Indo será menor a glória,][77]
Quando vir apagar sua memória,
Nas terras onde o Sol iguala o dia,
Do meu Jaquitinhonha,[78] *a onda fria.*[(60)]
Sobre grossos canais ao alto erguidas
As correntes do Rio, e divertidas
Da margem natural, darão entrada
À industriosa mão, que já rasgada
Uma penha, e mais outra, faz que a terra
Descubra aos homens o valor que encerra.
De ti, ó Rei, das tuas Mãos só fio
Romper o seio do empolado Rio.

As pedras amarelas, e encarnadas,
De que estão essas taças coroadas
Produz o Itatiaia; aquele Rio,
Que vai buscar com plácido desvio
Outro, que do guará, purpúrea ave,[(61)]
Na língua pátria o nome tem suave;
[Ele por vários córregos girando][79]
E juntando as correntes, vai formando
O grande Rio Doce; de Gualacho
Nos futuros auspícios talvez acho
Que um pequeno ribeiro o nome guarda.
Nas margens suas de nascer não tarda
O grato engenho, que decante um dia
As memórias da Pátria, e de Garcia;
Que levante Albuquerque sobre a Fama,
Que a Vila adorne de triunfante rama,
E dos pátrios Avós louvando a empresa,
Sobre o estrago dos anos deixe acesa
A memória de feitos tão gloriosos;
Crescei para o cercar, louros famosos.[80]

As safiras azuis produz a Serra
Do Itambé; tem rubis aquela terra,
Aonde em breves fontes a Juruoca
Vê o Rio nascer, que as águas toca[(62)]
Do grosso Paraguai; o Rio Verde
Daqui nasce também, que o nome perde,

Entrando pelo Grande; estes unidos
Vão formar com mais outros os crescidos
E agigantados passos, que desata
Pela raia da Espanha o Rio da Prata.

Das esmeraldas ao precioso Erário,
Talvez que não permita o Céu contrário
Que outro mais que teu Pai[81] *registe as Minas.*
Encobertas serão as pedras finas
Por uma longa idade, e fatigadas
Serão debalde as serras levantadas
Do escuro Caeté, onde se abriga
O Botecudo infiel, gente inimiga,
Gente fera e cruel, que o sangue bebe
Humano, e encarniçado não concebe
Zelo algum pela própria Natureza.

Todos estes tesouros e a grandeza
De todas estas pedras determino,
Que por mão de um benévolo destino
Vão buscar inda a Lusa Monarquia.
Desde o seio da terra a ver o dia
O mármore virá, que aos Céus levante
Edifícios soberbos; a elegante
Mão do artífice, a Vila edificada,
Fará que sobre as outras respeitada
De Rica tenha o nome, derivado
Dos tesouros o epíteto prezado.

Aqui chegava, e quase enfraquecido
Tinha o vigor da voz, quando advertido
De Eulina o arrebatado pensamento
Com que o grande Garcia olhava atento
Para as imagens que pendentes via;
Com que igualmente os olhos dirigia
Para o Mancebo que rasgara o peito;
Tomando a lira, e com suave efeito
Soar fazendo as cordas de ouro fino,
Em cadências de um número divino
De Itamonte lembrava a grande história;
Contava que empreendendo por mais glória
Os Deuses conquistar deste Hemisfério,

Deixando a Adamastor[82] no vasto Império
Das ondas lá do Atlântico Oceano,
O pacífico mar buscara ufano;
Que de um raio de Júpiter ferido
Fora em duro penhasco convertido;
Que um filho concebera de uma penha,
Que foi Ninfa algum dia; ele[83] se empenha
Em contrastar de Eulina o peito ingrato;
Apolo oposto ao amoroso trato
Lha rouba, e leva em uma nuvem; triste
O Mancebo infeliz, já não resiste
Ao rigor de seu Fado: busca ansioso
Sobre um punhal o termo lastimoso
De tanta desventura; de piedade
Movido o louro Deus,[84] ou de crueldade,
Em fonte o converteu, e a cor trazendo
Do sangue, que do peito está vertendo,
Por castigo maior do fatal erro
Sobre ele faz bater o duro ferro.
Assim atado ao Cáucaso gelado
O ventre vê das aves devorado[85]
Em contínuo tormento esse, que intenta
De Apolo arrebatar com mão violenta
O raio, de que anima a estátua muda,
Que tanto em fabricar seu dano estuda.

Tudo isto canta a Ninfa, e alegre passa
A dar à linda voz mais bela graça:
Levando[86] o rosto, e os olhos aplicando
Para as lâminas de ouro, e reparando
Em cada uma, concebe um novo alento;
Aqui levanta, e esforça o acorde acento,
E como se Itamonte lhe influíra,
Do peito do Gigante as vozes tira.

Canto IX

Matéria é de coturno, e não de soco,[87]
O que a Ninfa cantava; eu já te invoco,
Gênio do pátrio Rio; nem a lira
Tenho tão branda já, como se ouvira

Quando a Nise cantei, quando os amores
Cantei das belas Ninfas e Pastores.
Têm os anos corrido, além passando
Do oitavo lustro; as forças vai quebrando
A pálida doença; e o humor nocivo
Pouco a pouco destrói o suco ativo,
Que da vista nutrira a luz amada:
Tampouco vi a testa coroada
De capelas de louro, nem de tanto
Preço tem sido o lisonjeiro canto,
Que os mesmos que cantei me não tornassem
Duro prêmio; se a mim me não sobrassem
Estímulos de honrar o pátrio berço,[63]
Deixara de espalhar pelo Universo
Algum nome, deixara... mas Eulina
Me chama já: soava a voz divina,
E aos bustos discorrendo, assim cantava:
Aquele (e no primeiro se firmava),
Aquele que na frente traz gravado
O caráter de um ânimo empregado
Em contínuas fadigas, que inda sua
Por entre a espessa brenha e serra nua,
Vencendo ásperos riscos e as correntes
Dos rios não cortadas de outras gentes
Mais que do hirsuto e bárbaro Gentio,
É Rodrigo, que junto àquele rio
Que acabas de pisar a vida entrega
Às mãos de uma ousadia infame e cega.
Em vão tentou ao Rei dar novo aumento
Das Minas no feliz descobrimento,
Que atalhando seus passos duro fado
Aqui lhe tinha a urna preparado:
Em vez de roxos lírios e açucenas,
Bárbaras flores lhe derrama apenas
Piedosa mão, se acaso Monstro enorme
Seu túmulo não pisa, e nele dorme.

Artur é quem sucede mais ditoso,
Pois que atraindo ao Borba generoso,
Que ao centro dos Sertões se retirara,
Com ele emprende ver a terra avara,

Onde jaz de Rodrigo a sepultura:
Vê qual próvida mão dar-lhe procura
O luzente metal, que em longos anos
Se negara à fadiga dos humanos.

O terceiro é Fernando, que sustendo
Dificilmente as rédeas se está vendo
Entre os insultos da rebelde gente;
Desde longe o ameaça a bala ardente,
A crua espada e o punhal ferino,
Se não volta e obedece ao seu destino:
É prudente o Varão; vê-se arriscado
Sem armas, sem defesa, e profanado
O respeito não quer e a autoridade,
Que sustenta do Rei a Majestade.

De vendicar o mando a empresa toma
O famoso Albuquerque, e a grande soma,
Dos tesouros que guardo eu lhe preparo.
Melhor do que nos mármores de Paro,[88]
Ou nos polidos bronzes de Corinto,
Ele o seu nome levará distinto,
De uma vez as cabeças decepando
Da Hidra venenosa, que soprando
Ainda o fogo está da rebeldia.
Fará subir com nobre valentia
De choupanas humildes a altas torres
Essas povoações, que a ver discorres
Desde esta margem té meu fundo centro;
Quanto do seio meu se encerra dentro
Liberal eu virei dar-lhe em tributo;
Da grande cópia do amarelo fruto
Os curvos lenhos em fecundas frotas
Irão levar às regiões remotas
As preciosas porções, que nunca vira
Em tal grandeza o Rei, que dividira
As águas do Eritreu,[89] *e desde o Tiro*
Ao claro Ofir voou com longo giro.

Do Carmo a Vila, e a Vila do Ouro Preto
Formarão das conquistas o projeto;
Junto ao Rio, a que as Velhas deram nome,
A terceira erguerá, que o foral tome.

Já vens cortando o mar para rendê-lo,
Magnânimo Silveira; do teu zelo
Fia o Rei se adiante o novo Empório:
Em trinta arrobas de ouro faz notório
Por esta vez o Povo o seu tributo,
E agradecido o Rei conhece o fruto
Da tua persuasão, sem que a violência
Arrastasse os esforços da prudência.
Do teu Antecessor seguindo a estrada,
Passas a ver com glória edificada
A Vila que escondida o Fado tinha
Com o precioso nome da Rainha;
E no distante Serro se levanta
A outra, que do Príncipe se canta;
Ditosas povoações,[90] *que hão de algum dia*
Encher de lustre a Lusa Monarquia.

Criadas as três Vilas, já demarcas
Os distintos limites das Comarcas:
Dás com próvida mão leis, e moderas
As discórdias civis; já consideras
Domado o povo, e em sucessão gloriosa
Ao claro Almeida entregas a preciosa
Porção das Minas do Ouro: ó tu, mil vezes
Digno filho de Marte, que os arneses
Acabas de romper entre os Iberos;
Que ousados braços, que semblantes feros
Te não cabe aterrar! Ao longe eu vejo
Erguer-se a multidão, que em vão forcejo
De atrair e render; vem arrastando
Infames Chefes o atrevido bando:
Chegam, propõem, disputam; nem se nega
Teu intrépido rosto à fúria cega
Do fanático orgulho. Ah! não se engane
O Vassalo infiel; bem que profane,
Que ataque e insulte a Régia Autoridade,
Ao destroço da vil temeridade
Será o campo teatro, e em sangue escrito
Chorarão sem remédio o seu delito.

Cai a sublevação, e restablece
Outro Almeida o real decoro; cresce
A opulência no Estado; um Melo e Castro,

Da esfera lusitana feliz astro,
Já sucede ao bastão que Almeida empunha;
Deste Herói as virtudes testemunha
Itália toda, e as suas glórias soma,
Cheia de tanto nome, a ilustre Roma.

Mas qual te chamarei, ó sempre digno
Sucessor de Galveas; o benigno
Céu, que te envia a nós, de riso cheio
O seu semblante inculca; ah! que do meio
Do Guadiana te arrancou! Pendente
Lá vejo a espada, e vejo a areia quente
Do sangue derramado! Que destino
Tão fausto para nós! Já imagino
Que eternos os teus dias lograremos!
Dos Tritões sobre as costas levaremos
Ao luso Atlante, nunca tão pesados,
Os Reais Cofres; vinde, ó dilatados
Sertões, vinde montanhas, vinde rios;
Chegai também, ó bárbaros Gentios
Do bravo Cuiabá, do Mato Grosso,
De Pilões, de Goiases, vede o vosso(64)
Destro Governador, que desde as Minas
Sustenta a rédea, e manda as peregrinas
E sábias direções, com que reparte
Em uma e outra dilatada parte
Sua próvida mão, com que segura
O bem do Rei, dos Povos a ventura!
Já do pardo Uraguai busca a corrente;(65)
O Irmão o substitui; o sangue ardente
Lhe lembra a imitação de heróicos feitos,
Generosos Andradas, dignos peitos!
Este alimpa os Sertões da gente ociosa,(66)
Que do roubo se nutre; a deliciosa
Margem do Rio Grande é povoada.
Toda a larga campina que pisada
Fora do cafre vil ao Régio Erário
Rende os tributos; pode o Céu contrário,
Sim, roubar-vos, ó Freires, mas na idade
Há de ser imortal nossa saudade.

Vês ora o grande Lobo: este caminha[67]
Seguindo a Serra, que lá tem vizinha
De Paulo a Capital; impede os passos,
Que abre o extravio; pronto aos ameaços
Da Guerra acode, a Terra fortalece
De militares tropas, e a guarnece
De bélicos petrechos: já fundido
Sai da fornalha o bronze, e convertido
Em raios de Vulcano atroa os montes.

Mas ai! que já do Tejo os horizontes
Se vêem escurecer! Já deixa a praia
Aquele Herói saudoso, que se ensaia
De verdes anos a ganhar vitórias!
Já nos demanda e busca: nas memórias
Seu nome impresso guardarão as Minas.
Oh! e de que influências tão benignas
Seu governo não é! Ao conquistado
Quanto de novo tem acrescentado!
Domésticas aldeias reconhecem
A proteção do Rei; já obedecem
As distantes regiões; vem o Tapuia[68]
Do escuro Cuieté, ou do Urucuia
Beijar o Santuário: qual se esconde
Rio, ou montanha tão remota, aonde
Não se investigue por seu mando o ouro?
Que crime há tão seguro, que ao vindouro
Com o exemplo profane? Oh! singulares
Dotes do Conde meu de Valadares![91]

Assim cantava a Ninfa, arrebatada
Do profético espírito; dourada
E sonorosa a trompa já se ouvia
Entre um tropel de brutos, que feria
A praia oposta; a luminosa sala
Se ia negando aos olhos; já não fala
Itamonte, e o Mancebo já se esconde;
E Garcia (oh! prodígio!) se acha aonde
Há pouco antes se achara, e adverte, e nota
Que para ali com plácida derrota
Vêm chegando Albuquerque e os companheiros.
Já festivos clarins pelos oiteiros

Se deixam perceber, louvando a vinda;
Em vivas tudo soa; e corre ainda
O mesmo bando que turbara a entrada
A protestar a fé, já detestada
A torpe idéia, que o arrastara um dia.

Alegre o Herói se abraça com Garcia;
Alegres dão-se as mãos Borba e Camargo;
Conta o Mancebo do feliz letargo
As horas; conta o Herói o que passara,
Como um e outro Chefe ali o buscara;
Como já com certeza achado tinha
O sítio, aonde levantar convinha
A Capital das Minas: vem Fialho,
Afirma que, seguindo um breve atalho,
O fundo registrara de Itamonte;
Que vira o vale e a aprazível fonte,
Onde de Eulina inda a memória vive.
Presente, diz o Herói, *também eu tive*
Toda esta noite quanto viu Garcia.
O Gênio celestial, que pôde um dia
Descobrir-me o segredo deste empório,
Tudo aos meus olhos, tudo pôs notório;
Vi este sítio, o Vale, o Rio, a Serra,
E os tesouros, que o monte ao longe encerra;
Aqui entre estes povos se levante
A Vila, e já passando mais avante
Se erija a Capital: isto dizendo,
Reparte as ordens; todos concorrendo
A um tempo vão na fábrica luzida
De um e outro edifício! Da ferida
Que abria o ferro em um robusto lenho,
Cômodo à obra, por notícia tenho
Que um cheiroso licor se derramava
Da cor do sangue; absorto o Herói estava,
E vendo a maravilha, diz a Bueno:

Acaso crera que o país ameno
Lembra o sucesso das irmãs piedosas,
Que inda choram no Erídano[92] *as saudosas*
Memórias do abrasado irmão; coalhadas
Assim se vêem as lágrimas brotadas

Dos moles choupos. Bueno, que não perde
A oportuna ocasião, do tronco verde
Toma argumento e diz: *A antiga história*
Desta árvore, eu a guardo de memória,[69]
Desde a primeira vez que um Índio velho
Encontrei nos Sertões, e de conselho
Saudável quis que eu fosse socorrido.
Nestes montes me conta que nascido
Fora um mancebo: Blázimo era o nome,
Que a corrupção do tempo em vão consome,
De bálsamo guardando inda a lembrança.
Este, tão destro em sacudir a lança,
Como em matar às mãos o tigre ousado,
Da formosa Elpinira namorado,
E seguro no cetro que mantinha
De trinta aldeias que a seu mando tinha,
A demandava esposa: disputava
Argante um tal amor; a grossa aljava
Dos ombros lhe pendia, e sempre em guerra
Fumar fazia a ensangüentada terra.
Elpinira, que causa se conhece
De tanto estrago, entre ambos se oferece
A dar a mão ao que a ganhasse em sorte
(Por que caminhos não buscava a morte!).
Convêm os dois rivais, e o pacto aceito,
Um dos dias do ano têm eleito,
Em que o seu Paraceve festejavam.[70]
Brancas e negras pedras ajuntavam
Em uma concha e, em roda juntos todos,
Ao grande ato concorrem; vários modos
Inventam já de baile, jogo e dança,
Coroando cada um sua esperança.
Preside às sortes o bom velho Alpino,
Pai de Elpinira e Rei: vem o ferino
Argante, pés e mãos tendo cercado
De verdes penas, onde amor firmado
Traz a esperança da vitória; a frente
Blázimo adorna de um laurel florente,
Que tecem muitas rosas, misturadas
De suavíssimo cheiro; estão sentadas
Várias Índias, cercando em meio a bela
Elpinira; orna a testa uma capela

De rosas, e folhetas pendem de ouro
Das orelhas; por tudo um triste agouro
Respirou: muitas árvores tremeram,
Os pássaros do dia se esconderam,
Só os da noite sussurrar se viram.
Juram, dando-se as mãos os dois, e tiram
Cada qual sua pedra; a branca expunha
Sorte feliz; a negra testemunha
A perda da consorte; está jurado
Sofrer com paz o que não for premiado.
Blázimo vence, Argante se retira,
E simulando a dor, geme e suspira.
"Viva Blázimo!", dizem: logo as vozes
A Argante vão ferir, e tão atrozes
Passam a ser as fúrias em seu peito,
Que desde aquele instante faz conceito
De vingar sua dor, roubando a glória
Ao mesmo que o privara da vitória.

Com rosto disfarçado quer contudo
Lograr o golpe; um meditado estudo
Lhe lembra a ocasião, o sítio, e a hora
De banhar toda em sangue a mão traidora:
"Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte
Nas vossas glórias; todo o esforço d'arte
E do engenho porei, por que se veja
Que cedo alegre, e não me arrasta a inveja.
Na minha aldeia, e entre os meus povos quero
Festejar vossas núpcias; nela espero
Dar-vos provas do gosto e da alegria
Que me sabe trazer tão fausto dia.
Ali de firme paz e de aliança
Farei novo concerto, e da vingança
Cederá de uma vez o vil projeto"
(Oh! dura força de um mentido afeto!).
Aceita Alpino: Blázimo é contente,
E Elpinira também, que já presente
Crê a ventura que esperava ansiosa.
Três dias pede Argante, e a insidiosa
Idéia lhe propõe um torpe meio
De executar o dano sem receio.
Manda alimpar a estrada, funda cava

Faz abrir no mais plano, que abarcava
Ambas as margens; desde o centro ao alto
Mete a aguçada estaca, e quanto falto
De terra está cobre de ramo brando;
Sobre ele moles folhas vai deitando,
Que a mesma terra entaipa, e já figura
A superfície igual, e limpa, e pura.(71)

Chega a terceira Aurora; desde a Aldeia
Alegres vêm saindo, e os lisonjeia
Argante, tendo em fronte aparelhado
Do lugar da traição o costumado
Baile, com que na paz se festejavam
De muitos dos seus Índios. Já pisavam
A estrada os dois amantes: o Pai vinha
De um lado, e de outro lado da mão tinha
Blázimo presa a idolatrada Esposa
(Que alegre vista, que ilusão faustosa!).
Todos diante vêm; este o costume
É da nação; nem teme, nem presume
Algum dos três, e inda o povo todo,
A urdida morte por tão novo modo.

Com Argante e seus Índios se avistavam,
Em vivas desde longe se saudavam.
Infelizes (que dor!) as plantas punham
Sobre a coberta cava, e já supunham
Que os braços ao amigo se estendiam,
Quando passados os seus peitos viam
Das aguçadas farpas: volta Argante
Colérico, soberbo e triunfante
Sobre os desprevenidos que acompanham
Sem armas ao seu Rei; todos se apanham
Presos às mãos das emboscadas; morrem
Imensos Índios; a fugir recorrem,
Mas a gente que às costas lhes ficava,
O resto, o infeliz resto destroçava.

Já mortos os três Índios, lançam terra
Sobre os seus corpos; uma só urna encerra
O mísero despojo. O Céu procura
Vingar o grave horror: da sepultura

Vê-se brotar uma árvore, que verte
Cheiroso sangue. O caso se converte
Em fabulosa história, e se acredita
Que Blázimo, a quem segue esta desdita,
Das mesmas flores de que a testa ornara,
E do seu sangue a cor e o cheiro herdara;
E que o Céu testemunhos multiplica,
Multiplicando os troncos; assim fica
A tradição nos nacionais guardada;
O Índio que me conta a dilatada
História diz-me, então, que mal segura
É sempre a fé que o inimigo jura.

Ouve Albuquerque o caso, e não ignora
Que alto mistério dissimula agora
Em suas vozes Bueno; tem previsto
Quanto o nome do Rei se vê malquisto
Entre os Chefes do povo levantado;
E trazendo em memória o já passado
Encontro adulador, que de Fernando
Acobardara a entrada, então chamando
Os membros principais, que arrebatava
A fanática idéia, assim falava:

Vassalos sois de um Rei, que não vos deve
O cetro, ou a coroa; a origem teve
Já dos vossos Senhores; por herança
O Reino Augusto em suas mãos descansa.
Sendo assim, bem sabeis que é só tributo,
E não dádiva vossa aquele fruto
Que adquirem vossas forças; dou que fosse
Vossa a conquista; o seu domínio e posse
Só cede ao vosso Rei; causa comua
Seja ela embora, é nossa, porque é sua.
Ele os seus braços para nós estende,
Nos manda e rege; e tudo compreende
O seu Império na maior distância;
Nós juramos das Leis toda a observância,
E do primeiro pacto não devemos
Apartar-nos, pois nele nos prendemos.
Do castigo e do prêmio ele confia
Das minhas mãos o arbítrio; eu deveria

Usar do meu poder; porém cedendo
À piedade o rigor, de vós pertendo
Só dignas provas de obediência pura.
Não quero crer a sem-razão perjura,
Que dominou em vós; a caluniosa,
Torpe mentira, cuido que enganosa
Fez voar tudo quanto é já notório
Que tem feito a ruína deste empório;
Enfim perdôo a todos o passado;
Firma o Rei o perdão que tenho dado.

Conheço (e com Viana só falava)
Que em vós, e em vosso peito dominava
Um zelo justo pelas leis que guardo;
De dar as providências já não tardo
Sobre os dous ímpios, que influir puderam
Nas discórdias civis: eles se alteram
Com a minha chegada, e vão buscando
Estranhos climas, libertando o bando,
Que atraíram talvez, ou que arrastaram:
Os poucos membros, que entre nós ficaram,
Farei por conservar na paz, que espero;
Mas da vossa obediência a prova quero
Mais sólida e mais firme; ao longo centro
Dos Sertões passareis, e ali dentro
Dos seus limites contereis seguros
Na doce paz os ânimos impuros;
Que os não manche outra vez o humor nocivo
Da infame Rebeldia; o braço ativo
Saberá, esgotando todo o empenho,
Destroçá-los, puni-los: mas que venho
A meditar? De vós tudo confio;
De vós, do vosso zelo, esforço e brio.

Isto dizendo, os braços estendia
Para Viana: neles recebia
Logo a Francisco, a quem recomendava
O mesmo, e muitas vezes protestava
Que do seu Rei poria na presença
Um tal serviço; ordena sem detença
Que partam desde logo; têm por dita
Os dous Vassalos ver que os acredita

O conceito do Herói; as mãos lhe beijam,
E o desterro político desejam
Cumprir, mais que por força, por vontade.

Conrado e outro conspirado Frade[93]
Ao longe vão marchando; e dão as costas
À torpe Hipocrisia, que dispostas
Tinha em vão as idéias do atentado;
A Rebeldia ao centro tem baixado;
Cheio de fúrias mil vomita fogo
O Interesse, que o guia e arrasta logo
O falso Engano e a Traição malvada,
Que vêem tanta fadiga malograda.

Canto X

De Flégon e Pírois[94] as rédeas de ouro
Batia o Sol, e com feliz agouro
Em giros onze ao lusitano fasto
Sobre mil setecentos que tem gasto
Pelo eclítico cerco, enfim trazia
O mês que Roma do seu Júlio fia.[95]

Eis que Albuquerque, adiantando o passo
Da margem que deixara, em breve espaço
Pisava as faldas do Itamonte: estava
Co'os olhos fitos o Gigante, e dava
Vivos sinais de uma alegria interna;
Certo que de seus braços já governa
Tão grande parte a direção prudente
Do magnânimo Herói, ele impaciente
Na dilação de ver a Vila erguida,
Conta-se (nem do caso se duvida),
Que assim falara quando o viu diante:

Ó tu, por tantos riscos triunfante,
Albuquerque feliz, pois que a fortuna
Te conduziu com máxima oportuna
A registar de perto os meus domínios,
Pois que cortados os fatais desígnios
Do conjurado bando alegre pisas

Este verde País, onde eternizas
Em gloriosos feitos o teu nome,
Deixa que em teu obséquio a empresa tome
De ir já desentranhando do meu seio
Os mármores mais finos; nisto veio(72)
Pulando desde o centro um Padrão liso
Da mais subida massa; eu já diviso
Nele entalhadas do cinzel agudo
As Régias Armas; tanto ao destro estudo
De Praxíteles[96] não devera a idade:
Sobre o quadro da base à eternidade
Se recomenda a estampa; ao alto erguida
Sobre a coluna, a ponta está partida
De um aguçado alfanje; assim denota
Que aos crimes ameaça, e o sangue esgota
Dos que entregues à pérfida maldade
Desconhecem as leis da humanidade.

Este Padrão no meio se coloca(73)
Da Régia Praça, que os Céus provoca
Soberba torre em que demarca o dia(74)
Volúvel ponta, e o Sol ao centro guia.

De férreo pau já sobe, e já se estende
Magnífico edifício, onde pertende(75)
A Deusa da Justiça honrar o assento.
Aqui das penas no fatal tormento
A liberdade prende o delinqüente,
E arrastando a misérrima corrente
Em um só ponto de equilíbrio alcança
Todo o fiel da sólida balança.

Da sala superior teto dourado
Já se destina ao público Senado,
Que o Governo econômico dispensa.

Lavra artífice destro sem detença
Os mármores cavados; de polidas
E altas paredes já se vêem erguidas
As majestosas casas, que recolhem
Régios Ministros que os tributos colhem;
Em respectivos tribunais decentes

Dão as próvidas leis: talvez presentes
Tem Itamonte já no claro auspício
De um e outro magnífico edifício
As que espera lavrar líquidas fontes,[76]
Que vomitam delfins, e régias pontes,
Que se hão de sustentar sobre a firmeza
De grossos arcos da maior riqueza.

Presentes tem talvez os Santuários,[77]
Em que se hão de esgotar tantos erários,
Onde Roma há de ver com glória rara
Que debalde aos seus templos disputara
A grandeza, o valor e a preeminência.

Trajando as galas da maior decência
Na casa do Senado o Herói entrava;
Da cor da tíria púrpura talhava
A farda militar; cinge-lhe o lado
A rica espada, que já tem provado
Mil vezes o furor do irado Marte;
E a mão, que os prêmios liberal reparte
E dispõe os castigos, já sustenta
O bastão que os poderes representa.

Estão no plano os esquadrões formados,
Monta a Cavalaria, e cinge os lados;
O centro ocupa a Infantaria; tudo
Respira da grandeza um novo estudo:
Brilha o asseio e a ostentação; a idéia
Crê que dos Céus na vista se recreia,
Vendo nos recamados fios de ouro
Que o Sol retrata ali o seu tesouro.

Desta arte entrando vai na Régia Sala,
Senta-se, mede a todos, e assim fala:
Felizes vós, feliz também eu devo
Chamar-me neste dia, pois que escrevo
Com letras de ouro o meu, e o nome vosso.
Entre as vitórias e entre as palmas posso
Seguro descansar: enfim caída
Vejo de todo a rebeldia erguida,
E Vassalos de um Rei, que mais vos ama,

Buscais acreditar a vossa fama
Com o dote imortal, que a Nação preza,
De uma fidelidade portuguesa.
De meus antecessores longe o susto;
Goze-se a doce paz, e um trato justo
De amizade e de fé, de hoje em diante
Acabe de apagar o delirante,
Fanático discurso, que inda excita
De algum Vassalo a dor; não se limita
O Régio Braço: a todos se dilata,
A todos favorece, acolhe, e trata
Sem outra distinção mais do que aquela
Que demanda a virtude ilustre e bela.

Disse; e solenizando a ação, procura
Se lavre logo a sólida escritura,
Onde o foral da Vila se establece.[97]
Entanto o pátrio Gênio lhe oferece,
Por mão de destro artífice pintadas
Nas paredes, as férteis, dilatadas
Montanhas do País; e aqui lhe pinta,
{Por ordem natural, clara e distinta}[98]
A diferente forma do trabalho
Com que o sábio mineiro entre o cascalho
Busca o louro metal, e com que passa
Logo a purificá-lo sobre a escassa
Tábua, ou canal do liso bulinete,
Com que entre a negra areia ao depois mete
Todo o extraído pó nos lisos vasos
(Que uns mais côncavos são, outros mais rasos)
E aos golpes d'água da matéria estranha
O separa e divide; alta façanha
De agudo engenho! A máquina aparece,
Que desde a sua altura ao centro desce
Da profundada cata, e as águas chupa.[(78)]

Vê-se o outro mineiro, que se ocupa
Em penetrar por mina o duro monte
Ao rumo oblíquo, ou reto; tem defronte
Da gruta, que abre, a terra que extraíra;
Os lagrimais das águas que retira
Ao tanque artificioso logo solta;[(79)]

Trazida a terra entre a corrente envolta,
Baixa as grades de ferro; ali parados,
Os grossos esmeris são depurados,
Deixando ao dono em prêmio da fadiga
Os bons tesouros da fortuna amiga.

Por entre a pedra estoutro vai buscando
As betas de ouro; aquele vai trepando
Pelo escabroso serro, e as águas guia
Pelos canais que lhe abre a pedra fria.

Não menos mostra o Gênio a agricultura
Tão rara do País, aonde a dura
Força dos bois não geme ao grave arado;
Só do bom lavrador o braço armado
Derriba os matos, e se ateia logo
Sobre a seca matéria o ardente fogo.

Da mole produção[99] da cana loura[(80)]
Verdeja algum terreno, outro se doura;
O lavrador a corta, e lhe prepara
As ligeiras moendas; ali pára
O espremido licor nos fundos cobres:
Tu, ardente fornalha, me descobres
Como em brancos torrões haja tornado
A estímulos do fogo o mel coalhado.

O arbusto está, que o vício tem subido
A inestimável preço, reduzido
A pó sutil o talo e a folha inteira.
Não menos brota a oriental figueira[(81)]
Com as crescidas folhas, e co'o fruto,
Que inda nos lembra o mísero tributo,
Que pagam nossos Pais, que já tiveram
A morada do Éden e não puderam
Guardar por muito tempo a lei imposta
(Ó natureza ao Criador oposta!).

Os pássaros se vêem de espécie rara
Que o Céu de lindas cores emplumara;
As feras e animais mais esquisitos
Todos no alegre mapa estão descritos,

Os olhos deleitando e entretendo
O Herói que facilmente o está crendo,
Ao ver que destra mão dar-lhes procura
A vida que lhes falta na pintura.

Mas já lavrado estava e já firmado
O termo, que escrevera o bom Pegado;[(82)]
Quando mais que a eleição, podendo o acaso,
Manda o Herói que se extraiam dentre um vaso
Os nomes dos primeiros a quem toca
Reger a Vara que a Justiça invoca.
A ti te chama a sorte, ó grande Melo,
E tu, Fonseca, em nobre paralelo
Cedes nos anos teus a precedência,
Do que contemplas próvida influência.
Seguem-se àqueles dous um Figueiredo,
Um Gusmão, um Faria, e te concedo
Que sejas tu, Almeida, o que completes
O número na ação em que competes.

Ansioso o Povo às portas esperava
Pela alegre notícia, e já clamava
Viva o Senado... Viva! Repetia
Itamonte, que ao longe o eco ouvia.

Enfim serás cantada, Vila Rica,
Teu nome impresso nas memórias fica;
Terás a glória de ter dado o berço[100]
A quem te faz girar pelo Universo.

Fim de "Vila Rica"

Culto Métrico

1749

CULTO MÉTRICO,[1]

que à Ilustríssima e Religiosíssima Senhora D. TERESA CLARA DE JESUS EVANGELISTA, na ocasião de ser dignamente eleita e elevada ao Emprego de Abadessa no Mosteiro Seráfico de Figueiró, se consagra por mão da Ilustríssima Senhora D. CLARA TERESA TEODORA DO NASCIMENTO no seguinte.

Romance Hendecassílabo[2]

Se alguma vez, Euterpe[3] soberana,
De teu métrico influxo a fértil veia
A meu ardente rogo áureas enchentes
Do licor desatou, que o monte rega,[4]

Generosa ambição hoje ocupando
O mais nobre desejo tanto empenha
A Deidade imortal, que em ti contemplo,
Que é meu o assunto, sendo tua a empresa.

Repara, adverte[5] aquele excelso Trono,
Em cuja adoração parece ajoelha
Reverente o respeito em tantos Astros,
Que igualmente o iluminam, como o cercam.

Desafiando a esplêndida morada
Desse brilhante campo das Estrelas,[6]
Imagino que intentam seus fulgores
Ser em quadros de luz do Sol esfera.

Essa pompa que vês, esse aparato
Enobrece a Deidade mais excelsa,
Heroína imortal, eterno lustre
Da sagrada seráfica obediência.

Aquela, em cujos dotes mais que em todas
Pródiga dispendeu a natureza
Privilégios, que mais se imortalizam
Na admiração do mundo, que os celebra.

Aonde a discrição tão igualmente
À formosura se une, que puderam
Equivocar-se da razão os triunfos
Com os troféus, que alcança a gentileza.

Por obsequiosas vítimas, atende,[7]
Verás a seu império ardendo acesas
Vivas porções de agrado disfarçadas
Nas imagens de humilde reverência.

Vê como em uniforme laço atadas
Uma, e outra vontade as leis observam,
Que no escrutínio dos afetos votam
As persuasões do gosto mais discretas.

Não domina a paixão; porque o acerto
Nos méritos, que o sacro objeto ostenta,
Os créditos procura, e autorizada
Inda a mesma eleição a si se eleva.

Não entendas que a hipérboles, ó Musa,
Avulta mais o empenho; a glória imensa
De tão sublime assunto é bem que advirtas,
Quando, pelo impossível, não compreendas.

É esta aquela Heroína, que nas sombras
Do desprezo apagando a sacra teia
De Himeneu,[8] com zelosa vigilância
O casto Lume conservou de Vesta.[9]

Da vaidade nas lâminas, que pinta
Do engano a pluma,[10] vendo como cega
Idolatra a vontade os precipícios,
Do mundo as loucas ambições despreza.

A Figueiró teatro fez, aonde
De seus acertos a espaçosa idéia
Em religioso culto se estendesse,
Se dilatasse em exemplar prudência.

Da idade os vôos quando mais ativos,
Medindo os passos de mais larga esfera,
Do desafogo a impulsos se desatam,
Remoras[11] ao desejo era a modéstia.

De uma e outra virtude foi lavrando
O pedestal, em que de tantas prendas
A imagem singular se colocasse
No altar da fama ídolo da Inveja.

Assim crescendo assombro, assim banhando
De resplendor benéfico inda as mesmas
Liberdades, agora vê rendidas
As que de Amor ao jugo viu já presas.

Com sujeição gostosa vão prostrando
Os alvedrios as porções secretas
Do mais livre exercício, porque nada
A tanto império recatado seja.

Ó raro assombro, ó ínclito transunto[12]
Daquelas, de quem sendo cópia bela,
Para glória do emprego, que autorizas,
Herdas o nome, e as virtudes herdas![13]

Se a Teresa, se a Clara, em pio obséquio,
Um claustro e outro as direções confessam:
De Clara alentas o esplendor benigno,
Vivificas a imagem de Teresa.

Ó quanta glória, ó quanto bem, ó quanta
Ventura ao grato auspício de Abadessa
Tão preclara, tão justa, e tão prudente,
A Figueiró promete a eleição reta!

Vive; e o zelo ardentíssimo, em que abrasas
O coração, às portas de ouro abertas
Pela estrada do Olimpo te conduza
A cingir a Seráfica Diadema.[14]

E tu, Musa, se a tanto assombro agora,
Muda, pasmas, por mais que a glória vejas,
Sabe que, quanto intento a decifrá-la
Tanto me dificulta o compreendê-la.

Na ocasião do oiteiro[15] *se deu o seguinte mote:*
Nova luz, novo sol, e novo empenho.

Soneto

Régia ação, nobre acerto, eleição rara,
No ígneo Trono, áureo assento, culta esfera,
Vos teme, vos respeita, vos venera
Digno assunto, alta empresa, honra preclara.

Voto a fé, Templo o peito, o amor Ara,
Rende grato, ergue amante, atento espera;
Pois vos vê, vos adverte, vos pondera
Fiel Judith, Raquel bela, heróica Sara.

Viva pois, brilhe enfim, logre a vitória,
Que a voz cante, honre a Musa, aplauda o engenho
Nome eterno, igual fama, excelsa glória.

Sem sombra, sem eclipse, sem despenho,
Doure o Céu, volva o plaustro,[16] *orne a memória*
Nova luz, novo sol, e novo empenho.[17]

Fim de "Culto Métrico"

Munúsculo Métrico

1751

Munúsculo Métrico,[1]

que ao Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Francisco da Anunciação, do Conselho de Sua Majestade, Prior Geral da Congregação Reformada dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, Prelado do Isento de Santa Cruz de Coimbra, Cancelário da Universidade, Reitor e Reformador da mesma, na ocasião de ser segunda vez reconduzido ao mesmo Emprego lhe consagrou um Aluno da Academia Conimbricense[2] no seguinte.

Romance Hendecassílabo

Onde, ó Musa, me elevas? Onde sobes,
Temerária ambição, se o campo estéril
Da infrutífera idéia não fecundam
Liberais desperdícios de Hipocrene?[3]

Quebra as elevações;[4] porque se moves
As asas da ousadia, em vão pertendes[5]
Teus vôos alentar, sem que primeiro
Da alta esfera a proporção observes.

E se é tão grande o Herói, que do respeito
Nele os olhos fitar-se mal se atrevem,
Como a indultos do júbilo se rompe
Do sagrado silêncio o voto ardente?

Porém se as qualidades não distingue
Do Sacrifício o Nume, não receies
As aras perfumar de rude incenso,
Que a vítima banhara de cem reses.

E vós, Prelado Augusto, ainda o excesso
Do gosto, que me ocupa, não impede
Ver que louco me elevo, se suplico
Que vosso alento as atenções me preste.

Deixai que em digno apreço humilde possa
A indócil oblação ornar alegre,
Como ocioso troféu do egrégio Templo,
Não o Altar, a planta das paredes

Terceira vez, Prelado, ao reto Império,
Não o destino, o mérito vos ergue;
Que no prêmio, Senhor, as influências[6]
Ser mais dignas que os méritos não devem.

Foi justa ação que o ínclito Monarca[7]
Terceira vez a vós vos elegesse:
Iguale a recompensa onde a virtude
Triplicados os lauros se consegue.[8]

Cálculo universal o confirmara,
Se consultar quisera atentamente,
Pelo doce escrutínio dos afetos,
O ardor que os vossos súditos repetem.

A lísia Atenas o esplendor mais raro
Em vós a sorte dispensou alegre,
Para vivificar vossa doutrina
As produções que nela agora vedes.

Maior ventura nossa hoje pondero;
Porque maior o júbilo se adverte,[9]
Sendo o bem estimável, quando ao logro
De um largo obséquio liberal se estende.

Não é o excesso quem na dilatada
Lisonja sempre o júbilo entorpece:
Vive o Romano de Nestor a idade,[10]
Mas não sem pranto amargo a Pátria o perde.

Nos bronzes e no mármor[11] se restaura
A duração do Herói, e se o fez breve
Do tempo a ruína, o culto o perpetua,
Dilatando-o nas cinzas igualmente.

Ilustre desempenho, sábio efeito
Da vigilância superior foi este
De um Rei, em cujo cérebro Minerva[12]
Se produz nos acertos, com que rege:

Quem mais digno que vós? Quem mais preclaro?
Quem vos pode igualar? Não quem excede
O Magnânimo, o Afável, o Piedoso,
O Ilustre, o Respeitoso, o Excelente?

Amplificar, Senhor, este traslado
Não emprendo;[13] que néscio é quem emprende
Que no côncavo apenas de uma concha
O Oceano vastíssimo se encerre.

Em vós acha o Monarca Soberano
Quem de augustas porções o peito alente,
Em cujo ardor ao triplicado peso
Atlante[14] o brio não declina, ou geme.

Por vós, como em hespérida cultura,[15]
Os frutos de Minerva brotam férteis,
Áureos partos, que esmalta,[16] e condecora
O purpúreo matiz, cândido, e verde.

Quem destro como vós há, que domando
Com dócil freio os ânimos rebeldes,
Ao brando jugo da obediência atadas,
As liberdades ásperas modere?

E porque dos triunfos na vaidade
Superior o discurso não se eleve,
Do raro Engenho ao decoroso lustre
A nobreza do sangue se compete.[17]

Que florente região, sirte deserta,[18]
Doura délfico raio,[19] onde não chegue
Dos *Saldanhas* a glória, honrando a vaga
Circunferência do âmbito terrestre?

Do régio tronco rama copiosa,
Que o largo giro das idades mede,
Melhor que pelos círculos dos anos,
Contar os lustros pelas palmas[20] deve.

De um, e outro Rio,[21] nos distantes Pólos,
Digam-no agradecidas as correntes,
O de Janeiro, sólio do regímen,
Teatro o Ganges de marciais arneses.

Gravar, porém, nos mapas da memória
O nome eterno vossos Ascendentes
Não devem mais às durações de Paros,[22]
Que ao retrato fiel que em vós se atende.

As raras perfeições epilogando,
Que a natureza entre os Heróis dispende,
Em cada ação que obrais dais um assunto,
Que desbasta Lisipo[23] e pula Zêuxis.[24]

A vossa devotíssima piedade
A profusão larguíssima interprete,
Com que no largo mar de tanta esmola
Aos pobres extinguis mísera sede.

A vossa retidão louvem confusos,
No horror de seus delitos, inda àqueles
Que pela voz da pena divulgando
Vêem a eqüidade com que a destra os fere.

Mas que muito,[25] se obrando nos acertos,
A alma de Licurgo[26] em vós parece
Autorizar platônico sistema,
Que já, mais que persuade, nos convence!

Descobre a aguda perspicácia quanto
Os Ciros, os Temístocles[27] invejem;
Do natural benévolo atrativo
O africano Cipião[28] é cópia breve.

Na igualmente severa e grata fronte,
Um mesmo laço inalterável prende
Os lauros, que troféus são do respeito,
Os troféus, que do amor lauros se advertem.[29]

Vivei, pois, dilatai, Prelado Augusto,
O alento vosso, e Láquesis,[30] que o tece,
De ouro o estame[31] vos lavre, porque nunca
Nele o curso instrumento descarregue.[32]

Será: porque do fado a lei severa
À vida de um Herói jamais se atreve,
Que no cálculo faz dos benefícios
Nenhum perdido dia se numere.[33]

Mas quando a lei da Providência intime
O decreto fatal, sei que obediente
Por dar último crédito à virtude
As ondas pisareis do escuro Letes.[34]

Será, porém, sem susto: encomendado
À eterna duração vivireis[35] sempre,
Trasladado das sombras do Sepulcro
Da saudade ao monumento flébil.

Sufocando da mágoa os desalentos,
Estímulos serão, que a dor serenem,
Em bronze, em ouro, em mármores, em prata,
Corinto, Potosi, Numídia, Mênfis.[36]

E aqui, Herói Excelso, consagrando
À atenciosa mudez culto decente,
Quebra o ardor, rompe o plectro,[37] a idéia estraga,
Tíbia a voz, rouca a lira, o engenho débil.

Fim de "Munúsculo Métrico"

Epicédio

1753

EPICÉDIO[1]

consagrado à saudosa memória do Reverendíssimo Senhor Fr. GASPAR DA ENCARNAÇÃO, Reformador dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra. Oferecido em desafogo da mágoa ao Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. FRANCISCO DA ANUNCIAÇÃO,[2] Do Conselho de Sua Majestade, Cancelário, Reformador e Reitor da Universidade de Coimbra, Prior Geral dos Cônegos Regulares e Prelado do seu Isento. Por CLÁUDIO MANUEL DA COSTA Acadêmico Conimbricense. COIMBRA. No Real Colégio das Artes da Companhia de JESUS, Ano de 1753. Com todas as licenças necessárias.

À inconsolável mágoa do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Francisco da Anunciação, autorizada na razão do sangue, justificada no amor de Filho reformado da Congregação Regular.

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor,

Dizia Sêneca que não era excessiva aquela dor cuja atividade podia respirar no desafogo das lágrimas: *Dolor non est, qui patitur lacrymas.*[3] Discorria como discreto, não como sentido.[4] Motivos há de pena que, não vendo corresponder-lhes ũa desejada morte, a produzem sucessiva na efusão do pranto; se o lamento é conseqüência lastimosa da lembrança, quem não experimenta em cada estímulo da memória magoada uma rigorosa eficácia da mortal agonia? Frutos do excesso da nossa dor são, Senhor, a mal alinhada pompa destas lágrimas: delas se reveste a imagem da nossa lástima para consagrar-se com o rosto do alívio a inconsolável mágoa de Vossa Senhoria e dessa sempre ilustre, sempre gloriosa Congregação Reformada. Aquele golpe que, imprimindo-se na melhor vida, fez nos corações de todos o mais sensível eco, quem duvida que em Vossa Senhoria, e nessa Reformada Clausura, executaria o maior estrago da sua violência! Esta prodigiosa imagem daquela mística Cidade do Senhor, de quem parece falava Isaías: *Omnes isti congregati sunt, venerunt tibi.*[5] Não sem alto benefício da Providência respira agora adorando na inimitável Prudência, na singular Piedade, no religioso exemplo e nos inumeráveis dotes de que enriqueceu o Céu a Vossa Senhoria, ou restaurada aquela glória, que geme sepultada, ou reproduzido aquele Herói, que só em Vossa Senhoria pudera animar a excelência do seu caráter.

Seneca *Trag. i Troad.*

Isaías, cap. LX, 4.

PRO MUNERE EVOVENDO[6]
ELEGIA

Quidquid in his, Praesul, dolor (heu!) tibi consecrat, artis
Non opus est; etenim ars pressa dolore vacat.
Deficit ingenium: vires vix auctor Apollo
Suppeditat nervis, provida mensque viget.
Crudeli gemit extinctum nam funere Phaebus
Illum, solicitans quem tua cura gemit.
Vertitur in luctus quin & Parnasia rupes,
Murmura Castalidum nil nisi triste sonant.
Quis daret aflatus, canerem quo Numine plenus,
Neu foret indocili pectine pulsa chelys?
Nullus erat Titan: nullo modulamine Musae,
Muta parentantum torpuit aula Deum.
Attamen Heroi dona haec pro viribus ante
Purpureos fument, seu data thura, rogos:
Inter Sydereas dum scribitur ille cohortes,
Dum bibit Ambrosias, Nectareasque dapes;
Tu, cujus moderamur ope, & quo Numine faustos
Dent Superi nobis enumerare dies,
Perlege, Carminibus non dedignare, doloris
Insimul ac stimulus, scripta levamen erunt.

CANEBAT

Epicédio

Se em puras fráguas de votiva chama
Tanto suor arábico liqüida[7]
O egípcio culto a seus Heróis, que a fama
Enriqueceram dos troféus da vida;
Se o resplandor[8] da fugitiva rama
A tanta cópia em mármores erguida
Romano zelo em reverente indulto
Pagou por feudo, tributou por culto.[9]

Text. in offic. Rollin dans L'abrégé de L'Histoire Ancienne. Sueton. in vit. "Julii Caesari, cap. 79.

2

A trágica memória, que da idade
Os fastos[10] ornará de um mudo espanto,
Ó insigne Herói, nas sombras da saudade
Te acende imortal voto o nosso pranto:
Não o lúgubre ornato que a piedade
Bárbara honrou no fúnebre Amaranto[11]
Te cinge a urna, porque a cerca atento
O luto, a dor, a mágoa, o sentimento.[12]

Pier. Valer. 52, hierog. C. de Amar. Philos. in vit. Apol. Tian.

3

Morreste! Oh! quanto a lástima se excita
Ao eco infausto deste triste acento!
Mas se tem parte a mágoa de infinita,
Que muito[13] passe a dor a ser portento!
Morreste! E como a esfera se limita
Do coração ao giro do tormento,
A mortal ânsia, que o pesar fecunda,
Em ais se acende, em lágrimas se inunda.

4

Da Heroicidade no Sagrado Templo
Ídolo os dotes são, vive a virtude
Reproduzindo o generoso exemplo,
Em que a constância novo alento estude:

Na bela imagem deste bem contemplo
Não sei que novo alívio, porque ajude
A respirar a dor: oh! quanta glória
Restauramos da trágica vitória!

5

Que idéia nos propõe teu santo zelo
Da militante vida na clausura,
Trocando com solícito desvelo
O fausto em luto, a vida em sepultura!
Da humildade um seráfico modelo
Tu mesmo em ti criaste, em sombra escura
Sufocando o esplendor daquela chama,
Que arde nas aras da gloriosa fama.[14]

Entra no Varatejo.

Fidalguia e Nobreza antiga.

6

Quanto despojo por troféu honroso
Te vimos consagrar! Voto advertido,
Que quanto no valor é mais precioso[15]
É no merecimento mais subido!
Assim dos Orbes o Motor glorioso
Prova o constante ardor no braço erguido
Do velho Pai que, com piedade estranha,
Vítima o Filho vê, ara a Montanha.[16]

Tole filium tuum, ut *Genes.* cap. 22,2.[17]
Quia fecisti hanc rem, ut *Genes.* cap. 22,16.

7

Talvez ansiosa a Púrpura[18] anelava
Cingir-te o peito de esplendor ufano,
Talvez para o teu culto se banhava
De nova luz o Sólio Vaticano!
Mas que ociosa a fortuna te dourava[19]
A torpe face do funesto dano,
Se de seu giro em direção incerta
Vias a porta ao precipício aberta!

Rejeita o Capelo de Cardeal.
Ludit de suis fortuna muneribus, ut Seneca[20]
Passibus ambiguis, ut Ovid. *Trist.* eleg. 8.[21]

8

Mas, ó inescrutável providência
Do altíssimo Conselho, que no mudo
Silêncio de um Moisés, que encobre a Ciência,
Queres lavrar de teu poder o escudo!
Aquela rara idéia da Prudência,
Aquele aonde o acerto faz estudo,
Chamas a ornar a português memória,
Assombro de um Tomás, de um Carlos glória.

Obsecro, ut *Exod.* cap. 4,10.[22]
Extendam ut *Exod.* cap. 3,20.
In Sapientia, *ut Prudentia,* ut El.23.
SãoTomás de Cantuária,
São Carlos Boremeu.

9

Pasme a eqüidade, nunca acreditado
De Nêmesis[23] melhor o reto ofício!
Nunca mais duramente subjugado
O torpe aspecto do rebelde vício!
Descobre o engano o rosto disfarçado,
Tem a verdade próvido exercício,
Logra amparo a aflição, prêmio a lealdade,
Floresce de Ouro a venturosa Idade.

Reta administração.
Nemesis fenat distributio.
Text. in Epict. verb. Nemesis.
Redeunt Saturnia Regna Virg. *Ecg.*[24]

10

Em base tão feliz, tão generosa,
Descansa o peso o lusitano Atlante, [25]
E da real grandeza, entre a faustosa
Pompa, brilha a virtude mais constante:
Não teme, não, da Estrela tempestuosa[26]
O Sábio Herói o aspecto fulminante,
Porque sabe o seu peito sem desmaio
Chegar-se a Jove, desprezando o raio.

Stella tempestuosa sunt Orion, Arcturus, Corona. *Argol.* 12.,c.18.[27]

Proximior Jovi proximior fulgori. Seneca[28]

11

Quantas de Pedro o Oráculo Sagrado[29]
Logrou disposições naquele peito,
Cujo arcano[30] altamente recatado
Cerraram sempre as chaves do respeito!
Hoje em lágrimas tristes desatado
Da viva dor o prodigioso efeito,
Qual se lisonja o sentimento fora,
Roma o suspira, Portugal o chora.

Confidência, que do Reverendíssimo Senhor Fr. Gaspar da Encarnação e/o S. Pont. Benedito 14.

12

E tu que, autorizando o sentimento
Na mais nobre razão, que o persuade,
Fazes da muda frase do lamento
Vozes da dor nas línguas da saudade,
Que dirás do imortal, egrégio alento
Deste Alcides,[31] que em ombros de piedade
O peso reparando, que gemia,
Te faz de Deus eterna Monarquia?

Congregação Reformada.

Ultimus Coeli labor, ut Boet. lib. 4.,*de Consol. metr.* 7.[32]
Ecce enim, ut Isaías cap. LX,17.[33]

13

Votos sejam as lágrimas ardentes
À memória daquele consagradas,
Por quem já viste as forças decadentes
Em vigoroso alento suscitadas:
As ternuras da mágoa mais veementes
Por ele em voz de júbilo trocadas,
Hoje o progresso da melhor ventura
Bases te erige, idades te assegura.

Quia liberavit, ut Tob. cap. 13,19.[34]

Convertisti planctum, ut Psalm. XXIX, 12.[35]

14

Quantos troféus o templo da Piedade
Enriquecendo vão, do ardor colhidos
Daquele braço, em cuja atividade
Obram de Deus impulsos escondidos!
Quantos armando para a Eternidade
Se vão de esforço espíritos luzidos,
Lavrando da fadiga aquela glória,
Prêmio no triunfo, Louro na Vitória![36]

Non est gloriosa victoria, nisi ubi fuerunt laboriosa certamina. Div. Ambros.,12. off.[37]

15

Ó Alma inimitável! mas aonde
Sobe a idéia, contempla-te o desejo,
Se apressar-se no horror, que mal se esconde,
O golpe atroz da Libitina[38] vejo!
Aqui o eco funesto corresponde,
Que lá gemem as Dríadas[39] do Tejo;
Duro decreto, só justificado
Em ser pensão[40] do humano, e lei do fado!

16

Ficará em nós a dúvida, imagino,
A não render-se ao corte desumano,
Se era, animando acertos de divino,
Superior à proporção de humano:
Dando o triunfo ao bárbaro destino,
Assim nos mostra Jove Soberano,
Que lhe faz estragando a humanidade
Imortal o esplendor da Heroicidade.

17

Com a trêmula mão, que mal se alenta
À execução do rigoroso ofício,
O infeliz Gênio à lástima violenta
Violento rende o infausto Sacrifício:[41]
Chega, pasma, desmaia, emprende,[42] intenta,
A chama já com lânguido exercício
Mal se anima na luz: o Deus magoado
A apaga então, e obedece ao fado.

Unusquisque nostrum
Pedagogum Seneca
in *Epist.*[43]

18

Sobes de ardente júbilo banhada,
Alma gloriosa, à região brilhante;[44]
Quem duvida que a ser entronizada
No áureo assento do lúcido Diamante!
A pompa dos Elísios celebrada,
Nunca mais pura, nunca mais fragrante,
Em purpúreo esplendor de acesa pira,
Nuvens de incenso ao Zéfiro respira.

Fulgebunt justi, ut *Sap.*
5,16.[45]
Ideo accipient, ut *Sap.* 5,17.

Devenere locos latos, ut
Virg. lib.6.[46]

19

Ali, aonde em campos de alegria
Consonâncias harmônicas desata
Aquela suave acorde melodia,
Que a idéia prende, que as potências ata;
Onde é perpétua a luz, perpétuo o dia,
Onde a imagem do assombro se retrata
No rasgo vário da melhor esfera,
Goza a imarcescível[47] Primavera.

Hic Chorea, cantusque
vigent, ut Tibul. 18,1.[48]

Justi autem
in perpetuum
vivent *Sap.*
5,16.[49]

20

Tu, que ao túmulo triste da agonia
Erigido a fadigas do lamento
Entregas por cadáver a alegria,
Por alívio fabricas o tormento:
Respira a intensa mágoa; pois seria
Agravo a dor, injúria o sentimento,
Ver restaurado o bem, e não ver logo
O mal sem pena, a dor com desafogo.

Congregação
Regular.

21

Em Francisco restaura o culto agora
A viva cópia de Gaspar ausente,
Quando justo o contempla, quando o adora,
Douto, Afável, Benévolo, Prudente:
Debalde a mágoa sepultado o chora,
Que em tão seguro bem o vê presente,
Ou consulte a virtude , ou animado
No sangue admire o esplêndido traslado.[50]

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Francisco da Anunciação, sobrinho do Reverendíssimo Senhor Fr. Gaspar da Encarnação.

FIM DE "EPICÉDIO"

Obras:
Sonetos Inéditos[1]

1

Estes do íntimo d'alma retratados,[2]
Em tosco acento, métricos gemidos,[3]
Mais à força da mágoa dispendidos
Do que a cargos do engenho articulados,

A quem, senão a ti, dos meus cuidados
Ídolo belo, objeto dos sentidos,
Pois os viste tu mesma produzidos,
Devem ser dignamente consagrados?

Recebe o terno voto; e se notares
Em pranto, em ânsia, em lágrimas desfeita
Uma alma que foi centro dos pesares,

Lembra-te que de estragos[4] satisfeita
Jamais pôde alguma hora em teus altares
Outra vítima alegre ser aceita.

2

Ninfa cruel, que derramando agora[5]
Vens o líquido orvalho cristalino,
Não confundas o pranto matutino[6]
Co'as[7] lágrimas gentis que Nise chora.

Não despertes, repousa, ó bela Aurora,[8]
Que no berço em que alegre te imagino
Te acompanha outro amante peregrino,[9]
Que Aurora mais feliz em ver-te adora.

Ela,[10] porque seus raios vê diante,
O rosto banha em fúnebre lamento,
Sendo força deixar a Fábio amante.

Que direi desse ingrato movimento
Senão que foi vingança, ó Ninfa errante,
Da inveja que te deu seu luzimento.

3

Dentro de um vidro que me mostra Alcina,[11]
De linhas mil em círculos cortado,
Vejo que se ergue o rosto delicado
Da minha bela, mas ingrata Eulina:

Já suave, já dura, já benigna,
Eu a busco, eu a temo; o meu cuidado,
Que me tem todo absorto, e arrebatado,
O que a Mágica faz, certo imagina.

De repente se ausenta; e eu, que posto
Em meu delírio estava tão contente,
Entro logo em um fúnebre desgosto.

Ora vejam se há mágoa mais veemente,
Que até sendo fantástico[12] o meu gosto,
O mesmo engano o Céu me não consente.

4

Que me estás retratando, ó pensamento,[13]
Na sombra que propões a meu cuidado?
Acaso do edifício destroçado
Memórias, que se observam no fragmento?

Eu já desprezo o horror; e o sentimento
Tanto a minha constância tem provado,
Que ao martírio incansável costumado
Desconheço as espécies do tormento.

Mostra-me embora a sem-razão perjura
Que inúteis fez os votos da porfia
Em seguir a mais rara fermosura.[14]

Nada me há de assustar a imagem fria,
Que eu nunca vi a face da ventura
Que não temesse o véu da aleivosia.

5

Tronco de verdes ramas coroado,[15]
Que vais buscando a esfera derradeira,
Oh! não te engane essa aura lisonjeira
Com que estás assombrando[16] o verde prado.

Eu me vi, como tu, já remontado
Sobre o mais alto cume; e quando inteira
Supunha a minha glória, na carreira,
De tão caduco bem me vi parado.

Se cuidas que no empenho peregrino
De um espírito ardente há igual excesso,
Não pode o Céu, nem Júpiter divino.

Pondera um triste exemplo em meu sucesso:
Verás como os impulsos do Destino
Contrastam das idéias o progresso.

6

Ao convento do Buçaco

No misterioso horror desta clausura,[17]
Austera habitação da soledade,
Como em base de eterna santidade,
Permanente, a virtude se assegura.

Enriquece-se a cândida estrutura
Só dos pobres adornos da piedade;
E desmaiando pálida a vaidade
Se retira sem pompa e sem cultura.

Dos corações humanos à harmonia
Desta muda, suavíssima eloqüência,
Mal se opõem os impulsos da porfia.

Tão forte aqui se intima a penitência,
Que a sacrilégio passa a rebeldia,
E não chega a ser mérito a obediência.

7

Debalde estendes o enganoso laço,[18]
Perjuro Amor, Deidade fementida;
Já cai por terra a máquina, que erguida
Os troféus apontava do teu braço.

Já recobro a razão, já despedaço
Os teus grilhões, e restaurando a vida,
Com esta mal das cinzas extraída
Vítima, ao desengano satisfaço.

Crerás que aflito ou lastimoso gemo;
Oh! não te enganes, que a perdida glória
Me assusta menos inda quando tremo.

Agora, que a ruína é já notória,
Mais sossegado estou, pois já não temo
Sofrer mais dano, ou dar-te mais vitória.

8

EPITÁFIO[19]

Aqui jaz, caminhante desatado,
Dos anos o esplendor em cinza breve,
Salício, aquele engenho que descreve
Nesta pedra as vinganças de seu fado.

Aos aplausos da fama encomendado,
De inveja a sorte os passos lhe deteve,
Agora pois seja-lhe a terra leve,
E nas sombras o voto consagrado.

Templo seja à saudade construído;
Este mármore duro o sentimento
Aqui lhe assista sempre enternecido.

Compense-se da morte o horror violento,[20]
Que, se o Pastor roubar tem conseguido,
Eterno o há de fazer nosso tormento.

FIM DE "OBRAS: SONETOS INÉDITOS"

Poesias Manuscritas

Poesias Manuscritas[1] de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA oferecidas ao Clube Literário, do mesmo nome, de Mariana, pelo Dr. Joaquim Vieira de Andrade. Contém cinqüenta e uma folhas e vai marcado com o carimbo do clube.

Canto Heróico

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha,[2] na ocasião em que os movimentos da Guerra do Sul o obrigaram a marchar para o Rio de Janeiro com as tropas de Minas Gerais

Jam nunc minaci murmure cornuum
Perstringis aures, jam litui strepunt
Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos, equitumque vultus.[3]
Horácio. lib. 2, od. 1a.

Marte feroz, que com semblante irado
Influís[4] nos mortais a dura guerra,
Sofre que a teus ouvidos chegue o brado
Da minha aflita, e magoada Terra:
A paz tranqüila e o sereno estado
Do nosso bem por ti já se desterra;
Por ti eu vejo que a discórdia crua
Sacode as serpes da madeixa sua.

2

Busca a ardente fornalha o ferro que antes
De útil arado ao lavrador servia;
Punhais agudos, lanças penetrantes
Levam na mão, que os rege a morte fria:
Ouvem-se as vozes dos clarins vagantes,
Soa da caixa a fúnebre harmonia,
Guerra, guerra, publica o eco horrendo,
Que os montes fere, os vales vai rompendo.

3

Deixa da amada esposa o casto leito
O saudoso pai, que o filho adora,
E do amor e da honra ao vário efeito,
Desperta a um tempo, e ao mesmo tempo chora;

Fugi, mortais, que o palpitante peito
Treme e se gela; a Fama vencedora
De longe vos acena, e vos convida;
Mas de sangue e de pó será tingida.

4

Céus, e como inda anima a idéia infame
Um concelho tão vil? Que influxo impuro
Me arrebata, e me obriga a que vos chame
Ao letargo infeliz de um veio escuro?
A glória ilustre, a glória vos inflame
De sustentar de vossa Pátria o muro,
De ver a vossos pés o orgulho fero,
Com que vos ameaça o ferro ibero.

5

Noronha é que vos guia. Ele na frente
Dos Reais Esquadrões empunha a espada,
Aquela espada que inda fuma quente
Do sangue hispano, em que já foi banhada;
Dos preclaros Avós, quando pendente,
Se viu da Fama na imortal morada;
Ela inspira neste Herói o exemplo,
Que bem desempenhado hoje contemplo.

6

Se buscais da Vitória um fausto agoiro,
Eu vo-lo posso dar: entrai comigo
A registar o Templo; vede o Loiro
De tanto egrégio resplandor[5] antigo;
Aquele respeitável busto de oiro
Guarda o Primeiro Pedro, o Rei amigo;
O Quinto Afonso os seus serviços mede
No Condado feliz de Cantanhede.

7

Derivando-se a rama esclarecida
Dos ilustres, esplêndidos Menezes,
Por um Jorge, um João, e outros que a vida
Perderam entre os bélicos arneses,
Vede no grande Antônio enriquecida
De mil troféus a glória; este que as vezes
Sustenta do Primeiro, em prêmio prova,
Por mão do Rei Felipe, a mercê nova.

8

Passa o título a Antônio, e já respira
Neste Conde imortal a glória rara
Do excelso Marquesado; o Rei admira
Crescer a estirpe majestosa e clara:
De ramo em ramo se dilata e gira
O régio adorno, que a Fortuna ampara;
Grandes são todos, e a maior grandeza
É das virtudes a feliz nobreza.

9

Menezes e Noronhas vêm ligados
Em laço ilustre, e de mil Reis a glória
Se vê reproduzir nestes traslados,
Que os fastos enchem já da Lusa História:
Nas bélicas empresas aprovados,
Oh! e quanto distintos na memória
Eu os encontro, eu os adoro, e vejo,
Se busco o Ganges, se demando o Tejo!

10

África o diga em dessolados[6] rumes[7]
De frios ossos alvejando as praias;
Digam-no de Ásia aos cortadores gumes,
Rasas no campo, as Legiões cambaias.[8]
Semideuses da terra e dignos Numes
Os viu o Tejo nas frondosas raias;
Em Montes Claros e Elvas inda soa
O clarim, que as vitórias apregoa.

11

Que parte o mundo em seus limites conta,
Que de tantos Heróis não honre, e guarde
As preclaras ações? Febo as aponta[9]
Onde nasce, onde morre, e onde mais arde.
Se a um e a outro hemisfério se remonta
A glória sua, a nós se não retarde
A ventura de vermos neste Estado
Por um Noronha o nosso bem firmado.

12

Antônio, o grande Antônio é quem segura
Das Pátrias Minas o feliz distrito,
Por ele a mão da próvida Ventura
Tem o nosso prazer em bronze escrito:
Dos férteis campos, que talar[10] procura
O soberbo espanhol, eu já medito
Que livres do temor, do pranto enxutos,
Nós passaremos a colher os frutos.

13

Então de palmas a coberta estrada
Aos seus triunfos abrirá caminho,
Mil vivas entoando a Esquadra armada,
Desde o Rio da Prata a Doiro e Minho.
Pender veremos da luzenta espada
Ricos despojos, que o curvado Pinho
Farão gemer; veremos como torna
Cheio de loiros, de que a testa adorna.

14

Parte, valente Herói, parte, e a teu mando
Ajunta um corpo de rendidos peitos,
Que então são dignos de seguir-te, quando
Amam da glória os imortais respeitos;
Teu nome, o vôo sobre a Fama dando,
Passe do mundo os âmbitos estreitos;
E além da meta que o Tebano assina[11]
Firma o brasão da Lusitana Quina.[12]

15

Cândida nuvem desde os Céus desata
A abundância, o prazer, e a alegria;
Sereno o aspecto da Fortuna ingrata,
Longe de nós Remnúsia[13] se desvia.
Não é engano, que a ilusão dilata
Na fecunda, ociosa fantesia;[14]
Eu o vejo, eu o sinto, e já se apressa
A feliz hora, e a estação começa.

16

Correi de leite, e mel, ó pátrios rios,
E abri dos seios o metal guardado;
Os borbotões de prata, e de oiro os fios
Saiam do Luso a enriquecer o estado;
Intratáveis penedos, montes frios,
Deixai ver as entranhas, onde o Fado
Reserva pela mão do Herói mais nobre
Dar ao mundo os tesoiros que inda encobre.

17

Verdes, negros Tritões[15] tecendo a amarra
Prendam no Tejo as carregadas Frotas
Que vêm buscando a Lusitana Terra,
Lá desde o seio das regiões remotas;
O Hispano Leão[16] curvando a garra
Trema de espanto, e nas entranhas rotas
Sinta o furor da macilenta inveja,
Que o rói, e morde, e em devorar forceja.

18

Mas eu, que me dilato ou me detenho
Nas imagens de auspício tão ditoso,
Se a profética luz em desempenho
Transpira já no quadro luminoso?
Já desde o Porto o desatado Lenho[17]
Ao triunfante Herói recebe ansioso,
Já pouco a pouco o vento, abrindo as velas,
Foge do Pátrio Rio às praias belas.

19

Parte, valente Herói, mas deixa entanto
Que te chore o País deserto e triste!
Quanto é pesada a tua ausência, e quanto
Ela debalde a tanta dor resiste!
Permite ao menos que o saudoso pranto
Te acompanhe e te siga, e se já viste
De ũa[18] muda eloqüência o ardente efeito,
Rende à ternura o resoluto peito.

20

Volta o semblante a nós, e agradecido
Um inocente adeus de nós recebe,
Que mal se explica o trêmulo gemido
Que ũa ânsia absorve, e um suspiro bebe!
Nós te perdemos e, de longe ouvido
O teu nome, entre sustos, mal concebe
Ũa idéia a esperança de que possa
Mudar-se a face da saudade nossa.

21

Da prudente mão que dirigia
As rédeas do Governo a ti fiado,
Choraremos a falta: ela fazia
E do Rei, e do Povo o doce estado.
Quem por teu benefício, quem gemia
Ao peso da opressão, quem melhorado
Não via o seu destino, socorrido
Da tua proteção, de ti ouvido?[19]

22

Conservado o equilíbrio da balança
De Nêmesis,[20] o altar com vivo culto
Descansava em pacífica bonança,
Livre a inocência do orgulhoso insulto:
A justiça, a razão, a segurança
De todo o nosso bem, qual nobre indulto
Em ti não encontrou? Por ti vivia
Da Virtude o esplendor, por ti luzia.

23

Se, pois, mais digno emprego hoje te inveja
E de nós te retira, ou te separa,
Digno de ti o nosso pranto seja,
[Nele][21] o seu voto o nosso amor prepara.
À tua glória e ao teu nome eu veja
Erguer-se um Templo, e levantar-se ũa ara,
Onde aos Heróis que respeitar a idade
Sirva de exemplo a tua heroicidade.

24

E tu, ó Gênio Espanhol,[22] que a face ostentas
Tinta de sangue, e aos mortais ensinas
A tecerem no estrago que fomentas
De humanidade as míseras ruínas;
Tu, que fizeste respirar violentas
Da guerra as chamas entre as Lusas Minas,
Vejas em triste, vergonhosa injúria,
Convertida em teu dano a própria Fúria.

25

Ao carro alado de Noronha um dia
Possas atravessar os campos, onde
Há muito que te espera e desafia
O valor português, que o Tejo esconde:
Legéia, a bela Ninfa, o prometia,
E Proteu,[23] que a seus votos corresponde,
A instantes nos faz ver que esta esperança
No braço de um Noronha se afiança.

26

Por ti de Tebas renovada a cena,
Pula a grande ira dos irmãos travados,[24]
Que rompe, abrindo a terra, a paz serena
Da seara dos dentes derramados.
Por ti de amor a lei se desordena,
São da amizade os vínculos quebrados,
Que auspício te assegura a idéia estranha,
Se no sangue fraterno a mão se banha!

27

Melhor tu foras de África orgulhosa
Quebrar o alfanje, e ensangüentar as luas,
Que dos despojos teus enche gloriosa
Os altos capitéis das torres suas;
Melhor das Índias a porção preciosa
Vingara o raio das espadas nuas,
Talvez então que o mérito fizesse
Na justa causa a honra do interesse.

28

Mas desde o Hebro desatar o Pinho,
Qual fero Jarba a disputar Cartago;[25]
Do parente, do amigo e do vizinho
Tentar o golpe e fulminar o estrago;
Fazer do Elísio ao imortal caminho
Tantas almas de Heróis cruzar o lago
Do frio Lete... ah! que o teu nome eu vejo
Andar aos netos com vergonha, e pejo!

29

Se a impulsos de um furor corre inimigo
Teu braço a provocar-nos, eu te juro
Que vejas renascer o esforço antigo
Que tantas vezes te atacou seguro:
Traze em memória o mísero castigo
Daquele pacto que te achou perjuro,
Vê se os trezentos Fábios[26] inda alenta
A série augusta dos Varões quarenta.

30

Lembre-te que de todo enfraquecido
O Reino estava, e qual Anteu[27] gigante
Com mais forças pulou do chão erguido
A restaurar o cetro vacilante:
Lembre-te que entre os poucos do partido
Nenhum tão digno de que a Fama o cante
Como um Pedro Menezes. Tens presente
No grande Antônio o sucessor valente.

TRADUÇÃO DE ŨA ODE DE VOLTAIRE AO REI DA PRÚSSIA[28]

A mãe da morte, a trêmula Velhice,
Com a sua mão de ferro tem quebrado
As forças de meu corpo, e fez que eu visse
Dos males seus meu ânimo atacado.
Eu te desprezo, idade fatigada:
Eu vivo junto a um sábio,[29] eu te não temo;
Ele, no último extremo,
A vida me fará menos pesada.

2

Correi meus dias últimos sem medo,
Correi junto a um Herói, que altivo e forte
Vos faz gozar da vida o sonho ledo,
Sem susto algum ao triste horror da morte.
Ele me instrui e intrépido me torna;
Firmes meus passos são, pois que ele os guia.
Um mortal, de quem fia
Palas[30] o escudo, de valor se adorna.

3

Filósofo dos Reis, com que alegria
Aos Elísios irei, pisando flores;
Do maior dos seus grandes sucessores,
A Marco Aurélio,[31] falarei um dia,
A Salústio[32] lerei a vossa história,
Vossas leis a Licurgo,[33] e vossos versos
A Virgílio.[34] Que glória,
Que talentos tão raros, tão diversos.

4

Mas logo que eu descer ao Reino escuro,
Não vades vós, Senhor, a visitá-los,
Regei o vosso Povo em paz seguro,
E bem tarde ao depois ide a buscá-los.
Eu estarei tecendo junto ao Lete
Novos loiros, se a margem sua cria;
Agradecida e pia,
Minha mão este obséquio vos promete.

Écloga

À Ilma. e Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa,[35]
no dia dos seus felicíssimos anos

Títiro e Melibeu[36]

Mel. Títiro, como aqui tão descansado
À sombra desta faia, não te assusta
Ver o rebanho teu todo espalhado?

TÍT. Ah! Melibeu, que pode a sorte injusta
Trazer-me já de mal, se em meu amparo
Eu tenho a proteção mais santa e justa?
Tu não vês este Céu sereno e claro?
Este campo não vês todo florido?

MEL. Eu vejo tudo, sim, tudo reparo.

TÍT. Pois crês tu que se ocupe o meu sentido
Já em temer mais dano, ou desventura,
Se o meu País é outro do que há sido?
Aqui é que se prova essa doçura,
Que o desvelo dos homens tanto cansa;
Ela na paz se logra, e na brandura.
Quando jamais se viu esta bonança,
Em que dorme o Pastor co'a porta aberta
E até o próprio cão dorme e descansa?

MEL. Mas quem dá esta dita? Um tempo alerta
Te via sempre estar temendo as iras
Do lobo roubador, que o cão desperta!

TÍT. Tu, que de mim tão longe te retiras,
E estás vivendo lá noutra montanha,
Razão tens de ignorar, se aqui não giras.
Vem discorrendo o monte, ouve essa estranha
Maravilha, que vai por toda a parte,
Ou segue os passos meus, e me acompanha.
Que te soa aos ouvidos?

MEL. Com tal arte
Um canto escuto aqui entre os Pastores,
Que apenas o prazer posso explicar-te.

TÍT. E quê? Cantam acaso os seus amores?
Queixam-se do rigor das Ninfas belas?
Andam correndo após dos seus favores?

MEL. Não: o assunto do canto não são elas,
Antes as mesmas Ninfas vêm tecendo
Para ũa Maioral novas capelas.
Juntas com seus amados concorrendo,

Em danças por mil modos inventadas,
Ao redor dela as vejo estar dizendo:
Recebe estas ofertas consagradas
Por mão do nosso amor, Filha de Albano,
Que as dádivas de amor são mais prezadas.

Tít. Ah! se ouviste esse nome soberano,
Não te demores mais, corre comigo,
Vem ver aquele rosto mais que humano.

Mel. Quem é essa Pastora, dize, Amigo,
Que eu não sei por que força a estou amando,
E de vontade a vou buscar contigo?

Tít. Quando chegues a ela, a mão beijando,
Sabe que vendo estás essa mais digna
Maioral, que hoje o Tejo nos vem dando,
Aquela que de nós toda a maligna
Influência dos Astros já desterra,
E os nossos campos vem guardar benigna;
Aquela, que deixou a Pátria Terra,
Que o Minho, e o claro Lima inunda e lava,
Para habitar conosco nesta serra.
O mal, que aos nossos gados agoirava,
De sorte fugiu já, que não tememos
O contágio da peste e a fera brava.
Com ela os nossos dias passaremos
Tão cheios de prazer e de alegria,
Que da doirada idade nos lembremos,
Idade em que o Pastor se divertia
Ao som do seu rabil e doce avena,
E da inveja os venenos não temia.

Mel. Títiro, se este bem o Céu te ordena,
Eu parte quero ter na tua glória,
Que perder um tal bem me é grande pena.
Eu dessa Maioral tinha memória,
Desde o meu velho Pai, que me contava
Da honrada gente sua a antiga história.
Sempre em Ferreiras d'Essas me falava,
Grandes no Minho, que respeita o Tejo,
De régio, e ilustre sangue ele os gabava.

Mudar-me para aqui também desejo,
Deixar quero o meu campo e os meus montados,
Que esta dita, Pastor, eu muito invejo.

TÍT. Podes vir; e entre os meus, entre os teus gados
Não farei diferença, dormiremos
Debaixo desta sombra reclinados,
E o seu louvor somente entoaremos.

ODE

Aos anos da Ilma. e Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon

Inexperto menino, os moles anos
Ícaro[37] a contar chegava,
Quando o pai se esforçava,
Artífice infeliz de mortais danos,
A tecer-lhe na cera a débil pena,
Dando-lhe as asas de que usar lhe ordena.

2

Pelos espaços da região vazia
Dirige o tenro moço o vôo incerto,
E já das chamas perto
Se derrete a matéria, que pendia
As delicadas penas de uma em uma,
Cai, e se afoga na encrespada espuma.

3

Imortal, o padrão do atrevimento
Aos vindoiros ficou; sim, este há sido
Do orgulho concebido
A memória, que resta ao pensamento.
Mas a triste história à idéia trago,
Como o exemplo desprezo e busco o estrago.

4

Destro Mentor, meus passos encaminha
Ao Pólo excelso da atenção mais alta,
A experiência falta,

Se não falta o conselho à Musa minha.
Ah! como eu devo recear que tome
A Pátria Terra do meu caso o nome.

5

Mas se a empresa é tão digna, que de glória
Pode servir-me o mesmo precipício,
Eu farei sacrifício
Da Tragédia, e igualmente da vitória:
Quero cantar de ua Heroína os anos,
Cantar quero seus dotes soberanos.

6

Direi que da Memória as castas filhas,[38]
Êmulas deste dia no cortejo,
Desde a margem do Tejo,
Vêm tributar-lhe as raras maravilhas
De seus férteis cristais, de seu tesoiro,
Risonhas sacudindo as tranças de oiro.

7

Que as Dríadas formosas e as Napéias,[39]
Dando-se as mãos em lisonjeiro agrado,
Vão pelo verde prado
Divididas do gosto em mil idéias,
Colhendo os goivos, os jasmins e as rosas,
De que grinaldas lhe trarão mimosas.

8

Direi que na feliz, doce lembrança
De tão alegre, e suspirada aurora
Pude ver algũa hora
Respirar toda a paz, toda a esperança
Do Reino Luso, enchendo os seus projetos
Na série augusta dos vindoiros Netos.

9

Sim, Noronhas invictos, sim, Menezes,
Este dia nos trouxe o fausto auspício:
O horóscopo propício
Nos fez ver os escudos e os arneses,
Que das vossas virtudes dando abono
Nos seguravam sobre o Tejo o trono.

10

Com providência o Céu criado havia
De troncos tais um ramo florescente:
Eu o tenho presente
Ao lado da suavíssima Maria.
Oh! que bem neste laço eu imagino
Que mais do que a eleição pode o Destino.

11

Se Maria do Sol não visse a face,
Quem de Rodrigo o coração prendera?
E quem o merecera?
Sim, Rodrigo no mundo também nasce:
Preveniu, eu o vejo, cuidadoso,
A tal Esposa o Céu tão grande Esposo.

12

Amor, mísero Amor, eu sei que um dia
Colhendo flores pelo prado andavas;
Uma rosa tocavas,
Quando ũa abelha o dedo te mordia;
Choraste então, e te queixaste aflito,
Ouviu-te a mãe, e consolou teu grito.

13

Ah! não sabias tu que aquela fera
De ordem de Vênus vigiava as rosas;
Estas flores mimosas
Não as dá para ti a Primavera.
Sente e lamenta, Amor, chora os teus danos,
Devem-se as rosas de Maria aos anos.[40]

14

Contenta-te dos Loiros, que roubaste,
Já que a formosa Mãe na selva idéia[41]
De vencer se gloreia:
Este triunfo às tuas glórias baste.
Quanto infeliz tu foras se Maria
Concorresse das Deusas na porfia!

15

Contenta-te de que inda gema o Xanto[42]
Da roubada beleza o triste caso,[43]
E que o Pérgamo[44] raso
Devesse às frígias Mães tão terno pranto.
Contenta-te de ver ao carro preso
Heitor,[45] dos Gregos infeliz desprezo.

16

Contenta-te... mas onde me arrebato?
Da grande empresa o meu valor desista;
Esmorece-se a vista,
Treme, e vacila o pé, destino ingrato!
Inutilmente de calcar presume
A débil planta do Parnaso o cume.

17

Se em moles palhas a bater começa [46]
Curtas asas o leve passarinho,
Não se aparte do ninho
Té que a pena se encrespe e se endureça.
Tempo virá, se ele a voar se ensaia,
Que suba aos cedros e à copada faia.

Assunto Lírico

Ode

O fresco vate de purpúreas rosas,
Bela Deusa de Pafos, e Amatunta,[47]
As brancas aves ao teu carro ajunta,
Desce do Tejo às regiões frondosas;
Ali cheias de riso, ali gostosas,
Eufrosina e Aglaia[48]
Andam brincando na arenosa praia.

2

Vê de um golpe de vista essa ligeira,
Volante esquadra de gentis Amores,
Que armados de mil dardos passadores,

Uns com outros se apostam na carreira.
Banhada em fresco sangue a mão guerreira
Do vencedor Cupido,
Cuido que alto despojo há conseguido.

3

E qual Mancebo, ó Céus, atado e preso
Chegar eu vejo com cadeias de oiro?
Cinge-lhe a branca testa um verde loiro,
Brilha no rosto belo um raio aceso!
Os teus feros arpões, Amor, desprezo
(Ouço que diz), *e à custa*
Do próprio estrago teu, nada me assusta.

4

Tu não és que me vences, eu não cedo
Do vil Cupido ao venenoso dardo;
De atar-te ao carro meu talvez não tardo,
Se é que a fugir não te aconselha o medo.
Onde vai ter o misterioso enredo?
Tão cheio de arrogância,
Quem pode assim falar de Amor na estância?[49]

5

Mas ah! que desde o Doiro hinos cantando,
Ao longe avisto as filhas da Memória,
O harmônico grito da vitória
Na épica trombeta vêm soando;
Qual as flechas sutis despedaçando,
Qual rasgando-lhe a aljava,
Vingam do cego Deus a fúria brava!

6

Bate as palmas Amor, pede piedade,
Chora, soluça, e geme: à dor movidas
Já querem perdoar; eis que detidas
Entre a ternura estão, entre a crueldade.
Confessa, Amor, confessa com vaidade
Que não foi tua a empresa:
Que das Deusas, que vês, Rodrigo é presa.

7

Aqui, de oficiosas mil Napéias,[50]
Em doirada carroça conduzida,
Ũa Ninfa aparece: alva, e luzida
Chama desce dos Céus, e acende as teias.[51]
Em tripúdios,[52] em bailes e coréias[53]
A chusma se reparte;
A melhor Vênus cede melhor Marte.

8

Conta-me, Amor, que estranha cena é esta?
De qual aqui se trata alta conquista?
Acaso eu piso, acaso tenho à vista
Do mar de Atlante mágica Floresta?
Sim, o segredo teu já manifesta
O Lima, que brilhante
Guarda a carroça em letras de diamante.

9

O Doiro ao Tejo vem render Maria;
Quis surprendê-la Amor, e da vitória
Menos aos tiros seus se deve a glória,
Que à virtude de ũa alma justa, e pia.
A constância, a firmeza é que se fia
Tecer o casto laço;
Cede-lhe o Nume o desarmado braço.

10

Eis aqui espalhados sobre a terra
Os seus feros arpões em sangue tintos;
Estas as armas, e os farpões distintos,
Com que aos humildes corações fez guerra.
Que alto mistério esta ruína encerra!
Ainda destroçado,
Vejo encher-se de glória o Deus vendado.[54]

11

Despojos vãos, que um dia vos jactastes
De enlaçar o deus Marte em vossas redes,
Pendentes ficareis destas paredes,
Que de triunfos mil já coroastes:

Se os bravos ursos, se os leões domastes,
Ah! veja-se algũa[55] hora
Que é só Maria a vossa vencedora.

12

Maria vence Amor, que não devera
Nas Reais Núpcias influir profano
O Deus da falsidade, o Deus do engano,
Dos cuidados mortais triste quimera.
Santo Himeneu,[56] de ti é que se espera
O fecundado leito,
Templo do Amor, e Trono do respeito.

13

Tu ditoso farás o natalício
Da formosa Heroína; e se a lembrança
De ũa tão doce, tão feliz bonança
Pede de nós um grato sacrifício,
Das nossas mesmas vidas desperdício,
Contentes te faremos,
Porque os seus belos dias aumentemos.

Canto Épico[57]

Recitado em o dia do feliz Aniversário da Ilma. e Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon

Oitavas

Com a trompa na mão, por cujo grito
Soa na foz do Tejo do Indo a história,
Vejo erguer-se o Cantor[58] que o peito invicto
Do Lusitano Herói encheu de glória.
Tendo os olhos em mim, e o rosto fito,
Ó tu, me diz, *que impresso na memória*
Guardas o canto magoado e triste,
Que à bela Castro[59] *recitar me ouviste;*

2

Se do Mondego aos campos nunca enxutos[60]
Das lágrimas que chora a Ninfa bela
Os suspiros mandei, doces tributos
Do amante coração que o susto gela;

Se de tão casto amor os tenros Frutos,
Que o paterno cuidado afaga e zela,
Eu pude expor aos bárbaros algozes,
Entre os soluços, entre o pranto e as vozes;

3

Ah! possa a minha Musa (se é que tanto
Aos Vates se permite) em sábio agoiro,
Dos Lusos Fastos consolando o pranto,
Dar-te ũa idéia do cortado loiro:
Se outro dos Reinos, onde habita o espanto,
Trouxe aos seus Júlios[61] *o diadema de oiro,*
Eu que ao de Mântua[62] *ocupo igual assento,*
Igual fortuna nos meus versos tento.

4

Verás, ó Pedro,[63] *da roubada Esposa*
Um ramo rebentar, que ao Trono extinto
Ilustre, excelsa sucessão gloriosa
Na longa idade renderá distinto:
Este João será, de quem na honrosa
Série de Heróis, que já me finjo, e pinto,[64]
Mil vagarosos suspirados Netos
Virão nascendo para os Régios Tetos.

5

Tu lhe tens dado a mão, formosa Teles,
Clara irmã da suavíssima Rainha,
A quem de Colcos as doiradas peles
O claro Tejo tributar convinha.
Os dois Infantes, restaurando aqueles
Reais brasões, à amada Pátria minha
Farão chegar (ah! mente o meu desejo!),
Farão chegar a casa d'Essa ao Tejo.

6

Eu a verei nascer em ti, Fernando,
Do Grande Pedro afortunado Neto,
De ti a prole augusta vem pulando,
Que do meu vaticínio enche o projeto:
Qual o braço, nas armas ensaiando,
Honra de Marte o Templo, qual objeto
É de Minerva, as ambições mais raras
Para as Mitras, Capelas, e Tiaras.

7

Desces a nós, ó Púrpura Romana,
De um dos Almeidas a cingir o peito,
Almeidas, de que a Estirpe Soberana
Vincula de Bourbon o laço estreito;
Mas qual outro da praia lusitana
Solta as velas, e parte a ver sujeito
Das áureas Minas o Hemisfério, aonde
Novas conquistas o destino esconde?

8

Abertas as entranhas, roto o fundo
Do grosso rio, da escabrosa serra,
De oiro, e diamantes o País fecundo
Já mostra aos homens o valor que encerra;
Tu Lourenço serás: ao longe o mundo
Teu nome há de escutar, polindo a Terra,
E preparando os Loiros de que um dia
Ornes a testa da feliz Maria.

9

Ah! que o nome suave me arrebata,
E me surprende[65] *no futuro auspício*
A bela imagem, que em seus dons retrata,
Dos Pais ilustres o esplendor propício!
Oh! nunca foras a meu voto ingrata,
Vindoira idade, e em rápido exercício
A meus olhos o dia enfim trouxeras,
Em que nascida a bela Prole esperas!

10

Eu vira as Graças e os Amores dando
As tenras mãos; por entre o pranto, e o riso
Vira em meio das flores ir voando
A linda esquadra ao deleitoso aviso;
Junto ao seu berço os hinos entoando
(Qual sobre as margens do saudoso Anfriso)
Vira as Tágides[66] *belas, que mimosas*
Grinaldas tecem de jasmins e rosas.

11

Alimentada aos peitos da inocência
Eu vira crescer, tocando a idade
Em que a sazão dos frutos da prudência
Provara da grande alma a heroicidade:
Que dotes de ternura, e de clemência,
Que discrição, que graças, que igualdade
De ações e de costumes! ah! não mente
O rosto, que na idéia está presente!

12

Abre-me, ó Fama, o teu Palácio augusto,
Onde cercada de Lauréis habitas,
Deixa-me ler ao pé de cada busto
As heroínas que ali tens escritas;
Se o teu louvor, se o teu obséquio é justo
Saber pertendo:[67] *as regiões benditas*
Me dão já livre o passo; eu entro e piso
Do régio pavimento o jaspe liso.

13

E qual aos olhos meus se patenteia
Bela estância do pasmo! Entre as felices[68]
Habitadoras de ũa e outra areia,
Vejo as Zenóbias,[69] *vejo as Cleonices!*[70]
O Tibre aqui das Pórcias[71] *se gloreia,*
Ali de África vêm as Berenices[72]
Fazer de Tito[73] *mais feliz a história!*
Ah! que Maria lhes disputa a glória!

14

Amor, tu que da Idália te remontas
A respirar do Tejo os frescos ares,
Prepara o arco, e as doiradas pontas,
Que honra melhor despojo os teus altares:
Se digno só da bela Ninfa contas
O Mancebo gentil, que as tutelares
Deidades guardam no Solar de Angeja,
Rodrigo de Maria o Esposo seja.

15

Une Rodrigo com feliz aliança
Ao solar de Noronha a casa d'Essa,
Aqui de Castro a pálida esperança
De nova luz a respirar começa.
De um Henriques no sangue se afiança
O grande conde de Guijon; já cessa
De consultar os Fados meu empenho,
Se de Pedro outra vez ao Tronco venho.

16

Eis de Fernando, Príncipe ditoso,
Que da Ibéria o Leão calcar quisera,
Vem derivando o sangue e o brio honroso
Isabel, que de Pedro o ser trouxera:
Vós me fugis! O vôo duvidoso
Quase que de alcançar-vos desespera;
Mas, ó destino, junto a vós estamos,
Eu vos torno a encontrar, felices Ramos!

17

Assim da mesma fonte nascer vejo
Desde a famosa Arcádia os doces rios
De Aretusa, e de Alfeu;[74] *terno desejo*
Vai unir na Trinácria[75] *os seus desvios:*
Belo País d'Elide,[76] *eu não te invejo*
Os milagres de Amor; além dos frios,
Distantes serros, que enche a Espanha, e guarda,
De Pedro a Estirpe a se enlaçar não tarda.

18

As sombras noto, que vagando pisam
Do Elísio os campos, repetir mil vezes
Os Reais Troncos, onde se eternizam
Os brasões dos Noronhas e Menezes:
Nos escudos as Águias se divisam,
De que ornados os Timbres Portugueses,
Girando vão pelas Regiões Estranhas
De ambas as Índias, de ambas as Espanhas.

19

No horóscopo feliz do nascimento
Da bela Heroína, que há de honrar o mundo,
Inda eu oiço a Proteu, que em rouco assento,
Assim falava desde o mar profundo:
"Vem dar a Portugal mais nobre aumento,
Sorte mais bela ao tálamo fecundo,
Ó digna Filha, ó rama ilustre e rara
Do sangue que o Mondego em vão regara."

20

Eu pronostico[77] *ao Pátrio Tejo a glória*
De ver nesta alta prole inda algum dia
Sustentada do Pai toda a memória,
Bem lograda da Mãe toda a alegria;
Passar de ũa vitória a outra vitória
Ver-se-á por ela a lusa Monarquia;
Ver-se-á... porém que digo, mas que emprendo,
Se quanto se há de ver já se está vendo?

21

Já vejo os troncos que o licor doirado
Das abelhas destilam; já de leite
Vejo os rios correr; esmalta o prado
Da verde Primavera o vário enfeite:
Não mais o mundo de Saturno estado[78]
Por fábula dos séculos aceite,[79]
Que hoje desce a pisar a nossa areia
A desejada, fugitiva Astréia.[80]

22

Anos ditosos da gentil Maria,
Que encheis na terra as esperanças nossas,
Correi sem susto, o Céu é quem vos guia,
Teçam as murtas as coroas vossas.
Assim o Vate,[81] eu o escutava e via,
E qual raio que apaga as nuvens grossas,
A sombra desfazendo, que o cercava,
Da fria pedra ao túmulo baixava.

Cantata Epitalâmica[82]

Em fronte ao escudo, que pendente estava,
Mavorte[83] fero eu vi que o peito armava
Da triplicada malha; o arnês luzido
Vi que tinha vestido;
Vi que sobre a cabeça,
Com fatigada pressa,
Airoso punha o capacete d'aço,
Que enlaçava no braço
As férreas mangas: de ira aceso o rosto
Ia a tomar a lança... a um lado posto
Viu estar a Cupido,
Que em pedaços a tinha dividido,
E que, zombando da paterna fúria,
Vinga, ó Padre, lhe diz, *a tua injúria.*

Colérico se arroja o Deus da Guerra,
Vai ferir o filho; eis que o aterra
Prodígio inda mais novo! No brilhante,
No transparente escudo, tem diante
Formosa esquadra de gentis Amores;
Coroados de murtas e de flores,
Hinos cantando vêm com voz serena.
É o vendado Irmão, que o coro ordena.

Coro dos Amores

1

Não já de Marte as iras
Tímido Amor receia;
Que tinge a nossa areia
De Marte o sangue já.

2

Quebrada a forte lança,
Já se ouve o seu suspiro,
Amor prepara o tiro,
Amor o empregará.

3

De sangue, e pó coberto,
Nem sempre o braço armado
Temido e respeitado
Do Deus de Amor será.

4

Alguma vez das setas
Será despojo triste,
Que a força não resiste
Aonde Amor está.

5

Se o nosso espanto e susto
Mil glórias lhe concede,
Vulcano deixa a rede
Que Amor lhe tecerá.

6

Gemendo, os roxos pulsos,
Nas mais sutis cadeias,
Das empoladas veias
O sangue brotará.

7

Desce, Himeneu sagrado,
Socorre a nossa lida,
Que a Mãe já te convida,
Amor te chama já.

8

Sem ti das nossas flechas
O ferro nada pode,
Acode, ó Deus, acode,
Que tudo vencerás.

Sim, da tocha nupcial acesa a chama,
Em socorro de Amor já se derrama
Todo o influxo do Céu; baixa dos ares
O suspirado Nume: os doces lares
De Andrada,[84] ó Deus, de Andrada vais buscando;
Que grande empresa, Amor, estás tentando?

Gentil Mancebo, que de Aquiles fora
Inveja um dia, nestes Paços mora;
Francisco é o seu nome; a natureza
Lhe impôs no sangue a necessária empresa
De igualar seus Maiores
Na militar fadiga, e nos suores,
Que ilustres vivem para glória bela
Da Casa e do Solar de Bobadela!

Nutrido foi à sombra dos Loireiros,
Sobre as palmas nasceu dos seus Primeiros,
Conta por elas os Avós honrados.
Seus dias inda apenas esmaltados
Dos primeiros abris já me prometem
Vencer os feitos, que oiço, e que repetem
Nas elísias moradas
As sombras adoradas
Dos Freires imortais, esses que pisam
Da Fama o Templo, e os nomes eternizam.

Tu és ditoso, Andrada,
Tu és a presa de que o Amor se agrada,
Para ti é que corre,
E o Céu, o mesmo Céu é que o socorre;
Não debalde se viu partida a lança
Do Deus Gradivo:[85] mais a glória avança
Nas campanhas de Amor quem mais se rende,
E quem de Elisa triunfar pertende!
Vê qual nos olhos seus se manifesta
Divino encanto! A tua Esposa é esta.

Não te pinto de Tétis a formosa,
Purpúrea face, não te lembro a Esposa
Do grande Jove: as graças, a beleza
Que Chipre, e que Amatunta adora, e preza
Da branca Deusa,[86] que nasceu das ondas,
É bem, ó mar, que à minha vista escondas.

Se viste sobre o Ida
Contender as três Deusas, surprendida
Se viste a idéia do Árbitro do monte,
Põe-lhe Elisa defronte;

Ele decidirá, depondo o Loiro,
Que só se deve a Elisa o pomo de oiro.
Não são estas as graças,
Amor, com que de Andrada o peito enlaças;
À cândida virtude exalta o preço
A formosa Isabel; um digno excesso
Contemplo nos seus dotes: foi nutrida
No seio da modéstia; assim nascida
Entre as prisões da púrpura que zela,
Ao prado se retarda a rosa bela;
Assim nas conchas que o Eritreu sepulta
A pérola que se ama mais se oculta.

Conservando a inocência,
Tratando só co'o pejo e co'a decência,
Sabe que a bela Elisa se dispunha
Para honrar só teus votos; testemunha
Tu mesmo esta verdade: dize atento...
Mas não fales, e adora esse portento.

Já despregando a noite o negro manto,
Vejo correr ao Templo Himeneu santo,
Em torno à bela Ninfa chegar vejo
As Graças três; já rompe o meu desejo
Nos transportes de um grato, ardente auspício;
Por entre o sacrifício,
A fatídica voz ouvir se possa:
Ilustre Par, fazei a glória nossa.

Entretanto, que lá do pátrio monte
O soberbo Itamonte[87]
Cheio de ardor, que o seu terreno inunda,
O tálamo fecunda,
E sobre vós entorna
As brancas flores de que a testa adorna.

Prenda nas almas vossas
De Amor a chama ardente,
Em vós eternamente
Reinar se veja Amor.

Do ferro as flechas quebre,
E com feliz agoiro
Somente as flechas de oiro
Em vós imprima Amor.

ODE[88]

No nascimento de um filho do Ilmo. e Exmo. Sr.
D. Rodrigo José de Menezes

Florescentes oiteiros,
A meus paternos lares sobranceiros,
Que nutris dentro em vós de oiro a semente,
Agora lisonjeiros,
Inclinai para mim a verde frente;
Ouvi o canto na região estranha,
Que entoou já do Ródope a montanha.

2

Não só de Orfeu a lira
Aos mudos troncos sentimento inspira,
Abala as penhas, adormece as feras.
O Gênio, que respira
No meu novo País, também das heras
Coroa as Musas, e entretece d'oiro,
Para invejas do Pindo, a murta, e o loiro.

3

Formosas habitantes
Do pátrio Ribeirão,[89] as flutuantes
Madeixas sacudi, deixai o seio.
Os olhos cintilantes
Do vendado Menino, doce enleio,
Brilhem nas margens onde Flora entorna
Os roxos lírios de que a testa adorna.

4

Que esquadra numerosa
De Ninfas se erguer eu vejo na arenosa,
Úmida praia, que já salta e pisa?
A rubicunda rosa,

Que a filha de Titão[90] de oiro matiza,
Por entre orvalhos, que das nuvens manda,
Qual já colhendo pelos prados anda.

5

Oficiosos Amores
Brincando giram; de mil tenras flores
Chegam, tendo nas mãos frescas grinaldas!
Os Faunos saltadores
Finos rubis, safiras, esmeraldas
Cavam nos montes; com semblante airoso
Fazem tributo do metal precioso.

6

De vária cor tecidos
Os juncos, que o meu rio viu nascidos,
Das ramas do coral cópias ostentam!
Em seus votos rendidos,
Aqui às belas Ninfas se apresentam
Mil semideuses da espessura; tudo
É de amante cortejo ansioso estudo.

7

Que berço delicado
É este, que de pérolas ornado
Um belo Infante me faz ver dormindo?
Dos Gênios rodeado
Amor o embala, e os hinos repetindo
Eufrosina, Talia e a branca Aglaia,[91]
A um novo sacrifício a alma se ensaia.

8

Por entre as nuvens soa
Mística voz; o espírito pregoa
Que de luz celestial derrama a graça.
Aceso em fúria voa
O Tirano Infernal, e ao centro passa
Do escuro Abismo onde, em grilhões ligado,
Mil vezes de si mesmo é devorado.

9

Ali o está roendo
A descarnada inveja; ali, gemendo,
Colérico, e feroz rasga as entranhas.

Eu já vos estou vendo,
Celestes dons das imortais campanhas,
Baixar fragrantes; sim, o influxo é vosso,
Nem do triunfo duvidar já posso.

10

De um golpe se derrama
Essa de imensa luz purpúrea chama,
E expurgada inocência esta alma habita:
Neste berço, que inflama
Vosso excelso poder, se deposita
A Fortaleza, essa virtude eterna,
Que as humanas ações rege e governa.

11

A mansidão, que herança
É do ilustre Solar, ali descansa;
Toma ao Infante a Prudência, e o chega aos peitos;
Que suave aliança
Em nós, que o selo eterno faz estreitos,
Adorar se não deixa neste dia
De virtudes, que o Céu nem sempre fia!

12

Primeiros Pais, que vistes
Tantos filhos gemer nas sombras tristes
Da negra culpa, consolai-vos hoje:
Se com prantos feristes
O Céu, o Céu vos ouve, o crime foge,
E o banho santo, que a pureza enlaça,
Perdida já nos restitui a graça.

13

Ferem os meus ouvidos
Os ecos de um Pastor, que emudecidos,
Que cheios de terror, de susto e espanto
Viu por terra caídos
Os espíritos vãos... Ao sacro manto,
A face augusta, eu nele já contemplo
De Ambrósio a sombra, e de Agostinho o exemplo.

14

Venturosa Mariana,
Tu de Pontével[92] gozarás ufana;
Seus dias de prazeres coroados
O tempo em vão profana;
Vós girareis fogosos, abrasados,
De um Pólo a outro, rápidos Etontes,[93]
E viverá Pontével nestes Montes.

15

Gênios do pátrio Rio,
Eu já vos chamo, eu já vos desafio
A dar mil provas de um prazer sincero.
A empresa de vós fio,
Nem despojar-vos desta glória quero;
Não diga o Tejo que a ventura é sua,
Ou que a sorte feliz a faz comua.[94]

16

Montes, doirai a testa,
Todo o seu riso o Céu vos manifesta,
Brilhe em vós toda a face da alegria.
Orne a grenha funesta
A lúcida, a custosa pedraria,
Para vós é que o Céu tinha guardado
Novo tesoiro nunca em vós achado.

17

Do frio jaspe, aonde
Doce letargo tanto Herói esconde,
Eu os vejo surgir, a testa erguendo.
Fitos os olhos, ponde
Prole de Heróis no augusto Henrique, lendo
Por ele a história dos Maiores vossos;
Honrai-lhe as cinzas, adorai-lhe os ossos.

18

Menezes meus, se elevo
Tão alto o vôo, e em letras de oiro escrevo
De Pedro o nome, e o nome dos Antônios,
A esgotar não me atrevo

Esses que manam dos cristais aônios[95]
Sacros influxos; sobre a lira minha
De Apolo o plectro[96] respirar convinha.

19

Se em roda amontoadas
Vejo as ramas do loiro, se espalhadas
Junto ao berço mil palmas estou vendo,
Não de sombras pesadas,
Eu nutro a fantesia;[97] o Herói crescendo,
Estas — dirá — *são as lições que um dia*
Sobre os passos de um Pai eu aprendia.

ODE

A Milton

Contigo me entretenho,
Contigo passo a noite, e passo o dia,
E cheia a fantesia
Das imagens, ó Milton, do teu canto,
Contigo desço às Regiões do espanto,
Contigo me remonto à imensa altura,
Que banha de seu rosto a Cinosura.[98]

2

Tamisa,[99] que nos destes
Dentro do seio teu tão alto engenho,
Que o sagrado desenho
Do divino Poema lhe inspirastes,
Como o cofre dos males derramastes
Sobre a sua fortuna? Como ao Fado
O trazes desde o berço abandonado?

3

Não basta além da Pátria,
Peregrino, vagar estranhas terras?
No horror das civis guerras
Ensangüentar o braço às Musas dado?
Da torpe, e vil pobreza inda vexado,
Queres que gema, e conte em baixo preço
De seus estudos o cansado excesso?

4

Sim, é esta a ventura,
Estas as murtas e as grinaldas de oiro
Que ao século vindoiro
Hão de levar os que de Aônia bebem:[100]
Fortuna, os teus tesoiros só recebem
Bastardos Gentios, que da tenra infância[101]
Afagou nos seus braços a Ignorância.

5

Tu o sabes, ó Tejo,
O teu grande Camões o geme e chora;
Nem mais risonha Aurora
No Apenino esclarece ao nobre Tasso:[102]
De porta em porta vagaroso e lasso,
Mendigando o cantor da grega gente,[103]
O peso infausto da miséria sente.

6

Nega-lhes muito embora,
Deusa inconstante, as vãs riquezas; tudo
Entre o silêncio mudo
Dos tempos jazerá; a ilustre glória,
Que os nomes encomenda à larga História,
Livre de naufragar nesta mudança,
Os guarda, e zela na imortal lembrança.

7

Por ela te contemplo
Calcar, ó Milton, da desgraça o colo;
Desde o gelado Pólo
Teu nome vencedor a nós se estende,
Em nobre fogo o coração acende,
Quando nos abre a feliz estrada
De Epopéia jamais de alguns trilhada.[104]

8

A nunca ouvida língua
Das eternas, celestes criaturas,
As suaves ternuras,
As castas expressões dos Pais primeiros,

De incorpóreas substâncias os guerreiros
Combates no Aquilon![105] tudo imagino;
Tudo é grande, ó bom Deus, tudo[106] é divino.

9

Voa do Estígio Lago,[107]
Ó Espírito rebelde: um frio gelo
Me deixa apenas vê-lo!
Tenta a Equinocial, vaga os abismos!
Que horror! Entre funestos paroxismos,
Talvez chego a temer que o Monstro possa
Cantar os loiros da tragédia nossa.

10

Ah! não! Oiça-se o brado
Da Épica Trombeta: o rapto admiro,
E já no dúbio giro,
Longe de me aterrar o Dragão fero,
Arrancadas montanhas ver espero
Do Trono de Sião, vingada a injúria;
Confunde-te, ó soberbo, e rende a fúria.

11

Estranhas maravilhas
De algum Gênio mortal jamais tentadas!
Idéias animadas
Na mais nova, mais rara fantesia![108]
Se Milton pela mão nos leva e guia,
Cesse do bem perdido a fatal ânsia,
Esta é de Éden a milagrosa estância.

12

Musas, vós que educastes
Alma tão grande, e que a gostar lhe destes
As doçuras celestes
Do néctar e da ambrósia,[109] um novo loiro
Vinde tecer-lhe; e junto ao busto de oiro
Mandai gravar este Epitáfio breve:
Milton morreu: seja-lhe a terra leve.

Ode

Leo fortissimus...
Ad nullius pavebit occursum.[110]
Prov., cap. 30, v. 30

Descobrindo-se a traição maquinada por João Batista Pelle, natural de Gênova, contra a vida do Ilmo. e Exmo. Sr. Marquês de Pombal.

Monstro do Abismo, detestável Fúria,
Horror da fé, da humanidade injúria,
Tu conspiraste contra aquela vida,
Que dos Céus protegida,
Aos portugueses Povos assegura
A paz e a doçura,
Férteis tesoiros que a Fortuna encerra.
Aborto foste da Estrangeira Terra:[111]
Que o berço lusitano
Não produz a traição, o insulto, o engano.

2

Bárbaro, e que emprendeste? Ũa obra rara,
Que o Céu em tantos anos preparara,
No estrago sufocar de um só momento?
Do infame atrevimento
Vê como o Céu justa vingança toma!
Como o orgulho se doma!
Banhada no seu sangue a torpe idéia,
É já cadáver a maldade feia;
Soçobrada a memória,
No epitáfio das cinzas lê a História.

3

Erguer eu vejo a eriçada testa
O religioso Tejo; ele protesta
Que este horror, este insulto, este atentado
Não foi ali gerado.
Teme-se a peste, o seu terreno,
No contágio, ou veneno,
Que ímpio Gênio derrama: a sepultura
Lhe não abra entre nós a terra dura.
Debalde o corpo clame:
Longe, longe de nós a sombra infame!

4

Espíritos vagantes do ar corrupto,
Recebei, recebei este tributo
Que o sacrílego Pelle hoje vos rende:
Ele é tão vil, que ofende
Vossa mesma impureza; se algum dia
A horrenda companhia
Se lhe ajunta dos vossos Ravalhaques,[112]
Dos vossos Dimiães, dos vossos Jaques,
Dizei-lhes quanto avança
Gênova infausta ao que atentara França.

5

De palmas, e de loiros, vinde agora
Cercar o Trono, que enche, e condecora
O Ministro Real: as vossas vezes,
Ilustres Portugueses,
Basta um Noronha a sustentar, levando
Os seus votos e dando
Ao Santuário repetidas graças:
Ele nos mostra as fatais desgraças
Que o Luso Reino evita,
Prova de Henrique a proteção bendita.

6

Mostra-nos que a bastarda, ímpia doutrina,
Que arma a súdita mão contra a divina
Face do Rei, só é do orgulho feio
Aprovada no seio:
Se na ação o rebelde se confunde,
Se o terror se lhe infunde,
Não é que a força, ou a prudência humana
Seus impulsos contesta e desengana;
Sobre o cetro, e a coroa
Vela só Deus: é Deus quem o pregoa.[113]

7

Salva temos a vida, em quem descansa
De todo o Reino a paz e a segurança,
A justiça, a razão e o bem de todos:
Por mil suaves modos

A mão fecunda repartida vede.
Ele a nós nos concede
Desde ũa longa, desigual distância
Os frutos da mais próvida abundância.
Antônio o assegura,
Antônio, que a Carvalho se afigura.

8

Por este Efestião do Rei mais digno
Dádiva, ou prêmio já do Céu benigno,
Alegres sempre a respirar vivemos;
Nele a virtude temos
Dos egrégios Avós desempenhada;
Daqueles cuja espada,
Nos distritos do Ocaso e do Oriente,
Tanto esplendor, tanto troféu pendente
Consagrará a Memória,
Para os fastos honrar da Lusa História.

Fala

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha, Governador e Capitão General das Minas Gerais, recolhendo-se da conquista do Caeté, que com ardente zelo promoveu, adiantou e completou finalmente no seu felicíssimo Governo.[114]

Voltar de loiros coroada a testa,
Entre os tambores, pífanos e flautas,
Manietados ao carro do triunfo
Mil e mil Esquadrões, que em campo aberto
Foram despojos da mavórcia[115] lança,
Eu vejo aos Cipiões,[116] vejo aos Emílios,
Aos Césares eu vejo: mas fumando
Ainda o campo está do sangue,[117] aonde
A cólera do braço se assinala;
Alvejam inda os ossos insepultos
Dos frios Manes[118] que do Lete às margens
Vagam pedindo o túmulo e a vingança:
Não é vitória, não, a que se compra
Ao preço vil do derramado sangue;
Sim, a melhor vitória é a que vive
Nos arcos igualmente, e nos sepulcros.

Esta arte rara de vencer sem armas,[119]
Tu a sabes, ó ínclito Noronha,
E tu só a praticas. Nós te vemos
Voltar de glória e de triunfos cheio,
Entre as aclamações de um Povo amante.
Transportados de júbilos se arrastam,
Como em tropel, os súditos a ver-te:
Velhos, meninos se embaraçam; soa,
De vozes mil, ũa só voz, que leva
Aos Céus as bênçãos, e ao Deus grande os votos:
Voltas, enfim, e voltas triunfante.

Mas que triunfo é este, que atraído
Tem a nossa atenção? Eu o expusera,
Se, prevenindo sábio o meu empenho,
Este Bárbaro mesmo, que arrancavas
Do seio escuro das horríveis grutas,
Se não antecipara ao nobre ofício.

Ele, os nervosos braços sacudindo,[120]
Batendo o pé, e tremular fazendo
Com airoso maneio[121] as encarnadas
E verdes penas, de que a testa e o cinto
Cercou vaidoso, assim me ocupa e fala:

Não calcado até aqui de humana planta,
O pátrio Caeté do Luso Trono
Já respeita o esplendor, as leis adora.
Os ásperos sertões, que as mesmas feras
Talvez temeram povoar, já rompe
Sem susto algum o português Vassalo:
Unem-se os rios caudalosos, e abre
Industriosa mão passagem franca
Por altas pontes de encorpados lenhos.[122]
Não de outra sorte viu a Rússia um dia
Transportarem-se as túmidas torrentes
Já do Tanais, do Ina ou já do Volga
Ao Canal que abre a mão do grande Pedro;
Não de outra sorte o Xerxes e o Tebano
Viram tornar-se em arenosas praias,
Um o Mediterrâneo, outro o Helesponto.
Desde as entranhas a escondida serra

Deixa ver seus tesoiros; anelante
Ambição já não busca mais reparos
À indigente penúria; o oiro, a prata
Talvez percam seu preço na abundância.
Feliz Monarca, e mais feliz mil vezes
Eu e os meus, que habitando as toscas grutas,
Vivendo só do acaso e da miséria,
Endurecendo a pele à calma, ao frio,
Sem mais abrigo que o estéril junco,
Vagos e errantes de um em outro serro,
Já conhecemos a civil polícia
Do teto e do vestido; unidos todos
Em doce paz, os frutos já provamos
Da concórdia, e do amor; ajuda um braço
O braço de outro; as sementeiras crescem,
E o trabalho comum é comum prêmio...
Ah! que de feras nos tornamos homens.

Assim fala obsequioso o Índio[123] (um novo
Raio da Luz o ilumina). Salta
Dos olhos aos que o vêem um terno pranto,
Núncio do gosto e do prazer, que passa
Aos corações tocados; a alegria
Por tudo se derrama, e gritam todos:
Viva Noronha, o bom Menezes viva!

Santa Religião, tu que nos trazes
Ao grêmio teu estas incultas almas,
Que despedaças os grilhões em que antes
Gemeram presos por desgraça, ou pena,
Seus cansados Avós, ao Santuário
Leva esta vez a vitória piedosa
Que zelo de um Noronha te consagra.

Ele é quem desprezando os ameaços
De um bárbaro País, áspero e fero,
Por entre os tigres e o Gentio armado
Levou o nome e as Quinas Lusitanas
Até o termo, onde Netuno assina
Co'os ossos de um Encélado[124] as barreiras
Da limítrofa Capital das Minas.

Se as montanhas rasgando do Apenino,
Não tentadas jamais de humano esforço,
Pode o herói de Cartago[125] ao fogo e ferro
Dever a glória de ua honrosa Fama,
Quanto mais digno de perpétuo loiro
Tu não serás, ó ramo florescente
Dos ilustres Menezes, tu que contas
Os Avós pelas palmas, por quem inda
Elvas e Montes Claros testemunham
Tantas antigas, imortais vitórias.

Lalipe o diga, e o Marechal insigne
Que ensangüentou do Guadiana as águas,
Se Grécia ou Roma nos seus Fastos contam
Heróis mais dignos do que Antônio e Pedro,
Do que o grande Rodrigo! Tu lhe deves
Menos o sangue que a virtude herdada.

Deram estes varões sempre gloriosos
Nas empresas, ações, valor, facúndia,[126]
Espanto, lustre, crédito e defesa
Ao Rei, ao Reino, à Pátria, ao mundo inteiro.

Mas quanto aos teus maiores te avantajas,
Tu, de cujos Exércitos na fronte
Não marcha o susto e o terror, em cujas
Reais bandeiras de adorar não cesse
A paz por armas, por empresa a vida.

Estas são as Estátuas que a teu nome
As altas serras erguerão das Minas;
Melhor do que nos mármores de Paros,[127]
Ou nos polidos bronzes de Corinto,
Vivirás nas memórias da Saudade.

A Grandeza de Maria[129]

Cresce a par da sua idade;
A geral felicidade
Faz época neste dia.

Glosa

1

Soltas as madeixas de oiro,
Ergam-se do fundo seio
Essas Ninfas, que no meio
Habitam do claro Doiro.
Venham ver de que tesoiro
Propício o Céu nos envia
O riso, o gosto, a alegria,
E admirem neste prazer,
Qual entre nós chega a ser
A grandeza de Maria.

2

São seus dias, são seus anos
Uma imagem bela e pura
Dessa idade, que procura
Apartar-se dos humanos.
Ela fugiu, e os enganos
Duraram só da maldade,
Fugiu, sim, mas é verdade
Que já com feliz agoiro
Entre nós a idade de oiro
Cresce a par da sua idade.

3

Cheia a mortal esperança
Das bênçãos que o Céu entorna
Nos dons, que ela se adorna,
Ditosa mente descansa.
Da sua posse afiança
Tudo o que é prosperidade,
Já não teme adversidade,
Já não lhe assusta a desgraça,
Ela em seus anos enlaça
A geral felicidade.

4

Vivei, ilustre Senhora,
E honrando os Maiores vossos,
Dai aos carcomidos ossos
Vigor novo nesta aurora.

O Ser, que vos condecora,
Vós lhes deveis; mas porfia
Tanto a vossa fidalguia
Em tornar própria esta glória,
Que por vós é que a memória
Faz época neste dia!

O Mesmo

Glosa

1

Não de Maria a nobreza,
O ilustre sangue ou berço
Não é que faz que o Universo
Adore a sua grandeza:
Aos dotes da natureza
Soube unir por mais valia
Ũa alma tão justa e pia,
Ũa índole tão bela,
Que o mundo julga por ela
A grandeza de Maria.

2

Repetidos os seus anos,
Como vinculados trazem
Todos esses dons que fazem
A delícia dos humanos:
Temer da inconstância os danos
Já nada nos persuade,
Que se ũa imortalidade
Ela em seus anos segura,
Também a nossa ventura
Cresce a par da sua idade.

3

Perdido o dia, chorava
Tito, se a mão benfeitora
Pôde lembrar-se algua hora
Que ao benefício faltava.
Delícias Roma o chamava,

E tal o respeita a idade,
Mas com maior igualdade
Do que em Tito[130] admira Roma,
Maria a seu cargo toma
A geral felicidade.

4

Justamente agradecidos,
Nos tributar lhe devemos
De gosto os finos extremos,
Do obséquio os dons mais subidos.
Verdes sempre e esclarecidos,
Conte os seus anos, Maria,
É o Céu quem de nós fia
Este bem, esta vitória,
Igualmente a nossa glória
Faz época neste dia.

Sonetos[131]

Invoca as Ninfas do Tejo para festejarem o felicíssimo dia

I

Ninfas do Tejo, eu sei que neste dia,
A brando influxo da benigna Aurora,
Nasceu ao mundo a Deusa que se adora,
Mimo do Céu, entre as que o Luso cria.

Eu sei que então de gosto a Monarquia
Tocou o extremo, que repete agora,
Eu sei... mas se entre vós, ó Ninfa, mora,
Dizei qual foi, qual é vossa alegria.

Escondido mistério persuade
Deste dia o louvor; ao pensamento
Lhe tolhe de expressá-lo a liberdade.

Basta dizer que no feliz momento
Que viu o mundo esta imortal Deidade
Nasceu ao Reino o lustre, a graça, e aumento.

Às Ninfas do Tejo

II

Belas Deidades, que habitais no fundo
Dessas do Tejo líquidas moradas,
Saí, e sobre as ondas levantadas
Cantai as glórias que hoje lembra o mundo.

Eu as vejo, eu as oiço; do profundo
Seio dos Fados, onde estão guardadas,
Elas se dão a conhecer, logradas
De ũa Aurora no parto mais fecundo.

Em Lísia elas se admiram; neste dia,
Por influxo dos Céus, ó Ninfas belas,
Nasceu este esplendor da Monarquia.

Vós que a vedes luzir mais que as Estrelas,
De quantas flores vossa margem cria,
Grinaldas lhe tecei, formai capelas.

III

As moles asas a bater começa[132]
Entre as palhas o tenro passarinho,
E largos dias por deixar o ninho,
Se cansa, se fadiga, se arremessa.

Um impulso, outro impulso, em vão se apressa,
Já se firma no pé, já no biquinho,
Nas folhas se detém, passa ao raminho,
Té que a pena se esforce, e se endureça.

Quando enfim é capaz de movimento,
Deixa os arbustos, vaga pelos ares,
E sobre as altas faias toma assento.

Estes sejam, Salício, os exemplares
Em que a vossa virtude anime o alento,
Porque um dia da Fama honre os altares.

Ao Assunto Heróico

IV

Da horrenda Gruta, que o Penhasco cerra,
Eolo solta os agitados ventos,
Fervendo o mar com ímpetos violentos,
Aos úmidos Tritões intima a guerra;

Lá desde as margens, onde o dente ferra,
A Nau se entrega aos bravos Elementos,
Ouvem-se ao longe as mágoas e os lamentos
Da saudosa,[133] e já deixada terra.

Calca Maria os encrespados mares,
Despreza a face do mortal perigo,
Não se enternece aos ais dos próprios Lares.

Todo o tesoiro seu leva consigo;
Só lhe pode dar susto, ânsias, pesares
Perder a doce vista de Rodrigo.

V

Ao Templo entrei da Glória: a majestade
Dos quadros registei;[134] vi mil Heroínas
Que entre Gregas, Romanas e Latinas
Fazem todo o esplendor da longa idade.

Era Cléia[135] a primeira: com piedade
Nutria o Pai no seio das ruínas;
Lucrécia[136] estava ali, que as Leis divinas
Vingara da sacrílega maldade;

Semíramis[137] soltava a trança de oiro,
E semiviva sobre o Arasse via
Zenóbia,[138] que de Armênio cede ao loiro.

Sobre todas mais alto um Trono havia,
Junto ao qual pareceu dizer-me o Doiro:
Este lugar é só para Maria.

VI

Festivos Gênios, que cuidado altera
Do sono vosso as lisonjeiras horas?
Liras, e flautas nunca tão sonoras,
Que Nume celestial hoje tempera?

Vagam colhendo os dons da Primavera
De Graças mil esquadras brilhadoras,
Tenros amores que tu, Chipre, adoras,
Da branca Juno vão buscando a Esfera.

Mimoso orvalho vivifica a planta,
Zéfiros brandos dentre nuvens de oiro
Fazem soar doce rumor, que encanta:

Núncios fiéis de tão propício agoiro,
Dizei, que é isto? Mas Amor já canta:
Nasceu ao Minho seu maior tesoiro.

VII

Este é o rio,[139] aonde do passado
Perde a lembrança quem as ondas corta;
Um curvo, e branco velho[140] aqui transporta
As almas que erram desse esquerdo lado.

Vagantes sombras, que feliz estado[141]
Não é este que espera a gente morta!
A aflita dor, que um coração suporta,
Aqui termina, e acaba o seu cuidado.

Tal foste, ó Lima, eu te passei; do antigo,
Sonolento rio a doce história
É verdadeira, eu mesma o afirmo, e digo:

Guarda entre os Lácios do teu nome a glória,
Que alegre, acompanhando ao meu Rodrigo,
De tudo que deixei perco a memória.

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha

VIII

Ilustre e digno ramo dos Menezes,
Herói, filho de Herói, do Luso glória,
Que de Tito nos trazes à memória
Os belos dias, os doirados meses.

Se a honra, o zelo, a fé dos Portugueses
No teu sangue nos lembra a antiga história,
Justamente a cantar esta vitória
O Reino todo te confia as vezes.

Louva, festeja, aplaude a glória rara
Daquele Herói, que livre já do insulto
Eterno asilo a Pátria se declara.

Desculpa-nos, porém, se a tanto indulto,
No obséquio que o teu zelo hoje prepara,
Com ele te equivoca nosso culto.

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. Marquês de Pombal

IX

Cingida a testa de mimosas flores,
Firme na branca mão a tocha acesa,
Corre a Fidelidade Portuguesa,
A entornar sobre vós castos louvores.

Sabe que, malogrados os furores
Da perfídia, triunfais; que atada e presa
Levais ao carro por troféu da empresa
A ruína dos bárbaros Traidores.

Um busto de oiro, um Templo consagrar-vos
Ela quisera no infeliz receio
De eternamente não poder gozar-vos.

Mas deste obséquio consultando o meio,
Ela vê que só pode levantar-vos
A Efígie na memória, o Altar no seio.

Ao Mesmo Exmo. Sr., reformando a Universidade de Coimbra

X

Sombras ilustres dos varões famosos,[142]
Que a Grécia e Roma destes leis um dia,
Vós que do Elísio na região sombria
Respirais entre os zéfiros mimosos.

Grande Licurgo,[143] ó tu, Solon,[144] que honrosos
Loiros cingis; que egrégia companhia
Fazeis aos Mazarinos;[145] eu queria
Adorar vossos vultos majestosos:

Vós fizestes da vossa Pátria a glória;
Por vós é hoje feliz a humanidade,
Que dignos sois de uma imortal história!

Cesse, cesse, porém, vossa vaidade,
Que basta a escurecer vossa memória
Um Carvalho, que adora a nossa idade.

Ao Mesmo e Exmo. Sr., conservando em paz o Reino

XI

Talar Províncias, arrasar Cidades,
A cinzas reduzir Reinos inteiros,
Foram desses Espíritos guerreiros
As nobres, imortais heroicidades.

Mas se eles são lembrados nas idades
Por grandes, por distintos, por primeiros,
Nas campanhas, nas praças, nos terreiros
Vive ainda o terror das impiedades.

Se Alexandre, Cipião, César, Pompeio
Cingem na Fama o disputado loiro,
O seu orgulho a funestá-los[146] vejo.

Vós da Fortuna com mais fausto agoiro
Vivei, Marquês, pois encontraste o meio
De nos fazer gozar da idade de oiro.

Ao Autor da Conjuração, João Batista Pelle

XII

Suspende a mão, vil monstro, considera
A qual te empenhas bárbaro delito,
Ouve os clamores, com que o Reino aflito
Menos mover-te que aterrar-te espera.

Ele te diz que eternizar quisera
A vida desse Herói, penso, medito:
Nem digno de louvor mais esquisito
A sua Fama consagrar pudera.

Eu vejo as penas que a Justiça enlaça
Em teu castigo; eu vejo o estrago justo
A que te leva a culpa, ou a desgraça:

Mas confunda-te, ó Impio,[147] mais que o susto,
No suplício que o fogo te ameaça,
Das virtudes do Herói o aspecto augusto.

Ao Mesmo

XIII

Tentas o estrago da maior grandeza,
Ímpio Traidor, e o mísero artifício
Primeiro te faz ver o precipício,
Que o sacrílego fim da horrenda empresa.

Assusta-se inda a mesma natureza
Ao ver qual te propões vil sacrifício;
Não deves de saber que o Céu propício
Vela sobre os orgulhos da fereza?

Justamente os teus membros separados,
Ao ludíbrio dos ares e do vento
Em frias cinzas se verão mandados.

A terra não lhes deve acolhimento:
Que abortivos infames, detestados,
Só podem ter por urna o esquecimento.

Ao Fanatismo

XIV

De que vos assombrais, Fúrias do Averno,
Que ao Triste Reino horrorizais de espanto,
De veres que um mortal se atreva a tanto
Que em furor se avantaja ao mesmo Inferno?

Não, não é menos forte o fogo eterno,
Que cauto dissimula o antigo pranto,
Se de Hipsenta vil o cobre o manto,
Já chega a respirar seu ódio eterno.

Mas qual, ó Deus, qual nova espécie é esta
De serpente, ou Dragão, que desde o Abismo
Ergue o colo, incha o ventre, eriça a testa?

Tremo a dizê-lo; um triste paroxismo
Me embarga a voz. Direi, cena funesta!
A meus olhos of'rece[148] o Fanatismo.

PASTORIL
Pela ação de graças

XV

Algano, que será? Tenho observado
Que há muito tempo este Carvalho antigo
Recolhe à sua sombra, e faz abrigo,
Ou da chuva, ou do sol ao nosso gado.

Há dias que anda agora arrecuado,[149]
Como que foge, ou teme algum perigo,
Quem sabe se ameaça o Céu castigo,
Ou se algum mau Pastor lhe deu olhado?

Alto segredo cuido que se esconde,
E muito de sentir, Algano, temos,
Se o agoiro ao sucesso corresponde.

Vem tu, amigo, o tronco rodeemos,
E ao seu pé um altar ergamos, onde
Puros votos por ele a Jove demos.

Com a lembrança de ser o denunciante da traição natural destas Minas

XVI

Da urna de oiro, onde feliz descansa,
Ergue a cabeça o majestoso Tejo,
A nós se volta, e para nós eu vejo
Que cheio de ternura os olhos lança:

Venturoso País, em paz descansa
(Ele nos diz), *em ti meu trono elejo,*
Pois que apesar de tanto horror, e pejo
Um filho teu firmou minha esperança.

Se o topázio, o diamante, a prata, o oiro,
Nobre porção da Lusa Monarquia,
Te esmaltam sobre a testa o fresco loiro,

Tu com mais glória sabes neste dia
Fundar a tua fé, e o teu tesoiro,
E dar aos teus metais maior valia.

XVII

Tenro Menino,[150] eu sei que na grandeza
Te ensaias, e que o berço de oiro orlado
Não é mais que um depósito adorado
De ua alma, que há de honrar a natureza.

Sei que te nutres já na ilustre empresa
De igualar a teus Pais, e que chegado
À idade, em que hás de erguer da Fama o brado,
Verás a inveja a teus destinos presa.

Mas bem que a bela imagem neste dia
De teus heróicos feitos me proponha,
E os auspícios, que o Céu de mim confia,

Bem que de altas ações a idéia exponha,
No pouco que inda alcança a fantesia,
Cuido que no que diz delira, ou sonha.

Ao Mesmo

XVIII

Ruge o bravo Leão, e sacudindo
Sobre o pescoço a descomposta grenha,
Humilde presa conquistar desdenha,
Junto a mais nobre o seu valor medindo.

Águia excelsa por entre o ar subindo,
Descansa o vôo na elevada penha,
E, sem que horror ao precipício tenha,
De sangue as unhas descerá tingindo.

Feliz Menino, se dos teus Primeiros
Eu busco a ver a ínclita nobreza,
Da tua eu peso já os graus inteiros.

Não geram com oposta natureza
Nem Águias pombas, nem Leões cordeiros,
Da Fortaleza nasce a Fortaleza.

Fim de "Poemas Manuscritos"

Tomás Antônio Gonzaga

Prefácio

M. Rodrigues Lapa

Tomás Antônio Gonzaga nasceu na rua dos Cobertos, cidade do Porto, em 11 de agosto de 1744. Seus pais foram João Bernardo Gonzaga, magistrado, natural do Rio de Janeiro, e Tomásia Isabel Clarque, portuense. Pelo lado paterno, os avós eram o advogado brasileiro Tomé de Souto Gonzaga, natural do Rio, e Teresa Jason, natural do Porto, da freguesia de S. Pedro de Miragaia. Quando em 1701 o dr. Tomé de Souto concluiu a sua formatura em Leis na Universidade de Coimbra, casou com Teresa e levou-a para o Rio de Janeiro.

Pelo lado materno, o futuro poeta de Marília era neto de João Clarque, natural da cidade de S. Cristóban de La Laguna, na ilha das Canárias, e de Mariana Clarque, nascida em S. Pedro de Miragaia, no Porto. Bisneto, pelo lado do avô, de d. João Clarque, natural de Anvers, e de d. Maria Sirac, natural de La Laguna; pelo lado da avó, de Domingos Ramos, natural de Lagoa (Silves) e de Tomásia Ramos, nascida em S. Nicolau, na cidade do Porto. De modo que a casa da rua dos Cobertos pertencia aos Jasons ou Ramos, cuja origem anda um pouco duvidosa nos documentos encontrados por nós. Note-se que Teresa Jason, esposa de Tomé de Souto Gonzaga, era irmã de Mariana Jason, mulher do capitão João Clarque, a qual faleceu em 1753. Por conseqüência, a mulher de João Bernardo Gonzaga era prima coirmã do seu marido.

Se fomos um pouco prolixos na enumeração destas particularidades genealógicas, é porque estas informações, colhidas em arquivos, esclarecem a ascendência de Gonzaga. Era de uma raça muito atravessada, como se está vendo, com sangue inglês, português e brasileiro, sem falar daquele apelido Jason, que parece insinuar família francesa, e talvez também o de Sirac, da ilha das Canárias. Alberto Faria dá Teresa Jason como de nobre estirpe carioca. Os documentos provam que era portuense, não sabemos se nobre, neta de Duarte Jason e de Catarina da Costa, moradores de Cima do Muro, na freguesia de S. Nicolau. Quanto ao capitão João Clarque, os documentos dão-no como inglês ou irlandês, católico, capitão de navios e depois comerciante por grosso londrino. O fato de ter nascido em La Laguna e de seu pai ser natural de Anvers

não aduz, ao que parece, em contrário da nacionalidade inglesa, que o capitão confirma.

Quando nasceu o pequeno Tomás Antônio, o pai tinha terminado havia dois anos o seu lugar de juiz-de-fora em Montalegre e residia provavelmente no Porto, à espera de nova magistratura. Menos de um ano após o nascimento do filho, morreu-lhe subitamente a mulher, a 2 de maio de 1745, com 37 anos. A primeira criação do menino teria sido pois entregue aos cuidados de alguma das suas tias, porventura Ana Maria Clarque, madrinha de Efigênia Gonzaga, irmã mais velha de Tomás Antônio. Suas outras tias, Isabel Tomásia e Teresa Raimunda, freiras no convento de Santa Clara, desde 1730 e 1747, e os seus tios, os padres Raimundo Clarque e Tomás Clarque, dirigiriam depois a sua educação, quando o pai se ausentou para Tondela, em 5 de agosto de 1747, como juiz-de-fora. Em dezembro desse ano, o dr. João Bernardo soube que tinham chegado a Lisboa sua mãe e uma irmã, sem dúvida Lourença Filipa Gonzaga, casada com o negociante do Rio, Feliciano Gomes Neves. Logo pediu dois meses de licença, para as levar para o Porto e estar com elas algum tempo. O pequeno recebeu então os carinhos da avó e da tia brasileira.

Em 14 de novembro de 1750, o dr. João Bernardo Gonzaga dava a sua última audiência no julgado de Tondela, lugar criado de novo e que lhe não dera grandes proventos. Sem dúvida o dr. João Bernardo afirmou nesses dois postos judiciais as suas qualidades de funcionário enérgico e cumpridor. Tinha direito a coisa melhor. Efetivamente foi despachado para o lugar de ouvidor-geral de Pernambuco, em 20 de novembro de 1751. Partira para o Brasil nesse mesmo ano, levando o seu filho Tomás. Chegariam ao Recife talvez em março do ano seguinte, pois a 11 desse mês tomava o dr. João Bernardo posse do cargo de ouvidor-geral.

Não pode haver dúvida de que Tómas Antônio Gonzaga foi para a Bahia iniciar os seus estudos oficiais, pois propriamente nos declara que passou naquela grande cidade a flor dos seus anos. O caso foi definitivamente esclarecido por nós (Seara Nova, nº 567 [1938], p. 47-49), com base numa relação de pessoas a quem foram passadas atestações na Mesa da Inspeção da Bahia, desde 8 de julho de 1761 até 4 de outubro do mesmo ano. Ao meio da relação vem a seguinte rubrica: "Tomás Antônio Gonzaga e seu escravo por nome Tomás." Pode ser, contudo, que estivesse algum tempo, pouco, em Pernambuco, preparando a sua estrada para o colégio dos jesuítas da Bahia, apurando e desenvolvendo o ensino que seus tios lhe teriam ministrado em Miragaia. Mas a estadia do pai no Recife foi assinalada por um sucesso que devia de certo modo aconselhar o afastamento do jovem Tomás. Alberto Faria encontrou documentos comprovativos do interesse amoroso que uma dama de Pernambuco, d. Madalena Tomásia, teria inspirado ao íntegro magistrado, a quem,

pelos vistos, a aridez da jurisprudência não tinha ainda ressecado as fibras do coração. Pediu licença para casar, e não sabemos se essa licença lhe foi denegada ou concedida. Segundo o mesmo erudito brasileiro, este reverdecimento amoroso do pai teria levado uma das filhas, Efigênia, educada em Santa Clara do Porto, a professar nesse mosteiro. O mesmo se poderia então dizer da filha mais velha, Francisca, que aí professou em 27 de dezembro de 1759. Já lá estavam como freiras suas tias Isabel Tomásia e Teresa Raimunda. Esse convento era o refúgio da família.

A residência da Bahia não oferecia dificuldades ao dr. João Bernardo. Lá tinha seu sobrinho, José Clarque Lobo, sargento do regimento da guarnição, pessoa de confiança e que estava a fazer uma boa carreira na tropa. Seria ele que se encarregaria do pequeno. Mais tarde, o dr. João Bernardo, agradecido, interessar-se-ia pelo sobrinho, recomendando para Lisboa, em 1759, a sua promoção ao posto de capitão. Também poderemos admitir que estivesse, antes, algum tempo no Rio de Janeiro, entregue aos cuidados de sua tia Lourença Filipa Gonzaga. Com efeito, na inquirição de gênese tirada em 1778 para se habilitar aos lugares da magistratura, alguns inquiridos disseram tê-lo conhecido no Rio de Janeiro. Se esteve no Rio, seria por pouco tempo. Os negócios corriam mal a seu tio Feliciano Gomes Neves. O contrato das baleias, que tomara por seis anos, terminou em março de 1755 duma maneira ruinosa: nele perdera para cima de 120.000 cruzados. Estes desgostos não deviam tornar o ambiente familiar muito propício à estada do jovem Tomás.

Temos pois o filho do dr. João Bernardo Gonzaga discípulo dos jesuítas no Colégio da Bahia. Com os jesuítas deveria ter aprendido o fundo humanístico da sua obra e aquela habilidade dialética, o rigor silogístico, que tão bem se evidenciam no *Direito natural* e até nos interrogatórios do prisioneiro. A atmosfera baiana estremecida do lirismo dengoso das modinhas havia de ter deixado algum vestígio no seu temperamento, muito complicado, pois sabia aliar à fleuma positiva dos avós ingleses o ardor apaixonado da ascendência portuguesa e brasileira.

A vida decorria tranqüila para o moço escolar; mas os últimos tempos da sua estada na Bahia foram assinalados por acontecimentos que deviam ter perturbado um pouco o seu espírito. Em fins de dezembro de 1759 o colégio dos jesuítas foi cercado de soldadesca. Como havia muitas casas em redor do colégio, o coronel ordenou que os jesuítas mudassem para a casa do noviciado, a meia légua de distância, onde estavam mais seguros. Depois de um bloqueio de três meses, começaram os jesuítas a ser transferidos para o barco, de noite, entre soldados de baioneta calada e armas aperradas. Nas ruas circulavam inpressos contra os religiosos, mandados espalhar pelo novo vice-rei, maquês de Lavradio. Na atmosfera, densa de medos e suspeitas, ninguém ousava erguer a voz em favor dos padres da Companhia.

Por conseguinte, Tomás Antônio Gonzaga terminou oficialmente o seu curso nos fins do ano de 1759, no Colégio da Bahia. Contudo, os estudantes do curso de Filosofia pediram em janeiro de 1760 que lhes fosse permitido continuarem e concluírem os seus estudos sob a regência do ex-jesuíta, padre Manuel Maciel, numa casa particular. É provável que Gonzaga pertencesse a esse número. O requerimento dos rapazes não menciona infelizmente os seus nomes.

Concluídos, por entre perturbações políticas, os seus estudos, achava-se pronto em meados de 1761 a entrar para a Universidade. Seu pai tinha feito bom lugar em Pernambuco e fora nomeado desembargador da Relação do Porto, intendente-geral do Ouro na Bahia e primeiro-ministro da Casa da Inspeção. Chegara à Bahia a 18 de fevereiro de 1759. Logo afirmou a sua austeridade e rigor legalista, o que lhe criou más vontades entre os comerciantes baianos, acostumados a abusos. A sua situação descreve-a ele ao marquês de Pombal, em carta de 29 de maio de 1759: "Pelo discurso dos dias vim a conhecer que muitas ordens e alvarás serviam aqui mais para número do que para obediência. Não me posso acomodar aos estilos que achei, sendo contrários às leis."

Não obstante este rigor legalista, houve quem pusesse tachas no seu procedimento de magistrado. O mesmo que mais tarde havia de suceder ao filho. Em 21 de junho de 1760, o guarda-mor do tabaco José Joaquim de Lalanda de Barros acusava-o ao rei de ter alterado a forma da fiscalização do contrabando do tabaco no sentido dos seus interesses.

No ano de 1761, com dezessete anos de idade, partiu Tomás Antônio Gonzaga da Bahia para Portugal. Trazia um escravo por nome Tomás. No mesmo barco vinha um seu parente, José Gomes Gonzaga. É possível que também viesse seu primo José Clarque Lobo, já capitão de infantaria, o qual tinha requerido passagem ao Reino pelo período de um ano, para tratar de certas pretensões. Em todo o caso, seu nome não figura na lista das pessoas a quem a Mesa da Inspeção passou atestações. O dr. João Bernardo Gonzaga ficou ainda algum tempo na Bahia, só tornando a Portugal em 1764, então, de certeza, em companhia de seu sobrinho José Clarque Lobo.

Chegou Tomás Antônio Gonzaga a Lisboa e encontrou uma cidade ainda em ruínas, como no-la descreve Baretti, que viajou entre nós por esse tempo. Foi naturalmente para o Porto, para casa de seus tios e tias. Uma delas, d. Francisca Gonzaga, tinha falecido no mosteiro de S. Clara a 22 de dezembro de 1761. Em 1º de outubro de 1762 estava já em Coimbra e matriculava-se na Universidade, com certidão de doente.

Faltam-nos informações sobre a vida de Gonzaga em Coimbra. Sabemos porém que era seu companheiro e amigo na Universidade o brasileiro Inácio José de Alvarenga, rapaz da sua idade que fora educado no colégio

dos jesuítas do Rio de Janeiro. Tinha-se matriculado em Leis dois anos antes, em 1760. Alvarenga tomou o grau em 1767, Gonzaga em 1768. Nos períodos de férias, Gonzaga ia para o Porto ou Lisboa, Alvarenga para Braga e provavelmente também para Tibães ou Viana do Castelo, onde tinha parentes. Ambos eles, dotados para as musas, começariam a ensaiar a lira em poesias menores e amores de pouca monta. Gonzaga tinha ambições: queria fazer concurso para professor de direito. Começou então a preparar uma tese sobre direito natural. Seu pai, desembargador da Relação do Porto, estava em comissão de serviço em Lisboa, desde que em 1764 viera do Brasil. Era homem de confiança de Pombal, que provavelmente o quis ao pé de si. Foi com os seus conselhos e procedendo a muitas e variadas leituras que Tomás Antônio concluiu o seu laborioso tratado e o dedicou ao grande marquês. Foi seu pai quem se encarregou da cópia. O jovem opositor fazia nele a política do poderoso ministro, punha o poder real acima do eclesiástico, defendia o cesarismo, a tirania ilustrada. Dá-se porém a "viradeira", em 1777. Gonzaga celebrou então em verso o advento de d. Maria I, renunciou aos seus projetos de lente coimbrão, e fez o que todos faziam em seu lugar: habilitou-se para a carreira da magistratura. Em 1779 devia estar já em Beja servindo como juiz-de-fora. Seu pai tinha sido nomeado desembargador da Casa da Suplicação, a 13 de novembro de 1778.

Não conhecemos nada da vida de Gonzaga em Beja, como juiz-de-fora. É natural que tenha sido uma vida obscura, a do principiante ansioso de acabar o seu triênio para ocupar um posto de maior responsabilidade e mais alto vôo. Já então conheceria o jovem visconde de Barbacena, talvez por intermédio da alta situação do pai. Em Beja daria uma ou outra saltada a Barbacena, em visita à ilustre família, ou conheceria o visconde em Lisboa, onde, desde 1780, exercia o cargo de secretário da recém-fundada Academia das Ciências. O certo é que, por ocasião do nascimento do filho mais velho de Barbacena, em Lisboa, em 11 de dezembro de 1780, Gonzaga dirigiu-lhe um soneto de felicitações:

Nascer no berço da maior grandeza.

Mais tarde, em terras do Brasil, os dois amigos haveriam de encontrar-se novamente em circunstâncias bem dramáticas.

Findo o triênio de Beja, Gonzaga teria recolhido a Lisboa para tratar dos preparativos da sua viagem ao Brasil. Tinha sido nomeado em 27 de fevereiro de 1782 ouvidor de Vila Rica. Talvez fizesse uma visita ao Porto, a despedir-se da parentela; mas o melhor desses meses passá-los-ia em Lisboa, numa boêmia de solteirão morigerado. Na Madalena morava por esse tempo Joaquim Antônio Gonzaga, seu primo, rapaz de 24 anos, gracioso e com o sangue na guelra, que dizia adeus à mocidade, habilitando-se para a magistratura. Sem dúvida teriam sido companheiros e alegres

convivas. Tomás Antônio estava sem dinheiro para custear as despesas da viagem, representação e instalação. Pediu emprestado a Custódio José Ferreira, em 6 de maio de 1782, a soma de 1:549$000, que foi pagando depois em prestações, em 1784 e 1785. Nesse mesmo ano de 1782 partiu para o Brasil. Nunca mais voltaria à pátria portuguesa.

Vila Rica era a capital das Minas Gerais, cidade importante por onde passavam o ouro e os diamantes, de que viva principalmente o tesouro derrancado da Metrópole. Todos os anos, das aldeias de Portugal, do Minho sobretudo, era um corrupio de gente para o Brasil. Quase todos de origem plebéia, lavradores, artífices, pequenos negociantes, cegava-os miragem das riquezas. Mas a extração do ouro diminuía a olhos vistos. Era necessário ir buscá-lo agora às entranhas da terra e gastar na mineração grossos cabedais em material e mão-de-obra. O ferro trabalhado chegava de Lisboa caríssimo, onerando com impostos exorbitantes, e os escravos estavam a alto preço. Começou a gerar-se na capitania um mal-estar econômico. Os povos deviam à Fazenda avultadas quantias e temia-se geralmente que uma derrama fizesse pagar a todos essas somas atrasadas. Os próprios ministros da religião, em vez de suavizarem estes males, ainda os agravavam, com exigirem aos povos insuportáveis contribuições a pretexto de direitos paroquiais, benesses e paz do altar. A tal ponto subiram as extorsões, que o procurador dos povos de Minas Gerais se viu obrigado a representar contra as excessivas desobrigas dos párocos. A população mineira, já de si irrequieta, revelara-se em efervescência perigosa. Um documento do século, em que se fazia o elogio do conde de Assumar, interpretava o caso:

> Sai da terra o hálito da revolta pelas catas e socavões, para se comunicar e infundir à alma do povo.

As genes, os nativos, oprimidos pela Metrópole, abundavam na antiga fórmula do padre Antônio Vieira:

> O que se tira do Brasil, tira-se ao Brasil; e o Brasil o dá, Portugal o leva... Tudo o que se tirar do Brasil com o Brasil se há-de gastar.

Quando, nos fins do ano de 1782, Gonzaga tomou posse do seu cargo em Vila Rica, já devia ter uma idéia da atmosfera que ia encontrar. Até mesmo em Lisboa tivera certamente bons informadores. Mas a experiência e a convivência iam familiarizá-lo mais intimamente com o problema brasileiro e abalar alguns conceitos que o político formulara na solidão do gabinete, longe das realidades. O tratadista do direito natural ia provar no contato com as questões brasileiras a solidez das suas doutrinas.

Governava então as Minas d. Rodrigo José de Menezes, um jovem capitão-general muito atilado e geralmente benquisto pelas suas sábias me-

didas governativas. Gonzaga logo passou a conviver com ele, em companhia do velho amigo, parente e condiscípulo Alvarenga Peixoto, que residia propriamente em S. João del-Rei, e de Cláudio Manuel da Costa, poeta distinto, com quem logo travou relações de amizade. A mulher do governador era gentil. Gonzaga ensaiou nela um soneto de louvor.

A vida passava, bem ocupada entre os deveres do cargo e os finos lazeres da poesia. Gonzaga facilmente se acreditou como bom poeta naquela roda em que pontificava o experiente Cláudio Manuel da Costa, correto metrificador e, como tal, conselheiro das musas mais juvenis. Mas Gonzaga não era só um bom poeta. Sabia como poucos as coisas do seu ofício, a teoria e a prática. Isso mesmo se demonstrou quando, em 1783, dirigiu uma longa carta sobre a usura ao intendente do Ouro, Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira, um dos seus diletos amigos. Nesse pequeno tratado defendia a usura em termos de muita erudição e ágil dialética. O amigo Cláudio Manuel da Costa, que emprestava dinheiro a juros, devia estar contente...

Não durou muito o bom tempo, as delicadas tertúlias do paço. Daí a menos de um ano, em 10 de outubro de 1783, tomava posse da capitania o duro e autoritário Luís da Cunha Meneses, vindo de Goiás. Gonzaga tivera já tempo de o conhecer, pois residia em Vila Rica desde 23 de agosto, e espera que a família do governador cessante se libertasse dum ataque de varíola para tomar posse do cargo.

Não tendo já no paço do governador convivência agradável nem estímulos de poesia, o ouvidor dedicou-se ao cultivo das amizades que contraíra na cidade. Entre os seus conhecidos figurava a família Silva Ferrão, uma das mais consideradas em Vila Rica. O chefe dessa casa era o dr. Bernardo da Silva Ferrão, advogado, homem culto e dado às letras. Gonzaga foi lá certamente encontrar bom acolhimento e aprazível conversação. Havia na casa um rancho de meninas: as filhas do capitão Baltazar João Mairinque, sobrinhas dos donos da casa. Ao ouvidor quase quarentão, já familiar, essas raparigas deviam fazer mais de uma partida, nas suas brincadeiras inocentes. A mais velha, Maria Dorotéia, era linda, a julgar pelo retrato que dela fez o poeta e pelo testemunho dos que a conheceram. Era grande a diferença das idades. Gonzaga ia nos quarenta; Maria, ou agora, Marília, tinha dezessete anos, mas tão desabrochados, que era uma verdadeira senhora. O magistrado sentiu abrasar-se ao fogo daquela radiosa mocidade. Era sua vizinha uma tia de Marília; Gonzaga decerto a meteu como medianeira. O namoro pegou.

O lírico ouvidor soltava os seus amores em liras apaixonadas, que tinham, naquele ambiente de Vila Rica, um sabor novo e raro. Era uma frescura que lhe escorria da alma, rejuvenescida e exaltada por aquele amor de menina. Maria correspondia àquele afeto com uma simpatia

agradecida, em que havia a vaidade da rapariga bonita, que vê a sua formosura levada aos quatro ventos nas asas da poesia. As estrofes mimosas do ouvidor criavam nela uma exaltação deliciosa quando as lia, mas não era o amor, nunca foi o amor, o verdadeiro amor, como se viu mais tarde. A família também não veria com entusiasmo o casamento, dada a diferença de idade e sobretudo de fortuna. O namorado nada tinha.

Entretanto, se Gonzaga era feliz nos amores, as coisas do seu ofício não lhe corriam muito bem. Deu-se o que era inevitável: um conflito de atribuições entre o ouvidor e o capitão-general, homem arbitrário e despótico.

A primeira desavença entre os dois, de que nos chegou memória, deu-se a propósito da arrematação de umas lavras no arraial de Antônio Pereira. O governador, para favorecer apaniguados, impugnou a validade da arrematação, dando a outrem a lavras. Contra esta exorbitação afrontosa formulou Gonzaga, em 8 de abril de 1784, uma queixa extremamente enérgica, acusando-o à rainha de arbitrariedades sem conto, invadindo os poderes da magistratura e da própria soberana:

> Ele intitula o seu poder supremo. Ele perdoa os delitos de morte, chegando a tirar a um padecente do caminho da forca às mãos da justiça e mandando que nós o sentenciássemos em diversa pena, obrigando-nos a julgar válido um perdão que só a V.M. é facultado, e fazendo por um simples despacho aquilo mesmo que V.M. só pratica por um decreto. Ele lança fora da cadeia os presos dos ministros, como praticou com Basílio de Brito, que, tendo já uma sentença de Angola e estando preso à minha ordem por precatírio vindo do Tejuco, de donde tinha fugido, o mandou para a casa do contrato. Enfim senhora, passa moratórias, suspende execuções, impede que se citem militares, e conhece de todas as causas de qualquer natureza que elas sejam.

Em 3 de dezembro de 1784, também houve celeuma na sessão da Junta da Real Fazenda. Estava aberto concurso para a arrematação da cobrança dos direitos sobre importações, a que se chamava "entradas". Era negócio graúdo, que aliás não bafejava muito os arrematantes, os quais se viam por vezes alcançados em grossas dívidas à Fazenda. Discutiam-se nesse dia os méritos e as preferências dos dois arrematantes: o capitão José Pereira Marques, afilhado do capitão-general, mas homem de fraquíssimo abono, que começava então a vida do negócio, e o capitão Antônio Ferreira da Silva, credor da Fazenda em perto de dezoito contos. Num caso destes não havia que hesitar. Mas o presidente da Junta, Cunha Meneses, lá tinha as suas razões e adjudicou o contrato ao protegido contra o parecer dos restantes vogais. Gonzaga, brando na poesia, tinha um fundo de dureza, e sentiu na conjuntura a sua dignidade e o seu orgulho feridos. Lavrou protesto contra a decisão violenta em termos muito enérgicos.

Cunha Meneses vingava-se do ouvidor, acusando-o por seu turno de extorsões à Real Fazenda. Em ofício de 5 de janeiro de 1785 expunha o desastre financeiro: da cobrança dos dízimos de noventa execuções feitas pelo juiz em 1784, não entrara no cofre um só real, recaindo todo o benefício no juiz e no escrivão, em custas, espórtulas e emolumentos. E para mostrar aos ministros de Lisboa que sabia fazer melhor as coisas, saltou por cima da autoridade do ouvidor e encarregou oficiais militares de efetuarem a cobrança pelas diferentes comarcas. A Fazenda ficou desonerada, mas a vilência ilegal levantou, como se pode crer, gerais protestos entre a população e criou em toda a capitania um ódio surdo contra o prepotente governador. A verdade é que, à parte um fundo de hostilidade contra os portugueses e aportuguesados, que sugavam a colônia a mando do soberano de Lisboa, as condições econômicas de Minas eram francamente desfavoráveis. O escrivão da Junta da Real Fazenda, Carlos José da Silva, escrevia, em 18 de setembro de 1799:

> Nesta capitania não há negociantes opulentos nem que se lhe conheça fundos, e sim somente uns meros mercadores como de retalho, e mineiros e roceiros ou fazendeiros, que sempre se acham atrasados nos seus interesses e muito por acaso desempenhados, pois que a prática de todo o gênero de negócio e estabelecimentos nesta capitania é sempre sobre o fiado e de demorada liquidação os interesses; e por isso quase todos sem forças para a segurança recomendada. E tanto é isto no tempo presente, como foi sempre no passado, em que estas Minas se consideravam e foram mais opulentas.

O nome do magistrado devia crescer de prestígio aos olhos dos mineiros, tiranizados por tão violento governador. Era o único que se lhe opunha abertamente, em defesa da lei. Fazia-o com inquebrantável seriedade, com exemplar coragem, animado sem dúvida por aquela aura de popularidade. Gonzaga, conhecedor das realidades, sentia-se agora cada vez mais brasileiro. O seu casamento com Marília, que continuava a celebrar, operaria de vez a conversão. Era porém prudente; cumpria os seus deveres com firmeza, mas não queria arriscar-se demais. Infelizmente as coisas tomaram um rumo violento, que o punham em constante briga com o governador. Era uma situação intolerável.

A 15 de março de 1786, na Junta da Real Fazenda, o preenchimento da vaga de almoxarife dos armazéns da capitania opôs novamente Gonzaga e Pires Bandeira ao capitão-general. Os dois amigos queriam que a vaga fosse ocupada pelo guarda-mor Manuel Pereira Alvim, na falta deste pelo capitão Manuel Fernandes Pinto; e se este ainda não servisse, pelo capitão Manuel Fernandes de Carvalho. Como porém o escrivão e o tesoureiro da Junta indicaram o nome do capitão Teotônio Maurício de Miranda Ribeiro, escrivão do almoxarifado desde 1773, logo o governador se juntou a eles, para contrariar os seus opositores. Gonzaga ainda

quis protestar; mas Cunha Meneses não lhe aceitou o protesto, alegando que tinha o direito de desfazer o empate.

Nesse mesmo ano, um criado de Cunha Meneses, um tal Pedro José da Silva, lembrou-se de requerer a importância de 600$000 na qualidade de cobrador dum seu tio falecido, por despesas efetudas no interior, em serviço de cobrança. Gonzaga, legalista, decidiu que fossem ouvidos os testamentários e o sócio do falecido, os quais se pronunciaram abertamente em contrário, alegando razões de peso. O cobrador recorreu então ao patrão, que lhe deferiu o pedido, saltando por cima da lei e do magistrado. Gonzaga, indignado, terminou por fazer em 21 de março de 1787 uma exposição à rainha, em que lhe dava conta do caso e acusava o governador nos seguintes violentos termos:

> Nem me atrevo a representar coisa alguma a este Ex^{mo} general, por conhecer o seu notório despotismo. Ele tira os padecentes do patíbulo; ele açoita com instrumentos de castigar os escravos as pessoas livres, sem mais culpa ou processo do que uma simples informação dos comandantes; ele mete os advogados e homens graves a ferros; ele dá portarias aos contratadores para prenderem a todos os que eles querem que lhes devam; ele suspende a outros credores o pedirem pelos meios competentes as suas dívidas; ele revoga os julgados e ainda o mesmo das Relações. Enfim senhora, ele não tem outra lei e razão mais que o ditame da sua vontade e dos seus criados.

As esferas mineiras seguiam com interesse o conflito entre o ouvidor e o governador, e aplaudiam naturalmente tudo quanto se fizesse ou dissesse em desabono do último. Foi então que, eco aumentado dessa disputa, começaram a circular as famosas *Cartas chilenas*, sem nome de autor, já se vê, sátira veemente aos desmandos e tiranias de Cunha Meneses. Só um homem estava em condições de escrever tais versos, bem martelados, de clareza diamantina, de ironia pungente, às vezes: o ouvidor Gonzaga. Só ele teria a coragem de arrostar com a cólera do chefe prepotente, mal disfarçado sob o nome de Critilo. Só ele, enfim, homem de fora de Minas, português muito abrasileirado, com pé no estribo para seguir para a Bahia, podia flagelar com menor risco as tratantadas de certos figurões apaniguados do capitão-general. A voz pública não se enganava. As *Cartas* saíam da oficina de Gonzaga; mas, como sucedia com as poesias líricas, o bom amigo Cláudio dava uma ajuda revendo os versos, polindo aqui e acolá, pois o autor, todo engolfado naquela escrita ardente, mal tinha tempo para emendar o que escrevia.

Cunha Meneses deveria escabujar de raiva, ao ter conhecimento dos afrontosos versos; e com ele todos aqueles que o bajulavam e obtinham favores do Fanfarrão Minésio — tal o criptônimo, bem claro, do odiado governador: Tomazine, o Marquésio, o Silverino etc. Este último encobria um dos principais apaniguados, o tenente-coronel Joaquim Silvério

dos Reis, figura sinistra, que, ao sentir-se alvejado, guardou ódio de morte a Gonzaga: com instinto certeiro julgava ser ele o autor das *Cartas.*

O governador, nos ofícios que escrevia para Lisboa, por mão de Matúsio, nome que na sátira se dava ao seu secretário particular, José Antônio de Matos, visava constantemente o ouvidor, aparceirado com o intendente Pires Bandeira na oposição indômita ao execrando chefe; mas na corte de Lisboa, se não faziam bom conceito de Gonzaga, muito menos o faziam de Cunha Meneses, cuja embófia e ambição de mando não conheciam limites.

Antes de novembro de 1786, Gonzaga fora nomeado para mais alto cargo: desembargador da Relação da Bahia. Talvez quisessem com isso afastá-lo de Minas, dourando a pílula com a melhoria da promoção. Gonzaga porém, astuto, deixava-se ficar. Como não podia partir para a Bahia sem dar conta dos seus serviços, requereu nesse mesmo ano o seu processo de residência. Prevenindo qualquer estratagema que o prejudicasse, dadas as suas relações com o governador, teve o cuidado de indicar em primeiro lugar, como juiz sindicante, o seu amigo Pires Bandeira, intendente do Ouro em Vila Rica, e em segundo lugar, o seu sucessor na ouvidoria, o dr. Pedro José de Araújo Saldanha. Que parece ter havido sobre o caso pressões e intrigas, manejadas por amigos e inimigos, não é de duvidar, pois a rainha, que a 12 de setembro mandava o último tirar-lhe a residência, acabou, em 29 de novembro, por nomear o primeiro como juiz sindicante. Estas vacilações e demoras aproveitavam a Gonzaga, que entretanto se conservava à testa da ouvidoria, muito contra a vontade dos seus inimigos, a gente do governador. Devia conservar-se no seu lugar até setembro de 1788.

Por entre estas complicações políticas e administrativas, os amores de Gonzaga com Marília seguiam bom rumo, entrecortado, é certo, com as dificuldades próprias desta espécie de navegação. Se a atitude valorosa do namorado o elevava a seus olhos de brasileira de Minas, não é menos verdade que os tios, gente ligada às esferas oficiais, deviam ver agora com justificada apreensão as perspectivas daquele casamento. Gonzaga estava sendo um elemento irrequieto, uma espécie de chefe de conspiração, e isso poderia trazer a Marília um futuro de dissabores. Não faltariam pressões sobre a inexperiente menina. Enfim, o amor e a poesia, que o alimentava, puderam mais, e por meados de 1787 já estava assente o casamento dos dois. A musa de Gonzaga, que conhecera as ansiedades do ciúme e da incerteza, reasserenou-se, e todo ele se voltava agora para as felicidades duma vida burguesa e sedentária, rodeado da mulher e dos filhinhos. Essa poesia tem um acento profundamente humano: o homem que dobrara os quarenta e não conhecera até então as alegrias suaves do lar, ia sentir o aconchego da família, junto duma esposa bela que podia

ser sua filha. Era um misto do desejo de amante e da ternura de pai que inflamava agora a lira do ouvidor; Marília deixava-se levar, adormecida, enlevada, e por vezes vagamente inquieta...

Quando se soube, nos fins de 1786, que vinha administrar a capitania o visconde de Barbacena, Gonzaga e os seus adeptos ficaram satisfeitos. Era um amigo e um homem culto, que decerto viria remediar os males provocados pela tirania do seu antecessor. O ouvidor rememoraria os tempos de Portugal, em que mantivera relações amigáveis com o jovem naturalista, referindo à sua Marília os casos dessa antiga convivência. Essa feliz circunstância devia ser decisiva para apressar o beneplácito do pai e tios de Marília na realização do casamento. Efetivamente, agora tudo se desanuviara, com a vinda do amigo e protetor.

E Gonzaga, certo já da exoneração do afrontoso governador, increpava-o rijamente nos decassílabos das *Cartas chilenas* como se ele já não estivesse à testa da capitania, aproveitando a natural desmoralização do homem que se sabe despedido, e despedido à má cara.

Se as coisas corressem normalmente, o visconde de Barbacena deveria estar em Vila Rica nos fins de 1786. Sobrevieram porém doenças na família, de modo que só em julho de 1788, dois anos depois da nomeação, pôde chegar à capital das Minas.

A viscondessa passara mal durante a viagem. Vinha doente. O marido resolveu ir habitar para Cachoeira de Campo, sítio mais salubre, a três léguas de Vila Rica. A 11 de julho de 1788 Cunha Meneses dava posse ao novo governador. Em carta que logo expediu para Lisboa comunicava o fato a Martinho de Melo e Castro e assegurava-lhe que pusera o seu sucessor ao corrente dos negócios da capitania. Aliás, o visconde de Barbacena quase não precisava disso. Trazia de Lisboa uma relação minuciosa das coisas de Minas, escritas por Martinho de Melo e Castro, com instruções para o seu governo e indicações sobre o caráter e atitudes dos principais personagens da capitania. Nessa relação Gonzaga era especialmente visado. O secretário de Estado considerava-o um magistrado corrompido e venal, interessado mais nos seus emolumentos que na rigorosa e imparcial administração da justiça. Na famosa sessão da Junta da Real Fazenda, a que atrás se aludiu, Gonzaga propusera um candidato que oferecia maiores garantias, embora com menor lanço na praça. E que tivera razão em repudiar o insolvente José Pereira Marques, provava-o o fato de este dever agora à Fazenda 360:897$638, tendo tomado o contrato por 375:812$000. Um verdadeiro escândalo. Nunca se vira tamanho alcance.

Contudo Martinho de Melo e Castro, homem experiente e sagaz, sabia ver para além das aparências. A defesa em benefício do opositor Antônio Ferreira da Silva parecia ter, sobretudo na pena de Pires Bandeira, que o apadrinhava calorosamente, um caráter marcadamente pessoal. A verda-

de é que, num litígio desses, conviria mais aos dois altos funcionários seguir o alvitre razoável do escrivão Carlos José da Silva, segundo o qual esse contrato deveria ser administrado diretamente pela Real Fazenda, como aliás já se fizera anos antes, no triênio de 1765–1767, em que o Estado arrecadara, sem perda de um real, 568:031$363 — muito mais que o preço por que era geralmente arrematado o contrato. Além disso, a arrecadação direta favorecia aos povos, por não serem vexados pelas violências dos contratadores. Era esta também a opinião de Martinho de Melo e Castro, e por vê-la tão bem defendida pelo escrivão da Junta, Carlos José da Silva, tecia-lhe na instrução um caloroso elogio: foi a única voz que se levantara em defesa dos interesses do real erário. Quanto aos cordelinhos da intriga, devia estar bem informado, pois declarava ao Barbacena:

> Logo depois dos primeiros lanços retiraram-se os concorrentes de maior abonação e crédito, outros nem quiseram vir lançar, porque uns e outros sabiam e ninguém ingnorava que o dito contrato se havia dar a um dos dous afilhados.

O certo é que essa advertência hostil que trazia de Lisboa, da parte aliás duma pessoa tão perspicaz e tão bem informada como era Martinho de Melo e Castro, não abalou a antiga amizade dos dois homens. Pelo contrário, as relações que o visconde logo teve com a família Silva Ferrão e Mairinques pareceram robustecê-la. Gonzaga não seria estranho a essa confiança, que logo se traduziu na amabilidade de Barbacena em ser padrinho de casamento de Ana Ricarda Mairinque, irmã de Marília, realizado em 26 de novembro desse ano de 1788, na própria capela da família da noiva.

Quando acabou efetivamente o cargo de ouvidor, em setembro de 1788, Gonzaga pediu à rainha licença para casar. No requerimento alegava que já nem careceria dessa licença, pois a proibição para se não casarem os ministros era só expressa para os casamentos efetuados nos lugares de suas jurisdições, o que se não verificava no requerente, já desembargador da Bahia. Contudo, dizia ele, queria mostrar a justa veneração em que tinha as sagradas ordens da rainha, e por isso lhe requeria licença. Foi notada esta demora em realizar o casamento, e o reparo consta do ulterior processo a que foi submetido. Na verdade, de duas uma: ou a autorização familiar para o casamento só foi dada em 1788, talvez no fim desse ano, ou Gonzaga protelava as coisas, tendo certo empenho em se conservar em Vila Rica.

Efetivamente, após uma expectativa de acalmia, as gentes de Minas encontravam-se novamente alvoroçadas e agora de uma maneira que prometia dar que falar. Sabia-se que o visconde de Barbacena trazia instruções de Lisboa para cobrar o quinto do ouro, que andava atrasadíssimo em Minas Gerais, pelas dificuldades crescentes da mineração e por

certa má vontade dos povos para com a metrópole, aliás amplamente justificada. A perspectiva de uma derrama imposta a todos para a cobrança das anuidades em atraso aterrava os mineiros. Com efeito, no estado precário da economia de então, essa medida era a ruína certíssima das famílias. Bastava a cobrança forçada das 58 arrobas de ouro, déficit de um ano, para provocar um descalabro econômico gravíssimo, quanto mais a soma astronômica de 528 arrobas, que era a quanto subia o atraso total da dívida. Um pavor!

A exaltação dos ânimos, em efervescência já no consulado de Cunha Meneses, recrudesceu por esse tempo. Os magnatas reuniam-se clandestinamente e protestavam não pagar. Era a rebeldia. Então, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o "Tiradentes", visionário arrebatado pelas idéias da liberdade, vítima de injustiças, que lhe retardavam incessantemente a promoção, concebeu a idéia dum levante armado, que proclamasse a independência de Minas e fizesse da capitania, pela exploração dos seus vastos recursos, um estado próspero e feliz. Era um sonho admirável, que se supunha de execução fácil, dada a animosidade dos povos contra as exorbitâncias do governo de Portugal. O exemplo dos Estados Unidos da América do Norte vivia em todos os corações. Este homem obscuro mas de fé ardente e comunicativa começou a aliciar gente. Uma após outra, as maiores figuras da capitania caíram na rede da conjura: uns por real amor da liberdade, a maior parte por interesses materiais. Os maiores amigos de Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, foram da conspiração, aliás tramada sem método, improvisada e como ao sabor da indignação geral. Cláudio, embora simpatizasse com a idéia, como bom mineiro que era, não acreditava na sua eficácia, achando tudo aquilo no ar.

Gonzaga estava numa posicão extremamente delicada. Tudo em si clamava pela defesa do povo mineiro contra uma situação que ele considerava injusta e fortissimamente gravosa para o interesse geral. Os seus despeitos contra Cunha Meneses e contra as acusações de Martinho de Melo e Castro criavam nele surda revolta contra os senhores de Portugal. Afinal, muitas vezes pensaria que era tanto português como brasileiro, e que uma sublevação vitoriosa não deixaria de o colocar em alto cargo da nova República que se projetava. O amor fazia-o ambicioso; à falta de bens materiais, desejaria deslumbrar a sua Marília com um nome ilustre. Mais de uma vez, falando entre amigos, aludiu à possibilidade de implantação dum governo, autônomo, vistas as riquezas da capitania, que se poderia bastar a si própria. Essas conversas comprometeram-no mais tarde. Os conjurados, sabendo ou pressentindo as suas idéias, espalhavam, para aliciarem adeptos, que Gonzaga fazia parte da conspiração. A verdade, que ressalta duma leitura acurada da devassa, consiste no seguinte: Gonzaga não se comprometeu no levante, não assistiu aos conciliábulos em

que se tramava a conjura; mas sabia de tudo e, sem nada aventurar, simpatizava com a coisa, preparando-se para colher-lhe os frutos, se acaso fosse avante. Acautelado e astuto, tinha fundadas razões para desconfiar do êxito da empresa, chefiada por um alucinado como era o Tiradentes, com quem já tivera suas razões, e acolitada por pessoas de muito suspeita fidelidade, as quais só queriam desembaraçar-se de suas dívidas. Por isso, a sua atitude era a de quem tinha um pé fora e outro dentro. Se a conspiração falhasse, ninguém poderia dizer com verdade que fizera parte dela... Era de uma perfeita dissimulação: soprava os ventos, sugeria as idéias sediosas e sabia-se pôr de fora. Mais tarde, nos interrogatórios, alegava que essas sugestões eram "em hipótese de potência e não de ato", maneira escolástica de dizer que falava teoricamente em independência e República e não com intuito de demover ninguém a executar essas idéias. E acrescentava falaciosamente "que tinha a certeza moral de que os seus amigos não seriam capazes de cometer semelhante atentado".

O seu casamento e a sua partida para a Bahia também se achavam singularmente demorados. Gonzaga estava vendo no que davam as coisas. Quando teve rumores do malogro da conjura, entendeu dever apressar a sua partida, com receio de se ver envolvido em toda aquela meada. Hábil como era, aproveitou mais tarde o fato, fazendo ressaltar o absurdo de ser conjurado e estar tratando dos aprestos do casamento e da partida. Não escapou ao juiz, o experimentado e severo Coelho Torres, este estratagema do prisioneiro. Precisamente essa precipitação depunha contra ele: Gonzaga tratou com mais força da sua retirada, quando soube que o levante tinha falhado. Procurou escapulir-se, mas já não foi a tempo. A resposta confusa e embaraçada do réu a esta acusação do juiz prova que este viu claro na situação.

Outro fato vem demonstrar o curioso jogo de duplicidade do nosso poeta em todo aquele negócio da Inconfidência. Sentia, como era natural, que os povos de Minas não podiam suportar a derrama que se anunciava como iminente. Sabia porém que quanto maior fosse o peso do imposto, maiores seriam as razões de queixa e as probabilidades de revolta. Um dia, jantando em casa de Cláudio Manuel da Costa, falou-se na derrama, objeto de todas as conversas e da angústia geral. Estava presente o amigo de Gonzaga, Pires Bandeira, a quem incumbira, por dever de ofício, o lançamento do imposto. Gonzaga aconselhou o procurador da Coroa e Fazenda a requerer a derrama por todos os anos em atraso para que melhor se visse a impossibilidade do pagamento. O juiz viu nisto — supomos tivesse razão — um meio caviloso de lançar o odioso sobre o governo, fomentando a agitação revolucionária. Na verdade, não era necessário requerer toda a dívida para que o caso fosse à rainha; podia fazer-se-lhe uma exposição sobre o estado econômico da terra e pedir-lhe a suspensão da derrama. Se

Gonzaga aconselhou o amigo a promover a liquidação de toda a dívida, é que estava esperando que, logo que se lançasse a derrama, rebentaria a revolução, antes mesmo de recorrer à soberana.

Apesar de todas as suas cautelas, Gonzaga tinha inimigos, e o seu jogo não deixava de ser perigoso. Pertencia também à conjura o famoso Joaquim Silveiro dos Reis, tão mordazmente visado nas *Cartas chilenas*. Era considerado um refalsado velhaco. Dizia-se que ele e seu irmão "eram os dois maiores maganões que tinham passado de Portugal para a América". Entrara na conspirata para se ver alijado de enorme alcance à Fazenda; mas quando viu as coisas pouco certas, resolveu ir denunciar tudo ao governador. Duma cajadada mataria dois coelhos; receberia o prêmio da traição, e cevaria o ódio recalcado na pessoa do odiado Gonzaga. A 15 de março de 1789 foi à Cachoeira denunciar o levante ao visconde de Barbacena. Em vista da gravidade do caso, o governador decidiu, alguns dias depois, suspender o lançamento da derrama. Foi um alívio geral. Na denúncia formulada por escrito pelo Silvério diziam-se coisas terríficas sobre a ação de Gonzaga, apontado como chefe da conspiração. Aquele homem feroz projetaria nem mais nem menos que cortar a cabeça ao seu amigo, o Barbacena...

Este, naturalmente, não acreditou em absoluto no testemunho dum mariolão como aquele, mais ficou receoso dalguma surpresa e ficaria duvidando do seu amigo. Tomou precauções, e teve a habilidade de conduzir tudo em segredo; não porém de tal modo que não transpirasse cá fora que a sedição estava descoberta. Gonzaga foi à Cachoeira felicitá-lo pela suspensão da derrama e declarou-lhe que o povo, agradecido, tencionava erguer-lhe uma estátua. Com essa medida, sábia e generosa, o governador tinha evitado uma sublevação; era bem sabido que a capitania se prestava mais que nenhuma outra à independência e, por isso mesmo, devia andar sempre "nas meninas dos olhos do Ministério". Barbacena deixou os seus intimamente persuadido que o amigo desejaria sondar os seus desígnios, enganando-o com a própria verdade. A 21 de maio deu ordem para que fosse preso Tomás Antônio Gonzaga e apreendidos todos os seus papéis. O noivo de Marília, em vésperas de casamento, foi remetido para o Rio de Janeiro e encerrado na fortaleza da ilha das Cobras, de que era então governador o tenente-coronel de infantaria José Monteiro de Macedo Ramos.

Não nos deteremos sobre o seu tempo de prisão nem sobre os interrogatórios a que foi submetido, dos quais aliás já demos os tópicos fundamentais. Só insistimos no seguinte: Gonzaga dedicou os forçados ócios de prisioneiro a duas grandes tarefas: celebrar o seu amor, que o martírio tinha embelezado, e fazer a sua defesa por meio da poesia. A sua atitude habilidosa durante a conjura permitia-lhe perfeitamente insistir sobre a sua inocência. E a incomunicabilidade não era tão rigorosa que não pudesse receber e enviar papéis, à falta de relações orais. Na prisão da ilha das

Cobras, a esposa do governador, d. Maria da Silva, poderia talvez servir de medianeira, pondo nessa piedosa missão a sua ternura de mulher; mais tarde, desde outubro de 1791, no encerro melhorado da Ordem Terceira de Santo Antônio, algum frade condoído podia facilitar-lhe a ligação com o mundo exterior. Como quer que fosse, da escura masmorra em que habitava continuava a seduzir em verso a sua Marília, lá longe, em Vila Rica. Para corroborar a sua inocência, fingia ignorar que os seus amigos tivessem sido presos, e que do grupo habitual — Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto — só ele faltasse, para acompanhar e celebrar a menina dos seus encantos. Ora, Gonzaga sabia da conjura e não podia deixar de suspeitar que os seus amigos também estavam a ferros, como mais implicados do que ele. O que ele não saberia talvez é que o seu querido Glauceste (Cláudio Manuel da Costa), não suportando a tortura moral do cativeiro, tinha acabado com a vida, enforcando-se.

Ao inconfidente interessava agora sumariamente a publicação das suas obras. Nelas se veria, sabiamente forjada, mais uma prova da sua inocência. A edição incluiria as *Cartas chilenas*. Agora já não tinha receio de se comprometer, enjeitando a paternidade da escandalosa sátira. Pelo contrário: a revelação da autoria vinha fortalecer a sua inocência, pois no poema procurara defender, contra as irregularidades dum sátrapa irresponsável, a majestade da lei, a justiça e a bondade do monarca. Isto se depreende de uma notícia, que não tem sido divulgada, mas que mereceria cuidadosa investigação. Em 1872 comunicava o dr. Ladislau Neto, em sessão de Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, que no interior de Minas fora achado um volume manuscrito com letra de Gonzaga que encerrava as poesias líricas, a tradução dum romance e as *Cartas chilenas*. No prólogo, ele proclamava a sua inocência e, em nota, declarava que lhe fora negada a licença de impressão. O referido volume, descoberto pelo tenente Álvares de Araújo, tinha sido entregue ao senador Godoy, presidente da província de Minas. Valeria a pena saber do paradeiro desse manuscrito.

Enfim, após três anos de prisão, Gonzaga foi condenado a dez anos de degredo em Moçambique. A 23 de maio de 1792, partiu para a África com outros réus da Inconfidência. Nunca mais veria Marília; tinham-se-lhe partido as cordas do coração. De toda aquela tremenda crise, ressurgiu outro homem, disposto agora a governar a vida, sem demasiado escrúpulo e pondo de banda os laços afetivos, as razões do sentimento. Lembrava-se de que escrevera no *Direito natural*, na idade das aspirações:

> O homem é um animal inclinado ao mal, sumamente feroz e soberbo; é naturalmente vaidoso e dará tudo, só por os cortejos e estimação dos outros.

Saiu do Rio com a amargura do homem que vê subitamente desfeito os sonhos da sua vida: o amor e uma secreta ambição do poder, esteio do

mesmo amor, da liberdade e independência que ambicionava na vida. Tudo desabara; até Marília agora o abandonava. Reconhecia que da parte dela, que podia ser sua filha, nunca houvera amor; apenas um interesse de criança que se sente amimada e lisonjeada. Dependente da autoridade familiar, o seu coração tinha de pedir licença aos pais e tios par bater por ele. Não existia nela, nunca existira, a sublime dedicação do amor, que não conhece limites. Iam ser publicadas as liras que lhe endereçara; os homens que julgassem agora do seu amor e do crime que lhe imputaram. Tinha razões jurídicas para se julgar inocente.

Apenas saiu da barra o capitão do navio *Princesa de Portugal*, Francisco Bernardo de Abreu Lima, a quem, por ofício de 20 de maio, o conde de Resende entregara os sete prisioneiros, tirou Gonzaga da coberta e tratou-o com benignidade e cortesia. A viagem foi excelente. Era bom prognóstico. Gonzaga, que tinha a exata medida do seu valor, sentia-se com coragem para refazer a vida naquela nova terra para onde o mandavam, e onde eram necessários homens como ele e os seus companheiros. O seu velho estoicismo, que aprendera na freqüentação dos clássicos, insuflava-lhe coragem.

Chegou a Moçambique no fim de julho. Logo foi tratado com especial deferência. Enquanto os outros companheiros seguiram para a cadeia, aguardando o seu destino, Gonzaga instalou-se em casa do próprio ouvidor, o dr. José da Costa Dias Barros, que estava com parte de doente e em véspera de partida. Padecia de uma irritação geral do sistema nervoso, que lhe tolhia o uso das extremidades e o impossibilitava de escrever. Gonzaga caiu como sopa no mel. Foi utilíssimo ao ouvidor fazendo os despachos por seu próprio punho e ajudando-o na sua tarefa até tomar posse o novo ouvidor, o dr. Tavares de Sequeira, a qual se realizou a 30 de agosto desse ano. Os talentos superiores de Gonzaga, a própria auréola pelas idéias da Revolução Francesa, operaram logo sobre as altas esferas moçambicanas. Todos lhe auguravam uma sorte feliz, como negociante que devia ser, ao uso da terra. Ali toda a gente negociava, desde o mais ínfimo empregado até o governador. Dias Barros trouxera do Ceará avultado cabedal e multiplicara-o emprestando a juros altos de 20% sobre penhores. Uma vez ficou-lhe penhorada uma grande carregação de cachaça. O ouvidor teve de fundar uma loja de bebidas para a vender a retalho. O dinheiro dos espólios não entrava com regularidade nos cofres, porque andava no giro comercial. Enfim, era o costume da terra: toda a gente traficava, e os escrúpulos eram deitados para trás das costas.

Gonzaga sentiu que se devia adaptar ao novo meio sem quebra porém da sua elementar dignidade. Quando, em 30 de agosto, o dr. Tavares de Serqueira tomou posse, ou porque já se conhecessem ou por motivos que nos escapam, os dois homens tomaram-se de amizade. A 25 de setembro começou a correr a sindicância da praxe aos atos de Dias Barros,

que já se tinha ausentado, deixando Gonzaga como seu procurador. O juiz sindicante, o próprio Tavares de Serqueira e Gonzaga fizeram as coisas pelo melhor e conseguiram informação favorável, um por solidariedade de ofício, outro por gratidão. O segundo foi acusado mais tarde de ter ido buscar os seis inconfidentes, presos na cadeia, e de os instigar a deporem no processo, a favor de um homem que mal conheciam.

O novo ouvidor logo fez sentir a estima em que tinha os dotes de Gonzaga, acreditando-o como advogado e fazendo dele seu assessor no importante cargo de provedor dos defuntos e ausentes. Houve quem estranhasse este favor para com um homem tido como réu de Majestade. Esses reparos foram consubstanciados pouco depois na denúncia feita por um antigo degredado, Manuel do Nascimento Nunes, em 1795, contra o governador Antônio Manuel de Melo e Castro, Dias Barros, Tavares de Serqueira, Gonzaga e outros. Nunes tinha um passado sinistro. Com a ajuda de um irmão, matara um compadre para roubar, não lhe tendo achado mais que meio tostão. Depois, fora preso no Alentejo, andando em ladroeiras, disfarçado em juiz das sisas. Era um homem deste estofo que, interessado na denúncia, lançava a acusação contra Gonzaga. O governador d. Diogo de Sousa, que tomara posse em março de 1793, anotou e retificou a denúncia e exarou sobre o caso a sua opinião:

> É certo que o atual ouvidor, contra o meu voto e os meus conselhos, tem insistido em conservar o dr. Tomás Antônio Gonzaga no exercício de promotor do juízo dos defuntos e ausentes, para que o nomeara, e no de advogado dos auditórios públicos, ainda apesar de saber que ele é bastantemente venal nas funções da primeira destas ocupações e sumamente embrulhador e intrigante nas da segunda. Enquanto ao mais que neste artigo respeita ao dito Gonzaga, é verdade que está com o cérebro desconcertado, e consta-me que, sem tirar lição da sua desgraça, ainda conserva alguma soltura de língua em matérias de constituições; mas nem há que recear conseqüências públicas disso, nem por ora as suas práticas particulares obrigam a procedimento grave contra ele.

Parece-nos estar aqui, nesta informação de d. Diogo de Sousa, a origem da balela que correu sobre a loucura de Gonzaga. Por "cérebro desconcertado" significava ele um conjunto de idéias, segundo se vê subversivas, que o governador tinha obrigação de condenar; é natural porém que os burocratas de Lisboa tomassem à letra a declaração e propalassem a loucura do antigo poeta de *Marília*, agora casado, e bem casado com Juliana de Sousa Mascarenhas, herdeira da casa mais opulenta de Moçambique em negócio de escravatura.

O destino reserva bem curiosas surpresas àqueles que pretendem fazer da vida um romance. O antigo e mimoso poeta estava casado com uma rica analfabeta e provavelmente consagrava as horas vagas ao rendoso co-

mércio dos escravos, em contacto com mouros e negreiros. A denúncia do Nunes não se esquecia de assinalar os perigos que podiam vir para a colônia duma tal atividade. Recearia o antigo cadastrado que Gonzaga revolucionasse os espíritos e promovesse a independência de Moçambique? A acusação de d. Diogo de Sousa parece provar isso mesmo, e já veremos que andavam no ar idéias de liberdade e autonomia. O convívio freqüente com franceses e a leitura de livros proibidos na Metrópole faziam germinar doutrinas sediciosas. De Lisboa recomendavam ao governador que tivesse cautela com os navios franceses arribados a Moçambique e "com os destrutivos princípios da Liberade e da Igualdade". O próprio amigo de Gonzaga, o dr. Tavares de Serqueira, era pedreiro-livre. À hora da sua partida, em 1800, foi acusado de levar na algibeira 300.000 cruzados e de não se ter confessado uma única vez durante os sete anos da ouvidoria!

Isto nos leva a crer que Gonzaga, ao abrigo da necessidade, poderoso em Moçambique e não dependente do Estado, se desforçava agora das humilhações sofridas, e de acordo com as novas doutrinas, vociferava contra as velhas instituições e seus incompreensivos serventuários. Trazia aquela ira recalcada na alma e desabafava agora em impropérios. Mas, uma vez descarregado o azedume, homem de ordem e legalista inveterado, tornou a enveredar pelo bom caminho, como veremos a seguir. Resta averiguar da outra acusação, mais grave — a de venalidade. Era a terceira acusação que lhe faziam a tal respeito três membros graduados da administração pública. Em lugar de o defendermos — Gonzaga não era um anjo, mas uma criatura extremamente complicada — vejamos as razões que o levariam a tal. Vivia-se em Moçambique uma atmosfera ardente de ganhuça, sem aquelas peias que tolhiam os homens na Europa. Todos ambicionavam enriquecer. Gonzaga, que arribava àquelas terras endividado e escarnecido, sentiu que só pela independência econômica poderia se valer e tratou de fazer como os outros: pôs o seu conhecimento das leis ao serviço da fortuna, vendendo-o a quem mais desse e, sobretudo, tratou de casar rico. Ainda hoje pessoas menos infelizes fazem a mesmíssima coisa. É muito pouco romanesco, bem o sabemos; mas os homens são assim, e as circunstâncias da desgraça ainda os fazem piores. Cometeria pois faltas, mas não cremos que caísse propriamente em vilezas. Documentos posteriores abonam-no como uma das pessoas consideradas em Moçambique. E, enfim, resta ainda saber em que consistiria a venalidade que lhe assacava o governador d. Diogo de Sousa. Foi uma acusação lançada de alto por alguém, talvez um pouco suspeito, por pessoalmente visado, e a que faltariam provas concludentes. Concedemos no entanto que Gonzaga, durante um período de crise, "tivesse perdido a cabeça" e se vingasse nos homens e nas instituições da crueldade do seu destino.

Bem instalado na vida, Gonzaga dedicou-se à administração das suas propriedades e à educação de sua filha, Ana Mascarenhas Gonzaga, que havia de casar mais tarde, em 1828, com Adolfo João Pinto de Magalhães. Corria-lhe bem a existência; é natural que se entregasse à poesia, vício que, uma vez contraído, dificilmente se perde. Há notícia de um poema que teria escrito sobre o naufrágio do *Marialva*, ocorrido a 2 de setembro de 1802, no baixo do Mojuncal, ao sul de Moçambique. Infelizmente não há vestígio deste poema nem doutros que teria composto pela mesma ocasião. Pena é, pois por eles veríamos o estado de espírito do seu autor. Essa poesia foi dedicada ao governador, então Isidro de Almeida Sousa e Sá, prova de que o antigo inconfidente, agora grande senhor da colônia, estava nas boas graças dos governadores, acreditado como homem de superior cultura e talento, infelizmente desaproveitado. Por muito que o considerassem, as supremas autoridades fugiam naturalmente a proteger ostensivamente o antigo degredado, com receio de se comprometerem.

Em 8 de agosto de 1805, tomou posse da capitania Francisco de Paula de Amaral Cardoso. Vinha com o propósito de endireitar as coisas, pôr na ordem os que andavam soltos e indisciplinados: religiosos, militares e burocracia administrativa e judicial. Era homem de espírito desempoeirado. Conhecendo o alto valor de Gonzaga, e sabendo o estado caótico da Junta da Real Fazenda, não hesitou em nomeá lo procurador da Coroa e Fazenda por meados de 1806, cargo em que sucedia a Pedro Antônio José da Cunha, que se ausentava para Goa. Exercia Gonzaga o seu cargo de procurador com zelo da Fazenda Pública, quando, a 28 de dezembro de 1807, teve o grande desgosto de ver falecer o seu amigo e protetor. Foi um gáudio para aqueles que Francisco de Paula tinha castigado e repreendido. Logo no dia seguinte reuniu-se o governo interino na Câmara Municipal. Era composto do bispo de Olba, do ouvidor e do coronel Pereira Ramos. O novo ouvidor, dr. Delgado Pinto, que tomara posse a 14 de setembro desse ano, entendeu que devia fazer parte do governo o tenente-coronel Constantino Alves da Silva, que o falecido governador quisera transferir, devido ao seu gênio violento, desbocado e orgulhoso. Acendeu-se grande discórdia, que chegou ao auge, quando se discutiu o roubo do espólio do falecido capitão-general. Formaram-se dois partidos, e a ordem pública esteve seriamente ameaçada. Fizeram-se prisões.

Gonzaga tomou naturalmente o partido do bispo. Este dirigia em 19 de janeiro de 1808 uma carta ao visconde de Anadia narrando-lhe as desordens que lavravam em Moçambique e impetrando o lugar de auditor para Gonzaga, contra a pretensão de Delgado Pinto, que o queria para seu protegido canarim. Diz o bispo nessa exposição:

> Como aqui está um letrado, homem sábio e de probidade, já procurador da Coroa, o qual cumpriria bem com os deveres deste emprego, chamado Tomás Antônio Gonzaga, todos estimariam muito que ele fosse provido no dito emprego; e eu, quanto posso, rogo e suplico a V. Exa. lho conceda por amor do bem público e porque o sr. Francisco de Paula o estimava e ele se tem portado com a maior honra a seu respeito, depois da sua morte, rejeitando a oferta de mil cruzados para advogar contra ele.

Os dois partidos em luta faziam representações para Lisboa, acusando-se com rancor. As denunciações do partido do bispo projetam luz sobre a figura do ouvidor, que pintam como uma espécie de revolucionário, advogando a instituição duma República Moçambicana e falando visionariamente da vinda de tempos felizes. Era, com se vê, homem trabalhado pelas idéias liberais da Grande Revolução, popular agora em Moçambique. Já a autoridade eclesiástica, em exposição de 14 de novembro de 1806, se queixava da larga leitura de livros proibidos, que passavam de mão em mão, como o *Compadre Mateus* e *Valdemira*, e das "proposições absurdas dos libertinos". Um dos princípios em que Delgado Pinto insistia era na questão da escravatura. O ouvidor defendia os escravos e obrigava os donos a tratá-los humanamente, segundo os mandamentos da lei cristã.

A representação do bispo de Olba e do coronel Pereira Ramos contra Delgado Pinto também nos diz algo curioso sobre as relações que havia entre este último e Gonzaga:

> Da sua mesma resposta se vê mais como o seu ódio se estende a tudo que não tome o seu partido contra os seus colegas do governo; porque, falando de homens revoltosos e sediciosos que diz deverem ser separados do governo, ele não pode designar por estas palavras injuriosas senão o dr. Gonzaga. Nota cruel: porque este sujeito, pela sua conduta regular e irrepreensível, expiando assim qualquer falta que tivesse cometido, tem merecido nesta capital a estimação de todos. Este homem serve de procurador da Coroa, e por isso podia ser ouvido e consultado, se necessário fosse; e muito principalmente em uma terra onde, além dele não há um só homem formado. O seu ódio contra Gonzaga se tem ainda fortificado, porque na Junta da Fazenda ele se tem oposto às suas paixões e tem impugnado os seus intentos. E como poderia ser proibido consultar um homem que o mesmo desembargador ouvidor conservava no ofício de promotor dos defuntos e ausentes? Quem pode servir um ofício público pode dar um conselho particular, se a prudência assim o exigir. É verdade que Gonzaga já não serve de promotor, porque ele mesmo se despediu, não podendo sofrer os insultos deste ministro; e ficou assim o juízo sem ter promotor letrado. Os respresentantes não dizem isto por obsequiar ao Gonzaga, mas para dar testemunho à verdade. Dizem isto em honra do governador e capitão-general falecido, que nomeou Gonzaga procurador da Coroa. Dizem isto em honra da Junta da Real Fazenda, que não reclamou depois da morte do governador e capitão-general. Dizem isto em benefício da Real Fazenda, que ele defende com todas as forças, sem paga, e perdendo ainda os lucros que podia conseguir, requerendo a benefício das partes.

Embora um pouco suspeito, por faccioso, o elogio não deixaria de ser merecido. Gonzaga era demasiado rico e independente para desejar locupletar-se com o que era dos outros e do Estado. Servia pois os lugares a título gratuito, não podendo ser acusado agora de ambicionar riqueza. Contudo, nem por isso deixava de zelar o que lhe pertencia. No ano seguinte de 1809 teve uma questão judicial com Carlos Guezzi acerca da venda dum palmar, na importância de 10.000 cruzados, sobre que fez uma longa exposição ao juiz. Já antes fizera uma extensa minuta dedicada ao soberano, como advogado de Vicente Lupi, outro italiano, que se queixava de perseguições da parte do ouvidor Delgado Pinto. Gonzaga, com paixão sectária, carregava fundo no seu antagonista, fazendo o jogo do bispo de Olba e seus sequazes.

Enfim, venceu o partido de Gonzaga. No documento acima referido vemos bem que era ele, na sombra, que inspirava os membros do governo interino em tudo quanto se referia a leis e à sua execução. O antigo degredado foi, por um tempo, conselheiro jurídico do governo de Moçambique. Delgado Pinto sucumbiu à derrota. Faleceu em abril de 1809. A 2 de maio desse ano era Gonzaga provido no cargo de juiz da alfândega, que o ouvidor ocupava. O tenente-coronel Alves da Silva era transferido para o forte de S. Lourenço. Contudo, Gonzaga pouco gozou do triunfo. É possível que aquelas perturbações o tivessem abalado. Cairia de cama em fins desse ano. A 19 de fevereiro de 1810 já tinha falecido, segundo se vê desta nomeação:

> Passe alvará a Antônio da Cruz e Almeida para servir o ofício de juiz da alfândega desta capitania, interinamente, por tempo de seis meses, vago por falecimento de Tomás Antônio Gonzaga. Palácio de S. Paulo de Moçambique, 19 de fevereiro de 1810.

Em vista deste documento é lícito concluir que Gonzaga tenha morrido no começo do ano de 1810, talvez no próprio mês de fevereiro, pois o cargo de juiz da alfândega era de importância e devia ser pretendido. O antigo ouvidor de Vila Rica devia ter tido à cabeceira, a recolher-lhe o último alento de vida, um amigo brasileiro: o inconfidente Salvador Carvalho do Amaral Gorgel, que por África tinha governado a vida e fora nomeado em 1807 cirurgião-mor do regimento de infantaria de Moçambique.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA, UM ÁRCADE ENTRE A LIRA E A LEI

Lucia Helena

> No Brasil, como em Portugal, o despojamento das complicações barrocas corre paralelamente com o declínio da influência espanhola e o enaltecimento não só dos quinhentistas portugueses, como Sá de Miranda, Camões e Antônio Ferreira, mas também dos novos autores italianos e, mais tarde, dos franceses. Ao cabo de alguns decênios a transformação terá sido praticamente completa, e Basílio da Gama, em carta a Metastasio, já ousara apresentar a América Lusitana como uma imensa Arcádia onde se reverenciam os grandes mestres de Europa letrada. O que não é para admirar muito, quando se sabe que na longínqua Cuiabá de 1790 chegou-se a representar a Zaíra de Voltaire nas celebrações do natalício do ouvidor Lara Ordonhes.
>
> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Panorama da literatura colonial.*[1]

O SÉCULO XVII apresenta-se como um momento de declínio das influências espanholas nas letras, tanto em Portugal como no Brasil.

> As cicatrizes das guerras recentes, e mais ainda, a lembrança da humilhação nacional sob o jugo dos Felipes, servia para dar um forte conteúdo emotivo à renovação nas letras.[2]

Isso talvez ajude a entender o êxito que logo alcançou entre os portugueses e brasileiros uma instituição tipicamente italiana como a Arcádia. Os Árcades teriam surgido, então, para combater o "mau gosto" (e o mau gosto, para os portugueses da época era sinônimo de gosto espanhol) dos excessos conceptistas e cultistas do seiscentismo. Todavia, o Arcadismo, segundo Antonio Candido,[3] é termo que também se deve distinguir de dois outros: o Neoclassicismo e a Ilustração. Neoclassicismo é, para o crítico, a denominação através da qual espanhóis e ingleses costumavam designar a imitação do Classicismo francês, verificada em toda a Europa durante o século XVII, enquanto por Ilustração deve-se entender o conjunto de tendências ideológicas próprias do século XVIII, de fonte inglesa e francesa na maior parte, e para o qual confluem: a exaltação da natureza, a divulgação apaixonada do saber, a crença na melhoria da sociedade por

intermédio do trabalho dos pensadores ilustrados, a confiança na ação governamental para promover a civilização e o bem-estar coletivo. Nesta tríade proposta por Candido, o Arcadismo, por sua vez, deveria seu surgimento à influência dos italianos, que reagiram contra o maneirismo das agremiações chamadas Arcádias e teria sua teoria poética oriunda de Muratori, enquanto sua prática poética dever-se-ia a um representante máximo, Metastasio. Esta forma de organização intelectual em agremiações originou as Arcádias, que tiveram na Arcádia Romana, de 1690, o primeiro modelo intenacional do gênero. Fundado em torno do patrocínio da ex-soberana da Suécia, Cristina, convertida ao catolicismo, o grupo se organiza reunindo eruditos, filósofos, pensadores livres, com programa definido e número fixo de membros, com a finalidade de produzir, ler, discutir e divulgar trabalhos no âmbito da ciência e das artes, principalmente a literatura. Seus membros se autodenominavam "pastores" e adotavam nomes gregos e latinos, e tinham por patrono, num gesto de sincretismo, o Menino Jesus. Segundo Sérgio Buarque de Holanda,

> [v]oltavam-se os meigos "pastores" contra o artifício e a obscuridade dos seiscentistas, com o afã que punham os filósofos racionalistas e empiristas no combate às "opiniões recebidas" e que toda a Era das Luzes porá no repúdio aos milagres e à "superstição" do passado.[4]

O Arcadismo manifesta, portanto, uma consciência de integração e de ajustamento a uma nova ordem social e literária. A grande vantagem desta denominação é que,

> sendo um nome convencional, permite englobar os outros dois aspectos principais do movimento sem suprimir a idéia de outros, como as sobrevivências maneiristas, que persistem sobretudo graças à moda bucólica. Parece, com efeito, algo forçado chamar neoclássico a um período onde Marília evolui com seus adamantes caprichosos, onde Silva Alvarenga traça as volutas amaneiradas dos rondós, e que aliás se articula com o Barroco de Minas e do Rio.[5]

Procurando redimensionar os valores clássicos das obras de arte, o Arcadismo recupera Aristóteles, relido principalmente a partir da *Arte poética* de Horácio, e preconiza, sob a influência do Iluminismo, o caráter racional da arte e da cultura. Preocupa-se, além, em exaltar a finalidade moral da literatura, e a concepção de que o poeta é um pintor de situações (é célebre a passagem de Horácio em que os árcades se baseiam para isso: "*Ut pictura, poiesis*", ou seja: "Assim como a pintura, a poesia"). Em suas poesias os árcades buscam motivos bucólicos, cristalizados em cenários fixos, nos quais o clima ameno e campestre esmaece a transformação urbana que se realizava no contexto político-social circundante, a exemplo do que ocorre nesta lira de Gonzaga:

Num sítio ameno,
Cheio de rosas,
De brancos lírios,
Murtas viçosas,
Dos seus amores
Na companhia,
Dirceu passava
Alegre o dia[6].

No seu afã de classicização, o princípio retórico de base é a imitação dos antigos, tomados como exemplo. Mesmo assim, por vezes esta convenção se afrouxa, nela imiscuindo-se cenários, digamos pré-românticos, em que a natureza brasileira manifesta a cor local, infringindo as regras da composição árcade, como na lira em que Tomás Antônio Gonzaga mencionara a atividade escrava no cultivo do fumo e na extração do ouro:

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
[...]
Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
[...].[7]

Antes de chegar ao Brasil, o Arcadismo penetra Portugal, onde se funda a Arcádia Lusitana (1756), e se encontra em Correia Garção um defensor de seus princípios. São escritos no período diversos tratados portugueses de arte poética: a *Nova arte dos conceitos,* de Francisco Leitão Ferreira (1721), a *Arte poética* de Francisco José Freire, cujo nome árcade é Cândido Lusitano (1745) e a de Paiva e Melo (1765). Sem dúvida, vem da obra de Cândido Lusitano a pedra fundamental para o arcadismo português.[8] Os tratados gregos, latinos, italianos e franceses são lidos pelos portugueses e devem ter sido conhecidos por Tomás Antônio Gonzaga. O crítico português Cristóvão informa que Tomás teria conhecido

> não só as idéias e a própria obra de Garção, publicada já póstuma em 1778, que lhe poderia ter chegado às mãos ainda antes de, novel juiz de fora, ter tomado posse do cargo. E não simplesmente por via direta, também por interposição de seu amigo e conselheiro poético Cláudio Manuel da Costa, que em 1768 compunha uma "Saudação à Arcádia", instituição que Garção ajudou a fundar e onde exerceu importante magistério teórico.[9]

O acervo de procedimentos clássicos penetra a composição de Gonzaga, embora o poeta a ele não se restrinja, conforme já foi observado. Algumas das diretrizes de sua obra podem ser vistas numa famosa condensação de precitos poéticos elaborada no século, *A arte poética*, de Nicolas-Boileau Despréaux, de 1764.[10] As idéias aí divulgadas em forma de poema didáti-

co-artístico resumem-se no enunciado de que a obra literária seria uma imitação da natureza, devendo por isso tomar a verdade como seu ideal, e a razão como algo que não se pode dispensar. No Canto I de seu texto, informa-nos Boileau:

> Qualquer que seja o assunto que tratemos, ou divertido ou sublime, que o bom senso concorde sempre com a rima: parece que ambos se odeiam inutilmente. [...] ame a razão: que todos os escritos procurem sempre o brilho e o valor apenas na razão.[11]

Muito da poesia da época perde em espontaneidade submetida aos procedimentos retóricos consagrados: alusões mitológicas, palavras "nobres", perífrases, figuras de retórica e eloqüência de estilo, em parte arriscando-se a ficar travada por um racionalismo filosófico à mercê de ornamentos por vezes frívolos. O panorama se altera na passagem para a segunda metade do século XVIII, quando traços pré-românticos começam a se anunciar, permitindo aos poetas a conquista de um tom mais pessoal.

No Brasil, o movimento se insere num panorama menos ortodoxo do que o europeu. O Barroco deixara marcas, mais nítidas em Cláudio Manuel da Costa do que em Gonzaga, e as antecipações pré-românticas estão misturadas ao traço árcade e rococó dos poetas mineiros, os mais representativos dos grupos de então, embora tenhamos tido algumas academias na Bahia (Esquecidos, 1724; Renascidos, 1759) e no Rio de Janeiro (Felizes, 1736; Seletos, 1752). Produz-se, então, no Brasil, uma poesia apoiada nos aspectos mais relevantes da estética clássica, retomada pelo arcadismo: o *princípio da verossimilhança*, através do qual se exclui da obra literária o que seja considerado insólito, anormal ou estritamente local ou excessivo capricho da imaginação; a *imitação da natureza*, que consiste na busca de acentuar e escolher os aspectos essenciais do modelo tomado como base, excluindo-se desse modelo o que for grosseiro, hediondo, vil ou monstruoso; o *intelectualismo*, ou seja, o apego à razão e à valorização do estável e do universal; *o culto do sublime*, nascido de um estilo simples e natural, acarretando, todavia, uma contradição interna ao estilo, uma vez que o sublime

> é irredutível à razão e escapa ao código de regras,[12]

tendo-se talvez originado daí a tendência pré-romântica que aparecerá no final do período, *a valorização das regras*, característica que imprime no escritor e no leitor a concepção de que a arte é fruto de um esforço criador consciente e lúcido, disciplinado, que possui condutas específicas de conteúdo e forma; *o princípio da imitação dos gregos e latinos*, de herança renascentistas, e que estabelece uma constante referência, interna aos textos, a outros textos ou passagens célebres, como é freqüente em

alguns poemas de Gonzaga, nos quais o Autor se refere a passagens mitológicas e históricas:

O amante de Hero
Da luz guiado,
Co peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar.
Se o Helesponto
Se encapelava,
Ah! não deixava
De lhe ir falar.[13]

Um tópico que muito se destaca nesta poesia empenhada na redescoberta da natureza e empenhada em preceitos oriundos, principalmente, das estéticas de Horácio e Boileau, é o *artesanato poético.* Gonzaga parte de um tema simples, o bucolismo amoroso pastoril, e o submete a um tratamento baseado nas constantes repetições de clichês retóricos disponíveis ao horizonte de expectativas da série literária de seu tempo, tais como o *fugere urbem:* a fuga do ambiente citadino, pela construção de um cenário bucólico, pastoril e suave, propício à ambiência das "festas galantes", em que se mescla o gosto aristocrático rococó; o *carpe diem*: a captação do tempo como algo que flui, que necessita ser vivido no presente; o *locus amoenus:* complemento do *fugere urbem*, pois indica o cenário de amenidades, o sítio bucólico, o lugar aprazível construído entre as "claras e frescas águas de cristal", motivo freqüente na poesia do renascimento. Esta nostalgia da vida rústica[15] é interpretada por alguns teóricos, dentre eles Arnold Hauser, como uma represália contra a complexidade crescente da vida nas cortes e nas cidades; e a *aurea mediocritas*, que consiste na valorização das coisas medianas, cotidianas, simples, focalizadas pela razão e pelo bom senso. A obra de Tomás Antôno Gonzaga[16] (1744–1810) surge, portanto, num período artístico de grande importância para a vida cultural portuguesa e brasileira. Ela coincide com a consolidação do movimento academicista, formado por uma elite letrada que se reunia em torno da discussão de interesses comuns sobre a produção da arte e da ciência. Num Brasil colonial, economicamente dependente da metrópole lusitana e das modas culturais européias, recebiam-se com atraso os ecos de propostas que surgiram em Roma, por volta do fim do século XVII, que apenas chegaram ao Brasil em meados do século XVIII. Contudo, Gonzaga consegue inovar, principalmente no que concerne ao ritmo e à estrofação das liras que, se derivam das odes anacreônticas (o canto de amor pastoril), complementam e ampliam de forma pessoal o acervo técnico. Os principais aspectos de sua renovação, destacados por Waltensir Dutra,[17] implicam na precisão pouco poética do vocabulário, cujo poder de

"sugestão" é reduzido ao mínimo, o perfeito equilíbrio de sons agudos e graves, o que confere às liras um ritmo normalmente binário; a inclinação pelas estrofes de quatro a sete versos, com padrão variável, e o uso de rimas agudas antes das graves. Apesar do arranjo formal nitidamente elaborado, Gonzaga consegue imprimir em sua poesia certa marca de naturalidade e improviso, tal a perícia com que maneja o instrumental técnico de que se vale. Normalmente situada no Arcadismo,[18] a obra de Gonzaga todavia melhor se alinha num cruzamento[19] peculiar de tendências, mesclando procedimentos rococós, neoclássicos e pré-românticos. Do Rococó exibe em tudo a marca do intimismo e do prazer, a presença da mulher e a recuperação do sentido lúdico de uma literatura de salão, de gosto plástico e pastoril, embora haja em seus versos o esbatimento da nota de prazer hedonista muito forte no Rococó europeu, e sensível na obra de Antoine Watteau (1684–1721), pintor francês famoso por suas "festas galantes", de estilo pastoril aristocrático. O Rococó sugere um ritmo breve, sincopado, um ambiente agradável e sem profundezas ou dilemas, com traços de lascívia amorosa. Do Arcadismo, Gozaga apreende e retoma os conceitos horacianos de poetar, numa compreensão da obra de arte como reinvenção do natural e do ideal da *aurea mediocritas*, em tudo o que isto tem de anseio de vida envolvida na mediania, no repúdio ao excesso. Do Pré-Romantismo, Gonzaga retira o impulso à internalização psicológica, especialmente no traçado do perfil do pastor Dirceu, e o toque localista, ainda que raro em sua poesia, de mostrar não mais o rígido pano-de-fundo bucólico-pastoril, que tudo reduz aos amenos campos de verdores, mas a Vila Rica de seu tempo. Esta atitude localista é muito bem observada nos árcades em estudo de Afonso Ávila sobre a lírica mineira:

> [...] os autores coloniais, presos embora à tutela dos modelos portugueses, traíam já em suas composições poéticas ou nas descrições em prosa a sublimação da paisagem natural. [...] E o fato de haverem muitas vezes conformado sua imaginação ao fenômeno edenista, numa identificação psicológica com o colono comum, influiu mesmo para que se preparasse entre nós o advento do romantismo, antecipado, aliás, na inovação rítmica de um Gonzaga, ou na linguagem de um Silva Alvarenga.[20]

Antonio Candido afirma que o poeta Gonzaga existe, na realidade, de 1782 a 1792, como se nele explodisse um poeta na eclosão da crise afetiva e política, o que o distinguiria de Cláudio Manuel da Costa,

> cuja atividade parece um longo, consciencioso artesanato de escritor, no sentido estrito da palavra. O problema consiste em avaliar até que ponto a *Marília de Dirceu* é um poema de lirismo amoroso tecido à volta duma experiência concreta — a paixão, o noivado, a separação de Dirceu (Gonzaga) e Marília (Maria Dorotéia Joaquina de Seixas) — ou o roteiro de uma personalidade, que se analisa e expõe, a pretexto da referida expe-

riência. É certo que os dois aspectos não se apartam, nem se apresentam como alternativas. Mas é certo que o significado da obra de Gonzaga varia conforme aceitemos a predominância de um ou de outro.[21]

É complexo o problema do estabelecimento do texto crítico das poesias de Tomás Antônio Gonzaga. Segundo especialistas no assunto, são confiáveis as primeiras edições de cada uma das três partes da obra lírica, publicadas, respectivamente, em 1792, 1799 e 1812, descartando-se a falsa parte III, de 1800. No Brasil, duas edições têm servido de suporte para os trabalhos acerca do poeta mineiro: a edição elaborada por Afonso Arinos de Melo Franco, que mantém a subdivisão da obra poética em três partes, e a de Rodrigues Lapa, que a altera. A considerar-se a séria e documentada pesquisa de Manuel Rodrigues Lapa, a obra poética de Gonzaga não se restringe aos textos das liras, encômios e sonetos, que se tecem sob o signo de Marílias, Nises, Altéias, Lauras, Lidoras e Ormias, pastoras construídas a partir das convenções rococós e arcádicas, mas estende-se também à sátira das *Cartas chilenas*.[22] Peças satíricas, as cartas funcionam como um amplo documento de época, num texto alegórico contra os desmandos do poder de um mandatário corrupto, o Fanfarrão Minésio, contra o qual impreca o remetente, Critilo. Segundo Antonio Candido,

> na terrível e impiedosa sátira, Critilo apresenta-nos um tipo exemplar de conservadorismo, cheio de respeito ao regime governamental então vigente, de que o Fanfarrão não era uma exceção.[23]

Sobre o conjunto da obra do Autor resta ainda mencionar o *Tratado de direito natural* (1768), texto menor a ensaístico, em que o poeta louva em teses ainda absolutistas, o direito divino do monarca que, segundo Gonzaga, não devia ser de modo algum subordinado ao povo. Daquele que louva o Monarca como ser supremo, ao intelectual que se envolveria na Inconfidência, ainda que de forma discutível e com aspectos sombrios, Gonzaga desenvolveu diversificada trajetória, na qual, sobretudo, destaca-se sua faceta sem dúvida maior, a do poeta lírico-amoroso.

A segunda metade do século XVIII é uma verdadeira encruzilhada de caminhos, seja na Europa, seja no Brasil. Na Europa, a mensagem liberalizante do período tem a ver não só com os ideais do Iluminismo francês, mas também com a experiência de uma burguesia incipiente, vinculada ao comércio e à indústria, principalmente na Inglaterra, onde isto provocaria o alargamento das concessões políticas por parte do governo inglês à colônia norte-americana, o que acabou por contribuir para a independência da América do Norte. Cada região da Europa vai apresentar, no período, uma feição específica, seja no desenvolvimento científico, econômico e político, não sendo possível falar da Europa como um bloco

coeso de tendências. Enquanto a Inglaterra já fizera sua experiência com o Parlamento, e contava com dois partidos, o dos trabalhadores e o da nobreza, a França vivia o absolutismo de Luís XVI, e Portugal experimentava o "despotismo esclarecido" do marquês de Pombal. Se da primeira revolução industrial, ocorrida na Inglaterra, viria o impulso para a crença no progresso técnico-científico e na racionalidade da produção, da filosofia iluminista iriam aflorar as bases espirituais e intelectuais do novo contrato social. A correlação do Iluminismo com as demais tendências gerará contradições internas, como por exemplo o fato de que se procede no período ao culto da natureza e da valorização do homem natural e, simultaneamente, que se intensifique a sujeição do natural ao capital e a conseqüente transformação das relações entre o homem e a natureza em relações pragmático-econômicas, como as que se desenvolvem entre os personagens Robinson Crusoe e Sexta-Feira, no único livro (o *Robinson Crusoe*) que Rousseau permitiria que o aluno Émile viesse a ler.

A história do século XVIII poderia ser descrita, então, como a da passagem de uma ordem social em que há conexão entre o poder secular e a fé (e de cujo escopo emergiu a doutrina do direito divino), para uma ordem social em que se busca a conexão da razão com o Iluminismo e com a figura do indivíduo e da qual emerge a figura do homem empreendedor (*homo economicus*, a que se refere Ian Watt, quando comenta os empiristas do século XVII e a projeção de seu ideário na formação do pensamento do século XVIII inglês.[24]) Como se vê, o período está bastante distante do esquematismo dos manuais, que o apresentam de modo raso e superficial. Assim, contradições amplas são encontráveis também no Brasil, especialmente no universo social da Vila Rica mineira. A situação econômica e social de Minas Gerais, na década de 1780, era distinta da das demais capitanias do norte da colônia. Minas alcançara um desenvolvimentocontrário ao que Lisboa considerava ser função de uma capitania colonial: ali emergia uma elite letrada cada vez mais representativa. Nos últimos quarenta anos, mineiros ricos tinham enviado seus filhos à Universidade de Coimbra, o que lhes possibilitara o contato com fontes intelectuais européias, apesar do clima conservador daquele centro cultural português. Poderosas forças geraram, então, no Brasil, uma espécie de ambiente "urbano" que começa a se contrapor ao conceito de dependência colonial desejado por Lisboa. Era de se esperar que de tal semente germinasse a Inconfidência, cenário de grande parte das liras de Gonzaga.

A Inconfidência Mineira reúne no Brasil vários segmentos sociais, formados por intelectuais, religiosos, militares, comerciantes, além de um contingente popular. Na sua obra *A devassa da devassa*,[25] Kenneth Maxwell mostra que os interesses que reuniam esses vários grupos num objetivo comum estava longe de ser o mesmo. Apesar de fazer

parte do programa da luta a emancipação dos escravos, nascidos no país, não se previa qualquer novo ajuste social básico, além do anseio comum de desfechar um golpe no domíno português sobre o Brasil. De modo geral, o interesse das elites econômicas preponderava: seriam implantadas manufaturas, seria estimulada a exploração do minério de ferro, além de ter sido planejada a criação de uma fábrica de pólvora. Outro aspecto importante realçado por Maxwell é o fato de que os ricos empresários, que participavam às ocultas do movimento, e que foram depois protegidos pelo Visconde de Barbacena, aderiram não por idealismo, mas em face das dívidas contraídas com a Coroa, mediante a extorsiva política de impostos, e em face da liberação fiscal com que lhes acenavam os Inconfidentes. Diverso parece ter sido o comportamento dos intelectuais. Gonzaga, Alvarenga, Cláudio Manuel da Costa, por exemplo, pareciam estar mergulhados no clima de afirmação da independência política e da liberdade social. Gonzaga gozava de credibilidade na colônia, respeitado pelo saber jurídico, sua posição de ouvidor e sua arte. Que motivos teriam impelido o poeta a integrar o grupo dos Inconfidentes? Segundo o depoimento de José Ignácio de Alvarenga, referido por Maxwell, Gonzaga teria sido indicado pelos revoltosos para o posto de comando, que exerceria durante três anos, após o que haveria eleições. Ainda que tenham sido encontradas, entre seus documentos, cartas incriminadoras do padre Rolim, Gonzaga, durante sua defesa frente ao Tribunal da Santa Inquisição aqui implantado para o julgamento do processo contra os Inconfidentes, nega ter participado do movimento, o que também faz em algumas de suas liras, a exemplo deste fragmento:

> Embora contra mim, raivoso, esgrima
> Da vil calúnia a cortadora espada,
> Uma alma, qual eu tenho,
> Não se receia a nada.
> Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolência,
> Pisar-lhe o negro colo, abrir-lhe o peito
> Co'as armas invencíveis da inocência.[26]

Em que pese a legítima defesa diante do assustador tribunal, este movimento de avanço e recuo, esta mescla de posições idealistas e pragmáticas é uma característica que assoma não só neste momento da vida do árcade Gonzaga, mas também em relação à obra ensaística e à sátira que lhe é atribuída. A esta ambigüidade já nos referimos, através de Antonio Candido, quando sublinhamos que o crítico apontava o caráter conservador da sátira de Critilo, capaz de um libelo contra o Fanfarrão Minésio, mas incapaz de contestar o poder central da Metrópole. Também acerca de seu *Tratado de direito natural* (1768) cumpre falar desse conser-

vadorismo. Contemporâneo do *Contrato social* de Rousseau (1762), a obra abdica, por malévola e dificultosa, da colaboração popular através do sufrágio universal, proposta defendida por Rousseau. Também tematicamente suas liras se chocam, por vezes, com a suposta atuação pessoal de Gonzaga como inconfidente. O exame de suas liras o revela. Na lira "Eu vejo aquela deusa", o poeta Gonzaga denuncia Tiradentes, chamando-o "demente", e ao levante, "insulto".

> O mesmo autor do insulto
> Mais a riso do que a terror me move;
> Deu-lhe nesta loucura,
> Podia-se fazer Netuno ou Jove.
> A prudência é tratá-lo por demente;
> Ou prendê-lo, ou entregá-lo,
> Para zombar dele a moça gente .[27]

Ainda nesta mesma lira procura atestar sua inocência:

> Achas também que sou tão pouco esperto,
> Que um bem tão contingente
> Me obrigasse a perder um bem já certo?[28]

Na lira "Não praguejes, Marília, não praguejes" protesta novamente sua inocência, faz o elogio do visconde de Barbacena e presta-lhe subserviência:

> Eu também inda adoro ao grande chefe,
> Bem que a prisão me dá, que eu não mereço.
> Qual eu sou, minha bela, não me trata,
> Trata qual pareço.
>
> Quem suspira, Marília, quando pune
> Ao vassalo, que julga delinqüente,
> Que gosto não terá, podendo dar-lhe
> As honras de inocente?[29]

A estes detalhes, chama-os Antonio Candido

> tricas de defesa, equivalentes às que desenvolveu com habilidade no decorrer do processo,

argumentando que Gonzaga teria tido na Inconfidência

> um papel vagamente marginal, se é que teve algum.[30]

Se nas *Cartas chilenas* pode-se falar de um conflito, melhor até, de uma oscilação entre uma aparente posição crítica e um posicionamento conservador, com a dominância deste, na obra lírica a questão é outra. Num trabalho exemplar, sobre as liras, Antonio Candido[31] aponta uma dualidade sobre a qual se deve refletir: nelas, o pastor Dirceu contracena com o poeta

Gonzaga; assim como o cantor de Marília tem seu duplo no cantor de si mesmo, de tal modo que podemos entrever "Dirceu de Marília" na *Marília de Dirceu.* Mostra Candido que, na segunda parte das liras, as da fase da prisão, há vinte e um versos sobre trinta e seis em que Dirceu é o próprio centro dos poemas, e nos quais Gonzaga dá um depoimento sobre sua situação pessoal. Nestas liras, a autenticidade biográfica, histórica, o paisagismo mineiro se fazem presentes, bem como o traço individualista se une a um realismo que desfaz o cunho de delegação poética rococó das liras da primeira parte, intimamente vinculadas aos padrões anacreônticos das odes despretensiosas em que se canta uma vaga pastora incaracterística.

Diante do que se observou até aqui, é cabível que se enfeixe a obra lírica de Gonzaga num movimento que se organiza em dois eixos. O primeiro toma como tema central uma de suas pastoras mais enfaticamente referidas — Marília, e sobre ela compõe "o ciclo de Marília". Este ciclo, por sua vez, pode ser subdividido (atentando-se para o que nos diz Candido) em dois sub-movimentos: *Marília de Dirceu* e "Dirceu de Marília". As demais peças líricas enfeixam um segundo movimento que toma como tema central o "Ciclo de pastoras diversas", em que se situam os textos que tratam das "pastoras" Ormia, Lidora, Laura, Nise e Altéia. Quanto ao primeiro ciclo — que, como já dissemos, é binário pois tanto se tem o cantar de Marília, tomando-a como centro do interesse, quanto um movimento egocêntrico do pastor Dirceu, a falar de si mesmo —, se triparte em organização temática simétrica, embora com inversões, em que se apresentam os personagens, suas aspirações e o ambiente onde tudo isto ocorre. Assim, são apresentados os retratos da amada e os do amado; os anseios de amor e os de liberdade; e o cenário alegre e ameno em que Marília desponta como pastora bucólica, a contrapor-se com o cenário dramático e triste da masmorra onde está encerrado o pastor. Algumas vezes Dirceu apresenta sua amada tecendo-lhe e enaltecendo-lhe os dotes de beleza física, e ela se apresentando como servo, num misto de coita de amor e de vasssalagem no cenário bucólico:

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A língua prendeu-se,
Tremi e mudou-se
Das faces a cor.
Marília, escuta
Um triste pastor.
[...] Dispus-me a servir-te;
Levava o teu gado
À fonte mais clara,
À vargem e prado
De relva melhor.

Marília, escuta
Um triste pastor.[...][32]

Outras vezes, é a si mesmo que pinta, sentindo ciúmes da amada, indagando dos efeitos de descontrole que nele provoca o amor:

Saio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sítio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janela;
Aonde, Marília bela,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortesia, se acende na face a cor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de amor? [...][33]

Outras tantas vezes, desponta o pastor, que se auto-retrata como homem versado em preitos e leis, varão piedoso, avesso às atitudes guerreiras, trazendo ao leitor a concepção do homem pacificado pela ambição do lar feliz, exposando o ideal da mediania,

[...] apoucado,
Mas contente.[...][34]

Sobre este aspecto, o crítico português Fernando Cristóvão diz algo digno de nota:

> O herói Dirceu-Gonzaga ressente-se de demasiadas contradições [...]. Coexistem e operam nele os dois modelos antagônicos que provocaram a "crise de consciência" do século XVIII: o do *honnête homme* e o do herói romântico. O primeiro domina-lhe a razão e regula a sua vida social, ditando-lhe o dever, a ordem, o respeito às hierarquias, a contensão. O segundo comanda-lhe os sentimentos, dirige a sua vida pessoal insinuando-lhe uma filosofia de valores que visa, em última instância, uma outra troca fundamental, a da prioridade dos direitos sobre a dos deveres.[35]

Há também casos em que uma mesma lira recebe mais de uma versão, com variações sobre o tema e o estilo, como ocorre entre as três liras "Eu não sou, minha Nise, pegureiro"; "Eu, Marília, não sou algum vaqueiro", e "Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro". Interessante também notar que, nestas repetições diferenciadas, estão contidos alguns elementos do estilo de Gonzaga, já referidos anteriormente: a imitação de modelos; a interpenetração dos ciclos (o de Marília com o das outras pastoras), a ênfase da reflexão do pastor Dirceu sobre si mesmo, tomando as "pastoras" como pretexto para o volteio narcísico pré-romântico, e a auto-homenagem do homem letrado, que não se toma, nem quer ser tomado,

por "qualquer vaqueiro". A lira que menciona a pastora Nise — e cuja primeira estrofe é

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva de guardar alheio gado;
Nem sou pastor grosseiro,
Dos frios gelos e do sol queimado,
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela! [...][36]

— pouco se distingue da lira em que Marília e Dirceu surgem, também descritos no presente:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite
E mais as finas lãs de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela! [...][37]

A diferenciar as duas liras que se intertextualizam, acentua-se nesta o caráter de possuidor de bens, de "bom partido" do candidato à mão da jovem e bela pastora, ao que se alia o ideal da *aurea mediocritas*, pois o amor proposto por Dirceu não se nutre só de amor, tem "próprio casal", finas lãs e gado que se estende ao longo de todo o verde prado. Assim, longe está o pastor, nesta lira, não só do "amor e uma cabana" como também dos anseios pré-românticos que, em outras liras, fazem com que o ciúme e o desejo amoroso venham a chamuscar-lhe a racionalidade. Além disso, enquanto na lira em que Nise é mencionada acumulam-se citações de personagens históricos célebres (Cresso e Aníbal), na que homenageia a pastora Marília, a causa do amor ganha relevo:

É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho que cubra monte e prado,
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.

No exame destas glosas a um mesmo mote, chega-se à terceira lira citada[38].

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua ladeia;
Vestia finas lãs e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado,

> Nem tenho a que me encoste um só cajado. [...]

Abandonado por sua estrela (o refrão que aparece nas outras duas liras está ausente nesta), o pastor já não se reporta a Aníbais nem a Cressos. Estrela perdida, grandeza perdida, desprovido do necessário, o pastor contempla o passado e teme perder também a amada:

> Para ter que dar, é que eu queria
> De mor rebanho, ainda ser o dono; [...]

E planeja o recomeço:

> Fiadas comprarei as ovelhinhas,
> Que pagarei dos poucos do meu ganho;
> E dentro em pouco tempo nos veremos
> Senhores outra vez de um rebanho. [...].

Sorte mofina, agarra-se o pastor aos ideais da *aurea mediocritas* e pensa no soerguimento, passo a passo. Realista cauteloso, misturam-se num só perfil o pastor Dirceu e o poeta Gonzaga, como já havia, a título de outros textos e motivos, comentado agudamente Antonio Candido. Lira e lei se misturam, neste painel gonzaguiano setecentista da lírica arcádica, entramando, num quadro complexo, o poeta, o réu, a lira, a lei e o processo, num conluio em que o lírico e o traçado real da existência se enlaçam, articulando literatura e vida cultural.

Fim de "Introdução de
Tomás Antônio Gonzaga"

Marília de Dirceu

Primeira Parte

Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,[1]
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela![2]

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado;
Os Pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:[3]
Ao som dela concerto[4] a voz celeste
Nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu afeto me segura
Que queres do que tenho ser Senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho, e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoila ou rosa delicada e fina
Te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;[5]
Teu lindo corpo bálsamo vapora.
Ah! não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para Glória de amor igual Tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio, sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui[6] descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço;
Enquanto a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei[7] teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes".
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

LIRA II

Pintam, Marília, os Poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de setas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras asas nos ombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja Amor, pois ele
Nem é moço nem é cego,
Nem setas nem asas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que ele já feriu meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os de Apolo mais belos;
Mas de loura cor não são.
Têm a cor da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sombrancelhas
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns sóis.
Aqui vence Amor ao Céu:
Que no dia luminoso
O Céu tem um Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.[8]

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.

Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e ele
Conheceu haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;
Ele, ouvindo os seus louvores,
Com um modo[9] desdenhoso
Se sorriu e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deu também resposta,
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,
Animado da esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cansado coração.
Pego em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobriu-se todo de pejo,
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Contigo estarás dizendo
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é Deus suposto:
Se há Cupido, é só teu rosto,
Que ele foi quem me venceu.

Lira III

De amar, minha Marília, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adoram os Heróis, e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marília, despreza uma beleza
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no céu. O grande Jove
Uma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as várias formas
De General de Tebas, velha e touro.[10]
O próprio Deus da Guerra, desumano,
Não viveu de amor ileso;
Quis a Vênus, e foi preso
Na rede, que lhe armou o Deus Vulcano.[11]

Mas sendo Amor igual para os viventes,
Tem mais desculpa ou menos esta chama:
Amar formosos rostos acredita,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa
Que amou vulgar donzela:
Lê que amou a Dánae bela,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar uma beleza se desculpa
Em quem ao próprio céu e terra move,
Qual é a minha glória, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deuses Soberano
Um semblante peregrino;
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.[12]

Lira IV[13]

Marília, teus olhos
São réus e culpados
Que sofra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A língua prendeu-se,
Tremi e mudou-se
Das faces a cor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Dispus-me a servir-te;
Levava o teu gado
À fonte mais clara,
À vargem e prado
De relva melhor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia nos ninhos[14]
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Se alguém te louvava,
De gosto me enchia;
Mas sempre o ciúme
No rosto acendia
Um vivo calor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceu se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceu suspirava
À força da dor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Falando com Laura,[15]
Marília dizia;
Sorria-se aquela,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Movida, Marília,
De tanta ternura,
Nos braços me deste
Da tua fé pura
Um doce penhor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura,
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a Olaia frondosa,

Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tirano
Te obriga a deixar-me,
Pois busca o meu dano
Da sorte que for.
Marília, escuta
Um triste Pastor.

Lira V

Acaso são estes
Os sítios formosos,
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto pastava
O manso[16] rebanho,
Que Alceu[17] me deixou?

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.[18]
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquele penhasco
Um rio caía;
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos, alegre,[19]
Aqui repetia;
O Eco as palavras
Três vezes dizia.
Se chamo por ele,
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais que lhe dou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria sereno,
Por margens cobertas
De flores e feno;
À esquerda se erguia
Um bosque fechado;
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?

Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca secou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade.
Os sítios formosos,
Que já me agradaram,
Ah! não se mudaram;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

LIRA VI

Oh! quanto pode em nós a vária[20] Estrela!
Que diversos que são os gênios[21] nossos!
Qual solta a branca vela,
E afronta sobre o pinho os mares grossos;
Qual cinge com a malha o peito duro,
E, marchando na frente das coortes,
Faz a torre voar, cair o muro.

O sórdido avarento em vão defende[22]
Que possa o filho entrar no seu Tesouro:
Aqui, fechado, estende

Sobre a tábua, que verga, as barras de ouro;
Sacode o jogador do copo os dados;
E numa noite só, que ao sono rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gula o vício adora,
Da lauta mesa o seus prazeres fia;
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o gênio o guia.
O sábio Galileu toma o compasso,
E, sem voar ao Céu, calcula e mede
Das Estrelas e sol o imenso espaço.

Enquanto, pois, Marília, a vária gente
Se deixa conduzir do próprio gosto,
Passo as horas contente,
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se move,
Ou se a terra volteia, assim conheço
Aonde chega a mão[23] do grande Jove.

Noto, gentil Marília, os teus cabelos;
E noto as faces de jasmins e rosas;
Noto os teus olhos belos,
Os brancos dentes e as feições mimosas.
Quem fez uma obra tão perfeita e linda,
Minha bela Marília, também pode
Fazer os Céus, e mais, se há mais ainda.

Lira VII

Vou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como? se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores!
Dar-mas a terra não pode;
Não, que a sua cor mimosa
Vence o lírio, vence a rosa,
O jasmim e as outras flores.
Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.[24]

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Cores, que sejam iguais.
Porém não, que em paralelo
Da minha ninfa adorada
Pérolas não valem nada,
Não valem nada os corais.[25]
Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Só no céu achar-se podem
Tais belezas como aquelas,
Que Marília tem nos olhos,
E que tem nas faces belas;
Mas às faces graciosas,
Aos negros olhos, que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras nem Estrelas.
Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esfera;
Venha Palas, venha Juno,
Venha a Deusa de Citera.[26]
Porém, não, que se Marília
No certame antigo entrasse,
Bem que a Páris não peitasse,
A todas as três vencera.
Vai-te, Amor, em vão socorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato
Não bastam tintas do céu.

Lira VIII

Marília, de que te queixas?
De que te roube Dirceu
O sincero coração?
Não te deu também o seu?
E tu, Marília, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,
Não rulam ternos pombinhos?
E rulam, Marília, em vão?
Não se afagam c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Já viste, minha Marília,
Avezinhas que não façam
Os seus ninhos no verão?
Aquelas, com quem se enlaçam,
Não vão cantar-lhes defronte
Do mole pouso[27] em que estão?
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marília, geram
Nos bravos mares e rios,
Tudo efeitos de amor são.
Amam os brutos impios,[28]
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes Deusas do Céu
Sentem a seta tirana
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endimião?[29]
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marília bela,
De uma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chama é inspirada
Pelo céu, pois nela assenta
A nossa conservação.
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Lira IX

Eu sou, gentil Marília, eu sou cativo;
Porém não me venceu a mão armada
De ferro e de furor:
Uma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força que não seja
À tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadeias nas bigornas trabalhadas
Com pesados martelos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabelos.

Oculto nos teus meigos, vivos olhos,
Cupido a tudo faz tirana guerra,
Sacode a seta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empíreo,
E chega ainda quente.

As abelhas, nas asas suspendidas,
Tiram, Marília, os sucos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beiços graciosos,
Ambrósias chupam, chupam mil feitiços[30]
Nunca fartos Amores.

O vento, quando parte em largas fitas
As folhas, que meneia com brandura;
A fonte cristalina,
Que sobre as pedras cai de imensa altura,
Não forma um som tão doce, como forma
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitam,
Exalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Se encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropelem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas asas e o pescoço;
A Nau, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marília,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prezo o cativeiro, sim, nem chamo
À mão de Amor impia;
Honro a virtude, e teus dotes amo:
Também o grande Aquiles veste a saia,
Também Alcides fia.[31]

Lira X

Se existe um peito,
Que isento viva
Da chama ativa,
Que acende Amor,
Ah! não habite

Neste montado,
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o Ímpio
Aqui se esconde,
Não sei aonde,
Mas sei que o vi.
Traz novas setas,
Arco robusto;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortais,
Quantos sinais
O ímpio tem.
Oh! como é justo
Que todo o humano
Um tal tirano
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe;
Mas quem resiste
Ao braço seu?
Ao negro Inferno
Levou a guerra;
Venceu a terra,
Venceu o Céu.[32]

Jamais se cobrem
Seus membros belos;
E os seus cabelos
Que lindos são!
Vendados olhos,
Que tudo alcançam,
E jamais lançam
A seta em vão!

As suas faces
São cor da neve;
E a boca breve

Só risos tem.
Mas, ah! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêem.[33]

Aljava grande,
Dependurada,
Sempre atacada[34]
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a seta falta,
Tem outra pronta,
Que a dura ponta
Jamais torceu.
Ninguém resiste
Aos golpes dela:
Marília bela
Foi quem lha deu.

Ah! não sustente
Dura peleja[35]
O que deseja
Ser vencedor!
Fuja e não olhe,
Que só fugindo
De um rosto lindo
Se vence Amor.

Lira XI

Não toques, minha Musa, não, não toques
Na sonorosa[36] Lira,
Que às almas, como a minha, namoradas,
Doces canções inspira;
Assopra no clarim que, apenas soa,
Enche de assombro a terra;

Naquele, a cujo som cantou Homero,
Cantou Vergílio a Guerra.
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma
Cupido o seu tesouro,
Vivos olhos e faces cor de neve,
Com crespos fios de ouro:
Meus olhos só vêem gramas e loureiros;
Vêem carvalhos e palmas;
Vêem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Herói,[37] que já no berço
As Serpes despedaça;
Que fere os Cacos, que destronca as Hidras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães e Tifeus;
Que arrancam as montanhas, e atrevidos
Levam armas aos céus.
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.[38]

Anima, pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz também levanto;
Porém tu deste muito acima o ponto,
Dirceu não pode tanto.
Abaixa, minha Musa, o tom que ergueste,
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Herói* e *Guerra*,
E só *Marília* digo.
Deixemos, ó Musa,

Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se afina,
E a humana voz parece que ao som delas
Se faz também divina.
O mesmo, que cercou de muro a Tebas,
Não canta assim tão terno;[39]
Nem pode competir comigo aquele
Que desceu ao negro Inferno.[40]
Deixemos, ó Musa,
Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marília*, as doces aves
Mostram sinais de espanto;
Erguem os colos, voltam as cabeças,
Param o ledo canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come.
Quanto podem meus versos! Quanto pode
Só de Marília o nome!
Deixemos, ó Musa,
Empresa maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

LIRA XII

Topei um dia
Ao Deus vendado,
Que, descuidado,
Não tinha as setas
Na ímpia mão.
Mal o conheço
Me sobe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva acende
No coração.

Morre, tirano,
Morre inimigo!
Mal isto digo,
Raivoso o aperto
Nos braços meus.
Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Também me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ser levanto;
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão!
Pôde suster-se
A vez primeira;
Mas à terceira,
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cansado
Peito, que arqueja,
Mil golpes deu.
Suou seu corpo;
Tremeu gemendo;
E a cor perdendo,
Bateu as asas;
Enfim, morreu.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pele
Vestiu daquele
Grenhoso bruto,
A quem matou,[41]
Para que prove
A empresa honrada
Co'a mão manchada,
Recolho as setas,
Que me deixou.

Ouviu Marília
Que Amor gritava,
E como estava
Vizinha ao sítio,
Valer-lhe vem.
Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O fero monstro
Indício tem.

Então Marília,
Que o vê de perto,
De pó coberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E aflita dando
Um ai, os olhos
Levanta ao Céu.

Chega-se a ele,
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.
Então o monstro
Dando um suspiro,
Fazendo um giro,
Co'a baça vista,
Ressuscitou.

Respira a Deusa;
E vem o gosto
Fazer no rosto
O mesmo efeito,
Que fez a dor.
Que louca idéia
Foi a que tive!
Enquanto vive
Marília bela,
Não morre Amor.

Lira XIII

Oh! quantos riscos,
Marília bela,
Não atropela
Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!
Um peito forte,
De acordo[42] falto,
Zomba do assalto,
Do vil traidor.

O amante de Hero[43]
Da luz guiado,
C'o peito ousado,
Na escura noite
Rompia o mar.
Se o Helesponto
Se encapelava,
Ah! não deixava
De lhe ir falar.

Do cantor Trácio
A heroicidade,
Esta verdade,
Minha Marília,
Prova também:
Cheio de esforço
Vai ao Cocito
Buscar aflito
Seu doce bem.[44]

Que ação tão grande,
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração:
Pendentes rochas
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem ervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Aqueronte,
Rio de ardente,
Mortal licor.
Tem o barqueiro[45]
Testa enrugada,
Vista inflamada,
Que mete horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.
Por três gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão.[46]

Dentro da cova
Soam lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!
Minos a pena[47]
Manda se intime
Igual ao crime,
Que ali conduz.

Grande penedo
Este carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.
A pedra sempre
Ao vale desce,
Sem que ele cesse
De a ir buscar.[48]

Nas limpas águas
Habita aquele;

Por cima dele
Verdejam ramos,
Que pomos dão.
Debalde a boca
Molhar pertende;[49]
Debalde estende
Faminta mão.[50]

Tem outro o peito
Despedaçado:
Monstro esfaimado
Jamais descansa
De lho roer.
A roxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.[51]

Mas, bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lira
Desce ao Averno[52]
O bom Cantor.
Não se entorpece
A língua e braço;
Não treme o passo,
Não perde a cor.

Ah! também quanto
Dirceu obrara,
Se precisara
Marília bela
Do esforço seu!
Rompera os mares
C'o peito terno,
Fora ao Inferno,
Subira ao Céu.

Aos dois amantes,
De Trácia e Abido,[53]
Não deu Cupido
Do que aos mais todos

Maior valor.
Por seus vassalos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os graus de Amor.

Lira XIV

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos Deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do Céu brilhante,
Já foi Pastor de gado.[54]

A devorante mão da negra Morte[55]
Acaba de roubar o bem que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte;
Qual fica no Sepulcro,
Que seus avós ergueram, descansado;
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.
Um coração que, frouxo,
A grata posse de seu bem difere,[56]
A si, Marília, a si próprio rouba,
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito;
Prendamos-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste, o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
É dote que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marília bela?
Que vão passando os florescentes dias?
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
E pode enfim mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

Lira XV

A minha bela Marília
Tem de seu um bom tesouro;
Não é, doce Alceu, formado
Do buscado
Metal louro;
É feito de uns alvos dentes,
É feito de uns olhos belos,
De umas faces graciosas,
De crespos, finos cabelos,
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deu:
Bens que valem sobre a terra,
E que têm valor no Céu.

Eu posso romper os montes,
Dar às correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
Nos caudosos,
Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando, astuto, a riqueza;

Mas, ah! caro Alceu, quem pode
Ganhar uma só beleza
Das belezas que Marília
No seu tesouro meteu?
Bens que valem sobre a terra,
E que têm valor no Céu.

Da sorte que vive o rico,
Entre o fausto, alegremente,
Vive o guardador de gado,[57]
Apoucado,
Mas contente.
Beije pois torpe avarento
As arcas, de barras cheias;
Eu não beijo os vis tesouros;
Beijo as douradas cadeias,
Beijo as setas, beijo as armas
Com que o cego Amor venceu:
Bens que valem sobre a terra,
E que têm valor no Céu.

Ama Apolo, o fero Marte,[58]
Ama, Alceu, o mesmo Jove:
Não é, não, a vã riqueza,
Sim beleza,
Quem os move.
Posto ao lado de Marília,
Mais que mortal me contemplo;
Deixo os bens, que aos homens cegam,
Sigo dos Deuses o exemplo:
Amo virtudes e dotes;
Amo, enfim, prezado Alceu,
Bens que valem sobre a terra,
E que têm valor no Céu.

Lira XVI

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada.

Vejo a sua cor de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito cristalino;
Nem há cousa que assemelhe
Ao crespo cabelo louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um imenso tesouro!

Ela vence muito e muito
À laranjeira copada,
            Estando de flores
            E frutos ornada.
É, Glauceste, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bela fora,
O meu Glauceste cansava
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um imenso tesouro!

Sim, Eulina é uma Deusa;
Mas anima a formosura
            De uma alma de fera
            Ou inda mais dura.[59]
Ah! quando Alceu[60] pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o sofrimento,[61]
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale imenso tesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Também aos olhos é belo;
            Mas quando alumeia,
            Tu tremes de vê-lo.
Que importa se mostre cheia
De mil belezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata.

Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale imenso tesouro.

A minha Marília quanto
À natureza não deve!
Tem divino rosto
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gosto,
Ri-se Marília, contente:
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabelo louro.
A minha Marília vale,
Vale um imenso tesouro.

Lira XVII

Minha Marília,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar pode
A paz sagrada
Do peito teu?
Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante,
Também troveja
O claro céu.[62]

Eu sei, Marília,
Que outra Pastora[63]
A toda a hora,
Em toda a parte,
Cega namora
Ao teu Pastor.
Há sempre fumo
Aonde há fogo:
Assim, Marília,
Há zelos, logo,
Que existe amor.

Olha, Marília,
Na fonte[64] pura
A tua alvura,
A tua boca
E a compostura
Das mais feições.
                Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo,
Sem peles finas
No seu jubão.
                Porém que importa?
O rico asseio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição.[65]

Quando apareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada,
Sem fita ou flor;
                Ah! que então brilha
A natureza!
Então se mostra
Tua beleza
Inda maior.

O céu formoso,
Quando alumia
O sol de dia,
Ou estrelado,
Na noite fria,
Parece bem.
                Também tem graça

Quando amanhece;
Até, Marília,
Quando anoitece
Também a tem.

Que tens, Marília,
Que ela suspire,
Que ela delire,
Que corra os vales,
Que os montes gire,
Louca de amor?
Ela é que sente
Esta desdita;
E na repulsa
Mais se acredita
O teu pastor.

Quando há, Marília,
Alguma festa
Lá na floresta,
(Fala a verdade!)
Dança com esta
O bom Dirceu?
E se ela o busca,
Vendo buscar-se,
Não se levanta,
Não vai sentar-se
Ao lado teu?

Quando um por outro
Na rua passa,
Se ela diz graça
Ou muda o gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão?
Se está fronteira,
E brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão?

Deixa o ciúme,
Que te desvela,
Marília bela;
Nunca receies
Dano daquela
Que igual não for.
Que mais desejas?
Tens lindo aspecto;
Dirceu se alenta
De puro afecto,
De pundonor.

Lira XVIII

Não vês aquele velho respeitável,
Que, à muleta encostado,
Apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta!

Enrugaram-se as faces e perderam
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabelo em branca neve;
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
Nem tem uma beleza
Das belezas que teve.

Assim também serei, minha Marília,
Daqui a poucos anos,
Que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cairão, e os meus cabelos.[66]
Ah! sentirei os danos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada:
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

As frias tardes,[67] em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei contigo ao prado florescente:
Aqui[68] me buscarás um sítio ameno,
Onde os membros descanse,
E ao brando Sol[69] me aquente.

Apenas me sentar, então, movendo
Os olhos por aquela
Vistosa parte, que ficar fronteira,
Apontando direi: *Ali falamos,*
Ali, ó minha bela,
Te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria;
Farão teus olhos ternos outro tanto;
Então darei, Marília, frios beijos
Na mão formosa e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente
Meu corpo suportando
Do tempo desumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
Quem, sentida, chorando,
Meus baços olhos cerra.

Lira XIX

Enquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia Natureza.

Atende como aquela vaca preta
O novilhinho[70] seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.

Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima dela.

Repara como, cheia de ternura,
Entre as asas ao filho essa ave aquenta,
Como aquela esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,[71]
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto deles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E refletir então no seu semblante!
Quando, Marília, quando
Disser consigo: *É esta*
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma boca e testa.

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas e na boca
Do inocente filhinho!
Quando, Marília bela,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais, ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados;
Jogar outros na luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquilo, que de peso serve,
Inspira Amor doçura.

Lira XX

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro[72] botão.

Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
C'o dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

Mal viu a rotura
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho, beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele
Que feres e matas
Não tens compaixão?

LIRA XXI

Não sei, Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto,
Pois quanto não é Marília
Já não posso ver com gosto.
Noutra idade me alegrava
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:

Hoje, ó bela, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.[73]
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Saio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sítio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janela
Aonde, Marília bela,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortesia,
Se acende na face a cor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Se estou, Marília, contigo,
Não tenho um leve cuidado;
Nem me lembra se são horas
De levar à fonte o gado.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgosto;
Jamais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Ando já com o juízo,
Marília, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Meto de novo o arado.
Aqui no centeio pego,
Noutra parte em vão o sego;[74]
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coisa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marília me desvela,
Enche-se o peito de mágoa,
E não sei a causa dela.
Mal durmo, Marília, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gela-se o sangue nas veias,
E solto do sono[75] os laços
À força da imensa dor.
Ah! que os efeitos que sinto
Só são efeitos de Amor!

Lira XXII

Muito embora, Marília, muito embora
Outra beleza,[76] que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua;

As paredes da sala aonde habita
Adorne a seda e o tremó dourado;
Pendam largas cortinas, penda o lustre
Do teto apainelado,[77]

Tu não habitarás Palácios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás um Vate que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pálida morte a mão tirana
Arrasa os edifícios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que belezas, Marília, floresceram,
De quem nem sequer temos a memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a história.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer delas fosse linda,
Já não sabia o mundo se existiram
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bela, ser lembrada
Por quantos hão-de vir sábios humanos,
Que ter urcos, ter coches e tesouros,
Que morrem com os anos.

Lira XXIII

Num sítio ameno,
Cheio de rosas,
De brancos lírios,
Murtas viçosas,

Dos seus amores
Na companhia,
Dirceu passava
Alegre o dia.

Em tom de graça,
Ao terno amante
Manda Marília
Que toque e cante.

Pega na lira,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
À voz[78] divina.

Ela, que teve
De rir-se a idéia,
Nem move os olhos,
De assombro cheia.

Então Cupido
Aparecendo,
À bela fala,
Assim dizendo:

Do teu amado
A lira fias,
Só por que dele
Zombando rias?

Quando num peito
Assento faço,
Do peito subo
À lingua e braço.[79]

Nem creias que outro
Estilo tome,
Sendo eu o mestre,
A ação teu nome.

Lira XXIV

Encheu, minha Marília, o grande Jove
De imensos animais de toda a espécie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobres rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defesa,
A todos deu as armas, que convinha,
A sábia Natureza.[80]

Deu as asas aos pássaros ligeiros,
Deu ao peixe escamoso as barbatanas;
Deu veneno à serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra;
Com leve pé saltando o cervo foge;
E o bravo touro marra.

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deu-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros,
Que tecem fortes laços,
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vôos, mais os passos.

Às tímidas donzelas pertenceram
Outras armas, que têm dobrada força:
Deu-lhes a Natureza,
Além do entendimento, além dos braços,
As armas da beleza.
Só ela ao Céu se atreve,
Só ela mudar pode o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano[81]
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôs em campo, armada,
Toda a força da Grécia.[82]
E quem tirou o Cetro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrécia.[83]

Se podem lindos rostos, mal suspiram,
O braço desarmar do mesmo Aquiles;[84]
Se estes rostos irados
Podem soprar o fogo da discórdia
Em povos aliados,
És árbitra da terra:
Tu podes dar, Marília, a todo o mundo
A paz, e a dura guerra.

Lira XXV

O cego Cupido[85] um dia
Com os seus Gênios falava
Do modo que lhe restava

De cativar a Dirceu.
Depois de larga disputa,
Um dos Gênios mais sagazes
Este conselho lhe deu:

As setas mais aguçadas,
Como se em rocha batessem,
Dão nos seus peitos[86] e descem
Todas quebradas ao chão.
Só as graças de Marília
Podem vencer um tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta empresa
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor:
Que ele vive como as aves,
Que já deixaram as penas
No visco do Caçador.

Na força deste conselho
O raivoso Deus sossega,
E à tropa a honra entrega
De o fazer executar.
Todos pertendem ganhá-la;
Batem as asas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se ocultaram
Da Deusa nos olhos belos;
Qual se enlaçou nos cabelos,
Qual às faces se prendeu.
Um amorinho cansado
Caiu dos lábios ao seio,
E nos peitos se escondeu.

Outro Gênio mais astuto
Este novo ardil alcança:
Muda-se numa criança
De divino parecer;
Esconde as asas e a venda:
Esconde as setas e quanto
Pode dá-lo a conhecer.

Ela, que vê um menino
Todo de graças coberto,
Tão risonho e tão esperto
Ali sozinho brincar,
A ele endireita os passos;
Finge Amor ter medo, e a Deusa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ela corria chamando;
Ele fugia e chorava:
Assim foram onde estava
O descuidado Pastor.
Este, mal viu a beleza
E o gentil menino, entende
A malícia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos e, constante,
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir falar.
Qual Ulisses noutra idade
Para iludir as Sereias
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empresa via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.
Traçou a língua nos dentes;
Meteu as unhas no rosto,
E os cabelos arrancou.

O Gênio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Ergueu a cabeça fora
E o sucesso conheceu.
Deixa o sossego em que estava,
E vai ligeiro meter-se
No peito do bom Dirceu.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor que trazia

Lhe abrasou o coração.
Dá o Pastor um suspiro,
Abre os seus olhos e solta
do apertado ouvido a mão.

Logo que viram os Gênios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir,
Cada um as armas toma,
Cada um com elas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabelos da Deusa
Lhe forma um Cupido laços,
Que lhe seguram os braços,
Como se fossem grilhões.
O pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prisões.

Lira XXVI[87]

O destro Cupido um dia
Extraiu mimosas cores
De frescos lírios e rosas,
De jasmins e de outras flores.

Com as mais delgadas penas
Usa de uma e de outra tinta,
E nos ângulos do cobre
A quatro belezas pinta.

Por fazer pensar a todos,
No seu liso centro escreve
Um letreiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Vênus, que viu a pintura,
E leu a letra engenhosa,
Pôs por baixo: *Eu dele cedo;*
Dê-se a Marília formosa.

Lira XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no Inverno tudo arrasa,
Na frente das coortes
Cerca, vence, abrasa
As Cidades mais fortes.
Foi na glória das armas o primeiro;
Morreu na flor dos anos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.[88]

Mas este bom Soldado, cujo nome
Não há poder algum que não abata,
Foi, Marília, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma Pátria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser herói por um delito;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito.[89]

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um trono,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono!

Ergui-o no teu peito e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos Palácios, cercados
De tropa e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sábia História
A quem mudou o fado em negro opróbrio
A mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto,
De graças adornado;
Se durmo, logo sonho e ali te vejo.
Ah! nem desperto nem dormindo sobe
A mais o meu desejo!

Lira XXVIII

Cupido, tirando
Dos ombros a aljava,
Num campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois, enfadado,
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marília formosa,
Que ao Deus conhecia,
Oculta espreitava
Quanto ele fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deus a não sente.

Os Faunos,[90] mal viram
As armas roubadas,
Saíram das grutas
Soltando risadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultam
Responde, dizendo:

Temíeis as setas
Nas minhas mãos cruas?
Vereis o que podem
Agora nas suas.

Lira XXIX

O tirano amor risonho
Me aparece, e me convida
Para que seu jugo aceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

O sonoro Anacreonte[91]
(Astuto, o moço dizia)
Já perto da morte estava,
Inda de amores cantava,
Por isso alegre vivia.

Aos negros, duros pesares
Não resiste um peito fraco,
Se Amor o não fortalece;
O mesmo Jove carece
De Cupido, e mais de Baco.

Eu lhe respondo: *Perjuro,*
Nada creio do que dizes!
Porque já te fui sujeito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.

Se o mundo conhece males,
Tu os maiores fizeste,
Sim, tu a Tróia queimaste,
Tu a Cartago abrasaste,
E tu a Antônio perdeste.[92]

Amor, vendo que da oferta
Algum apreço não faço,
Me diz afoito que trate
De ir com ele a combate,
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas:
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnês, e à pressa
Ponho um elmo na cabeça,
Tomo a lança e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento,
Marília (ó Céus!) me aparece:
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfalece.

Então me diz o tirano:
Confessa, louco, o teu erro;
Contra as armas da beleza
Não vale a externa defesa
Dessa armadura de ferro.

Lira XXX

Junto a uma clara fonte
A mãe de Amor se sentou;
Encostou na mão o rosto,
No leve sono pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Contente ao lugar correu;
Cuidando que era Marília,
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Vênus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

Foi fácil, ó mãe formosa,
Foi fácil o engano meu;
Que o semblante de Marília
É todo o semblante teu.

Lira XXXI

Minha Marília,
Se tens beleza,
Da natureza
É um favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É só por graça
Do Deus de amor,
Que, terno, inflama
A mente, o peito
Do teu Pastor.

Em vão se viram
Perlas mimosas,
Jasmins e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrelas
E as tranças belas,
Que o Céu te deu,
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.

O voraz tempo
Ligeiro corre;
Com ele morre
A perfeição.
Essa que o Egito,

Sábia, modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Otávio
Não sente a força
Do seu grilhão.[93]

Ah! vem, ó bela,
E o teu querido,
Ao Deus Cupido
Louvores dar!
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo e morte
Possam zombar:
Tu por formosa,
E ele, Marília,
Por te cantar.

Mas ai! Marília,
Que de um amante,
Por mais que cante,
Glória não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprego
Do caro bem
Não vê defeitos,
E aumenta quantas
Belezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutriu no peito
Néscia paixão?
Todas aquelas,
Que vês cantadas,
Foram dotadas
De perfeição?
Foram queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceu?
Tu tens, Marília,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueu:
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Céu.

Quando nas asas
Do leve vento
Ao firmamento
Teu nome for,
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De inveja a cor;
De todos há-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão!
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A pena adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

Lira XXXII[94]

Numa noite, sossegado,
Velhos papéis revolvia,
E por ver de que tratavam
Um por um a todas lia.

Eram cópias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compus na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal aceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas,
Eu exclamo, transportado:
Que finezas tão mal feitas,
Que tempo tão mal passado!

Junto pois num grande monte
Os soltos papéis, e logo,
Por que relíquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deus cego,
Com semblante carregado,
Assim me fala e crimina
O meu intento acertado:

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor atrevido,
Essas Liras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de tais amores
Não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha glória?

Disse Amor; e mal se cala,
Nos seus ombros a mão pondo,
Com um semblante sereno,
Assim à queixa respondo:

Depois, Amor, de me dares
A minha Marília bela,
Devo guardar umas Liras,
Que não são em honra dela?

E que importa, Amor, que importa
Que a estes papéis destrua?
Se é tua esta mão, que os rasga,
Se a chama, que os queima, é tua?

Apenas Amor me escuta,
Manda que os lance nas brasas;
E ergue a chama c'o vento,
Que formou, batendo as asas.

Lira XXXIII

Pega na lira sonora,
Pega, meu caro Glauceste;[95]
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rústicos Pastores
A formosura celeste
De Marília, meus amores.
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Também do seu rosto é dino.
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afasta dela.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta Natureza
Que providência não teve!
Criou no jardim as rosas,
Fez o lírio e fez a neve.

Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desveles:
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Uns tecendo cordas deles,
Outros com eles brincando,
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos
A Estrela da madrugada.
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa:
Pinta da vista e do riso
A modéstia, mais a graça.
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeiam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Pinta mais, prezado amigo,
Um terno amante beijando
Suas doiradas cadeias;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte e vale ensinando
O nome, que tem no peito.[96]
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, Pastor, se veja
Que a minha boca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gosto.
Ah! pinta, pinta
A minha bela!
E em nada a cópia
Se afaste dela.

Segunda Parte

Lira I[1]

Já não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deus me inspira:
Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora Lira!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão e a arte.

A fumaça, Marília, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tosca e feia,
Agora me pode
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Ele me diz que faça no pé de uma
Má laranja ponta,
E dele me sirva
Em lugar de pluma.[2]

Perder as úteis horas não, não devo;
Verás, Marília, uma idéia nova:
Sim, eu já te escrevo,
Do que esta alma dita,
Quanto amor aprova.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça;

Mostra mais ternura
Quem te estima e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos belos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabelos.

Vejo, Marília, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes
Dessa boca linda,
Nos ares espalham
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei — *no peito* — que uns Amores
De casto desejo
Aqui te pintaram,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! nessa hora
Teu Retrato fizeram, e tão forte,
Que entendo que agora
Só pode apagá-lo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Céus, que pejo![3]
Descubro a ler-me os versos o Deus loiro.
Ah! dá-lhes um beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro!

LIRA II

Esprema a vil calúnia muito embora,
Entre as mãos denegridas e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes;[4]

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não hás-de ver, Marília, o medo escrito,
O medo perturbado,
Que infunde o vil delito.

Podem muito, conheço, podem muito,
As Fúrias infernais, que Pluto[5] move;
Mas pode mais que todas
Um dedo só de Jove.

Este Deus converteu em flor mimosa,
A quem seu nome deram, a Narciso;[6]
Fez de muitos os Astros,
Qu'inda no Céu diviso.

Ele pode livrar-me das injúrias
Do néscio, do atrevido, ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céus, por fins ocultos,
Em tão tirano mal me não socorrem,
Verás então que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo,[7]
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

Lira III

Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria
À quente, seca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?[8]

Os troncos, nas Primaveras,
Brotam em flores, viçosos;

Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto aflição.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos Deuses moveram
Soberbos Gigantes guerra;[9]
No mais tempo o Céu e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos Deuses;
Só a minha sorte não?[10]

Há-de, Marília, mudar-se
Do destino a inclemência:
Tenho por mim a inocência,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bela, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véu rompe, com que encobre
À verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,

Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não há-de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não!

Lira IV

Já, já me vai, Marília, branquejando
Loiro cabelo, que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai caindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus membros já se gastam;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôs a mão dos anos:
Os trabalhos, Marília, os sentimentos
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás brunir-se a pele, o corpo encher-se,
Voltar a cor ao rosto.

No calmoso Verão as plantas secam;
Na primavera, que os mortais encanta,
Apenas cai do Céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez[11] seu termo,
Torna, Marília, a ser quem era dantes,
O definhado enfermo.

Supõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu também te suponho qual saúde,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz e vida às flores,
Que efeitos não farão em quem por eles
Sempre morreu de amores?

LIRA V

Os mares, minha bela, não se movem;
O brando Norte assopra, nem diviso
Uma nuvem sequer na Esfera toda;
O destro Nauta aqui não é preciso;
Eu só conduzo a nau, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréu se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme:[12]
Não tenho a necessária força e arte.
Corra o sábio Piloto, corra e venha
Reger o duro leme.

Como sucede à nau no mar, sucede
Aos homens na ventura e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demência;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudência.

Todo o Céu se cobriu, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marília amada,
Toma o leme da nau, mareia o pano,
Vai-a salvar no porto![13]

Mas ouço já de Amor as sábias vozes:
Ele me diz que sofra, se não, morro;
E perco então, se morro, uns doces laços.
Não quero já, Marília, mais socorro;
Oh! ditoso sofrer, que lucrar pode
A glória dos teus braços!

Lira VI

De que te queixas,
Língua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira
O que te deu?
Este foi sempre
O gênio seu.

Levou, Marília,
A ímpia sorte
Catões[14] à morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O gênio seu.

A outros muitos,
Que vis nasceram,
Nem mereceram,
A grandes tronos
A ímpia ergueu.
Este foi sempre
O gênio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens e os danos,
E a quem se devam
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O gênio seu.

A quanto é justo
Jamais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deuses
Do caro[15] Céu.
Este foi sempre
O gênio seu.

Sobe ao Céu Vênus
Num carro ufano;
E cai Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.[16]
Este foi sempre
O gênio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude:
Que o mais é dela,
Mas isto é meu.
Este foi sempre
O gênio seu.

LIRA VII

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réu, abrigo
A cândida Virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro;
Ah! vem dar-mo agora,
Agora, sim, que morro![17]

Não quero que, montado
No Pégaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a pérfida calúnia,
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lira doirada,
E toca um pouco nela:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bela;
Enche todo o contorno de alegria;
Não sofras que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom Cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos e os penedos atraía.[18]
De outro destro Cantor também afirma
A sábia Antiguidade
Que as muralhas erguera
De uma grande Cidade.[19]

Orfeu as cordas fere;
O som delgado e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah! tu a nenhum cedes, meu Glauceste,
Na lira e mais no canto:
Podes fazer prodígios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito aflito,
Que é menos inda que domar as feras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce lenitivo;
Que enquanto a bela vive,
Também, Glauceste, vivo.

Lira VIII

Eu vejo, ó minha bela, aquele Númen,
A quem o nome deram de Fortuna;[20]
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo:

Que entre no grande Templo, em que se encerra
Quanto o destino manda
Que ela obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nele encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Cartago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do Assírio Povo;
Aqui os Medos crescem,
E os perde um braço novo.[21]

Então me diz a Deusa: *E que pertendes?*
Todas estas medalhas ver agora?
Ah! não, não sejas louco!
Espaço de anos fora
Para isso ainda pouco.
Deixa estranhos sucessos, vem comigo;
Verás quanto inda deve
Acontecer contigo.

Levou-me aonde estava a minha história,
Que toda me explicou com modo[22] e arte.
Tirei-te libras de ouro,
Me diz, *e quero dar-te*
Todo aquele tesouro.
Não suspira por bens um peito nobre,
Severo lhe respondo
Vivo afeito a ser pobre.

Aqui me enruga a Deusa, irada, a testa,
E fica sem falar um breve espaço.
Alegra, alegra o rosto,
Prossegue, *ali te faço*
Restituir o posto.
Respondo com ar de mofa e tom sereno:
Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.

Aqui te dou, me diz, *a tua amada.*
Então me banho todo de alegria.

Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.
É esse o bem, respondo, *que me move,*
Mas este bem é santo,
Vem só da mão de Jove.[23]

Queria mais falar; eu, insofrido,
Desta maneira rompo os seus acentos:
Basta, Fortuna, basta,
Estes breves momentos
Lá noutras cousas gasta;
Da minha sorte nada mais contemplo.
E, chamando Marília,
Suspiro e deixo o Templo.

Lira IX[24]

A estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinham-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos belos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabelos:

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa
Que a estrela d'alva,
Que a fresca rosa!

Mal eu a via,
Um ar mais leve
(que doce efeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe animava
Aquela ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Água mais clara,
Mais branda relva.

No colo a punha;
Então, brincando,
A mim a unia;
Mil coisas ternas
Aqui dizia.

Marília, vendo
Que eu só com ela
É que falava,
Ria-se a furto
E disfarçava.

Desta maneira,
Nos castos peitos,
De dia em dia
A nossa chama
Mais se acendia.

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rocas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que à sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sesta,
Dela defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ela, por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então, vaidoso,
Assim cantava:

Não há Pastora,
Que chegar possa
À minha bela,
Nem quem me iguale
Também na estrela.

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito:

Ornam seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namoram;
No seu semblante
As Graças moram.

Assim vivia;
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marília,
Se acaba tudo!

Lira X

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O crédulo Mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcachofra, que à luz chegue,
E nela orvalhe o Céu de madrugada,
Para ver se rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Também não tenho um ovo que despeje
Dentro de um copo d'água e possa nela
Fingir[25] Palácios grandes, altas Torres,
E uma Nau à vela.

Mas ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido
Que na boca um bochecho d'água tome,
E atrás de qualquer porta atento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome, que há-de ter a minha amada;
Pode verdade ser; se for mentira,
Também não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a boca: ah! não sei como
Não morro ali de pena!

Aparece Cupido então, soltando
Em ar de zombaria uma risada:
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse que Marília é tua;
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar o que te ensina
Velha mulher já tonta?

Humilde lhe respondo: Quem debaixo
Do açoite da Fortuna aflito geme,
Nas mesmas coisas, que só são brinquedos,[26]
Se agoiram males, teme.

Lira XI

Se acaso não estou no fundo Averno,[27]
Padece, ó minha bela, sim, padece
O peito amante e terno
As aflições tiranas, que aos Precitos
Arbitra Radamanto[28] em justa pena
Dos bárbaros delitos.

As Fúrias infernais, rangendo os dentes,
Com a mão descarnada não me aplicam
As raivosas serpentes;
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por coisas que me afligem, roda e gira
Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
Às tépidas entranhas, não me come
Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as águas vejo,
Que de mim se retiram, quando busco
Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marília, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bela;[29]
E numa cousa só é mais humana
A minha dura estrela:
Uns não podem mover do Inferno os passos;
Eu pertendo voar, e voar cedo
À glória dos teus braços.

Lira XII

Ah! Marília, que tormento
Não tens de sentir, saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldeia,
Que tiranos não proponham
À inda inquieta idéia
Uma imagem de aflição.
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marília,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: Aqui trazia
Dirceu também o seu gado.
Verás os sítios ditosos
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando à janela saíres,
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marília, a minha
E minha[30] pobre morada.
Tu dirás então contigo:
Ali Dirceu esperava
Para me levar consigo;
E ali sofreu a prisão.
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa cheia:

Todo o congresso ali anda,
Só o meu Amado não.[31]
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com ele
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: Não foi tirana
Somente comigo a sorte;
Também cortou desumana
A mais fiel união.
Mandarás aos surdos Deuses
Novos suspiros em vão.

Numa masmorra metido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.
Também mando aos surdos Deuses
Tristes suspiros em vão.

Lira XIII

Vês, Marília, um cordeiro[32]
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre;
A Pira sacrossanta já se acende;
O Ministro o fere: ele bala e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço?
No chão as mãos especa,
Nem quer mover um passo.

Não conhece que sai de um mau terreno,
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver num campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte;
Um vai forçado à vida,
Vai outro alegre à morte.
Nós temos, minha bela, igual demência:
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, oculta Mão da Providência.

De Jacó ao bom filho
Os maus matar quiseram:
De conselho mudaram,
Como escravo o venderam.
José não corre a ser um servo aflito:
Vai subindo os degraus, por onde chega
A ser um quase Rei no grande Egito.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bela, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais danos me defende?
Pode ainda raiar um claro dia,[33]
Mas quer raie, quer não, ao Céu adoro
E beijo a santa mão, que assim me guia.

LIRA XIV

Alma digna de mil Avós Augustos![34]
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cair os justos;
Honras as santas leis da Humanidade;
E aos teus exemplos deve[35]
Gravar com letras de oiro no seu Templo
A cândida Amizade.

Não é, não é de Herói uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.

Não é também de Herói um peito duro,
Que a sua glória firma
Em que lhe não resiste ao ferro e fogo
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,[36]
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeu e chora![37]
É grande para mim quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.[38]

Se alcança Enéias, Capitão piedoso,
Entre os heróis do Mundo
Um nome glorioso,
Não é porque levanta uma cidade;
É, sim, porque nos ombros
Salvou do incêndio ao Pai, a quem detinha
A mão da branca idade.[39]

Ah! se ao meu contrário entre as chamas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos ombros o remira;
Inda por ele muito mais obrara;
E, se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste,
Gemera, e suspirara.

Oh! quanto são duráveis as cadeias
De uma amizade, quando
Se dão iguais idéias![40]
Se, apesar dos estorvos, se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual à tua,
E a tua igual à minha.

Se, ó caro Amigo, te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu falo, és tu, Marília bela.
Ah! sim, honrado Amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Pranteia então com ela.

Lira XV[41]

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua Aldeia;
Vestia finas lãs e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo,
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Céu que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove, e a ti na terra!

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas,
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de Amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta
Com canas e com cestos os peixinhos;
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha, verdadeira:
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores,
Dizendo uns para os outros: Olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são amores.
Contentes viviremos[42] desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

Lira XVI

Vejo, Marília,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte e prado;
Que assim sucede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda sofro
A viva dor.

Também conheço
Que os Pegureiros,
Que apascentavam
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros,
Porque perderam
Um pai no amor.
Mas inda sofro
A viva dor.

Eu mais alcanço
Que a minha herdade,
Estando eu preso,
Sofrer não há-de
Nem a charrua
E nem a grade,
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda sofro
A viva dor.

Mas quando sobe
À minha idéia,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldeia,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não sofro
A viva dor.

A quanto chega
A pena forte!
Pesa-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove acuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por um traidor.
Eu já não sofro
A viva dor.

Mas este excesso
Perdão merece,
E dele Jove
Se compadece:
Que Jove, ó bela,
Mui bem conhece
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não sofro
A viva dor.

Lira XVII

Dirceu te deixa, ó bela,
De padecer cansado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gira pela veia;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se baceia:
A lágrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Seu espírito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juízes se apresenta,[43]
E com sentidas vozes
Toda a sua tragédia representa:
Enche-se de ternura e novo espanto
O mesmo inexorável Radamanto.

Abre um, pasmado, a boca,
E a pedra não despede;
Outro já não se lembra
Da fome e mais da sede;
Descansa o curvo bico e a garra impia
Negro abutre esfaimado;
Nem na roca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Fúrias inclementes
Deixam cair das unhas as serpentes.[44]

Já votam os Juízes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sítio, em que ficam
Almas dignas de pena.
Já sai do escuro Reino, e da memória
Lhe passa tudo quanto
Ou pode dar-lhe mágoa, ou dar-lhe glória.
Só, bem que o gosto às turvas águas tome,[45]
Inda, Marília, inda diz teu nome.

Entra já nos Elíseos,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortam,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as águas puras,
Que o mel e do que o leite mais suaves.
Aqui, diz ele, espero a minha bela,
Aqui contente viverei[46] com ela.

Aqui... porém aonde
Me leva a dor ativa?
É ilusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo, sim, gozar teus doces laços;
E em paga dos meus males,
Devo morrer, Marília, nos teus braços;
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu irás depois[47] lá ter comigo.

Lira XVIII

Não molho, Marília,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não voe e não corra
A i-lo apanhar.
Estende-o nas asas,
Sobre ele suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marília, c'os teus;
As lágrimas nossas
No seio amontoa,
Forma asas e voa,
Vai pô-las nos céus.

A Deusa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livrá-los querendo
De riscos e danos,
A Jove buscou.
As águas, que o rosto
Da Deusa banharam,
A Jove abrandaram,
E assim os salvou.

Confia-te, ó bela,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ânsias de amor.
O pranto de Vênus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

Lira XIX

Nesta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéia te retrata;
Busca, extremoso, que eu assim resista
À dor imensa, que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tíbia luz em vez da face,
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;
A violência da mágoa não suporto;
Foge-me a vista e caio,
Não sei se vivo ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

Se queres ser piedoso,
Procura o sítio em que Marília mora,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora,
Se a lágrimas verter a dor a arrasta
Uma delas me traze sobre as penas,
E para alívio meu só isto basta.

Lira XX

Se me visses[48] com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil idéias funestas
E cuidados combatido,
Qual seria, ó minha bela,
Qual seria o teu pesar?

À força da dor cedera,
E nem estaria vivo,
Se o menino Deus vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marília
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio-dia tem dado,
E o cabelo ainda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marília,*
Não estima esse cabelo?[49]
Se o deixas perder de todo,
Não se há-de enfadar ao vê-lo?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem um tabuleiro entrando
De vários manjares cheio;
Põe-se na mesa a toalha,
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria,
Sem nele poder tocar.[50]

Eu entendo que matar-te,[51]
Diz Amor, *te tens proposto.*
Fazes bem: terá Marília
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remédio,
Me aflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marília,
Em que o Sol já se tem posto;
Vem-me à memória que nelas
Via à janela o teu rosto:
Reclino[52] na mão a face
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obséquio de Marília
Vai erguer[53] *teu doce canto.*
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado acender-me
A velha, suja candeia;
Fica, Marília, a masmorra
Inda mais triste e mais feia.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: *São horas*
De escrever-se o que está feito.
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ajeito;
Tomo o pau, que pena finge,
Vou as Liras copiar.

Sem que chegue o leve sono,
Canta o Galo a vez terceira;
Eu digo ao Amor[54] que fico
Sem deitar-me a noite inteira;
Faço mimos e promessas
Para ele me acompanhar.

Ele diz que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marília em sonho;
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candeia,
E vou-me logo deitar.

Como pode a tais cuidados
Resistir, ó minha Bela,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu, que vivo à sombra dela,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

Lira XXI

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra imunda e feia,
Dessas horas felizes,[55] já passadas
Na tua pátria Aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E à sombra de alto Cedro na Campina
Eu versos te compunha, e ele os compunha
À sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O eco agora diz: *Marília terna*;
E logo: *Eulina ingrata.*

Deixam os mesmos Sátiros as grutas:
Um para nós ligeiro move os passos,
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceu (clama um pastor), ah! bem merece
Da ternissima[56] Marília a formosura.
E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Enquanto em nós durava esta porfia;
E ela, ó minha amada, só findava
Depois de acabar-se o dia.[57]

À noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lágrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

Lira XXII

Por morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

A chave lá soa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Já Torres[58] se assenta;
Carrega-me o rosto;
Do crime suposto
Com mil artifícios
Indaga a razão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Eu vejo, Marília,
A mil inocentes
Nas cruzes pendentes,
Por falsos delitos,
Que os homens lhe dão.
Mas ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Se penso que posso[59]
Perder o gozar-te,
A glória[60] de dar-te
Abraços honestos
E beijos na mão,
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração!

Repara, Marília,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
Num peito esforçado,
De amor a paixão.
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração!

Lira XXIII

Não praguejes, Marília, não praguejes[61]
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se deram e em seu peito moram.
Manda prender ao Réu, austera a boca,
Porém seus olhos choram.

Se à inocência denigre a vil calúnia,
Que culpa aquele tem que aplica a pena?
Não é o Julgador, é o processo
E a lei, quem nos condena.

Só no Averno os Juízes não recebem
Acusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessam suas culpas,
Não pode haver engano.

Eu vejo as Fúrias afligindo aos tristes:
Uma o fogo chega, outra as serpes move;[62]
Todos maldizem sim a sua estrela,
Nenhum acusa a Jove.

Eu também inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prisão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bela, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marília, quando pune
Ao vassalo, que julga delinqüente,
Que gosto não terá, podendo dar-lhe
As honras de inocente?

Tu vences, Barcelona, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:
Não honras tão somente a quem premeias,
Honras a quem castigas.[63]

LIRA XXIV

Eu vou, Marília, vou brigar co'as feras!
Uma soltaram, eu lhe sinto os passos;
Aqui, aqui a espero
Nestes despidos braços.
É um malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalam-lhe as costelas,
Desfalece, cai, urra, treme e morre.

Vem agora um Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora, que o pulso
Ainda não se cansa.
Oprimo-lhe a garganta, a língua estira,
O corpo lhe fraqueia, os olhos incham,
Açoita o chão convulso, arqueja e expira.

Mas que vejo, Marília? Tu te assustas?
Entendes que os destinos, inumanos,
Expõem a minha vida
No cerco dos Romanos?

Com ursos e com onças eu não luto:
Luto c'o bravo monstro que me acusa,
Que os tigres e leões mais fero e bruto.

Embora contra mim, raivoso, esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada,
Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.
Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolência,
Pisar-lhe o negro colo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invencíveis da inocência.

Ah! quando imaginar que vingativo
Mando que desça ao Tártaro profundo,
Hei-de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo imundo.[64]
Eu então lhe direi: — infame, indino,
Obras como costuma o vil humano;
Faço o que faz um coração divino.

Lira XXV

Minha Marília,
O passarinho,
A quem roubaram
Ovos e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho;
Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo voa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vaca
Perde a vitela,
Também nos mostra
Que se desvela:
O pasto deixa,
Muge por ela,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Dela se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo,[65]
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,
Também, Marília,
Também consome
Dentro do peito
Qualquer pesar.
Ah! só não pode
Ao meu tormento
Por um momento
Alívio dar!

Também, ó bela,
Não há quem viva
Instantes breves
Na chama ativa;
Derrete ao bronze,
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar.
Mas do amianto
A febre dura
Na chama atura
Sem se queimar.

Também, Marília,
Não há quem negue
Que, bem que o fogo
Nos óleos pegue,
Que, bem que em línguas
Às nuvens chegue,
À força d'água
Se há de apagar.
Se a negra pedra
Nós acendemos,
Com água a vemos
Mais s'inflamar.

O meu discurso,
Marília, é reto;
A pena iguala
Ao meu afeto;
O amor que nutro
Ao teu aspecto
E ao teu semblante[66]
É singular.
Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dor tão forte
Pode acabar!

Lira XXVI

Aquele a quem fez cego a Natureza,
C'o bordão apalpa[67] e aos que vêem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remédios junta![68]

De ser cega a Fortuna[69] eu não me queixo;
Sim me queixo de que má cega seja:
Cega que nem pergunta nem apalpa,
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ela, Marília, faz de um cetro dono;
Cria num pobre berço uma alma digna
De se sentar num trono.[70]

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de um tesouro;
E lança na miséria a quem conhece
Para que serve o ouro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que atrás do vício em liberdade corra;
Eu honro as leis do Império, ela me oprime
Nesta vil masmorra.[71]

Mas ah! minha Marília, que esta queixa
Co'a sólida razão se não coaduna!
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não há Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deusa,
Que os Sábios fingem que uma roda move,[72]
É só a oculta mão da Providência,
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cegos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas,
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bela,
É muito mais honroso.

Lira XXVII

A minha amada
É mais formosa
Que branco lírio,
Dobrada rosa,
Que o cinamomo,
Quando matiza
Co'a folha a flor.
Vênus não chega
Ao meu amor.

Vasta campina,
De trigo cheia,
Quando na sesta
Co' vento ondeia,
Ao seu cabelo,[73]
Quando flutua,
Não é igual.
Tem a cor negra,
Mas quanto val!

Os astros, que andam
Na esfera pura,
Quando cintilam
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos como
Seus olhos são,
Que ao Sol excedem
Na luz, que dão.

Às brancas faces
Ah! não se atreve
Jasmim de Itália,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causam
No peito ardor.

Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beiços,
Rubins da Índia
Têm preço vil.
Neles se agarram
Amores mil.

Se não lhe desse,
Compadecido,
Tanto socorro
O Deus Cupido;
Se não vivera
Uma esperança
No peito seu,
Já morto estava
O bom Dirceu.

Vê quanto pode
Teu belo rosto,
E de gozá-lo
O vivo gosto!

Que, submergido
Em um tormento
Quase infernal,
Porqu'inda espero,
Resisto ao mal.

Lira XXVIII

Detém-te, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me dano.
O sumo, que elas dão, é pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta aí venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licor, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôs a Natureza
Dentro no Mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta,
Bem que uma onda, e outra onda
Sobre ele em flor rebenta.

Árvore, que na terra
As robustas raízes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco e rocha, ó bela,
Que açoita o Sul, que brama,
E o Mar, que se encapela.
Não temas que do rosto a cor se mude:
Vence as rochas e os troncos
A sólida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura;
O cobarde a morrer também caminha;
Com que males não pode
Uma alma como a minha?

Lira XXIX

Eu descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,[74]
E me entrega a lira d'oiro.

Já basta, me diz, *ó filho,*
Já basta de sentimento;
O cansado peito exige
Um breve contentamento:
Louva a formosa Marília
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
A dor não sossega em tanto.
Ergo a voz; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
É mais doce e mais sonoro
Meu terno e saudoso canto.

Apolo fitou os olhos
Na mão, que regia o braço;
E, depois de estar suspenso,
De me ouvir um largo espaço,
Assim diz: *O deus Cupido*
Faz inda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lira:
Louva, louva a tua Bela;
Porém vê que ta concedo
Com condição e cautela...
Eu lhe corto a voz, dizendo
Que só canto em honra dela.

Lira XXX

O Pai das Musas,
O Pastor loiro
Deu-me, Marília,
Para cantar-te
A lira de oiro.

As cordas firo;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas asas
Ao firmamento:

O teu cabelo
Vale um tesoiro;
Um só me adorna
A sábia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Deles faz guerra;
Ninguém lhe foge,
Ninguém resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso,
Também oculto
Nas lindas covas,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Têm os seus ninhos
Destros amores;
Neles se geram
Os Cupidinhos.

Vences a Vênus,
Quando com arte
As armas toma,
Por que mais prenda
Ao fero Marte.[75]

Eu produzia
Estas idéias,
Quando, Marília,
O som escuto
Das vis cadeias.

Dou um suspiro,
Corre o meu pranto;
E, inda bebendo
Lágrimas tristes,
De novo canto:

Sou da constância
Um vivo exemplo;
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o Templo.

Lira XXXI

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
Num só funesto dia:

Honras de maioral, manada grossa,
Fértil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Meteu-me nesta infame sepultura,
Que é sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo.

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deuses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não é, não, ilusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabelos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Potro,
Bem que na Cruz pendera.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras belas;[76]
Uma por uma beijo,
E choro então sobre elas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor, na ausência,
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado!

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Contanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntários não subiram[77]
Os que te amam, somente
Por que menos te ouviram?

Dê pois aos mais seus bens a Deusa cega;[78]
Que eu tenho aquela glória,
Que a mil felizes[79] nega.

Lira XXXII

Se o vasto mar se encapela,
E na rocha em flor rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
À discrição da tormenta.

Quem não tem uma Beleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o Céu se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças que resistam
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marília, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico às vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar ativo!

Parece que vejo a honra,
Marília, toda enlutada;
A face de um pai, rugosa,
Num mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos,
E a família consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado:
Vejo numa[80] grande Praça
Um teatro levantado;
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,
Vejo o Alfange afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro;
Busco alívio às minhas ânsias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes cristalinos,
A tua boca engraçada.

Qual, Marília, a estrela d'alva
Que a negra noite afugenta;
Qual o Sol, que a névoa espalha,
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Íris, que o Céu limpa,[81]
Quando se vê na tormenta,

Assim, Marília, desterro
Triste ilusão e demência;
Faz de novo o seu ofício
A razão e a prudência;
E firmo esperanças doces
Sobre a cândida inocência.

Restauro as forças perdidas,
Sobe a viva cor ao rosto,
Gira o sangue pela veia,
E bate o pulso composto.
Vê, Marília, o quanto pode
Contra os meus males teu rosto![82]

Lira XXXIII

Morri, ó minha Bela;
Não foi a Parca[83] impia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso fia.
Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

Eu, Marília, respiro;
Mas o mal, que suporto,
É tão tirano e forte,
Que já me dou por morto.

A insolente calúnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da língua
A venenosa espada.

Inda, ó bela, não vejo
Cadafalso enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado.
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia,
E dele só me mostra a estreita fresta
O quando é noite ou dia.

Olhos baços,[84] sumidos,
Macilento, escarnado,[85]
Barba crescida e hirsuta,
Cabelo desgrenhado.
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, Minha Marília, como vive
Um Réu de Majestade.

Venha o processo, venha,
Na inocência me fundo;
Mas não morreram outros,
Que davam honra ao mundo?
O tormento, minha alma, não recuses:
A quem, sábio, cumpriu as leis sagradas
Servem de sólio as cruzes.

Tu, Marília, se ouvires,
Que ante o teu rosto aflito
O meu nome se ultraja
C'o suposto delito,
Dize severa assim em meu abono:
Não toma as armas contra um cetro justo[86]
Alma digna de um trono.

Lira XXXIV

Vou-me, ó Bela, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono;
Estende sobre mim Morfeu as asas,
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodeiam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéia;
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido;
Que um menino com asas, cego e loiro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de oiro.

Pintam que entrando vou na grande Igreja:
Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te à branca face a cor mimosa,
A viva cor do pejo.

Pintam que nos conduz doirada sege
À nossa habilitação; que mil amores
Desfolham sobre o leito as moles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintam que dessa[87] terra nos partimos;
Que os amigos, saudosos e suspensos,
Apertam, nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade.
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grã Cidade.

Pintam leve escaler, e que na prancha
O braço já te of'reço, reverente;
Que te aponta c'o dedo, mal te avista,
Amontoada gente.[88]

Aqui, *alerta*, grita o mau soldado;
E o outro, *alerta estou*, lhe diz, gritando.
Acordo com a bulha, então conheço
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A ver-me delinqüente, réu de morte,
Não sonhara, Marília, só contigo,
Sonhara de outra sorte.

Lira XXXV

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Uns tristes gemidos,
Repara, Marília,
Verás que são meus.
Ah! dá-lhes abrigo,
Marília, nos peitos,
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvi-los movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr.
Ah! não os desprezes;
Porque se conspira
O Céu em meu dano,
E a glória me tira
De honrado Pastor.

Têm estes suspiros
Motivo dobrado:
Perdi o meu gado,
Perdi, que mais vale,
O bem de te ver.
Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de um triste,
Os deves, Pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bela,
Virá uma idade,
Que vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.
Os crimes desonram

Se são existentes;
Os ferros, que oprimem
As mãos inocentes,
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gosto e ternura
Suspiros aos Céus.
Pôr-me-ão no sepulcro
A honrosa inscrição:
Se teve delito,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réus.

Lira XXXVI

Não hás de ter horror, minha Marília,
De tocar pulso que sofreu os ferros?[89]
Infames impostores mos lançaram
E não puníveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defesa dos bens, que são do Estado,
Moveu a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim, é certo
Que eu aspirava a ser de um Reino[90] o dono;
Mas este grande império, que eu firmava,
Tinha em teu peito o trono.

As forças que se opunham não batiam
De grossa peça e de mosquete os tiros;[91]
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos e finezas
Formava, ó minha bela, os meus guerreiros;
Não tinha no meu campo estranhas tropas,
Que amor não quer parceiros.

Mas pode ainda vir um claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços,
Se mudem em prisões de alívio cheias
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou Monarca,*
Dou leis, que é mais, num coração divino.
Sólio que ergueu o gosto, e não a força,
É que é de apreço dino.

Lira XXXVII

Meu sonoro Passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propício;
Eu te dou em que me faças
Muito maior benefício.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrela,[92]
Sobe à serra, e se cansares,
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, a que fica[93]
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Vila-Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palácio defronte.

Ele tem ao pé da porta
Uma rasgada janela,
É da sala, aonde assiste
A minha Marília bela.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinais todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabelos
Carnes de neve formadas.

A boca risonha e breve,
Suas faces cor-de-rosa,
Numa palavra: a que vires
Entre todas mais formosa.[94]

Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio penando.

Lira XXXVIII[95]

Eu vejo aquela Deusa,
Astréia pelos Sábios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança numa mão, na outra espada.
O vê-la não me causa um leve abalo,
Mas antes, atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe falo:

Qual é o povo, qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no atentado?
Americano Povo!
O Povo mais fiel e mais honrado!
Tira as Praças das mãos do injusto dono,
Ele mesmo as submete
De novo à sujeição do Luso Trono.

Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos Holandeses;
Eu vejo saqueada
Esta ilustre Cidade dos Franceses,

Lá se derrama o sangue brasileiro.
Aqui não basta, supre
Das roubadas famílias o dinheiro...[96]

Enquanto assim falava,
Mostrava a Deusa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista tesa,
Enrugava o severo e aceso rosto.
Não suspendo contudo no que digo;
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo e assim prossigo:

Acabou-se tirana
A honra, o zelo deste Luso Povo?
Não é aquele mesmo,
Que estas ações obrou, é outro novo?
E pode haver direito que te mova
A supor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Há em Minas um homem,
Ou por seu nascimento ou seu tesoiro
Que aos outros mover possa
À força de respeito, à força de oiro?
Os bens de quantos julgas rebelados
Podem manter na guerra,
Por um ano sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco?
Que ponha uma ação destas
Nas mãos dum pobre, sem respeito e louco?[97]
E quando a comissão lhe confiasse,
Não tinha pobre soma,
Que por paga ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia?
Ir-se-iam buscar sócios
Na Colônia também, ou na Bahia?
Está voltada a Corte brasileira
Na terra dos Suíços,
Onde as Potências vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
Mais a riso do que a terror me move;
Deu-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Netuno ou Jove.
A prudência é tratá-lo por demente,
Ou prendê-lo, ou entregá-lo,
Para dele zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deusa
Um extenso suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E, sem palavra dar, as costas volta.
Tu te irritas! lhe digo, *e quem te ofende?*
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim; sossega, atende!

E tinha que ofertar-me
Um pequeno, abatido e novo Estado,
Com as armas de fora,
Com as suas próprias armas consternado?
Achas também que sou tão pouco esperto,
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquele mesmo,
Que a extinção do débito pedia?
Já viste levantado
Quem à sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna, risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me unira, se os houvesse, aos vis traidores;
Daqui nem oiro quero;
Quero levar somente os meus amores.[98]

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal, dos pais herdado.
Não o recebi no emprego,
Nem tenho as instruções dum bom Soldado.

Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No Império, que se erguia
À custa do seu sangue e seu dinheiro?[99]

Aqui, aqui de todo
A Deusa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu próprio beiço;
O sítio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, *vai-te embora*;
Melhor, minha Marília,
Eu gastasse contigo mais esta hora.

TERCEIRA PARTE

LIRA I[1]

Convidou-me a ver seu Templo
O cego Cupido um dia;
Encheu-se de gosto o peito,
Fiz deste Deus um conceito,
Como dele não fazia.[2]

Aqui vejo, descorados,
Os terníssimos amantes
Entre as cadeias gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes.[3]

A quem ama, quanto avista[4]
(Diz Cupido) *não aterra:*
Quem quer cingir o loureiro
Também vai sofrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.

Contudo, que te dilates
Neste sítio não convenho;
Deixa a estância lastimosa,
Vem ver a Sala formosa
Aonde o meu Sólio tenho.

Entro[5] noutro grande Templo:
Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nele vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebata.

É de mármore e de jaspe
O soberbo frontispício;
É todo por dentro de ouro;[6]
E a um tão rico tesouro
Inda excede o artifício.

As janelas não se adornam
De sedas de finas cores:
Em lugar de cortinados,[7]
Estão presos e enlaçados
Festões[8] de mimosas flores.

Em torno da Sala Augusta
Ardem dourados[9] braseiros,
Queimam resinas que estalam,
E, postas em fumo, exalam
Da Pancaia[10] os gratos cheiros.

Ao pé do Trono os seus Gênios
Alegres hinos entoam;
Dançam as Graças[11] formosas,
E aqui as Horas[12] gostosas
Em vez de correrem, voam.

Estão sobre o pavimento,
Igualmente reclinados
Nos colos de seus amores,[13]
Os grandes Reis e Pastores,[14]
De frescas rosas coroados.

Mal o acordo restauro,
Me diz o Moço risonho:
Como ainda não reparas
Em tantas cousas tão raras,
De que este Templo componho?

Sabes a história de Jove?
Aqui tens o manso Touro,[15]
Tens o Cisne decantado,
A Velha em que foi mudado,
Com a grossa chuva d'ouro.[16]

Aplica, Dirceu, agora
Os olhos para esta parte:
Aqui tens o verde Louro[17]
Que inda estima o Pastor louro,
E a Rede que enlaça a Marte.[18]

Vês este Arco destramente
De branco marfim ornado?
À casta Deusa servia,
E o perdeu, quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.[19]

Vês esta Lira? Com ela
Tira Orfeu ao bem querido
Dos infernos aonde estava.[20]
Vês este Farol? Guiava
Ao meu nadador de Abido.[21]

Vês estas duas Espadas
Ainda de sangue cheias?
A Tisbe e a Dido mataram;
E os fortes pulsos armaram[22]
De Píramo e mais de Enéias.[23]

Sabes quem vai no navio,
Que nesse mar se levanta?
É Teseu.[24] *Vês esse pomo?*
É de Cidipe, assim como
São aqueles de Atalanta.[25]

Vê agora estes retratos,
Que destros pincéis fizeram:
Ah! que pinturas divinas!
Todos são das Heroínas,
Que mais vitórias me deram.

Repara nesse semblante,
É o semblante de Helena:[26]
Lá se avista a Grega Armada,
E aqui de Tróia abrasada
Se mostra a funesta cena.

Vês estoutra formosura?
É a bela Deidamia;
Lá tem[27] Aquiles ao lado,
De uma saia disfarçado,
Como com ela vivia.

Cleopatra é quem se segue:
Ali tens lançando a linha
Marco Antônio sossegado,
Ao tempo em que Augusto, irado,
Com armada mão[28] caminha.

Aqui Hermes[29] se figura:
Vê um Sábio dos maiores,
Qual infame delinqüente,
Ir desterrado, somente
Por contar os seus louvores.[30]

Este é de Ônfale o retrato:
Aqui tens (quem o diria!)
Ao grande Hércules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obséquio fia.[31]

Anda agora a estoutra parte:
Conheces, Dirceu, aquela?
— Onde vais? (lhe digo) explica
Que beleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso dela?

Ergo os olhos,[32] ponho a vista
Na imagem não explicada.
Oh! quanto é digna de apreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto saía
E no meu peito saltava;
Disfarçado,[33] Amor olhava
Para mim a furto, e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega e me abala;
Desperto de tanto assombro,
Ele bate no meu ombro,
E assim afável me fala:

Sim, caro Dirceu, é esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;
Aqui tens o laço urdido
Da tua imortal ventura.

O Númen, Dirceu, o Númen,[34]
Que aos trabalhos de um humano
Desta sorte felicita,
Não é, como se acredita,
Não é um Númen tirano.

Olha se a cega Fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares ou na terra,
Em o seu tesouro[35] *encerra*
Outro bem de mais valia?

Lisas faces cor-de-rosa,
Brancos dentes, olhos belos,
Grossos beiços[36] *encarnados,*
Pescoço e peitos nevados,
Negros e finos cabelos,

Não vale mais[37] *que cingires,*
C'o braço de sangue imundo,
Na cabeça o verde louro?[38]
Do que teres montes d'ouro?[39]
Do que dares leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido
E ao peito que adora, terno,
Que tem, para um Inferno,[40]
Para outro um Céu, Cupido.

Ao resto Amor me convida;
Eu chorando a mão lhe beijo,
E lhe digo: — Amor, perdoa
Não seguir-te, pois não voa
A ver mais o meu desejo.

LIRA II[41]

Em vão do amado
Filho que foge,
Vênus quer hoje
Notícias ter.

Sagaz e astuto
Ele se esconde
Em parte aonde
Ninguém o vê.

Dos sinais dados
Bem se conhece
Que ele aborrece
A Mãe que tem.

Se os seus defeitos
Ela publica,
Razão lhe fica
De se ofender.

Foge o Menino
E, disfarçado,
Vive abrigado
Numa cruel.

Com mil carícias
A ímpia o trata;
Nem o desata
Do peito seu.

Se a semelhança
Sempre amor gera,
Deve uma fera
Outra acolher.

Ah! se o teu nome,
Marília, calo,
Que de ti falo
Bem podes crer.

Lira III[42]

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos[43] da sábia, mestra História,
Os cantos[44] da Poesia.

Lerás, em alta voz, a imagem bela;[45]
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura.[46]

Lira IV

Amor por acaso
A um pouso chegava,
Aonde acolhida
A Morte se achava.

Risonhos e alegres
Os braços se deram,
E as armas unidas
Num sítio puseram.

De empresas tamanhas
Cansados já vinham,
E em larga conversa
A noite entretinham.

Um conta que há pouco
A seta aguçada
Em uma beleza
Deixara empregada.

Diz outro que as flechas
Cravara no peito
De um grande, que teve
O Mundo sujeito.

Enquanto das forças
Cada um presumia,
Seus membros já lassos
O sono rendia.

Dormindo tranqüilos,
A noite passaram
E inda antes da Aurora
Com ânsia acordaram.

É tempo que o leito
Deixemos, ó Morte
Amor, já erguido,
Falou desta sorte.

É tempo, em resposta
A Morte repete,
Que à nossa fadiga
Dormir não compete.

As armas colhamos,
Voltemos ao giro:
Cada um a seu gosto
Empregue o seu tiro.

Vão inda, c'os olhos
Em sono turbados,
Ao sítio em que os ferros
Estão pendurados.

Amor para as setas
Da Morte se inclina;
De Amor logo a Morte
C'o as flechas atina.

Oh! golpes tiranos!
Oh! mãos homicidas!
São tiros da Morte
De Amor as feridas.

De um sonho, que pinto,
Marília, conhece
Se amor, ou se morte
Esta alma padece.

Lira V[47]

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva de guardar alheio gado;
          Nem sou pastor grosseiro,
Dos frios gelos e do Sol queimado,
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.

Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrela!

A Cresso não igualo no tesouro;
Mas deu-me a Sorte com que honrado viva.
Não cinjo coroa d'ouro;
Mas Povos mando, e na testa altiva
Verdeja a Coroa do Sagrado Louro.[48]
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrela!

Maldito seja aquele, que só trata
De contar, escondido, a vil riqueza,
Que, cego, se arrebata
Em buscar nos Avós a vã nobreza,
Com que aos mais homens, seus iguais, abata.[49]
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrela!

As fortunas, que em torno de mim vejo,
Por falsos bens que enganam, não reputo;
Mas antes mais desejo,
Não para me voltar soberbo em bruto,
Por ver-me grande, quando a mão te beijo.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrela!

Pela Ninfa que jaz vertida em Louro,
O grande Deus Apolo não delira?
Jove, mudado em Touro,
E já mudado em velha não suspira?[50]
Seguir aos Deuses nunca foi desdouro.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrela!

Pretendam Anibais[51] honrar a História,
E cinjam com a mão, de sangue cheia,
Os louros da vitória.
Eu revolvo os teus dons na minha idéia:
Só dons que vêm do céu são minha glória.
Graças, ó Nise bela,
Graças à minha Estrela!

Lira VI
Tradução

Amor, que seus passos
Ligeiro movia
Por mil embaraços,
Que um bosque tecia,

Nos ombros me acena
Com brando raminho;
E logo me ordena
Que siga o caminho.

Por entre a espessura
Do bosque me avanço;
E atrás da ventura
Incauto me lanço.

Já tinha calcado
Os montes mais duros;
C'o peito rasgado
Os rios escuros.

Eis que uma serpente
A língua vibrando,
Me crava o seu dente,
Me deixa expirando.

Então, surpreendida
Da dor, que a traspassa,
Minha alma ferida
Aos beiços[52] se passa.

As iras detesta
Amor isto vendo,
E as asas na testa
Me bate dizendo:

Tu choras, tu gemes,
Da serpe tocado,
E o braço não temes
De um Númen irado?

Lira VII

Tu, formosa Marília, já fizeste[53]
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo Ribeirão em que nasceste:[54]
Deixa, Marília, agora
As já lavradas serras;[55]
Anda, afoita, romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras.
Ah! que por ti suspiram
Os meus saudosos lares!

Não corres como Safo[56] sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura:
Segues um fino amante,
Que, a perder-te, morria.
Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bela;
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! deves ser no Norte
Também a minha Estrela.

Verás ao Deus Netuno sossegado,
Aplainar c'o tridente as crespas ondas,
Ficar como dormindo o mar salgado,
Verás, verás d'alheta
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme, desrizar-se o linho,
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavesado pinho.

Verás como o Leão, na proa arfando,
Converte em branca espuma as negras ondas,
E as talha[57] e corta com murmúrio brando;
Verás, verás, Marília,
Da janela dourada,
Que uma comprida estrada representa
A linfa cristalina, que, pisada
Pela popa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo imenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada boca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quais pássaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as águas,
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás, enfim, Marília,
As nuvens levantadas,
Umas de cor azul ou mais escuras,
Outras de cor de rosa ou prateadas
Fazerem no Horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares à foz do claro Tejo,
Apenas ele vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel um beijo.
Eu lhe direi vaidoso:
Não trago, não, comigo
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;
Roubei as áureas Minas e consigo
Trazer para os teus cofres
Este maior Tesouro.

Lira VIII[58]

Em cima dos viventes fatigados
Morfeu as dormideiras espremia,[59]
Os mentirosos sonhos me cercavam;
Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavam
As glórias que, desperto,
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Nau possante,
Nos braços conduzindo a minha bela;
Volteia a grande roda, e a grossa amarra
Se enleia em torno dela;
Já ponho a proa à barra;
Já cai ao som do apito
Ora uma, ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem;
A longa praia ao longe não branqueja;
E já se vão sumindo os altos montes.
Já não há que se veja
Nos claros Horizontes,
Que não sejam vapores,
Que Céu e mar não seja.

Parece vão correndo as negras ondas,[60]
E o pinho, qual rochedo, estar parado;
Ergue-se a onda, vem à Nau direita,
E quebra no costado;
O Navio se deita,
E ela finge a ladeira
Saindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cair do Lais a linha que os engana;
Um, dourado, no anzol está pendente,
Sofre morte tirana;
Entretanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda e barbatana.

Sobre as ondas descubro uma Carroça,
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem e vem Tétis nela;
Na popa[61] está parada;
Nem pode a Deusa bela
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.[62]

Nas costas dos Golfinhos vêm montados
Os nus Tritões, deixando a Esfera cheia
Co'rouco som dos búzios retorcidos.

Recreia, sim, recreia
Meus atentos ouvidos
O canto sonoroso
Da música[63] Sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gajeiro;
Descobre arrumação e grita "Terra!";
À murada caminha, alegre, a gente;
Alguns entendem que erra;
Pelo imóvel somente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume de alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres
(E que nova alegria me arrebata!)
De Cascais a muleta já vem perto;
Já de abordar-nos trata;
Já o piloto esperto,
Inda debaixo manda
Soltar mezena e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilharia já me atroa;
Lá ficam Paço de Arcos e a Junqueira;
Já corre pela proa
Uma amarra ligeira;
E a Nau já fica surta
Diante da grã Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços.
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente
Arrasta a mim os passos.
Ah! como vem contente!
De longe mal me avista,
Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos, pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe.
Marília, quanto eu fiz, fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace,
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada (ó céus!), acordo,
Conheço não estar no claro Tejo;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem sequer a vejo.
Venha a hora afortunada,
Em que não fique em sonhos[64]
Tão ardente desejo!

A uma Despedida[65]

Chegou-se o dia mais triste
Que o dia da morte feia:
Caí do trono, Dircéia,
Do trono dos braços teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Ímpio Fado, que não pôde
Os doces laços quebrar-me,
Por vingança quer levar-me
Distante dos olhos teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, e vou sem ver-te,
Que neste fatal instante
Há-de ser o teu semblante
Mui funesto aos olhos meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

E crês, Dircéia, que devem
Ver meus olhos penduradas
Tristes lágrimas salgadas
Correrem dos olhos teus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

De teus olhos engraçados,
Que puderam, piedosos,
De tristes em venturosos
Converter os dias meus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Desses teus olhos divinos,
Que, ternos e sossegados,
Enchem de flores os prados,
Enchem de luzes os Céus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Desses teus olhos, enfim,
Que domam Tigres valentes,
Que nem rígidas Serpentes
Resistem aos tiros seus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Da maneira que seriam
Em não ver-te criminosos,
Enquanto foram ditosos,
Agora seriam réus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, Dircéia bela,
Rasgando os ares cinzentos;
Virão nas asas dos ventos
Buscar-te os suspiros meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Talvez, Dircéia adorada,
Que os duros fados me neguem
A glória de que eles cheguem
Aos ternos ouvidos teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Mas se ditosos chegarem,
Pois os solto a teu respeito,
Dá-lhes abrigo no peito,
Junta-os c'os suspiros teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

E quando tornar a ver-te,
Ajuntando rosto a rosto,

Entre os que dermos de gosto,
Restitui-me então os meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!

Canção[66]

Dês que vi, formosa Elvira,
Os teus divinos cabelos,
Esses vivos olhos belos,
Que inveja dos astros são,
Foi-se, Elvira, foi-se embora
Toda a paz do coração.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Enquanto, Elvira, se oculta
A meus olhos teu semblante,
Um minuto, um breve instante
Parece que fim não tem.
Se alcanço de ver-te a glória,
Então voa o tempo bem.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando te ris por acaso
Para outro qualquer sujeito,
Estala dentro do peito
De ciúme o coração;
Se me pões os olhos, julgo
Que zombas de mim então.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando há brinco na floresta,
E a divina Olaia canta,
O mesmo gado levanta
A cabeça para ouvir.
Só por mais que Alceu forceje
Não pode o prazer fingir.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando levo à clara fonte
O rebanho do meu gado,
Cai-me da mão o cajado,
E com ela à testa vou:
Fico pasmado, e ignoro
O lugar aonde estou.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando eu vou segar o trigo,
(Olha bem como ando cego!)
Numa parte nele pego,
Meto noutra a fouce em vão;
Dos que vêem, alguns se riem,
Outros mostram compaixão.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,
Sempre sonho que te vejo,
Que te falo, e que te beijo
A branca, nevada mão.
Acordo, Pastora, e foges:
Eu fico mais triste, então.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando alguém meu mal pergunta,
Bem que seja a vez primeira,
Rompo, ainda que não queira,
O segredo, sem saber:
O teu nome, Elvira, digo,
Quando devo o seu dizer.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,
Para um bosque me retiro;
Com desafogo suspiro,
E chamo por ti, meu bem.
Os vales, que se enternecem,
Chamam-te ao longe também.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Quando escuto o triste mocho
A gemer no meu telhado,
Qualquer mal excogitado
Não me deve algum temor:
Só receio que me agoure
Mau sucesso ao meu amor.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

Os pastores que me avistam,
Com o dedo já me apontam,
E à roda do fogo contam
Da maneira que me vêem.
Sou o exemplo dos amantes,
Que esta nossa Aldeia tem.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceu,
Se suspira,
Se delira,
É só por motivo seu.

SONETO I

É gentil, é prendada a minha Altéia;
As graças, a modéstia do seu rosto
Inspiram no meu peito maior gosto
Que ver o próprio trigo quando ondeia.

Mas vendo o lindo gesto de Dircéia
A nova sujeição me vejo exposto;
Ah! que é mais engraçado, mais composto
Que a pura Esfera, de mil astros cheia!

Prender as duas com grilhões estreitos
É uma ação (ó Deuses!) inconstante,
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de um triste amante,
Ou forma de Lorino dous sujeitos,
Ou forma desses dous um só semblante.

SONETO II

Num fértil campo do Soberbo Douro,
Dormindo sobre a relva descansava,
Quando vi que a Fortuna me mostrava
Com alegre semblante o seu Tesouro.

De uma parte, um montão de prata e ouro
Com pedras de valor o chão curvava;
Aqui um cetro, ali um trono estava,
Pendiam coroas mil de grama e louro.

Acabou-se (diz-me então) *a desventura:*
De quantos bens te exponho qual te agrada,
Pois benigna os concedo, vai, procura.

Escolhi, acordei, e não vi nada:
Comigo assentei logo que a ventura
Nunca chega a passar de ser sonhada.

Soneto III

Enganei-me, enganei-me, paciência!
Acreditei as vozes, cri, Ormia,
Que a tua singeleza igualaria
A tua mais que angélica aparência.

Enganei-me, enganei-me, paciência!
Ao menos conheci que não devia
Pôr nas mãos de uma externa galhardia
O prazer, o sossego e a inocência.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante,
E nada me admiro de faltares,
Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdeste mais em me enganares:
Que tu não acharás um firme amante,
E eu posso de traidoras ter milhares.

Soneto IV

Ainda que de Laura esteja ausente,
Há-de a chama durar no peito amante;
Que existe retratado o seu semblante,
Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vê-la, e eternamente
Abraço a sombra vã; só nesse instante
Conheço que ela está de mim distante,
Que tudo é ilusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a ver Amor resista,
Por que minha paixão, que aos Céus é grata,
Por inocente assim melhor persista;

Pois quando só na idéia ma retrata,
Debuxa os dotes com que prende, vista,
Esconde as obras com que ofende, ingrata.

Soneto V

Ao Templo do Destino fui levado:
Sobre o Altar um Cofre se firmava,
Em cujo seio cada qual buscava,
Tremendo, anúncio do futuro estado.

Tiro um papel e leio (Céu Sagrado!
Com quanta causa o coração pulsava!);
Este duro Decreto escrito estava,
Com negra tinta pela mão do Fado:

Adore Polidoro a bela Ormia,
Sem dela conseguir a recompensa,
Nem quebrar-lhe os grilhões a tirania.

Das mãos Amor mo arranca, e sem detença
Três vezes o levando à boca impia
Jurou cumprir à risca a tal sentença.

Soneto VI[67]

Ergue-te, ó Pedra, e desde a margem fria,
Que os muros banha à Lusitana Atenas,
Mostra-me as desmaiadas açucenas
Do rosto, que me ocupa a fantasia.

Deixa que eu beije a mão, que pôde um dia
Ceder de amor às lastimosas cenas;
Que entre as ânsias, a dor, a mágoa, as penas
Renove a saudosa idolatria.

Solto do véu mortal, ó Feliz Astro,
Une ao cadáver a truncada testa,
Levanta o belo colo de alabastro:

Uma alma grande junto a ti protesta
Fazer a glória da defunta Castro;
A ilustre neta vês: Maria é esta.

À ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Cavaleiros,
D. Maria José de Eça e Bourbon.

Soneto VII

Quantas vezes Lidora me dizia,
Ao terno peito minha mão levando:
Conjurem-se em meu mal os Astros, quando
Achares no meu peito aleivosia.

Então que não chorasse lhe pedia,
Por firme seu amor acreditando;
Ah! que em movendo os olhos suspirando
Ao mais acautelado enganaria!

Um ano assim viveu. Oh! céus! agora
Mostrou que era mulher: a natureza
Só por não se mudar a fez traidora.

Não, não darei mais cultos à beleza,
Que, depois de faltar à fé Lidora,
Nem creio que nas Deusas há firmeza.

Soneto VIII

O Númen Tutelar da Monarquia,
Que fez do grande Henrique a invicta espada,
Procurou dos Destinos a morada,
Por consultar a idade que viria.

A mil e mil heróis descritos via,
Que exaltam de Furtado a estirpe honrada,
E na série, que adora, dilatada,
O nome de Francisco descobria.

Contempla uma por uma as letras d'oiro;
Este penhor, que o tempo não consome,
Promete ao Reino seu maior tesoiro.

Prostra-se o Gênio; e sem que a empresa tome
De lhe buscar sequer mais outro agoiro,
O sítio beija, e lhe mostra o nome.

Ao ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Visconde de Barbacena,
Francisco Furtado de Mendonça.[68]

Soneto IX

Nascer no berço da maior grandeza
De palmas e de louros rodeado,
Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,
Que ilustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora e preza
O dom que o nobre sangue traz herdado,
Pela própria virtude sustentado,
Feliz o objeto da presente empresa.

De mil heróis, no Tejo vencedores,
Um ramo nasce, um ramo que a memória
Faz imortal de seus Progenitores.

Eu leio em vaticínio a sua história:
Une Francisco, a par de seus maiores,
Ao herdado esplendor a própria glória.

Ao mesmo excelentíssimo Visconde.

Soneto X

Mudou-se enfim Lidora, essa Lidora
Por quem mil vezes fé me foi jurada.
Que vos detém, ó céus, que castigada
Ainda não deixais tão vil traidora?

Não haja piedade: sinta agora
A dita sem remédio em mal trocada;
Pois, se assim não sucede, fica ousada
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos céus..., mas ah! que digo?
Que maltrateis Lidora? o sentimento
Privou-me do discurso; eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;
Pois sei que a compaixão do seu castigo
Há-de aumentar depois o meu tormento.

Soneto XI

Adeus, cabana, adeus; adeus, ó gado;
Albina ingrata, adeus, em paz te deixo;
Adeus, doce rabil; neste alto freixo
Te fica, ao meu destino consagrado.

Se te for meu sucesso perguntado,
Não declares, rabil, de quem me queixo;
Não quero que se saiba vive Aleixo
Por causa de uma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido,
Lhe dize então piedoso: Ah! vai-te embora,
Atalha os danos, que outros têm sentido.

Habita nesta Aldeia uma Pastora,
De rosto belo, coração fingido,
Umas vezes cruel, e as mais traidora.

Soneto XII

Com pesadas cadeias maniatado,
Às vozes da razão ensurdecido,
Dos Céus, de mim, dos homens esquecido,
Me vi de amor nas trevas sepultado.

Ali aliviava o meu cuidado
C'o dar de quando em quando algum gemido.

Ah! tempo! que somente refletido
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade
De Laura me tornou num breve dia
Quanto a razão não pôde em longa idade:

Quebrei o vil grilhão que me oprimia!
Oh! feliz de quem goza a liberdade,
Bem que venha por mãos da aleivosia!

SONETO XIII[69]

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouvi os Sábios,[70] quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguais honrava.[71]

Julgando os crimes nunca voto[72] dava
Mais duro, ou pio do que a Lei pedia;
Mas podendo salvar o justo,[73] ria,
E devendo punir ao réu, chorava.

Nem foram, Vila Rica, os meus intentos[74]
Meter em férreo cofre cópia d'ouro,
Que chegue aos filhos e que passe aos netos;[75]

Outras são as venturas[76] que me agouro:
Ganhei saudades, adquiri afetos,
Vou fazer destes bens melhor tesouro.

Feito quando o Autor acabou o Lugar de ouvidor de Vila Rica
e foi despachado para Desembargador da Bahia.

SONETO XIV

Quando o torcido buço derramava
Terror no aspecto ao Português sisudo,
Quando, sem pó nem óleo, o pente agudo
Duro, intonso, o cabelo em laço atava.

Quando contra os Irmãos o braço armava
O forte Nuno, opondo escudo a escudo;

Quando a palavra, que prefere a tudo,
Com a barba arrancada João[77] firmava.

Quando a mulher à sombra do marido
Tremer se via; quando a Lei prudente
Zelava o sexo do civil ruído;

Feliz então, então só inocente
Era de Luso o Reino. Oh! bem perdido!
Ditosa condição, ditosa gente!

ODE[78]

Se entre as louras areias
Do meu Jaquitinhonha, um Gênio erguido
Às Regiões alheias
Manda que em doce metro repetido
Hoje o teu nome leve,
Tanto à virtude, meu Beltrão,[79] se deve.

Vejo a sórdida inveja
De ira morder-se, e as serpes sacudindo,
Por se tragar forceja;
De pejo e de vergonha em vão cobrindo
Co'as frias mãos ao rosto,
Geme a calúnia no mortal desgosto.

Vós, Gênios fortunados,
Que do Templo da Glória honrais a estância,
Os méritos sagrados
Cantai do bom Ministro: a constância,[80]
A sábia fortaleza
É quem o guia na maior empresa.

Se os rígidos palmares
Da Iduméia consulto, o bravo Noto,[81]
Os tormentosos ares
Não podem mais dobrá-los: zomba, imoto,
Nem às ondas tem medo,
Sobranceiro ao Egeu, firme penedo.

Tal a constância tua
Em meio foi dos pérfidos rumores;

A verdade, que, nua,
Derramava em teu rosto as vivas cores,
Sobre as aras decentes
Viu por triunfo mil troféus pendentes.

A vigilância, o zelo,
A retidão do espírito, elevada
Ao grau mais rico e belo,
Essa virtude, que nos traz provada
Em meio dos Tesouros
A sã virtude, que enobrece os Louros:

Tudo, tudo aparece,
Sábio Ministro, da vitória ao lado;
Atenas, que me oferece
No seu público Erário acreditado
Aristides, o Justo,[82]
Em ti acena o seu modelo augusto.

Mil vezes orgulhosa
Negra calúnia o seu desterro tenta;
A virtude preciosa
Contra o fero Temístocles sustenta,
Não há força que baste,
Não há poder que o peito lhe contraste.

Feliz o Rei, o Povo,
Feliz também de Têmis a balança[83]
De um modo raro e novo
Nas tuas mãos eu vejo que descansa;
Aos prêmios, ao castigo
Se reparte sem queixa o braço amigo.

Ah! sinta a nossa idade
De um sangue ilustre, de um talento raro
A próvida igualdade!
Melhor do que nos mármores de Paro,[84]
Em memória aos vindouros
T'ergue o Serro um Padrão nos seus Tesouros.

Ao Ilustríssimo Senhor Luiz Beltrão de Gouveia.

Fim de "Marília de Dirceu"

Outros Poemas

Congratulação com o Povo Português na Feliz Aclamação da Muito Alta e Muito Poderosa Soberana D. Maria I, Nossa Senhora

Saepta armis solioque alte subnixa, resedit.
Jura dabat legesque viris...

Virgílio, *Eneida*, liv. I

Não são, Lusos, não são as falsas glórias
nascidas dos acasos das vitórias
que fazem os Impérios florescentes;
os sucessos de Marte,[1] contingentes,
nos deixam igualmente destruídos
os povos vencedores e os vencidos;
as formosas campinas assolavadas
por ferozes ginetes, semeadas
de corpos e medonhos instrumentos;
exaustos os tesouros opulentos,
desertas as aldeias e as cidades;
infames, atrevidas liberdades,
estupros, roubos, opressões, delitos,
são certas conseqüências dos conflitos.

Celebrem pois embora os vãos Romanos,
esquecidos enfim dos próprios danos,
a dura sujeição, o triste estrago
da ilustre Grécia, da infeliz Cartago.
Vitórias e conquistas dilatadas,
em funestas campanhas alcançadas,
merecem, sim, ó Lusos, justo apreço,
mas são compradas por mui grande preço.

Um rei sábio, um rei justo, um rei prudente,
que com mão desvelada e providente
a seus fiéis vassalos assegura
o sossego, as riquezas e a fartura;

que, sustendo o equilíbrio da balança,
que Astréia[2] lhe confia, reto alcança,
com prêmios e castigos regulados,
animar justos, enfrear culpados;
que o zelo da virtude lhes fomenta;
que os faustos e grandezas não sustenta
em suores e lágrimas sentidas;
que pesa tanto quanto vale suas vidas —
é este o bem, ó Lusos, verdadeiro,
que venturoso faz um povo inteiro.
Por isso, quando os deuses rigorosos
querem punir delitos horrorosos,
aos duros povos, da piedade indinos,
dão tiranos e tiram Micerinos.

Não celebremos pois, ó Lusitanos,
alheios infortúnios, próprios danos
debaixo de aparências de ventura.
Nós temos uma dita mais segura:
uma heroína sábia, pia e justa
com régia c'roa cinge a frente augusta.
Veremos outra vez com mais verdade
no mundo florescer aquela idade,
que d'ouro apelidaram; nem teremos
— a ser ainda certo quanto lemos —
invejas dos ditosos, breves anos,
em que viveram Titos e Trajanos.[3]

Eu não consulto, não, com falsos ritos,
nem os vôos das aves, nem os gritos;
não noto se os cordeiros imolados
expiram nos altares sossegados;
se têm o coração ileso e puro,
e as chamas ardem claras não procuro;
não indago também se o fumo leve,
sem ter estranho cheiro enfim se atreve
sereno encaminhar-se aos céus propícios:
mais nobres são, ó Lusos, meus auspícios.

Nós inda não tivemos um só Nero,
um monstro desumano, injusto e fero,
que em sua própria corte (ação indina!)
dos Troianos visse a fatal ruína;

nem houve um só Mezêncio,[4] que mandasse
que ao morto o vivo corpo se ligasse.
Se entre nós se guardasse aquele rito,
que longos anos se guardou no Egito,
dos mortos se julgarem, sem respeito
à régia dignidade do sujeito,
não, não terias, Portugal, a pena
de veres a funesta, indigna cena
de ser negada por sentença dura
às cinzas de um monarca sepultura.

Os reis que sempre em Lísia governaram,
como pais dos seus povos se portaram.
Aquele forte impulso, que mil vezes
pode mover os peitos portugueses
a verter tanto sangue em justo abono
do augusto cetro, do sublime trono,
foi, Luso, um efeito puro e reto
do nosso filial, ardente afeto.
As águias geram águias generosas,
não feras nem serpentes horrorosas.

Não será, Lusos, não, a vez primeira,
— se a história nós julgarmos verdadeira —
que venere o mundo com maior respeito
virtude heróica no femíneo peito:
tu, Erifile,[5] de valor armada,
cingiste, qual varão, cortante espada!
Tu, Débora,[6] também com mão potente
fizeste a glóra da escolhida gente!
Outra Maria honrou a nossa idade:
mais prova não carece tal verdade.

Nem firmo as esperanças tão somente
em ser de tais monarcas descendente;
desta clara heroína os próprios feitos
são, Lusos, argumentos mais perfeitos.
Eu vejo que, movida da clemência,
tomando o justo amparo da inocência,
com suas mãos formosas, mas potentes,
desfez masmorras e quebrou correntes.
Eu vejo que, atendendo aos justos brados

de ilustres, abatidos magistrados,
outra vez os levanta à honra antiga,
da qual os despojou a infame intriga.
Eu vejo que, depois de perdoados
infames crimes, torpes atentados,
nem quer deixar dos réus a fama lesa.
Oh! quanto, Lusos, a virtude preza!
Eu vejo que, exercendo com prudência
à maneira dos deuses a clemência,
sem ludíbrio contudo da Justiça,
aterra o monstro infame da cobiça.
Ah! tais feitos não são, não são auspícios:
são mais certeza do que são indícios.

Esses famosos reis, cuja memória
cobrindo os homens de uma justa glória
inda hoje faz correr saudoso pranto,
em breves dias não fizeram tanto.

Mas ah! que muito, ó Lusos venturosos,
vejamos tantos feitos gloriosos!
Virtudes santas do alto céu baixaram
no berço, que de rosas lhe adornaram:
umas os ternos membros lhe cobriram,
as outras desveladas a nutriram,
recebendo-as nos braços seus, perfeitos,
a puro leite de seus castos peitos.

De tão sublime, tão geral ventura
outra infalível prova nos segura[7]
aquela mais que todas feliz sorte
de ter esta heroína um tal consorte.
Os deuses, que adorná-la procuraram,
já para seu esposo lhe criaram
este príncipe ilustre, esta alma bela,
em tudo, Lusos, semelhante à dela.
Aqueles mesmos deuses que o formaram,
de o verem tão perfeito se pasmaram.
Oh! Príncipe feliz, Monarca egrégio,
que tendo, como tem, o sangue régio
nos olhos dos mortais tão grande apreço,
é o bem que inda tens de menos preço!

Esposo de tais dotes adornado,
que só põe na virtude o seu cuidado,
ou falam contra nós princípios certos,
ou não pode influir senão acertos.

A serem os Impérios alcançados
por sólidas virtudes, não herdados,
vós, monarcas em tudo gloriosos,
seríeis na verdade os mais ditosos.
Não governaríeis só a lusa gente,
fechada num tão breve continente:
a ser pesado mando, a vós jucundo,[8]
teríeis por Império o vasto mundo.
Longe, longe, ó Lusos, do meu peito
do vício da lisonja o vil defeito!
Longe, longe de mim! A Majestade,
não se honra do ludíbrio da verdade.

À vista destes fatos que proponho,
não é sem fundamento que suponho
que em tudo feliz seja um tal reinado,
apesar, Lusos, apesar do Fado.
Desde hoje as nossas frotas e as armadas,
cortando as crespas ondas afastadas,
cobrirão longas praias com os frutos,
tirados por comércio e tributos.
Os nossos justiceiros magistrados,
movidos por exemplos tão sagrados,
já sem perigo, sem temor, sem susto,
não hão de conseguir que braço injusto
estrague o equilíbrio do Direito
com falso, aéreo peso do respeito.
Os nossos militares, sempre ousados,
da honra e da virtude estimulados,
vivas torres serão, serão muralhas,
ainda sem vestirem grossas malhas,
batidas, já não digo por Vulcano,
mas nem por forte mão de destro humano.
De tudo quanto espero, nada é novo:
quando o monarca é bom, é bom seu povo.

Ergamos pois, ó Lusos venturosos,
aos deuses mil altares respeitosos,

os quais banhemos repetidas vezes
com quente sangue de enfeitadas reses.
Ao céu benigno ingrato não sejamos;
e bem que o vil humano nunca possa
dar-lhe digno louvor, sequer façamos
o pouco que permite a esfera nossa.

[DÊS QUE VI, FORMOSA ELVIRA,]

Dês que vi, formosa Elvira,
os teus divinos cabelos,
esses vivos olhos belos,
que inveja dos astros são,
foi-se, Elvira, foi-se embora
toda a paz do coração.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Enquanto, Elvira, se oculta
a meus olhos teu semblante,
um minuto, um breve instante
parece que fim não tem.
Se alcanço de ver-te a glória,
então voa o tempo bem.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando te ris por acaso
para outro qualquer sujeito,
estala dentro do peito
de ciúme o coração;
se me pões os olhos, julgo
que zombas de mim então.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando há brinco na floresta,
e a divina Olaria canta,
o mesmo gado levanta
a cabeça para ouvir.
Só, por mais que Alceu forceje,
não pode o prazer fingir.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando levo à clara fonte
o rebanho do meu gado,
cai-me da mão o cajado,
e com ela à testa vou:
fico pasmado, e ignoro
o lugar onde estou.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando vou segar o trigo,
(olha bem como ando cego!)
numa parte nele pego,
meto noutra a fouce em vão;
dos que vêm, alguns se riem,
outros mostram compaixão.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,
sempre sonho que te vejo,
que te falo, que te beijo
a branca, nevada mão.
Acordo, pastora, e foges:
eu fico mais triste, então.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando alguém meu mal pergunta,
bem que seja a vez primeira,
rompo, ainda que não queira,
o segredo, sem saber:
o teu nome, Elvira, te digo,
quando devo o seu dizer.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,
para um bosque me retiro;
com desafogo suspiro,
e chamo por ti, meu bem.
Os vales, que se enternecem,
chamam-te ao longe também.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Quando escuto o triste mocho
a gemer no meu telhado,
qualquer mal excogitado
não me deve algum temor:

só receio que me agoure
mau sucesso ao meu amor.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

Os pastores que me avistam,
com o dedo já me apontam,
e à roda do fogo contam
da maneira que me vêm.
Sou o exemplo dos amantes,
que esta nossa aldeia tem.

E talvez, talvez que Elvira
nem se lembre de que Alceu,
se suspira,
se delira,
é só por motivo seu.

[CHEGOU-SE O DIA MAIS TRISTE]

Chegou-se o dia mais triste
que o dia da morte feia;
caí do trono, Dircéia,
dos tronos dos braços teus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Ímpio Fado, que não pode
os doces laços quebrar-me,
por vingança quer levar-me
diante dos olhos teus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, e vou sem ver-te,
que neste fatal instante
há de ser o teu semblante
mui funesto aos olhos meus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

E crês, Dircéia, que devem
ver meus olhos penduradas
tristes lágrimas salgadas
correrem dos olhos teus?

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

De teus olhos engraçados,
que puderam, piedosos,
de tristes em venturosos
converter os dias meus?

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Desses teus olhos divinos,
que ternos e sossegados,
enchem de flores os prados
enchem de luzes os céus?

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Desses teus olhos, enfim,
que domam tigres valentes,
que nem rígidas serpentes
resistem aos tiros seus?

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Da maneira que seriam
em não ver-te criminosos,
enquanto foram ditosos,
agora seriam réus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, Dircéia bela,
rasgando os ares cinzentos;
virão nas asas dos ventos
buscar-te os suspiros meus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Talvez, Dircéia adorada,
que os duros fados me neguem
a glória de que eles cheguem
aos ternos ouvidos teus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

Mas se ditosos chegarem,
pois os solto a teu respeito,
dá-lhes abrigo no peito,
junta-os cos suspiros teus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

E quando tornar a ver-te,
ajuntando rosto a rosto,
entre o que dermos de gosto,
restitui-me então os meus.

Ah! não posso, não, não posso
dizer-te, meu bem, adeus!

A Conceição

Canto Primeiro

Venturosos aqueles, sim aqueles,
que a vista levantando a toda parte,
vêem os grossos chuveiros, vêem as ondas,
as ondas furiosas que se espraiam,
que inundam as campinas, que submergem
as serras levantadas; que não poupam,
que não respeitam nada: mas divisam
uma arca mais extensa, e mais segura
que foi a de Noé, em que se metam,
e suas vidas salvem, bem que a onda,
umas vezes descendo, outras subindo,
umas vezes os leve ao baixo fundo
que tem o mar cavado, e outras vezes
sobre si os levante, até que cuidem
que sobem a tocar nos próprios astros.
Venturosos aqueles que descobrem
esta arca salvadora, mui distante
das terras em que vivem: mas que podem
gozar do seu amparo, apenas queiram
para ela encaminhar ligeiros passos:
mas inda mais ditosos os aflitos,
que querendo salvar-se de um naufrágio,
que sobre erguidas serras já se espraia,
sem largas diligências, sem fadigas
a podem encontrar em toda parte:
em qualquer parte sim, aonde estejam,
e levantem aos céus, que a todos ouvem,
....
....
....
que te ergueram em Chipre, mais em Pafos;
sobre as infames piras, onde o filho

as chamas devorantes ascendia
com o vento da boca, e mais das asas.
Ainda isto, que disse, é tudo pouco:
queimei o coração, que é mais que tudo,
e dei ao pé de ti suspiros tantos,
tão fortes, tão ardentes, que puderam
fazer incendiar os frescos ares.
Quantas vezes a mãe do cego infame
vendo tantos extremos, invejosa
só para não os ver, voltou a cara?
Quantas vezes se irou com o seu filho
porque era disto a causa, e lhe pedia
que a sua honra vingasse, e me ferisse
com outra penetrante, oposta farpa?
Quantas vezes o filho por mostrar-lhe
a falsa submissão lho prometia,
e depois de voltar à mãe as costas
a todas as promessas lhe faltava?
Verti sangue, verti; queimei as reses.
Provera o pio céu que o não vertesse,
provera o pio céu que as não queimasse!
Ah como estou diverso! Muitas vezes
depois da feia noite tormentosa
aparece a manhã serena, e limpa,
seguida por um sol ardente, e claro.
Muitas vezes aquele que se via
já quase moribundo, vê seu corpo
vigoroso, e robusto, e só por isso
que morto se julgava, e que reputa
a vida, e a saúde um bem celeste
que não tem outra dita a quem se iguale.
Venturoso daquele, que já pode
....
....
....

Canto Terceiro

A protetora Palas, que não pode
sofrer a corrupção dos Portugueses,
a quem pelo valor, que ousados mostram,
como um povo de heróis estima e preza.

Esta Deusa propícia receando
o encontro segundo que ajustaram
com as ninfas de Vênus, que só buscam
nos peitos acender-lhes vivas chamas,
a fim de que se esqueçam de vitórias,
de tesoiros, conquistas, e de palmas,
que são os bens sublimes, por que sempre
os peitos Portugueses se abrasaram.
Esta Deusa que sabe que um veneno,
bem que ele seja fraco, repetido
por diversas porções, inficiona
o sangue pouco a pouco até que mata:
intenta socorrer os Portugueses
com empenho tão forte, que cogita
[quando] isto necessário, defendê-los
lutando com a mesma Deusa Vênus,
que perdê-los intenta, braço a braço.
Quanto tem de formosa a sã virtude!
que até quando se esfria ainda encontra
no peito protetor o forte amparo
dirigido a que as forças já perdidas
de novo se restaurem, ou que ao menos
[essas] pequenas forças que inda restam
com repetidas quedas não se acabem.

Apenas viu a Deusa que os guerreiros
alegres se aprontavam por que fossem
à vizinha cidade atrás do encanto
e fingidos prazeres que esperavam.
Ela muda o seu rosto, e muda o traje;
toma o traje modesto, mais o rosto
de um seu próprio ministro douto, e grave,
que os expostos guerreiros acompanha.

Mal mudou o semblante foi meter-se
no meio dos já prontos navegantes.
O semblante carrega, e apenas fita
nos seus rostos a vista assim lhes fala.
Que é isto, Portugueses? Vós correndo
aos prazeres de Amor? A uns prazeres
que afrouxam dos heróis as fortes almas?
que voltam os leões, e mais os tigres

numas pombas cobardes, que não podem
fazer outro serviço que não seja
o conduzir da mãe o torpe carro?
Quem entrega os seus braços às cadeias
que lhe bota a beleza inerme e fraca
pode ter a constância que é precisa
para se expor aos riscos de um combate?
Para ver junto aos muros altos montes
de corpos inda quentes palpitando,
de amigos, e parentes; uns vertendo
aos borbotões o sangue; outros sujos
de negro pó a dar finais arrancos,
sem que feche de horror os olhos turvos?
Sem que volte também ao sítio a cara?
Pois isto, Portugueses, inda é pouco?
Terá, terá valor, terá virtude,
para correr ao muro, e sobre o corpo
até do próprio pai firmar a escada?
Subir, e já disposto a que não deve
deixar os seus degraus, sem que consiga
o muro cavalgar, ou sem que dele
precipitado caia, dando aflito
o último suspiro sobre os ares?
Os jardins, Portugueses, só produzem
as flores sem valia. O loiro, a palma
que servem para insígnias do heroísmo
só se cortam nos sítios que se regam
com rios de suor, e mais de sangue.

Enquanto a Protetora assim dizia
os fortes portugueses increpados
se olhavam confundidos, e as rosetas
que a vergonha levanta lhes subiam
sobre as modestas faces: então Palas
que via estes efeitos da virtude
que estava adormecida, conhecendo
que ainda as suas vozes poderiam
ter forças de cautério que avivassem
os brios outra vez das frouxas almas,
fitando com mais força a vista neles
reforça, e continua desta sorte
a interrompida fala. Portugueses:

Cupido fez de Aquiles zombaria
fazendo com que Aquiles se assentasse
no estrado das belezas, que o cercavam?
que despindo o arnês vestisse a saia?
que pusesse à cintura a roca indigna
tirando da cintura a mesma espada
e vós, ó Portugueses (com que custo
este nome vos dou), vós, Portugueses,
julgais que podereis chegar às chamas
sem que elas vos abrasem? Por ventura
vós sois melhores do que foi Aquiles?
Tendes almas mais fortes? Sois mais sábios?
Os vossos Patriotas, que inda existem,
Portugueses no nome, e mais nas obras,
estarão combatendo os inimigos
vertendo o ilustre sangue, e vós, [ó] Lusos,
gastais o vosso tempo a enfeitar-vos
para irdes, quais Narcisos, às campanhas
de Vênus, e Cupido? Estareis surdos?
Estareis insensíveis? Não vos movem
as vozes dos amigos, e parentes
que ao socorro vos chamam? Portugueses,
para gozar deleites, para estardes
nos braços das belezas, carecíeis
cortar os tormentosos, verdes mares?
Não há também belezas em Lisboa?
Não tem, não tem recreios vossa pátria?
O valor, Portugueses, não se alcança
por serem nossos membros só nutridos
com nervos de serpentes, e tutanos
dos ursos, e dos tigres: quem pretende
ter valor, e virtude é necessário
ganhar essa virtude e valentia
por meios concernentes: sim, ó Lusos,
não deve obrar ação sem que primeiro
a sua ação conheça, e sem que faça
nas leves conseqüências que ter pode
maduras reflexões em tudo sábias,
abrindo o coração a quanto pode
a virtude excitar: fechando o peito
a tudo quanto pode corromper-lhe
os sãos desejos que residem n'alma.

Enquanto a protetora discorria
desta maneira forte, os Portugueses,
pondo no chão os olhos, não diziam
uma palavra só, e muitas vezes
sentidos suspiravam, forcejando
por que a sábia Deusa não sentisse
os ardentes suspiros que eles davam.

A Deusa, que isto observa, continua
desta sorte o discurso. Portugueses,
se quereis ir aos brincos tão impróprios
do guerreiro caráter, ide embora:
porém debaixo ao menos de um disfarce.
Imitai, imitai o bravo Aquiles,
depondo os ferros, e vestindo as saias.
Eu irei procurar os bons patrícios,
eu assim lhes direi... Valente Lusos,
não olheis para a barra. Os companheiros
ficarão engolfados nos prazeres
próprios das frouxas almas. Ide à guerra.
Combatei os guerreiros que vos chamam,
fiai-vos no valor dos próprios braços:
vencereis, e tereis a glória toda,
que os vossos patriotas não pertendem
entrar na partição das vossas palmas.
Repartiu-se a campanha: a vós pertence
soldados combater, soldados homens,
inimigos da pátria: a eles toca
os peitos combater de inermes damas.
E de damas vencidas, sim daquelas
que buscam nas vitórias os remédios
que lhes curem do peito as vivas chagas.
Uma vitória destas, bem que fosse
na verdade vitória, só faria
ao peito generoso muito infame.
Quando a honra tivermos de dobrarmos
ante o trono os joelhos, mostraremos
ao nosso Augusto os peitos; porém como
os nossos peitos nus, cobertos todos
de feridas honradas; e os seus peitos
cobertos com as fardas nunca rotas
e de mimosas flores enfeitadas.

Fujamos, Portugueses, deste Porto,
que é um porto empestado; sim fujamos.
Não queirais que correndo atrás da glória,
só venhamos buscar a nossa infâmia.

Apenas isto disse, a Deusa os cobre
com seu brilhante escudo, que trazia
sem que os guerreiros vissem, no robusto,
no firme esquerdo braço. Neste instante
os tentados guerreiros recuperam
o seu quebrado esforço, qual a planta
abatida do sol, que mal recebe
os orvalhos que nutrem, se levanta:
ou qual vergôntea nova, que se inclina
à violência do peso, e apenas sente
o peso de si fora, já se move,
e de novo se apruma sobre os ares.

A Deusa, que lhes nota o novo alento,
o seu semblante alegra, e já risonha
lhes fala desta sorte. Portugueses,
a virtude dos homens é sujeita
a despenhar-se em faltas. O sol mesmo
não brilha sempre igual: as suas luzes
que são no meio-dia tão intensas,
quando nasce, e se põe, já são mais fracas.
Os justos também erram; mas dos erros
só tiram argumentos da fraqueza
que os fazem mais prudentes, e mais sábios.
Os Deuses são somente os que são justos
em todo o tempo, e parte. Aquele peito
que menos vezes erra, é entre todos
quem se mostra em segui-los mais exato.
Fujamos, Portugueses, deste sítio:
que se hoje inda podemos fugir dele
amanhã pode ser que a enfermidade
as forças nos consuma, e não possamos,
qual o enfermo que corre à sepultura
se o seu mal no princípio não se atalha.

Os Lusos navegantes que isto escutam
na já frouxa virtude mais se inflamam:

os deleites desprezam, e se haviam
à cidade correr, depõem as galas.
Uns sobem para as vergas, e desferram
os enrolados panos: outros correm
ao grosso cabrestante, e nele enrolam
a corpulenta amarra. O lenho vira,
põe para a barra a proa, e já navega
rompendo sossegado as mansas águas.
Ó Deusa valerosa! que proteges
os da minha nação, e mais a quantos
os buscam imitar no esforço d'alma!
Eu não tenho cem toiros, que degole
nos teus santos altares; porém posso
cantar os teus louvores, que isto vale
muito mais do que vale o sacrifício
em que se alaga o chão de quente sangue.

Vênus, que tudo observa, em iras arde,
corre à vizinha praia, busca o nume
que no porto preside e assim lhe fala.
Já não me chames Vênus; nem ainda
como Deusa me trates. Noutro tempo
bastava o ver meu rosto para ver-se
o mar, em que nasci, envolto em chamas.
Tenho vencido os Deuses; mas agora
já não tenho poder sobre os humanos.
Queria mais dizer: mas os suspiros
lhe cortam as palavras. A Deidade
que preside no porto, surpreendida
deste estranho sucesso nunca visto,
pretende consolá-la: mas debalde,
que quanto mais o busca, mais excita
a força impia do corrente pranto,
qual menino mimoso, que suspira
inda mais, quando a mãe lhe faz afagos.

Apenas o tormento lhe permite
um pequeno repouso, o Deus do porto
com sentido semblante assim lhe fala.
Que é isto, ó grande Vênus? Tu suspiras?
Tu aflita desmaias? Porventura
no céu, aonde habitas, também pode
entrar motivo que produza a mágoa?

A Deusa lhe responde: Sim, no Império
também entra o ultraje, e há de sempre
entrar no céu o crime, enquanto Jove
o castigo poupar do ousado humano.
O Nume se horroriza e assim lhe torna:
E Jove já não tem ardentes raios?
Ou se os tem já não quer punir ofensas
que os mesmos céus ultrajam? Quem te insulta
ao ver que um tal delito não tem pena,
não pode aos seus insultos animar-se?
Esse peito insolente, que te ultraja,
é livre do furor e da justiça
do teu potente braço? Dize, aonde
está o teu Cupido? As sua[s] setas
só têm poder nos peitos inocentes;
para punir os peitos que te insultam
não têm mãos, não têm forças, não têm armas?
Os ultrajes da mãe não são ultrajes
que ao filho honrado abraçam? Vênus, dize,
quem é, quem é o monstro, que te falta
ao devido respeito. A ser daqueles
que estão nas minhas águas, te seguro
um desagravo tal, que servir possa
de freio e de escarmento aos mais humanos.
Assim, ó grande Deusa, assim o juro
pela sagrada Estige, a quem não falta
nem o supremo Jove. Eu também tenho
na tua ofensa parte; pois ainda
que sejas uma Deusa de outra esfera,
nasceste como nós também das águas.

A Deusa assim responde. Eu bem conheço
que tens um coração em tudo digno
de ser o coração da Divindade
que manda as águas deste porto extenso.
Se tu assim não foras, não viera
buscar agora em ti o desagravo
da minha própria ofensa. Aquele, aquele
que ali vês ancorado é o navio
que excita a minha raiva. Enquanto a Deusa
estas vozes dizia, com o dedo
apontava o navio Marialva.

Eu quero, eu quero ver este navio
(continua a dizer) naquelas pedras
em vingança quebrado. Aqueles homens
ao meu favor ingratos, se atreveram
a voltarem as costas aos prazeres
que eu mesma lhes buscava. Que mais queres
ouvir da minha boca? Sou Divina,
estou queixosa deles. Este agravo
pede a justa vingança, e isto basta.
Se os homens não temerem os celestes,
dentro em mui pouco tempo não teremos
nem templos, nem altares. Isto é pouco:
pararão sobre a terra os sacrifícios,
e talvez se convertam nos ultrajes.

O Nume lhe responde. Ó Deusa! Os Lusos
são senhores do porto, e eu os amo.
Mas isto nada importa. A tua ofensa
deve ser preferida, pois que vence
sem menor exceção os outros males.
Nem pode ter valia o sacrifício
se a mão, que ao ar levanta o ferro agudo,
as reses avalia em pouco, ou nada.
Apenas isto disse, as águas fere
com o cetro, que traz: as águas correm
com força nunca vista, e arrebatam
o grande Marialva sobre as pedras,
que rodeiam a ilha dilatada,
que da grande cidade está defronte,
e é uma fortaleza guarnecida
que da Ilha das Cobras tem o nome.

O navio se salva por influxo
da protetora Palas: vai dar fundo
num lugar à saída acomodado,
que o Poço se apelida: novamente
as águas o arrebatam e vão pô-lo
em cima da restinga pedregosa
que parte como uma ilha inculta e breve
que o nome tem dos Ratos. Toca o leme
na encoberta restinga, e se levanta.
A gente, que o guarnece, se perturba.

Corre à popa da nau a grande Palas:
põe os olhos acesos na corrente;
a corrente parou, no mesmo instante.
O leme levantado cai e torna
ao primeiro lugar aonde estava.
O navio do sítio se retira,
dá fundo noutro sítio mais seguro,
de mais fundo, e mais limpo, e desta sorte
deste segundo risco em fim se salva.

Apenas o navio lançou fundo
em lugar oportuno, a justa Deusa
ao portaló se chega, e estas vozes
soltou do fundo peito ardendo em raiva.
Ministros desse Nume, que perturba
deste porto o sossego, moderai-vos.
Dizei ao vosso Nume que repita
a essa injusta Deusa, a quem agrada,
este fiel recado. Quem procura
os caminhos da glória, só merece
das mãos dos altos Deuses, que são justos,
benigna proteção, e não estragos.
Que se isto a não modera, que eu lhe digo
que ponha as suas forças por que busque
dos Lusos a desgraça; pois as minhas
estarão vigilantes a salvá-los.
Que se ela é uma Deusa, eu sou o mesmo,
e sendo ambas iguais, bem poderemos
medir as nossas forças braço a braço.

O navio levanta finalmente
o grosso unhado ferro: os mares corta,
e sai do porto infausto. Tú, ó Palas,
defende os Portugueses, que eles correm
atrás do seu naufrágio. Sim, que as Deusas,
inda que Deusas sejam, são mulheres:
mulheres que não deixam que se curem
as chagas do rancor, quando elas nascem
da injúria da beleza, bem que corram
depois da chaga aberta os longos anos:
os anos sim, os anos, que consomem
as mais profundas chagas, que se abriram
pelas ousadas mãos dos mais agravos.

Valerosos Guerreiros, animai-vos:
que os peitos virtuosos que padecem
em ódio da virtude, por fim podem
dos males triunfar, e quando chegam
os dias do triunfo, ó quanto, ó quanto
formosos lhes parecem os trabalhos!
Não é digno das ditas quem não pensa
que as ditas são uns bens que os céus fizeram
para prêmio dos peitos sofredores,
que mostram os seus rostos sempre inteiros
no fundo abismo dos maiores males.

Canto Quarto

No dia, que era o sexto da viagem,
a ofendida Vênus determina
tomar vingança nova: sobe ao carro
que puxam brancas pombas: rompe os ares,
a Eolo procura, mal o encontra,
lhe fala deste modo... Ó Rei potente,
de cujo arbítrio pende a sorte toda
de quem o mar navega. Escuta, escuta
as queixas de uma Deusa maltratada;
dá-lhe o remédio que te pede, e pronto.
Eu tenho imensas ninfas, e na terra
não acharás belezas que se possam
com elas comparar. Se me servires
no que te peço agora, eu te concedo
o número de nove, e também deixo
só na tua eleição a sua escolha.

O Rei assim lhe diz... ó Deusa bela,
a paga, que me ofertas, é mui grande
mas por isso, que é grande, eu a contemplo
à honra injuriosa. Dize, ó Vênus,
para que eu te obedeça é necessário
que tu me incites c'o valor do prêmio?
Eu hei-de, ó grande Vênus, comprazer-te
sem olhar para a paga; pois não quero
que ela tire o valor ao meu serviço
mudando o meu serviço em vil contrato.

Contudo, grande Vênus, não me exponho
a que te persuadas que eu desprezo
vaidoso a tua graça. Sim, eu quero,
eu quero que entre nós se aperte o laço
de uma estreita amizade; entrar na conta
daqueles que compõem a tua casa.
Alcançando este bem, não tenho, ó Deusa,
mais outro bem igual, aonde possa
bater o meu desejo as suas asas.
Escolhe entre essas ninfas que me ofertas
aquela que quiseres; que eu procuro
fazer-te um sacrifício mais completo
da rendida vontade: à que me deres
sem reparar qual seja, eu hei de dar-lhe
por ser escolha tua alegre esta alma.

A Deusa lhe responde — ó Rei, eu tenho
uma ninfa que é bela, conhecida
pelo nome que tem de Danopéia.
Não te quero afirmar que a todas vence
na beleza, e nas graças; que estes dotes
não têm nos olhos todos igual peso.
Só te afirmo que ela é entre as mais todas
a quem mais amo, e prezo. Danopéia
será, será, ó Rei, aquela ninfa
que deste feliz dia para sempre
com dobradas prisões nos una, e prenda.
O Rei assim lhe torna. Eu já me abraso
nos ardentes desejos dessa posse;
porque sendo esta escolha escolha tua
não pode escolha haver mais digna e nobre.
Mas nós, ó grande Deusa, depusemos
de parte o teu negócio. Vênus, Vênus
este insulto perdoa; e por que possas
perdoar-me este insulto, ah tu repara
que a causa dele não foi minha toda!
Deixemos os ajustes, Deusa, fala,
que quando se cogita da vingança
que procuras tomar aos teus insultos,
não é, não é decente, ó grande Deusa,
que o tempo se consuma em tais contratos.
A Deusa o modo atento lhe agradece
e prossegue a queixar-se assim dizendo.

Aqueles Portugueses que navegam
no leve Marialva, me fizeram
uma afrontosa ofensa. Mal chegaram
à corte do Brasil, busquei fazer-lhes
alegres seus trabalhos. Fui eu mesma...
O Rei, que estas palavras escutava,
lhe interrompe o discurso assim dizendo.
Suspende a voz, ó Deusa, que eu não posso
consentir que me contes teus sucessos
sem que nisso te ofenda. Se eu quisesse
saber os teus agravos para dar-lhes
castigo equivalente, me faria
desta sorte o juiz da tua ofensa.
Tu és só o juiz, e és só por isso
quem a pena lhe arbitra: a mi só toca
fazer executar qualquer sentença;
e em ser executor do que mandares
já tenho glória, que não é pequena.

A Deusa novamente lhe agradece
uns tão puros desejos, que se fazem
mais dignos de valor por se explicarem
por tão urbanos termos. Depois disto
seus desejos explica assim dizendo.
Despede, ó grande Rei, o vento irado,
açoita este navio: agita os mares
e bate o seu costado: faze nele
os estragos maiores; mas não mandes
que estes estragos passem ao excesso
de o fazer submergir nas verdes ondas.
Não cuides, grande Rei, que o meu pedido
assenta em piedade; pois assenta
nos desejos ardentes que me abrasam
de querer despicar a minha afronta.
Eu quero que estes Lusos não acabem;
porque quero acabá-los pouco a pouco
ao peso sucessivo dos trabalhos,
que é mal ainda pior que a mesma morte.

O Rei assim lhe torna... ó Deusa, espera,
espera um breve instante por que vejas
que o teu pedido é ordem, e tal ordem,

que bem que o coração se oponha a ela,
tem sempre execução inteira, e pronta.
Apenas isto disse, o cetro move;
fere um grande penedo que servia
de robusto postigo a uma cova
onde encerrados tem os ventos todos,
por que dela não saiam sem que tenham
para saírem dela expressas ordens.
Mal tocou o penedo com o cetro,
retirou-se o penedo ao lado um pouco,
e mal se afasta a pedra, sai bramindo
o furioso Noto. Os outros ventos
no profundo da casa se revolvem,
e vêm como em tropel também correndo
para a pequena porta. O Rei previsto
o seu cetro maneia, e com a ponta
fere a pedra de novo; a pedra corre
e caminha a tapar a negra cova.

O Rei se vira ao Noto, que inda firme
as ordens esperava, e carregando
o rosto respeitoso assim lhe fala:
O que Vênus mandar, que tu lhe faças,
isso deves cumprir exato, e pronto:
reputa os seus preceitos os meus próprios.
Não digo bem. Reputa os seus preceitos
que os meus próprios preceitos mais forçosos,
que eu posso perdoar se me faltares;
faltando a ela perdoar não posso.

A Deusa e mais o Noto vão seguindo
o rumo do Brasil, e já descobrem
o grande Marialva que rompia,
como quem de tormenta não pensava,
com todo o pano cheio as mansas ondas.
Apenas viu a Deusa o Marialva
subiu-lhe a cor às faces, e apontando
para ele com o dedo, ao vento o mostra,
e soltando um suspiro assim lhe fala.
Aquele é o navio em que navegam
os loucos Portugueses que me ultrajam.

Despica, pois é tempo, a minha afronta:
agita os mansos ares, que lhe rompam
as velas desrinzadas; move as ondas,
que açoitem seu costado. Veja o mundo,
que se tem atrevidos que me insultem,
eu tenho também ondas, e mais ventos,
que vinguem meus ultrajes; e se forem
outros meios precisos, terei inda
os ministros do céu, que são os raios.

Apenas isto disse a Deusa busca
do sítio retirar-se: talvez fosse
para evitar impia que os lamentos,
mais os humildes rogos dos aflitos,
não pudessem fazer que se abrandasse
o fogo em que se abrasa o duro peito.

Mal do sítio se aparta, o fero Noto
a vingança começa: alarga, e enche
as rugosas bochechas; curva o corpo,
põe na cintura as mãos: respira, e sopra.
As águas pouco a pouco se encapelam;
e dentro em pouco tempo está formada
a tormenta medonha. O bom piloto,
ao catavento firme, agora manda
que o leme se alivie: agora ordena,
que se meta de encontro. Os joanetes
e mais as grandes gáveas já se arreiam
para assim se quebrar do impulso a força.
Os punhos do traquete e mais da grande
ligeiros se carregam; os mancebos
pelas escadas sobem por que ferrem
as já descidas velas que, batendo,
os mastaréus açoitam: quais se fazem
em mais velas partidas, quais rompendo
as bem atadas cordas que as seguram
às longas vergas, pelos ares voam.
Não se escutam senão sentidas vozes
de quem manda, e trabalha, e o sussurro
do Noto furioso, que assobia
nos moitões e nas cordas, misturado
c'o sussurro também das bravas ondas.

Uma onda se levanta mais crescida
e se deixa cair com toda a força
na proa do navio. O grande beque
depois de levantar-se sobre as nuvens
desce ao profundo inferno: já vem outra
mais forte que a primeira, nele bate,
e o grande beque treme: já se enrolam
a terceira, e a quarta, e não podendo
o beque resistir a tanta força
um grande estalo deu e fez um rombo
apesar das cavilhas, que o sustentam.

Com a vitória o Noto mais se alenta:
aperta os beiços outra vez de novo,
ajunta mor porção na funda boca
dos comprimidos ares; quer soltá-los
e neste mesmo instante ao mal acode
a Deusa Protetora. Corre, e chega
ao portaló que está de barlavento,
e toma o seu semblante. Aqui se mostra
já como Deusa Palas, aos contrários,
ao mar embravecido, e ao fero Noto.
O Noto mal conhece à grande Deusa
turbado se confunde, e sacudindo
as negras asas, deste sítio foge.
Mal o vento se ausenta, os verdes mares
aplacando se vão, já se convertem
em mares de bonança e já parece
que de cansados dormem. O Moreira
um só pequeno instante não sossega,
e sem que perca o tempo determina
que se passe a fazer aos graves danos
que a tormenta causou, o necessário,
o possível conserto. A ordem sábia
com prontidão se cumpre, e sem falência.
Ao beque já se lançam duras cordas
que o fazem reduzir ao velho estado.
Depois de reduzido se lhe pregam
firmes castanhas, três de cada parte,
que fortes o sustentam. Pela proa
sai o deitado mastro, e este mesmo
também solto ficou, porque faltara

o beque a que se prende. Já lhe passam
uma forçosa trinca, que o segura
ao beque consertado, e além da trinca
o seguram também com grossos cabos.

Depois que o mar serena se descobre
um mui formoso carro que voava
sobre as já mansas ondas, mais ligeiro
que as setas voadoras. Ele vinha
puxado por delfins, em cuja conta
não entrava o Delfim astuto, e sábio
que ajustou de Netuno o casamento
com a bela Anfitrite, que este em prêmio
está nos altos céus mudado em astro.
Em cima deste carro majestoso
se assentava Anfitrite, e o seu semblante
enchia de prazer o ar em torno,
enchia de prazer também os mares.
As ninfas, que este carro acompanhavam,
mil círculos faziam sobre as ondas
só por darem prazer à sua Deusa;
umas vezes nas águas mergulhavam
as erguidas cabeças e surgiam
dos rostos apartando os seus cabelos.
Outras vezes corriam à porfia
as águas dividindo com os peitos.
Quais depois de cansarem se apegavam
ao carro de Anfitrite; quais imóveis
nas águas se sustinham e formavam
uma bela alcatifa matizada
da cor do mar e corpos, branca, e verde.
Os peixes sobre as águas se moviam
saltando de contentes, e as famintas
gaivotas, que voa[va]m, não desciam
dos ares mansos a pegarem neles.
Até os mesmos peixes inimigos,
amigos se mostravam, nem os grandes
sustentar-se buscavam nos pequenos.

A esta Deusa segue um vento brando
que os ares refrescava; e muitas vezes
pasmado na beleza do semblante
se esquecia bater as leves asas.

Move-se o catavento: os navegantes
desferram o seu pano, e vão seguindo
o rumo para as costas Africanas
compensando com esta nova dita
todo o desgosto dos passados males.

Os Lusos navegantes atravessam
o cabo Tormentoso, a quem diria
que houveram de passar com mansos mares
um sítio, a quem chamaram tormentoso
à triste custa de desgraças tantas.
Aqui se aprontam todos para verem
o deforme gigante, que pôs medo
ao mesmo ousado Gama; porém ele
só de longe aparece, e levantando
sobre o sereno mar o corpo imenso,
em profético som assim lhes fala:
O que fazer não pude farão outros,
que eu tenho quem despique o meu ultraje.

O deforme gigante, que preside
neste medonho cabo é um gigante
de uma estatura imensa. Os seus cabelos
são limos estirados que lhe descem
pelo grosso costado, e são de limos
também as suas barbas, que lhe pendem,
e tocam da cintura muito abaixo.
A testa é espaçosa, e atrás cingida
com folhas de espadana: as sobrancelhas
compridas e fechadas. Os seus olhos
acesos, e rasgados beiços grossos;
como troncos as pernas, pouco menos
os dois nervosos braços. O seu corpo
tão forte, e tão fornido, que pudera
suster o céu inteiro, se o céu todo
nos seus fornidos ombros se assentasse.
Traz na direita um pau, em que se encosta,
que formado não foi de um grande ramo;
mas de um crescido tronco. Se levanta
a sua rouca voz o ar impele,
vence o rijo trovão que o mundo assusta,
e faz estremecer o inteiro monte.

Os Lusos navegantes se perturbam
mal ouvem tão funesto vaticínio:
intentam aplacar o Deus Netuno
com puros sacrifícios: não degolam
os enfeitados toiros; mas derramam
nas águas do seu mar o puro vinho.

Netuno o sacrifício não aceita,
que Vênus enfadada é como filha
e a quantos animais beber puderam
das águas com o vinho borrifadas,
para o ódio mostrar tirou as vidas.
Não pára nisto a força do seu ódio.
Ele leva o navio sobre a costa
da Ilha São Lourenço, aonde espera
que o dano não evite: pois que corre
sem que saiba que corre, e sem que possa
prever, e acautelar tão certo risco.

A protetora Palas, que vigia
sobre os amados Lusos, não sossega.
A ilha vai buscar, e sobre a praia
acende uma fogueira. Os navegantes,
mal este fogo avistam, estremecem.
Conhecem que estão perto desta praia.
Arreiam prontamente as soltas gáveas,
com que só navegavam, e conservam
todo o resto da noite a nau à capa.
Com esta prevenção prudente, e justa
apesar dos desejos de Netuno
do naufrágio iminente a nau se salva.

Ó Deusa sem igual! Ó grande Palas!
Tu sim, tu sim proteges a virtude:
és uma Deusa de ser Deusa digna
por isso mesmo, que a virtude amparas.
Portugueses, correi pelo caminho
da honra, e do valor; correi afoitos,
como sempre correstes. Desta sorte,
não tendes que tremer a dura sanha
dos peitos inimigos, bem que sejam
muito mais que os humanos. Portugueses,

se uma mão se levanta contra o justo,
há outra mão talvez mais forte ainda,
que o dano, que ela busca, lhe repara,
e não só lho repara: mas às vezes
os trabalhos permite, por que o leve
às ditas, e às venturas, que ela mesma
por estes úteis meios lhe prepara.

Fim de "Outros Poemas"

Cartas Chilenas

A Autoria das Cartas Chilenas

Prova de estilo favorável a Gonzaga

Manuel Bandeira

Em seu trabalho "Critério objetivo para determinar a autoria e a cronologia na dramática espanhola" pondera Sylvanius Griswold Morley, muito acertadamente, que as impressões pessoais ou subjetivas são falíveis no problema de distinguir o produto de um espírito do de outro. O crítico há que apoiar-se em critério puramente objetivo. No caso de um produto poético como as *Cartas chilenas*, os elementos esclarecedores são fornecidos pela poética e pela linguagem: a poética, através do exame da estrofação, das rimas, da estrutura do verso com os seus fenômenos de sinérese, diérese, sinalefa, hiato, *enjambement*, distribuição de acentos etc.; a linguagem, mediante a análise das peculiaridades de vocabulário e de sintaxe.

Infelizmente a estrofação e as rimas faltam nas *Cartas*: a obra foi escrita em decassílabos brancos, tipo de verso muito raramente empregado por Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. O crítico só se pode socorrer da estrutura interna do decassílabo e suas relações com os versos afins. Aqui, por mais que apurasse a atenção e o ouvido, não pode assinalar diferenças sensíveis entre os dois poetas: ambos se valem de hiatos, sinéreses, *enjambements*, e não há ritmo das *Cartas* que não se encontre com maior ou menor freqüência num e noutro. Apenas poder-se-ia notar que o estribilho só é usado por Cláudio três vezes — na "Despedida de Fileno de Nise", na cantata "O pastor divino" e na cantata "Galatéia" —, ao passo que abunda na obra de Gonzaga e três vezes também aparece nas *Cartas*, o que me parece muito característico, dada a natureza da obra, uma na carta 8 ("Por que, meu Silverino? Por que largas,/ Por que mandas presentes, mais dinheiro?"), outra na carta 11 ("Jelônio se mudou, Jelônio é outro"), e a terceira na carta 12 ("Maldita sejas tu , pouca-vergonha,/ Que tanto influxo tens sobre este Leso!").

Mas no domínio da linguagem se sente o crítico mais favorecido pela cópia de material.

Em meu estudo comparativo, servi-me dos seguintes textos: para as *Cartas*, da edição de Luís Francisco de Veiga; para Gonzaga, da edição Sá da Costa; para Cláudio Manuel, da edição Garnier (1903).

Preliminarmente excluí de cotejo algumas produções da terceira parte de *Marília de Dirceu*, cuja autenticidade parece duvidosa. São elas: a lira 3, a 10, a 27, a 28, sobre as quais o anotador da edição, o erudito crítico português, sr. Rodrigues Lapa, manifesta alguma dúvida, que me parece fundada, e as liras 25 e 26, dois sonetos que aparecem como de Cláudio na edição Garnier. De fato me sabem a Cláudio não só esses dois sonetos, como o da lira 16 e a lira 27. Na lira 16 vejo a preposição "desde" com o sentido de ponto de origem, e a palavra "açucenas", freqüentes em Cláudio e não encontradiças em toda a obra de Gonzaga; na lira 27, a expressão "do meu Jequitinhonha", que o sr. Rodrigues Lapa estranha em Gonzaga e que eu encontrei no canto VII do poema *Vila Rica*, de Cláudio (p. 239, verso 7).

Isto posto, passo a expor os pontos que feriram a minha atenção e me confirmaram na crença de que as *Cartas* são efetivamente de Gonzaga.

1. Lê-se na carta 1, p. 37, v. 8-9:

> Inda que o vento, que d'alheta sopra,
> Lhes inche os soltos, desrinzados panos?

"Alhetas" são "os dois madeiros curvos que formam a volta da popa da nau pela parte de fora" (Bluteau). "Rizes" são "ilhós em dois terços das velas de navio por onde havendo muito vento a encolhem, e fazem de melhor altura" (Morais). De "rizes" se deriva "enrizar", e deste o antônimo "desenrizar", que os dicionários registram. Nos dicionários que consultei (Morais, Aulete, Constâncio, Viterbo, Cândido de Figueiredo, João de Deus, Simões da Fonseca, Séguier, Dicionário Enciclopédico, Dicionário Ilustrado de Almeida, Brunswick e Pastor) não se encontra a forma "desrinzar", nem mesmo "desrizar".

Abra-se agora a edição Sá da Costa da *Marília de Dirceu*, e à p. 176, na terceira estrofe da lira 7 da parte III, se verá que aparecem as duas expressões "soprar o vento da alheta" e "desrinzar-se":

> Verás ao deus Netuno sossegado,
> Aplainar c'o tridente as crespas ondas;
> Ficar como dormindo o mar salgado;
> Verás, verás *d'alheta*
> *Soprar* o brando *vento*;
> Mover-se o leme, *desrinzar-se* o linho...

As duas expressões não se encontram na obra de Cláudio.

2. Na carta 11 serve-se Critilo da imagem da dormideira para pintar o sono:

> Estende (o sono) na Cidade as negras asas
> *Em cima dos viventes, espremendo*
> Viçosas *dormideiras*. (p. 184)

A mesma imagem se nos depara em Gonzaga:

> *Em cima dos viventes* fatigados
> Morfeu *as dormideiras espremia.* (p. 178)

Não aparece a imagem em Cláudio.

3. Num passo da carta 11, p. 195, alude Critilo à saia de Aquiles:

> Talvez, talvez não fosse tão formosa
> A mesma, que obrigou o forte Aquiles
> A que terno vestisse a mole saia.

Em *Marília de Dirceu* são duas as alusões ao famoso episódio do herói grego:

> *Também o grande Aquiles veste a saia* (p. 23)
> Lá tens Aquiles ao lado.
> De uma saia disfarçado. (p. 162)

Não se encontra a alusão em Cláudio.

4. Luís Camilo de Oliveira fez, em *O Jornal* de 31 de dezembro de 1939, um cotejo entre alguns trechos das *Cartas* e um ofício de Gonzaga à rainha Dª Maria, mostrando que este compendia as irregularidades atribuídas ao governador Luís da Cunha Meneses e expostas e comentadas naquelas. Dos confrontos de Luís Camilo de Oliveira, cumpre destacar um em que as expressões são as mesmas:

No ofício: "... enfim, Senhora, ele *não tem outra Lei*, e razão, *mais que* o ditame de sua *vontade*".

Na carta 9, p. 163:

> ... um bruto Chefe,
> Que *não tem outra Lei mais que a vontade?*

5. Na carta 6, p. 122, falando das obras dos maus tiranos alude Critilo à atrocidade de Mezêncio, rei de Agila:

> Mezêncio ajuntava os corpos vivos
> Aos corpos já corruptos...

Gonzaga, na "Congratulação com o Povo Português na Aclamação de D. Maria", alude ao mesmo fato, dizendo que entre os lusos não "houve um só Mezêncio, que mandasse/ Que ao morto o vivo corpo se ligasse". (p. 213)

Não aparece a alusão em Cláudio.

6. Descrevendo o despertar de um sonho , escreve Critilo na carta 6:

> ... então *acordo*;
> E vendo-me às escuras sobre a cama,
> *Conheço* que isto tudo foi um sonho. (p. 113)

Duas vezes se serve Gonzaga das memas expressões para igual situação:

> *Acordo* com a bulha... Então *conheço*
> Que estava aqui sonhando. (p. 146)
> Vou a descer a escada, oh! céus, *acordo!*
> *Conheço* não estar no claro Tejo. (p. 181)

Não ocorre a situação em Cláudio.

7. Pintando uma noiva no ato do casamento, acentua Critilo na carta 11 o pejo que lhe enrubesce as faces:

> Ah! formosa Marília, agora, agora
> Se aumentam tuas graças; pois te aviva
> A cor da linha face um novo pejo! (p. 196)

O mesmo faz Gonzaga na lira em que figura na imaginação a cerimônia do seu casamento com Marília:

> Pintam que entrando vou na grande igreja;
> Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
> Subir-te à branca face a cor mimosa,
> A viva cor do pejo. (p. 145)

Não se depara tal pormenor em Cláudio.

8. A expresão "todos os três" aparece à p. 192 das *Cartas*:

> Que em *todos os três* banhos o dispensa.

Aparece em Gonzaga:

> A todas as três vencera. (p.18)

O prof. Sousa da Silveira, a quem li este meu trabalho, advertiu-me que não há perfeita similaridade entre os dois casos, pois num vem o substantivo declarado, e no outro não. É no último caso que se tornou de regra suprimir o artigo, o que dá tanto interesse ao exemplo de Gonzaga. Como quer que seja, a expressão não aparece em Cláudio, nem num nem no outro caso.

9. A expressão "restaurar o acordo" no sentido de "voltar a si do espanto, da admiração, do medo", aparece nas *Cartas* ("Ainda bem *o acordo* não *restauro*", p. 43) e em Gonzaga ("Mal o *acordo restauro*", p. 159). Não aparece em Cláudio.

10. Não se depara em Cláudio e é freqüente nas *Cartas* e em Gonzaga o emprego de "mais" equivalente à copulativa "e".

Nas *Cartas*:

> Outro despe a casaca, *mais* a veste (p. 58)
> A porta *mais* a rua deste Chefe (p. 58)
> Os homens, *mais* as feras (p. 113)
> Nos trate por incultos, *mais* ingratos (p. 125)
> Para dar-lhe o vestido, *mais* a capa (p. 188)
> Da raça dos suecos, *mais* dos godos (p. 200)
> Porém o bom Matúsio, *mais* seu amo (p. 206)
> Por que mandas presentes, *mais* dinheiro? (p. 139)
> As casas, os cativos, *mais* as roças (p. 142)
> Tu vences os pequenos, *mais* os grandes,
> Tu vences os estultos, *mais* os sábios. (p. 174)

Em Gonzaga:

> Que fere os Cacos, que destronca as Hidras.
> *Mais* os leões, que abraça. (p. 27)
> As terras, *mais* os mares. (p. 57)
> Os vôos, *mais* os passos. (p. 58)
> A modéstia, *mais* a graça. (p. 77)

11. Os substantivos "verdade", "direito", "virtude" aparecem nas *Cartas* freqüentemente qualificados pelo adjetivo "são".

> Um exemplo de amor à *sã* virtude (p. 61)
> Quem ama a *sã* verdade, busca os meios (p. 81)
> E prezas, como eu prezo, a *sã* verdade (p. 138)
> Com as disposições do *são* direito (p. 141)
> Pois se isto nos faculta o *são* direito (p. 173)
> Não zela, Doroteu, a *sã* justiça (p. 207)

Assim também em Gonzaga:

> Ornam seu peito
> As *sãs* virtudes (p. 96)
> Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
> Nas *sãs* virtudes (p. 124)
> A *sã* virtude, que enobrece os louros (p. 205)

Não se depara tal aproximação em Cláudio.

12. Outra aproximação curiosa é a dos adjetivos "sábio" e "oculto", aplicados por Critilo ao seu incógnito ("Por *sábia, oculta* Musa em um Poema!", p. 192), e por Gonzaga à Providência ("A *sábia, oculta* mão da Providência", p. 104).

Não aparece em Cláudio.

13. Freqüentemente deparamos nas *Cartas* com a incidente "que é mais" ou equivalentes, "que ainda é mais", "que vale":

> Sem botar, *que inda é mais*, abaixo um livro (p. 60).
> Não se assenta, *que é mais*, a ilustre esposa (p. 44)
> Produzem, *que inda é mais*, sem que os bons Chefes (p. 133)
> E os dinheiros, *que é mais*, de estranhas partes (p. 146)
> Tu vences, *que inda é mais*, as mesmas feras (p. 174)
> E às pobres, *que é mais*, às pobres moças (p. 203)

Exemplos colhidos em Gonzaga:

> Perdi, *que mais* vale,
> O bem, de te ver. (p. 147)
> Dou leis, *que é mais*, num coração divino. (p. 149)
> Mas se existem separadas
> Dos inchados, roxos olhos,
> Estão, *que é mais*, retratadas (p. 103)

A incidente não aparece em Cláudio, mesmo na forma atual "o que é mais".

14. O verbo "bacear", tornar baço, não foi usado por Cláudio. Critilo emprega-o à p. 84 ("Amarela-se a cor, *baceia* a vista"), e Gonzaga à p. 111 ("E a clara luz dos olhos se *baceia*"), ambos os exemplos referidos ao sentido da vista.

15. Lemos nas *Cartas* as expressões "chegar-se o dia", "chegar-se a noite", "chegarem-se as horas":

> *Chegou-se o dia* da funesta posse (p. 45)
> *Chegam-se*, enfim *as horas* do festejo (p. 114)
> *Chega-se* finalmente *a tarde* alegre (p. 123)
> *Chegou-se*, Doroteu, *a noite* alegre (p. 203)

A expressão aparece também em Gonzaga:

> *Chegou-se o dia* mais triste (p. 182)

Não aparece em Cláudio.

16. A expressão "bom Dirceu", que vem nas *Cartas* (p. 64), encontra-se três vezes em Gonzaga:

> Dança com esta
> *O bom Dirceu?* (p. 46)
> Não as cantasse
> *O bom Dirceu.* (p. 70)
> Já morto estava
> *O bom Dirceu.* (p. 132)

17. Cinco vezes assinalei nas *Cartas* o vocábulo "Augusto" no sentido de soberano, rei:

Ignora a Lei do Reino que numera
Entre os direitos próprios dos *Augustos* (p. 72)
Só julgam que os decretos dos *Augustos* (p. 96)
Não quero, Doroteu, lembrar-me agora
Das Leis do nosso *Augusto* (p. 141)
Tu só queres
Mostrar ao sábio *Augusto* (p. 143)
que a pessoa do *Augusto* representam (p. 165)

Com igual acepção encontramos o vocábulo duas vezes em Gonzaga:

Arrasa os edifícios dos *Augustos* (p. 55)
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior *Augusto.* (p. 65)

Há um exemplo de Cláudio, não nas poesias, mas na dedicatória da écloga "Albano" (p. 204).

18. Nas *Cartas* o vocábulo "congresso" é quatro vezes empregado no sentido de reunião de amigos, reunião de recreio em casa de família:

"E a exemplo destes o *congresso* todo" (isto é, todas as pessoas presentes à recepção de Fanfarrão Minésio em casa do antecessor no governo da Capitania), p. 44;

"Todo o *congresso* se confunde e pasma" (isto é, todos os presentes à nova recepção em casa daquele antecessor), p. 47;

Noturno tempo
Ninguém se retirava dos amigos
Sem que dissesse adeus: agora é moda
Sairmos dos *congressos* em segredo. (p. 103)

"Que os membros do *congresso* são prudentes" (trata-se de um grupo de amigos que se reuniam ao cair da tarde em certa ponte de Vila Rica), p. 181.

Em Gonzaga o vocabulário é usado na mesma acepção na lira 12 da segunda parte:

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa cheia:
Todo o congresso ali anda,
Só o meu amado não. (p. 102).

Cláudio só emprega a palavra uma vez, para designar uma assembléia de chefes, no poema "Vila Rica", c. II, p. 229.

19. A locução "pegar em" aparece nas *Cartas* ("*Pega na* pena, e desta sorte voa", p. 64) e é também empregada três vezes por Gonzaga:

> *Pega na* lira (56)
> *Pega na* lira sonora (76)
> Suspiro, *pego no* pente (117)

Não aparece em Cláudio.

20. Por outro lado não vemos uma só vez nas *Cartas* expressões que são verdadeiros chavões de Cláudio: "penha", "aleivosia" e "desde" indicando a relação de origem.

Assinalei 50 exemplares de "penha" na obra de Cláudio: *Obras.* v. I, p. 113 (duas vezes), 119, 131 (duas vezes), 132, 151 (duas vezes), 170, 171, 181 (duas vezes), 194, 200, 203, 210, 224, 235, 237, 240, 243, 248 (três vezes), 249 (duas vezes), 252, 261 (duas vezes), 296, 300, 308, 309, 389; v. II, p. 10, 14, 54 (duas vezes), 117, 129 (duas vezes), 191, 192, 193, 195, 218, 221, 223, 239, 241. A palavra não aparece em Gonzaga.

"Aleivosia", "aleivoso", que caberiam tão bem no assunto das *Cartas*, não aparecem nelas uma vez sequer, e no entanto, são freqüentíssimas em Cláudio: *Obras*, v. I, p. 114, 122, 138, 141, 181, (duas vezes), 270, 300, 309, 320, 345; v. II, p. 52, 130, 201, 204, 225.

"Desde", na relação assinalada, aparece uma só vez em Gonzaga, num soneto sobre cuja autenticidade tenho as minhas dúvidas (lira 16 da terceira parte):

> Ergue-te, ó pedra, e *desde* a margem fria (p. 193).

Em Cláudio os exemplos abundam: *Obras*, v. I, p. 183, 191, 203 (duas vezes), 237, 299, 341; v. II, p. 10, 70, 71, 79, 80 (duas vezes) 217 (duas vezes), 218 (duas vezes), 222, 232, 234, 240, 243, 246, 252; no livro *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*, p. 72, 78, 104 e 120.

O vocábulo "obséquio" só aparece duas vezes nas *Cartas*, às p. 104 e 105. No entanto, "obséquio" e "obsequioso" são bordões de Cláudio: *Obras*, v. I, p. 107, 113, 172, 188, 198, 239 (duas vezes), 285, 320, 326, 334, 339; v. II p. 16, 46, 58, 108, 128, 140, 141, 148, 257; em *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*, p. 72, 78, 82, 101, 124. Uma de suas produções se intitula *O Parnaso obsequioso*. "Obséquio" só aparece duas vezes na obra de Gonzaga, às p. 118 e 163.

21. Nas *Cartas* aparecem vários casos de infinito pessoal regido de adjetivo ou de outro verbo: "cansados de sofrerem" (p. 158), "dignos de animarem" (p. 183), "Vivem de darem (p. 109), "não te rias de veres" (p. 109), "entravam a fazerem" (p. 171), "carecem de mandarem" (p. 178).

Em Gonzaga encontrei "és digno de cantares" (p. 76) e "de o verem se pasmaram" (p. 216). Em Cláudio assinalei o seguinte exemplo: "Foste tirana em renderes" (Obras, v. I, p. 135).

22. Há nas *Cartas* uma sintaxe de que não achei exemplo nem em Cláudio nem em Gonzaga: o verbo "haver" seguido diretamente de um infinito: "Haviam pôr os Céus tão grande caco" (p. 42); "Havia praticar ação tão feia" (p. 44); "a sua Esposa/ Não havia sentar-se com barbados" (p. 110).

23. Em seu livro *O inconfidente Claudio Manuel da Costa,* Rio de Janeiro, 1931, Caio de Melo Franco repete o argumento estilístico de Varnhagem em favor de Cláudio, a saber, que a repetição de um vocábulo no mesmo verso, freqüentemente nas *Cartas,* "existe em todas as obras e em quase cada página" de Cláudio (p. 190): "é também uma das características de Cláudio, notada por Varnhagem e constante em quase todas as poesias do fundador da Colônia Ultramarina" (p. 208).

De fato é vezo característico das *Cartas* repetir no mesmo verso ou de verso a verso um vocábulo ou locução, seguidamente ou pondo-lhe de permeio um vocativo, aposto ou incidente. Mas a leitura atenta da obra poética de Cláudio, se atesta a presença numerosa de tais repetições, não confirma a generalização de que elas "existem em todas as obras e em quase cada página"; de que elas são "constantes em quase todas as poesias" de Cláudio. O cotejo a que neste ponto submeti as *Cartas,* a obra de Cláudio e a de Gonzaga, resulta em percentagem favorável ao último, como passo a demonstrar.

Consideremos em primeiro lugar as *Cartas,* e alinhemos os exemplos nelas colhidos:

Respirai, respirai (p. 23)
Roma, Roma (25)
Tu, Severo Catão, *tu repreendes* (29)
Critilo, o teu *Critilo* é quem te chama (35)
Que cousas, tu dirás, *que cousas* podes (35)
Também, prezado amigo, *também* gosto (36)
Acorda, Doroteu, *acorda, acorda* (36)
Ah! *tu,* Catão severo, *tu* que estranhas (39)
Então, então o Chefe (55)
Aonde, louco Chefe, *aonde* corres (56)
Ah! *tu,* meu Sancho Pança, *tu* que foste (60)
Não são, não são morgados (61)
Esta grande cadeia? *Não, não* sabes (68)
Assim, prezado amigo, *assim* devia (65)
... sim *prepara,*
Prepara o braco lenço (73)

Maldito, Doroteu, *maldito* seja (77)
A carta, Doroteu, *a* longa *carta* (78)
Que peito, Doroteu, *que* duro peito (80)
... *sim., nós temos,*
Nós temos mil exemplos (80)
Muitos, muitos (80)
Ah tu, piedade santa, *agora, agora* (83)
... *aonde* um Nero,
Aonde os seus sequazes (83)
E nós, indigno Chefe, *e nós* veremos (92)
Não esperes, amigo, *não esperes* (93)
Um monstro, um monstro destes (98)
Que peito, Doroteu, *que peito* pode (98)
Não podem, Doroteu, *não podem* tanto (98)
Há dinheiro, senhores, *há dinheiro* (99)
Só tu, maroto Alberga, *só tu* podes (100)
Quando as amas lhe dizem: *cala, cala* (100)
O Bispo, o velho *Bispo atrás* caminha (102)
Mil cousas, Doroteu, *mil cousas* feias (110)
Recreia, Doroteu, *recreia* a vista (110)
A minha, a minha Nise (111)
Oh quanto, oh quanto é bela (111)
Não é, não é como ela tão formosa (111)
Esse teu tratamento *imita, imita* (112)
Aqui, prezado amigo, *aqui* não lutam (115)
... o novo *dia*,
O dia em que se correm bois e vacas (121)
Amigo Doroteu, *é tempo, é tempo* (121)
Indigno, indigno Chefe (122)
... *que ditosa*,
Que ditosa violência (123)
Maldito, Doroteu, *maldito* seja (128)
E como, louco Chefe, *e como* sabes (129)
Só tu.. Porém, amigo, *é tempo, é tempo* (130)
Não são, não são fazendas (133)
Talvez, talvez que aflito (135)
Por que, por que razão o nosso Chefe (139)
Agora, Fanfarrão, *agora* falo (142)
Indigno, indigno Chefe (143)
Talvez, meu Doroteu, *talvez* que entendas (143)
Eu vou, prezado amigo, *eu vou* mostrar-te (144)
Agora, Doroteu, *agora* estava (148)
Castigou, castigou o meu descuido (149)
Ora, pois, Doroteu, *eu passo*, eu passo (149)
O meio, Doroteu, *o* forte *meio* (150)
Não há, não há distúrbio nesta terra (151)
Prudente Maximino, *não, não* mudes (153)
Aonde, aonde estão as diligências (154)
Quais são os teus serviços? *Quais*, Responde (154)

Mas não, não me respondas (154)
Se algum, se algum consente (155)
Também tu, digno Irmão, *também* cavalgas (155)
O santo amor das armas. *Muitos, muitos* (156)
Eu sei, eu sei, amigo, que alguns destes (158)
Estão, estão também nos Regimentos (159)
... *de uns pastores.*
De uns pastores, incultos (159)
Que império, Doroteu, *que império* pode (160)
Não quer, não quer o Chefe (161)
... *que governo,*
Que governo nos fazes? (164)
E tu, e tu, trabalhas (164)
Maldito, Doroteu, *maldito* seja (165)
Suponho, Doroteu, *suponho* ainda (169)
Ah pobre, ah pobre povo (174)
Qual é, qual é dos homens (174)
Aqui, meu bom amigo, *aqui* se pensam (180)
Aqui, aqui de tudo se murmura (181)
... *só a casa,*
A casa onde habita (184)
Lhe diz: *eu pago, eu pago* (185)
Tu já, tu já batucas (185)
Neste ponto *também, também* conhece (189)
Mas ah! meu doce amigo, *quanto, quanto* (194)
Talvez, talvez não fosse (195)
Aqui, aqui só entram as virtudes (195)
... sim, *são estas,*
São estas e não outras (196)
Ah! formosa Marília, *agora, agora* (196)
Ainda, ainda mais que o terno Adônis (197)
Murmuro, Doroteu, mas é *do dote,*
Do dote, sim, *do dote* (198)
São estes, Doroteu, os grandes cabos,
De quem a triste Pátria fiar deve
A sua salvação? *São estes?* (199)
Assim, assim também o teu Critilo (200)
... assopra *a chama.*
A chama ativa (200)
Então, amigo, *a quem? a quem?* (203)
E *às pobres,* que é mais, *às pobres* moças (204)
Eis aqui, eis aqui, amigo, como (205)
Comeu este dinheiro. *Longe, longe* (206)
Não pôs, não pôs, amigo (206)
Em torpe lupanário. *Não, não* sela (208)
Agora, agora sim, *agora* é tempo (209)
Devagar, devagar, com essas cousas (209)
Ficar na mancebia? *Já, já* viste (210)
Então, então o Chefe enfurecido (211)

Um velho professor, tão bem aceito,
Um velho professor, além de sábio (212)
Ainda, caro amigo, *ainda* existem (213)
Ainda, ainda lemos que elegera (213)
Também, também sabemos que este sábio (213)
Mafoma, o vil *Mafoma* astuto segue (214)

Ao todo 106 casos de repetição em 3.899 versos (descontados os que se repetem em estribilho), ou seja, 2,7%.

Recolhamos agora os casos de repetição na obra de Cláudio. Tomemos o primeiro volume da edição Garnier.

Dos 86 sonetos em português, só em 11 se nos deparam exemplos.

Em XI:

Veja, para desculpa dos que choram,
Veja à Eulina.

Em XIII:

Mostrai, mostrai-me a sua formosura
Nise? Nise? onde estás? *aonde? aonde?*

Em XXXI:

Vinde, olhos belos, *vinde*

Em XLII:

Lise presente vi, *Lise*, que um dia

Em XLV:

A cada instante, Amor, *a cada instante*

Em LI:

Adeus, Ídolo belo, *adeus*, querido

Em LXXI:

Eu *cantei*, não o nego, em algum dia
Cantei do ingrato Amor

Em LXXXII:

Vos contei... Mas *calai, calai* embora

Em XCVIII:

Temei, penhas, *temei*

Em XCIX:

Será *delírio! não, não é delírio*

Em c:

Musas, canoras *Musas*

No "Epicédio i", que consta de 393 verso, assinalamos 8 casos de repetição:

Feliz, ó Portugal, *feliz* mil vezes (p. 155)
Este das Minas, *este* o áureo hemisfério (157)
E *quem*, ó Céus! *quem* há que não presuma (161)
Tu, Vila Rica, *tu*, a mais saudosa (162)
O céu o chora, *o Céu* (162)
E quem sabe se lá no eterno seio,
Quem sabe (163)
Deva ao bálsamo, *deva* o benefício (164)
Não pode, excelso Herói, *não pode* esta ânsia (164)

No "Epicédio ii", que contém 134 versos, não há exemplo.
No "Ep. iii", constante de 84 versos, aparece uma vez:

E *em breve instante*, oh dor! *em breve instante* (170)

No "Romance", de 47 quadras, três casos:

Mas *que muito*, Ministro inimitável,
Que muito (177)

... *quanto*,
Quanto ao destino (179)

Ah! *cerre* embora,
Cerre a porta o futuro (179)

Nenhum caso na "Fábula do Ribeirão do Carmo", composta de 198 versos.
Na "Écloga i", em que os versos somam 404, encontram-se 5 exemplos:

Ao longe *eu vejo*, espera, meu Montano,
Eu vejo aparecer (193)
Cheguemos desde agora,
Cheguemos a encontrá-las (195)
Deixa, Pastor amado, *deixa* o pranto (195)
Pronta me hás de encontrar, *pronta* a servir-te (195)
Adeus, Montano, *adeus* (200)

Nenhum caso na "Éc. ii" composta de 85 versos.
Na "Éc. ii", onde há 514 versos, deparamos 2 exemplos:

Não é este o meu verso, *não é este* (218)
Feliz, ó Portugal, *feliz* mil vezes (219)

Nenhum caso na "Éc. IV", com 138 versos.

Na "Éc. V", com 185 versos, dois casos:

> *Eu vi,* Alcino, *eu vi* que na mudança (230)
> Que *um voto* lhe consagre o Pastor pobre,
> *Um voto* que se escreva (233)

Nenhum caso na "Éc. VI", que compreendeu 154 versos, nem na seguinte, com 130 versos.

Na "Éc. VIII", composta de 49 versos, vê-se um exemplo:

> *Tudo, tudo* ofereço (246)

Na "Éc. IX" de 168 versos, aparecem três repetições:

> Oh *não* a creias, *não* (250)
> *Tu só, tu só* estragas com jactância (251)
> *Quanto, quanto* a lembrança fatigada (252)

Nenhum caso na "Cantata IV", de 26 versos.

Na "Cant. V", de 23 versos, um exemplo:

> *Volta, volta* a meu peito (53)

Na "Cant. VI", com 72 versos, 2 casos:

> *Oh quanto,* Lise, *oh quanto* (54)
> *Palemo?* (lhe gritei) olha, *Palemo* (54)

Na "Cant. VII", com 55 versos, 4 exemplares:

> *Onde,* ó Nise divina,
> *Onde* te encontrarei? (57)
> *Nise? Nise?* suspiro (57)
> *Nise? Nise?* Meu bem (57)
> *Quantas* vezes, oh Céus, *quantas* (58)

Nenhum caso no "Epicédio à memória de Frei Gaspar da Encarnação", com 168 versos.

Na "Ode ao sepulcro de Alexandre", com 104 versos, um caso:

> Ah *não, não* basta (70)

Nenhum caso na "Saudação à Arcádia Ultramarina", com 60 versos.

No "Canto heróico", com 240 versos, aparecem 5 exemplos:

> *Guerra, guerra* publica o eco horrendo (75)
> *A glória* ilustre, *a glória* vos inflama (76)
> *Antônio,* o grande *Antônio* é quem segura (78)
> *Parte,* valente Herói, *parte* (79)
> *Quem* por teu benefício, *quem* gemia (81)

Nenhum caso na tradução de uma ode de Voltaire ao rei da Prússia, com 32 versos, nem na "Ode no atentado contra Pombal", com 80 versos, nem na écloga "Títiro e Melibeu", com 82 versos.

Na "Ode num aniversário", com 102 versos, um exemplo:

Amor, mísero *Amor* (99)

Em "Assunto lírico", composto de 91 versos, há dois casos:

Ali cheias de riso, *ali* gostosas (101)
Confessa, Amor, *confessa* com vaidade (102)

No "Canto épico", com 176 versos, um caso:

Farão chegar (ah mente o meu desejo:)
Farão chegar (106)

Na "Cantata epitalâmica", com 141 versos, deparam-se 4 exemplos:

Acode o Deus, acode (113)
De Andrada, oh Deus, *de Andrada* (114)
Tu és, ditoso Andrada,
Tu és (114)
E *o Céu, o* mesmo *Céu* (114)

Na "Ode no aniversário de um filho de d. Rodrigo José de Meneses", com 132 versos, um caso:

O Céu, o Céu (120)

Na "Fala a d. Antônio de Noronha", com 122 versos, um caso:

Não é vitória, *não* (122)

Na écloga "Saudade de Portugal e alegria de Minas", com 201 versos, aparecem 3 exemplos:

Quantas vezes, incríveis
Meus pezares, dizei, oh *vezes quantas* (129)
Levou o Fado ingrato,
Levou a estranho monte (129)
Contente em sua herdade.
Contente o povo todo (130)

Nenhum caso nos 12 sonetos.

Examinemos agora o poema *Vila Rica*

No 1º canto, com 204 versos, 3 exemplos:

Eu vi...
Eu vi (183)
Em vão se cansa,
Em vão o vosso rei (184)
Desde o vizinho monte, — *viva! viva!* (185)

No 2º canto, com 268 versos, um caso:

Eu dos primeiros *fui, eu fui,* dizia (194)

Nenhum exemplo no 3º canto, com 178 versos.
No 4º canto, com 194 versos, dois exemplos:

Sobra ao bom general, *sobra a Rodrigo* (204)
Não posso, diz, *não posso* (205)

No 5º canto, com 265 versos, 4 exemplos:

Eia, europeus briosos, *eia,* amigos (210)
Torne, torne de nós a ser lembrada (210)
Francisco, o vil *Francisco* (210)
Eu vos *conheço,* ó europeu, *conheço* (212)

No 6º canto, com 272 versos, 5 casos:

São estas, *são* as regiões benignas (215)
Arzão *é este, é este,* o temerário (216)
Embora vós, ninfas do Tejo, *embora* (216)
Que *a dita,* a mesma *dita* (222)
Ó *vós,* felizes, *vós* (223)

No 7º canto, com 272 versos, 4 casos:

Apolo, o ingrato *Apolo* (225)
Onde a meus ternos braços.
Onde te escondes (225)
Não é valente, *não* (227)
O pico, o grande *pico* de Itamonte (229)

No 8º canto, com 322 versos, um caso:

Não é fábula, *não* (238)

No 9º canto, com 458 versos, 3 casos:

Aquele (e no primeiro se firmava)
Aquele (243)
Tudo aos meus olhos, *tudo* pôs notório (249)
Eu, diz Argante, *eu* devo (251)

No 10º canto, com 202 versos, um caso:

Viva o senado! *viva!* repetia (262)

Procuremos agora os casos de repetição nas poesias contidas no livro *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa,* de Caio de Melo Franco.

Em "O Parnaso obsequioso" que consta de 366 versos, aparecem 5 exemplos:

E *a mim, a mim* envia (71)
O *ferro* ameaçador, aquele *ferro* (74)
Tudo, Musas, *é pouco,*
É tudo pouco (76)
Esta grinalda, esta grinalda tecem (82)
Não tem o prado flor, *não*, que o mereça (82)

Nos nove sonetos só aparece um caso de repetição, e é no que vem à página 96:

As Armas (uma Letra me responde).
As Armas são do Pai.

Nenhum exemplo na "Ode" às p. 99-102, composta de 84 versos, nem em "Licença", às p. 122-124, com 48 versos.

Assim, pondo de parte o poema *Vila Rica*, trazem os dois volumes da edição Garnier e o livro de Caio de Melo Franco 170 produções, das quais só 48 contêm repetições características, ou seja, 20%. Aquelas 170 produções compreendem 10.067 versos (descontados os versos repetidos em estribilho e os em língua estrangeira), e nesses 10.067 versos as repetições são em número de 52, ou seja, 0,5%. No poema *Vila Rica* as repetições são em número de 24 em 2.635 versos, ou seja, 0,9%. Se somarmos os 2.635 versos de *Vila Rica* aos das outras 170 produções, teremos um total de 12.717 versos, onde aparecem 76 casos de repetições, ou seja, 0,6%.

Recolhamos agora as repetições na obra da Gonzaga.

Primeira parte:

Lira 1:

Graças, Marília, bela,
Graças à minha estrela! (estribilho)
É bom, minha Marília, *é bom* ser dono (p. 2)
Ah! não, não fez o céu (3)
Acabe, acabe a peste (3)
Nossos corpos *terão, terão* a sorte (3)

Lira 7:

Vou retratar *a Marília,*
A Marília, meus amores (17)
Ah! *socorre*, Amor, *socorre* (estribilho)
Voa sobre os astros, *voa* (estribilho)
Entremos, Amor, *entremos* (18)

Lira 9:

Eu sou, gentil Marília, *eu sou* cativo (21)

Lira 11:

Não toques, minha Musa, *não, não toques* (26)
Eu já, eu já te sigo (27)

Lira 14:

Façamos, sim, *façamos*, doce amada (38)
A si, Marília, *a si* próprio rouba (38)

Lira 15:

Não é, não (40)

Lira 16:

Ah! que a tua Eulina *vale*,
Vale um imenso tesouro (estribilho)
Perde, perde o sofrimento (42)
Evita, Glauceste, *evita* (42)

Lira 19:

Quando, Marília, *quando* (50)

Lira 24:

Eu vejo, eu vejo ser a formosura (59)
Só foi, só foi Lucrécia (59)

Lira 27:

Ganhei, ganhei um trono (65)
Eu vivo, minha bela, *eu vivo* (66)

Lira 30:

Foi fácil, ó mãe formosa.
Foi fácil o engano meu (70)

Lira 31:

Respeita *a mão*,
a mão discreta (73)

Lira 32:

E que importa, Amor, *que importa* (75)

Lira 33:

Pega na lira sonora,
Pega, meu caro Glauceste (76)
Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso (76)
Passa a outros dotes, *passa* (77)

PARTE SEGUNDA:

Lira 1:

Perder as úteis horas *não, não* devo (80)

Lira 2:

Não hás de ver, Marília, *o medo* escrito,
O medo perturbado (81)
Podem muito, conheço, *podem muito* (82)

Lira 4:

Já, já me vai, Marília (85)

Lira 5:

Corra o sábio piloto, *corra* e venha (86)
Ah! *não, não* tardes (87)

Lira 7:

Ah! vem dar-mo *agora,*
Agora, sim, que morro! (90)
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento (90)
Eu sei, eu sei, Glauceste (91)
Que mais, que mais esperas? (91)

Lira 8:

Ah! *não, não* sejas louco! (92)
Alegra, alegra o rosto (93)
Basta, Fortuna, *basta* (93)

Lira 11:

Padece, ó minhha bela, sim, *padece* (99)
Estou no inferno, *estou,* Marília bela (100)

Lira 14:

Não é, não é de herói (105)

Lira 17:

Inda, Marília, *inda* diz teu nome (112)

Lira 18:

Confia-te, ó bela,
Confia-te em Jove (114)

Lira 20:

Qual seria, ó minha bela,
Qual seria o teu pesar? (116)
Não tenho valor, *não tenho* (116)
Diz-me Cupido: — *Já basta,*
Já basta, Dirceu, de pranto (117)

Lira 22:

Mas ah! que *não treme,*
Não treme de susto (estribilho)

Lira 23:

Não praguejes, Marília, *não praguejes* (123)

Lira 24:

Eu vou, Marília, *vou* brigar co'as feras! (124)
Aqui, aqui a espero (124)

Lira 25:

Também, Marília,
Também consome (127)

Lira 28:

Traze o negro licor, que tens *nos dentes*
Nos dentes retorcidos (133)

Lira 29:

Já basta — me diz — ó filho,
Já basta de sentimento (135)
Louva , louva a tua bela (135)

Lira 31:

Não é, não, ilusão o que te digo (138)

Lira 32:

Já, meu bem, *já* me parece (141)

Lira 33:

Não foi, digo, *não foi* a morte feia (142)
Venha o processo, *venha* (144)

Lira 35:

Virá, minha bela,
Virá uma idade (147)

Lira 36:

Esta mão, esta mão, que ré parece (148)
Ah! *não foi uma* vez, *não foi só uma* (148)
É certo, minha amada, sim, *é certo* (149)

Lira 37:

Ah! *não cantes* mais, *não cantes* (150)

Lira 38:

Aqui, aqui a deusa (154)
Aqui, aqui de todo (156)
Ah! *vai-te* — então lhe digo — *vai-te* embora (156)

PARTE TERCEIRA:

Lira 1:

O *númen*, Dirceu, o *númen* (164)
Não é como se acredita,
Não é um númen tirano (164)
Ah! *ensina*, sim, *ensina* (165)

Lira 5:

Graças, ó Nise bela,
Graças à minha estrela! (estribilho)

Lira 7:

Verás, verás d'alheta (176)
Verás, verás, Marília (176)
Não trago, *não*, comigo (177)

Lira 8:

Eu vou, eu vou subindo a nau possante (178)
Recreia, sim, *recreia* (180)
Agora, agora sim, *agora* espero (181)

Lira 13:

Enganei-me, enganei-me — paciência! (191)

Lira 19:

Um ramo nasce, *um ramo* que a memória (196)

Lira 20:

Não, não vibrei o raio (197)

Lira 21:

Adeus, cabana, *adeus* (197)

Deixo de tomar em conta as repetições das liras 9, 10, 17, 25, 27 e 28, porque essas composições são de autoria discutível.

Na "Congratulação":

Não são, lusos, *não são* as falsas glórias (221)
Eu *não* consulto, *não* com falsos ritos (213)
Não, não terias, Portugal (214)
Ah! tais feitos *não são, não são* auspícios (215)
Longe, longe, ó lusos, do meu peito (217)
Longe, longe de mim! (217)
Apesar, lusos, *apesar* do Fado (217)

A edição Sá da Costa das Liras de Gonzaga contém 100 poesias. Descontadas 6, sobre cuja autenticidade pairam dúvidas, são 94. Em 47 dessas produções aparecem as repetições, ou seja, 50%, contra 20% em

Cláudio Manuel da Costa. São 91 casos de repetições em 4.385 versos (descontados os versos repetidos nos estribilhos e os das liras duvidosas), ou seja, 2%, contra 0,6% em Cláudio. A percentagem de Gonzaga está muito mais próxima da das Cartas, que é de 2,7.

24. Além desse argumento das repetições, que, como acabamos de ver, favorece mais a Gonzaga do que a Cláudio, apresenta Caio de Melo Franco em seu livro mais três argumentos de natureza estilísitica que lhe parecem corroborar a tese da autoria de Cláudio.

O primeiro são as adjetivações "brando" e "baixo" dadas ao substantivo "estrondo" nas *Cartas*, adjetivações que se lhe afiguram estranhas e que ele aproxima da adjetivação empregada por Cláudio no discurso "Para terminar a Academia": "Calaram-se as Musas; cessou de todo o *harmonioso estrondo* das vozes..."

Examinemos os dois casos das *Cartas*. À p. 36, diz Critilo:

> É doce esse descanso, não to nego.
> Também, prezado Amigo, também gosto
> De estar amadornado, mal ouvindo
> Das águas despenhadas *brando estrondo*.

Estrondo é som forte, como afirma Caio de Melo Franco, citando Frei Domingos Vieira; mas o som forte das cachoeiras, de si grave e rouco, resulta pela sua continuidade em qualquer coisa de branda e *amadornante*. Das cachoeiras. Ora, Critilo não estava ao pé de nenhuma cachoeira: estava em casa, e as águas despenhadas seriam de chuva ou de alguma fonte do pátio. A adjetivação nada tem de estranha, e Gonzaga, em sua lira 9 da primeira parte, diz assim:

> A fonte cristalina
> Que sobre as pedras cai de imensa altura,
> Não forma som tão doce, como forma
> A tua voz divina.

O segundo caso está à p. 63 das *Cartas*:

> Rompem os ares colubrinas fachas
> De fogo devorante, e ao longe soa
> De comprido trovões o *baixo estrondo*.

Aqui também não me parece estranha a adjetivação: o som forte do trovão que reboa ao longe é baixo, soturno. Em música o som forte (intensidade) pode ser grave ou agudo (altura).

Quanto ao "harmonioso estrondo das vozes", está referido às peças literárias ouvidas na Academia, e "harmonioso" aqui tem o sentido de elegância de estilo, e "harmonioso estrondo" pode ser aplicado ao clímax da voz de um bom orador ou declamador.

O segundo argumento de Caio de Melo Franco são as imagens de progênie. Cláudio escreveu no *Parnaso obsequioso*:

> De uma águia não se cria
> A pomba humilde e pobre.

E Critilo, à p. 45 das *Cartas*:

> Como as pombas, que geram fracas pombas.
> Como os tigres, que geram tigres bravos.

Mas ao tempo em que Caio de Melo Franco escreveu o seu livro, ainda não era conhecida a "Congratulação", que vem às p. 211-218 da edição de Sá da Costa. Nela diz Gonzaga:

> As águias geram águias generosas,
> Não feras nem serpentes horrorosas.

O terceiro argumento são as citações sucessivas de nomes patronímicos. Mas o característico das citações de Cláudio são as enfiadas de nomes que enchem até três versos:

> Em um Nuno, um Bermudes, um Fruela,
> Um Rodrigo, um Forjaz, Peres, Fernandes,
> Um Mendes, um Pauzona e outros Grandes (*Obras*, p. 156. v. I)

> Os Flávios, o Hermógenes, os Élios,
> Os Pérsios, os Papírios, os Mendonças,
> Os Pêgas, os Macedos, os Pereiras. (*Obras*, p. 178 v. I)

> Vê os Pires. Camargos e Pedrosos,
> Alvarengas, Godóis Cabrais, Cardosos,
> Lemos, Toledos, Pais, Guerras, Furtados (*Obras*, p. 216, v. II)

Nas *Cartas* e em Gonzaga os nomes são dois, três, no máximo quatro. Na "Congratulação" Gonzaga fala nos "Titos e Trajanos" (p. 213).

25. A Epístola que precede as *Cartas* pertence ao autor delas? Se as *Cartas* são de Gonzaga, a Epístola não será de Cláudio? Isto é outro problema, e difícil de resolver pela prova de estilo. Vejo nela uma característica de Gonzaga: o "mais" copulativo: "As fasces, as secures, *mais* as outras" (p. 25). Mas vejo também "influi" contado como três sílabas ("Só nas obras *influi* destes monstros" (p. 24), de que há exemplos em Cláudio ("*Influis* nos mortais a dura guerra", *Obras*, v. II, p. 75), não se encontrando esse ou outro caso semelhante em Gonzaga.

CARTAS CHILENAS: IMPASSES DA ILUSTRAÇÃO NA COLÔNIA*

Paulo Roberto Dias Pereira

I – QUANDO SE PROCURA o significado das idéias de Tomás Antônio Gonzaga pela análise das *Cartas chilenas*, tem-se de levar em conta toda a sua produção intelectual para melhor situá-lo no contexto do pensamento ilustrado da segunda metade do século XVIII.

Inicialmente, deve-se lembrar que Gonzaga não deixou nenhum livro terminado: o *Tratado de Direito Natural*, as *Cartas chilenas* e *Marília de Dirceu* são obras inconclusas. Nenhum dos três livros foi preparado para a publicação. O *Tratado de Direito Natural*, como lembra Lourival Gomes Machado, "é obra inacabada".[1] As *Cartas chilenas* circularam manuscritas nas duas décadas finais do século XVIII, tendo seu compilador, Francisco Luís Saturnino da Veiga, utilizado textos ainda não revistos por Gonzaga, conforme se infere das notas apensas aos apógrafos que o seu neto deu a público.[2] A *Marília de Dirceu* não foge a esta regra: a primeira edição da primeira parte, editada em 1792, em Lisboa, na Tipografia Nunesiana, traz apenas as iniciais do autor (T.A.G.), embora o anúncio publicado na *Gazeta de Lisboa* do ano seguinte já identifique o antigo ouvidor de Vila Rica.

Quando estas liras vieram a público, o seu autor estava sendo julgado no Rio de Janeiro por crime de lesa-majestade por suposta participação na Conjuração Mineira. Como teriam chegado ao editor estes poemas? A verdade é que os difíceis meios de comunicação da época não serviram de impedimento para a publicação da segunda parte, em 1799, quando Gonzaga já se encontrava em Moçambique; sem contar que a autêntica terceira parte da *Marília* só veio a lume em 1812, dois anos após a morte do poeta.

O perfil intelectual de Tomás Antônio Gonzaga, analisado diante do conjunto integrado pelas suas obras, demonstra uma formação vincada por pensamento tradicionalista, beato e autoritário. É sintomático que o *Tratado de Direito Natural* seja dedicado ao marquês de Pombal, símbolo do despotismo ilustrado em Portugal. Tese de juventude, escrita para ser apresentada à Universidade de Coimbra, onde se forma em Direito em 1768, anterior, portanto, à reforma de modernização pela qual passará o ensino coimbrão. Bastam algumas passagens desse livro para revelar um Gonzaga tradicionalista, obediente aos preceitos da Igreja Católica

Romana, ao tratar do surgimento de seitas protestantes que dividiram o rebanho cristão:

> Provados que não pode haver mais do que uma só igreja, pois não podem haver diversos sacramentos e diversa doutrina, nem mais do que um só sacrifício e uma só cabeça, havemos de concluir que as igrejas que seguem a religião de Cristo com erros, e por isso separadas do grêmio da verdadeira Igreja Romana, não são verdadeiramente igrejas de Cristo, mas sinagogas do Anticristo, como lhes chamam S. Hilário e outros.[3]

O jovem jurista Gonzaga, em questões de fé religiosa, é um seguidor das determinações de Roma e revela-se intolerante na sua ortodoxia, não aceitando a pluralidade de credos. Quanto à jurisdição temporal, o futuro juiz de Beja demonstra estar em sintonia com o movimento ilustrado setecentista que propugnava o controle absoluto do Estado pelo rei, defendendo a separação entre as jurisdições espiritual e temporal:

> Daqui tiro que nenhum vigor têm as disposições pontifícias, enquanto afirmam que o Papa pode repreender, castigar e depor aos reis, e que toda a jurisdição temporal que os prelados eclesiásticos exercitam não provém senão de um privilégio e graça que os mesmos príncipes seculares lhes concederam.[4]

Esta postura regalista, por crença ou oportunismo, está em sintonia com o movimento ilustrado que tomou conta da esfera política portuguesa com o advento do pombalismo. Daí defender Tomás Antônio Gonzaga o Estado absolutista, cujo centro decisório seria o rei, sem que o povo pudesse ser consultado.

É interessante lembrar que, em pleno período de efervescência político-social que marcou a Europa na transição dos Estados despóticos para a Monarquia parlamentar, Gonzaga afirmava no seu *Tratado* "que ninguém duvidará que a Democracia é a pior de todas"[5] as formas de governo por incluir a consulta popular. Propugnava que o governo que fosse fruto da decisão de muitos seria nocivo, pois "viveríamos sempre em continuada discórdia, se por qualquer injustiça houvesse o povo de se armar contra o soberano para o castigar e depor".[6] Tal a noção das relações entre os súditos e os governantes. Gonzaga propugnava ainda uma entronização divina para os soberanos, com o que revelava sua adesão às correntes jurídicas, as quais consideravam o Estado forte e centralizador, simbolizado por Luís XIV, como o modelo de governo do século XVIII. Este pensamento de defesa das prerrogativas da nobreza não é original nem tão antiquado quanto possa parecer, pois Montesquieu, no *Espírito das leis*, publicado em 1748, defendia posição semelhante à que o futuro desembargador da relação da Bahia abraçaria vinte anos depois na defesa das prerrogativas reais:

> O povo não pode conhecer dos delitos dos monarcas, pois que estes não reconhecem superior senão a Deus e só ele é que pode conhecer dos seus insultos. Sim, o soberano quando peca, não peca como outro homem que peca para com Deus e para com o rei; ele somente peca para com Deus e por isso não pode ser punido por outro que não seja Deus.[7]

A mentalidade do tratadista luso-brasileiro é característica da luta travada contra os resquícios feudais, simbolizados nos grandes senhores que não abriam mão de seus privilégios. A sociedade portuguesa do século XVIII, que tivera em d. João V o típico "*Le Roi Soleil*", estava passando por uma mudança na sua concepção das relações entre governantes e governados, pelo arejamento das idéias propugnadas pelos "estrangeirados".

Na Europa, desde o século XVI, juristas de várias nacionalidades estruturavam a ideologia do Estado absolutista em que as forças sociais deviam obediência ao soberano. Este pensamento só começou a ser revisto a partir da Revolução da Inglaterra de 1688–1689 e da Revolução Francesa de 1789.

Ao propugnar por um governo forte em que ficasse bem nítida a separação entre os domínios espiritual e temporal, Gonzaga certamente estava influenciado pelas idéias sobre o exercício do poder que agitavam a mentalidade européia:

> Nenhumas bulas, nenhuns breves, nenhumas constituições ou decretos, já dos romanos pontífices, já dos concílios, terão vigor, enquanto não tiverem o beneplácito do rei.[8]

Se o advogado Gonzaga era, em termos de separação jurídica entre Igreja e Estado, bem moderno, o mesmo não se dava em nível político, pois não aceitava a idéia de um outro poder que fiscalizasse os governantes:

> A minha opinião é que o rei não pode ser de forma alguma subordinado ao povo; e por isso ainda que o rei governe mal e cometa algum delito, nem por isso o povo se pode armar de castigos contra ele.[9]

A evolução ou transformação das idéias políticas de Gonzaga se deu, provavelmente, depois de sua transferência para a América, onde fora nomeado ouvidor de Vila Rica. Em contato com mazombos[10] ilustrados, como Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Luís Vieira da Silva, sentindo mais de perto a ressonância da independência dos Estados Unidos, perdeu muito do ranço autoritário que se nota no *Tratado de Direito Natural.*

Pelo que se conhece das suas opiniões insertas nas *Cartas chilenas* e na *Marília de Dirceu*, além dos embargos escritos do seu próprio punho contra a sentença da Alçada que o condenava por suposta participação na Conjuração de Minas Gerais, ele nunca chegou a propor por escrito qualquer ato rebelde contra as autoridades constituídas. Inclusive, para se defender das

acusações que o apontavam como um dos cabeças do movimento irredentista, escreveu Gonzaga, no ciclo das liras da prisão, poemas como "Eu vejo aquela deusa", sintomaticamente chamado de "crônica processual rimada", por Alberto Faria, acusando os inconfidentes mineiros e, em especial, Tiradentes. No entanto, ponderam alguns estudiosos, como M. Rodrigues Lapa, que houve uma evolução nas idéias políticas de Gonzaga:

> Tudo indica que se deu uma evolução nas suas idéias, em sentido democrático, uma vez instalado no Brasil, e por ventura antes. (...) Sem estar implicado na conjura mineira, Gonzaga não teria sido indigitado para chefe e legislador da República se, em conversas precedentes com seus amigos, não tivesse manifestado o seu liberalismo em matéria política.[11]

II – As *Cartas chilenas*, contemporâneas das reuniões que preparavam o levante dos magnatas de Minas Gerais, retratam o confronto de poderes entre o ouvidor-geral, representante de um Judiciário emasculado pelo centralismo autoritário do absolutismo monárquico, e o governador da capitania, símbolo tipificador de um Executivo ditatorial que se imiscui em todas as esferas.

Como poema político, as *Cartas chilenas* descrevem a realidade social do Brasil no amanhecer de sua consciência autonomista. No entanto, muitos estudiosos levantam dúvida se essas sátiras ferinas representavam realmente a insatisfação dos brasileiros ante o domínio colonial, já que o seu autor, Tomás Antônio Gonzaga, assume, à primeira vista, uma postura legalista em face do poder metropolitano.

Os analistas têm associado essas cartas mineiras aos eventos da fracassada Inconfidência de 1788–1789, em virtude dos fatos históricos que servem de fundo para o vasto painel satírico das mazelas descritas. Atualmente, costuma-se associá-las aos estudos retóricos em que é possível ver a mão de Quintiliano ou dos teóricos do barroco. Assim, não há de todo incoerência em nelas ver o confronto de poderes entre o Judiciário, de que Critilo seria o porta-voz, e o Executivo, de onde emanaria todo o poder do Fanfarrão Minésio. Embora sem a virulência dos pasquins sediciosos da Revolta dos Alfaiates, ocorrida na Bahia em 1798, frutos da divulgação dos "abomináveis princípios franceses", as *Cartas chilenas* refletem a insatisfação das elites mineiras ante os "maiores insultos" (IX, 88) cometidos pelas autoridades reinóis, ajudando a preparar um ambiente jacobino, propício a um movimento insurreicional.

A indagação que fica no ar é como circularam essas cartas satíricas? No Brasil colonial não foi permitida a instalação de tipografias; a circulação de livros se dava pelo fluxo constante de estudantes brasileiros que freqüentavam universidades européias, especialmente a de Coimbra, ou eram trazidos nas bagagens de religiosos, viajantes e funcionários burocratas deslocados para a colônia americana.

Apesar das severas restrições impostas pela censura governamental, não se conseguiu impedir que os letrados do Brasil-Colônia tivessem acesso a todo tipo de literatura, conforme se pode verificar nos seqüestros de apreciável número de obras, em que as devassas nos revelam conhecimento atualizado com o pensamento europeu da época.

Minas Gerais, como próspera capitania da segunda metade do século XVIII, possuía excelentes bibliotecas, como a do Seminário de Mariana, a do Cônego Luís Vieira da Silva, a do médico José Vieira Couto, entre tantas outras. Por isso, não é difícil supor que houvesse também bons copistas para reproduzirem textos manuscritos que dificilmente receberiam aprovação da censura lisboeta para publicar. Resta saber como os editores chegaram a esse conjunto de textos satíricos de Gonzaga.

Cartas chilenas está entre os poemas mais complexos da literatura brasileira por questões que transcendem o seu valor artístico. Copiosos estudos sobre sua origem, autoria e qualidade estética não correspondem ao equivalente em edições. O poema correu inicialmente em manuscritos nas décadas finais do século XVIII, conforme se deduz pelas referências a ele nos *Autos devassa da Inconfidência Mineira*:

> ...que pensava, que Sua Excellencia mandaria sahir da Capitania o Desembargador Thomás Antonio Gonzaga, e isto por conta ou de um casamento, ou de uns Pasquins que se tinham feito públicos.[12]

E, em outras inquirições o poema volta a ser citado:

> ... que se dizia serem de uns Poetas, que analisavam a vida dos governadores.[13]

Não há consenso entre os que estudaram a sátira, apesar das alusões assinaladas, se ela contribuiu, ou não, para influenciar o ânimo dos inconfidentes de 1789 em Minas Gerais. O fato é que ela reflete a efervescência política que tomou conta do Brasil nas últimas décadas do século XVIII por conta do jacobinismo iluminista das inconfidências de Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco. No entanto, a quantidade de apógrafos conhecidos é muito pequena: um constava do catálogo de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, organizado pelo seu primeiro diretor, frei Antônio de Arrábida, que desapareceu quando d. João VI voltou para Portugal; outro, que pertenceu a Camilo Castelo Branco e teria sido depois vendido ao Brasil, extraviou-se.

Nos anos 50, o pesquisador mineiro Vital Pacífico Passos estudou outro manuscrito apógrafo, pertencente à Biblioteca Pública de Belém do Pará, doado por Raymundo de Abreu e Lima, em 30 de março de 1900, que, no entanto, não trazia novidades diante dos já conhecidos. Esses apógrafos não mereceram publicação e não se conhece nenhum autógrafo.

As *Cartas chilenas*, como fontes primárias, chegaram à nossa época através de um conjunto de quatro manuscritos apógrafos do século XVIII, que se encontram arquivados na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro. A fortuna editorial das *Cartas chilenas* é pequena: possui duas edições no século XIX e cinco edições no século XX. A primeira edição das *Cartas chilenas* é parcial. Dada a estampa na revista carioca *Minerva Brasiliense*, foi organizada por Santiago Nunes Ribeiro em 1845, com os manuscritos que pertenceram a Francisco das Chagas Ribeiro, contemporâneo de Gonzaga. Nessa edição só constam as sete primeiras cartas, em que no lugar da sétima está a oitava. Esse apógrafo teve destino ignorado.

A primeira edição completa das *Cartas chilenas* apareceu em 1863, preparada por Luís Francisco da Veiga, com base nos manuscritos que pertenceram ao seu avô, Francisco Luís Saturnino da Veiga, também contemporâneo do ouvidor de Vila Rica. O benemérito editor doou os apógrafos ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1940, surgiu a segunda edição completa das *Cartas* devido aos es-rços de Afonso Arinos de Melo Franco, que, em princípio, acreditava tar usando os mesmos apógrafos da edição de 1863. Dos quatro apó-afos que se encontram na Biblioteca do Instituto, Afonso Arinos só ecebeu três, o que não empana o brilho de sua primorosa edição, que ajudou a consolidar o nome de Tomás Antônio Gonzaga como verdadeiro autor do poema.

Em 1942, Manuel Rodrigues Lapa, ao organizar a primeira edição das obras completas de Gonzaga, incluiu as *Cartas chilenas* entre as de sua autoria por defender o mesmo ponto de vista da corrente de Melo Franco. Essa edição não traz nenhum aparato crítico. Em 1957 o mesmo Rodrigues Lapa preparou nova edição das *Obras completas* do poeta ouvidor, em que as *Cartas chilenas* aparecem copiosamente anotadas, confirmando a crença da maioria dos estudiosos em ser Gonzaga o autor da polêmica sátira. Em 1972, Tarqüínio J.B. de Oliveira estampa a sua edição das *Cartas chilenas* baseada nas fontes manuscritas com as suas diversas variantes. Finalmente, em 1995, Joaci Pereira Furtado organizou nova edição das *Cartas chilenas*, baseada nas edições de Rodrigues Lapa e de Tarqüínio de Oliveira.

O ambiente gerador dessas missivas satíricas tem produzido grande polêmica, a começar pela questão da língua utilizada pelo poeta. Enquanto Luís Francisco da Veiga e Afonso Arinos tentam manter o português corrente retratado nas *Cartas* brasileiras, Rodrigues Lapa faz acirrada crítica a essas duas edições, exatamente por não tomarem a língua utilizada pelo poeta sob a perspectiva do português europeu.[14] Num simples exame dos manuscritos, verifica-se que a "linguagem vulgar" da sátira gon-

zaguiana está impregnada de termos exclusivos da língua falada no Brasil. É necessário, pois, uma edição moderna capaz de levar em conta a tradição manuscrita, com o seu vasto *corpus* de variantes, confrontando-o com a tradição impressa para, enfim, poder-se fixar um texto mais próximo da última vontade do autor.

Esse longo poema em decassílabos brancos, com 3.964 versos, dividido em treze cartas, estando a sétima e a décima terceira incompletas, alinha-se ao exemplo de inúmeros outros que no século XVIII criticavam mandatários prepotentes. As cartas mineiras representam cerrada crítica aos desmandos de um tiranete, crismado de Fanfarrão Minésio. A fim de modelar esse anti-herói, Gonzaga dispunha de muitos modelos, entre os quais, provavelmente, a ácida comédia de Plauto, *O soldado fanfarrão*, que serviu de criptônimo ao valentão Meneses, bajulador das "fardas atrevidas"; e, ao *D. Quixote*, de Cervantes, em que o Cavaleiro da Triste Figura se associa às loucuras cometidas pelo atrabiliário representante do poder metropolitano. Para o pretenso autor das cartas, que colocava os costumes brasileiros em ferina análise crítica, Gonzaga serviu-se de Critilo, nome da personagem principal de *El criticon*, do padre jesuíta Baltasar Gracián. O pessimismo barroco que domina essa novela alegórica difere na intenção moralizadora dos costumes da crítica inserta nas cartas que panoramizam a terra do ouro e dos diamantes.

A ação das cartas de Critilo, aproveitando-se do modelo de Montesquieu nas *Lettres persanes*, transporta a ação para o Chile, que simboliza Minas Gerais. A capital passa a ser Santiago em vez de Vila Rica. A Universidade de Coimbra transforma-se na de Salamanca, e Portugal figura como Espanha, onde pretensamente estaria o destinatário das cartas, denominado Doroteu, nome corrente no Arcadismo. A estrutura dramática do texto abriga duas personagens que centralizam a ação a ser narrada: Doroteu, autor da "Epístola" que antecede as treze cartas e delas destinatário, e Critilo, que conta, na sua correspondência a Doroteu, os fatos que Fanfarrão Minésio obrou no Chile. A história que emerge dessa narrativa, em versos cortantes, num ritmo dramático, desvela um jogo de autoria: Doroteu, ao redigir sua epístola a Critilo, tem prévio conhecimento das cartas. Já Critilo, que destina todas elas a Doroteu, não referencia a epístola ao expor os fatos.

O anonimato foi necessário pela violência com que nas *Cartas chilenas* se desmoralizam o governador e capitão general Luís da Cunha Meneses e seus mais próximos auxiliares na administração da capitania de Minas Gerais. Mas esse anonimato em que se manteve o autor, utilizando o pseudônimo de Critilo, produziu, talvez, o mais famoso caso de identificação na história literária brasileira, a ponto de seu significado estético haver sido relegado a uma situação secundária.

A tradição impressa atribuía a Gonzaga a autoria do poema, mas os estudiosos nem sempre aceitaram de bom termo essa paternidade. Francisco Adolfo de Varnhagen foi um dos primeiros a levantar a celeuma, ao atribuir o poema a Domingos Caldas Barbosa; depois ficou indeciso entre Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, até que se decidiu pelo último.[15] Isso estimulou todo o tipo de devaneio sobre a autoria: os estudiosos atribuíam os poemas ora a Alvarenga, ora a Cláudio, ora a Gonzaga, propondo alguns a co-autoria entre eles. Ou então o autor não seria nenhum desses três, conforme chegaram a sugerir Cecília Meireles[16] e Joaquim Ribeiro.[17]

A fortuna crítica das *Cartas chilenas* atingiu considerável volume de publicações que, se ajudou a conhecer melhor o ambiente cultural onde elas foram produzidas, pouco contribuiu para ressaltar as suas qualidades artísticas. Os estudos, na sua maioria, estão voltados para a identificação do autor das cartas através do estilo, das referências históricas, da tradição impressa. A questão da autoria das treze cartas já está encerrada: o autor é Gonzaga. Basta manusear a vasta quantidade de trabalhos já publicados, como os de Alberto Faria, Luís Camilo de Oliveira Neto, Afonso Pena Junior, Manuel Bandeira, Afonso Arinos de Melo Franco, Manuel Rodrigues Lapa. Todos esses especialistas se estribaram em "razões de ordem histórica, psicológica e moral, que indubitavelmente apontam para Tomás Antônio Gonzaga como sendo o autor das *Cartas chilenas*".[18]

A data em que as cartas teriam sido compostas também se tornou motivo de celeuma por não haver granjeado consenso entre os estudiosos. Só é pacífico, entre a maioria absoluta dos especialistas, serem elas anteriores à prisão dos inconfidentes mineiros. Há os que acreditam terem sido compostas durante o consulado de Cunha Meneses, até pouco depois de sua retirada do governo de Minas, opinião agasalhada por Rodrigues Lapa:

> Não pode pois haver dúvida de que as cartas até certa altura, pelo menos, até quase ao fim, foram escritas como deviam ser — com Cunha Meneses presente.[19]

Outro grupo mais numeroso, de que fazem parte Tito Lívio de Castro, Alberto Faria, Afonso Arinos e Afonso Pena Junior, acredita que Gonzaga só redigiu sua sátira após a saída de Cunha Meneses do governo da capitania e haveria terminado de escrevê-la antes de 23 de maio de 1789, quando foi preso por ordem do Visconde de Barbacena. Sobre esse aspecto Afonso Arinos é textual:

> As cartas foram todas escritas depois da partida do governador Cunha Meneses, isto é, depois de julho de 1788.[20]

As pessoas visadas pela sátira das cartas estavam ocultas sob a capa dos criptônimos. A figura mais vilipendiada, o governador Luís da Cunha Meneses, crismado de Fanfarrão Minésio, é tratado pejorativamente de "vil canalha" (XI, 300). O interlocutor de Critilo, autor da "Epístola" que antecede as cartas, Doroteu, sempre foi visto como o dr. Cláudio Manuel da Costa. Salvo essas personagens principais, em torno das quais se dão as peripécias da história mineira colonial, os outros criptônimos foram sendo progressivamente identificados, confirmando que Gonzaga não fantasiava a realidade do Brasil setecentista, produzindo uma obra literária que significa também precioso documento etnográfico e histórico sobre a violência praticada na América pelos adiministradores da Coroa portuguesa.

III – A "Epístola a Critilo" de Cláudio Manuel da Costa, que antecede as *Cartas chilenas*, possui 208 versos decassílabos, com a finalidade de louvar e explanar o tema tratado nas cartas sobre o cesarismo do governador Cunha Meneses, e reflete o amadurecimento político de Cláudio/Doroteu na compreensão dos problemas de sua terra ante os abusos dos prepostos metropolitanos. Imbuída de espírito racionalista, a epístola revela a sensibilidade do poeta brasileiro para a efervescência política que a propaganda libertina estimulava ao contestar alguns dos pilares do poder absolutista.

Esse ambiente jacobino que influencia Cláudio, equivocamente visto como conservador por muitos estudiosos, confirma seu envolvimento político, segundo confissão de vários sediciosos nas Devassas.

> Ó senhores! ó reis! ó grandes! quanto
> São para nós as vossas leis inúteis!
> Mandais debalde, sem julgada culpa,
> Que o vosso chefe, a arbítrio seu, não possa
> Exterminar os réus, punir os ímpios.
> É c'os ministros de menor esfera
> Que falam vossas leis. Nos chefes vossos
> Somente o despotismo impera e reina.
> (150-157)

Cartas chilenas, pelo panorama realista da administração portuguesa na capitania de Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII, serve de modelo a uma visão geral do Brasil sob o domínio colonial. O conjunto formado pela "Dedicatória aos grandes de Portugal", pelo "Prólogo" ao leitor e pelas treze "Cartas" constitui-se num todo indivisível com clara unidade estilística. O poema trata dos desmandos do governador Luís da Cunha Pacheco e Meneses, que tomou posse da capitania de Minas Gerais em 10 de outubro de 1783 e passou a administração para seu sucessor, visconde de

Barbacena, em 11 de julho de 1788. Pode-se dizer que essas missivas em versos pela crítica cerrada aos abusos dos governantes, se inserem na perspectiva ideológica da ilustração com reflexos sobre os letrados da Colônia.

A primeira carta descreve a chegada de Fanfarrão Minésio ao Chile, oportunidade em que seu traje e maneiras de agir anunciam seu comportamento e caráter. A cerimônia de posse do "louco chefe", que tratou os vassalos com "injúrias, descortejos e carrancas" (I, 284), revela auxiliares piores que ele, como Robério, que "tem de pisorga as cores e conserva / as bufantes bochechas sempre inchadas" (I, 115-116). A crítica mostra de modo ácido o nível de assessores com que se cercava o governador, o que indicia a permanente atualidade desse libelo. Se as cartas não sinalizam de maneira clara a intenção de romper os vínculos coloniais, deixam, entretanto, transparecer, pelo humor ferino, que os mazombos estavam conscientes dos abusos cometidos pelos sátrapas reinóis:

> Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!
> Quanto melhor te fora se sentisses
> As pragas, que no Egito se choraram,
> Do que veres que sobe a teu governo
> Carrancudo casquilho, a quem rodeiam
> Os néscios, os marotos e os peraltas!
> (I, 155-160)

A segunda carta de Critilo a Doroteu confirma uma característica dominante na obra poética de Gonzaga: o desprezo às riquezas, embora não custe lembrar seja ele autor de uma *Carta sobre a usura*. Da mesma forma que o seu *alter ego*, Dirceu, Critilo demonstra também a sua indiferença pelo dinheiro, que as Devassas confirmaram ser verdadeira, pelo modesto patrimônio que lhe foi confiscado.

Esta carta aponta o ciúme e o desprezo que se apossaram de Critilo a partir do momento em que o Fanfarrão Minésio passa a intervir em todos os assuntos da capitania, em particular nos da Justiça, não respeitando as suas prerrogativas de magistrado:

> ... o nosso general lugar-tenente,
> Em todos os delitos e demandas,
> Pode de absolvição lavrar sentenças
> (II, 194-196)
>
> Então o grande chefe, sem demora,
> Decide os casos todos que lhe ocorrem,
> Ou sejam de moral, ou de direito,
> Ou pertençam, também, à medicina,
> Sem botar, (que ainda é mais), abaixo um livro
> Da sua sempre virgem livraria.
> (II, 245-250)

As cartas tornam-se virulentas na medida em que Critilo se sente ferido nos seus brios de magistrado: alega que os atos do governador soltando presos não julgados, perdoando ladrões e criminosos que confessam seus delitos, não são atos benignos e, na verdade, escondem falsas virtudes. Ao defender o exercício de intérprete da lei a qualquer preço, não importando se justo ou injusto, Critilo tipifica seu conservadorismo de jurista ante a realidade vivida pelos vassalos da justiça lusitana.

As cartas terceira e quarta tratam da construção do famoso edifício de Vila Rica, Casa da Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência, obra idealizada pelo governador Cunha Meneses, iniciada em 1784, mas só concluída no início do século XIX. Aqui o retrato de Meneses/Minésio se modifica: retira a máscara de protetor dos desvalidos e começa a mostrar a da rapinagem que caracterizou seu governo.

A carta terceira introduz a narração através de um ambiente de repassada melancolia, de saudoso tom romântico, que prepara os espíritos para os desmandos e violências que serão descritos:

> Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!
> (..)
> Todos em casa estão, e todos buscam
> Divertir a tristeza, que nos peitos
> Infunde a tarde, mais que a noite feia.
> (III, 1-12)

Critilo relata o projeto do majestoso edifício que Minésio idealizou, mas que está muito acima das condições de Vila Rica dessa época, "terra decadente", pois as minas já se encontravam em fase de esgotamento, e a sombra da derrama se configurava como uma maldição.

> Pertende, Doroteu, o nosso chefe
> Erguer uma cadeia majestosa,
> Que possa escurecer a velha fama
> Da torre de Babel e mais dos grandes,
> Custosos edifícios que fizeram,
> Para sepulcros seus, os reis do Egito.
> (III, 66-71)

O negro, que aparecera na segunda carta, sendo salvo da forca pela benevolência do Fanfarrão, agora é o látego de Cam: o primeiro a ser perseguido, porque o último dos desclassificados socialmente na terra do ouro (III, 133-148). Pode-se ainda destacar, nessa terceira carta, a verrina que martela todo o conjunto do poema: a ilegalidade dos atos do governador e de seus auxiliares frente às leis do reino na prática de abusos contra a população indefesa (III, 190-199).

Na quarta carta, Critilo refere as violências que se praticavam no hipotético Chile para se conseguir suficiente número de trabalhadores na

construção do prédio da Câmara e Cadeia. Fanfarrão Minésio aparece então descrito como figura desalmada, assessorado por asseclas aviltantes, onde a "mão robusta / de atrevido soldado move o relho", num realismo em que a situação miserável dos escravos, tomados pelas doenças, espancados pelos verdugos, confirma a denúncia desse poema no seu grito lancinante de defesa dos oprimidos:

> ....
> Uns dormem encolhidos sobre a terra,
> Mal coberto dos trapos, que molharam
> De dia, no trabalho (...)
> O calor da estação e os maus vapores
> Que tantos corpos lançam, mui bem podem
> Empestar, Doroteu, extensos ares,
> A pálida doença a que bafeja,
> Batendo brandamente as negras asas.
> (IV, 118/130)

Afirma Luís de Sousa Rebelo que *Cartas chilenas* "visa os desmandos e as prepotências da administração colonial portuguesa no Brasil",[21] por exercerem o papel emblemático de, pela sátira ferina, realçar a alteridade entre o mazombo americano e o reinol de além-mar.

As cartas quinta e sexta narram os festejos para comemorar os desposórios do infante de Portugal, d. João, com a princesa de Espanha, d. Carlota Joaquina, acontecidos em 8 de maio de 1785. Para organizar a festa comemorativa do casamento do príncipe herdeiro, Fanfarrão utilizou-se dos mesmos métodos violentos que empregou nas obras da cadeia. Por isso, Critilo trata esses festejos com ironia e mordacidade (V, 30-47).

A principal crítica que se assinala na quinta carta é Fanfarrão desobedecer às leis e desrespeitar os costumes tradicionais de Vila Rica. O autoritário governador é caricaturado através de chistes que revelam que o severo juiz não perdoa àqueles que se punham acima da Justiça, traço típico do caráter de Gonzaga, filho e neto de magistrados. Basta recordar que no uso do pseudônimo Dirceu, o fato também se repete em várias liras em que o antigo ouvidor se resigna ante as decisões decretadas pela justiça:

> Não é o julgador, é o processo
> e a lei quem nos condena. (II, 23).

A quinta carta relata, entre muitas, as venalidades do "vil Alberga" (170), presidente da Câmara Municipal de Vila Rica, encarregado de conseguir dinheiro para os festejos idealizados por Fanfarrão. O destemperado governador que não tinha limites humilha, inclusive, os representantes da Igreja (confira os versos 201-230).

A linguagem saborosa, rápida, cortante de Gonzaga/Critilo vitupera o abandono dos costumes antigos pelas modas atuais:

Em outro tempo, amigo, os homens sérios
Na rua não andavam sem florete.
(V, 234-235)

Por outro lado, opõe-se à ascensão social das mulheres, que vê como degeneração dos costumes:

Agora as mesmas damas atravessam
As pernas sobre as pernas.
(V, 244-245)

Para o magistrado, o maior mal da sociedade recaía nos militares. Afora esses, os chistes mais violentos são desfechados contra os mulatos, símbolo da ascensão social no Brasil-Colônia, o que Critilo não compreendia, nem aceitava:

Se te queres moldar aos teus talentos,
Em tosca frase do país somente
Escreve trovas, que os mulatos cantem.
(V, 314-316)

A postura conservadora e antidemocrática de Gonzaga transparece, com maior nitidez, no momento em que critica a ascensão social dos funcionários que assessoram o governador:

Aqui alguns conheço, que inda vivem
De darem o sustento, o quarto a roupa
E capim para a besta, a quem viaja.
Conheço, finalmente, a outros muitos
Que foram almocreves e tendeiros,
Que foram alfaiates e fizeram,
Puxando a dente o couro, bem sapatos.
(VI, 24-30)

Como bem observou Tito Lívio de Castro,

em todas as *Cartas chilenas* não há divergência de idéias, nem de estilo, há o mesmo ritmo, os mesmos preconceitos, o mesmo Critilo de princípio a fim.[22]

O ouvidor tradicionalista desgosta-se das festas, critica os namoros e condena a música de origem africana na sua natural sensualidade:

A ligeira mulata, em trajes de homem,
Dança o quente lundum e o vil batuque.
(VI, 245-246)

As restrições endereçadas por Gonzaga/Critilo, com seu aristocratismo de magistrado, aos pequenos artesãos, aos mulatos e as mais humildes camadas da população, opõem-se ao plebeísmo, demagógico ou não,

de Meneses/Fanfarrão que, nobre de nascimento e futuro Conde de Lumiares, revelava-se mais democrata (cf. 261-295).

A sexta carta termina de modo pungente, ao retratar a violência com que Meneses/Fanfarrão obriga um músico mulato a tocar nos festejos, mesmo estando com a mulher morta na cama (VI, 317-384). Esse episódio "das coisas mais belas e humanas do poema"[23] confirma a multifacetada personalidade do poeta, que merece restrições por sua visão de mundo passadista, mas não abdica de vergastar com sua poderosa sátira os desmandos do prepotente governador.

A sétima carta, sabidamente incompleta, como já foi aventado, é o fragmento de uma carta que não chegou até nós, devido à prisão do seu autor. Nos poucos versos que restaram discorre-se sobre a intromissão do governador em questões jurídicas, em irregularidades ocorridas com a venda de despachos na Demarcação Diamantina, que afetou o padre José da Silva e Oliveira Rolim, o Josefino da sátira, um dos inconfidentes, amigo de Gonzaga. Por ordem do governador Cunha Meneses, o padre Rolim foi expulso da região dos diamantes acusado de contrabandista.

As *Cartas chilenas*, pelo seu conteúdo ideológico, revelam as antinomias intelectuais de Gonzaga/Critilo, cuja posição antimilitarista demonstrava a adesão aos valores do Setecentismo Ilustrado. Essa atitude progressista é vista como exceção. Na configuração geral do seu pensamento, os analistas o consideram homem de moral estreita e elitista, em que ele se colocaria "numa posição reacionária aos ideais de seu tempo".[24] Essa tecla que tantos críticos vêm martelando ao longo dos anos apontando Gonzaga como um intelectual em descompasso com a sua época quer nos parecer equivocada. Criticam-lhe por não ser um seguidor do Iluminismo francês, mais democrático, republicano, anti-clerical, de espírito modernizador nos valores sociais e econômicos. Mas não é essa a filiação do ilustrado poeta, visto não ser esse o Iluminismo predominante no mundo luso-brasileiro do século XVIII. Desde o alvorecer do Iluminismo em Portugal, na feliz expressão de Ofélia Malheiro Caldas Paiva Monteiro, com Alexandre de Gusmão, d. Luís da Cunha, Luís Verney, Ribeiro Sanches, até a corrente pombalino-mariana, o que predomina e se impõe é o Iluminismo italiano, conforme já demonstrou Cabral Moncada, de espírito despótico, que deseja aproveitar as conquistas da ciência e da técnica, mas não quer abolir a censura, nem reformar o Estado de maneira mais democrática que pudesse pôr em causa o próprio poder da realeza.

A oitava carta denuncia, entre outros escândalos, a venda pelo governo do contrato das entradas em que estavam envolvidos na arrematação o governador e seu afilhado, capitão José Pereira Marques, crismado de Marquésio por Critilo. Era negócio vultoso de cobrança de impostos da capitania. A Junta de Fazenda, de que fazia parte Gonzaga e que, na maio-

ria de seus membros, era contrária à entrega do contrato ao protegido de Cunha Meneses, nada pôde fazer contra o cesarismo do capitão-general:

> As leis do nosso reino não consentem
> Que os chefes dêem contratos, contra os votos
> Dos retos deputados que organizam
> A Junta de Fazenda, e o nosso chefe
> Mandou arrematar, ao seu Marquésio,
> O contrato maior, sem ter um voto
> que favorável fosse aos seus projetos.
> (VIII, 78-84)

O segundo escândalo refere-se ao contratador de entradas anterior ao Marquésio, coronel Joaquim Silvério dos Reis, batizado de Silverino. Antes mesmo de ser o primeiro denunciante dos inconfidentes, Silvério/Silverino já demonstrava ser o mais venal dos homens, a ponto de o poeta desistir de registrar todas as suas falcatruas. Silverino inclui-se entre as poucas personagens em que Critilo, de maneira desabrida, ataca com a violência desse verso:

> Eu já te deixo em paz, roubando o mundo. (VIII, 198)

O delator então, certamente, aguardou a oportunidade de acabar com a carreira do resoluto ouvidor que atrapalhava suas falcatruas.

Silverino, na denúncia escrita que apresenta ao visconde de Barbacena sobre a conspiração da Inconfidência, só acusa um homem, só escreve o nome de um homem, só atribui a responsabilidade a um homem: Tomaz Antonio Gonzaga.[25]

A sátira de Gonzaga/Critilo, em que pese o aristocratismo do seu autor, defende a isenção da Justiça na cobrança das dívidas de pobres e ricos. Meneses/Fanfarrão, que pratica vários atos agradáveis às classes populares, na hora da cobrança das dívidas do governo, prefere perseguir os pobres e isentar os ricos:

> O pobre, porque é pobre, pague tudo,
> E o rico, porque é rico, vai pagando
> Sem soldados à porta, com sossego.
> (VIII, 255-257)

A nona carta pretende revelar o papel nocivo dos militares na sociedade mineira, mostrando os abusos cometidos à sombra do nepotismo do governador. Seus desmandos incitavam "a liberdade das fardas atrevidas" (106-107). Critilo vitupera Minésio, que na sua fanfarronice pretendia militarizar a capitania para melhor controlar a população. É, talvez, o momento em que a face progressista do intelectual Gonzaga mais se destaca. Pois, em sintonia com as idéias civilistas da Ilustração, achincalha os que se aproveitavam do povo indefeso:

Não há, não há distúrbio nesta terra,
De que mão militar não seja autora.
(IX, 62-63)

O panfleto de Critilo zurze contra os métodos para a promoção na carreira militar que vivia sob o império da corrupção. Este é, inclusive, um dos motivos da insatisfação de Tiradentes alegados nos *Autos da devassa*, de que a promoção ao posto superior só ocorria mediante o nepotismo. E os decassílabos indignados oferecem uma galeria de personagens venais, produtos do filhotismo de Minésio: Tomazine, Lobésio, Padela (cf. IX, 120-185).

Cartas chilenas, atenta radiografia das contradições do mundo colonial brasileiro, capta em vivo flagrante a situação peculiar dos diversos estratos sociais que a tornam documento histórico e literário único. Seus quadros e episódios, em traços goyescos, transcendem as diatribes de um tiranete. Por isso pode-se dizer que são motivados pelo "descompasso ideológico entre poderosos resquícios de um mandonismo ainda feudal e a nova mentalidade da magistratura, que a modernização pombalina havia permitido surgir em Portugal".[26] É o choque inevitável de jurisdição que domina o entrecho da décima Carta. A missiva historia as ações do despótico capitão-general, tendo o ouvidor recorrido à rainha com severa representação contra ele. Critilo não aceitava e nem contemporizava com Fanfarrão, a ponto de se dar o conflito (cf. X, 42-68, 112-131, 154-184, 208-255).

Tem-se repetido, desde José Veríssimo, que, "maldizendo este poema tão afrontosamente do governador e da sua roda, jamais deixa perceber o menor sentimento de desgosto da metrópole e do regime colonial".[27] Essa leitura toma a sátira com uma afronta pessoal sem ressonância coletiva. Quer-nos parecer que a crítica ao domínio colonial português está implícita quando se fustiga o representante da metrópole. Pode-se alegar, inclusive, ser a lealdade do ouvidor Gonzaga à Coroa portuguesa inerente às suas funções legalistas, pois, na condição de magistrado, tinha de fazer cumprir as leis. Cremos ser impossível não ver, na severa crítica à desorganização administrativa daquela que fora até recentemente a mais rica capitania do Império Português, uma adesão aos mais caros valores liberais da Ilustração vigentes no último quartel do século XVIII.

A décima primeira carta denuncia, de certo modo, um ambiente goliardesco em que o chiste feroz, de fundo moralista, desadora as báquicas festas do paxá das Alterosas:

A casa aonde habita o grande chefe,
Parece, Doroteu, que vem abaixo.
Fingindo a moça que levanta a saia
E voando na ponta dos dedinhos,

> Prega no machacaz, de quem mais gosta,
> A lasciva embigada, abrindo os braços;
> Então o machacaz, mexendo a bunda,
> Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
> Ou dando alguns estalos com os dedos,
> Seguindo das violas o compasso
> Lhe diz — "eu pago, eu pago" (...)
> (XI, 99-109)

Nessa décima primeira carta, revela-se, de maneira irônica, em linguagem coloquial dominada pelo senso do concreto, o universo erótico, sensual, roçando à pornografia, que desbasta, numa síntese admirável, a intimidade psicológica de Fanfarrão Minésio (XI, 141-150 e 192-195).

O episódio mais famoso e mais longo (versos 220-433) da décima primeira missiva refere-se ao casamento feito à pressa, em 6 de julho de 1788, entre a amante do governador que se encontrava demissionário, Maria Joaquina Anselmo de Figueiredo, crismada de Marília, e o cabo-de-esquadra Jerônimo Xavier de Sousa, de criptônimo Jelônio. Este, por aceitar essa união espúria com a concubina de Meneses/Fanfarrão, foi promovido, de maneira abusiva, a alferes. As núpcias e a promoção indevida depõem contra a imagem moral de Meneses/Fanfarrão e comprovam, mais uma vez, que Gonzaga/Critilo aproveitava os fatos, na sua crua realidade, para, numa crítica de espírito juvenaliano, censurar os abusos cometidos à sombra do poder.

A décima segunda carta trata do nepotismo praticado por Fanfarrão Minésio. Esta epístola, talvez a que mais ressalte as contradições do pensamento de Gonzaga/Critilo, serve como paradigma da sua trajetória intelectual nessas décadas decisivas do século XVIII. Aqui, faz a defesa da escravidão, quando critica, em episódio pungente, o criado do governador que rouba uma escrava que amava, para com ela constituir família (versos 164-241). Também seu conhecido preconceito contra o mulato brasileiro se torna mais agressivo (confira versos 36-38, 68-70, 274-279). Por fim, o pensamento antinômico de Gonzaga/Critilo aparece na sua mais perfeita clareza: de antigo defensor da realeza, como se verifica no *Tratado de Direito Natural*, agora zurze os direitos hereditários da nobreza (288-299).

A décima terceira carta encerra esses pasquins mineiros. Dessa carta só restam 29 versos em que, fragmentariamente, se historia a utilização da religião pelos governantes. Nela Critilo desvela o farisaísmo da fé, ao observar como a aliança do Estado com a Igreja sempre foi útil para melhor se exercer o poder.

A ampla crítica de fundo político e moral que atinge o autocratismo dos governantes em defesa da sociedade dá ao poema de Gonzaga o sentido universal em que o direito coletivo prepondera sobre os interesses particulares. Talvez seja isso que diferencie a sátira gonzaguiana da gran-

de maioria dos poemas brasileiros e portugueses do tempo em que pretendiam verberar os males sociais: boa parte deles traduz vingança pessoal em que à agressão particular falta a *vis* cômica universalizante que caracteriza as *Cartas chilenas* em sua permanente atualidade.

Pode-se dizer que as *Cartas chilenas* oscilam entre os princípios esclarecidos do Iluminismo, talvez já bem próximo da contestação jacobina, e a adesão ao aulicismo, numa legalidade conservadora e antiprogressista. O julgamento do déspota Fanfarrão pela óptica de Critilo é também o de Tomás Antônio Gonzaga perante a história. Os ideais renovadores do seu tempo não foram suficientemente fortes para liquidar as bases autoritárias que moldaram o seu pensamento, mostrando-se emparedado pela herança tradicionalista de que não conseguiu desvencilhar-se.

FIM DE "INTRODUÇÃO DAS CARTAS CHILENAS"

Cartas Chilenas

Epístola a Critilo

Vejo, ó Critilo, do chileno chefe
tão bem pintada a história nos teus versos,
que não sei decidir qual seja a cópia,
qual seja o original. Dentro em minha alma
que diversas paixões, que afetos vários
a um tempo se suscitam! Gelo e tremo,
umas vezes de horror, de mágoa e susto;
outras vezes do riso apenas posso
resistir aos impulsos. Igualmente
me sinto vacilar entre os combates
da raiva e do prazer. Mas ah! que disse!
Eu retrato a expressão, nem me subscrevo
ao sufrágio daquele que assim pensa,
alheio da razão, que me surprende.
Trata-se aqui da humanidade aflita;
exige a natureza os seus deveres.
Nem da mofa ou do riso pode a idéia
jamais nutrir-se, enquanto aos olhos nossos
se propõe do teu chefe a infame história.
Quem me dirá que da estultice as obras
infestas à virtude e dirigidas
a despertar o escândalo conseguem,
no prudente varão, mover o riso?
Eu vejo que um Calígula[1] se empenha
em fazer que de Roma ao Consulado
se jure o seu cavalo por colega.
Vejo que os cidadãos e as tropas arma
o filho de Agripina,[2] que os transporta
em grossos vasos sobre o Tibre e logo
por inimigos lhes assina[3] os matos,
que atacar manda com guerreiro estrondo.
Direi que me recreia esta loucura?
Que devo rir-me e sufocar o pranto
que pula nos meus olhos? Não, Critilo,

não é esta a moção que n'alma provo.
Por entre estes delírios, insensível,
me conduz a razão, brilhante e sábia,
a gemer igualmente na desgraça
dos míseros vassalos, que honrar devem
de um tirano o poder, o trono, o cetro.
Se Talia[4] e Melpômene[5] nos pintam,
nos seus teatros, as paixões humanas,
ao ridículo gesto, ou ao semblante
da cena que o coturno[6] me apresenta,
eu me conformo ao interesse,[7] quando
aborreço a maldade e quando rendo
à formosa virtude os dignos votos.
Despedace Medéia[8] os caros filhos,
guise Atreu[9] de seus netos as entranhas,
eu terei sempre horror às impiedades.
Jamais da irreligião, da fé mentida
me hão-de enganar os pérfidos rebuços,
ou da fingida cena os vãos adornos.
Devo pois confessar, Critilo amado,
que teus escritos, de uma idade a outra
passarão, sempre de esplendor cingidos;
que a humanidade, enfim, desagravada
das injúrias que sofre, por teu braço,
os ferros soltará, que desafrouxa,
tintos do fresco, gotejado sangue.

Súditos infelices, que provastes
os estragos da bárbara desordem,
respirai, respirai: ao benefício
deveis do bom Critilo a paz suave,
que a vossa liberdade, alegre, goza.

Sim, Critilo, são estes os agouros
que, lendo a tua história, ao mundo faço:
de pejo e de vergonha os bons monarcas,
que pias intenções sempre alimentam
de reger como filhos os seus povos,
tocados se verão. Prudentes, sábios,
consultarão primeiro sobre a escolha
daqueles chefes, que a remotos climas
determinam mandar, deles fiando

a importante porção do seu governo;
prevenidos que a vã, brutal soberba
só nas obras influe destes monstros,
pelo escrutínio da virtude espero
que regulados os seus votos sejam.

De uma estéril, mortal genealogia,
que o mérito produz de seus maiores,
eles, amigo, argumentar não devem
propalados talentos. A virtude
nem sempre aos netos, por herança, desce.
Pode o pai ser piedoso, sábio e justo,
manso, afável, pacífico e prudente:
não se segue daqui que um ímpio filho,
perverso, infame, díscolo e malvado,
não desordene de seus pais a glória.
Nem sempre as águias de outras águias nascem,
nem sempre de leões, leões se geram.
Quantas vezes as pombas e os cordeiros
são partos dos leões, das águias partos!

Para reger, ó reis, os vossos povos,
debalde ides buscar brasões e escudos
entre os vossos dinastas. Roma, Roma
as fasces,[10] as secures,[11] mais as outras
imperiais insígnias só tirava
da provada virtude. Se das togas
distinguia uma e outra espécie, Atenas
é quem a todas o caráter dava.

Igualmente civil jurisconsulto
que instruído guerreiro, era mandado
um cidadão, que da província as rédeas
manejasse, fiel. Daqui os Fábios,
daqui os Cipiões e os bons Emílios,[12]
os Césares daqui, que os fastos[13] ornam.
Que diferentes, hoje, os nossos grandes!

É filho do marquês, do conde é filho,
vá das Índias reger o vasto império.
Ó Deus! e que infelices os vassalos
que, tão longe do trono, prostitue
o vosso império aos abortivos chefes!

Lá vai aquele, que de avara sede
é por gênio arrastado: que tesouros
não espera ajuntar! Do alheio cofre
se há-de esgotar a aferrolhada soma.
Desgraçada Justiça! Da igualdade
tu não sabes o ponto: é a balança
do interesse que só por ti decide.
Que despachos injustos, que dispensas,
que mercês e que postos não se compram
ao grave peso de selada firma!

Outro vai que, lascivo e desenvolto,
só da carne as paixões adora e segue.
Honras, decoros, vós sereis despojos
do seu bruto apetite. Em vão, cansados
pais de famílias, zelareis vós outros
da vossa casa o pundonor herdado.
Aos vis ataques do atrevido orgulho
hão-de ceder as prevenções mais fortes;
vítimas da voraz sensualidade
vossas filhas serão, vossas mulheres.
Que direi do soberbo, do vaidoso,
do colérico e de outros vários monstros,
que freio algum não conhecendo, passam
a sustentar no autorizado cargo
tudo quanto a paixão lhes dita e manda!
Não sofre aquele que o vassalo oculte
os cabedais que à sua indústria deve,
e que a seus filhos e a seus netos possa
deixar, morrendo, uma opulenta herança.
Um falso crime lhe figura, aonde
esgote as forças, que levar procura
além das frias, apagadas cinzas.
Este medita que a nobreza ilustre
sufocada se veja. A prisão dura,
o distante degredo é que promete
da prevista vingança o fim prescrito.
Ó senhores! ó reis! ó grandes! quanto
são para nós as vossas leis inúteis!
Mandais debalde, sem julgada culpa,
que o vosso chefe, a arbítrio seu, não possa
exterminar[14] os réus, punir os ímpios.

É cos ministros de menor esfera
que falam vossas leis. Nos chefes vossos
somente o despotismo impera e reina.
Gozar da sombra do copado tronco
é só livre ao que perto tem o abrigo
dos seus ramos frondosos. Se se aparta
da clara fonte, o passageiro prova
turbadas águas em maior distância.

Mas ah! Critilo meu, que eu estou vendo
que já chegam a ler as cartas tuas:
estes bárbaros monstros são cobertos
de vivo pejo, ao ver os seus delitos,
que em tão disforme vulto hoje aparecem.

Destro pintor, em um só quadro a muitos
soubeste descrever. Sim, que o teu chefe
as maldades de todos compreende:
aqui vê-se o soberbo, que pensando
do resto dos mais homens nada serem
mais que humildes insetos, só de fúrias
nutre o vil coração, e a seus pés calca
a pobre humanidade. Aqui se encontra
o ímpio, libertino, que ultrajando
tudo que é sagrado, tem por timbre
ao público mostrar que o santo culto
que nos intima a religião somente
aos pequenos obriga, e que por arte
os conserva a ilusão no fanatismo,
por que da obediência às leis se dobrem;
aqui se acha o lascivo; é o vaidoso,
é o estúpido, enfim é o demente
o que ao vivo aparece nesta empresa.

Tu, severo Catão, tu repreendes
com teu mudo semblante a pátria Roma.
Nem seus teatros de lascíva cheios
sofrem teus olhos nobremente irados.
Pede o congresso,[15] de terror ferido,
que o rígido censor o circo deixe
ou que se não produza a torpe cena.

Este, ó Critilo, o precioso efeito
dos teus versos será: como em espelho,
que as cores toma e que reflete a imagem,
os ímpios chefes de uma igual conduta
a ele se verão, sendo argüidos
pela face brilhante da virtude,
que, nos defeitos de um, castiga a tantos.
Lições prudentes, de um discreto aviso,
no mesmo horror do crime, que os infama,
teus escritos lhes dêm. Sobrada usura
é este o prêmio das fadigas tuas.

Eles dirão, voltando-se a Critilo:
Quanto devemos, ó censor facundo,
ao castigado metro, com que afeias
nossos delitos, e buscar nos fazes
da cândida virtude a sã doutrina!

Dedicatória aos Grandes de Portugal

Il^{mos} e Ex^{mos} Senhores.

Apenas concebi a idéia de traduzir na nossa língua e de dar ao prelo as *Cartas chilenas*, logo assentei comigo que V. Ex^{as} haviam de ser os Mecenas a quem as dedicasse. São V. Ex^{as} aqueles de quem os nossos soberanos costumam fiar os governos das nossas conquistas: são por isso aqueles a quem se devem consagrar todos os escritos que os podem conduzir ao fim de um acertado governo.

Dois são os meios por que nos instruímos: um, quando vemos ações gloriosas, que nos despertam o desejo da imitação; outro, quando vemos ações indignas, que nos excitam o seu aborrecimento. Ambos estes meios são eficazes: esta a razão por que os teatros, instituídos para a instrução dos cidadãos, umas vezes nos representam a um herói cheio de virtudes, e outras vezes nos representam a um monstro, coberto de horrorosos vícios.

Entendo que V. Ex^{as} se desejarão instruir por um e outro modo. Para se instruírem pelo primeiro, têm V. Ex^{as} os louváveis exemplos de seus ilustres progenitores. Para se instruírem pelo segundo, era necessário que eu fosse descobrir o Fanfarrão Minésio em um reino estranho! Feliz reino e felices grandes que não têm em si um modelo destes!

Peço a V. Ex^{as} que recebam e protejam estas *Cartas*. Quando não mereçam a sua proteção pela eloqüência com que estão escritas, sempre a merecem pela sã doutrina que respiram e pelo louvável fim com que talvez as escreveu o seu autor Critilo.

Beija as mãos

De V. Ex^{as}
O seu menor criado...

PRÓLOGO

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar com ele uma estreita amizade, e chegou a confiar-me os manuscritos que trazia. Entre eles encontrei as *Cartas chilenas*, que são um artificioso compêndio das desordens que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile.

Logo que li estas *Cartas*, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei merecedoras deste obséquio, pela simplicidade do seu estilo, como, também, pelo benefício que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste chefe, para emenda dos mais que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um D. Quixote pode desterrar do mundo as loucuras dos cavaleiros andantes; um Fanfarrão Minésio pode também corrigir a desordem de um governador despótico.

Eu mudei algumas coisas menos interessantes, para as acomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas, pois, se és douto, hás-de conhecer a suma dificuldade que há na tradução em verso. Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

... Quid rides? mutato nomine, de te
Fabula narratur...[16]
HORÁCIO *Sat. I*, versos 69 e 70.

Cartas Chilenas

Em que o poeta Critilo conta a Doroteu os fatos de Fanfarrão Minésio, governador de Chile

Carta Primeira

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile

Amigo Doroteu, prezado amigo,
abre os olhos, boceja, estende os braços
e limpa das pestanas carregadas
o pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
ergue a cabeça da engomada fronha,
acorda, se ouvir queres cousas raras.
"Que cousas (tu dirás), que cousas podes
contar que valham tanto, quanto vale
dormir a noite fria em mole cama,
quando salta a saraiva nos telhados
e quando o sudoeste e os outros ventos
movem dos troncos os frondosos ramos?"

É doce esse descanso, não to nego.
Também, prezado amigo, também gosto
de estar amadornado, mal ouvindo
das águas despenhadas brando estrondo,
e vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,
que então me pintam os ligeiros sonhos.
Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;
não falta tempo em que do sono gozes:
então verás leões com pés de pato,
verás voarem tigres e camelos,
verás parirem homens e nadarem
os roliços penedos sobre as ondas.

Porém que têm que ver estes delírios
cos sucessos reais que vou contar-te?
Acorda, Doroteu, acorda, acorda;
Critilo, o teu Critilo é quem te chama:
levanta o corpo das macias penas;
ouvirás, Doroteu, sucessos novos,
estranhos casos, que jamais pintaram
na idéia do doente, ou de quem dorme,
agudas febres, desvairados sonhos.

Não és tu, Doroteu, aquele mesmo
que pedes que te diga se é verdade
o que se conta dos barbados monos
que à mesa trazem os fumantes pratos?
Não desejas saber se há grandes peixes,
que abraçando os navios com as longas,
robustas barbatanas, os suspendem,
inda que o vento, que d'alheta[17] sopra,
lhes inche os soltos, desrizados[18] panos?
Não queres que te informe dos costumes
dos incultos gentios? Não perguntas
se entre eles há nações que os beiços furam
e outras que matam, com piedade falsa,
os pais, que afrouxam ao poder dos anos?
Pois se queres ouvir notícias velhas,
dispersas por imensos alfarrábios,
escuta a história de um moderno chefe,
que acaba de reger a nossa Chile,
ilustre imitador a Sancho Pança.
E quem dissera, amigo, que podia
gerar segundo Sancho a nossa Espanha!

Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
por verdadeira história uma novela
da classe das patranhas, que nos contam
verbosos navegantes, que já deram
ao globo deste mundo volta inteira.
Uma velha madrasta me persiga,
uma mulher zelosa me atormente
e tenha um bando de gatunos filhos,
que um chavo[19] não me deixem, se este chefe
não fez ainda mais do que eu refiro.

Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
da sorte que o topei a vez primeira;
nem esta digressão motiva tédio
como aquelas que são dos fins alheias,
que o gesto, mais o traje, nas pessoas
faz o mesmo que fazem os letreiros
nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
que dão do que eles tratam boa idéia.

Tem pesado semblante, a cor é baça,
o corpo de estatura um tanto esbelta,
feições compridas e olhadura feia;
tem grossas sobrancelhas, testa curta,
nariz direito e grande, fala pouco
em rouco, baixo som de mau falsete;
sem ser velho, já tem cabelo ruço,
e cobre este defeito e fria calva
à força de polvilho que lhe deita.
Ainda me parece que o estou vendo
no gordo rocinante escarranchado,
as longas calças pelo embigo atadas,
amarelo colete, e sobre tudo
vestida uma vermelha e justa farda.

De cada bolso da fardeta pendem
listradas pontas de dous brancos lenços;
na cabeça vazia se atravessa
um chapéu desmarcado; nem sei como
sustenta a pobre só do laço o peso.
Ah! tu, Catão severo, tu que estranhas
o rir-se um cônsul moço, que fizeras
se em Chile agora entrasses e se visses
ser o rei dos peraltas quem governa?
Já lá vai, Doroteu, aquela idade
em que os próprios mancebos, que subiam
à honra do governo, aos outros davam
exemplos de modéstia até nos trajes.
Deviam, Doroteu, morrer os povos,
apenas os maiores imitaram
os rostos e os costumes das mulheres,
seguindo as modas e rapando as barbas.

Os grandes do país, com gesto humilde,
lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo;
ele, austero, os recebe, e só se digna
afrouxar do toutiço[20] a mola um nada,
ou pôr nas abas do chapéu os dedos.
Caminha atrás do chefe um tal Robério,[21]
que entre os criados tem respeito de aio:
estatura pequena, largo o rosto,
delgadas pernas e pançudo ventre,
sobejo de ombros, de pescoço falto;
tem de pisorga[22] as cores, e conserva
as bufantes bochechas sempre inchadas.
Bem que já velho seja, inda presume
de ser aos olhos das madamas grato,
e o demo lhe encaixou que tinha pernas
capazes de montar no bom ginete
que rincha no Parnaso.[23] Pobre tonto!
Quem te mete em camisas de onze varas?
Tu só podes cantar em coxos versos
e ao som da má rebeca, com que atroas
os feitos de teu amo e os seus despachos.

Ao lado de Robério, vem Matúsio,[24]
que respira do chefe o modo e gesto.
É peralta, rapaz de tesas gâmbias,
tem cabelo castanho e brancas faces;
tem um ar de *mylord* e a todos trata
como a inúteis bichinhos; só conversa
com o rico rendeiro, ou quem lhe conta
das moças do país as frescas praças.
Dos bolsos da casaca dependura
as pontas perfumadas dos lencinhos,
que é sinal, ou caráter, que distingue
aos serventes das casas dos mais homens,
assim como as famílias se conhecem
por herdados brasões de antigas armas.

Montado em nédia mula vem um padre,
que tem de capelão as justas honras.
Formou-se em Salamanca, é homem sábio.
Já do mistério do Pilar, um dia,
um sermão recitou, que foi um pasmo.

Labregão[25] no feitio e meio idoso,
tem olhos encovados, barba tesa,
fechadas sobrancelhas, rosto fusco,
cangalhas[26] no nariz. Ah! quem dissera
que num corpo, que tem de nabo a forma,
haviam pôr os céus tão grande caco!
O resto da família é todo o mesmo,
escuso de pintá-lo. Tu bem sabes
um rifão que nos diz que dos domingos
se tiram muito bem os dias santos.
Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!
Quanto melhor te fora se sentisses
as pragas, que no Egito se choraram,
do que veres que sobe ao teu governo
carrancudo casquilho,[27] a quem rodeiam
os néscios, os marotos e os peraltas!

Seguido, pois, dos grandes entra o chefe
no nosso Santiago, junto à noite.
A casa me recolho e, cheio destas
tristíssimas imagens, no discurso
mil cousas feias, sem querer, revolvo.
Por ver se a dor divirto, vou sentar-me
na janela da sala e ao ar levanto
os olhos já molhados. Céus, que vejo!
Não vejo estrelas que, serenas, brilhem,
nem vejo a lua que prateia os mares:
vejo um grande cometa, a quem os doutos
"Caudato"[28] apelidaram. Este cobre
a terra toda co disforme rabo.
Aflito, o coração no peito bate,
eriça-se o cabelo, as pernas tremem,
o sangue se congela, e todo o corpo
se cobre de suor, — tal foi o medo.
Ainda bem o acordo não restauro,
quando logo me lembra que este dia
é o dia fatal, em que se entende
que andam no mundo soltos os diabos.[29]
Não rias, Doroteu, dos meus agouros;
os antigos romanos foram sábios,
tiveram agoureiros; estes mesmos
muitas vezes choraram, por tomarem
os avisos celestes como acasos.

Ajuntavam-se os grandes desta terra,
à noite, em casa do benigno chefe
que o governo largou. Aqui, alegres,
com ele se entretinham largas horas;
depostos os melindres da grandeza,
fazia a humanidade os seus deveres
no jogo e na conversa deleitosa.
A estas horas entra o novo chefe
na casa do recreio e, reparando
nos membros do congresso, a testa enruga,
e vira a cara, como quem se enoja.
Por que os mais junto dele não se assentem,
se deixa em pé ficar a noite inteira.
Não se assenta, civil, da casa o dono;
não se assenta, que é mais, a ilustre esposa;
não se assenta, também, um velho bispo,
e a exemplo destes, o congresso todo.

Pensavas, Doroteu, que um peito nobre,
que teve mestres, que habitou na corte,
havia praticar ação tão feia
na casa respeitável de um fidalgo,
distinto pelo cargo que exercia
e, mais ainda, pelo sangue herdado?
Pois ainda, caro amigo, não sabias
quanto pode a tolice e vã soberba.
Parece, Doroteu, que algumas vezes
a sábia natureza se descuida.
Devera, doce amigo, sim, devera
regular os natais conforme os gênios.
Quem tivesse as virtudes de fidalgo,
nascesse de fidalgo, e quem tivesse
os vícios de vilão, nascesse embora,
se devesse nascer, de algum lacaio,
como as pombas, que geram fracas pombas,
como os tigres, que geram tigres bravos.
Ah! se isto, Doroteu, assim sucede,
estava o nosso chefe mesmo ao próprio
para nascer sultão do Turco Império,
metido entre vidraças, reclinado
em coxins de veludo e vendo as moças,
que de todas as partes o cercavam,

coçando-lhe umas, levemente, as pernas
e as outras abanando-o com toalhas:
só assim, Doroteu, o nosso chefe
ficaria de si um tanto pago.[30]

Chegou-se o dia da funesta posse;
mal os grandes se ajuntam, desce a escada
e, sem mover cabeça, vai meter-se
debaixo do lustroso e rico pálio.
Caminham todos juntos para o templo,
um salmo se repete, em doce coro,
a que ele assiste, desta sorte inchado:
entesa mais que nunca o seu pescoço,
em ar de minuete o pé concerta
e arqueia o braço esquerdo sobre a ilharga.
Eis aqui, Doroteu, o como param[31]
os maus comediantes, quando fingem
as pessoas dos grandes, nos teatros.
Acabada a função, à casa volta
(os grandes o acompanham, descontentes),
co'a mesma pompa com que foi ao templo.
Tu já viste o ministro carrancudo,
a quem os tristes pertendentes cercam,
quando no régio tribunal se apeia,
que, bem que humildes em tropel o sigam,
não pára, não responde, não corteja?
Tu já viste o casquilho, quando sobe
à casa em que se canta e em que se joga,
que deixa à porta as bestas e os lacaios,
sem sequer se lembrar que venta e chove?
Pois assim nos tratou o nosso chefe:
mal à porta chegou do chefe antigo,
com ele se recolhe, e até ao mesmo
luzido, nobre corpo do Senado
não fala, não corteja, nem despede.
Da sorte que o lacaio a sege arruma
por não tomar a rua às outras seges,
assim os cidadãos o pálio encostam
ao batente da porta, e, quais lacaios,
na rua esperam que seu amo desça,
ou, a ele ficar, que os mande embora.

À vista desta ação indigna e feia,
todo o congresso se confunde e pasma.
Sobe às faces de alguns a cor rosada,
perdem outros a cor das roxas faces:
louva este o proceder do chefe antigo,
aquele o proceder do novo estranha;
e os que podem vencer do gênio a força
aos mais escutam, sem dizer palavra.
São estes, louco chefe, os sãos exemplos
que na Europa te dão os homens grandes?
Os mesmos reis não honram aos vassalos?
Deixam de ser, por isso, uns bons monarcas?
Como errado caminhas! O respeito
por meio das virtudes se consegue
e nelas se sustenta. Nunca nasce
do susto e do temor, que aos povos metem
injúrias, descortejos e carrancas.
Findou-se, Doroteu, a longa história
da entrada deste chefe. Agora vamos,
que é tempo, descansar um breve instante.
Nas outras contarei, prezado amigo,
os fatos que ele obrou no seu governo,
se acaso os justos céus quiserem dar-me,
para tanto escrever, papel e tempo.

Carta Segunda

Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingiu no princípio do seu governo, para chamar a si todos os negócios

As brilhantes estrelas já caíam
e a vez terceira os galos já cantavam,
quando, prezado amigo, punha o selo
na volumosa carta, em que te conto
do nosso imortal chefe a grande entrada;
e refletindo, então, ser quase dia,
a despir-me começo, com tal ânsia,
que entendo que inda estava o lacre quente,
quando eu já, sobre os membros fatigados,
cuidadoso, estendia a grossa manta.

Não cuides, Doroteu, que brandas penas
me formam o colchão macio e fofo;
não cuides que é de paina a minha fronha
e que tenho lençóis de fina holanda,
com largas rendas sobre os crespos folhos;
custosos pavilhões, dourados leitos
e colchas matizadas, não se encontram
na casa mal provida de um poeta,
aonde há dias que o rapaz que serve
nem na suja cozinha acende o fogo.
Mas nesta mesma cama tosca e dura,
descanso mais contente do que dorme
aquele que só põe o seu cuidado
em deixar a seus filhos o tesouro
que ajunta, Doroteu, com mão avara,
furtando ao rico e não pagando ao pobre.
Aqui... mas onde vou, prezado amigo?
Deixemos episódios que não servem,
e vamos prosseguindo a nossa história.

Fui deitar-me, ligeiro, como disse;
e mal estendo nos lençóis o corpo,
dou um sopro na vela, os olhos fecho
e pelos dedos rezo a muitos santos,
por ver se chega mais depressa o sono,
conselho que me deram sábias velhas.
Já, meu bom Doroteu, o sono vinha:
umas vezes dormindo, ressonava,
outras vezes, rezando, inda bulia
com os devotos beiços, quando sinto
passar um carro, que me abala o leito.
Assustado, desperto, os olhos abro
e, conhecendo a causa que me acorda,
um tanto impaciente o corpo viro,
fecho os olhos de novo, e cruzo os braços,
para ver se outra vez me torna o sono.
Segunda vez o sono já tornava,
quando o estrondo percebo de outro carro;
outra vez, Doroteu, o corpo volto,
outra vez me agasalho, mas que importa?
Já soam dos soldados grossos berros,
já tinem as cadeiras dos forçados,

já chiam os guindastes, já me atroam
os golpes dos machados e martelos
e, ao pé de tanta bulha, já não posso
mais esperança ter de algum sossego.

Salto fora da cama, acendo a vela,
à banca vou sentar-me exasperado,
e, por ver se entretenho as longas horas,
aparo a minha pena, o papel dobro
e, com mão que ainda treme de cansada,
não sei, prezado amigo, o que te escrevo.
Só sei que o que te escrevo são verdades
e que vêm muito bem ao nosso caso.

Apenas, Doroteu, o nosso chefe
as rédeas manejou do seu governo,
fingir nos intentou que tinha uma alma
amante da virtude. Assim foi Nero.
Governou aos Romanos pelas regras
da formosa justiça, porém logo
trocou o cetro de ouro em mão de ferro.
Manda, pois, aos ministros lhe dêm listas
de quantos presos as cadeias guardam:
faz a muitos soltar e aos mais alenta
de vivas, bem fundadas esperanças.
Estanha ao subalterno, que se arroga
o poder castigar ao delinqüente
com troncos e galés; enfim, ordena
que aos presos, que em três dias não tiverem
assentos declarados, se abram logo
em nome dele, chefe, os seus assentos.

Aquele, Doroteu, que não é santo,
mas quer fingir-se santo aos outros homens,
pratica muito mais do que pratica
quem segue os sãos caminhos da verdade.
Mal se põe nas igrejas, de joelhos,
abre os braços em cruz, a terra beija,
entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
faz que chora, suspira, fere o peito
e executa outras muitas macaquices,
estando em parte onde o mundo as veja.

Assim o nosso chefe, que procura
mostrar-se compassivo, não descansa
com estas poucas obras: passa a dar-nos
da sua compaixão maiores provas.

Tu sabes, Doroteu, qual seja o crime
dos soldados que furtam aos soldados,
e sabes muito bem que pena incorram
aqueles que viciam ouro e prata.
Agora, Doroteu, atende o como
castiga o nosso chefe em um sujeito
estes graves delitos, que reputa
ainda menos do que leves faltas.

Apanha um militar aos camaradas
do soldo uma porção. Astuto e destro,
para não se sentir o grave furto,
msitura nos embrulhos, que lhes deixa,
igual quantia de metal diverso.
Faz-se queixa ao bom chefe deste insulto,
sim, faz-se ao chefe queixa, mas debalde,
que este Hércules não cinge a grossa pele
nem traz na mão robusta a forte clava,
para guerra fazer aos torpes Cacos.[32]

Já leste, Doroteu, a *Dom Quixote*?
Pois eis aqui, amigo, o seu retrato;
mas diverso nos fins, que o doido Mancha
forceja por vencer os maus gigantes
que ao mundo são molestos, e este chefe
forceja por suster no seu distrito
aqueles que se mostram mais velhacos.
Não pune, doce amigo, como deve,
das sacrossantas leis a grave ofensa;
antes, benigno, manda ao bom Matúsio
que, do seu ouro próprio, se ressarça
aos aflitos roubados toda a perda.
Já viste, Doroteu, igual desordem?
O dinheiro de um chefe, que a lei guarda,
acode aos tristes órfãos e às viúvas;
acode aos miseráveis, que padecem
em duras, rotas camas, e socorre,

para que honradas sejam, as donzelas;
porém não paga furtos, por que fiquem
impunes os culpados, que se devem,
para exemplo, punir com mão severa.

Envia, Doroteu, vizinho chefe
ao nosso grande chefe outro soldado,
por vários crimes convencido[33] e preso.
Lança-se o tal soldado de joelhos
aos pés do seu herói, suspira e treme:
não nega que ferira e que matara,
mas pede que lhe valha a mão piedosa
que tudo pode, que ele aperta e beija.
Pergunta-lhe o bom chefe se os seus crimes
divulgados estão, e o camarada,
com semblante já leve, lhe responde
que suas graves culpas foram feitas
em sítios mui distantes desta praça.
Então, então o chefe, compassivo,
manda tirar os ferros dos seus braços,
dá-lhe um salvo-conduto, com que possa,
contanto que na terra não se saiba,
fazer impunemente insultos novos.

Caminha, Doroteu, à forca um negro,
conforme as leis do reino bem julgado.
Tu sabes, Doroteu, que o próprio Augusto
estas fatais sentenças não revoga
sem um justo motivo, em que se firme
do seu perdão a causa. Também sabes
que estas mesmas mercês se não concedem
senão por um decreto, em que se expende
que o sábio rei usou, por moto próprio,
do mais alto poder que tem o cetro.
Agora, Doroteu, atende e pasma:
por um simples despacho manda o chefe
que o triste padecente se recolha.
Assenta:[34] vale tanto, lá na corte,
um grande — *El-Rei* — impresso, quanto vale
em Chile um — *Como pede* — e o seu garrancho.

Aonde, louco chefe, aonde corres
sem tino e sem conselho? Quem te inspira
que remitir as penas é virtude?
E, ainda a ser virtude, quem te disse
que não é das virtudes que só pode,
benigna, exercitar, a mão augusta?
Os chefes, bem que chefes, são vassalos,
e os vassalos não têm poder supremo.
O mesmo grande Jove, que modera
o mar, a terra e o céu, não pode tudo,
que ao justo só se estende o seu império.

O povo, Doroteu, é como as moscas
que correm ao lugar, aonde sentem
o derramado mel; é similhante
aos corvos e aos abutres, que se ajuntam
nos ermos, onde fede a carne podre.
À vista, pois, dos fatos, que executa
o nosso grande chefe, decisivos
da piedade que finge, a louca gente
de toda a parte corre a ver se encontra
algum pequeno alívio à sombra dele.
Não viste, Doroteu, quando arrebenta
ao pé de alguma ermida a fonte santa,
que a fama logo corre, e todo o povo
concebe que ela cura as graves queixas?
Pois desta sorte entende o néscio vulgo
que o nosso general lugar-tenente,
em todos os delitos e demandas,
pode de absolvição lavrar sentenças.
Não há livre, não há, não há cativo
que ao nosso Santiago não concorra.
Todos buscam ao chefe e todos querem,
para serem bem vistos, revestir-se
do triste privilégio de mendigos.
Um as botas descalça, tira as meias
e põe no duro chão os pés mimosos;
outro despe a casaca mais a veste
e de vários molambos mal se cobre;
este deixa crescer a ruça barba,
com palhas de alhos se defuma aquele;
qual as pernas emplastra e move o corpo

metendo nos sobacos as muletas;
qual ao torto pescoço dependura,
despido, o braço que só cobre o lenço,
uns com bordão apalpam o caminho,
outros, um grande bando lhe apresentam
de sujas moças, a quem chamam filhas.
Já foste, Doroteu,[35] a um convento
de padres franciscanos, quando chegam
as horas de jantar? Passaste, acaso,
por sítio em que morreu mineiro rico,
quando da casa sai pomposo enterro?
Pois eis aqui, amigo, bem pintada
a porta mais a rua deste chefe
nos dias de audiência. Oh! quem pudera
nestes dias meter-se um breve instante,
a ver o que ali vai na grande sala!
Escusavas de ler os entremezes,[36]
em que os sábios poetas introduzem,
por interlocutores, chefes asnos.
Um pede, Doroteu, que lhe dispense
casar com uma irmã da sua amásia;
pede outro que lhe queime o mau processo,
onde está criminoso, por ter feito
cumprir exatamente um seu despacho;
diz este que os herdeiros não lhe entregam
os bens que lhe deixou, em testamento,
um filho de Noé; aquele ralha
contra os mortos juízes, que lhe deram,
por empenhos e peitas,[37] a sentença,
em que toda a fazenda lhe tiraram;
um quer que o devedor lhe pague logo;
outro, para pagar, pertende espera;
todos, enfim, concluem que não podem
demandas conservar, por serem pobres,
e grandes as despesas que se fazem
nas casas dos letrados e cartórios.
Então, o grande chefe, sem demora,
decide os casos todos que lhe ocorrem,
ou sejam de moral, ou de direito,
ou pertençam também à medicina,
sem botar (que ainda é mais) abaixo um livro
da sua sempre virgem livraria.

Lá vai uma sentença revogada,
que já pudera ter cabelos brancos;
lá se manda que entreguem os ausentes
os bens ao sucessor, que não lhes mostra
sentença que lhe julgue a grossa herança.
A muitos, de palavra, se decreta
que em pedir os seus bens não mais prossigam;
a outros se concedem breves horas
para pagarem somas que não devem.
Ah! tu, meu Sancho Pança, tu que foste
da Baratária[38] o chefe, não lavraste
nem uma só sentença tão discreta!
E que queres, amigo, que suceda?
Esperavas, acaso, um bom governo
do nosso Fanfarrão? Tu não o viste
em trajes de casquilho, nessa corte?
E pode, meu amigo, de um peralta
formar-se, de repente, um homem sério?
Carece, Doroteu, qualquer ministro
apertados estudos, mil exames.
E pode ser o chefe omnipotente
quem não sabe escrever uma só regra
onde, ao menos, se encontre um nome certo?
Ungiu-se, para rei do povo eleito,
a Saul,[39] o mais santo que Deus via.
Prevaricou Saul, prevaricaram,
no governo dos povos, outros justos.
E há-de bem governar remotas terras
aquele que não deu, em toda a vida,
um exemplo de amor à sã virtude?
As letras, a justiça, a temperança
não são, não são morgados que fizesse
a sábia natureza, para andarem,
por sucessão nos filhos dos fidalgos.
Do cavalo andaluz, é, sim, provável
nascer também um potro de esperança,
que tenha frente aberta, largos peitos,
que tenha alegres olhos e compridos,
que seja, enfim, de mãos e pés calçado;[40]
porém de um bom ginete também pode
um catralvo[41] nascer, nascer um zarco.[42]

Aquele mesmo potro, que tem todos
os formosos sinais que aponta o Rego,[43]
carece, Doroteu, correr em roda
do grande picadeiro muitos meses
para um e outro lado, necessita
que o destro picador lhe ponha a sela
e que, montando nele, pouco a pouco,
o faça obedecer, ao leve toque
do duro cabeção,[44] da branda rédea.
Dos mesmos, Doroteu... Porém já toca
ao almoço a garrida da cadeia:
vou ver se dormir posso, enquanto duram
estes breves instantes de sossego,
que, sem barriga farta e sem descanso,
não se pode escrever tão longa história.

Carta Terceira

Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio

Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!
Assopra o vento sul, e densa nuvem
os horizontes cobre; a grossa chuva,
caindo das biqueiras dos telhados,
forma regatos, que os portais inundam.
Rompem os ares colubrinas fachas
de fogo devorante, e ao longe soa
de compridos trovões o baixo estrondo.
Agora, Doroteu, ninguém passeia,
todos em casa estão, e todos buscam
divertir a tristeza que nos peitos
infunde a tarde, mais que a noite feia.
O velho Alcimidonte, certamente,
tem postas nos narizes as cangalhas
e, revolvendo os grandes, gordos livros,
cos dedos inda sujos de tabaco,
ajunta ao mau processo muitas folhas
de vãs autoridades carregadas.
O nosso bom Dirceu talvez que esteja
com os pés escondidos no capacho,
metido no capote, a ler, gostoso,
o seu Vergílio, o seu Camões e Tasso.

O terno Floridoro, a estas horas,
no mole espreguiceiro se reclina
a ver brincar, alegres, os filhinhos:
um já montado na comprida cana
e outro pendurado no pescoço
da mãe formosa, que, risonho, abraça.
O gordo Josefino está deitado,
nada lhe importa, nem do mundo sabe;
ao som do vento, dos trovões e chuva,
como em noite tranqüila, dorme e ronca;
o nosso Damião, enfim, abana
ao lento fogo, com que, sábio, tira
os úteis sais da terra; e o teu Critilo,
que não encontra, aqui, com quem murmure,
quando só murmurar lhe pede o gênio,
pega na pena e desta sorte voa
de cá, tão longe, a murmurar contigo.
Já disse, Doroteu, que o nosso chefe,
apenas principia a governar-nos,
nos pertende mostrar que tem um peito
muito mais terno e brando do que pedem
os severos ofícios do seu cargo.
Agora cuidarás, prezado amigo,
que as chaves das cadeias já não abrem,
comidas da ferrugem? Que as algemas,
como trastes inúteis, se furtaram?
Que o torpe executor das graves penas
liberdade ganhou? Que já não temos
descalços guardiães, que à fonte levem,
metidos nas correntes, os forçados?
Assim, prezado amigo, assim devia
em Chile acontecer, se o nosso chefe
tivesse, em governar, algum sistema.
Mas, meu bom Doroteu, os homens néscios
às folhas dos olmeiros se comparam:
são como o leve fumo, que se move
para partes diversas, mal os ventos
começam a apontar de partes várias.
Ora, pois, doce amigo, atende o como
no seu contrário vício degenera
a falsa compaixão do nosso chefe,
qual o sereno mar, que, um instante,
as ondas sobre as ondas encapela.

Pertende, Doroteu, o nosso chefe
erguer uma cadeia majestosa,
que possa escurecer a velha fama
da torre de Babel e mais dos grandes,
custosos edifícios que fizeram,
para sepulcros seus, os reis do Egito.
Talvez, prezado amigo, que imagine
que neste monumento se conserve,
eterna, a sua glória, bem que os povos,
ingratos, não consagrem ricos bustos
nem montadas estátuas ao seu nome.
Desiste, louco chefe, dessa empresa:
um soberbo edifício, levantado
sobre ossos de inocentes, construído
com lágrimas dos pobres, nunca serve
de glória ao seu autor, mas sim de opróbrio.

Desenha o nosso chefe, sobre a banca,
desta forte cadeia o grande risco,
à proporção do gênio e não das forças
da terra decadente, aonde habita.
Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te
ao menos o formoso frontispício.
Verás se pede máquina tamanha
humilde povoado, aonde os grandes
moram em casas de madeira e pique.

Em cima de espaçosa escadaria
se forma do edifício a nobre entrada,
por dous soberbos arcos dividida;
por fora destes arcos se levantam
três jônicas colunas, que se firmam
sobre quadradas bases e se adornam
de lindos capitéis, aonde assenta
uma formosa, regular varanda;
seus balaústres são das alvas pedras,
que brandos ferros cortam sem trabalho.
Debaixo da cornija, ou projetura,
estão as armas deste reino abertas
no liso centro de vistosa tarja.
Do meio desta frente sobe a torre
e pegam desta frente, para os lados,

vistosas galarias de janelas,
a quem enfeitam as douradas grades.
E sabes, Doroteu, quem edifica
esta grande cadeia? Não, não sabes.
Pois ouve, que eu to digo: um pobre chefe,
que na corte habitou em umas casas
em que já nem se abriam as janelas.
E sabes para quem? Também não sabes.
Pois eu também to digo: para uns negros,
que vivem, quando muito, em vis cabanas,
fugidos dos senhores, lá nos matos.
Eis aqui, Doroteu, ao que se pode
muito bem aplicar aquela mofa
que faz o nosso mestre,[45] quando pinta
um monstro meio peixe e meio dama.
Na sábia proporção é que consiste
a boa perfeição das nossas obras.
Não pede, Doroteu, a pobre aldeia
os soberbos palácios, nem a corte
pode também sofrer as toscas choças.
Para haver de suprir o nosso chefe
das obras meditadas as despesas,
consome do senado os rendimentos
e passa a maltratar ao triste povo
com estas nunca usadas violências:
quer cópia de forçados, que trabalhem
sem outro algum jornal mais que o sustento,
e manda a um bom cabo que lhe traga
a quantos quilombolas[46] se apanharem,
em duras gargalheiras. Voa o cabo,
agarra a um e outro, e num instante
enche a cadeia de alentados negros.
Não se contenta o cabo com trazer-lhe
os negros que têm culpas, prende e manda
também, nas grandes levas, os escravos,
que não têm mais delitos que fugirem
às fomes e aos castigos, que padecem
no poder de senhores desumanos.
Ao bando dos cativos se acrescentam
muitos pretos já livres e outros homens
da raça do país e da européia,
que, diz o grande chefe, são vadios
que perturbam dos povos o sossego.

Não há, meu Doroteu, quem não se molde
aos gestos e aos costumes dos maiores.
Brincando, os inocentes os imitam:
se às tropas se exercitam, eles fingem
as hórridas batalhas; se se fazem
devotas procissões, também carregam
aos ombros os andores e as charolas.[47]
Os mesmos magistrados se revestem
do gênio e das paixões de quem governa.
Se o rei é piedoso, são benignos
os severos ministros, se é tirano,
mostram os pios corações de feras.
Por isso, Doroteu, um chefe indigno
é muito e muito mau, porque ele pode
a virtude estragar de um vasto império.
Os nossos comandantes, que conhecem
a vontade do chefe, também querem
imitar deste cabo o ardente zelo.
Enviam para as pedras os vadios
que, na forma das ordens, mandar devem
habitar em desterro novas terras.
Ora, pois, doce amigo, já que falo
nos nossos comandantes, será justo
que te dê destes bichos uma idéia.

A gente, Doroteu, que não se alista
nas tropas regulares forma corpos
de bisonha ordenança. Não há terra
sem ter um corpo destes. Os seus chefes
ao capitão maior estão sujeitos,
e são os que se chamam comandantes,
porque as partes comandam destes terços.
Estes famosos chefes quase sempre
da classe dos tendeiros[48] são tirados.
Alguns, inda depois de grandes homens,
se lhes faltam os negros, a quem deixam
o governo das vendas, não entendem
que infamam as bengalas, quando pesam
a libra de toucinho e quando medem
o frasco de cachaça. Agora atende,
verás que desta escória se levanta
de magistrados uma nova classe.

Aos ricos taverneiros, disfarçados
em ar de comandantes, manda o chefe
que tratem da polícia e que não deixem
viver nos seus distritos as pessoas
que forem revoltosas. Quer que façam
a todos os vadios uns sumários
e que, sem mais processos, os remetam
para remotas partes, sem que destas
jurídicas sentenças se faculte
algum recurso para mor alçada.

Já viste, Doroteu, um tal desmancho?
As santas leis do reino não concedem
ao magistrado régio que execute
no crime o seu julgado, e o nosso chefe
quer que dêm as sentenças sem apelo
incultos comandantes, que nem sabem
fazer um bom diário do que vendem!
Concedo, caro amigo, que estes homens
são uns grandes consultos, que meteram
os corpos do direito nos seus cascos.
Ainda assim pergunto: e como pode
o chefe conceder-lhes esta alçada?
Ignora a lei do reino, que numera
entre os direitos próprios dos augustos
a criação dos novos magistrados?
O grande Salomão lamenta o povo
que sobre o trono tem um rei menino;
eu lamento a conquista, a quem governa
um chefe tão soberbo e tão estulto,
que, tendo já na testa brancas repas,[49]
não sabe ainda que nasceu vassalo.

Os néscios comandantes e o bom cabo,
que fez o nosso herói geral meirinho,
remetem, nas correntes, povo imenso.
Parece, Doroteu, que temos guerras;
que, para recrutar as companhias,
de toda a parte vêm chorosas levas.
Aqui, prezado amigo, principia
esta triste tragédia; sim, prepara,
prepara o branco lenço, pois não podes

ouvir o resto, sem banhar o rosto
com grossos rios de salgado pranto.
Nas levas, Doroteu, não vem somente
os culpados vadios; vem aquele
que a dívida pediu ao comandante;
vem aquele que pôs impuros olhos
na sua mocetona, e vem o pobre
que não quis emprestar-lhe algum negrinho,
para lhe ir trabalhar na roça e lavra.

Estes tristes, mal chegam, são julgados
pelo benigno chefe a cem açoutes.
Tu sabes, Doroteu, que as leis do reino
só mandam que se açoutem com a sola[50]
aqueles agressores que estiverem,
nos crimes, quase iguais aos réus de morte.
Tu também não ignoras que os açoutes
só se dão, por desprezo, nas espáduas,
que açoutar, Doroteu, em outra parte
só pertence aos senhores, quando punem
os caseiros delitos dos escravos.
Pois todo este direito se pretere:
no pelourinho a escada já se assenta,
já se ligam dos réus os pés e os braços,
já se descem calções e se levantam
das imundas camisas rotas fraldas,
já pegam dous verdugos nos zorragues,[51]
já descarregam golpes desumanos,
já soam os gemidos e respingam
miúdas gotas de pisado sangue.
Uns gritam que são livres, outros clamam
que as sábias leis do rei os julgam brancos.
Este diz que não tem algum delito
que tal rigor mereça; aquele pede
do injusto acusador, ao céu, vingança.
Não afrouxam os braços dos verdugos,
mas, antes, com tais queixas, se duplica
a raiva nos tiranos, qual o fogo
que aos assopros dos ventos ergue a chama.
Às vezes, Doroteu, se perde a conta
dos cem açoutes, que no meio estava,
mas outra nova conta se começa.

Os pobres miseráveis já nem gritam:
cansados de gritar, apenas soltam
alguns fracos suspiros, que enternecem.
Que é isso, Doroteu, tu já retiras
os olhos do papel? Tu já desmaias?
Já sentes as moções, que alheios males
costumam infundir nas almas ternas?
Pois és, prezado amigo, muito fraco,
aprende a ter valor do nosso chefe,
que à janela se pôs e a tudo assiste
sem voltar o semblante para a ilharga.
E pode ser, amigo, que não tenha
esforço para ver correr o sangue,
que em defesa do trono se derrama?

Aos pobres açoutados manda o chefe
que, presos nas correntes dos forçados,
vão juntos trabalhar. Então se entregam
ao famoso tenente, que os governa
como sábio inspetor das grandes obras.
Aqui, prezado amigo, principiam
os seus duros trabalhos. Eu quisera
contar-te o que eles sofrem, nesta carta,
mas tu, prezado amigo, tens o peito,
dos males que já leste, magoado;
por isso é justo que suspenda a história,
enquanto o tempo não te cura a chaga.

Carta Quarta

Em que se continua a mesma matéria

Maldito, Doroteu, maldito seja
o vício de um poeta, que, tomando
entre dentes alguém, enquanto encontra
matéria em que discorra, não descansa.
Agora, Doroteu, mandou dizer-me
o nosso amigo Alceu que me embrulhasse
no pardo casacão, ou no capote,
e que, pondo o casquete na cabeça,
fosse ao sítio Covão jantar com ele.
Eu bem sei, Doroteu, que tinha sopa
com ave e com presunto, sei que tinha

de mamota[52] vitela um gordo quarto,
que tinha fricassés,[53] que tinha massas,
bom vinho de Canárias, finos doces
e de mimosas frutas muitos pratos.
Porém que importa, amigo, perdi tudo
só para te escrever mais uma carta.

Maldito, Doroteu, maldito seja
o vício de um poeta, pois o priva
de encher o seu bandulho,[54] pelo gosto
de fazer quatro versos, que bem podem
ganhar-lhe uma maçada, que só serve
de dano ao corpo, sem proveito d'alma.
A carta, Doroteu, a longa carta
que descreve a cadeia, finaliza
no ponto em que os presos se remetem
ao severo tenente, que preside,
como sábio inspetor, às grandes obras.
Agora prossigamos nesta história
e demos-lhe o princípio, por tirarmos
ao famoso inspetor, ao grão tenente,
com cores delicadas, uma cópia.

É de marca maior que a mediana,
mas não passa a gigante; tem uns ombros
que o pescoço algum tanto lhe sufocam.
O seu cachaço[55] é gordo, o ventre inchado,
a cara circular, os olhos fundos;
de gênio soberbão, grosseiro trato,
assopra de contínuo e fala muito.
Preza-se de fidalgo, e não se lembra
que seu pai foi um pobre, que vivia
de cobrar dos contratos os dinheiros,
de que ficou devendo grandes somas,
sinal de que ele foi um bom velhaco.
O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas:
era um triste pingante,[56] que só tinha
o seu pequeno soldo; agora veio
para inspetor das obras e já ronca,[57]
já empresta dinheiros, já tem casas,
já tem trastes de custo e ricos móveis;
mas logo, Doroteu, verás o como.

Mal o duro inspetor recebe os presos,
vão todos para as obras; alguns abrem
os fundos alicerces, outros quebram,
com ferros, e com fogo, as pedras grossas.
Aqui, prezado amigo, não se atende
às forças nem aos anos. Mão robusta
de atrevido soldado move o relho,
que a todos, igualmente, faz ligeiros.
Aqui se não concede de descanso
aquele mesmo dia, o grande dia
em que Deus descansou e em que nos manda
façamos obras santas, sem que demos
aos jumentos e bois algum trabalho.
Tu sabes, Doroteu, que um tal serviço
por uma civil morte se reputa.
Que peito, Doroteu, que duro peito
não deve ter um chefe, que atormenta
a tantos inocentes por capricho?
Que se arrisque o vassalo na campanha,
é uma digna ação que a pátria exige,
nem este grande risco nos estraga
o pundonor, que vale mais que a vida,
antes nos abre as portas, para entrarmos
no templo do heroísmo. Sim, nós temos,
nós temos mil exemplos. Muitos, muitos
que, há séculos, morreram pela pátria,
na memória dos homens inda vivem.
Mas arriscar vassalos inocentes
às pedras que se soltam dos guindastes
e aos montes de piçarra,[58] que desabam
nos fundos alicerces, sem vencerem,
nem como jornaleiros, tênue paga;
pô-los, ainda em cima, na figura
dos indignos vassalos, que se julgam
em pena dos delitos como escravos,
isto só para erguer-se uma obra grande,
que outra, pequena, supre, é mais que injusto,
é uma das ações que só praticam
aqueles torpes monstros, que nasceram
para serem, na terra, o mal de muitos.

Dirás tu, Doroteu, que o nosso chefe
não quer que os inocentes se maltratem;
que o fero comandante é quem abusa
dos poderes que tem. Prezado amigo,
quem ama a sã verdade busca os meios
de a poder descobrir, e o nosso chefe
despreza os meios de poder achá-la.
Qu'é deles, os processos, que nos mostram
a certeza dos crimes? Quais dos presos
os libelos das culpas contestaram?
Quais foram os juízes que inquiriram
por parte da defesa e quais patronos
disseram, de direito, sobre os fatos?
A santa lei do reino não consente
punir-se, Doroteu, aquele monstro
que é réu de majestade, sem defesa.
E podem ser punidos os vassalos
por aéreos insultos, sem se ouvirem
e sem outro processo mais que o dito
de um simples comandante, vil e néscio?
Um louco, Doroteu, faz mais ainda
do que nunca fizeram os monarcas;
faz mais que o próprio Deus: que Deus, querendo
punir, em nossos pais, a culpa grave,
primeiro lhes pediu que lhe dissessem
qual foi do seu delito a torpe causa.

Passam, prezado amigo, de quinhentos
os presos que se ajuntam na cadeia.
Uns dormem encolhidos sobre a terra,
mal cobertos dos trapos, que molharam
de dia, no trabalho. Os outros ficam
ainda mal sentados, e descansam
as pesadas cabeças sobre os braços,
em cima dos joelhos encruzados.
O calor da estação e os maus vapores
que tantos corpos lançam, mui bem podem
empestar, Doroteu, extensos ares.
A pálida doença aqui bafeja,
batendo brandamente as negras asas.
Aquele, Doroteu, a quem penetra
este hálito mortal, as forças perde,

tem dores de cabeça e, num instante,
abrasa-se em calor, de frio treme.
Fazem os seus deveres os afetos
do nosso grão tenente: amor e ódio.
Aquele que, risonho, lhe trabalha
nas suas próprias obras, é mandado
curar-se à Santa Casa, como pobre.
Os outros são tratados como servos,
que fogem ao trabalho dos senhores:
para as correntes vão, arrancam pedra
e, quando algum fraqueia, o mau soldado
dá-lhe um berro que atroa, a mão levanta
e nas costas o relho descarrega.

Ah! tu, piedade santa, agora, agora,
os teus ouvidos tapa e fecha os olhos,
ou foge de uma terra, aonde um Nero,
aonde os seus sequazes, cada dia
para o pranto te dão motivos novos.

O fogo, Doroteu, que vai moendo,
depois de bem moer, a chama ateia
e a matéria consome, em breve instante.
Assim a podre febre corroendo
aos míseros enfermos, pouco a pouco
erguendo, qual o fogo, a lavareda,
à força do cansaço que resulta
do trabalho e do sol, consome e mata.
Uns caem com os pesos que carregam,
e das obras os tiram pios braços
dos tristes companheiros; outros ficam
ali nas mesmas obras estirados.
Acodem mãos piedosas: qual trabalha
por ver se pode abrir as grossas pegas[59]
e qual o copo d'água lhes ministra,
que, fechados os dentes, já não bebem.
Uns as caras borrifam, outros tomam
os débeis pulsos que, parando, fogem.
Ah! não mais compaixão, não mais desvelo!
O socorro chegou, mas foi mui tarde:
cobrem-se os membros de um suor já frio,
os cheios peitos, arquejando, roncam

e vertem umas lágrimas sentidas,
que só lhes descem dos esquerdos olhos;
amarela-se a cor, baceia a vista,
o semblante se afila, o queixo afrouxa,
os gestos e os arrancos se suspendem;
nenhum mais bole, nenhum mais respira.
Assim, meu Doroteu, sem um remédio,
sem fazerem despesa em um só caldo,
sem sábio diretor, sem sacramentos,
sem a vela na mão, na dura terra,
estes pobres acabam seus trabalhos.
Que esperas, duro chefe, que não contas
à corte os teus triunfos! Tu não podes
mandar alqueires dos anéis, tirados
dos dedos que cortaste nas campanhas;
mas de algemas, de pegas e correntes,
podes mandar à corte imensos carros.
Tu podes... mas, amigo, não gastemos
todo o tempo em contar sentidas cousas,
façamos menos triste a nossa história;
misturemos os casos que magoam
com sucessos que sejam menos fortes.

Não bastam, Doroteu, galés imensas,
são outros mais socorros necessários
para crescerem as soberbas obras.
Ordena o grande chefe que os roceiros
e outros quaisquer homens, que tiverem
alguns bois de serviço, prontos mandem
os bois e mais os negros que os governem,
durante uma semana de trabalho.
Ordena ainda mais que, neste tempo,
não recebam jornal, antes, que tragam
o milho para os bois dos seus celeiros.
Que é isso, Doroteu, abriste a boca?
Ficaste embasbacado? Não supunhas
que o nosso grande chefe se saísse
com uma tão formosa providência?
Nisto de economia é ele o mestre;
está para compor uma obra, aonde
quer o modo ensinar de não gastarem
as tropas cousa alguma no sustento.

Deus o deixe viver, até que chegue
a pô-la, Doroteu, no mesmo estado
em que estão os volumes, onde existem
os despachos que deu no seu governo.
Ora ouve ainda mais, atende e pasma.
Para se sustentarem os forçados
os gêneros se compram, com bilhetes
que paga o tesoureiro, quando pode;
e sobre esta fiança, inda se tomam
por muito menos preço do que correm.
As tropas que carregam mantimentos,
apenas descarregam, vão, de graça,
à distante caieira[60] com soldados
buscar queimada pedra. Daqui nasce
os tropeiros fugirem e chorarmos
a grande carestia do sustento.
Responde, louco chefe, se tu podes
tais violências fazer. Não era menos
lançares sobre os povos um tributo?
Os homens que têm carros e os que vivem
de víveres venderem são, acaso,
aos mais inferiores nos direitos?
Esta cadeia é sua, por que deva
sobre eles carregar tamanho peso?
E o povo, quando compra tudo caro,
não paga ainda mais do que pagara,
se um módico tributo se lançasse,
à proporção dos bens de cada membro?
Amigo Doroteu, quem rege os povos
deve ler, de contínuo, os doutos livros
e deve só tratar com sábios homens.
Aquele que consome as largas horas
em falar com os néscios e peraltas,
em meter entre as pernas os perfumes,
em concertar as pontas dos lencinhos,
não nasceu para cousas que são grandes,
que nestas bagatelas não consomem
o tempo proveitoso as nobres almas.

Quem não quer, Doroteu, mandar o carro,
co famoso tenente se concertar.
Onde vai tal dinheiro ninguém sabe;
só sabemos mui bem que o bom tenente,

sem ter outro negócio que lhe renda,
de pingante, passou a potentado.
Sabemos também mais... Porém, amigo,
o falar nestas cousas já me enfada.
Omito outros sucessos, que lastimo,
e fecho, Doroteu, a minha carta
com um maravilhoso, estranho caso.

Distante nove léguas desta terra
há uma grande ermida, que se chama
Senhor de Matozinhos; este templo
os devotos fiéis a si convoca
por sua arquitetura, pelo sítio
e, ainda muito mais, pelos prodígios
com que Deus enobrece a santa imagem.
Este famoso templo tem um carro,
comprado com esmolas, que carrega
as pedras e madeiras, que ainda faltam.
O comandante austero notifica
a veneranda imagem, na pessoa
do zeloso ermitão, para que mande
o carro, com os bois, servir nas obras,
mal lhe couber o turno da semana.
Faz-se uma petição ao nosso chefe
em nome do Senhor; aqui se alega
que o carro, que Ele tem, se ocupa ainda
na pia construção da sua casa;
que Ele, Cristo, não tem nenhumas rendas
senão esmolas tênues, que só devem
gastar-se no seu templo e no seu culto,
conforme as intenções de quem as pede.
Apenas viu o chefe o peditório,
quis ao Cristo mandar que lhe ajuntasse
o título que tinha, por que estava
isento de pagar os seus impostos:
que ele sabe mui bem que o mesmo Cristo
mandou ao velho Pedro que pagasse
a César os tributos em seu nome;
e Cristo, figurado em uma imagem,
não tem mais isenções que teve o próprio.
Pegava o seu Matúsio já na pena,
quando lembra ao bom chefe o que decretam

os cânones da igreja, que concedem
que, para se fazerem obras pias,
até os sacros vasos se alienem.
Infere daqui logo que este carro
não goza de isenção, porque, suposto
se possa numerar nos bens da igreja,
conforme as Decretais até podia,
neste caso, vender-se, por ser obra
mais pia do que todas, a cadeia.
Lança mão ele mesmo, então, da pena
e põe na petição um — *escusado* —
com uns rabiscos tais, que ninguém sabe
ao menos conhecer-lhe uma só letra.
Agora dirás tu: "Meu bom Critilo,
não se isentar o Cristo desse imposto
foi um grande tesão,[61] mas necessário,
por não se abrir a porta a maus exemplos.
Antes o Santo Cristo é que devia
mandar o carro logo, como mestre
da sublime Virtude; e, desta sorte,
obrou o mesmo Cristo, em outro tempo,
mandando que pagasse Pedro a César
o tributo, por ele, quando estava,
por um dos filhos ser, mui bem isento.
Mas se esse Santo Cristo não podia
por dias disfarçar os bois e carro,
porque não se valeu do tal Matúsio,
do poeta Robério e de outros trastes,
por quem aqui se conta que pratica
o grande Fanfarrão os seus milagres?"
Tu instas, Doroteu, qual o mestraço
quando, por defender a sua escola,
arregaçando o braço, o pé batendo
e enchendo as cordoveias,[62] grita e ralha.
Mas eu, prezado amigo, com bem pouco
te boto esse argumento todo abaixo.
Em primeiro lugar, o Santo Cristo.
é homem muito sério, e, por ser sério,
não tem com essa gente um leve trato;
em segundo lugar, é muito pobre,
só dá aos seus devotos indulgências
com anos de perdão e, destas drogas,
não fazem tais validos nenhum caso.

Ora pois, louco chefe, vai seguindo
a tua pertensão, trabalha embora
por fazer imortal a tua fama:
levanta um edifício em tudo grande,
um soberbo edifício, que desperte
a dura emulação na própria Roma.
Em cima das janelas e das portas
põe sábias inscrições, põe grandes bustos,
que eu lhes porei, por baixo, os tristes nomes
dos pobres inocentes, que gemeram
ao peso dos grilhões, porei os ossos
daqueles que os seus dias acabaram,
sem Cristo e sem remédios, no trabalho.
E nós, indigno chefe, e nós veremos
a quais destes padrões não gasta o tempo.

Carta Quinta

Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposórios do nosso sereníssimo infante com a sereníssima infanta de Portugal

Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias,
que podem comover a triste pranto
os secos olhos dos cruéis Ulisses.[63]
Agora, Doroteu, enxuga o rosto,
que eu passo a relatar-te cousas lindas.
Ouvirás uns sucessos, que te obriguem
a soltar gargalhadas descompostas,
por mais que a boca, com a mão, apertes,
por mais que os beiços, já convulsos, mordas.
Eu creio, Doroteu... Porém aonde
me leva, tão errado, o meu discurso?
Não esperes, amigo, não esperes,
por mais galantes casos que te conte,
mostrar no teu semblante um ar de riso.
Os grandes desconcertos, que executam
os homens que governam, só motivam,
na pessoa composta, horror e tédio.
Quem pode, Doroteu, zombar, contente,
do César dos romanos, que gastava
as horas em caçar imundas moscas?

Apenas isto lemos, o discurso
se aflige, na certeza de que um César,
de espíritos tão baixos, não podia
obrar um fato bom no seu governo.
Não esperes, amigo, não esperes
mostrar no teu semblante um ar de riso;
espera, quando muito, ler meus versos,
sem que molhe o papel amargo pranto,
sem que rompam a leitura alguns suspiros.

Chegou à nossa Chile a doce nova
de que real infante recebera,
bem digna do seu leito, casta esposa.
Reveste-se o baxá de um gênio alegre
e, para bem fartar os seus desejos,
quer que, a despesas do Senado e povo,
arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao Senado extensa carta,
em ar de majestade, em frase moura,
e nela se lhe ordena que prepare,
ao gosto das Espanhas, bravos touros;
ordena-se também que, nos teatros,
os três mais belos dramas se estropiem,
repetidos por bocas de mulatos;
não esquecem, enfim, as cavalhadas.
Só fica, Doroteu, no livre arbítrio
dos pobres camaristas repartirem
bilhetes de convites pelas damas.

Amigo Doroteu, ah! tu não podes
pesar o desconcerto desta carta,
enquanto não souberes a lei própria
que aos festejos reais prescreve a norma.

Enquanto, Doroteu, a nossa Chile
em toda a parte tinha, à flor da terra,
extensas e abundantes minas de ouro;
enquanto os taberneiros ajuntavam
imenso cabedal, em poucos anos,
sem terem, nas tabernas fedorentas,
outros mais sortimentos que não fossem
os queijos, a cachaça, o negro fumo
e sobre as parteleiras poucos frascos;

enquanto, enfim, as negras quitandeiras,
à custa dos amigos, só trajavam
vermelhas capas de galões cobertas,
de galacês[64] e tissos[65] ricas saias,
então, prezado amigo, em qualquer festa
tirava, liberal, o bom Senado,
dos cofres chapeados grossas barras.
Chegaram tais despesas à notícia
do rei prudente, que a virtude preza.
E, vendo que estas rendas se gastavam
em touros, cavalhadas e comédias,
aplicar-se podendo a cousas santas,
ordena, providente, que os Senados,
nos dias em que devem mostrar gosto
pelas reais fortunas, se moderem
e só façam cantar, no templo, os hinos
com que se dão aos céus as justas graças.

Ah! meu bom Doroteu, que feliz fora
esta vasta conquista, se os seus chefes
com as leis dos monarcas se ajustaram!
Mas alguns não presumem ser vassalos,
só julgam que os decretos dos augustos
têm força de decretos, quando ligam
os braços dos mais homens, que eles mandam,
mas nunca quando ligam os seus braços.

Com esta sábia lei replica o corpo
dos pobres senadores e pondera
que o severo juiz, que as contas toma,
lhes não há-de aprovar tão grandes gastos.
Da sorte, Doroteu, que o bravo potro,
quando a sela recebe a vez primeira,
enquanto não sacode a sela fora
e faz em dous pedaços cilha e rédea,
mete entre os duros braços a cabeça
e dá, saltando aos ares, mil corcovos,
assim o irado chefe não atura
o freio desta lei, espuma, brama,
arrepela o cabelo, a barba torce
e, enquanto entende que o Senado zela
mais as leis que o seu gosto, não descansa.

Aos tristes senadores não responde,
mas manda-lhes dizer que, a não fazerem
os pomposos festejos, se preparem
para serem os guardas dos forçados,
trocando as varas em chicote e relho.
Já viste, Doroteu, que o grande chefe,
o defensor das leis, o mesmo seja
que insulte, que ameace ao bom vassalo
que intenta obedecer ao seu monarca?
Pois ainda, Doroteu, não viste nada.
Um monstro, um monstro destes não conhece
que exista algum maior que, ousado, possa,
ou na terra ou no céu, tomar-lhe conta.
Infeliz, Doroteu, de quem habita
conquistas do seu dono tão remotas!
Aqui o povo geme, e os seus gemidos
não podem, Doroteu, chegar ao trono.
E se chegam, sucede quase sempre
o mesmo que sucede nas tormentas,
aonde o leve barco se soçobra,
aonde a grande nau resiste ao vento.

Que peito, Doroteu, que peito pode,
constante, persistir nos sãos projetos,
ouvindo as ameaças do tirano
e, junto já de si, o som dos ferros!
Somente, Doroteu, os homens santos,
que a sua lei defendem, vêm os potros,
vêm cruzes, cadafalsos e cutelos
com rosto sossegado; os outros homens
não podem, Doroteu, não podem tanto.

À força do temor, o bom Senado
constância já não tem; afrouxa e cede.
Somente se disputa sobre o modo
de ajuntar-se o dinheiro, com que possa
suprir tamanho gasto o grande Alberga.
Uns dizem que, das rendas do Senado,
tiradas as despesas, nada sobra.
Os outros acrescentam que se devem
parcelas numerosas, impagáveis
às consternadas amas dos expostos.[66]

Uns ralham, outros ralham, mas que importa?
Todos arbítrios dão, nenhum acerta.
Então o grande Alberga, que preside,
vendo esta confusão, na mesa bate
e, levantando a voz, pausada e forte,
a importante questão assim decide:
"Há dinheiro, senhores, há dinheiro;
vendam-se os castiçais, tinteiro e bancos,
venda-se o próprio pano e mesa velha;
quando isto não baste, há bom remédio:
as fazendas se tomem, não se paguem
e, para autorizardes esta indústria,
eu vos dou, cidadãos, o meu exemplo."

Intentam replicar-lhe os camaristas,
a tão baixos calotes nunca afeitos.
Mas ele, que não sofre mais instâncias,
as grossas sobrancelhas arqueando,
desta sorte prossegue, em tom azedo:
"Se os meus santos conselhos se desprezam,
depressa vou dar parte ao nosso chefe.
Ah! pobres cidadãos, se assim o faço,
já se me representa que vos sinto
gemer debaixo dos pesados ferros".
Só tu, maroto Alberga, só tu podes
desta sorte falar aos teus colegas!
Que importa que os acuses e que importa
que os prenda, com grilhões, o duro chefe?
São ferros estes, ferros muito honrados,
que a honra só consiste na inocência.

Apenas, Doroteu, o vil Alberga
fala em queixa fazer ao "nosso chefe",
de susto os camaristas nem respiram,
quais chorosos meninos, que emudecem
quando as amas lhes dizem: Cala, cala,
que lá vem o tutu que papa gente!

Mandam-se apregoar as grandes festas,
acompanha ao pregão luzida tropa
de velhos senadores. Estes trajam,
ao modo cortesão, chapéus de plumas,
capas com bandas de vistosas sedas.

Chega, enfim, o dia suspirado,
o dia do festejo. Todos correm
com rostos de alegria ao santo templo;
celebra o velho bispo a grande missa;
porém o sábio chefe não lhe assiste
debaixo do espaldar, ao lado esquerdo:
para a tribuna sobe e ali se assenta.
Uns dizem, Doroteu, fugiu, prudente,
por não ver assentados os padrecos
na capela maior, acima dele.
Os outros sabichões, que a causa indagam,
discorrem que o Senado lhe devia
erguer, no presbitério,[67] dossel branco,
em honra dele ser lugar-tenente.
Mas eu com estes votos não concordo,
eu julgo, afoito, que a razão foi esta:
porque estando patente e tendo posto
o seu chapéu em cima da cadeira,
pudera duvidar-se se devia
o bispo ter a mitra na cabeça.

Acaba-se a função, e o nosso chefe
a casa, com o bispo, se recolhe.
A nobreza da terra os acompanha,
até que montam a dourada sege.
Aqui, meu Doroteu, o chefe mostra
o seu desembaraço e o seu talento!
Só numa função destas se conhece
quem tem andado terras, onde habitam,
despidas dos abusos, sábias gentes!
Vai passando por todos, sem que abaixe
a emproada cabeça, qual mandante
que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto da sege, à sege sobe
e da parte direita toma assento.
O bispo, o velho bispo, atrás caminha,
em ar de quem se teme da desfeita.
Com passos vagarosos chega à sege,
encaixa na estribeira o pé cansado
e duas vezes por subir forceja.
Acodem alguns padres, respeitosos,
e, por baixo dos braços, o sustentam.

Então, com mais alento, o corpo move,
dá o terceiro arranco, o salto vence
e, sem poder soltar uma palavra,
ora vermelho ora amarelo fica
do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo.
Agora dirás tu: "Que bruto é esse?
Pode haver um tal homem, que se atreva
a pôr na sua sege ao seu prelado
da parte da boléia? Eu tal não creio".
Amigo Doroteu, estás mui ginja,[68]
já lá vão os rançosos formulários
que guardavam à risca os nossos velhos.
Em outro tempo, amigo, os homens sérios
na rua não andavam sem florete;
traziam cabeleira grande e branca,
nas mãos os seus chapéus. Agora, amigo,
os nossos próprios becas[69] têm cabelo,
os grandes sem florete vão à missa
com a chibata na mão, chapéu fincado,
na forma em que passeiam os caixeiros.
Ninguém antigamente se sentava
senão direito e grave; nas cadeiras,
agora as mesmas damas atravessam
as pernas sobre as pernas. Noutro tempo
ninguém se retirava dos amigos,
sem que dissesse adeus. Agora é moda
sairmos dos congressos em segredo,
pois corre, Doroteu, a paridade:
que os costumes se mudam com os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davam
o seu direito lado a qualquer padre,
acabou-se esta moda; o nosso chefe
vindica os seus direitos. Vê que o bispo
é um grande que foi, há pouco, frade
e não pode ombrear com quem descende
de um bravo patagão que, sem disputa,
lá nos tempos de Adão já era grande.

Na tarde, Doroteu, do mesmo dia
sai uma procissão, de poucos negros
e padres revestidos só composta,
que os brancos e os mulatos se ocupavam

em guarnecer as ruas, pois que todos
alistados estão nas régias tropas.
Caminha o nosso chefe, todo Adônis,[70]
diante da bandeira do Senado.
Alguns dos rigoristas não lho aprovam,
dizendo que devia, respeitoso,
da maneira que sempre praticaram
os seus antecessores, ir ao lado,
por ser esta bandeira um estandarte
onde tremula do seu reino as armas;
mas eu não o censuro, antes lhe louvo
a prudência que teve; pois supunha
que, à vista do seu sangue e seu caráter,
podia muito bem querer meter-se
debaixo, Doroteu, do próprio pálio.
Que destras evoluções não fez a tropa!
Uns ficam, ao passar do sacramento,
com as suas barretinas nas cabeças;
os outros se descobrem e ajoelham;
e, enquanto não se avança o nosso chefe,
prostrados se conservam e, devotos,
não cessam de ferir os brandos peitos.
Ah! grande general! com esta tropa
tu podes conquistar o mundo inteiro!
Foram muito felices os Lorenas,[71]
os Condés,[72] os Eugênios[73] e outros muitos,
em tu não floresceres nos seus tempos.
Meu caro Doroteu, os sapateiros
entendem do seu couro, os mercadores
entendem de fazenda, os alfaiates
entendem de vestidos, enfim, todos
podem bem entender dos seus ofícios;
porém querer o chefe que se formem
disciplinadas tropas de tendeiros,
de moços de taberna, de rapazes
e bisonhos roceiros, é delírio:
que o soldado não fica bom soldado
somente porque veste a curta farda,
porque limpa as correias, tinge as botas
e, com trapos, engrossa o seu rabicho.

A negra noite em dia se converte
à força das tigelas e das tochas,
que em grande cópia nas janelas ardem.
Aqui o bom Robério se distingue:
compõe algumas quadras, que batiza
com o distinto nome de epigramas,
e pedante rendeiro as dependura
na dilatada frente, que ilumina,
fazendo-as escrever em lindas tarjas.
Rançoso e mau poeta, não nasceste
para cantar heróis, nem coisas grandes!
Se te queres moldar aos teus talentos,
em tosca frase do país somente
escreve trovas, que os mulatos cantem.

Andava, Doroteu, alegre, a gente
em bandos pelas ruas. Então vejo
ao famoso Roquério neste traje:
as chinelas nos pés, descalça a perna,
um chapéu muito velho na cabeça,
e, força dos calções, a porca fralda.
Em um roto capotel mal se embrulha
e grande varapau na mão sustenta,
que mais de estorvo que de arrimo serve,
pois a cachaça ardente, que o alegra,
lhe tira as forças dos robustos membros
e põe-lhe peso na cabeça leve.
Não repares, amigo, que te conte
este sucesso, que parece estranho:
este grande Roquério é um daqueles
que assenta à sua mesa o nosso chefe.
Agora, amigo, vê se esta pintura
não pode muito bem à nossa história
sem violência servir também de enfeite.

Fiquemos, Doroteu, aqui, por ora,
pois, se tanto escrever, a mão já cansa.
Em outra contarei o mais que resta
e vi no grão passeio e mais no curro,
aonde as cavalhadas se fizeram,
aonde os maus capinhas[74] maltrataram,
em vez de touros, mansos bois e vacas.

Carta Sexta

Em que se conta o resto dos festejos

Eu ontem, Doroteu, fechei a carta
em que te relatei da igreja as festas;
e como trabalhava por lembrar-me
do resto dos festejos, mal descanso
na cama os lassos membros, me parece
que vou entrando na formosa praça.
Não vejo, Doroteu, um curro feito
de pedaços informes de outros curros,
sim[75] vejo o mesmo curro, que o bom chefe
riscou na seca praia, e nele vejo
as mesmas armações, as mesmas caras;
ou vou, doce amigo, aqui pintá-lo.

Na frente se levanta um camarote
mais alto do que todos uma braça:
enfeitam seu prospecto lindas colchas
e pendentes cortinas de damasco.
À direita se assenta o nosso chefe;
os régios magistrados não o cercam,
nem o cerca também o nobre corpo
dos velhos cidadãos, aquele mesmo
que faz de toda a festa os grandes gastos.
Com ele só se assenta a sua corte,
que toda se compõe de novos Martes.[76]
Aqui alguns conheço, que inda vivem
de darem o sustento, o quarto, a roupa
e capim para a besta a quem viaja.
Conheço, finalmente, a outros muitos
que foram almocreves[77] e tendeiros,
que foram alfaiates e fizeram,
puxando a dente o couro, bem sapatos.
Agora, doce amigo, não te rias
de veres que estes são aqueles grandes
que, em presença do chefe, encostar podem
os queixos nos bastões das finas canas.
Os postos, Doroteu, aqui se vendem,
e, como as outras drogas que se compram,
devem daqueles ser que mais os pagam.

No meio desta turba, vejo um vulto
que moça me parece, pelo traje.
Não posso conceber o como deva
estar uma senhora em tal palanque.
O chefe, eu discorria, inda é solteiro,
e, quando não o fosse, a sua esposa
não havia sentar-se com barbados.
Mil cousas, Doroteu, mil cousas feias
me sugere a malícia, e todas falsas.
Aplico mais a vista, então conheço
que é uma muito esperta mulatinha,
que dizem filha ser do seu lacaio.
Eis aqui, Doroteu, o como, às vezes,
infames testemunhos se levantam
às pessoas mais sérias. Só Deus sabe
o que também dirão do teu Critilo!
Mas tu, prezado amigo, não te aflijas,
que tudo é desta classe, e, se viveres,
ainda o hás-de ver obrar milagres.
Pegado ao camarote do bom chefe
se vê outro palanque, igual em tudo
aos rasos camarotes do mais povo.
Aqui têm seu lugar os senadores;
com eles se encorporam outros muitos,
que lograram de edis as grandes honras.

Nos outros adornados camarotes
assistem as famílias mais honestas:
aqui nada se vê que seja pobre.
Recreia, Doroteu, recreia a vista
o vário dos matizes; cega os olhos
o contínuo brilhar das finas pedras.
No meio de um palanque então descubro
a minha, a minha Nise:[78] está vestida
da cor mimosa com que o céu se veste.
Oh! quanto, oh! quanto é bela a verde olaia,[79]
quando se cobre de cheirosas flores!
A filha de Taumante,[80] quando arqueia,
no meio da tormenta, o lindo corpo;
a mesma Vênus, quando toma e embraça
o grosso escudo e lança, por que vença
a paixão do deus Marte com mais força,

ou quando, lacrimosa, se apresenta
na sala de seu pai, para que salve
aos seus troianos das soberbas ondas,
não é, não é como ela tão formosa!

Qual o terno menino, a quem se chega
defronte do semblante a vela acesa,
umas vezes suspenso, outras risonho,
os olhos arregala e, bem que o chamem,
a tesa vista não separa dela,
assim eu, Doroteu, apenas vejo
a minha doce Nise, qual menino,
os olhos nela fito, cheios de água,
e, por mais que me chamem, ou me abalem,
de embebido que estou, não sinto nada.
No meio, Doroteu, de tanto assombro,
me finge a perturbada fantasia
novo sucesso, que me aflige e cansa.
Aparece, no curro, passeando,
sexagenário velho, em ar de moço:
traja uma curta veste, calções largos
da cor da seca rosa, a quem adorna
o brilhante galão de fina prata.
Na bolsa do cabelo,[81] que se enfeita
de duas negras plumas e de flocos,
branquejam os vidrilhos, e no peito,
de flores se sustenta um grande molho.
Traz dous anéis nos dedos e fivelas
de amarelos topázios. Não caminha
sem que, avante, caminhe um branco pajem
atrás da cadeirinha, e o seu moleque
em forma de lacaio. Ah! velho tonto!
Esse teu tratamento imita, imita
ao estado que tem o rei do Congo!

Ponho os meus olhos no caduco Adônis:
então se me afigura que ele oferta
a Nise uma das flores, e que Nise
com ar risonho no seu peito a prega.
Aos zelos, Doroteu, ninguém resiste;
sentem a sua força os altos deuses,
os homens mais as feras; e, em Critilo,
não podes esperar paixões diversas.

Apenas isto vejo, exasperado
meto mão ao florete e, quando intento
o peito traspassar-lhe, então acordo,
e vendo-me às escuras sobre a cama,
conheço que isto tudo foi um sonho.
Pintei-te, Doroteu, o grande curro
da sorte que minha alma o viu sonhando;
agora vou pintar-te os mais sucessos
que impressos inda tenho na memória.
Ainda, Doroteu, no largo curro
caretas não brincavam, nem se viam
nos rasos camarotes altas popas,
enfeites com que brilham néscias damas,
quando já no castelo de madeira
as peças fuzilavam, sinal certo
de que o nosso herói e o velho bispo
no adornado palanque se assentavam.
Agora dirás tu: "É forte pressa!
Os chefes nos teatros entram sempre
às horas de correr-se acima o pano".
Amigo Doroteu, tu nunca viste
uma criança a quem a mãe promete
levá-la a ver de tarde alguma festa,
que logo de manhã a mãe persegue,
pedindo que lhe dispa os fatos velhos?
Pois eis aqui, amigo, o nosso chefe;
não quer perder de estar casquilho e teso
no erguido camarote um breve instante.

Chegam-se, enfim, as horas do festejo;
entra na praça a grande comitiva;
trazem os pajens as compridas lanças,
de fitas adornadas, vêm à destra
os formosos ginetes arreados,
seguem-se os cavaleiros, que cortejam
primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,
dividindo as fileiras sobre os lados.
Não há quem o cortejo não receba
em ar civil e grato; só o chefe
o corpo da cadeira não levanta,
nem abaixa a cabeça, qual o dono
dos míseros escravos, quando juntos

a bênção vão pedir-lhe, por que sejam
ajudados de Deus no seu trabalho.
Feitas as cortesias do costume,
os destros cavaleiros galopeiam
em círculos vistosos pelo campo.
Logo se formam em diversos corpos,
à maneira das tropas que apresentam
sanguinosas batalhas. Soam trompas,
soam os atabales, os fagotes,
os clarins, os oboés, e mais as flautas;
o fogoso ginete as ventas abre
e bate com as mãos na dura terra;
os dous mantenadores[82] já se avançam.
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam,
como nos espetáculos romanos,
com forçosos leões, malhados tigres,
os homens, peito a peito e braço a braço.
Jogam-se encontroadas, e se atiram
redondas alcancias,[83] curtas canas,
de que destro inimigo se defende
com fazê-las no ar em dous pedaços.
Ao fogo das pistolas se desfazem
nos postes as cabeças. Umas ficam
dos ferros traspassadas, outras voam,
sacudidas das pontas das espadas;
airoso cavaleiro ao ombro encosta
a lança, no princípio da carreira;
no ligeiro cavalo a espora bate;
desfaz com mão igual o ferro, e logo
que leva uma argolinha, a rédea toma
e faz que o bruto pare. Doces coros
aplaudem o sucesso, enchendo os ares
de grata melodia. Então, vaidoso,
guiado de um padrinho, ao chefe leva
o sinal da vitória, que segura
na destra, aguda lança. O bruto chefe
aceita a oferta em ar de majestade,
à maneira dos amos, quando tomam
as coisas que lhes dão os seus criados.
Nestes e noutros brincos inocentes
se passa, Doroteu, a alegre tarde.

Já no sereno céu resplandeciam
as brilhantes estrelas, os morcegos
e as toucadas corujas já voavam,
quando, prezado amigo, nas janelas
do nosso Santiago se acendiam,
em sinal de prazer, as luminárias;
ardem, pois, nas janelas de palácio
duas tochas de pau, e sobre a frente
da casa do Senado se levanta
uma extensa armação, a quem enfeitam
quatro mil tigelinhas. Meu Alberga,
aqui o prêmio tens do teu trabalho:
tu farás, de torcidas[84] e de azeite,
aos tristes camaristas contas largas;
e as arrobas de sebo, que não arde,
desfeitas em sabão, mui bem te podem
toda a roupa lavar por muitos anos.

Nas margens, Doroteu, do sujo corgo,
que banha da cidade a longa fralda,
há uma curta praia, toda cheia
de já lavados seixos. Neste sítio
um formoso passeio se prepara:
ordena o sábio chefe que se cortem
de verdes laranjeiras muitos ramos,
e manda que se enterrem nesta praia,
fingindo largas ruas. Cada tronco
tem, debaixo das folhas, uma tábua,
sem lavor nem pintura, que sustenta
doze tigelas do grosseiro barro.
No meio do passeio estão abertas
duas pequenas covas, pouco fundas,
que lagos se apelidam. Sobre as bordas
ardem mil tigelinhas, e o azeite
que corre, Doroteu, dos covos cacos,
inda é mais do que são as sujas águas,
que nem os fundos cobrem destes tanques.
A tão formoso sítio tudo acode,
ou seja de um ou seja de outro sexo,
ou seja de uma ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço,
à torpe concubina oferta o braço;

ali mancebo ousado assiste e fala
à simples filha, que seus pais recatam;
a ligeira mulata, em trajes de homem,
dança o quente lundum e o vil batuque;
e, aos cantos do passeio, inda se fazem
ações mais feias, que a modéstia oculta.
Meu caro Doroteu, meu doce amigo,
se queres que este sítio te compare,
como sério poeta, aqui tens Chipre,
nos dias em que os povos tributavam
à deusa tutelar alegres cultos.
Se queres que o compare, como um homem
que alguma noção tem das sacras letras,
aqui Sodoma tens e mais Gomorra.
Se queres, finalmente, que o compare
a lugar mais humilde, em tom jocoso,
aqui, amigo, tens esse afamado
quilombo, em que viveu o pai Ambrósio.

Depõe o nosso chefe a majestade
e, por ver as madamas, rebuçado
no capote de berne,[85] corre as ruas,
seguido, Doroteu, das suas guardas.
Depois de dar seus giros, vai sentar-se
em um dos toscos bancos, onde tomam
assento certas moças, que puderam,
não sei por que razão, cair-lhe em graça.
Não diz uma fineza às tais mocinhas.
Pois não é, Doroteu, porque não saiba,
que ele tem muito estudo de "Florinda",[86]
da "Roda da Fortuna"[87] e de outros livros,
que dão aos seus leitores grande massa;[88]
é, sim, por sustentar a gravidade
que, no público, pede o seu emprego.
Mas, para lhes mostrar o quanto as preza,
(Oh! força milagrosa do bestunto!)[89]
descobre esta feliz e nova traça:[90]
vai sentar-se na ponta do banquinho.
Umas vezes suspende ao ar o corpo,
outra vezes carrega sobre a tábua
e, desta sorte, faz que as belas moças,
movidas do balanço, dêm no vento
milhares e milhares de embigadas.

Chega-se, Doroteu, defronte dele
um máscara prendado: não estima
os discretos conceitos, nem se agrada
de ver executar vistosos passos.
Manda, sim, que arremede o nosso bispo,
que arremede também o modo e o gesto
de um nosso general. São estes momos
os únicos que podem comovê-lo
no público a mostrar risonha cara.
Oh, alma de fidalgo, oh, chefe, digno
de vestir a libré de um vil lacaio!

Cresceram, doce amigo, alguns foguetes
da noite em que o Senado fez no curro
de pólvora queimar barris imensos.
Em uma noite clara, qual o dia,
ordena que os foguetes vão aos ares.
Vai se pôr no passeio, reclinado
sobre um monte de pedras; faz-lhe a corte
a velha poetisa,[91] que repete
um soneto que fez a certos males.
Começam os vapores do ribeiro
a formar, sobre a terra, nuvens densas,
não se vêm dos foguetes os chuveiros,
não se vêm as estrelas, nem as cobras,
mas ele os deixa arder, e gasta a noite,
contente com ouvir alguns estalos
e a bulha que eles fazem, quando sobem.

Já chega, Doroteu, o novo dia,
o dia em que se correm bois e vacas.
Amigo Doroteu, é tempo, é tempo
de fazer-te excitar, no peito brando,
afetos de ternura, de ódio e raiva.
No dia, Doroteu, em que se devem
correr os mansos touros, acontece
morrer a casta esposa de um mulato,
que a vida ganha por tocar rebeca;
dá-se parte do caso ao nosso chefe;
este, prezado amigo, não ordena
que outro músico vá no lugar dele
a rebeca tocar no pronto carro;

ordena que ele escolha ou a cadeia,
ou ir tocar a doce rebequinha
naquela mesma tarde, pela praia.
Que é isso, Doroteu, estás confuso?
Duvidas que isto seja ou não verdade?
Então que hás de fazer, quando me ouvires
contar desordens, que inda são mais calvas?[92]
Indigno, indigno chefe, as leis sagradas
não querem se incomodem alguns dias
os parentes chegados dos defuntos,
ainda para cousas necessárias;
e tu, cruel, violentas um marido
a deixar sobre a terra o frio corpo
da sua terna esposa, sem que tenhas
ao menos uma honesta e justa causa!
Bárbaro, tu praticas tudo junto
quanto obraram, no mundo, os maus tiranos!
Mezêncio[93] ajuntava os corpos vivos
aos corpos já corruptos, e tu segues
outros caminhos, que inda são mais novos:
separas dos defuntos os que vivem,
não queres que os parentes sejam pios,
dando as últimas honras aos seus mortos!
Chega-se, finalmente, a tarde alegre
do festejo dos touros. Já no curro
aparecem os dous formosos carros.
O primeiro derrama sobre a terra
por bocas de serpentes escamosas,
dous puros chorros de água: no segundo
se levantam alegres, doces vozes,
que vários instrumentos acompanham.
Aqui, entre os que tocam, se divisa
um triste rosto que se alaga em pranto.
Não sabes, Doroteu, quem este seja?
Pois é, prezado amigo, aquele triste
que tem a mulher morta sobre a cama.
O nosso grande chefe, mal conhece
ao pobre do viúvo, compassivo,
mete a mão no seu bolso e dele tira
um famoso cartucho, que lhe entrega.
O néscio rebequista, que a ação nota,
um pouco suaviza a sua mágoa,
e, enquanto não recebe o tal embrulho,

consigo assim discorre: "Que ditosa,
que ditosa violência, que socorre,
em tal ocasião, à minha falta!
Já tenho com que pague ao meu vigário,
já tenho com que pague a cera, a cova,
a mortalha, o caixão, e mais os padres."
Assim o bom viúvo discorria;
quando pega no embrulho, e mal o rasga,
encontra, Doroteu, confeitos grandes,
encontra manuscristi[94] e rebuçados.[95]
Que é isso, Doroteu, de novo pasmas?
De novo desconfias da verdade?
Amigo Doroteu, o nosso chefe
estudou medicina, e como alcança
que o chorar faz defluxo, providente,
ministra rebuçados a quem chora,
para com eles acudir-lhe ao peito.

Principiam os touros, e se aumentam
do chefe as parvoíces. Manda à praça
sem regra, sem discurso e sem concerto.
Agora sai um touro levantado,
que ao mau capinha, sem fugir, espera.
Acena-lhe o capinha, ele recua
e atira com as mãos ao ar, a terra;
acena-lhe o capinha novamente,
de novo raspa o chão e logo investe:
lá vai o mau capinha pelos ares,
lá se estende na areia, e o bravo touro
lhe dá, com o focinho, um par de tombos,
nem deixa de pisá-lo, enquanto o néscio
não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boizinho, em paz te fica,
que o nosso chefe ordena te recolham
sem fazeres mais sorte, e te reserva
para ao curro saíres, quando forem
do Senhor do Bonfim as grandes festas.
Agora sai um touro, que é prudente:
se o capinha o procura, logo foge.
Os caretas lhe dão mil apupadas,
um lhe pega no rabo, e o segura,
outro intenta montá-lo, e o grande chefe
o deixa passear por largo espaço.

Manda soltar-lhe os cães, manda meter-lhe
as garrochas[96] de fogo, que primeiro
que a pele rompam do ligeiro bruto,
nos destros dedos do capinha estalam.

Com estes maus festejos, que aborrecem,
se gastam muitos dias. Já o povo
se cansa de assistir na triste praça,
e, ao ver-se solitário, o bruto chefe
nos trata por incultos, mais ingratos.

Soberbo e louco chefe, que proveito
tiraste de gastar em frias festas
imenso cabedal, que o bom Senado
devia consumir em cousas santas?
Suspiram pobres amas e padecem
crianças inocentes, e tu podes
com rosto enxuto ver tamanhos males?
Embora![97] Sacrifica ao próprio gosto
as fortunas dos povos que governas;
virá dia em que mão robusta e santa,
depois de castigar-nos, se condoa
e lance na fogueira as varas torpes.
Então rirão aqueles que choraram,
então talvez que chores, mas debalde,
que suspiros e prantos nada lucram
a quem os guarda para muito tarde.

Carta Sétima

Há tempo, Doroteu, que não prossigo
do nosso Fanfarrão a longa história.
....
....
....
....
que não busque cobri-los com tal capa,
que inda se persuada que os mais homens
lhos ficam respeitando, como acertos?
Enquanto ao conhecer destes despejos,
pespega à lei a boa inteligência,
que extensiva se chama. Sim, entende

que aonde o rei ordena que só haja
recurso a ele mesmo, nos faculta
recurso aos generais, pois que estes fazem,
em tudo, e mais que em tudo, as suas vezes.
Ah! dize, meu amigo, se podia
dar-lhe outra inteligência o mesmo Acúrsio?[98]
Esse grande doutor, que já nos finge,
nos princípios de Roma, conhecida
a Divina Trindade, e que pondera
que, do cão, que na palha está deitado,
a velha Fúsia Lei se diz canina.
Maldito, Doroteu, maldito seja
o pai de Fanfarrão, que deu ao mundo,
ao mundo literário tanta perda,
criando ao hábil filho numa corte,
qual morgado que habita em pobre aldeia!
Ah! se ele, doce amigo, assim discorre,
sabendo apenas ler redonda letra,
que abismo não seria, se soubesse
verter o breviário em tosca prosa!
Se entrasse em Salamanca, e ali ouvisse
explicar a questão daquela escrava
que foi manumitida[99] em testamento,
se três filhos parisse, e outras muitas
que os lentes nos ensinam desta casta!

Enquanto, Doroteu, ao outro ponto
de julgar aos expulsos inocentes,
também razão lhe dou, porque primeiro
se informa com aqueles que os réus dizem
que sabem, mais que todos, do seu caso.
Nem é de presumir que estes lhe faltem
à verdade, jurando, pois têm alma.
Sê boa testemunha, meu paizinho,
a quem o vulgo chama Pé-de-pato.[100]
Confessa se não foste o que juraste
que deste uma denúncia e fora falsa.
Indigno e bruto chefe, em que direito
entendes que se firmam tais processos?
Um réu, a quem condena o magistrado,
pode mostrar o injusto da sentença
dando umas testemunhas que juraram
sem haver citação da sua parte?

Dando umas testemunhas inquiridas
por juiz que não pode perguntá-las?
E como, louco chefe, e como sabes
que a defesa convence, se nem viste
os autos, em que a culpa está formada?
Suponho que juraram novamente
aqueles mesmos que as denúncias deram:
o segundo e contrário juramento
não é que se reputa, sempre, o falso?
E quem chega a comprar um grande chefe
não pode inda melhor comprar um negro?
Amigo Doroteu, estes pretextos
são como as bigodeiras, que não podem
fazer se não conheçam as pessoas,
que dançam nos teatros por dinheiro.

Não lucra, doce amigo, o nosso chefe
somente em revogar os extermínios[101]
que fazem os ministros: ele mesmo
ordena se despejem os ricaços,
ainda que estes vivam sem suspeita
do infame contrabando. Desta sorte
os obriga também a vir à tenda
comprar, por grossas barras, seus despachos.
Todos largam, enfim, e todos entram
no vedado distrito, sem que importe
haver ou não haver de crime indício.
Só tu, meu Josefino,[102] só tu ficas
no mandado desterro, por teimares
em não querer largar ao vil Matúsio
uns tantos mil cruzados, que pedia.
Só tu... Porém, amigo, é tempo, é tempo
de fechar esta carta, pois, ainda
que a matéria, por nova, te deleite,
a muitas difusão também enfada.
Eu a pena deponho, e só te peço
que tomes a lição, que te apresenta
o nosso Fanfarrão, no seu mulato.
Não desfaças, amigo, as ruças becas,
vai-as distribuindo aos teus lacaios,
bem como faz o chefe às suas fardas;
que, enquanto estes as rompem, poupam
as librés amarelas asseadas.

Carta Oitava

Em que se trata da venda dos despachos e contratos

Os grandes, Doroteu, da nossa Espanha
têm diversas herdades: umas delas
dão trigo, dão centeio e dão cevada;
as outras têm cascatas e pomares,
com outras muitas peças, que só servem,
nos calmosos verões, de algum recreio.
Assim os generais da nossa Chile
têm diversas fazendas: numas passam
as horas de descanso, as outras geram
os milhos, os feijões e os úteis frutos,
que podem sustentar as grandes casas.
As quintas, Doroteu, que mais lhes rendem,
abertas nunca são do torto arado.
Quer chova de contínuo, quer se gretem
as terras, ao rigor do sol intenso,
sempre geram mais frutos do que as outras,
no ano em que lhes corre, ao próprio, o tempo.
Estas quintas, amigo, não produzem
em certas estações, produzem sempre,
que os nossos generais, tomando a fouce,
vão fazer nas searas a colheita.
Produzem, que inda é mais, sem que os bonschefes
se cansem com amanhos, nem ainda
com lançarem nos sulcos as sementes.
Agora dirás tu, de assombro cheio:
"Que ditosas campinas! Dessa sorte
só pintam os Elísios[103] os poetas."
Amigo Doroteu, és pouco esperto;
as fazendas que pinto não são dessas
que têm para as culturas largos campos
e virgens matarias, cujos troncos
levantam, sobre as nuvens, grossos ramos.
Não são, não são fazendas onde paste
o lanudo carneiro e a gorda vaca,
a vaca, que salpica as brandas ervas
com o leite encorpado, que lhe escorre
das lisas tetas, que no chão lhe arrastam.

Não são, enfim, herdades, onde as louras,
zunidoras abelhas de mil castas,
nos côncavos das árvores já velhas,
que bálsamos destilam, escondidas,
fabriquem rumas[104] de gostosos favos.
Estas quintas são quintas só no nome,
pois são os dous contratos, que utilizam
aos chefes, inda mais que o próprio Estado.

Cada triênio, pois, os nossos chefes
levantam duas quintas ou herdades,
e, quando o lavrador da terra inculta
despende o seu dinheiro, no princípio,
fazendo levantar, de paus robustos,
as casas de vivenda e, junto delas,
em volta de um terreiro, as vis senzalas,
os nossos generais, pelo contrário,
quando estas quintas fazem, logo embolsam
uma grande porção de louras barras.

A primeira fazenda, que o bom chefe
ergueu nestas campinas, foi a grande
herdade que arrendou ao seu Marquésio.
As línguas depravadas espalharam
que, para o tal Marquésio entrar de posse,
largara[105] ao grande chefe, só de luvas,
uns trinta mil cruzados: bagatela!
Os mesmos maldizentes acrescentam
que o pançudo Robério fora aquele
que fez de corretor no tal contrato.
Amigo Doroteu, eu tremo e fujo
de encarregar minha alma. O bom Vergílio
talvez, talvez que aflito se revolva,
no meio da fogueira devorante,
por dizer que adorara ao pio Enéias
uma casta rainha,[106] cujos ossos
estavam no sepulcro já mirrados,
havia cousa de trezentos anos.
Eu não te afirmo, pois, que se fizesse
a venda vergonhosa; só te afirmo
que o mundo assim o julga, e que esta fama
não deixa de firmar-se em bons indícios.

As leis do nosso reino não consentem
que os chefes dêm contratos, contra os votos
dos retos deputados que organizam
a Junta da Fazenda, e o nosso chefe
mandou arrematar ao seu Marquésio
o contrato maior, sem ter um voto
que favorável fosse aos seus projetos.
As mesmas santas leis jamais concedem
que possa arrematar-se algum contrato
ao rico lançador, se houver na praça
um só competidor de mais abono;
e o nosso general mandou se desse
o ramo ao lançador, que apenas tinha
uns vinte mil cruzados, em palavra,
deixando preterido outro sujeito
de muito mais abono, e a quem devia
um grosso cabedal o régio erário.
Mal acaba Marquésio o seu triênio,
outro novo triênio lhe arremata,
sem que um membro da Junta em tal convenha;
e, tendo o tal Marquésio, no contrato,
perdido grandes somas, lhe dispensa
outras fianças dar à nova renda.
Amigo Doroteu, o nosso chefe,
que procura tirar conveniência
dos pequenos negócios e despachos,
daria este contrato ao bom Marquésio,
este grande contrato, sem que houvesse
de paga equivalente ajuste expresso?
Amigo Doroteu, se não sou sábio,
não sou também tão néscio, que nem saiba
das premissas tirar as conseqüências.
Agora dirás tu: "Se o patrimônio
de Marquésio consiste, como afirmas,
em vinte mil cruzados, em palavra,
como, de luvas, deu ao chefe os trinta?"
Amigo Doroteu, estou pilhado;
a palavra, que sai da boca fora,
é como a calhoada,[107] que se atira,
que já não tem remédio. Paciência.
Eu as ervas arranco,[108] e, desde agora,
contigo falarei com mais cautela.

Mas que vejo? Tu ris-te? Acaso pensas
que me tens apanhado na verdade?
A mim nunca apanharam os capuchos,[109]
quando, no raso assento, defendia
que a natureza não tolera o vácuo,
que os cheiros são ocultas entidades,
com outras mil questões da mesma classe.
E tu, meu doce amigo, pertendias
convencer-me em matéria em que dar posso
a todos, de partido, a sota e o basto?[110]
Desiste, Doroteu, do louco intento,
faze uma grande cruz na lisa testa,
dá figas ao demônio, que te atenta.
Ora ouve a solução desse argumento:
bem que pingante seja quem remata
este grande contrato, mercadeja
com perto de um milhão; por isso todos
lhe emprestam prontamente os seus dinheiros.

Os chefes, Doroteu, que só procuram
de barras entulhar as fortes burras,
desfrutam juntamente as mais fazendas,
que os seus antecessores levantaram;
nem deixam descansar as férteis terras,
enquanto não as põem em sambambaias.
Aqui agora tens, meu Silverino,[111]
o teu próprio lugar. Tu és honrado
e prezas, como eu prezo, a sã verdade;
por isso nos confessas que tu ganhas
a graça deste chefe, porque envias,
pela mão de Matúsio, seu agente,
em todos os trimestres, as mesadas.
Eu sei, meu Silverino, que quem vive
na nossa infeliz Chile não te impugna
tão notória verdade. Porém deve
correr estranhos climas esta história,
e, como tu não vás, também, com ela,
é justo que lhe ponha algumas provas.

A sábia lei do reino quer e manda
que os nossos devedores não se prendam.

Responde agora tu, por que motivo
concede o grande chefe que tu prendas
a quantos miseráveis te deverem?
Porque, meu Silverino? Porque largas,
porque mandas presentes, mais dinheiro.

As mesmas leis do reino também vedam
que possa ser juiz a própria parte.
Responde agora mais: por que princípio
consente o nosso chefe que tu sejas
o mesmo que encorrente a quem não paga?
Porque, meu Silverino? Porque largas,
porque mandas presentes, mais dinheiro.

Os sábios generais reprimir devem
do atrevido vassalo as insolências;
tu metes homens livres no teu tronco,
tu mandas castigá-los, como negros;
tu zombas da justiça, tu a prendes;
tu passas portarias ordenando
que com certas pessoas não se entenda.
Porque, por que razão o nosso chefe
consente que tu faças tanto insulto,
sendo um touro, que parte ao leve aceno?
Porque, meu Silverino? Porque largas,
porque mandas presentes, mais dinheiro.

A lei do teu contrato não faculta
que possas aplicar aos teus negócios
os públicos dinheiros. Tu, com eles,
pagaste aos teus credores grandes somas!
Ordena a sábia Junta que dês logo
da tua comissão estreita conta;
o chefe não assina a portaria,
não quer que se descubra a ladroeira,
porque te favorece, ainda à custa
dos régios interesses, quando finge
que os zela muito mais que as próprias rendas.
Porque, meu Silverino? Porque largas,
porque mandas presentes, mais dinheiro.

Apenas apareces... Mas não posso
só contigo gastar papel e tempo.

Eu já te deixo em paz, roubando o mundo,
e passo a relatar ao caro amigo
os estranhos sucessos que ainda faltam;
nem todos lhe direi, pois são imensos.

Pertende, Doroteu, o nosso chefe
mostrar um grande zelo nas cobranças
do imenso cabedal que todo o povo
aos cofres do monarca está devendo.[112]
Envia bons soldados às comarcas,
e manda-lhes que cobrem, ou que metam
a quantos não pagarem nas cadeias.
Não quero, Doroteu, lembrar-me agora
das leis do nosso augusto; estou cansado
de confrontar os fatos deste chefe
com as disposições do são direito;
por isso pintarei, prezado amigo,
somente a confusão e a grã desordem
em que a todos nos pôs tão nova idéia.

Entraram nas comarcas os soldados,
e entraram a gemer os tristes povos.
Uns tiram os brinquinhos das orelhas
das filhas e mulheres; outros vendem
as escravas, já velhas, que os criaram,
por menos duas partes do seu preço.
Aquele que não tem cativo, ou jóia,
satisfaz com papéis, e o soldadinho
estas dívidas cobra, mais violento
do que cobra a justiça uma parcela,
que tem executivo aparelhado,
por sábia Ordenação do nosso reino.
Por mais que o devedor exclama e grita
que os créditos são falsos, ou que foram
há muitos anos pagos, o ministro
da severa cobrança a nada atende;
despreza estes embargos, bem que o triste
proteste de os provar *incontinenti*.

Não se recebem só, prezado amigo,
os créditos alheios, para embolso
das dívidas fiscais. O soldadinho
descobre um ramo, aqui, de bom comércio:

aquele que não quer propor demandas
promete-lhe a metade, ou mais ainda,
das somas que lhe entrega, e ele as cobra,
fingindo que as tomou em pagamento
das dívidas do rei. Ainda passa
a mais esta desordem: faz penhoras
e manda arrematar, ao pé da igreja,
as casas, os cativos, mais as roças.

Agora, Fanfarrão, agora falo
contigo, e só contigo. Por que causa
ordenas que se faça uma cobrança
tão rápida e tão forte contra aqueles
que ao Erário só devem tênues somas?
Não tens contratadores, que ao rei devem
de mil cruzados centos e mais centos?
Uma só quinta parte que estes dessem,
não matava do Erário o grande empenho?
O pobre, porque é pobre, pague tudo,
e o rico, porque é rico, vai pagando
sem soldados à porta, com sossego!
Não era menos torpe, e mais prudente,
que os devedores todos se igualassem?
Que, sem haver respeito ao pobre ou rico,
metessem no Erário um tanto certo,
à proporção das somas que devessem?
Indigno, indigno chefe! Tu não buscas
o público interesse. Tu só queres
mostrar ao sábio augusto um falso zelo,
poupando, ao mesmo tempo, os devedores,
os grossos devedores, que repartem
contigo os cabedais, que são do reino.

Talvez, meu Doroteu, talvez que entendas
que o nosso Fanfarrão estima e preza
os rendeiros que devem, por sistema,
só para ver se os ricos desta terra,
à força de favores animados,
se esforçam a lançar nas régias rendas.
Amigo Doroteu, o nosso chefe,
se faz alguma cousa, é só movido
da loucura ou do sórdido interesse.

Eu vou, prezado amigo, eu vou mostrar-te
esta santa verdade, com exemplos.

Morre um contratador e se nomeia,
para tratar dos bens, um seu parente,
que Ribério se chama. Não te posso
explicar o fervor com que Ribério
demanda os devedores, vence e cobra
os cabedais dispersos desta herança.
Estava quase extinto o que devia
à fazenda do rei; então o chefe
lhe ordena satisfaça todo o resto,
no peremptório termo que lhe assina.
Exclama o bom Ribério que não pode,
pois todo o cabedal que tem cobrado,
ou está nas demandas consumido,
ou tem entrado já no régio Erário.
E, para bem mostrar esta verdade,
suplica ao grande chefe que lhe escolha
um reto magistrado, que lhe tome
da sua comissão estreita conta.
Pois isto, Doroteu, não vale nada:
sem contas lhe tomarem, manda o chefe
que gema na cadeia, até que pague.
Já viste uma insolência semelhante?
Aos grandes devedores não se assinam
os termos peremptórios para a paga,
nem vão para as cadeias, bem que comam
a fazenda do rei; e só Ribério,
sendo um procurador que nada deve,
vai viver na prisão por tempos largos!
Amigo Doroteu, o nosso chefe
patrocina aos velhacos que lhe mandam,
para que mais lhe mandem. Prende e vexa
aos justos, que entesouram suas barras,
para ver se, oprimidos, se resolvem
a seguir os caminhos dos que largam.

Remata-se um contrato a um sujeito,
que o pode bem pagar, por mais que perca;
pertende um fiador deste contrato
ir tratar, no Peru, do seu comércio;

vai licença pedir ao grande chefe,
e o chefe lha concede. Escuta agora;
ouvirás uma ação, a mais indigna
de quantas, por marotos, se fizeram:
apenas o tal homem sai da terra,
se despede uma esquadra de soldados
que, mal com ele topa, lhe dá busca.
As cargas se revolvem, nem lhe escapam
as grosseiras cangalhas, que se quebram.
Não acham contrabandos; porém, sempre
lhe tomam os dinheiros que ele leva.
E o grande chefe ordena que se metam
no régio Erário todos, inda aqueles
que são de vários donos. Dize, amigo,
já viste uma injustiça assim tão clara?
Aos grossos devedores não se tomam
os seus próprios dinheiros, bem que tenham
comido os cabedais dos seus contratos;
e ao simples fiador de um rematante,
que nada ainda deve, e que tem muito,
vão-se, à força, tomar os seus dinheiros,
e os dinheiros, que é mais, de estranhas partes!
Agora, Doroteu, não tens que digas,
hás de, enfim, confessar que o nosso chefe
somente não oprime a quem lhe larga.
Ora, ouve as circunstâncias que inda acrescem
e que inda afeiam mais o torpe caso:
espalham as más línguas que Matúsio
pedira ao tal sujeito lhe comprasse
uns finos guardanapos e toalhas;
que o fiador mesquinho lhos trouxera
e, vendo que Matúsio se esquecia,
lhe chegou a pedir, sem pejo, a paga.
Que o chefe, ressentido desta injúria,
lhe mandou dar a busca por vingança,
e que até ao presente inda não consta
que o preço da encomenda se pagasse.
Que mais pode fazer o seu lacaio?
Isto não é mais feio, que despir-se
a preciosa capa ao grande Jove
e mandar-se tirar ao sábio filho,
o famoso Esculápio,[113] as barbas de ouro?

Amigo Doroteu, se acaso vires
na corte algum fidalgo pobre e roto,
dize-lhe que procure este governo;
que, a não acreditar que há outra vida,
com fazer quatro mimos aos rendeiros,
há de à pátria voltar, casquilho e gordo.

Carta Nona

Em que se contam as desordens
que Fanfarrão obrou no governo das tropas

Agora, Doroteu, agora estava
bamboando na rede preguiçosa
e tomando, na fina porçolana,
o mate saboroso, quando escuto
de grossa artilharia o rouco estrondo.
O sangue se congela, a casa treme,
e pesada porção de estuque velho,
à violência do abalo despegada
da barriguda esteira, faz que eu perca
a tigela esmaltada, que era a cousa
que tinha nesta casa de algum preço.

Apenas torno em mim daquele susto,
me lembra ser o dia em que o bom chefe
aos seus auxiliares lições dava
da que Saxe[114] chamou "pequena guerra".
Amigo Doroteu, não sou tão néscio,
que os avisos de Jove não conheça.
Castigou, castigou o meu descuido,
pois não me deu a veia de poeta,
nem me trouxe, por mares empolados,
a Chile, para que, gostoso e mole,
descanse o corpo na franjada rede.
Nasceu o sábio Homero entre os antigos,
para o nome cantar do grego Aquiles;[115]
para cantar também ao pio Enéias,
teve o povo romano o seu Vergílio:
assim, para escrever os grandes feitos
que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,
entendo, Doroteu, que a Providência
lançou na culta Espanha o teu Critilo.

Ora pois, Doroteu, eu passo, eu passo
a cumprir, respeitoso, os meus deveres;
e já que o meu herói agora adestra
esquadras belicosas, também hoje
tomarei por empresa só mostrar-te
que ele fez na milícia grandes cousas.

Há, nesta capital, um regimento
de tropa regular, a quem se paga.
Tu sabes, Doroteu, que não há corpo
que todo de iguais membros se componha.
Das ordens mais austeras, que fizeram
os santos penitentes patriarcas,
saíram, contra o trono rebelados,
o infames Clementes,[116] e saíram
contra o dogma os Calvinos[117] e os Luteros;[118]
o mesmo Apostolado teve um Judas.
Se isto pois, Doroteu, assim sucede
nos corpos, que se formam de escolhidos,
que não sucederá nos grandes corpos,
aonde se recebem as pessoas
que timbre fazem dos seus próprios vícios?

O meio, Doroteu, o forte meio
que os chefes descobriram para terem
os corpos que governam em sossego,
consiste em repartirem com mão reta
os prêmios e os castigos, pois que poucos
os delitos evitam, porque prezam
a cândida virtude: os mais dos homens
aos vícios fogem, porque as penas temem.
Ora ouve, Doroteu, o como o chefe
os castigos reparte aos seus guerreiros.

Não há, não há distúrbio nesta terra,
de que mão militar não seja autora.
Chega, prezado amigo, a ousadia
de um indigno soldado a este excesso:
aperta, na direita, o ferro agudo
e penetra as paredes de palácio,
no meio de uma sala, aonde estavam
as duas sentinelas, que defendem
da casa do dossel a nobre entrada.

Aqui, meu Doroteu, aqui se chega
ao camarada inerme e, pelas costas,
o deixa quase morto, a punhaladas.

Que esperas tu agora que eu te diga?
Que o militar conselho já se apressa?
Que já se liga ao poste o delinqüente?
Que os olhos com o lenço já lhe cobrem?
Que a bala zunidora já lhe rompe
o peito palpitante? Que suspira?
Que lhe cai sobre os ombros a cabeça?
Meu caro Doroteu, o nosso chefe
é muito compassivo; sim, bem pode
oprimir os paisanos inocentes
com pesadas cadeias; pode, ainda,
ver o sangue esguichar das rotas costas
à força dos zorragues, mas não pode
consentir que se dê nos seus soldados,
por maiores insultos que cometam,
a pena inda mais leve: assim praticam
os famosos guerreiros, que nasceram
para obrarem no mundo empresas grandes.

Ele, sim, bem conhece que não há-de
talar, com estas tropas, as campinas,
que o céu lhe não concede a esperança
de entrar no templo augusto da Vitória,
coberto de poeira e negro sangue.
Mas sempre, Doroteu, as quer propícias,
pois, inda que não cinjam as espadas,
para cortar loureiros e carvalhos,
que a testa lhe circulem, são aquelas
que, prontas, executam seus mandados;
são aquelas que infundem, nestes povos,
o medo e sujeição, com que toleram
o verem em desprezo as leis sagradas.

Conhece, Doroteu, o próprio chefe
que vai passando a muito a liberdade
das fardas atrevidas, e, querendo
a tais desordens pôr remédio e freio,
não manda que se cumpram as leis santas
que aos delitos arbitram justas penas;

manda, sim, um cartaz, aonde inova
que todos os domingos na parada
se leia o militar regulamento.
Indigno e bruto chefe, de que serve
que se leiam as leis, se os malfeitores
dos que mandam não vêm um só exemplo!
Tens visto, Doroteu, o como o chefe
os delitos castiga; agora sabe
da sorte que reparte aos bons os prêmios.

Morreu um capitão, e subiu logo,
ao posto devoluto um bom tenente.
Porque foi, Doroteu? Seria, acaso,
por ser tenente antigo? Ou porque tinha
com honra militado? Não, amigo,
foi só porque largou três mil cruzados!
Ah! não mudes a cor de teu semblante,
prudente Maximino! Não, não mudes.
Que importa que comprasses a patente,
se tu a merecias? A vileza
da compra não te infama, sim ao chefe,
que nunca faz justiça, sem que a venda.
Reforma um capitão e, no seu posto,
encaixa sem vergonha a Tomazine,
um moço, na milícia pouco esperto,
que um ano inda não tinha de tenente.
Em que guerras andou, em que campanhas?
Quais as feridas que no corpo mostra?
Aonde, aonde estão as diligências,
as grandes diligências arriscadas,
que fez este mancebo, com que possa
preferir aos antigos, destros cabos?
Ah! sim, eu já me lembro! Tem serviços,
tem famosos serviços, na verdade:
a casa deste moço, bem que pobre,
é a casa somente, aonde o chefe
entra em ar de visita, bebe e folga.
Aqui tens teu lugar, meu bom Lobésio;[119]
tu foste a capitão e tu passaste
ao posto de major em breves meses.
Quais são os teus serviços? Quais? Responde.
Mas não, não me respondas; eu conheço
que és tolo, que és brejeiro e, mais, que mandas

as redradas[120] pedrinhas. Estes dotes
te fazem, no conceito do teu chefe,
um digno pai da pátria, herói do reino.
Também tu, ó Padela,[121] te distingues
na corja dos marotos. Tu conservas
de capitão o cargo, mas tu logras
o soldo de major e mais as honras.
Que foi que te fez digno de subires
à privança do chefe? Ah! sim, eu vejo
o teu merecimento! É coisa grande:
ultrajas aos ministros e proteges
a todos as tratantes, que exercitam
o furto e o contrabando. Tu, piedoso,
não queres ver perdido um só soldado.
Se algum, se algum consente que se escalem
os vedados lugares, tu escreves
ao sucessor honrado e lhe suplicas
que parte não te dê de um tal desmancho.[122]
O teu fidalgo peito não se vence
da sórdida avareza. Tu repartes
os luzentes seixinhos co teu chefe;
e, bem que o seu Matúsio, em nome dele,
os ache miudinhos, sempre servem.
Também tu, digno irmão,[123] também cavalgas
o posto de tenente, por dizeres,
que honrado comandante na parada,
austero, te corrige, por falares
dos retos magistrados sem respeito.
Que vezes a cachaça... Mas, amigo,
deixemos de falar na paga tropa
e vamos a falar do grande corpo
da gente auxiliar; aqui podemos
acabar de dizer o mais que falta.

Tinha este continente levantados
de tropa auxiliar uns treze corpos.
O nosso chefe ainda não se farta:
alista o povo inteiro, e dele forma
inda mais de quarenta regimentos,
mais faminto de ver galões e fardas
que Midas de trocar em ouro puro
as coisas em que punha o torpe dedo.

O coronel, valente, agarra tudo
quanto tem de varão a forma e traje;
nem lhe obsta, Doroteu, que os seus soldados
meninos inda sejam; que eles crescem,
e cresce, com os corpos, igualmente,
o santo amor das armas. Muitos, muitos,
quando vão para a igreja receberem
as águas salvadoras do batismo,
já vão vestidos com a curta farda.
Este mesmo costume tem, amigo,
o pago regimento. Apenas nasce
aos cabos algum filho, logo, à pressa,
lhe assenta o chefe de cadete a praça.
Venturoso costume, que promete
produzir, de cordeiros, tigres bravos!
Aníbal, Doroteu, desde menino
com seu pai militou; talvez não fosse
o terror dos romanos, se passasse
a tenra, inda imberbe mocidade,
entre os moles prazeres de Cartago.
Contudo, Doroteu, o céu permita
que guerras não tenhamos; pois, a termos
algum acampamento, que constranja
a saírem da praça os regimentos,
há-de haver bom trabalho em conduzir-se
o rancho de crianças em jacazes.[124]
Há-de também haver despesa grande
em levar-se uma tropa de mulheres,
que dêm o peito a uns e a outros papa.
Tu sabes, Doroteu, que as nossas tropas
de infantaria são, porém montada;
que as leis do nosso reino não consentem
que estas montadas tropas se componham
de membros que não tenham certas rendas,
com que possam manter os seus cavalos.
Ora ouve, Doroteu, quais são as posses
dos míseros paisanos, que se alistam
nos fortes regimentos: quase todos
um sendeiro[125] não têm, e muitos deles
gemeram nas prisões, por não poderem
ajeitar uma grossa e curta farda.

Eu topei, Doroteu, por várias vezes,
atrás de um regimento, os rapazinhos
em veste e mais descalços: fina idéia
em que deram os cabos, para verem
se, à força de vergonha, se fardavam.
Eu sei, eu sei, amigo, que alguns destes,
cansados de sofrerem mais opróbrios,
fizeram fardamentos dos produtos
dos únicos escravos que venderam
e dos trastes alheios, que furtaram.
Perguntarás, agora, doce amigo:
"Aonde estão os ricos taverneiros?
Aonde os mercadores, que têm lojas
a que chamam de seco e de molhado?"
Aonde, Doroteu? Eu já to digo:
estão, estão também nos regimentos,
mas trazem nas direitas, que conservam
inda lixosas peles, as bengalas.
Não rias, Doroteu, das nossas tropas.
De que gente formou um corpo invicto
o luso Viriato?[126] Foi de moços,
criados desde a infância nas campanhas?
Não foi, meu Doroteu, foi de uns pastores,
de uns pastores incultos, que, animados
do esforço do seu chefe, conseguiram
vitórias singulares contra um povo
que o mundo sujeitou, à força de armas.
Os homens, Doroteu, são todos fortes
em cima das muralhas, que defendem
as chorosas mulheres e as fazendas,
os ternos filhos e os avós cansados.
A desordem, amigo, não consiste
em formar esquadrões, mas sim no excesso.
Um reino bem regido não se forma
somente de soldados; tem de tudo:
tem milícia, lavoura, e tem comércio.
Se quantos forem ricos se adornarem
das golas e das bandas, não teremos
um só depositário, nem os órfãos
terão também tutores, quando nisto
interessa igualmente o bem do império.

Carece a monarquia dez mil homens
de tropa auxiliar? Não haja embora
de menos um soldado, mas os outros
vão à pátria servir nos mais empregos,
pois os corpos civis são como os nossos,
que, tendo um membro forte e outros débeis,
se devem, Doroteu, julgar enfermos.

É também, Doroteu, contra a polícia
franquearem-se as portas, a que subam
aos distintos empregos as pessoas
que vêm de humildes troncos. Os tendeiros,
mal se vêm capitães, são já fidalgos;
seus néscios descendentes já não querem
conservar as tavernas, que lhe deram
os primeiros sapatos e os primeiros
capotes com capuz de grosso pano.
Que império, Doroteu, que império pode
um povo sustentar, que só se forma
de nobres sem ofícios? Estes membros
não amam, como devem, as virtudes,
seguem à rédea solta os torpes vícios.
Daqui saem os torpes malfeitores,
os vis alcoviteiros, os perjuros,
os famosos ladrões, numa palavra,
a tropa insultadora dos vadios.

A este corpo imenso de milícia
concede Fanfarrão as regalias,
que as nossas leis não dão aos bons vassalos
que chegam aos empregos mais honrosos,
em paga de proezas e serviços.
Não quer, não quer o chefe que aos seus cabos
mandem citar os tristes acredores[127]
por ordem de justiça. Quais os grandes,
que não vêm a juízo sem licença
do príncipe, a quem servem, nesta terra,
sem licença do chefe não se citam
os negros, os crioulos e os mulatos,
mal vestem a fardinha e, muito menos,
mal cingem, na cintura, honrosa banda.

Se alguém requer ao chefe que permita
para isso faculdade, põe-lhe em cima
da humilde petição que o suplicado
componha ao suplicante o que lhe deve.
Se diz o suplicado ao suplicante
que não lhe deve nada, foi-se embora
o sólido direito, que a polícia
do chefe não consente que se ponha
aos seus oficiais, inda que sejam
velhacos e ladrões, no foro, um pleito.

Já viste regalia igual a esta?
A pátria, Doroteu, concede aos nobres,
que os postos exercitam, grossas rendas,
com que possam pagar aos mais vassalos
as cousas que lhes compram; não concede
ao mesmo general que vista e coma,
à custa do suor dos outros homens.
E quando o rei não quer pagar a todos
com dinheiro contado, remunera
os serviços com graças, mas daquelas
que deixam sempre intacto o jus alheio.

Não são somente isentos da justiça
os cabos valerosos. Onde habitam,
se acolhem, Doroteu, os malfeitores;
e, quais antigas casas de fidalgos,
ou famosos conventos, que, na porta,
têm as grossas cadeias, onde pegam
os míseros culpados, aqui todos
se livram dos meirinhos, bem que sejam
indignos, torpes réus de majestade.

Se os ousados meirinhos entrar querem
nas casas destes cabos, a que chamam
militares quartéis, os fortes donos
encaixam nas cabeças os casquetes,
apertam as correias, põem as bandas
e, cingindo as torcidas, largas folhas,
ultrajam com palavras a justiça,
resistem, gritam, ferem, matam, prendem.

Os zelosos juízes punir querem
a injúria da justiça: formam autos,
procedem às devassas, pronunciam
e mandam que estes nomes se descrevam
nos róis dos mais culpados. Mas, amigo,
de que serve fazer-se o que as leis mandam
na terra que governa um bruto chefe,
que não tem outra lei mais que a vontade?
O chefe omnipotente logo envia
atravidos soldados, que, chegando
a casa do escrivão, os nomes riscam
do rol dos delinqüentes e lhe arrancam
da fechada gaveta os próprios autos.
Ousado, indigno chefe, que governo,
que governo nos fazes? A milícia
ergueu-se para guarda dos vassalos,
e tu, e tu trabalhas por que seja
a mesma que nos prive do sossego
que, próvidas, nos dão as leis sagradas.
Agora, Doroteu, talvez trabalhes
em achar o motivo por que o chefe
concede tanto indulto aos seus soldados;
pois ele, Doroteu, não é o enigma
que vem nos doces versos de Vergílio,
de umas flores, que têm de reis os nomes
escritos sobre as folhas,[128] e do sítio
de que três braças só do céu se avista.[129]
O chefe, Doroteu, só quer dinheiro;
e, dando aos militares regalias,
podem os grandes postos, que lhes vende,
subir à proporção, também, de preço.
Tu assim o conheces, Cata Preta,
pois deste mil oitavas, por trazeres
lavrado castão de ouro sobre a cana.
Tu também, Capanema,[130] assim discorres,
pois largaste seiscentas, por vestires
de capitão maior vermelha farda.
Todos assim o julgam. Ah! só pensa
de diversa maneira aquele néscio,
que sofreu que Matúsio lhe rompesse
a passada patente à sua vista,
por não largar, de luvas, os trezentos.

Dize-me, Doroteu, um chefe sábio
levanta nas conquistas umas tropas,
com que não pode a força do distante,
consquistador império? Infunde, inspira
nos cabos tanto orgulho, que se atrevam
a resistir aos mesmos magistrados,
que a pessoa do Augusto representam?
Maldito, Doroteu, maldito seja
um bruto, que só quer, a todo custo,
entesourar o sórdido dinheiro!

Carta Décima

Em que se contam as desordens maiores
que Fanfarrão fez no seu governo

Quis, amigo, compor sentidos versos
a uma longa ausência, e, para encher-me
de ternas expressões, de imagens tristes,
à banca fui sentar-me, com projeto
de ler, primeiramente, algumas obras
no meu já roto, destroncado Ovídio.
Abri-o nas saudosas Elegias;
e, quando me embebia na leitura
dos casos lastimosos que ele pinta,
na passagem que fez ao Ponto Euxínio,
encontro aqueles versos que descrevem
as ondas decumanas.[131] De repente
me sobe ao pensamento que estas eram
do nosso Fanfarrão imagem viva.
Os mares, Doroteu, jamais descansam:
agitam sem cessar as verdes águas,
e, depois que levantam ondas nove,
com menos fortidão, despedem outra,
que corre mais ligeira e que se quebra
nos musgosos rochedos com mais força.
Assim o nosso chefe não descansa
de fazer, Doroteu, no seu governo,
asneiras sobre asneiras; entre as muitas,
que menos violentas nos parecem,
pratica outras que excedem muito e muito
as raias dos humanos desconcertos.

Perdoa, minha Nise, que eu desista
do intento começado. Tu mil vezes
nos meus olhos já leste os meus afetos,
não careces de os ler nos meus escritos.
Perdoa, pois, que eu gaste as breves horas
a contar as asneiras decumanas
do nosso Fanfarrão ao caro amigo.
E tu, meu Doroteu, antes que leias
o que vou a contar-te, jurar deves
pelos olhos da tua amada esposa,
por seu louro cabelo, e pelo dia
em que viste, na sua alegre boca,
o primeiro sorriso, que não hás-de
duvidar do que leres, bem que sejam
desordens que pareçam impossíveis.

A Junta, Doroteu, a quem pertence
evita contrabandos, prende, envia
à sabia Relação do Continente
a trinta delinqüentes, para serem
castigados conforme os seus delitos.
Entende o nosso chefe que esta Junta
não devia mandar aos malfeitores
sem sua autoridade, e dela toma
o mais estranho, bárbaro despique:
manda embargar aos presos na cadeia
do nosso Santiago, e manda ao pobre
do condutor meirinho que os sustente,
assistindo também aos que enfermarem
com médicos, remédios e galinhas.
Acaba-se o dinheiro que lhe deram
para fazer os gastos do caminho;
recorre, neste aperto, ao bruto chefe,
expõe-lhe que não tem com que alimente
ao menos a si próprio; pede e roga
que o deixe recolher à pátria terra,
para nela exercer seu pobre ofício.
Tão terna rogativa não merece
do chefe a compaixão; antes lhe ordena
que assista, como dantes, aos culpados
de todo o necessário, na enxovia;

que, a faltar-lhe o dinheiro para os gastos,
ou que o peça, ou que o furte. Caro amigo,
da boca de uma Fúria[132] sairia
mais dura decisão? Por que motivo
deve um pobre meirinho dar sustento
a mais de trinta presos? São seus filhos?
E, ainda a serem filhos, um pai justo,
que fazenda não tem, vive obrigado
a sustentar infames malfeitores,
por meio de culpáveis latrocínios?
Suponho, Doroteu, suponho ainda
que a Junta fez excesso na remessa
dos presos, sem licença. Neste caso
merece o condutor algum castigo?
Ele fez outra cousa que não fosse
cumprir o que mandaram seus maiores?
Podia repugnar-lhes, sem delito?
Amigo Doroteu, o nosso chefe
é qual mulher ciosa, que não pode
vingar no vário amante os duros zelos,
e vai desafogar as suas iras,
bebendo o sangue de inocentes filhos.
Depois de se passarem alguns anos,
depois que o bom meirinho já não tinha
vestido que vendesse, nem pessoa
que um chavo lhe fiasse, o bruto chefe
passa a fazer um novo despotismo:
ordena que os culpados sejam soltos,
e, dizem, lhes mandara vinte oitavas,
para os gastos fazerem da fugida.
Até aqui pagou o seu desgosto
o pobre condutor; agora o paga
a triste, aflita pátria, pois lhe aumenta
dos torpes malfeitores a quadrilha.
É esta, Doroteu, a sua gente;
trafica em cousa santa, no comércio
da compra e mais da venda de seixinhos,
negócio avantajado e mais seguro
que o meter entre os fardos das baetas
os pesados galões e as drogas[133] finas.
Preza o bravo leão aos leões bravos,
a fraca pomba preza as pombas fracas,

e o homem, apesar do raciocínio,
que a verdade lhe mostra, estima aos homens
que têm iguais paixões e os mesmos vícios.
Avisam ao bom chefe que um ministro
queria que os soldados lhe mostrassem
as ordens com que entravam a fazerem
prisões no seu distrito. Investe o bruto
qual touro levantado, a quem acenam,
cos vermelhos droguetes,[134] os capinhas;
escreve-lhe uma carta, em que lhe ordena
lhe dê logo as razões, em que se funda.
Inda pede as razões, e já lhe estranha
o néscio proceder. Aqui não pára
tão rápida desordem; manda um corpo
de ousados militares, que conduzam
ao magistrado a carta, e lhes ordena
que fiquem nesta vila sustendados
à custa, Doroteu, do aflito povo.
Não se concede ao pobre que sustente
em casa o seu soldado; manda o chefe
que a cada um se dê, em cada um dia,
para sustento, meia oitava de ouro,
fora milho e capim para o cavalo,
e não entrando aqui o régio soldo.
Que santo proceder! Um Deus irado,
se houvessem sete justos, perdoava
os imensos delitos de Sodoma;
e o nosso grande chefe, pelo crime,
pelo sonhado crime de um só homem,
castiga, como réu de majestade,
formado de inocentes, todo um povo.

Faz penhor Macedo[135] em certas barras
que a um seu devedor devia Mévio;[136]
recorre ao magistrado Silverino,
pedindo que mandasse que o dinheiro
a juízo viesse, pois queria
sobre ele disputar a preferência,
na forma que concede a lei do reino.
Cita-se ao triste Mévio, e deposita
as barras em juízo, prontamente.

Conhece Silverino que Macedo
para a vitória tem melhor direito;
não quer seguir a causa na presença
de um reto magistrado, que profere,
na forma que as leis mandam, as sentenças.

Recorre ao general, e o bruto chefe
decide desta sorte o longo pleito:
habita nesta terra um homem rico,
que tem de Albino[137] o nome, e, dizem, trata
a Mévio, devedor, por seu sobrinho.
Manda pois, Doroteu, o grande chefe
que Albino se recolha na cadeia
e more com os negros na enxovia,
enquanto não pagar a Silverino
outra tanta quantia, quanta Mévio
depositou, doloso, por que houvesse
entre os dois acredores um litígio.
Eis aqui, Doroteu, o que é ciência!
As nossas leis não querem que o pai solva
o calote que fez o próprio filho,
e quer um general que Albino pague,
da sórdida masmorra, novamente,
a soma que pagou o bom sobrinho!
Aonde existe o dolo? A lei não manda
que todo o que temer que alguém lhe peça
segundo pagamento, se segure
metendo no depósito o que deve?
Pois se isto nos faculta o são direito,
que delito comete aquele triste
que a dívida em juízo deposita,
quando o sábio juiz assim o manda,
porque o mesmo credor assim o pede?
E se Mévio fez dolo, por que causa
há-de Albino pagar a culpa dele?
Porque lhe aconselhou que não pagasse
outra tanta quantia a Silverino?
Aconselhar conforme as leis do reino
é culpa que mereça um tal castigo?
E pode ser castigo regulado
pagar o conselheiro aquela soma
que o mesmo aconselhado não devia?

Não é isto furtar? Não é violência?
Ah! pobre, ah! pobre povo, a quem governa
um bruto general, que ao céu não teme,
nem tem o menor pejo de lhe verem
tão indignas ações os outros homens!

Há neste regimento um moço Adônis,
amores de uma escrava, cuja dona
depois de cativar a muitos peitos,
ao nosso herói atou também ao carro
dos seus cruéis triunfos. Cego nume![138]
Qual é, qual é dos homens que não honra,
com puros sacrifícios, teus altares?
Tu vences os pequenos, mais os grandes,
tu vences os estultos, mais os sábios,
tu vences, que inda é mais, as mesmas feras;
e, bem que cinja o grosso peito d'aço,
não pode resistir às tuas setas
o duro coração do próprio Marte.
Intenta este soldado que um ministro[139]
lhe remate umas casas, e consegue
um despacho do chefe, em que decreta
que nelas ninguém lance: cousa estranha
que, entendo, nunca viu nenhuma idade!
O reto magistrado, que respeita,
mais que ao chefe, as leis do seu monarca,
ordena que o porteiro, *incontinenti*
as pertendidas casas meta a lanço.
Honrado cidadão o preço cobre;
o porteiro passeia pela rua,
repete, em alta voz, o lanço novo
e prossegue a falar, assim dizendo:
"Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três,
dou-lhe outra mais pequena, afronta faço;
se ninguém mais me oferece, arremato".
Ao lanço do Brundúsio ninguém chega.
Informado o juiz, ordena e manda
que o prédio se remate; então se chega
o porteiro risonho ao licitante,
e lhe diz — "que lhe faça bom proveito" —
ao mesmo tempo que lhe entrega o ramo.

Parte logo o soldado e conta ao chefe
o sucesso da praça. O bruto monstro,
julgando profanado o seu respeito,
manda lançar no pobre licitante
um pesado grilhão e manda pô-lo,
ajoujado com um despido negro,
a trabalhar nas obras da cadeia.
O preso injuriado desfalece,
e o chefe desumano desce à rua,
para que possa de mais perto vê-lo.
Sucede a um desmaio outro desmaio;
o negro companheiro, então, lhe acode,
nos braços compassivos o sustenta;
porém o vil chefe, que deseja
o vê-lo ali morrer, por um soldado
manda ao negro dizer que ao preso deixe
e cuide em prosseguir no seu trabalho.
Os mesmos desumanos, que rodeiam
tão bruto general, aqueles mesmos
que, alegres, executam seus mandados,
apenas escutaram tal preceito,
um pouco emudeceram e tiveram
os rostos tristes, muito tempo, baixos.
Os outros, Doroteu, deram suspiros
e, bem que forcejaram, não puderam
fazer que os olhos não se enchessem d'água.

Eu creio, Doroteu, que tu já leste
que um César dos romanos pertendera
vestir ao seu cavalo a nobre toga
dos velhos senadores. Esta história
pode servir de fábula, que mostre
que muitos homens, mais que as feras brutos,
na verdade conseguem grandes honras!
Mas ah! prezado amigo, que ditosa
não fora a nossa Chile, se antes visse
adornado um cavalo com insígnias
de general supremo, do que ver-se
obrigada a dobrar os seus joelhos
na presença de um chefe, a quem os deuses
somente deram, a figura de homem!

Então, prezado amigo, o néscio povo
com fitas lhe enfeitara as negras clinas,
ornara a estribaria com tapetes,
com formosas pinturas, ricos panos,
bordados reposteiros e cortinas;
um dos grandes da terra lhe levara
licor, para beber, em baldes d'ouro,
outro lhe dera o milho me ricas salvas;
mas sempre, Doroteu, aqueles néscios
que ao bruto respeitassem, poderiam
servi-lo, acautelados e de sorte
que dar-lhes não pudesse um leve couce.
Eis aqui, Doroteu, o que nos nega
uma heróica virtude. Um louco chefe
o poder exercita do monarca
e os súditos não devem nem fugir-lhe
nem tirar-lhe da mão a injusta espada.
Mas, caro Doroteu, um chefe destes
só vem para castigo de pecados.
Os deuses não carecem de mandarem
flagelos esquisitos; quase sempre
nos punem com as cousas ordinárias.
O mundo inda não viu senão um corpo
em branco sal mudado, e só no Egito
fez novas penas de Moisés a vara.
Perguntarás agora que torpezas
comete a nossa Chile, que mereça
tão estranho flagelo? Não há homem
que viva isento de delitos graves,
e, aonde se amontoam os viventes
em cidades ou vilas, aí crescem
os crimes e as desordens, aos milhares.
Talvez, prezado amigo, que nós, hoje,
sintamos o castigos dos insultos
que nossos pais fizeram: estes campos
estão cobertos de insepultos ossos
de inumeráveis homens que mataram.
Aqui os europeus se divertiam
em andarem à caça dos gentios,
como à caça das feras, pelos matos.
Havia tal que dava aos seus cachorros,
por diário sustento, humana carne,

querendo desculpar tão grave culpa
com dizer que os gentios, bem que tinham
a nossa semelhança enquanto aos corpos,
não eram como nós enquanto às almas.
Que muito, pois, que Deus levante o braço
e puna os descendentes de uns tiranos
que, sem razão alguma e por capricho,
espalharam na terra tanto sangue!

Carta Décima Primeira

Em que se contam as brejeirices de Fanfarrão

No meio desta terra há uma ponte,
em cujos dous extremos se levantam
de dous grossos rendeiros as moradas;
e apenas, Doroteu, o sol declina,
a descansar de Tétis[140] no regaço,
neste agradável sítio vão sentar-se
os principais marotos, e, com eles,
a brejeira família de palácio.

Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
as horas em conversa deleitosa:
um conta que o ministro, à meia-noute,
entrara no quintal de certa dama;
diz outro que se expôs uma criança
à porta de Florício, e já lhe assina
o pai e mais a mãe; aquele aumenta
a bulha que Dirceu com Laura teve,
por ciúmes cruéis da sua amásia;
este chama a Simplício caloteiro
e mofa, ao mesmo tempo, de Frondélio,
que o seu dinheiro guarda. Enfim, amigo,
aqui, aqui de tudo se murmura.
Só se livra da língua venenosa
o que contrata em vendas de despachos
e quem se alegra, ao ver que a sua moça
ajunta, pela prenda, um par de oitavas:
que os membros do congresso são prudentes
e não querem que alguns dos companheiros
tomem esta conversa em ar de chasco.[141]

Amigo Doroteu, ah! neste sítio
eu não me dilatara um breve instante
em dia de trovões, bem que estivesse
plantado todo de loureiros machos![142]

Por este sítio, pois, passei há pouco,
cuidando que, por ser mui cedo ainda,
não toparia à corja dos marotos.
Mas, apenas a vi, fiquei tremendo,
qual fraco passageiro, quando avista,
em deserto lugar, pintadas onças.
Contudo, Doroteu, criei esforço
e fui atravessando pelo meio,
rezando sempre o credo e, por cautela,
fazendo muitas cruzes sobre o peito.
Apenas me salvei daquele risco,
um suspiro soltei, que encheu os ares,
e, voltando o semblante para o sítio
em que os tais mariolas[143] se assentavam,
maneando a cabeça um par de vezes
e soltando um sorriso, em ar de mofa,
dentro do meu discurso, assim lhes falo:
"Vocês, meus mariolas, meus tratantes,
estão contando histórias das pessoas
de quem não são afetos, por que as levem
aos ouvidos do chefe os seus lacaios;
pois eu também já vou contar verdades,
em que possam falar os homens sérios
inda daqui a mais de um cento de anos".
Recolhi-me à choupana e, de repente,
sem tirar a gravata do pescoço,
entrei a pôr em limpo esta cartinha,
que já, pelo caminho, vim compondo.

Entendo, Doroteu, que as nossas almas
não são todas iguais; que o grande Jove
fez umas de matéria muito pura,
fez outras de matéria mais grosseira,
por não perder as borras que ficaram.
Entendo, ainda mais, que o despenseiro,
quando lhe vão pedir algumas almas,
vai dando aquelas que primeiro encontra.

Por isso, às vezes, nascem os mochilas[144]
com brios de fidalgos, outras vezes
os nobres com espíritos humildes,
só dignos de animarem vis lacaios.
O nosso Fanfarrão, prezado amigo,
nos dá mui boa prova: não se nega
que tenha ilustre sangue, mas não dizem
com seu ilustre sangue as suas obras.

Apenas, Doroteu, a noite chega,
ninguém andar já pode, sem cautela,
nos sujos corredores de palácio.
Uns batem com os peitos noutros peitos;
outros quebram as testas noutras testas;
qual leva um encontrão, que o vira em roda;
e qual, por defender a cara, fura,
com os dedos que estende, incautos olhos.
Aqui se quebra a porta e ninguém fala;
ali range a couceira[145] e soa a chave;
este anda de mansinho, aquele corre;
um grita que o pisaram, outro inquire
"Quem é?" ao vulto, que lhe não responde.
Não temas, Doroteu, que não é nada,
não são ladrões que ofendam, são donzelas
que buscam aos devotos, que costumam
fazer, de quando em quando, a sua esmola.
Chegam-se, enfim, as horas, em que o sono
estende na cidade as negras asas,
em cima dos viventes espremendo
viçosas dormideiras. Tudo fica
em profundo silêncio; só a casa,
a casa aonde habita o grande chefe,
parece, Doroteu, que vem abaixo.
Fingindo a moça que levanta a saia
e voando na ponta dos dedinhos,
prega no machacaz, de quem mais gosta,
a lasciva embigada, abrindo os braços.
Então o machacaz,[146] mexendo a bunda,
pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
ou dando alguns estalos com os dedos,
seguindo das violas o compasso,
lhe diz — "eu pago, eu pago" — e, de repente,
sobre a torpe michela[147] atira o salto.

Ó dança venturosa! Tu entravas
nas humildes choupanas, onde as negras,
aonde as vis mulatas, apertando
por baixo do bandulho a larga cinta,
te honravam cos marotos e brejeiros,
batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
nas casas mais honestas e palácios!
Ah! tu, famoso chefe, dá exemplo.
Tu já, tu já batucas, escondido
debaixo dos teus tetos, com a moça
que furtou ao senhor o teu Ribério!
Tu também já batucas sobre a sala
da formosa comadre, quando o pede
a borracha função do santo Entrudo.
Ah! que isto, sendo pouco, é muito, e muito!
Que os exemplos dos chefes logo correm,
e correm muito mais, quando fomentam
aqueles vícios a que os gênios puxam.
O tempo, Doroteu, voando foge,
e nunca os de palácio imaginaram
que tão veloz fugia, como agora.
Acaba-se a função e chega o dia;
vem abrir as janelas um criado,
e o chefe lhe pergunta que algazarra
fizeram os mais servos toda a noite,
que o não deixou dormir um breve instante.
O criado, que sabe que o bom chefe
só quer que lhe confessem a verdade,
o sucesso lhe conta desta sorte:
"Fizemos esta noite um tal batuque!
Na ceia todos nós nos alegramos;
entrou nele a mulher do teu lacaio;
um só, senhor, não houve que, lascivo,
com ela não brincasse; todos eles,
de bêbedos que estavam, não puderam
o intento conseguir; só eu, mais forte..."
Apenas isto diz o vil criado,
o chefe as costas vira e lhe responde,
soltando um grande riso: "Fora, fracos!"

Já disse, Doroteu, que as mocetonas
só entram em palácio, quando estende
a noite sobre a terra a negra capa;
que a formosa virtude da cautela
até parece bem naquele mesmo
a quem a profissão lhe não exige
que viva recatado, como vivem
as moças, que inda querem ser donzelas.
Agora, Doroteu, julgar já podes
que saem de palácio muito cedo.
Assim é, Doroteu; as donzelinhas
pela porta travessa vão saindo,
mal tocam as garridas à primeira.
Mas a bela Rosinha fica e dorme,
nos braços de Matúsio, a madrugada;
só sai de dia claro, e o grande chefe
lhe atira uma pedrinha da janela,
só para que lhe dê um ar de graça!
Que grande estimação, Rosica bela!
Aqui se mostra bem que as outras moças
não trazem, como trazes, lucro à casa.
Não há, prezado amigo, quem não queira
mostrar-se liberal com sua dama.
Para dar-lhe o vestido, mais a capa,
o manto, a saia, a meia, a fita, o pente,
tira o pobre de si e, destro, furta
o peralta rapaz ao pai jarreta.[148]
Eu mesmo, Doroteu, que fui dos tantos
que em Salamanca andaram, umas vezes
doenças afetava, outras fingia
necessitar de livros, ou de um traste,
para mandar de mimo a certo lente.
Maldita sejas tu, harpia Olaia,
que, enquanto não abria a minha bolsa,
não mostravas também, alegre, os dentes!
Esta paixão, amigo, que nos vence
nos próprios animais também se observa:
esgravatam os galos sobre a terra
e, mal topam o grão ou a migalha,
contentes cacarejam, por que a moça
se vá utilizar do seu trabalho.

O nosso ilustre chefe, que se julga
de mui diversa massa do que somos,
neste ponto, também, também conhece
que está sujeito à miséria d'homem.

Nas obras, doce amigo, da cadeia,
trabalham jornaleiros por salário.
Aqueles que carregam cal e pedra
só ganham, por semana, meia oitava;
aqueles que trabalham de canteiro[149]
ao menos ganham, cada dia, um quarto.
Tem, pois, certa mocinha quatro negros
que apenas são serventes; mas o chefe
ordena que, na féria, se lhes pague
a quarto os seus jornais, e creio, amigo,
que ainda não consente se descontem
os muitos dias que nas obras faltam.

As casas onde mora esta madama
ainda não estavam acabadas;
agora já de longe a cal alveja.
Quem entra dentro delas já recreia
os olhos nas pinturas das paredes
e teto apainelado, a quem, um dia,
supria, Doroteu, a grossa esteira.
Não quis o nosso herói chamasse a moça,
para mestre das obras, um pedreiro:
entregou o conserto ao grão tenente,
que o fez bem baratinho, co massame[150]
que pertencia às obras da cadeia.

Entende Fanfarrão que não devia[151]
deixar ao desamparo a sua dama;
qua a lei da Igreja pede que amparemos
as que, por nossa culpa, se perderam;
e a lei da fidalguia, que professa
o nosso chefe, manda que ele ampare
às mesmas, que na fama já têm nota,
contanto que isto seja à custa alheia.
Chama, pois, o bom chefe a um peralta,
que era cabo-de-esquadra, e lhe comete
a glória de casar com uma dama
que, se não fez descer dos céus à terra

ao Supremo Tonante,[152] fez, contudo,
humanizar um chefe, que descende
da mais distinta, mais soberba raça.
Que súbita alegria banha o rosto
deste inocente cabo! Nos seus olhos
as lágrimas rebentam, e os seus beiços
formar não podem uma só palavra.
A dita, Doroteu, é muito grande.
Que fortuna não é casar um pobre
com a rica viúva de um fidalgo?
Chamar ao fidalguinho, que ele deixa,
ou enteado ou filho? Aparentar-se
com todos os magnates desta terra
em grau tão conhecido e tão chegado?
Esta grande ventura, doce amigo,
para todos não é. O negro demo
a guarda para prêmio dos serviços
dos chefes principais dos seus bandalhos.

Mas ah! prezado amigo, que o bom chefe
já manda aparelhar as magras bestas,
que têm de conduzir-lhe o pobre fato
que trouxe lá da corte; e se o casquilho
não chega a receber a cara esposa
primeiro que ele no governo morra,
bem pode ser, amigo, se arrependa
e que, depois de ter cingido a banda
e empunhado o bastão, lhe pregue o mono.[153]
Faltaram às promessas outros homens,
que, de honrados, nos deram muitas provas.
Como faltar não pode ao seu ajuste
um fraco coração, uma alma indigna
que, por tão baixo preço, a honra vende?
Cautela e mais cautela; sim, o chefe
não saberá mandar armadas tropas,
nem saberá reger as cultas gentes,
mas, para o não lograrem, sabe, astuto,
dar todas as cadimas[154] providências.
Escreve ao velho bispo e lhe suplica
que em todos os três banhos[155] o dispense;
não expende razão que justa seja;
porém o velho bispo tem bom gênio
e em todos os proclamas o dispensa;

que ele tem grandes letras e bem sabe
que os cânones da Igreja não pensaram
da espécie singular de quando um chefe
quer, à pressa, casar a sua amásia.
Ah! se ele estas desordens não fizera,
não daria motivo a ser cantado
por sábia, oculta musa, em um poema!

Agora inquirirás, prezado amigo,
se é este sábio bispo aquele mesmo,
que o bruto Fanfarrão, em certo dia,
meteu na sua sege, ao lado esquerdo?
É este, sim, senhor, o mesmo bispo,
a quem o nosso chefe desalmado,
enquanto governou a nossa Chile,
já dentro de palácio e já na rua,
tratou como quem trata um vil podengo.[156]
De novo inquirirás: "Então um chefe,
que trata dessa sorte ao seu prelado,
atreve-se a pedir-lhe que lhe faça
dispensa em uma lei, a benefício
da sua torpe amásia?" Eu, doce amigo,
ainda duvidara, se pedira
me desse absolvição dos meus pecados,
ao ver-me para dar a Deus a minha alma.
O mesmo, Doroteu, também fizeras;
mas tu, prezado amigo, não conheces
o sistema que tem tão vil canalha.
Uma mui grande parte destes chefes
assenta em procurar seu interesse
por todos os caminhos, e acredita
que o brio e pundonor, que nós prezamos,
são umas vãs fantasmas, que só devem
honrar de simples voz aqueles homens
que vêm de uma distinta e velha raça.
Para estes a nobreza está nos termos
do sórdido monturo, em que se deita
quanta imundice têm as velhas casas.
Ditoso de quem vive, neste mundo,
no estado de ver rir os outros homens
das suas vis ações, sem que lhe suba
um vermelho sinal de pejo à cara!

Mas ah! meu doce amigo, quanto, quanto
se enganam estes monstros, que a nobreza
é um vestido branco, aonde logo
aos olhos aparece a leve mancha!

Já chega, Doroteu, o alegre dia,
o dia venturoso do noivado.
Entra no santo templo a linda esposa,
coberta toda de umas novas graças.
Os seus louros cabelos não flutuam,
levados pelo vento a toda a parte:
em tranças se dividem e se prendem
no pente, a quem esconde um branco laço;
nos cabelos da frente resplandecem
das pedras de mais custo os fogos vários;
a sua testa iguala a pura neve
e são da cor da rosa as suas faces;
são pérolas mimosas ou seus dentes,
as gengivas rubins, e os grossos beiços
estão cobertos dos cheirosos cravos.
Talvez, talvez não fosse tão formosa
a mesma que obrigou ao forte Aquiles
a que, terno, vestisse a mole saia.[157]

Neste sagrado templo não se adora
a imagem de Himeneu;[158] aqui os noivos,
para prova da fé que, eterna, dura,
não recebem na mão acesa tocha.
Ministro do Senhor é quem os prende,
cobrindo as castas mãos, com que se enlaçam,
co'a branca ponta da pendente estola.
Aqui lascivas graças, nus amores
não cercam os consortes, nem maneiam,
em torno dos altares e das piras,
os vistosos festões de lindas flores.
Aqui, aqui só entram as virtudes,
a cândida modéstia, a inocência,
a santa honestidade e a vergonha.
São estas e não outras as que correm
a receber, à porta do edifício,
os sinceros amantes; sim, são estas,
são estas e não outras, as que espalham,
debaixo dos seus pés, cheirosas folhas

e as que fazem queimar, sobre os braseiros,
o incenso devoto e os mais aromas.
Recebem estes gênios aos dous noivos
e ao ministro do altar os apresentam.
Ah! formosa Marília, agora, agora
se aumentam tuas graças, pois te aviva
a cor da linda face um novo pejo!
Com que custo não dás a mão nevada
ao teu amado Adônis, que a recebe
como quem lucra nela o seu tesouro!

Já não veste Jelônio a grossa farda
com divisas de lã e, sobre a testa,
não põe a barretinha, a quem enfeita
com armas e botões de grosso estanho.
Já não cinge as correias amarelas,
nem carrega na cinta o peso enorme
dos férreos copos da comprida espada.
Jelônio se mudou, Jelônio é outro!

Já brilham, nos canhões,[159] os alamares
das finas lentejoulas, e, nos ombros,
já brilham as dragonas, enfeitadas
cos grandes cachos das lustrosas flores.
Jelônio se mudou, Jelônio é outro!

A veste de cetim já resplandece
orlada co galão da fina prata,
e, por cima da veste, já se enrola
na cintura a vermelha e rica banda.
Jelônio se mudou, Jelônio é outro!
Como está belo! Como está casquilho!
Concerta do babado a fina renda,
olha uma e outra vez os alamares,
endireita a cucula,[160] estende a perna;
não consente um só fio sobre a farda;
levanta o pescocinho, morde os beiços,
e o seu cabelo com a mão afaga.
Jelônio se namora de si mesmo,
ainda, ainda mais que o terno Adônis,
quando viu o seu rosto dentro d'água.
Jelônio se mudou, Jelônio é outro!

Então, os militares que o rodeiam,
amado Doroteu, risonhos, mofam.
Um pisa com o pé nos pés vizinhos;
puxa outro pelas pontas das fardetas
aos amigos chegados; este acena
cos olhos e cabeça aos companheiros
que lhes ficam defronte; aquele tapa,
fingindo que tem tosse, a alegre boca;
qual foge da presença... mas que vejo!
Tu, Doroteu, carregas sobre os olhos
as grossas sobrancelhas? Tu enrugas
a testa levantada? Tu inflamas
as faces já desfeitas e suspiras?
Acaso tu presumes que eu murmuro
do fato de casar o nosso chefe
a sua terna amásia? Não, amigo,
eu conheço também aonde chegam
os deveres de quem nasceu fidalgo:
obrou o nosso chefe o que eu faria.
Murmuro, Doroteu, mas é do dote;
do dote, sim, do dote. Dize, a banda,
a castão de coquilho, as mais insígnias,
são dotes que se dêm a uma soldado,
porque serviu ao chefe, em receber-lhe,
sem vergonha do mundo, a sua amiga?
Não achas insolência e desaforo
ver os porta-bandeiras, os cadetes,
e os furriéis já velhos, preteridos
só para premiar-se com o posto,
que por lei lhes pertence, um torpe crime?
São estes, Doroteu, os grandes cabos,
de quem a triste pátria fiar deve
a sua salvação? São estes? Dize...
Agora já te calas. Pois não tornes
a mostrar-me, outra vez, o gesto irado,
que um dia hei-de enfadar-me; e, se me enfadas,
ainda que me peças de joelhos,
não hás-de receber da minha pena,
em verso ou prosa, mais uma só carta.

Carta Décima Segunda

Aquele que se jacta de fidalgo
não cessa de contar progenitores
da raça dos suevos, mais dos godos;
o valente soldado gasta o dia
em falar das batalhas, e nos mostra
das feridas, que preza, cheio o corpo;
o louco namorado não descansa,
enquanto tem quem ouça as aventuras
que fez com as madamas, mais senhoras,
benzendo-se mil vezes, quando chega
aos lances apertados de ser visto
dos maridos, dos pais e dos parentes,
em quem, só por milagre, não foi morto.
Assim, assim, também, o teu Critilo
não cansa de escrever-te, enquanto encontra
do tolo Fanfarrão, do indigno chefe,
estranhas bandalhices que te conte.
Ah! sofre, amigo, que te gaste o tempo,
pois conter-se não pode, bem que queira,
que a força da paixão assopra a chama,
a chama ativa do picante gênio.

Já sabes, Doroteu, aonde chega
do nosso Fanfarrão a bizarria
em premiar serviços de uma dama.
Agora, nesta carta, vou mostrar-te
até aonde chegam as grandezas
que fez com os marotos, por que tenhas
do seu fidalgo gênio noção clara.

Qual negra tempestade, que carrega
as nuvens de cupins e de formigas,
que criam, com as chuvas, longas asas,
assim o nosso chefe traz consigo
arribação infame de bandalhos,
que geram também asas, com a muita,
nociva audácia que lhes dá seu amo.
Na corja dos marotos aparece
um magriço mulato, a quem o chefe,
por oculta razões, estima e preza.

Talvez que, noutro tempo, lhe levasse
os miúdos papéis às suas damas,
ocupação distinta, que já teve
um famoso Mercúrio, que comia
sentado à mesa dos mais altos deuses.
Deseja o nosso chefe que este lucre
quatrocentas oitavas, pelo menos,
e, para que não saiam do seu bolso,
descobre esta feliz e nova idéia:
dispõe dos bens alheios como próprios;
no público teatro de Lupésio
ordena, Doroteu, se represente
uma vista comédia, por que fiquem
para o velho mulato os lucros dela.
Ordena, ainda mais, que o seu Robério
os boletos reparta pelas damas,
pelos contratadores opulentos
e por quantos casquilhos os quiserem
pagar, ao menos, por dobrado preço.
Robério assim o faz; supõe, coitado,
que prometeu pedir alguma missa.
E, junto co mulato, vai entrando
em uma e outra casa, aonde deixa
ou selado papel, para a platéia,
ou, com tábua pendente, a velha chave.
Ah! nota, Doroteu, que ação tão feia!
Aquele bruto chefe, que não paga
às pessoas mais nobres o cortejo
sequer por um criado, agora manda
que o seu próprio Robério, o seu bom aio,
ande de porta em porta, qual mendigo,
pedindo para um bode[161] a benta esmola!
Então, amigo, a quem? a quem? aos mesmos
que tem desfeiteado muitas vezes,
e às pobres, que é mais, às pobres moças,
que hão-de ganhar, à custa do seu corpo,
com que possam pagar deste convite
um tão avantajado, indigno preço.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Chegou-se, Doroteu, a noite alegre
destinada à função; e o vil Robério
dá nova prova de fervor e zelo:
vai-se pôr, com o traste do mulato,
na porta da platéia; e, quando acaba
a primeira jornada, também, corre
os cheios camarotes: fina idéia!,
para ver se os tolinhos assim largam,
na copa do chapéu que a esmola apanha,
embrulhos de mais peso! Ah! doce amigo,
quem bandalho nasceu, inda que suba
ao posto de major, morreu bandalho,
que o tronco, se dá fruto azedo ou doce,
procede da semente e qualidade
da negra terra, em que foi gerado.

Servia-se este chefe de um lacaio,
e, por não lhe pagar salário certo,
deu neste ardil também: quando ia às festas
lhe dava o seu brandão,[162] e as mais pessoas,
que estavam na tribuna, por obséquio,
lhe davam as compridas, grossas velas.
Se dava algum despacho, de que vinha
proveito à parte rica, lho entregava,
por que fosse ganhar o grande prêmio
com que os néscios, servidos, o brindavam.
Nas vésperas, amigo, da partida,
tratou de lhe fazer maior a safra:
passou atestações a todo mundo
e, sem saber se o mundo lhas queria,
mandou ao mesmo servo as entregasse
e os prêmios do trabalho recolhesse!
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Havia, Doroteu... mas não gastemos
o tempo em referir mais bandalhices
da mesma natureza; refiramos
outras, que sejam de diversa classe.
Não quero, Doroteu, que o justo tédio
que infunde a similhança, te duplique
o tédio que produz a minha frase.

Fizeram os devotos da uma imagem,
da festa protetor ao grande chefe.
Aceita o Fanfarrão do cargo a honra
e medita fazer um grão festejo:
ordena aos cavaleiros, que vieram
correr as argolinhas,[163] em obséquio
do ditoso consórcio dos infantes,
que esperem, nesta terra, à sua custa,
e que, nos dias da função, repitam
os feitos jogos, com o mesmo lustre.
Manda que o grande curro, que o Senado
fez levantar na praia, permaneça,
e venham, os boizinhos, que, por serem
mais bravos do que os outros, se guardaram,
mal rapavam o chão e mal corriam,
atrás do mau capinha, no terreiro.
Eis aqui, eis aqui, amigo, o como
se fazem cousas grandes, sem despesa.
Manda mais o bom chefe que se aluguem
os palanques a quatro oitavas d'ouro,
para que se comprasse um patrimônio
à sacrossanta imagem, deste lucro.
Que sábias intenções, que fins tão santos!
Celebram-se os festins, e não escapa
um camarote só, que não se alugue;
mas deste rendimento não se sabe,
que a compra se meteu, de todo, a bulha.

Não penses, Doroteu, que o nosso chefe
comeu este dinheiro. Longe, longe
de nós este tão baixo pensamento.
Indo já no caminho, o seu Matúsio
passou sobre Marquésio certa letra,
para que se pagasse ao Santo Cristo.
Agora considera se este fato
não mostra que ele zela a consciência.
Agora inquirirás se o tal Marquésio
pôs na sacada letra o seu "aceito".
Não pôs, não pôs, amigo, porque disse
que deste passador[164] não tinha efeitos.
Porém o bom Matúsio, mais seu amo,
levam as consciências descansadas,

pois não devem supor, pelo costume,
que a letra não pagasse o mau rendeiro.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Roubou um seu criado a certa escrava
e dentro lha meteu do seu palácio.
Conheceu o senhor quem fez o furto,
e foi pedir ao chefe que mandasse
que o terno roubado restituísse
a serva, com os lucros, pois cedia
de toda a mais ação, que a lei lhe dava.
Que entendes, Doroteu, que obrou o chefe?
Que fez um sério exame sobre o caso?
Que, conhecendo ser a queixa justa,
meteu em duros ferros ao criado?
Que não lhe perdoou, enquanto o mesmo
ofendido queixoso não lhe veio
suplicar o perdão da culpa grave?
Devias esperar que assim fizesse,
mas, quando a razão pede certa coisa,
ele, então, executa o seu contrário.
Não zela, Doroteu, a sã justiça,
nem zela a honra própria, maculada
na sua habitação, que o servo muda
em trope lupanário. Não, não zela;
antes, prezado amigo, austero, estranha
ao mísero queixoso que se atreva
a supor que os seus servos são capazes
de poderem obrar excessos destes.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Passados alguns tempos, Ludovino
encontrou, uma noite, a sua escrava
e a casa a conduziu do bom Saônio,
aonde, em hospedagem, se abrigava.
Aqui lhe perguntou a longa história
da fugida que fez; e a triste serva,
com ânimo sincero, assim lhe fala:
"Ribério me induziu a que fugisse;
meteu-me no seu quarto, aonde estive

fechada muitos dias. Alugou-me,
depois uma casinha; aqui me dava
dos sobejos da mesa de seu amo,
para eu alimentar a pobre vida.
Tive dele dois filhos; o demônio
enganou-me, senhor, cuidei..." E, nisto,
queria mais dizer, porém, de pejo,
as lágrimas lhe estalam, e se cortam
as últimas palavras com suspiros.
Agora dirás tu, amigo honrado:
"Agora, agora sim, agora é tempo,
insolente Ribério, de nós vermos,
para exemplo dos mais, o teu castigo.
Os soldados já marcham, já te prendem,
já vens maniatado, já te metem
na sórdida enxovia, já te encaixam
no pescoço a corrente, e vais marchando
com rosto baixo, a ver Angola ou Índia".
Devagar, devagar com essas cousas:
os servos de palácio são os duques
do nosso Santiago, e não se prendem
por essas, nem por outras ninharias.
Atrevidos soldados já se aprontam,
mas não para prenderem a Ribério,
sim para conduzirem, entre as armas,
ao pobre Ludovino e a sua serva,
que já buscando vão a sua casa,
que dista desta terra muitas léguas.
É o mesmo Ribério quem caminha
a fazer, Doroteu, a diligência,
cobrindo a testa da insolente esquadra.
Já viste, Doroteu, insultos destes?
Já viste que pertenda um homem sério
que, à força, um bom senhor de si demita
a escrava desonesta, por que possa
ficar na mancebia? Já, já viste
que se mande prender ao ultrajado
pelo mesmo ladrão? Ah! caro amigo,
que destas insolências que te conto,
apenas pode ver quem mora em Chile!
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Há nesta grande terra um homem sábio[165]
e o único formado em medicina.
A este bom doutor estimam todos,
por sua profissão, por seus talentos,
por seu afável modo e, mais que tudo,
pelas muitas virtudes que respira.
Curava o nosso sábio a certo enfermo
e, vendo a vária febre e os mais sintomas,
ordena que ele tome um copo d'água,
a que dá de Inglaterra[166] o povo o nome.
Manda-lhe o boticário uma botelha,
que já servido tinha; o sábio, atento
a que ela poderia ter perdido
a força natural, a não aprova,
e passa a receitar outro composto,
que possa produzir o mesmo efeito.
Chorando, o boticário sobe ao chefe
e diz-lhe que o doutor a rejeitara,
por ser seu inimigo e, desta sorte,
tirar-lhe da botica o bom conceito.
Manda o chefe chamar aos boticários
e manda que examinem a garrafa;
concordam os doutores que não tinha
ainda corrupção, talvez por verem
que ainda conservava algum amargo.
Então, então o chefe, enfurecido,
ordena ao ajudante que ali mesmo
avise ao professor[167] que ele tem ferros,
cadeias e galés, com que reprima,
se neles prosseguir, os seus excessos.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Pensavas, Doroteu, que o nosso chefe
passasse à insolência, que refiro,
de insultar, por amor de um vil mulato,
um velho professor tão bem aceito
um velho professor, além de sábio,
na terra singular no seu ofício?
Não, meu prezado amigo, não pensava;
pois quero, Doroteu, dizer-te a causa:
esta grave ameaça e grave insulto

foi feita em tom de paga, porque o bode
curava, cuidadoso, ao próprio chefe
de mal oculto, que a modéstia cala.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
que tanto influxo tens sobre este leso!

Ah! dize, Doroteu, por que motivo
o pai de Fanfarrão o não pôs antes
na loja de algum hábil sapateiro,
cos moços aprendizes deste ofício?
Agora dirás tu: "Nasceu fidalgo,
e as grandes personagens não se ocupam
em baixos exercícios." Nada dizes.
Tonante, Doroteu, é pai dos deuses:
Nasceu-lhe o seu Vulcano[168] e nasceu feio.
Mal o bom pai o viu, pregou-lhe um couce
que o pôs do Olimpo fora, e o pobre moço
foi abrir uma tenda de ferreiro.

Carta Décima Terceira

....
....
....
....
Ainda, caro amigo, ainda existem
os vestígios dos templos suntuosos,
que a mão religiosa do bom Numa[169]
ergueu a Marte e levantou a Jano.[170]
Ainda, ainda lemos que elegera
para estas divindades sacerdotes,
e que muitas donzelas consagrara,
a fim de conservar-se aceso o fogo
em o templo de Vesta,[171] sobre as aras.
Também, também sabemos que este sábio,
para ter mais conceito entre o seu povo,
fingiu que a ninfa Egéria,[172] sendo noite,
vinha falar com ele, e que, benigna,
a forma do governo lhe inspirava.
O mesmo fez Sertório,[173] que dizia
que nada executava, que não fosse
ensinado por uma branca cerva,
que a deusa caçadora[174] lhe mandara.

Mafoma,[175] o vil Mafoma, astuto, segue
também este sistema: ao seu ouvido
acostuma a chegar-se a mansa pomba.
A nação ignorante se convence
de que este seu profeta conhecia
os segredos do céu, por este meio.
Não há, meu Doroteu, não há um chefe,
bem que perverso seja, que não finja
pela religião um justo zelo,
e, quando não o faça por virtude,
sempre, ao menos, o mostra por sistema.
....
....
....
....

Fim de "Cartas Chilenas"

Alvarenga Peixoto

Prefácio à Edição de

M. Rodrigues Lapa

Dizia Alberto Faria em 1918 que a biografia de Alvarenga Peixoto, na parte anterior à Inconfidência, era ainda um problema a resolver.[1] Durante quarenta anos, os biógrafos nada mais fizeram do que dar-lhe razão, limitando-se a carrear as inverdades que uma crítica mal informada tinha feito pesar sobre o poeta inconfidente. Tudo isso devido a uma lamentável omissão: o não aproveitamento dos documentos que jazem no pó dos arquivos, sem os quais se não pode fazer história. São esses documentos que nos permitem esclarecer agora alguns pontos fundamentais da sua biografia.

A data do seu nascimento e batismo e os locais onde passou a sua meninice e onde fez os seus primeiros estudos não foram ainda suficientemente dilucidados. Sabe-se que nasceu no Rio de Janeiro em 1743 ou 1744, porque ele próprio o declarou em inquirições de testemunhas e nos autos da devassa; mas nunca ninguém houve à mão a certidão de batismo. Das buscas efetuadas por Joaquim Norberto de Sousa Silva, seu primeiro editor global, nada resultou de positivo. São conhecidos os termos de ressentida amargura com que Joaquim Norberto se referiu à má vontade dos funcionários da Câmara Eclesiástica. Nós não encontramos esse ambiente hostil, embora as condições da consulta dos livros sejam ainda pouco favoráveis, por falta de uma sala de leitura. De todos os livros de assentos batismais só não pudemos ver o da paróquia do Campo Grande respeitante ao ano de 1744, porque esse livro não existe, parece nunca ter existido na Câmara Eclesiástica, segundo nos informaram. Também os registros de Inhaúma e Jacarepaguá estão muito estragados nesse ano e chegados, por vezes ilegíveis; mas pelos dizeres marginais e pelo que resta dos assentos, pode dar-se como certo que o nome de Inácio José de Alvarenga não figurava neles. Por conseqüência, tendo como seguro que foi batizado no Rio, porque isso mesmo consta do registro do seu casamento,[2] teremos forçosamente de concluir, até prova em contrário, que o seu assento de batismo estaria no livro do Campo Grande, hoje perdido, referente ao ano de 1744.

Quanto ao lugar onde teria feito os seus estudos menores, tem-se presumido até agora que o jovem Alvarenga freqüentasse o colégio dos je-

suítas do Rio de Janeiro, e disso têm tomado até orgulho os historiadores da Companhia. Não está provado que assim fosse. É possível que, por volta dos oito ou nove anos, o menino recolhesse a Braga, onde tinha parentes, e aí fizesse os seus estudos em qualquer colégio religioso. O mesmo fez mais tarde um parente seu, Miguel de Alvarenga Braga, natural do Rio, que, em fevereiro de 1770, com nove anos de idade, se passava ao Reino, matriculando-se mais tarde na Universidade de Coimbra.[3] Que a hipótese não é desarrazoada prova-o um passo das *Memórias particulares* do Dr. Inácio José Peixoto, guardadas em dois manuscritos da Biblioteca Municipal de Braga. Aludindo aos sucessos da Inconfidência de Minas, o advogado bracarense que, pelo apelido, talvez pertencesse ainda à família do inconfidente, assim se exprime: "Este sucesso foi resultado de ũa bebedice dos réus, ou mais ou menos. Um destes réus foi Inácio José de Alvarenga, bacharel e ouvidor que foi nas Minas, poeta famoso e criado aqui em Braga. Escreveu sonetos feitos na sua desgraça; a irmã, religiosa, que aqui tinha em Salvador, muito discreta, fez-se tonta e faleceu de paixão."[4] A mesma notícia, com alterações, vem no manuscrito 858 (sem paginação) da mesma biblioteca:

> Entre estes réus foi o célebre Inácio José de Alvarenga, aqui criado em Braga, mas era nascido da América... Era grande poeta, e por este reino andaram públicos sonetos que ele fez na prisão, muito patéticos.

Note-se que a segunda versão, esclarecendo embora o local do nascimento, insiste em Braga como lugar de criação. O testemunho aumenta de valor, pelo fato de o dr. Peixoto ser mais velho que o nosso Alvarenga.

Por conseguinte, não estamos certos se Alvarenga Peixoto teria ido do Rio ou de Braga a freqüentar em 1760 a Universidade de Coimbra; mas pelo testemunho que acabamos de aduzir, inclinamo-nos para Braga. Aliás, na própria inquirição para os lugares de letras, em 1767, uma testemunha declarou conhecer que o habilitando assistira alguns anos em Braga; outra disse ter notícia de que ele fora a Portugal e estivera algum tempo naquela cidade.[5]

Passemos à sua carreira universitária. Tal como vem exposta em *Brasília*, suplemento ao v. IV (1949), p. 233, não está certa. Aí se diz que se matriculou em Leis em 1.10.1760, continuando ininterruptamente os estudos até 1.10.1765. Ora a verdade é que ele interrompeu os estudos desde outubro de 1761 a outubro de 1763. Partiu para o Brasil nos fins de outubro ou princípios de novembro de 1761. Acompanhava-o Feliciano Gomes Neves, tio de Tomás Antônio Gonzaga, por parte de sua mulher, d. Lourença Filipa Gonzaga. Isso consta do seguinte passaporte:

> A Inácio José de Alvarenga, natural da cidade do Rio de Janeiro, filho legítimo de Simão de Alvarenga, se passou a atestação de não ser comissário

volante nem levar fazendas, mas ir para a dita cidade do Rio de Janeiro, sua pátria. — Lisboa, a 29 de outubro de 1761.[6]

Embora se pudesse matricular ainda em outubro de 1761, já não freqüentou evidentemente as aulas. Regressado à freqüência dos estudos em outubro de 1763, daí por diante até meados de 1766, o curso não sofreu interrupções. Em 3 de fevereiro de 1767 tomava o grau de doutor em Leis.

Foi um aluno distinto. Opositor às cadeiras de Leis, quando tomou grau deram-lhe a regência da cadeira de Instituta, que continuou por alguns meses. Esta particularidade tira-se da questão que teve mais tarde, em 1778, com o irmão de José Basílio da Gama, o vigário dr. Antônio Caetano de Almeida Vilasboas. Numa exposição coletiva, mas não assinada, evidentemente inspirada e talvez escrita pelo próprio Alvarenga, diz-se textualmente, como resposta às acusações que o pároco lhe fazia de despachar por assessores:

> Costumando todos despachar nos seus gabinetes a portas fechadas, ele despacha com as suas portas abertas, onde todas as partes entram com os seus requerimentos que lhe vem deferir sobre os muitos autos que está despachando; sendo aliás a sua literatura conhecida desde a Universidade, que do terceiro dia de graduado em Leis o fez subir à cadeira de Instituta, que lhe viu substituir por vários meses com geral aplauso, como afirmam nesta terra todos os formados do seu tempo, consta pelas notícias que de Portugal têm vindo e melhor constará lá à vista da mesma Universidade e lentes dela.[7]

Não sabemos propriamente em que condições econômicas Alvarenga freqüentaria os estudos. Seu progenitor, que faleceu logo após o nascimento da criança, deixou-lhe uma grande riqueza, comprometida, é certo, numa longa demanda judicial contra seu tutor, Manuel da Silva Braga, sócio e testamenteiro do pai. Acrescente-se a isto que tinha tios ricos no Brasil: Miguel de Alvarenga Braga, residente no Rio de Janeiro, mas com uma sesmaria no sul de Minas, na região de Aiuruoca; Octávio de Alvarenga Braga e Sebastião de Alvarenga Braga, residentes em Santos; e Francisco da Silva Braga e Alvarenga, no arraial da Anta, em Goiás. Destes últimos dois dizia que era único herdeiro uma exposição feita em 12 de julho de 1780 pelo dr. Cláudio Manuel da Costa acerca da arrematação das fazendas da Paraopeba.[8] O tio Sebastião era particularmente afeito ao sobrinho, pois o mimoseara com a doação duma sesmaria na Boa Vista, sul de Minas, que tinha três léguas de comprido por uma de largo. O jovem acadêmico era pois, pelo menos em potência, um sujeito muito rico: e isso pode dar-nos talvez uma primeira explicação do seu caráter: o do homem gastador, que vive à larga e vai pedindo a todo o mundo dinheiro por conta daquilo que um dia há-de herdar. Que isto

não é simples conjectura, prova-o, além do mais, uma carta sua, em 1779, a João Roiz de Macedo, em que lhe pedia dinheiros, com o fundamento de ter ganho a questão contra o seu tutor.[9] É possível que fosse o próprio tio Sebastião quem lhe financiasse os estudos em Coimbra, enquanto se não resolvia o pleito com o tutor; nesse caso tudo parece indicar que o rapaz receberia as mesadas do capitalista coimbrão Bento Roiz de Macedo, irmão do futuro grande contratador de Minas, João Roiz de Macedo, seu dedicado amigo e protetor.

Foi, como vimos, um aluno aplicado, numa escola bastante ruim, de que o ilustrado Dumouriez traçou por esse tempo o seguinte quadro, bem sombrio:

> A Universidade de Coimbra, a mãe dos sábios em Portugal, é uma escola bárbara, com todos os preconceitos escolásticos; apenas nela se conhece a filosofia de Aristóteles, com dez séculos de atraso, eriçada de todos os sofismas teológicos dos primeiros sábios da era cristã e de todas as sutilezas vergonhosas, irrazoáveis e absurdas da escola e da pedantaria. Esta Universidade contém mais de 4.000 escolares, que passam a vida na dissipação e na ignorância; a grande ocupação deles é fazerem palitinhos de dentes com madeira de buxo.[10]

Não sabemos se também faria palitos de dentes, é provável que não; mas com certeza namorava e fazia versos, como é costume ainda hoje nessa inspiradora cidade.

Dos seus primeiros contatos com a paisagem de Coimbra, sobranceada pela mole imponente do edifício universitário, resultou um soneto, "Ó pai da pátria, imitador de Augusto", no qual se imagina conduzido pelo próprio fundador, o rei d. Dinis, a ingressar na escola superior. É uma composição fruste dum menino a que os biógrafos vulgares atribuíram engenho precoce; o ritmo do verso é vacilante, a figuração psicológica do rei fundador pouco ajustada, pueril. Tem contudo certo valor documental, por ser uma primeira revelação das audácias da sua estética, que buscava a novidade da expressão quer na língua culta quer na popular. O emprego da forma *diente*, em lugar do mais culto *diante*, irmana-o a todos aqueles que usaram na literatura essa expressão vulgar, desde o baiano Gregório de Matos até Catulo Cearense e ao mineiro Guimarães Rosa. Datará da mesma época, senão um pouco antes aquele soneto "Nas asas do valor em Ácio vinha", que o cônego Januário da Cunha Barbosa dizia ter sido feito aos catorze anos, por ocasião de uma festa celebrada em honra de um bispo. É um exercício literário extraído da história romana. Outra composição sua, inédita até agora, a ode aos trabalhos de Hércules, "Tarde Juno zelosa", também tem todo o ar de exercício de escola e pertence por conseguinte à primeira fase da afinação do instrumento poético.

Não era ele o único a fazer versos; seus camaradas, Tomás Antônio Gonzaga, ainda seu parente, matriculado dois anos depois, Domingos Caldas Barbosa e outros brasileiros (em 1760 matricularam-se 18 em Leis e Cânones, em 1755 tinham-se matriculado 39, e 27 em 1759) também se dedicariam à poesia; e era natural que volvessem os olhos para aquele que, na distante Vila Rica de Ouro Preto, prestigiava as letras brasileiras, exercendo uma espécie de magistério por correspondência: Cláudio Manuel da Costa. Há efetivamente nas Epístolas de Cláudio, publicadas nas suas *Obras poéticas* em 1768, prova inegável de que se correspondia com jovens escritores brasileiros, residentes em Portugal e sobretudo em Coimbra. Ora, um destes escritores seria provavelmente Alvarenga Peixoto.

Não vamos ressuscitar, que não é ocasião para tal, a velha polêmica em volta do nome arcádico de Eureste Fenício, que Alberto Faria rotundamente negava ao nosso poeta, com aquela obstinação que lhe era peculiar e por vezes lhe cegava o claro entendimento. Somente avançaremos — e isso nos propomos demonstrar oportunamente — que não há nada que razoavelmente se oponha a essa identificação e que o anagrama *Fenício* se pode tirar belamente de *Inácio Joseph.* Eureste seria "o que vinha do Oriente". Aliás, quer-nos parecer que em 1762 ou 1763 Alvarenga estaria em Minas, talvez por motivo da compra e doação da lavra da Boa Vista, por seu tio Sebastião, e travaria nessa altura o primeiro contato com o dr. Cláudio Manuel da Costa.[11]

Há um curioso estudo a fazer, que pode dar, se bem conduzido, resultados interessantes: procurar nas numerosíssimas poesias avulsas, sem nome de autor, impressas e manuscritas, reunidas em miscelâneas da segunda metade do século XVIII, aquelas que, por certas indicações objetivas, possam pertencer a Alvarenga Peixoto. Andamos na pista de algumas dessas poesias, sobre que oportunamente nos pronunciaremos. A nossa atenção está posta muito particularmente num pequeno cancioneiro manuscrito, nº 2.814 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, anterior a 1779, que colige poesias que poderão ser de Gonzaga e Alvarenga Peixoto, e que são certamente, algumas, de João Xavier de Matos. Convém acentuar aqui as relações que existiam entre o poeta alentejano e o poeta brasileiro, relações que deviam datar já de Coimbra, cujos moços escritores deviam considerar o cantor de Olaia e chefe do neocamonismo como um modelo a seguir. Quando, em 1768, Alvarenga "lia no Desembargo do Paço", isto é, fazia as suas provas para os lugares da magistratura, João Xavier de Matos saudou o jovem jurista neste soneto de louvor:

Vai, ó sábio Alvarenga, expende, ousado,
Para o ponto as doutrinas terminantes,
Que a vencer em batalhas similhantes
Já vens do campo delas costumado.

Vai, que Minerva o dom te há preparado
Que só concede aos seus heróis Atlantes,
Pois que quer que, entre todos, te levantes
Com a coroa cívica adornado.

No templo da imortal Sabedoria,
Onde estão os Pompônios e os Trebácios,
Desde hoje a deusa pela mão te guia;

E assim como os Acúrcios, os Cujácios,
Veremos entre nós inda algum dia
Igualmente citarem-se os Inácios.

Rimas, ed. de 1782–3, v. III, p. 57.

Na briga literária que se acendeu por essa época em Lisboa, a chamada "guerra dos poetas", vemos por este soneto que Alvarenga devia ter enfileirado no grupo a que pertencia João Xavier de Matos. Por outros documentos literários do tempo sabemos que esse grupo, reunido na livraria de Desidério Marques Leão, compreendia, além dos dois, ainda Reis Quita, o suave poeta bucólico, e um acólito de Quita, o poeta menor Pedegache, de origem suíça. Um soneto de Alvarenga, então composto, foi saudado pelo grupo oposto por um coro de vaias: é o que começa pelo verso "Por mais que os alvos cornos curve a Lua". Aquela atrevida imagem dos "cornos da Lua", que aliás vemos repetida no *Uraguai* de José Basílio da Gama, deu no goto aos contemporâneos, e pouco depois corria um soneto ridicularizando o autor da imagem:

Certo aldeão de Sintra se apeava
Do jumento, e a beber o conduzia;
Bebeu o burro, e à volta pretendia
Montar no dono, e nisto porfiava.

— Burro atrevido, — o aldeão gritava —
Donde te veio a ti tanta ousadia?
— Tenho alma como tu, e não sabia
Que espírito tão nobre me animava!

— Tu tens alma, ó burro? Mais preclaro
És entre os burros. — Não é como a tua,
Imortal, mas meu juízo é claro.

— Quem te deu pois ou te emprestou a sua?
— Quem foi?: aquele espírito tão raro,
O grão Doutor que cornos deu à Lua.

Ms. 8582, p. 156 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Na rubrica inicial do soneto dizia-se: "Ao bacharel Inácio José de Alvarenga, juiz de fora de Sintra, que fez um soneto que principiava: Por mais que os alvos cornos mostre a Lua". E isto tem sua importância para datarmos o soneto em questão, que não pode ser endereçado à rainha d. Maria I, como pretendem as edições correntes, pelos seguintes motivos. Num soneto satírico, do tempo em que se presume Quita ainda vivo, fala-se dos "cornudos versos" de Alvarenga — cornudos, não por serem corneamente duros, mas por fazerem alusão aos cornos da Lua. Logo, o soneto do poeta ultramarino teria sido feito antes da morte de Quita (1770), provavelmente em 1769. Além disso, a rainha não era, como se sabe, uma beldade. Se quisermos admitir que o soneto seria dedicado à princesa e não à rainha, que só o foi em 1777, ainda assim resultaria chocante figurar uma pessoa real em companhia de deusas completamente nuas. Pelo que não teremos outro remédio senão endossar o soneto a uma bela Maria sem coroa. Por essa ocasião, em 1769, também publicou o bonito soneto "Entro pelo Uraguay: vejo a cultura", que estampou, como louvor, no poema *Uraguai* do seu patrício José Basílio da Gama, ao lado de um outro do dr. Joaquim Inácio de Seixas Brandão, também brasileiro. Já acrescenta ao seu sobrenome o apelido de Peixoto, o que já tinha acontecido esporadicamente na inquirição de 1768 para os lugares de letras. Com esse soneto, Alvarenga Peixoto dava pública adesão ao pombalismo e fazia-se recomendar do poderoso marquês, então conde de Oeiras. É conveniente festejar os que estão por cima...

Depois de feita a inquirição da praxe para os lugares de letras, o dr. Alvarenga achava-se habilitado, em fins de 1768, a exercer a magistratura. Teria sido nomeado nesse mesmo ano, ou em princípio de 1769, juiz de fora da vila de Sintra. Não conseguimos encontrar no Arquivo Nacional português a respectiva carta de nomeação. Mas transportamo-nos a Sintra e aí exploramos o Arquivo Judicial, que está, como todos os arquivos desse gênero, em muito mau estado de arrumação. Conseguimos apurar o seguinte: em 3 de janeiro de 1769, o juiz de fora era ainda Inácio de Gouveia Castelo Branco. Em 13 de janeiro deste ano ainda esse juiz assinou um termo; neste mesmo dia já Alvarenga rubrica os despachos, prova de que estava em funções em janeiro de 1769. No dia 1º de fevereiro de 1773 já o juiz era o dr. Joaquim José de Aguiar e Sá; e como a assinatura de Alvarenga aparece num auto de 20

de outubro de 1772, poderemos concluir, sem errar muito, que o nosso biografado exerceu a magistratura em Sintra desde janeiro de 1769 a dezembro de 1772. Revia-se com embevecimento no seu capelo de doutor e suas insígnias de juiz, como se tira de alguns dichotes que lhe dirigiam e transparece aliás numa sentença, de 21 de outubro de 1772, que encontramos no Arquivo Municipal de Sintra, em que ele estadia gostosamente todos os seus títulos:

> O dr. Inácio José de Alvarenga, provedor das sisas, presidente do Senado, superintendente das Décimas, juiz de fora e dos órfãos da vila de Sintra e seu termo, pela Fidelíssima Rainha Nossa Senhora e com alçada por El-Rei Nosso Senhor, que Deus guarde.

Isto diz bem com o que sabemos do seu temperamento e do seu caráter. Para a reedição das obras poéticas de Alvarenga Peixoto, exploramos metodicamente o recheio manuscrito das principais bibliotecas e arquivos portugueses e brasileiros. Tivemos a felicidade de encontrar numa coletânea datada de 1786 cinco sonetos inéditos seus e mais três que, dados sem nome de autor, talvez lhe pertençam também. É o manuscrito nº 8.610 da Biblioteca Nacional de Lisboa, com este título: "Coleção de sonetos sérios que se não acham impressos, extraídos dos manuscritos antigos e modernos, 1786". Ainda não desesperamos, em Portugal e no Brasil, de encontrar mais composições suas, além daquela pista, que acima indicamos, do códice 2.814 da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Mas estamos altamente satisfeitos com este achado, porque ele vem revelar no juiz de fora de Sintra qualidades de excelente poeta lírico, por vezes. Se mais produções forem encontradas deste período, marcadas pelo colorido da frase e pela arrojada sugestão da imagem, não há dúvida de que devemos colocar o "grão doutor" entre os bons líricos da época, justificando assim, apesar das ironias, a larga fama de que andava rodeado. Por se tratar de composições inéditas e visarem, na sua maior parte, uma distinta dama lisboeta que exerceu certa influência na vida literária portuguesa, vamos fazer sobre elas um comentário mais detido.

1. Eis o primeiro soneto do dr. Alvarenga:

De açucenas e rosas misturadas
Não se adornam as vossas faces belas,
Nem as formosas tranças são daquelas
Que dos raios do sol foram forjadas.

As meninas dos olhos delicadas,
Verde, preto ou azul não brilha nelas;
Mas o autor soberano das estrelas
Nenhua fez a elas comparadas.

Ah, Jônia, os açucenas e as rosas,
A cor dos olhos e as tranças d'oiro
Podem fazer mil ninfas melindrosas;

Porém quanto é caduco esse tesoiro:
Vós sobre a sorte toda das formosas
Inda ostentais na sábia frente o loiro!

Ms. 8.610, p. 313.

Não podia haver a menor dúvida sobre a musa inspiradora do soneto: Jônia, embora formosa, não era uma dessas belezas de espalhafato, que se impunham por qualidades propriamente físicas; sua formosura era realçada por um dom mais excelso e menos caduco: o dom da poesia. Está nomeada a bela musa: d. Joana Isabel de Lencastre Forjaz, senhora da mais alta aristocracia minhota, casada aos 13 anos com um velho de 66, Fernando Martins Freire de Andrade, de quem houve cinco filhos. Viúva aos 26 anos, em 1771, o marido pedia-lhe no testamento, por entre expressões de ternura, que não casasse novamente, o que a dama fez; mas não se pode exigir humanamente que um coração de 26 anos se cerre hermeticamente às solicitações do amor, ou pelo menos aos devaneios do sentimento, sobretudo quando se é formosa e cortejada.

Poetisa de menor categoria, imitadora de Camões, dava motes a glosar José Basílio da Gama, Tolentino e José Anastácio da Cunha. Caldas Barbosa celebrou-lhe a beleza, comparando-a com a condessa de Soure. Logo Jônia, com modéstia exemplar e talvez fingida, respondeu com outro soneto, no qual, louvando com superior isenção a beleza de Márcia, resolvia o prélio desta maneira:

Deus repartiu a nós prodigamente:
À bela Márcia graça e gentileza,
A mim bom coração: estou contente.

Ms. 8.582, p. 156 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

É conveniente advertir que havia ao tempo quem pusesse dúvidas sobre a originalidade dos versos da poetisa. Um dia, por morte da mãe, apareceu com um soneto de inspiração clássica: "Alma ditosa e pura, que gozais". Logo um gracioso lhe desfechou outro soneto, em que redondamente declarava que d. Joana tivera a colaboração de adjuntos para a formação de uma obra plagiada:

Mas o soneto é bom e obra de preço;
Grandemente fizeram os adjuntos
Sobre a letra redonda o seu congresso.

Porém ela e mais eles todos juntos,
Se é que haviam rezar o que anda impresso,
Mais valia a seqüência dos defuntos.

Ms. 407, fl. 280 da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Entre esses adjuntos supomos não estivesse o dr. Alvarenga...

As relações de José Basílio da Gama com Jônia provam-se por aquele soneto, "A idade, aquela idade que primeiro", que Norberto de Sousa reproduziu na edição das *Poesias* de Alvarenga Peixoto (pp. 70–71), sem saber quem seria a "ilustre matrona" celebrada e notando, com penetração, pontos de contato entre o soneto de Basílio e de Alvarenga, "Nem fizera a Discórdia o desatino". É que efetivamente, nessa época, uma estreita convivência e amizade unia os três escritores brasileiros. Temos uma curiosa referência, no documento posterior já aqui citado, ao modo acolhedor como o juiz de fora de Sintra recebia os seus conterrâneos, José Basílio da Gama e seu irmão Antônio Caetano Vilasboas, que andava, desde 1768, a estudar cânones em Coimbra:

> Estas porém são, as mais pequenas obrigações que o mesmo vigário deve ao dr. ouvidor, porque passa como verdade sabida que seu irmão José Basílio da Gama, hoje oficial da Secretaria dos Negócios do Reino, nunca teve outro amparo nem outra casa, nem outra mão que o socorresse, nem outros merecimentos que o despachassem senão o patrocínio do dr. ouvidor, em 7 ou 8 anos de Portugal, e o mesmo vigário continuamente se utilizava dos favores do dito ouvidor na companhia de seu irmão nos tempos de férias e em todos os mais que da sua casa se quis servir, seguindo-se-lhe de tudo isto, e do despacho de seu irmão, o desta igreja; de sorte que é voz pública serem ambos irmãos criaturas do dr. ouvidor. Disto podem ser testemunhas todas as pessoas da vila de Sintra, sem exceção de nenhuma; e como a maior parte da fidalguia, negócio e estrangeiros, freqüentam nas estações calmosas aquele país, todos podem dar um abonado testemunho desta verdade, já constante nesta vila por cartas dos mesmos irmãos, favorecidos ainda antes que o dr. ouvidor para cá viesse.

Daqui se conclui que os dois irmãos viviam em excelente camaradagem com o seu patrício, devendo-lhe assinalados favores, que o dr. Alvarenga conseguia, mercê do seu valimento junto das altas esferas governativas. Por isso, nada mais natural que José Basílio da Gama rendesse também culto poético a Jônia, inspiradora do seu amigo e protetor. Era um modo delicado de se lhe mostrar agradecido.

D. Joana Isabel vivia em Sintra boa parte do ano. Quando Manuel Inácio da Silva Alvarenga, de volta ao Brasil, em 1776, com o irmão de José Basílio, fez imprimir em Lisboa o *Templo de Neptuno*, com que festejou a aclamação de d. Maria I, não se esqueceu da musa dos poetas brasileiros:

Da alegre Sintra a desejada serra
Mal aparece, e o vale que, ditoso,
De Lília e Jônia a voz e a lira encerra.

Aliás, sabemos por documentos oficiais das Chancelarias que d. Joana possuía propriedades nas proximidades de Sintra. Temos notícia de uma provisão ao conde de Bobadela para subrogar com d. Joana uma terra por outra no termo de Sintra, em 26 de agosto de 1772,[12] e de outra provisão passada à mesma d. Joana para tomar de aforamento certas terras da Câmara de Cascais, em 9 de agosto de 1777.[13] Há toda uma série de pesquisas a fazer acerca desta senhora e suas relações com Alvarenga Peixoto; mas concebe-se perfeitamente que a vizinhança, necessidade de convivência, identidade de gostos, e depois o lance da viuvez, em 1771, e suas complicações judiciais, tivessem aproximado a bela dama do magistrado de Sintra. Talvez que nos arquivos dos condes de Camaride, se é que existem, haja elementos para um bom esclarecimento dessas relações e — quem sabe? — algumas composições do nosso poeta.

II. O segundo soneto inédito de Alvarenga documenta as relações, sem dúvida amigáveis, entre Jônia e Márcia, isto é, a formosa condessa de Soure:

Chegai, ninfas, chegai, chegai, pastores,
Que inda que esconde Jônia as graças belas,
Márcia corre a cortina das estrelas,
Quando espalha no monte os resplandores.

Debaixo dos seus pés brotam as flores,
Quais brancas, quais azuis, quais amarelas;
E pelas próprias mãos lhe orna capelas,
Bem que invejosa, a deusa dos Amores.

Despe a Serra os horrores da aspereza,
E as aves, que choravam até agora,
Acompanhando a Jônia na tristeza,

Já todas, ao raiar da nova aurora,
Cantam hinos em honra da beleza
De Márcia, gentilíssima pastora.

Ms. 8.610, p. 314.

É a descrição de uma leda manhã na serra de Sintra, eivada ainda de convencionalismo arcádico, mas onde parecem insinuar-se já toques de uma nova emoção da paisagem. Jônia, com a sua beleza discreta e suave, entregue à melancolia da viuvez, está agora em segundo plano, um segundo plano voluntário e estudado, só para encarecer um instante a formosura estridente da condessa de Soure, e, delicadamente, despertar

uma pontinha de ciúme à encantadora viúva. É evidente que o soneto anda ligado ao coro de homenagens e gabações que se fez em torno das duas damas. De notar, por flagrante e nova, aquela imagem feliz: "Márcia corre a cortina das estrelas." Efetivamente, a beleza de Jônia tem o quer que seja de crepuscular, que se ajusta bem à escuridão da noite, à luz pálida das estrelas; para definir o viçoso encanto de Márcia, só representá-la na figura dum astro radioso, que rasga subitamente o véu da noite (corre a cortina) e enche a terra de resplendores. Tudo isso se exprime admiravelmente naquele verso. Algum crítico mais exigente dirá que a imagem já aparece fundamentalmente em João Xavier de Matos, o amigo de Alvarenga. Isso é verdade. Mas o segredo do gênio literário não consiste apenas em *inventar* processos de expressão; consiste muito mais em saber *manipular* processos velhos, ajustando-os a novas situações. *Je prends mon bien où je le trouve...*

III. O terceiro soneto inédito já tem mais substância filosófica:

Passa-se ũa hora, e passa-se outra hora
Sem perceber-se, vendo os teus cabelos;
Passam-se os dias, vendo os olhos belos,
Partes do céu, onde amanhece a aurora.

A boca vendo, aonde a graça mora,
Mimosas faces, centro dos disvelos,
Vendo o colo gentil, de donde os zelos,
Por mais que os mandem, não se vão embora.

Que tempo há-de passar! Gasta-se a vida,
E a vida é curta, pois ligeira corre,
E passa sem que seja pressentida.

Ah, Marília, Marília, quem discorre
Nas tuas perfeições, gostosa lida,
Que alegre vive, que insensível morre!

Ms. 8.610 p. 317.

É o eterno tema da fuga do tempo ligada à contemplação da beleza. As duas primeiras quadras nada têm de especial, sendo a segunda, sem dúvida, um lugar comum da poesia arcádica, realçado contudo por aquela personificação travessa de "os zelos/por mais que os mandem, não se vão embora". Da primeira quadra, o verso final, na caracterização dos olhos, "partes do céu, onde amanhece a aurora", acredita, pelo jogo ousado das imagens e forte sugestão visual, o bom poeta que era Alvarenga Peixoto. Todo o valor da composição se concentra nos dois tercetos. E temos logo aí um pequeno problema de interpretação e pontuação a resolver naquele

quinto verso. A verdadeira lição do manuscrito parece ser: *Que tempo há de passar? gastou a vida.* Mas confessamos não achar sentido de jeito num verso assim restituído, pelo que propomos dar à primeira parte do verso uma feição exclamativa, enriquecendo-o de intuições poéticas. Para exprimir depois a fuga imperceptível da vida, um verso em que as aliterações dos *ss* parecem traduzir, num arrastar felino, o rumor de alguma coisa que se esvai...

Já não é Jônia a mulher amada: não pode ser sempre a mesma. Aos trinta anos do poeta, escaldiçado pelos ardores tropicais, a beleza espiritual de Jônia tinha de ser revesada por outra espécie de beleza, mais consistente, mais sensual. Quem será essa Marília? Será a de *"O retrato"*, que nas edições correntes vem falsamente atribuído a Anarda? Seja quem for, a idéia da fuga do tempo e da brevidade da vida não tem aqui nada de doloroso. A contemplação da beleza era uma "gostosa lida", isto é, uma procura minuciosa das perfeições, e nessa exploração da formosura passava-se a vida alegremente e vinha a morte sem dar por ela, com pés de lã... Note-se o acerto expressivo daquela repetição do *que* no verso final. O *como* exprimiria sobretudo a qualidade; o *que* traduz acima de tudo a intensidade.

IV. Outro soneto que não é da invocação de Jônia, mas de uma Silvana, nome muito vago, em que poderíamos ver todas as mulheres, inclusive Jônia, anteriormente crismada de Silvana, a linda da floresta:

Depois que dos seus cães e caçadores
Foi Anteão nos bosques perseguido;
E depois que a vingança de Cupido
Provou Cíntia por mão dum dos pastores.

Aqui as tenras aves d'entre as flores
Acompanham das fontes o ruído,
E os altares de Pafos e os de Gnido
Trocou por Sintra a deusa dos Amores.

Aqui, da pira ardente a chama acesa,
À amante, à ingrata, à tenra, à esquiva, à ufana
Vem disputar os prêmios da beleza.

Venceu a impiíssima Silvana:
Castiga, fere, Amor, quem te despreza:
Tens triunfo maior que o de Diana.

Ms. 8.610, p. 318.

Estamos em plena fantasmagoria mitológica: o culto de Vênus, misturado ao de Diana, e tudo isto transferido dos montes da Grécia antiga para os de Sintra. A lenda que fazia de Sintra o promontório da Lua im-

pôs-se à imaginação do poeta e fê-lo reviver os antigos mitos de Diana. Temos pois Sintra convertida em altar de Vênus. Faz-se alusão, sumaríssima, a um concurso de beleza. A vencedora conhecemos nós, mimoseada com os epítetos depreciativos de *ufana* (= orgulhosa) e *impiíssima* (= refratária ao amor); mas não sabemos se há uma concorrente ou se há mais, isto é, se aqueles adjetivos de valor desigual e contraditório, — *amante* — *ingrata, tenra* — *esquiva* — designam quatro, duas ou uma só mulher. É natural que sejam quatro, dada a variedade dos adjetivos para designar os tipos de mulher. Aquele *tenra* pode ser considerado, por hipótese, erro por *terna,* forma usada três vezes nas *Poesias* de Alvarenga Peixoto (ed. de 1865, pp. 218, 224, 258); mas também pode ser a forma legítima, pois *tenra* tinha também nos Clássicos um sentido moral.

V. O soneto seguinte, um dos mais belos da sua lavra, também sugere um problema interessante:

> Ao mundo esconde o sol seus resplandores
> E a mão da Noite embrulha os horizontes;
> Não cantam aves, não murmuram fontes,
> Não fala Pã na boca dos pastores.
>
> Atam as ninfas, em lugar de flores,
> Mortais ciprestes sobre as tristes frontes;
> Erram, chorando, nos desertos montes,
> Sem arcos, sem aljavas; os Amores.
>
> Vênus, Palas e as filhas da Memória,
> Deixando os grandes templos esquecidos,
> Não se lembram de altares nem de glória.
>
> Andam os elementos confundidos:
> Ah, Jônia, Jônia, dia de vitória
> Sempre o mais triste foi para os vencidos!

Ms. 8.610, p. 319.

O clima é de tristeza crepuscular e tem ainda como cenário, já se vê, a serra de Sintra. Num só verso, maravilhoso esse, o poeta traduz aquela sombra e aquela névoa que se entorna sobre todas as coisas e que vem da serra e do mar ali vizinho: "e a mão da Noite embrulha os horizontes." Imagem de extraordinária força expressiva, que mais parece, na sua audácia, coisa de um poeta de hoje. No último terceto resume-se num bom verso, "Andam os elementos confundidos", todo aquele espetáculo de desolação. E nos últimos dois versos, finalmente, levanta-se uma ponta do véu misterioso: o dia de vitória para o *outro* foi um dia de desgraça para o autor.

Quem foi esse *outro*? Não o sabemos; mas podemos ao menos conjeturar quem fosse. Aparece pelo ano de 1775 na vida de d. Joana Isabel uma outra figura de poeta, que conseguiu despertar-lhe vivamente a atenção, rodeado como andava de prestígios românticos, que se impunham fortemente às mulheres naquele último quarto do século. Referimo-nos ao jovem lente de Matemática da Universidade de Coimbra, José Anastácio da Cunha. Do seu processo na Inquisição, que aniquilou uma das mais pujantes genialidades da nossa cultura, salvou-se uma carta curiosíssima que em 4 de novembro lhe escreveu d. Joana Isabel.[14] É um impressionante documento da alma romântica, cheio de abandono e languidez. A mulher que assim se "entregava" já devia estar solta da influência de Alvarenga Peixoto: Jônia deixava o poeta neoclássico pelo poeta romântico, mais próximo da alma feminina.

Para essa mutação deveriam ter contribuído, segundo cremos, alguns fatos mais ou menos irregulares que assinalaram a sua estada em Sintra, e que deveriam ter chegado aos ouvidos da formosa dama das Picoas, nome do seu solar, nas imediações de Lisboa. A vida de Alvarenga Peixoto já então se anunciava como iria ser para o futuro, uma existência tomada do delírio das grandezas, sem tino, sem governo. Este desacerto fundamental parece ser nele mais do que uma tendência viciosa, tem o caráter de uma tara patológica. "Era gênio seu", como escreveria mais tarde, candidamente, a um amigo de ocasião, a quem pedia mercadorias emprestadas. Deve porém dizer-se, em seu abono, que nunca negou nenhuma das suas numerosas dívidas; e também é justo reconhecer que às vezes se endividava ou comprometia para valer a amigos, que nem sempre lhe agradeciam. Era largo e também generoso de condição. Durante algum tempo assistiu com uma mesada de 6$400 réis a sua irmã Ana Bárbara Joaquina, freira no convento do Salvador, em Braga, e que morreu de pesar, quando foi da sua condenação, por motivo da Inconfidência.

O seu primeiro capitalista parece ter sido aquele Bento Roiz de Macedo já mencionado, que lhe emprestaria dinheiros já em Coimbra. Em 21 de maio de 1771 reconhecia-se-lhe devedor da soma de 1.117$322 a juros de 5%, de que, em julho de 1790, já encarcerado, com juros acumulados de vinte anos e tendo feito uma amortização de 723$666 ainda estava devendo 1.510$978.[15] Escrevendo em 12 de fevereiro de 1795 a Francisco Antônio Rebelo, para tratar da liquidação deste débito, Bento Roiz de Macedo tratava o nosso poeta de "sabido Alvarenga",[16] e outros chamar-lhe-iam pela vida fora "caloteiro"; supomos porém que nenhum destes epítetos vulgares e desagradáveis lhe quadra perfeitamente e que o seu caso é mais complicado do que parece.

O outro capitalista foi Dionísio Chavalier, ou Chevalier, antigo capitão de navios, talvez de origem francesa, em casa de quem Alvarenga vi-

veu em Lisboa, e que de 1769 a 1775 lhe emprestou a bonita soma de 9.199$681, tudo provado com recibos, que o ex-juiz de fora assinou antes de embarcar para o Brasil. Esses créditos eram provenientes de

> mesadas que lhe deu enquanto foi juiz de fora em Sintra e de dinheiro que pagou por ele no Real Erário, por alcance que teve na Décima da dita vila, pelo suposto ou verdadeiro arrombamento que se lhe fez no cofre da dita Décima, e mais pelo que gastou com ele para o pôr corrente para ir para o Rio das Mortes por ouvidor, e mais dívidas que pagou por ele em esta terra (Lisboa) e Sintra, por ordem do dito.[17]

Aquela alusão malévola do credor a um suposto "arrombamento" é felizmente destruída no decurso da inquirição que se fez para a disputa de preferências: foi um escravo de Alvarenga quem arrombou o cofre; mas não deixou de pesar sobre aquele homem, de tão singular comportamento, essa suspeita infame.

As verbas alinhadas por Chavalier têm extraordinário interesse e dizem-nos, na sua acumulação pitoresca, toda a desordem daquela existência:

Mil setecentos setenta e cinco, setembro, nove: Por uma parcela que ficou fora das contas — cinco mil e novecentos réis. Onze: por dinheiro que recebeu — catorze mil e quatrocentos réis. Por dito — mais seis mil e quatrocentos. Catorze: pelo que se pagou ao taverneiro de Belém — dezasseis mil-réis. Dezassete: pelo que se pagou ao Simão capelista — dezassete mil e quinhentos. Dezanove: pelo que se pagou a Antônio Martins Pereira — dez mil cento e trinta e cinco. Vinte e seis: pelo que se pagou à casa de pasto de Debosque — doze mil e seiscentos. Outubro, nove: pelo que se pagou ao alfaiate José Lopes Teixeira — três mil e seiscentos. Dez: por mesada à irmã freira, em Braga — seis mil e quatrocentos. Dezoito: pelo que se pagou à casa de pasto em Sintra — quarenta e quatro mil novecentos e noventa. Vinte e seis: pelo que se pagou ao seleiro que fez os arreios — trinta e cinco mil-réis. Novembro, sete: por mesada à dita irmã freira — seis mil e quatrocentos... Mil setecentos e setenta e seis, maio, quatro: pelo que se pagou à conta ao mercador Domingos Gonçalves — noventa e seis mil réis... Setembro, cinco: pelo que se pagou ao procurador da causa com o alfaiate — dous mil seiscentos e quarenta...

Claro que Jônia saberia de tudo isto; os puritanos e os invejosos teriam o cuidado de revelar à distinta senhora as extravagâncias do juiz de fora. Depois, surgiu o outro, e acabou-se tudo.

Se as coisas do coração lhe corriam mal, ao menos os negócios da política iam de vento em popa, encostado como andava àquela árvore possante que era o primeiro ministro de d. José I. Em 20 de janeiro de 1774, assistira com José Basílio da Gama, em casa do morgado de Oliveira, no palácio da Anunciada, em Lisboa, a uma sessão poética em homenagem do marquês de Pombal, sogro do morgado. Supomos que a

composição de Alvarenga Peixoto aí recitada seria a ode "Não os heróis, que o gume ensangüentado", que é efetivamente uma das suas mais perfeitas composições.[18] Aí se afirma, de acordo com o espírito da época, o valor da paz industriosa, e se condena a aventura guerreira em versos como estes, de verdadeira e alta inspiração, pelo frisante pitoresco das imagens:

Ensangüentados rios, quantas vezes
vistes os férteis vales
Semeados de lanças e de arneses?
Quantas, ó Ceres loura,
Crescendo uns males sobre os outros males,
Em vez do trigo, que as espigas doura,
Viste espigas de ferro,
Frutos plantados pelas mãos do erro,
E, colhidos em monte sobre as eiras,
Rotos pedaços de servis bandeiras!

No final, já se vê, o elogio do homem que "vigiava sobre tudo" e aplicava a sua imensa capacidade de trabalho ao bem comum; e tudo rematado por dois versos sugestivos e raros, em louvor do ministro e do rei:

Vale mais do que um rei um tal vassalo:
Graças ao grande rei que soube achá-lo!

No dia seguinte de 1775, a 11 de março, Alvarenga estava nomeado ouvidor do Rio das Mortes, lugar que teria ele próprio escolhido, pois tinha interesses no sul de Minas. Nada se recusava ao favorito de Pombal, que em 6 de junho, por ocasião da inauguração da Estátua Eqüestre, era brindado com o soneto "América sujeita, Ásia vencida", que é, naquele coro de bajulações, ainda das melhores coisas... Devia ser grato ao marquês, censurado por ter mandado gravar o seu busto na Estátua, o modo como o poeta brasileiro, em versos ágeis e rima não comum, associava a glória do rei à glória do ministro, indo buscar modelos à história de Roma e de França:

Pombal junto a José eterno fique:
Qual o famoso Agripa junto a Augusto,
Como Sully ao pé do grande Henrique.

A recompensa não se fez esperar: o marquês, em carta de 20 de junho, comunicava pessoalmente essa nomeação à Junta da Real Fazenda de Minas Gerais, tendo-lhe dado anteriormente 200$000 réis como ajuda de custo para o transporte.[19]

Feitos os preparativos, arrumados (bem mal...) os negócios do coração e do dinheiro, Alvarenga Peixoto partiu em 22 de novembro a bordo do navio *São Zacarias* para o Rio de Janeiro. Deixava em Portugal um montão de dívidas, que estiveram longos anos por pagar, só o tendo sido depois de sua morte. Pouco antes da partida passava delas recibo ao principal credor Dionísio Chavalier.

Convém aqui retificar um erro velho de cem anos, cometido por Inocêncio F. da Silva num seu estudo sobre Antônio Dinis da Cruz e Silva: que Alvarenga Peixoto teria vindo para o Brasil em 1776, na companhia daquele magistrado:

> Despachado para a Relação do Rio de Janeiro aos 45 anos de sua idade, Dinis embarcou para o seu destino em 1776. A bordo do navio que o transportava ia também, segundo cremos, o distinto poeta brasileiro Inácio José de Alvarenga Peixoto, mancebo então de vinte e oito anos, que, tendo findado o triênio no lugar de juiz de fora de Sintra, regressava para a sua pátria, nomeado para ir servir o cargo de ouvidor da comarca do Rio das Mortes.[20]

Embora o passo não seja puramente afirmativo, logo todos quantos vieram após ele perfilharam o erro, que o seu passaporte, achado por nós, e o processo Chavalier retificam de modo indiscutível:

> Manda El-Rei Nosso Senhor se não ponha impedimento algum a passar para o Rio de Janeiro e Minas o dr. Inácio José de Alvarenga, por constar ir provido no lugar de ouvidor do Rio das Mortes: e leva na sua companhia dous criados portugueses chamados Antônio José e Jerônimo Xavier. Oeiras em 11 de agosto de 1775.[21]

Quem veio com o dr. Cruz e Silva, no ano seguinte de 1776, foi Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que se tinha formado em cânones a 10 de junho e recebia em 30 de agosto o seu passaporte.[22] Vinha com ele o irmão de José Basílio da Gama, padre Antônio Caetano de Almeida Vilasboas, também poeta. Dirigiam-se ambos igualmente para a comarca do Rio das Mortes.

O ouvidor de S. João del-Rei chegaria ao Rio por fins de janeiro ou começos de fevereiro de 1776 e, naturalmente, repousaria algum tempo das fadigas da viagem no convívio de parentes e amigos. Estava também interessado certamente no caso complicado da herança do pai, que levou tempo a resolver, e para o qual seria nomeado, como juiz privativo, em 30 de maio de 1778, o desembargador Antônio Dinis da Cruz e Silva.[23] Em junho ou julho partira para Vila Rica, onde estava em princípios de agosto, pois a 2 deste mês registrava a sua carta de nomeação na Secretaria do Governo. Uma vez recebida, em 9 de agosto, a quantia de 208$333 rs. de cinco meses de ordenado, desde o dia do embarque em Lisboa,

sabemos que a 10 de agosto partia para S. João, por onde possivelmente passara alguns dias antes à procura de alojamentos, pois levava consigo, além de criadagem, um amigo, o dr. Nicolau Barbosa Teixeira Coutinho, "por favor e patrocínio", como diria mais tarde numa justificação de dívida um outro seu amigo, Luís Antônio da Silva.[24] Em 19 de agosto de 1776, já acomodado em S. João, celebrou-se no Senado a cerimônia da posse, em presença dos juízes ordinários, capitães José de Lima de Noronha Lobo e Antônio José de Castro, dos vereadores Antônio Moreira Ribeiro, Domingos Roiz Barreiros, Anastácio José de Sousa, do procurador Manuel Ribeiro Quinta e do ouvidor da Comarca dr. Francisco Carneiro Pinto de Almeida. Alvarenga exibiu as cartas de ofício, donde constava ter prestado juramento na Chancelaria Mor do Reino e nas mãos do capitão-general d. Antônio de Noronha. Depois de registradas as cartas no livro competente, o dr. Pinto de Almeida entregou a vara ao novo ouvidor, que assim ficou empossado.[25]

S. João del-Rei era uma boa terra, bastante povoada, com excelente clima, mas um pouco abandonada pelo Senado, que não tinha receitas suficientes para calcetar a vila, provê-la de chafarizes e substituir as pontes de madeira, que atravessavam o córrego, por sólidas pontes de pedra. Não se podia dizer que o novo ouvidor fizesse uma boa estréia. Corria uma estiagem desalmada, que fazia secar os ribeiros e os poços de beber, e era a desesperação dos pobres roceiros, que chegaram a fazer três plantações sem resultado. As farinhas estavam muito caras, só não havia falta de feijão.[26]

Ao flagelo da Natureza acrescia o da guerra, que rugia para os lados de Santa Catarina, no sul, e provocava efeitos desastrosos no resto do país. O contratador João de Sousa Lisboa, em carta a João Batista de Carvalho, de 22 de agosto desse ano de 1776, aludia às calamidades do tempo: a terra despovoada, com o recrutamento dos soldados mineiros — 2 mil para o Rio e 4 mil para São Paulo:

> E para ir esta gente foi preciso desacomodar toda a casta de gente, e o pior foi bulir com mineiros e senhores de fazendas, que andou tudo inquieto, que nem os mineiros tiravam ouro nem os lavradores faziam as suas plantas, de sorte que andou tudo tão inquieto que não aparecia ouro nem os devedores pagavam, porque diziam careciam dele para a sua viagem, e assim não lhe posso encarecer a atenuação em que nos vimos.[27]

Esses apertos e inquietações constam doutra carta escrita pelo mesmo, em 23 de novembro, a Domingos Gomes Xavier, seu agente em Paracatu.[28] De modo que o novo ouvidor em breve se viu envolvido naqueles trabalhos e perturbações da guerra.

O governador de Minas incumbiu-o de aprontar os mantimentos necessários ao aprovisionamento dos soldados que eram mandados para a guerra contra os espanhóis. Auxiliado pelo tenente Luís Antô-

nio da Silva, que servia de escrivão da Provedoria, começou de ajuntar os gêneros, que eram expedidos para S. Paulo, via Tororó e Mogi das Cruzes. Houve-se bem e desembaraçadamente o dr. Alvarenga Peixoto nesta patriótica missão; e mais tarde, em 1785, essa diligência foi rememorada e encarecida na sua patente de coronel. Infelizmente, as contas ficaram por pagar aos fornecedores; e quando, em fevereiro de 1780, a Fazenda pagou a importância em dívida, a boa soma de 6.704$230 rs., esse dinheiro entrou diretamente nos cofres do contratador João Rodrigues de Macedo, credor e procurador de Alvarenga.[29] É pois menos verdadeiro dizer-se que o ouvidor recebeu e não pagou, como alegaram mais tarde os seus credores. A verdade é que não recebeu nem pagou; e dessa falta de liquidação dos fornecimentos resultou "uma queixa geral dos povos daquela comarca", como disse em 1794 o testamento de um dos fornecedores.

Em outros capítulos de sua jurisdição as coisas não corriam muito bem. A arrecadação do Subsídio Literário não se processava regularmente, pelo que em janeiro de 1779 recebia uma reprimenda do governador, em nome da rainha.[30] As suas intervenções no Senado da Câmara também foram assinaladas por alguns desacertos e insucessos, que não concorreriam para prestigiar o seu nome. Já em 27 de setembro de 1777, em sessão da Câmara se reconhecia a decadência em que estavam as respectivas rendas e se discutiam os meios de obviar a esse inconveniente. Recorreu o Senado às luzes do ouvidor, e foi resolvido no ano seguinte lançar uma finta de meia pataca sobre cada boi que os criadores da comarca vendessem para fora. Os criadores não estiveram pelos ajustes e, em julho de 1778, representaram ao governador contra a ilegalidade da extorsão. Originou-se um pleito, acabando d. Antônio de Noronha por exigir da Câmara a revogação desse acórdão, que transgredia um princípio de direito, pois não era lícita a criação de novos impostos.[31] Essa prerrogativa cabia exclusivamente à Soberana, que em carta de 6 de outubro de 1779 ao governador, sustentava esse princípio, dando-lhe inteira razão.[32] O nome do conselheiro do Senado não teria saído aureolado deste incidente, como também dum outro que ocorreu a 29 de dezembro de 1778, a respeito dum despacho seu alcançado ob-reptícia e sub-repticiamente por parte dum rendeiro da aferição, que estava devendo à Câmara o resto da sua conta. Nesse dia, a Câmara escrevia a seguinte carta ao dr. corregedor, que tinha feito viagem para a Campanha do Rio Verde:

> Ao tempo que estávamos para fazer o pagamento para o soldo do sargento-mor Joaquim Pedro da Câmara e seu ajudante, destinado na mão do rendeiro Manuel José de Freitas, sai este com um mandado de cento e quarenta mil-réis, que diz pagava ao oficial Jerônimo Lopes Guimarães, por despacho de Vossa Mercê, que já na presença de Vossa Mercê expuse-

> mos que foi alcançado surreticiamente e feito o pagamento talvez por algum negócio feito com o dito oficial. O mais ouro que havia tudo está despendido com enjeitados e outras precisas despesas, e não há donde se possa enteirar o total pagamento para o dito soldo. Esperamos de Vossa Mercê dê providência para que também se não experimente algum procedimento do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General.[33]

É evidente que os senadores, sem recursos, responsabilizavam por isso o ouvidor e ameaçavam-no com a intervenção do governador, que não era para graças. Em todos ou quase todos os negócios do funcionário do Estado encontramos esta inconsistência, esta leviandade, que afeta os atos, ainda os mais sérios, do ministro. Vejamos agora como corriam os negócios do homem.

São João del-Rei era uma vila onde um homem bem disposto como Alvarenga Peixoto podia passar razoavelmente bem. Nem sequer lhe faltava a sua Casa da Ópera, entregue à direção do músico Inácio Coelho, convocado a colaborar com o seu coro nas grandes cerimônias fúnebres ou festivas.[34] De modo que o flamante ouvidor podia reviver, numa imagem amortecida, aqueles espetáculos a que assistira em Lisboa, no teatro do Bairro Alto, com as irmãs Aguiar, e no teatro da rua dos Condes, com a formosa Zamperini, que fez andar a cabeça à roda aos lisboetas, entre os quais o seu amigo padre Manuel de Macedo, que ergueu aos astros o nome da famosa cantora. Era fácil e agradável a convivência. O foro da vila ocupava grande número de advogados, quando o ouvidor entrou em funções: Vicente Ferreira Alves Eborense, João Antônio da Silva Leão, Antônio José de Melo, Manuel José Dias, Manuel de Sousa Dias Paço, Diogo Moreira da Silva Rebelo, Manuel Lima Varela, Francisco Vieira de Sousa Ferraz, Alexandre da Silva Barros, José da Silveira e Sousa, Gomes da Silva Pereira, Bernardo da Silva Ferrão e Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que apareceu em 1777. Era, naturalmente, um grupo de homens cultos, de boa sociedade, alguns até escritores, como os dois últimos, com quem Alvarenga privaria, até por motivo de suas funções judiciais. O bacharel Gomes da Silva Pereira tinha-o mesmo substituído como ouvidor, em 1777, quando ele andava ocupado em arranjar farinhas para os soldados que iam para o sul.

Tudo leva a concluir que, entre os advogados da vila, ele cultivaria sobretudo a amizade do dr. José da Silveira e Sousa, homem de 63 anos, quando deu entrada em S. João, o qual morava perto da igreja de S. Francisco, nessa altura em princípio de construção. Estavam próximos um do outro: era natural que se visitassem. Em casa do dr. Silveira e Sousa havia um rancho de meninas. A filha mais velha, Bárbara Eliodora, com 18 anos de idade, era uma flor de perfume capitoso. O jovem ouvidor, com 32 anos, cativou-se dela. O idílio começou, a menina ce-

deu, e desses amores, em 1779, nascia uma filha ilegítima, a que puseram o nome de Maria Efigênia.[35]

Num meio acanhado como o de São João del-Rei, o caso devia ter suscitado enorme escândalo. As pessoas do ouvidor e do advogado foram alvo de críticas acerbas e insinuações maldosas, transmitidas em pasquins que circulavam nas ruas, processo usado na crônica escandalosa da época. Dizia-se que o dr. José da Silveira e Sousa, já entrado em anos, valia-se das filhas, de sua mocidade e formosura, para conseguir as suas pretensões. Alvarenga Peixoto, temperamento humoral, não tinha apenas amigos em São João. Entre os que se lhe opunham contavam-se alguns elementos da família Vilasboas e Gama, com prosápias de fidalguia, descendente dos velhos Gamas, ela própria dividida por dissenções profundas. Vale a pena historiar essa briga, pois dela colhem-se elementos que muito ajudam a conhecer os caracteres nela envolvidos.

A rixa entre Alvarenga Peixoto e os Vilasboas e Gama, representados primeiramente nas figuras de José Basílio da Gama e de seu irmão, o padre Antônio Caetano de Almeida Vilasboas, vinha já de Portugal e começou, segundo declarações do último, em 1774, por motivos que se desconhecem, para se reacender em 1777, na vila de S. João del-Rei. Foi o caso que o vigário Vilasboas fez arrematação duma fazenda pertencente aos órfãos de Antônio Leite Coimbra, que, por ilegalmente feita, o ouvidor anulou, a pedido do tutor das crianças, Inácio Xavier de Toledo. A antiga malquerença reavivou-se e começou então uma luta de doestos e mútuas insinuações, de que nos restam documentos muito interessantes. Ralham as comadres, descobrem-se as verdades...

Alvarenga Peixoto não estava em muito boa posição para afrontar as iras do padre, que era homem rijo e obstinado e o acusava, entre outras coisas, de ser infiel às casas onde entrava. Sabemos isso por uma representação coletiva de 1778, inspirada e talvez até redigida pelo próprio ouvidor. Diz-se nela:

> Quanto a ser infiel às casas em que entrava o dito ministro, as poucas em que ele entra nesta vila, que são a do dr. intendente, a do sargento-mor Joaquim Pedro da Câmara, a do dr. José da Silveira e Sousa e do dr. Antônio José de Melo, são tão honradas e acreditadas que não permitem a menor suspeita, principalmente não se servindo o ministro de outros trajos que a casaca e o espadim, que bem mostram a franqueza do seu cortejo, acompanhado sempre pelos pais de famílias na entrada e na saída, sem que nenhua destas casas nem outra algũa se queixe da arguida infidelidade, antes honrando-se muito a atenção com que são geralmente tratados. Os mesmos nomeados e todos os mais que se inquirirem serão as testemunhas destes fatos e de qualquer desconcerto neste gênero deste ministro, de que té o presente não consta.[36]

O autor, como se vê, procura rebater a acusação, mas fá-lo em termos frouxos, pouco convincentes. Muito curioso aquele final, em que o defensor, não desconhecendo a verdade, se abona com o tempo, que ainda a não tinha descoberto. Efetivamente, não pode haver dúvidas sobre essa "infidelidade". As relações entre Alvarenga Peixoto e a filha mais velha do dr. Silveira e Sousa, o "Doutor Surdo", como era conhecido em S. João, eram relações de sexo, e delas iria nascer, logo no ano seguinte de 1779, a filha Maria Efigênia. A este respeito, as acusações do vigário eram perfeitamente justificadas. Resta saber se é igualmente justificada aquela outra acusação do padre Vilasboas relativa à "escandalosa prostituição" em que o dr. Silveira e Sousa mantinha suas filhas. Com referência aos amores entre Bárbara e Alvarenga há uma indicação positiva, que vem corroborar, ainda aqui, a denúncia do vigário de S. João. Sendo esse namoro carnal de 1778, pelo menos, seguido de gravidez e parto em 1779 e relações de mancebia até dezembro de 1781, altura do casamento, a boa avença entre o ouvidor e o advogado sãojoanense não ficou perturbada, como seria natural e moral, antes se robusteceu, não obstante aquele escândalo familiar, logo em abril de 1779, quando os dois, estreitamente conchavados, resolveram adquirir em praça as duas grandes fazendas da Paraopeba, que tinham pertencido ao contratador João de Sousa Lisboa, falecido em 1778.

Essa arrematação foi objeto de uma longa disputa judicial entre 1780 e 1786, em que intervieram de um lado os sócios e fiadores do coronel Sousa Lisboa, empenhados em demonstrar as irregularidades do processo, a dissimulação e o dolo, o conchavo entre ministros, do outro o dr. Cláudio Manuel da Costa e finalmente o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, amigos de Alvarenga Peixoto, que defenderam brilhantemente a sua causa e a de seu sócio.[37] Ficou claro como a luz do dia que as fazendas da Ponte Alta e do Bom Retiro foram arrematadas pelo dr. Silveira e Sousa, mas, como se diria mais tarde no processo da justificação de Chavalier, "de um dos apensos se vê terem-no sido para aquele Alvarenga, que as possuiu à vista e face de todos".[38] Ora, isto prova iniludivelmente que a "desonra" da filha não impedia o "Doutor Surdo" de ser amigo e sócio do influente ouvidor, irmanado com ele na mesma ambição de fortuna e de poder, que parece ser um dos traços mais relevantes do caráter de Alvarenga Peixoto.

O nascimento da filha e a continuação pacífica das relações entre ele e Bárbara Eliodora, com a estranha complacência do pai dela, não podiam deixar de causar escândalo naquela pequena sociedade de S. João del-Rei. Os inimigos do ouvidor, como dissemos, faziam correr pasquins pela vila. Para quebrar os dentes à maledicência, que tinha bem onde morder, Alvarenga instaurou devassa e processou por injúrias o capitão Manuel da Costa Vilasboas e Gama e seu primo, o alferes Caetano José de Almeida. Alvarenga, que estava a ponto de terminar a ouvidoria, não

pôde concluir o processo, deixando-o, em 22 de abril de 1780, ao sucessor e amigo, dr. Luís Ferreira e Araújo de Azevedo, que servira em Angola. Houve tamanhas irregularidades nesse processo, movido pela paixão, que os dois ouvidores foram condenados e censurados em Acórdão da Relação do Rio de Janeiro de 29 de março de 1783 nos seguintes termos:

> Sendo ambos obrigados a concorrerem e trabalharem para o sossego dos povos, os perturbam e inquietam com estes irregulares de desordenados procedimentos, que só servem para desagravar paixões particulares e fomentar discórdias, que sempre foram fatais e contrárias à tranqüilidade pública, que eles deviam sustentar, procedendo com ordem e regularidade e distinguindo os procedimentos que a lei manda observar nas injúrias feitas por razão de seus ofícios, das que procedem de alguma inimizade antiga ou de outra causa particular.[39]

Faltava regular a situação com Bárbara Eliodora, um dos motivos de todo aquele barulho. Alvarenga Peixoto não fazia grande empenho nisso, porque tinha o que queria, sem os inconvenientes nem as prisões do homem casado. É pelo menos o que se conclui das acusações do padre Vilasboas. Em setembro de 1781 fazia o bispo de Mariana a sua visita pastoral pela comarca do Rio das Mortes. Como o ouvidor de S. João também procedia por esse tempo à correição civil, logo se originou entre as duas autoridades um conflito, de cujas peripécias nos restam alguns documentos. Bem curiosos, por sinal, porque nos mostram o bispo orientado pelo vigário Vilasboas no conhecimento dos escândalos da comarca e no caso pessoal do ex-ouvidor Alvarenga, que aconselhava, por sua vez, o ouvidor Araújo e Azevedo, seu amigo. Na correspondência do bispo para o governador, trata Alvarenga por "o outro", como se vê neste passo da sua carta de 3 de outubro desse ano:

> A verdade é que o homem fez timbre do meu embaraço, muito provavelmente além do próprio gênio e costume trazido já de Angola, pelas inspirações não só do outro, mas dos que têm grande interesse em escaparem a exame e evitarem suspensões e prosseguirem impunemente nos seus escandalosos costumes... Como se tudo isto fosse incompatível com as correições, para se opor não só este mas dizer o outro: "Só eu caí nessa basbaquice!", se é verdade o que se diz em S. João. Em tais circunstâncias, eu julgo prudente o meu receio e temo errar ou dar matéria a estes poucos amigos da Igreja para a perseguirem, fiados na sua independência e na distância em que vivem dos que só julgam superiores.[40]

Venceu por fim a voz da razão e o mandamento da Igreja, talvez apoiado por algum conselho do governador, que era seu amigo: Alvarenga Peixoto foi levado a casar com Bárbara Eliodora, por portaria do bispo de Mariana de 22 de dezembro, no próprio oratório do pai. Administrou-lhe o sacramento do matrimônio o seu bom amigo Carlos Correia de To-

ledo, vigário de S. José.[41] Estava regulada aquela situação desairosa; mas não tinham acabado, longe disso, os trabalhos de Alvarenga Peixoto.

A carta de 28 de maio de 1779 a João Roiz de Macedo, que estava no Rio, refletia já as suas preocupações e os seus projetos de vida. Com a ampliação das propriedades — trazia em mira as fazendas da Paraopeba — necessitava de um reforço de mão-de-obra para as explorar. Por isso pedia negros e negrinhas para se multiplicar a população escrava; e esperava do amigo o capital necessário para as suas experiências de agricultura e mineração. Um rego que andava fazendo devia dar-lhe uma fortuna; entretanto, punha à sua disposição os bens que tinha no Rio, como caução e primeiro pagamento da dívida. Efetivamente, na correspondência da casa de Macedo para Antônio Gonçalves Ledo, em novembro e dezembro de 1779, pede-se com insistência a venda dessas casas, para amortização do capital em dívida, certamente.[42]

Foi esse um período de grande atividade para ele. Conhecemos, pela correspondência de Brás Alves Antunes, agente de Macedo em S. João del-Rei, as freqüentes e cansativas deslocações do ouvidor à Campanha do Rio Verde;[43] e seria talvez por isso, e mais com as sezões, que no fim desse ano ele teve de guardar por algum tempo o leito.

A fazenda da Boa Vista arrastava uma demanda com d. Maria do Nascimento, sua vizinha, por causa da demarcação da propriedade, sujeita a umas dúvidas que traziam inquietos ambos os proprietários e a multidão dos seus serviçais. Por meados de 1780, Alvarenga Peixoto, já liberto dos cuidados da ouvidoria e entregue à cultura e exploração de suas terras, pediu ao governador d. Rodrigo José de Meneses a remedição e demarcação da sesmaria. O juiz das sesmarias era o seu amigo e protegido, dr. Nicolau Barbosa Teixeira Coutinho; o governador também era favorável ao poeta-lavrador, tudo iria correr bem, sendo vencida qualquer dificuldade que surgisse no caminho. A questão foi julgada a seu favor; mas houve antes disso cobras e lagartos, porque os homens de um e do outro lado queriam vir às mãos, sendo necessária a intervenção da força pública para os apartar. Da correspondência trocada entre o governador e o comandante do distrito, Manuel Teixeira Ribeiro, ressaltam com razoável nitidez os lances da refrega e até as paixões e os interesses que moviam os seus atores. Sobretudo, a carta do último, escrita ao governador em 4 de abril de 1782, é muito instrutiva sobre o caráter de Alvarenga Peixoto, o qual, para a satisfação de suas ambições, não duvidava valer-se da sua autoridade de ouvidor. Isto tem todos os visos de verdade, a julgar pelo caso, sucedido pouco antes, das fazendas da Paraopeba. Aquele homem perseguia um sonho de grandeza, e para a realização desse ideal tudo servia, o valimento de amigos e a infuência do cargo, postos de lado os tropeços incômodos da consciência. A d. Rodrigo José de Meneses, que tão

desveladamente patrocinara a sua causa, pagou com a moeda usual nos poetas: dedicou-lhe um poema, por ocasião do nascimento e batizado do seu filho José Tomás de Meneses, no segundo semestre de 1782.

Antes de examinarmos esta composição, acode esta pergunta: qual teria sido a atividade literária de Alvarenga Peixoto desde a sua posse de ouvidor, em 1776, até ao "Canto genetlíaco", em 1782?

Teria silenciado aquela musa, que tão prometedora se mostrara durante o estágio sintrense e lisboeta? Não era natural que assim fosse; mas aquelas trabalheiras da ambição, tão contrárias à poesia, deviam naturalmente amortecer os impulsos da inspiração. Devem datar deste tempo os dois sonetos n^os^ 16 e 19 e talvez o nº 27, dedicados ao marquês de Lavradio, cujas relações com o nosso poeta não foram até hoje bem esclarecidas. Um desses sonetos, o nº 16, singularmente bem construído, "Se, armada, a Macedônia ao Indo assoma", acompanhava o drama lírico *Enéias no Lácio*, que Alvarenga teria dedicado ao marquês e teria sido levado à cena no teatro de ópera do Rio de Janeiro. Por mais esforços que fizéssemos por descobrir este drama, não conseguimos havê-lo às mãos. Seria composição original, ou seria, como supomos, qualquer adaptação do teatro italiano, então muito em voga?

Deixando de lado o soneto nº 19, obra de louvor às casas de Pombal e Lavradio, onde se não vislumbra lampejo de poesia, o soneto nº 27, "Que mal se mede dos heróis a vida", foi divulgado na coroa fúnebre das exéquias celebradas por alma do marquês, em 18 de agosto de 1790, no convento do Carmo do Rio de Janeiro e teria sido composto nos primeiros dias do encarceramento na ilha das Cobras, ou porventura nos seus últimos dias de homem livre. Tem uma expressão digna e singela de saudade e reconhecimento, que avulta nesta frase lapidar, onde se sente a austera grandeza da morte: "Jaz o ilustre marquês!"

Pertencem a esta época o medíocre soneto à morte de d. José I (nº 17), talvez composto por ocasião da solenidade da quebra dos escudos, em S. João, no dia 8 de julho de 1777;[44] e o soneto (nº 20) em que o fervoroso pombalista da véspera rende homenagem à rainha d. Maria I, comparando-a vantajosamente com Maria Teresa da Alemanha e Catarina da Rússia, pela mansidão do seu governo, soneto onde há um verso florido e barroco, que é uma bela invenção de estilo, para exprimir essa disciplina suave posta em mãos delicadas de mulher: "freio de rosas posto em mãos de neve". Naquela época, e não só então como ainda hoje, mudava-se de idéias como se mudava de camisa. Alvarenga Peixoto, que tinha interesses grandes a defender, fazia como os outros, cultivando aplicadamente a benevolência dos grandes.

Isto era propriamente a poesia de circunstância, em que pouco ou nada entravam as fibras do coração. Quanto à poesia lírica propriamente

dita, restam-nos duas composições que merecem algum comentário. A nº 18 prova-se agora que foi dedicada não a Anarda mas a Marília; e se pusemos a composição neste período, foi porque nos pareceu anterior aos amores com Bárbara Eliodora; mas não se afasta a hipótese de se tratar de uma homenagem desinteressada mas entusiástica à Marília cortejada pelo amigo Gonzaga, à semelhança do que fazia Cláudio Manuel da Costa. Neste caso, a data da composição seria 1784 ou 1785.

Resta o problema da outra poesia, essa dedicada a Bárbara Eliodora (nº 21). A procedência da composição deixa algo a desejar, e a rubrica que a acompanha é falsa à primeira vista: a lira não podia ser composta na prisão, porque nela se alude apenas à saudade da filha, o que seria inteiramente despropositado. Se a poesia é realmente de Alvarenga Peixoto, como acreditamos, ela só poderia ser escrita num período de ausência mais longa, ou numa correição, em 1780, ou logo depois, quando o marido se ausentava para a Campanha, deixando a formosa mulher em S. João del-Rei, situação essa comprovada pelo libelo cível do sargento-mor Luís Antônio da Silva[45]. Essa composição parece ter um outro significado psicológico e moral. O padre Vilasboas, na sua diatribe contra Alvarenga Peixoto, declarava, como vimos, que ele fora obrigado, por injunções do bispo, a casar com a mulher que desonestara. Uma vez posto no bom caminho, sofrendo a influência da mulher, que logo se revelaria como rainha do lar, longe do seu formoso corpo e doce presença, o poeta sentiria o remorso da situação anterior, e deu-lhe forma nos dois versos do refrão:

Bárbara bela,
Do Norte estrela,
Que o meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste, somente
As horas passo
A suspirar.

Isto é castigo
Que Amor me dá.

Mas a grande composição de Alvarenga Peixoto, nesse período, é ainda o chamado "Canto genetlíaco", pequeno poema em oitava rima dedicado ao batizado do filho do governador. Procuramos em vão o registro de batismo, que possivelmente se teria feito na capela do palácio e não consta dos assentos da matriz; mas temos presente uma carta de José Joaquim de Sequeira e Almeida, da Roça do Bananal, em 6 de setembro de 1782, escrita a d. Rodrigo, onde manda cumprimentos para a sra. d. Maria

José, aludindo à "gente nova", que ela já teria.[46] De qualquer modo, poderemos estar certos de que o poema teria sido composto em fins de 1782.

A idéia profunda do "Canto genetlíaco" é a de que o trasplante da boa raça portuguesa para a América, em melhores condições, estava criando uma grande civilização, que ia bastar-se a si mesma. A adulação ao governador por motivo do nascimento do filho, as homenagens servis que prodigaliza a um e outro, expressão aliás do reconhecimento em que tinha os seus favores, não nos devem enganar sobre o sentido profundo desse poema, que é a apologia entusiástica da terra brasileira, das suas riquezas e dos seus homens. O inconfidente, alguns anos depois, recitava suas estrofes nas sessões da conjura; e é ainda hoje perfeitamente justo o que diz, no pior dos estilos, J. Norberto sobre o significado dessa composição.[47]

Insiste justamente J. Norberto sobre a marcada diferença entre Alvarenga e Cláudio Manuel da Costa. Este sempre se mostrou tolhido pela saudade da cultura européia; e só mais tarde, aos poucos e insuficientemente, se integrou no espírito da nova civilização que se estava forjando. Alvarenga, com o seu entusiasmo e sua ambição, espírito de bandeirante da última hora, com os pés bem fincados no solo, com os braços e olhos abarcando os horizontes infinitos, sentiu de chofre como ninguém até então a presença e a promessa magnífica da terra brasileira. Mais ainda: soube associar à grandeza e riqueza da terra o trabalho dos seus filhos mais humildes, "os escravos duros e valentes". Comparando as suas atividades com os feitos de Hércules, Ulisses e Alexandre, acentua a superioridade dos mineiros e remata, numa reticência que dá extraordinária significação à frase: "São dignos de atenção..."

Depois disto, o poema não é mais do que o elogio caloroso do protetor; e não deixa de ser estranho que o autor imagine a criança batizada escutando a prática do bispo sobre seus futuros projetos de governo; mas o que está antes, esses 97 versos, são um toque de alvorada que anuncia o programa generoso da independência brasileira: a liberdade da terra ia de par com a liberdade de todos os seus filhos. São dignos de atenção...

Depois da composição, um pouco mais laboriosa, do "Canto genetlíaco", seríamos levados a acreditar que a sua atividade literária diminuiu consideravelmente, quase cessou de todo, para só recomeçar depois da sua prisão, em maio de 1789. Os documentos que possuímos deste período mostram-no inteiramente absorvido por negócios e pelo pesado encargo das dívidas, que a sua ambição e incapacidade administrativa iam perigosamente acumulando. Era um homem potencialmente muito rico, com extensas propriedades agrícolas e minerais, mas sem dinheiro e precisando constantemente dele para a exploração e para os gastos sempre crescentes da própria casa de família, agora estranhamente organizada. Com efeito, enquanto ele se deslocava repetidamente para o sul, em visita às

fazendas da Campanha, ou para o norte, em inspeção às da Paraopeba, sem contar com uma ou outra saltada aos amigos de Vila Rica,[48] sua mulher vivia em S. João del-Rei, assistida por dinheiros de amigos. Temos sobre isso um documento elucidativo, que é o libelo do seu credor e amigo, o sargento-mor Luís Antônio da Silva, tesoureiro dos ausentes, que por vezes o acompanhava em suas viagens ao sul. Pelos registos das contas apresentadas podemos ver a desordem e o descalabro financeiro da sua casa. Além das mesadas regulares que lhe abonava o sargento-mor, aparecem verbas que nos despertam hoje um sorriso triste: aquele empréstimo para o funeral e luto da avó de d. Bárbara, as despesas de uma festa de santa Bárbara em que Alvarenga era o juiz, as contas do sapateiro e do alfaiate, e ainda o custeio dos papelinhos para as sortes do carro nas festas reais.[49] Nesse processo diz-se uma verdade, confirmada por todos os documentos de arquivo, e que convém reter para ajuizar da situação econômica e da índole de Alvarenga Peixoto:

> O dr. Alvarenga sempre viveu carecido e debaixo de muitos empenhos, pedindo continuadamente dinheiros emprestados a todas as pessoas que lho podiam fazer, sendo muito remisso e demorado em pagar a quem devia, autorizando-se para isto do muito respeito que tinha, como é público.[50]

Claro que os credores antigos não desarmavam e procuravam, naturalmente, reaver o seu dinheiro. Os mais antigos e de mais vulto eram, como dissemos, Bento Roiz de Macedo, morador em Coimbra, que em 7 de janeiro de 1782 escrevia ao irmão João Roiz de Macedo, insistindo pelo pagamento de mais de 4 mil cruzados em dívida;[51] e Dionísio Chavalier, o seu maior credor particular tirante Macedo, iniciava em agosto de 1783, na cidade de Lisboa, um auto de justificações do grosso crédito de 9.199$681 rs., de dinheiros abonados em Portugal até à data da sua partida para o Brasil. Um caso curioso da inquirição de testemunhas, feita em 20 de agosto desse ano, está no depoimento de José Basílio da Gama, que se apresenta como amigo de Alvarenga e abona a sua honorabilidade, aludindo ao roubo que lhe fizeram no cofre da Décima, e declarando que o devedor não tinha dúvida em confessar prontamente sua dívida. Nobre atitude dum homem, que os documentos a que já nos referimos, de proveniência contrária, nos dão como inimigo do devedor, e que lança uma luz favorável sobre o caráter de Alvarenga Peixoto: assoberbado de dívidas, remisso em pagá-las, ambicioso e gastador, nunca foi homem que as negasse, antes prometia a todo o mundo, fiado no valor real de suas propriedades e no célebre rego que andava construindo, do qual esperava o desempenho e a fortuna. Repetimos o que já dissemos: a um homem destes cabe mal o qualificativo de "caloteiro" com que por vezes o mimoseavam os que lhe queriam mal ou simples-

mente o não compreendiam. No fim, todos ficaram satisfeitos, porque as suas propriedades deram para pagar a todos.

A este respeito, é extremamente elucidativa a sua correspondência, onde o seu temperamento se espelha sem rebuços, por vezes com uma candidez e uma desenvoltura surpreendentes. As suas duas cartas, de 27 de abril e 22 de setembro de 1786, ao sargento-mor João da Silva Ribeiro de Queirós, que tivemos a fortuna de encontrar no processo da dívida, revelam-nos o seu pendor da grandeza, uma extraordinária capacidade de simpatia, a que era difícil resistir, e o espírito bem humorado dum rapaz de 42 anos, que confia na vida e se não deixa vencer pela adversidade. Veja-se o final da carta de 22 de setembro:

> Sempre lhe rogo que me avise 15 dias antes de vir, para eu pôr em termos de apurar alguma catinha, que desde já lhe reservo, por dous princípios: o primeiro para termos o gosto de apurar e agarrá-lo, e o segundo porque, se eu apurar antes de Vossa Mercê vir, só por milagre me poderá achar ouro na mão, que mi quer tanto mal este maldito, que, por mais que eu tenha, fez voto de nunca morar comigo. É verdade que a despesa desta casa tem sido grande, e ele não faz dois papéis nem que o matem: gastá-lo e havê-lo, é impossível. Agora que as águas estão prontas para me lavar a morrinha, espero ser rico, se a fantasia me não engana, bem que de boas vontades dizem que está o Inferno cheio.[52]

Teria razão de ser este otimismo fundamental de Alvarenga Peixoto? Não tinha. A sua deplorável situação financeira, entre outros inconvenientes, tinha o de pô-lo por vezes na dependência de homens menos bons, como era o caso do contratador Joaquim Silvério dos Reis, o qual, em 12 de abril de 1784, lhe assistia, por intermédio de José Pereira Marques, com 1.209$906 rs.[53] Criava-lhe má reputação moral, porque até aos serviçais humildes deixava de pagar. Foi o que sucedeu com o carpinteiro José Antônio de Almeida, morador em Santa Ana do Sapucaí: encarregado por ele, em 1784, de fazer obras de certo vulto na fazenda de S. Vicente, junto a S. Gonçalo, e na lavra da Boa Vista, o proprietário descurou o pagamento da dívida, que totalizava 728$775 rs.[54] Pior ainda foi o que aconteceu com um dos seus criados, José de Sousa Barbosa: esse, atrasado nos seus ordenados, combinou com ele viver à sua própria custa durante um ano e sete meses, e, não contente com isso, pagou ainda por seu amo a várias pessoas 187 oitavas e meia.[55]

Alvarenga Peixoto teve a sorte — que não ia isenta de humilhação — de encontrar na pessoa dos governadores um amparo às suas apoquentações e necessidades. Cultivava — como diria mais tarde o visconde de Barbacena —, com solícito empenho, a privança e amizade dos governadores, fazendo-lhes a corte quando ia a Vila Rica, e no começo e no fim de seus mandatos. Fazia-o tanto por conveniência como por afago natural; mas essa vassalagem

era perigosa em face dum homem como Luís da Cunha Meneses, que não tinha os amavios e a delicadeza do governador cessante, d. Rodrigo José de Meneses. Em todo o caso, Alvarenga deveu-lhe algumas atenções e favores.

Em primeiro lugar, nomeou-o por patente de 24 de junho de 1785 coronel do 1º Regimento de Cavalaria da Campanha do Rio Verde. Na carta de nomeação citam-se, com algum exagero, os feitos que o ouvidor obrou no exercício do seu ministério: pacificação dos facinorosos, aprovisionamento das tropas militares que seguiam para a guerra do sul, participação nas entradas de d. Antônio de Noronha nos sertões de Rio Doce, Abre Campo e Cuieté. Essa distinção militar devia ter acendido a imaginação do nosso poeta, que logo se pôs a cuidar das coisas do seu regimento, encomendando ao mestre de música do Chichorro, Félix José da Silva, os instrumentos necessários à banda regimental. A isso alude uma carta ao capitão Vicente Vieira da Mota (nº 10), que julgamos ser dos princípios de 1786, e onde se retrata o bom humor e o otimismo de sempre. O novo coronel revia-se já no seu regimento, que ia "pôr na sécia", como quem diz "pôr no maior apuro": fardas vistosas, instrumentos rebrilhantes, o estronho alvissareiro ecoando pelos montes...

O protetor não só o premiou com a patente — possuído como andava do furor de vestir farda a todo o mundo — mas ainda lhe fez mais, conhecendo os apertos em que sempre vivia, e em atenção a um pedido seu: deu ordem ao cobrador fiscal do Rio das Mortes, o tenente Antônio José Dias Coelho, em 22 de julho de 1786, para que não efetuasse a cobrança devida do 2º trimestre, comprometendo-se o coronel a pagar tudo até ao fim do ano.[56] Como de costume, não pagou, por falta de recursos monetários. E como se tratava de um favor que Alvarenga fazia a Lourenço José Correia de Mesquita, por sua vez fiador do devedor fiscal Francisco José de Sousa Lobo, o governador não esteve com mais aquelas e mandou meter na enxovia, por ordem de 12 de maio de 1787, o fiador Correia de Mesquita, censurando o procedimento do coronel Alvarenga Peixoto e obrigando-o a pagar, por ordem da mesma data, a ele próprio dirigida, a conta que devia ao tenente-coronel Luís Antônio Ribeiro Guimarães, conta que o governador enviava, com esta nota de maliciosa ironia:

> Eu a remeto a Vossa Mercê para que o atenda conforme Vossa Mercê costuma cumprir com os seus deveres.[57]

Mas não era só de homens atrabiliários e prepotentes que ele recebia remoques. Até dos próprios amigos lhe vinham as chufas, como se vê duma carta que lhe escreveu João Roiz de Macedo, em 25 de outubro de 1786:

> Que Vossa Mercê passe livre de moléstias o hei-de estimar, pois lhe desejo todo o bem, e que já esteja extraindo muito oiro, e que depois de Vossa Mercê já não carecer, passe a servir aos amigos, entrando eu nesse número.[58]

Maneira "engraçada" de lhe dizer que lhe pagasse alguma coisa do muito que lhe estava devendo, com uma alusão vaga aos seus gastos de perdulário.

Efetivamente, João Rodrigues de Macedo era o seu grande credor, quem lhe valia nas aflições, quem foi, depois da morte em África, o protetor desvelado da viúva e dos filhos. Tudo isso é verdade; mas não o fazia descurando os próprios interesses, pois também devia grandes somas à Fazenda. Já aqui falamos do caso da entrega do dinheiro da guerra do sul, que não foi parar às mãos de Alvarenga Peixoto, mas que entrou diretamente nos cofres de Macedo. Outro caso foi o de João Pereira da Cruz, seqüestrado pela Real Fazenda, que lhe tirou tudo quanto tinha. Devia de entradas ao contratador 239$250 rs. Macedo queria executá-lo, mas Alvarenga, que lhe devia uma conta de aluguéis de conduções para as suas lavras, pediu a Macedo que suspendesse a execução. Morto o devedor, o contratador escreveu ao amigo em 10 de setembro de 1786, participando-lhe ter lançado em sua conta aquela dívida, acrescida das custas:

> Tenha paciência com mais esta quitação, e se a não quer ter, avise-me em que me possa embolsar.[59]

Era assim: homem de grandes negócios, manipulava a seu bel-talante os dinheiros duns e doutros, tendo para isso as razões e as escusas do homem poderoso.

Acima dele porém ainda estava o governador, que superintendia na vida e nos bens de todos. A Luís da Cunha Meneses, mais que aos ministros de carreira, recorriam todos aqueles que se queriam reapoderar do que era seu. O alferes José Antônio de Melo emprestou dinheiro a Alvarenga Peixoto, com hipoteca nas casas que este tinha no Rio de Janeiro; e como precisasse do seu crédito, recorreu ao governador, que escreveu ao coronel da Campanha, convidando-o a pagar. Em janeiro de 1785, Alvarenga, em obediência a esta ordem, entregava a Macedo, em Vila Rica, a quantia de 1.020$380 rs., sabendo que ele era procurador do alferes. Macedo porém dispôs desse dinheiro para pagar dívidas de José Antônio de Melo, o qual não ficou satisfeito, alegando que a importância em questão devia ser entregue em palácio, nas mãos do governador, que interviera na liquidação.[60] Macedo, em resposta aos queixumes do alferes, aduz precisamente, em carta de 3 de março, as ordens do governador, que comandava todo aquele negócio:

> Eu sei que não tive ordem de Vossa Mercê para fazer aquela cobrança, nem a solicitei, e se o recebi foi por assim o determinar o Il$^{mo.}$ e Ex^{mo}. Sr. General, a quem todos devemos obedecer e respeitar.[61]

Este incidente demonstra, em reforço doutras provas, que a vida financeira de Alvarenga Peixoto andava largamente assoalhada e que tan-

to no palácio do governador como no mundo dos negócios se devia boquejar sobre a sua condição de ruim pagador.

Se isto é verdade, também é justo dizer-se que, para essas apoquentações duma vida sempre deficitária, contribuía não raro a sua confiança e a sua generosidade. Ele próprio confessava ao sargento-mor Ribeiro de Queirós que tinha sofrido muito calote e que portanto não seria de espantar que ele, sargento-mor, também fosse vítima dum percalço desses — atitude de franqueza que raia francamente no cinismo. Obsequiador por natureza, gostava de presentear os amigos, como declarou um seu ex-inimigo, o alferes Caetano José de Almeida, no processo de dívida a Manuel Rodrigues Braga:

> Que Alvarenga comprava a fiado na loja do autor muitas fazendas para si e para brindar algumas pessoas, e estas de mais custo e da melhor eleição.[62]

Quando via alguém em apertos da justiça, não hesitava em acudir-lhe com o seu valimento. Em 28 de março de 1785 escrevia a Macedo, intercedendo em favor dos filhos da viúva d. Teresa Maria de Jesus, pela arrematação de escravos penhorados a seu marido, para pagamento do que este ficou devendo a João Roiz de Macedo. O fiador ficou sendo Alvarenga Peixoto.[63] Também, para evitar que os escravos do guarda-mor João de Almeida Ramos Teles da Gama fossem vendidos, combinou com o tenente Dias Coelho levar 32 para a lavra da Boa Vista e, com o produto dos jornais que lhes pagaria, liquidar a dívida à Fazenda Real.[64] Combinação essa, que tanto servia as obras da caridade como da conveniência pessoal, pois Alvarenga Peixoto constantemente necessitava de mão-de-obra para os seus trabalhos de lavoura e mineração. Por isso, desde 1783 trazia ao seu serviço dez escravos de sua sogra, d. Maria Josefa da Cunha, contratados a meio tostão por dia, de que ela se queixava, em 1794, não ter recebido um tostão.[65] Contas de família...

A carta de 3 de março de 1788 ao sargento-mor Ribeiro de Queirós, a de 27 de abril e 14 de maio a João Roiz de Macedo mostram o estado dos seus negócios, que corriam bem mal. Atacado por todos os lados pelos seus numerosos credores, todo o empenho de Alvarenga era dever a poucos e ter apenas dois ou três que lhe financiassem as despesas; mas, devendo limitar-se ao que tinha, ainda se metia a comprar mais propriedade, acrescentando os encargos, já de si enormes. Que a administração das fazendas deixava muito a desejar parece provar-se pelas contas com o dr. João de Araújo e Oliveira, seu administrador das fazendas da Paraopeba. As últimas cartas suas tratam deste embrulhado caso. O administrador e, segundo parece, sócio credor, saqueou largamente as propriedades, levando o que lhe apeteceu, fiado nas contas que tinha feito no escritório de João Roiz de Macedo em 1º de junho de 1787, as quais acusavam um saldo a seu

favor de 3.324$094 rs., que Alvarenga não sabia como pagar.[66] As suas expressões de amargura dão, nesse momento, a impressão de um homem desamparado, exaurido, que resolve entregar-se por completo nas mãos do amigo, mas não sem antes desabafar o seu queixume contra a adversidade, que era também fruto da sua má cabeça e excessiva confiança. À testa das fazendas da Paraopeba, com a saída do dr. Araújo, ficava agora um cunhado seu, José Maria da Silveira e Sousa, rapaz sem experiência, aquele mesmo sobre quem o padre Vilasboas dava uma informação tão desabonatória, no documento já aqui referido.[67]

Em carta de 14 de maio de 1788, Alvarenga Peixoto anunciava a João Roiz de Macedo o nascimento do seu filho João Damasceno, "mais um criado" do seu poderoso amigo, como lhe assegurava, com profética visão do futuro. Essa criança veio a ser batizada a 8 de outubro desse ano, na vila de S. José. O pai, que esteve no mês de setembro em Vila Rica, como hóspede do ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, seu velho amigo, escolhido para padrinho do menino, transportou-se com ele àquela vila, em cuja igreja, uma das mais belas, senão a mais bela de Minas Gerais, se celebrou a função, presidida pelo respectivo vigário, bom amigo de ambos, o padre Carlos Correia de Toledo. Esse batizado deu largamente que falar em Minas e até no reino, e parece que foi dele que saiu a senha da conjura adotada pelos inconfidentes. No lauto festim que se seguiu à cerimônia realizado em casa do pároco, a que assistiram numerosos amigos, entre eles o ouvidor de S. João, dr. Araújo e Azevedo, bebeu-se copiosamente e, no ardor das libações, abocanhou-se o governo, que se preparava para lançar sobre os povos uma derrama, por motivo do atraso dos quintos. Já andava no ar a idéia duma rebelião contra a violência, que ia empobrecer ainda mais os mineiros; e o álcool, subindo à cabeça de Alvarenga, fez-lhe cometer uma imprudência: ergueu o copo e, fitando sua formosa mulher, disse estouvadamente:

> Bebo à saúde da sra. d. Bárbara, que ainda há-de ser rainha![68]

Era uma brincadeira, que, em outra ocasião, não teria conseqüências; mas, como os ares andavam turvos e os ânimos exaltados, esse brinde foi imediatamente ligado a qualquer manobra conspiratória de magnates mineiros contra o governo reinol. Tal insurreição era inevitável em face das exigências incomportáveis do Fisco, que ia reduzir à pobreza centenas de famílias, já a braços com grandes dificuldades, devido à notória decadência das minas. Alvarenga, com a corda na garganta e o seu sonho de grandeza, junto à sua sincera brasilidade, não podia deixar de pertencer à "maloca". Começou a entrar em conciliábulos de conspiração e, em princípios de janeiro de 1789, vemo-lo de novo em Vila Rica, hóspede novamente do compadre Gonzaga. Também lá se encontrava o vigário de

S. José. O dr. Cláudio Manuel da Costa ia todas as manhãs visitá-los. Depois de tomar o café, Alvarenga saía para casa de João Roiz de Macedo, onde passava a maior parte do tempo tratando dos seus negócios, recolhendo à casa de Gonzaga já muito de noite.[69] Assistia a reuniões secretas, que se efetuavam em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, comandante do regimento de cavalaria, e do dr. Cláudio Manuel da Costa. Homem de imaginação, logo visionou uma pátria livre e ditosa, e sua própria existência desafogada com o advento da nova república; homem também generoso, não duvidava dar mesmo a liberdade aos escravos crioulos e mulatos, se tanto fosse necessário. Aferrava-se à idéia do levante, sobretudo quando ouvia as proposições do alferes Joaquim José da Silva Xavier, que garantia inflamadamente o êxito da revolução. Outras vezes, porém, duvidava da empresa e tinha atitudes de abatimento e pusilanimidade. Isto explica as informações contraditórias a seu respeito, deduzidas dos interrogatórios posteriores. O tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira dava-o como "um dos mais fortes partidistas da rebelião"; o padre Carlos Correia de Toledo dizia "que ele estava sempre temeroso e não era capaz de cousa alguma". Num caráter inconsistente como o seu, esses dois procedimentos, à primeira vista antagônicos, podem conciliar-se perfeitamente; mas é menos crível, segundo diz a sentença, que ele propusesse cortar a cabeça do governador. Que às vezes, os medrosos, para fazerem ver que o não são, blasonam de fortes e cruéis... O amor da glória e a ambição acabaram por levar vantagem, e Alvarenga resolveu-se por fim a ir para a Campanha aliciar homens para o levante. O governador, avisado por denúncia do coronel Joaquim Silvério dos Reis, tomou a dianteira aos conjurados, e deu ordem, em 20 de maio de 1789, ao tenente Antônio José Dias Coelho para prender o vigário de S. José, o coronel Alvarenga Peixoto e o sargento-mor Luís Vaz de Toledo Pisa, conduzindo-os sem perda de tempo ao Rio de Janeiro.[70]

Para o Rio foram logo, nessa leva, o vigário Carlos Correia de Toledo e Alvarenga Peixoto. Há notícia de uma carta escrita pelo último ao visconde de Barbacena, "muito bem-feita", como este declarou, que é de lamentar se tivesse perdido, pois veríamos o modo como explicava o seu caso. Não chegou ao Rio em bom estado; os ferros, magoando as carnes mimosas, fizeram-lhe feridas no corpo.[71] O incidente só pode ter explicação na má vontade que teria o oficial da escolta, lembrado ainda da tremenda descompostura que recebera de Luís da Cunha Meneses, ano e meio antes, por motivo da arrematação dos escravos de João de Almeida Ramos, caso em que o governador tomou claramente o partido de Alvarenga, com manifesto vexame seu. Além desta razão de malquerença, haveria ainda outra: o tenente Dias Coelho desonestara uma das outras filhas do dr. José da Silveira e Sousa, abuso em que

também ele incorrera, mas que devia, não obstante, perturbar as relações entre os dois homens. Por aqui se explicará o tratamento pouco brando a que foi sujeito pelo comandante da escolta o ex-ouvidor do Rio das Mortes. De mais nenhum prisioneiro consta que chegasse ao Rio tão maltratado.

Metido num cárcere da ilha das Cobras, sem o amparo da família, os afagos dos filhos e da mulher, aquele homem sentiu-se naufragar. Ainda tentou corresponder-se, através da apertada clausura, com Bárbara Eliodora. Sabemos desse trato epistolar através dum documento impressionante, que nos revela a atmosfera de medos e suspeições em que abafavam os melhores espíritos. Jugulado o movimento conspiratório, todos queriam ser tidos como fiéis vassalos. O tenente José da Silva Brandão, um valente soldado, não hesitou em escrever, em 26 de março de 1791, uma carta ao governador, participando-lhe que tivera notícia de que havia correspondência por escrito entre o prisioneiro e a mulher, residente no arraial de S. Gonçalo. O visconde de Barbacena louvou o seu zelo e sua fidelidade e recomendou-lhe que se esforçasse por interceptar algumas dessas cartas, não olhando a despesas nesse trabalho de espionagem.[72] Sentimos deveras não termos descoberto alguma de tais cartas; mas pode ser que essa literatura epistolar nos decepcionasse, como nos decepcionam ainda hoje algumas das composições que fez na prisão sobre matéria dos seus infortúnios. Aquele homem não soube, na amargura do seu drama, encontrar os rasgos comoventes que a dor e o amor inspiraram ao seu amigo Gonzaga. Este empenhou-se, nos forçados lazeres da masmorra, com tenacidade e habilidade raras, em fazer a sua defesa em verso, colaborando astutamente com o dr. Oliveira Fagundes, advogado dos réus. Alvarenga adotou outro sistema: pôs a poesia de joelhos, pedindo misericórdia, ou em adoração aos grandes, com mostras de fidelidade muito duvidosa.

Segundo a informação do dr. Inácio José Peixoto, de Braga, em suas *Memórias particulares*, já aqui citadas, corriam pelo reino cópias de sonetos, muito patéticos, escritos por ele na prisão. Dos três que nos restam, dois são bem faltos de inspiração (30, 31, 32). No primeiro a saudade dos filhos e da mulher é abafada por um estendal abusivo de instrumentos de suplício judiciário e consabidas alusões mitológicas, que a não deixam vir à superfície. No segundo, "Eu não lastimo o próximo perigo", já sentimos um pouco de emoção. A consciência abalada do inconfidente, que, para mais, tinha denunciado lamentavelmente o seu amigo Gonzaga, pedia a morte como uma libertação:

> Ah, quem já bem depressa acabar vira
> Este enredo, este sonho, esta quimera,
> Que passa por verdade e é mentira!

O outro soneto, "A paz, a doce mãe das alegrias", é, como forma, o mais perfeito dos três. O poeta liga jeitosamente a súplica do perdão à soberana com o mistério do nascimento de Jesus, que veio desterrar a dor e conceder a paz aos homens. E a poesia realmente traduz, no alvoroço afetivo das exclamações, aquele clima de êxtase e felicidade incomparável.

Outras poesias suas, que têm uma intenção política, embora tocadas do mesmo espírito de lisonja, são a chamada cantata ao Pão d'Açúcar (nº 28) e a ode "Invisíveis vapores" (nº 29), que Varnhagen considerava como o seguimento da cantata, o que não se justifica nem pela forma nem pela condução da idéia dominante.[73] Em ambas, se mostra o indianismo, em moda naquele fim de século. Na primeira, uma descrição garrida do selvagem, a parte melhor da cantata, que vem lançar-se aos pés da "augustíssima imperante" e cantar-lhe a loa duma fidelidade sem igual. O índio, já se vê, representa o próprio autor, mascarado de selvícola. Um pormenor interessante da cantata é aquela alusão à "feliz, ditosa, sossegada sesta" no cárcere da ilha das Cobras, o que parece provar que os prisioneiros não eram tratados desumanamente (isso mesmo se conclui das liras de Gonzaga), ou que, na própria desgraça, se ganha uma conformação em que há lugar para horas menos infelizes. Aquela imaginação esfervilhante de Alvarenga esperava, não resta dúvida, um ato de clemência para com uma falta, que era afinal um "crime de amor".

É esta idéia sutil que ele vai desenvolver na ode seguinte, em versos magníficos, por vezes, que atestam a real inspiração daquela musa, que se perdeu nos errores da existência e nos jogos da ambição. O pedido de clemência, objetivo fundamental da ode, dilui-se e nobilita-se numa vasta concepção política, que vinha de longe, do padre Antônio Vieira, de d. Luís da Cunha, do marquês de Pombal, e que consistia na transferência para o Rio de Janeiro da capital do grande império português. O levante de Minas, segundo o poeta, não seria mais do que a concretização prematura deste ideal duma grande comunidade luso-brasileira com sólio no Brasil:

> Da América o furor
> Perdoai, grande Augusta; é lealdade,
> São dignos de perdão crimes de amor.

Com estes belos versos, sob esplêndidas roupagens de poesia, Alvarenga Peixoto fingia apenas esquecer uma coisa: que na futura república mineira, ou brasileira, não haveria lugar para a rainha... De qualquer modo esta idéia dum soberano português coroado no Brasil, visionada pelo poeta numa antecipação do futuro, iria ter quinze anos depois a mais retumbante confirmação no embarque da rainha e do príncipe regente, empurrados para o Brasil pela invasão francesa.

Passamos por alto, neste relato biográfico, o comportamento de Alvarenga Peixoto perante os juízes da Alçada, porque isso pertence mais ao estudo da Inconfidência Mineira que a seu tempo faremos. Da segunda vez que defrontou a justiça foi para delatar os seus companheiros de conjura e descobrir os pormenores da conspiração, desfazendo-se em mesuras e servilismos, com citação despropositada de frases clássicas do latim. De toda a evidência, o seu depoimento foi uma peça encomendada. Conhecendo-lhe os fracos, instaram com ele para que dissesse tudo, se queria salvar a cabeça. E salvou mesmo, como todos os outros com exceção de Tiradentes, a troco do desterro em África, para onde partiu, numa primeira leva, a 5 de maio de 1792, com destino ao presídio de Ambaca, em Angola. Iam com ele, na mesma frota, José Álvares Maciel, com destino a Massangano, e Luís Vaz de Toledo Pisa, dirigido a Cambambe. A Alvarenga Peixoto tinham os juízes primeiramente escolhido o porto de Dande, na costa setentrional de Angola. Segundo declarações posteriores do inconfidente José de Resende Costa, em suas Notas à *História do Brasil* de R. Southey, a comutação do exílio do porto de mar de Dande, muito freqüentado por navios estrangeiros de contrabando, para a fortaleza de Ambaca, mais para o interior, teria origem no seguinte: o prisioneiro gabara-se de que os juízes, seus amigos e condiscípulos de Universidade, teriam escolhido um lugar da costa, donde ele, facilmente, podia intentar a fuga. Sentindo-se comprometidos, os magistrados teriam reconsiderado e fixado um lugar mais seguro. O caso em si não é nada de estranhar, dado o que vimos dizendo da incurável leviandade de Alvarenga Peixoto; pareceu-nos porém que o inconfidente se enganou quanto ao propósito dos juízes: se lhe mudaram o destino foi porque o território do Dande tinha sido assolado em 1791 com a guerra contra os Mossuis e não oferecia realmente segurança para a conservação dum prisioneiro de Estado.

Chegado a Luanda, em julho desse ano, foi internado com os outros companheiros na fortaleza do Penedo. A 24 de julho, o governador de Angola, Manuel de Almeida e Vasconcelos, passou portaria para que Alvarenga fosse para o presídio de Ambaca, acompanhado por um oficial inferior e dois soldados. Aí chegou, segundo parece, a 16 de agosto. Grassava no presídio a doença, que atacava soldados, oficiais e o próprio capitão regente, que chegou a inspirar cuidado ao governador.[74] Poucos dias depois, a 27 desse mês de agosto, o nosso pobre inconfidente sucumbia a uma violenta malina tropical.[75] O capitão Francisco Antônio Pita Bezerra, que comandava superiormente o presídio, comunicou o óbito ao governador, que lhe respondeu em 5 de outubro, com instruções sobre o espólio "do tal Alvarenga, que acabou de perder a única cousa que lhe restava".

Cumpre, a bem da verdade, repelir a balela corrente, retransmitida por Nelson Sena e publicada no *Diário Oficial* brasileiro de 2 de abril de 1932, de que Alvarenga Peixoto falecera "acabrunhado pelos maus tratos do ignóbil comandante do presídio" — são suas palavras textuais. Não é crível que o prisioneiro fosse maltratado pelo comandante, que também se achava perigosamente enfermo. Aliás, as ordens do governador, como se verificou no caso de Domingos de Abreu Vieira, eram no sentido de se exercer a maior vigilância sobre o degredado, mas "não se lhe faltando a todo o ato de humanidade e meio de poder subsistir."[76] A própria atitude de boa compreensão e até de simpatia pelas pessoas de Francisco de Paula Freire de Andrada e de José Álvares Maciel, que se mostra no seu copiador, torna quase inexplicável para nós esta desumanidade do governador Manuel de Almeida e Vasconcelos para com o pobre exilado, ele que tantas vezes censurava os atos de rigor excessivo e apaixonado dos seus subalternos, como aconteceu com aquele tenente José Filipe Torém, que esteve para ser — e ainda bem que não foi — comandante do presídio de Ambaca.[77] Como quer que seja, é com esta nota de horripilante brutalidade, tão imprópria do compassivo caráter português, que findamos o estudo sobre a vida e obra de Alvarenga Peixoto.

Esse estudo foi conduzido com rigor histórico, cingindo-nos apertadamente a documentos dignos de confiança. Se insistimos na vida e seus episódios, favoráveis ou desfavoráveis, foi para desfazer certo número de equívocos e deturpações que correm acerca dele e também de sua mulher, aos quais uma crítica desorientada e apaixonada quer erguer ao nível dos heróis. Alvarenga Peixoto não tinha nada de herói. Era antes um pobre e leviano homem, trabalhado por forças obscuras, generoso e afetivo, mas perdulário em extremo, ambicioso e movido por um sentimento de grandeza, que nunca pôde pôr em obra e que afinal o perdeu. Esse homem, a quem uma imaginação doentia desfigurava constantemente o vulto da realidade, veio a ter um fim de vida atroz, num obscuro presídio africano, longe da família, que ele tanto estremecia. Piedade para Alvarenga Peixoto!

Quanto ao escritor, deixou-nos uma obra pequena que convém completar na medida do possível, pois tem um importante significado literário e político. O sentimento nativista irrompe dela com uma sinceridade e uma veemência que talvez se não encontre em nenhum outro escritor do tempo; mas aquilo em que por certo se avantaja a todos os outros é a nota de comovida simpatia pelos humildes que trabalhavam a terra, os pobres escravos que fizeram a grandeza do Brasil e que ele queria libertar em 1789. Esta simpatia humana junta a uma arte em que se nota a insistente procura da expressão e imagem nova são particularidades que militam a seu favor e nos fazem esquecer as suas misérias de homem.

O Problema Bibliográfico

Só três poesias de Alvarenga Peixoto foram publicadas em sua vida: a) o soneto dedicado ao *Uraguai* de José Basílio da Gama, que acompanha o poema na edição de 1769: "Entro pelo *Uraguai*, vejo a cultura"; b) o soneto dedicado à Estátua Eqüestre, em 6 de junho de 1775: "América sujeita, Ásia vencida"; c) a lira "O retrato" (de Marília e não de Anarda), publicada em 1785 no v. VII da *Miscelânea curiosa e proveitosa*, sem nome de autor, o que a torna um pouco duvidosa. O "Canto genetlíaco" foi publicado em 1794, dois anos depois da morte de Alvarenga Peixoto em África, com indicação do seu nome. O resto das suas produções foi apanhado de manuscritos de maior ou menor confiança. Entre os manuscritos de confiança contam-se naturalmente os que foram trabalhados ainda em vida do autor: tais são o Ms. 8.610 da Biblioteca Nacional de Lisboa, com o título de *Coleção de sonetos sérios*, datado de 1786, e a *Coroa poética à morte do 2º marquês do Lavradio*, de agosto de 1790, pertença do atual representante dessa Casa, o dr. José Luís de Almeida, advogado em Luanda.

Quem primeiro reuniu o principal da pequena obra poética de Alvarenga Peixoto que nos resta foi o cônego Januário da Cunha Barbosa, no seu *Parnaso brasileiro* (1829–1832). O modo como essas composições foram recolhidas, por correspondência postal, sem citação de fontes, deixa muito a desejar, não tendo nós indicação segura sobre a autenticidade das mesmas; e as erratas têm um caráter suspeito, mais parecendo por vezes correções do próprio compilador. Apesar de tudo, o *Parnaso*, hoje uma raridade bibliográfica, prestou grandes serviços.

A edição de Joaquim Norberto de Sousa Silva, em 1865, foi baseada nos elementos recolhidos pelo cônego Cunha Barbosa, a que acrescenta algumas poesias, e também incide no erro de não citar capazmente as fontes. Denota porém grande aplicação e inclui os documentos que ao tempo se conheciam sobre a vida e a obra do poeta. A edição não inclui um soneto firmado por Alvarenga, em que se censuravam os heróis da Independência Americana. As razões expendidas pelo editor em obediência a um critério político fazem-nos hoje sorrir:

> Possuo ainda um soneto inédito, com a sua assinatura, que assentei de não juntar às suas obras. Acho-o indigno do autor, e por demais ofensivo aos heróis da emancipação da América inglesa, depois Estados-Unidos.
>
> (p. 72-3 da sua edição).

Por mais esforços que fizéssemos, não conseguimos encontrar este soneto nem em Portugal nem no Brasil. É pena, porque devia ser uma peça interessante.

Seguiu-se muito mais tarde, em 1956, a edição do escritor paulista Domingos Carvalho da Silva, que, apesar das suas deficiências, prestou e presta muitos serviços, pois era praticamente impossível adquirir a edição de Norberto. Também nesta edição se nota a tendência para a supressão de poesias, não por um critério político, mas meramente literário. Analisemos esses casos: a) A supressão da ode incompleta ao visconde de Barbacena, "Segue dos teus maiores", que se conserva autógrafa nos *Autos da devassa* (nº 26 da nossa edição). Não se pode arredar de qualquer edição um documento literário desses, sob o pretexto de estar incompleto e emendado pelo autor, não se sabendo afinal qual a forma definitiva. Trata-se do único autógrafo literário de Alvarenga, e isso já lhe confere valor excepcional; as correções do autor documentam o seu trabalho de estilo e podem levar-nos aos princípios da sua arte literária. Além disso, a composição tem inegavelmente caráter pré-revolucionário, o que os juízes da Inconfidência sentiram perfeitamente, fazendo-a incorporar no processo como carga contra o autor. b) Também o editor entendeu suprimir o soneto aos sete anos de Maria Efigênia, "Amada filha, é já chegado o dia", que supõe ser antes da mãe, d. Bárbara Eliodora. Dá como razões: 1) não haver nele as alusões mitológicas "inevitáveis" em toda a poesia de Alvarenga; b) o desprezo pela vã beleza, pelas honras e pela riqueza não condizia com a estética e o sentimento pessoal do autor; 3) as expressões "santas leis do filho de Maria", "ternos preceitos da verdade" etc seriam totalmente impróprias de Alvarenga Peixoto.

Estas razões não são procedentes. Há efetivamente em Alvarenga Peixoto poesias que não contêm alusões mitológicas, aliás descabidas num ato religioso, que seria o da primeira comunhão. O homem, e sobretudo o poeta, é um ser muito complicado, um "fingidor", que diz as coisas mais extraordinárias, em acordo ou desacordo com o que julga pensar e sentir. Na emoção e esplendor daquela cerimônia de Igreja, empolgado pela atmosfera, evocando a própria meninice, relembrando, num remorso, o "pecado" do nascimento da filha, o ambicioso da fortuna, eternamente frustrado nas suas aspirações, fez-se humilde e contrito; dominado pelo mesmo sentimento, também o leitor de Voltaire, acusado de ateísmo pelo vigário de S. João del-Rei, se fez devoto e bom católico, pelo menos naquele instante. Eis as razões que nos movem a atribuir o soneto ao nosso poeta.

Há também a tendência contrária, que consiste em acrescentar ao pequeno espólio do nosso autor composições que lhe não pertencem. Entre essas tentativas citamos a de Afrânio Peixoto, extremamente curiosa. Em seu *Panorama da literatura brasileira*, S. Paulo, 1940, p. 205, dá como de Alvarenga Peixoto um soneto de estilo arcádico dirigido "a uma senhora que o poeta conheceu no Rio de Janeiro e viu depois na Europa", o qual começa: "Na idade em que eu, brincando entre os pastores". Mas não nos diz uma única palavra sobre a procedência de tal soneto, que

fomos encontrar depois nos papéis de J. Norberto de Sousa Silva, conservados no Instituto Histórico, atribuído a José Basílio da Gama!

É este um procedimento absurdo, que hoje se não admite em trabalho sério de edição crítica, onde todo o jogo do editor tem de ser posto a claro. Há realmente necessidade de aumentar o espólio literário de Alvarenga Peixoto, que teve certa notoriedade, especialmente na sua fase propriamente portuguesa, nas brigas literárias em que emparceirava ao lado de Quita, Matos e Pedegache. Encontrar esse material perdido é o objetivo das futuras pesquisas; mas todo o cuidado é pouco nesse trabalho, que requer o conhecimento exato da biografia e das tendências fundamentais do seu estilo a par da freqüência doutras disciplinas, como a história, a paleografia, a filologia, indispensáveis numa boa crítica textual.

AS LOUVAÇÕES DE ALVARENGA PEIXOTO

Letícia Malard

> Representou Alvarenga, cuja alma era mais pensadora e sua imagem mais viva, estar inteiramente transportado. Rompeu em vozes e raciocínios tão extravagantes, que o religioso que a sorte lhe deparou, dos onze, o acordou repetidas vezes do transporte horroroso a que se tinha entregado. Já recriminava a esposa, por lhe ter impedido os primeiros vôos (e talvez os últimos) de sua fidelidade. Querendo ir deitar-se, já fazendo pouco apreço da vida, lamentava a orfandade de uma filha cuja pintura fazia a mais delicada de quantas ele fizera descrevendo a sua Vênus.
>
> FREI RAIMUNDO DA ANUNCIAÇÃO PENAFORTE
> "Últimos momentos dos Inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu em confissão. Com notas do autor."

A GRANDE DIFICULDADE para o estudo da obra do poeta inconfidente Inácio José de Alvarenga — que ora usava o sobrenome Peixoto ora não — é que ele deixou apenas um poema autógrafo e, dos 33 de seus poemas até hoje conhecidos, somente três foram publicados em vida. E mais: seu contemporâneo de época e de estudos na Universidade de Coimbra, quase homônimo e não parente — Manuel Inácio da Silva Alvarenga — também foi árcade, autor de rondós e madrigais dados à publicação enquanto viveu, sob o título *Glaura*, e do poema herói-cômico "O desertor", cuja temática é a vida universitária. E mais ainda: Na segunda metade do século XVIII corriam poemas anônimos — esparsos ou em antologias — não raro erroneamente atribuídos a esse ou àquele indivíduo. Repetiram-se os erros, sem pesquisas mais aprofundadas, em antologistas do século XIX. Dentre estes últimos, encarregados também de tentar corrigir e ou fixar o texto desses poemas, figuram Januário da Cunha Barbosa e Joaquim Norberto de Sousa e Silva.[1]

As considerações anteriores apontam para a dificuldade de estabelecimento do *corpus textual* de Alvarenga Peixoto, empresa levada a bom termo por Manuel Rodrigues Lapa, após exaustiva pesquisa de manus-

critos e de tudo o que havia sido impresso como sendo do poeta, ainda que reconhecendo não ter a última palavra sobre a questão. Diz ele, no prefácio a *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*:

> Há um curioso estudo a fazer, que pode dar, se bem conduzido, resultados interessantes: procurar nas numerosíssimas poesias avulsas, sem nome de autor, impressas e manuscritas, reunidas em miscelâneas da segunda metade do século XVIII, aquelas que, por certas indicações objetivas, possam pertencer a Alvarenga Peixoto. Andamos na pista de algumas dessas poesias, sobre que oportunamente nos pronunciaremos. A nossa atenção está posta muito particularmente num pequeno cancioneiro manuscrito, nº 2.814 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, anterior a 1779, que colige poesias que poderão ser de Gonzaga e Alvarenga Peixoto (...)[2]

Ao que tudo indica o pesquisador faleceu sem levar avante o projeto, deixando aberto o campo para quem quiser candidatar-se...

A outra desconfiança que se pode ter, e não mencionada por Lapa, seria relativa a alguma confusão de autoria de produções dos dois Inácios Alvarengas, vindo isso botar mais lenha na fogueira. Joaquim Norberto, na introdução às *Obras poéticas* de Silva Alvarenga, informa que uma ode deste consta da *Coletânea de poesias inéditas dos melhores autores portugueses*, Lisboa, 3 v., 1811–1914, com a seguinte ressalva:

> Só que o nome do poeta anda aí deturpado em João Inácio da Silva Alvarenga, pelo que poder-se-ia pensar ser ela antes de Inácio José de Alvarenga Peixoto. O cônego Januário da Cunha Barbosa a reimprimiu no *Parnaso brasileiro* (t. I, cad. I, p. 54), como obra de Domingos Vidal de Barbosa, e assim foi reproduzida no *Mosaico poético* (p. 43).[3]

O quadro atual revela, portanto, que, além do único autógrafo de Alvarenga, da homonímia de poetas amigos, do anonimato de composições coligidas em miscelâneas, da confusão dos pesquisadores no século XIX na atribuição de autoria, e do trabalho incompleto do pesquisador português Manuel Rodrigues Lapa, estamos diante de um problema bem mais amplo. A discussão de autoria não faz muito sentido se se toma o discurso do poeta como protótipo de um discurso colonial *artístico*, com foros de cidadania numa sociedade onde o conceito de propriedade literária era subalterno ao de imitação de modelos e de traduções destes. No século anterior já tinha havido um caso semelhante na Bahia, o de Gregório de Matos. A Colônia não tinha produção literária significativa para a sua extensão territorial e para o nível de exploração das riquezas empreendida pelos colonizadores. A imprensa era proibida. A cultura era manipulada pelos padres — não mais pelos jesuítas na segunda metade do século XVIII, expulsos que foram em 1759 — e circulava sob suas responsabilidades. Ora, nesse contexto, as poucas expressões literárias emer-

gentes falam mais por uma voz coletiva, pela mímese de textos produzidos por amigos fraternos, pelo espelhamento em modelos europeus, do que por escritas individuais e originais.

Nessa mesma linha de reflexões, porém, para os que acham importante queimar pestanas nas charadas autorais, depara-se com outro tipo de questão: qualquer professor de literatura conhecedor de estilística e treinado em leitura de poesia irá encontrar semelhanças impressionantes entre poemas atribuídos a Alvarenga e poemas tidos indiscutivelmente como de Tomás Antônio Gonzaga. Vejamos a primeira estrofe do nº 18 de Alvarenga e do nº 7 de Gonzaga:

18

Marília bela,
Vou retratar-te,
Se a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, Amores,
Quanto vos peço:
Tudo careço
Para a pintar.[4]

7

Vou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como? se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores
Dar-mas a terra não pode;
Não, que a sua cor mimosa
Vence o lírio, vence a rosa,
O jasmim e as outras flores.
Ah! socorre, Amor, socorre
Ao mais alto empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tintas do céu.[5]

Em que pese a suposição de Lapa, ou seja, a amizade entre os poetas ter levado Alvarenga a homenagear a amada do amigo imitando um poema deste, a semelhança aponta muito mais para o convívio pacífico de um discurso poético *coletivo*. Aqui, a descrição da mulher, amada porque bela, a ser eternizada através da metáfora pictórica. E porque esse objeto de amor e beleza é divinizado e se coloca acima da natureza humana na fantasia desses poetas, transfere-se ao Olimpo a tarefa da perenização. Nesses poemas do setecentos, ninguém melhor do que Cupido para pintar um retrato que inscreva para todo o sempre, na galeria dos deuses da beleza, do amor e do bem, essas pastoras deificadas.

Não é gratuito o fato de que a imagética desses e de outros poemas-retratos se limite a clichês, não raro de gosto duvidoso. No caso do atribuído a Alvarenga: dos olhos se vêem voar molhos de setas, os risos se ajuntam nas covas das faces, os seios são globos gelados e limões nevados etc. Aquilo que a análise literária normalmente chamaria de barroquismo ou de preciosismo — flores, pedras preciosas, elementos celestes ou da grande natureza na des-

crição da mulher — prende-se mais aos objetos de culto dos templos pagãos do que propriamente à vontade de retratar o feminino pelo que há de mais belo e valoroso na natureza. Deusa do artificialismo pastoril, o seu cultor, ao invés de oferecer-lhe objetos valiosos, enfeites ou alimentos nobres, transpõe as qualidades desses objetos para o físico, o exterior, o aparente da mulher, pois são as exterioridades que despertam o desejo amoroso.

Depois de quinze estrofes de pintura do retrato de Marília com o que há de mais precioso e belo na terra e nos céus, Alvarenga encerra esse poema dialogante com outro de Gonzaga assumindo a divindade da virgem amada:

> Porte de deusa,
> Espírito nobre,
> E o mais, que encobre
> Pejo vestal.
> Só vós, Amores,
> Que as Graças nuas
> Vedes, as suas
> Podeis pintar.[6]

A legenda de uma foto de Vênus, encontrada no templo de Ísis em Pompéia, ilustrando um texto de Paul Veyne sobre as relações entre deuses e homens no Império Romano, vem de encontro ao que acabo de dizer:

> Vênus é também a deusa do casamento. Muitas vezes se oferecia a uma divindade a imagem de outra divindade. Jóias de ouro, restos de tintura loira nos cabelos; a cor natural do mármore ficou nas partes nuas. A douração no peito deve-se ao pudor e não reproduz roupa íntima.[7]

Não é inoportuno lembrar que essa mitologia latina nos poetas setecentistas surge filtrada pelo ideário neoclássico e, nesse poema, aclimatada à exploração aurífera da Colônia e a foros de modernidade. Os cabelos de Marília serão pintados com o "rico tesouro" trazido das "minas de ouro". Sintomaticamente, sua testa terá a cor dos jasmins de Itália, reforçando o caráter moderno, e não de Roma — topônimo este que aparece na poesia árcade de contexto greco-latino. Da mesma forma, em muitas liras da prisão, enquadradas no contexto da Inconfidência e inspiradas em posturas iluministas, o companheiro Gonzaga transita elegantemente da política para a mitologia. Viaja do real circundante para a fantasia olímpica, buscando compatibilizar o mundo palpável das Luzes e das personalidades históricas antigas homólogas às do despotismo esclarecido, com o mundo mítico da poesia, da delegação poética através da qual se incorpora num pastor divino.[8]

Entretanto, essa aproximação entre ambos os poetas, advogados da mesma idade e ocupando postos políticos de importância na Colônia, se desfaz quando se comparam suas escritas poéticas propriamente ditas.

Gonzaga, adaptado ao cânone literário do tempo — no Brasil e em Portugal — tendia para o maneirismo rococó, ao passo que Alvarenga praticava uma poesia tipicamente barroca. Esse fato pode indiciar pelo menos duas coisas opostas: a primeira — que a parte da poesia de Alvarenga até agora perdida, destruída ou não pesquisada seria de fato a *moderna* e substancial — perdida ou destruída em função do esquecimento a que foram relegados os inconfidentes durante muitos anos, e quem sabe até mesmo em originais preparados para publicação. A segunda — que essa parte realmente nunca existiu e que Alvarenga era adepto consciente do academicismo barroco do século XVIII e, nessa condição, não passou de um poeta de circunstância, como o eram quase todos os filiados às academias. O predomínio da literatura encomiástica, laudatória, em seu acervo, sustenta essa última hipótese.[9]

Qualquer que seja o caminho que se tome ou que se venha a tomar, o fato é que o pequeno número de poemas de, ou atribuídos a Alvarenga Peixoto ressalta pelo trabalho com a linguagem e pela literarização dos recursos histórico-mitológicos, o que lhe concede um lugar digno na literatura do século XVIII. Esses poemas — 25 sonetos, 4 odes, 2 liras, 1 "Canto genetlíaco" e 1 cantata — na edição Lapa — podem ser divisados em três amplas perspectivas temáticas: o culto ao feminino, o encomiástico e a brasilidade vinculada ao aulicismo.

A celebração da mulher pela beleza, numa escala que vai de rainha a pastoras, não apresenta novidades temático-formais. Sua marca, sem fugir à clicheria barroca do soneto, é a retórica da hipérbole, transformando esse tipo de poesia lírica em poesia de circunstância, tal qual a praticada nas sessões acadêmicas do século XVIII e seus concursos poéticos. Assim, ao lado da *retórica da hipérbole* — condição da poesia laudatória — tem-se a *retórica da competição*, modo de louvar o feminino numa sociedade em que, regra geral, o único destaque possível da mulher se dava por suas qualidades físicas, capazes de despertar amor e admiração.

Aliado ao culto do corpo sem matizes eróticos explícitos, porque predominantemente metonimizado nos componentes do rosto (faces, fonte, olhos, boca etc), e mais raramente no colo, tem-se o culto à personalidade da mulher intelectual, dada às artes poéticas. A gratuidade da beleza acaba por subordinar-se à prática de tarefas envolvendo literatura e literatos, não só para unir o útil ao agradável, como também para marcar o distanciamento entre a poetisa-mecenas e a cortesã-messalina. Ambas são mulheres *públicas*, mas cada qual mantém com os homens um tipo de relacionamento. Se o poeta árcade, mestre do artificialismo em todos os sentidos, celebrava a mulher-poeta-protetora, talvez em evocação à rainha Cristina da Suécia, o romântico se inclinará para as descendentes de Margarida Gautier, para as damas-das-camélias recuperáveis através da

proteção de seu amor. Alvarenga Peixoto, ao fazer sonetos tematizando concursos de beleza ou cortesãs da poesia, desloca, para dentro do poema, as celebrações acadêmicas encomiásticas e seus concursos que escolhiam o melhor poeta ou poema. Casava-se assim, com perfeição, o poeta áulico que perseguia prêmios louvando os grandes, com o poeta amante do eterno feminino em eterna competição pelo poder do amor.

O soneto 4 é um protótipo de outros tantos. Mulheres humanas e mulheres olímpicas concorrem a um mesmo posto e nem precisa dizer quem vence. Aí uma"bela Maria" (d. Maria I?) ganha um concurso cujas candidatas são a Lua, Tétis, Citeréia, Cíntia e, quem diria, Vênus! No soneto 9, Jônia é retratada como a mais bela das mulheres, não só pela beleza física mas pelas qualidades do espírito, na condição de promotora das artes.[10] Assim, a beleza do rosto como fonte de sedução se complementa com a sensibilidade artística e com a função do mecenato. No soneto 8, Alvarenga diz que nessa senhora se encerram os dons sublimes "de rainha, de sábia e de formosa". Sabedoria e formosura constituem-se na dupla perfeita de louvor do perfeito feminino no pensamento poético do intelectual ilustrado que vive na sociedade metropolitana. No soneto 10, Jônia e Márcia competem na beleza, sob as vistas invejosas de Vênus, que lhes tece coroas de flores. No soneto 12, a cidade de Sintra é palco de um concurso vencido pela "impiíssima Silvana", disputado por mulheres qualificadas negativamente pelo aspecto moral, porém relacionado ao comportamento delas em face do amor, para tristeza ou alegria dos homens que as cortejam:

> Aqui, da pira ardente a chama acesa,
> A amante, a ingrata, a tenra, a esquiva, a ufana
> Vêm disputar os prêmios da beleza.
>
> Venceu a impiíssima Silvana.
> Castiga, fere, Amor, quem te despreza:
> Tens triunfo maior que o de Diana.[11]

A retórica da competição transfere-se dos concursos de beleza nos domínios do público para os concursos de amor no espaço do privado, amor, como não poderia deixar de ser, despertado pela beleza. Diante de Jônia e Nise, o poeta não sabe a quem escolher, no soneto 6, solicitando a Cupido, barrocamente, que transforme as duas em uma ou que parta seu coração em dois.[12] Wilton Cardoso, analisando comparativamente esse poema e o similar de Gonzaga, observa ser possível que os dois amigos estivessem divertindo-se em algum torneio poético.[13]

A observação de Cardoso constitui-se em mais uma prova do que venho chamando de retórica da competição. Esta percorre uma via de qua-

tro pistas, ou seja: 1. O árcade produz poesia para apresentação e julgamento em academias, em jogos florais, com vistas a ser laureado. 2. Acerta com amigos a composição de poemas com tema e estrutura semelhantes, num jogo divertido. 3. Os amigos têm a mesma mulher (ou mulheres com o mesmo nome), por musas inspiradoras. 4. O poeta transpõe as atividades competitivas para o interior do poema, trabalhando a temática da disputa em diferentes vieses: beleza feminina, dificuldade de escolher um amor entre dois, utilização de mesmos antropônimos.

Em quatro poemas — um dedicado à esposa Bárbara Eliodora, outro à filha Maria Efigênia quando completou sete anos de idade, um terceiro da época em que ouviu a sentença de morte, e um quarto também relativo à Inconfidência, Alvarenga Peixoto cultua o feminino aliado às relações familiares sob outra ótica: a saudade da esposa e da filha, por motivos não declarados, no primeiro; conselhos de comportamento religioso a Maria Efigênia, em sua chegada à idade da razão, no segundo; a dor da saudade da família superando os sofrimentos do cárcere, no terceiro; o sentimento de pesar pela família, por ver-se envolvido, injustamente segundo ele, na Inconfidência, no último poema.

Suas diferenças estilísticas e temáticas, se comparados com os demais poemas, são gritantes. Neles o poeta, assumindo sem sombra de dúvida sua personalidade histórica, se despe dos artificialismos árcades e ilustrados e os substitui por uma *retórica religiosa* para cantar o cotidiano doméstico, nos dois primeiros.[14] O terceiro é construído num discurso mitológico em que não se nomeiam os deuses, mas as suas penas, comparando-as com as próprias, o que não deixa de ser um matiz da retórica da competição. Nele o poeta chora a ausência da esposa e dos filhos, confessando que essa ausência é pior do que todos os suplícios que os deuses evocados sofreram. No quarto poema, mesmo sendo ateu, Alvarenga não poderia escapar da retórica religiosa: se em "Bárbara bela" a distância da amada poderia ser causada por motivos políticos, no soneto "Amada filha, é já chegado o dia" há forte indício de que esse dia seja o da primeira comunhão da menina.[15]

A mulher é a rainha do lar, estrela que guia o marido (tal como a estrela de Belém), mãe abraçando carinhosamente a filha. Esta deve desprezar honrarias e riquezas, seguir a doutrina cristã, amar a Deus e ao próximo para alcançar a eternidade. No soneto "Não me aflige do potro a viva quina" a *retórica mitológica* se combina com a da competição. O poeta, encarcerado, depois de referir-se às agruras de seu processo, evoca os severos castigos impostos a Tântalo, Prometeu e Sísifo, para declarar que a saudade da família é um mal bem maior do que os suplícios dos citados deuses. Finalmente, no soneto "Eu não lastimo o próximo perigo," as retóricas anteriores são substituídas pela *retórica do desapreço à*

vida se não fossem os elos de sangue (esposa e filhos) e uma perdida amizade (Gonzaga? Cláudio?), na qual o poeta pôs fim ao envolver o amigo em seus depoimentos judiciais, no caso do primeiro, ou pela morte misteriosa, no caso do segundo.

A retórica da competição, com seus ornatos mitológico-femininos pagãos na poesia sensual das exterioridades ou do refinamento social, cede lugar à retórica da religião, da moral — humana ou olímpica — que culmina no desencanto diante da vida como réu injustiçado — na poesia das relações familiares. Nos concursos de beleza ou de literatura, o árcade iluminista se revela por inteiro em sua personalidade poética, mediante as adequadas articulações entre o público e o privado. No espaço do lar, o *pater familias* se recolhe num discurso pessoal domesticado e domesticador, adequado à sua função nos domínios do privado. Mesmo no caso da competição entre os tormentos dos deuses com o seu tormento, a domesticação aparece através da não nomeação das figuras mitológicas, mas dos objetos de seus suplícios, objetos que tanto remetem aos mitos quanto à realidade da prisão, seu novo e lúgubre *lar*: grilhão, cadeia, pássaro (referências a Prometeu acorrentado e ao abutre roendo-lhe o fígado, bem como a algemas, correntes e pássaros marinhos na ilha das Cobras); água e fruto (referências a Tântalo, que os via sem poder alcançá-los, bem como bebida e alimento a seu alcance, na cela).

Na retórica moral do desapreço à vida, presente no soneto "Eu não lastimo o próximo perigo" Alvarenga assume integralmente sua personalidade histórica. É o homem comum, esposo, pai e ex-amigo que abre seu coração através de versos distantes dos embates competitivos, dos artefatos mitológicos e da sintaxe arrevesada. É uma composição *sui generis* no conjunto da obra, que mostra a verdadeira cara do poeta no momento de maior desespero e solidão.

A segunda vertente da poesia de Alvarenga Peixoto é a encomiástica, a poesia laudatória, não raro hiperbolizando as qualidades do louvado, nos termos dos poetas acadêmicos do século XVIII. Nesta vertente, a retórica da competição funde-se com a da hipérbole, esta última já de *per si* configuradora do barroco e seus maneirismos. O soneto 20, comemorativo do aniversário de d. Maria I, segue o diapasão dos concursos femininos: comparam-se três rainhas — Maria Teresa, da Alemanha, Catarina, da Rússia e Maria I, de Portugal — para se glorificar a portuguesa. A chave de ouro do soneto — "freio de rosas posto em mãos de neve" — indicia o jeito de Maria I reinar, ou seja, pacificamente, ao passo que as outras duas são beligerantes. Dessa forma, Portugal suplanta os dois países na arte de governar, nos termos da visão iluminista do poeta — superioridade que, evidentemente, já era desmentida pela História, à época...

O tema do soneto 20 comprova o caráter aleatório e alienado do discurso poético laudatório de Alvarenga Peixoto, e seguramente também o de outros seus contemporâneos. Essa rainha, sucessora de d. José I — o rei que teve como superministro o marquês de Pombal, por quem o poeta nutriu profunda admiração — não era simpatizante do marquês. Sua política pretendia, dentro do possível e sem criar problemas pessoais, apagar os traços da época pombalina, rompendo com o Iluminismo. A pretensão fracassou, pois a rainha necessitou compor sua administração com pessoas capazes e ilustradas. O tom moderado de seu governo parece ter sido imposto, inclusive, por seu confessor, "criatura feita por Pombal".[16] É estranho que, em tão parca obra, Alvarenga tenha inserido a rainha como protagonista em alguns poemas e lhe dedicado mais três, um deles de dedicação discutível segundo Lapa:[17] além do soneto 4, compôs uma ode, na qual um índio pede à soberana que visite o Brasil, e um soneto celebrando o Natal, cuja derradeira estrofe diz o seguinte:

> Bendita sejas, lusitana augusta!
> Cobre o mar, cobre a terra um céu sereno,
> Graças a ti, ó grande, ó sábia, ó justa! [18]

A rainha, já louca, transformou a pena de morte dos inconfidentes em exílio.[19] Como não se tem a data segura dessas composições, não se sabe com quais objetivos foram escritas: simplesmente porque se tratava da rainha? Porque, mesmo em atenção a uma eminência parda, ela não destruiu as obras mais importantes do despotismo esclarecido pombalino? Para ter a pena de morte comutada, rasgando elogios a uma rainha que já não possuía o controle de suas faculdades mentais? [20]

Se aceitamos que a literatura encomiástica participa de um sistema de trocas, e, por isso, será sempre celebratória, subserviente ou agradecida por obséquios recebidos ou provocadora de favores solicitados, a segunda pergunta não faria sentido. Antonio Candido é menos rigoroso nesse julgamento e procura politizar a poesia de circunstância. Diz ele:

> O interesse [que Alvarenga Peixoto] apresenta hoje é, todavia, devido exatamente a algo implícito na poesia de circunstância e já pudemos entrever em Cláudio. Quero falar da utilização que os poetas fizeram do louvor a reis e governantes para, através dele, chegar à meditação sobre problemas locais, cumprindo assim um dos objetivos da literatura *ilustrada*, em busca da verdade social.[21]

Acredito que os *temas* da poesia áulica, laudatória ou encomiástica, regra geral, não transitam pelo político, nem pelo ético e muito menos pelos interesses sociais do indivíduo enquanto cidadão. Ou, por outra: o trânsito só passa por essas categorias quando é necessário elevar o *ego* da personalidade louvada, demonstrando com isso gratidão pelo benefício

que causou ou que poderá causar ao poeta, no estrito espaço do privado. Cláudio Manuel, citado por Candido como realizador de uma poesia de circunstância buscando no fundo uma verdade social, pode ser exceção a essa regra. A busca dessa verdade não me parece ser encontrada em Alvarenga. Mesmo que se veja na ode ao marquês de Pombal uma idéia dominante no pensamento iluminista, ou seja, a condenação da guerra e a exaltação da ditadura sob o despotismo esclarecido, não se pode esquecer que essa mesma idéia perpassa em poetas como Cláudio e Gonzaga.

Assim sendo, a condenação do uso da força para as conquistas me parece ser muito mais um efeito retórico da poesia ilustrada do que a representação de reflexões pessoais dos ilustrados na Colônia brasileira. Tanto isso é verdade que a Conjuração Mineira na qual se envolveram, e Alvarenga muito mais do que os outros poetas ao que tudo indica, foi planejada para ser um movimento armado e até mesmo cruento no que tocasse ao governador das Minas. Segundo consta, discutiu-se em reuniões prévias se ele seria assassinado com a família ou se seria deportado.[22]

Excelente exemplo de que o interesse pessoal do poeta encomiástico pairava sobre todas as coisas é o soneto 25 — apologia aos melhoramentos do Rio de Janeiro realizados pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa — que pode ter sido composto quando o poeta já estava encarcerado. Sobre o poema, diz Lapa que "Alvarenga estava obcecado pela idéia de erigir estátuas aos heróis de cujos favores necessitava".[23] A retórica da hipérbole, sempre ressaltada pela mitologia, já se faz anunciar na primeira estrofe, onde o deus Vulcano está fabricando em sua forja línguas de fogo (letras) para cantarem, até o final dos tempos, "o nome de um herói que a pátria adorna". Parece tratar-se da impressão do nome do vice-rei no chafariz da praça XV, uma de suas obras urbanísticas, junto com o cais e o Passeio Público. A imagem de Vulcano trabalhando ardentemente em sua bigorna para engrandecer a uma personalidade vai retornar no soneto 30, que, segundo Lapa, parece ter sido composto na prisão e em homenagem ao conde de Resende, que mandou colocar uma imagem de Cristo no Pão-de-Açúcar.

O gosto de Alvarenga pelo discurso mitológico laudatório não se presentifica apenas na poesia. Na 2ª Inquirição — Fortaleza da Ilha das Cobras, 14.01.1790 —, quando o vice-rei era o mesmo Luís de Vasconcelos e Sousa do soneto 25, o inconfidente reproduz a conversa que o coronel José Aires Gomes tivera com ele a respeito da ajuda de potências estrangeiras para a eclosão do Movimento. Procurando safar-se, com certeza, das graves acusações que lhe pesavam, Alvarenga declara ao inquiridor não ter dado o menor crédito à informação sobre a ajuda, e ainda ter dito ao coronel que, se fosse verdadeira, não acreditava na efetivação dessa ajuda, rasgando os maiores elogios à administração do vice-rei. Talento-

so e eficiente, era vigilante de todos os passos que se davam na cidade, e ninguém se atreveria a tais dizeres nem fazeres.

Esse depoimento é uma ratificação do anterior, cerca de dois meses antes, onde o mesmo governante já havia sido elevado à condição de maravilhoso, de símbolo de perfeição, pelo prisioneiro. Só que, desta vez, o inconfidente parece ter tido mais tempo de preparar-se para a nova inquirição, cujas respostas são marcadas pelo eruditismo e pela literatização. Apela para a mitologia e a história romana, para autores clássicos através de citações em latim, quem sabe tendo decorado o que escrevera, uma vez que, na 1ª Inquirição, o discurso é outro, ausentes tais elementos. Agora, a bajulação a d. Luís apresenta-se literatizada, ornada de figuras mitológicas, aí incluído Vulcano, o mesmo deus que trabalha para a perenização do governante no soneto 25:

> (...) e quem se atreveria a proferir semelhante proposição sem que temesse ser imediatamente fulminado por quantos raios pode forjar Vulcano, por quantos pode disparar a mão de Jove, e como poderia ela escapar à sua atividade, que não reparte com Júpiter o seu império, como fazia Augusto, governando um de dia, outro de noite (...)[24]

Esse cruzamento de discurso poético encomiástico com discurso jurídico de autodefesa constitui-se em mais uma prova da circunstancialidade da poesia acadêmica do século XVIII, voltada exclusivamente para o caso individual, de salvação da pele *lato sensu*. A autodefesa não poderia prescindir das personagens *eternas* recolhidas nos poemas para eternizar a mandatários não raro obscuros para a História, para não dizer em seu próprio presente. Isso porque, coroando-se de louros a vaidade do déspota esclarecido ou de seus homens de confiança através da linguagem, estariam garantidos os benefícios e favores necessários. No caso em pauta, a conservação da própria vida.

Três sonetos são feitos para louvar seu protetor, outro vice-rei, o marquês de Lavradio. O de número 16 abre uma peça teatral, traduzida ou escrita pelo autor. O soneto tem a finalidade não só de revelar a função utilitarista social do teatro, justificando, portanto, o envolvimento de Alvarenga com ele, mas também hiperbolizar o papel do marquês no incentivo à arte teatral. Sem dúvida o poeta buscava o apoio do vice-rei para a encenação da peça, pois este, ainda que governante moldado na ideologia pombalina, não se notabilizava como protetor das artes:

> Tudo mostra o teatro, tudo encerra;
> Nele a cega razão aviva os lumes
> Nas artes, nas ciências e na guerra;
>
> E a vós, alto senhor, que o rei e os numes
> Deram por fundador à nossa terra,
> Compete a nova escola dos costumes.[25]

No soneto 19, Alvarenga apela aos "barões assinalados" para verem seus sucessores "revestidos de gala e de alegria", evocando a genealogia de Lavradio e o seu espelhamento em Pombal. E no 27, a propósito da morte do 2º marquês de Lavradio, o poeta aciona a retórica da hipérbole mediante a ousadia de propor um epitáfio para o morto, em nome das Dores, epitáfio cujas palavras são metaforizadas em flores, dizendo que tanto a pátria quando o mundo terão saudades dele.

Em todas essas composições transparece a retórica da competição aliada à da hipérbole, visando ao engrandecimento público da personalidade à qual são dedicadas, para agradecer ou solicitar. Se a competição não é explicitada como nos outros grupos de poemas focalizados, ela existe subjacente ao agenciamento da retórica da hipérbole, pois as qualidades da pessoa louvada superam a tudo e a todos, algumas vezes beirando o ridículo. É o caso da última estrofe da "Coroa poética à morte do 2º marquês de Lavradio, exposta por ocasião das exéquias que lhe fizeram no Rio, em agosto de 1790", em que as Dores, ao escreverem o epitáfio, retiram o "2º" de seu nome, numeral esse que lhe diminuiria o valor:

> Breve a vida lhe foi; mas, sem segundo,
> O seu nome imortal entre os maiores
> Será sempre saudoso à pátria e ao mundo. [26]

De todos os poemas encomiásticos sobressai-se a ode ao marquês de Pombal, composta por noventa versos decassílabos misturados a hexassílabos. Segundo Rodrigues Lapa, teria sido declamada numa academia de homenagem ao marquês, na casa de seu genro em Lisboa. O resultado foi rápido: em menos de um ano, Alvarenga era nomeado ouvidor do Rio das Mortes (atual São João del-Rei — MG), nomeação comunicada em carta pessoal do marquês à Junta da Real Fazenda em Minas Gerais. O lugar teria sido escolhido pelo próprio bacharel, e para o transporte recebeu antecipadamente uma ajuda de custo. Deixou muitas e pesadas dívidas em Portugal, que só foram pagas depois de sua morte.[27] A ode lhe valera, portanto, um cargo do jeito que queria, e o calote nos credores. Saberia Pombal sobre essas transações? Esse fato por si só comprova as relações perigosas entre os poetas e as "pessoas muito principais", intermediadas pela poesia. Caso ainda não tenha sido feita, urge uma pesquisa sobre tais relações, sobre a função e a força da literatura laudatória nos negócios de Estado, sobre o papel político e o fisiologismo do "é dando que se recebe" nas academias no século XVIII.

Pombal — Sebastião José de Carvalho e Melo — é glorificado com a melhor retórica da hipérbole a que tinha direito: o sobrenome remete à árvore a cuja sombra os escudos que ornam as armas de Portugal descansam. O desenvolvimento da agricultura é mostrado com a imagem de

Sátiros saltando
Por entre verdes parras
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeando
Nas fecundas searas; [28]

Todos os empreendimentos da nação são frutos do suor e do trabalho do marquês. A reconstrução da Lisboa destruída pelo terremoto de 1775 mostra sua verdadeira heroicidade. Com destra mão, ele faz a guerra de seu gabinete, a política vencendo a espada. A tudo vigia, para o bem do mundo. Depois de todas essas excelências, conclui-se a ode:

Vale mais do que um reino um tal vassalo:
Graças ao grande rei que soube achá-lo.[29]

O tema da brasilidade não está desvinculado do encomiástico. O poeta não consegue conceber as qualidades de um Brasil separado de Portugal, portanto subserviente em todos os níveis e sob todos os aspectos. Assim é que escolhe como símbolo de brasilidade o elemento autóctone, o índio, sempre submisso, sempre reconhecedor de que o seu rei está além-mar e é a ele que presta seu culto de divina submissão. É aí que começa a idealização do índio através de sua plena aceitação do homem branco, que chegará ao cume no romantismo. Da mesma forma que toda a natureza tropical — suas minas e florestas a serviço da Coroa — são matérias-primas a serem manufaturadas para que Portugal assombrasse o universo, assim também os donos desse eldorado se aceitam pacificamente como seus vassalos, em contínua e constante homenagem.

O poema de maior fôlego de Alvarenga — 19 oitavas em decassílabos — também conhecido como "Canto genetlíaco", foi composto em 1782, para celebrar o nascimento do filho do governador da Capitania de Minas Gerais, d. Rodrigo José de Menezes. Ele tematiza, simultaneamente, a louvação e a brasilidade. Louvando a criança que acaba de nascer, não perde a ocasião para louvar o pai governador, o bispo de Mariana que faz o batismo, e, é claro, a rainha Maria I. Ao louvar a vinda ao mundo do menino José, Alvarenga prenuncia que a criança será governante um dia e também vai empenhar-se

Em louvar estas serras e estes ares
E venerar, gostoso, os pátrios lares. [30]

O traço de brasilidade é marcado na comparação entre a Colônia e a Metrópole de forma sentimental, ou seja, adotando-se o adágio "Quem ama o feio, bonito lhe parece", quando o feio é o berço pátrio:

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio das delícias tão diverso,
Quão diferente é para quem ama
Os ternos laços de seu pátrio berço! [31]

Entretanto, o feio esconde ricas belezas. Alvarenga dá voz a José para fazer a apologia das riquezas da Colônia e sua utilização pela Metrópole, com a consciência de que a primeira era *exportadora* de matéria-prima para a segunda. Ressaltam-se aí a prata, o ouro e as pedras preciosas, que fazem de Lisboa a maravilha européia, respeitada pela riqueza; a madeira, empregada nas construções do mundo inteiro; os escravos, que mineram com "os fortes braços feitos ao trabalho". A brasilidade é divisada sob dois prismas: o econômico e a força de trabalho que o transforma em riqueza e, conseqüentemente, poder. Os reinos mineral e vegetal, ocultos em "sertões feios e escuros, nos bosques do bruto Boticudo", são agenciados visando ao engrandecimento da Coroa: explorados por um preposto seu, o pai do recém-nascido, que promoveu tudo isso, "valeroso, incansável, diligente" no serviço do rei, da rainha louca, no caso.

Ao almejar o mesmo para o filho do governador, Alvarenga estaria não só defendendo, seis anos antes da Inconfidência, uma espécie de continuação do *status quo* colonial pela via do nepotismo — o filho nomeado pela monarquia sucessora também sucederia ao pai — como também a indiscutibilidade do direito de Portugal sobre o Brasil. Disfarce de quem já tramava a rebelião? Disfarce ou não, distanciamento entre personalidade histórica e personalidade poética ou simples retórica da bajulação, a última estrofe do Canto revela uma adaptação perfeita ao *status quo* da condição colonial, tão diferente do pensamento de Alvarenga enquanto autor da idéia de se escrever na bandeira a frase vergiliana — *Libertas quae sera tamen*, Liberdade ainda que tardia:

Feliz governo, queira o Céu sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o século doirado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Século que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto e de alegria,
Até os tempos que o destino encerra,
De governar José a pátria terra.[32]

A brasilidade é tematizada em mais dois poemas: o 28 e o 29 Convém insistir em que essa brasilidade está profundamente atada ao aulicismo, na medida em que, em ambos os poemas, ela se faz representar por metamorfoses que revelam o objetivo final — a vassalagem à rainha. No poema 28, em um sonho do poeta, o Pão-de-Açúcar se transforma em um índio para prestar preito de vassalagem a Portugal. No poema seguinte, em seu com-

primento de 120 versos um *fantasma* travestido de índio, que desaparece no final da composição em meio a terremoto e tempestade, suplica à rainha visitar o Brasil porque os brasileiros queriam fazer-lhe uma estátua.

A função da metamorfose nesses poemas de brasilidade áulica, tendo indígenas como personagens, trabalha uma face do maravilhoso pagão à moda colonial, num misto de Europa e América. No primeiro poema, o Pão-de-Açúcar aparecendo transformado em índio, emergindo das ondas (tal qual Vênus), está todo enfeitado dos tesouros da Colônia — ouro e pedras preciosas. No segundo, como uma estátua colossal (tal como a que se erigiu a d. José, pai de Maria I, ou o gigante Adamastor) o indígena enxerga a extensão dos mares que cercam o majestoso império da rainha. Rodrigues Lapa certamente diria que Alvarenga, para livrar-se da morte, transmudou-se em índio na poesia, autóctone tecedor dos maiores encômios à soberana, visando a ser perdoado. O poema 29, todo ele uma fala do índio é, segundo Lapa, "a súplica do prisioneiro pedindo perdão":

> Vai, ardente desejo,
> Entra humilhado na real Lisboa,
> Sem ser sentido do invejoso Tejo.
> Aos pés augustos voa,
> Chora e faze que a mãe, compadecida,
> Dos saüdosos filhos se condoa.
> Ficando enternecida,
> Mais do Tejo não temas o rigor:
> Tens triunfado, tens a ação vencida.
> Da América o furor
> Perdoai, grande Augusta; é lealdade,
> São dignos de perdão crimes de amor.
> Perdoe a Majestade,
> Enquanto o Mundo Novo sacrifica
> À tutelar, propícia Divindade. [33]

Esses poemas, tematizadores da brasilidade compreendida como excelência das matérias-primas da Colônia (minerais e madeira) trabalhadas por excelentes servos da Coroa (escravos) e captada como o elemento indígena em ação de vassalagem, revelam um Alvarenga Peixoto vivendo dialeticamente suas contradições de ilustrado histórico: o minerador, agente da atividade econômica mais importante da Colônia; o brasileiro *descendente* do índio, elemento humano tipicamente do "pátrio berço"; o futuro/atual inconfidente sob a máscara de poeta bajulador, preparando, através do aulicismo, o terreno para não ser descoberto, ou declarando inocência. [34]

Arriscaria levantar a hipótese, conforme o dito em texto anterior, de que as falas dos índios nessa cantata e nessa ode representam a própria fala do rebelde transferida ao autóctone, para livrar-se da pena, sim, mas

sem cair na humilhação da mais completa subserviência num momento em que sua cabeça corria grande risco. Afinal, a proposta de Alvarenga para a bandeira do novo país previa, além do lema vergiliano em latim, o desenho de um índio arrebentando correntes.[35] A retórica da hipérbole é tão marcante que, na ode, o índio não se limita a falar pelo Brasil: quer ver Maria I como soberana de toda a América. Assim, os marcadores encomiásticos do discurso coletivo dos poetas acadêmicos do século XVIII na luso-brasilidade emigram para o protagonista indígena, porta-voz da coletividade dos povos americanos que, renegando seus reis, autóctones ou da outra Europa, a desejam por rainha:

> Ah! chegue o feliz dia,
> Em que do Mundo Novo a parte inteira
> Aclame o nome augusto de Maria.
> Real, Real, Primeira!
> Só esta voz na América se escute,
> Veja-se tremular uma bandeira!
>
> ....
>
> Vinde a ser coroada
> Sobre a América toda, que protesta
> Jurar nas vossas mãos a lei sagrada. [36]

Do ponto de vista estritamente temático e retórico, é possível que Alvarenga Peixoto não desperte o gosto do leitor de hoje. Em compensação, esse leitor encontra em sua obra um retrato fiel do *status* do poético, em suas versões acadêmicas de circunstancialidade, do século XVIII brasileiro.

Fim de "Introdução
de Alvarenga Peixoto"

Poesias

1

Nas asas do valor, em Ácio[1] vinha
Por Antônio a vitória declarada;
Mas a sombra de Túlio, não vingada,
Postos os deuses contra Antônio tinha.

Fez que fugisse a bárbara rainha,
De falsas esperanças enganada;
E o criminoso herói, voltando a espada,
No coração zeloso a embainha.

O fatal estandarte a Guerra enrole,
Cesse entre esposas e entre mães o susto,
Descanse um pouco de Quirino[2] a prole;

Que Jove[3] eterno, piedoso e justo,
Antes que Roma e Roma se desole,
Nomeia vice-deus ao grande Augusto.[4]

2

"Ó pai da pátria, imitador de Augusto,
Liberal Alexandre..."[5] Ia adiente,
Quando ũa imagem se me pôs presente,
A cuja vista me gelei de susto.

Mostrava no semblante pio e justo
Raios brilhantes do Impíreo luzente;
Porém os olhos, como descontente,
Em mim cravava com bastante custo.

"Nem de Alexandre nem de Augusto quero
Os nomes; sou Dinis"[6] — me disse apenas
Com gesto melancólico e severo.

Levou-me às praias do Mondego[7] amenas
E, depondo o semblante grave e austero,
Riu-se e mostrou-me a portuguesa Atenas.

3

Tarde Juno[8] zelosa
Vê Júpiter, o Deus onipotente,
em Almena[9] formosa
Ter Hércules;[10] e tanto esta dor sente,
que, em desafogo à pena,
Trabalhos mil de Jove ao filho ordena.
Manda-lhe, enfurecidas,
Duas serpentes logo ao berço terno,
criadas e nascidas
No infernal furor do Stígio Averno;[11]
mas nada surte efeito,
Se um sangue onipotente anima o peito:
nas mãos o forte infante
Despedaça as serpentes venenosas
e fica triunfante
Das ciladas mortais e furiosas,
que Juno lh'ordenava,
Quando ele a viver mal começava.
Cresce, e a cruel madrasta,
Que, sempre nos seus danos diligente,
a vida lhe contrasta,
Ou que viva em descasos não consente,
faz com que, vagabundo,
Corra, sempre em trabalhos, todo o mundo.
Aqui lhe põe, irada,
De diversas cabeças a serpente,[12]
que em briga porfiada
Trabalha por troncar[13] inutilmente:
divide-as, mas que importa,
Se outras tantas lhe nascem quantas corta?
Enfim, por força e arte,
Este monstro cruel deixa vencido,
que já em outra parte
Trabalhos lhe tem Juno apercebido,
tais que eu não sei dizê-los,

Mas pode o peito de Hércules sofrê-los.
Triunfando e vencendo,
Fazendo-se no mundo mais famoso,
a Terra toda enchendo
De seu heróico nome glorioso,
no templo da Memória
Gravou o *Non plus ultra*, a sua glória.

4

Por mais que os alvos cornos curve a Lũa,
Furtando as luzes ao autor do dia,
Por mais que Tétis,[14] na morada fria,
Ostente a pompa da beleza sua;

Por mais que a linda Citeréia[15] nua
Nos mostre o preço da gentil porfia;
Entra no campo tu, bela Maria,
Entra no campo, que a vitória é tua.

Verás a Cíntia[16] protestar o engano,
Verás Tétis sumir-se, envergonhada,
Nas rumorosas grutas do oceano;

Vênus[17] ceder-te o pomo,[18] namorada;
E, sem Tróia sentir o último dano,[19]
Verás de Juno a cólera vingada.

5

Entro pelo Uraguai:[20] vejo a cultura
Das novas terras por engenho claro;
Mas chego ao templo majestoso, e paro,
Embebido nos rasgos da pintura.

Vejo erguer-se a República perjura[21]
Sobre alicerces de um domínio avaro;
Vejo distintamente, se reparo,
De Caco[22] usurpador a cova escura.

Famoso Alcides,[23] ao teu braço forte
Toca vingar[24] os cetros e os altares:
Arranca a espada, descarrega o corte.

E tu, Termindo,[25] leva pelos ares
A grande ação, já que te coube em sorte
A gloriosa parte de a cantares.

6

Eu vi a linda Jônia e, namorado,[26]
Fiz logo voto eterno de querê-la;
Mas vi depois a Nise, e é tão bela,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se, neste estado,
Eu não sei distinguir esta daquela?
Se Nise agora vir, morro por ela,
Se Jônia vir aqui, vivo abrasado.

Mas ah! que esta me despreza, amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E aquela me não quer, por inconstante.

Vem, Cupido,[27] soltar-me destes laços:
Ou faze destes dois um só semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços!

7

Não cedas, coração, pois nesta empresa
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato Amor seguir não deves, quando
Já não podes amar sem vil baixeza.

Rompa-se o forte laço, que é fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando;
Vença-te o brio, pelo amor cortando,[28]
Que é honra, que é valor, que é fortaleza.

Foge de ver Altea; mas, se a vires,
Por que não venhas outra vez a amá-la,
Apaga o fogo, assim que o pressentires;

E se inda assim o teu valor se abala,
Não lho mostres no rosto, ah, não suspires!
Calado geme, sofre, morre, estala!

8

Nem fizera a Discórdia o desatino
Que urdiu funesta briga à gente humana,
Nem, soberba, a República Romana
Poria ao mundo inteiro um jugo indino.

Ó Ásia, ó Grécia, ó Roma, o teu destino
Fora feliz só com viver Joana;[29]
Respeitoso, no peito a ação profana
Sufocaria o bárbaro Tarquino.[30]

Ela das deusas três[31] as graças goza
E os dons sublimes ela só encerra
De rainha, de sábia e de formosa.

Ah! se Joana então honrasse a terra!
Ó esposa romana, ó grega esposa,
Não fora a Formosura a mãe da Guerra!

9

De açucenas e rosas misturadas
Não se adornam as vossas faces belas,
Nem as formosas tranças são daquelas
Que dos raios do sol foram forjadas.

As meninas dos olhos delicadas,
Verde, preto ou azul não brilha nelas;
Mas o autor soberano das estrelas
Nenhũas fez a elas comparadas.

Ah, Jônia, as açucenas e as rosas,
A cor dos olhos e as tranças d'oiro
Podem fazer mil Ninfas melindrosas;

Porém quanto é caduco esse tesoiro:
Vós, sobre a sorte toda das formosas,
Inda ostentais na sábia frente o loiro!

10

Chegai, Ninfas, chegai, chegai, pastores,
Qu'inda que esconde Jônia as graças belas,[32]
Márcia corre a cortina das estrelas,[33]
Quando espalha no monte os resplandores.

Debaixo dos seus pés brotam as flores,
Quais brancas, quais azuis, quais amarelas;
E pelas próprias mãos lh'orna capelas,
Bem que invejosa, a deusa dos Amores.[34]

Despe a Serra os horrores da aspereza,
E as aves, que choravam até agora,
Acompanhando a Jônia na tristeza,

Já todas, ao raiar da nova aurora,
Cantam hinos em honra da beleza
De Márcia, gentilíssima pastora.

11

Passa-se ũa hora, e passa-se outra hora
Sem perceber-se, vendo os teus cabelos;
Passam-se os dias, vendo os olhos belos,
Partes do Céu, onde amanhece a Aurora.

A boca vendo, aonde a graça mora,
Mimosas faces, centro dos desvelos,
Vendo o colo gentil, de donde os zelos,
Por mais que os mandem, não se vão embora.

Que tempo há-de passar![35] Gasta-se a vida
E a vida é curta, pois ligeira corre,
E passa sem que seja pressentida.

Ah, Marília, Marília, quem discorre[36]
As tuas perfeições, gostosa lida,
Que alegre vive que insensível morre!

12

Depois que dos seus cães e caçadores
Foi Anteão[37] nos bosques perseguido,
E depois que a vingança de Cupido[38]
Provou Cíntia[39] por mão dum dos pastores,

Aqui as tenras aves d'entre as flores
Acompanham das fontes o ruído;
E os altares de Pafos[40] e os de Gnido
Trocou por Sintra a deusa dos Amores.

Aqui, da pira ardente a chama acesa,
A amante, a ingrata, a tenra, a esquiva, a ufana
Vêm disputar os prêmios da beleza.

Venceu a impiíssima[41] Silvana.
Castiga, fere, Amor, quem te despreza:
Tens triunfo maior[42] que o de Diana.[43]

13

Ao mundo esconde o Sol seus resplandores,
E a mão da Noite embrulha os horizontes;
Não cantam aves, não murmuram fontes,
Não fala Pã[44] na boca dos pastores.

Atam as Ninfas, em lugar de flores,
Mortais ciprestes sobre as tristes frontes;
Erram chorando nos desertos montes,
Sem arcos, sem aljavas, os Amores.

Vênus,[45] Palas[46] e as filhas da Memória,[47]
Deixando os grandes templos esquecidos,
Não se lembram de altares nem de glória.

Andam os elementos confundidos:
Ah, Jônia, Jônia, dia de vitória
Sempre o mais triste foi para os vencidos!

14

Não os heróis, que o gume ensangüentado
  da cortadora espada,
Em alto pelo mundo levantado,
  trazem por estandarte
  dos furores de Marte;[48]
Nem os que, sem temor do irado Jove,[49]
  arrancam, petulantes,
Da mão robusta, que as esferas move,
  os raios crepitantes,
E, passando a insultar os elementos,
  fazem cair dos ares
  os cedros corpulentos,
Por ir rasgar o frio seio aos mares,
  levando a toda a terra,
Tinta de sangue, envolta em fumo, a guerra.

Ensangüentados rios, quantas vezes
  vistes os férteis vales
Semeados de lanças e de arneses?[50]
  Quantas, ó Ceres[51] loura,
Crescendo uns males sobre os outros males,
Em vez do trigo, que as espigas doura,
  viste espigas de ferro,
Frutos plantados pelas mãos do erro,
E, colhidos em montes sobre as eiras,
Rotos pedaços de servis bandeiras!
Inda leio na frente ao velho Egito
  o horror, o estrago, o susto,
Por mãos de heróis tiranamente escrito;
César,[52] Pompeu,[53] Antônio,[54] Crasso,[55] Augusto,[56]
Nomes que a Fama pôs dos deuses perto,
  reduziram por glória
Cidades e províncias a deserto;
E apenas conhecemos pela História,
  que o tem roubado às eras,
Qual fosse a habitação que hoje é das feras.

Bárbara Roma, só por nome augusta,
desata o pranto, vendo
A conquista do mundo o que te custa;
Cortam os fios dos arados tortos[57]
Trezentos Fábios num só dia mortos;
Zelosa negas um honrado asilo
ao ilustre Camilo;
A Mânlio,[58] ingrata, do escarpado cume
arrojas por ciúme,
E vês a sangue frio, ó povo vário,
Subir[59] Marcelo as proscrições de Mário.[60]
Grande Marquês,[61] os Sátiros saltando
por entre verdes parras,
Defendidas por ti de estranhas garras;
os trigos ondeando
nas fecundas searas;
Os incensos fumando sobre as aras,
à nascente cidade[62]
Mostram a verdadeira heroicidade.

Os altos cedros, os copados pinhos
não a conduzir raios,
Vão romper pelo mar novos caminhos;
E em vez de sustos, mortes e desmaios,
danos da natureza,
Vão produzir e transportar riqueza.

O curvo arado rasga os campos nossos
Sem turbar o descanso eterno aos ossos;
Frutos do teu suor, do teu trabalho,
são todas as empresas;
Unicamente à sombra de Carvalho[63]
Descansam hoje as quinas[64] portuguesas.

Que importam os exércitos armados,
No campo com respeito conservados,
Se lá do gabinete a guerra fazes
E a teu arbítrio dás o tom às pazes?
Que, sendo por mão destra manejada,
A política vence mais que a espada.

Que importam tribunais e magistrados,
asilos da inocência,
Se pudessem temer-se declarados
patronos da insolência?
De que servirão tantas
Tão saudáveis leis, sábias e santas,
se, em vez de executadas,
Forem por mãos sacrílegas frustradas?

Mas vives tu, que para o bem do mundo
sobre tudo vigias,
Cansando o teu espírito profundo,
as noites e os dias.
Ah! quantas vezes, sem descanso uma hora,
Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
Enquanto volves com cansado estudo
As leis e a guerra, e o negócio, e tudo?

Vale mais do que um reino um tal vassalo:
Graças ao grande rei que soube achá-lo.

15

América sujeita, Ásia vencida,
África escrava, Europa respeitosa;
Restaurada, mais rica e mais formosa,
A fundação de Ulisses[65] destruída,

São a base em que vemos erigida
A colossal estátua majestosa,[66]
Que d'el-rei à memória gloriosa
Consagrou Lusitânia agradecida.

Mas como a glória do monarca justo
é bem que àquele herói se comunique,
Que a fama canta, que eterniza o busto,

Pombal[67] junto a José[68] eterno fique,
Qual o famoso Agripa[69] junto a Augusto,[70]
Como Sully[71] ao pé do grande Henrique.[72]

16

Se, armada, a Macedônia ao Indo assoma
E Augusto[73] a sorte entrega ao imenso lago;
Se o grande Pedro, errando, incerto e vago,
Bárbaros duros civiliza e doma;

Grécia de Babilônia exemplos toma,
Aprende Augusto no inimigo estrago,
Ensina a Pedro quem fundou Cartago,
E as leis de Atenas traz ao Lácio[74] e Roma.

Tudo mostra o teatro, tudo encerra;
Nele a cega[75] razão aviva os lumes
Nas artes, nas ciências e na guerra;

E a vós, alto senhor, que o rei e os numes[76]
Deram por fundador à nossa terra,
Compete a nova escola dos costumes.

17

Do claro Tejo à escura foz do Nilo
E do bárbaro Araxe ao Tibre[77] vago,
A fama, o susto e o marcial estrago,
Rompe a Fama os clarins em repeti-lo.

Mas não podem achar seguro asilo
Fora das margens do estígio lago
Os assombros de Roma e de Cartago:
Aníbal, Cipião, Fábio e Camilo.

Os grandes ossos cobre a terra dura,
E a morte desenrola o negro manto
Sobre o pio José[78] na sepultura.

Injusta morte, sofre o nosso pranto,
Que, ainda que és lei a toda a criatura,
Parece não devias poder tanto.

18

Marília bela,
Vou retratar-te,
Se a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, Amores,
Quanto vos peço:
Tudo careço
Para a pintar.

Nos longos fios
De seus cabelos
Ternos desvelos
Vão se enredar.
Trazei-me, Amores,
Das minas d'ouro
Rico tesouro
Para os pintar.

No rosto, a idade
Da primavera
Na sua esfera
Se vê brilhar.
Trazei-me, Amores,
As mais viçosas
Flores vistosas
Para o pintar.

Quem há que a testa
Não ame e tema,
De um diadema
Digno lugar?
Trazei-me, Amores,
Da selva Idália
Jasmins de Itália
Para a pintar.

A frente adornam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Sabem triunfar.

Trazei-me, Amores,
Justos nivéis,
Sutis pincéis
Para a pintar.

A um doce aceno
Dos brandos olhos,
Setas a molhos
Se vêem voar.
Trazei-me, Amores,
Do sol os raios,
Fiéis ensaios,
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
Trazei-me, Amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas
Nas lindas covas
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, Amores,
Aos pincéis leves
As sombras leves,
Para os pintar.

Vagos desejos
Da boca as brasas
As frágeis asas
Deixam queimar.
Trazei-me, Amores,
Corais subidos,
Rubins partidos,
Para a pintar.

Entre alvos dentes,
Postos em ala,

Suave fala
Perfuma o ar.
Trazei-me, Amores,
Nas conchas claras,
Pérolas raras,
Para os pintar.

O colo, Atlante
De tais assombros,
Airosos ombros
Corre a formar.
Trazei-me, Amores,
Jaspe às mãos cheias,
De finas veias,
Para o pintar.

Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, Amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Para o pintar.

Mãos cristalinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Prometem dar!
Trazei-me, Amores,
As açucenas,
Das mais pequenas,
Para as pintar.

A delicada,
Gentil cintura
Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei-me, Amores,
ânsias que fervem:
Só essas servem
Para a pintar.

Pés delicados
Ferindo a terra,
às almas guerra
Vêm declarar.
Trazei-me, Amores,
As setas prontas
De curtas pontas
Para os pintar.

Porte de deusa,
Espírito nobre,
E o mais, que encobre
Pejo vestal.
Só vós, Amores,
Que as Graças nuas
Vêdes, as suas
Podeis pintar.

19

Honradas sombras dos maiores nossos,
Que estendestes a lusa monarquia
Do torrado Equador à zona fria,
Por incultos sertões, por mares grossos,

Saí a ver os sucessores vossos
Revestidos de gala e de alegria,
E nos prazeres do mais fausto dia
Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

Lá vem o grande Afonso,[79] a testa erguendo
A ver Carvalho,[80] em cujos fortes braços
Crescem os netos que lhe vão nascendo;

E o suspirado Almeida[81] rompe os laços
Da fria morte, o neto invicto vendo
Seguir tão perto de Carvalho os passos.

20

Expõe Teresa[82] acerbas mágoas cruas;
E à briosa nação, de furor tinta
Faz arrancar da generosa cinta
O reflexo de mil espadas nuas.

Arrasta e pisa as otomanas luas
E, por mais que Netuno[83] o não consinta,
A heroína do Norte faz que sinta
O peso o mar Egeu das quilhas suas.

Seus nomes no áureo templo a fama ajunta,
Mas pintar seus estragos não se atreve;
Ao seu Danúbio, ao mar Negro o pergunta.

Lusitânia aos céus muito mais deve:
Que a rege, como aos povos d'Amatunta,[84]
Freio de rosas posto em mãos de neve.

21

Bárbara bela,
Do Norte estrela,
Que o meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste somente
As horas passo
A suspirar.
Isto é castigo
que Amor me dá.

Por entre as penhas[85]
De incultas brenhas
Cansa-me a vista
De te buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo,
Sem esperança
De te encontrar.
Isto é castigo
que Amor me dá.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre contigo
Poder passar;
Mas orgulhosa
Sorte invejosa
Desta fortuna
Me quer privar.
Isto é castigo
que Amor me dá.

Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Podes gozar.
Priva-me a estrela
De ti e dela,
Busca dois modos
De me matar.
Isto é castigo
que Amor me dá.

22

Peitos que o amor da pátria predomina,[86]
Vêde o consórcio que a virtude traça.
Não é de Chipre na festosa[87] praça
Que o nobre Andrada[88] a Isabel[89] se inclina.

Abençoa do alto a mão divina
O nó sagrado, que apertou a Graça;
E a mesma inocência que os enlaça
Feliz posteridade lhes destina.

Risonhos amorinhos de Citera,[90]
Fugi deste lugar, aos céus aceito,
Que aqui nem Vênus[91] nem Cupido[92] impera.

Gênios celestiais, cercai-lhe o leito:
Do puro fogo da sublime esfera
Desçam as chamas a inflamar-lhe o peito.

23

Bárbaros filhos destas brenhas duras,[93]
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Que os heróis das mais altas cataduras
Principiam a ser patrícios nossos;
E o vosso sague, que esta terra ensopa,
Já produz frutos do melhor da Europa.

Bem que venha a semente à terra estranha,
Quando produz, com igual força gera;
Nem do forte leão, fora de Espanha,
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio numas terras ganha,
Em outras vence a fresca primavera;
E a raça dos heróis da mesma sorte
Produz no sul o que produz no norte.

Rômulo[94] porventura foi Romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza?
Não era o grande Henrique[95] Lusitano:
Quem deu princípio à glória portuguesa?
Que importa que José[96] Americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portugueses,
Se é patrício este ramo dos Meneses?

Quando algum dia permitir o Fado
Que ele o mando real moderar venha,
E que o bastão do pai, com glória herdado,
Do pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperais que seja o seu agrado?
Vós exp'rimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares
E venerar, gostoso, os pátrios lares.

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio das delícias, tão diverso,
Quão diferente é para quem ama
Os ternos laços de seu pátrio berço!

O pastor loiro, que o meu peito inflama,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso herói na boca
Como em grandezas tanto horror se troca.

"Aquelas serras na aparência feias,
— dirá José — oh quanto são formosas!
Elas conservam nas ocultas veias
A força das potências majestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata, oiro e pedras preciosas;
Aquelas brutas e escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor às guerras.

"Aqueles matos negros e fechados,
Que ocupam quase a região dos ares,
São os que, em edifícios respeitados,
Repartem raios pelos crespos mares.
Os coríntios palácios levantados,
Dóricos templos, jônicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.

"A c'roa de oiro, que na testa brilha,
E o cetro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heróica filha,
Nossa rainha soberana augusta;
E Lisboa, da Europa maravilha,
Cuja riqueza todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Bárbara terra, mas abençoada.

"Estes homens de vários acidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos trabalhos costumados:
Eles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

"Porventura, senhores, pôde tanto
O grande herói, que a antiguidade aclama,
Porque aterrou a fera de Erimanto,[97]
Venceu a Hidra[98] com o ferro e chama?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de imortal e eterna fama?
Ou inda o macedônico guerreiro,[99]
Que soube subjugar o mundo inteiro?

"Eu só pondero que essa força armada,
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos.
Isto que tem co'a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a forma da terrestre esfera,
Apesar duma vida a mais austera?

"Se o justo e útil pode tão somente
Ser o acertado fim das ações nossas,
Quais se empregam, dizei, mais dignamente
As forças destes ou as forças vossas?
Mandam a destruir a humana gente
Terríveis legiões, armadas grossas;
Procurar o metal, que acode a tudo,
é destes homens o cansado estudo.

"São dignos de atenção..." Ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,[100]
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro co poder sagrado;
E já o nosso herói nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lágrimas desfeito,
Estas vozes tirou do amante peito:

"Filho, que assim te chamo, filho amado,
Bem que um tronco real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes da primeira graça;
Deves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Cristo te alistei na praça;
E estas mãos, por favor de um Deus eterno,
Te restauraram do poder do Inferno.

"Amado filho meu, torna a meus braços,
Permita o Céu que a governar prossigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos,
Honrando as suas paternais fadigas.
Não receies que encontres embaraços
Aonde quer que o teu destino sigas,
Que ele pisou por todas estas terras
Matos, rios, sertões, morros e serras.

"Valeroso, incansável, diligente
No serviço real, promoveu tudo
Já nos países do Puri[101] valente,
Já nos bosques do bruto Boticudo;
Sentiram todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo;
E quantos viram seu sereno rosto
Lhe obedeceram por amor, por gosto.

"Assim confio o teu destino seja,
Servindo a pátria e aumentando o Estado,
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo ilustre de teus pais herdado;
Permita o Céu que felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado.
Assim, contente, acabarei meus dias;
Tu honrarás as minhas cinzas frias."

Acabou de falar o honrado velho,
Com lágrimas as vozes misturando.
Ouviu o nosso herói o seu conselho,
Novos projetos sobre os seus formando:
Propagar as doutrinas do Evangelho,
Ir os patrícios seus civilizando;
Aumentar os tesouros da Reinante
São seus desvelos desde aquele instante.

Feliz governo, queira o Céu sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o século doirado
Dos tempos de Rodrigo[102] e de Maria;[103]
Século que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto e de alegria,
Até os tempos, que o Destino encerra,
De governar José a pátria terra.

24

Amada filha,[104] é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha acesa,
Vem conduzir a simples natureza,
é hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou teus passos guia,
Despreza ofertas de uma vã beleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
às santas leis do filho de Maria.

Estampa na tua alma a caridade,
Que amar a Deus, amar aos semelhantes,
São eternos preceitos da verdade.

Tudo o mais são idéias delirantes;
Procura ser feliz na eternidade,
Que o mundo são brevíssimos instantes.

25

De meio corpo, nu, sobre a bigorna,
Os ferros malhe o imortal Vulcano,[105]
Que hão-de ir contar ao derradeiro ano[106]
O nome de um herói que a pátria adorna.

Suntuoso passeio[107] em parte a orna;[108]
Vistoso cais[109] enfreia o Oceano;
E na praça um colosso,[110] altivo e ufano,
As frescas águas pelo povo entorna.

Estas, grande senhor,[111] memórias vossas,
Que ficam na cidade eternizadas,
Também o ficam nas memórias nossas;

E as línguas, por Vulcano temperadas,
Hão-de entranhar em duras pedras grossas
De vosso nome as letras respeitadas.

26

Segue dos teus maiores,
Ilustre ramo,[112] as sólidas pisadas;
espalha novas flores
Sobre as suas ações, grandes e honradas;
Abre da tua mão da glória o templo,
Mas move o braço pelo seu exemplo.

A herdada nobreza
Aumenta, mas não dá merecimento;
dos heróis a grandeza
Deve-se ao braço, deve-se ao talento;
E assim foi que, acalcando o seu destino,
Deu leis ao mundo o cidadão de Arpino.[113]

Abre-te a nova terra
Para heróicas ações um plano vasto;
ou na paz ou na guerra
Orna os triunfos teus de um novo fasto;
Faze servir aos Castros e aos Mendonças
Malhados tigres, marchetadas onças.

Não há bárbara fera
Que o valor e a prudência não domine.
Quando a razão impera,
Que leão pode haver que não se ensine?
E o forte jugo, por si mesmo grave,
A doce mão que o põe o faz suave.

Que fez a Natureza
Em pôr neste país o seu tesouro,
das pedras na riqueza,
Nas grossas minas abundantes de ouro,
Se o povo miserável?... Mas que digo:
Povo feliz, pois tem o vosso abrigo!

Já sobre os densos ares
Horrenda tempestade alevantada
abre o seio dos mares
Para tragar a nau despedaçada...
Porém destro piloto arreia o pano,
Salva o perigo e remedeia o dano.[114]

Assim a grande augusta,
Que vê o mal com ânimo paterno,
em mão prudente e justa
Vem colocar as rédeas do governo:
Eu vejo a nau, já do perigo isenta,
Buscar o porto livre da tormenta.

A vós, florente ramo,
Meus versos mal limados dirigia.
....

27

Que mal se mede dos heróis a vida
Pela série dos anos apressados!
Muito vive o que emprega os seus cuidados
Em ganhar nome e fama esclarecida.

Em vão, dobrando os passos, atrevida,
Chega a morte cruel, e os negros fados:
Quem viveu para a glória tem gravados
Seus dias sobre esfera mais luzida.

Jaz o ilustre Marquês![115] As tristes Dores
Espalham com o respeito mais profundo
Na fria urna estas piedosas flores:

"Breve a vida lhe foi; mas, sem segundo,
O seu nome imortal entre os maiores
Será sempre saudoso à pátria e ao mundo."

28

Oh, que sonho, oh, que sonho eu tive nesta
Feliz, ditosa, sossegada sesta!
Eu vi o Pão d'Açúcar levantar-se,
E no meio das ondas transformar-se
Na figura do Índio mais gentil,
Representando só todo o Brasil.
Pendente a tiracol de branco arminho,
Côncavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava:
Era tesouro e juntamente aljava.

De pontas de diamante eram as setas,
As hásteas de ouro, mas as penas pretas;
Que o Índio valeroso, ativo e forte,
Não manda seta em que não mande a morte.
Zona de penas de vistosas cores,
Guarnecida de bárbaros lavores,
De folhetas e pérolas pendentes,
Finos cristais, topázios transparentes,
Em recamadas peles de saíras,
Rubins, e diamantes e safiras,
Em campo de esmeralda escurecia
A linda estrela que nos traz o dia.
No cocar... oh! que assombro, oh! que riqueza!
Vi tudo quanto pode a natureza:
No peito, em grandes letras de diamante,
O nome da Augustíssima Imperante.[116]
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe ocupa, enquanto ao doce acento
Das saudosas palhetas, que afinava,
Píndaro Americano assim cantava:
"Sou vassalo, sou leal:
como tal,
fiel, constante,
Sirvo à glória da imperante,
Sirvo à grandeza real.
Aos Elísios descerei,
Fiel sempre a Portugal,
Ao famoso vice-rei,
Ao ilustre general,
às bandeiras que jurei.
Insultando o fado e a sorte
E a fortuna desigual,
A quem morrer sabe, a morte
Nem é morte nem é mal".

29

"Invisíveis vapores,
Da baixa terra contra o Céu erguidos,
Não ofuscam o sol os resplendores.
Os padrões erigidos
à fé real nos peitos lusitanos
São do primeiro Afonso conhecidos.

A nós, Americanos,
Toca levar pela razão mais justa
Do trono a fé aos derradeiros anos.
Fidelíssima Augusta,
Desentranhe um riquíssimo tesouro
Do cofre americano a mão robusta.
Se ao Tejo, ao Minho, ao Douro
Lhe mostra um rei em bronze eternizado,
Mostre-lhe a filha eternizada em ouro.

Do trono os resplendores
Façam a nossa glória, e vestiremos
Bárbaras penas de vistosas cores.
Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva à real grandeza
A prata, o ouro, a fina pedraria,
Que esconde destas serras[117] a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia,
Em que do Mundo Novo a parte inteira
Aclame o nome augusto de Maria.[118]
Real, Real, Primeira!
Só esta voz na América se escute,
Veja-se tremular ũa bandeira!

Rompam instável sulco
Do Pacífico mar na face plana
Os galeões pesados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desçam nações confusas, diferentes,
A vir beijar as mãos da soberana.
Chegai, chegai, contentes,
Não temais dos Pissarros a fereza
Nem dos seus companheiros insolentes.
A Augusta portuguesa
Conquista corações, em todos ama
O soberano autor da natureza.
Por seus filhos vos chama,
Vem pôr termo à nossa desventura
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a glória de ver-vos merecesse,
Já era vosso o Mundo Novo inteiro;
eu fico[119] que estendesse
Do Cabo ao mar Pacífico as medidas
E por fora da Habana as recolhesse.
Ficavam incluídas
As terras que vos foram consagradas,
Apenas por Vespúcio[120] conhecidas.
As cascas enroladas,
Os aromas e os índicos efeitos
Poderão mais que as serras prateadas;
mas nós, de amor sujeitos,
Prontos vos ofertamos à conquista
Bárbaros braços e constantes peitos.

Pode a Tartária grega
A luz gozar da russiana aurora,
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, real Senhora,
Honrai os vossos mares por dous meses,[121]
Vinde ver o Brasil, que vos adora.
Noronhas e Meneses,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Melos,
Têm prendido o Leão por muitas vezes.
Fiai os reais selos
A mãos seguras, vinde descansada:
De que servem dous grandes Vasconcelos?[122]
Vinde a ser coroada
Sobre a América toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Tejo.
Aos pés augustos voa,
Chora e faze que a mãe, compadecida,
Dos saüdosos filhos se condoa.
Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor:
Tens triunfado, tens a ação vencida.

Da América o furor[123]
Perdoai, grande Augusta; é lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a Majestade,
Enquanto o Mundo Novo sacrifica
À tutelar, propícia Divindade.

O príncipe sagrado,
O Pão da Pedra, que domina a barra,
Em colossal estátua levantado,
veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Netuno[124] furioso,
Que o irritado sudoeste escarra;
e veja, glorioso,
Vastíssima extensão de imensos mares,
Que cercam seu império majestoso;
honrando nos altares
Ũa mão, que o faz ver de tanta altura,
Ambos os mundos seus, ambos os mares
E a fé mais santa e pura
Espalhada nos bárbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.
Sombra ilustre e famosa
Do grande fundador do luso Império,
Eterna paz eternamente goza.
Num e noutro hemisfério
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do Ministério;
e os povos diferentes,
Que é impossível quase o numerá-los,
Vêm a tributar-lhe honra, obedientes.
A glória de mandá-los
Pedem ao neto glorioso teu,
Que adoram, rei, que servirão, vassalos."
O Índio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desapareceu.

30

A mão que aterra[125] do Nemeu[126] a garra,
Atreu,[127] Aquiles,[128] Sofonisba[129] e Fedra[130]

São assuntos da lira, e nunca medra,
Invejosa dos cisnes, a cigarra.

Tu, onde o vento e o mar a fúria esbarra,
Sem chamas de rubim, facetas de edra,[131]
Imortal ficarás por mim, ó pedra,[132]
Que ao longe mostras de teu rio a barra.

Abrasado entre as chispas na bigorna,
Malha Vulcano,[133] e do trifauce perro[134]
Brontes a Estígia caldeando entorna.

O grande Castro em bronze, em ouro, em ferro,
Por mão de um Deus a tua frente adorna:
Mais durarás do que o Cefás[135] do Serro.

31

Não me aflige do potro a viva quina;
Da férrea maça o golpe não me ofende;
Sobre as chamas a mão se não estende;
Não sofro do agulhete a ponta fina.

Grilhão pesado os passos não domina;
Cruel arrocho a testa me não fende;
à força perna ou braço se não rende;
Longa cadeia o colo não me inclina.

Água e pomo[136] faminto não procuro;
Grossa pedra[137] não cansa a humanidade;
A pássaro voraz[138] eu não aturo.

Estes males não sinto, é bem verdade;
Porém sinto outro mal inda mais duro:
Da consorte e dos filhos a saudade!

32

Eu não lastimo o próximo perigo,
Uma escura prisão, estreita e forte;
Lastimo os caros filhos, a consorte,
A perda irreparável de um amigo.[139]

A prisão não lastimo, outra vez digo,
Nem o ver iminente o duro corte;
Que é ventura também achar a morte,
Quando a vida só serve de castigo.

Ah, quem já bem depressa acabar vira
Este enredo, este sonho, esta quimera,
Que passa por verdade e é mentira!

Se filhos, se consorte não tivera,
E do amigo as virtudes possuíra,
Um momento de vida eu não quisera.

33

A paz, a doce mãe das alegrias,
O pranto, o luto, o dissabor desterra;
Faz que se esconda a criminosa guerra,
E traz ao mundo os venturosos dias.

Desce, cumprindo eternas profecias,
A nova geração dos céus à terra;
O claustro virginal se desencerra,
Nasce o filho de Deus, chega o Messias.

Busca um presépio, cai no pobre feno
A mão onipotente, a quem não custa
Criar mil mundos ao primeiro aceno.

Bendita sejas, lusitana augusta![140]
Cobre o mar, cobre a terra um céu sereno,
Graças a ti, ó grande, ó sábia, ó justa!

Fim de "Poesias de Alvarenga Peixoto"

Apêndice

Autos da Devassa da Inconfidência Mineira

Excertos

AUTOS DA DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA, V. 2. BRASÍLIA - BELO HORIZONTE: CÂMARA DOS DEPUTADOS - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 1978. P. 123 - 2. ED.

Auto das perguntas feitas ao doutor Cláudio Manuel da Costa

IV.1 — Inquirição, Casa do Contrato, 2-07-1789

IV.2 — Corpo de delito e exame feito no corpo do Dr. Cláudio Manuel da Costa, casa do contrato, 4-07-1789. Presentes os ministros e mais: Tab. Antônio Joaquim de Macedo; Escr. Ouv. José Veríssimo da Fonseca; Cirurgiões Caetano José Cardoso e Manuel Fernandes Santiago.

IV — Cláudio Manuel da Costa

IV.1 — Única inquirição, Casa do Contrato, 2-07-1789

Ano do nascimento de N. Sr. Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e nove, aos dois dias do mês de julho do dito ano, nesta Vila Rica de N. Sra. do Pilar do Ouro Preto e casas do real contrato das entradas, onde foi vindo o Dr. Des. Pedro José Araújo de Saldanha, do Desembargo de S. Majestade Fidelíssima, Ouvidor geral e Corregedor desta comarca, junto comigo, o Bel. José Caetano César Manitti, Ouvidor e Corregedor da do Sabará, escrivão nomeado para esta diligência pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Barbacena, Governador e Capitão-General desta Capitania, para efeito de se fazerem perguntas ao Bel. Cláudio Manuel da Costa — que se acha preso em um dos segredos que se mandaram praticar nas referidas casas. E sendo aí conduzido à sua presença o dito preso, pelo mesmo ministro lhe foram feitas as perguntas seguintes:

IV.1.1 — Foi perguntado como se chamava, donde é natural, de que vivia, onde residia e a sua idade.

Respondeu que se chamava Cláudio Manuel da Costa, que era natural da Cidade de Mariana, que vivia da sua advocacia, que era residente nesta Vila Rica, de idade de sessenta anos.

IV.1.2 — Foi mais perguntado se sabe ou suspeita a causa da prisão.

Respondeu que desde o dia que foi preso o Des. Tomás Antônio Gonzaga (23-05-1789), espalhando-se o rumor de que era preso por uma espécie de levantamento com idéias de república, logo na mesma ocasião receou ele, Respondente, ser preso a título de sócio consentidor ou aprovador de semelhantes idéias. E com efeito se encheu de grande terror e entrou a deprecar os santos, por muitas orações, para se ver livre deste ataque — de que o não puderam salvar os seus pecados.

IV.1.3 — Foi mais perguntado se, tendo conhecimento de que poderia ser também preso, sabe quem foram os confederados de semelhante desordem; e que razão tinha para conceber esse temor.

Respondeu que ele, Respondente, era amigo particular do dito Dr. Gonzaga, e que sempre estavam familiarmente um em casa do outro, comunicando-se com a lição dos seus versos e do mais que ocorria. E como o dito Des. Gonzaga tinha alguns inimigos bastante poderosos — e estes o eram também dele, Respondente, por conseqüência da amizade — era infalivelmente certo tentarem para logo compreendê-lo por sócio aprovador ou consentidor daquele atentado, em que o imaginavam compreendido.

IV.1.4 — Foi mais perguntado se houve na realidade designado do dito atentado; e se sabia quem eram os confederados para ele, e os sócios.

Respondeu que por efeito da dita prisão e das mais de que logo se teve noticia — a do Dr. (*Inácio José de*) Alvarenga e do Pe. Carlos (*Correia de Toledo*), vigário de São José, como também do contratador (*Domingos de*) Abreu (*Vieira*) —, se fez logo público que se meditava entre eles alguma espécie de sublevação contra o estado, sem embargo de que nada disto se manifestava por algum sinal exterior ou preparativo; e somente pelo rumor que já havia excitado um alferes, por alcunha do Tiradentes, andando por casa de várias pessoas a falar-lhes nesta matéria.

IV.1.5 — Foi mais perguntado se ele, Respondente, não ouviu falar aos referidos — de cujas prisões está certo — em semelhante matéria algumas vezes.

Respondeu que não há dúvida que, em casa do Dr. Gonzaga, ouviu por várias vezes conversar sobre a dita matéria, formando o mesmo doutor, hipoteticamente, uma idéia do seu estabelecimento — que facilmente abraçavam os outros dois: Alvarenga e Carlos. Mas ele, Respondente, foi sempre de contrário parecer à sua criação, por causa de que, faltando-lhe forças, não poderia subsistir.

IV.1.6 — Foi mais perguntado se, além desses dois assistentes, havia mais sócios naquelas conferências; e quem eram.

Responde que os dois assistentes eram o Cel. Inácio José de Alvarenga, e o vigário de São José, Carlos Correia de Toledo. E como estes ditos dois homens pouco tempo se demoravam em casa do dito Dr. Gonzaga, e passavam as tardes — e às vezes as noites — em diferentes casas da vila, presume ele, Respondente, pela facilidade com que falavam, que o mesmo divulgaram por outras casas onde iam ter, como eram: a de Domingos de Abreu Vieira, onde consta se achava o dito Tiradentes e o Pe. José da Silva (*e Oliveira Rolim*), do Serro — que também se diz indiciado neste crime. Declara mais que, pelo que várias vezes observou em conversas com o Dr. Gonzaga no quintal dele, Respondente, não deixavam os denunciados de falar com extensão nesta matéria com o Ten.-Cel. Francisco de Paula (*Freire de Andrada*) e seu cunhado José Álvares Maciel — que foi o primeiro que suscitou esta espécie com a lembrança da Inglaterra, dizendo, em uma ocasião, que ele faria a pólvora, e que a primeira cousa era tomar-se a caixa real — bem que isto era hipoteticamente e não em ato deliberativo e ação. E desta espécie, presume ele, Respondente, se foram reforçando as tentativas entre os três acima nomeados: Gonzaga, Alvarenga e Vigário Carlos — que ele, Respondente, presume serem os que puseram algum interesse na esperança desta ação, que jamais teria efeito por faltarem todos os meios de se verificar.

IV.1.7 — Foi mais perguntado se soube, ou teve notícia, de alguns capítulos — ou plano — para o referido levante.

Responde que já tinha dito que não viu disposição nem preparativo algum pelo qual se deliberasse a conhecer a intenção e ânimo que tinham de fazer a execução do projeto, porquanto nunca assistiu ele, Respondente, às conversas dos ditos nas referidas casas: de Abreu, e do dito Ten.-Cel. Francisco de Paula (*Freire de Andrada*). E só se resolve a tirar esta ilação por outros fatos de que está lembrado.

IV.1.8 — Foi mais perguntado que declarasse que fatos eram os de que fazia menção.

Respondeu que o primeiro foi o dito do Pe. Carlos quando se ausentou de casa do Gonzaga (28-12-1788) para o Rio das Mortes, porque entrando em casa dele, Respondente, a despedir-se, lhe disse que logo voltava feito um grande homem, porque tinha disposto os seus negócios. E a senha dada para o dia em que o avisasse o dito Ten.-Cel. Francisco de Paula era a seguinte — "Tal dia faço o meu batizado". O segundo dito foi, em outra ocasião, entrar em asa dele, Respondente, o Dr. José Alvares Maciel e dizer: — "S. Exa. disse hoje que o Alvarenga lhe falara assustado". E vendo ele, Respondente, ao dito Alvarenga, lhe contou esta espécie sem maior penetração do que havia, por nada ter presenceado nem sabido. Ao que respondeu o dito Alvarenga: — "Queira Deus não anda por aqui Francisco de Paula".
Declara ele, Respondente, que — quando o Pe. Carlos lhe disse o que acima fica referido — lhe tornou ele, Respondente: — "Que não fosse leso, porque isto não tinha pés nem cabeça". E tão longe estava de que aquelas conversações produzissem algum efeito que, quando se rompeu que S. Exa. se tinha munido por medo de algum levantamento, disse ele, Respondente, que nada se podia temer, porque as musas não eram capazes de o terem no estado em que se achava. E então perguntou se aqueles dois loucos teriam feito algum movimento que produzisse essa desconfiança; ao que respondeu o Dr. Gonzaga, a quem ele, Respondente, ouviu o referido: — "Que quanto ao Alvarenga, se presumia que não; mas que o Pe. Carlos escrevera uma carta ao dito Ten.-Cel. Francisco de Paula, como este mesmo lhe dissera".

IV.19 — Foi mais perguntado se — em algumas vezes que o Dr. Gonzaga se achava em sua casa, dele Respondente — o tinha ido ali procurar aquele Alf. Tiradentes.

Respondeu que algumas vezes, em casa dele, Gonzaga, lhe dava o seu mulato recado de que o mesmo Alferes o procurava. E este dizia que o mandasse embora, que lhe não queria falar; que era homem que lhe aborrecia; e que um homem daqueles podia fazer muito mal à gente pelo seu fanatismo. No que conveio ele, Respondente, dizendo-lhe que daquela natureza eram os Ravaillac, os Jacques, e os Damiens.

IV.1.10 — Foi mais perguntado se ouviu a alguns destes chefes dizer a fala que se havia de fazer ao povo no dia da sublevação.

Respondeu que nessa ocasião que já tem referido, em que escutou ao dito Vigário Carlos, lhe disse este que o Ten.-Cel. Francisco de Paula havia de falar à tropa, e o Tiradentes estar a seu lado para a convencer. O

que tudo parecia a ele, Respondente, fábula e ridicularia por aquele tempo. E jamais receou que merecesse maior conceito, por cuja razão deixou de delatar o que ouvira sobre esta matéria em que agora o fazem, inocentemente, ter parte, sendo certo que não deu ajuda, fala ou conselho para semelhante procedimento, pois se não mostrará que falasse ou convocasse pessoa alguma; que desse artigos; que formasse planos; ou ministrasse idéia alguma para semelhante fato. E esta é a pura verdade.

IV.1.11 — Foi mais perguntado se se lembra das palavras ou substância da dita fala; e quem a fez.

Respondeu que o dito Carlos, continuando na dita exposição que acima se menciona, dissera que o Ten.-Cel. Francisco de Paula se dispunha a fazer à tropa uma fala de missionário, mas que Tiradentes dizia que não devia ser assim. E acrescentara estas palavras: — "Meus amigos, ou seguir-me, ou morrer. E ele, já pronto a cortar cabeças...". Ao que se riu o Respondente, dizendo-lhe: — "tudo isto mostra que Vs. são uns loucos". E neste conceito viveu sempre ele, Respondente, parecendo-lhe tudo aquilo uma comédia. Mas a sua desgraça lhe faz hoje delito das cousas mais insignificantes.

IV.1.12 — Foi mais perguntado se os confederados tinham já tratado de levantar armas ou bandeira.

Respondeu que não havia dúvida dizer o Cel. Alvarenga, em certa ocasião, que se poria uma letra que dissesse: *Libertas quae sera tamen.*

IV.1.13 — Foi mais perguntado se ele, Respondente, quer declarar a verdade — pois não é natural que, supostos seus talentos, deixasse de ser instado para ter grande parte na ação que se propunha.

Respondeu que já tinha declarado o tom ridículo e de mofa que deu a todas estas cousas, pois jamais pensou que elas houvessem de sair à luz e produzir tão escandalosos efeitos. Do que ele, infeliz, vem a padecer a maior parte, com injúria de sua inocente família e de seus irmãos — em tudo inocentes e sustentados com honra. Mas conhece bem, por benefício de Deus, que a sua libertinagem, os seus maus costumes, a sua perversa maledicência, o conduzem finalmente a este evidentíssimo castigo da justiça divina. E apesar das imensas intrigas e calúnias com que se acha denegrido na presença do Exmo. Sr. Visconde, protesta que nunca em seu ânimo procurou ou desejou levissimamente ofender a sua respeitável pessoa. E que só pelo gênio gracejador que tinha, poderia deslisar em algum dito menos decoroso, não desconfiando daqueles mesmos que teriam dito — em igual ocasião — outras iguais gravidades. Pelo que lhe pede o

perdão de tanto escândalo. E lhe roga que, sendo ele mau, como confessa, nem por isto reputa virtude dos denunciantes esses ditos. E que talvez sejam mais temíveis estes que os mesmos denunciados.

E por ora lhe não fez o dito ministro mais perguntas, as quais ele, Respondente, leu todas e achou estarem todas bem e fielmente escritas como ele, Respondente, as tinha dito, de que tudo mandou ele, dito ministro, fazer este termo de encerramento em que assinou com ele, Respondente. E eu, Bel. José Caetano César Manitti, o escrevi.

(PEDRO JOSÉ ARAÚJO DE) *SALDANHA*
CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

IV.2 — Auto de Corpo de Delito e Exame feito no corpo do Dr. Cláudio Manuel da Costa, Casa do Contrato, 4-07-1789

Ano do nascimento de N. Sr. Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e nove anos, aos quatro dias do mês de julho do dito ano, nesta Vila Rica de N. Sra. do Pilar do Ouro Preto e casas do real contrato das entradas, onde foram vindos o Dr. Des. Pedro José Araújo de Saldanha, Ouvidor Geral e Corregedor desta comarca, e o Bel. José Caetano César Manitti, Ouvidor e Corregedor da do Sabará, comigo, tabelião ao diante nomeado, e o escrivão desta Ouvidoria, José Veríssimo da Fonseca, com os Cirurgiões aprovados Caetano José Cardoso e Manuel Fernandes de Santiago. E logo aí, pelo dito ministro doutor desembargador, lhes foi deferido o juramento dos Santos Evangelhos em um livro deles em que cada um de per si pôs sua mão direita, sob cargo do qual lhes encarregou que vissem bem e examinassem o corpo do Dr. Cláudio Manuel da Costa— que se achava dentro de um dos segredos que nas sobreditas casas se tinham mandado praticar por ordem do Exmo. Sr. Visconde de Barbacena, do Conselho de S. Majestade Fidelíssima, Governador e Capitão-General desta Capitania de Minas Gerais — declarando o estado em que o mesmo corpo existisse.

E recebido por eles, ditos cirurgiões, o referido juramento, debaixo dele assim o prometeram cumprir.

IV.2.1 — E logo, na presença dos ditos ministros e de mim, tabelião, e mencionado escrivão desta Ouvidoria, e cirurgiões, foi — por Joaquim José Ferreira, Alferes pago do Esquadrão da Cavalaria de Guarda do Ilmo. e Exmo. Sr. Vice-Rei do Estado do Brasil, que se achava nas mesmas casas de quartel com a sua companhia, que faz guarda aos presos que existem nos

sobreditos segredos, aberto com a chave, que o mesmo alferes tinha em seu poder, o em que se achava o dito Dr. Cláudio Manuel da Costa. E entrando nele os ditos ministros, e oficiais, e cirurgiões, estes examinaram o cadáver do mesmo doutor, o qual todos conheceram pelo próprio.

IV.2.2 — E disseram achar-se o mesmo, como de fato se achou, de pé, encostado a uma prateleira, com um joelho firme em uma táboa dela, com o braço direito fazendo força em outra táboa na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço encarnado atada à dita táboa; e a outra ponta com uma laçada; e no corrediço, deitado o pescoço do dito cadáver, que o tinha esganado e sufocado por lhe haver inteiramente impedido a respiração por efeito do grande aperto que lhe fez, com a força e a gravidade do corpo, na parte superior do laringe — onde se divisava, do lado direito, uma pequena contusão que mostrava ser feita com o mesmo laço, quando correu.

IV.2.3 — E examinado mais todo o corpo pelos referidos cirurgiões, em todo ele não se acha ferida, nódoa, ou contusão alguma, assentando, uniformemente, que a morte do referido Dr. Cláudio Manuel da Costa só fora procedida daquele mesmo laço e sufocação, enforcando-se voluntariamente por suas mãos — como denotava a figura e posição em que o dito cadáver se achava.

E de como assim o disseram e examinaram, eu, tabelião, e o dito escrivão, damos nossas fés. E para constar, de todo o referido mandou ele, dito Dr. Des. e Ouvidor Geral, lavrar logo este auto, que depois de ser lido, o assinaram os ditos ministros e escrivão desta Ouvidoria, e cirurgiões, comigo, Antônio Joaquim de Macedo, tabelião público do judicial e notas, que o escrevi e assinei.

Antônio Joaquim de Macedo
Caetano José Cardoso
Manuel Fernandes Santiago
José Veríssimo da Fonseca
(Pedro José Araújo de) *Saldanha*
José Caetano César Manitti

Confere.
O Oficial, *Francisco de Sales de Macedo.*

AUTOS DA DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA, V. 5. BRASÍLIA - BELO HORIZONTE: CÂMARA DOS DEPUTADOS - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 1982. P. 203-38 - 2. ED.

AUTO DE PERGUNTAS AO DESEMBARGADOR TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

1ª INQUIRIÇÃO — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
17-11-1789

2ª INQUIRIÇÃO — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
03-02-1790
Acareação com o Côn. Luís Vieira da Silva, Cel. Inácio José de Alvarenga Peixoto e Pe. Carlos Correia de Toledo e Melo.

3ª INQUIRIÇÃO — Rio, Casas da Ordem Terceira de S. Francisco
01-08-1791

4ª INQUIRIÇÃO — Casas da Ordem Terceira de São Francisco
04-08-1791
Acareação com o Côn. Luís Vieira da Silva e Cel. Inácio José de Alvarenga Peixoto

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

1ª INQUIRIÇÃO — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
17-11-1789

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e nove aos dezessete do mês de novembro, nesta Cidade do Rio de Janeiro, na Fortaleza da Ilha das Cobras, aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, Juiz nomeado para esta Devassa, comigo Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro e escrivão também nomeado para esta Devassa, e o

Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo, para efeito de se fazerem perguntas ao Desembargador Tomás Antônio Gonzaga que se acha preso em custódia, e sendo ai foi mandado vir à sua presença o dito Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, e vindo se procedeu com ele a perguntas na forma seguinte: E eu Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi.

E perguntando-se como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade tinha, se era casado ou solteiro, que emprego tinha, e se tinha ordens.

Respondeu, que se chamava Tomás Antônio Gonzaga, que era filho do Desembargador João Bernardo Gonzaga, e de D. Tomásia Gonzaga, natural da Cidade do Porto, de idade de quarenta anos pouco mais ou menos, solteiro, que estava despachado para Desembargador da Relação da Bahia e que não tinha ordens algumas, nem privilégio, que o isente da jurisdição Real, e com efeito, vendo-lhe eu o alto da cabeça, lhe não vi tonsura alguma, do que dou fé.

E perguntado se sabia ou suspeitava a causa da sua prisão.

Respondeu, que estando na véspera da sua prisão de tarde em sua casa, se juntaram nela o Intendente atual de Vila Rica, Francisco Gregório Pires Monteiro, o Ouvidor de Sabará, José Caetano César Manitti, o Doutor Cláudio Manuel da Costa, e não está certo se também assistiu o Padre Francisco de Aguiar, e que na presença de todos se queixou o dito Doutor Cláudio Manuel da Costa, por lhe ter constado que se tinha dado uma denúncia do Coronel Inácio José de Alvarenga, e do Cônego Luiz Vieira da Silva, em que o tinham envolvido também a ele, e que o dito Intendente acrescentou, que também lhe parecia que tinham envolvido na dita denúncia a ele Intendente, e ao Respondente, e que tomando o réu Respondente isto em menos preço, e dando as razões por que lhe parecia isto impossível, concluiu dizendo que quando eles saíssem, ia fazer uma ode, que tão sossegado ficava no seu espírito, que saíram todos juntos e já tarde de sua casa, e que ele se foi meter na sua cama, e que no outro dia de manhã, estando ainda deitado, o prenderam, e o conduziram a esta prisão, e que por isso entende ser falsamente envolvido na dita denúncia, a qual versava sobre uma conjuração, ou levante, que se diz que se pretendia fazer na Capitania de Minas Gerais.

E sendo perguntado, se tinha sido convidado para a conjuração, se nela entrava, ou dela sabia por qualquer modo que fosse alguma coisa.

Respondeu, que nada sabia a este respeito.

E sendo instado, que dissesse a verdade, à qual faltava, negando inteiramente a ciência da conjuração; pois constava que ele a tinha, e que era entrado nela.

Respondeu, que na verdade não sabia coisa alguma, como já disse, que para estar preso basta o ter sido denunciado; mas que daqui se não segue, ser legitimamente denunciado, e que lhe consta, por assim o ter ouvido na véspera da sua prisão, como já disse, que a dita denúncia foi dada por Basílio de Brito, homem de muito má conduta, e seu inimigo pelo prender em virtude de um Precatório, vindo do Tejuco, e aliado com o Sargento-Mor José de Vasconcelos Parada, seu maior inimigo, por defender o réu Respondente a um cadete, que o tinha injuriado, chegando o excesso de sua paixão a dizer publicamente na parada que havia de perseguir ao dito réu Respondente até às portas da morte.

E sendo instado, que sendo assim como ele Respondente diz, dada a denúncia por uma pessoa sua inimiga, um motivo para se julgar vingança pretendida na pessoa do Respondente com falsidade, é pelo contrário grande prova o dito de pessoas, nas quais se não dá razão alguma de inimizade; mas antes em algumas concorrem circunstâncias contrárias, e por isso se mostra falsa a negativa do Respondente, que deve declarar toda a verdade.

Respondeu, que a verdade é a que tem dito, de que não pode haver pessoa alguma, que afirme o contrário, dando razões certas da sua ciência, sem serem os ditos seus inimigos, ou pessoas por eles convidadas, que se há alguma testemunha que não seja inimiga do Respondente, e jure coisa que lhe faça carga, será fundada nos indícios indiferentes que têm diversas aplicações, e que muitas vezes se tomam contra um réu, logo que este aparece preso, quando se fizeram por diversas razões, e que chegando o réu a estado de poder saber quais são os indícios indiferentes, em que as ditas testemunhas se firmaram, ele confessará os verdadeiros, mostrará e provará os diversos fins, a que eles se dirigiam.

Sendo mais instado, que dissesse a verdade, do que sabia; porque além dos indícios notórios; como eram uma longa demora na terra, em que tinha acabado de servir, da qual ordinariamente todos desejam sair com presteza pela diferente figura que passam a fazer, principalmente o Respondente, que não tendo ali rendimentos alguns, estava perdendo os do lugar em que estava provido, e além disso o seu adiantamen-

to, o que não faria sem esperança de coisa mais avançada, é prova mais atendível.

Respondeu, que o indício nada faz contra o réu Respondente; porque estava justo a casar em Vila Rica, e que tinha pedido licença a Sua Majestade para este fim por via do seu companheiro, que era Intendente do Ouro, e por via do Capitão Francisco de Araújo Pereira, cuja licença esperava chegasse na nau que traz o Exmo. Vice-Rei, e que por isso lhe era mais cômodo o demorar-se naquela Vila alguns meses para levar sua mulher na sua companhia, do que ir para a Bahia, e deixá-la para sofrer as despesas e incômodos de outra condução, e por não ter pessoa que melhor a pudesse acompanhar do que ele próprio, em prova do que mostrava a atestação do seu Exmo. General, requeria se juntasse já a estas perguntas. Que antes pelo contrário há muitos indícios, que mostram que o réu Respondente não pode ser entrado em semelhante conjuração como são os seguintes, que aponta: Primeiro o de ser filho de Portugal, onde tem bens, e pai no graduado lugar de Desembargador de Agravos: Segundo o estar despachado para Desembargador da Bahia, e não ser de presumir, que quisesse perder este emprego útil e certo, por coisa incerta, e menos útil, que se lhe pudesse oferecer: Terceiro porque estando justo a casar, não se havia de querer expor a uma guerra civil, e contra os parentes de sua esposa, que todos são militares: Quarto, que os mesmos da terra o não haviam de querer convidar, por ser filho do Reino, não ter bens nenhuns, nem préstimo militar, com que os pudesse ajudar, e não se haverem de sujeitar a expor as suas pessoas, e bens para adquirirem empregos, que dessem ao réu Respondente, que não se contentaria senão com os maiores: Quinto, porque logo que chegou a monção para a Bahia, pediu o réu Respondente ao Exmo. General da Capitania, que no caso de não vir a sua licença para casar, lha havia de conceder, e por ele assim o prometer, se entrou a dispor para o seu casamento, como tudo se mostra da dita atestação, que oferece o que não faria se tivesse interesse de estar na terra; porque debaixo do pretexto de não chegar a licença, se iria demorando coloradamente: Sexto, porque tendo chegado ordem de Sua Majestade para se lançar a derrama, ele réu Respondente disse ao Intendente de Vila Rica, Procurador da coroa, que o tributo era grande, e que temia alguma revolução no povo e respondendo-lhe ele, que não o requeria, lhe tornou o réu, que como Procurador da Coroa o devia fazer; mas que não sabia se a Junta obraria bem o executar, sem dar parte a Sua Majestade, o que mostra que quem inspira semelhantes idéias de quietação, não interessa no motim do povo:

Sétimo, porque ele réu sempre que falou com o seu Exmo. General lhe disse que nem se podiam cobrar as dívidas da Coroa, por serem muitas, e estar o povo muito pobre, e que se devia representar a Sua Majestade o estado da Capitania, para as perdoar, o que não faz quem quer ser rebelde, que procura a vexação do povo.

E sendo instado, que dissesse a verdade, pois constava que sabia com individuação do premeditado atentado do que o não excluem os indícios contrários, que numera na sua antecedente resposta, pois ainda que seja filho de Portugal, é oriundo desta América, sendo seu pai filho desta Cidade do Rio de Janeiro, e tendo aqui parentes. O não se querer expor a uma guerra civil contra os parentes da sua futura esposa, também não conclui; porque antes eles, e ela o poderiam persuadir, e sendo militares tornar o partido melhor: O não ter bens, nem préstimo militar também o não exclui; porque podiam achar nele outras qualidades necessárias para o método do governo; e ultimamente a licença pedida para o casamento e o mais que parece indício favorável seria pretexto colorado, que se costuma tomar para encobrir semelhantes delitos, e que assim quando fizessem dúvida os indícios, que se encontram decide contra ele réu Respondente haver quem diga, que tanto ele era entrado na conjuração, que era quem fazia as leis, e determinava o modo da conjuração, e por isso deve declarar individualmente todos os sócios dela, e as mais circunstâncias, como tem obrigação, por ser legitimamente perguntado.

Respondeu quanto à primeira instância que é verdade ser seu pai filho do Rio de Janeiro; mas que casou em Portugal, nunca mais veio a sua pátria, anda no Serviço Real, e lá teve ao réu Respondente, e a outros irmãos que existem e que esta razão de amor é mais forte do que a do simples nascimento de seu pai; que é certo que sua mulher, e parentes dela o podiam persuadir a ficar no país, mas era se fossem entrados na sobredita conjuração, do que se não persuade; e quando tivessem que lhe dar sem perigo, e o réu que aceitar sem expor, o que já tem sem ele; e que o não ter bens, nem préstimo, mas que ter talentos para servir os do país também faz contra o réu; porque só induziria quando no país não houvesse nacionais estabelecidos, que tivessem os mesmos préstimos; que o seu casamento está contratado há mais de dois anos, e que por isso não podia ser pretexto para cobrir o delito presente: Que estar o réu incumbido de fazer as leis é falso, e que não pode dar exclusiva concludente, não sabendo, se a testemunha é das suas inimigas e as razões em que se funda para as convencer.

E sendo perguntado quais seriam os sujeitos nacionais do país com os mesmos préstimos de literatura.

Respondeu, que conhecia em Vila Rica instruídos em jurisprudência ao Dr. Cláudio Manuel da Costa e ao Doutor Manuel de Souza; em Mariana ao Doutor Barradas, e ao Doutor José cujo sobrenome lhe não lembra, moderno, e que tirou como Escrivão, a Devassa de residência do antecedente Juiz de Fora da dita cidade; no Sabará a um doutor moderno cujo nome ignora, mas que tem talentos, e o Doutor José Corrêa, e que tendo os do país a estes e a outros advogados e letrados, de que se pudessem servir, e estabelecidos na terra, não viriam buscar ao réu, estranho, e sem estabelecimento, caso que já estivessem nos termos de cogitarem de leis.

E sendo instado, que pelas mesmas razões, que ele Respondente dá, se conclui que ele devia ser procurado para entrar no ministério da legislação, e por isso deve declarar a verdade deste negócio, pois sendo indubitável, como ele Respondente não negará, que os mais capazes por talento e instrução, eram o Doutor Cláudio Manuel da Costa, o doutor do Sabará, cujo nome diz que ignora, e outro que suposto ele Respondente não nomeou, é constante que tem talentos e se podiam bem lembrar dele para o ministério, em razão de ser graduado, e ter servido lugares de letras, como constava que todos estes três eram entrados na conjuração, e ele Respondente não negara a grande amizade que tinha com o Doutor Cláudio Manuel da Costa, e igualmente com outro, de que acima se falou sem lhe declarar o nome, que é o Coronel Inácio José de Alvarenga, com o qual se tratava por primo, fica sendo natural e presumível, que com eles igualmente fosse entrado na dita conjuração, sem o receio de lhe confiarem este segredo, que facilitava a amizade, que entre todos havia.

Respondeu, que por isso mesmo, que era muito amigo do Doutor Cláudio Manuel da Costa e que se tratava por parente do Doutor Inácio José de Alvarenga, que reconhece terem todo o talento, sabiam estes as razões que o réu Respondente tem dado por onde mostra que não haviam de querer entrar no dito atentado, caso de havê-lo, e que por isso não haviam de sujeitar o seu segredo, quando já tinham a certeza de não tirarem utilidade alguma, e que da potência para o ato vai uma grande diferença. E por esta forma houve o dito desembargador por ora estas perguntas por feitas, e deu juramento ao Respondente de haver nelas falado a verdade pelo que respeita a direito de terceiro, e

mandou juntar a elas a atestação do general da Capitania de Minas Gerais o Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, datada em vinte e três de maio do presente ano de mil setecentos e oitenta e nove, na forma do requerimento do Respondente, e assinou o dito Desembargador com o Respondente, e o Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo, depois destas lhe serem lidas, e as acharem na verdade: E declaro, que o Respondente esteve a estas perguntas em liberdade, e livre de ferros: E eu Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor desta Comarca do Rio de Janeiro, e escrivão nomeado para esta Devassa as escrevi, e assinei.

Torres
Marcelino Pereira Cleto
Tomás An.to Gonz.a
José dos Santos Roiz. Ar.o

Aos dezessete do mês de novembro do ano de mil setecentos e oitenta e nove, juntei a estas perguntas por mandado do Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, Juiz desta Devassa, a atestação do Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão-General da Capitania de Minas Gerais passada aos vinte e três de maio de mil setecentos e oitenta e nove, a qual o réu Respondente apresentou no ato das perguntas, requereu se juntasse a elas, e o dito Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres assim o mandou, do que para constar fiz este termo de ajuntada: E eu Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro, e escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi.

Luis Antônio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, Visconde de Barbacena, do Conselho de Sua Majestade, Governador e Capitão-General da Capitania de Minas Gerais etc.

Atesto que o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga logo depois de ter acabado de exercer o lugar de Ouvidor desta Comarca, me participou que estava esperando licença de Sua Majestade para casar, e por este motivo pretendia demorar-se alguns meses até chegar ao tempo de melhor monção para o seu embarque: e que haverá um mês pouco mais ou menos, me tornou a dizer que a tardança da dita licença lhe fazia já incômodo e desejava retirar-se; e que vinha saber, se poderia eu suprir essa falta, visto que ele se não achava em atual serviço, e que havia circunstâncias para não desistir do casamento: ao que eu anuí pelos ditos motivos, que me pareceram atendíveis e dignos de providência, e por ser o casamento em uma das principais famílias desta Capitania tomando sobre mim obter a aprovação de Sua Majestade; e me constou que logo se prin-

cipiaram a fazer as disposições necessárias para a condução dele, e que estava para efetuar-se previamente: e por ele me pedir esta atestação, lha mandei passar, selada com o selo das minhas armas, e tudo o referido nela juro, sendo necessário, pelo hábito que professo.

Cachoeira do Campo, 23 de maio de 1789.
VISCONDE DE BARBACENA

2ª INQUIRIÇÃO — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
03-02-1790
Acareação com o Côn. Luís Vieira da Silva, Cel. Inácio José de Alvarenga Peixoto e Pe. Carlos Correia de Toledo e Melo.

Aos três dias do mês de fevereiro de mil setecentos e noventa anos, nesta Cidade do Rio de Janeiro e Fortaleza da Ilha das Cobras, aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, Juiz nomeado para esta Devassa, comigo Manuel da Costa Couto, Escrivão dos Agravos e Apelações desta Relação, nomeado para escrever nesta mesma Devassa no impedimento do Doutor Ouvidor desta Comarca, Marcelino Pereira Cleto e o Tabelião José dos Santos Rodrigues de Araújo, para efeito de se fazerem as perguntas continuando nas antecedentes feitas ao Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, que se acha preso, e sendo aí foi mandado vir à sua presença e vindo se continuaram com ele as perguntas seguintes e fiz este termo, eu Manuel da Costa Couto, que o escrevi.

E sendo-lhe lidas as perguntas do auto retro e perguntado se eram as mesmas e as ratificava.

Respondeu que sim.

E sendo instado que dissesse a verdade à qual tinha faltado dizendo que nem sabia nem era entrado na pretendida conjuração, quando constava por muitas testemunhas que o era, não havendo em muitas delas a razão de suspeita com que se defende do Tenente-Coronel Basílio de Brito Malheiro, a quem declara por seu inimigo capital.

Respondeu que não duvida que haja muitas testemunhas ainda não inimigas que digam que o réu Respondente era entrado na conjuração, mas que para isto bastava que os seus inimigos espalhassem esta falsa voz, e que por isso se deve buscar a origem dela, e os mais indícios, que a confirmam, que o réu Respondente protesta destruir para se reputar esta fama como uma simples voz vaga, que não tem vigor,

ainda que o réu não produza, como há de produzir, outras muitas razões mais fortes em sua defesa.

E sendo mais instado que dissesse a verdade porque não era por via de falsa voz espalhada pelos seus inimigos que a verdade se sabia, mas sim por via de seus amigos, e até de um que além disso, entrava em tratamento de parente.

Respondeu que os que o disserem faltam à verdade e que dando as razões por que assim o afirmam, ele réu Respondente produzirá a sua defesa mostrando o sentido e falsidade delas.

E sendo mais instado que dissesse a verdade, porque os sujeitos que declaram ser ele réu Respondente sabedor, dão toda a razão do seu dito, e são pessoas que nenhuma razão nem interesse têm para o culpar, como são os sócios de delito o Doutor Cláudio Manuel da Costa advogado em Vila Rica e muito da amizade do réu, o Coronel Inácio José de Alvarenga da mesma forma amigo, que se tratava por seu parente e era seu hóspede, o Cônego Luís Vieira da Silva, do mesmo modo seu amigo.

Respondeu que não duvida que a serem os sobreditos entrados na conjuração, dissessem aos outros sócios que o réu Respondente também o era, ou por quererem animar-lhes as esperanças que fariam no réu, ou por quererem desviar que algum dos outros sócios falasse ao réu, na certeza de que já estava falado e certo, mas que isto é falso como há de mostrar com muitas provas, que ele tratava de se ir embora para o seu lugar, e que para isto já tinha mandado aprontar casas nesta cidade por via de seu familiar Joaquim José, que tinha pedido a João Rodrigues de Macedo que conservasse algum dinheiro, porque no princípio de junho saía e não se valia de outro a ser-lhe necessário; que tinha pedido licença ao Excelentíssimo General um mês antes de sua prisão para efetuar o seu casamento, o que não faria se quisesse ficar na terra por ser este o único pretexto com que podia disfarçar a sua demora, que o Doutor Cláudio Manuel não podia dizer o contrário senão por alguma das razões já ditas, porque sabia muito bem que ele tratava da sua retirada, que estava lendo e emendando as poesias do réu Respondente que tratavam destas, que sabia que o réu Respondente já não fez luto pela morte do Sereníssimo Infante com o fundamento de que um vestido de luto lhe não servia na Bahia, e é certo que o réu não mostraria este ânimo na presença dos sócios se também o fosse. Que o Coronel Inácio José de Alvarenga quando se retirou para o Rio das Mortes até já levou a incumbência, e certeza de lha fazer a hospedagem na sua retirada, e por isso parece

que se não deve acreditar o que eles disserem como oposto a esta verdade, visto que se não podem verificar os dois contrários de ir e ser sócio porque esta sociedade requeria a assistência no país.

Que pelo contrário há de mostrar o réu Respondente que nunca teve ânimo de ser rebelde, antes que sempre foi zeloso e fiel vassalo: Que estando o Doutor Intendente de Vila Rica, Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira, para requerer a imposição da derrama, ele lhe disse que esta derrama podia causar algum desassossego no povo e respondendo-lhe o dito Doutor Intendente que então a não requeria, ele lhe tornou, que como Procurador da Coroa a devia requerer, mas que não sabia se a Junta da Fazenda obraria bem na sua execução sem primeiro dar parte a Sua Majestade.

Que dizendo-lhe em outra ocasião o dito Doutor Intendente, que requeria unicamente o lançamento de um ano, lhe respondeu o réu que ele se fosse Procurador da Coroa a requereria por todo o tempo, porque o lançamento de um ano não tinha razão para suspender-se e bastava para vexar o povo e que o lançamento inteiro tinha para se suspender: primeiro, o chegar à quantia de nove milhões com que não pode toda a Capitania de Minas; segundo, que os devedores pelos anos passados não existiam porque uns estavam mortos, outros se tinham retirado para Portugal, e que a maior parte do resto estava falido e que podia servir de bom pretexto à execução do dito lançamento a liquidação da mesma dívida, e que lhe parece que teve esta conversa na presença do réu Inácio José de Alvarenga, o que não faria se fosse sócio de semelhante conspiração, ou sabedor de que o dito Coronel Alvarenga o era, pois não mostraria na sua presença o ânimo que tinha de que não a houvesse, buscando impedir a execução do que lhe podia servir de fundamento.

Que em outra ocasião disputou muito com o dito Doutor Intendente sobre a quantia do mesmo débito, porque obrigando-se o povo de Minas à cota das cem arrobas, ficando senhor de todas as minas de ouro, lhe parecia que Sua Majestade havia de mandar que se abatesse na dita cota o valor das minas sitas no distrito diamantino, que lhe tinha tirado: Que tendo o Excelentíssimo General suspendido o mesmo lançamento, lhe disse o dito Doutor Intendente, que queria despacho público da Junta, ao que o réu lhe tornou que ele o não pediria porque a dita suspensão era muito útil ao sossego público e um vassalo que inspira estas idéias em um Ministro zeloso e que tem uma grande parte na administração da Real Fazenda, não interessa senão na fidelidade, e zelo a que se dirigiam semelhantes práticas e lhe parece que à disputa sobre a liquidação das cem arrobas assistiu o Capitão Antônio Ferreira, e como esta matéria faz a maior parte da

defesa do réu e está posta em pessoa singular qual é o dito Doutor Intendente, e o réu não pode usar das cautelas que o direito permite por estar em um rigoroso segredo e não é igualmente a intenção de Sua Majestade o castigar os inocentes por falta da natural defesa, requerer o mesmo réu, que perante juízo se passe ordem às justiças da terra, ou por aquele modo que parecer mais conveniente, se faça apresentar a estas perguntas a atestação do dito Doutor Intendente sobre os fatos expedidos: Que o réu Respondente em todo o tempo antes e depois do Excelentíssimo General suspender a dita derrama, sempre lhe disse que o povo não podia com ela sua pobreza e que nem se podia cobrar o outro resto da dívida fiscal sem destruição total do país e que por isso seria muito útil que o mesmo Excelentíssimo General representasse a Sua Majestade a necessidade e utilidade de perdão de toda a dívida, o que não faria se interessasse na dita rebelião porque não mostraria sentimentos contrários à vexação do povo em que só se podia afiançar: Que já pediu documento e atestação disto por este mesmo juízo. E que quando não tenha chegado, outra vez requer que novamente se peça e se apense a esta resposta e que protesta que a falta lhe não sirva de prejuízo, antes se julgue provada esta defesa, por não ser de acreditar que um réu peça documentos falsos a um Excelentíssimo General e a um Ministro, que vindo contrários lhe servirão de maior dano à sua defesa.

Sendo mais instado, que dissesse a verdade pois suposto as razões, que tem dado em defesa pareçam uns bons indícios a seu favor, não são contudo provas decisivas porque umas podiam ser tomadas por cautela, e outras terem outro fundamento como "verbi gracia" o deixar de fazer o luto por economia, sobretudo se desvanecem as sobreditas razões sabendo-se que, quando o réu Respondente tratou com mais força da sua retirada, foi quando já viu em poucas esperanças o concluir-se a premeditada sedição e talvez quando já havia receio de ter transpirado e ter sido sabido o projeto.
Além de que as presunções alegadas seriam boas para encontrar e fazer improfícuas outras presunções que resultassem contra o réu, mas não para destruir provas claras como é ter ouvido na sua própria casa falar nesta matéria por mais de uma vez e até fora da sua própria casa e mostras que deu o mesmo e por isso ele réu Respondente deve declarar a verdade com todas as circunstâncias conforme as sabe, pelo que é neste ato instado, deixando-se da contumácia em que por sistema quer insistir.

Respondeu, que os indícios da sua defesa não têm outra aplicação e devem valer para ela enquanto se não mostrar o contrário.

Que ele réu não tratou da sua retirada depois de estar desmanchada ou mal esperançada a dita sedição e sim porque ele só tinha pedido licença ao Excelentíssimo General para se demorar na capitania e esperar nela a licença para o seu casamento até que chegasse a monção para a Bahia, como consta da atestação junta ao Excelentíssimo General, e como a monção no mês de abril estava chegando ou vizinha, foi necessário a ele réu Respondente mostrar ao mesmo Excelentíssimo General que não se demorava mais do que o tempo pedido e por isso no dito mês de abril lhe pediu a providência da licença para casar não chegando a de Sua Majestade e dando-lhe o dito Excelentíssimo General a dita licença, não restava ao réu Respondente nada mais do que o tratar da sua retirada, pelo que se deve presumir que o réu se não retirava por julgar desfeita a dita sedição e sim por estar acabado o tempo, que tinha pedido de demora e dada a providência para não se demorar mais, e sendo o tempo que pediu para demorar-se alguns seis meses antes da sua prisão, pedido livre de toda a suspeita pois que o réu o pediu logo que largou a Vara do Ouvidor, como consta da dita certidão passada já depois da sua prisão, e é certo que o réu nesse tempo não adivinhava que se havia de desfazer a dita sedição no mesmo tempo em que acabava o pedido, pelo que se deve acreditar que tratava de se ir embora por se acabar o dito tempo por chegar a monção para a Bahia e não lhe fazer conta esperar por outra nova, embora se encontrasse este tempo com a desfeita da sedição de que não era sabedor.

Que se é verdade desfazer-se a dita sedição, seria pela razão de suspender o Excelent'ssimo General a execução da Derrama em que talvez se afiançasse, e que se o réu só cuidasse na sua retirada depois de se desfazer a mesma sedição, então não falaria como falou, para que a dita derrama se não pusesse, porque não havia de querer e trabalhar para que se não pusesse a dita derrama se fosse sócio e interessado nela, por não ser de presumir que nenhum sócio destrua os interesses da sua sociedade.

Que não duvida que algumas testemunhas jurem que na casa dele Respondente se tinha falado na dita sedição, mas que esta fama pode ser levantada pelos seus inimigos e pode ser verdadeira sem ele réu ser disso sabedor.

Que na casa do réu estavam hospedados o Coronel Inácio José de Alvarenga e o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e que nela era freqüente o Doutor Cláudio Manuel da Costa que todos se dizem réus e por isso poderiam conversar nesta matéria sem

ele Respondente ser participante, ainda na mesma sala onde ele estava, por estar entretido a bordar um vestido para ao seu casamento, do qual entretenimento nunca se levantava senão para a mesa, o que não parece compatível com as idéias e paixões de uma sedição.
Que era necessário dar-se a ele Respondente os dias certos, horas e pessoas, em que e com quem conversou, para poder responder corretamente.

E sendo instado, que ele sabia tanto que o Cônego Luís Vieira perguntando como era a sedição respondeu o réu que a ocasião para isso se tinha perdido, por se ter suspendido a derrama, o que foi passado na casa dele Respondente em presença do Coronel Inácio José de Alvarenga e outra vez se falou na mesma matéria em casa do Doutor Cláudio Manuel da Costa, em ocasião que lá jantaram o Respondente, o dito Coronel Alvarenga, o Cônego Luís Vieira e outros, tendo o Respondente já ouvido em sua casa práticas da mesma natureza ao Vigário de Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, que era seu hóspede na presença do mesmo Coronel Inácio José de Alvarenga, e Cláudio Manuel da Costa e tendo além disso assistido também às práticas sediciosas, que houve em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire, estando este presente, seu cunhado José Álvares Maciel, o Coronel Inácio José de Alvarenga, o Vigário Carlos Correia de Toledo, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, e o Padre José da Silva e Oliveira Rolim, cujos fatos todos verificam a culpa do réu a qual deve confessar à vista das instâncias.

Respondeu, que na sua presença nunca se falou diretamente em semelhante conjuração em parte alguma.
Que não duvida, que alguma vez se podia falar em se poderem levantar os povos do Brasil e que ele Respondente poderia dizer que perdera uma boa ocasião em se não pôr a derrama, mas que esta prática, de que nem de certo se lembra, não podia ser senão em uma hipótese de potência e não de ato, o que mostra bem ainda a mesma resposta que se diz que dera ele Respondente, porque se a ocasião que se perdia era à falta de se pôr a derrama, não havia o réu Respondente de falar como falou a benefício de se não pôr esta derrama, porque então cortava o fundamento em que ele se estribava e não lamentaria o mesmo réu diante dos demais sócios como perda aquilo mesmo que ele tinha solicitado e influído em pessoa que tinha voto na matéria.
Que à casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula fora algumas vezes e que é verdade que concorrera uma noite com as pessoas decla-

radas e que lhe parece que estavam também o Capitão Maximiano de Oliveira Leite, e o Doutor Francisco Pais e outros, porém que nessa ocasião entrou na dita casa pouco mais ou menos junto às Trindades, tomou chá e retirou-se sem que se falasse em matéria de levante nem por hipótese.
Que é verdade que se encontrou na dita casa com o Alferes Joaquim José da Silva, com o Coronel Alvarenga, e lhe parece também estava o Vigário da Vila de São José somente, mas que nessa ocasião conversaram em humanidade e lhe lembra muito bem por repetir o Coronel Alvarenga umas oitavas feitas ao batizado de um filho do Excelentíssimo Dom Rodrigo e por se examinarem alguns livros do dito tenente-coronel entre os quais se achava um que contava ao sapateiro Bandarra entre os primeiros poetas portugueses, conversa que parece exclui toda a presunção de se tratar da delicada matéria de uma sedição.

E sendo mandados vir pelo Juiz desta Devassa os réus o Cônego Luís Vieira da Silva, o Coronel Inácio José de Alvarenga, e o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo para serem acareados com o réu Respondente.

O réu Cônego Luís Vieira da Silva respondeu afirmativamente o mesmo que tinha dito nas respostas às perguntas que se lhe tinha feito, de que em casa do réu Respondente perguntara que novidade havia a respeito de um levante que lhe tinham contado que se pretendia fazer e que o Respondente dissera a isto que a ocasião se tinha perdido.
A isto se não opõe o réu Respondente, mas nega que dissesse coisa alguma ou fizesse coisa em que mostrasse ânimo de ter semelhante intento de sedição e se reporta às respostas que tem dado.

E sendo feitas instâncias ao réu o Cônego Luís Vieira da Silva, para que declarasse o que tinha coligido do ânimo do réu Respondente, insistiu em que nada podia afirmar da culpa do réu porque não passou mais coisa alguma do que as palavras que expressa nas suas respostas.

O réu o Vigário Carlos Correia de Toledo, asseverou o mesmo que tinha também dito de que suposto tinha declarado a algumas pessoas que o Respondente era entrado em sublevação, fora por idéia sua a facilitar algumas pessoas, mas que na realidade não sabia, como já declarou, que o dito Respondente fosse entrado no levante, que era verdade ter-se tratado na casa do Respondente, em conversação geral, das vantagens da América, porém não chegaram as ditas conversações a ofender a Sua Majestade porque nelas se não formou projeto algum e que o dito réu Vigário Carlos Correia de Toledo nada

sabe mais a respeito do réu Respondente porque ainda em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire, só uma única vez o topou no tope da escada, saindo ele vigário e entrando ele réu Respondente, pelo que não sabe que assistisse a conversação alguma.

O Coronel Inácio José de Alvarenga afirmou também o mesmo que tinha respondido nas suas perguntas, de que na conversação que houve em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire estivera também assistindo o Respondente e que por estar nesta inteligência assim o dissera, mas que se não anima a afirmá-lo como coisa sem dúvida alguma porque poderia equivocar-se, mas que como este fato foi passado entre algumas seis pessoas, pelo dito dos mais se poderá desfazer a dúvida.

O Respondente insistiu sempre no que tinha dito, de que perante ele nunca se tratara coisa deliberativa sobre levante.

E por esta forma houve ele ministro por feitas estas perguntas e acareações deferindo o juramento a todos, pelo que respeita a direito de terceiro e de tudo mandou fazer este auto que assinou com eles réus e o dito Tabelião de que damos nossas fés, e eu Manuel da Costa Couto, que o escrevi e assinei.

TORRES
M.EL DA COSTA COUTO
TOMÁS AN.TO GONZ.A
O CÔNEGO LUÍS VR.A DA SILVA
CARLOS CORREIA DE TOLEDO E MELO
INÁCIO JOSÉ DE ALVAR.A PEIX.TO
JOSÉ DOS SANTOS ROIZ. E AR.O

3ª INQUIRIÇÃO — Rio, Casas da Ordem Terceira de S. Francisco
01-08-1791

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e um, em o primeiro dia do mês de agosto, nesta Cidade do Rio de Janeiro e casas da Ordem Terceira de São Francisco, aonde foi vindo o Desembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, do Conselho de Sua Majestade, e do da sua Real Fazenda, Chanceler da Relação desta cidade e Juiz da Comissão expedida contra os réus da conjuração formada em Minas Gerais, comigo o Desembargador Francisco Luís Álvares da Rocha, Escrivão da mesma Comissão, e o Intendente

eleito da Comarca da Vila Rica, José Caetano César Manitti, Escrivão assistente, para se continuarem perguntas ao Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, preso nos segredos das ditas casas; e sendo aí mandou o mesmo Conselheiro vir à sua presença o dito réu, e lhe continuou as perguntas pela maneira seguinte.

E sendo-lhe lidas as perguntas antecedentes, e perguntado se eram as próprias, dadas por ele dito Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, se estavam conforme, e se as ratificava?

Respondeu, que eram as mesmas respostas dadas por ele Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, estavam conformes, e que as ratificava.

Foi perguntado, se tinha tomado melhor acordo para dizer a verdade, declarando ser sabedor do levante, e ser sócio da conjuração, que para isso havia; porque nenhuma das razões que tinha dado era exclusiva da prova, que contra ele resultava?

Respondeu, que ele não podia mudar de ânimo para confessar um delito que não fez; e que se há contra ele alguma prova, sendo sabedor desta, a destruirá com fundamentos sólidos, e verdadeiros.

Foi instado, que dissesse a verdade que pertinazmente ocultava: porquanto não pode destruir prova que resulta do dito de pessoas da sua maior amizade, que referem práticas expressíssimas sobre o levante com ele Respondente, assinalando lugar certo; e que deve confessar a verdade, antes de ser convencido da falsidade, em que teimosamente persiste?

Respondeu, que a verdade é a que tem dito; e que destruirá como falsas, todas as afirmativas que disserem quaisquer pessoas, ainda que sejam amigas dele.

E sendo-lhe lidas as Respostas, que deu às perguntas que lhe foram feitas, o Doutor Cláudio Manuel da Costa, em que diz a folha três o seguinte. — Declara mais, que pelo que várias vezes observou em conversas com o dito Gonzaga no quintal dele Respondente, não deixavam os denunciados de falar com extensão na matéria com o Tenente-Coronel Francisco de Paula e seu cunhado, José Álvares Maciel, que foi o primeiro que suscitou esta espécie com a lembrança da Inglaterra — E sendo lido o dito lugar, foi instado o Respondente para que convencesse o dito de um seu amigo, passado com ele Respondente no quintal do dito Cláudio Manuel da Costa?

Respondeu, que não, duvida que poderia dizer alguma vez à Cláudio Manuel da Costa, que os réus, o Coronel Alvarenga, e o Vigário de São José, falassem sobre a matéria do levante; mas que isto não era com certeza de levante, senão uma mera conversa hipotética sobre a mesma matéria; porque se o réu Respondente tivesse notícia de que a dita conversa passava de hipotética, e de um mero entretenimento, ele a denunciaria; e que esta verdade se há de fazer mais palpável pelas outras razões, com que o réu mostrar a sua inocência; e pelas confissões expressas dos outros réus, a cuja verdade deve ceder a referida presunção.

Foi instado, que dissesse a verdade, que pretendia disfarçar, dizendo que só ouvira falar no levante hipoteticamente; quando é certo, que se tratou na matéria da Sublevação deliberativamente; e ele Respondente, sendo um homem letrado, de luzes, e talento conhecido, não falaria, nem consentiria que se falasse por hipótese, e divertimento em matéria tão melindrosa na ocasião crítica, em que estava para se lançar a derrama, se não fosse com ânimo de animar aos confederados; sendo certo que o seu talento lhe fez tomar as cautelas, de que se vale nas suas respostas; as quais, reduzindo-se a leves presunções, devem ceder à verdade; sendo certo que ele Respondente falou no levante, e ouviu falar, também é certo que as circunstâncias do tempo mostram bem que o ânimo não era de falar hipoteticamente?

Respondeu, que diante dele Respondente nunca se tratou de levante decisivamente, como tem dito; e que se o réu tivesse ânimo de animar sócios, e fosse sabedor que os réus, com quem se passaram estas conversas hipotéticas, eram na verdade réus, não mostraria na presença deles o ânimo expresso de impedir o êxito do mesmo levante, como na verdade mostrou por muitas vezes: Primeira, em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula, onde entrando uma vez o réu Alvarenga, e dizendo que o Intendente de Vila Rica cuidava de requerer a derrama, ele lhe disse que ele trabalhava para que ela se não pusesse; Segunda, na casa do dito Intendente, onde dizendo este na presença do mesmo Alvarenga, e de Capitão Bandeira, que tinha acabado de exercer o cargo de Juiz de Órfãos, que havia de requerer a Derrama de um só ano, ele Respondente lhe disse que devia requerer toda para ir o negócio a Sua Majestade; o que mostra expressamente três coisas: primeira, que o réu não reconhecia ao Coronel Alvarenga, como sócio da conjuração efetiva, porque não diria na sua presença, coisas opostas à sua pretensão; segunda, que não tinha

ânimo de animar sócios à mesma conjuração, porque então não daria conselhos opostos à mesma; terceira, que ele, como político, só via que aquelas conversas hipotéticas de levante, se poderiam pôr em prática por outras pessoas, e não pelos ditos réus, que até então reputava fiéis e zelosos vassalos; e que por isso dava semelhantes inspirações para que não pudesse haver conjuração alguma, firmada na causa da derrama.

Foi instado, que dissesse sinceramente a verdade, não pretendendo iludir as provas que contra ele Respondente há, recorrendo a presunções frívolas, de que se não segue a conseqüência que ele Respondente quer tirar; antes se deve seguir a contrária; porque dizer ele Respondente, em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula, que intentava embaraçar que se lançasse a derrama, é uma dissimulação, a que chega qualquer homem rústico, quanto mais ele Respondente; pois qualquer que intenta fazer um delito oculto, disfarça o seu ânimo no público; pois seria totalmente mentecapto, se publicasse idéias que declarassem o seu ânimo; antes pelo contrário produz expressões opostas ao seu verdadeiro intento; o que certamente não desvanece o delito: Quanto à prática dele Respondente com o Doutor Intendente, dizendo-lhe que requeresse a derrama por toda a dívida, tanto se não segue o que ele Respondente quer deduzir, que antes se segue o contrário; porque se o Doutor Intendente requeresse a derrama para completar as cem arrobas de um ano, via ele Respondente que o povo podia sujeitar-se, por ser quantia que podia pagar, e não se dispor ao levante; porém sendo a derrama por toda a dívida, como o povo não poderia pagá-la, vendo-se sumamente vexado, facilmente entraria em fermentação de motim; e esta é naturalmente a lembrança que ele Respondente devia ter, e a que facilmente se percebe do seu ânimo?

Respondeu, que a conversa em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula, só se podia julgar disfarce, se fosse na presença de pessoas com quem o réu se quisesse encobrir; mas que foi na presença unicamente dos ditos Tenente-Coronel, e Alvarenga; a quem o réu não se poderia disfarçar, se fosse sócio; e quando quisesse disfarçar-se, bastaria nada responder, e não passaria ao ato de inspirar no Doutor Intendente semelhantes idéias, as quais se não podem também reputar dolosas, e ocultativas do crime; porque ele réu lhe não dizia que requeresse toda a derrama, para que esta se pusesse, senão para ela se não pusesse, pelos fundamentos que já tem dado nas outras respos-

tas; e que para poder haver um motim, bastaria o lançamento de um único ano, por ser de perto de sessenta arrobas de ouro, com que o povo não podia; muito mais com certeza, de que a este lançamento se haviam de seguir os outros; o que havia de suceder, não se levando a causa à presença da Soberana, como ele réu dizia que se devia fazer.

Foi instado, que dissesse a verdade; porque nada conclui a sua resposta contra a instância, pois ainda que em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula estivessem só presentes o dito Tenente-Coronel e o réu Alvarenga, contudo, se não segue que dizendo ele Respondente, que fazia tenção de obstar à derrama, isto não fosse para disfarçar o seu ânimo; porque bastaria não se confiar de Francisco de Paula, assim como se confiava do réu Alvarenga; porque muitos sócios da conjuração, suposto se confiassem de outros, contudo de alguns se não confiavam, e o disfarce dele Respondente se não conseguia com o seu silêncio; porque o disfarce consiste em expressões, e sinais opostos ao ânimo; e que é uma coisa oposta inspirar ao Doutor Intendente que requerese a derrama de toda a dívida, para que ela se não lançasse; pois pelo contrário, se o desejo dele Respondente fosse de que a derrama por toda a dívida se não lançasse, inspiraria ao Intendente que a não requeresse; pois para recorrer a Sua Majestade pela impossibilidade do pagamento, não era necessário que precedesse aquele requerimento, bastaria tomar conhecimento da quantidade da dívida, e do estado da terra; sendo certo que se ele Respondente inspirava ao Doutor Intendente o lançamento de toda a dívida, era porque estava ciente de que tanto que o Doutor Intendente fizesse aquele requerimento, logo se efetuava o motim, antes que pudesse haver recurso a Sua Majestade e providência emanada do Trono?

Respondeu, que dizer que trabalhava por se não pôr a derrama, não podia ser ainda simples disfarce, para se acautelar do dito Tenente-Coronel; porque passou à obra do conselho, dado ao sobredito doutor Intendente; e que este conselho se não pode julgar doloso, porque o dito doutor Intendente, como Procurador da Coroa, não podia deixar de requerer a derrama, por estar repreendido por Sua Majestade, por não o ter feito; e só o que podia fazer era requere-la toda, para que a Junta, vendo a impossibilidade da execução, a representasse a Sua Majestade; que é a quem compete representar, e não ao Procurador da Coroa.

Foi instado, que dissesse a verdade, respondendo com ânimo sincero; pois para dar conta a Sua Majestade, bastava que o Procurador fosse repreendido, por não requerer a derrama, sendo este o modo de se justificar na presença de Sua Majestade, mostrando que nem a requeria, nem a podia requerer, por não ser conveniente ao serviço da mesma Senhora, cujos interesses deve zelar em razão do seu ofício; e pelo contrário requerendo a derrama naquela ocasião, mostrava que tinha sido omisso, e justamente repreendido de não ter feito aquilo mesmo que então fazia; e não sendo necessário para o dito Procurador dar conta a Sua Majestade; ou a requerer na Junta, que precedentemente requeresse a derrama, se deixa bem ver que o ânimo dele Respondente naquele conselho era excitar o povo à sublevação, ex-vi de um requerimento inútil, que não podia ter outro efeito?

Respondeu, que ele Respondente entendeu que por este modo se segurava melhor o Doutor Procurador da Coroa; que se se enganou no conselho, foi erro de entendimento, a que estão sujeitas todas as coisas, que não têm lei certa que as decida; que se o ânimo do Respondente fosse excitar sedição, não diria que a derrama se não devia pôr, e que se devia representar a Sua Majestade por todo o Tribunal.

E por ora houve o dito Conselheiro estas perguntas por feitas, as quais sendo por mim lidas ao Respondente, achou estarem conformes, com o que respondido tinha, e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos, pelo que respeita a terceiro, debaixo dele disse ter falado a verdade; e declaro com o Ministro Escrivão assistente, que neste ato esteve o réu livre de ferros, do que damos fé; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, em que assinou com o Respondente, e Escrivão assistente; e eu Francisco Luís Álvares da Rocha, Escrivão da Comissão, o escrevi, e assinei.

Vasconcelos
Francisco Luís Álvares da Rocha
José Caetano César Manitti
Tomás An.[to] Gonz.[a]

4ª INQUIRIÇÃO — Casas da Ordem Terceira de São Francisco
04-08-1791
Acareação com o Côn. Luís Vieira da Silva e Cel. Inácio José de Alvarenga Peixoto

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e um, aos quatro dias do mês de agosto, nesta Cidade do Rio de Janeiro, e casas da Ordem Terceira de São Francisco, aonde foi vindo o Desembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, do Conselho de Sua Majestade e do da Sua Real Fazenda, Chanceles da Relação da mesma cidade e Juiz da Comissão expedida contra os réus da conjuração, formada em Minas Gerais, comigo Escrivão da Comissão ao diante nomeado, e o Intendente eleito da Comarca de Vila Rica, José Caetano César Manitti, Escrivão assistente, para se continuarem perguntas ao Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, preso incomunicável nas mesmas casas; e sendo aí mandou vir o dito réu à sua presença, e lhe continuou as perguntas pela maneira seguinte.

Foi perguntado, sendo-lhe lidas as perguntas antecedentes, se estavam conformes, e se as ratificava?

Respondeu, que estavam conformes, e que as ratificava.

Foi perguntado; em que consistiam as práticas hipotéticas que ouviu, ou teve sobre o levante?

Respondeu, que um dia lhe disse o coronel Alvarenga, que em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula se tinha conversado largamente sobre interesses da Capitania; e que se tinha disputado, se nela se poderia fazer um Estado; e que o Respondente lhe respondeu que lhe parecia que sim; por ter gêneros do ouro, e dos diamantes; e que passaram a falar sobre o modo, por que se deveriam administrar os ditos dois gêneros; por dizer o réu Respondente que o Excelentíssimo General lhe tinha dito que também havia de responder sobre esta matéria.

Foi perguntado, se repetiu esta mesma prática mais algumas vezes com o dito Coronel Alvarenga; ou se teve esta, ou outras semelhantes conversações, com mais alguma pessoa?

Respondeu, que lhe parece que não.

Foi instado, que dissesse a verdade; pois lendo-se-lhe a ele Respondente uma parte das respostas do Doutor Cláudio Manuel da Costa, não negou que com ele tivesse praticado sobre a mesma matéria; e deve também declarar, quais foram essas práticas, que teve com o dito Doutor Cláudio?

Respondeu, que a verdade é a que tem dito; e que esta resposta não se opõe a ela; porque é dada em continuação da resposta, que deu à pergunta que se lhe fez sobre a resposta do mesmo Doutor Cláudio Manuel da Costa; e que a conversa, que com ele teve, pelo que bem se lembra, foi a substância do que agora declara; e que lembrando-lhe alguma coisa mais, o declarará e confessará, sendo verdade.

Foi perguntado, que certeza tinha ele Respondente, de que as pessoas com quem falava hipoteticamente sobre se formar um Estado na Capitania de Minas, não tomavam as reflexões dele Respondente, como um conselho, aproveitando-se da idéia que lhe ministrava para porem em execução os seus pérfidos intentos?

Respondeu, que tinha a certeza moral, de que eles não seriam capazes de cometer semelhante atentado; e que nesta mesma ocasião lhe davam os ditos réus idéias mui opostas; porque o Tenente-Coronel Francisco de Paula nesse mesmo tempo lhe afirmava que ia para Portugal e o acompanhava até a Bahia para ver a terra; e que, quando foi para a lavra de seu sogro, se despediu do réu Respondente, dizendo-lhe que levava licença de três ou quatro meses; mas que não voltava a Vila Rica, sem que chegasse a licença para a sua retirada para Portugal; e o Coronel Alvarenga afirmava-lhe que se demorava à espera de que o Excelentíssimo General lhe desse um destacamento para a Campanha do Rio Verde; porque ia para lá viver com a sua família; e nesta inteligência, lhe pediu o Respondente, que lhe havia de patrocinar um filho de Ana Joaquina, soldado, que havia de pedir a Sua Excelência que o mandasse para o destacamento; e não está certo se nisto chegou a falar ao Excelentíssimo general; o que fazia, que nem lhe passasse pelo pensamento que os ditos réus tivessem semelhante intenção.

Foi instado, que dissesse a verdade; porquanto, todas as razões que expõe, que os conjurados não tratavam seriamente da sublevação, são vozes que eles mesmos espalhavam para lhes servirem de desculpa no caso que o levante não tivesse efeito; lembrando-se de que lhes podia suceder o mesmo, que aconteceu; porque também o Vigário de São José dizia que ia para Lisboa, o que fez público, chegando até a largar a igreja; e contudo é certo que tratava seriamente do levante e isto mesmo praticaram os mais réus?

Respondeu, que poderia ser muito bem disfarce; mas que o réu Respondente não tinha razões para desconfiar deste disfarce; e que por

isso mesmo, que os réus se disfarçavam com ele, tinham razões para se disfarçarem, e não quererem que ele fosse sabedor dos seus verdadeiros desígnios.

Foi instado, que dissesse a verdade; porquanto, tanto se não disfarçavam os conjurados com ele Respondente, que das respostas que deram às perguntas que lhes foram feitas, se colhe, que com ele Respondente falavam francamente; e as razões, que ele Respondente expõe, não provam que os ditos conjurados com ele Respondente se dissimulassem; porque as jornadas, e disposições dos mesmos conjurados, que ele Respondente declara, não eram um segredo, comunicado a ele Respondente só, eram vozes que se espalhavam para servirem agora de defesa; e como então tinham esse fim, e ele Respondente devia saber que coam este intento se espalhavam, por isso agora se serve delas, como notícias públicas, que por isso mesmo provam a dissimulação com o público, mas não com ele Respondente?

Respondeu, que se os co-réus declaram alguma coisa, de que se possa tirar presunção contra o réu Respondente, é falso, e sendo ele sabedor, destruirá seus ditos; e quanto ao mais o réu Respondente não usa da voz pública, que os co-réus espalhavam, usa das afirmativas particulares, que lhe fizeram; de que se tira que eles se queriam encobrir também particularmente com ele, e que nem o réu Respondente careceria de se valer destas mesmas para os reputar bons, enquanto não tivesse em contrário provas decisivas de seu intento.

Foi instado, que dissesse a verdade; pois segundo as práticas dos réus, ainda hipoteticamente, não os podia reputar bons; porque nem ele mesmo Respondente podia deixar de reputar as ditas práticas criminosas?

Respondeu, que ele não reputava criminosa uma mera prática de entretenimento de discurso, em que não supunha ocultação de delito.

Foi instado, que dissesse a verdade; porquanto um homem de letras e de talento não podia deixar de reputar criminosas as práticas sobre a constituição de um Estado na Capitania de Minas, ainda que fosse hipoteticamente; porque o ânimo com que se proferem as palavras é oculto aos homens; e tanto reputavam ele Respondente e os mais réus as ditas práticas criminosas, que se acautelavam de falar na matéria diante de pessoas, de quem não tinham inteira confiança, que fossem

do seu partido; de que se segue, ou que as ditas práticas não eram hipotéticas, como com efeito se prova; ou que ainda, sendo hipotéticas ele Respondente e os mais conjurados as reputavam criminosas?

Respondeu, que nem lhe lembra que houvesse pessoa de quem ele se acautelasse.

Foi instado, que dissesse a verdade, não afetando maliciosamente esquecimento; porquanto é constante dos Autos, que estando ele Respondente com alguns dos conjurados, e principiando a prática sobre o levante, deixou de continuar, dizendo-se expressamente que se não falasse em semelhante matéria, para que não ouvisse o Intendente Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira?

Respondeu, que lhe não lembra de semelhante matéria, e que lhe parece que absolutamente é falsa.
E logo no mesmo ato mandou o dito Conselheiro vir à sua presença o Cônego Luís Vieira da Silva, e o Coronel Inácio José de Alvarenga, também presos nos segredos das sobreditas casas, para com eles fazer acareação ao Respondente; e sendo aí presentes uns e outros, se reconheceram mutuamente pelos próprios, de que damos fé, como também de lhes ter sido deferido juramento, pelo que respeita a terceiro, e lhes fez a acareação pela maneira seguinte.
Foi-lhe lido nas respostas que o acareante Cônego Luís Vieira da Silva deu às perguntas que lhe foram feitas no apenso oitavo, o parágrafo a folhas sete, que principia — No dia seguinte — e sendo ouvido pelo acareante Cônego Luís Vieira, disse que era verdade tudo o que se continha no dito parágrafo, e que nem ele acareante o diria, se assim não fosse. Também foi lido o parágrafo folhas doze do apenso quarto das respostas, que o Coronel Inácio José de Alvarenga deu às perguntas, que lhe foram feitas, cujo parágrafo principia — Voltando ele Respondente da Paraopeba — sendo por ele acareante Inácio José de Alvarenga ouvido, disse que era verdade, o que no dito parágrafo, se continha; no que ambos acareantes responderam com certeza. E sendo ouvidos igualmente os ditos parágrafos pelo acareado disse que estava pelo que tinha dito, que não se lembrava de que ouvisse semelhante prática; e que requer que se tome ao Coronel Inácio José de Alvarenga, a declaração que faz a este respeito. E satisfazendo ao requerimento disse o acareante Inácio José de Alvarenga que tanto tem lembrança da prática, que referiu no dito parágrafo, que até lhe lembra que o acareado Tomás Antônio Gonzaga estava

naquela ocasião na mesma varanda queixando-se de estar com princ'pio, e ameaço de uma cólica biliosa, que lhe costuma dar, embrulhado em um capote de baeta cor de vinho, e que pediu uma esteira ao Doutor Cláudio Manuel da Costa, sobre a qual se deitou no primeiro assento da varanda, descendo para o quintal; e que os dois acareantes, e o Doutor Cláudio Manuel da Costa estavam entrando pela porta da sala para a varanda sobre a parte esquerda, que bota para a rua, o Doutor Cláudio Manuel assentado, e o Cônego Luís Vieira em pé, e o acareante Alvarenga passeando na sala, e de vez em quando entrando na varanda e saindo, até quando uma vez se foi para casa de João Rodrigues de Macedo, e quanto a estar já deitado ou não o acareado, quando se falou nessa matéria, não tem certeza, e o certo é que a maior parte do tempo esteve deitado, porque já da mesa se vinha queixando.

E sendo perguntado o acareante Cônego Luís Vieira se tinha lembrança se era certo o que o acareante Inácio José de Alvarenga acrescentava à sobredita declaração, disse que só se lembra que o acareado estava deitado, embrulhado num capote, mas que lhe não lembra a causa que o acareante Inácio José de Alvarenga refere; também lhe não lembra se quando houve a prática que ele acareante referiu no dito parágrafo, estava o acareado já deitado, ou não. Ao que nada mais respondeu o acareado.

E por esta forma houve o dito Conselheiro esta acareação por feita, a qual sendo por mim lida, acharam uns e outros estar conforme com o que respondido tinham. E declaro com o Ministro Escrivão assistente que todos neste ato estiveram livres de ferros, de que damos fé. E de tudo mandou fazer este auto o dito Conselheiro, o qual assinou com o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, acareado, e ditos Cônego Luís Vieira e Coronel Alvarenga, o acareante, e o Ministro Escrivão assistente. E eu Francisco Luís Álvares da Rocha, Escrivão da Comissão, que o escrevi, e assinei.

Vasconcelos
Francisco Luís Álvares da Rocha
José Caetano César Manitti
Inácio José de Alvar.a Peix.[to]
O Cônego Luís Vr.a da Silva
Tomás Ant.[to] Gonz.[a]

E tendo o dito Conselheiro mandado recolher à sua prisão os acareantes Luís Vieira, e Coronel Alvarenga, foram por mim lidas ao réu as perguntas que se lhe haviam feito neste ato, e as achou conformes com o que respondido tinha, declarando debaixo do juramento, já recebido, que tinha dito a verdade, no que respeitasse a terceiro, e com o Ministro Escrivão assistente, declaro que em todo este ato esteve o réu livre de ferros de que damos fé. E de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este auto, em que assinou com o Respondente e escrivão assistente. E eu Francisco Luís Álvares da Rocha, Escrivão da Comissão, que o escrevi, e assinei.

Vasconcelos
Francisco Luís Álvares da Rocha
José Caetano César Manitti
Tomás Ant.to Gonz.a

In Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, v. 5. Brasília - Belo Horizonte: Câmara dos Deputados/Governo do Estado de Minas Gerais, 1982. p. 103-10; 112-28.

Auto de Perguntas ao Coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto

1ª Inquirição — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
11-11-1789
2ª Inquirição — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
14-01-1790

Inácio José de Alvarenga Peixoto

1ª Inquirição — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
11-11-1789

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e nove, aos onze do mês de novembro, nesta Cidade do Rio de Janeiro, na Fortaleza da Ilha das Cobras, aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, comigo Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão nomeado para esta Devassa e o Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo, para efeito de se fazerem perguntas ao Coronel Inácio José de Alvarenga, que se acha preso em custódia, sendo aí foi mandado vir à sua presença o dito Coronel Inácio José de Alvarenga, e vindo se procedeu cm ele a perguntas na forma seguinte: E eu Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi.

E perguntando-se-lhe como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade tinha, se era casado ou solteiro, que emprego tinha, e se tinha ordens.

Respondeu que se chamava Inácio José de Alvarenga Peixoto, filho de Simão de Alvarenga Braga, e de D. Ângela Micaela da Cunha natural desta Cidade do Rio de Janeiro, de idade de quarenta e cinco anos, casado, coronel do primeiro Regimento da Cavalaria da Campanha do Rio Verde, da Capitania de Minas Gerais, e que não tinha ordens algumas, nem privilégio algum, que o isentasse da Real Jurisdição de Sua Majestade, e com efeito vendo-lhe o alto da cabeça, vi que não tinha tonsura alguma, do que dou fé.

E perguntado se sabia a causa da sua prisão, ou a suspeitava.

Respondeu, que estando em São João del-Rei de partida para a Campanha do Rio Verde, onde tem as suas lavras, no dia dezenove ou vinte do mês de maio do presente ano, chegou o Tenente Antônio José Dias Coelho ao quartel de São João del-Rei, donde mandou chamar a ele Respondente para lhe falar da parte de Sua Excelência, e indo imediatamente lhe disse o dito tenente, que havia de acompanhá-lo para o Rio de Janeiro, para certas averiguações na presença do Ilmo. e Exmo. Vice-Rei do Estado, e perguntando-lhe ele Respondente, se sabia o que seria, lhe disse que nesta cidade tinham prendido a Joaquim Silvério, e ao Alferes Joaquim José, por alcunha – o Tiradentes –, que se supunha ser por alguma liberdade, com que este falava em idéias de Repúblicas, e Américas inglesas, e ouvindo ele Respondente, o que lhe tinha dito o tenente, logo lhe disse que isto era matéria muito delicada; pelo que imediatamente lhe entregou a chave dos seus papéis, e ficou entendendo, que daqui nascia a causa também da sua prisão.

E sendo perguntado se sobre esta matéria de República, e liberdade, em que ele mesmo Respondente tinha tocado pela razão que declara, sabia mais alguma coisa, por qualquer modo, ou por ter sido convidado, ou por ter ouvido falar nesta matéria, ou por ter percebido alguns indícios, que lha fizessem suspeitar.

Respondeu que não tinha sido convidado por pessoa alguma para que, faltando às obrigações de bom e leal vassalo, concorresse para que a América conseguisse a sua liberdade, e se formasse dela uma República, que não tinha também ouvido falar em semelhante matéria de sorte que percebesse haver tal intenção, ou pretensão; pois somente ouviu ao Coronel José Aires Gomes, ficando só com ele nas casas de João Rodrigues de Macedo em Vila Rica, no princípio do mês de janeiro, lhe dissera, que um oficial, que tinha subido da Cidade do Rio de Janeiro, lhe tinha contado, que nesta cidade falavam em pretender a sua liberdade por socorros de França, e de outras

potências estrangeiras, e perguntando-lhe o Respondente se lhe falara em alguns oficiais grandes, como coronéis, governadores de fortalezas, ou mestres-de-campo, respondeu que não, que eram os negociantes, ao que ele Respondente lhe disse que eram novas de caminho e que o oficial tinha ouvido cantar o galo, e não sabia onde, e passados dois ou três dias, entrando ele Respondente em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada a tirar da sua livraria um livro para ler, lhe perguntou o dito Tenente-Coronel se sabia alguma novidade do Rio de Janeiro, e respondendo-lhe que não, lhe disse o dito Tenente-Coronel o mesmo que José Aires Gomes lhe tinha contado, e então lhe disse ele Respondente, que já José Aires lhe tinha tocado essa espécie, e a resposta que lhe dera, e acrescentou ao dito Tenente-Coronel, que o oficial tinha provavelmente ouvido no Rio de Janeiro a pretensão que a França, e as mais Cortes estrangeiras tinham a liberdade do negócio nos portos da América e que equivocando-se, confundia esta liberdade do negócio com a liberdade da América, e que não seria factível segundo a inteligência dele Respondente, e os talentos que conhece no Ilmo., e Exmo. Vice-Rei do Estado, e a sua notória atividade, que semelhante proposição, na forma que a concebeu o dito alferes, pudesse girar no Rio de Janeiro nem meia hora, sem que ele a soubesse, e a providenciasse; e este era o único indício que ele Respondente poderia a este respeito ter, a não lhe dar desde o princípio a inteligência, que fica referida, segundo a qual até deixou de ser indício.

E sendo perguntado, o que tinha respondido o dito José Aires Gomes sobre a inteligência, que ele Respondente tinha dado à dita proposição, como também o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada.

Respondeu que ao Coronel José Aires Gomes, nem ele Respondente lhe dera a inteligência da dita proposição, e só lhe respondeu o que já fica referido, por ser o dito coronel falto de luzes e instrução, e que o Tenente-Coronel concordara com ele Respondente nesta inteligência, e que a este respeito não avançaram mais conversação alguma.

E sendo instado, que dissesse a verdade; porquanto é natural, que tivesse ouvido falar a algumas pessoas mais sobre esta matéria na Capitania de Minas, onde teria grassado a proposição, e não estaria em ponto de tanto simplicidade, como ele Respondente tem declarado.

Respondeu que de forma nenhuma ouvira falar em tal matéria coisa em que ele Respondente pudesse supor a pretensão mais leve, e

que nem outra coisa poderá constar das diligências, a que se terá procedido.

E sendo instado, que dissesse a verdade, porquanto constava que havia pessoa, que contara a ele Respondente, que havia sujeito que oferecera dinheiro para que se fosse fazer gente e com ela fazer e fomentar um levante na Capitania de Minas Gerais, e se aconselhara com ele do que devia praticar sobre semelhante matéria.

Respondeu que era verdade que o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, em dias do mês de abril do presente ano, fora à casa dele Respondente em São João del-Rei, e lhe fizera a consulta, do que devia obrar no caso que lhe sucedia de lhe ter dado parte o Sargento-Mor Luís Vaz de Toledo de lhe oferecerem dinheiro para convidar gente para fazer o levante na ocasião da derrama, e segundo a lembrança dele Respondente lhe parece que também lhe disse que quem oferecia este dinheiro era o Coronel Joaquim Silvério; sobre o que ele Respondente lhe disse que se fosse logo denunciar, e que ele Respondente ficava também na mesma obrigação; mas que indo ele fazer esta denúncia, era escusado que ele também fosse, o que lhe fazia um grande incômodo, por ter chegado havia pouco tempo de Vila Rica, e estar para partir com toda a sua numerosa família para a Campanha do Rio Verde, e que este indício, o não declarou nas antecedentes perguntas, por lhe parecer que não era necessário, por já o ter antecedentemente declarado ao Desembargador Juiz desta causa, e dele fazer assento na sua carteira, o que diante de mim declarou ser certo, do que dou fé, e não porque o seu ânimo fosse faltar à verdade.

E sendo instado, de que não era bastante ter feito a dita declaração extrajudicialmente na ocasião em que veio para a prisão, na qual disse a ele dito Desembargador, que se o seu general lhe tivesse falado antes de ser preso, e soubesse que ele Respondente tinha aconselhado a denúncia ao Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, naturalmente o não mandaria prender, porque quem aconselha a denúncia, mostra não ser entrado em semelhantes projetos; pois sendo ele Respondente instruído, e tendo sido ministro, sabia muito bem que o dito extrajudicial, não podia desonerá-lo de judicialmente fazer a mesma declaração, antes vinha a ser maliciosa ocultação; porque nas suas respostas dadas à proposição geral, de que dissesse se sabia alguma coisa sobre a matéria do levante, só se encaminhou a dizer que nada sabia,

quando este passo é que o fazia certo de que com efeito havia o projeto do levante.

Respondeu que sendo perguntado por projetos, lhe pareceu, que um que tratava de denúncia já não entrava em projeto, que o seu ânimo não fora de ocultar; porque logo que se lhe tocou a espécie, a contou fielmente, e que tendo-a já dito ao seu mesmo juiz, se ele quisesse mais alguma declaração a respeito desse fato, lha perguntaria, e que também não negaria uma coisa, que lhe fazia a bem depois dele Respondente ter aconselhado a denúncia.

E sendo instado, que dissesse a verdade, do que sabia nesta matéria de levante, a que tinha faltado; pois constava que havia mais pessoas, a quem ele tinha ouvido falar nesta matéria, e que o ter omitido o passo de dizer que tinha aconselhado a denúncia era porque no tempo que o declarou se propunha a buscar aquela defesa; mas como ela não era verdadeira, e era só ideada, ou lhe tinha esquecido, ou tinha querido tomar por mais segura, a que tinha dado no princípio das suas respostas de que nada sabia de coisa, que lhe pudesse causar culpa.

Respondeu que além das pessoas que tem dito, nenhuma outra falou diante dele em semelhante matéria, e que se houve alguma que falasse, ou ele Respondente não ouviu, ou lhe não deu atenção alguma, e que ele a ninguém falou em tais matérias e que quanto à consulta feita com ele Respondente pelo Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, e o que ele Respondente tem a este respeito declarado, e o que lhe aconselhou era verdadeiro e sincero, e não procurado para desculpa, da parte dele Respondente. E por este modo houve o dito Desembargador estas perguntas por ora por feitas e acabadas, dando juramento ao Respondente de haver falado nelas a verdade pelo que respeita a direito de terceiro, e assinou com o Respondente e o Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo, depois de tudo lhe ser lido, e as acharem na verdade: E eu Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi e assinei.

Torres
Marcelino Pereira Cleto
Inácio José de Alvarª Peix.to
José dos Santos Roiz. e Ar.º

2ª Inquirição — Rio, Fortaleza da Ilha das Cobras
14-01-1790

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa, aos quatorze do mês de janeiro nesta Cidade do Rio de Janeiro, na Fortaleza da Ilha das Cobras aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres Juiz desta Devassa, comigo Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro e Escrivão nomeado para esta Devassa, e o Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de se continuarem perguntas ao Coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto que se acha preso em custódia, aí mandou o dito Desembargador vir à sua presença ao dito Coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto, e vindo se procedeu com ele à continuação das perguntas na forma seguinte.

E sendo-lhe lidas as perguntas, que se lhe haviam feito, e perguntando-se-lhe se eram as mesmas, e de novo as ratificava.

Respondeu que o que tinha dito nas perguntas antecedentes era tudo verdade, e que de novo as ratificava; mas que tinha faltado a várias circunstâncias, que faziam a extensão da matéria necessária para o seu claro conhecimento, e que à vista das instâncias, e argumentos, que lhe tinham sido propostos se resolvia a narrar tudo com pureza, deduzindo tudo desde o seu princípio na forma seguinte: Que no princípio de janeiro do ano de mil setecentos e oitenta e nove, achando-se ele Respondente em casa de João Rodrigues de Macedo, e ficando só em uma das salas com o Coronel José Aires Gomes, este chegou à porta, e examinou se havia alguém e não vendo pessoa alguma, fechou a porta e disse a ele Respondente com toda a cautela, que a Cidade do Rio de Janeiro se levantava certamente, e perguntando-lhe ele Respondente, como o soubera lhe disse que um oficial da Tropa de Minas, que tinha subido havia pouco tempo do Rio de Janeiro, lhe dissera que nesta cidade se esperavam socorros de França, e de outras potências estrangeiras, que solicitavam o partido de Minas para fazerem juntos uma América inglesa, e perguntando-lhe ele Respondente se lhe falara na tropa, e nos oficiais grandes, como coronéis mestres-de-campo, e governadores de fortalezas, lhe respondeu que não, que eram os negociantes; perguntou-lhe ele Respondente se tinha nomeado alguns; respondeu que não, que eram geralmente todos, e o Respondente lhe disse que era mentira, e que nem possível era, ao que ele lhe respondeu que o faziam certamente, e que ele Respondente o sabia, e refletindo o Respondente nas delicadas matérias, que a proposição envolvia, quais eram uma cidade muito florente, que se pretendia rebelar por socorros marítimos, que esperava, uma barra muito feliz, e um porto muito capaz de os receber, uma Corte,

a mais poderosa, e intrigante, como a de França protegendo o atentado, as outras Cortes estrangeiras auxiliando-o, quando elas pretendiam a liberdade do negócio na América, e seus portos, a conjuração de duas Capitanias, uma convidando a outra, o exemplo dos americanos ingleses, que há pouco tempo acabaram de conseguir o mesmo projeto, debaixo da proteção da mesma França, manejada a intriga pelos negociantes, que só olham para os seus interesses, e marcham para onde se lhe figuram mais vantajosos; um governo, o mais frio e de pedra, não deixaria de providenciar semelhante proposição imediatamente que aparecesse; quanto mais um governo ativíssimo, e de fogo, qual o do Ilmo., e Exmo. Vice-Rei atual Luís de Vasconcelos e Sousa, cujo caráter é – Parare subjectis, et debellare superbos –, e quem se atreveria a proferir semelhante proposição sem que temesse ser imediatamente fulminado por quantos raios pode forjar Vulcano, por quantos pode disparar a mão de Jove, e como poderia ela escapar à sua atividade, que não reparte com Júpiter o seu império, como fazia Augusto, governando um de dia, outro de noite – Divisum Imperium e um Jove Caesar habet – mas governando de dia e de noite, pela manhã sabe quantos passos se deram na sua cidade; e como passearia a tal proposição por mais escura que fosse a noite, sem que se encontrasse com a vigilância, nem deixaria de ser imediatamente providenciada, refletidos os seus talentos, bem conhecidos dele Respondente, e há muitos anos, que jogando entre as mãos as rédeas do governo dos homens, nem no mar, nem na terra deixa coisa alguma sem a devida providência, e apenas larga ao céu o governo das estrelas... Hominum contentus habentis – Undarum terrae que pottens terrae que potens, ei Syderae donas –; nem seria proferida tal proposição, e se o fosse, no mesmo instante seria conhecida, e sendo-o imediatamente seria providenciada; logo é falsa a proposição, e impossível que pudesse grassar no Rio de Janeiro; e porque o Respondente assim o entendeu, nenhum caso fez dela: Passados poucos dias entrou o respondente em casa do Tenente-Coronel da tropa dos pagos da Capitania de Minas, Francisco de Paula Freire de Andrada; ao tirar um livro, como costumava, o dito lhe perguntou se havia algumas novidades do Rio de Janeiro que o Respondente soubesse; disse-lhe que não; perguntou-lhe se tinha falado com o Alferes Joaquim José; disse-lhe o Respondente que nem o conhecia, e ele lhe disse que o dito Alferes tinha chegado havia pouco desta Cidade do Rio de Janeiro, e lhe dissera que se esperavam nela socorros de França, e o mais na mesma forma, que o Coronel José Aires Gomes lhe tinha dito, e dizendo-lhe o Respondente que a proposição era falsa, e que o Coronel José Aires Gomes já lhe tinha falado nela; mas que ele Respon-

dente até impossível a julgava, atentas as qualidades do Ilmo., e Exmo. Vice-Rei do Estado, ao que ele lhe disse que era verdade, e que o partido que mais se pretendia saber no Rio de Janeiro era o que ele Tenente-Coronel seguiria, que assim lho tinha dito o tal Alferes Joaquim José, e vendo o Respondente a fatuidade de Francisco de Paula Freire de Andrada supor que a Cidade do Rio de Janeiro se lembraria do seu insignificante partido, lhe disse em tom de ironia, que na verdade para onde ele pendesse, penderia a balança do Estado, ao que ele lhe respondeu com toda a sinceridade, que se a Capitania de São Paulo entrasse no mesmo projeto, ele não teria dúvida; porque o Rio de Janeiro com dezesseis naus, defendendo a barra, nenhum poder lhe entrava; mas que ficando São Paulo de fora podia Portugal meter nas Minas os socorros que lhe parecesse; porém juntas as três Capitanias era a ação segura, que ele tinha em São Paulo bons amigos, com quem podia conservar correspondência, e seria fácil estando ele Respondente na Campanha, que tinha portadores para São Paulo todos os dias, e o Respondente lhe disse que brevemente fazia tenção de ir à Vila de Santos visitar um tio, que ainda não tinha visto, e era portador seguro, tudo debaixo do mesmo tom de ironia; prosseguiu o Tenente-Coronel, que também se lembrava do Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, do Vigário de São José, do Doutor Cláudio Manoel da Costa, e do Cônego Luís Vieira da Silva, que tinham ascendência sobre os espíritos dos povos e podiam reduzir muita gente para o caso do Rio de Janeiro fazer o seu movimento, que ele Respondente estava hóspede do Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, onde também estava hospedado o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e falando com eles na matéria, os não acharia hóspedes na matéria ele Tenente-Coronel, quando lhes falasse nela; neste tempo entrou o cunhado do dito Tenente-Coronel, José Álvares Maciel, e o Tenente-Coronel lhe disse, que o Respondente não queria acreditar nos socorros das Cortes estrangeiras, de França para a sublevação do Rio de Janeiro, que ele dissesse, o que tinha presenciado a esse respeito nas Cortes por onde tinha andado, ao que o dito José Álvares Maciel disse que era matéria sem dúvida, que nas Cortes por onde ele tinha andado nada se falava mais que na moleza e indolência, com que o Brasil se tinha portado, sem fazer o menor movimento, nem à vista das Américas inglesas, e que estas conversas eram triviais até em Lisboa e Coimbra, e que estando ele em Londres se publicara que no Rio de Janeiro tinham matado ao Ilmo. e Exmo. Vice-Rei, cuja notícia até na Gazeta saíra, e logo os negociantes quiseram armar em defesa da cidade, e só um armava dois navios em guerra à sua custa; mas que em poucos dias se soube a falsidade da novela,

foi mandado recolher a gazeta pelo Estado, e todos os negociantes ficaram ardendo, e que aqui podia ele Respondente conhecer a vontade com que as Cortes estrangeiras estavam de secundar os projetos do Rio de Janeiro; mas ele Respondente nem entrava no exame dos socorros, a sua dúvida era, que a tal proposição tivesse aparecido no Rio de Janeiro pelas razões que já disse, e despedindo-se o Respondente lhe disse o Tenente-Coronel, que sempre queria que ouvisse ao Alferes Joaquim José, que lho havia de mandar lá, e dizendo-lhe o Respondente, que não fizesse tal, porque não havia de falar em semelhantes matérias com ninguém, e especialmente com uma cara que não conhecia, lhe disse o dito Tenente-Coronel, que sempre o havia de mandar, e dizendo-lhe o Respondente, que não caísse nisso; porque o havia de pôr na presença do Ilmo., e Exmo., Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão-General de Minas Gerais, lhe respondeu que não havia de fazer tal, e que ele fazia gosto que ouvisse ao dito Alferes Joaquim José, só por ver quanto falava inflamado na matéria, que até chegava a chorar, e o Respondente lhe instou até sair, que o não mandasse.

Recolhendo-se ele Respondente para a casa do Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, onde estava hospedado às onze horas da noite pouco mais ou menos, o achou com o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e lhes contou em suma, o que tinha passado com o dito Tenente-Coronel, a que eles responderam que seria utilidade do país, pelas boas disposições que se poderiam fazer sobre os seus interesses, se o Rio de Janeiro intentasse, e conseguisse a independência por estas, ou semelhantes palavras, e foram-se deitar: no seguinte dia pela manhã, veio o Doutor Cláudio Manuel da Costa tomar café com o Respondente, e com os ditos, como costumava, e tocando-se na matéria, que não está certo quem foi respondeu o Doutor Cláudio Manoel da Costa que o Alferes – Tiradentes – já no seu escritório lhe tinha dito essa história de França, e Rio de Janeiro, mas que ele nenhum crédito lhe dera por conhecer que ele era Tlapido (?); porém que se acaso estes países chegassem a ser independentes, fazendo as suas negociações sobre a pedraria pelos seus legítimos valores, e não sendo obrigados a vender escondido pelo preço que lhe dessem, como presentemente sucedia pelo caminho dos contrabandos, em que cada um vai vendendo por qualquer lucro que acha, e só os estrangeiros lhe tiram a verdadeira utilidade, por fazerem a sua negociação livre, e levado o ouro ao seu legítimo valor, ainda ficava muito na Capitania, e escusavam os povos de viver em tanta miséria e o Respondente tendo acabado de tomar o café se retirou, e saiu para casa de João Rodrigues de Macedo, onde estava sempre

todo o dia, e noite, e se não recolhia senão pela meia noite, e às vezes mais tarde, e não sabe o mais em que continuou essa conversação. Nesse mesmo dia de tarde, estando o Respondente no escritório de João Rodrigues de Macedo, lhe apareceu um oficial feio, e espantado, e lhe disse que lhe queria uma palavra em particular; saiu o Respondente, perguntando-lhe quem era, e ele lhe disse que era o Alferes Joaquim José, que o seu Tenente-Coronel o mandava ali para certificar a ele Respondente, que a notícia do Rio de Janeiro era verdadeira, e que ele a tinha ouvido geralmente aos negociantes, ainda que em muito segredo, e que na verdade era pena, que uns países tão ricos como estes estivessem reduzidos à maior miséria, só porque a Europa, como esponja, lhe estivesse chupando toda a substância, e os exmos. generais de três em três anos traziam uma quadrilha, a que chamavam criados, que depois de comerem a honra, a fazenda, e os ofícios, que deviam ser dos habitantes, se iam rindo deles para Portugal mas que o Rio de Janeiro já estava com os olhos abertos, e que as Minas Gerais pouco a pouco os havia de ir abrindo, ao que o Respondente lhe disse que não andasse falando naquelas coisas, porque lhe podia suceder muito mal, e que dissesse ao seu Tenente-Coronel, que aquilo não era o que ele Respondente lhe tinha recomendado, que estava ocupado, e que por isso o não ouvia mais; foi-se embora, e ele Respondente ficou nessa noite, jogando com João Rodrigues de Macedo até as três horas da madrugada; quando chegou a casa achou todos dormindo, como quase sempre lhe sucedia, e no seguinte dia se levantou ele Respondente tarde, e como já em casa se achava gente de fora, não conversou nada com eles em semelhante matéria, e saiu outra vez para casa de João Rodrigues de Macedo, onde se demorou até à noite muito tarde, e quando se recolheu achou já todos dormindo em casa, e só no outro dia pela manhã é que, falando-se na matéria, conheceu ele Respondente que o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga já tinham falado com o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, porque disseram que ele não era tão mole como parecia, e que falava no projeto com seu calor e sua disposição saiu o Respondente e passando por casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada a entregar um livro, e a tirar outro da sua livraria, o dito Tenente-Coronel lhe disse que tinha falado na matéria com o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, com o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, e com o Doutor Cláudio Manuel da Costa, e que lhe tinha a ele Respondente parecido o Alferes Joaquim José, ao que ele Respondente disse que lhe tinha parecido um louco, ao que o dito Te-

nente-Coronel respondeu que louco era ele, mas que falava na matéria com muito calor; e que o dito Alferes tinha falado a alguma gente da tropa, e alguns oficiais, como ele mesmo lhe tinha dito; mas não nomeou o dito Tenente-Coronel nenhum deles, e só lhe disse que tinha umnegociante, que apresentava seiscentos barris de pólvora, e perguntando-lhe o Respondente quem era, lhe respondeu com dificuldade que era o Tenente-Coronel Domingos de Abreu Vieira, e perguntando-lhe ele Respondente, como metera nestas voltas a este pobre velho, reputado por todos por um homem bom, e honrado, e bom pagador da Fazenda Real, e de boas contas, respondeu que lhe tinha falado que na derrama o menos que lhe podia tocar eram seis mil cruzados, que o dito Tenente-Coronel Domingos de Abreu Vieira se assustara, e pusera as mãos na cabeça, e que logo ele Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, lhe dissera que se podia escusar deste pagamento, passando a América a ser República, e assistindo ele dito Tenente-Coronel Domingos de Abreu Vieira com pólvora, no que ele conveio, mas não sabe ele Respondente a quantidade de pólvora, que lhe prometeu, e se retirou nesta ocasião o Respondente, sem que houvesse mais conversação alguma sobre semelhante matéria, levando o livro que tinha ido procurar.
Daí a dois dias, quando foi restituir o dito livro, lhe disse o dito Tenente-Coronel que queria que ele Respondente visse o louco do alferes, como expunha a formalidade, com que tinha determinado estabelecer a nova República de Minas em conseqüência da do Rio de Janeiro, que procurava o partido de Minas, que o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga haviam de ir à noite para casa do Intendente Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira como costumavam, que podiam subir um pouco à casa dele dito Tenente-Coronel, e que ele Respondente se achasse também lá para ouvirem a exposição do dito Alferes Joaquim José da Silva Xavier, e como o Respondente foi nesse dia jantar a casa, segundo a sua lembrança por haver peixe fresco, raro em Vila Rica, disse aos ditos Vigários, e desembargador o que o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire lhe dissera, e acabando de jantar veio para casa de João Rodrigues de Macedo como costumado, e lá ficou até à noite, e não se lembrou mais de tal; mas pelas oito horas pouco mais ou menos, estando a conversar com uns poucos de sujeitos em casa do mesmo João Rodrigues de Macedo, trouxe a ele Respondente o Capitão Vicente Vieira da Mota, um escrito fechado, que lhe tinham entregue à porta da rua, e abrindo-o ele Respondente achou ser do Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, escrito de casa do Tenente-Coronel Fran-

cisco de Paula Freire de Andrada, em que lhe dizia que chegasse lá, que o esperavam, se queria rir um pouco, ao que ele Respondente lhe mandou dizer que em passando a chuva lá ia, e de fato indo, achou aí o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, e seu cunhado José Álvares Maciel, o Vigário de São José, Carlos Correia de Toledo, o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga o Padre José da Silva e Oliveira Rolim, a quem o Respondente viu pela primeira vez, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o qual tinha acabado de expor a sua depravada cena, que o Respondente não ouviu, mas foi-lhe recontada, dizendo todos cada um o seu pedaço na forma seguinte. Que em havendo notícias do movimento no Rio de Janeiro, e a publicação da derrama, se esperaria a consternação geral do povo com o peso do tributo, e em uma noite sairia o dito Alferes Joaquim José da Silva Xavier com uns poucos de companheiros, gritando pelas ruas de Vila Rica – Viva a liberdade –, que o povo consternado havia de acudir à voz, e o Tenente-Coronel com a tropa acudiria ao tumulto; mas como a tropa, ele alferes a figurava em parte sediciosa, e alguns dos oficiais, não carecia ele dito Tenente-Coronel mais que manejá-la com destreza a dar tempo a que o dito Alferes Joaquim José da Silva Xavier com os seus infames companheiros fosse à Cachoeira, onde se achava o Ilmo., e Exmo. Visconde General e ou o conduziria com toda a sua Exma. Família até à serra, onde lhes diria que fizessem muito boa jornada, e dissessem em Portugal que já se não precisava de generais na América, ou sacrificaria os seus preciosos dias, e conduziria a sua cabeça a Vila Rica, para com ela impor ao povo o respeito pela sua nova e imaginada República, que aí faria o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada uma fala ao povo, ao que ele Respondente lhes disse que depois de estar aí tal cabeça, não era necessária mais fala alguma, que bastava dizer-lhe que quem tinha tirado aquela podia tirar todas as outras, ao que o dito Tenente-Coronel disse que sempre perguntaria o que queriam, que o motivo tinham para aquele levante, e tumulto, que eles lhe responderiam que queriam a sua liberdade, e ele lhes responderia que a pretensão era tão justa, que ele se lhes não podia opor, e logo passaram a contar ao Respondente que o Doutor José Álvares Maciel estabeleceria uma grande fábrica de pólvora, que o Padre José da Silva e Oliveira Rolim, e o Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira assistiriam com pólvora, e além disso o dito padre se incumbiria da administração dos Diamantes do Serro, e de fazer partido contra a oposição dos Ministros, do que ele se encarregou, dizendo que não careceria de gente de fora para isso; porque para os ministros bastavam os seus mulatos, que o Vigário da Vila de São

José daria gente da sua freguesia, e da Capitania de São Paulo, donde era natural, no que conveio, que o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga cuidaria das leis com os advogados que escolhesse, ao que se calou, e não se opôs, e que o Respondente daria gente da Campanha para auxiliar a mesma pretensão, e levante, e o Respondente lhes disse que tratassem de ser bons cavaleiros, que a matéria era sumamente delicada, e como a noite estava muito chuvosa, e a este tempo parou a chuva, saíram todos e se foram embora.

No dia seguinte, ou no outro, foi visitar ao Respondente o Padre José da Silva e Oliveira Rolim, que lhe tinha dito ser-lhe muito obrigado pelas muitas atenções que lhe tinha devido seu irmão o Doutor Plácido da Silva de Oliveira, sendo ele Respondente Ouvidor de São João del-Rei, e como o não achou, lhe deixou o recado, e achando-o o Respondente quando se recolheu, lhe foi pagar a visita no dia seguinte, e o achou com o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o qual saiu, e o dito padre disse a ele Respondente que aquele rapaz era um herói, que se lhe não dava morrer na ação, contanto que ela se fizesse, e dizendolhe o Respondente que melhor era que não cuidasse em tal, que tinha muito que perder, assim coo ele Respondente, e alguns mais, que o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada era um mole, que nunca havia de fazer nada, e haviam de entrar a falar e perderemse todos, ao que ele respondeu, que como o Rio de Janeiro entrava, não havia risco, e o Respondente certo sempre que no Rio de Janeiro, nem de tal coisa se sabia, se retirou concluída a sua visita.

Que no dia seguinte, ou no outro, estando juntos o Respondente, o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, o Doutor Cláudio Manuel da Costa, o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, em casa ou do Doutor Cláudio Manuel da Costa ou do Desembargador Tomás Antônio Gonzaga no que não está certo; mas se inclina antes, que foi em casa deste, se falou em umas bandeiras, que o Alferes Joaquim José da Silva Xavier tinha ideado para servirem na nova premeditada República, que eram três triângulos enlaçados em comemoração da Santíssima Trindade, se lembrou o Doutor Cláudio Manuel da Costa das bandeiras da República Americana Inglesa, que era um gênio da América, quebrando as cadeias com a inscrição – Libertas aquo Spiritus –, e que podia servir à mesma, e o Respondente lhe disse que seria pobreza o que ele respondeu que podia servir a letra – Aut libertas, autnihil –, ao que o Respondente se lembrou do versinho de Virgílio – Libertas quae sera tamen –, que ele achou, e todos os que estavam presentes, muito bonito; mas tudo foi sem ânimo de servir, e meramente por entreter a conversação: No dia seguinte se retirou o Vigário da Vila de São José para a sua igreja, e o

Respondente daí a poucos dias para Paraopeba, onde esteve o resto do mês de janeiro, e todo o mês de fevereiro, e retirando-se outra vez a Vila Rica no princípio do mês de março, veio pela Cachoeira cumprimentar ao Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General e aí encontrou o Alferes Joaquim José da Silva Xavier que vinha para o Rio de Janeiro meter umas águas, e fazer uns moinhos, e de caminho ver em que altura estavam esses socorros de França, que esperavam para se fazer a República do Rio de Janeiro primeiro; depois a de Minas, com o exemplo da do Rio era muito fácil; que os povos de Minas eram uns bacamartes falsos de espírito, e de dinheiro; e que tendo falado a muita gente, todos queriam mas nenhum se queria resolver a por em campo; só os que achara com mais calor foram o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e o Padre José da Silva e Oliveira Rolim, e eito no Rio de Janeiro, todos haviam de querer, ao que ele Respondente lhe disse que não fosse louco, que não viesse meter-se no Rio de Janeiro a falar em semelhantes asneiras, porque não era um sertão, como Minas, e que qualquer palavra que desse, logo havia de chegar aos ouvidos do Ilmo., e Exmo. Vice-Rei, que não era para graças; ao que ele lhe respondeu, que a ele ninguém o pegava, e que ele e o seu partido sabiam bem os passos do Ilmo., e Exmo. Vice-Rei, e que principiando por ele a ação, não havia mais risco; porque a cidade toda era do mesmo voto, do que o Respondente não fez caso algum, na certeza de que no Rio de Janeiro nem em tal se falava, o que confirmava o ter ouvido falar o dito Alferes umas poucas de vezes no Rio de Janeiro e nunca lhe nomear pessoa alguma específica desta cidade, que seguisse este partido, tendo-lhe nomeado em Minas alguns sujeitos, a quem tinha falado como eram o Capitão Manuel da Silva Brandão o Tenente Antônio Agostinho, o Capitão Maximiano de Oliveira Leite, de quem o Respondente está certo ter-lhe ele dito, que falando-lhe a primeira vez prestar o seu consentimento; mas que sendo nomeado posteriormente Comandante do Destacamento da Serra e tornando a falar-lhe, lhe dissera que não fosse louco, que não tornasse a falar-lhe em semelhante matéria, ao que o dito Alferes Joaquim José da Silva Xavier disse que respondera ao dito Capitão que como agora estava feito Grão-Turco da Serra, que por isso não queria entrar na sublevação, e não falou ele Respondente mais com o dito Alferes Joaquim José da Silva Xavier; porque seguiu a sua viagem para o Rio de Janeiro.

Voltando ele Respondente de Paraopeba para Vila Rica, não ouviu falar em semelhante matéria até às exéquias do Príncipe, que foi pelo meio do mês de março pouco mais ou menos; nelas veio pregar o Cônego Luís Vieira da Silva e em um dos dias seguintes, jantando

em casa do Doutor Cláudio Manuel da Costa o Respondente, o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, o Desembargador Intendente Francisco Gregório Monteiro Bandeira, e o Cônego Luís Vieira da Silva, acabado o jantar, foram para uma varanda, e ficando o Desembargador Intendente a uma janela da sala, na varanda falaram sobre as Américas inglesas, o que é da paixão dominante do dito Cônego, e por esta conversa se veio a falar também na riqueza, e felicidade, que resultariam a estes países se conseguissem a sua liberdade, e independência, e se falou na mesma ocasião que esta matéria andava bulida, tocando-se nas notícias, que o Alferes Joaquim José da Silva Xavier tinha espalhado, respectivas ao Rio de Janeiro, e não houve nesta ocasião mais conversação alguma; porque o Desembargador Intendente Bandeira andava passeando da janela da sala para a varanda, e diante dele se não falava nestas matérias.

Passados dias, conversando depois de jantar com o Capitão Vicente Vieira da Mota em casa de João Rodrigues de Macedo, o dito Capitão lhe perguntou, se tinha tido algumas conversas com o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha adentes – sobre a liberdade, ou sobre coisas da América; ele Respondente lhe disse que não, e que ele bem via, e sabia as conversas que ele Respondente podia ter com o dito Alferes, estando continuadamente com ele dito capitão, ao que ele dito Capitão Vicente Vieira da Mota disse a ele Respondente, que também ele não tinha amizade alguma ao dito Alferes, ma que sem embargo disso, lhe falara o dito Alferes sobre a liberdade da América, avançando-lhe para que entrasse também neste projeto, o que tudo ele dito capitão tinha feito pôr na presença do Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General, e que se a este respeito ele Respondente sabia alguma coisa, seria bom que o pusesse na presença do Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General.

No dia seguinte partiu ele Respondente para São João del-Rei, e passando pela Cachoeira a despedir-se do Ilmo., e Exmo. Visconde General, lhe esteve falando sobre os governos republicanos, e reais, de cuja conversa, passando pela Fazenda do Caldeirão, onde se achava o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, fez ele Respondente menção ao dito Tenente Coronel, o qual lhe respondeu que o Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General sabia de tudo o que nesta matéria se tinha falado; que o Vigário de São José tinha feito uma grande bulha neste negócio; porque lhe escrevera que tinha cento e cinqüenta cavalos prontos para o seu Regimento, o que ele entendera o que era, isto é que tinha falado a pessoas para entrarem na sedição, e que ele dito Tenente-Coronel se fizera desentendido, e lhe respondera que o que queriam eram umas cuias pintadas para beber congonha, e

no dia seguinte partiu ele Respondente para São João del-Rei, sem falar com o dito Tenente-Coronel mais em semelhante matéria.
Chegou ele Respondente a São João del-Rei em domingo de Ramos, e até depois dos dias santos da Páscoa não ouviu falar em tal matéria; no mês de abril foram visitar a ele Respondente a São João del-Rei o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, e o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, e lhe disseram que o Coronel Joaquim Silvério em uma revista de auxiliares que se fez, dissera em casa do Capitão José de Rezende Costa publicamente, em presença do Ajudante de Ordens João Carlos Xavier da Silva, que andava passando revista aos auxiliares, que estes países pela sua grandeza, e extensão eram adequados para se fundar neles um império se não fossem sujeitos, o que se estranhara por ser diante do dito ajudante-de-ordens, e que tendo ele dito Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, falado ao dito Coronel Joaquim Silvério nesta matéria, ele se lhe comprometera de assistir com dinheiros para ajuntarem genes para auxiliarem o levante; e indo o Vigário para dentro da casa dele Respondente a visitar sua sogra, ficou o Respondente com o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes o qual lhe disse que o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo, seu irmão o Sargento-mor Luís Vaz de Toledo, e o Coronel Joaquim Silvério dos Reis tinham falado a muita ente por São José, pela Borda do Campo, e pelo Tamanduá, e saindo os sobreditos de casa dele Respondente, o dia seguinte foram para a Vila de São José, e o Respondente os acompanhou, por ter de falar ao Sargento-Mor Domingos Barbosa Pereira na execução, que faz a Sancha Maria da Mota, e jantando todos em casa do Vigário Carlos Correia de Toledo, e falando na matéria, o dito vigário disse ao Respondente, que lhe escrevesse aquela letrinha, de que em Vila Rica se tinha lembrado, para a bandeira, e ele lhe disse que em tais matérias não punha pena em papel, e que se ele quisesse a escrevesse, o que fez, e se retirou a tratar da dependência, a que tinha ido sem mais falar em coisa alguma, que lhe lembre; e logo que findou a sua dependência, voltou à casa do vigário, e se retirou para São João del-Rei, e o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes para a sua fazenda da Ponta do Morro.
Passados poucos dias veio o Vigário da Vila de São José, Carlos Correia de Toledo à casa dele Respondente em São João del-Rei, e lhe disse que pela sua casa tinha passado José Lourenço Ferreira, Comandante do Arraial da Igreja Nova, e lhe dissera que o Coronel Joaquim Silvério dos Reis tinha passado para o Rio d Janeiro, por ter, segundo ele dizia, recebido uma carta do Ilmo., e Exmo. Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa para se vir despedir dele, o que não pa-

recia natural, e supunha ele dito Vigário, que o dito Coronel Joaquim Silvério dos Reis tinha vindo denunciar as conversações, que sobre esta matéria tinha havido, ao que ele Respondente disse ao dito vigário, que o remédio era ir-se ele denunciar ao Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General, ao que ele dito Vigário lhe disse que não era muito certo ir ele, mas que alguém iria, e depois desta conversa se foi embora.

Daí a poucos dias entrou em casa dele Respondente o Coronel Francisco Antônio de Oliveira à hora da Trindade, e lhe disse que Luís Vaz de Toledo Piza lhe delatara, que Joaquim Silvério dos Reis lhe tinha oferecido dinheiros para convocar gentes, e como eles supunham que se tinha ido denunciar, ele assentava em ir denunciá-lo também, ao que ele Respondente lhe disse que a proposição era dessa natureza, mas que visse se era verdade, e que não fosse mentir ao Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General, ao que lhe disse que era tanto verdade, que no Arraial da Igreja Nova, diante de muitas pessoas, e lhe nomeou algumas, e não lembram a ele Respondente, estivera dizendo o dito Coronel Joaquim Silvério que o Rio de Janeiro, as Minas, e São Paulo brevemente haviam de ser Repúblicas, e nomeou os que entravam neste projeto, e dizendo-lhe o Respondente, que ele ficava com obrigação de se ir denunciar, se ele não fosse, lhe disse o dito Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, que ficasse descansado, que ele ia fazer a denúncia, porque queria passar uma lição àquele Joaquim Saltério: E perguntou-lhe ele Respondente porque lhe chamava Saltério, porque nunca tinha ouvido tal nome, ao que lhe respondeu, que na Igreja Nova, e na Boda do Campo ninguém o tratava de outro modo, e a seu irmão João Damasceno, João das Maçadas; porque eram os dois maiores maganões, que tinham passado de Portugal para a América, ao que o Respondente lhe disse que fosse fazer a sua denúncia, e a fizesse com toda a verdade, e nesta forma tem ele Respondente dito toda a verdade, do que a este respeito sabe, e que todas as conversações que teve, e ouviu nesta matéria foram na certeza, de que a proposição fundamental, não só era falsa, mas impossível, e que nada poderia em tempo algum surtir efeito, visto que no Rio de Janeiro, nem em tais socorros estrangeiros nem em tais alianças de Minas se tinha falado, que principiou por zombar do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, pela fatuidade de supor que no Rio de Janeiro se faria caso do seu partido; seguiram-se as conversações, que tem declarado das quais todas se não mostrará um ação, ou um passo, que ele Respondente fizesse, mas conhece que é tanta a delicadeza da matéria, que ele Respondente se não pode eximir de confessar a leveza em que caiu em ouvir, e tratar algumas conversações

em semelhante matéria sem as por na presença do Ilmo., e Exmo. Visconde de Barbacena, General, e que espera pelas obreditas razões, a piedade de Sua Majestade Fidelíssima; e por mais perguntas, e instâncias, que lhe foram feitas não declarou mais pessoa, nem coisa alguma:

E por esta forma, houve o dito Desembargador estas perguntas por ora findas, e deu o juramento ao Respondente de haver nelas falado a verdade, pelo que respeita a direito de terceiro, e assinou o dito Desembargador com o Respondente, e o Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo, depois destas lhe serem lidas, as achar na verdade, como tinha respondido: E declaro, que o Respondente esteve a estas perguntas livre de ferros e em liberdade: E eu Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor, e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro, e Escrivão nomeado para esta Devassa as escrevi, e assinei.

Torres
Marcelino Pereira Cleto
Inácio José de Alvar.ª Peix.to
José dos Santos Roiz.' e Ar.º

Fim de "Autos da Devassa da Inconfidência Mineira"

Notas

Cláudio Manuel da Costa

Carta a José Veríssimo

João Ribeiro

* Ribeiro, João. *Obras poéticas de Cláudio Manuel da Costa* (Glauceste Satúrnio), t.I. Rio de Janeiro: Garnier, 1903, p. 145.

[1] Em outro lugar *in fine* com os documentos da biografia do poeta daremos o texto do registro batismal. Foi este publicado na *Gazeta de Notícias* (abril 1895) pelo dr. Ramiz Galvão, e também se acha nas *Efemérides mineiras* de J.P. Xavier da Veiga. v. III, pg. 30.

[2] A primeira e única cidade data de 1745 e é a mesma de Mariana (Ribeirão do Carmo) e é cidade simplesmente por uma distinção imprescindível por ser, e desde que é, a sede episcopal. A própria capital da capitania, Vila Rica, nunca foi elevada a cidade no período colonial. É d. Pedro I que vai fazê-la "cidade imperial de Ouro Preto" em 1823.

[3] O termo de uma junta que erigiu o arraial em vila (8 de abril de 1711) e está no Arquivo público mineiro.

[4] Não tem razão José Pedro Xavier da Veiga nas suas excelentes *Efemérides mineiras*, com tanto labor organizadas, para contestar com tão fúteis fundamentos a natureza dessa prova. O texto do requerimento é: "Diz Cláudio Manoel da Costa filho legítimo de João Gonçalves da Costa e Tereza Ribeira de Alvarenga da Vargem do Itacolomi… etc." Em uma inquisição de *puritate sanguinis*, só havia naturalmente a necessidade de indicar a filiação do requerente; a este e não aos pais é que podia aproveitar para esclarecimento a indicação de naturalidade ou residência quando uma não fosse diferente da outra. Por isso não entravam outras alegações por menores e insignificantes. Xavier da Veiga, apesar de que é consciencioso e probo nas suas investigações, tomava aqui o partido (coisa muito dos costumes provincianos e locais) de que Ouro Preto devia *"vindicar a glória de ter dado o berço ao seu inolvidável cantor"*… Com esse estreito espírito de proselitismo não é possível descobrir a verdade. Não nos esqueça todavia fazer justiça ao estudioso investigador a quem devemos o esclarecimento de muitas dúvidas que sem o seu zelo e inteligência não estariam ainda dissipadas.

[5] São os pais do poeta João Gonçalves da Costa e Tereza Ribeira de Alvarenga; os seus avós paternos são portugueses Antonio Gonçalves da Costa, da freguesia da Ribeira e Antonio Fernandes, da freguesia de S. Mamede das Talhadas. Os seus avós maternos são paulistas, Francisco de Barros Freire e Isabel Rodrigues de Alvarenga, ambos de freguesia de Guarapiranga.

[6] No prólogo das suas *Obras.*

[7] Dá uma lista dos mais ilustres, Varnhagen, aliás sempre pouco favorável e não raro injusto para com os Jesuítas. *Florilégio*, tomo I (C.M. da Costa).

[8] Em 1743 ou 1744; não podia ser posterior a esta data, porque em primeiro lugar representa a idade própria desta ordem de estudos, e, em segundo lugar, tendo já a sua láurea em 1749 quando partiu para Coimbra, não é muito supor que cursasse o Colégio por seis anos em disciplinas e estudos tão difíceis e feitos com o rigor com que era costume fazê-los.

[9] O livro de Cláudio Manuel da Costa é de 1768. Depois desta data devem ser colocadas muitas das composições poéticas inéditas e agora editadas pelo dr. Ramiz Galvão (*Rec. bras.*, tomo II, 1895). A muitas delas deve ser anterior o *Vila Rica*, poema que já fica muito longe dos sonetos e das églogas; já então Virgílio ou Petrarca deixam de ser os mestres do poeta; e os seus modelos serão Lucano ou Voltaire. Ainda encontram-se lampejos do antigo estro, mas sem calor, sem afeto e sem verdadeira poesia.

[10] No prólogo das suas *Obras*: "Não permitiu o céu que alguns influxos que devi às águas do Mondego, se prosperassem por muito tempo: e destinado a buscar *a pátria que por espaço de cinco anos havia deixado...*"

[11] Uma vez por todas fique aqui declarado que não perderei o tempo em desfazer as puras invenções de críticos e escritores sem autoridade. Assim deixamos à margem todas as afirmações de Pereira da Silva, con. Fernandes Pinheiro e do bom Inocêncio que escreveu sob a fé do primeiro daqueles dois, para só guiarmo-nos pelos poucos que consciensiosamente estudaram o assunto embora deslizassem por vezes em erro ou contradição.

[12] Na *Gazeta de Notícias* de 1895 (abril). Pelas razões em seguida expostas pensamos que o requerimento foi remetido de Coimbra. O despacho do bispado de Coimbra é de 1755, o de S. Paulo de 1757, um e outro já dados em época posterior ao doutoramento de Cláudio e quando já o poeta no Brasil. O poeta fala que "tem exercitado até o presente os estudos" naturalmente em Coimbra, pois já não estava no Colégio dos Jesuítas do Rio.

[13] Leia-se Teófilo Braga, *Hist. da Universidade*, loco; tomo III.

[14] Depois ainda da reforma de Pombal ainda não se ensinavam a legislação pátria e a praxe, mas abandonou-se o pretendido método analítico e são criadas as cadeiras de direito natural e história do direito. T. Braga. O *cit.* III.

[15] A esses opúsculos deve-se juntar os *Números harmônicos temperados em heróica e lírica consonância*. Coimbra 1753 V. Notas Bibliogr. pelo dr. Teixeira de Melo, *Rev. Inst.* t. LIII. É possível que estes últimos fossem aproveitados na edição das *Obras*.

[16] Quinze anos (de 1754 a 1768) e não *cinco* como por um pequeno lapso, diz uma vez o mais bem informado e consciencioso dos seus biógrafos, Norberto de Sousa Silva.

[17] Foi Pereira da Silva quem primeiro imaginou essas viagens do poeta, e foi o erro copiado e repetido por F. Wolf, Inocêncio da Silva, Teixeira de Melo e alguns outros.

[18] O nome arcádico de Cláudio é *Glauceste Saturnio* e também se diz *árcade* ou pastor *ultramarino* e em algumas das suas canções em língua italiana nas suas *Obras*, árcade romano. Título equivalentes aos de *simbolista*, *romântico* ou *decadista* de hoje. Os poetas eram árcades no sentido em que ainda hoje se dizem *romanos* os católicos da Polinésia e de todo o orbe.

[19] O dr. Ramiz Galvão publicando na *Rev. Bras.* tomo II, 1895, as poesias inéditas de Cláudio Manuel da Costa, fê-las preceder de notícia onde declara ter visto uma car-

ta autógrafa do poeta já advogado em Minas, de 1761. Não é todavia este o documento mais antigo; outro fora descoberto e publicado na revista do *Arquivo Público Mineiro* por X. da Veiga por onde se prova que em dezembro de 1758 residia em Ouro Preto o notável poeta. É o documento referente a uma *carta topográfica*, de que falaremos depois.
É possível que ainda se venham a descobrir outros documentos mais antigos e fique assim provada a data de 1754 ou quando muito 1755, que são as mais plausíveis do regresso de Cláudio.

[20] O conde de Bobadela, na *Instrução* e *norma* que deu a seu irmão para o governo de Minas, de 7 de fevereiro de 1752. Na *Rev. do Inst.*, tomo XVI, p. 366-76.

[21] Fabulosa, ouso dizer da opinião do excelente poeta, porque não tem fundamento conhecido, nem há documento que o prove. Não basta, de certo, afirmar que Cláudio fez parte da *Arcádia Lusitana* porque usava o nome de *Glauceste Saturnio*; esse mesmo nome servirá, e serviu de fato, para que outros o dissessem membro da *Arcádia Romana*. A afirmação é ainda fabulosa, porque se estriba na outra de que o poeta permaneceu doze anos depois de graduado em cânones, em Portugal, e já mostrei que é impossível sustentar essa opinião. Em 1758, Cláudio vivia em Minas Gerais, e voltou ao Brasil em 1754. A *Arcádia Lusitana* foi fundada em 1756, sendo que só mais tarde iniciou as suas reuniões, e do que anda publicado das sessões dela não aparece o nome de Cláudio.

[22] V. T. Braga. A *Arcadia Lusitana*, edição de 1889.

[23] Em uma das suas éclogas, a XIV, Alcino, que pelas circunstâncias do poema é o próprio poeta, diz falando de si:

> Ali depois que a sua desventura
> Chorando esteve *em dous amargos mares*.

Poderia referir-se ao Atlântico e ao Mediterrâneo ou aos dois hemisférios do Atlântico, aos mares do Brasil e de Portugal. Foi o único passo que pude encontrar e ainda assim assaz obscuro insignificante.

[24] Será de Cláudio M. da Costa a carta topográfica de Vila Rica que existe anônima no Arquivo Militar do Rio?

[25] Afirma-o com razão dr. Teixeira de Mello; outros biógrafos contestam essa excursão, mas sem fundamento algum. O poeta di-lo claramente em uma das suas notas ao poema de *Vila Rica*. A nota 66 reza: "Viagem dilatada e aspérrima por mais de 400 léguas em visita da capitania sobre a costa de S. Paulo, que acompanhou o autor servindo de secretário do governo das Minas."

[26] Principalmente dos governadores d. Antonio de Noronha (1773) e d. Rodrigo José de Menezes (1780). Com igual afeto lhes correspondia o poeta dedicando-lhes algumas das suas composições (que estão entre os inéditos desta edição).

[27] Digo "provavelmente na edição francesa", porque autores franceses como hoje, e mais os italianos, eram os que se liam. O próprio Cláudio Manuel da Costa cita o Milton em francês, em a nota 81 do poema de *Vila Rica*.
Também o título da obra de A. Smith é *Investigações sobre a natureza e a causa da riqueza das nações* e não o que dão os críticos, que se referem a este assunto.

[28] O poeta cita, não só versos da *Henriade* nas notas do poema, para justificar-se de certos usos, mas também, no prólogo, o *Essai sur la poésie épique*, que será naturalmente o seu evangelho.

29 Igualmente o diz a edição (2ª) de Ouro Preto, 1897; oferecimento do A. na folha de rosto.

30 Na dedicatória o A. refere-se ao primeiro conde de Bobadela, dizendo que governou por quase trinta anos a capitania das Minas. Logo o poema é posterior ao ano de 1763, que é o último ano de governo e da vida daquele governador. Além disto, em uma das notas o A. exprime-se: "Por estes distritos onde *hoje* por benefício do Ex^mo^ conde de Valadares se acham domésticos muitos índios." O conde de Valadares governou de 1768 a 1773, e o poeta registra o seu governo na lista dada no "Fundamento histórico".

31 Estou de acordo com o dr. Teixeira de Melo quanto ao juízo que em geral faz das *Obras* do poeta e do poema "Vila Rica", exceto quando considera o poeta superior a Petrarca, exagero sem nome. Também deixa de ter razão quando assegura que Cláudio nunca escrevera versos soltos e sim toantes. São versos *soltos* ou *brancos* todos os que começam as estrofes da "Écloga II" e também os há nas poesias inéditas, que, em verdade, o crítico não conhecia.

32 Entre outras passagens, notamos estas:

> Duas rolas cantando
> Naquela sovereira, etc...
> *Nec tomen interea raucæ, tua cura, palumbes*
> *Nec genere aeria cessabit turtur ab ulmo.*

E na "Éclogla II":

> Os campos neste dia
> Se cobrem de verdura..."

E mais adiante:

> Já torna ao nosso mundo
> Aquela idade de ouro...
> *Nunc frondent silvae...*
> ....
> *ac toto surget gens aurea mundo.*

Estava no gosto de todas as escolas repetir os versos célebres de todas as literaturas; na "Écloga XV" há por exemplo uma imitação do famoso verso da *Ulisséia* ("que quando ri no céu nos campos chora") e na mesma écloga outra remiscência de *Nessun maggior dolore* de Dante. Essas reminiscências eram como que a erudição dos poetas e mostravam as suas leituras e predileções. Em Cláudio poder-se-iam nota as de Guarini, Metastásio, Quevedo, Camões, Petrarca, Virgílio e Ovídio.

O "Epicédio II" que é muito belo é quasi todo parafraseado no ritmo na forma e na substância, de Petrarca e Camões.

33 São descuidos ou lapsos, as rimas *Alcimedonte e destramente* na "Écloga I"; falta de versos inteiros no "Épic. I"; alguns versos maus:

> Como injuriando o obséquio da fineza.
> "Ecl. XII"
> Qualquer engenho a pena, em nada atina.
> "Epic. II"

Os seus *bordões* ou *chavões* são *empenho, obséquio, desatar, executivo,* e ainda poucos outros, dos quais não me animo a tirar ilações psicológicas; mas não me parecem belos esses vocábulos.

Cláudio Manuel da Costa na versificação conserva de ordinário o hiato quando as vogais ocorrem no interior das palavras. Assim, escreve:

Tem do d'um peito *magoado.*
"Ecl. I"
Com que chega meu peito *saudoso.*
"Epic. II"

E também:

Que hoje é no campo *a in*feliz notícia.
"Ecl. VI"

O "Romance I" é a composição mais defeituosa de todas que existem do poeta e também a mais desagradável pelo tom de exagerada lisonja que a perverte.

Não me refiro aqui aos numerosos versos imperfeitos de "Vila Rica" por ser este poema um manuscrito enquanto viveu o poeta.

Também há incorreções gramaticais nas *Obras* de Cláudio mas são quase raras e sem importância; a mais grave é decerto a simultaneidade do uso de *vos* e *tu* no "Romance I" que repetimos, é a mais imperfeita das suas composições de cuja autenticidade, se não fora impressa, haveria motivo para duvidar.

[34] No lugar próprio inserimos nesta edição os documentos que se referem à vida e à morte do poeta.

A Trajetória Poética de Cláudio Manuel da Costa

Melânia da Silva Agüiar

[1] *Revista Brasileira*, t. I e II. Rio de Janeiro e São Paulo: Laemnert Ed., 1895.

[2] *Revista de Filologia Portuguesa*, nº 18, ano II. São Paulo, jun. 1925.

[3] *Anhembi*, v. VIII, nº 23, ano II. São Paulo, out. 1952.

[4] *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa.* Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

[5] In: *O jogo de oposições na poesia de Claúdio Manuel da Costa* (tese de doutorado). Belo Horizonte: UFMG, 1973.

[6] *Colóquio/Letras*, nº 57. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, set. 1980.

[7] Cláudio, convidado para sócio extra-numerário, envia a relação de suas obras impressas e manuscritas. Entre elas: *Cataneira*, um poema joco-sério; *Munúsculo métrico*; *Epicédio*, consagrado a fr. Gaspar da Encarnação; *Labirinto de amor*; *Números harmônicos*; poesias dramáticas e várias traduções de dramas de Metastásio. V. Alberto Lamego, *Autobiografia e inéditos de Cláudio Manuel da Costa*, Paris: Bruxelles [s/d].

[8] In: *O lúdico e as projeções do mundo barroco.* São Paulo: Perspectiva, 1971.

Obras

[1] Na edição *princeps* (1768), figura ORBAS, evidentemente por erro de impressão.

[2] A tradução é: *No pouco de vida que me resta, eu, o primeiro que volta, levarei do monte aônio comigo as Musas para a Pátria.*

[3] O conde de valadares, a quem é dedicado o livro, foi governador de Minas Gerais, de 1768 a 1773, tendo tomado posse em 16 de julho, com 24 anos de idade. Nele depositou o Poeta as maiores esperanças, como promotor do progresso material das Minas e protetor das artes e das letras. Veja-se, a propósito, *O Parnaso obsequioso e obras poéticas.*

[4] *Mecenas*: romano abastado, amigo e conselheiro de Augusto, protetor de Virgílio, Horácio e Propércio; por metonímia, a palavra passou a ser sinônimo de protetor das letras e das artes (m. 8 a.C.).

[5] *Sulmonense*: Alusão a Ovídio (Publio Ovidio Naso), poeta latino nascido em Sulmona em 43 a.C., amigo de Virgílio e Horácio.

[6] *Pindo*: monte situado entre a Tessália e o Epiro, consagrado a Apolo e às Musas.

[7] *Cícladas*: (ou *Cíclades*) são ilhas de Arquipélago, no Mediterrâneo Oriental; há aqui uma alusão a Ovídio, *o Poeta desterrado*, banido por Augusto para uma cidade isolada do mar Negro em 8 d.C..

[8] *Mondego*: rio de Portugal, que nasce na serra da Estrela e banha Coimbra, onde Cláudio Manuel da Costa esteve por cinco anos (1749 a 1753), como estudante de cânones, na Universidade de Coimbra.

[9] *Arcádia*: região montanhosa da Grécia antiga, habitada por pastores (os árcades), representa na literatura o lugar da felicidade, da inocência e dos prazeres simples do campo.

[10] Alusão à cor avermelhada dos rios, constantemente revolvidos pelo trabalho ativo da mineração, a princípio exercida nos rios e encostas, de resultados mais rápidos.

[11] *Tejo, Lima e Mondego*: rios de Portugal, simbolizam na obra de Cláudio a civilização e o gosto estético, segundo ele entorpecidos nas brenhas de Minas Gerais, seu *berço.*

[12] O Ribeirão do Carmo, a quem Cláudio dedica um longo poema ("Fábula do Ribeirão do Carmo") e a quem faz alusão em vários outros, é rio que corre em Mariana, chamada Vila do Carmo antes de passar a cidade, em 1745. Cláudio nasceu em Vargem do Itacolomi, nas cercanias de Mariana, em 1729.

[13] *Comua*: forma corrente à época; feminino de *comum.*

[14] A referência ao *estilo simples* e ao *estilo sublime* testemunha o conflito visível no Poeta entre sua formação barroca e os apelos da nova estética árcade.

[15] João Ribeiro não concorda com esta afirmativa, acreditando que as composições das *Obras* foram escritas depois do retorno ao Brasil. Também Antonio Candido é desta opinião, acreditando haver um certo "artifício" nesta afirmativa de Cláudio.

[16] A tradução é: *Vejo e aprovo as melhores coisas; sigo as piores.*

[17] A tradução é: *Quem quer que sejas que lês estas coisas, censuro tua estupidez, se tudo louvas, tua inveja, se nada aprovas.*

[18] Owen, escritor inglês nascido em 1560, é autor de vários volumes de epigramas latinos, comparados aos do poeta latino Marcial. Seus primeiros livros de epigramas apareceram em 1602.

[19] Neste epigrama, em que são citados Ovídio (Nasão), Tibulo, Homero (o Meônida) e Virgílio (Marão), já se prenunciam as grandes presenças literárias na obra do Poeta mineiro. Segue a tradução: *Ao Leitor / Nasão aplauda a si mesmo e escolha ser aplaudido, / Enquanto vê os corpos transformados em formas novas: / Exige que o loureiro, em*

verdejante folhagem, cubra tuas têmporas, ó elegante Tibulo, / Enquanto ressoas cadências suaves: / o Meônida prometa a si uma longa, longa idade, / (E) quem cantou as colheitas, as Musas e o varão, ó Marão: / Estas tarefas não serão repetidas por nós do mesmo modo, ó leitor; / mas desde que eu te seja agradável, que eu leve os merecidos prêmios.

[20] Dos 108 sonetos existentes no manuscrito das *Obras*, que serviu à impressão da edição *princeps* (1768), oito foram suprimidos. Eles podem ser vistos na presente edição em *Obras: sonetos inéditos.*

[21] *Orfeu*: poeta e músico exímio, atraía com sua lira animais ferozes, pássaros, árvores e rochedos.

[22] *Anfião*: filho de Júpiter, poeta e músico, com o encanto de sua lira ou flauta, ergueu os muros de Tebas.

[23] *Gênios*: segundo a mitologia, são divindades da Natureza adoradas como forças tutelares, presidindo ao nascimento e à vida. Aqui, *talentos, vocações.* Desfazendo o hipérbato fica: Bem sei que o destino de outros Gênios.

[24] *Apolo*: deus da luz, das artes e da beleza, preside às Musas e com elas habita o monte Parnaso; a verde rama que lhe cinge a fronte representa a inspiração poética e, por extensão, a glória, os louvores, o reconhecimento.

[25] Aproximando-se da figura dos dois famosos músicos mitológicos, Orfeu e Anfião, bem como dos Gênios a quem o destino concedeu inspiração divina, o Poeta abre as suas *Obras*, com uma nota de otimismo: como o daqueles, o seu canto também é digno de fama.

[26] *pátrio Rio*: alusão ao Ribeirão do Carmo, a que o Poeta se refere em inúmeras passagens de sua obra e que vale como símbolo do dilaceramento estético-afetivo a que está sujeito: a pobreza da paisagem natal / os laços que o prendem a ela.

[27] *o Planeta louro*: a identificação dos raios do sol ao brilho do ouro e a influência de um sobre o outro, numa espécie de abastecimento recíproco, são exemplos dos resíduos barrocos, de natureza conceitista, presentes em inúmeras passagens das *Obras.*

[28] *a antiga gente*: alusão a episódios mitológicos de transformação de seres em árvores, como o casal da Frígia, Filemão e Báucis; transformados pelos deuses em carvalho e tília, quando já bem velhinhos, diante do templo em que se transformou sua pobre cabana, eram vistos inclinados um para o outro, como se estivessem em amoroso diálogo.

[29] *estrago*: dano, prejuízo.

[30] *Se sou pobre Pastor, se não governo*: Este poema abre uma série voltada para o *topos* árcade *campo x cidade*, bastante significativo na obra de Cláudio.

[31] A palavra *verão* parece estar usada aqui como *primavera*; do latim *ver, veris*, que significa *primavera* (como em Virgílio, *Geórgicas*, 1,43). Péricles Eugênio da Silva Ramos a dá como tal, em sua edição dos *Poemas de Cláudio Manuel da Costa* (Cultrix, S.P., 1966, p. 185, n. 4).

[32] A perplexidade diante da mudança do mundo exterior, fruto de uma transformação interior, é uma das constantes na poesia de Cláudio e, mais do que um lugar-comum da época, está profundamente entranhada no *ethos* de sua poesia.

[33] (...) *Vem as mortas espécies despertando*: o infame ruído da própria saudade vem despertando o que está morto, esquecido, fazendo emergir a memória do tempo passado, com sua força evocativa e sua carga de sofrimento.

[34] (...) *Mas nunca se verá desvanecido*: as homenagens amorosas prestadas (*obséquio de amor rendido)* podem ser desprezadas, mas não apagadas.

[35] O *cântico amabeu*: (ou *amebeu*); canto (poesia) dialogado; costumava-se chamar para *louvado* (juiz) um pastor mais velho, respeitado e experiente.

[36] *Zéfiro*: vento do ocidente, filho de Éolo e Aurora; segundo a mitologia, beneficia as flores e os frutos, fazendo-os desabrochar.

[37] *fiel*: (subst.); aquele a quem se confia objetos de valor ou em quem se deposita inteira confiança.

[38] *Aurora*: núncia do Sol, é representada conduzindo um carro vermelho puxado por quatro cavalos brancos.

[39] *Sucesso*: aqui sinônimo de *parto feliz*.

[40] *por obséquio*: como homenagem.

[41] *Filomena* ou *Filomela*: rouxinol, pássaro em que foi transformada Filomela, irmã de Procne, quando fugia de seu cunhado Tereu; Procne foi transformada em andorinha.

[42] *hircanos*: da Hircânia, região da Ásia Central, perto do mar Cáspio, famosa por seus animais e tigres ferozes.

[43] *Mas entre flores, frutos, peles, testas*: o processo da recolha de elementos disseminados no texto, tal como se vê neste verso, é um dos traços barrocos remanescentes na obra de Cláudio Manuel da Costa.

[44] A lembrança dos tempos passados como fonte de sofrimento é um dos *topoi* da poesia de Cláudio, sugerindo a influência de Dante, no episódio de Francesca di Rimini.

[45] (...) *No engraçado relevo da escultura*: tudo aquilo que a idéia indecisa *pasmou* (*plasmou*?) na efígie se divisa no engraçado relevo da escultura. É possível que tenha havido em *pasmou* um erro de cópia no manuscrito, passado à 1ª edição; *plasmou* seria mais adequado.

[46] *Jove*: Júpiter, pai dos deuses, senhor do mundo.

[47] *emprendo*: forma que ocorre na época em alternância com *empreendo*.

[48] *Aleivosia*: traição, engano.

[49] *Divindade*: alusão à natureza divina do Amor, ou Eros (grego), filho de Vênus ou (Afrodite), que com suas setas reina tirano no coração dos apaixonados.

[50] *Morfeu*: deus do sono, dos sonhos e da noite.

[51] (...) *A crê pelo costume o pensamento*: entenda-se: vendo que Lise foge de meus braços, acredito, pela força do costume, que se trata mesmo da realidade, não de um simples sonho.

[52] *tigre hircana*: esta expressão, presente em Cláudio, é usada por Metastásio, segundo Carla Inama (*Metastasio e i poeti arcadi braziliani*, USP, S.P., 1961, p. 65), e por outros poetas do seiscentos e do setecentos italiano.

[53] *vás*: a forma está indicada na *errata* da 1ª edição e figura ainda no manuscrito da Mesa Censória, que deu origem à impressão; substitui a forma *vais*.

[54] *Grego navegante*: Ulisses, por antonomásia.

[55] (...) *Vence as lisonjas do enganoso intento*: alusão ao episódio da *Odisséia*, em que Ulisses, tendo-se feito amarrar, resiste ao canto melodioso da Sereia.

[56] *Ninfas*: filhas de Júpiter, são divindades que habitam os bosques, os mares e as fontes; apresentam-se como belas e jovens mulheres que despertam o amor.

[57] *acreditado*: cheio de crédito, respeitado.

[58] *(...) Este, aonde jamais achei piedade*: o sentido desta estrofe é um tanto obscuro. A alusão ao rio Lete, cujas águas, se bebidas, fazem esquecer todas as coisas passadas, parece indicar (com a morte) o fim dos sofrimentos de amor.

[59] *alvedrio*: arbítrio, vontade própria.

[60] *Monarca da luz*: o Sol, por antonomásia.

[61] *pertendes*: forma corrente à época; *pretendes*, com a metátese do *r*.

[62] *emprendes*: forma que se alterna na época com *empreendes*.

[63] *roda volúvel*: roda do destino; a Fortuna, cega e com asas nos tornozelos, com um dos pés no ar e o outro na roda, vai distribuindo os bens e as desgraças, conforme seu capricho.

[64] *té*: forma que se alterna na época com *até*, com aférese do *a*.

[65] *desestrado*: desastrado; houve assimilação em *desestrado*.

[66] *devesa*: bens, riquezas.

[67] *rabil*: instrumento pastoril; o mesmo que *arrabil*, espécie de rabeca de uma ou duas cordas.

[68] *Eu tenho mais razão que te enamore*: eu tenho mais qualidades que dêem razão ao teu enamoramento.

[69] *Se é mais que ele te cante, ou que eu te chore*: ou seja (o mesmo Gil dirá) se o que vale mais é que ele te cante ou que eu te chore (considerando que eu sou mais extremoso e verdadeiro, que Gil é um desastrado etc., é de se esperar que o meu lamento / choro valha mais que o seu canto).

[70] *Lisonjear-me*: encantar-me, agradar-me.

[71] *Porque o estrago me diga que é suposto*: para que o estrago (a ruína, o dano) me faça ver que o bem (a felicidade) é falso, é somente suposto.

[72] *mas não se atreve a erguer a voz*: o sujeito da oração é *ele*, que por não se atrever a erguer a voz escreve no tronco da faia a *cifra breve*. *Cifra*: entrelaçamento das letras iniciais do(s) nome(s) de alguém, ou então, mensagem hermética, como aqui.

[73] *Enfim te hei de deixar, doce* corrente: este soneto, uma declaração de fidelidade às Ninfas do Mondego (ou aos princípios estéticos que elas representam), prenuncia a mudança de paisagem na vida / obra do Poeta.

[74] *Mas que muito*: esta expressão, recorrente em Cláudio, significa aproximadamente *Mas que há de estranho?*

[75] *dependência*: o sentido parece estar ligado aqui à idéia de *interesse*: a amizade mais sólida fundamenta-se sobretudo no interesse. Péricles Eugênio da Silva Ramos dá outra interpretação: "Que a torre mais segura tem maior a base na dependência da amizade" (*Poemas de Cláudio Manuel da Costa*, Cultrix, S.P., 1966, p. 187, n. 54).

[76] *imóvel*: ed. *princeps* e no manuscrito da Mesa Censória; Péricles Eugênio da Silva Ramos, acreditando que o sentido exige *móvel*, adotou esta forma em sua edição. Preferi manter a lição original, pois pode-se pensar aqui no contraste ente a aparência física (que não muda) e a natureza (inconstante) da mulher.

[77] *os*: campos florescentes (mencionados no v. 2).

[78] *Hamadríades*: Ninfas da floresta, de rara beleza, podiam ser vistas dançando ao luar, ao redor das árvores em que habitavam. Neste soneto, o Poeta as coloca numa fonte, solidárias ao seu sofrimento.

[79] *russiano Herói*: Pedro, o Grande, da Rússia (1672-1725); fortaleceu o exército e a marinha, subjugou com firmeza seus opositores, introduziu novas indústrias, modernizou a mineração nos montes Urais, estimulou a adoção em seu país de costumes europeus.

[80] *Alexandre*: rei da Macedônia (356-323 a.C.); dominou a Grécia, guerreou contra os persas, conquistou o Egito etc., dilatando consideravelmente o seu império, nos curtos 33 anos de sua existência.

[81] *Dario*: rei dos persas (521-485 a.C.), conquistou a Índia, a Trácia e a Macedônia, tendo sido derrotado pelos gregos em Maratona.

[82] *ó Rei*: trata-se de d. José I, de Portugal, cognominado o *Reformador*, que reinou de 1750 a 1777, tendo como seu ministro o marquês de Pombal, mentor das inúmeras reformas realizadas no País.

[83] *Giano*: Jano, o deus dos romanos, de duas caras, encarregado de abrir e fechar as portas. Seu templo ficava aberto durante a guerra; no poema, a abertura do templo anuncia tempos de guerra.

[84] *Marte*: o deus da guerra, na mitologia romana; identifica-se com Áries, da mitologia grega.

[85] *Ebro / Rhodano*: rios conhecidos pela beleza de seu vale. O Ebro, do nordeste da Espanha, banha planícies de bom pasto para a criação de ovelhas; o Ródano, que nasce na Suíça, corre em território francês, em águas azuis e límpidas, desembocando através de um grande delta no golfo de Lyon.

[86] *Acheronte:* Aqueronte é rio dos Infernos, de águas amargas, borbulhantes e cheias de lodo.

[87] *Andrada*: referência a Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadela, governador de Minas Gerais, que tomou posse em 26 de de março de 1735. Passou à História como zeloso, prudente e "amante dos povos", tendo realizado expedições militares às Missões, no Uruguai; daí a referência aos *espanhóis* (*Leon Ibero*) e (metaforicamente) aos preparativos bélicos da empreitada.

[88] Este soneto, pelo que se pode deduzir da dedicatória rasurada no manuscrito da Mesa Censória (*Alle Nozze Reali*), é uma saudação às bodas reais, presumidamente de d. Maria (Maria I) com seu tio d. Pedro (Pedro III), em 1760.

[89] *Clicie*: Clície, segundo a mitologia, foi amante de Apolo (o Sol); abandonada, deixou-se morrer de fome, seguindo o curso do Sol. Foi transformada em girassol pelo amante.

[90] *Protheo*: Proteu. Deus marinho, guardião dos rebanhos do mar: focas, cetáceos etc.

[91] *Citheréa*: Citeréia. Epíteto de Vênus, que nasceu em Citera, segundo a mitologia; é a pátria alegórica do Amor.

[92] (...) *Efeitos são de vossa melodia*: se a paisagem não é propícia ao canto/poesia (pastoril), as Musas é que têm a virtude de, inspirando o Poeta, trazer para estas regiões sua melodia.

[93] *O verde louro*: alusão à rama do loureiro, símbolo da inspiração poética e recordação de Dafne; esta Ninfa, ao fugir do assédio amoroso de Apolo, foi transformada em loureiro. Em sua lembrança, Apolo carrega na fronte uma coroa de louros.

[94] *Conde de Bobadela:* faleceu no Rio de Janeiro em janeiro de 1763; pode-se, pois, datar deste ano o poema.

[95] *transtagana*: alentejana.

[96] *Guadiana*: rio que nasce na Espanha e em dois pontos forma fronteira entre este país e Portugal.

[97] *Ofir*: antiga cidade, cuja localização exata se ignora (provavelmente sul da Arábia), famosa pela pureza de seu ouro e outras riquezas. Aqui é sinônimo de "tesouro"; *cópia*: abundância.

[98] *Nêmesis*: deusa da Justiça; a alusão aponta para uma das qualidades exaltadas no homenageado, o seu amor à Justiça.

[99] *Astréia*: símbolo da incorruptibilidade, seu semblante tenso, de olhar penetrante, atemoriza os maus e inspira confiança aos bons; deusa da Justiça, é representada com uma balança numa das mãos, na outra uma espada.

[100] A captação do ouro no governo do conde de Bobadela teve início em julho de 1735, ano mesmo de sua posse. As dificuldades já eram muitas e o governador foi sensível aos apelos dos habitantes das Minas.

[101] *Elísios*: espécie de Paraíso, na mitologia, para onde vão os heróis e os justos.

[102] *pertendam*: forma corrente à época; *pretendam*.

[103] *Tebaida*: região deserta do Egito onde, no início do Cristianismo, viviam monges solitários; aqui está em sentido figurado: deserto, ermo, solidão.

[104] *mavórcio*: belicoso, aguerrido, relativo a Marte.

[105] *O templo de Teresa*: Gomes Freire de Andrada foi sepultado na capela-mor do convento de Santa Teresa, "monumento de sua piedade" e, segundo Diogo de Vasconcelos, "colocado como que a propósito, na formosa colina, onde não têm chegado para lhe perturbar o repouso nem as mudanças de séculos, nem as agitações da cidade" (*História Média de Minas Gerais*, Itatiaia, B.H., 1974, p. 299).

[106] A tradução: *Ou melhor / Em vez do túmulo, ponha-se o mundo, em vez da cobertura, o céu. / Em vez das tochas fúnebres, os astros, em vez das lágrimas, os mares.*

[107] *esfera de luzes*: o empíreo, o céu mais elevado.

[108] *Se lá relíquia alguma se consente*: o verso de Camões "memória desta vida se consente" inspirou certamente este outro, do "Epicédio II".

[109] *saudoso*: há que se levar em conta a diérese (*sa-u-do-so*), para atender a regularidade métrica (versos decassílabos).

[110] *vivirá*: forma corrente à época; *viverá*.

[111] *Átropos*: uma das três Parcas, " a que não pode ser abrandada", a da morte, a que corta o fio da vida, a que desfaz a teia.

[112] *Que é Salício o que aqui vive escondido*: no manuscrito da Mesa Censória, logo após este poema, na página seguinte, figura um soneto (Epitáfio) que se liga ao "Epicédio II" pelo sentido: é ainda Salício o assunto do Poeta. Este soneto não aparece na edição de 1768. Pode ser lido na presente edição em *Obras: sonetos inéditos* (nº 8).

[113] *escandeliza*: forma antiga e popular, com dissimilação; o mesmo que *escandaliza.*

[114] Após o "Epicédio III", consta no manuscrito da Mesa Censória o início de um poema (Canção 1) em louvor a Luiz Diogo Lobo da Silva, governador de Minas Gerais de 1763 a 1768, e antecessor do conde de Valadares. Esta anunciada Canção 1, ausente da 1ª edição, só ficou nos quatro versos iniciais, não havendo além disso outras Canções nas *Obras*. Rodrigues Lapa acredita que o expurgo dos versos se deveu a mágoas pessoais de Cláudio contra o governador, que teria nomeado para procurador da Coroa e Fazenda o dr. José Dias Rosa Maciel. Cláudio aspirava ao cargo e já o vinha exercendo interinamente. Apesar das boas atestações que instruíram seu requerimento e de sua reconhecida capacidade, Luiz Diogo Lobo da Silva desconsiderou seu pedido. Além disto, sendo Cláudio amigo extremado de José Gomes de Araújo, desafeto do governador, teria pesado contra ele a dedicação ao amigo, a quem acompanhou no leito de morte. Rodrigues Lapa dá as minúcias desta intriga local ("Subsídios para a biografia de Cláudio Manuel da Costa", *Revista do Livro*, nº 9, março, 1958, p. 7-26). Seguem-se os versos:

Eu vi, excelso Lobo, eu vi que estava
Vacilante o Monarca, quando um breve
Letargo lhe ocupou os seus sentidos,
Em brilhantes emblemas traduzidos.

[115] *vos goza*: enche-se de regozijo com a vossa presença.

[116] *resplendeceu*: forma antiga de *resplandeceu.*

[117] *exação*: cobrança rigorosa de dívidas ou impostos.

[118] *reclutas*: o mesmo que *recrutas*, ato de *recrutar*, alistar novos soldados.

[119] *val*: forma antiga de *vale.*

[120] *Catão* : romano célebre por sua austeridade, foi censor em Roma em 184 d.C., e árbitro no conflito entre Massinissa e Cartago.

[121] *Fábula do Ribeirão do Carmo*: versão mítica dos elementos de sua paisagem natal, a composição é "sugerida, aparentemente, pela lembrança da "Fábula do Mondego", de Sá de Miranda, e que representa uma tentativa de assegurar dignidade artística e literária aos cenários nativos, projetando-os sobre um fundo lendário", como bem observa Sérgio Buarque de Holanda (*Capítulos de literatura colonial*, Brasiliense, S.P., 1991, p. 230).

[122] *Por decreto fatal de Jove irado*: alusão à guerra travada entre os deuses e os gigantes, castigados no final por Júpiter, com a vitória dos deuses.

[123] *Itamonte*: Itacolomi, pico de Minas Gerais.

[124] *Lucina*: deusa da luz; identificada à Lua, por alguns.

[125] *Alâmpada*: lâmpada; *alâmpada* é forma antiga, em desuso.

[126] *(...) numeroso tesouro*: alusão às riquezas da terra, ou de Itamonte, "pai" do infeliz Ribeirão.

[127] *prevenido*: encoberto, oculto.

[128] *Numen:* forma latina para *Nume.*

[129] *impia*: cruel, sem piedade.

[130] *emprende*: forma que na época se alterna com *empreende.*

[131] *Báratro*: abismo, precipício; Inferno, no sentido do texto.

[132] *De Polidoro a mísera desdita*: alusão à desgraça do jovem Polidoro, filho de Príamo, morto por Polimnestor, rei da Trácia (ou por Aquiles, segundo Homero). Príamo, rei de Tróia, querendo afastar o filho da guerra, enviou-o à Trácia, com parte de suas riquezas. Polimnestor, casado com a irmã de Polidoro, Ilíona, quando soube da morte de Príamo, degolou o jovem e apoderou-se de suas riquezas.

[133] Alusão a Mariana, feita cidade em 1745.

[134] *pertendo*: forma corrente à época; *pretendo*.

[135] *da maior Cidade*: alusão a Lisboa.

[136] *Teme Ericina, Aglaura e Deiopéia*: nomes de Ninfas; a concordância se faz com cada um dos elementos (sujeitos de *teme*): Teme Ericina, (teme) Aglaura, (teme) Deiopéia.

[137] *avena*: antiga flauta pastoril.

[138] *o temperado coro*: o coro das Musas, presidido por Apolo.

[139] *Engenhos*: aptidões, talentos naturais; aqui, entretanto, o vocábulo parece estar associado a *Gênios*, forças que dão o ser e o movimento às coisas; também os lugares estão, segundo a mitologia, sob a tutela dos *Gênios* (engenho < *in - genium*).

[140] *Maiorais*: chefes; pastores a quem outros pastores estão subordinados.

[141] *os dous pastores*: d. Maria e o infante d. Pedro, de Portugal, enquadrados na condição de pastores, dentro dos preceitos do Arcadismo.

[142] *namorado*: enamorado, encantado.

[143] *números*: harmonia inalterada do arranjo das palavras na prosa ou no verso.

[144] *Que Tétis, mais que humana*: isto é, *que mais humana que Tétis*, com a eliminação do hipérbato.

[145] *comprende*: forma que na época se alterna com *compreende*.

[146] *espessura*: bosque ou mata cerrada.

[147] *Flora*: deusa da primavera, das flores e dos campos.

[148] *concertados*: harmoniosos.

[149] *sovereira*: o mesmo que sobreiro, árvore da cortiça.

[150] *(...) ao sol coalhadas*: um delfim (golfinho) tinha enlaçadas sobre as escamas as ramas coalhadas (repletas) de coral, ao sol.

[151] *Pã*: louvado sobretudo na Arcádia, Pã é o deus grego dos campos, dos vinhos.

[152] *Himeneu*: deus do casamento, era representado por um belo jovem que trazia nas mãos uma flauta ou uma tocha nupcial.

[153] *Náiades, Hamadríades, Napéias*: são, respectivamente, Ninfas dos ribeiros e riachos; das árvores e, em particular, dos carvalhos; das selvas e dos vales.

[154] *Silvanos*: deuses dos campos e dos rebanhos, são representados sob a forma de um Fauno, metade homem, metade bode.

[155] *Sátiros*: para os romanos, Pãs, Faunos e Silvanos são representações indistintas dos Sátiros, pequenos homens cabeludos de pés de bode.

[156] *Número amabeu*: (ou *amebeu*); poesia dialogada; verso latino composto de duas sílabas longas, duas breves e uma longa.

[157] *remendada*: malhada, mosqueada, listrada.

[158] *Vênus*: deusa da beleza e do Amor; a rosa, entre as flores, estava-lhe consagrada.

[159] *Glauce*: nome de pastora e de nereida.

[160] *Galatéia*: nereida amada por Polifemo, o Ciclope, que despeitado por ter-se a Ninfa enamorado do jovem e belo Ácis, sepultou-o sob um rochedo. Netuno transformou o jovem em rio, a pedido de Galatéia. Este episódio inspirou a "Fábula do Ribeirão do Carmo" e outros poemas de Cláudio Manuel da Costa.

[161] *de Mântua o Pastor*: Virgílio, nascido em Mântua em 70 a.C..

[162] *resplendeces*: forma antiga que se alterna com *resplandeces*.

[163] *Infante*: o homenageado, o infante d. Pedro.

[164] *Enquanto tem nas praias estendida*: enquanto tem (a pobre rede) estendida nas praias.

[165] *Glauco*: pescador famoso, admitido entre os deuses marinhos, após ser despojado de seus atributos mortais e dotado do dom da profecia.

[166] *amante da formosa Galatéia:* alusão a Polifemo, o mais famoso dos Ciclopes, gigantes que têm um olho redondo. Apaixonou-se por Galatéia, a Ninfa "branca como o leite", como sugere seu nome.

[167] *O nosso Maioral*: refere-se a d. José I, a quem o poema é dedicado; Maioral é o chefe dos Pastores.

[168] A tradução: *Conforme aquilo que disse Ovídio em "Tristes": Se puderes ser entregue às horas vagas* (...)

[169] A tradução: *E de fato ele será sempre um deus para mim: uma tenra ovelha dos nossos apriscos sempre embeba (de sangue) seu altar.*

[170] A tradução: *E os duros carvalhos destilarão mel como se fosse orvalho.*

[171] *Poeta Latino*: Virgílio, *o Pastor de Mântua*, acima referido.

[172] *Polião:* cônsul romano, orador, historiador, poeta; protetor das letras e amigo de Virgílio e Horácio. Aqui, Augusto e Polião equivaleriam a d. José I e seu primeiro ministro.

[173] A tradução: *e de tal forma a glória destes tempos te alcançará, ó Polião, sendo tu cônsul, que os grandes meses começarão a se suceder.*

[174] A tradução: *A terra inteira suportará todas as coisas.*

[175] *Homeros*: metonímia para representar os grandes Poetas, como o foi Homero, o cantor de Ulisses (*Odisséia*).

[176] A tradução: *Dizei, Piérides: nem todos podemos todas as coisas.*

[177] *pertende*: forma corrente à época; *pretende*.

[178] *esmalte*: enfeite, ornamento.

[179] *Do Douro ao Ganges, e do Tejo ao Istro:* as referências a rios de Portugal (Douro e Tejo) e da Índia (Ganges e Istro) funcionam como marcos do abrangente mundo português da época.

[180] *Ouvi do grande Albano / Que bem o nome* soa: desfazendo o hipérbato: Ouvi que bem soa o nome do grande Albano.

[181] *fato*: rebanho, especialmente de cabras.

[182] *ventagem*: forma antiga que se alterna com *vantagem*.

[183] *Vivirá*: forma corrente à época; *viverá*.

[184] *A Títiro imitar junto da faia*: reminiscência de Virgílio. V. nota 324.

[185] *monte Mênalo*: monte da Arcádia, dedicado a Pã.

[186] *Cantastes brando o peito / De Dafne, o Pastor claro*: Entenda-se: Cantastes o peito brando de Dafne, (e) o Pastor claro. Alusão a Apolo e a sua amada Dafne; esta, por não corresponder ao assédio amoroso do deus, foi transformada em loureiro.

[187] *selva dodonéia*: selva de Dodona, cidade do Epiro, que tinha nas suas proximidades uma floresta densa onde se erguia um templo dedicado a Júpiter Dodônio e uma fonte divinatória.

[188] *Nêmesis e Astréia*: deusas da Justiça.

[189] *carvalhos duros*: referência velada a um dos sobrenomes do homenageado, o futuro marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, então conde de Oeiras, ministro de d. José I.

[190] *Íris da tormenta*: Íris é mensageira de Juno; personificação do arco-íris, surge após as tempestades.

[191] *Marte*: o deus da guerra, de índole diversa da de Apolo, o pai das artes.

[192] *resplendece*: *resplandece*; formas que se alternam no uso da época.

[193] *pertendo*: forma corrente à época; *pretendo*.

[194] *Lima*: rio de Portugal, de margens belas e férteis; nasce na Galícia e entra em Portugal perto de Viana do Castelo.

[195] *droga*: coisa de pouca serventia. Observe-se o hipérbato em *do estrangeiro a droga*. Entenda-se: a droga do estrangeiro.

[196] *Títiro*: pastor presente na obra de Virgílio.

[197] *Primeiro*: antes, primeiramente; é comum em Cláudio o uso deste vocábulo em conexão com o *que* (ver estrofe abaixo): *Que eu deixe de estar sempre repetindo* (....). Entenda-se: é mais fácil que aconteçam coisas anti-naturais, antes que eu deixe de estar sempre repetindo o louvor santo... (etc.).

[198] Alusão a Vila Rica, para onde é enviado em 1768 o novo governador de Minas Gerais, o conde de Valadares. Verifica-se no poema a personificação de Lisboa (*Lísia*) e de Vila Rica, cidades que disputam o jovem fidalgo. Veja-se tema semelhante na Écloga "Saudade de Portugal e alegria de Minas", presente em *O Parnaso obsequioso e obras poéticas*, na presente edição.

[199] *esfamiado*: forma mais próxima de sua origem latina (*fames*); na forma atual *esfaimado* ocorreu uma metátese; o mesmo que *esfomeado*. O decassílabo exige a observação do hiato (*es-fa-mi-a-do*).

[200] *Que de mim separou tão doce Amigo*: segundo Rodrigues Lapa, Cláudio teria assistido os últimos momentos de José Gomes de Araújo. O provedor da Fazenda Real, sentindo-se muito mal em Sabará, onde foi a trabalho, mandou chamar o Poeta, seu grande amigo, e ainda seu médico, o dr. Tomás de Aquino Belo Freitas. V. nota 114.

[201] *Primeiro*: observe-se o uso de *primeiro (...) que*: antes (...) que; V. nota 197.

[202] *vivirá*: forma corrente à época; *viverá*.

[203] *Dórcades*: espécie de cabras silvestres.

[204] *Parcas*: Cloto, Láquesis e Átropos eram divindades encarregadas, segundo a mitologia, do destino dos homens e da duração de sua vida.

[205] *offrece*: a síncope do *e* de *oferece* soluciona a questão da métrica do verso (decassílabo).

[206] *Ebro*: rio do nordeste da Espanha, banha planícies de bom pasto para a criação de ovelhas.

[207] *Perro*: cão (f. cast. *perro*).

[208] *(...) Da devoção silvestre respeitado*: entenda-se: O penedo em que se tornou Alcemo, e que trazia à lembrança sua trágica história, era respeitado pelos Pastores.

[209] *Alfeu*: caçador metamorfoseado em rio por Diana, por ter perseguido a Ninfa Aretusa, do cortejo da deusa; Aretusa foi transformada em fonte; as águas dos dois se misturam, ao buscar o rio apaixonado a sua amada.

[210] *De Alfeu mostra a parede o curso amante*: entenda-se: a parede mostra o curso amante de Alfeu; trata-se aqui da parede do templo erguido em homenagem a Tirce, celebrada neste dia pelos Pastores; nesta parede estão esculpidos os monumentos em lembrança de inúmeros casos de amores infelizes.

[211] *De Anfriso a Ninfa transformada em louro*: Dafne, Ninfa que às margens do rio Anfriso, na Tessália, fugindo da perseguição amorosa de Apolo, ou Febo, foi transformada em loureiro.

[212] *val*: forma antiga de *vale*.

[213] *Himeneu:* o deus do matrimônio; representado por um jovem ora triste, ora sorridente, tendo nas mãos uma flauta ou uma tocha nupcial.

[214] *recentais*: cordeiros de poucos meses.

[215] *pregoa*: o mesmo que apregoa; divulga, proclama.

[216] *advirto*: faço ver.

[217] *pertendo*: forma corrente à época; *pretendo*, com a metátese do *r*.

[218] *Primeiro do que Almena ingrata a Fido*: isto é, antes que Almena seja ingrata a Fido, coisas absurdas teriam de acontecer. Na estrofe seguinte, no entanto, fica comprovada a falsidade das juras de Almena.

[219] *emendar*: juntar uma ponta à outra; neste trecho Fido anuncia o gesto tresloucado que irá realizar em seguida e que porá fim à sua desventura. A sorte, em sua forma de ver, não terá grande vitória, se sua vida for curta. É interessante notar como o suicídio aqui aparece como uma vitória sobre o destino e não como parte dele. Soares Amora enxergou na fragilidade de Cláudio, e este episódio o confirmaria, indícios de sua vocação suicida.

[220] *Parca avara*: alusão a Átropos, uma das três Parcas, encarregada de cortar o fio que mede a duração da vida.

[221] *Galatéia:* cujo nome quer dizer "branca como o leite", foi amada pelo ciclope Polifemo e pelo belo e jovem pastor Ácis, da Sicília. Surpreendendo os dois jovens amantes, o gigante enfurecido esmagou Ácis sob um rochedo. A pedido de Galatéia, Ácis foi transformado por Netuno em rio. Este episódio da mitologia é longamente explorado por Cláudio. Na Écloga *Polifemo*, segundo Antonio Candido, "Cláudio

se aproxima da *Fábula*, de Gôngora, pelo espírito, indo todavia buscar, para além deles, o admirável *Idílio XI* de Teócrito, que lhe inspirou a forma pura e sintética da Écloga VIII" (*Formação da Literatura Brasileira*, Itatiaia, B.H., 1981, p. 97).

[222] *Febo*: deus do Sol, Apolo; irmão gêmeo de Diana, ou Febe, em grego.

[223] *Erebo*: filho do Caos e da Noite, identifica-se às trevas infernais, ao lugar das sombras.

[224] Polifemo é o mais famoso dos Ciclopes, seres gigantescos de um só olho redondo, no meio da testa. Os Ciclopes pastores, como Polifemo, vivem em grutas côncavas, no alto dos montes. Homero descreve Polifemo como "um portento colossal", que lembra um pico coberto de mata densa, que se destaca ao longe.

[225] *Amaltéia*: Ninfa que cuidou de Júpiter quando Réia, sua mãe, para livrá-lo da voracidade de Saturno, confiou-o às Ninfas de Creta. Segundo outros, nome da cabra que alimentou Júpiter com seu leite, nessa ilha.

[226] *vividora*: forma corrente à época; *vivedora*.

[227] *Cupido*: filho de Vênus e Marte, o deus do Amor, equivale a *Eros*, grego.

[228] *advirto*: presto atenção; do latim *adverto*. Neste sentido, figurado, aparece em Virgílio (*Eneida* 8, 440). Uso erudito do verbo *advertir*, aqui construído com a preposição *em* (vê-se o emprego em latim com *in*).

[229] *emprego*: ocupação; entenda-se: a ação de subjugar o Poeta enamorado.

[230] *Ampelusa*: monte da África, situado na Mauritânia.

[231] *Medéia*: filha dos reis da Cólquida, era perita na arte de encantamentos e feitiçarias.

[232] *Medusa*: monstro de cabelos de serpente, uma das três Górgonas, vivia na extremidade do mundo, além do Oceano, e petrificava com seu olhar os que a olhassem.

[233] *hidrópicos*: aqui em sentido figurado, cheios, repletos; o que sofre de *hidropsia*, no sentido próprio, que pela etimologia significa qualquer acumulação de líquido perceptível à vista.

[234] *resplendecente*: forma antiga de *resplandecente*; houve dissimilação posteriormente.

[235] *Fado*: ou *Fato*, Destino, entre os romanos, a cujo poder cego estavam sujeitos homens e deuses.

[236] *Averno*: lago situado na entrada do Inferno, consagrado a Plutão.

[237] *Tântalo*: tendo à sua vista frutos abundantes e águas cristalinas, foi condenado por Júpiter a sofrer fome e sede para sempre.

[238] *concerto*: boa disposição, ordem, regularidade.

[239] *Parca*: alusão à morte, representada por uma das três Parcas, mais precisamente Átropos, a quem é dado interceptar o curso da vida. As Parcas são divindades do Destino: Cloto faz girar o fio (dos destinos); Láquesis o põe no fuso; Átropos o corta.

[240] *esperança*: aqui no sentido de *expectativa*.

[241] *lobo hircano*: os animais da Hircânia, nome antigo de uma região da Ásia, eram famosos por sua ferocidade. Também Metastásio usou a expressão *tigre hircana* "anche se spesso usata nel sei e settecento", como observa Carla Inama (*Metastasio e i poeti arcadi brasiliani*. USP, S.P., 1961, p. 65).

[242] *Ceres*: deusa da Agricultura, ensinou os homens a semear e a cultivar a terra. É representada vestida de amarelo, coroada de espigas, com uma foice numa das mãos e um molho de espigas na outra.

[243] *Ou que durar pudesse mais idade*: hipérbato; entenda-se: que pudesse durar mais tempo.

[244] *Jove*: Júpiter, o pai dos deuses e o mais poderoso deles, senhor absoluto do mundo; representavam-no com ar solene, majestoso, segurando com a mão direita o raio e com a esquerda o cetro.

[245] *Té*: até; a preferência pela forma com a aférese do *a* se deve a razões de métrica.

[246] *Faunos*: deuses dos campos e florestas, de corpo humano e chifres de cabra; da cintura para baixo, têm forma de bode.

[247] *Instrumento infeliz*: veja-se adiante o poema "À lira desprezo", onde se nota a mesma intenção de quebrar o instrumento que já não satisfaz o cantor, este, sim, infeliz.

[248] *Tártaro*: região dos Infernos onde se castigavam os ímpios e os maus.

[249] *(...) a formosa Deidade*: alusão à descida de Orfeu ao Reino dos Mortos, atrás de sua amada Eurídice, na tentativa de, com sua lira, resgatá-la da morte.

[250] *(...) a alma venturosa*: tendo em mente a proeza de Orfeu, imagina Daliso a felicidade de poder restituir à vida, com a força de seu canto, Salício, cuja morte é a causa de tanto sofrimento.

[251] *acabara*: acabaria.

[252] *vira*: veria.

[253] *Pastaram*: pastariam.

[254] *Gênios*: divindades da Natureza, ou Forças que dão o ser e o movimento às coisas.

[255] *andaram*: andariam.

[256] *escondera*: esconderia.

[257] *Lete*: um dos rios do Inferno, que segundo a mitologia leva os que o atravessam a esquecer o passado. Daí ser chamado "o rio do esquecimento".

[258] *Discorre*: observa, examina.

[259] *pertendo*: pretendo. V. nota 217.

[260] *assista:* more, habite.

[261] *Qual... Qual*: Um... outro; pronomes indefinidos.

[262] *O luminoso carro vai girando*: alusão ao carro do Sol que, segundo a mitologia, é conduzido por Apolo diariamente, levando a luz e a vida.

[263] *O extremoso afeto; o fogo ativo*: o decassílabo exige que não se faça a elisão em *o extremoso*.

[264] *Balbuciente*: forma antiga; o mesmo que *balbuciante*.

[265] *Diana*: irmã gêmea de Apolo ou Febo, deusa da lua, também chamada Febe.

[266] *Flora*: deusa das flores e da primavera; amada de Zéfiro, desposa-o todos os anos no mês de maio.

[267] *perscrito*: prescrito, com a metátese do *r*.

[268] *pertendes*: pretendes. V. nota 217.

[269] *A glória, que hoje é sombra, é fumo, é nada*: reminiscência de Gôngora: *En tierra, en polvo, en sombra, en humo, en nada.*

[270] *impio*: sem piedade, bárbaro; sentido diferente de *ímpio*, que não tem respeito a Deus e às coisas sagradas. Às vezes um é empregado pelo outro.

[271] *Aurora*: deusa que abre as portas do dia; núncia do Sol. Era representada conduzindo um carro vermelho puxado por quatro cavalos brancos.

[272] *Coartada*: reduzida, diminuída; na primeira edição encontra-se *quartada*, grafia que aponta para outro sentido (Cf. C. Aulete e outros), não pertinente ao texto.

[273] *Hircânia*: nome antigo de região da Ásia, famosa por suas feras. V. nota 241.

[274] *Deusa inconstante*: a Fortuna, deusa que distribui, segundo seu capricho, os bens e os males. Era representada cega, calva, de pé, com asas nos tornozelos, um pé no ar, outro numa roda, sempre a girar.

[275] *recopilado*: reproduzido.

[276] *Anaxarte*: com a síncope do *e* de *Anaxárete*; jovem de rara beleza e de extrema vaidade, transformada por Vênus em rochedo, por recusar o amor de Ífis, que se enforcou de desespero.

[277] *De Europa, Dânae, Leda e mais Almena*: mulheres mortais amadas por Júpiter; enganou a todas, assumindo formas diversas. Sob o aspecto de um touro branco raptou Europa; apareceu a Dânae como chuva de ouro; a Leda, como um cisne branco; a Almena, como seu marido, Anfitirão.

[278] *Encélado*: um dos gigantes que se revoltaram contra os deuses; tentou escalar o céu e foi fulminado por Júpiter e lançado sob o Etna.

[279] *pertendo*: pretendo. V. nota 217.

[280] *Eco*: Ninfa das montanhas; Juno privou-a da fala, condenando-a a apenas repetir a última sílaba das palavras proferidas: Eco, com sua tagarelice, tentara distraí-la para que Júpiter pudesse cortejar as Ninfas do séquito da deusa.

[281] *Vivirei:* viverei; era a forma corrente.

[282] *Triste, mudo, pasmado, absorto e quedo*: este verso plurimembre, sugerindo uma gradação descendente, é um dos vários e belos exemplos de resíduos da retórica barroca presentes em Cláudio.

[283] *Que de vezes*: Quantas vezes.

[284] *Músico feliz*: alusão a Arion (ou Arião), salvo por um golfinho (delfim), que o conduziu às costas, sob o encanto de sua música, até a praia.

[285] *Astréia*: deusa da Justiça, é representada com a balança numa das mãos, na outra a espada; os olhos vendados sugerem sua imparcialidade.

[286] *estilo*: instrumento de osso, metal etc., usado para escrever sobre a superfície das tábulas ou de outras superfícies.

[287] *aspid*: é como figura na edição *princeps* e no manuscrito; João Ribeiro corrigiu para *áspide*, desprezando a razão da apócope, indispensável à métrica: verso hexassílabo, como os demais das estrofes do bloco, nesta posição.

[288] *O encurvado ferro*: alusão ao instrumento usado por Átropos, uma das Parcas, para cortar o alento, a vida.

[289] *(...) a toda a hora*: o tema da infelicidade agravada pela lembrança dos tempos felizes é recorrente em Cláudio, e soa como reminiscência dos versos de Dante, no episódio de Francesca di Rimini.

[290] *Coarta*: diminui, restringe. V. nota 272.

[291] *Alcino, que de Tisbe foi amante*: na edição *princeps* figura *Alcino, de Belisa infausto amante*; entretanto, na *errata*, feita na mesma edição à p. 314, é recomendada a alteração do verso.

[292] *Turvo e feio, um ribeiro*: a região descrita, e mais o ribeiro *turvo e feio*, levam a pensar na paisagem "pátria", por oposição às "margens florescentes do Mondego", mencionadas duas estrofes à frente. A sensação de "desterramento" que persegue o Poeta, apontada por Soares Amora, parece estar também aqui presente, confundindo-se com o desterramento do Pastor.

[293] *Para maior verdugo do sentido*: V. nota 289.

[294] *persente*: pressente, por metátese do *r*.

[295] *Não sabes quanto é bárbaro o tormento*: V. notas 289 e 293, entre outras.

[296] *pensão*: encargo, obrigação; incômodo (fig.).

[297] *Lete*: o rio do esquecimento. V. nota 257.

[298] *divertida*: esquecida, desviada.

[299] *Aurora*: deusa que anuncia a vinda do Sol. V. nota 271.

[300] *Das lágrimas saudosas, com que chora*: este verso lembra o do soneto 2 do manuscrito das *Obras*, expurgado da primeira edição e que aqui figura em *Obras: sonetos inéditos: Co'as lágrimas gentis que Nisé chora.*

[301] *de Cíntia o Esposo*: o Sol; Cíntia é epíteto de Diana, a Lua, que nasceu no monte Cinto.

[302] *O Deus menino*: antonomásia de Cupido, o deus do Amor, que incendeia com sua flecha os corações, tornando-os apaixonados; tem a aparência de um menino levado, de cabelos encaracolados e os olhos às vezes vendados.

[303] *Aurora*: deusa que anuncia a vinda do dia. V. nota 271.

[304] *da pérfida Sereia*: metade mulheres, metade peixes (ou pássaros), atraíam com seu canto suave os que navegavam pela região onde habitavam (entre a ilha de Capri e as costas da Itália). Esquecidos de beber e de comer, os que as ouviam acabavam por morrer de inanição.

[305] *ofrecer-te*: forma adotada por razões da métrica; a síncope do *e* era corrente na língua falada da época, como o é ainda em Portugal.

[306] *nassas*: espécie de cestos de vime oblongos e afunilados, usados para a pesca.

[307] *os amantes teus*: os que te amam.

[308] *Do cego Deus de Amor*: antonomásia de Cupido (ou Eros). V. nota 302.

[309] *Do Ródope, ou do Mauro*: alusão ao lado cruel de Eros, filho de Marte, o deus da guerra; explica-se assim a referência a montes duros: o *Mauro* e o *Ródope*, montanha da Trácia, consagrada a Marte.

[310] *Que busco, infausta lira*: observe-se que este trecho corresponde ao primeiro verso do poema "À lira desprezo"; que integra os romances das *Obras*.

[311] *Vem, adorada lira*: é este o verso inicial de "À lira palinódia", que dialoga com o poema "À lira desprezo"; estampados os dois na edição *princeps* lado a lado, fica sugerida a leitura simultânea das duas composições, uma em resposta à outra. Aqui, a écloga remete aos dois poemas, estabelecendo o diálogo intertextual.

[312] *Aurora*: deusa que precede o dia. V. nota 271.

[313] *os áspides*: palavra usada muito raramente no masculino, segundo Caldas Aulete (3ª edição brasileira de seu *Dicionário*); já no latim *aspis* aparece como feminino.

[314] *Vivirás*: forma corrente à época; *viverás*.

[315] *Aracne*: transformada por Minerva em aranha, por ter superado a deusa nas artes de tecer e de bordar. O Poeta refere-se aqui às teias de aranha que cobrirão sua lira abandonada.

[316] *Flora*: deusa da primavera. V. nota 266.

[317] *Das Ninfas do Mondego*: a nostalgia dos campos do Mondego e de suas Ninfas é recorrente na obra de Cláudio; só a maturidade e o convívio prolongado com sua terra o fará um dia rejeitá-los, numa clara opção estética e ideológica pelas "Ninfas locais". V. *O Parnaso obsequioso e obras poéticas* e aí, particularmente, o soneto "Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo".

[318] *Filomena*: ou Filomela, rouxinol. Filha de Pandião, rei de Atenas, foi transformada em rouxinol, quando fugia de Tereu, seu cunhado, rei da Trácia.

[319] *Musa*: as Musas, filhas de Júpiter e de Mnemosine (Memória), eram em número de nove e presidiam as manifestações das artes e da inteligência. Pode-se ver aqui uma sinédoque, no uso do singular pelo plural ou, então, uma referência à Musa da poesia lírica.

[320] *Talvez mais linsojeia / Esta no meu pesar néscia jactância*: o sujeito de *lisonjeia* parece ser *minha ignorância*, no verso seguinte; teríamos então: minha ignorância *talvez mais lisonjeia* (satisfaça) *esta no meu pesar néscia jactância* (tolo orgulho). Entenda-se: sem a *cultura* e a *agudeza maior do pensamento* fica difícil resistir à *força do tormento*; sua ignorância contribui, pois, para um sofrimento maior.

[321] *comua*: feminino de *comum*; forma usual na época.

[322] *brio*: força, valor (f. do gaulês *brivos*); teríamos a tendência a ler *brilho*, não fosse a rima com *rio* assegurar a correção daquela forma.

[323] *Filomena*: rouxinol. V. nota 318.

[324] *Títiro*: pastor de Virgílio; há aqui uma alusão ao verso 1, da *Bucólica* I: *Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi* (...), ou seja: *Ó Títiro, tu que estás recostado à sombra de copada faia (...)*

[325] *métrico exercício*: o fazer poético (musicado).

[326] *Averno:* lago do Inferno. V. nota 236.

[327] *A já perdida esposa*: Eurídice, mulher de Orfeu; este tentou resgatá-la da morte, descendo aos Infernos e subjugando com os acentos de sua lira a corte infernal; quando retornava ao mundo dos vivos, seguido de Eurídice, olhou para trás, contrariando a recomendação de Prosérpina, rainha dos Infernos, e perdeu Eurídice para sempre.

[328] *Delfim*: golfinho.

[329] *Arion*: famoso tocador de lira; ameaçado por piratas que desejavam se apossar de sua fortuna e que se comoveram no início com seu canto, atirou-se ao mar, sendo salvo por um golfinho que o conduziu nas costas a salvo até uma praia da Lacônia.

[330] *Zéfiro*: vento do ocidente, benéfico e agradável.

[331] *e a doce cura (...) achava à saudade*: este trecho é bastante confuso pela extensão e pelas inversões. Entenda-se: e buscando a doce cura do desejo da notícia, que tinha

em nada estranha, da feliz realidade que notei, achava maior motivo à saudade. O trecho fica mais claro, se atentarmos para as estrofes anteriores: já que tantos prodígios acontecem, pela força do "acorde acento", do "nunca imitado canto", seria possível obter notícias do Pastor querido, notícias que curariam o seu mal; só que esta busca lhe trazia mais saudade. Na última estrofe confirma-se esta busca do efeito prodigioso do "doce e acorde som".

332 *Hidrópico*: cheio, repleto (fig.). V. nota 233 e 336.

333 *E por lisonja*: e para satisfação (aplacamento).

334 *O grego enganador da Ninfa bela*: Ulisses; há aqui uma alusão ao episódio em que Ulisses se faz amarrar ao mastro de seu navio, resistindo assim ao canto mavioso e fatal da Sereia. V. nota 304.

335 *úmidas Deidades*: Sereias. V. notas 304 e 334.

336 *Hidrópico*: cheio, repleto (fig.);este vocábulo é repetitivo em Cláudio e parece indicar "cheio" de algo que pressupõe uma falta: *cheio de amor*, meu peito suspira (...); *cheio de sede*, bebendo a corrente o gado (...) etc..

337 *vossa*: na *errata* da edição *princeps* consta a correção de *tua* para *vossa*.

338 *Pã*: deus dos pastores, dos rebanhos e das florestas, representado com chifres e pés de bode; era dançarino e músico e a ele foi atribuída a invenção da flauta de sete tubos a que faz alusão o verso seguinte: *Que uniu primeiro a cera à débil cana*.

339 *Idálio monte*: monte consagrado a Vênus, chamada também Idália, por causa de Idálio, cidade da ilha de Chipre a ela consagrada; o templo que aí existe era especialmente amado pela deusa.

340 *Xanto*: pequeno rio do Epiro, região da Grécia ocidental.

341 *Enone*: Ninfa do monte Ida, conhecedora das propriedades das plantas, amante de Páris, que expirou em seus braços, apesar dos seus conhecimentos medicinais. Enone morreu de pesar, em conseqüência da morte do amado.

342 *Faunos*: deuses dos campos e das florestas. V. nota 246.

343 *espessura*: mata densa, cerrada.

344 *Napéia*: Ninfa dos bosques, vales e prados.

345 *Dríada*: ou Dríade; Ninfas das árvores e dos bosques.

346 *Elísios:* região para onde vão as almas justas, os bem-aventurados.

347 *Anfriso*: rio da Tessália, em cujas margens Apolo viveu como pastor, cuidando do rebanho de Admeto; o *Pastor de Anfriso* é, pois, Apolo.

348 *transunto*: cópia, traslado.

349 *délfica Deidade*: Apolo, que tinha em Delfos, cidade da Grécia, um oráculo, com sua lira animava os festins dos deuses.

350 *Daquele que o Pastor pisou de Anfriso*: isto é, *Daquele que o Pastor de Anfriso pisou*.

351 *Tebaida*: no texto, retiro, ermo (fig.); região deserta do Egito, onde viviam, nos primeiros séculos do cristianismo, monges solitários.

352 *Chipre*: ilha aprazível, de flores e méis perfumados.

353 *o Português*: Camões, que *n'Os Lusíadas* (Canto V, v. 50 - 60) descreveu o episódio dos amores frustrados do gigante Adamastor por Tétis, a mais bela das Nereidas; o

gigante foi transformado pelos deuses em terra e penedos, isto é, no cabo das Tormentas.

[354] *Mas que muito*: expressão recorrente em Cláudio, que significa aproximadamente *mas que há de estranho?*.

[355] *Eolo*: filho de Netuno, deus dos ventos; há aqui uma alusão à guerra de Tróia, na qual Éolo, com o domínio dos ventos furiosos, teve intensa participação. Observe-se no texto o uso de *Eolo*, paroxítono.

[356] *Este Monstro vendado*: Cupido que, sendo pequenino, como um gigante vence os próprios deuses do Olimpo. Representa-se às vezes com uma venda, para significar que o Amor é cego.

[357] *Aurora*: deusa que anuncia o dia. V. nota 271.

[358] *Febo*: o Sol, ou Apolo. V. nota 222.

[359] *pelico*: traje de pastor, feito de pele de carneiro.

[360] *Pastor tirano*: Cupido, que alia à sua graça e beleza a tirania.

[361] *Galatéia*: nome de pastora e de Ninfa. V. "Écloga VIII" (*Polifemo*) e a "Cantata III" (*Galatéia*).

[362] *Parca*: refere-se a Átropos, encarregada de interromper o curso da vida. V. nota 239.

[363] *Romances*: composições poéticas, quase sempre narrativas, de extensão indeterminada, com versos curtos, em geral de sete ou de cinco sílabas; surgiu por volta do século XIV.

[364] *ondoso*: cheio de ondas, undoso.

[365] *filada*: palavra derivada, ao que parece, de *filare* (l.), *fiar*, para designar o produto da pesca com rede (tecida com *fios*); não se encontra registrada em dicionários.

[366] *traça*: ardil, artimanha (na verdade, a isca).

[367] *avena*: flauta pastoril.

[368] *ofrecidas*: oferecidas; a síncope do *e* se deve a razões de métrica, além de corresponder à prosódia portuguesa.

[369] *Títiro*: pastor de Virgílio. V. nota 324.

[370] *Letes*: ou *Lete*, o rio do esquecimento, situado na entrada dos Infernos. V. nota 257.

[371] *mimosa Ninfa*: Eco, condenada por Juno a repetir apenas a sílaba final das palavras proferidas. V. nota 280.

[372] *Que busco, infausta Lira*: este verso encontra-se referido na "Écloga XVIII", evidenciando que este poema teria sido escrito antes da Écloga. É exemplo de um dos inúmeros diálogos intertextuais internos, isto é, dentro da própria obra de Cláudio, que conversa com seus textos, reafirmando-os ou denegando-os.

[373] *Vem, adorada lira,*: também este verso encontra-se referido na "Écloga XVIII", e abre, por sua vez, uma resposta ao poema anterior, "À lira desprezo". Os dois poemas devem ser lidos lado a lado e é, aliás, como vêm estampados na primeira edição (1768).

[374] *Glauceste Satúrnio*: lembre-se que este pseudônimo literário foi adotado por Cláudio a partir das *Obras*, não figurando em composições anteriores.

[375] *Adeus, Ídolo amado,*: este poema deve ser lido juntamente com o seguinte, estrofe por estrofe, já que são complementares.

376 *Canzonette*: cançonetas; considerada a mais antiga forma da lírica italiana, suas estrofes se compõem, geralmente, de 8 versos.

377 *Dove, mia Nice, dove,*: aqui a leitura das estrofes deve ser feita passo a passo com as estrofes correspondentes do poema seguinte, em diálogo intertextual. Vêm estampadas lado a lado na edição *princeps* (1768). Observe-se que o penúltimo e o último versos de cada estrofe constituem na verdade uma unidade de seis sílabas, como os versos hexassílabos precedentes.

378 *Cantatas*: composição poética de origem italiana, muito usada no século XVIII, sobretudo, alternando trechos para serem recitados e árias para serem cantadas.

379 *O Pastor divino*: antonomásia de Jesus Cristo; um dos raros exemplos de poesia religiosa em Cláudio, fato de se estranhar, considerando sua aspiração ao sacerdócio, em determinada época da juventude. No *Manual de obras*, inédito, há mais exemplos.

380 *resplendece*: forma antiga; *resplandece*, por dissimilação.

381 *jucunda*: alegre, jovial.

382 *Abrão*: Abraão, pai de Isaque e de Ismael; a síncope do *a* se deve aqui a razões de métrica; na verdade, Abrão é o nome original e significa *pai excelso*; Deus o mudou para Abraão, que significa *pai de muitas nações*.

383 *Galatéia, Ácis*: a Ninfa e o Pastor foram perseguidos por Polifemo, o gigante que se apaixonou por Galatéia e não suportou seus amores com o jovem Ácis. Este foi transformado em rio por Netuno. V. nota 221.

384 *não têm as flores*: entenda-se: não têm as flores cor.

385 *o áureo Tridente*: alusão, por metonímia, a Netuno, o deus dos mares; era representado com um tridente de ouro, símbolo de sua autoridade sobre o "azul império".

386 *bárbaro gigante*: Polifemo. V. nota 221 e 383.

387 *Que a penha, em que Nicandro me falava, / Era Lise somente que eu buscava*: o tema do engano, tão caro ao barroco, evidencia-se aqui, hiperbolicamente, na confusão de Palemo, que enxerga Lise na penha que quase destroça seu barco. É comum na retórica da época, e em Cláudio repetidamente, a fusão mulher / rocha.

388 *Mas que muito*: *mas que há de estranho?* Este é o significado aproximado.

389 *Protestação*: esta declaração de fé e de obediência à Igreja Católica, presente na primeira edição, foi banida em edições posteriores. Ela reflete uma exigência dos censores e os receios dos escritores da época de caírem em suspeição de ateísmo ou de serem vistos como simpatizantes de outros credos.

390 *Protesto*: afirmo solenemente. Observe-se que Garrett, já no século XIX, declara: *Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, encantamentos etc., são puramente poéticas* (Caldas, Aulete, 3ª ed., verbete *protestar*).

O Parnaso obsequioso e Obras poéticas

1 Este drama, composto à maneira de Metastásio e escrito para ser recitado no aniversário do conde de Valadares, foi publicado pela primeira vez em 1931, por Caio de Melo Franco, que localizou em Paris o manuscrito da obra. Deste manuscrito faz parte também um conjunto de poemas que se apresentam como "Obras poéticas" escritas e recitadas para comemorar a posse, pelo homenageado, do governo de Mi-

nas Gerais. As circunstâncias de sua feitura permitem, pois, datar os dois textos de 1768, ano em que chegou a Minas, precedido da fama de grande coragem e altas virtudes, o novo governador. Segundo Caio de Melo Franco (*O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*, Schmidt, R.J., 1931), o manuscrito de *O Parnaso obsequioso* já em 1899, conforme lhe disse um livreiro avaliador, encontrava-se em Paris, sendo de propriedade do poeta José Maria Herédia. Este o teria, possivelmente, recebido de presente de um dos condes de Valadares, descendente daquele outro a quem foram consagrados os poemas.

2 Na segunda metade do século XVIII, a influência de Metastásio (1698-1782) em Portugal é significativa; sua poesia e seus dramas líricos, entremeados de música, marcam profundamente o teatro do tempo. Também os árcades brasileiros se deixam influenciar e Cláudio chega mesmo a fazer traduções de dramas de Metastásio. Ele o declara na carta enviada à Academia Brasílica dos Renascidos, em 1759, quando eleito para sócio supranumerário. Segundo Carla Inama, *O Parnaso obsequioso* segue na forma e no conteúdo laudatório modelos metastasianos, como *Il Parnaso confuso*, entre outros (*Metastasio e i poeti arcadi braziliani*, USP, S.P., 1961).

3 Observe-se que Cláudio, mantendo o pseudônimo Glauceste Satúrnio, designa-se *Vice-Custode* da Colônia Ultramarina, coisa que não faz em obras anteriores. Estamos aqui em dezembro de 1768; a Colônia Ultramarina (que equivale a *Arcádia Ultramarina*) foi fundada em setembro de 1768, como se pode deduzir da composição "Para terminar a Academia", que se encontra no final das *Obras poéticas*; como *Custode* (nome italiano dado ao Presidente da Arcádia Romana) ou *Custódio* figura o Pastor Daliso, isto é, o governador, o conde de Valadares. V. nota 104.

4 Tendo a ação lugar no Parnaso, monte da Fócida consagrado às Musas, os interlocutores são deuses ou musas ligados às artes que irão figurar no drama: Apolo, pai das Musas e músico famoso; Mercúrio, deus da eloqüência, inventor da lira, mensageiro dos deuses e aqui, particularmente, de Júpiter, para anunciar *o alegre dia;* Calíope, a musa da eloqüência e da poesia heróica; Clio, da história e inventora da cítara; Talia, da comédia e da poesia pastoril; Melpomene, da tragédia e do canto.

5 *licor*: substância líquida; aqui, o líquido inspirador das fontes mitológicas.

6 *lustro quinto*: alusão aos 25 anos do homenageado completados neste dia.

7 *A cidade que erige o Grego astuto*: Lisboa, que segundo crença antiga foi fundada por Ulisses.

8 *Lucinda*: dona Luíza de Noronha, com quem veio a se casar d. José Luíz de Menezes, o conde de Valadares.

9 *Graças*: filhas de Júpiter, as três Graças eram companheiras das Musas, amigas de Vênus, e tinham por função presidir ao bom-humor, à alegria, às festas.

10 *Claras*: epíteto das Musas.

11 *o filho de Maia*: por antonomásia, Mercúrio, filho de Júpiter e de Maia, uma das Atlântidas ou Plêiades.

12 (...) *Do Parnaso o não guia ao Sacro Cume*: defazendo o hipérbato: (outro destino) não o guia ao Sacro Cume do Parnaso.

13 *domador do Píton*: Apolo, que aos quatro dias de idade, matou a flechadas a serpente Píton; esta serpente fora enviada pela ciumenta Juno para destruir Latona, então grávida de Apolo e Diana.

14 *O grão Tonante*: Júpiter.

[15] *Na parte mais de estrelas povoada*: o empíreo, palácio resplandecente de Júpiter, situado acima das nuvens.

[16] *indulto*: graça, privilégio.

[17] *Helicônia corrente*: fonte de Hipocrene, vizinha ao monte Hélicon, na Beócia, consagrado a Apolo e às Musas.

[18] *Pesto*: antiga colônia de Síbaris, tornada colônia latina em 273 a.C..

[19] *acorda*: lembra, recorda.

[20] *Se estas contemplo / Do céu figuras*: isto é: se contemplo estas figuras do céu; os antigos, e as figuras míticas aí se incluem, acreditavam que os sinais do céu antecipavam os acontecimentos futuros, bons ou maus. Lembre-se o soneto XVIII, das *Obras*: *Aquela cinta azul, que o Céu estende.*

[21] *Valente Adônis, / Marte gentil*: alusão, por metonímia, às qualidades de boa aparência (Adônis, jovem de grande beleza) e de coragem (Marte, o deus guerreiro) do homenageado. Observe-se a troca dos atributos, *valente* e *gentil*, como a indicar a fusão destas qualidades numa só pessoa.

[22] *Que por ele esquecidos (...) / Cinge o louro no Templo soberano*: o trecho é um tanto confuso. Entenda-se: Que por causa dele, quantos gregos insignes, quanto egrégio homem (que) cinge o louro no Templo soberano, são esquecidos no bronze da Fama.

[23] *Temístocles*: o atributo da "piedade" aqui presente parece indicar o mártir romano do séc. III, Temístocles, amigo de Dióscoro e não o político ateniense, que participou com brilho na batalha de Maratona (490 a.C.) e morreu no ostracismo.

[24] *Zopiro*: grande senhor persa, amigo de Dario; este último, graças a um ardil de Zopiro, pôde entrar na sitiada Babilônia.

[25] *Cipiões... Lélios... Camilos*: o uso da sinédoque (plural pelo singular) evoca as qualidades de figuras célebres da história antiga.

[26] *Podalírias Artes*: artes médicas; Podalírio, de onde deriva o adjetivo, era filho de Esculápio e, como o pai, grande médico. O jovem José Luiz de Menezes teve atuação destacada no socorro que deu aos feridos e enfermos por ocasião do terremoto de Lisboa, em 1755. O soneto *Que estância é esta, que fatal ruína,* que figura nas *Obras poéticas*, adiante, explora esta faceta do homenageado.

[27] *Quiron*: centauro, filho de Saturno e de Fílira, ensinava em sua caverna medicina, cirurgia, astronomia, entre outras coisas. Foi mestre de Aquiles, Hércules, Teseu e Jasão. O vocábulo aqui é oxítono.

[28] *e mil vezes / A delicada mão (...) da morte o despotismo*: entenda-se: e mil vezes no Régio Hospício a delicada mão, praticando o científico aforismo, enfraqueceu o despotismo da morte.

[29] *Leão da Ibéria*: registra-se a expressão em mais de uma passagem da obra de Cláudio, para indicar o inimigo espanhol.

[30] *Que muito*: expressão recorrente em Cláudio, que significa, aproximadamente, *que há de estranho?*.

[31] *Esta egrégia Nobreza*: Diogo de Vasconcelos, confirmando as palavras do Poeta, discorre sobre a linhagem do conde de Valadares: "Os sobrenomes deste titular derramavam-se dos ramos, cada qual mais preclaro, de sua linhagem. Era ele da família dos Marqueses de Vila Real, a quem pertencia, entre outros, o senhorio da terra de

Valadares, de onde lhe veio o seu título. (...) Pelo lado de Abranches e Noronha, o conde nada tinha também que invejar aos quatro costados dos Menezes. Era, pois, diamante sem jaça, parente e amigo do Rei (...)" (*História média de Minas Gerais*. Itatiaia, B.H., 1974, p. 210-211).

[32] *emprendo*: forma que se alterna no tempo com *empreendo*.

[33] *mavórcio*: relativo a Marte; guerreiro, bélico.

[34] *Belona*: irmã de Marte e deusa da guerra. V. nota 86.

[35] *pelouro*: tipo de bala de metal usada em armas antigas.

[36] *Vulcano*: deus do fogo, que fabrica em suas forjas os raios de Júpiter, seu pai.

[37] *Tormentório*: ou Tormentoso, nome do cabo das Tormentas, atual cabo da Boa Esperança.

[38] *Portuguesas Quinas*: alusão à bandeira de Portugal, que ostenta cinco escudos integrantes de suas armas.

[39] *ó Divindade alada*: Mercúrio, representado com um chapéu alado e ainda com pequenas asas nos pés.

[40] *brotar*: usado aqui como verbo transitivo; portanto, leia-se: desde o seu seio se verá a Terra liberal brotar quanto avara recata, o diamante, a safira, o ouro, a prata.

[41] *Erário*: note-se que há aqui uma visível simpatia do Poeta pelos interesses econômicos de Portugal na capitania; de fato, como está aqui previsto, o conde daria mostras de grande zelo no que se referia a esses interesses. A este respeito, entre outras medidas tomadas pelo conde, e arroladas por Teixeira Coelho, intendente do Ouro da Casa de Fundição de Vila Rica, consta: "Trabalhou muito para que o quinto do ouro chegasse à cota das cem arrobas e conseguiu que a diminuição fosse menor do que houve nos governos seguintes" (*Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais*, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, B.H., 1994, cap. 11, par. 96). Entretanto, é inegável nesta série de poemas encomiásticos a clara reivindicação do Poeta, para sua terra, dos benefícios de que o jovem conde parecia ser o portador esperado.

[42] *Tritões*: filhos de Netuno e de Anfitrite, estes semideuses marinhos precediam o cortejo de Netuno, tocando a sua trombeta.

[43] *pesados lenhos*: metonímia para designar *naus, frotas carregadas*.

[44] *obséquio*: homenagem, reverência.

[45] *Sábio de Esmirna*: Homero, nascido em Esmirna, segundo a tradição.

[46] *ao de Mântua*: entenda-se: ao Sábio de Mântua, isto é, Virgílio.

[47] *pertendo*: forma corrente à época; *pretendo*.

[48] *Orgias*: cerimônias religiosas, realizadas geralmente em ambientes fechados, com a presença de sacerdotes e sacerdotisas.

[49] *De Dríades, de Oréadas*: ninfas, as primeiras das montanhas, as segundas das árvores e dos bosques.

[50] *De trágico coturno*: a expressão *calçar o coturno* significa, em sentido figurado, representar ou escrever tragédias; aqui, Clio expressa o seu desejo de cultuar com uma tragédia o homenageado, nela introduzindo as qualidades que fizeram famosas grandes figuras do passado: Pompeu, Júlio César, Ciro, Régolo.

[51] *Pélion*: um dos montes empilhados pelos gigantes, no seu intento de escalar o céu.

[52] *Ossa*: outro dos montes empilhados pelos gigantes, na luta contra os deuses.

[53] *rendimento*: ação de dar; oferenda.

[54] *a Espada*: a *Espada* de Marte e, a seguir, o *Raio* de Júpiter, a *Vara* (ou caduceu) de Mercúrio, o *Tridente* de Netuno são representações emblemáticas dos deuses a que estão ligados e simbolizam respectivamente o espírito guerreiro, o poder absoluto, o instrumento da paz e o domínio dos mares, atributos cedidos ao homenageado.

[55] Esta idade de ouro, descrita por Virgílio nas suas *Bucólicas*, ocorre em outros pontos da obra de Cláudio, como na écloga *Albano* (Écloga III) dedicada ao futuro marquês de Pombal; Virgílio é uma das fortes presenças clássicas na obra do Poeta mineiro.

[56] *Na opulenta região das áureas Minas*: ressalte-se a sinérese em *região*, o que possibilita a manutenção do decassílabo, nesta posição. Não fosse a perspectiva utópica que se instala no poema desde o início, o caráter hiperbólico dos adjetivos soaria deslocado, considerando a grave situação econômica das Minas, já nesta época.

[57] *algum'hora*: observe-se a recorrência à sinalefa, para a obtenção do verso tetrassílabo.

[58] *4 de setembro de 1768*: é de se notar que a posse do novo governador deu-se em 16 de julho de 1768; aqui ocorre a sessão comemorativa do ato.

[59] *O Cetro ou o Bastão*: por metonímia, respectivamente, o poder real ou o poder militar.

[60] (...) *atrevimentos ao discurso*: entenda-se: são tantas as qualidades, que o discurso se sente estimulado a cantá-las.

[61] *Saudade de Portugal e alegria de Minas*: na edição de Caio de Melo Franco esta écloga se situa sete poemas à frente; como ela é continuação natural do discurso de abertura do Poeta, optou-se pelo seu deslocamento para a frente. Ela aparece também, com ligeiras variações, no manuscrito que pertenceu ao Clube Literário de Mariana (hoje da Família Muzzi) e que Ramiz Galvão publicou em 1895. Neste manuscrito não aparece o discurso de abertura, e os poemas são outros. Também João Ribeiro a divulgou nas *Obras poéticas*, de C.M.C., baseando-se na publicação de Ramiz Galvão, de que, talvez por um lapso, não editou os últimos poemas.

[62] *frauta*: forma antiga de *flauta*, baseada na alternância *l / r*.

[63] *algum'hora*: verso decassílabo, com ocorrência da sinalefa.

[64] *De tornar do Mondego à margem bela*: desfazendo o hipérbato, teríamos: De tornar à margem bela do Mondego; procedimento idêntico se verifica no verso seguinte.

[65] *Tristes de nós neste País grosseiro*: o título do poema e a recorrência à descrição negativa da paisagem natal autoriza a identificação do *País grosseiro* às Minas Gerais do Poeta; o conflito entre o que simbolizam as duas paisagens perseguirá boa parte de seus poemas, estabelecendo a divisão realidade fantástica x realidade icástica, de que fala Aderaldo Castelo.

[66] *ua*: o uso de *ua* aparece em alternância com *uma*, sem razão que justifique a escolha por uma ou outra forma.

[67] *Lucinda*: pseudônimo pastoril de d. Luíza de Noronha, futura mulher do governador.

[68] *Ditosa, se o Pastor morre por ela*: na edição de João Ribeiro (1903) está: *Ditosa, seo Pastor morre por ela*, ao que parece por leitura incorreta de *se o*, como aparece no manuscrito que pertenceu ao Clube Literário de Mariana.

[69] *Daliso*: pseudônimo árcade de José Luiz de Meneses, o conde de Valadares; observe-se que é nesta Academia, ou sessão de poesia, que foi criada a Colônia Ultramarina, de que seria o *Custode*, ou presidente, o homenageado.

[70] *Maioral*: pastor que tem outros pastores subordinados à sua autoridade; chefe. Alusão à função de que foi investido o prometido de Lucinda / Luíza.

[71] *Pastam contente a relva o touro, a ovelha*: observe-se a construção rara: o sujeito de *Pastam é o touro, a ovelha*; o adjetivo *contente* refere-se a cada um dos elementos individualmente. Assim: o touro contente, a ovelha (contente) pastam a relva (ou então: o touro contente, a ovelha pastam a relva).

[72] *Ele comigo chorará saudoso*: Veja-se na "Écloga IV" (*Lísia*), das *Obras*, tema semelhante ao desta outra, nela figurando as mesmas queixas pela ausência do Pastor enviado a terras distantes.

[73] *recentais*: cordeiros de poucos meses.

[74] *nest'hora*: a sinalefa possibilita aqui o verso decassílabo.

[75] *frauta*: flauta. V. nota 62.

[76] *Títiro*: pastor, músico e poeta de Virgílio, repetidamente evocado em Cláudio.

[77] *de Mântua o cantor*: Virgílio, nascido em Mântua em 70 a.C.

[78] *Até me falta a sombra de uma faia*: alusão a uma passagem da *Bucólica I*, de Virgílio: *Tytire, tu patulae recubans sub tegmine fagi*, ou seja: *ó Títiro, tu que estás recostado à sombra de uma faia (...)*.

[79] *lenho*: por metonímia navio, ou a nau com que se representa o estado decadente de Minas Gerais.

[80] *Ó Rei*: d. José I, que reinou em Portugal, de 1750 a 1777.

[81] *O soberbo domador dos ventos*: Éolo, filho de Netuno, deus dos ventos.

[82] *Do Áfrico e Noto os ímpetos violentos*: isto é, os ímpetos violentos do Áfrico (vento sudoeste que sopra da África para a Itália) e do Noto (vento sul, que desbaratou três dos navios de Enéias).

[83] *Sábio Mestre*: alusão ao centauro Quíron, que educou Aquiles, e lhe ensinou as qualidades medicinais das plantas, antes que este partisse para o reino de Licomedes.

[84] *Deidamia*: filha de Licomedes, rei de Ciros, de quem Aquiles se enamorou quando esteve na corte de seu pai, disfarçado de mulher.

[85] *Helicona*: Hélicon ou Helicão, serra da Beócia, consagrada a Apolo e às Musas; há aqui uma alusão às qualidades poéticas do homenageado ou, pelo menos, à sua simpatia pelas artes.

[86] *Nos Templos de Belona*: Belona, companheira de Marte; seguia-o nas batalhas, com uma tocha na mão, um chicote na outra, fazendo-o vibrar no ar. Em Roma, encontrava-se um templo a ela consagrado. A alusão aos templos de Belona remete às qualidades guerreiras ou militares do jovem conde.

[87] *Do úmido Deus*: Netuno, deus do mar.

[88] *Nereidas*: Ninfas dos mares, divindades benéficas, percorriam as ondas no dorso de golfinhos ou de cavalos-marinhos.

[89] *múrice*: púrpura, matéria corante vermelho-escura extraída de um tipo de molusco.

[90] *Bastões*: insígnia do comando militar, usado por oficiais graduados; por metonímia, o poder militar.

[91] *dilatados*: distantes, remotos. A respeito da confiança do rei no conde, Diogo de Vasconcelos dá um interessante depoimento: "Deve ter sido muita a consideração de que d. José gozava na Corte para se lhe confiar o governo mais importante da Monarquia, sem ter feito ainda os seus 24 anos de idade. D. João III, a quem lhe estranhava ter confiado o governo de Ceuta a um Menezes de 20 anos, respondeu: *Estes meus parentes de Vila Real já nascem emplumados*... Era o caso." (*História média de Minas Gerais*, Itatiaia, B.H., 1974, p. 211).

[92] *Mas as rédeas também o Reino inteiro*: observe-se aqui a elipse de *vos deve*. Assim: Mas o Reino inteiro também vos deve as rédeas.

[93] *terramotos*: o mesmo que *terremotos*.

[94] *Idade de Ouro*: a primeira das quatro idades do mundo (as outras: prata, bronze e ferro), que para os romanos correspondia ao reino de Saturno, no Lácio. Época de felicidade plena, não existiam guerras, nem ódios, nem sofrimentos. A terra, por si mesma, produzia tudo e os homens, sem nenhum esforço, colhiam os frutos e gozavam de uma primavera eterna.

[95] *Quanta cria o Gangi cópia de prata*: desfazendo o hipérbato: Quanta cópia de prata o Gangi cria. Em *Gangi* houve um deslocamento do acento, com mudança de forma, para se atender à cesura.

[96] *Astréia*: desceu do Céu e veio morar entre os mortais na Idade de Ouro; com os crimes e mal-feitos dos homens ela voltou para o Céu, tornando-se hostil aos maus e benfazeja para os bons. Veio a ser a deusa da Justiça.

[97] *Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo*: O pátrio Rio é o Ribeirão do Carmo, que corre em Mariana, terra do Poeta; observe-se aqui uma nítida mudança de rumos, que é estética e também ideológica. Compare-se este soneto a outros poemas do Autor como os Sonetos II, LXXVI, C, etc., em que ocorre uma divisão *Metrópole / Colônia*; *paisagem amena / penhascos*; *margens florescentes / brenha, espessura*; *rios cristalinos / corrente turva e feia*; *Tejo, Mondego / Ribeirão do Carmo*; *mundo civilizado / País grosseiro*. Seguir o fio deste dilema que percorre toda a poesia de Cláudio Manuel da Costa é acompanhar o amadurecimento de sua consciência crítica e a formação do ilustrado, que nos poemas encomiásticos de *O Parnaso obsequioso* se mostra, sob a capa da pura louvação, no tom reivindicatório de sua poesia. Da declaração de amor e fidelidade às Ninfas do Mondego ao pejo por ter ingratamente desprezado as do pátrio Rio vai um longo caminho, que não é assim tão longo em termos de tempo decorrido (possivelmente nem quinze anos, considerando que os poemas das *Obras* terão sido escritos aproximadamente entre 1754 e 1767), mas que representa uma virada "política" significativa.

[98] *Mas vós quereis saber qual outra estuda / Alta empresa o meu Canto?*: desfazendo o hipérbato: Mas vós quereis saber qual outra alta empresa o meu Canto estuda?

[99] *A Ninfa que o Parnaso presidia*: alusão a Calíope, musa da eloqüência e da poesia heróica, representada com ramos de louro na cabeça e com uma trombeta e um poema épico nas mãos.

[100] *Herói da Macedônia*: Alexandre Magno, nascido em 356 a.C.; morreu com apenas 33 anos, depois de ter realizado importantes conquistas para seu país.

[101] *Pompeio*: Pompeu, general e estadista romano (107 a.C.–48 a.C.), formou com César e Crasso o primeiro triunvirato.

[102] *César*: As primeiras campanhas militares de Júlio César, general e estadista romano, realizaram-se quando ele andava por volta dos 40 anos; já aí demonstrou seu gênio militar.

[103] *De injúria a glória é certo lhe seria / Da idade depender*: passagem obscura; desfazendo o hipérbato, ficaria: Depender a glória da idade, é certo lhe seria de injúria. Entenda-se: É certo que lhe seria injurioso fazer depender da idade a sua glória.

[104] *Academia*: a existência de uma Academia em Minas em 1768 está clara neste pronunciamento; sua conformação arcádica é visível nas linhas que se seguem. Entretanto, o que permaneceu obscuro durante anos é ter existido de fato uma Arcádia Ultramarina, com associação formalizada, ligada a Roma, com sessões regulares, envolvendo um número razoável de membros etc. Recentemente Antonio Candido divulgou um documento assinado pelo Custódio da Arcádia Romana, *Mireo Rofeático*, que dá notícia de uma *Colonia Oltramarina*. Trata-se de um diploma conferido ao poeta brasileiro Joaquim Inácio de Seixas Brandão, de nome pastoril *Driásio Erimanteu*, em 1764. Esta Arcádia Ultramarina, ou Colônia Ultramarina, estaria ligada à Arcádia Romana e teria sido criada por empenho de Basílio da Gama, ou *Termindo Sipílio*, membro comprovado, como se sabe, da Arcádia Romana. (V. Antonio Candido, *Os poetas da inconfidência*, IX *Anuário do Museu da Inconfidência*, MEC, Ouro Preto, 1993, p. 130 - 137).

[105] *auspicar*: predizer, prognosticar.

[106] *Arcádia*: a Arcádia Romana, que deu origem a tantas outras, foi fundada em 1690 por quatorze poetas, sob inspiração da Rainha Cristina da Suécia, protetora das artes e das letras. Esta Rainha, depois de abdicar ao trono, viveu em Roma, cercada de escritores e artistas. Aí morreu em 1689.

[107] *Pastor Arete*: ou Pastor Albano, segundo outros; Caio de Melo Franco cita em seu livro as palavras do dicionário de frei Domingos Vieira: "O nosso estúpido e faustoso rei d. João V lhe ofereceu em Roma um palácio para as suas sessões, e mereceu por isso a nomeação de sócio, com o título de pastor Albano" (*O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*, Schmidt, R.J., 1931, p. 14).

[108] *Colônia Ultramarina*: o nome dado à Academia que se acaba de instalar, ramo da Arcádia Romana, explica-se pela condição política de sua localização (observe-se que em Portugal, desde 1756, há uma Arcádia Lusitana). Pode-se ver aí, talvez, a par da "oficialidade" do nome, uma atitude de prudente modéstia.

[109] *nascente Arcádia*: observe-se aqui o uso indistinto de Colônia / Arcádia. Cláudio, nas *Obras*, já se nomeara *árcade ultramarino*.

[110] *peregrinos*: estrangeiros; esta expressão é recorrente em Cláudio.

[111] *faias... álamos... pinhos*: nomes de árvores européias, típicas da paisagem arcádica convencional; a chegada do conde teria o dom de transformar tudo, inclusive a ambiência exterior, como que transfigurada repentinamente por seu toque civilizatório. O caráter simbólico desta metamorfose não pode ser desconsiderado, se se atentar para o aspecto reivindicatório do discurso.

[112] *divertidos*: entretidos; refere-se a *rebanhos*.

[113] *Letra*: inscrição, mensagem.

[114] A tradução: *Deus fez para nós estes ócios*.

[115] *do Helicona à Fonte*: Hipocrene, fonte do monte Hélicon, consagrado às Musas.

[116] *Sacro Monte*: Monte Parnaso, alta montanha da Fócida, de dois cumes, um consagrado a Apolo e às Musas, o outro a Baco.

[117] *Músico Deus*: Apolo, inventor da lira.

[118] *Piérides*: filhas de Piero, eram em número de nove, como as Musas e são, por vezes, confundidas com elas. Seus atributos e pendores artísticos são semelhantes.

[119] *À maneira (...) ali o admira*: observe-se a elipse de *À maneira daquele que* antes de *de uma água pura*; a passagem, com esta compreensão, torna-se clara e a sintaxe sem tropeços.

[120] *perparava*: forma que se alterna na época com *preparava*, com a metátese do *r*.

[121] *desar*: desgraça, revés.

[122] *De ver que um Filho em vós têm tão precioso*: observe-se a sinérese em *pre-cio-so*, exigida pelo verso decassílabo.

[123] *Saudação à Arcadia Ultramarina*: este poema foi publicado por João Ribeiro em sua edição das *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa (1903), baseado na *Coleção de poesias inéditas* (Lisboa, 1810). Não faz parte do manuscrito que deu origem à edição de Caio de Melo Franco de *O Parnaso obsequioso* e *obras poéticas* (...). Entretanto, optou-se por sua inclusão neste bloco, pelo assunto aí tratado, complemento natural destes últimos poemas.

[124] *o que muros ergueu*: Anfião, que ergueu com o som de sua flauta as muralhas de Tebas.

[125] *o que parou o Averno*: alusão a Orfeu, que atravessou o Averno, lago da entrada dos Infernos, em busca de sua amada Eurídice; ao som de sua lira, tudo parou e Orfeu conseguiu penetrar no Reino dos Mortos.

[126] *Driásio... Ninfeu (...) Eureste*: Segundo Antonio Candido, tudo leva a crer que Driário ou Driácio é Driásio Erimanteu, ou seja, Joaqüim Inácio de Seixas Brandão, recebido pelo Custódio da Arcádia Romana como membro da Colônia Ultramarina. Ninfeu é, provavelmente, o mesmo Ninfejo Calístide a quem é atribuído um dos poemas que funcionam aos pares, ou seja, um em resposta ao outro, e que se encontra nas *Obras* ("*Nice al Pastore*"). Eureste Fenício, pseudônimo presumível de Alvarenga Peixoto, já aparece mencionado no poema-resposta "Nise a Fileno", das mesmas *Obras*. Ver nota 104.

[127] *Termindo*: é pseudônimo de Basílio da Gama (Termindo Sipílio), mineiro de S. José do Rio das Mortes (atual Tiradentes), que obteve notoriedade após a publicação de seu poema *Uraguai*, de 1769. Antes disto Basílio, que foi também tradutor de Metastásio, esteve em Roma e se filiou à Arcádia Romana. A homenagem de Cláudio se justifica, se for considerado como certo que é Basílio da Gama o promotor da criação de uma Colônia Ultramarina em Minas.

[128] *pastor d'Anfriso*: antonomásia de Apolo, que viveu às margens do rio Anfriso, na Tessália, quando apascentava o rebanho de Admeto.

[129] *Títiro*: pastor de Virgílio, que toca tranqüilo sua flauta à sombra de uma faia. V. nota 78.

[130] *Do monstro errante*: possível alusão à Fortuna, inconstante e incerta.

Vila Rica

Entre Epopéia e História

Eliana S. Muzzi

1 Curtius. *Literatura européia e Idade Média latina.* Rio de Janeiro: INL, 1957.

2 *Apud* G. Genette, *Seuils.* Paris: Éd. du Seil, 1987.

3 "Líhistoire du texte, le texte dans l'histoire et l'histoire dasn le texte: le modèle des Lumières", in *La Naissance du texte* (ensemble réuni par Louis Hay). Paris: José Conti, 1989.

Notas ao Prólogo e Fundamento Histórico (N. do A.)

(1) Voltaire, *Essay sur la Poésie Epique,* págs. 334 e 335.

(2) Veja-se o que escrevem o Abade Lambert na sua *História universal, civil, natural, política e religiosa,* t. 14, p. 5, e p. 63 e seguintes; o Autor do *Interesse das Nações de Europa,* t. 1, cap. 4, p. 102; d. José Vaissete, religioso beneditino, na sua *Geografia, história eclesiástica e civil,* t. 12, p. 216, e a este exemplo quase todos os escritores estrangeiros.

(3) O citado Vaissete, p. 217, faz menção deste extermínio dos Padres, ib.:

> *Les habitans ont fait difficulté pendant longtemps díadmettre*
> *parmi eux les Jésuites.*

(4) Tudo se vê melhor na Secretaria do Conselho Ultramarino, no *Livro do registo das cartas do Rio de Janeiro,* tít. 1673, nas folhas 160 e 163.

Carta Dedicatória, Prólogo, Fundamento Histórico (N. de MSA)

1 *Vila Rica*: concluído em 1773, só veio a ser publicado na íntegra em 1839, na *Tipografia do Universal,* em Ouro Preto. Dele se fizeram posteriormente outras edições, como a de 1897, em Ouro Preto, pela *Tipografia do Estado de Minas* e a de João Ribeiro, no Rio, pela Garnier, em 1903. Mais recentemente, em 1969, Augusto de Lima Júnior publicou em Belo Horizonte uma versão baseada, segundo ele, em manuscrito autógrafo do Arquivo Público Mineiro. Entretanto o que lá se encontra não é o referido pelo Autor, como bem o explica Hélio Lopes (*Introdução ao poema Vila Rica,* Esdeva, J.F., 1985, p. 11). Há na verdade, em acervos diversos, cópias manuscritas variadas do poema. No preparo desta edição foram cotejados dez manuscritos (ver introdução), tendo-se optado pelo da Biblioteca Nacional de Lisboa, que contém 84 versos a mais, no canto V, e por parecer o mais fiel à forma primeira, já que não contém ainda as emendas de censura feitas por Cláudio nas outras versões. Oferecido ao conde de Cavaleiros (como se pode ver escrito à mão no alto da folha de rosto), em belíssimo exemplar encadernado, parece não ter tido aí o Poeta a preocupação de apagar os vestígios que levariam à identificação dos dois religiosos rebeldes e corruptos que figuram no poema. O manuscrito de Lisboa é, pois, o texto-base da presente edição.

[2] *Conde de Bobadela*: trata-se de José Antônio Freire de Andrada, que governou Minas interinamente de 1752 a 1761, em substituição a Gomes Freire de Andrada, o primeiro conde de Bobadela.

[3] A tradução da passagem, que se situa em trecho mais amplo da *Eneida*, é: "Estenderá seu império para além dos Garamantes e dos Indianos". Esta citação não figura, certamente por lapso ou porque foi acrescida posteriormente, no manuscrito de Lisboa.

[4] *Gomes Freire de Andrada*: primeiro conde de Bobadela (1685-1763), esteve à frente do governo do Rio de Janeiro, com jurisdição sobre todo o Sul e Sudoeste do Brasil. Foi encarregado do governo de Minas Gerais em 1735, tendo-o deixado em mãos de seu irmão José Antônio Freire de Andrada, em 1752, em virtude da expedição às Missões do Uruguai, de que fora incumbido. Gomes Freire faleceu no Rio de Janeiro em 1763. A ele dedica o Poeta o "Epicédio I", das *Obras*.

[5] [*Freires*]: ausente no manuscrito de Lisboa, certamente por lapso, e presente em todos os demais.

[6] *Sebastião de Pita Rocha*: na verdade, Sebastião da Rocha Pita, autor da *História da América Portuguesa*, publicada em Lisboa em 1730.

[7] *Taboaté*: Taubaté, por metátese do *o*.

[8] *memórias*: anéis dados para manter a lembrança de pessoas ou fatos.

[9] *o Abade Pedro Metastásio*: a ascendência de Metastásio sobre os poetas do século XVIII, portugueses e brasileiros, não se limitou a uma simpatia literária e à absorção de traços de estilo; ela despertou neles o gosto da tradução de seus poemas e de inúmeras peças, adaptadas ou não para representação local. Cláudio não escapou à influência italiana, mais forte que a presença francesa no Arcadismo brasileiro. Das peças traduzidas por Cláudio só restaram a *Comédia do mais heróico segredo – Artaxerxe* e *Ópera de Demofoonte em Trácia*, recentemente localizados no Arquivo da Música da Cúria Metropolitana de Mariana por Tarqüínio de Oliveira. No entanto, sabe-se pela carta que enviou à Academia da Bahia, em 1759, que um número muito maior de peças do poeta cesáreo italiano foi por ele traduzido e levado à cena.

[10] (...) *se não declaram*: esta afirmativa evidencia que o "Fundamento histórico" foi escrito após a elaboração do poema ou, pelo menos, depois de feito o Canto V. Na versão do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, que é o que se está utilizando na presente edição, os nomes dos padres, Conrado e Menezes, aparecem com todas as letras; em outros manuscritos são designados como *os dous religiosos*.

[11] *atravessaram*: compraram por atacado para obter lucro.

[12] A tradução: *Se as leis devem ser são violadas, o direito de governar deve ser violado.*

[13] *perciso*: preciso, com a metátese do *r*.

[14] A tradução: porque se os Fados não encontraram para o futuro de Nero outro caminho, se reinos eternos são preparados para os deuses, se o céu só pode obedecer ao Tonante depois da guerra dos cruéis gigantes, já nada lamentamos, ó deuses; esses abomináveis crimes agradam pela recompensa.

[15] *foi levantado o pleito de homenagem*: foi rendida (ou prestada). A vassalagem; *pleito* é forma antiga de *preito* (f. do provençal *plait*, segundo Antenor Nascentes).

[16] *Diogo Grasson Tinoco*: o que se sabe a respeito deste Poeta é o que vem registrado no *Vila Rica*, onde se diz que era paulista e onde se transcreveram quatro estrofes em oitava-rima de seu poema *O descobrimento das Esmeraldas*, datado de 1689.

[17] *cometeu*: confiou, encarregou.

[18] *panagírico*: *panegírico*, composição laudatória; em *panagírico*, ocorreu uma assimilação.

[19] *língua*: intérprete.

[20] *Guaiaqui*: este vocábulo aparece registrado de diversas formas nos vários manuscritos: Goaimi, Guaicuí, Guaachy.

Notas ao Poema (N. do A.)

(1) *Fundação primeira.* Este Poema tem por argumento principal a fundação de Vila Rica ou, antes, a sua criação de pequeno Arraial em Vila, a que passou no dia 8 de julho de 1711, com o nome de *Vila Rica de Albuquerque.*

(2) *Deste assunto a meu verso.* Leia-se a "Fábula do Ribeirão do Carmo", que anda impressa entre as rimas do Autor. Coimbra, na oficina de Luiz Secco Ferreira, ano de 1768, 8º.

(3) *O Irmão defunto.* O Il.mo e Ex.mo Sr. Gomes Freire de Andrada, a quem Sua Majestade fez mercê do título de Conde de Bobadela, voltando das Missões.

(4) *As grandes terras.* O Brasil, que foi descoberto por Pedro Álvares Cabral em 1501, é repartido em quatorze Capitanias, das quais a última é São Vicente, que compreendeu por muito tempo o governo das Minas Gerais.

(5) *De Paulo.* No ano de 1554, em 25 de janeiro, dia dedicado à conversão de São Paulo, se celebrou a primeira missa naquela Vila, e no de 1711 lhe deu título de Cidade o Senhor D. João V. O Padre Vasconcelos na sua *Crônica do Brasil.*

(6) *O arbítrio de um só braço.* Os primeiros Governadores residiam no Rio de Janeiro e tinham anexa a Capitania de São Paulo, ou São Vicente, que compreendia as Minas já descobertas, e as que de futuro se descobrissem, como se prova do Regimento expedido em *Valladolid,* em 15 de agosto de 1603, escrito por Luiz de Figueiredo, e se confirma do Alvará de 8 de agosto de 1618, inserto na Coleção 1.ª da Ordem, Liv. 2, tít. 34, n.º 1.

(7) *Itamonte.* Serra vulgarmente chamada *Itacolumim,* ou *Itacunumim,* nome pátrio que quer dizer *pedra pequena.* A Vila está situada nas faldas deste penhasco.

(8) *Um Gênio experto.* Neste Gênio se figura o do País, como sensivelmente o dá a conhecer o Autor no Canto V e VI deste Poema.

(9) *Soberbo Rio.* Rio das Velhas, primeira povoação das Minas Gerais.

(10) *O brioso Garcia.* Garcia Rodrigues Paes foi um dos Vassalos de maior serviço no descobrimento das Minas do Ouro: a sua Casa se acha premiada em seu filho, o Alcaide-Mor da Bahia, Pedro Dias Paes Leme, Guarda-Mor Geral das Minas etc. etc.

(11) *No horror da fantesia.* Imita o Autor neste lugar a Lucano na sua *Pharsalia,* Liv. 1, ib.:

> *Ut ventum est parvi Rubiconis ad undas,*
> *Ingens visa duci patriae trepidantis imago.*

(12) *Dom Rodrigo.* Entretanto que Fernão Dias Paes enviava a El-Rei a mostra de esmeraldas que tinha descoberto, chegou D. Rodrigo de Castelo Branco de ordem do mesmo Senhor a governar as Minas; foi morto violentamente no Rio das Velhas, em casa de Manuel de Borba Gato, como se lê no Canto III.

[13] *Pori.* Nação gentia: destes e de outras nações se escrevem alguns episódios por adorno do Poema. O episódio é tirado do fundamento histórico que se conserva por tradição entre os nacionais. Toda a cena deste Canto se figura no Rio da Velhas, por onde se dirigiram as marchas, em razão de serem ali os primeiros descobrimentos das Minas. Na écloga de *Arúncio*, que escreveu o Autor, se lêem estes versos, que dizem relação à presente história:

> Os primeiros que entraram na espessura
> Dos ásperos Sertões dizem que acharam
> Três bárbaras já velhas nesta altura.
> Não disputa o Autor o anacronismo.

[14]

> *Illi se prædæ accingunt dapibusque futuris.*
> *Tergora diripiunt Costis et viscera nudant;*
> *Pars in frusta secant verubusque trementia figunt.*
> VIRGÍLIO, *Eneida*, Liv. 1, v. 215

Deixara o Autor de produzir estas imagens, se elas não fossem tão verossímeis, segundo a condição dos primeiros tempos. De uma relação manuscrita do Governador Artur de Sá e Menezes colhemos tudo o que a este respeito se aplica ao Herói; e talvez estes trabalhos tão generosamente sofridos dão um caráter da grandeza do espírito. Nos *Lusíadas* dizia o Gama ao Rei de Melinde:

> Corrupto já, e danado o mantimento
> Danoso e mau ao fraco corpo humano.
> Canto V, est. 71.

[15]

> *E segretario dal suo amore antico*
> *Per il muto campo, aquel silenzio amico.*
> TASSO, *Hyerusal. Liberata*

[16] *A leve cana.* Providências da natureza com que se supre a falta da luz entre os Índios. Assim Virgílio, *Eneida*, 1.

> *Et primum silici scintillam excudit Achates.*

Lucano, na descrição da Cabana de Amiclas, Liv. 5, v. 524:

> *iam tepidae sublato fune favillae*
> *Scintillam tenuem commotos pavit in ignes*

Se houver quem censure ao Autor estas miudezas, tenha ao menos diante dos olhos os exemplos.

[17] *Do Coroá, do Paraci.* Nações de Gentios que vivem pelos sertões das Minas.

[18] *A ser escrava.* Os moradores de São Paulo fundaram as suas primeiras riquezas na escravidão dos Índios: com este objeto principalmente tentaram o centro das conquistas; a benefício da liberdade se publicaram as providentíssimas Leis de 30 de julho de 1609, de 10 de setembro de 1611 e a novíssima de 6 de julho de 1755, que cassou toda a restrição que havia a respeito dos quatro casos em que era lícito o cativeiro dos Índios.

[19] *Lhe dão hoje o nome.* Substituía Bartolomeu Bueno, cunhado de Antônio Rodrigues Arzão, as vezes deste no descobrimento das novas minas: rompeu os matos gerais até a serra vulgarmente chamada *Itaverava*, que val o mesmo que *pedra luzente*; aí plantou meio alqueire de milho e, entretanto que madurava a planta, passou a gente da sua conduta para o sertão do Rio das Velhas, por ser ele mais fértil de caça e

mel silvestre, únicos socorros que encontrava a necessidade dos sertanistas. Voltou no ano de 1698 a colher a pequena sementeira e foi por este tempo encontrado de novos descobridores que desciam de São Paulo: eram estes o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, o Capitão Manuel Garcia Velho e outros, de que não há individual lembrança. Propôs ao dito Coronel o Capitão-Mor uma troca de armas, e se efetuou esta com o avanço de todo o ouro que se achou na comitiva, que não passou de doze oitavas. Desejoso o Capitão-Mor de entrar em São Paulo com esta pequena porção de ouro, não tardou em cometer ao mesmo Coronel a compra de duas Índias, mãe e filha, as quais comprou o Coronel e, catequizadas, se batizou a filha com o nome de *Aurora*, e se impôs à mãe o nome de *Célia*.

(20) Toda esta ficção não serve mais que de ornamento, e tudo o que se deduz da história é insignificante. Recolhendo-se Antônio Rodrigues Arzão no ano de 1695 à Capitania do Espírito Santo com mais cinqüenta e tantos companheiros da sua conduta, derrotados e destruídos todos dos repetidos ataques do Gentio, apresentou ao Capitão-Mor daquela Vila três oitavas de ouro, de que se fizeram duas memórias, uma que ficou ao Capitão-Mor, e outra que levou o dito Arzão. Este é o primeiro ouro das Minas, que há notícia haver-se denunciado a El-Rei no ano de 1695.

(21) *Que fazem vossos Pais.* Já por este tempo estavam descobertas em São Paulo as minas de Curibituba, Pernaguá e Jaraguá, e tinha demais havido a descoberta das esmeraldas, que deu ocasião às grandes providências dos Senhores Reis de Portugal, especialmente do Sereníssimo Rei D. Pedro II, de saudosa memória, beneficiando e honrando com muitos privilégios e regalias aos que se empregassem neste exercício, encarregados D. Francisco de Souza, Governador então do Estado do Brasil, e Salvador Correia de Sá de promoverem por todos os modos os descobrimentos do ouro, pedras e mais haveres, que prometia o largo Continente do Brasil. Tudo se pode ver de um Alvará de registos das Leis Extravagantes, na Torre do Tombo de Lisboa, desde o ano de 1613 até o de 1637, à fl. 97.

(22) *Fernando, Artur e D. Rodrigo, o morto.* Estes três Governadores, que penetraram de ordem d' El-Rei os sertões das Minas, não chegaram a exercer nelas atos de jurisdições, por encontrarem os embaraços de que se faz relação no Canto VIII, entre a *Série dos Governadores das Minas.*

(23) *Eu sou dos filhos* A guerra dos Gigantes:

Terra feros partus, immania monstra,Gigantes.
Edidit...

CLAUD. *Gigant.*

(24) *Tu, negro Adamastor.* Alusão ao Cabo da Boa Esperança, Camões, Canto V, est. 51:

Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encelado, Egeu ou Centimano:
Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano.

(25) *Meu caso um dia.* Veja-se o Canto VIII.

(26) *De uma pequena lágrima.* Com vaidade sua confessa o Autor haver-se servido para a descrição do Ribeirão do Carmo do sonho do Senhor Rei D. Manuel, que refere Camões no Canto IV dos *Lusíadas*, est. 68:

Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são.

E na est. 69:

> Viu de antigos, longínquos e altos montes
> Nascerem duas claras e altas fontes.

O Ribeirão do Carmo, que foi a primeira Vila que erigiu o Herói em 4 de julho de 1711, passou a ter título de Cidade pela Ordem Régia de 23 de abril de 1745. Neste mesmo tempo se fez a divisão das Dioceses, repartindo-se o Bispado em três Catedrais, que foram: [Rio de Janeiro], São Paulo e Minas: foi o primeiro Bispo de Mariana (que assim se chamou a dita Cidade do Carmo), D. Frei Manuel da Cruz, religioso da Ordem de São Bernardo.

(27) *Vejo um Povo também.* Entende-se o Povo do Ouro Preto, pequeno Arraial em que foi criada Vila Rica; está em distância de duas léguas para a parte ocidental da Cidade Mariana; as grandes riquezas que nela se descobriram lhe adquiriram o epíteto de *Rica*, a exemplo da que criou Espanha nas suas Índias.

(28) *E qual murmura.* Imitação de Gabriel Pereira de Castro na sua *Ulisséia*, Canto I, est. 28:

> Disse: e qual nos primeiros resplandores
> As abelhas solícitas levantam etc.

(29) *O próvido Faria.* O Padre João de Faria Fialho, da Ilha de São Sebastião, de quem inda conserva o nome um dos bairros de Vila Rica, pelo descobrimento que aí fez de um córrego rico.

(30) *Botecudo.* Gentio bravíssimo, que se distingue pela rotura do beiço de baixo.

(31) *Camargo.* O Alcaide-Mor, José de Camargo Pimentel, natural da Vila de Taboaté, que descobriu o Rio Piracicaba e fundou a Capela de São Miguel, hoje Freguesia de Antônio Dias Abaixo, de um grande número de almas, termo da Vila do Caeté, Comarca do Sabará.

(32) *Bueno.* Bartolomeu Bueno, cunhado de Antônio Rodrigues Arzão, foi por ele convocado entre outros para prosseguir o descobrimento das Minas do Ouro: penetrou este os Sertões e matos gerais, como já se disse, até chegar à Serra da Itaverava, hoje Arraial populoso, distante 8 léguas de Vila Rica, termo da Vila de São José, Comarca do Rio das Mortes.

(33) *Mais que o delito meu.* Expõe-se neste Canto a história de Manuel de Borba Gato com a maior fidelidade e pureza que se pôde averiguar. O Governador Artur de Sá e Menezes lhe deu o perdão em nome d'El-Rei, e o honrou com o posto de Tenente General, afiançado no descobrimento que ele prometia, e fez certo, das Minas e faisqueiras do Rio das Velhas.

(34) *Urucu.* É uma fruta que, desfazendo-se dentro d' água, lança de si um pó sutil e tão encarnado, que excede à cor coxonilha. Com ela se pintam os Índios nas suas festividades.

(35) *A cor nem preta.* O gesto deste Índio é figurado pelo caráter que dá Solis ao príncipe Guatimosin, sobrinho do Imperador Montezuma:

> *El color tan inclinado a lo blanco, o tan lejos de la obscuridad,*
> *que parecía extranjero entre los de su nación.*
>
> *História Mexicana.*

(36) *Do gelado Samiúte.* Gentio da nação russiana, que encontraram os holandeses na Nova Zembla, no ano de 1595; tais se figuram os Monaxós pela sua maior brancura e proporção de membros.

(37) *Arara.* É uma ave de cor encarnada, de cujas penas usam os Gentios na cabeça. O seu vôo é muito alto.

(38) *Paraíba.* Rio que corre ao sul e corta a estrada do Rio de Janeiro; à sua margem estão algumas Aldeias domésticas.

(39) *Ó tu, Ciro.* Camões, Canto X, est. 48.

(40) *De um Frade.* Este foi Frei F. de Menezes, cujo nome e religião se não declara, como também o de Frei F. Conrado, os quais associadamente, e de mão comua maquinaram as primeiras desuniões que houveram entre os Paulistas e os filhos de Portugal, vulgarmente chamados *Buabas*; meditaram estes dous Frades fazer estanco da cachaça e do fumo, gêneros muito necessários ao País, principalmente naqueles princípios do descobrimento das Minas, porque com eles se divertia o grande trabalho e fadigas dos negros, Índios e bastardos, que são uma espécie de Jenízaros. Não tardaram a pertender o mesmo avanço a respeito das vendagens das carnes, que raramente entravam dos Sertões; a tudo se opuseram os Paulistas, e daqui nasceu o grande ódio que lhes foram concebendo todos aqueles que pôde seduzir a malícia dos ditos dous religiosos, vindo finalmente a produzir-se uma total discórdia entre uns e outros Vassalos, que obrigou a tomarem-se reciprocamente as armas e se concluiu com o ataque dado sobre a fortaleza, que haviam erigido os Buabas, fronteira à Vila de São João d' El-Rei, no ano de 1710. Morreram da parte destes oitenta homens dos sitiados; foram muitos os feridos, e não perderam os Paulistas mais de oito, sendo os feridos muito poucos. Era chefe dos Paulistas Amador Bueno, e dos Buabas Ambrósio Caldeira Brant, o qual os havia desafiado por carta que enviou a São Paulo, e se acha registada em os Livros da Câmera daquela Cidade, tít. 1708, p. 241, datada em 19 de novembro de 1709 do Rio das Mortes; durou o combate quatro dias e quatro noites: dele se lê uma fiel relação em um diário, que escreveu certo anônimo com o título *Forasteiro Curioso,* dedicado ao Padre Guilherme Pompeu de Almeida em 1710; o Padre Manuel da Fonseca, da Sociedade denominada de Jesus da Província do Brasil, na vida que imprimiu do Padre Belchior de Pontes, escreve também esta guerra dos Paulistas, inda que com alguma desafeição a eles, podendo convencer-se o contrário das suas proposições, com o termo que [se] lavrou na Câmera de São Paulo, em 22 de agosto do ano de 1709, pelo qual se obrigaram os Paulistas a marchar com o seu exército somente ao fim de segurar o Real Quinto nas Minas, e se submeterem à paz e obediência os Vassalos de Portugal, que nelas se achavam postos em rebeldia; desta resolução deram algumas provas, como foi não ofenderem a alguns que encontravam de volta para a Cidade do Rio de Janeiro no Porto de Parati, e igualmente castigaram em caminho a um escravo, que havia roubado um filho de Portugal, e lhe mandaram restituir o furto: de tudo faz menção o Padre Fonseca; e o termo de que se trata se acha registado nos *Livros das Vereanças,* tít. 1701, págs. 129, 130, 136.

(41) *De evitar as Justiças.* Haviam consultado os rebeldes, que por oito ou nove anos desfrutassem as Minas, não consentindo Governadores e Justiças nelas, e sustentando-se como uma república a seu arbítrio, e que ao depois, se não alcançassem o perdão d'El-Rei, se passariam facilmente para as Índias de Espanha: nisto votavam com maior eficácia os desertores da Praça da Colônia, de que habitava um grande número nas Minas, sendo seu principal Chefe Antônio Francisco, que Manuel Nunes Viana havia nomeado Mestre de Campo, logo que se arrogou o governo. Fora o dito Antônio Francisco soldado na Companhia de Manuel de Souza, que acompanhou ao Herói na sua entrada com o posto de Capitão da Guarda; ao seu conselho se deveu a redução do dito Vassalo no encontro que com ele teve no sítio chamado *Venda Nova,* distante quatro léguas de Vila Rica.

(42)*Pedroso.* Jerônimo Pedroso e Valentim Pedroso, irmãos e naturais da Vila de São Paulo, foram estes os primeiros que deram princípio ao levantamento no Arraial do Caeté, hoje Vila Nova da Rainha.

(43)*Arbitrária e fantástica.* Por conselho de Fr. F. de Menezes se fingiram Ordens Régias para se recolherem todas as armas dos Paulistas a um armazém público, a pretextos de necessidade comua que figuravam, reputando-se rebelde todo aquele que repugnasse obedecer. Tomadas as armas, foram presos dous Paulistas, os mais poderosos, e de quem mais se deveria temer, que foram Domingos da Silva Rodrigues e Bartolomeu Bueno Feio. Com as prisões destes se intimidaram os outros, e brevemente se derramou por todos a notícia, ou falsa ou verdadeira, de um massacre que lhes estava fulminado para certo dia, com ordens repartidas em segredo aos cabos de cada um dos Distritos: fugiram e desertaram a maior parte dos Paulistas; e em conseqüência aconteceu o horrível caso de Bento do Amaral Coutinho, que surpreendeu no Rio das Mortes, no Capão inda chamado da Traição, a um troço de Paulistas, que se havia retirado para São Paulo, de que era Cabo Gabriel de Goes, o qual havia servido a El-Rei na conquista dos Palmares e ocupava o posto de Capitão de Infanteria na Praça da Bahia. Jurou pela Santíssima Trindade o péssimo Amaral deixar sair em paz os sitiados, contanto que largassem as armas: mediou neste concerto um Paulista velho por nome João Antunes, parente do Cabo Gabriel de Goes: a sinceridade dos Paulistas os capacitou a entregarem as armas, e para logo, sem algum respeito ou exceção, foram todos mortos e roubados por Amaral e seus sequazes.

(44)*Menezes.* Por que se não escandalize a piedade de alguns ouvidos, que se produzam nesta ação por Chefes dos tumultos e das rebeldias os dous Frades nestes versos apontados, e principalmente um, que mais se autorizava entre os sediciosos, lembra o Autor neste lugar a passagem de Voltaire na sua *Henriade*, Canto V:

Mais souvent enivrés de ces talents flatteurs
Répandus dans le siècle ils en ont pris les mœurs.
Leur sourde ambition níignore point les brigues:
Souvent plus d'un pays s'est plaint de leurs intrigues;
Ainsi chez les humains, par un abus fatal,
Le bien le plus parfait est la source du mal.

Non audet. Thygius Pluto tentare quod audet
Effronis Monachus.

HENRICUS HERMANI, *Tract. De Linea Amoris*

Quanto estes indivíduos regulares fossem perniciosos na primeira povoação das Minas o provam bem as cartas do Ex.^{mo} Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida. Chegava este Governador ao Rio de Janeiro com o destino de tomar a posse na Cidade de São Paulo, e conformando-se com as ordens de El-Rei, de que vinha encarregado, consultou logo (e foi este o primeiro passo do seu Governo) ao Ex.^{mo} Bispo D. Francisco de São Jerônimo sobre os meios mais convenientes para desinfestar as Minas daqueles homens, alegando ser assim necessário:

> Por constar ao mesmo Senhor (são palavras formais da carta escrita em 2 de julho de 1717) que os ditos Frades, esquecidos da sua obrigação e do seu estado, e só lembrados dos meios com que podem adiantar as suas conveniências, não reparam em fazer venais os Sacramentos, usando, indecorosamente, da administração deles mais para granjear interesses, que para edificação de católicos, não sem grande escândalo da Cristandade.

E acrescenta:

> Não faltando estes também a sugerir e dizer publicamente nos púlpitos que os Vassalos de Sua Majestade não têm obrigação de contribuir-lhe com os direitos e mais despesas que devem pagar-lhe.

Procura satisfazer o Ex.^{mo} Prelado a esta consulta, e responde:

> Que ele tem procedido contra os regulares assistentes nas Minas com excomunhões, de que eles não fizeram caso, dizendo que o Bispo não era seu Juiz competente, e que por conseqüência não podiam obstar-lhes as censuras fulminadas por ele.

Passa logo a aconselhar ao Ex.^{mo} Conde para que prova sobre os mais escandalosos, mas ele lhe replica nestas palavras:

> Como esta diferença só se devia entender com mal procedidos, dificultosa empresa será distinguir nas Minas uns dos outros; porque por qualquer lado estão todos com mau procedimento; pois se algum há que viva com menos escândalo e se não engolfe em tratos ilícitos e profanos, poucos são os que não vivem mui alheios do seu instituto, e em tratos e comércios indignos do seu caráter, e eu tenho para mim não há Frade que venha às Minas que não seja para usar da liberdade que nos seus conventos têm suprimida.

Tudo se lê com individuação no Livro n.º 7 das Cartas e Ordens do dito Governador, que se guarda na Secretaria do Governo das Minas Gerais, nas Cartas datadas no Rio de Janeiro e Vila do Carmo a 2 de julho de 1717, p. 1, a de 9 de julho de 1717, p. 4 e a de 16 de maio de 1720, p. 232.

À vista do expedido, perdoem os da profissão ao Autor se ele com mão tão liberal deixa cair a espada, que quisera reprimir: os testemunhos de tão sábio e acreditável Governador fazem bem a sua apologia: e se isto se experimentava nos mais maduros tempos do governo das Minas, que seria nas suas primeiras idades, onde a licença andava tão descarada! Graças ao Céu, cessaram estes escândalos pelas repetidas Ordens dos Reis de Portugal sobre a expulsão dos Frades que vivem nas Minas: delas, entre muitas virtudes com que encheu o seu Governo, é fiel executor o Ex.^{mo} Conde de Valadares.

(45) *De um Índio já cansado.* Retrato natural dos Índios do País na sua crescida idade.

(46) *Está diante.* Continente das Minas.

(47) *Logo uns homens.* Conquistadores dos sertões.

(48) *Passa este quadro.* Laboreação das minas por Índios e pretos.

(49) *Disperso o sangue.* Expulsão dos Paulistas pelos anos de 1709 para 1710.

(50) *Correndo à rédea solta.* Confusão e desordem em que ficaram as Minas sem Governador e Justiças postas por El-Rei.

(51) *Bem que se justifique na aparência.* Para clareza deste verso se faz necessário ao Autor repetir aqui ou transcrever as cláusulas de uma carta do Conde D. Pedro de Almeida, escrita no Rio de Janeiro ao marquês de Anjeja, seu tio, e Vice-Rei do Estado, datada em 6 de julho de 1717 ib.:

> No tempo de D. Fernando Martins de Mascarenhas (*falava de Manuel Nunes Viana*), ele foi aquele que os povos seduzidos por ele com notória rebelião o levantaram por Governador, resistindo ao dito D. Fernando contra as ordens de Sua Majestade, afetando o seu maior serviço.

Esta carta se acha registada no dito Livro n.º 7, p. 3, e para confirmação de tudo o que a este respeito se pode entender da conduta deste homem, e de quanto ele [se] pertendia fazer necessário ao Rei subsistindo no governo, que arrogava a si, bastará ver-se a Real Ordem de 30 de maio de 1711, que manda restituir aos Paulistas as Minas, e que se lhes entreguem suas fazendas e lavras, fazendo o mesmo Senhor avisar aos camaristas de São Paulo desta sua Real Ordem por carta de 6 de setembro de 1711, e já na Ordem de 22 de agosto de 1709 mandara Sua Majestade perdão aos *Buabas*, exceto aos dous cabeças do levantamento, Manuel Nunes Viana e Bento do Amaral Coutinho, aos quais pertendia castigar, ordenando que a esse fim, se entendesse ser necessário algum socorro das tropas, o pedisse o General ao presídio da Bahia: tudo se pode ver nos registos da Câmera de São Paulo em o livro que deles serve no tít. 1708, p. 25, onde se acha a Carta do Governador Antônio de Albuquerque, que pôs totalmente em sossego aos Paulistas, quando reparavam as forças para tornar sobre as Minas, datada no Rio de Janeiro, em 26 de fevereiro de 1710. Então foi que o dito Governador em nome d' El-Rei ofertou aos Paulistas um retrato do mesmo Senhor, significando que por aquele modo os visitava e lhes vinha segurar a sua proteção. A notícia destas Ordens e Cartas não chegou individualmente ao escritor Sebastião de Pita Rocha; aliás não escrevera tão dissonante da verdade. O Padre Manuel da Fonseca, já citado em outra parte, tocou, ainda que afetadamente, esse passo no cap. 33, p. 219, da vida do Padre Belchior de Pontes.

(52)Na era de 1711 se viu praticado o invento da roda por um clérigo, vulgarmente chamado o *Bonina Suave*. Todo este Canto se deve entender pelo que fica escrito no Fundamento Histórico, e pelas notas, de que se ilustra o Canto V.

(53)*Eu vi. Vidi egomet duo de numero cum corpora nostro.* Virgílio, *Eneida.*

(54)[*Nem presumas.* Os Índios da costa do Brasil, ainda que bárbaros, não desconhecem a música e a dança: estas singularidades foram mais bem notadas nos da nova Espanha, como nota Juan de Torquemada,] *Monarch. Indiana*, Liv. 13, p. 26 e seguintes, tomo 2 e outros.

(55)[Todo este Canto alude à *Fábula do Ribeirão do Carmo*, de que se faz menção no Canto I e se transcreveu alguns versos dela.]

(56)Esta era a paixão dominante no País; e se introduz o Herói a compô-la, pacificando a uns e a outros.

(57)*Caeté* quer dizer *mato-bravo* sem mescla alguma de campo. Debaixo desta inteligência se aplica o verso de Virgílio: *Ulmus opaca ingens etc.* Pode deduzir-se esta alegoria do conceito, que haviam formado os rebeldes antes da vinda de D. Fernando Martins Mascarenhas, que este Governador trazia cargas de correntes e ferros para os punir, notícia que não pôde ocultar o escritor Sebastião de Pita Rocha pouco fiel nesta história, por falta de informação pura, ou talvez por afeição a algum dos Chefes. Tudo o mais se pode ver no Fundamento Histórico, em que fica elucidado este Canto.

(58)*Do não tentado Rio.* Este Vassalo foi o que abriu a Estrada Real do Rio de Janeiro para as Minas, e pôs as passagens dos dous rios, *Paraíba e Paraibuna.*

(59)*O Deus destes tesouros.* Curupira. Fábula é esta dos Gentios celebrada por verdadeira: presumem que há nos matos uma divindade assim chamada, sem licença da qual havendo quem descubra algum tesouro morre às mãos dela; e esta doutrina lhe pregaram os seus Pajés, que soa o mesmo que Doutores.

(60)*Jaquitinhonha.* Rio que atravessa o Serro do Frio, onde está estabelecida a extração dos diamantes por Contrato Real, pela Lei de 11 de agosto de 1753.

(61) *Do guará.* Entende-se o *Rio de Guarapiranga*: este, o Gualacho, e outros muitos vão fazer barra ao Rio Doce, e discorrem pelas duas Comarcas, do Sabará e Vila Rica.

(62) *Vê o Rio.* Todos os rios de que aqui se faz menção discorrem por entre a Comarca do Rio das Mortes e raias da Capitania de São Paulo.

(63) Algumas circunstâncias da sua fortuna obrigaram o Autor a servir-se neste lugar dos versos de Camões nos *Lusíadas*, Canto VIII, est. 81:

E ainda, Musas minhas, não bastava.

(64) *De Pilões, de Goiases.* Todos estes distritos, que hoje estão repartidos em diferentes Capitanias, se compreenderam por alguns anos debaixo do governo do Ex.mo Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrada.

(65) *Já do pardo Uraguai.* Toca-se neste verso a diligência de comissão a que foi mandado para as distâncias das Missões.

(66) *Este alimpa os Sertões.* Expedição que fez o Ex.mo Conde atual de Bobadela sobre o grande número de negros aquilombados no Campo Grande, de que foi comandante Bartolomeu Bueno.

(67) *Este caminha.* Viagem dilatada e aspérrima por mais de 400 léguas em visita da Capitania sobre as costas de São Paulo, que acompanhou o Autor, servindo de Secretário do Governo das Minas.

(68) *Vem o Tapuia.* Conquista do Gentio que se estende por estes distritos, onde hoje, por benefício do Ex.mo Conde de Valadares, se acham domésticos muitos Índios, com Igreja e Pároco que lhes administra os Sacramentos.

(69) *Desta árvore.* Metamorfose do bálsamo, árvore que se produz em muita abundância nas conquistas do Brasil, e com especialidade em todas as partes das Minas, com muito pouca estimação dos seus habitadores].

(70) *Paraceve.* É propriamente o nome que dão os Índios a semelhantes festejos.

(71) Artifício de que usam os Índios, tanto para colherem a caça, como nas ocasiões de guerra. Veja-se D. Alonso de Ercilla na sua *Araucana*, Parte 1, Canto I: chamam-se vulgarmente *fojos*.

(72) *Nisto veio.* Deste penhasco se tira a pedra dos edifícios da Vila.

(73) *Este Padrão.* Pelourinho.

(74) *Soberba torre.* A torre do relógio.

(75) *Magnífico edifício.* A cadeia. Todas estas obras são de avultada grandeza e constituem a formosura e magnificência da Vila.

(76) *Líquidas fontes e régias pontes.* Tem a Vila um grande número de fontes e chafarizes de mármore e três pontes principais de igual artifício.

(77) *Santuários.* A Vila se divide em duas Freguesias, a de Antônio Dias com a invocação da Senhora da Conceição, a do Ouro Preto com a invocação do Pilar. Ambos os templos são preciosos.

(78) Nesta descrição dá o Autor a conhecer a formalidade com que trabalham os mineiros, que se servem do artifício da roda nas suas lavras, vulgarmente chamadas de talho aberto, que se praticam nos rios e suas margens. Quem quiser mais individual notícia desta matéria leia a História de Sebastião de Pita Rocha, que tudo explica.

(79)Descrição dos serviços que se fazem nas serras e morros para se extrair o ouro, despendendo-se grossíssimo cabedal para se degradarem e se conduzirem de muitas distâncias as águas.

(80)Descrição da planta da cana nos engenhos em que se fabrica o açúcar e da erva de que se faz o tabaco. Veja-se Pita.

(81)Sobre o texto do Gênesis - *Consuerunt folia ficus* - não têm faltado opiniões que sustentam ter sido a bananeira a árvore que socorreu com a grandeza das suas folhas a nudez dos nossos primeiros Pais. O Autor se serve dessa opinião e aplica neste lugar uma passagem de Milton no seu *Paraíso Perdido*, no Livro ou Canto X, ib.:

> *Ils y choisirent le figuier; non cette espèce renommée pour le fruit; mais cette autre que connaissent encore aujourd'hui les orientaux en Malabar ou Decan. Ses rameaux courbés prennent, dit-on, racine en terre; et croissant à l'ombre de la principale tige comme des filles qui se rassemblent autour, etc.*

(82)Aos 8 dias do mês de julho de 1711 fez o Governador Antônio d'Albuquerque Coelho de Carvalho uma junta no Arraial do Ouro Preto para se erigir nela Vila Rica. Serviu de secretário Manuel Pegado, de quem se tem feito menção nesta obra em várias partes. No mesmo dia se elegeram os Vereadores e Juízes: e saíram eleitos a mais votos, por Juiz mais velho, o Coronel José Gomes de Melo; Juiz mais moço, Fernando da Fonseca e Sá; Vereador mais velho, Manuel de Figueiredo Mascarenhas; segundo Vereador, Félix de Gusmão e Mendonça; terceiro, Antônio de Faria Pimentel; Procurador, o Capitão Manuel d'Almeida Costa. No dia 3 tomaram posse. Tudo consta do registo do Livro dos Termos do Governo, que se acha na Secretaria das Minas Gerais desde o dia 7 de julho de 1710, págs. 21 e 22.

POEMA VILA RICA (N. DE MSA)

1 INDA: observe-se o uso, na mesma linha, das formas *inda* e *ainda*, sem razões de ordem métrica que determinem a diferença.

2 *O claro Herói*: Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão-general da Capitania de Minas e São Paulo, a partir de 1709, quando se separou da do Rio de Janeiro.

3 *Conde feliz*: José Antônio Freire de Andrada, que herdou do irmão o título de conde de Bobadela, e governou interinamente Minas Gerais de 1752 a 1761, no período do afastamento do irmão, Gomes Freire de Andrada, aqui chamado *o irmão defunto*. Este faleceu em 1763, portanto dez anos antes da conclusão *do Vila Rica*.

4 *Continente*: aqui em sentido mais geral de *região*, grande extensão de terra.

5 *experto*: experiente, experimentado.

6 *Tecia débil cana as moles casas*: o adjetivo *moles* aparece em versos outros de Cláudio, significando "frágeis", "flexíveis", "macias"; parece haver na recorrência a este vocábulo uma espécie de imagem mental latente, que ressurge de tempos em tempos em sua poesia. V. nota 131, das *Poesias manuscritas*.

7 *fantesia*: forma antiga de *fantasia*, com dissimilação.

8 (...) *tremo, / Pasmo, e me assusto, me horrorizo, e gemo*: observe-se aqui a gradação ascendente, no verso plurimembre, tão ao gosto do Barroco.

[9] *Radamanto*: juiz dos Infernos, famoso por sua eqüidade.

[10] *o sucesso*: o sucedido, o acontecimento.

[11] *O triste resto do troiano estrago*: alusão ao desembarque de Enéias e seus companheiros em Cartago, após o desastre da perda de Tróia para os gregos.

[12] *Que pode a Musa celebrar latina*: a Musa latina é a de Virgílio, que inspirou os versos da *Eneida*, consagrados aos feitos de Enéias.

[13] *Cíntia*: Diana, deusa da Lua (a própria lua), que nasceu no monte Cinto com seu irmão gêmeo, Apolo.

[14] *a busca esposa*: procura-a como esposa, deseja-a para sua mulher.

[15] *Noto... Euro*: ventos respectivamente do Sul (este também chamado Austro) e do Oriente.

[16] *esmalta*: ornamenta, enfeita.

[17] *a máquina ideada*: observe-se a semelhança desta passagem com outras em que o Homem, diante da verdade ou do destino, vê-se como que incapacitado de encará-lo, desfazendo-se a *máquina ideada* (Platão, Dante, Drummond, em "A máquina do mundo").

[18] *discorrido*: percorrido; o verbo *discorrer*, que aparece em Cláudio com diversos sentidos, aqui significa *percorrer, atravessar.*

[19] *me*: ausente no manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, evidentemente por lapso.

[20] *valeroso*: o mesmo que *valoroso*; formado de *valer.*

[21] *molosso*: cão de fila que serve para caçar ou guardar o gado.

[22] *Ciro*: fundador do império persa, príncipe de extrema bravura, viveu no século IV a.C..

[23] *Macedônio*: Alexandre Magno (séc. IV a.C.), de quem Apeles fez o retrato.

[24] *Convém*: concorda; está de acordo.

[25] *rendimento*: aqui *oferenda*, por extensão ao ato de *render, ofertar.*

[26] *Interesse*: observe-se aqui a personificação do abstrato, onde parece que ressoam reminiscências do *Uraguai*, de Basílio da Gama. A admiração de Cláudio por Basílio (Termindo Sipílio) é conhecida; veja-se o poema "Saudação à Arcádia Ultramarina", em *Obras poéticas* (*O Parnaso obsequioso e obras poéticas*), na presente edição, e as notas relativas à composição.

[27] *De um Frade*: em outros manuscritos consta *De um certo religioso*; são, na verdade, correções feitas posteriormente à versão do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, quando o Poeta julgou mais conveniente apagar indícios da identidade dos religiosos.

[28] *estanco*: monopólio.

[29] *inação*: inércia, frouxidão; em alguns manuscritos consta *nação*, lição evidentemente equivocada.

[30] *De nos enchermos dos preciosos frutos*: a sinérese em preciosos (*pre-cio-sos*) propicia a regularidade do decassílabo.

[31] *Assim fala Menezes: continua*:o verso nos demais manuscritos é *Calou o religioso: continua*; versão coerente, pois, com o verso apontado na nota 27.

[32] *A propagar Conrado*: o verso nos demais manuscritos é *A propagar o sócio o ímpio partido*; observe-se que aí, mais uma vez, o Poeta apaga os vestígios da identidade dos religiosos, atitude posterior, de censura cautelosa.

[33] *De atrevidos o Frade: estão dispostos*: nos demais manuscritos consta *O padre de atrevidos: são dispostos.*

[34] *cafres*: naturais ou habitantes da Cafraria, na África do Sul; aqui, indivíduos rudes, ignorantes.

[35] *Já de Marte ao furor, campos estreitos*: a partir deste ponto os 84 versos que se seguem (este incluído) não figuram nos demais manuscritos, sendo, pois, inéditos, já que a presente edição é a primeira que tem como texto-base o manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. Como se pode observar, este trecho, que não tem nada de estranho na seqüência natural do poema, quer do ponto de vista de sua articulação lógica com o restante, quer do ponto de vista da linguagem e do estilo, foi suprimido pela mesma razão que levou à emenda dos versos citados acima, em versões posteriores a esta: o apagamento dos sinais que poderiam levar à identificação dos dois frades corruptos e de suas corporações religiosas a que se poderia, talvez, acrescentar a persuasiva (e inconveniente) retórica de defesa da liberdade, ou da não sujeição aos mandatários lusitanos, que poderia não agradar muito. Especialmente o trecho à frente, *Não é novo /Viver sem leis, e sem domínio um povo* poderia soar por demais moderno e liberal.

[36] *Sabrabuçu*: Sabarabuçu, com a síncope do *a*; depois Sabará.

[37] *vasselagem*: vassalagem; houve dissimilação na primeira forma.

[38] [ ]: espaço em branco no manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa; como não há outras cópias desta versão, não foi possível o cotejo, para solucionar a falha. Como sugestão, para compor o verso, pode-se pensar em "advertido", vocábulo insistente em Cláudio.

[39] *o Itatiaia*: pico da serra do Itatiaia, de grandes elevações, abrangendo os municípios do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

[40] *Houvera de lograr-se o ousado intento*: em outras versões *Houvera de lograr-se estes efeitos*, a que se segue, nos vários manuscritos e edições, *Contra Albuquerque os insolentes peitos*, com a rima garantida. Os 84 versos que intermediam estes versos estão ausentes nos vários manuscritos e edições. V. nota 35.

[41] *discurso*: raciocínio, discernimento.

[42] *Briareu*: gigante que tentou escalar o Céu e teve participação decisiva na guerra contra os deuses.

[43] *emprende avara: emprende* é forma que se alterna na época com *empreende*; *avara*: está em alguns manuscritos e edições *a vara*, o que não faz sentido.

[44] *Cante do Lusitano a voz sonora*: desfazendo o hipérbato, *a voz sonora do Lusitano cante*. Há aqui uma confessada aproximação com Camões, um dos modelos clássicos, significativamente presente na obra de Cláudio.

[45] *infelices*: forma erudita de *infelizes*.

[46] *restablece*: *restabelece*, com a síncope do *e*, posssibilitando o verso de dez sílabas métricas.

[47] *De encosto o mole braço está servindo*: há neste episódio pontos de contacto evidentes com o da morte de Lindóia, no *Uraguai*, de Basílio da Gama. A presença repug-

nante da feiticeira (Maga Cruel) contrastando com a pureza e brandura da heroína é um destes pontos, evidenciando a influência sobre Cláudio do poema publicado quatro anos antes (1769). O recurso ao maravilhoso pagão é outro destes pontos em comum.

48 *A Madre de Mêmnon*: Aurora, deusa que anuncia a chegada do Sol e mãe de Mêmnon, o guerreiro que lutou com bravura ao lado dos troianos.

49 *Vás*: forma arcaica de *vais*; segundo J.J. Nunes (*Compêndio de gramática histórica portuguesa*), parece ter havido no presente do indicativo de *vadere* a influência de *dare* e *stare*.

50 *Aucolo*: Apolo, nos demais manuscritos e edições. A lição do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, texto-base da presente edição, é a melhor; veja-se, a propósito, a "Fábula do Ribeirão do Carmo", nas *Obras*, onde figura *Aucolo*, o pastor que consagrou a Apolo a filha Eulina. Aqui a história se repete.

51 *Este aleivoso Deus*: Apolo, o deus mentiroso, traidor, porque não foi fiel à promessa feita a Eulina (ou a Aucolo).

52 Observe-se a engenhosa superposição dos elementos de mitos diversos: o jovem apaixonado, transformado em ribeirão, é Ácis (identificado ainda a Polidoro, por sua riqueza roubada), amado da ninfa Galatéia; filho de Fauno e da Ninfa Simetis, assim como o Ribeirão do Carmo, aqui mitificado; nasce da serra do Itamonte, ou dos amores do gigante (como Adamastor, transformado em rochedo) e de uma ninfa, Tétis.

53 *Polidoro*: o mais jovem do filhos de Príamo e de Hécuba, enviado por seu pai, temeroso dos gregos, para a Trácia, onde reinava Polimnestor, seu genro; sabendo da morte de Príamo, o rei da Trácia, para se apoderar das riquezas de Polidoro, matou o desventurado rapaz, irmão de sua mulher Ilíona.

54 *Pulveriza os cabelos*: este gesto de "esmaltar" (enfeitar) os cabelos com ouro em pó, como aqui ocorre, aparece em outros pontos da obra, encerrando na nitidez de sua representação plástica, uma sugestão de *coquetterie* altamente poética e impressiva.

55 *inadvertido brinco*: imprudente brincadeira.

56 *Os Europeus são fáceis neste arrojo*: observe-se neste verso, inserido numa clara manifestação de louvor aos Paulistas, uma censura à soberba e arrogância européias.

57 *Cadmo*: fundador de Tebas, que teve uma descendência infeliz, aí incluídos Polinice e Etéocles, fruto do amor incestuoso de Édipo e Jocasta; daí a referência à *bárbara seara* e a *uns irmãos com outros pelejando* (logo adiante), que remete a Polinice e Etéocles, inimigos até depois de mortos, segundo conta o mito.

58 *(...) e nela crescem*: a negação da virtude como privilégio do local do nascimento é recorrente em Cláudio, como aliás em outros escritores do tempo e, particularmente, pode ser registrada em Alvarenga Peixoto ("Canto genetlíaco"), que o faz em discurso empolgado, vibrante.

59 *Itamonte*: Itacolomi, como é mais conhecido.

60 *Ao troiano, que tenta o Reino escuro*: Enéias, que na sua descida aos Infernos é guiado pela sibila de Cumas, segundo Virgílio.

61 *Fúrias*: divindades que personificam o mal.

62 *Hipocrisia*: observe-se que neste Canto, amplia-se a galeria de figuras de personificação: além do Interesse, a Rebeldia, a Traição, o Engano, a Hipocrisia. Em Basílio,

no *Uraguai*, já tinham tido acolhida a Ignorância, a Inveja, a Discórdia, o Furor, a Hipocrisia.

[63] *fauce*: a parte superior e interior da goela.

[64] *o filho de Acrísio*: Perseu, na verdade neto de Acrísio, é filho de Dânae e Júpiter. Ficou famoso por suas notáveis aventuras; a primeira delas teve por objetivo cortar a cabeça da Medusa, no que foi ajudado por Minerva. Em alguns manuscritos: o neto de Acrísio.

[65] *(...)a Deusa a mão lhe armara*: Minerva guiou a mão de Perseu, para que ele pudesse cortar a cabeça da Medusa; quando este sobrevoava o deserto da Líbia, caíram da cabeça do monstro algumas gotas de sangue que se transformaram em serpentes coloridas, os *monstros* de que fala o texto.

[66] *resplandor*: *resplendor*, forma com que se alterna na época.

[67] *Tifeu*: filho da Terra, um dos Gigantes que se rebelaram contra Júpiter, o único que escapou vivo da guerra contra os deuses. Tendo recomeçado sozinho a luta contra Júpiter, foi vencido e esmagado sob rochedos. Tinha cem cabeças; aqui o Poeta o descreve com muitos braços; identificado por vezes a Briareu.

[68] *Com as vermelhas águas rega a areia*: alusão às águas vermelhas do Ribeirão do Carmo, remexidas com o trabalho da mineração; na visão da fábula, é o sangue da ferida do *gentil Moço* (Polidoro) que "perverte" a cor das águas.

[69] *garça*: tecido ralo, fino.

[70] *custosa pedraria*: segue-se uma demonstração de brilho e opulência, num típico exemplo da *féerie* barroca, não menos impressionante do que a que se vê no relato da procissão do *Triunfo Eucarístico*, publicado em Lisboa em 1734. O árcade Cláudio Manuel da Costa tinha vez por outra dessas "recaídas" barrocas, que não se limitavam a torneios rebuscados de estilo mas iam ainda à plasticidade do espetáculo visualmente brilhante e atraente.

[71] *os diamantes*: data de fins de 1727 ou princípios de 1728 a descoberta dos diamantes na comarca do Serro do Frio, em Minas Gerais.

[72] *Para dar novo lustre a seus cabelos*: V. nota 54.

[73] *coalhado*: coagulado, solidificado.

[74] *De ouro, de diamantes circulado*: este verso não se encontra nem nas edições do *Vila Rica*, nem na maioria dos manuscritos. No entanto, ele é legítimo: que o diga a rima *circulado* / *gravado*, que, ausente, indica uma falha na seqüência de versos de rima emparelhada. Ele figura num dos manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio; optou-se por sua inclusão, ainda que com a nota esclarecedora, por se tratar de erro evidente de cópia a sua omissão no manuscrito que serviu às primeiras edições, bem como nos demais.

[75] *Jeroglífico*: o mesmo que *hieroglífico*, aqui substantivo masculino, como *hieroglifo*, nome dado a caracteres de difícil leitura.

[76] *o Grego astuto*: Ulisses, que chegando à Hespéria, região de magníficos jardins de maçãs de ouro, usando de sua habitual esperteza, teve acesso aos frutos maravilhosos do Jardim das Hespérides.

[77] *E do Indo será menor a glória*: este verso, que não ocorre no manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, figura em outros manuscritos e nas primeiras edições; pela

rima *glória / memória*, emparelhada, pode-se deduzir que houve um lapso no manuscrito de Lisboa.

[78] *Do meu Jaquitinhonha*: esta mesma expressão ocorre na ode "*Se entre as louras areias /Do meu Jequitinhonha (...)*," cuja autoria, atribuída a Tomás Antônio Gonzaga, tem suscitado dúvidas. Estaria aqui um elemento a favor de Cláudio, já não se falando do verso *Melhor do que nos mármores de Paros*, que ocorre na ode, no *Vila Rica* e em outros pontos da obra do Poeta mineiro, com variações.

[79] *Ele por vários córregos, girando*: este verso, ausente no manuscrito de Lisboa e nas edições do poema, figura num dos manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio.

[80] *Crescei para o cercar, louros famosos*: em alguns manuscritos e nas edições consta *Crescei para o cercar, loiros formosos.*

[81] *teu Pai*: Fernão Dias Paes Leme, pai de Garcia Rodrigues Paes. Em 1711, foi investido de poderes absolutos pelo governador Antônio de Albuquerque para prosseguir o descobrimento antigo das esmeraldas.

[82] *Adamastor*: um dos gigantes que tentaram escalar o Céu, foi castigado por Júpiter; Camões n'*Os Lusíadas* o identifica ao cabo das Tormentas (depois da Boa Esperança).

[83] *ele*: entenda-se *o filho*, mencionado no verso anterior, concebido de Itamonte.

[84] *o louro Deus*: Apolo, que roubou Eulina ao mancebo e o converteu depois em fonte ou rio. V. nota 52.

[85] *(...) das aves devorado*: numa superposição de mitos, o ribeirão é identificado aqui a Prometeu, acorrentado ao Cáucaso e condenado por Jupiter a ter o fígado bicado eternamente por uma águia. Entre outras insolências, Prometeu roubara uma faísca de Apolo, o Sol (o fogo dos Céus), para insuflar vida à criatura de barro que criara e que deu origem aos homens.

[86] *Levando*: levantando (f. do latim *levare*, como em Ovídio, *Metamorfoses*, 2, 427).

[87] *Matéria é de coturno e não de soco*: assunto é de tragédia e não de comédia; para se representar tragédias usava-se na Grécia antiga o coturno, espécie de borzeguim que ia até os joelhos, e para se representar comédias ou farsas usavam-se socos, uma espécie de tamancos. Aqui, por metonímia, o sentido estendeu-se a "tragédia", ou assuntos elevados, e "comédia", temas pouco relevantes.

[88] *Melhor do que nos mármores de Paros*: este verso, idêntico a um que aparece na ode "*Se entre as louras areias / Do meu Jaquitinhonha*", tem fornecido argumento aos que defendem a autoria de Cláudio Manuel da Costa para esta ode. Na verdade, não só o verso é aqui idêntico como são idênticos os elementos do símile que ocorre em outros pontos de sua obra, como no *Munúsculo métrico*. Veja-se a nota 78.

[89] *Eritreu*: nome dado pelos antigos ao mar Vermelho, ao oceano Índico e ao golfo Pérsico. Há aqui uma alusão às riquezas de *Tiro*, antigo porto da Fenícia, que produzia tecidos de púrpura e vidraçaria, e a *Ofir*, região famosa na Antigüidade por seu ouro, marfim, pedras preciosas e madeiras raras.

[90] *Ditosas povoações*: na ordem em que aparecem correspondem: *Vila do Carmo* a Mariana; *Vila do Ouro Preto* a Ouro Preto; a terceira, *junto ao Rio, a que as Velhas deram nome*, Sabará; *Vila da Rainha*, Caeté; a *Vila do Príncipe*, Serro do Frio.

[91] *Conde meu de Valadares*: o poema *Vila Rica*, ao que parece, foi composto aproximadamente nos anos de governo do conde de Valadares, a quem Cláudio homenageou n'*O Parnaso obsequioso e obras poéticas* e ainda nas *Obras*, de 1768. A idéia já

vinha sendo gestada lentamente, ao que se supõe, pois nas *Obras* encontram-se sementes que vão expandir-se no *Vila Rica*: é o caso da "Fábula do Ribeirão do Carmo", cujo argumento permeia todo o poema. É interessante notar que, ao findar o poema, em 1773, ele decide por dedicá-lo a José Antônio Freire de Andrada, o segundo conde de Bobadela, governador interino, em substituição ao irmão, Gomes Freire de Andrada. José Antônio deixara o governo de Minas em 1761, portanto quase dez anos antes; já não podia beneficiar o Poeta, como normalmente se fazia nas sociedades do tempo, em retribuição a louvaminhações poéticas. Deve-se, pois, registrar aqui, em favor de Cláudio, o caráter desinteressado da dedicatória aos Freires e, particularmente, ao segundo.

[92] *Erídano*: rio situado segundo a mitologia no extremo oeste da Europa, identificado ao rio Pó. Há aqui uma alusão a Antígona e Ismênia, lamentando o irmão "abrasado" Polinice. Depois de matar Etéocles e ser morto por ele, Polinice, cujo corpo foi queimado com o do irmão, foi condenado a ficar sem sepultura. Antígona, contrariando o tio Creonte, sepultou o irmão.

[93] *Conrado e outro conspirado Frade*: em outros manuscritos e edições figura *Aos dous religiosos persuade*, ainda com o propósito de omitir nomes.

[94] *De Flégon e Pírois*: nome de dois dos quatro cavalos do Sol.

[95] *O mês que Roma do seu Júlio fia*: O Poeta é exato. Trata-se do mês de julho de 1711. Aqui, como em outros pontos, os limites entre *história* e *poesia* são tênues. Ainda que historiadores póstumos a Cláudio lhe tenham criticado os erros históricos e geográficos (Diogo de Vasconcelos é um deles), é inegável sua preocupação com a veracidade dos fatos e com a fundamentação de suas informações.

[96] *Praxíteles*: famoso escultor grego do século IV a.C..

[97] *establece*: *estabelece* com a síncope do *e*, usada por razões de métrica.

[98] *Por ordem natural clara e distinta*: este verso não figura no manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, ocorrendo nos demais e nas edições. A rima *pinta / distinta* indica sua pertinência.

[99] *Da mole produção da cana loura*: Observe-se, de novo, o uso do adjetivo *mole*, como *tenra, macia*; ocorre aqui uma hipálage, isto é, a atribuição a *produção* de uma qualidade da cana.

[100] *Terás a glória de ter dado o berço / A quem te faz girar pelo Universo*: Péricles Eugênio da Silva Ramos, com lucidez, observa que Vila Rica deu o berço ao poema, não ao poeta, como se poderia pensar; é o poema que a fará *girar pelo Universo* (*Poemas de Cláudio Manuel da Costa*, S.P., Cultrix, 1966, p. 10).

NOTAS SOBRE AS NOTAS DO AUTOR (N. DE MSA)

[1] Percebendo as dificuldades que o texto de seu poema poderia oferecer a seus leitores, Cláudio elaborou o "Prólogo" e o "Fundamento histórico" e, não contente, as "Notas", que registradas no pé de página explicavam as passagens ou termos menos claros. Aqui, nas Notas ao paratexto do *Vila Rica*, vamos nos ater ao essencial, observando que o número das chamadas das "Notas do Autor" está registrado entre parêntesis: ( ).

[2] *Pedro Álvares Cabral*: em alguns manuscritos e edições figura *Pedro Martins Cabral*. A razão para o *Martins* pode, talvez, ser dada pela cópia incorreta de *Álvares* escrito abreviadamente. No manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, isto é bem visí-

vel: *Alz.* poderá ter sido tomado por *Mz.*, o que levou a um erro de cópia transmitido posteriormente. Também no manuscrito da Biblioteca de Sainte-Geneviève, em Paris, pode-se ver *Alz.*, para Álvares. Quanto à data, *1501*, há oscilação de um para outro manuscrito. Aliás, há oscilações de datas, em geral. Procurou-se transcrever aqui fielmente o que está no texto-base sem a preocupação com a veracidade da informação. Sabe-se como foram criticadas no *Vila Rica* incorreções deste tipo. Numa edição crítica do poema (em preparo) estas diferenças serão registradas.

[3] A tradução: *Quando chegou às margens do pequeno Rubicão, a enorme imagem da pátria que se agitava para o chefe....*

[4] A tradução: *Aqueles (troianos) preparam-se para a presa e para a próxima corrida; uma parte deles a corta em pedaços e a fixa palpitante nos espetos.*

[5] A tradução: *E primeiramente Acates tirou uma faísca da pederneira.*

[6] A tradução: (...) *puxando da cinza morna uma tênue fagulha, alimentou-a até transformá-la em chamas agitadas.*

[7] A tradução: *Nascido da Terra, gerou gigantes ferozes, monstros medonhos.*

[8] [*Rio de Janeiro*]: omitido certamente por lapso, no manuscrito de Lisboa.

[9] *De um Frade*: em outros manuscritos, nesta altura vem *De um certo religioso*, e encontra-se omitido o trecho *Este foi Frei F. de Menezes*, como também omitido está *Frei F. Conrado*, substituído por *outro mais.*

[10] *Jenízaros*: (fig.) tropa empregada violentamente contra o povo; em sentido próprio, designa soldados de um corpo de infantaria da guarda do sultão, conforme Caldas Aulete.

[11] A tradução: *Não ouse Tígio Pluto tentar o que ousa o Monge Efrônio.*

[12] A tradução: *Eu mesmo vi dois dos nossos* (...)

[13] A tradução: *Um olmeiro opaco, enorme....* Esta passagem faz parte de um período mais amplo: *No meio, um olmeiro opaco, enorme, estende os ramos e os braços anosos, cujo assento é ocupado pelos sonhos mentirosos, que se fixam debaixo de todas as folhas.*

[14] A tradução: *Usaram as folhas da figueira.*

Culto Métrico

[1] Na carta enviada em 1759 à Academia Brasílica dos Renascidos, Cláudio Manuel da Costa menciona, entre suas obras, o *Culto métrico*, a uma abadessa do Mosteiro de Figueiró, d. Teresa Clara de Jesus Evangelista. Observe-se que na folha de rosto do poema não figura o nome do Autor e, sim, uma d. Clara Teresa Teodora do Nascimento, nome espelhado no da homenageada, numa visível ocultação de autoria. Isto não é estranho na obra do Poeta; ocorre nas *Obras* a atribuição a figuras pastoris da autoria de poemas-resposta a outros de Glauceste Satúrnio, pseudônimo que só a partir das *Obras* Cláudio viria a adotar. Rodrigues Lapa, que encontrou este poema na Biblioteca da Universidade de Coimbra, juntamente com o *Munúsculo métrico*, possibilitou sua divulgação em 1973. Estes textos, editados em Coimbra em 1749 e 1751, respectivamente, e esquecidos por mais de 200 anos, apresentam fortes e constantes inversões, vocabulário precioso, sobrecarga de recursos retóricos, indicando a filiação barroca do Autor, ainda não iniciado na estética do Arcadismo.

[2] *Romance hendecassílabo*: o romance é uma forma poética surgida por volta do século XIV, quase sempre de caráter narrativo, de extensão indeterminada, estrofação irregular, com versos regulares e rima assonantada que podem variar de cinco, sete, dez sílabas. No caso presente, há uma evolução do conceito de *romance*: a estrofação é regular, os versos não são rimados, mas são regulares em sua medida decassilábica, apesar da classificação de *hendecassílabo*, no alto, que indica a contagem de sílabas à espanhola.

[3] *Euterpe*: musa da música, inventora da flauta.

[4] *Do licor desatou, que o monte rega*: alusão ao líquido emanado das fontes mitológicas como a de Hipocrene, no monte Parnaso, metáfora da inspiração.

[5] *adverte*: atenta, observa.

[6] *Desse brilhante campo das Estrelas*: alusão ao Empíreo, palácio resplandecente de Júpiter.

[7] *atende*: repara, observa.

[8] *teia de Himeneu*: archote de Himeneu, o deus do casamento, figurado num belo mancebo, ora triste, ora alegre, trazendo nas mãos uma flauta ou uma tocha nupcial.

[9] *Vesta*: deusa do fogo, seu templo guardava o fogo sagrado, que não podia jamais se apagar, sob pena de grandes desgraças; as Vestais, virgens sacerdotisas dedicadas ao culto de Vesta, deviam zelar para que isto não acontecesse. Nesta passagem do poema *o casto lume*, ligado ao culto de Vesta, simboliza a pureza, ou a virgindade, atributo das sacerdotisas da deusa.

[10] *Da vaidade nas lâminas, que pinta do engano a pluma*: desfazendo as inversões, tem-se: A pluma do engano que pinta nas lâminas da vaidade.

[11] *Remoras*: (ant.) obstáculos, empecilhos.

[12] *ínclito transunto*: insigne cópia.

[13] *Herdas o nome, e as virtudes herdas*: alusão ao nome da homenageada, Teresa Clara, inspirado em Santa Teresa díÁvila, freira carmelita que viveu de 1515 a 1582, e em Santa Clara, discípula de São Francisco de Assis, fundadora da Ordem das Clarissas, que viveu de 1133 a 1253.

[14] *Seráfica Diadema*: a coroa usada pelas freiras da ordem de São Francisco de Assis, ou das clarissas. Os substantivos terminados em *a* e originários de nomes neutros latinos, como *diadema, tema, clima* etc, ocorrem freqüentemente como femininos entre os antigos.

[15] *oiteiro*: o mesmo que outeiro, designa aqui o concurso de poetas que se realizava no pátio dos conventos e onde os concorrentes glosavam motes dados pelas freiras.

[16] *plaustro*: vocábulo antigo, que significa *carro aberto*; aqui é uma alusão ao carro do Sol (ou Apolo), que sai todos os dias trazendo a luz, a vida, a alegria.

[17] *Nova luz, novo sol, e novo empenho*: observe-se a plurimembração do verso, tão explorada no barroco, neste e nos demais versos trimembres do poema e, ainda, a extrema artificiosidade cultista e conceitista, visível nos dois últimos versos, cujos membros podem ser lidos complementarmente: Doure o Céu (nova luz); volva o plaustro (novo sol); orne a memória (novo empenho). O mesmo expediente pode ser notado em outros versos do poema.

Munúsculo Métrico

[1] *Munúsculo métrico*: pequeno exercício poético (f. latim: *munus*); pode-se entender também por "pequena homenagem ou brinde poético" (em Cícero, Verr. 4, 62 encontra-se *munera mittere alicui*: enviar presentes a alguém). Este poema foi editado pela primeira vez em Coimbra na "officina de Antonio Simoens Ferreira, Impressor da Universidade", em 1751, conforme se pode ver na folha de rosto. Localizado por Rodrigues Lapa na Biblioteca da Universidade de Coimbra mais de duzentos anos depois, foi divulgado, com autorização do ilustre Pesquisador português, em 1973, juntamente com o *Culto métrico* (*O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa*, tese de Doutorado, Melânia Silva de Aguiar, UFMG, Belo Horizonte, 1973).

[2] *Aluno da Academia Conimbricense*: Cláudio não se identifica aqui como Autor deste poema, que se encontra arrolado entre suas obras publicadas, na carta que envia em 1759 à Academia Brasílica dos Renascidos, da Bahia, de que tinha sido eleito sócio supranumerário. Nomeia-se modestamente *Aluno da Academia Conimbricense*. É interessante observar que no *Epicédio* (1753), oferecido a d. Francisco da Anunciação, além de tornar explícita a autoria do poema, ele se intitula *Acadêmico Conimbricence*. Possivelmente nesta época, 1753, ele já não fosse só um aluno, mas membro respeitado da Academia. O *Culto métrico* (1749), o *Munúsculo métrico* (1751) e o *Epicédio* (1753) é o que sobreviveu do tempos de estudos em Coimbra, constituindo a primeira fase da obra do Poeta.

[3] *(...) se o campo estéril / Da infrutifera idéia não fecundam / Liberais desperdícios de Hipocrene*: Desfazendo-se as inversões: (...) se liberais desperdícios de Hipocrene não fecundam o campo estéril da infrutífera idéia. A fonte de Hipocrene, situada próxima ao monte Hélicon e consagrada às Musas, inspira com suas águas os que nela bebem.

[4] *Quebra as elevações*: desce um pouco teu vôo, não te eleves tanto.

[5] *pertendes*: forma corrente à época; *pretendes*, por metátese.

[6] *as influências*: a expressão aqui está relacionada a "destino", "influxo dos astros".

[7] *o ínclito Monarca*: d. José I, que reinou de 1750 a 1777.

[8] *Iguale a recompensa onde a virtude / Triplicados os lauros se consegue*: o prêmio seja concedido três vezes a quem tem qualidades triplicadas.

[9] *se adverte*: se torna; parece haver aqui uma recuperação do sentido próprio do verbo latino *advertere*: voltar, tornar.

[10] *De Nestor a idade*: Nestor, famoso por sua sabedoria e espírito de justiça, teve sua vida prolongada por Apolo por 300 anos.

[11] *mármor*: a apócope do *e* de *mármore* possibilita o decassílabo, medida regular dos versos do poema.

[12] *Minerva*: deusa da sabedoria, evocada para qualificar as medidas ou atos reais.

[13] *emprendo*: forma que se alterna com *empreendo*.

[14] *Atlante*: filho de Júpiter, foi condenado a sustentar o mundo com os ombros por ter ajudado os gigantes na luta contra seu pai.

[15] *hespérida cultura*: alusão ao esplêndido jardim das Hespérides, filhas da Noite e de Atlante; suas árvores davam pomos de ouro.

[16] *esmalta*: ornamenta, enfeita.

[17] *E porque dos triunfos (...) / A nobreza do sangue se compete*: o trecho é confuso. Parece significar aproximadamente: e para que o tom do poema não se eleve demais, estimulado pelo brilhantismo das virtudes do Herói, a nobreza do sangue se fará presente, isto é, será cantada igualmente.

[18] *sirte deserta*: ou *sirtes*; era o nome dado pelos antigos a bancos de areia movediça do norte da África. Aqui, em sentido mais genérico, opondo-se a *florente região*, a expressão sugere com seu par antinômico, abrangência, espaço dilatado.

[19] *délfico raio*: de Delfos, cidade da Grécia antiga, famosa pelo templo e pelo oráculo de Apolo, deus do Sol; *délfico raio* é, pois, luz do sol.

[20] *palmas*: feitos gloriosos.

[21] *De um, e outro Rio*: alusão ao Rio de Janeiro e ao rio Ganges, como se vê adiante.

[22] *Paros*: por metonímia, o mármore de Paros, ilha do mar Egeu célebre pelo mármore que daí se tira.

[23] *desbasta Lisipo*: desmerece Lisipo, escultor grego do século IV a.C., rival de Apeles.

[24] *pula Zêuxis*: supera Zêuxis, escultor grego do século V a.C..

[25] *Mas que muito*: expressão que significa aproximadamente *que há de estranho?*.

[26] *Licurgo*: jurista e legislador espartano, de existência semi-lendária.

[27] *Os Ciros, os Temístocles*: por metonímia, os atributos de Ciro, fundador do império persa, de notável bravura e de tolerância para com os vencidos; e de Temístocles, hábil político ateniense e combatente nas guerras persas.

[28] *O africano Cipião*: valente general romano (séc. 3 / 2 a.C.), distinguiu-se na segunda guerra púnica; venceu Aníbal e tomou Cartago.

[29] *se advertem*: se tornam, ao que parece; estaria aqui ligado ao sentido latino do verbo *advertere*: tornar.

[30] *Láquesis*: uma das três Parcas, a que põe o fio na roca.

[31] *estame*: (do l. *stamen*, fio); fio da vida (fig.).

[32] *(...) porque nunca / Nele o curvo instrumento descarregue*: alusão à ação de Átropos, a Parca encarregada de cortar o fio da existência.

[33] *Que no cálculo faz dos benefícios / Nenhum perdido dia se numere*: parece ter havido aqui a elipse do *que*, conjunção. Assim: Que (pois) faz no cálculo dos benefícios (que) nenhum dia se numere perdido.

[34] *Letes*: rio dos Infernos, cujas águas, quando bebidas pelas sombras (e elas eram obrigadas a isso), levavam ao esquecimento do passado.

[35] *vivireis*: forma corrente à época; vivereis.

[36] *Corinto, Potosi, Numídia, Mênfis*: cidades famosas por sua riqueza, relacionadas às preciosidades nomeadas no verso anterior.

[37] *plectro*: pequena vara de marfim, com que os antigos faziam vibrar as cordas da lira. Figuradamente, inspiração poética, poesia. Observe-se o preciosismo do fecho do poema, onde o verso trimembre final complementa por partes o verso anterior, em correspondência perfeita de sentido. Assim pode-se ler: *Tíbia a voz / Quebra o ardor; rouca a lira / rompe o plectro; o engenho débil / estraga a idéia.*

Epicédio

[1] *Epicédio*: discurso, canto ou poema que celebra as qualidades de uma pessoa morta; este *Epicédio*, dedicado a Fr. Gaspar da Encarnação, foi publicado pela primeira vez em 1753, em Coimbra; no último ano, pois, de Cláudio em Portugal, como estudante de Cânones da Universidade. João Ribeiro, em sua edição de 1903, publicou incompletamente o *Epicédio*, que contém no original anotações na margem direita do texto, que vão pontuando o poema. Vai aqui o texto completo, tal como na edição de 1753. É de se supor que nesta data Cláudio já fosse bastante considerado por seus dotes literários, pois nos cinco anos que permaneceu em Coimbra publicou bastante, segundo se tem notícia pela correspondência que trocou com o secretário da Academia Brasílica dos Renascidos (de que tinha sido eleito sócio supranumerário), onde figuram os "Apontamentos" para serem anexados ao catálogo dos Acadêmicos (1759). Do que produziu neste tempo só restaram três obras: o *Culto métrico* (1749), o *Munúsculo métrico* (1751) e este *Epicédio* (1753) que demonstra no estilo arrevesado a filiação barroca do Poeta e a não adesão, pelo menos ainda, às diretrizes do Arcadismo. Constituem estes poemas a primeira fase da obra de Cláudio; os poemas das *Obras* (1768), que inaugurariam a segunda fase, revelam orientação nova, o que faz supor que neste período (1753 - 1768), o Poeta, já no Brasil ou perto de sair de Portugal, tivesse se iniciado mais a fundo nos poemas pastoris que comporiam a maioria das *Obras*, afiando sua pena. Observe-se que das três obras que nos restaram de Coimbra apenas no *Epicédio* consta *Acadêmico Conimbricense*, na folha de rosto; isto faz supor uma integração do Poeta aos círculos literários locais, não existente ainda na época dos dois poemas anteriores. Nas *Obras* já irá nomear-se *Árcade Ultramarino*. É interessante acompanhar na abertura de suas obras os indícios de sua trajetória poética.

[2] *D. Francisco da Anunciação*: Reitor da Universidade de Coimbra no tempo de Cláudio estudante, sobrinho de fr. Gaspar da Encarnação, a ele é dedicado o *Munúsculo métrico* (1751), quando pela terceira vez foi conduzido ao cargo.

[3] A tradução: *A dor não existe para aquele que se sujeita às lágrimas.*

[4] *Discorria como discreto, não como sentido*: entenda-se: falava segundo as leis da moderação, da razão, não segundo o que de fato sentia.

[5] A tradução: *Todos estes se congregaram, vieram a ti.*

[6] Nesta *Elegia*, que precede o *Epicédio*, o Autor dirige-se ao homenageado, dizendo em resumo: tudo o que a ele for consagrado não será bom, pois diante da dor falta inspiração; Apolo chora o que se foi e no Parnaso somente ecoam os murmúrios das fontes; tudo se entorpeceu para as cerimônias fúnebres dos deuses. Contudo, para o Herói, os incensos fumegam, enquanto ele é inscrito nas coortes siderais, enquanto ingere ambrosias, néctares e iguarias; que não desdenhe os cantos, que serão alívio e por outro lado estímulo da dor.

[7] *liqüida*: destrói; o sentido destes versos iniciais é bastante confuso, se não se desfazem as fortes inversões do texto. Ficaria: se em puras fráguas de votiva chama o egípcio culto a seus Heróis, que enriqueceram a fama dos troféus da vida, liqüida tanto suor arábico...

[8] *resplandor*: forma que se alterna na época com *resplendor*.

[9] Desfazendo as inversões do trecho final desta estrofe: se romano zelo em reverente indulto pagou por feudo, tributou por culto o resplandor da fugitiva rama erguida a tanta cópia em mármores...

[10] *fastos*: anais, registros de obras memoráveis.

[11] *Amaranto*: planta ou flor vermelho-púrpura, símbolo da imortalidade entre os antigos.

[12] *(...) porque a cerca atento / O luto, a dor, a mágoa, o sentimento*: a concordância aqui se faz com o primeiro núcleo (*luto*) do sujeito composto que constitui o último verso (plurimembre) da estrofe. Observe-se que o sentido da primeira estrofe se complementa com o desta segunda e pode ser resumido: Se os egípcios e os gregos honraram os seus mortos com coisas materiais (*suor arábico, cópia em mármores* ou ainda o *fúnebre amaranto da piedade bárbara*), nossa homenagem será o pranto. Veja-se o soneto XXV, das *Obras*, onde ocorre a mesma idéia: *Não de tigres as testas descarnadas*.

[13] *Que muito*: expressão recorrente em Cláudio e que significa aproximadamente *que há de estranho?*

[14] *Que arde nas aras da gloriosa fama*: observe-se a sinérese em *gloriosa* (glo-rio-sa), que possibilita o verso decassílabo; *aras*: altares.

[15] *Que quanto no valor é mais precioso*: em *precioso* (pre-cio-so) ocorre sinérese.

[16] *Vítima o Filho vê, ara a Montanha*: alusão ao episódio bíblico em que Abrãao, obedecendo à ordem de Deus, prepara-se para imolar seu filho Isaque.

[17] A tradução do texto latino marginal é: *Toma o teu filho*. E ainda: *Já que fizeste isto....* O trecho na íntegra, tal como vem no *Genesis*, é: *Toma a Isaque teu filho único a quem tu amas tanto e vai à terra da Visão; e oferecer-mo-ás em holocausto sobre um dos montes que eu te mostrarei*. E adiante: *Já que fizeste isto, e não perdoaste a teu filho único por amor de mim, eu te abençoarei, e multiplicarei a tua estirpe como estrelas do céu, e como a areia que há sobre a praia*.

[18] *a Púrpura*: dignidade de Cardeal, cujas vestes são vermelhas.

[19] *Mas que ociosa a fortuna te dourava*: registre-se aqui, além da elisão, a sinérese em *que ociosa*, possibilitando a regularidade da medida decassilábica.

[20] A tradução do texto marginal, de Sêneca, é: *A fortuna ilude com suas dádivas*.

[21] Considerando o trecho completo de Ovídio, em *Tristes*: *A volúvel fortuna erra com passos duvidosos e não permanece estável e fixa em nenhum lugar*.

[22] A tradução do trecho marginal completo relativa a esta passagem é: *Disse Moisés: peço-te, Senhor, que leves em conta que eu não sou eloqüente desde ontem e desde anteontem; e desde que falaste a teu servo tenho a língua ainda mais embaraçada e lenta*. E adiante: *Estenderei, pois, a minha mão, e ferirei o Egito com inúmeros prodígios que obrarei no meio deles; depois disto, ele vos deixará partir*.

[23] *Nêmesis*: deusa da Justiça.

[24] O trecho completo da citação marginal, de Virgílio, é: *Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna* (Bucólicas, IV, 6). A tradução é: *Já retorna a Virgem, e voltam os reinos de Saturno*. Há aqui uma alusão à Idade de Ouro, quando Saturno reinou sobre a terra e Astréia andou pelo mundo; esta retornou ao Olimpo, quando surgiu a maldade e a injustiça entre os homens. Ela se tornou a deusa da Justiça.

[25] *Atlante*: Ou Atlas, filho de Júpiter e irmão de Prometeu, condenado pelo pai a carregar o Céu (ou a Terra) sobre os ombros, por ter tomado o partido dos gigantes em sua guerra com os deuses.

[26] *Não teme, não, da Estrela tempestuosa*: neste verso ocorre um dos inúmeros casos de sinérese presentes no poema.

[27] A tradução do trecho marginal: *Órion, Arturo e Coroa são estrelas tempestuosas.*

[28] A tradução da citação marginal, de Sêneca, é: *Mais próximo de Jove, mais próximo do raio.*

[29] *de Pedro o Oráculo Sagrado*: Vaticano.

[30] *arcano*: segredo profundo.

[31] *Alcides*: cognome de Hércules e de seus descendentes; ocorre aqui uma metonímia.

[32] A tradução da primeira nota marginal, de Boécio: *O último trabalho do Céu.*

[33] *Ecce enim*: não corresponde à indicação *Isaías*, cap. LX, 17.

[34] A citação marginal de Tobias, na íntegra é: *Anima mea benedice Domimum quon iam liberavit Hierusalem civitatem suam.* A tradução: *Bendize ao Senhor, minha alma, porque livrou de todos os males sua cidade Jerusalém.*

[35] A citação marginal dos *Salmos*, na íntegra, é: *Convertisti planctum meum in chorum mihi, solvisti saccum meum et accinxisti me laetitia.* A tradução: *Convertestes meu pranto em gozo, aliviastes o meu sofrimento e me cingistes de alegria.*

[36] *Prêmio no triunfo, Louro na Vitória*: observe-se a sinérese em *triunfo.*

[37] A tradução da nota marginal é: *A vitória não é gloriosa, a não ser que as lutas tenham sido difíceis.*

[38] *Libitina*: deusa dos mortos; entre os romanos a deusa que presidia aos funerais.

[39] *Dríadas*: Ninfas das árvores e dos bosques; em Cláudio estão sempre ligadas a rios e fontes, como as *Náiades.*

[40] *pensão*: ônus, encargo.

[41] *Violento rende o infausto Sacrifício*: ocorre sinérese em *Violento.*

[42] *emprende*: forma que se alterna na época com *empreende.*

[43] A citação marginal, de Sêneca, encontra-se nas *Epistulae ad Lucilium*, inserida em trecho mais amplo: *Sepone in praesentia quae quibusdam placent, unicuique nostrum Pedagogum clari deum (...).* A tradução: *Esquece por agora as opiniões que agradam a alguns, segundo as quais a cada um de nós é atribuído um deus mentor* (...).

[44] *Alma gloriosa, à região brilhante*: ocorre sinérese em *gloriosa*; há outros inúmeros exemplos no poema.

[45] A citação lateral encontra-se em trecho mais extenso: *(...) iusti autem in perpetuum vivent et apud Dominum est merces eorum et cogitatio illorum apud Altissimum.* A tradução: *(...) ora, os justos viverão para sempre e a sua recompensa está no Senhor e o seu pensamento no Altíssimo.* E adiante: *Ideo accipient regnum decoris et diadema speciei de manu Domini quoniam dextera sua teget eos* (...). A tradução: *Portanto receberão da mão do Senhor um reino de honra e um belo diadema; porque os protegerá com a sua dextra (...).*

[46] A citação ao lado, da *Eneida* (I), integra o texto: *Devenere locos ubi nunc ingentia cernes mœnia surgentemque novae Karthaginis arcem (...).* A tradução: *Chegaram aos lugares onde verás agora grandes muralhas e a imponente cidadela de Cartago (...).*

[47] *imarcescível*: que não murcha; por extensão, que não finda.

[48] A citação de Tibulo faz parte de trecho mais amplo: *Hic choreae cantusque vigent, passimque vagantes. / Dulce sonant tenui gutture carmen aves.* A tradução: *Aqui as*

danças e os cantos florescem e, errantes, espalham-se; as aves entoam docemente um canto com a garganta delicada.

[49] Veja-se a nota 45, de citação idêntica.

[50] *traslado*: cópia, reprodução; entenda-se: a repetição no sobrinho das qualidades do tio.

SONETOS INÉDITOS

[1] Os oito sonetos que se seguem integram o manuscrito das *Obras*, que se encontra na Torre do Tombo, e que serviu à impressão da primeira edição, em 1768. Por razões não inteiramente esclarecidas estes poemas foram suprimidos, ou melhor, riscados no manuscrito, não tendo, portanto, sido impressos. Quem os teria riscado? Cláudio, os censores, ou alguém encarregado pelo Poeta de o fazer, reduzindo de 108 para 100 o número de sonetos? Aparecem no manuscrito com numeração repetida, ao lado de outro, ou então cedem o seu número ao próximo soneto, com a numeração corrigida. Em 1925, Antônio Baião publicou na *Revista de Filologia Portuguesa* (S.P. Ano II, jun. 1925, nº 18, p. 103 - 116) cinco destes sonetos (os que aqui levam os números 3, 4, 5, 6, e 8). Rodrigues Lapa publicaria em 1952, na Revista *Anhembi* (S.P., Ano II, V. VIII, out. 1952, nº 23, p. 235 - 240), os três restantes (aqui de números 1, 2 e 7).

[2] Este soneto leva no manuscrito o nº 2, ao lado do famoso "Leia a posteridade, ó pátrio Rio", de igual número, que o segue. Rodrigues Lapa vê razões estéticas para a exclusão por Cláudio do soneto riscado, de execução bastante gongórica.

[3] *métricos gemidos*: liga-se a *Estes*, do primeiro verso, constituindo o sujeito de *devem ser consagrados*, da segunda estrofe.

[4] *estragos*: danos, malefícios.

[5] No manuscrito é o de nº 59, juntamente com o soneto "*Lembrado estou, ó penhas, que algum dia*".

[6] *o pranto matutino*: o orvalho da manhã.

[7] *Co'as*: recurso da ectilipse, possibilitando o verso decassílabo.

[8] *Aurora*: deusa que anuncia a chegada do dia, é a *Ninfa cruel* do primeiro verso, que obriga com a sua chegada a separação dos amantes; este é o tema da "alba", gênero poético antigo.

[9] *outro amante peregrino*: o deus Sol, ou Apolo; peregrino: estrangeiro, que vem de longe (ou *inusitado*).

[10] *Ela*: refere-se a *Nise*.

[11] O soneto é o de número 61, no manuscrito, número que passa a constar no soneto "Deixemo-nos, Algano, de porfia", que antes era o 62.

[12] *fantástico*: fingido, imaginado.

[13] No manuscrito figura este soneto como o de número 66; a numeração dos sonetos é refeita mais de uma vez, no manuscrito, indicando as incertezas da escolha.

[14] *fermosura*: forma antiga de *formosura*.

[15] Soneto de número 83, no manuscrito das *Obras*.

[16] *assombrando*: causando assombro, admiração.

[17] Leva este soneto o número 83.

[18] Soneto de número 98, no manuscrito, antecedendo o que se inicia por "Destes penhascos faz a natureza", de igual número. É interessante notar que este soneto, apesar de não estar riscado, não consta da edição.

[19] *Epitáfio*: inscrição tumular, elogio fúnebre. Este soneto vem em seguida ao "Epicédio II" e, como este, se refere a Salício. Talvez tenha sido riscado por se achar deslocado entre três epicédios.

[20] *Compense-se da morte o horror violento*: ocorre uma sinérese em *violento*, o que permite a medida decassilábica do verso.

POESIAS MANUSCRITAS

[1] Na falta de melhor título para o conjunto de poemas que se seguem, optou-se pelo que abre o manuscrito que pertenceu ao Clube Literário de Mariana e que serviu a Ramiz Galvão para a impressão destes textos na Revista Brasileira (tomos II e III, Laemnert Ed., R.J. e S.P., 1895; II: p. 129-139, p. 228-253, p. 293-299, p. 356-372; III: p. 38-44). João Ribeiro publicou-os, ainda que incompletamente, em sua edição das *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa, de 1903 (faltam os oito últimos poemas), sob o título *Poesias inéditas*, juntamente com outras composições. Não se trata de manuscrito autógrafo, mas é o único de que se tem notícia, constituindo, pois, o texto-base. Pelo assunto dos poemas, na maioria de circunstâncias datáveis, e pelo estilo mais direto e claro, pode-se situar este conjunto na terceira fase da poesia de Cláudio, ou seja, após 1768.

[2] *D. Antônio de Noronha*: tomou posse do governo da Capitania de Minas Gerais em maio de 1775, deixando-o em 1780. Em virtude das ameaças de ataque pelos espanhóis ao Rio de Janeiro, foi incumbido, por Instruções de janeiro de 1775, de organizar forças de defesa à cidade. Executando a ordem, criou o regimento de Dragões com soldos adequados e regularizou os Corpos Auxiliares e as Milícias, além de outras medidas.

[3] A tradução: *Já agora os ouvidos são abalados pelo som rouco das trombetas, agora os clarins retumbam, agora o clarão das armas amedronta os cavalos que fogem e os rostos dos cavaleiros.*

[4] *Influís*: por *influis*; a diérese possibilita a medida decassilábica do verso.

[5] *resplandor*: forma que se alterna na época com *resplendor*.

[6] *dessolados*: sem solas, sem calçados; é possível que tenha havido erro de cópia no manuscrito, e que a forma original seja *desolados*; optou-se, no entanto, pela lição do manuscrito.

[7] *rumes*: soldados turcos ou egípcios, filhos de cristão e doutrinados no maometismo. João Ribeiro registrou incorretamente *cumes*, em sua edição.

[8] *cambaias*: cambetas, de pernas tortas.

[9] *Febo as aponta*: a presença da mitologia, no caso o deus Sol, serve ao Autor na metáfora em que fica registrada a extensão do domínio lusitano.

[10] *talar*: destruir, arrasar.

[11] *assina*: assinala, mostra.

[12] *Lusitana Quina*: alusão à bandeira portuguesa, onde figuram cinco escudos integrantes de suas armas.

[13] *Remnúsia*: Nêmesis, deusa da Vingança e da Justiça; Ramiz Galvão corrigiu para *Ramnúsia*, no pé de página.

[14] *fantesia*: forma antiga de *fantasia*.

[15] *Tritões*: semideuses metade homens, metade peixes, que formam com as Nereidas o cortejo de Netuno.

[16] *O Hispano Leão*: antonomásia de Espanha, ou de seu povo. Em outras passagens usa *Leão ibero*.

[17] *Lenho*: navio, por metonímia.

[18] *ua*: forma antiga de *uma*, que se alterna na época com a primeira.

[19] *Da tua proteção, de ti ouvido*: Teixeira Coelho, em sua *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, assim se refere a d. Antônio de Noronha, confirmando o julgamento do Poeta: "Este governador tem grandes talentos e um gênio forte, mas a humanidade de que é dotado e a facilidade com que cede ao conselho e à razão fazem que o seu ardor natural se contenha nos limites justos: ele é inclinado às ações grandes, constante e ativo na execução delas: é muito desinteressado e liberal, com excesso: é muito esmoler: ouve com afabilidade os pequenos e é o terror dos maus."

[20] *Nêmesis*: deusa da Justiça, representada com os olhos vendados e uma balança em uma das mãos.

[21] [Nele]: trecho ilegível no manuscrito; palavra suposta.

[22] *Gênio Espanhol*: segundo os antigos, todos os seres e coisas, inclusive os lugares, tinham seus Gênios tutelares ou Forças da Natureza; a apóstrofe ao Gênio Espanhol, com a mudança de interlocutor, quebra a seqüência do discurso, dirigido inicialmente ao homenageado, e introduz o grotesco e o hediondo atribuído ao rival.

[23] *Proteu*: deus marinho, filho de Netuno, guardião dos rebanhos do mar: focas e cetáceos.

[24] *irmãos travados*: alusão aos gêmeos, filhos de Édipo e Jocasta, inimigos até depois da morte; herdeiros do trono de Tebas, mataram-se um ao outro na disputa do poder.

[25] *Qual fero Jarbas a disputar Cartago*: Diante da recusa de Dido, rainha de Cartago, em se tornar sua esposa, declarou guerra aos cartagineses.

[26] *trezentos Fábios*: os 306 membros da família romana, que se uniram para combater os Veios, sem nenhum auxílio, perecendo no combate.

[27] *Anteu*: gigante, filho de Netuno e da Terra; a cada vez que era arremessado ao solo, em contacto com sua mãe Terra ganhava mais forças. Nesta passagem faz-se alusão a esta sua característica, que o iguala, na visão do Poeta, ao homenageado.

[28] O poema de Voltaire, de que o de Cláudio se diz uma tradução, é a "Stance XVI", de estrofação distinta (são sete quadras) e versos isométricos. Não só a forma é muito diversa na ode de Cláudio, como ainda a tradução é bastante livre, tirando o tradutor efeitos poéticos significativos, impossíveis numa tradução linear. Usou-se para o cotejo a edição das *Œuvres Completes*, tomo XVI, Paris, Baudouin Frères Ed., 1827.

[29] *um sábio*: Voltaire se refere a Frederico, o Grande, da Prússia, seu protetor e amigo. Esta ode, é anterior a 1755, quando, desentendendo-se com o Rei, retirou-se para sua propriedade, em Ferney.

[30] *Palas*: ou Minerva, deusa da sabedoria, mas também da guerra, das artes e das ciências.

[31] *Marco Aurélio*: imperador romano, que reinou de 161 a 180, famoso por sua sabedoria e amor à filosofia e às letras.

[32] *Salústio*: historiador romano, que viveu no século I a.C..

[33] *Licurgo*: segundo a tradição, o legislador de Esparta; viveu, supostamente, no século IX a.C..

[34] *Virgílio*: o poeta latino, que viveu no século I a.C., é uma das principais presenças clássicas na obra de Cláudio; em Voltaire fica assinalada aqui a mesma admiração.

[35] *D. Maria José Ferreira d'Essa*: trata-se da mulher de d. Rodrigo José de Meneses, governador de Minas Gerais de 1780 a 1783, de quem o Poeta foi amigo. A ele Cláudio dedicou uma cópia de seu poema *Vila Rica*, conforme se pode ver em letra manuscrita, *Ao conde de Cavaleiros*, na folha de rosto do belíssimo exemplar existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, e que serviu de base para a presente edição do poema.

[36] *Títiro e Melibeu*: pastores presentes em Virgílio, de que há ressonâncias em pontos outros desta écloga.

[37] *Ícaro*: filho de Dédalo, que fez para o filho asas de penas ligadas com cera e fixadas ao ombro. O sol derreteu-as e Ícaro caiu do Céu.

[38] *da Memória as castas filhas*: as Musas, filhas de Júpiter e da Memória (*Mnemosine*).

[39] *Dríadas (...) Napéias*: Ninfas respectivamente dos bosques e das árvores; dos vales e pradarias.

[40] *Devem-se as rosas de Maria aos anos*: desfazendo o hipérbato: As rosas devem-se aos anos de Maria.

[41] *selva idéia*: selva do monte Ida, na Frígia, onde o pastor Páris deu a Vênus a vitória no concurso de beleza entre as três deusas: Vênus, Juno e Minerva.

[42] *Xanto*: rio da Tróade, cuja capital era Tróia.

[43] *Da roubada beleza o triste caso*: alusão a Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta; Helena foi raptada por Páris, desencadeando a guerra de Tróia.

[44] *Pérgamo*: cidadela de Tróia; os poetas dão esse nome às vezes à própria cidade de Tróia.

[45] *Heitor, dos Gregos infeliz desprezo*: *Heitor* é herói de Tróia, valente e justo; foi derrotado por Aquiles, que o mata, amarra o cadáver a seu carro e com ele desfila ao redor de Tróia.

[46] *Se em moles palhas a bater começa*: registre-se as semelhanças entre este verso e o primeiro do poema anterior *Inexperto menino, os moles anos* e, sobretudo, o do soneto *As moles asas a bater começa*, neste bloco, adiante.

[47] *Deusa de Pafos, e Amatunta*: antonomásia de Vênus, que tem nas cidades de Pafos e Amatunta belos templos onde é cultuada.

[48] *Eufrosina e Aglaia*: nomes de duas das três Graças; a terceira é *Talia*. Tinham por função inspirar a amizade pura, o bom humor, a alegria etc..

[49] *estância*: lugar onde se está por algum tempo.

[50] *Napéias*: Ninfas dos vales e prados.

[51] *teias*: tocha, archote.

[52] *tripúdios*: bailes, danças sapateadas.

[53] *coréias*: danças, bailes.

[54] *o deus vendado*: antonomásia de Cupido, o deus do Amor.

[55] *algua*: forma que se alterna na época com *alguma*.

[56] *Himeneu*: o deus do casamento realizado dentro dos ritos.

[57] *Canto épico*: este poema é ainda em louvor à mulher do governador, d. Rodrigo José de Menezes. Os poetas Gonzaga e Alvarenga Peixoto, como Cláudio, gozaram do convívio do governador e sua família e compuseram também poemas de louvor a d. Maria José.

[58] *o Cantor*: Luiz de Camões, autor d'*Os Lusíadas* (1572), onde canta os feitos de Vasco da Gama, mencionado a seguir como *Lusitano Herói*.

[59] *Castro*: Inês de Castro, cujo drama Camões narra n'*Os Lusíadas*, em episódio lírico de extrema beleza.

[60] *Se do Mondego aos campos nunca enxutos*: reminiscência de dois versos d'*Os Lusíadas*, no espisódio de Inês de Castro: *Nos saudosos campos do Mondego, / De teus formosos olhos nunca enxuto*. Observe-se que Camões faz a concordância do adjetivo com *Mondego, nunca enxuto dos formosos olhos*; em Cláudio, os campos é que nunca estão enxutos das lágrimas da Ninfa bela. Os versos que se seguem apresentam ecos de vários outros desta passagem do poema camoniano.

[61] *Júlios*: alusão ao grande general e estadista romano Júlio César, metonimicamente empregado para indicar "bons chefes", "governantes".

[62] *ao de Mântua*: ao de Virgílio, nascido em Mântua.

[63] *ó Pedro*: Pedro I, de Portugal, cognominado "o Justiceiro", filho de d. Afonso IV; enamorou-se de Inês de Castro, dama castelhana, perseguida na corte e assassinada por ordem de d. Afonso.

[64] *que já me finjo e pinto*: observe-se que aqui é Camões quem fala, prevendo a descendência de Inês e Pedro, até chegar à homenageada, d. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon.

[65] *surprende:* forma que se alterna com *surpreende*.

[66] *Tágides*: Ninfas do Tejo.

[67] *Pertendo*: pretendo.

[68] *felices*: forma erudita de *felizes*.

[69] *Zenóbias*: alusão, por metonímia, às qualidades de Zenóbia, rainha de Palmira (séc. III a.C.); depois da morte do marido, reinou em nome do filho e estendeu seus domínios até os confins do deserto sírio.

[70] *Cleonices:* alusão a Cleonice; jovem de Bizâncio (séc. V a.C.) amada de Pausânias, general espartano que a desprezou posteriormente, matando-a.

[71] *Pórcias*: alusão, por metonímia, à fidelidade de Pórcia, mulher de Bruto, um dos assassinos de César; ela matou-se quando soube da morte de Bruto.

[72] *Berenices*: alusão a Berenice (ou seus atributos), princesa judia, filha de Herodes Agripa I, levada para Roma por Tito.

[73] *Tito*: Tito Lívio, historiador romano, de tendência patriótica, que viveu no período de transição para a era cristã.

[74] *De Aretusa, e de Alfeu*: a ninfa Aretusa, perseguida pelo deus-rio Alfeu, foi transformada por Diana em fonte; em sua perseguição amorosa, o rio misturou suas águas às da fonte.

[75] *Trinácria*: nome dado a Sicília, devido aos seus três montes.

[76] *Elide*: país da Grécia antiga, na costa ocidental do Peloponeso.

[77] *pronostico*: forma antiga; o mesmo que *prognostico*: prevejo, pressagio.

[78] *o mundo de Saturno estado*: alusão à Idade do Ouro, quando Saturno reinou sobre a terra.

[79] *(...) por fábula dos séculos se aceite*: isto é, não se aceite como coisa falsa, inventada.

[80] *Astréia*: a deusa que, tendo descido à terra na Idade de Ouro, retirou-se para o Céu quando começou a existir a maldade entre os homens.

[81] *o Vate*: o poeta Camões, a quem é atribuída a fala na maior parte do discurso poético.

[82] *Cantata epitalâmica*: tipo de poema entremeado com música, aqui a cantata é epitalâmica, isto é, uma homenagem às núpcias de Francisco de Paula Freire de Andrada.

[83] *Mavorte*: Marte, o deus da guerra.

[84] *Andrada*: Francisco de Paula Freire de Andrada, o futuro inconfidente, filho legitimado de José Antônio Freire de Andrada, o segundo conde de Bobadela.

[85] *Deus gradivo*: antonomásia de Marte.

[86] *Branca Deusa*: Vênus, que nasceu das ondas e que tem em Chipre e Amatunta templos a ela consagrados.

[87] *Itamonte*: o mesmo Itacolomi, pico de Ouro Preto (antiga Vila Rica), em Minas Gerais.

[88] *Ode*: esta ode teria sido escrita no segundo semestre de 1782, quando se deu o nascimento de José Tomás de Menezes, filho de d. Rodrigo José de Menezes. Também Alvarenga Peixoto celebrou este nascimento no famoso "Canto genetlíaco", onde, além da exaltação da terra e do(s) homenageado(s) há aquele orgulho pelo nascimento no Brasil de descendentes de europeus ilustres: *que os heróis das mais altas cataduras / principiam a ser patrícios nossos; / e o vosso sangue, que esta terra ensopa, / já produz filhos do melhor da Europa* (*Vida e obra de Alvarenga Peixoto*, MEC, R.J., 1960, p. 33, por Rodrigues Lapa).

[89] *Formosos habitantes / Do pátrio Ribeirão*: observe-se aqui a diferença de tratamento dado às Ninfas do Ribeirão do Carmo, que aparecem em poemas mais antigos em concorrência desleal com as do Tejo, ou do Mondego, quando não são simplesmente ignoradas, como no soneto II, das Obras: *Leia a posteridade, ó pátrio Rio*.

[90] *a filha de Titão*: Aurora, filha de Hiperíon (ou Titã, o Sol).

[91] *Eufrosina, Talia e a branca Aglaia*: as três Graças, amigas das Musas; *Eufrosina*: a alegria da Alma; *Talia*: a verdejante; *Aglaia*: a brilhante.

[92] *Pontével*: d. Domingos da Encarnação Pontével, bispo de Mariana, amigo chegado do governador d. Rodrigo José de Meneses.

[93] *Etontes*: Éton é um dos cavalos do Sol; aqui, por metonímia, os cavalos do Sol, que simbolizam a duração dos dias, e por extensão a longa idade desejada a Pontével.

[94] *comua*: forma corrente à época; feminino de *comum*.

[95] *aônios*: dos montes da Aônia, onde as Musas eram veneradas.

[96] *plectro*: pequena vara de marfim com que se fazia vibrar as cordas da lira; inspiração poética (fig.).

[97] *fantesia*: forma antiga de *fantasia*.

[98] *Cinosura*: constelação da Ursa Maior.

[99] *Tamisa*: *Tâmisa, Tamisa, Tâmesis*, são formas registradas por Caldas Aulete. No manuscrito do "Clube Literário de Mariana" vem *Tamezi*, não se sabe se com acento na 1ª ou 2ª sílaba.

[100] *os que de Aônia bebem*: os inspirados, os poetas. A Aônia, nome poético da Beócia, está associada às Musas e à inspiração.

[101] *Bastardos Gentios, que da tenra infância*: se não se observar a sinérese em *Gen-tios*, teremos um verso de pé quebrado.

[102] *Tasso*: poeta italiano (1544-1595), autor, entre outras obras, de *Jerusalém Libertada*; tendo enlouquecido, ficou encarcerado durante sete anos; solto, teve períodos de lucidez quando escrevia sua obra. Morreu em Roma.

[103] *o cantor da grega gente*: Homero (séc. VIII, a.C., aproximadamente), que, segundo a tradição, já velho e cego, ia de cidade em cidade, recitando os seus versos. *Ilíada* e *Odisséia* são as obras imortais a ele atribuídas.

[104] *De Epopéia jamais de algum trilhada*: alusão ao *Paraíso perdido*, que Milton (1608-1674), velho e cego, ditou à sua mulher e às duas filhas.

[105] *Aquilon*: pólo ou região boreal.

[106] *Tudo*: no manuscrito vem *tu*, com erro evidente de cópia.

[107] *Estígio lago*: situado na entrada dos Infernos, ou do Reino dos Mortos, por ele passavam as almas, na barca de Caronte.

[108] *fantesia*: forma antiga de *fantasia*, com que se alterna na época.

[109] *ambrósia*: ambrosia; adotou-se aqui *ambrósia*, por razões de métrica e de ritmo; Caldas Aulete dá significados diferentes para as duas formas, ou seja, *ambrósia*: planta odorífera; *ambrosia*: alimento dos deuses do Olimpo, que dava e conservava a imortalidade.

[110] A tradução: "O leão, o mais forte dos animais, não terá medo de nada que encontra".

[111] *Entrangeira Terra*: Itália, terra de João Batista Pelle, que o poeta identifica à *Fúria* (1º verso), divindade que personifica o mal.

[112] *Ravalhaques, (...) Dimiães (...), Jaques*: por metonímia, os que atentam contra seus governantes.

[113] *pregoa*: apregoa, proclama.

[114] D. Antônio de Noronha, retomando os trabalhos iniciados anteriormente pelos governadores Luiz Diogo da Silva Lobo e seu sucessor, o conde de Valadares, enviou à região inóspita do Caeté paisanos e picadores de mata para abrirem caminho. Segundo Diogo de Vasconcelos, não se chegou a fazer em dois anos mais do que vinte léguas, tais as dificuldades encontradas: cachoeiras perigosas, florestas cerradas e botocudos ferozes eram algumas delas. Mesmo depois de ser nomeado o seu sucessor, terminado o triênio de seu governo, ainda assim d. Antônio de Noronha foi pessoalmente verificar os trabalhos realizados.

[115] *mavórcia*: guerreira, de Marte.

[116] *Cipiões (...) Emílios (...) Césares (...)*: alusão por metonímia às qualidades guerreiras de figuras históricas que se sobressaíram no campo de batalha.

[117] *mas fumando / Ainda o campo está do sangue*: compare-se à abertura do *Uraguai*: *Fumam ainda nas desertas praias / Lagos de sangue tépidos e impuros.*

[118] *Manes*: almas dos mortos.

[119] *Esta arte rara de vencer sem armas*: o louvor do herói civilista, mais preocupado em promover o progresso o bem-estar do que em fazer guerras, é típico do ilustrado século XVIII, e também entre os nossos poetas será uma constante: além de Cláudio, Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto e Gonzaga exaltaram o herói civilista, empreendedor.

[120] *Ele, os nervosos braços sacudindo*: observe-se a precisão descritiva desta cena, que se destaca do discurso de considerações "filosóficas" do início, para acrescentar o exótico e concreto mundo novo, inaugural.

[121] *maneio*: *meneio*, ação de *menear*, voltar de um lado para outro.

[122] Há em todo este trecho a alusão aos trabalhos desenvolvidos no governo de d. Antônio de Noronha no sentido de aumentar a arrecadação; entre eles estava o de facilitar a penetração nas regiões inóspitas do sertão do Caeté, fazendo-se pontes, aplainando morros, e abrindo-se assim, no dizer de Teixeira Coelho, "uma porta franca para se desentranharem os imensos tesouros que criou a natureza naquele sertão" (op. cit. nota - 19, cap. 11, § 7º, 123). Já antes tentara o governador encetar obras para dar novo curso ao Ribeirão do Carmo, e assim fazer baixar o nível do rio, deixando à mostra as ricas camadas de ouro, sepultadas pelos desmontes; esta idéia, entretanto, devido ao grande trabalho e despesas, não foi adiante.

[123] É curioso observar como o Índio que aqui fala, que só agora começa a conhecer *a civil polícia do teto e do vestido*, seja tão versado na história antiga e contemporânea sua (ou quase), discorrendo com desenvoltura sobre assuntos variados. Esta incoerência não é só de Cláudio ou dos árcades...

[124] *Encélado*: gigante que se rebelou contra os deuses, tentando escalar o Céu, e foi transformado em rochedo (ou lançado sob o Etna); identifica-se aqui às montanhas que cercam Vila Rica, particularmente, o Itacolomi, pico que se avista nas cordilheiras longínquas.

[125] *O herói de Cartago*: Enéias, que arremessado com seus navios às costas da África, foi recebido por Dido em Cartago.

[126] *facúndia*: eloqüência; dom da oratória.

[127] *Melhor do que nos mármores de Paros / Ou nos polidos bronzes de Corinto*: Observe-se a semelhança do símile com outras passagens do Poeta; no *Munúsculo métrico*, no Canto IX, do *Vila Rica* e, ainda, na ode "*Se entre as louras areias*", dirigida a Luiz Beltrão de Gouveia, de autoria duvidosa. A semelhança reforça a tese de atribuição a Cláudio da autoria desta ode, que andou instigando os pesquisadores, como se vê em Rodrigues Lapa, na edição das *Obras completas*, de Gonzaga (1957).

[128] *Vivirás*: forma corrente à época; *viverás*.

[129] *Maria*: trata-se de d. Maria José, mulher do governador, d. Rodrigo José de Menezes.

[130] *Tito*: imperador romano (41 d.C. - 81 d.C.), conhecido por sua generosidade e dedicação ao povo.

[131] Os sonetos que se seguem são circunstanciais e, em sua maioria, dedicados a membros da família de d. Rodrigo e ao marquês de Pombal. No manuscrito vêm nesta ordem e antecedem os dois poemas de glosa "À grandeza de Maria", que encerram este códice. João Ribeiro, em sua edição (1903), publicou até o soneto XII, deixando de fora o final, certamente por distração.

[132] *As moles asas a bater começa*: este soneto foi excluído da edição das obras completas de Tomás Antônio Gonzaga, organizada por Rodrigues Lapa e editada pelo INL/MEC em 1957. O erudito português, considerando que a composição deve ser mesmo de Cláudio (já Manuel Bandeira e Sud Menucci haviam emitido esta opinião), decidiu por deixá-la de lado. Na verdade, este soneto integra o manuscrito do "Clube Literário de Mariana" e, se não fosse de Cláudio, não teria motivo para figurar ao lado dos outros poemas. Além do mais, a semelhança estilística com outros poemas de Cláudio atestam sua filiação. Veja-se a ode aos anos de d. Maria José D'Essa, que se inicia com *Inexperto menino, os moles anos*, e termina: *Se em moles palhas a bater começa / Curtas asas o leve passarinho, / Não se aparte do ninho* (...) Para reforçar a tese da autoria de Cláudio, recentemente localizei em manuscrito de 1786, da Biblioteca Nacional de Lisboa, este soneto, atribuído a Cláudio. Trata-se da "Coleção de sonetos sérios, que se não acham impressos, extraídos dos manuscritos antigos e modernos" (ms. 8610).

[133] *Da saudosa, e já deixada terra*: observe-se a diérese em *saudosa* (sa-u-do-sa), que permite a manutenção da regularidade métrica (verso decassílabo).

[134] *registei*: forma que se alterna ainda hoje com *registrei*, embora menos usada.

[135] *Cléia*: jovem romana (séc. VI a.C.), célebre por sua coragem.

[136] *Lucrécia*: dama romana (séc. VI a.C.), que se matou ao ser violentada pelo filho de Tarqüínio, rei de Roma; com seu gesto contribuiu para o fim da monarquia e o advento da república.

[137] *Semíramis*: rainha lendária da Assíria e Babilônia, sucedeu ao marido, fortificando e embelezando a Babilônia; deixou o trono para o filho, transportando-se ao céu em forma de pomba.

[138] *Zenóbia*: rainha de Palmira (séc. III), cidade antiga da Síria. Sucedeu a seu marido e reinou em nome de seu filho. Expandiu seu império por toda a Ásia Menor.

[139] *Este é o rio*: o rio Lete, do esquecimento.

[140] *Um curvo, e branco velho*: Caronte, o barqueiro dos Infernos.

[141] *Vagantes sombras, que feliz estado*: Observe-se a identidade de tom desta estrofe com a da ode *Já vou tocando, ó Lício*, atribuída a Gonzaga. Esta ode, que figura em livro manuscrito inédito de Cláudio (*Manual de Obras)*, deve mesmo ser de autoria do Poeta mineiro (V. Introdução).

[142] *Sombras ilustres dos varões famosos*: este soneto, atribuído às vezes a Gonzaga, figura no manuscrito do "Clube Literário de Mariana", tendo sido publicado por Ramiz Galvão e João Ribeiro, que o atribuem a Cláudio. Rodrigues Lapa o colocou em Apêndice em sua edição de Gonzaga (INL, 1957). Dedicado ao marquês de Pombal, como outros de sua autoria, Cláudio não foge aqui aos traços gerais de sua poesia: abundância das figuras mitológicas recorrentes, domínio do verso no soneto bem armado, a gravidade da dicção.

[143] *Licurgo*: legislador de Esparta, viveu provavelmente no séc. IX a. C..

[144] *Solon*: legislador grego possivelmente do séc. VI a.C.; é um dos "sete sábios da Grécia"; a forma Solon, oxítona, é aqui mais indicada por razões rítmicas.

[145] *Mazarinos*: por metonímia, alusão aos atributos de Mazarino (1602-1661), estadista francês e cardeal da Igreja Católica, diplomata habilidoso e conselheiro real.

[146] *funestá-los*: desonrá-los, infamá-los.

[147] *Impio*: forma que se alterna com *ímpio*, ainda que se aponte, a rigor, diferença de sentido, nem sempre observada: *impio*: cruel; *ímpio*: sem respeito às coisas sagradas.

[148] *of'rece*: *oferece*, com a síncope do *e*.

[149] *arrecuado*: *recuado*.

[151] *tenro Menino*: pelo teor das composições do conjunto, trata-se do filho de d. Rodrigo e d. Maria José d'Essa, José Tomás de Menezes, nascido em 1782.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

PREFÁCIO

M. Rodrigues Lapa

* LAPA, M. Rodrigues. *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga I*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957, p. IX-XXXV.

UM ÁRCADE ENTRE A LIRA E A LEI

Lúcia Helena

[1] In: HOLANDA, Sergio Buarque. *Capítulos de literatura colonial*. Organização e introdução de Antonio Candido. São Paulo, Brasiliense, 1991. p. 421.

[2] HOLANDA, Sergio Buarque, *Opus cit.*, p. 181.

[3] In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 5ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1975. v. 1 p. 43-4.

[4] Cf. HOLANDA, Sergio Buarque, *Opus cit.*, p. 220.

[5] Cf. CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 44.

[6] Lira 42 na numeração de Rodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 76.

[7] Lira 54 na numeração de Rodrigues Lapa. In; GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 96.

[8] Cf. CANDIDO, Antônio. *Opus cit.*, p. 49.

[9] CRISTÓVÃO, Fernando. *Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga: ou a poesia como imitação e pintura*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1981. p. 20.

[10] BOILEAU-DESPRÉAUX, Nicolas. *A arte poética*. Intr., trad. e notas Célia Berretini. São Paulo, Perspectiva, 1979. (Coleção Elos, 34)

[11] BOILEAU-DESPRÉAUX, Nicolas. *Opus cit.*, p. 16.

[12] SILVA, Victor Manuel de. *Teoria da literatura*. 3ª ed. Coimbra, Almedina, 1873. p. 451.

[13] Lira 33 na numeração de Rodrigues Lapa: In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 59.

[14] In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 114.

[15] Cf. HOLANDA, Sergio Buarque. *Opus cit.*, p. 224.

[16] Conforme Rodrigues Lapa, Tomás Antôno Gonzaga "nasceu na Rua dos Cobertos, cidade do Porto, em 11 de agosto de 1744. Seus pais foram João Bernardo Gonzaga, magistrado, natural do Rio de Janeiro, e Tomásia Isabel Clarque, portuense". Cf. GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias. Cartas chilenas.* Prefácio, edição e notas de Manuel Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL. 1957. p. ix.

[17] DUTRA, Waltensir. "Tomás Antônio Gonzaga". In: COUTINHO, Afrânio, edit. *A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, Sul Americana, 1956, v. I, t. 1, p. 479.

[18] É a aconselhável a leitura, sobre o assunto, do texto de MERQUIOR, José Guilherme. "Os estilos históricos na literatura ocidental". In: PORTELA, Eduardo et ali. *Teoria literária.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. p. 40-92. Neste artigo, Merquior especifica a variabilidade de tônicas manifestadas pelo período neoclássico, que não deve ser visto como um bloco unificado de tendências, mas como uma encruzilhada extremamente matizada e complexa.

[19] Sobre este aspecto, desenvolvo mais profundamente a questão na edição que organizei, sobre a lírica de Tomás Antônio Gonzaga, para a editora Agir, na Coleção Nossos Clássicos, v. 114.

[20] ÁVILA, Afonso. "A natureza e o motivo edênico na poesia colonial". In: — *O poeta e a consciência crítica.* Petrópolis, Vozes, 1969. 35.

[21] CANDIDO, Antonio, *Opus cit.*, p. 114-5.

[22] Sobre a autoria das *Cartas chilenas*, Wilson Martins argumenta que elas poderiam ter sido escritas por qualquer amador da literatura, qualquer poeta dissexto das montanhas mineiras, embora acrescente: "Nada disso tira ao trabalho do Sr. Rodrigues Lapa qualquer das suas notáveis qualidades de erudição proba a conscienciosa, nem, mesmo, da sua credibilidade, no estágio atual da questão. Com os elementos de que dispomos, quero dizer, abandonadas as impressões puramente subjetivas de leitura, e apoiando-se exclusivamente em dados históricos e filológicos, parece impossível contestar os resultados a que chegou o Sr. Rodrigues Lapa quanto à autoria das Cartas Chilenas", por ele atribuída a Gonzaga. Cf. MARTINS, Wilson. "Eu, Marília". In: — *História da inteligência brasileira.* São Paulo, Cultrix, 1976. v. 1, p. 475.

[23] CANDIDO, Antonio, *Opus cit.*, p. 167.

[24] Cf. WATT, Ian. *A ascensão do romance.* Trad. Ildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p.57.

[25] MAXWELL, Kenneth. *A devessa da devassa.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

[26] Lira 86 na numeração de Rodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 153.

[27] Lira 64 na numeração de Rodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 116.

[28] Opus cit, locus cit.

[29] Lira 85 na numeração de Rodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 152.

[30] Cf. CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 125.

[31] Cf. CANDIDO, Antonio. *Opus cit.*, p. 114-26.

[32] Cf. Lira 23 na numeração deRodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesia. Cartas chilenas.* Prefácio, edição e notas de Manuel Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957 p. 39 (Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga, v. 1)

[33] Cf. lira 21 na numeração de Rodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 35.

[34] Cf. lira 35 na numeração de Rodrigues Lapa. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 65.

[35] CRISTÓVÃO, Fernando. *Opus cit.*, p. 68.

[36] Cf. lira 11 na numeração de Rodrigues Lapa In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 15.

[37] Cf. lira 53 na numeração de Rodrigues Lapa In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 94.

[38] Cf. lira 77 na numeração de Rodrigues Lapa In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Opus cit.*, p. 137-8.

MARÍLIA DE DIRCEU

As notas estão numeradas a partir de indicação local, nos versos ou trechos que suscitaram comentários ou em que ocorram variantes, sendo as seguintes siglas adotadas para indicar as diferentes Edições de Marília de Dirceu utilizadas no estabelecimento do texto desta questão:

N – da Tipografia Nunesiana, 1ª edição da parte I, de 1792;

N[1] – da Oficina Nunesiana, 2ª edição da parte I, de 1799;

N[2] – da Oficina Nunesiana, 1ª edição da parte II, de 1799;

N[3] – da Oficina Nunesiana, 2ª edição da parte II, de 1802;

L – da Tipografia Lacerdina, contendo a parte I e a parte II (coma acréscimos de estrofes, composições e alterações na ordem original), 1881;

R – da Impressão Régia; 1ª edição da parte II, considerada autêntica, de 1812.

PRIMEIRA PARTE

[1] Segundo a crítica mais difundida, neste poema, Tomás Antônio Gonzaga, ressaltando seus atributos, defende-se das acusações de que estaria velho para Maria Dorotéia (Marília) e não teria bens de fortuna a sua altura. Tomás Brandão (*Marília de Dirceu*, Guimarães, Belo Horizonte, 1932) dá notícia de uma oposição inicial da família de Maria Dorotéia. Atente-se para o uso de expressões que sugerem a distância de condição social e de aparência física entre o pastor (o poeta) e um rústico vaqueiro qualquer. A profª Letícia Malard afasta aqui a hipótese de um referente biográfico "até certo ponto ridículo", preferindo buscar correspondências entre a personalidade poética e uma divindade mitológica ("Gonzaga — o Pastor Apolo", *Escritos de literatura brasileira*, Ed. Comunicação, Belo Horizonte, 1981, p.60).

[2] A inicial maiúscula em Estrela antecipa a mitificação de elementos da natureza, presente em todo o livro, e o realce àqueles que traduzem a idéia de "sorte", "fadário".

[3] Alceste e Glauceste Satúrnio eram nomes poéticos de Cláudio Manuel da Costa. Nesta e em outras passagens transparece a admiração de Gonzaga pelo amigo de Vila Rica que, segundo declarações do próprio poeta, no interrogatório a que foi submetido, aconselhava-o em matéria de poesia (cf. Lira XXXI [1º], XXXIII [1º], entre outras).

[4] "Concerto": faço soar com harmonia.

[5] Segundo alguns especialistas, como Tarquínio J.B. de Oliveira (As *Cartas chilenas — fontes textuais*, Ed. Referência, São Paulo, 1972, p. 132), duas são as Marílias: Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão é a Marília de cabelos negros (ver Lira II [1º]); Maria Joaquina Anselma de Figueiredo, amante de Gonzaga e de Cunha Meneses, mulher de Jerônimo Xavier de Souza, o Jelônio das *Cartas chilenas*, seria a Marília loura. A julgar que este poema esteja dedicado à Maria Dorotéia, como tudo indica, a expressão "fios d'ouro" pode ser tomada como um "topos" poético, de raiz clássica. Alberto Faria atribuiu-o em Gonzaga à influência de Petrarca.

[6] *Aqui* (N); *Ali* (L). A forma da edição de 1811 (L) não é melhor que a da 1ª edição (N). O poeta pode imaginar-se transportado para a floresta, sentindo sua proximidade.

[7] "Toucarei": enfeitarei; sentido em desuso.

dous (N); *dois* (L). Esta última forma é melhor pois preserva a rima do 4º com o 8º verso da estrofe, procedimento regular no poema.

[9] *modo* (N); *gesto* (L).

[10] Referência às transformações a que se submeteu Júpiter para ter sucesso em suas conquistas amorosas.

[11] Por suas relações com Vênus, Marte foi cercado de uma rede invisível feita por Vulcano, furioso com a traição da deusa, sua esposa.

[12] Estrofe ausente em N, N1, aparece pela primeira vez em L.

[13] Este poema inspirou certamente Domingos Caldas Barbosa, o Lereno da Nova Arcádia portuguesa, prova do prestígio de Gonzaga no seu tempo. Veja-se "À formosa Armânia", em *Viola de Lereno*, principalmente o estribilho: "Armânia, Armânia,/Escuta, escuta/Um triste pastor", onde persiste a idéia e o metro (redondilha menor), ainda que com um verso a mais no refrão (edição da Imprensa Nacional, Rio, 1944).

[14] *nos ninhos* (N); *dos ninhos* (L). A lição da primeira edição é legítima; "nos ninhos" é adjunto relativo a "nascidas".

[15] Laura aparece em mais de um passo das *Liras* (cf. Lira XVII); teria ocupado em outro tempo as atenções do poeta; não fica descartada a hipótese de ser Laura a outra "Marília" de cabelos louros.

[16] *manso* (N); *gordo* (L).

[17] Refere-se muito provavelmente a Alvarenga Peixoto.

[18] Como aqui, a projeção na natureza dos estados de alma, corrente no Romantismo, aparece com alguma freqüência em outros poetas do tempo. Cláudio Manuel da Costa resume a causa deste estranhamento diante de uma natureza mudada: "Mas que venho a estranhar, se estão presentes/Meus males, com que tudo degenera!" (Soneto VII, *Obras*).

[19] *alegre*, que é a lição correta, refere-se ao pastor poeta e não a "versos", como faz supor o texto da Martins, certamente por erro de composição gráfica.

[20] "vária": volúvel, inconstante.

[21] "gênios": destinos; os gênios, segundo os antigos, eram espíritos benéficos ou maléficos que presidiam aos destinos.

[22] *trabalha* (N); *defende* (L). Preferimos a lição da Lacerdina, preservando assim a rima do 1º com o 3º verso da estrofe.

[23] *mão* (N); *poder* (L).

[24] A recorrência a nomes de utensílios e objetos próprios da pintura é freqüente em Gonzaga, denunciando o forte sentido pictórico de sua poesia, como bem observou Fernando Cristóvão (*Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga ou a poesia como imitação e pintura.* Imprensa Nacional, Lisboa, 1981).

[25] *Não valem nada os corais* (N); *E nada valem corais* (L).

[26] Refere-se a Vênus, formada da escuma do mar junto a Citera, ilha do Mediterrâneo entre a de Creta e o Peloponeso. No concurso promovido pelos deuses para saber qual das três deusas, Minerva, Juno ou Vênus, era a mais bela. Páris, escolhido como juiz, deu a vitória a Vênus, de quem passou a ser protegido.

[27] "mole pouso": macio pouso, ninho.

[28] "impio", com tonicidade na segunda sílaba: o uso das duas formas, "impio" ou "ímpio", é ditado por imposição da rima ou da métrica.

[29] Diana, deusa da Caça, filha de Júpiter e de Latona, testemunha das dores maternais de sua mãe, obteve de Júpiter o dom de uma perpétua castidade. Apaixonada por Endimião, o belo jovem eternamente adormecido numa gruta do monte Latmos, deixava o céu para visitá-lo à noite. Denominava-se também Lua ou Febe, no céu, e Hecate, no Inferno.

[30] *ambrósias chupam, chupam mil feitiços* (N. N[1]); *o mel não chupam, chupam ambrósias* (L).

[31] Alusão ao caráter feminino do sentimento que experimenta, através da referência a Aquiles e a Alcides. Filho de Tétis e de Peleu, a Aquiles foi vaticinado morrer sob os muros de Tróia. Para protegê-lo, sua mãe enviou-o com roupas de mulher para a corte de Licomedes, onde conheceu e desposou secretamente Deidamia, filha do rei. Alcides (ou Hércules), deslumbrado pela beleza de Ônfale, rainha da Lídia, em casa de quem se deixara ficar em sua viagem, para agradá-la, vestia-se de mulher e fiava submetendo-se aos caprichos da rainha.

[32] Note-se a oscilação e, às vezes, a incoerência no uso das iniciais maiúsculas como recurso poético expressivo: *terra e Céu.* Possivelmente erro de cópia em N.

[33] Entenda-se: "os olhos nem ao menos vêem os negros venenos"; a grafia antiga *vem* (N) está mais próxima da forma *tem*, com a qual rima.

[34] A expressão "atacada" vem aqui com seu sentido menos usual de "abarrotada".

35. *peleija* (N); *peleja* (L).

[36] sonorosa (N, L); sonora em edições posteriores (SC, M), certamente por erro de composição gráfica. O verso é hexassílabo, além do mais.

[37] Hércules, filho de Alcmene, diferentemente de seu irmão Ificlo, que fugiu, enfrentou, ainda no berço, as serpentes enviadas por Juno (ou Anfitirão), para devorá-lo;

enfrentou ainda e matou o ladrão Caco, a Hidra de Lerna e o leão da floresta de Neméia.

[38] O refrão da 4ª, 5ª e 6ª estrofes altera-se (N, N[1], L) em relação ao das estrofes anteriores; isto faz perfeito sentido no poema, considerando-se que o poeta se dá por vencido no seu intento de cantar a guerra e os heróis, já que se sabe fundamentalmente um poeta do amor. Rodrigues Lapa conserva o mesmo refrão para todas as estrofes, apesar de reconhecer que "o tom diferente das estrofes parece exigir agora a mudança de refrã" (INL, p. 55).

[39] Alusão a Anfion que, com sua lira, ergueu os muros de Tebas.

[40] desde (N); de*sceu* (L e posteriores), que faz mais sentido. Orfeu, não se conformando em perder sua amada, Eurídice, com o poder de sua música, conseguiu penetrar no Inferno.

[41] Hércules, após matar o leão de Neméia, vestiu-se com sua pele.

[42] A palavra "acordo", como esclarece Rodrigues Lapa, designava no período clássico, o siso, o equilíbrio das faculdades mentais (INL, p. 59). A expressão "de acordo falto", que para o ilustre Professor não deixa clara a relação existente com os quatro últimos versos da estrofe, o nosso ver, ganha sentido se estendida ao restante do poema: um peito forte, desprovido de equilíbrio, de juízo, enfrenta corajosamente os perigos impostos pelo amor e também ele, Dirceu, seria capaz de "loucuras" pela amada, como os seus amorosos antecessores mitológicos. A última estrofe confirma que o que ama terá tanto mais coragem quanto maior o seu amor.

[43] Refere-se a Leandro que, para ver sua amada, a sacerdotisa Hero, atravessava todas as noites o Helesponto.

[44] Alusão a Orfeu e sua descida ao Inferno.

[45] Caronte, o terrível barqueiro do Inferno, velho e avaro, e encarregado de transportar pelo rio Aqueronte as almas dos mortos.

[46] Cerbero, o cão encarregado de guardar a porta dos infernos e o palácio de Plutão, era representado com três cabeças e três gargantas.

[47] Minos, um dos três juízes do Inferno, o de mais elevado posto, presidia aos castigos dos condenados, determinando a pena conforme o tipo de delito.

[48] Sísifo, rei de Corinto, por seus roubos e maldades, foi condenado a carregar para sempre até o cume de uma montanha um rochedo que incessantemente rola até o chão.

[49] *pertende* (N, N[1], L); era a forma corrente.

[50] Tântalo, segundo Píndaro, por ter furtado o néctar e a ambrósia dos deuses, mereceu o castigo infernal de, devorado por uma sede e uma fome imensa, no meio de um regato límpido e debaixo de árvores frutíferas, não conseguir atingir a água nem os frutos que aliviariam seu tormento.

[51] Tício, precipitado no Tártaro por Apolo e Diana, por ter tido a insolência de atentar contra a honra de Latona, foi condenado a ter suas entranhas rasgadas e devoradas sem sessar por um abutre.

[52] Situando-se na entrada do Inferno, o lago Averno designa freqüentemente, como aqui, metonimicamente, o próprio Inferno.

[53] Refere-se a Orfeu, nascido na Trácia, e a Leandro, natural de Abido.

[54] Apolo foi expulso do Olimpo por Júpiter, irritado com o filho por ter traspassado com flechas os Ciclopes e desafiado sua autoridade. Exilado do céu, Apolo refugiou-se na casa de Admeto, rei da Tessália, tornando-se guardador de seu rebanho.

[55] A concretude expressiva da imagem aqui presente, e em outro trechos das Liras, é um dos traços de Gonzaga a contribuir para sua superioridade sobre a maioria dos poetas do tempo, muito presos a chavões abstratos e generalizantes.

[56] *difere* (N); *defere* (L).

[57] *de gado* (N.L); *do gado* (SC, M, INL).

[58] *o fero Marte* (N); *e o fero marte* (L).

[59] A julgar pelas queixas amorosas de Glauceste (Cláudio Manuel da Costa) em sua poesia, onde as mulheres se caracterizam pela tirania, uma vez mais Gonzaga parece ser fiel à realidade que o cerca.

[60] *Alceu* (N, N[1]); *Dirceu* (L). Se as primeiras edições estiverem corretas, pode-se imaginar que Alceu aqui refere-se a outro companheiro de Gonzaga e de Cláudio Manuel da Costa, possivelmente Alvarenga Peixoto, solidário ao sofrimento amoroso do amigo.

[61] Entenda-se: perde a paciência.

[62] Entenda-se: por mais (anuviado) carregado de ira que esteja o teu semblante, ainda assim é claro, como o céu quando troveja.

[63] Refere-se a Laura, bem trajada e vaidosa, mencionada mais à frente neste poema e em outros passos da obra, como já se viu (cf. nota 15).

[64] Como na Lira I (1ª) a fonte substitui o espelho para revelar a juventude e a beleza.

[65] A Lacerdina acrescentou as 6 estrofes que se seguem ao texto das primeiras edições. Pela qualidade, estilo e coerência com os versos anteriores do poema, parecem autênticos.

[66] O poeta parece estar aqui mais seguro do amor de Marília, o que lhe permite um auto-retrato, ainda que futuro, menos lisonjeiro que o da Lira I (1º).

[67] *As frias tardes* (N); *Nas frias tardes* (L).

[68] Conferir o mesmo uso de *Aqui*, da Lira I (1º)

[69] *e ao brando Sol* (N); *e o brando Sol* (L).

[70] *novelhinho* (N); *novilhinho* (L).

[71] *encoloriza* (N); *encoleriza* (L). A correção da Lacerdina é válida.

[72] *negro* (N); *lindo* (L).

[73] De novo, aqui, a diferença de nível social entre o "vaqueiro" e o "pastor" (cf. Lira I (1º)).

[74] *cego* (N, L); *sego* (em edições posteriores), que é, no caso, a forma gráfica correta (do L, *secare*, "cortar").

[75] *de sono* (N); *do sono* (L).

[76] A referência a esta "outra beleza" é tão precisa e real que parece indicar uma figura da relação dos dois enamorados, de nível social e econômico superior.

[77] Apesar das inversões e do inusitado da estrutura frasal, o sentido está claro. Entenda-se: "Muito embora a seda (e o tremó dourado) adorne as paredes da sala, aonde

habita; muito embora largas cortinas e o lustre pendam do teto apainelado...”; nota-se procedimento semelhante na Lira II (2º).

78 *a voz* (N); *à voz* (L).

79 A metonímia (língua e braço) se explica, pois, por estar inspirado pelo Amor, para surpresa de Marília, Dirceu toca e canta tão bem.

80 *A sábia Natureza* (N); *À sábia Natureza* (L e posteriores). Trata-se aí, evidentemente, do sujeito de “deu”.

81 Coriolano, exilado de Roma, planejou tomar a cidade pelas armas; um grupo de mulheres romanas, entre as quais se achavam sua mãe e sua irmã, conseguiu dissuadi-lo.

82 Alusão ao levantamento de toda a Grécia contra a cidade de Tróia, para onde Páris levou Helena, de rara beleza, depois de raptá-la a Menelau, rei de Esparta.

83 A desonra infligida à bela Lucrécia pelo filho de Tarqüínio, o soberbo, rei de Roma, indignando o povo romano, motivou a deposição do rei.

84 Aquiles chegou a desistir momentaneamente de lutar contra os troianos devido ao golpe sofrido com a perda de Briseida, escrava por quem se apaixonou e que foi raptada por Agamennon. Possível alusão ainda ao tempo que passou na corte de Licomedes, ao lado de Deidamia.

85 Filho de Vênus e Marte, Cupido era representado cego (pois o amor é cego), menino (pois precisa ser correspondido para crescer), com asas, aljavas e setas, com as quais atinge deuses e mortais.

86 *Dão nos seus peitos* (N); *Dão no peito seu* (L).

87 Este poema e alguns outros da Parte I (Liras XXV, XXVIII, XXIX, XXX) exemplificam uma classe de temas débeis e artificiais, próprios do tempo; este tipo de poesia, de inspiração rococó, não ocorre na parte II; pelo menos, com a carga de superficialidade que caracteriza as primeiras.

88 Alexandre Magno (356-323 a. C.), depois de inúmeras conquistas, morreu de febre, aos 32 anos.

89 Alusão às disputas internas de poder em Roma, nas quais esteve envolvido Caio Júlio César (101-44 a. C.).

90 Os Faunos, divindades campestres, habitavam os bosques e, entre os romanos, equivaliam aos Sátiros, dos gregos.

91 Do poeta lírico grego foram conservados fragmentos que celebram o amor, o prazer e a boa mesa, o que justifica o qualificativo “anacreôntica” com que se costuma designar a poesia hedonística.

92 Entenda-se: o Amor foi o grande responsável pela destruição de Tróia, motivada em sua origem pelo rapto de Helena por Páris; a rainha Dido, por amor de Enéias, suicidou-se morrendo queimada em Cartago; Marco Antônio, vencido em Ácio, teve o seu fim por amor a Cleópatra. Esta estrofe, ausente em N e N¹, aparece em L.

93 Entenda-se: Cleópatra, atingida pela idade, já não tinha no tempo de Otávio, o mesmo poder de sedução que tivera sobre César e Marco Antônio.

94 Por este poema, pode-se imaginar (tal é o grau de sinceridade biográfica que transmite sua poesia) que Gonzaga dedicou versos a outras mulheres antes de Marília, em Portugal e talvez no Brasil. É possível que Gonzaga tenha mesmo queimado

muitas de suas composições, perdendo-as para sempre. Outras, no entanto, a julgar pelo espólio que irá constituir a Parte III das *Liras*, escaparam do fogo.

[95] Pode-se falar aqui em "delegação poética" de 2º grau. Gonzaga delega a Dirceu, que delega a Glauceste a missão poética, no caso, de exaltar Marília. Só que com este recurso o próprio Dirceu vai tecendo a descrição da amada, como num quadro. Sobre a "delegação poética" no Arcadismo, veja-se Antônio Cândido (*Formação da literatura brasileira, vol. 1, Martins*, São Paulo).

[96] Observe-se a a reminiscência de Camões, no episódio de Inês de Castro: "Ao monte ensinando e às ervinhas/o nome que no peito escrito tinhas."

Segunda parte

[1] Esta lira, que tudo indica ser a primeira escrita por Gonzaga na prisão da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, denuncia a mudança de tom que vai caracterizar esta segunda parte. Aqui o tema da esperança ganha novos matizes e ajuda o poeta a suportar o desconforto, a humilhação e as saudades de Marília.

[2] Esta estrofe e a anterior, somadas a passagens de poemas seguintes, são principalmente as responsáveis pela imagem, que o Romantismo se incumbiu de concretizar, repassando-a às gerações futuras, de um homem abatido, mas obcecado pelo ato criador da escrita, mesmo nas circunstâncias psicológicas e materiais mais adversas.

[3] *que pejo!* (N²) *que vejo!* (L). Rodrigues Lapa, que adotou a lição da Lacerdina, observa que (cf. INL, p. 105)) como na edição de 1799, no manuscrito da Mesa Censória encontra-se *que pejo!* Ficamos com a lição da primeira edição desta Parte II (N²).

[4] Gonzaga, repetidas vezes, bateu nesta tecla, não só em sua poesia como nos interrogatórios a que foi submetido: era uma vítima de calúnias vis.

[5] As Fúrias, ou Eumênides, divindades infernais, representam-se com serpentes nas mãos e nos cabelos, sendo encarregadas de aplicar sobre os culpados as sentenças dos juízes. Rodrigues Lapa atribui aqui a referência a Pluto, divindade também infernal, deus das riquezas, como uma alusão aos comerciantes do ouro que "se combinavam para fazer perder o honesto magistrado que foi Gonzaga" (SC, p. 82).

[6] Como Narciso, também Dirceu (poeticamente) usa o espelho das águas para admirar sua boa aparência física. A aproximação lhe agrada (V. Lira I [1º]).

[7] Neste verso, irretocável, Carlos Drummond de Andrade se inspiraria em *Sentimento do Mundo*: "Não, meu coração não é maior que o mundo./ É bem menor./ Nele não cabem nem as minhas dores (...)".

[8] O tema da instabilidade das coisas, tão caro ao Barroco, ganha aqui tratamento formal mais próximo da sensibilidade romântica.

[9] À guerra dos Titãs, sucedeu a revolta dos Gigantes, filhos do Céu e da Terra. Júpiter antecipou-se à Terra, que antes era sua aliada na luta contra os Titãs e agora protegia seus filhos, e buscou o auxílio de Hércules para ajudá-lo a exterminar os Gigantes.

[10] A alteração do refrão, de carregado de dúvida a pleno de otimismo, é rico de sugestões e comovente na sua certeza que, sabemos de antemão, é infundada.

[11] *fez* (N², N³); *faz* (L).

[12] *teme* (N², N³, L); *treme* (SC), devido certamente a erro tipográfico.

[13] Aos poucos, as qualidades morais ou de caráter de Marília, ao lado das físicas, largamente cantadas na Parte I, vão delineando uma mulher de corpo inteiro, capaz de comandar com "sã prudência" o "leme do discurso", ou da razão do poeta. Interessante como, apesar da extrema juventude de Marília, é nela que o poeta encontra sua maior força e apoio. Longe da trêfega figura da farândola rococó de algumas composições, ou de uma pastora mais ou menos convencional, vai surgindo uma assentada figura feminina, forte e segura.

[14] Catão de Útica (95-46 a.C.), partidário da República, suicidou-se ao saber do triunfo de seu adversário, César.

[15] *caro* (N², N³); *claro* (L).

[16] Vênus, infiel ao marido Vulcano, é levada por Júpiter a ocupar no céu o trono da beleza; Vulcano, filho de Júpiter, foi em criança precipitado do céu por seu pai, por sua feiúra e disformidade.

[17] Cláudio Manuel da Costa (Glauceste) foi preso em 15 de maio de 1789); não sabemos quando foi que Gonzaga, preso quatro dias antes, tomou conhecimento da prisão do amigo. De qualquer forma, nesta lira, desconhece o fato. Rodrigues Lapa aventa a hipótese de estar o poeta fingindo ignorar a detenção de Cláudio. Julgamos pouco provável; a incomunicabilidade dos detidos era observada com rigor, pelo menos nos primeiros tempos da prisão.

[18] Alusão a Orfeu, que atraía e deixava suspensos as árvores, os rochedos, os rios, as feras, tudo enfim, encantados com sua lira.

[19] Refere-se a Anfion, filho de Júpiter e de Antíope, que, ao som de sua lira, ergueu os muros de Tebas.

[20] Deusa que preside ao bem e ao mal, representa-se a Fortuna cega e calva, sempre em pé, com asas nos pés, um no ar e o outro posto sobre uma roda que gira com rapidez.

[21] Refere-se a Alexandre, o Grande, que, ainda muito jovem, conquistou a Pérsia e a Média, no século IV a. C..

[22] *medo* (N², N³, L); também no manuscrito da Mesa Censória figura *medo*, segundo Rodrigues Lapa (INL, p. 126); corrigido para *modo*, em edições posteriores. A correção faz sentido.

[23] Dos três bens da fortuna mencionados, riqueza, prestígio, amor, somente o último é, na visão do poeta, digno de apreço. Esta é uma concepção típica das correntes mais modernas do século XVIII, visível em várias passagens da obra de Gonzaga, e que terá feliz acolhida no universo poético do Romantismo.

[24] Apesar da convencional ambientação bucólica e transvestimento árcade, persiste no poema inteiro a força do real vivido, nada convencional.

[25] *tingir*, na edição prefaciada por Afonso Arinos (M); não tem tradição textual; houve certamente erro tipográfico.

[26] *brinquedos* (N², L); *brinquinhos* (N3).

[27] Entenda-se: mesmo não estando no fundo Averno.

[28] Com Eaco e Minos, um dos juízes do Inferno, Radamanto é conhecido por sua probidade e senso de justiça.

[29] O poeta exemplifica nas estrofes anteriores os infernais castigos físicos impostos a figuras mitológicas famosas (Sísifo, Íxion, Tício e Tântalo) e contrapõe a este sofri-

mento, com forte expressividade poética, os suplícios morais, ainda piores, de que é vítima. Conclui assim estar no inferno; mas a possibilidade da esperança ameniza sua pena, como se vê a seguir.

[30] *E minha* (N^2, N^3, L); *a minha*, no manuscrito da Mesa Censória, segundo Rodrigues Lapa (INL, p. 133). A lição das primeiras edições, mais sutil, ressaltando a alusão à janela do poeta, visível no primeiro "minha", é mais indicada.

[31] persiste o desconhecimento (ou não?) da prisão de Cláudio (Glauceste) e dos demais companheiros. As reuniões a que se refere, juntando um grupo seleto e alegre (V. 3 e 4 da estrofe), passam a idéia de ingênuo descompromissamento político. Até que ponto se trata de estratagema do poeta para defender-se e ao amigo não se sabe.

[32] Nesta lira fica patenteada a confiança de Gonzaga na providência divina e sua resignação a seus desígnios. Novamente recorre à imagem concreta (desta vez do cordeiro e do novilho) para a analogia com o seu destino.

[33] *inda* (N^2); *ainda* (N^3, L). A primeira lição prejudica a medida do verso, que deve ser um decassílabo.

[34] tudo indica referir-se o poeta ao Visconde de Barbacena, único em Minas "de quem se pudessem referir o*s mil avós augustos*", segundo Rodrigues Lapa (INL, p. 135).

[35] *e aos teus* (N^2, N^3); *e os teus* (L).

[36] "me namora": me agrada; elogio do chefe que é firme, sem perder a sensibilidade e a simpatia humana.

[37] Refere-se a Caio Júlio César, que, vendo a cabeça decepada de Pompeu, seu inimigo, chorou de piedade.

[38] Alexandre, o Grande, após derrotar Dario, rei da Pérsia, tendo como prisioneiros seus familiares, tratou-os com benevolência.

[39] branca idade (N2, N3); longa idade (L). O velho pai de Enéias, Anquises, foi levado às costas pelo filho para longe de Tróia, derrotada e incendiada pelos gregos.

[40] As "iguais idéias" a que se refere o poeta não seriam necessariamente as separatistas, dos inconfidentes. Isto seria comprometer demasiado o Visconde de Barbacena, se é que é a ele mesmo a quem se dirige. Refere-se mais provavelmente aos ideais ilustrados, genericamente.

[41] Esta Lira XV retoma a matriz da Lira I (1º), que por sua vez retoma outra mais antiga, dos tempos de mocidade, a Lira V (3º). A leitura se enriquece se se acompanha o diálogo da Lira XV (2º) com a Lira I (1º), quando os tempos de ventura desta intensificam o contraste com a fase de desgraça daquela.

[42] *viviremos* (N^2, N^3, L); *viveremos* (em edições posteriores).

[43] Alusão a Radamanto, Eaco e Minos, juízes do Inferno, modelos de eqüidade na terra. Situados no "Campo da Verdade", onde não chega a mentira nem a calúnia, os dois primeiros instruem a causa e pronunciam a sentença. Minos só intervém em caso de incerteza ou indecisão, sendo seu veredito irrevogável.

[44] Observe-se como numa estrofe estão sintetizados os suplícios infernais sobre os quais o poeta discorre na Lira XI (2º); a repetição de temas, motivos e matrizes poéticas apontada pela crítica é confirmada. Aqui, no entanto, seu sofrimento se mostra ainda maior, pois causa pasmo aos próprios supliciados e às Fúrias, que aplicam os castigos impiedosamente.

45 Alusão ao rio Letes, cujas águas, ao serem tomadas, provocavam o esquecimento da vida passada. O nome de Marília, entretanto, não se apaga, segundo o poeta, de sua mente.

46 *viverei* (N^2. L); *vivirei* (N^3); as duas formas eram correntes.

47 *despois* (N^2, N^3, L); *depois*, no manuscrito da Mesa Censória, segundo Rodrigues Lapa (INL, p. 143).

48 *visses* (N^2, N^3); viras (L).

49 *esse cabelo* (N^2, N^3); *este cabelo* (L).

50 A julgar por um relativo conforto e pelo cansaço, apatia e desalento do prisioneiro, esta lira talvez tenha sido escrita no encerro da Ordem Terceira de Santo Antônio, para onde Gonzaga foi transferido em 1791; portanto, já próximo do julgamento que selou sua desdita.

51 *que matar-te* (N^2, N^3); *que a matar-te* (L).

52 *Reclino* (N^2, L): *declino* (N^3).

53 *vai erguer* (N^2, N^3); *vai tecer* (L).

54 *ao Amor* (N^2, N^3); *a Amor* (L).

55 *felizes* (N^2); *felices* (N^3 e L).

56 *terníssima* (N^2, N^3); também assim no manuscrito da Mesa Censória, segundo R. Lapa; *cândida* (L). Rodrigues Lapa adota a lição da Lacerdina, devido à cacofonia e à sílaba a mais em terníssima Marília. Preferimos a lição das primeiras edições por considerar mais sugestivo este "terníssima" que, além do mais, pode ser lido no verso como trissílabo. O cacófato não nos parece grave.

57 Verso defeituoso, com uma sílaba a mais. Assim se encontra em N^2, N^3, L.

58 "Torres" refere-se seguramente ao desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, Juíz responsável pelos interrogatórios.

59 Estrofe ausente em N^2, ocorre em N^3 e L.

60 *a glória* (N^2, N^3); *e a glória* (L).

61 Fazendo o elogio do visconde de Barbacena, governador de Minas Gerais entre 1788 e 1797, de quem o poeta era amigo e em quem reconhece grandes virtudes, apesar de dele ter partido a ordem de sua prisão, esta lira repete o tema do Chefe que sofre ao punir o vassalo que julga delinqüente, presente na Lira XIV (2º), e reforça a tese de que efetivamente se trata de Barbacena aquela "alma digna de mil Avós Augustos". O designativo de "Chefe" para o governador de Minas, presente nestas duas liras, reaparece nas *Cartas chilenas*, em mais de um passo, ainda que em sentido negativo, já que o governador e os tempos eram outros.

62 Possível alusão a Alecto, armada de archotes, víboras e chicotes, e a Megera, famosa pela sanha com que persegue os culpados.

63 Estrofe ausente em N^2, aparece em N^3 e L.

64 O sentido destes versos, à primeira vista obscuro, torna-se pleno e coerente com os demais, se se tiver presente o sujeito de "imaginar" e de "desça": "Quando (o bravo monstro que me acusa) imaginar que, vingativo, mando que (ele) desça ao Tártaro profundo, hei-de com mão honrada erguer-lhe o corpo imundo". Rodrigues Lapa deu-lhe outra interpretação, onde "mando" é visto como substantivo e "vingativo"

como um seu atributo ou adjunto (cf. SC, p. 125; INL, p. 154). Não nos parece plausível. A correção feita no final de SC (p. 267) não melhora a compreensão dos versos.

65 Ao Tempo, ou Saturno, é atribuída a voracidade, já que, insaciável, devora os próprios filhos, em visível analogia com os anos e tudo o que existe, sujeito à sua fome implacável.

66 *e o teu semblante* (N^2, N^3); *e ao teu semblante* (L).

67 *apalpa* (N^2); *palpa* (N^3).

68 Entenda-se: Apesar de recorrer a dois expedientes, o bordão e a informação dos que enxergam, cai ainda muito.

69 A Fortuna, cega e calva, distribui os bens e os males segundo seu capricho. Por isso é representado às vezes com um leme, para exprimir o domínio do acaso e, ainda, com o Poder e com Pluto, o deus cego da Riqueza, mas também da Servidão e da Pobreza.

70 Estrofe ausente em N2, N^3, aparece em L. Supõe-se que tenha sido censurada.

71 *Nesta vil masmorra* (N^2, N^3, L); *em esta vil masmorra* (INL). Apesar de estar o verso defeituoso, com uma sílaba a menos, preferimos seguir a lição das primeiras edições. Veja, a propósito, as palavras de Rodrigues Lapa, de opinião distinta: "Gonzaga teria escrito *em esta vil masmorra*, pondo em evidência a preposição para obter certo efeito expressivo. O mesmo expediente ocorre na Lira XVII v. 149, *em o seu tesouro*. Também poderíamos supor, mas não é tão provável, dada a unanimidade das edições, que houvesse erro de cópia, estando vil por cruel ou horrível. De qualquer maneira, não podemos admitir que dentro da prisão tivesse esquecido a arte de contar as sílabas" (INL, p. 157).

72 Alusão a outra forma de representação da Fortuna: um dos pés no ar e o outro a girar velozmente uma roda.

73 *ao seu cabelo* (N^2, L); *no seu cabelo* (N^3).

74 Apolo, o Pai das Musas, famoso por sua beleza e sua cabeleira loura, habitava com elas o monte Parnaso, tendo recebido de Mercúrio a lira que tocava com perfeição. O louro que traz na cabeça é reminiscência de Dafne, convertida em árvore (o loureiro) pelo deus, por não corresponder a seu assédio amoroso.

75 Atribui-se a Vênus um cinto onde estavam encerradas as graças, o sorriso, o olhar doce, os suspiros, enfim todos os atrativos, armas com que subjugava seus amantes, inclusive Marte, com quem viveu, traindo Vulcano.

76 A incomunicabilidade não era tanta, a esta altura pelo menos, que impedisse ao poeta receber carta de Marília.

77 O verbo "subir" é usado aqui com o sentido de "sofrer". Rodrigues Lapa registra também em Alvarenga Peixoto este galicismo (INL, p. 165).

78 Novamente a Fortuna é lembrada na sua condição de "cega".

79 *felizes* (N^2); *felices* (N^3, L).

80 *nua* (N^2, N^3, L). O poeta usa alternadamente n*ua* e n*uma*.

81 Mensageira de Juno, Íris foi por esta metamorfoseada em arco e, como prêmio por seus bons serviços (nunca trazia más notícias), colocada no céu, sendo-lhe atribuída missão purificadora.

82 A edição de 1899 (N^2) encerra-se neste ponto. A de 1802 (N^3) acrescenta 5 liras a estas. A Lira XXXVIII, última desta parte, só aparecerá na Lacerdina, de 1811.

[83] Refere-se a Átropos, encarregada de cortar o fio da vida, preparado e tecido pelas irmãs Cloto e Láquesis; as funções não estão aqui claramente definidas.

[84] *baços, sumidos* (N³); *baços e sumidos* (L).

[85] *macilento, descarnado* (N³); macilento e descarnado (L). Rodrigues Lapa, atentando para a sílaba excessiva do verso, a rigor um hexassílabo, corrigiu para *macilento, escarnado* (INL).

[86] Apesar de soar como um expediente para alcançar as boas graças da Coroa, a idéia é coerente com juízos expressos nas *Cartas chilenas*, favoráveis sempre às "leis dos monarcas" (cf. Carta nº 5).

[87] *dessa* (N³); *desta* (L). A lição *dessa* é a correta, estando o poeta no Rio de Janeiro e referindo-se a Vila Rica.

[88] Esta estrofe não figura na edição de 1802 (N³); aparece em 1811, na Lacerdina.

[89] A pontuação final deste verso é originalmente (N³) uma interrogação. Edições posteriores adotaram pontuação afirmativa. O sentido muda substancialmente. Preferimos manter a original, que traduz, além dos sofrimentos objetivos do poeta, a inquietação sobre como estaria repercutindo no ânimo de Marília as acusações de que era vítima.

[90] *Reino* (N³); *Cetro* (L). Gonzaga parece querer esquivar-se, nesta estrofe e em planos dos conjurados, o papel de legislador e futuro presidente da nova República.

[91] *De grossa peça, de mosquete os tiros* (N³); *Da grossa peça e do mosquete os tiros* (L).

[92] O porto da Estrela é um lugarejo por onde passava a estrada que ia para Minas.

[93] *Na Igreja Nova, a que fica* (N³); *Na Igreja Nova, que fica* (L e edições posteriores como SC, M, INL). Evidentemente este *a* refere-se não a "Igreja Nova" (futura Barbacena), mas a "estrada", e sua ausência contribui para maior ambigüidade.

[94] A edição de 1802 finda nesta altura. A estrofe seguinte aparece na Lacerdina. Rodrigues Lapa acredita que a composição esteja ainda incompleta (INL, p. 114).

[95] Esta composição, que a Lacerdina publicou pela primeira vez em 1811, não figura na edição da Parte III, de 1812, da Impressão Régia. É uma longa peça de defesa jurídica pessoal (ou "crônica processual rimada", segundo Alberto Faria), importante como documento histórico. De convenção árcade, só mesmo a deusa Astréia, da Justiça, mãe da Eqüidade, da Lei e da Paz: a aflitiva situação do réu, à beira da condenação, exigia maior senso de realidade. Neste poema, Dirceu, impaciente como até então não tinha sido, descrê das qualidades atribuídas à deusa, chamando-a "tirana" e, mais adiante, "cega", ignorando de propósito, em sua irritação, que a venda nos olhos da deusa indica a imparcialidade de seu julgamento.

[96] Esta estrofe e a anterior, objeto de interpretações variadas, parecem significar que o "fiel e honrado povo americano", leia-se, "brasileiro", defendendo a terra das mãos estrangeiras, em prol do governo lusitano, é capaz de grandes sacrifícios, como ocorreu em Pernambuco, quando foi invadido pelos holandeses e muito sangue brasileiro foi derramado em sua defesa; ou como aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, saqueada pelos franceses, quando, além do sangue, que não bastou, também o dinheiro das famílias, suprindo esta falta, foi tomado. Os dêiticos "lá", para referir-se a Pernambuco e "aqui", para designar o Rio de Janeiro, são elementos semânticos importantes para destrinçar o sentido geral das duas estrofes. É interessante observar que, na 5ª estrofe o poeta identifica o "americano povo", brasileiro, e o "luso povo", numa aproximação até certo ponto correta, na

fase histórica em que nos encontrávamos, e muito conveniente ao autor em seus argumentos de defesa.

97 Parece referir-se a Tiradentes, tido como pouco equilibrado, talvez pelo entusiasmo excessivo de suas convicções. Fábio Lucas dá informações interessantes: "Há quem defenda a tese de que o louco referido por Tomás Antônio Gonzaga em seu depoimento seja Joaquim Silvério dos Reis. Os inconfidentes, conhecedores da denúncia deste último, teriam confabulado um plano de apontá-lo como chefe do movimento subversivo. Tarquínio J. B. de Oliveira repetiu-nos pessoalmente tal hipótese. Comprovada, modificaria o nosso comentário sobre a ação política do poeta" (*Poesia e Prosa no Brasil*, Interlivros de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1976, p. 34).

98 Gonzaga refere-se aqui ao casamento, marcado para fins do mês em que foi preso, e à sua partida com Maria Dorotéia para a Bahia, onde assumiria o cargo de desembargador da Relação da Bahia, para o qual fora nomeado.

99 Diferentemente de liras anteriores, onde se exalta e aos bens que possui, aqui lhe é mais conveniente ressaltar suas carências. Apesar de tudo, há bastante lógica no que diz e todos estes argumentos, expressos nas liras ou fora do universo poético, devem ter contribuído para minimizar sua pena. Para Tarqüínio J. B. de Oliveira, Coelho Torres, juiz na Devassa da Inconfidência, refletia um consenso geral ao dizer a Gonzaga que "o não ter bens, nem préstimo militar, também o não exclui, porque podiam achar nele outras qualidades necessárias para o método do governo (Autos 4:252)".

Terceira Parte

1 Esta lira foi publicada pela primeira vez em 1811 pela Lacerdina, na Parte I, como de nº 37. Em 1812 a Impressão Régia publicou-a na Parte III que acabava de aparecer, com acentuadas diferenças, para melhor.

2 Neste, como em outros poemas (Liras VIII [2º] e XV [3º]), o poeta usa do pretexto da visita a um templo a convite de uma divindade, como recurso para antever o futuro.

3 A Cupido, o deus do Amor, filho de Vênus e Marte, criado entre animais ferozes de cujo leite se alimentava, é atribuído um caráter maligno, devido aos sofrimentos que provoca, apesar de sua beleza e aparência infantil.

4 *avistas* (L); *avista* (R).

5 *Entrei* (L); *Entro* (R).

6 *oiro* (L); *ouro* (R).

7 *dos cortinados* (L); *de cortinados* (R).

8 *Fustões* (L); *Fastões* (R); *Festões* (edições posteriores, SC, INL). A correção é indicada.

9 *doirados* (L); *dourados* (R).

10 Pancaia é uma ilha arábica, conhecida por seus agradáveis perfumes.

11 Companheiras de Vênus, as Graças são as responsáveis pelo encanto e atrativos da deusa.

12 Acompanhadas quase sempre pelas Graças, as Horas representam-se conduzindo símbolos da fuga rápida do tempo (como quadrantes e relógios) ou como dançarinas graciosas, simbolizando as estações ou os doze meses do ano.

13 *dos seus amores* (L); *de seus amores* (R).

[14] *e os Pastores* (L); *e Pastores* (R).

[15] *Toiro* (L); *Touro* (R). Nesta estrofe faz-se alusão às metamorfoses de Júpiter em touro, com o fim de raptar Europa e com ela fugir sobre as costas, já que como figura humana não conseguira seu intento; em cisne, para enganar Leda, que pariu dois ovos, de onde nasceram Castor e Polux, Helena e Clitemnestra; em chuva de ouro, para entrar em uma torre de arame, onde estava encerrada Dánae.

[16] *de oiro* (L); *d'ouro* (R).

[17] *aqui tens a Lira díoiro* (L); *aqui tens o verde Louro* (R). Apolo, o pastor louro, rejeitado por Dafne, transformou-a em loureiro, de onde extraiu o louro, com que passou a ornar a cabeça.

[18] Vulcano, enfurecido com a infidelidade de Vênus e seus amores com Marte, aprisionou os dois amantes numa rede invisível, feita por suas mãos hábeis.

[19] Diana (ou a Lua), deusa da caça, representa-se sempre com um arco e flechas. Apaixonada por Endimião, o jovem adormecido para sempre, vinha à noite deitar-se a seu lado.

[20] *onde estava* (L); *aonde estava* (R). Orfeu usou a lira, que manejava com perfeição, para entrar no Inferno à procura de Eurídice.

[21] Leandro, amante de Hero, guiava-se, ao atravessar o Helesponto, por um archote que a sacerdotisa acendia do alto de uma torre para iluminar o seu trajeto.

[22] ornaram (L); armaram (R).

[23] Tisbe, vendo morto seu amado, Píramo, fez-se traspassar pela mesma espada com que ele se exterminara; também Dido, constrangida por Iarbas a casar-se com ele, preferiu matar-se a faltar a seu primeiro marido. O episódio de Dido e Enéias, narrado por Virgílio na Eneida, foge a esta versão da lenda, bem mais antiga; Gonzaga, repetindo o anacronismo de Virgílio, mistura os episódios.

[24] Teseu, herói da Ática, teve muitas aventuras amorosas, contando-se em sua história o rapto de várias mulheres.

[25] Referência a pomos famosos: o primeiro, onde Acôncio, apaixonado por Cidipe, escreveu o juramento que, lido por ela, obrigou-a a casar-se com ele; os outros, os pomos (de ouro) de Atalanta, que Hipomenes, a conselho de Vênus, ia deixando pelo chão, na corrida que com ela disputou e que deveria vencer, para obtê-la em casamento. Ao apanhar os pomos de ouro, Atalanta atrasou-se, perdendo a corrida.

[26] A bela Helena, raptada por Páris, foi a causa original da guerra movida pelos gregos a Tróia e da destruição desta cidade.

[27] *tens (L)*; *tem* (R). Refere-se a Deidamia, que tem Aquiles a seu lado, disfarçado de mulher, a mando de Tétis.

[28] *com armada nau* (L); *com armada mão* (R). Otávio, irritado com a ligação de Marco Antônio e Cleópatra, que punha em risco a hegemonia de Roma, deu combate a este e o derrotou em ácio.

[29] *Hérmia* (L); *Hermes* (R).

[30] *Por contar os seus amores* (L); *Por contar os seus louvores* (R). A lição da Lacerdina parece mais legítima, considerando-se o sentido dos trechos vizinhos, uma exaltação do poder do Amor e seus estragos.

[31] Hércules, deslumbrado pela beleza de Ônfale, esqueceu suas ações heróicas e dei-

xou-se ficar a seu lado, entregue aos prazeres do amor e, para agradar-lhe, à tarefa de fiar, vestido de mulher.

[32] *Ergo o rosto* (L); *Ergo os olhos* (R).

[33] *Disfarçando* (L); *Disfarçado* (R).

[34] *Um Númen, Dirceu, um Númen* (L); *O Númen, Dirceu, o Númen* (R).

[35] *em seus tesoiros* (L); *em o seu tesouro* (R).

[36] *lindos beiços* (L); *grossos beiços* (R).

[37] *Não valem mais* (L); *Não vale mais* (R). A lição da Lacerdina é mais indicada.

[38] *loiro* (L); *louro* (R).

[39] *díoiro* (L); *díouro* (R).

[40] *para um o Inferno* (L); *para um Inferno* (R).

[41] Esta lira, na opinião de Rodrigues Lapa, teria sido uma das primeiras dedicadas a Marília (INL, p. 30). É possível, considerando que não tem ainda a força apaixonada das demais, o que, certamente, levou Gonzaga a omiti-la da Parte I, preparada pelo próprio poeta para a impressão de 1792.

[42] Esta lira foi primeiramente publicada pela Lacerdina, na Parte I, sob o nº 26. Talvez pelo acentuado toque local, incomum no tempo, não tenha sido incluída na Parte I da primeira edição.

[43] *factos* (L); *fastos* (R). "Fastos" era o nome dado às tábuas ou calendários nos quais estavam indicados os jogos, as festas e as cerimônias do ano, havendo os dias "fastos" e "nefastos", permitidos e proibidos.

[44] *e os Cantos* (L); *os Cantos* (R).

[45] Entenda-se: "a imagem bela" é a figura de linguagem apreciada por Marília, presente na poesia de Dirceu, e que ela realça, lendo-a em voz alta. Isto dá ao poeta ânimo para continuar lendo o cansativo processo, em doce e harmonioso ambiente doméstico.

[46] Note-se aqui o papel da memória atribuído à poesia. Gonzaga aproxima em outras passagens a história e a poesia, vendo nelas "meios ideais de realização e conservação da obra humana", como bem observa Ronald Polito (A *persistência das idéias e das formas — Um estudo sobre a obra de Tomás Antônio Gonzaga* – UFF – Niterói, 1990, p. 181).

[47] Esta lira teria fornecido a matriz para a lira I (1º) e a Lira XV (2º). Das três esta é a menos trabalhada e seria, ao que tudo indica, anterior aos tempos de Vila Rica e de Marília.

[48] Nesta passagem, encontra argumentos a profª Letícia Malard para a correspondência entre Dirceu e Apolo que, não sendo um pastor qualquer, mas de origem divina, traz na testa o louro que lembra a ninfa Dafne, convertida pelo deus em loureiro ("Gonzaga - O pastor Apolo", op. cit. nota I-I).

[49] Coerente com as idéias liberais do tempo, Gonzaga expressa aqui seu desprezo pelos que buscam na riqueza e na nobreza do sangue meios de humilhar, ou abater, como diz, os outros homens, seus "iguais".

[50] Referência às transformações a que se submetia Júpiter para chegar até sua presa amorosa.

[51] Alusão ao famoso general cartaginês, Aníbal (247-183 a.C.), vitorioso em inúmeras batalhas.

[52] A palavra "beiços" não tinha nesta época o sentido pejorativo que veio a tomar.

[53] *fizestes* (L); *fizeste* (R). Esta lira aparece pela primeira vez na Lacerdina, sob o nº 29, acrescentando-se à original Parte I.

[54] *nascestes* (L); *Nasceste* (R).

[55] *serras* (L); *terras* (R).

[56] Safo, célebre poetisa de Lesbos, apaixonou-se perdidamente por Fáon, "o mais gentil dos homens", graças a um vasto de perfumes que ele recebeu de Vênus; não sendo correspondida, suicidou-se.

[57] *que atalha* (L); *e as talha* (R).

[58] Esta lira é publicada pela primeira vez na Lacerdina, sob o nº 35, integrando-se à Parte I, original.

[59] *Morfeu as dormideiras espremia* (L); *as verdes dormideiras espremia* (R). Morfeu, filho do Sono e da Noite, adormecia todos aqueles que tocava com a haste de uma papoula ou de uma planta dormideira, proporcionando-lhes sonhos sob figuras aparentemente reais.

[60] *as negras águas* (L); *as negras ondas* (R).

[61] *na proa* (L); *na popa* (R).

[62] Tétis, deusa do mar, esposa do Oceano (outra que não a mulher de Peleu e mãe de Aquiles) representa-se em um carro em forma de concha, branco como o marfim, puxado por cavalos marinhos também brancos, rodeados de Delfins que brincam, de Tritões que tocam em suas conchas recurvas e das Oceânicas, as ninfas filhas da deusa. Cena de extraordinário efeito visual, pelo realismo de que se reveste o mito.

[63] "música" está aqui com função adjetiva: musical.

[64] *em sonho* (L); *em sonhos* (R).

[65] Esta composição, na opinião de Rodrigues Lapa, é "provavelmente a canção de despedida do pobre poeta, a última que teria composto em terras do Brasil, pouco antes da viagem para a África" (SC, p. 182). Julgamos pouco provável; há qualquer coisa de artificial neste poema, que não se coaduna com o desfecho tão temido e efetivamente trágico para o poeta: a separação definitiva da amada. Além disto, a rigidez métrica não verificada nas outras liras, a seleção vocabular, o fecho pouco natural parecem indicar outra autoria.

[66] Rodrigues Lapa, em dúvida quanto à autoria desta composição, preferiu colocá-la em apêndice, na edição do INL.

[67] Baseados em argumentos sobretudo de natureza estilística, Manuel Bandeira (*Revista do Brasil*, III, 1940, P. 2 e 8) e Sud Mennucci (*À margem das Cartas chilenas* p. 74/75) atribuem este soneto a Cláudio Manuel da Costa que, em outros poemas, celebrou d. Maria José e Bourbon, esposa de d. Rodrigo José Antônio de Menezes, governador de Minas Gerais de 1780 a 1783. O poema vem em apêndice na edição do INL.

[68] Francisco Furtado de Mendonça, a quem o poema é dedicado, é filho do visconde de Barbacena, governador de Minas Gerais de 1788 a 1797.

[69] Este poema foi pela primeira vez publicado na Lacerdina (1811), no final da Parte II;

a Impressão Régia (1812) publicou-o na Parte III. Rodrigues Lapa dá notícia de duas redações manuscritas na Biblioteca Nacional de Lisboa (INL, p. 93).

[70] *ouvia os sábios* (L); *ouvi os sábios* (R).

[71] *como iguais tratava* (L); *como iguais honrava* (R).

[72] *os votos* (L); *voto* (R).

[73] *devendo salvar ao justo* (L); *podendo salvar o justo* (R).

[74] *Não foram, Vila Rica, os meus projetos* (L); *Nem foram, Vila Rica, os meus intentos* (R).

[75] *que farte aos filhos e que chegue aos netos* (L); *que chegue aos filhos e que passe aos netos* (R).

[76] *as fortunas* (L); *as venturas* (R).

[77] Refere-se a d. João de Castro, exemplo do homem de palavra, à antiga.

[78] Esta ode foi banida por Rodrigues Lapa de sua edição do INL, sob a alegação de que há entre esta e o romance a José Gomes de Araújo, de Cláudio Manuel da Costa (*Obras*, I, 174) "manifestos pontos de contacto", nela figurando um verso igual a um outro que ocorre no *Vila Rica* (Canto IX): "melhor do que nos mármores de Paro".

[79] Luís Beltrão de Gouveia, a quem o poema é dedicado, foi nomeado fiscal dos diamantes na comarca do Serro Frio, onde nasce o rio Jequitinhonha, aqui citado e ainda por Cláudio Manuel da Costa, no *Vila Rica* (Obras, II, p. 239). Teria sido vítima de calúnias, possivelmente em decorrência de desentendimento com o atrabiliário Luís da Cunha Meneses, governador de Minas Gerais de 1783 a 1788.

[80] *é a constância* (R). Certamente erro de cópia.

[81] Noto: um dos quatro ventos principais, o do sul, ou do "meio-dia".

[82] Aristides, o Justo, honrado general e político ateniense, foi perseguido e desterrado por Temístocles, seu rival político.

[83] Aqui Têmis, a Justiça, lembrada pela balança que a acompanha, retoma os valores a ela negados na Lira XXXVIII (2ª).

[84] Em seu *Munúsculo métrico* (Coimbra, 1751), Cláudio Manuel da Costa, dirigindo-se a d. Francisco da Anunciação, parece confirmar "os pontos de contacto" (nota 81) com esta ode: "Gravar porém nos mapas da memória/O nome eterno vossos ascendentes/Não devem mais às durações de Paros,/que ao retrato fiel, que em vós se atende". (*O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa* (apêndice), Melânia Silva de Aguiar, UFMG, Belo Horizonte, 1973).

Outros Poemas

[*] Os poemas "Dês que te vi formosa Elvira" e "Chegou-se o dia mais triste", que integram a terceira parte de *Marília de Dirceu* com os títulos "Canção" e "A uma despedida", respectivamente, foram indevidamente repetidos entre os *Outros poemas*.

[1] *Marte*: v. *Cartas chilenas*, nota 76.

[2] *Astréia*: na mitologia, filha de Zeus para os gregos e de Têmis. Viveu na Idade do Ouro, a difundir entre os homens sentimentos de paz, bondade e justiça. Com a degeneração do gênero humano, subiu para o Céu, e transformou-se na constelação de Virgem.

[3] *Titos e Trajanos*: Tito e Trajano reinaram em Roma ao tempo do chamado Alto Império.

[4] *Mezêncio*: rei dos Tirrênios, de temperamento feroz, comprazia-se em submeter os súditos a suplicios cruéis, entre os quais amarrar pessoas vivas a cadáveres, e deixá-las morrer nessa condição.

[5] *Erifile*: filha de Tálao, irmã de Adastro e de Eurídice. Casada com o famoso adivinho Anfiarau. Este, sabedor de que morreria, se participasse da guerra de Tróia, escondeu-se num lugar só conhecido da esposa. Erifila, que se apaixonara pelo jovem e belo Polinices, que lhe oferecera um colar de ouro, revelou o esconderijo do marido. Anfiarau, obrigado a seguir com os argivos, incumbiu o filho Alcmião de vingar sua morte prevista, assim que dela tivesse notícia, o que ele fez, com suas próprias mãos.

[6] *Débora*: cognominada "A abelha", figura bíblica, guerreira, profetisa e juíza de Israel que, ao lado de Barraque, levou o exército de seu povo à vitória contra os cananeus, fato que celebra no "Canto de Débora", considerado um dos mais belos poemas da Antiguidade.

[7] *segura*: assegura

[8] *jucundo*: alegre, prazenteiro, aprazível.

As Cartas Chilenas

Paulo Pereira

[*] Este ensaio faz parte — juntamente com os referentes a "Inconfidência Mineira: derrota da utopia liberal", "Bibliografia da Inconfidência Mineira", "Bibliografia de e sobre os poetas da Inconfidência Mineira" e a "Cronologia: Arcádia, Ilustração, Inconfidência" — do Projeto de Pesquisa em curso, *Cartas chilenas: o texto, o contexto, o legado estético*, desenvolvido com o apoio do CNPq.

[1] MACHADO, Lourival Gomes. *Tomás Antônio Gonzaga e o Direito Natural*. São Paulo, Martins; EDUSP, 1968. p. 134.

[2] GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas chilenas*, edição de Luís Francisco da Veiga. Rio de Janeiro, Laemmert, 1863, p. 13.

[3] GONZAGA, Tomás Antônio. *Tratado de direito natural*. Carta sobre a usura — minutas — correspondência — documentos. *Obras completas*, v. II. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 79.

[4] Idem, p. 90.

[5] Ibidem p. 99.

[6] Ibidem p. lo3.

[7] Ibidem p. 105.

[8] Ibidem p. 118.

[9] Ibidem p. 106.

[10] MAZOMBO: indivíduo nascido no Brasil, de pais estrangeiros, especialmente portugueses. Esta palavra, de provável origem africana, já abonada por Antônio de Mo-

rais Silva, nem sempre se empregou com significado depreciativo. Na segunda metade do século XVIII, tinha sentido nativista/nacionalista, conforme se pode notar na seguinte passagem do inconfidente Domingos de Abreu Vieira: "Sendo o primeiro cabeça della, (rebelião) o dito Alferes Joaquim José, o qual dizia, que elle Alvarenga, e dito Tenente Coronel Francisco de Paulo haviam de ser os heroes da acção pois defendiam a sua Pátria: que os *Mazombos* (grifo nosso) tambem vailiam e sabiam governar." In: *Autos da devassa da Inconfidência Mineira*, Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, 1936, v. I, p. 95.

11 LAPA, M. Rodrigues. Nota à página XXVIII-XXIX. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu e mais poesias.*

12 *Autos de devassa da Inconfidência Mineira.* Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, 1936, v. II, p. 77.

13 Idem, v. V, p. 131.

14 LAPA, M. Rodrigues. *As Cartas chilenas: um problema histórico e filológico.* Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958, p. 115-116.

15 VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*, t. IV. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. 5 ed., São Paulo, Melhoramentos, 1956. Nota p. 324-328.

16 MEIRELES, Cecília. Um enigma do século XVIII: Antônio Diniz da Cruz e Silva. In: *Anais do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.* Nashville, Vanderbilt University, 1953, p. 161-164.

17 RIBEIRO, Joaquim. *As Cartas chilenas e a Inconfidência Mineira.* Rio de Janeiro, Publicitan, 1950.

18 LAPA, M. Rodrigues. *As Cartas chilenas: um problema histórico e filológico.* Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958, p. 51.

19 Idem, p. 137.

20 FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Editor. *Critilo. Cartas chilenas.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1940, p. 14.

21 REBELO, Luís de Sousa. Cartas chilenas. In: COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura*, 3 ed., Porto, Figueirinhas, 1973, 1º v., p. 153.

22 CASTRO, Tito Lívio de. As Cartas chilenas. In: —. *Questões e problemas.* São Paulo, Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913, p. 45.

23 LAPA, M. Rodrigues. Editor. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias. Cartas chilenas. Obras completas.* v. I. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. Nota, p. 252.

24 ÁVILA, Affonso. As Cartas chilenas ou uma vontade de continuidade barroca. In: —. *O lúdico e as projeções do mundo barroco.* 2 ed. São Paulo, Perspectiva, 1980, p. 166.

25 FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Op. cit., p. 80.

26 EULÁLIO, Alexandre. "O pobre, porque é pobre, pague tudo". In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira.* São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 25.

27 VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira.* 3 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, p. 136.

Cartas Chilenas

[1] *Calígula*: Caius César Germanicus (12 d.C.–41 d.C.), imperador romano. Entre outras extravagâncias, nomeou cônsul o seu cavalo Incitatus.

[2] *O filho de Agripina*: Nero, Lucius Domitius Claudius (37 d.C.–68 d.C.), imperador romano, famoso por suas loucuras.

[3] *Assina*: mostra, indica, aponta.

[4] *Talia*: musa da comédia na mitologia grega.

[5] *Melpômene*: musa da tragédia na mitologia grega.

[6] *Coturno*: na Grécia antiga, um tipo de calçado que chegava até o meio das pernas, amarrava-se pela frente, tinha salto muito alto, e era usado especialmente pelos atores trágicos. Em sentido figurado significa "teatro clássico".

[7] *Interesse*: no caso, lucro, ganho.

[8] *Medéia*: na mitologia grega, famosa feiticeira, casada com Jasão, a quem ajudara na busca do tosão de ouro. Abandonada por ele, apaixonado por Creusa, filha do rei Creonte (Créon), provoca a morte por queimadura, de sua a rival e degola, com suas próprias mãos, os dois filhos que tivera com o ex-marido.

[9] *Atreu*: na mitologia grega, sucessor de Aristeu, rei de Argos, com cuja filha se casou. Nutriu violento ódio por seu irmão Tiestes de quem se vingou expulsando-o da corte e num banquete, a título de reconciliação, serviu-lhe os membros do filho nascido da união incestuosa que aquele mantivera com sua mulher.

[10] *Fasces*: na Roma Antiga, feixes de varas portados pelos cônsules, como símbolo do direito de punir.

[11] *Secures*: machados pequenos, usados pelos romanos nas execuções.

[12] *Fábios, Cipiões, Emílios*: alusão a cônsules romanos dos séculos III a.C. a I d.C.

[13] *Fastos*: registros, anais.

[14] *Exterminar*: desterrar, banir, punir.

[15] *Congresso*: usado com o sentido de reunião de amigos.

[16] *Tradução*: Por que ris? mudado o nome, a fábula conta de ti.

[17] *Alheta*: linha que, nos navios antigos, liga o costado à ré.

[18] *Desrizados*: do verbo desrizar: tirar as velas dos rizes, ou seja, dos cabos.

[19] *Chavo*: moeda de baixo valor.

[20] *Toutiço*: nuca.

[21] *Robério*: possivelmente Roberto Antônio de Lima, protegido do governador Luís da Cunha Meneses que o nomeou tesoureiro da Casa de Fundição de Vila Boa de Goiás.

[22] *Pisorga*: bêbado, na gíria da época.

[23] *Parnaso*: alusão a Pégaso que, na mitologia grega, é um cavalo alado. Usa-se como símbolo do gênio poético.

[24] *Matúsio*: é o sargento-mor José Antônio de Matos, secretário particular do governador Luís da Cunha Meneses.

[25] *Labregão*: grosseiro.

[26] *Cangalhas*: óculos.

[27] *Casquilho*: pessoa que exagera no vestir.

[28] *Caudato*: cometa com cauda.

[29] *Soltos os diabos*: alusão ao dia de São Bartolomeu, 24 de agosto. Praça: localidade, povoado.

[30] *Pago*: contente, agradado, satisfeito.

[31] *Param*: procedem, fazem.

[32] *Cacos*: na mitologia, Caco é um gigante monstruoso, metade homem, metade animal, filho de Hefestos ou Vulcano. Foi morto por Hércules, por ter roubado o gado de Gerião, outro gigante, de três cabeças e três corpos, rei da ilha de Eritréia, dono de muitos rebanhos de que Hercules, por sua vez, se apoderara.

[33] *Convencido*: provado sem possibilidade de contestação.

[34] *Assenta*: compreenda.

[35] *Doroteu*: Cláudio Manuel da Costa, segundo Lapa.

[36] *Entremez*: farsa burlesca e jocosa, em um ato, de caráter popular ou palaciano, que culmina, quase sempre, num número musical. Suas origens datam do século XII.

[37] *Peitas*: subornos.

[38] *Baratária*: no livro *d. Quixote de La Mancha*, do espanhol Miguel de Cervantes, é o nome de uma "ilha" de que Sancho Pança, escudeiro do herói, é nomeado governador pelo Quixote, seu amo.

[39] *Saul*: segundo a Bíblia, primeiro rei de Israel, escolhido pelo próprio Deus e ungido pelo profeta Samuel.

[40] *Calçado*: diz-se do cavalo que traz manchas brancas nas patas dianteiras ou traseiras.

[41] *Catralvo*: diz-se do cavalo que tem as quatro patas brancas. Não é valorizado.

[42] *Zarco*: diz-se do cavalo de olhos claros ou que tem mancha branca em torno de um dos dois olhos. Não é valorizado.

[43] *Rego*: Antônio Pereira Rego, tratadista do século XVII. Publicou em 1679 *Instrução de cavalaria de brida com um copioso tratado de alveitaria*, livro com edições no século seguinte. *Alveitaria*: arte de curar as enfermidades dos animais; também arte de ferrar as cavalgaduras ou as bestas.

[44] *Cabeção*: espécie de cabresto empregado na doma de cavalos.

[45] *Nosso Mestre*: (p. 86): referente ao poeta Horácio (Fulvius Horatius Flaco?), destacada a seguir a passagem de sua *Arte poética*, ou *Epístola aos pisões*, (versos 1-5) em que se refere à desarmonia e à incoerência na arte e exemplifica com o caso de uma pintura de uma mulher bela com colo de cavalo, membros e penas de animais variados e cauda de peixe.

[46] *Quilombolas*: habitantes dos quilombos.

[47] *Charolas*: andores de procissão.

[48] *Tendeiros*: donos ou vendedores de 'tendas'ou seja, pequenas mercearias ou oficinas.

[49] *Repas*: mechas de cabelo.

[50] *Sola*: chicote (metafórico).

[51] *Zorrague*: açoite, variação de azorrague.

[52] *Mamota*: que ainda mama.

[53] *Fricassés*: guisados de carne, ave ou peixe, feito com vários temperos, gema de ovo e salsa picada.

[54] *Bandulho*: barriga, pança.

[55] *Cachaço*: pescoço grosso.

[56] *Pingante*: pobre.

[57] *Ronca*: jacta-se, fanfarroneia.

[58] *Piçarra*: cascalho.

[59] *Pegas*: espécie de algemas que liga pessoas pelas pernas.

[60] *Caieira*: fogueira empregada na queima de tijolos de barro.

[61] *Tesão*: valentia, ousadia.

[62] *Cordoveias*: tendões e veias do pescoço.

[63] *Ulisses*: Odisseus, em dialeto grego siciliano, herói da *Odisséia*, epopéia grega, em versos, de Homero, ligada à guerra entre a Grécia e Tróia. Após dez anos de fatigante luta, saudoso de Ítaca, sua terra, e de Penélope, a esposa fidelíssima, Ulisses, o que tinha um destino a cumprir, volta a casa. A epopéia narra o regresso do herói.

[64] *Galacês*: do francês glacés: galões estreitos.

[65] *Tissos*: do francês tissus: tecidos fortes, bordados de ouro.

[66] *Expostos*: crianças abandonadas às portas das casas de família ou de instituições de caridade.

[67] *Presbitério*: capela que, nas igrejas, é destinada aos presbíteros.

[68] *Ginja*: homem velho apegado a princípios antigos.

[69] *Becas*: magistrados.

[70] *Adônis*: na mitologia grega, figura belíssima, nascida de Mirra que, por vingança de Afrodite, seduziu enganosamente seu pai, Cínira, soberano de Chipre, que, ao perceber o logro e a relação incestuosa, passou a persegui-la. Diante do desespero envergonhado da jovem grávida, os deuses resolveram transformá-la em árvore; do tronco do vegetal nasceu o menino e logo Afrodite, encantada por sua beleza, entregou-o aos cuidados de Perséfone, a rainha dos infernos; mobilizada também pela lindeza da criança, esta negou-se a devolvê-la à deusa do amor; o conflito foi dirimido por Calíope, por ordem de Zeus, e o menino optou por passar oito meses por ano com Afrodite.

[71] *Lorenas*: alusão ao príncipe Carlos Alexandre de Lorena (1712–1780), general a serviço da Áustria, filho do duque soberano da Lorena.

[72] *Condés*: alusão ao príncipe de Condé, ou seja, Luís II de Bourbon (1621–1686), ligado à casa real da França.

[73] *Eugênios*: alusão ao príncipe Francisco Eugênio de Sabóia-Carignan (1663–1736), famoso general francês que também se pôs a serviço dos austríacos.

[74] *Capinhas*: indivíduos que, nas corridas de touros, provocavam os touros ou evitavam que atacassem os toureiros.

[75] *Sim*: usado com sentido adversativo: mas.

[76] *Martes*: alusão a Marte, deus da guerra, na mitologia romana. Figurativamente, significa, no caso, guerreiros, chefes de exército.

[77] *Almocreve*: condutor de animais de carga.

[78] *Nise*: nome poético, comum na poesia da época.

[79] *Olaia*: vegetal, leguminosa.

[80] *Filha de Taumante*: referente a Íris, entidade mitológica, a mensageira dos deuses; ela simboliza o arco-íris, a ligação entre a Terra e o Céu, entre os deuses e os homens.

[81] *Bolsa do cabelo*: saco de seda preta, onde os homens enfiavam as tranças do cabelo.

[82] *Mantenadores*: nos torneios, os cavaleiros principais.

[83] *Alcancias*: bolas de barro, cheias de flores.

[84] *Torcidas*: mechas de lampiões ou de velas.

[85] *Berne*: tecido vermelho.

[86] *Florinda*: referente à novela do padre Gaspar Pires de Rebelo: *Infortúnios trágicos da constante Florinda*.

[87] *Roda fortuna*: referência à *Roda da fortuna*, do padre Martins Ribeiro, autor do século XVII.

[88] *Massa*: gíria: cabedal de conhecimentos.

[89] *Bestunto*: pouco juízo.

[90] *Traça*: ardil, armadilha.

[91] *Velha poetisa*: pode ser uma ironia com Robério.

[92] *Calvas*: evidentes.

[93] *Mezêncio*: rei da Etrúria, conhecido por suas crueldades.

[94] *Manuscriti*: antigo medicamento, feito de açúcar e aljofre.

[95] *Rebuçados*: balas de frutas e plantas.

[96] *Garrochas*: varas curtas com farpa de ferro na ponta, usadas nas touradas.

[97] *Embora*: aqui interjeição, com o sentido de "tanto faz", "pouco importa".

[98] *Acúrsio*: Francesco Accorso (1182–1260), jurisconsulto romano. Ele atribuía aos romanos não cristãos visões da Santíssima Trindade e traduzia a designação da Lei Fúsia canina como "cão deitado na palha". Essa lei, criada por Fusius Caninus, no tempo do imperador romano Augusto (68 a.C.–14 d.C.) obrigava a que se indicasse nominalmente, no testamento, os escravos que se pretendesse libertar, evitando, assim, que o fizesse no leito de morte.

[99] *Manumetida*: alforriada.

[100] *Pé-de-pato*: referência ao episódio em que Cláudio Manuel da Costa foi intimado por Cunha Meneses a ir à cadeia pública de Vila Rica interrogar um preso que tinha essa alcunha sobre certas denúncias que ele fizera na demarcação diamantina.

Cláudio não teria tido coragem para resistir à prepotência do governador. Segundo alguns estudiosos, ele não teria executado a ordem por não ser aquele pleito de sua competência, de acordo com a legislação especial.

[101] *Extermínio*: banimento, expulsão.

[102] *Josefino*: talvez o padre José da Silva Oliveira Rolim.

[103] *Elísios*: na mitologia grega, lugar dos infernos onde é eterna a primavera, destinado aos bons e virtuosos.

[104] *Rumas*: grande quantidade.

[105] *Largara*: doara, dera.

[106] *Uma casta Rainha*: Dido, rainha de Tiro, que viveu no século IX a.C., citada na *Eneida*, epopéia clássica do poeta Virgílio. A soberana apaixonou-se pelo herói Enéias, na época da guerra de Tróia, acontecida trezentos anos antes do seu nascimento.

[107] *Calhoada*: pedrada (de calhau, pedra).

[108] *As ervas arranco*: modo popular de dizer que parece significar "sofrer as conseqüências".

[109] *Capuchos*: padres capuchinhos.

[110] *Sota e basto*: dar a sota e o basto: no jogo de cartas, significa ser mais esperto.

[111] *Silverino*: coronel Joaquim Silvério dos Reis, contratador. Protegido de Cunha Meneses. Foi o delator da Inconfidência.

[112] "*Está devendo*": Lapa esclarece: "alusão à cobrança extrajudicial, coercitiva, dos impostos em dívida, feita por Cunha Meneses em 1785. O governador encarregou os militares de irem pelas comarcas a exigir o pagamento. O "método" está bem explicado no processo de justificação de serviços do tenente Antônio Dias Coelho, que, de 1785 a 1787, conseguiu arrancar aos povos da comarca do Rio das Mortes para cima de 270.000 cruzados".

[113] *Esculápio*: na mitologia grega, o deus da medicina, filho de Febo (Apolo).

[114] *Saxe*: Maurice de Saxe (1696–1750), conde de Saxe, marechal da Saxônia.

[115] *Aquiles*: na mitologia grega, filho de Peleu, descendente de Zeus. É o herói da *Ilíada*, de Homero. Seu corpo era invulnerável, exceto no calcanhar.

[116] *Clementes*: alusão a Clemente VII (1378–1394) primeiro papa do cisma do Ocidente, que fixou residência em Avignon, na França.

[117] *Calvinos*: alusão a João Calvino (1509–1564), líder da Reforma protestante na França.

[118] *Luteros*: referência a Martinho Lutero (1483–1546), que deflagrou a Reforma protestante na Alemanha.

[119] *Lobésio*: talvez o sargento-mor José de Sousa e Melo, comandante do destacamento da Serra de S. Antônio de Itacambirussu.

[120] *Redradas*: polidas, alisadas.

[121] *Padela*: segundo Alberto de Faria, seria o capitão José de Vasconcelos Parada e Sousa, inimicíssimo de Gonzaga. Fora nomeado comandante do destacamento do Tejuco em 10 de janeiro de 1786.

[122] "*Um tal desmancho*": alusão às irregularidades do cabo do quartel do Rio Manso, Abreu Frois, cúmplice de Padela em negócios de extravio. Quando o cabo foi rendido, Parada e Sousa recomendou ao sucessor que desse parte de não haver novidade.

[123] "*Digno irmão*": referência a Fernando de Vasconcelos Parada e Sousa que, por insultar o ouvidor, foi chamado à ordem pelo tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade.

[124] *Jacazes*: cestos de bambu ou cipó.

[125] *Sendeiro*: cavalo ruim.

[126] *Viriato*: pastor português que viveu no século II a.C. líder de campanhas militares contra os romanos na península ibérica.

[127] *Acredores*: credores.

[128] *Folhas*: alusão a uma passagem das *Bucólicas*, (III, v. 106-7), do poeta Virgílio; refere-se ao jacinto, flor em cujas pétalas estariam, para alguns estudiosos, as iniciais do nome de Ajax, rei de Salamina e herói da guerra de Tróia. Para outros, as letras indicariam o príncipe Jacinto, amado por Apolo e por Zéfiro. Depois de morto, Apolo o transformou na flor que leva seu nome.

[129] *Avista*: alusão a outra passagem da mesma obra de Virgílio (versos 104-6): trata-se de um enigma proposto pelo personagem Dametas a Menalcas: o sítio citado levaria a três hipóteses: seria um poço no Egito, o túmulo de Célio ou um templo romano que se abria apenas três vezes por ano.

[130] *Capanema*: Francisco José da Silva Capanema. Capitão-mor das ordenanças do termo da Vila de Pitangui, nomeado por Cunha Meneses em 7 de dezembro de 1787.

[131] *Decumanas*: enormes, imensas.

[132] *Fúria*: alusão às três fúrias, Alecto, Tisífone e Megera, entidades mitológicas nascidas do sangue de Saturno, quando teve os testículos cortados por Zeus. São representadas como mulheres com asas, sempre cercadas de serpentes, e, por vezes portando tochas e açoites. Personificam a maldição.

[133] *Drogas*: tecidos de lã ou de seda.

[134] *Droguete*: capa de seda, com forração de algodão ou de lã, usada pelos capinhas ou pelos toureiros.

[135] *Macedo*: João Rodrigues de Macedo, contratador que mandou edificar a Casa dos Contos, um dos mais belos edifícios de Vila Rica, penhorado posteriormente em razão de enorme dívida à Fazenda Real.

[136] *Mévio*: deve ser o devedor José Antônio de Araújo.

[137] *Albino*: deve ser o sargento-mor José Pereira Alvino.

[138] *Cego nume*: alusão a Cupido, deus do amor na mitologia greco-romana, que é representado como um menino alado e despido, com os olhos vendados; traz sempre arco e flechas, com que provoca a paixão nos que por elas são feridos.

[139] "*Um ministro*": deve ser Joaquim Antônio Gonzaga, ouvidor da Vila do Príncipe e primo de Gonzaga.

[140] *Tétis*: deusa do mar, na mitologia grega, nascida de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra). Casada com seu irmão Oceano, foi mãe de 3.000 ninfas, as Oceânides, e de 3.000 rios, entre outras entidades mitológicas.

[141] *Chasco*: zombaria.

[142] *Loureiros machos*: os dois últimos versos fazem alusão a uma antiga superstição popular: onde estão os loureiros não cai o raio em dia de trovoada.

[143] *Mariolas*: velhacos, patifes.

[144] *Mochilas*: corcundas.

[145] *Couceira*: soleira da porta.

[146] *Machacaz*: manhoso, espertalhão, astucioso, também homem corpulento.

[147] *Michela*: prostituta.

[148] *Jarreta*: bêbado.

[149] *Canteiro*: pedreiro, operário especializado em lavrar pedras de cantaria.

[150] *Massame*: lastro de pedras e argamassa para assentamento de ladrilhos.

[151] "*Entende Fanfarrão que não devia.*" este verso e os seguintes referem-se ao casamento feito às pressas entre a amante do governador Maria Joaquina Anselmo de Figueiredo e o cabo-de-esquadra Jerônimo Xavier de Sousa, promovido a alferes por eu protetor em 4 de julho de 1788, sete dias antes da partida de Cunha Meneses. As bodas realizaram-se em Vila Rica, com dispensa de proclamas.

[152] *Supremo Tonante*: Júpiter, na mitologia greco-romana. Zeus, entre os gregos. O mais poderoso dos deuses, o senhor do Olimpo, filho de Saturno e de Réia.

[153] *Lhe pregue o mono*: logre, engane, ludibrie.

[154] *Cadimas*: hábeis, ágeis.

[155] *Banhos*: proclamas de casamento.

[156] *Podengo*: cão de caça.

[157] *Saia*: alusão ao episódio mitológico em que, para impedir que seu filho Aquiles partisse para a guerra de Tróia, sua mãe Tétis o fez vestir roupas femininas e o conduziu para a corte de Licomedes, na ilha de Ciros.

[158] *Himeneu*: deus do casamento, na mitologia. Para alguns, filho de Baco e de Vênus (Dionísio e Afrodite, para os gregos), para outros, de Apolo (Febo, para os gregos) e Calíope. Representado na figura de um belíssimo jovem, de cabelos crespos, ao mesmo tempo sorridente e triste, portador de nozes e romãs e flores, principalmente rosas e manjerona; nas mãos, uma flauta ou uma tocha nupcial.

[159] *Canhões*: extremidades da manga, da bota ou da luva.

[160] *Cucula*: capuz, capelo.

[161] *Bode*: pessoa suja, malcheirosa, feia, repulsiva.

[162] *Brandão*: vela grossa de cera, tocha.

[163] *Argolinhas*: jogo em que pessoas a cavalo buscam, a galope, arrebatar, com uma espada ou uma lança, ambas de madeira, um anel pendurado na ponta de uma corda, a uma altura de três metros aproximadamente. A prenda é objeto de oferenda aos jovens, às senhoras ou às autoridades em troca de premiação.

[164] *Passador*: emitente.

[165] "*Um homem sábio*": trata-se do médico Tomás de Aquino Belo e Freitas, que, tendo estudado em Coimbra de 1743 a 1748, teria, ao tempo da composição das cartas, os seus 65 anos, segundo Lapa, com divergência de A. Melo Franco.

[166] *Inglaterra*: alusão ao medicamento conhecido como água-de-inglaterra, feito de casca de quina cozida e que era usado na cura de febres intermitentes.

[167] *Professor*: era termo geral que, ainda no século XVIII, designava quer o médico, quer o cirurgião. Dado ao desenvolvimento do ensino público, passou a ser aplicado somente aos mestres profissionais.

[168] *Vulcano*: Hefestos para os gregos, na mitologia greco-romana, é o deus do fogo e personifica o raio e o trovão. Filho de Júpiter e de Juno (Zeus e Hera, para os gregos era coxo e feio.

[169] *Numa*: segundo a mitologia, o segundo rei de Roma.

[170] *Jano*: na mitologia romana, inicialmente deus do céu luminoso e do princípio de tudo que existe. Foi rei do Lácio, e por seu reinado pacífico, ficou sendo o deus da paz. É representado por uma cabeça de duas faces contrapostas, tendo numa das mãos uma chave e na outra uma pequena vara.

[171] *Vesta*: na mitologia greco-romana, filha de Réia e de Saturno, deusa do fogo e protetora da virgindade.

[172] *Egéria*: na mitologia greco-romana, belíssima ninfa, transformada em fonte por Diana, a deusa da caça. É a protetora dos partos.

[173] *Sertório*: general romano, estadista, famoso por sua atuação na península Ibérica. Morreu em 72 a.C.

[174] *Deusa caçadora*: na mitologia romana, alusão a Diana (em grego Artemis), também deusa da floresta, das águas correntes e dos lagos, filha de Júpiter (Zeus, em grego) e de Latona.

[175] *Mafoma*: Maomé, o profeta fundador do Islamismo, nascido em cerca de 570, falecido em 632.

Alvarenga Peixoto

Prefácio

M. Rodrigues Lapa

[1] *Aérides*, p. 89.

[2] *Vozes de Petrópolis*, XII (1954), p. 495.

[3] Arquivo da Torre do Tombo, Junta do Comércio, maço 1º.

[4] Biblioteca Pública de Braga, Códice 888, p.111.

[5] Arquivo da Torre do Tombo, Leitura de Bacharéis, maço 27, nº 3, letra I.

[6] Arquivo da Torre do Tombo, Junta do Comércio, liv 72, fl. 135 v.; Passaportes de passageiros, cód. 801, fl. 85 do Arquivo Histórico Ultramarino (a mesma licença com a data de 10 de novembro de 1761).

[7] Arquivo Histórico Ultramarino, Documentos em organização de Minas, maço 20.

[8] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 334, fl. 52 v. 61.

[9] Ver Documento nº. 3.

[10] DUMOURIEZ, *État présent du royaume de Portugal* (1766), Lausanne, 1775, p. 212.

[11] No requerimento que fez em 1780, pedindo autorização para montar mais um engenho de cana na sua fazenda da Boa Vista, dizia que "já quando ela fora comprada achara aí um engenho de cana com posse de anos". Ora isto parece significar, uma vez que a fazenda lhe foi doada pelo tio Sebastião de Alvarenga, que o moço estava presente quando o tio a comprou para ele. E isto podia muito bem ter sido entre 1762 e 1763. Nesse tempo, se é que interpretamos bem os documentos, a fazenda da Boa Vista e a que lhe andava pegada, a dos Pinheiros, pertenciam ao guarda-mor Tumé de Gouveia Sá Queiroga. — Arquivo Público Mineiro, Secretaria do Governo, Cód. 186, fl. 208 e Cód. 229, fl. 7 v.-12.

[12] Chancelaria de d. José I, liv. 32, fl. 96.

[13] Chancelaria de d. Maria I, liv. 11, fl. 235.

[14] T. BRAGA, *História da Universidade de Coimbra*, III, pp. 624-25.

[15] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, 1-9, 30; e também Instituto Histórico (Rio), lata 311-ms. 15.316.

[16] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, 1-9, 3.

[17] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, 1-31, 31, 15.

[18] D. ANTÔNIO DA COSTA. *História do Marechal Saldanha*, Lisboa, 1879, v. I, 13-17
O autor, que descreve a sessão, diz que as poesias recitadas se encontravam no arquivo dos condes de Rio Maior, descendentes do morgado de Oliveira.

[19] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, 1-9, 23.

[20] Arquivo Pitoresco, Lisboa I (1857–1858), p. 388.

[21] Arquivo Histórico Ultramarino, Passaportes, Cód. 803, fl. 130.

[22] Arquivo Histórico Ultramarino, Passaportes, Cód. 803, fl. 164v.

[23] Torre do Tombo, Chancelaria de d. Maria I, liv. 11, fls. 322-323.

[24] Os aluguéis da casa reservada ao amigo, pertence a Francisco Ferreira da Costa, no largo da Câmara, começaram a 30 de julho de 1776, à razão de duas oitavas e meia por mês. — Arquivo Nacional (Rio), Seção Histórica, Arm. 5 — Pac. 9, fl. 10v. Em carta de 17 de agosto de 1776, João de Sousa Lisboa comunicava desde Vila Rica ao dr. Joaquim José Freire de Andrada, intendente em Goiás: "Ontem tomou posse o novo ouvidor que veio para esta comarca, e segunda-feira parte desta vila o novo ouvidor que vai para o Sabará, e hoje faz oito dias partiu daqui o novo ouvidor para o Rio das Mortes, que vai tomar posse". — Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 174, sem paginação.

[25] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, cód. 189, fls. 84, 87v.

[26] Sobre esta seca de 1776 veja-se uma carta de João de Sousa Lisboa a Domingos Gomes Xavier, em 23 de novembro de 1776. — Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 174.

[27] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 206.

[28] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 174.

[29] Em 10 de fevereiro de 1780, Alvarenga Peixoto recebia da casa de João Roiz de Macedo, em Vila Rica, a seguinte carta: "Meu Amigo e Senhor. Em virtude da procuração que V. Mercê entregou a meu primo João Roiz de Macedo, recebi hoje da Junta da R. Fazenda 6.704$230 rs., a qual quantia lhe fica acreditada até V. Mercê ajustar

com o dito meu primo esta conta. Ele foi para o Rio de Janeiro com o Sr. d. Antônio, e eu aqui estou prontíssimo para executar os preceitos de V. Mercê, a quem desejo boa saúde, etc."- Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 300, p. 194 e Cód. 368, fls. 7v., 17.

[30] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 287, fl. 40 e Cód. 289, fl. 33.

[31] Arquivo da Prefeitura de S. João del-Rei, Registo de Editais, fls. 231-235; Ordens Régias (1778), fls. 3, 4, 9-10; Acórdãos (1778–1783), fls. 9-11, 266v.

[32] Arquivo Público Mineiro, Secretaria do Governo, Cód. 222, maço 10, 14.

[33] Arquivo da Prefeitura de São João del-Rei, Ordens Régias (1778–1780), fls. 41-42 Ver também Acórdãos, liv. 44, fls. 44-45.

[34] É curiosa a maneira como se fazia essa "convocação". Em sessão camarária de 2 de julho de 1777, os Senadores acordaram "que fosse chamado Inácio Coelho, músico, como cabeça da música da Ópera, para assistir com o seu coro no dia oito do presente mês ao funeral que se há-de fazer do nosso Augusto Monarca, o Sr. d. José I, com a pena de, se faltarem, serem presos trinta dias na enxovia da cadeia desta vila e pagarem vinte oitavas para as despesas do concelho". — Arquivo da Prefeitura de S. João, Acórdãos, liv. 44, fls. 252v.

[35] A data do nascimento de Maria Efigênia é absolutamente segura; mas até hoje ainda se não encontrou o respetivo assento de batismo, que não consta dos arquivos paroquiais de S. João del-Rei. É possível que a menina fosse batizada em S. José, ao cuidado do pároco amigo, Carlos Correia de Toledo, que, dadas as circunstâncias do nascimento, não lavraria registo ou teria o cuidado de o suprimir.

[36] Ver Documento justificativo nº 3. In Lapa, M. Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto...*

[37] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 333, fls. 35-42; Cód. 334, fls. 47v.-62; Cód. 401, fls. 255-266.

[38] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, I-31, 31, 15.

[39] Ver o Documento justificativo nº 14.

[40] Arquivo Histórico Ultramarino, Documentos avulsos de Minas Gerais, maço 72.

[41] *Vozes de Petrópolis,* v. XII (1954), p. 494-495.

[42] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 300, p. 163, 174.

[43] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, I-9, 1.

[44] Arquivo da Prefeitura de S. João del-Rei, Registos e Editais (1777), fl. 59v.

[45] Ver o Documento justificativo nº 21.

[46] Arquivo Público Mineiro, Documentos avulsos (1782).

[47] *Obras poéticas* de I.J. de Alvarenga Peixoto, Rio, 1865, p. 35, 64-65.

[48] Em relação ao ano de 1783, sobretudo no segundo semestre, podemos assistir às suas deslocações, por meio das notas que dirigia aos agentes de Joaquim Silvério dos Reis sobre direitos de entradas, de que apresentamos esta amostra: "Senhor guarda-mor João da Silva Pereira. Estimarei que lhe assista saúde e felicidades em todos os seus projetos. Por José Nunes da Cruz mandei vir duzentas e trinta bruacas de sal, que se hão de passar em meu nome, e os quintos que elas importarem por esta me obrigo a satisfazê-los, ficando o condutor desobrigado, e eu unicamnte de-

vedor ao Caixa do Contrato, na forma que com eles tenho ajustado. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos. São João de El-Rei, a vinte e oito de junho de mil e sete centos e oitenta e três. De Vossa Mercê muito atento venerador e servo — Inácio José de Alvarenga". Há a seguir mais cartas deste teor, sem importância literária. Esses bilhetes demonstram o vulto dos negócios de Alvarenga Peixoto, que não tinha mãos a medir, e marcam ao mesmo tempo as suas deslocações e permanências. Por eles vemos que em 20 de junho de 1783 estava em S. Gonçalo; de 28 de junho a 2 de agosto encontramo-lo em S. João; em 24 de agosto já está em Vila Rica; e de 28 de outubro a 28 de novembro vemo-lo de novo em S. João. — Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 527, fls. 53-60.

[49] As contas que incluem estas verbas seguem-se aos "provarás" e poderão ver-se no processo respectivo. — Arquivo Nacional do Rio, Seção Histórica, Arm. 5, Pac. 19, fl. 8 e segs.

[50] Ver o Documento justificativo nº 21.

[51] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, I-10, 17.

[52] Ver sua Correspondência, nº 12.

[53] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, II-31, 31.

[54] Arquivo Nacional do Rio, Seção Histórica, Arm. 5 — Pac. 5.

[55] Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, II-31, 31.

[56] Arquivo Público Mineiro, Secretaria do Governo, Cód. 241, fl. 106v.

[57] Arquivo Público Mineiro, Secretaria o Governo, Cód. 241, fls. 144-145.

[58] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 414, p. 506.

[59] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 414, p. 483.

[60] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 414, p. 306; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, I-10, 16, II-36, 2.

[61] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 414, p. 317.

[62] Arquivo Nacional do Rio, Seção Histórica, Arm. 5 — Pac. 4.

[63] Arquivo Público Mineiro, Delegacia Fiscal, Cód. 414, p. 324.

[64] Arquivo Nacional do Rio, Seção Histórica, Arm. 5 — Pac. 14; Biblioteca Nacional do Rio, Seção de Manuscritos, I-9, 9; Arquivo Público Mineiro, Secretaria do Governo, Cód. 241, fl. 160-161.

[65] Arquivo Nacional do Rio, Seção Histórica, Arm. 5 — Pac. 21.

[66] Arquivo Público Mineiro, Documentos avulsos da Casa dos Contos. Veja-se ainda, no mesmo Arquivo, a carta de João Roiz de Macedo a Alvarenga Peixoto de 17 de maio de 1788 sobre as contas com o dr. João de Araújo e Oliveira: Delegacia Fiscal, Cód. 414, p. 570-572.

[67] Ver o Documento justificativo nº 13, cap. 6.

[68] *Autos de devassa da Inconfidência*, I, 202, 206; II, 107, 376, 393; III, 313, 325, 356, 390.

[69] *Autos de devassa da Inconfidência*, IV, 129, 138-140.

[70] Arquivo Histórico Ultramarino, Documentos avulsos de Minas Gerais, Maço 76 e Caixa 93.

[71] *Autos de devassa da Inconfidência*, IV, 423.

[72] Ver o Documento justificativo nº 17.

[73] História do Brasil, 3. ed., v. IV, 414.

[74] Arquivo Histórico Ultramarino, Copiador do governador de Angola, Cód. 1.629, fls. 28-29.

[75] Estes informes sobre a curta e miserável existência de Alvarenga Peixoto em África são tirados do estudo do padre Ruela Pombo, *Inconfidência Mineira*, Luanda, 1932, que transcreve os documentos oficiais respectivos, que vêm corrigir a velha informação, tantas vezes repetida, de J.P. Xavier da Veiga de que o inconfidente teria morrido em 1º de janeiro de 1793 (*Efemérides mineiras*, I, 6). O dia exato da morte pode concluir-se dos ofícios do comandante do presídio de Ambaca para o governador e deste recibo do padre Jerônimo Fernandes Lana, que encontramos no Arquivo Público Mineiro, nos *Documentos avulsos da Casa dos Contos*: "Recebi do Sr. Alferes Lúcio José Monteiro uma oitava e três quartos e quatro vinténs de oiro, que me pagou de esmola de três ofícios e seis responsos, que rezei por mando da Sra. d. Bárbara, a saber: no dia 12 de julho pela alma da Sra. d. Maria Efigênia, no dia 13 de fevereiro pela alma da Sra. d. Maria, sua mana, e a 27 de agosto pela alma do Sr. dr. Inácio José de Alvarenga; e para sua clareza passo este. Boavista aos 3 de setembro de 99. — O Padre Jerônimo Fernandes Lana". Os ofícios e responsos seriam ao aniversário da morte do marido, o que combina perfeitamente com os dados oficiais.

[76] Arquivo Histórico Ultramarino, Cód. 1.629, fl. 53v.

[77] Arquivo Histórico Ultramarino, Cód. 1.628, fls. 158-154; Cód. 1629, fl. 11.

As Louvações de Alvarenga Peixoto

Letícia Malard

[1] A título de exemplo: No *Parnaso brasileiro* (1829–1832), de Januário da Cunha Barbosa, há um soneto dado como de Basílio da Gama corrigindo-se, em errata, para Alvarenga Peixoto, sem explicações. Tanto pode tratar-se de erro de atribuição pelo antologista como do tipógrafo. De qualquer forma, o fato suscita desconfiança quanto ao método de trabalho utilizado na época, para a recolha e leitura de manuscritos e publicações esparsas.

[2] LAPA, M. Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. p. XIV. Todas as citações do poeta neste trabalho são retiradas desta edição.

[3] S. Joaquim Norberto de Souza. Advertência. *In*: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864. p. 6. Rodrigues Lapa não tratou dessa questão especificamente, mas registrou outro tipo de confusão, *erro velho de cem anos*, diz ele: Inocêncio F. da Silva, num estudo sobre o poeta lusitano Antônio Diniz da Cruz e Silva, disse que Alvarenga Peixoto viera para o Brasil em 1776, na companhia deste. Lapa retifica, documentadamente: Quem veio foi Manuel Inácio da Silva Alvarenga. (LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. XXVIII-IX).

[4] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 23.

[5] GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias: Cartas chilenas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. p. 47.

[6] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 27.

[7] VEYNE, Paul. O Império Romano. In: VEYNE, Paul. (org.) *História da vida privada*, 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. il. entre p. 208 e 209.

[8] Sobre a questão da delegação poética enquanto encarnação em uma divindade mitológica, veja-se meu estudo "Gonzaga, o pastor Apolo", *in*: MALARD, Letícia. *Escritos de literatura brasileira.* Belo Horizonte: Comunicação, 1981. p. 57-68.

[9] Para o conhecimento da feição barroca do poeta, veja-se: CARDOSO, Wilton. Aspectos barrocos da lírica de Alvarenga Peixoto. *In*: *Seminário sobre a poesia mineira: período colonial.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984. p. 119-43. Nesse estudo, Cardoso inclui o poeta no barroco mineiro, em sintonia temporal com as demais manifestações artísticas do período em Minas — a arquitetura, as artes plásticas e a música. Trata-se de trabalho fundamental sobre a obra de Alvarenga Peixoto.

[10] Rodrigues Lapa nos informa que Jônia era o pseudônimo de Joana Isabel de Lencastre Forjaz, pertencente à alta-roda de Lisboa, autora de versos e protetora de poetas, despertando-lhes amores, e com quem Alvarenga Peixoto teria mantido um romance. Ela lhe inspirou alguns sonetos. (LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 10).

[11] LAPA, R. *Op. cit.*, p. 15.

[12] Lapa chama a atenção para as semelhanças entre esse soneto e o de Tomás Antônio Gonzaga — "É gentil, é prendada a minha Altéia" (*op. cit.*, p. 9), bem como para a presença dessa mulher no soneto 7 de Alvarenga, o que pode levar à hipótese de que *reqüestassem a mesma mulher, em tempos diferentes.* (*Op. cit.*, p. 10).

[13] CARDOSO, W. *Op. cit.*, p. 130-1.

[14] No soneto dedicado a Maria Efigênia, inserido na retórica religiosa, está o velho tema da brevidade da vida. Conforme demonstrou Wilton Cardoso, esse tema, que remonta à Antigüidade, adquire novo matiz no barroco — o de impressionar os sentidos — e permanece como prática residual nos poetas mineiros do século XVIII. Cardoso cita versos desse soneto como exemplo. (CARDOSO, Wilton. Um tema barroco na poesia mineira do Século do Ouro. *Boletim da Biblioteca Pública de Minas Gerais,* nº 2, Belo Horizonte, 1971. pp. 55-63.)

[15] Diz Rodrigues Lapa que, "embora acusado de 'ateísta', se deixou empolgar pela cerimônia religiosa e se desentranhou em pensamentos cristãos sobre a vida. (*Op. cit.*, p. 39)

[16] Cf. SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal.* Mira–Sintra–Mem Martins: Ed. Europa-América, 1978. p. 239-40. Ver também HOLANDA, Sérgio Buarque de. (dir.). *História geral da civilização brasileira: A época colonial,* t. 1, v. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. p. 371.

[17] Trata-se do soneto 4, "Por mais que os alvos cornos curve a Lua" publicado pela primeira vez em 1813, com a rubrica "À mesma rainha". Lapa data-o de cerca de sete anos antes de a rainha subir ao trono, acrescentando que o poeta não incluiria a soberana no meio de mulheres olímpicas despidas, conforme se lê na mencionada composição. (LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 7).

[18] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 54.

[19] Segundo José Hermano Saraiva, a rainha enlouqueceu pelas alturas de 1784 (*op. cit.*, p. 243). A loucura foi reconhecida oficialmente só em 1795, informação corrente nas histórias de Portugal.

[20] O comportamento bajulatório do poeta encomiástico estende-se para além da literatura, ou melhor: a bem da verdade, a literatura é que exprime a cultura da vassalagem. Para o homem atual é difícil perceber a diferença entre o bajulador e o vassalo nos textos dos escritores sob regimes políticos comandados pela nobreza. A carta de frei Penaforte, confessor dos inconfidentes na prisão, descreve como estes reagiram diante da comutação da pena capital: "... todos diziam a uma só voz: 'Que clemência! Que piedade! Só vós, Senhora, nascestes para governar. Que felicidade a nossa sermos vassalos de uma Rainha tão cheia de comiseração de seu povo! Governai-nos, Senhora. Vós nos cativastes'— E comenta o frade: Resplandece nesta clementíssima providência o inato amor que consagra a Soberana aos seus vassalos, qual o termo de mãe para os seus filhos. Não menos em jogo de política — tão necessária aos príncipes — com o qual pretende atrair a si os corações de seus colonos, já aterrando-os, já confundindo-lhes os ânimos como para lhes mostrar evidentemente a infidelidade de alguns, já com o terror dos últimos castigos, já finalmente com mitigar estes mesmos castigos até chegar ao excesso de dispensar nas leis ordinárias. (*Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, v. 9. Brasília: Câmara dos Deputados / Governo do Estado de Minas Gerais, 1977. p. 171.)

[21] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, v. 1. São Paulo: Martins, 1959. p. 104.

[22] Na primeira inquisição ao inconfidente Domingos de Abreu Vieira, ao lhe ser perguntado qual era o plano a que os revoltosos se propunham, respondeu: ... em outra ocasião, encontrando em um quarto das suas casas o dito padre (Oliveira Rolim), o referido alferes, e o tenente coronel do Regimento Pago, Francisco de Paula Freire de Andrada, lhe disseram — o alferes e o padre — que, no caso de se lançar a derrama rompendo-se então o levante, seria morto nesse conflito o Exmo. General; que este era o voto do Des. Gonzaga e do *Cel. Inácio José de Alvarenga, os quais diziam que*: 'quanto ao General, cabecinha fora, cabecinha fora; (*Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, v. 2. Brasília–Belo Horizonte: Câmara dos Deputados / Governo do Estado de Minas Gerais, 1978. p. 19.) (grifo meu). A mesma informação aparece no depoimento de Francisco Antônio de Oliveira Lopes: "E perguntando-lhe ele, Respondente, que cousa era assassínio, lhe respondeu o dito Alvarenga que era matá-lo" (ao General). (*id. ib.*, p. 56.)

[23] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 40.

[24] *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, v. 5. Brasília–Belo Horizonte: Câmara dos Deputados / Governo de Minas Gerais, 1982. p. 113.

[25] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 21. Uma síntese das realizações marcantes do vice-reinado de Lavradio encontra-se em HOLANDA, Sérgio Buarque de. (dir.). *Op. cit.*, p. 367-71.

[26] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit*, p. 43.

[27] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. XXVII-XVIII.

[28] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 19.

[29] *Id. ib.*

[30] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 34.

[31] *Id. ib.*

[32] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 38.

[33] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 48-9.

[34] A consciência de Alvarenga sobre as riquezas da Colônia está patente numa resposta do depoente Oliveira Lopes, antes referido. Quando lhe perguntaram se algum dos confederados desmentiam o fato de que a América tinha somente poucas fábricas, trigo e algum peixe seco, ao contrário do Brasil, que era riquíssimo e tudo nele abundava, Lopes respondeu que somente ouviu isso do cel. Alvarenga. (*Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, v. 2. *Op. cit.*, p. 66.)

[35] Cf. MALARD, Letícia. Alvarenga Peixoto. *In*: *História da literatura brasileira* Lisboa: Alfa, no prelo.

[36] LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 47-8.

POEMAS

* Fontes básicas: LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto.* Rio de Janeiro, M.E.C. Instituto Nacional do Livro, 1960; GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie Grecque et romaine.* Paris, Presses Universitaires de France, 1982; SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia greco-latina.* Belo Horizonte, Itatiaia, 1965; BRANDÃO, Junito de Sousa. *Mitologia grega.* Petrópolis, Vozes, V. 1, 2.eD. 1986, V. 2, 1987, V. 3, 1987.

[1] *Ácio*: referência a um episódio da história de Roma, a batalha naval em que Otávio venceu Marco Antônio (83?– 30 a.C.), famoso político, e militar romano, amante de Cleópatra, a rainha do Egito. Após a derrota, Antônio suicidou-se. O poema é um exercício literário apoiado nos conflitos entre os dois homens públicos.

[2] *Quirino*: na mitologia greco-romana, é outro nome de Rômulo, fundador e primeiro rei de Roma. Ele e o irmão gêmeo Remo, ambos filhos de Marte e Réia Silvia, foram, após a morte da mãe, abandonados e logo amamentados por uma loba; encontrou-os, em seguida, o pastor Fáustulo, que encarregou sua mulher de os criar. Na idade adulta, por força de desentendimentos, Rômulo assassinou o irmão e deu nome à cidade que, por decisão de Númitor, avô dos gêmeos, deveria ser fundada no lugar em que, recém-nascidos, haviam sido expostos.

[3] *Jove*: na mitologia greco-romana, outro nome de Júpiter; Zeus, entre os gregos. O mais poderoso dos deuses, o senhor do Olimpo, filho de Saturno e de Réia.

[4] *Augusto*: Caio Júlio César Otaviano (63 a.C.–4 a.C.), primeiro imperador romano. Seu governo foi marcado por notáveis realizações. Tanto, que o tempo em que imperou ficou conhecido como "O século de Augusto". Num determinado momento, o imperador renunciou a todos os seus poderes; o Senado devolveu-os e lhe conferiu o título de Augusto.

[5] *Alexandre*: trata-se de Alexandre, o Grande, da Macedônia, famoso militar e estadista, que reinou de 336 a 323 a.C. É o fundador da cidade de Alexandria.

[6] *Dinis*: d. Dinis (1261–1325), sexto rei de Portugal. Casado com d. Isabel, a Rainha Santa. Cognominado "O Rei Lavrador", seu reinado foi dos mais fecundos. Poeta, sua arte exerce influência marcada sobre a literatura ibérica. É o fundador da Universidade de Lisboa.

[7] *Mondego*: rio exclusivamente português.

[8] *Juno*: Hera, para os gregos. Na mitologia greco-romana, filha de Saturno e Réia, irmã e esposa de Júpiter (Zeus, para os gregos). Senhora do Olimpo, é a rainha dos deuses e dos homens. Ciumenta e vingativa, perseguia quem quer que fosse que se

envolvesse amorosamente com seu divino marido, estendendo sua vingança aos frutos dessas relações. Hércules, filha da união de Júpiter com Alcmena, não fugiu à regra. O mesmo aconteceu com sua mãe. É a protetora das mulheres, em especial, das mães de família.

[9] *Almena*: ou Alcmena. Na mitologia greco-romana, mulher de Anfitrião, general tebano. Virtuosíssima. Júpiter, encantado por seus atributos, seduziu-a, disfarçado na figura do marido. O fruto da sedução é Hércules. Observe-se que o nome do general passou a substantivo comum, designador de quem hospeda alguém. O mesmo aconteceu com Sósia, nome do ordenança do general, disfarce de Mercúrio, hermes para os gregos, que acompanhou o pai dos deuses na empreitada sedutora.

[10] *Hércules*: na mitologia greco-romana, o mais famoso dos semideuses, filho de Júpiter (Zeus) e da mortal Alcmena, esposa do general tebano Anfitrião. Sua marca fundamental é a força aliada à sagacidade. Odiado por Juno, Mercúrio numa tentativa conciliatória, levou-o recém-nascido ao Olimpo e, enquanto a rainha dormia, colocou-o junto de seu seio. Glutão desde sempre, ele sugou com tal violência, que a soberana acordou em sobressalto e, ao vê-lo, afastou-o bruscamente. O leite que continuou a jorrar de seu seio deu origem à via-látea. Em seguida, a esposa de Júpiter, ainda irada, mobilizou contra Hércules duas serpentes, mortas imediatamente pelo menino. Ainda por força da divina perseguição, leva-o a executar uma série de tarefas, conhecidas como os doze trabalhos de Hércules, entre eles, fato a que alude o poema, a destruição da Hidra de Lerna, monstro de muitas cabeças, que, se decepadas, de imediato renasciam. O filho de Alcmena liquidou-a, usando o estratagema de, auxiliado por Iolas, queimar, uma por uma, as cabeças decepadas.

[11] *Averno*: inferno

[12] *Serpente*: alusão à Hidra de Lerna. V. nota 10

[13] *Troncar*: truncar, cortar.

[14] *Tétis*: na mitologia greco-romana, há duas figuras com o nome: a primeira, é uma das divindades primordiais das teogonias gregas; nascido dos amores de Urano, o Céu, e de Gaia, a Terra, casada com Oceano, é a personificação da fecundidade do mar, a senhora das águas, mãe de 3.000 ninfas e de 3.000 rios. A segunda, é a mais bela das nereidas, uma divindade marinha, cobiçada por Zeus e Poseidon, conhecida como a "deusa dos pés de prata", filha de Nereu, o Velho do Mar, e de Dóris. Por força da comparação com Vênus (Citeréia), o poema refere-se à segunda.

[15] *Citeréia*: na mitologia greco-romana, Vênus ou Afrodite, por força da ilha de Citera, onde havia um templo em sua honra.

[16] *Címtia*: na mitologia greco-romana, outro nome de Diana, a deusa da caça, para os gregos Ártemis, filha de Júpiter (Zeus, para os gregos) e de Latona, irmã de Apolo (Febo, para os gregos).

[17] *Vênus*: ou Afrodite, para os gregos. Na mitologia greco-romana, a deusa da beleza e do amor, nascida da efemeridade de uma espuma: o esperma de Urano, quando os seus testículos, cortados por Júpiter, ou Zeus, foram lançados ao mar, próximo à ilha de Chipre ou Citera. Por sua beleza, era cobiçada por todos os deuses do Olimpo.

[18] *Pomo*: alusão ao episódio mitológico do pomo de ouro, ocorrido nas bodas de Tétis, a Nereida, com Peleu, o humano e riquíssimo rei viúvo de Ftia. Na alegria da festa, Éris, a deusa da Discórdia, lança sobre a mesa o citado pomo, com uma inscrição: "para a mais bela". O título e o pomo são imediatamente disputados por Tétis, Vênus (Afrodite), Atena (Minerva) e Hera (Juno). Júpiter (Zeus), entrega a decisão

ao mortal Páris, filho de Príamo, rei de Tróia. O julgamento é marcado, a festa continua. Juno prometeu ao juiz fortuna e o império da Ásia; Minerva, sabedoria e glória; Vênus, a mulher mais bela do mundo. No dia aprazado, a decisão favorece a deusa do amor. A vingança das demais foi a guerra de Tróia, motivada pela paixão de Páris por Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, e conhecida pela sua formosura sem par. O rapto de Helena pelo jovem juiz provocou o conflito entre gregos e troianos que se estendeu por dez cruentos anos.

[19] *Dano*: alusão aos efeitos da guerra.

[20] *Uraguai*: alusão ao poema épico, *O Uraguai*, de Basílio da Gama, contemporâneo e amigo de Alvarenga Peixoto. O poema trata da tomada dos Sete Povos das Missões, pelas tropas luso-espanholas.

[21] *República perjura*: a república que os jesuítas fundaram e que contrariava os interesses de Portugal, assunto nuclear do poema.

[22] *Caco*: V. *Cartas chilenas*, nota 32.

[23] *Alcides*: alusão, segundo M. Rodrigues Lapa, a Gomes Freire de Andrade, herói da campanha do Uruguai.

[24] *Toca vingar*: cabe, compete vingar.

[25] *Termindo*: Termindo Sepílio, nome árcade de Basílio da Gama.

[26] *"Eu vi a linda Jônia e namorado"*: Vale comparar com o soneto de Tomás Antônio Gonzaga "É gentil é prendada a minha Altéia".

[27] *Cupido*: deus do amor na mitologia greco-romana. Representado como um menino alado e despedido, com os olhos vendados, traz sempre arco e flechas, com as quais provoca paixão nos que por elas são tocados.

[28] *"Vença-te o brio pelo amor cortando"*: ou seja: "prevaleça em ti o brio, deixando de lado o amor."

[29] *Joana*: d. Joana Isabel de Alencastro Forjaz, da alta sociedade lisboeta, poetisa pouco importante, mas protetora dos poetas, viveu caso amoroso com Alvarenga Peixoto.

[30] *Tarquino*: "o Soberbo", sétimo e último rei de Roma, genro de Sérvio Túlio, conhecido como tirano.

[31] *Deusas três*: alusão a Juno (Hera), Minerva (Atenas) e Vênus (Afrodite), as três divindades olímpicas que disputaram o pomo de ouro lançado à disputa pela Discórdia, nas bodas de Tétis e Peleu.

[32] *"Quinda que esconda Jônia as graças belas"*: possível alusão ao luto, que prejudicava a beleza de Joana Isabel de Alencastro Forjaz.

[33] *Corre a cortina das estrelas*: entenda-se: "descerra os véus da manhã, e deixa passar o sol."

[34] *Deusa dos amores*: Na mitologia greco-romana, Vênus, em grego Afrodite, a deusa do amor e da beleza.

[35] *Que tempo há de passar*: o tempo passará, quer se queira ou não.

[36] *Discorre*: pensa, imagina serenamente.

[37] *Anteão*: alusão ao episódio mitológico em que Diana, Ártemis, para os gregos, transformou o jovem caçador Anteão num veado, logo devorado pelos próprios cães, quando este a surpreendeu a banhar-se nua numa fonte.

[38] *Cupido*: V. nota 27.

[39] *Cíntia*: V. nota 16.

[40] *Pafos*: cidade, a oeste da ilha de Chipre, famosa pelo templo do culto a Vênus, Afrodite, em grego.

[41] *Impiíssima*: insensível, refratária às solicitações do amor.

[42] *Triunfo maior*: entenda-se: uma vitória maior do que a de Cupido, quando fez Diana, Ártemis para os gregos, enamorar-se do pastor Endimião, condenado a um sono permanente.

[43] *Diana*: V. nota 16.

[44] *Pã*: na mitologia greco-romana, deus dos pastores, das florestas e dos rebanhos, filho de Mercúrio, Hermes para os gregos, e da ninfa Dríope. Representado como uma figura cabeluda, barbudo, nariz chato, rosto inflamado, com pés e chifres de bode. Dançarino e músico, é o inventor da flauta de sete tubos; conhecia o futuro e a arte de curar.

[45] *Vênus*: V. nota 34.

[46] *Palas*: na mitologia, Palas Atenas, em latim Minerva, a deusa da sabedoria, da guerra das ciências e das artes. Filha de Zeus, Júpiter para os romanos, nasceu da cabeça de seu pai, que passou a doer fortemente após este ter devorado a esposa Métis. Um fundo golpe de machado dado por Hefestos, em latim Vulcano, abriu-lhe o crânio, do qual emergiu a deusa, já adulta e armada. É considerada a inventora de todas as artes.

[47] *Filhas da Memória*: alusão às nove musas filhas da deusa, também chamada Mnemósine, e de Júpiter, Zeus entre os gregos. São elas: Clio, musa da História; Euterpe, da Música; Talia, da Comédia; Melpômene, da Tragédia; Terpsícore, da Dança; Érato, da Poesia Lírica; Polímnia, da Harmonia; Urânia, da Astronomia, Calíope, da Poesia Épica e da Eloqüência.

[48] *Marte*: na mitologia greco-romana, o deus da guerra. Ares, para os gregos. Filho de Júpiter, Zeus entre os gregos, e de Juno, (Hera). Para alguns, nasceu apenas de Juno, que, invejosa diante do nascimento de Minerva, saída da cabeça do pai dos deuses, o teria concebido sem participação masculina, após cheirar uma flor indicada pela deusa Flora.

[49] *Jove*: ou Júpiter, Zeus, para os gregos, o senhor dos deuses, do mundo e dos homens, na mitologia greco-romana.

[50] *Arnês*: antiga armadura completa de um guerreiro.

[51] *Ceres*: Démeter, para os gregos; na mitologia greco-romana, a deusa da Agricultura. Filha de Saturno (Cronos, para os gregos), e de Ops, irmã de Júpiter (Zeus).

[52] *César*: Caio Júlio César (101–44 a.C.) imperador romano, general e estadista, culto, grande escritor, autor dos *Comentários* da guerra das Gálias e da guerra civil. Homem de guerra e político notável. Fundou, com Crasso e Pompeu, o pacto conhecido como Primeiro Triunvirato. Cônsul em 59, venceu Pompeu na guerra civil. Soberano absoluto de Roma, tronou-se ditador e cônsul perpétuo em 44. Foi assassinado, por Brutus e seus sequazes, no Senado, em 15 de março deste mesmo ano, os conhecidos "idos de março."

[53] *Pompeu*: Cneio Pompeu Magno (106–48 a.C.), general estadista romano. Após algumas vitórias, recebeu o título de Imperator e o epíteto de Magnus. Foi cônsul com Crasso e com este e mais César, formou o Primeiro Triunvirato. Os três logo se

desentenderam. Pompeu foi derrotado por César e refugiou-se no Egito, onde foi assassinado por um oficial de Antônio.

[54] *Antônio*: V. nota 1.

[55] *Crasso*: Marco Licínio Crasso Dives (C. 135–53 a.C.) político romano. Riquíssimo, valeu-se de seus recursos financeiros para, aderindo sempre ao poder vigente, manter-se prestigiado. Cônsul com Pompeu, também apoiou César.

[56] *Augusto*: V. nota 4.

[57] *"cortam os fios dos arados tortos/trezentos Fábios num só dia mortos"*: entenda-se, segundo Lapa: "os gumes dos arados que vão lavrar os campos cortam num só dia os cadáveres de trezentos Fábios."

[58] *Mânlio*: um dos membros da família Mânlia, de Roma, cujos membros mais eminentes foram cônsules e ditadores.

[59] *Subir*: suportar, sofrer.

[60] *Mário*: Caio Marcelo Mário (157 a.C.–86 a.C.), general e político romano, cônsul por sete vezes.

[61] *Grande marquês*: O marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho, poderoso ministro do rei d. José I.

[62] *Nascente cidade*: alusão à reconstrução de Lisboa, depois do terremoto, obra em que foi decisiva a atuação do marquês de Pombal.

[63] *Carvalho*: Sebastião José de Carvalho, marquês de Pombal. V. nota 61.

[64] *Quinas*: termo da heráldica: os cinco escudos que figuram nas armas de Portugal.

[65] *Ulisses*: V. *Cartas chilenas*, nota 63.

[66] *A colossal estátua majestosa*: referência à estátua eqüestre dedicada ao rei d. José e a seu ministro, o marquês de Pombal, inaugurada em 6 de junho de 1775, acontecimento celebrado no poema.

[67] *Pombal*: V. nota 61.

[68] *José*: o rei d. José. V. nota 66.

[69] *Agripa*: Marco Vipsânio Agripa (63–12 a.C.), general e político romano, vencedor na batalha do Ácio; casou-se com Júlia, filha de Augusto, conselheiro predileto de imperador. Responsável pela construção de teatros, termas e templos, entre eles o Panteon.

[70] *Augusto*: V. nota 4.

[71] *Sully*: Maximilien de Béthune, barão de Rosny, duque de Sully, ministro de Henrique IV. Foi instituído marechal por Richelieu.

[72] *Henrique*: o rei Henrique IV (1560–1641), da França.

[73] *Augusto*: V. nota 4.

[74] *Lácio*: região situada às margens do rio Tibre, no centro da península itálica, habitada por uma comunidade agrícola e pastoril, os primeiros falantes do latim, então um idioma rude.

[75] *Cega*: obcecada, obstinada.

[76] *Numes*: divindades mitológicas.

[77] *Tibre*: rio da Itália que atravessa sucessivamente a Toscana, a Umbria e o Lácio, banha Roma e deságua no mar perto de Óstia.

[78] *José*: o rei d. José. O soneto é dedicado à morte do soberano.

[79] *Afonso*: possivelmente o marquês de Lavradio.

[80] *Carvalho*: V. nota 61.

[81] *Almeida*: o marquês de Lavradio, d. Luís de Almeida Portugal.

[82] *Teresa*: Maria Teresa da Alemanha. O soneto, dedicado ao aniversário de d. Maria I de Portugal, a compara e ao seu tranqüilo reinado, ao daquela soberana e ao de Catarina da Rússia, marcados por turbulências.

[83] *Netuno*: deus do mar, para os gregos Poseidon, filho de Saturno, para os gregos Cronos, e de Réia. Irmão de Júpiter e de Plutão, dividiu o mundo.

[84] *Amatunta*: antiga cidade da ilha de Chipre, ocupada pelos fenícios.

[85] *Penhas*: possível alusão às montanhas que cercam o Rio de Janeiro.

[86] *predomina*: avassala.

[87] *Festosa*: ornamentada.

[88] *Andrada*: o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, comandante do Regimento dos Dragões em Vila Rica. O soneto celebra o casamento dele com d. Isabel Querubina de Oliveira Maciel, filha do capitão-mor José Álvares Maciel, em 15 de agosto de 1782. O irmão da noiva, de nome igual ao paterno, e o comandante estavam entre os chefes da conjuração mineira e foram condenados ao degredo na África.

[89] *Isabel*: Isabel Querubina de Oliveira Maciel. V. nota 88.

[90] *Citera*: ilha defronte da extremidade sul da Lacônia, famosa pelo culto a Afrodite. Atualmente Cerigo.

[91] *Vênus*: V. nota 17.

[92] *Cupido*: V. nota 27.

[93] *Bárbaros filhos destas penhas duras*: Início do "Canto genetlíaco". Foi publicado pela primeira vez no *Almanak das Musas*, em Lisboa, em 1794 (Parte IV, p. 134-145), dirigido por Domingos Caldas Barbosa, com o seguinte título: "Oitavas feitas em obséquio do nascimento do Ilustríssimo Senhor d. José Tomás de Meneses, filho do Ilustríssimo Senhor d. Rodrigo José de Meneses, governador da Capitania de Minas Gerais", informa Lapa.

[94] *Rômulo*: V. nota 4.

[95] *Henrique*: d. Henrique, conde de Borgonha, que, ao tempo da Reconquista oferece seus serviços à causa, junto a d. Afonso VI, soberano dos reinos de Leão e de Castela, fundados, como o reino de Aragão, nos territórios já retomados aos muçulmanos. O reconhecimento do rei à ação excepcional do nobre conde traduziu-se em dar-lhe a filha d. Tareja em casamento e em outorgar-lhe o território inicialmente limitado pelos rios Minho e Vouga: o condado portucalense. Portucale era o nome de uma povoação às margens do rio Douro. d. Henrique amplia a faixa do seu domínio até o rio Tejo. Com sua morte, o filho de seu casamento com d. Tareja, d. Afonso Henriques, desavém-se com a genitora e após a vitória na batalha de Ourique, em 1139, funda a nacionalidade portuguesa.

[96] *José*: José Tomás de Meneses, o filho do governador, a cujo nascimento o poema é dedicado.

[97] *Erimanto*: montanha da Arcádia; a fera a que o texto se refere é o monstruoso javali que Hércules, "o grande herói que a antigüidade aclama", capturou vivo.

[98] *Hidra*: a Hidra de Lerna, monstro mitológico, de muitas cabeças, que mesmo decepadas, renasciam, se não fossem destruídas pelo fogo. Destruída por Hércules.

[99] *Macedônico guerreiro*: Alexandre, o Grande. V. nota 5.

[100] *Velho honrado*: o bispo de Mariana, d. Domingo da Encarnação Pontével, de quem o governador era amigo.

[101] *Puri*: possível alusão aos Puris, índios dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

[102] *Rodrigo*: d. Rodrigo José de Meneses, governador da Capitania de Minas Gerais.

[103] *Maria*: d. Maria José Ferreira de Eça e Bourbon, esposa do governador d. Rodrigo José de Meneses.

[104] *Amada filha*: referência a d. Maria José Ferreira de Eça e Bourbon. V. nota 112.

[105] *Vulcano*: V. *Cartas chilenas*, nota 168.

[106] *Derradeiro ano*: o fim do mundo.

[107] *Suntuoso passeio*: alusão ao Passeio Público do Rio de Janeiro.

[108] *Em parte a orna*: a orna numa parte dessa mesma pátria, ou orna o Rio de Janeiro.

[109] *Cais*: o cais da cidade do Rio de Janeiro.

[110] *Colosso*: alusão ao chafariz inaugurado no local que seria a futura praça 15 de Novembro.

[111] *Grande senhor*: possivelmente o vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa; o soneto celebra as três obras públicas por ele realizadas na cidade do Rio de Janeiro: o Passeio Público, o cais e o chafariz inaugurado no local da futura praça 15 de Novembro.

[112] *Ilustre ramo*: referência ao visconde de Barbacena, Luís Antônio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, A ode alude às agitações que antecederam imediatamente a sua administração. O texto original, rabiscado de emendas, foi incluído no processo da Devassa da Inconfidência Mineira (*Autos da devassa* I, p. 77-79), como indício das intenções revolucionárias do poeta.

[113] *Arpino*: alusão ao escritor e orador latino Cícero, que era natural de Arpino, citado como exemplo de vítima do talento.

[114] *Salva o perigo e remedeia o dano*: possível alusão à suspensão da "derrama", a cobrança dos impostos atrasados.

[115] *Marquês*: é o segundo marquês de Lavradio.

[116] *Augustíssima Imperante*: a rainha d. Maria I.

[117] *Serras*: as serras do Brasil, em especial as de Minas Gerais.

[118] *Maria*: a rainha d. Maria I.

[119] *Fico*: entendo.

[120] *Vespúcio*: Américo Vespúcio (1451-1512), navegador italiano; em 1499 viajou com Alonso Hojeda e chegou à costa do Orinoco; em 1501 participou da primeira exploração marítima feita pelos portugueses no Brasil; percorreu toda a costa leste e su-

deste do Brasil; seu relato de viagem em 1507, mesmo fantasioso, divulgou na Europa a verdadeira idéia das dimensões continentais do Novo Mundo. Em 1507 foi atribuído ao novo continente o nome de América, ou seja, "Terra de Américo".

[121] *Dous meses*: tempo normal da viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro.

[122] *Dous grandes Vasconcelos*: o ex-vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, que chegou a Lisboa em 18 de setembro de 1790 e foi presidente do Conselho de Fazenda e também da Mesa do Paço e Tomás de Lima Vasconcelos Nogueira Teles da Silva, visconde de Vila Nova da Cerveira, presidente do Real Erário e ministro dos Negócios do Reino, desde junho do mesmo ano.

[123] *Da América o furor*: alusão à Inconfidência Mineira. Segundo Lapa, o trecho que vai do verso "aos pés augustos voa" até o final da estrofe encerram a súplica do prisioneiro que implora perdão para si e para os demais encarcerados. A Conjuração, à luz do poema, não envolveria uma atitude separatista, mas objetivaria situar o Brasil num grande império luso-brasileiro. O "furor americano" deveria ser perdoado, por força de ser um "ato de amor".

[124] *Netuno*: V. nota 83.

[125] *Aterra*: aniquila, deita por terra.

[126] *Nemeu*: alusão ao leão de Neméia, povoação da Argólida, aniquilado por Hércules.

[127] *Atreu*: V. *Cartas chilenas*, notas 96.

[128] *Aquiles*: na mitologia grega, filho de Peleu, descendente de Zeus. É o herói da *Ilíada*, de Homero. Seu corpo era invulnerável, exceto no calcanhar.

[129] *Sofonisba*: rainha da Numídia, filha de Asdrúbal. Mulher de Sifax e depois de Massinissa.

[130] *Fedra*: na mitologia greco-romana, filha de Minos, rei de Creta e de Pasifae. Foi esposa de Teseu. Madrasta de Hipólito, apaixonou-se pelo enteado, por força de vingança de Afrodite, irritada por ele não cultuá-la em troca de Ártemis. Não tendo o seu amor correspondido, Fedra suicida-se e deixa uma mensagem para o marido Teseu comunicando-lhe que Hipólito tentara violentá-la, razão do seu gesto final. Teseu expulsa o filho de casa e invoca a ira de Poseidon, que lhe manda ao encontro um monstro marinho; os cavalos da carruagem de Hipólito assustam-se, ele cai, é arrastado e morre.

[131] *Edra*: face lisa do diamante.

[132] *Pedra*: alusão ao Pão de Açúcar, aliás título do poema, nas edições correntes. Parece, segundo Lapa, referir-se a uma imagem de Cristo aí mandada construir pelo "grande Castro", talvez o conde de Resende. A questão é controversa.

[133] *Vulcano*: V. *Cartas chilenas*, nota 168

[134] *Trifauce perro*: na mitologia greco-romana, o cão de três cabeças que guarda a entrada do Inferno, às margens do rio Estíges. Entenda-se: "e Brontes, caldeando o ferro, entorna sobre o metal a água da Estígia, guardada pelo cão trifauce".

[135] *Cefás*: pedra, em siríaco, ou seja, no idioma aramaico.

[136] *Água e pomo*: alusão ao suplício de Tântalo, rei da Lídia, filho de Júpiter e da ninfa Pluto, condenado por Júpiter a ser atormentado nos infernos por sede e fome eternas: em meio a um lago cristalino, sedento, as águas sempre lhe escapam; faminto, os frutos apetitosos das árvores sempre se afastam de suas mãos.

[137] *Pedra*: alusão ao mito de Sísifo, figura mitológica condenado a rolar eternamente pesada pedra até o alto de uma montanha, de onde a pedra volta a descer para que ele novamente a leve ao topo.

[138] *Pássaro voraz*: alusão ao mito de Prometeu, o Titã, criador dos homens, para os quais roubou o fogo dos deuses.

[139] *Amigo*: Tomás Antônio Gonzaga, cujas virtudes estão exaltadas no último terceto.

[140] *Lusitana augusta*: a rainha d. Maria I.

Fim de "Notas"

BIBLIOGRAFIAS

BIBLIOGRAFIA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Paulo Roberto Dias Pereira

A COMEÇAR PELO NOME dado ao movimento ideológico acontecido em Minas Gerais na década de 80 do século XVIII — Conjuração ou Inconfidência —, pode-se perceber que o tema tem gerado dissensões. A primeira análise sobre os sediciosos de 1789 à luz dos documentos das devassas, *A história da Conjuração Mineira*, de Joaquim Norberto de Sousa Silva, publicada em 1873, criou grande celeuma por não mitificar a personagem central do movimento, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Outros autores resolveram também ir às fontes dos acontecimentos, buscando um outro retrato mais próximo dos ideais republicanos do que aquele que planeara Norberto, acusado de faccioso por suas ligações com a monarquia. E o resultado acabou sendo positivo com o aparecimento de uma obra de inegável valor, que é *A Inconfidência Mineira — Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*, de Lúcio José dos Santos, que confere maior destaque dentro do movimento conspiratório ao "protomártir" da independência brasileira. Mas o eixo dos estudos sobre a Conjuração Mineira só mudou de perspectiva quando Afonso Arinos de Melo Franco deu a lume *As idéias da Inconfidência*, admirável estudo em que, numa síntese perfeita, redireciona sua interpretação: "Movimento de idéias, como é considerada, e com razão, só através delas consegue a Inconfidência ser bem compreendida."

Após essa fase interpretativa, coroada nessas três obras, a maioria do que se editou sobre a Inconfidência Mineira e Tiradentes foram trabalhos repetitivos com intuito panegírico, visando a endeusar o valoroso Alferes. Com a publicação dos *Autos da devassa*, pela Biblioteca Nacional, sob a supervisão de Rodolfo Garcia, inicia-se uma etapa que irá afetar sobretudo a geração de historiadores modernistas, já que os dois principais mestres da História do Brasil da época colonial, Francisco Adolfo de Varnhagen e Capistrano de Abreu, por diversas razões, pouco ou nada valorizaram o movimento inconfidente de 1789, a ponto de Capistrano assumir, de certo modo, a conclusão do visconde de Porto Seguro de que "a Conjuração Mineira é uma cabeçada e um conluio". Coube a José Honório Rodrigues, sucessor dessa excepcional linhagem que vai da *História geral do Brasil* aos *Capítulos de história colonial*, tratar o legado da Inconfidência Mineira sob

nova ótica. Esta fase significativa irá trilhar duas direções: uma corrente voltada para a análise das fontes primárias, agora mais acessíveis com a publicação dos *Autos*, que tem o seu modelo no instigante ensaio de Eduardo Frieiro, *O Diabo na livraria do cônego*; outra, paralela à das fontes, simbolizada por José Afonso Mendonça de Azevedo, com a divulgação dos documentos do Arquivo da Casa dos Contos, atinge o seu ápice com os trabalhos de Herculano Gomes Mathias, que continua *in progress*.

Coroados com o bicentenário do movimento e da execução de Tiradentes, têm surgido, nas últimas décadas, estudos universitários de peso, como os de Kenneth Maxwell, os quais se tornaram referência obrigatória no tocante ao movimento inconfidente; e os do historiador Francisco Iglésias. A propósito, as pesquisas realizadas em Minas Gerais ensejaram a criação de dois fortes grupos, que contemporaneamente vêm apresentando importante contribuição, aliando a abordagem metodológica de viés universitário com a tradição erudita, proveniente do Instituto Histórico, do Arquivo Público Mineiro e de arquivos particulares, como o de Nelson Figueiredo. Basta citar, entre muitos, os trabalhos de Júnia Ferrreira Furtado, José Crux Rodrigues Vieira, Luiz Carlos Villalta, Márcio Jardim, Maria Efigênia Lage de Resende, Norma de Góis Monteiro, Paulo Roberto Gomes Leite; no Rio de Janeiro, os dos pesquisadores do Arquivo Nacional — Gláucia Tomaz de Aquino Pessoa, José Ivan Callou Filho, Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, Oswaldo Munteal Filho. Fora desse circuito, cumpre mencionar os de Sérgio Faraco, além dos excelentes estudos voltados para a problemática do Iluminismo que, naturalmente, confluem para as questões pertinentes à Inconfidência Mineira, como os de Francisco José Calazans Falcon, Renato Janine Ribeiro e Sérgio Paulo Rouanet.

A organização da bibliografia sobre a Inconfidência Mineira deve estear-se em algum critério. O nosso foi o seletivo. Mas não tão rigoroso, que deixasse de arrolar obras que, embora de pouco valor, são citadas com muita freqüência. A bibliografia exaustiva, pelo menos até 1977, foi elaborada pelo saudoso Hélio Gravatá. Depois desse memorável repertório apareceu, nos *Anais da Biblioteca Nacional*, a Bibliografia da Inconfidência Mineira constante do fundo do acervo da nossa biblioteca mãe, trabalho esse de consulta obrigatória que contou com a coordenação de Eliane Perez.

As comemorações do bicentenário da Inconfidência Mineira, em 1989, e da execução de Tiradentes, em 1992, trouxeram a público pouca novidade em termos de livros, além de interesssantes números especiais de jornais e revistas. Entre as inúmeras publicações, merecem destaque o *IX Anuário do Museu da Inconfidência*, a *Revista Acervo* e a *Revista do Brasil*. Por fim, advirta-se, ao manusear esta bibliografia, que as duas principais personagens do irredentismo mineiro — Tiradentes e Gonzaga — não ficaram enclausuradas no círculo dos estudos acadêmicos, mas transitaram da esfe-

ra do privado para o público, e nesta simbiose tornaram-se figuras míticas, recriadas pela ficção, configurando-se também em expressões de domínio popular, beirando ao folclórico, em diferentes manifestações artísticas.

A

ACERVO. Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v. 4, nº 1, jan.-jun., 1989. 174 p.

ALBUQUERQUE, Arci Tenório d'. *A Maçonaria e a Inconfidência Mineira.* 2. ed., Rio de Janeiro: Aurora, 1974. 221 p.

ALECENE, Lecira. Inconfidência Mineira: 200 anos. In: *Manchete* nº 1932, de 29-04-1989.

ALENCAR, Gilberto de. *Tal dia é o batizado* (O romance de Tiradentes). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Revista dos Tribunais, 1959, 360 p.

ALVES, Antonio de Castro. *Gonzaga ou a revolução de Minas.* Rio de Janeiro: A.A. da Cruz Coutinho, 1875. v. XX, 90 p.

ALVES, Leila. (Coord.). *200 ANOS:* Inconfidência Mineira, Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Spala, 1989. 192 p.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. A idéia da república na Inconfidência Mineira. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 121-9.

ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. Tiradentes foi enforcado? (Carta-bilhete ao dr. Vieira Fazenda) In: —. *Contribuindo.* São Paulo: Monteiro Lobato, 1921. p. 193-219.

ANDRADE, Oswald de. A arcádia e a Inconfidência: In —. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. Obras completas,* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. v. VI, pp. 31-74.

ASSIS, Machado de. 21 de abril. *Diário do Rio de Janeiro,* 1865.

————. A semana. 1892 (24 de abril). In: *Obra completa.* 3 ed., Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v. III p. 533-5.

AUTOS DA DEVASSA da Inconfidência Mineira. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1936-1938, 7 v.

————. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1976. 10 v.

ÁVILA, Affonso. Inconfidência Mineira: projeto de nação possível. In: *Análise e Conjuntura.* Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, maio-dezembro de 1989. p. 61-80.

AZEVEDO, José Afonso Mendonça de. A Inconfidência Mineira. Documentos do Arquivo da Casa dos Contos. (Minas Gerais). In: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, 1943 (1945). v. 65, p. 153-308.

————. Tiradentes à luz dos autos da devassa da Inconfidência Mineira. In: *Mensário do Jornal do Comércio.* Rio de Janeiro, tomo 15, v. 2, maio 1941. p. 265-7.

B

BANDECCHI, Brasil. Tiradentes — herói e mártir. In: — *Anti-Tordesilhas.* 2. ed. São Paulo: Obelisco, 1965. p. 37-52.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A verdade sobre Tiradentes.* Belo Horizonte: Instituto de História, Letras e Artes; São Vicente, 1964. 179 p.

————. In: —. *A decadência das minas e a fuga da mineração.* Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1971. p. 117-37.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. *As Vilas del-Rei e a cidadania de Tiradentes.* Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1976. 128 p.

BARRETO, Vicente. *A ideologia liberal no processo da independência do Brasil (1789-1824).* Brasília: Câmara dos Deputados, 1973. 163 p. Cf. p. 45-65.

BARROS, Edgard Luiz de. *Os sonhadores de Vila Rica*: a Inconfidência Mineira de 1789. São Paulo: Atual, 1989. 64 p.

BARROSO, Gustavo. Os retratos do Tiradentes. In: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1955.

BELO, Luís Alves de Oliveira. Cronologia da vida de Tiradentes, à luz de documentos. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro, v. 199, abr.-jun., 1948. p. 3-14.

BERTRAN, Paulo. Os fanfarrões goianos, o inconfidente extraviado e a insurreição dos camaristas. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 208-218.

BOAL, Augusto e GUARNIERI, Gianfrancesco. *Arena conta Tiradentes.* São Paulo: Sagarana, 1967.

BONFIM, Manuel. *O Brazil na história.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BOSCHI, Caio César. *Documentos para a história de Minas Gerais existentes nos reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.* São Paulo, 1974. p. 1345-70. (Separata dos Anais do VII Simpósio Nacional da ANPUH).

———. O clero e a Inconfidência. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 111-20.

BRANCO, Camilo Castelo. *O demônio do ouro.* Romance original. Lisboa: Liv. Ed. de Mattos Moreira e Compª, 1873-1874. 2 v.

BRANS, Isolde Helena. *Tiradentes face a face.* Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1992. 84 p.

———. Tiradentes na Europa em 1787 — e o urgente processo de reavaliação da Inconfidência. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 153-170.

BRASIL, Assis. *Tiradentes: o poder oculto o livrou da forca.* Romance. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 462 p.

BREGUÊS, Sebastião Geraldo. As raízes ideológicas e econômicas da Inconfidência Mineira. In: *Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais.* Belo Horizonte, nº 10, 1979. p. 71-82.

BROCA, José Brito. A conjuração de Joaquim Norberto. In: —. *Machado de Assis e a política e outros estudos.* Prefácio de Silviano Santiago. São Paulo: Polis/INL, 1983. p. 270-270-4.

BURTON, Richard Francis. *Viagens aos planaltos do Brasil.* São Paulo: Nacional, 1941.

C

CAETANO, Marcelo. Donde vem o nome de "Inconfidência Mineira"? In: *Brasília,* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Instituto de Estudos Brasileiros, v. 3, 1946, p. 459-67.

CALIXTO, Valdir de Oliveira. *O clero secular em Minas Gerais (1745-1792).* Sua participação na conjuração de 1789. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1979. 85 p. (Dissertação de mestrado em História).

CALMON, Pedro. A América não pode viver de sua própria história. A influência francesa na conjuração mineira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Tomo especial, Congresso Internacional de História da América. Rio de Janeiro, v. 5, 1927. p. 505-25.

CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação histórica do Brasil.* Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1930. p. 82-155.

CALLOU Filho, José Ivan. Versões clássicas da Inconfidência Mineira. In: *Acervo.* Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v 4, nº 1, jan.-jun., 1989. p. 149-174.

CANDIDO, Antonio. Os poetas da inconfidência. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 130-7.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. Um teatro militante: Arena conta Tiradentes. In: —. *Zumbi, Tiradentes.* São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 97-117.

CARDOZO, Manoel. Another document on the Inconfidência Mineira. In: *Hispanic American Historical Review,* XXXII, 1952. p. 540-51.

CARNEIRO, Edilane de Almeida & SANTOS, Maria Judite dos. Fontes documentais mineiras: subsídios para o estudo do movimento inconfidente de 1789. In: *Acervo.* Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v 4, nº 1, jan.-jun., 1989. p. 25-51.

————. Contribuição ao estudo da Inconfidência Mineira. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Belo Horizonte, Ano XXXIII, 1990. p. 9-129.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. *Ideologia e raízes sociais do clero da conjuração:* Século XVIII, Minas Gerais. Viçosa: Imprensa. Univesitária da UFV, 1978. 86 p.

————. Os conjurados de 1789 e a escravidão. In: *Revista de História.* São Paulo: USP, nº 119, 1988. p. 91-99.

CASTRO, Eduardo Machado de. A Inconfidência Mineira: narrativa popular. *Revista do Archivo Público Mineiro.* Ouro Preto, ano 6, n. 1/2, p. 1063-1151, jan./mar., 1901-1902.

CHACON, Vamireh. Inconfidência, inconfidências. In: *Acervo.* Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v. 4, nº 1, jan.-jun., 1989. p. 127-134.

CHIANVENATTO, Júlio José. *As várias faces da Inconfidência Mineira.* São Paulo: Contexto, 1989. 88 p.

CINTRA, Francisco de Assis. *Tiradentes perante a história* (Revelações sobre a Inconfidência Mineira). São Paulo: Liv. do Globo/Irmãos Marrano, 1922. 256 p.

COELHO, Copérnico Pinto. Documento inédito da Conjuração Mineira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.* Belo Horizonte, v.6, 1959, p. 353-355.

COMISSÃO confiada ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier pelo Governador Luís da Cunha Meneses. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Belo Horizonte. (2):365, 1897.

CORREIA, Viriato. *Tiradentes.* Comédia histórica. Rio de Janeiro: Guarany, 1941. 169 p.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas.* Edição de João Ribeiro. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. 2 v.

COSTA, Emília Viotti da. Introdução ao estudo da emancipação política. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva.* 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978. p. 64-125.

COUTO, José Vieira. *Memória sobre a Capitania das Minas Gerais; seu território, clima e produções metálicas.* Edição de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994. 100 p.

CRITILO, *Cartas chilenas.* Edição de Luiz Francisco da Veiga. Rio de Janeiro: H. Laemmert, 1863. 220 p.

————. *Cartas chilenas...* precedidas de uma epístola atribuída a Cláudio Manuel da Costa. Edição de Afonso Arinos de Melo Franco. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940. 294 p.

CUNHA, Waldir da. Manuscritos da Inconfidência Mineira: Coleção Arquivos e Gavetas. In: *Anais da Biblioteca Nacional.* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 112, 1992 (1994). p. 87-119.

CURTI, Nely Pereira Pinto. A realidade sócio-política nas minas em fins do século XVIII. Análise ideológica da produção literária do grupo mineiro. In: *Revista de História*. São Paulo, nº 67 jul.-set. 1966. p. 121-43.

D

DAVIS, Alexandre. Últimas vontades: a distribuição de sufrágios para as almas. Traço cultural das minas ao tempo da Inconfidência. In: IX *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 197-201.

DIAS, Fernando Correia. A Inconfidência Mineira em contextos de revisão. In: *Análise e Conjuntura*. Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, maio-dezembro de 1989. p. 106-31.

DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. Tiradentes — herói na imprensa de Ouro Preto do século XIX. In: IX *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 190-196.

E

ENNES, Ernesto. *A Inconfidência Mineira e o processo dos réus eclesiásticos*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, MCML. 43 p.

———. Autos crimes contra os réus eclesiásticos da conspiração de Minas Gerais. In: *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto, 1952. p. 9-69.

F

FALCON, Francisco José Calazans. Da Ilustração à Revolução — percursos ao longo do espaço — tempo setecentista. In: *Acervo*. Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan.-jun. 1989. p. 53-87.

FARACO, Sergio. *Tiradentes:* a alguma verdade ainda que tardia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 81 p.

———. *O processo dos inconfidentes:* verdade ou versão. Petrópolis: Vozes, 1990. 86 p.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Cortando rente o passado... Fontes para a história da Inconfidência Mineira e o acervo do Arquivo Nacional do Brasil. In: *Análise e Conjuntura*. Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, maio-dezembro de 1989. p. 138-146.

———. Tributação, sociedade e a administração fazendária em Minas no século XVIII. In: IX *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 96-110.

FIUZA, Ricardo Arnaldo Malheiros. O papel do advogado de defesa. In: Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, nº 1129, 2 de setembro de 1989. p. 6-7.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Inconfidência Mineira. Origens e tendências ideológicas. In: *Anais do 3º Congresso de História Nacional* — Outubro, 1938. (Boletim do IHGB). Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1942, 7º vol., p. 47-126. Reeditado como: As idéias da Inconfidência. In: —. *Terra do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1939. p. 1-117.

FRANCO, Caio de Melo. *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa:* o parnazo obsequioso e as Cartas chilenas. Rio de Janeiro: Schnmidt, 1931. 248 p.

FRIEIRO, Eduardo. A sombra de Tiradentes. In: —. *O diabo na livraria do cônego.* 2 ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p. 109-16.

FURTADO, Júnia Ferreira. O outro lado da Inconfidência Mineira: pacto colonial e elites locais. *LPH — Revista de História.* Ouro Preto: UFOP, nº 4, 1993-1994. p. 70-91.

G

GANCHO, Cândida Vilares & TOLEDO, Vera Vilhena de. *Inconfidência Mineira.* São Paulo: Ática, 1991.

GERSON, Brasil. *Pequena história da Inconfidência.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959. 74 p.

GIL, Luís F. Pereira. *O processo de Tiradentes.* Rio de Janeiro: O. Pierre, 1978. 305 p.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu e mais poesias.* Edição de M. Rodrigues Lapa, Lisboa: Sá da Costa, 1937. 265 p.

————. *Marília de Dirceu.* Introdução de Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo: Martins, 1943.

————. *Obras Completas.* Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. 2 v. 323+348. p.

GRAVATÁ, Hélio. Contribuição bibliográfica para a história de Minas Gerais. Período colonial. Inconfidência Mineira. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Belo Horizonte, Ano XXIX, abril de 1978. p. 15-291.

GRIECO, Donatello. História sincera da Inconfidência Mineira. Rio de Janeiro: Record, 1990. 187 p.

GUIMARÃES, Bernardo. A cabeça do Tira-dentes, tradição mineira. In: —. *Histórias e tradições da província de Minas-Geraes.* Rio de Janeiro: Garnier, 1872, p. 5-17.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Inconfidência, estrutura agrária e escravidão. In: *Revista do Departamento de História.* nº 9, UFMG, 1989. p. 161-179.

H

HILTON, Stanley E. Os Estados Unidos e a Independência do Brasil. *Separata do Mensário do Arquivo Nacional,* nº 11, Rio de Janeiro, 1972. 37 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Erudita análise sócio-econômica da época dos Inconfidentes. In: *Minas Gerais.* Belo Horizonte, 29 abr. 1962, p. 8-9.

I

IGLÉSIAS, Francisco. Raízes ideológicas da Inconfidência Mineira. In: *Acervo.* Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v 4, nº 1, jan.-jun., 1989. p. 7-13.

————. Estrutura social do século XVIII. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 50-7.

IGNÁTIEV, Oleg. *Tiradentes.* Moscú: Editorial Progresso, 1988.

IX ANUÁRIO do Museu da Inconfidência. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. 224 p.

J

JARDIM, Márcio. *A Inconfidência Mineira*: uma síntese factual. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989. 415 p.

———. A historiografia da Inconfidência Mineira. In: *Análise e Conjuntura.* Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, maio-dezembro de 1989. p. 132-37.

———. Inconfidência Mineira; processo de conhecimento. In: *Revista do Departamento de História.* nº 9, UFMG, 1989. p. 64-73.

———. *A devassa da Inconfidência.* O processo judicial. Belo Horizonte: Tribunal de Alçada do Estado de Minas Gerais, 1995. 36 p.

JORNAL DO BRASIL, Caderno B Especial. *Tiradentes aos 200 anos.* Rio de Janeiro, 16 de abril de 1989.

JORNAL DO BRASIL Especial. *Tiradentes.* Rio de Janeiro, 25 de abril de 1993.

JOSÉ, Oiliam. *Tiradentes.* 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985. 240 p.

L

LAMEGO, Alberto. Joaquim Silvério dos Reis, o delator da Conjuração Mineira. In: —. *Mentiras históricas.* Rio de Janeiro: Record, 1935. p. 7-36.

LAPA, Manuel Rodrigues. *As cartas chilenas: um problema histórico e filológico.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958. 382 p.

———. *Subsídios para a biografia de Cláudio Manuel da Costa.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958. p. 7-25. (Separata da Revista do Livro n. 9, mar. 1958).

———. Tiradentes e Gonzaga. In: *Revista do Livro.* Órgão do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, ano 3, nº 10, jun., 1958. p. 103-110.

———. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. LIX+305 p.

———. Tiradentes em Lisboa? In: *Minas Gerais.* Suplemento Literário. Belo Horizonte, ano 3, nº 120, 14 dez. 1968. p. 2.

LEITE, Paulo Gomes. A Inconfidência Mineira. In: *Revista Minas Gerais*, nº 19 e 20, ago.-out. 1989.

———. A maçonaria, o iluminismo e a Inconfidência Mineira. In: *Revista Minas Gerais*, nº 33, janeiro de 1991. p. 18-23.

LEMOS, Miguel. *Determinação do lugar em que foi supliciado Tiradentes.* Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1892. 45 p.

LÍDIA, Mury. *Tiradentes, 1748-1792.* São Paulo: Ed. Três, 1973. 225 p.

LIMA, Geraldo França de. *Naquele Natal.* Romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

LIMA Junior, Augusto de. *Pequena história da Inconfidência de Minas Gerais.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. 339 p.

LIMA, Manuel de Oliveira. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico.* Leipzig, F.A. Brockaus, 1895. XIII+327 p. Cf. p. 211-221.

———. *Formação histórica da nacionalidade brasileira.* Rio de Janeiro: Leitura, 1944. p. 113-34.

LOPES, Francisco Antonio. *Álvares Maciel no degredo de Angola.* Rio de Janeiro, 1958.

———. *Os personagens da Inconfidência Mineira.* 2 ed. São Paulo: Bentivegna, 1965. 183 p.

LOPEZ, Luiz Roberto. *A Inconfidência Mineira.* Porto Alegre: Ed. da UFRS, 1989. 78 p.

LUCAS, Fábio. A Inconfidência Mineira na literatura brasileira. In: IX *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 138-50.

LUZ, Nícia Vilela. Inquietação revolucionária no Sul. A conjuração Mineira. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. Tomo I, 2 vol, p. 394-405.

LYS, Edmundo. *Retábulo do alferes-mor*. Episódio dramático. Rio de Janeiro: Pongetti, 1958. 153 p.

M

MACHADO Filho, Aires da Mata. A Inconfidência Mineira no Tijuco. In: —. *Arraial do Tijuco, Cidade de Diamantina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Imprensa Nacional, 1945. p. 57-63.

————. *Tiradentes, herói humano*. Belo Horizonte: Siderosiana, 1948. 59 p.

MACHADO, Lourival Gomes. *Tomás Antônio Gonzaga e o direito natural*. São Paulo: Martins, 1968. 168 p.

MAGALHÃES Júnior, Raimundo. Machado de Assis e o culto cívico a Tiradentes. In: —. *Machado de Assis desconhecido*. 2 ed. refundida, aumentada e corrigida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955. p. 7-16.

MANNA, Lúcia Helena Sgaraglia. *Pelas trilhas do Romanceiro da Inconfidência*. Niterói: EDUF, 1985. 208 p

MARCHANT, Alexander. Tiradentes in the conspiracy of Minas. In: *Hispanic American Historical Review*, v. 21, 1941, p. 239-57.

————. Tiradentes na Conjuração Mineira. In: *Brasil*. Ministério das Relações Exteriores. Comissão de Estudos dos Textos da História do Brasil. — Estudos Americanos de História do Brasil. Rio de Janeiro: Seção de Publicações. 1967, p. 75-98.

MATHIAS, Herculano Gomes. *A coleção da Casa dos Contos de Ouro Preto*: documentos avulsos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1966. 290 p.

————. O Tiradentes e a cidade do Rio de Janeiro. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 16, 1966. p. 53-103.

————. Inconfidência e inconfidentes. In: *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Anais do Congresso Comemorativo do bicentenário da tranferência da sede do governo do Brasil da cidade do Salvador para o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1967, v. 3, p. 225-299.

————. *Tiradentes através da imagem*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1969. 135 p.

————. Da Inconfidência à Independência. In: *Anuário do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 24, p. 5-18, 1973.

————. A documentação da Inconfidência Mineira. In: IX *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 32-49.

MAXWELL, Kenneth R. *A devassa da devassa*: a Inconfidência Mineira, Brasil-Portugal, 1730-1808. Trad. de João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 318 p.

————. Condicionalismos da Independência do Brasil. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (Coord.) *O império luso-brasileiro — 1750-1822*. Lisboa: Estampa, 1986. p. 335-89.

————. História da Inconfidência Mineira: dimensões internacionais. In: IX *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 17-31.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953, 300 p.

MELO, Ciro Bandeira de. A Inconfidência Mineira nos livros de 1º grau: história para milhões. In: *Análise e Conjuntura*. Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, maio-dezembro de 1989. p. 95-105.

MELO, José Antônio Gonsalves de. Inconfidência Mineira. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais/Figueirinhas, 1971. v. 2, p. 498-9.

MONTEIRO, Norma de Gois. As mulheres e a Inconfidência. In: *Bol. Mineiro de História*. Belo Horizonte, Centro de Estudos da Faculdade de Filosofia da UFMG, ano 1, n. 1, 1960. p. 9-18.

MOREIRA, Vivaldi. Os dois patriotismos. Tiradentes e as reivindicações. In: —. *Figuras, tempos, formas*. Belo Horizonte: Movimento-Perspectiva/Imprensa Oficial, 1966. p. 207-16.

MOTA, Carlos Guilherme. *Atitude de inovação no Brasil — 1789-1801*. Lisboa: Horizonte, 1971. 131 p.

———. *Tiradentes e a Inconfidência Mineira*. São Paulo: Ática, 1986. 32 p.

MOTA, José Dantas. *Primeira Epístola de Jm. Jzé. da Sva. Xér. — o Tiradentes — aos Ladrões Ricos*. Poema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 6 f. n. numer., 125 p.

MOTTA, Pascoal. *Eu, Tiradentes. Confissões do maior mito da história do Brasil*. Romance. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990.

MOURÃO, Rui. *Museu da Inconfidência*. Textos de Rui Mourão e Francisco Iglesias. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984. 159 p.

MOURÃO-FERREIRA, David. Inconfidência Mineira. In: COELHO, Jacinto do Prado. (Dir.) *Dicionário de literatura*. 3 ed. Porto: Figueirinhas, 1973. p. 461-2.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Domênico Vandelli e o reformismo ilustrado luso-brasileiro (1779-1808) na crise do antigo sistema colonial. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 182-9.

N

NEVES, José Caetano Alves. *A Inconfidência Mineira*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943. 193 p.

NOVAIS, Fernando A. *Portugal e o Brasil na crise do antigo sistema colonial*. São Paulo: HUCITEC, 1979. 420 p.

O

O INSTITUTO Histórico e os Inconfidentes. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 171, 1936. p. 73-90.

OLIVEIRA JÚNIOR, Cândido Martins de. *Um problema histórico de perícia médico-legal*: a morte do Dr. Cláudio Manuel. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1957. p. 183-212. (Separata da Revista da Faculdade de Direito).

———. *O mascarado de Vila Rica*. Episódio da Inconfidência Mineira. Romance. Rio de Janeiro: MEC/Imprensa Nacional, 1964. 131 p.

OLIVEIRA Neto, Luís Camilo de. *História, cultura & liberdade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

OLIVEIRA, Almir de. *Gonzaga e a Inconfidência Mineira*. São Paulo: Nacional, 1948. 274 p.

———. *As duas inconfidências*. Juiz de Fora: Caminho Novo, 1970. 119 p.

OLIVEIRA, José Alves de. *Aspectos da inconfidência mineira*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, 1985. 314 p.

OLIVEIRA, José Feliciano de. *Tiradentes:* o herói da independência brasileira. São Paulo: Martins, 1966. 238 p.

OS INCONFIDENTES. Filme de Joaquim Pedro de Andrade. Roteiro de Joaquim Pedro de Andrade e Eduardo Escorel. Fotografia de Pedro Moraes. 1971-1972.

OS POETAS DA INCONFIDÊNCIA. Org. José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 219 p.

P

PACHECO, Carlos et alii. Notícia de uma pesquisa realizada no Museu da Inconfidência em Ouro Preto sobre fontes primárias. In: *Revista de História*, n. 97, 1974. p. 263-9.

PAIVA, Isolina da Costa. A Inconfidência e os réus eclesiásticos. In: *Boletim Mineiro de História.* Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Filosofia da UFMG. Belo Horizonte, ano 1, n. 1, 1960. p. 27-32.

PARANHOS, José Maria da Silva, barão do Rio Branco. *Efemérides Brasileiras.* Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores; Imprensa Nacional, 1946.

PASSOS, Carlos. A Conspiração Mineira da Inconfidência. In: *O Instituto.* Coimbra, 1942.

PEREIRA, José Valente. *A defesa, a sentença e o advogado de Tiradentes.* Rio de Janeiro: ALERJ, 1992. 84 p.

PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *O século XVIII no Brasil:* o intelectual e a cultura (1768-1799). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991. 357 p. (Tese de Doutorado). p. 191-203.

PEREZ, Eliane et alii. Inconfidência Mineira: Bibliografia. In: *Anais da Biblioteca Nacional.* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 112, 1992 (1994). p. 121-59.

PERRIN, Dimas. *Inconfidência Mineira: causas e conseqüências.* 2. ed. Belo Horizonte: Jupiter, 1985. 441 p.

PESSOA, Gláucia Tomaz de Aquino. O acervo do Arquivo Nacional e a história da Inconfidência Mineira. In: *Acervo.* Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v 4, nº 1, jan.-jun., 1989. p. 15-23.

PINTO, G. Hércules. *A vida de Tiradentes..* Rio de Janeiro: Alba, 1962. 255 p.

PINTO, Luís. *Tiradentes; uma interpretação da Inconfidência Mineira.* Rio de Janeiro: Alba, 1961. 130 p.

PIRES, Ariosvaldo de Campos. O processo jurídico da Inconfidência Mineira. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 82-95.

POMBO, Manuel Ruela. *Inconfidência Mineira (1789). Os conspiradores que vieram deportados para os presídios de Angola em 1792.* Luanda: Mondego, 1932.

PORTINARI, Cândido. *Tiradentes.* Estudos, desenhos e painel. Rio de Janeiro: Projeto Portinari; São Paulo, Memorial da América Latina.

PROENÇA FILHO, Domício. *Oratório dos Inconfidentes* (faces do verbo). Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1989. 118 p.

Q

QUEIROZ, Maria José de. *Joaquina, filha de Tiradentes.* Romance. São Paulo: Marco Zero, 1987. 297 p.

———. Sobre a Inconfidência e o Tiradentes (1789-1989). In: *Colóquio/Letras.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. p. 39-48.

R

REIS, Liana Maria. A mulher na Inconfidência (Minas Gerais 1789). In: *Revista do Departamento de História*. nº 9. Belo Horizonte: UFMG, 1989. p. 86-95.

REIS, Paulo Pereira dos. *O colonialismo português e a Conjuração Mineira*. São Paulo: Nacional, 1964. XXXVIII+140 p.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Inconfidência Mineira*. São Paulo: Global, 1983. 72 p.

————. Inconfidência Mineira: leituras e releituras. In: *Análise e Conjuntura*. Anais do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, maio-dezembro de 1989. p. 83-94.

REVISTA de Documentos para a história da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo do Distrito Federal, (2):511-512, 1896; (4):521-522, 1897.

REVISTA do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, Ano XXIX, abril de 1978.

REVISTA DO BRASIL. Número especial dedicado ao Bicentenário da Inconfidência Mineira, 1789/1989. Rio de Janeiro: Rio Arte/Fundação Rio, ano 4, nº 9, 1989. 72 p.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. A Inconfidência. Belo Horizonte, v. 16, p. 60-80, 1975.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. A função social do mito. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 58-68.

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco*. Trad. e notas de Gastão Penalva, São Paulo: Martins, 1941. v.1, p. 47-95.

RIZZINI, Carlos. Ensaio sobre o estado mental, social e político do Brasil no limiar do século XIX. In: —. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. São Paulo: Nacional, 1957.

RODRIGUES, José Honório. Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 221, 1953. p. 120-38.

————. Os grandes processos da história. Tiradentes, a glória de um mártir rebelde. In: *Manchete*. Rio de Janeiro, ano 18, n. 973, 12 dez. 1970, p. 54-60.

————. De Tiradentes à Independência; Paixão e morte de Tiradentes. In: —. *História corpo do tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 71-117.

ROUANET, Sérgio Paulo. Inconfidência Mineira e o Iluminismo. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 69-81.

————. As Minas iluminadas: a Ilustração e a Inconfidência. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 329-45.

RUI, Afonso. *A primeira revolução social brasileira (1798)*. São Paulo: Nacional, 1942. p. 203-21.

S

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1975.

SALES, Fritz Teixeira de. A Inconfidência. A conspiração. Amplitude do movimento. Tiradentes no Rio. In: —. *Vila Rica do Pilar (Um roteiro de Ouro Preto)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965. p. 131-88.

SANT'ANNA, Affonso Romano de et alii. *Tiradentes teu nome é liberdade*. Rio de Janeiro: A. Ponce de León, 1995.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *No rascunho da nação*: Inconfidência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992. 170 p.

SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. A Inconfidência Mineira. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, tomo 20, 1966, p. 137-78.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*. 2. ed. Rio de Janeiro: A. J. Castilho, 1924. p. 189-97.

SANTOS, Lúcio José dos. *A Inconfidência Mineira*. Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira. São Paulo: Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1927. XX+629 p.

————. *A Inconfidência Mineira*. Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira. Prefácio de Francisco Iglésias. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972. 549 p.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1873. XXVII+435 p.

————. *História da Conjuração Mineira*. Prefácio de Osvaldo Melo Braga. 2 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 2 v. XXVII+296. 399 p.

————. *O martyrio do Tiradentes ou Frei José do Desterro. Lenda Brazileira*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1882. VII+118 p.

————. Allocução commemorativa do centenário de Cláudio Manuel da Costa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo 53, parte I, p. 15-25, 1890.

SILVEIRA, Alcântara. A Inconfidência Mineira (Um sonho de liberdade). In:—. *Grandes julgamentos da história*. São Paulo: Cultrix, 1967.

SIMÕES, Lúcia. *À margem da revolta*. Rio de Janeiro: São José, 1959. 191 p.

SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. Gonzaga, ou a conjuração do Tira-Dentes. Romance. In: *A Marmota*, Rio de Janeiro: Paula Britto, 1860.

SOUZA, Laura de Mello e. Tensões sociais em Minas na segunda metade do século XVIII. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 347-66.

SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Trad. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro. 4 ed. brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1977. v. 3, p. 370-375.

SPIX E MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; EDUSP, 1981, v. 1.

SUPLEMENTO Literário do *Minas Gerais*. 1789: Revolução Francesa/Inconfidência Mineira. Belo Horizonte, 1º de julho de 1989, ano XXII. 24 p.

SUPLEMENTO Literário do *Minas Gerais*. Edição especial comemorativa do Bicentenário de Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes (organizado por Pascoal Motta e Waldemar de Almeida Barbosa). Belo Horizonte, 21 de abril de 1992, ano XXV, 56 p.

T

TORRES, Antonio. *As razoens da Inconfydencia*. Rio de Janeiro: A. J. de Castilho, MCMXXV.

TORRES, Luiz Wanderley. *Tiradentes, a áspera estrada para a liberdade*. São Paulo: Obelisco, 1965. 465 p.

TRINDADE, Raimundo. *Archidiocese de Mariana. Subsídios para a sua história*. São Paulo: Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1929. v. 2. p. 1037-88.

V

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*. 3 ed. integral. São Paulo: Melhoramentos, s.d., v. 4, p. 397-419.

VASCONCELOS, Diogo Luís de Almeida Pereira de. O alferes Joaquim José da Silva Xavier. In: —. *Historia media de Minas Geraes*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1918. p. 308-17.

VASSALO, Lígia. Paris/Vila Rica, 1789. Livros e Idéias. In: *Revista do Brasil*. Número especial dedicado ao Bicentenário da Inconfidência Mineira, 1789/1989. Rio de Janeiro: RioArte/Fundação Rio, 4:9, 22-29, 1989.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides mineiras (1664-1897)*, Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897. 4 v. Cf. v. 2, p. 127-58.

VENTURELLI, Isolde Helena Brans. *Profetas ou conjurados?* Campinas: I.H. Brans Venturelli, 1982. 215 p.

VERSIANI, Carlos. Um dia de maio de 1792. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 202-7.

VIEIRA, José Crux Rodrigues. *Tiradentes: a Inconfidência diante da história*. Belo Horizonte: Comunicação & Design, 1993. 3 tomos, 2 v.

VILA LOBOS, Raul. A Inconfidência Mineira: Monumentos. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1899. p. 1.

VILLALTA, Luiz Carlos. A moral sexual dos inconfidentes: da potência ao ato ou a última tentação de Gonzaga. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 171-81.

————. O Diabo na livraria dos Inconfidentes. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 367-95.

VIOLA, Mano Décio da; PENTEADO e SILVA, Estanislau. *Exaltação a Tiradentes*; samba-enredo da Escola de Samba Império Serrano. Rio de Janeiro, 1949.

W

WHITAKER, A.P. (Org.). *Latin America and the Enlightenment*. N. York: Appleton Century, 1942; 2 ed. Ithaca, N. York: Cornell U.P., 1963.

X

XAVIER, Carlos Alberto Ribeiro de. *Tiradentes*. Algumas questões relevantes sobre o possível interesse de potências estrangeiras no movimento de emancipação do Brasil no século XVIII. [s./l.]: Comissão do Bicentenário de Tiradentes, Oficina de Impressão Rona Editora, 1993.

Bibliografia de e Sobre os Poetas da Inconfidência

Paulo Roberto Dias Pereira

A bibliografia dos três poetas inconfidentes, de 1788-1789, foi organizada tendo-se em conta que, normalmente, associa-se a vida e até a obra de Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga aos fatos relativos à Inconfidência Mineira.

O estudo bibliográfico sobre o legado poético desses mentores do Irredentismo Mineiro deve obedecer a seus próprios critérios, mesmo quando o fato político está intimamente anexado à produção literária. A respeito da obra de Alvarenga Peixoto não há maior dificuldade na escolha do material existente, pelo limitado conjunto de edições e estudos relativos a ele. Quanto à de Cláudio, devido à vasta produção poética, bem como ao seu suicídio ou assassinato, exigiu-nos a seleção rigorosa do *corpus disponível*. O caso mais complexo dessa bibliografia refere-se a Gonzaga. Como se sabe, o cantor de Marília é o autor da literatura brasileira da época colonial sobre quem há maior número de estudos e edições sobre diversas facetas da sua atribulada vida e famosíssima obra. Pois não se pode esquecer que, ainda hoje, *Marília de Dirceu* continua sendo um dos livros obrigatórios dos catálogos do Brasil e de Portugal. Portanto, optar pela parte mais representativa da obra de Gonzaga é extremamente complexo. Basta lembrar que, desde Francisco Adolfo de Varnhagen, vem-se tentando sistematizar a bibliografia mariliana. A mudança ocorre quando Emmanuel Eduardo Gaudie Ley, aproveitando a longa tradição criada em torno das edições verdadeiras e falsas da *Marília de Dirceu*, apresenta a sua "Gonzagueana da Biblioteca Nacional", em 1936. Um ano depois, Manuel Rodrigues Lapa, utilizando uma metodologia crítica que recorria às primeiras publicações do mais famoso poema de amor da nossa língua, lançava em Lisboa, pela primeira vez, as três partes autênticas numa mesma edição. A seguir, vem a público, em 1944, a clássica edição de Afonso Arinos de Melo Franco. Finalmente, com a *Bibliografia brasileira da época colonial*, de Rubens Borba de Moraes, editada em 1969, a obra de Tomás Antônio Gonzaga, quanto ao seu aspecto bibliográfico, deixa de ser um intrincado problema. Mas em língua portuguesa, como lembrava o visconde de Porto Seguro, só a obra de Camões possui maior fortuna editorial. A verdade é que, desde quando,

em 1792, foi publicada em Lisboa, pela Tipografia Nunesiana, a *editio princeps* da primeira parte da *Marília de Dirceu*, nunca mais essa obra, que mistura ficção e realidade sobre as desditosas aventuras de Dirceu, deixou de merecer o favor do público. Por isso foi necessário fazer opções que tomassem em consideração o vasto número de estudos e edições da obra gonzaguiana. Como o leitor poderá ter acesso a todas as edições da *Marília de Dirceu*, recorrendo à bibliografia inserida na seção de "Obras de referência", optou-se por apresentar as dez primeiras publicadas entre os séculos XVIII e XIX, exemplificando-se a seguir com a de Joaquim Norberto, que modifica sensivelmente os critérios da fortuna editorial de Gonzaga. Por fim, apresentam-se as principais edições do século XX, destacando-se as duas de M. Rodrigues Lapa, de 1937 e 1957, a de Afonso Arinos de Melo Franco e a de José Veríssimo. Com o intuito de apresentar ao leitor os vários aspectos das obras dos três poetas inconfidentes em ensaios inseridos muitas vezes no mesmo livro, decidiu-se por criar uma seção de "Obras de referência", em que os estudiosos terão uma visão sistêmica sobre o legado poético desses árcades envolvidos na Conjuração de Minas Gerais.

I – OBRAS DE REFERÊNCIA

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira.* 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

ANDRADE, Oswald de. A arcádia e a inconfidência. In: — *Do pau brasil à antropofagia e às utopias. Obras completas.* V.I 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 31-74.

AUTOS DA DEVASSA da Inconfidência Mineira. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1936-1938. 7 v.; 2 ed., Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Nacional, 1976. 10 v.

ÁVILA, Afonso. A natureza e o motivo edênico na poesia colonial. In: —. *O poeta e a consciência crítica.* Petrópolis: Vozes, 1969. p. 27-35.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brazileiro.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* 2 ed., São Paulo: Cultrix, 1975.

BRAGA, Teófilo. Filinto Elísio e os dissidentes da arcádia. In: *A arcádia brasileira.* Porto: Chardron, 1901.

BROCA, Brito. O ambiente literário de Vila Rica na época da Inconfidência. In: *Revista MEC.* n. 35, Rio de Janeiro: MEC, 1966. p. 19-24.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* (Momentos decisivos). São Paulo: Martins, 1959. v. I.

————. Literatura e consciência nacional. In: *Suplemento literário do Minas Gerais.* Belo Horizonte, ano IV, n. 158, 6/9/1969. p. 8-11.

————. Letras e idéias no período colonial. In: —. *Literatura e sociedade.* 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.

————. Os poetas da Inconfidência. In: *IX Anuário do Museu da Inconfidência.* Ouro Preto: MEC/Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1993. p. 130-7.

CARDOSO, Wilton. As letras mineiras no século XVIII. In: *Primeiro seminário de estudos mineiros.* Belo Horizonte: UFMG, 1956. p. 31-44.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira.* 3 ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias do período colonial: 1500-1808/1836.* 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CASTRO, Aníbal Pinto de. *Retórica e teorização literária em Portugal. Do humanismo ao neoclassicismo.* Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.

CEPEDA, Isabel Vilares. Bibliografia do Professor Manuel Rodrigues Lapa. Separata do *Boletim de Filologia.* Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1984. Tomo XXIX. p. 595-630.

COELHO, Jacinto do Prado (dir.). *Dicionário de literatura.* 3 ed. Porto: Figueirinhas, 1973. 3 v.

COUTINHO, Afrânio. (org.). *A literatura no Brasil.* 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968 v. 1.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. (dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira.* Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1990. 2 v.

CURTI, Nely Pereira Pinto. A realidade sócio-política nas Minas em fins do século XVIII. (Análise ideológica da produção literária do grupo mineiro). In: *Revista de História.* São Paulo, jul.-set., 1966, n. 67, p. 121-143.

DUTRA, Waltensir e CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/INL, 1956.

FARIA, Alberto. *Accendalhas.* Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

————. *Aérides.* Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial.* 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

————. *Capítulos de literatura colonial.* Edição de Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991.

INAMA, Carla. *Metastasio e i poeti arcadi brasiliani.* São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1961.

LAPA, M. Rodrigues. O enigma da "Arcádia Ultramarina" aclarada por uma ode de Seixas Brandão. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* Belo Horizonte, 174, 22-12-69.

LIMA, Oliveira. *Aspectos da literatura colonial brasileira.* 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves/INL, 1984.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1550-1794).* 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1977. v. I.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro.* 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides; breve história da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1983, v. I.

MOISÉS, Massaud e PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira.* 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial.* São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

————. *Bibliographia brasiliana.* 2 ed. revised and enlarged edition. Los Angeles: UCLA Latin American Center; Rio de Janeiro: Kosmos, 1983. 2 v.

MOTTA, Arthur. *História da literatura brasileira. Época de transformação. Século XVIII.* São Paulo: Nacional, 1930. v. 2.

NAVARRO, Wilson Salles. *A presença do arcadismo italiano na primeira fase de formação da literatura brasileira.* São José do Rio Preto, 1984. 173 p. (Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho").

OLIVEIRA, Martins de. *História da literatura mineira.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.

PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *O século XVIII no Brasil: o intelectual e a cultura (1768-1799).* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1991. (Tese de doutoramento).

PICCHIO, Luciana Stegagno. *La letteratura brasiliana.* Milano: Sansoni-Accademia, 1972.

QUIRINO, Célia Galvão. Inconfidentes mineiros: versos ternos, palavras duras. In: *Análise e Conjuntura,* Belo Horizonte, 4(2/3):314-322. 1989.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia arcádica. In: —. *Do barroco ao modernismo.* 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 31-54.

ROMERO, Sylvio. *História da literatura brasileira.* 2 ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge A. *Arcádia: tradição e mudança.* São Paulo: EDUSP, 1995.

SALLES, Fritz Teixeira de. A ideologia dos intelectuais de Ouro Preto no século minerador. In: *Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais.* n. 9, Belo Horizonte, 1979. p. 33-42.

————. Posição do intelectual no século XVIII. In: —. *Literatura e consciência nacional.* Belo Horizonte, 1973. p. 67-99.

SEMINÁRIO sobre a poesia mineira — período colonial. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultural, 1984.

SILVA, J. M. Pereira da. *Os varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais.* 3 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1868. 2 tomos.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico* portuguez. Continuado e ampliado por Brito Aranha a partir do tomo X. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 tomos.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira.* 3 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987. 3 tomos.

VERÍSSIMO, José. Arcádia e árcades brasileiros. In: —. *Estudos de literatura brasileira.* 4a série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977. p. 87-106.

————. *História da literatura brasileira.* 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

II – CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

AGUIAR, Melânia Silva de. O direito e o avesso na poesia de Cláudio Manuel da Costa. In: *Revista do IAC.* Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura/UFOP, 0:41-9, 1987.

————. *O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1973. (Tese de doutoramento).

CARVALHO, Jarbas Sertório de. O homicídio do desembargador Cláudio Manuel da Costa. São Paulo: J. Bentivegna, 1954. (Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*).

COMEMORAÇÃO do centenário de Cláudio Manuel da Costa. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro, 1890. Tomo 53.

COMEMORAÇÃO do bicentenário do nascimento de Cláudio Manuel da Costa. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Belo Horizonte, ano XXIII, 1929.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras.* Coimbra: Luís Seco Ferreira, 1768.

————. *Obras poéticas.* Edição de João Ribeiro. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. 2 v.

————. O parnaso obsequioso. In: FRANCO, Caio de Melo (org.). *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa.* Rio de Janeiro: Schmidt, 1931. p. 61-84.

————. *Obras.* Edição de Antônio Soares Amora. Texto de Ulpiano Bezerra de Menezes. Lisboa: Bertrand, 1962.

————. *Poemas.* Edição de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1966.

————. *Poesia.* Edição de Sônia Salomão Khéde. Rio de Janeiro: Agir, 1983. (Nossos Clássicos, v. 110).

————. *Vila Rica.* Ouro Preto: Tip. do Universal, 1839. Primeira edição.

————. *Vila Rica.* 2 ed. Ouro Preto: Tip. do Estado de Minas, 1897.

————. Vila Rica. 3 ed. In: — *Obras poéticas.* Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. II tomo. p. 145-278.

————. Vila Rica. 4 ed., Ouro Preto, *Anuário do Museu da Inconfidência,* 1957. v. IV. p. 113-97.

————. *Vila Rica.* Edição de Augusto de Lima Júnior. 5 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

FADEL, Bárbara. *Cláudio Manuel da Costa e o fundamento histórico do poema Vila Rica.* São Paulo (Franca) s.n., 1985. (Tese).

FRANCO, Caio de Mello. *O inconfidente Cláudio Manoel da Costa.* Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

GRAVATÁ, Hélio. Contribuição bibliográfica sobre Cláudio Manuel da Costa.In: *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Belo Horizonte, ano XXX, 1979. p. 335-90.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Cláudio Manuel da Costa. In: —. *Capítulos de literatura colonial.* São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 227-405.

LAMEGO, Alberto. *Academia Brasílica dos Renascidos.* Paris/Bruxelas: L'Édition d'Art Gaudio, 1923.

————. Autobiografia e inéditos de Cláudio Manuel da Costa. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras.* Rio de Janeiro: Empreza Photo-Mechanica do Brasil, 1914, v. IV, p. 1-21. n. 7.

————. Cláudio Manuel da Costa e seus biógrafos. In: —. *Mentiras históricas.* Rio de Janeiro: Record, /s.d./. p. 113-26.

LAPA, M. Rodrigues. Inéditos de Cláudio Manuel da Costa. In: *Colóquio/Letras.* 57:45-48, setembro, 1980.

————. Os versos anarquistas do "Vila Rica". In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* n. 86 Belo Horizonte, abril, 1968.

————. Subsídios para a biografia de Cláudio Manuel da Costa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958. p. 7-25. (Separata da *Revista do Livro,* no 9, 1958).

LOPES, Hélio. Cláudio Manuel da Costa, poeta das Minas Gerais. In: *Seminário sobre a poesia mineira — período* colonial. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1984. p. 9-21.
————. *Cláudio, o lírico de Nise.* São Paulo: Fernando Pessoa, 1975.
————. *Introdução ao poema Vila Rica.* Muriaé, /s.e./, 1985.
LOUSADA, Wilson. *Para conhecer melhor Cláudio Manuel da Costa.* Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

OLIVEIRA, Martins de. Um problema histórico de perícia médico-legal: a morte do dr. Cláudio Manuel da Costa. In: *Revista da Faculdade de Direito.* Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1957. p. 183-212.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Cláudio Manuel da Costa. In: — . *Do barroco ao modernismo.* 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 55-65.
RIBEIRO, João. Cláudio Manuel da Costa. In: —. *Crítica. Clássicos e românticos brasileiros.* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952. p. 61-74.
RUGGIERI, Ruggero M. Cláudio Manuel da Costa, arcade brasiliano. *Estratto da "Atti e memorie dell'Arcadia".* Série terceira, v. 7, fascicolo 2º. Roma: Fratelli Palombi, 1978.

III – Tomás Antônio Gonzaga

AGUIAR, Melânia Silva de. Uma leitura das *Cartas chilenas.* In: *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, p. 5; 16/4/1989. (Caderno B/Especial).
ALMEIDA, Sílvio de. As *Cartas chilenas.* In: —. *Estudos.* São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967. p. 66-87.
ANDRADE, Oswald de. A sátira na literatura brasileira. In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo.* São Paulo, 7:39-52, abr.-jun., 1945.
ARARIPE JÚNIOR. Dirceu. In: —. *Obra crítica.* Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1960. v. II, p. 265-81.
ÁVILA, Affonso. As *Cartas chilenas* ou uma vontade de continuidade barroca. In: —. *O lúdico e as projeções do mundo barroco.* 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 163-86.
AZEVEDO, José Afonso Mendonça de. *Cartas chilenas.* In: *Mensário do Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, 16(2):521-8, novembro de 1941. Idem: 16(3):751-61, dezembro de 1941. Ibidem: 17(1):63-70, janeiro de 1942.

BANDEIRA, Manuel. A autoria das *Cartas chilenas.* In: —. *Poesia e Prosa* vol. II, Rio de Janeiro; Aguilar, 1958. p. 934-62.
BOUDOY, Maryvonne. Les *Cartas chilenas*: L'esprit du despotisme éclairé à la veille de l'Inconfidência Mineira. In: *Arquivos do Centro Cultural Português* v. XIX. Lisboa-Paris; Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. p. 631-49.
BRAGA, Oswaldo Melo. *As edições de Marília de Dirceu.* Rio de Janeiro: Benedicto de Sousa, 1930.
BRAGA, Theophilo. Thomaz Antonio Gonzaga. In: —. *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia.* Porto: Chardron, 1901. p. 525-628.
BRANDÃO, Thomaz. *Marilia de Dirceu.* Belo Horizonte: Guimarães, 1932.

CAMLONG, André. Le fonctionnement de l'ironie dans les *Cartas chilenas.* In: *Arquivos do Centro Cultural Português,* Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. v. XIX, p. 651-69.

CAMPEDELLI, Samira Youssef (Edição). *Tomás Antônio Gonzaga*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Literatura Comentada).

CANDIDO, Antonio. O problema das *Cartas chilenas*. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, 443:3, 1975.

————. Uma aldeia falsa. In: —. *Na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1986. p. 20-37.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lição etnográfica nas *Cartas chilenas*. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 8(89), mar.-abr., 1943.

CASTRO, Tito Lívio de. As *Cartas chilenas*. In: —. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. p. 23-51.

CHAVES, Arlindo. *Identificação estatística do autor das* Cartas chilenas. Belo Horizonte: Oficinas Gráficas de Estatísticas, 1941.

COSTIGAN, Lúcia Helena. De Gregório a Gonzaga: nativismo ou conservadorismo? In: *Luso-Brazilian Review*. Madison, 27(2):11-24, 1990.

CRISTÓVÃO, Fernando. *Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga ou a poesia como imitação e pintura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981.

CRUZ, Antônio. *Tomás Antônio Gonzaga. Algumas notas biográficas inéditas*. Porto: Fernando Machado, 1944.

EULÁLIO, Alexandre. "O pobre, porque é pobre, pague tudo" / Gonzaga. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 21-25.

FAUSTINO, Mário. O autor das *Cartas chilenas*. In: —. *Evolução da poesia brasileira*. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1993. p. 125-31.

FERREIRA, Delson Gonçalves. As *Cartas chilenas* e a Inconfidência Mineira. In: *Análise e Conjuntura*. Belo Horizonte: 4(2/3):180-216, 1989.

————. Cartas chilenas*: retrato de uma época*. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1986.

FRIEIRO, Eduardo. Como era Gonzaga? In: —. *O diabo na livraria do cônego*. 2 ed. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1981. p. 63-100.

————. Poetas satíricos mineiros. In: *Kriterion*. Belo Horizonte, XV,(61-62), 1962. p. 159-83.

FURTADO, Joaci Pereira. *Uma república de leitores*. História e memória na recepção das *Cartas chilenas* (1845-1989). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994. (Dissertação de Mestrado em História).

GOMES, Eugênio. Tomás Antônio Gonzaga e o tempo. In: —. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958. p. 46-53.

GOMES, João Batista de Magalhães. *Documentário sobre Marília de Dirceu*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1966.

GOMES, Lindolfo. *A autoria das* Cartas chilenas. Juiz de Fora: Tipografia Brasil, 1932.

GONZAGA, Tomás Antônio. *A Conceição*. Introdução, transcrição e notas de Ronald Polito de Oliveira. São Paulo: Edusp, 1995.

————. *Cartas chilenas*. Edição de Santiago Nunes Ribeiro. In: *Revista Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: Tipographia Austral, 1845. Primeira edição parcial.

————. *Cartas chilenas*. Edição de Luiz Francisco da Veiga. Rio de Janeiro: Laemmert, 1863. Primeira edição completa.

————. *Cartas chilenas*. Edição de Afonso Arinos de Melo Franco. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

————. *Cartas chilenas*. Ediçao de Joaci Pereira Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

————. *Marília de Dirceo*. Lisboa: Nunesiana, 1792. Primeira edição da primeira parte

————. *Marília de Dirceo.* Lisboa: Nunesiana, 1799. Segunda edição da primeira parte e primeira edição da segunda parte. 2 v.

————. *Marília de Dirceo.* Lisboa: Joaquim Thomas de Aquino Bulhoens, 1800. Contém a terceira parte apócrifa.

————. *Marília de Dirceo.* Lisboa: Nunesiana, 1802. 2 v. 3 ed. da primeira parte; 2 ed. da segunda parte mais acrescentada.

————. *Marília de Dirceo.* Lisboa: Antônio Rodrigues Galhardo, 1803.

————. *Marília de Dirceo.* Segunda parte. Lisboa: Lacerdina, 1804.

————. *Marília de Dirceo.* Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1810. 3 v. É a primeira edição brasileira e também a primeira em que se publicam as três partes juntas, as duas verdadeiras e a falsa de Bulhões.

————. *Marília de Dirceo.* Lisboa, Lacerdina, 1811. Contém as partes I e II acrescentadas. É, para Manuel Rodrigues Lapa, a edição basilar; e, para Rubens Borba de Moraes, a primeira com um texto criticamente impresso.

————. *Marília de Dirceo.* Lisboa, Impressão Régia, 1812. Primeira edição da terceira parte verdadeira.

————. *Marília de Dirceo.* Bahia: Manoel Antônio da Silva Serva, 1812-1813. Contém as duas primeiras partes e a terceira é a de Bulhões. É a segunda edição brasileira.

————. *Marília de Dirceu.* Edição de J. Norberto de Souza S. Rio de Janeiro: Garnier, 1862. 2 v.

————. *Marília de Dirceo.* Edição de José Veríssimo. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

————. *Marília de Dirceu.* Seleção das liras autênticas. Edição de Alberto Faria. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922.

————. *Marília de Dirceu e mais poesias.*. Edição de M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1937.

————. *Marília de Dirceu.* Edição de Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo: Martins, 1944.

————. *Marília de Dirceu.* Edição de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. (Edições de Ouro).

————. *Marília de Dirceu.* Edição de Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Villa Rica, 1992.

————. *Obras completas.* Edição de M. Rodrigues Lapa. São Paulo: Nacional, 1942.

————. *Obras completas.* Edição de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957. 2 v.

————. *Antologia.* Edição de Lúcia Helena. Rio de Janeiro: Agir, 1985 (Nossos clássicos, v. 114).

————. *Os melhores poemas.* Edição de Alexandre Eulálio. 2 ed. São Paulo: Global, 1986.

GRAVATÁ, Hélio. *Cartas chilenas.* Apontamentos bibliográficos. In: *Kriterion.* Belo Horizonte, anoIV(17-18), 1951. p. 368-90.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. As *Cartas chilenas.* In: —. *Tentativas de mitologia.* São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 221-9.

LAPA, M. Rodrigues. A correção estilística num poema tardio de Gonzaga. In: *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica.* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; Faculdade Nacional de Filosofia, 1970. p. 15-24.

————. A juvenília de Tomás Antônio Gonzaga. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* n. 20, Belo Horizonte, 4 de julho, 1970.

————. As *Cartas chilenas; um problema histórico e filológico.* Prefácio de Afonso Pena Júnior. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958.

————. O contador Brito e as *Cartas chilenas*. In: *Ibérida*. n. 4, Rio de Janeiro, 1960. p. 11-22.

————. O poeta e o inconfidente. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. n. 119 Belo Horizonte, 7 de dezembro, 1968.

————. Os amores de Marília de Dirceu . In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. n. 445 Belo Horizonte, 8 de março, 1975.

————. Tiradentes e Gonzaga. Rio de Janeiro, INL, 1958. p. 103-10. (Separata da *Revista do Livro* n. 10).

————. Um poema inédito de Gonzaga: "O naufrágio do Marialva". In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. n. 92 Belo Horizonte, 1º de junho, 1968.

————. Verdade e ficção nas *Cartas chilenas*: As festas nos reais desposórios. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. n. 158 Belo Horizonte, 6 de setembro, 1969.

LEY, Emmanuel Eduardo Gaudie (Org.). Gonzagueana da Biblioteca Nacional. In: *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1936. v XLIX. p. 417-492.

LIRA, Pedro. Entre o amor e o poder. Tomás Antônio Gonzaga e o (seu) drama da Inconfidência. In: *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, 73(2):27-34, março de 1979.

LOPES, João de Oliveira. A estruturação literária e a ambigüidade das *Cartas chilenas*. In: *Biblos*. Coimbra, 56:427-448, 1980.

LUCAS, Fábio. Tomás Antônio Gonzaga, glória entre equívocos. In: —. *Poesia e prosa no Brasil*. Belo Horizonte: Interlivros, 1976. p. 33-48.

MACEDO, Sérgio D.T. de. As *Cartas chilenas*-Inconfidência Mineira-Tomás Gonzaga. In: —. *Literatura do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Brasília, /s.d./, p. 92-104.

MACHADO, Lourival Gomes. *Tomás Antônio Gonzaga e o Direito Natural*. 2 ed. São Paulo: Martins, 1968.

MAFFRE, Claude. *Marília de Dirceu*: de l'academisme au preromantisme. In: *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980. v. XIV. p. 665-692.

MATHIAS, Herculano Gomes. Voltando às *Cartas chilenas*. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. 21:1-7, Rio de Janeiro, 1969.

MEIRELES, Cecília. Um enigma do século XVIII: Antônio Diniz da Cruz e Silva. In: *Anais do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Nashville: Vanderbilt University, 1953. p. 161-4.

MENNUCCI, Sud. *À margem das* Cartas chilenas. São Paulo: s.n.t., 1942.

MIRANDA, João Pedro da Veiga. As *Cartas chilenas*. In: —. *O pamphetario d'o Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936, p. 121-36.

OLIVEIRA NETO, Luiz Camilo de. As *Cartas chilenas*. In: *O Jornal*. Seis artigos: 24.12.1939; 31.12.1939; 7.1.1940; 14.1.1940; 21.1.1940 e 28.1.1940.

OLIVEIRA, Almir de. *Gonzaga e a Inconfidência Mineira*. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985.

OLIVEIRA, Tarqüínio J.B. de. Cartas chilenas: *fontes textuais*. 5 ed. São Paulo: Referência, 1972.

OSÓRIO, João de Castro. *Gonzaga e a justiça*. Lisboa: Álvaro Pinto, 1950.

PASSOS, Vital Pacífico. As *Cartas chilenas* na história do Brasil. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 4/3/1956.

PENA JÚNIOR, Afonso. As *Cartas chilenas*. In: *O Jornal*. Série de cinco artigos: 13.7.1941; 21.9.1941; 5.10.1941; 2.11.1941; 9.11.1941. Idem: *Jornal do Comércio*. 7.12.1941. Ibidem: Suplemento Literário de *A Manhã*. 31.8.1941 e 5.10.1941.

PEREIRA, Paulo Roberto Dias. A festa nas *Cartas chilenas* de Gonzaga: sátira do Brasil setecentista? In: *Anais do VIII Congresso Internacional: A festa.* Lisboa: Universitária Editora, 1992. v. I. p. 175-210.

————. *Cartas chilenas*: fontes, edições e leituras. Novas propostas à luz dos manuscritos. In: *Anais da XLVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.* São Paulo, 1995. v. II, p. 329.

————. Uma sátira política e social. In: *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, 20 de maio de 1995. Caderno Idéias/Livros.

POLITO, Ronald. *A persistência das idéias e das formas: um estudo sobre a obra de Tomás Antônio Gonzaga.* Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1990. (Dissertação de Mestrado em História).

RIBEIRO, João. *Satíricos portugueses.* Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

RIBEIRO, Joaquim. *As Cartas chilenas e a Inconfidência Mineira.* Rio de Janeiro: Publicitan Editora, 1950.

RINO, Antônio. Tomás Antônio Gonzaga e as *Cartas chilenas.* In: *Revista da Academia Fluminense de Letras.* Niterói, 8:219-232, jul., 1955.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Gonzaga e outros poetas.* Rio de Janeiro: Orfeu, 1970.

VEIGA, José Pedro Xavier da. As *Cartas chilenas*: estudo bibliographico. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Ouro Preto, ano II, fascículo II, 1897. p. 403-4.

VERÍSSIMO, José. Gonzaga. In: —. *Estudos de literatura brasileira.* 2ª série. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977. p. 119-24.

IV – INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

CARDOSO, Wilton. Aspectos barrocos da lírica de Alvarenga Peixoto. In: *Seminário sobre a poesia mineira. Período colonial.* Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1984. p. 119-43.

LAPA, M. Rodrigues. A História e os "estoriadores" e o caso de Bárbara Eliodora. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais,* nº 154. Belo Horizonte, 9 de agosto 1969.

————. Uma forma dialetal num soneto de Alvarenga Peixoto. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* Belo Horizonte, 8 de março, 1975 n. 445. p. 6-7.

————. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto.* Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

PEIXOTO, Ignácio José de Alvarenga. *Obras poéticas.* Edição de Domingos Carvalho da Silva. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Clube de Poesia, 1956.

————. *Obras poéticas.* Edição de J. Norberto de Souza S. Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1865.

SUPLEMENTO Literário do Minas Gerais. n. 144 Belo Horizonte, 31 de maio 1969. Número especial dedicado a Alvarenga Peixoto.

FIM DE "BIBLIOGRAFIAS"

Índices

CMC = Cláudio Manuel da Costa

OB = Obras; PO = Parnaso obsequioso e obras poéticas; VR = Vila Rica

CM = Culto métrico; MM = Munúsculo métrico; EP = Epicédio

SI = Obras: sonetos inéditos; PM = Poesias manuscritas

TAG = Tomás Antônio Gonzaga

MD = Marília de Dirceu; OP = Outros poemas

CC = Cartas chilenas

AP = Alvarenga Peixoto

PO = Poesias

Índice de Títulos e Primeiros Versos

Fim de "Índice de Títulos e Primeiros Versos"

Índice Geral